

PRATELEIRA  
ARMÁRIO 02 402

A Nação (176)

SÃO LUÍS - MA

1869

## A NAÇÃO.

SANTUÍZ, 11 DE MAIO DE 1869.

O apparecimento de mais um órgão da opinião publica na arena jornalística deve ser um successo, festejado por aquelles que desejam ver discutidas á luz dos principios as questões momentosas que se agitam no forum das nações.

Em um paiz, como o nosso, onde a liberdade de imprensa é realidade, ella, para sua importancia, deve elevar-se á apostolado, sendo o oraculo da verdade, proferindo-a sem reboço.

Longe de nós converter o sublime invento de Gutemberg em ignobil instrumento de recriminações.

A imprensa livre é o sacro palladio das liberdades publicas; mas, a imprensa libertina será a piscina pútrida onde refervem alimarias:

Na ára da imprensa deve o sacerdote offerecer não holocaustos de sangue, mas perfumes de odorosa suavidade.

Facil, portanto, será a deducção dos que lêem a *Nação*, que apparece, sollicitando a benemerencia publica.

Promover, por meio da palavra decente, o incremento do paiz, mostrar o que é mister fazer, apontar os horisontes do futuro, eis o programma da *Nação*.

O paiz necessita da suação, na diffícil quadra que atravessamos. Censura aspera, acrimonia pungente, declamação infructuosa, pessimismo, são graves syrtes em que a pouca ponderação naufraga.

Trabalharemos por maréar nosso fragil lenho em diverso rumo.

Temos ante as vistas um alvo, si bem que lito, attingivel, o interesse geral.

Em politica seremos perseverantes em indicar os erros do presente para evitar as calamidades do futuro.

Sem nos inscrevermos no labaro dos partidos militantes, sem combatermos á voz dos chefes, que timonéam os diversos credos em que fracciona-se o imperio, por que á nós compromisso algum liga, seremos francos nas discussões.

Amantes sinceros e estrenuos admiradores do progresso material, como do moral, indispensaveis á vitalidade das nações, bateremos palmas e daremos acorçoamento ás aspirações que tenderem para o augmento material ou moral do paiz. Nossa voz, embora debil, será ao lado dos homens sensatos e bem intencionados que almejem a prosperidade publica.

Nas doutrinas sociaes acompanharemos as escolas mais esclarecidas, defendendo as theses mais inconcussas.

A historia patria, terreno mal roteado entre nós, nos merecerá especial sollicitude.

Filhos obedientes da Igreja, fundada pelo Christo, propagada pelos Apostolos, regida pelos Bispos, e representada na pessoa do Romano Pontifice, seremos adscriptos ao seu infallivel ensino, e doceis ás suas admoestações.

Eis nosso programma.

Do publico esperamos essa coadjuvação, sempre generosa, que sabe elle dispensar ás boas empresas.

## POLITICA.

## DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

O Brazil é um paiz novo, vasto no seu territorio, rico no seu solo, abundante em suas produções, farto de talentos, e por conseguinte promettedor de um futuro lisongeiro.

A Providencia, em seus decretos insondaveis, o tem guiado por sendas floridas. Os grandes cataclysmos da ordem moral não têm perturbado a paz serena de que ha gosado o interior da nação, devida a quieta indole de seus pacificos habitantes.

Apenas se desenhavam, de tempos á tempos, fugazes nuvens, que ameaçavam turvar os limpidos horisontes, que fulgem e claream o ambito do imperio; ellas, porém, se dissipam com a rapidez do pensamento.

São como passageiras brizas, que tam somente enrugam a face da onda, incapazes de provocar sérios bulções, e agitar tremendas borrascas.

A guerra civil, cancro medonho que solapa as sociedades reputadas mais solidas, destruindo instituições muitas vezes firmadas e constituídas á séculos, a guerra civil visitou, é verdade, alguns pontos do paiz com intermitencias mais ou menos prolongadas, operando estragos mais ou menos sensiveis; porém, foram, talvez, remedio para enfermidades que se desejassem radicar chronicas; e minar sua prosperidade futura.

Calmos, porem, os espiritos, passaram essas pequenas luctas, e gosaram de tranquillidade as provincias, bello agregado de estrellas, que formam a constellação do Cruzeiro.

O governo, prudente e moderado, se fez respeitar: o principio de autoridade, jamais atacado, e sempre tido em alto conceito no animo dos povos, soube impôr-se de modo brando e suave, e creu-se geralmente começara a idade de ouro para um paiz que suppunham o eldorado do universo.

Acreditava-se que por sua grandeza material e recursos naturaes, após as luctas pacificas da independencia, seria o colosso da America meridional. Bastaria um governo honesto, de intenções rectas, inda que pouco esclarecido, para alcançar esse desideratum.

O que, pois, lhe faltava? não instituições; porque a carta constitucional era liberrima, e até o modelo das cartas, sem exceptuar a dos Estados-Unidos.

A nossa carta, em verdade, é, como disse um illustre publicista europeu contemporaneo, um presente do céu. O verbo animador da liberdade ahi encontrou seguro asylo. Liberdade de pensamento, de palavra, de associação, de culto, de reunião, de industria; garantia de propriedade, da inviolabilidade da pessoa do cidadão, de seus bens; pleno direito á face do seu paiz, e do seu governo; egualdade; em uma palavra, a carta sancionou, com a respeitavel autoridade de uma lei fundamental, o que fôra ao homem dado por Deus no acto solemne de sua criação.

O que, portanto faltava ao paiz? Governo? E o teve.

O paiz, entretanto não projectou os vãos altaneiros que o commum senão a generalidade pensava. Os avanços que devêra fazer na marcha do progresso se não experimentaram: ao contrario, si havia rotina ou morosidade no systema colonial, a rotina e a morosidade continuaram, com pasmo e assombro geral, á aboletar-se nos estadios do imperio.

Moroso foi o andar do imperio, apoz o despojar-se da tutela da mãe patria. E progredirá hoje?

Seria phyrionismo dizermos que somos hoje o que á cincoenta annos eramos: não sustentaremos tal. E' facto, porém, que nosso andar ha sido tam lento, e o movimento progressivo tam tardio que desanima ao observador costumado á acompanhar o rapido accesso que jovens nações tem operado em todos os ramos e phases do desenvolvimento.

Ha causas mui graves que contribuem para esse estado quasi estacionario.

Aventuremos algumas considerações a este proposito, solvendo duvidas ou objecções que seem apparecer na arena da discussão quando entendedores de eguaes assumptos se abalançam discutil-os.

Discutamos.

Para explicar a morosidade do nosso progresso, quando em linha parallela pomos o Brazil e as nações contemporaneas. Numa e Lycurgos não faltam como causas motivas tragam a carencia de população que se dissemine pela vasta área do territorio brasileiro.

A falta de braços, dizem, que roteem a terra, e de suas entranhas saquem os productos agricolas, que animem e desenvolvam a industria, dilatem o commercio, aperfeiçoem o trabalho rotineiro, e provoquem a emulação pelo amor do lucro, tescasse os recursos do paiz, exauram as fontes da riqueza publica, e o conduz por uma via ingloria de atrazo, amesquinha-o, em vez de agigantal-o, e engrandecel-o.

Aos olhos dos que costumam encher-gar a grandeza das nações somente pelo prisma seductor do computo da população mais ou menos crescida, seriam obvias, concludentes, e abundantes razões taes: mas a critica sã deve repellar como antagonica ao bom senso esse argumento improcedente: senão, consideremos e admiremos a Suissa ou a Belgica: mui reduzido é o numero de seus habitantes: comparando, entretanto, sua grandeza relativa com a nossa, somos distantes dessas pequenas nações.

Concordamos, todavia, que será uma das causas do nosso atrazo a falta de crescida população; nunca, porem, causa proxima, occasional.

Pequenas, sempre, são as origens de qualquer nação, para na progressão dos tempos se fazerem grandes e avultados povos. E' isso mai natural; porque tudo é assim na ordem dos seres. Os rios mais volumosos, as torrentes mais caudales, começam por vertentes mui insignificantes e ás vezes ignoradas: os mais elevados montes começam por escrescências imperceptiveis; mas, destes, alguns arrojados ha que, fendendo o espaço, elevam os altaneiros cabeços até se occultarem nas regiões sideraeas; e d'aquelles o concurso admiravel forma os oceanos sem fundo ou limites.

Ahi se ergue no mesmo continente, ao nosso lado, o immenso colosso do Novo-Mundo, os Estados-Unidos d'America Septentrional.

A grandeza dos Estados-Unidos asombra ao mundo. Qual foi sua origem? restos alquebrados de fadigas politicas, reliquias de crentes maguados por sofrimentos inauditos, e o mais eram farpados refugos da Inglaterra, e a escoria de outras nações europeas.

Grave, sem duvida, é a questão debatida entre os publicistas de saber se o accrescimo de população em um estado ou sobre o mesmo territorio é uma condição ou symptoma de prosperidade ou força.

Já no precedente seculo, por ventura de mais serios estudos da economia politica e sciencia do governo, calorosamente era discutida tam importante these.

E não faltaram economistas celebres que sustentassem devêra ser um dos maiores senão o maximo esforço dos governos, e até principio fundamental da arte de governar, o cuidado de augmentar a população, primeira condição de grandeza e prosperidade das nações.

Mau grado ser de forte brado o eco desta escola, é haver um cortejo esplendido de homens eminentes que seguissem essas idéas e as defendessem, veiu a sciencia da estatistica confundil-a, com seus algarismos infalliveis habilmente manejados por economistas de vulto.

A frente dessa pleiade de talentos se achava, e por todos indicaremos, o venerando Malthus, denodado chefe da escola adversaria.

Malthus, pois, sustenta que a população, naturalmente cresce mais do que convem para as vantagens espontaneamente offerecidas pelo solo; que esse accrescimo exagerado, subito, e forçado de população, converter-se-hia em uma pullulação e superfetação de classes proletarias; que se não se offecesse um obice á sua marcha conduziria o estado á miseria!

Vieram as argumentações solidas robustecer os postulados. As cifras se encarregaram da ardua missão de demonstrar a verdade.

Os leitores devem ter sob suas vistas o desolador quadro do pauperismo na Irlanda, e do afflictivo espectáculo dos servos da gleba na Russia. E quam miseranda é a sorte desses infelizes, sendo para maior lastima a dos segundos, sujeitos á trabalhos forçados, e aos rigores do knout; por que os primeiros são amenisados pelos sempre consoladores socorros prodigalizados pelo beneficio influxo da caridade catholica?

Dissemos que as cifras comprovaram a verdade. E de facto, ahi estão ellas, que jamais fallham.

A França, por exemplo, tinha, no acto do congresso de Vienna (1815) uma população de 30,000,000 de habitantes e em 1848 esse numero era de 35,700,000 habitantes.

Observou-se que o accrescimo se havia operado em alguns departamentos, que máu grado augmentar em população com tudo não augmentaram no trabalho, produzindo mais do que costumavam antes do improductivo accrescimo de consumidores.

Por brevidade deixamos de apresentar as bases desse minucioso calculo estatistico elaborado pelo Sr. Lafosse, encarregado pelo governo francez de organizar a estatistica do imperio.

Versou o parallelo do Sr. Lafosse sobre varios departamentos como os de Finisterre e Eure, e assim sobre outros, concluindo, que nem sempre abundante população faz um paiz rico de recursos.

A Irlanda que por essa mesma epocha tinha 5,393,456 habitantes, já em 1841 contava 8,175,124, no entanto soamente augmentava na miseria desolante, que a corroe e devora.

Um escriptor inglez, jogando com o recenseamento mandado fazer pelo governo inglez, o Sr. Mac Culloch, dista, que em dez annos para a Gran-Bretanha o augmento de população era de 248,000 hab., e para a Irlanda de 42,000 quando a população da Gran-Bretanha era em 1841 de 27,049,558 habitantes.

Os trabalhos estatisticos da Russia não são menos curiosos. Os relatorios ciaes do governo e os perseverantes trabalhos do academico M. de demonstravam ser em 1838

da população russa de 62,500,000. Os mesmos dados dizem que annualmente se effectuava um accrescimento de 62,000.

Depois de tão laboriosas investigações o que nos resta provar? Concluir, e deixar aos sabios que resolvam. Não concluiremos, porém, sem transcrever para aqui algumas palavras sobre a população da Russia.

«Na Russia de cem recém-nascidos mais de cinquenta perecem antes de atingir a idade de cinco annos.

«Os recenseamentos não têm por unico fim conhecer o computo da população pelo interesse scientifico, mas para o lançamento dos impostos, e principalmente do imposto militar. Os proprietarios, pois, lucram mais em diminuir que augmentar a cifra da população.

«A população da Russia, portanto, deve ser maior do que realmente a apresentam os dados scientificos baseados em informações duvidosas.»

São estas considerações de M. de Koepen, e nos induzem crer ainda mais elevado o total de habitantes.

Ora, si em realidade dependesse a felicidade e progresso de um paiz do seu crescido numero de almas, a Russia, por certo, desempenharia um importante papel no mappa das nações.

Onde, porém, existem os sabios desse colosso em amplitude territorial e força numerica de habitantes? onde sua avançada industria, seu amplo commercio, sua litteratura adiantada, que alias constituem o thermometro de quilate das grandes potencias?

Deveremos, portanto, abandonar a hypothese de nos julgarmos pequenos, fracos, ou atrasados porque somos poucos, e suppormo-nos insufficientes para no futuro sermos muitos. A creação genésica demonstra o povoamento do universo por um só par de creaturas.

Inquiramos outras causas da nossa decadencia.

Proseguiremos.

## RELIGIÃO.

O PASSADO, O PRESENTE, E O FUTURO DA  
EGREJA BRAZILEIRA.

### I

Vamos memorar o passado, analysar o presente, e visar o futuro da Egreja Brasileira.

Longa, talvez, será nossa jornada; e bussola, os factos e a experiencia.

Marcharemos nessa peregrinação, estradando as sendas floridas da protecção, visando a Egreja feliz e venturosa no passado, apalpando chagas sangrentas e doridas no presente, tacteando o vago indecifrável do futuro.

O passado amolda-se á critica; porque, éras remotas sumidas na basta voragem dos tempos, mudas como a campã dos mortos, soffrem impassiveis a incisão do escalpelo da opinião publica, e julgal-as é da humanidade dever. As scenas do passado sumiram-se nos bastidores do grande theatro do universo; o espectáculo é já findo; os actores evacuaram o cenário; os reposteiros se cerraram para sempre, deixando ás platéas o direito de aprecial-as.

Não ha, portanto, motivos de temer o passado. Ao escriptor, só pela lente da historia, é permittido julgal-o.

O presente é o dia de hoje, é a actualidade. As scenas, por serem contemporaneas, desenrolam-se, passam-se ás nossas vistas, somos personagens e espectadores do drama da vida. formamos com nossa existencia, actualidade, e actos, a historia

ser o grande corol-  
presente. Sua

vastidão se emmaranha no dédalo de conjecturas; suas trevas obumbram o espirito mais perspicaz; sua incomprehensibilidade escapa á limitada razão humana.

Seremos, portanto, no passado—severo; no presente, moderado; no futuro, escrupuloso.

Principiemos.

Nem as trevas, opacas que caracterizam e são o cortejo da morte, nem os raios luminosos do sol que purpuram o horizonte antes de bruxolear o dia, surpreendem de subito a humanidade. Espaços intermedios há que distanceam uma de outra: o crepusculo e a aurora são o termo medio que assignala tam mysteriosa transição.

A humanidade não transpõe com o salto de Lencate ou nas azas do relampago da barbarie e espessura da ignorancia á nitente luz da civilização, ao apogeo das sciencias.

Ha para a humanidade crepusculos e auroras á perpassar. A idade media e o seculo XV foram o claro-escuro desse progresso que, permitta-se a expressão, marchava lentamente, aspirando crear horizontes mais amplos. A revolução franceza, encarnada nas grandes idéas do seculo XVIII, foi a chrysalida do grande seculo que atravessamos.

Antes da idade media os povos vegetavam no obscurantismo intellectual; a vida do espirito era desconhecida; a realceza da intelligencia, ignorada; a agiotagem assimilava tudo; a moeda imperava como potencia unica respeitada; as idéas generosas, as concepções do engenho, amesquinhavam-se no gyrar desse mundo phantastico, que devêra reformar-se para gloria do homem.

Foi mister travar-se uma ingente lucta para transformar o systema universal, tendo por scopo livrar a humanidade dessa tutela oniniosa, que a perpetuava coberta de baldões aos seculos futuros.

As cruzadas foram, porventura, a primeira sedula de resgate, e inauguraram o mais portentoso periodo da historia.

De então, começaram os individuos á conhecer sua grande missão no mundo. O choque violento das armas produziu o choque fecundo das idéas; estas começaram á symbolisar a vontade dos povos; estes conheceram seu elevado destino na face da terra.

As cruzadas foram, evidentemente, as primeiras guerras á que sancionou a razão. Antes dellas milhares de homens lutavam no campo das batalhas, impellidos pela eloquencia de caudilhos, sedusidos pela ambição da conquista, opprimidos pela vontade dos tyrannos.

Depois das cruzadas predominou a opinião que era justo levar a guerra, não como prejuizo d'uma epocha; ou por motivos que se não justificassem perante a razão, mas—quando houvesse mister defender uma idéa, triumphar a justiça, resplandecer a verdade.

Foi assim que a Hespanha levantou exercitos, affugentou do seu sólo os adoradores de Mahomet, lançou por terra suas mesquitas, fazendo pre-

valecer as candidas doutrinas do Crucificado ás dolosas superstições do visionario profeta.

Foi assim que sabios reis, Luiz XI de França, Carlos V de Hespanha, e Henrique VII de Inglaterra, deram impulso novo e animado á seus reinos e dominios, sob a influencia derramada pelo christianismo, depois das cruzadas.

O mesmo elemento de progresso e civilização predominou em Portugal, que, tutelado da Hespanha, em um bello dia sacudira as algemas da servidão que lhe comprimiam os varonis pulsos. O rei João I, coadjuvado pelo eminente jeto João das Regras e o condestavel Nuno Alvares, conseguiu essa auspiciosa emancipação, presaga de sublimados acontecimentos.

Não exageramos.

D. João, o heroe d'Aljubarrota, e mais tarde o expugnador de Ceuta, por estes dous grandiosos feitos d'armas tam assignalados nas opulentas chronicas portuguezas não abriu verdadeira á mais importantes successos? Emancipando Portugal, o generoso monarcha não o dispoz capaz de avançadas empresas? Expugnando Ceuta, com sua famosa armada, não adiantou a navegação tam incompleta? Não acelerou a descoberta da bussola? Não animou, enfim, as arrojadas viagens, que ao universo trouxeram um impulso incalculavel?

E por certo, que ao seu reinado glorioso coube iniciar o caminho ás navegações temerarias mas opulentas, que genios emprehendedores alargaram, e cujo brilhante término foi a descoberta da America.

O illustre peito portuguez, acostumado á afagar audaciosas empresas não resfriava. Retemperado pelas delicias da paz e repouso com Duarte, não repelia, comtudo, a agrura e rudeza das luctas marciaes, que acenavam no futuro risoulhas e seductoras glorias.

Affonso V, valoroso vencedor de Arzila e Alcacer Ceguer, em nada invejavel ao heroe de Marengo e Austerlitz, ao passo que cercava de aureola luminosa o nome luzitano, fomentava as conquistas maritimas; e o seu digno successor, João II, heroico em tudo, conseguiu, por mar, successos espantosos.

Diogo de Cam, Bartholomen Dias, Vasco da Gama, quebrando as imaginas columnas do Heracles pagão, dobrando o cabo das Tormentas, e passando por mares ainda não singrados por outras quilhas que não portuguezas, vão, zombando dos elementos, dos perigos, de toda a sorte de tribulações, levar as alterosas náos á regiões ignotas, e com ellas as docuras da vida social, a liberdade, a civilização, a religião do Calvario, enfim, todos os delicados e raros presentes compendiados no sublime codigo evangelico e plantados na frondosa arvore da Cruz.

Até que no vestibulo esperançoso do seculo XVI, assentado no egregio throno de tantos illustres monarchas, D. Manoel, o mais venturoso de todos os reis, presenciava uma nova idade de ouro desenrolar-se e expandir-se no seu feliz reinado.

Monarcha de saber, vistas largas, instrucção abundante, solida, e varia-

da, elle filou, como os magos do oriente, os olhos para essa parte do horizonte, donde lhe proviria a gloria, como para o universo a redempção.

Depois de quebrantar as forças africanas, chamou o celebre Gama á quem encarregou a descoberta das Indias, e cujo brilhante exito sabemos que foi o mais benevolo para Portugal, á despeito de Venesã ser a dominadora do mar.

Foi sob o auspicioso reinado de tam esplendido soberano, que surgiu da America meridional o colossal imperio do Brazil, descobrindo-o o immortal Pedro Alvares Cabral.

E' este o descobrimento do Brazil, que conjunctamente com a descoberta da America, depois das cruzadas, são os mais importantes successos que registraram os fastos humanos.

Parecem escusas taes digressões. O leitor comprehende que os factos ligam-se necessariamente; por que a historia é uma cadeia, ou serie de élos, que se não deslocam. Queremos mostrar que o descobrimento da nossa chara patria foi o resultado de um avanço da civilização europeia.

Descoberto o Brasil pelos portuguezes, por elles colonizado, receberam nossos maiores instituições, religião, costumes, instrucção dos seus colonisadores.

Continuaremos, pois, reatando o fio de nossas idéas, e começando o assumpto de que nos propomos tratar, no proximo numero.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

Sé antiga.

A noticia mais antiga, que temos da primeira Sé é a seguinte:

«O Senado da camara em 26 de Junho de 1713 informando um requerimento do Padre Vice-Vigario da Igreja Matris da Sé Ignacio Rodrigues de Tavora disse, que quando chegou a este Estado o 1º Bispo, que foi em 1679, mandou S. M. á Sé d'esta cidade os ornamentos necessarios para a celebração dos divinos officios, os quaes até o presente não se refizerão pela pobreza da terra, e por isso se achavão totalmente incapazes de servir.»

Disse tambem que «quando o senado queria fazer suas festas e Procições obtinha o pallio e mais paramentos por emprestimo a outras confrarias, que se recusavão com medo dos estragos, e por isso informando agora o requerimento do dito Vice-Vigario pedia a S. M. a graça de remetter para essa Igreja um palio com suas varas e todos os mais paramentos de frontaes, casulas, almaticas, capas de asperges e o mais necessario a celebração dos officios divinos, e um ou dois sinos, como tambem de ordenar aos Ministros de sua real fazenda a construcção de uma ou duas torres para se pôrem os sinos, como já fez S. M. no Pará onde era menor a necessidade e maiores os cabedaes.»

No requerimento do Vigario se lê *Parochia e Freguezia de N. S. da Victoria*.—Tem a data de 25 de Junho de 1713.

Havia então apenas um campanario, que o Governador Christovão da Costa Freire, «movido de sua grande

piedade e zello mandou fazer á sua custa reparando tambem com bastante dispendio da sua fazenda o frontispicio d'essa Igreja, que estava vindo abaixo.»

A Sé distava da Igreja do Collegio dos Padres da Companhia 60 passos pouco mais ou menos. (Officio da camara de 15 de Junho de 1720.)

Arruinou-se essa Igreja Matriz ou Sé a tal ponto, que em 30 de Maio de 1718 participou el-rei ao provedor da fazenda do Estado do Maranhão, a vista das informações do capitão general Christovão da Costa Freire, que tinha resolvido em 23 do dito mez e anno, que a Sé fosse feita de novo conforme a planta do tenente general engenheiro Custodio Pereira, applicando para essas despesas o producto da venda de 200 indios, que devia ser feita em praça.

Parece que estas ordens não foram cumpridas, por que no tempo do governador, Gonçalo Pereira Lobato e Souza estava essa igreja em misero estado, e, segundo as participações officiaes, era de necessidade ou reformar-a ou erigir-se uma nova.

Em 1756 o cabido fez partir para Lisboa o arcediogo José dos Reis Moreira afim de representar sobre a grande miseria em que ella estava, por incapaz de celebrar-se n'ella os officios divinos, achando-se em notavel ruina e toda especada, pelo que era mui pouco frequentada, havendo igualmente bastante falta de paramentos tanto de pontificaes como d'altares menores, d'uma alampada para a capella-mór, que nunca teve, e d'um organ, havendo em lugar d'elle um realejo muito velho e estragado.

Desempenhou o arcediogo esta commissão em 4 de abril do anno seguinte, pedindo para a reedificação da nova Sé em nome do cabido uma ajuda de custo, e lembrava que, depois de pagos todos os ecclesiasticos pelo producto dos disimos, fossem as sobras applicadas para estas obras, em quanto durassem.

Sobre este assumpto informou o governador e o provedor da fazenda real, aquelle em 20 de novembro de 1757 e este em 12 do mesmo mez, sendo este o resultado de tantos trabalhos, despesas e mortificações do dito arcediogo.

Por Carta Regia de 11 de Junho 1761 mandou-se proceder a demolição da Sé e quando por determinação do Governador Joaquim de Mello e Povoa hia dar-se execução a esta ordem reclamou o bispo a telha, pedra e madeira, que tudo lhe pertencia, por se não poder usar d'estes materiaes para outro edificio, que não fosse ecclesiastico, por que assim o determinava o concilio tridentino.

Não se oppoz a isto o governador, mas querendo o mesmo prelado, que elle lhe mandasse tirar a dita pedra, telha e madeira, não lhe pareceo justo que essa despesa corresse por conta da fazenda real, ao que o bispo se sujeitou.

Depois do tempo necessario para se consumirem os corpos ali enterrados, procedeo-se á demolição já em 1763, e assim desapareceo com o correr dos annos os vestigios dos jasilos, onde descansam os primeiros habitantes da capital d'esta provin-

cia, porque não se sabe onde foi o lugar, em que esteve esse templo, embora diga frei Francisco de N. S. dos Praseres, que era na distancia de 40 passos a S O da porta principal da cathedral actual.

Maranhão—Maio de 1869  
Dr. Cesar Augusto Marques.

## NAVEGAÇÃO.

### Navegação do Icatú.

Com este titulo publicou no *Paiz* um interessante trabalho o nosso distincto comprovinciano, o Sr. Antonio Joaquim Lopes da Silva, laborioso e intelligente director da Fundição da companhia de Navegação á vapor do Maranhão.

Dando publicidade ao mesmo cumprimos o programma da nossa folha, e folgamos que na classe honrada dos obreiros intelligentes appareçam homens dedicados, que estudem melhoramentos pelos quaes possa vir luerar a provincia.

E' negocio de mui grande importancia entre nós a generalisação dos barcos de vapor em quanto nossos poucos recursos não permittem virem os wagons e locomotivas trazer a somma de beneficios que proporciona essa communicação rapida.

Banhada a provincia por muitos rios de facil navegação, basta empregar algum esforço, desobstruindo uns, e communicando outros entre si por meio de furos para levar-se a abundancia, a riqueza, e o trabalho, á esses centros de miseria e indolencia.

Eis o trabalho do Sr. Lopes:

Não vou tratar da localidade em que se acha situada esta villa, e nem tão pouco descrever a architectura dos edificios que ali se encontra. Ver-se uma de nossas villas, é vêr todas, porque infelizmente em todas se nota a falta absoluta de gosto dos habitantes na construcção de seus predios, tornando-se ainda mais saliente a indolencia e tristeza que reina em taes lugares. Ao visitante que não está ao facto do que é o nosso interior, só lhe parece a vista do aspecto que se apresenta, que elle está em um paiz antigo e abandonado, onde tudo difinhe e fenecce. As cousas mais comestivas ás commodidades da vida não se encontram, e custa dizê-lo, mas é verdade, mesmo as mais necessarias.

Lembro-me que o Visconde de Sant' Amand, viajando pelo rio Mearim notou diversas faltas, e entre estas a do pão, e por isso foi censurado; serêi eu tambem por dizer que é tal a miseria de nossas villas e cidades do interior, que nem mesmo a hortaliça mais commum por ali se acha?

Tratemos, porem, da navegação entre as villas do Rosario e Icatú. Essa navegação é feita pela bahia de S. Jose Sahe-se do Rosario com a maré preia mar e vem se esperar a enchente na bahia, para com meia maré poder-se entrar na embocadura do Rio Mearim, viagem que se gasta de 10 a 12 horas.

A navegação pela bahia, alem de perigosa, é morosa, devido aos baixos que se encontram e estendem por leguas desde a embocadura do Rio Monim até a Miritiba. Admira que, com melhor via de communicação por mar entre estes dous pontos, ainda se navegue pela bahia, arriscando-se vidas e fortunas. Ao lado direito do Rio Mo-

nim ha um igarapé salgado, ou antes um braço de mar, a que chamam Peria Juçara, bastante largo e que de maré cheia tem capacidade para dar passagem á um vapor como o *Gurupy*. Esse braço se estende por mais de duas leguas, internando-se com direcção ao Rosario, e em certa altura delle, ha um pequeno igarapé de 200 ou 300 braças de comprimento, que communica com o igarapé denominado—Santa Quiteria—ou das Caixas, e fica muito a quer da ponta da Tucha do lado do Rosario, de sorte que, vindo-se d'esta villa sempre pelo rio entra-se neste igarapé ou furo das Caixas, nome porque é mais conhecido, e sabe-se no —Peria Juçara—gastando-se da villa até a sahida 2 1/2 horas de viagem, e d'ahi ao Icatu 1 1/2 a 2 horas, fazendo-se por tanto esse trajecto sem risco algum, e em menos de metade do tempo, que hoje é preciso.

Antes de sahir-se do igarapé—Peria Juçara—ha outro furo ao lado esquerdo por onde se passa para o rio Mearim, evitando-se assim o trabalho de sahir na bahia e procurar depois a embocadura desse rio. Só á indolencia proverbial do nosso povo se pôde attribuir a circumstancia de navegar-se pela bahia, havendo outra passagem com tantas vantagens.

O furo das Caixas está, é certo obstruido e ninguem hoje por ali navega; mas, segundo informações fidedignas, pode se fazer a limpeza delle para se tornar navegavel por embarcações como o vapor *Pindaré*, com 1 ou 2 contos de reis. Nada porém affirmo positivo sobre esta obra, porque não a examinei.

O outro furo do—Peria Juçara—está pouco obstruido e com 100 ou 200\$000 pode ficar em estado de ser navegado por embarcações do calado e lotação do vapor *Odorico Mendes*. E' facil fazer um orçamento aproximado do quanto é preciso despende-se com a limpeza do furo das Caixas, porque ainda hoje pode-se navegar por elle com alguma difficuldade em cascos pequenos.

E' de tanta vantagem a abertura e limpeza deste furo, que ainda mesmo gastando-se 6 ou 8 contos de reis, é cousa nenhuma em vista dos resultados que se podem colher.

Desejando a Companhia de navegação á vapor estender as suas linhas fluviaes, será de certo o rio Monim um dos escolhidos, e por isso ninguem hoje mais interessado em facilitar os meios de communicação do que a propria Companhia. E como a Companhia, comprehendendo os seus interesses, já tomou a louvavel iniciativa de promover semelhantes melhoramentos, creio que não hesitará em fazer o mesmo neste caso tanto mais achando-se dirigindo os destinos da provincia um maranhense distincto e illustrado. Eu estou muito certo que essa obra e outras como essa não ficarão em projecto.

São estes os verdadeiros melhoramentos em que a provincia deve cuidar. Todas as despesas que sejam de interesse geral pertencem certamente á administração publica, e não tendo a Companhia rendas extraordinarias para fazer face a ellas, não se pôde exigir que ella só carregue com dis-

pendios em que não é a unica a aproveitar.

A e que muitos talvez censurarem a Companhia por auxiliar ao governo pecuniariamente em taes melhoramentos; porem quem reflectir que delles resulta á mesma Companhia economias immediatas e notaveis no serviço da navegação a seu cargo, certamente não deixará de approvar que ella, alem de tomar a iniciativa, que sem a menor duvida lhe compete, tambem por sua parte despenda alguma cousa.

A Companhia tem meios de levar avante muito mais economicamente que o governo certas obras, e ella não pode cruzar os braços em presença dos melhoramentos nas vias de transportes que reclamam a industria agricola e commercial do interior, se ella, continuar no mesmo louvavel empenho de promover o progresso material da provincia por todos os meios ao seu alcance, e que sejam compatíveis com os seus recursos, terá cumprido sua gloriosa missão. Se pelo contrario ella se limitasse a ser, como tantas outras empresas do imperio, uma mera especulação e uma parasita dos cofres publicos, graves censuras merecia a sua administração por parte dos homens intelligentes e sensatos.

O vapor é o motor da civilisação, e por isso é preciso levar-o a essas regiões onde só se encontra regresso e idéas acanhadas, a fim de dar a seus habitantes uma nova era de felicidade e bem estar. A navegação a vapor no rio—Monim—não deve só limitar-se a villa do Icatu; pelo contrario, deve estender-se até a villa da Manga.

Sabe se que no verão isto não é possível; no inverno (pelo menos 4 mezes), porem, pode-se chegar a essa villa, e logo que os lavradores do Igua-rá, Brejo, Chapadinha, Rio Preto, Mocambo & & tiverem certeza de que a companhia manda fazer duas viagens mensaes áquella villa durante o inverno, todos mandarão para alli seus generos para serem transportados. Para recebimentos d'estes generos pode a Companhia ter um paiol ou armazem.

Em tempo de sêcca o vapor pode em aguas vivas subir acima da Cachoeira grande sem inconveniente algum. Com quanto a Cachoeira deste rio seja mais extensa que a do Itapecurú, dizem os moradores, que, removidas cinco pedras que se acham em logares que impedem a navegação, não haverá mais obstaculos a receiar. Sendo apenas cinco pedras, como dizem, achô que o Exm. Sr. vice-presidente da provincia deve mandar fazer essa obra, o que pode ter lugar quando se concluír os trabalhos da Cachoeira do Itapecurú. Seria muito conveniente a collocação de um paiol ou armazem acima da Cachoeira grande para deposito dos generos que descerem durante a sêcca.

Tornemos porem ao rio—Monim—e as vantagens que a Companhia pode d'ali colher.

Como é sabido, não ha um só rio na provincia, que melhor se preste e em que melhores madeiras de construcção se encontrar para montagem de uma serraia a or, do que o rio—Monim.—Com recursos de que

pode dispor a companhia, penso que a montagem de uma tal serra seria de immensa vantagem. O custo de madeira de todas as qualidades cresce de dia para dia, e a mesma companhia consome anualmente contos de reis só neste ramo.

Dispondo ella de pessoal habilitado para esta empreza, o que lhe falta? Comprar uma data de terras e sentar a machina. Montado e dirigido este estabelecimento, como deve ser, em dous annos a Companhia teria uma fonte de renda extraordinaria. Deixaria de comprar no mercado madeira mal serrada, os carpinteiros pouco teem que preparar. No deposito da Companhia se encontraria madeira serrada e prompta para toda e qualquer obra, mesmo para os marceneiros; porque, alem das serras verticaes para serrar os páos em bruto, devia haver algumas bancadas com serras circulares para desdobrar e preparar a madeira nas medidas que se podessem adaptar á todas as obras.

E' esta uma empresa que não pode deixar de ser bem succedida. No corte das madeiras e conducções delias rio abaixo em balsas ou jangadas, a Companhia podia empregar muitos braços livres, que hoje nada fazem. A serraria deveria se montar na villa do Itatu, ou acima da Cachoeira grande, ou em outro lugar escolhido por pessoas entendidas.

Termino, esperando que as pessoas a quem este trabalho possa interessar, o estudem com attenção, pois tenho convicção que devem estas idéas ser aproveitadas.

## LITTERATURA.

### Historia abreviada da poesia.

#### I

Ente humano habitará a terra que não phantasia uma futura vida? Que não ouça uma voz intima revelar-lhe a ideia da immortalidade? Que não sinta transporte pelo sublime, bello, grandioso, phantastico?

Pois essa phantasia, voz, sentimento, é o que chamamos poesia. E' a linguagem da natureza e uma inspiração divina; ou como quer Villemain, «uma cousa sem nome, que muitas vezes não tem feições distinctas, um capricho d'alma.»

Sau auctor foi Deus, formando o ineffavel poema—A criação.—

E por isso observai como desde os immensos orbes lançados no espaço, até o menor corpusculo; como desde o altivo homem, até o humilde insecto; como desde o bramir da furiosa tempestade, deitando por terra a soberba ingarana, até o rumorejar da abemollida brisa entre a folhagem das florestas; como tudo em fim respira a divina e maravilhosa poesia. Plenamente convicto d'essa verdade, exclama Lamartine: «*Dieu, Amour et Poésie sont les trois mots que je voudrais seuls gravés sur ma pierre, se je méritais jamais une pierre.*»

Porem deitando de parte o principio di-sino que lhe é caracteristico, aha! zemos vna estirpe terrestre.

Nas louzas paginas dos mais remotos historiographos sagrados ou profanos, nem as tradições, dizem cousa alguma acerca da sua origem, que possa illucidar nosso entendimento; e como o espirito humano não pode estar estacionario, recorremos a hypotheses, que talvez não sejam destituídas de solidas bases. O homem, heróe do poema universal, instruido por seu Omnipotente Creador, foi poeta.

Sua imaginação exaltada se espandia pelas vastas regiões do ideal, admirando as maravilhas que circumdavam-no; de seus labios manava a poesia, luzida e deli-

ciosa da natureza nascente, como dos do Homérico Nestor a sabedoria; e em sua mente borbulhavam os pensamentos mais aglomerados que os ventos Virgilianos nas Eolias cavernas.

E o tempo caminhava; e a humanidade o seguia.

O perpassar das éras trazendo consigo o augmento do genero humano, desenvolvia as artes, e Jubal inventara a musica. Então, reunindo-se os homens por occasião d'algun grande acontecimento, ou adrede com offito de louvar ao Eterno, acháram incommoda a apathia primitiva que sobre elles pezava. Afim de desterral-a, forão do gorgêio das aves, do rugido do leão, do balido do cordeiro, e da sonora voz da tempestade aprendendo a cadenciar sua linguagem, e modulal-a ao som dos instrumentos.

Talvez fosse a noute, ao redor de grandes fogueiras, cercados de graciosas raparigas que os primeiros poetas elevavão-se nas azas da inspiração. Quanto havão de ser innocentes seos cantos!... O espirito de Deos pairava nas nuvens, os celestes acordes das harpas angelicas superavão as harmonias de Ariel, as auras ledas deixavão ir morrer no Pandemonio, o grito desesperado da perversa raça de Cain, que exhalava do peito o tenebroso rancôr de Calibã, e os vates inspirados talvez dissessem, o que depois de seis mil annos repetio Chateaubriand:—«*L'homme n'a reçu du ciel qu'un talent, la divine poésie.*»

Foi este segundo julgamos, a origem da poesia, (a mais antiga) que successivamente augmentava em a-sumptos; até que no reinado de Augusto, já dizia em Roma o vate de Venuza:

«Musa dedit fabibus Divos, puerisque Deorum,  
«Et pugilem victorem, et equum certamine primum,  
«Et juvenum curas, et libera vina referre.»

E como deixaria ella de soffrer transformações, quando o mundo era theatro de factos extraordinarios, alguns dos quaes alteravão mesmo as leis phisicas do universo?

Quando os povos dispersos pela face da terra, barbaros e supersticiosos, esquecião o seu Creador para adorar o sol, a lua, e aos proprios homens? Era impossivel; acompanhou a humanidade no seu disvario, e postergou suas vestes candidas, fazendo a apothese do crime e do vicio.

Porem essa degradação não fez epocha, porque a poesia, comprehendendo seu logar, levantou-se pura e bella como se se houvera banhado na fonte da mocidade, idealizada pelos fabuladores cerebros hespanhóes. Com o desenvolvimento social appareceu tambem a propriedade e o estudo. O homem estabelecido, possuindo casal, familia, rebanhos, sentio necessidade de defender a terra onde jazião os ossos de seos maiores, contra a aggressão estrangeira, d'ahi a estima ao valor, e com a poesia infundiu a alma do guerreiro, (assim provou Týrtéo o Atheniense,) teve ahi tambem principio a poesia epica.

Os prazeres campestres produzirão a poesia pastoril; a meditação no nosso futuro destino, a didactica; e successivamente depois organisarão-se os diversos generos que conhecemos.

O desígnio da poesia tem sido entre todos os povos, agradar ou deleitar, e algumas vezes instruir, como diz o citado vate:

«Omne tulit punctum qui misuit utili dulci,  
«Lectorem delectando, pariterque monendo.»

Ella acompanhou o homem em todos as suas peregrinações, e a historia nos ensina que não ha povo, por mais barbaro ou selvagem, que não tenha sua poesia.

O Egypto apresenta-nos os seus pastores entoando innocentes carmes ao som da flauta; na Grecia imaginações exaltadas, sentindo necessidade de uma religião, conceberão-na poetica e philosophicamente; Galles creou em seos seio os bellicos bardos; a Germania os amorosos trovadores; na Asia, a Persia, India, e China offerecem-nos um fastoso exemplo; e assim todas as nações antigas e modernas. Até os nossos selvagens, bra-

zeiros, feros, intrataveis e separados como se achavão do resto do mundo, provão-nos esta verdade. Emfim o universo é poetico, e a poesia esse suspiro da Divindade é universal.

Para completar-mos o nosso esboço tocaremos nos principaes logares em que ella mais florece, e nomearemos alguns de seus poetas.

D. A. Martins Costa.  
(Continua.)

Maranhão—1869.

## NOTICIAS.

### CHRONICA EXTERNA

O paquete, entrado á 28 do passado, vindo dos portos do sul, mui poucas novas do velho mundo trouxe.

A chronica, portanto, será dispida de interesse por hoje.

Limitando-nos, pois, ao summario dessas noticias, cumprimos um dever, e estabelecemos um precedente para em todos os numeros do nosso periodico disermos algumas palavras, si successos houverem que valham menção.

Em Portugal o governo declarava oficialmente que o benemerito rei D. Fernando agradeceria a honra de collocar sobre sua fronte a coroa hespanhola, caso lhe fosse offerecida, como dizia-se nos circulos politicos.

Commeçava mui animada a campanha eleitoral, apparecendo já nos jornaes os nomes dos candidatos ás proximas eleições.

O governo desfallou no rigor economico dos fundos publicos: ao entre-tanto prologavam-se as fôrças e trabalhos em todos os ramos de actividade no paiz esses vehiculos de progresso e civilização.

Havia-se celebrado com pompa e extraordinaria concorrência as festividades religiosas da semana santa. Em Lisboa, Porto, e Braga houve festas brilhantes.

O Em. cardeal patriarcha preparava-se para ir ao concilio ecumenico.

—O canero revolucionario continuava solapar a infeliz Hespanha.

A coroa dessa dictadura asperrima continuava em publica almoeda, ambicionada por muitos, regeitada por alguns, e timida por todos.

Em alguns pontos do paiz reinavam molestias epidemicas.

Era presumivel uma insurreição, por causa do recrutamento forçado.

—O parlamento inglez continua com a actividade na solução das importantes questões da abolição da Egreja official da Irlanda, do fimamento religioso nas universidades de Oxford e Cambridge, do direito de primogenitura, morrendo o proprietario ab intestato.

—Procedeu-se ás eleições para os funcionarios do parlamento allemão, e foi approvada a proposta da responsabilidade ministerial, apesar das reluctancias do Sr. conde de Bismark.

—Os soberanos da Austria e Italia pareciam querer approximar-se, pois que fazem-se muitas continências por intermedio dos seus generaes Moring e Della Roca. Falla-se mesmo em uma entrevista.

—A capital do orbe catholico continuava a preparar-se animada para a celebração do proximo concilio universal. Notaveis ecclesiasticos chegam de todos os paizes e tomam parte nos trabalhos preparatorios, discutindo, e assentando as materias que farão objecto da reunião ecumenica.

O muito eminente e liberal pontifice Pio IX permittiu aos italianos catholicos tomarem parte nas eleições.

Sua sentidade continuava a gosar saude, mas grado ligeiros incommodos occasionados por sua avançada idade.

—O parlamento francez, verdadeiro areopago, onde se discutem as mais vites questões da politica europea, funcionava sem mostrar grande interesse. Regulava-se as finanças da municipalidade de Paris. O governo francez conjunctamente com o belga regulava os interesses economicos dos dous paizes em relação ás vias ferreas.

De outros paizes nada havia de maior interesse.

### Chronica interna.

A maior e mais pungente magua para os brasileiros é a continuação desta lucta duradoura, que absorve do paiz milhares de vidas e capitães immensos.

Ainda o ultimo paquete confirma novas da tenaz reluctancia e esforços inauditos do inimigo.

—Em Pernambuco factos desagradaveis deram-se em consequência de manifestações populares contra as irmãs de caridade, padres jesuitas e lazaristas.

Houve até um deputado que lembrou-se na camara provincial de propôr sua expulsão.

—O Oriente, folha religiosa, que publica-se no Recife, dá os nomes dos exms. e revms. senrs. Bispos, que concorrerão ao proximo concilio ecumenico:

«Consta-por que n'esta cidade se reunirão os Exms. Bispos do Brazil que toem de concorrer ao concilio ecumenico, que será aberto a 8 de Dezembro proximo; e que por tanto em fins de Agosto e principios de Setembro ahar-se-hão aqui seis ou oito dos prelados brasileiros.

Os bispos, que pbr ora teem declarando que concorrerão ao concilio são os Srs. D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará; D. Luiz Antonio dos Santos, bispo do Ceará; D. Francisco Cardoso Ayres, bispo de Pernambuco; D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro; D. Sébastião Dias Lorangeira, bispo do Rio Grande de S. Pedro do Sul; e D. João Antonio dos Santos, bispo de Diamantina.

Falla-se em que tambem irá o octogenario bispo de Marianna, o apostolico conde da Conceição, e a yinda do Sr. D. Joaquim, bispo de Goyaz faz-nos crer, que será tambem um dos prelados brasileiros entre os que acodem ao chamado do venerando Pio IX.»

O Sr. arcebispo conde de S. Salvador já obteve licença para o mesmo fim.

### Chronica urbana.

Entre nós pouco poderá avançar a chronica, que explorado já não tenha sido pelos jornaes diarios ou simi-diarios.

A chronica de hoje é apenas um precedente para os de mais numeros.

—Foi por acto da Presidencia adiada a abertura da Assembléa Legislativa Provincial para o dia 1º de junho vindouro, visto acharem-se ausentes muitos snrs. membros do corpo legislativo.

—Celebra-se com esplendida pompa e animada concorrência de fieis a festividade religiosa. *Mez de Maria*, nas egrejas do Recolhimento de N. Senhora da Annunciação e Remedios, e do convento de Santo Antonio.

Nesta ultima há praticas aos sabbados e domingos, recitadas pelos jovens alumnos do Seminário Episcopal de Santo Antonio, que cursam os estudos superiores de Theologia.

—Dos prelos desta typographia sahiu á luz publica o periodico *A Actualidade*, consagrado á defeza dos interesses do partido conservador.

E' seu redactor o nosso illustre comprouviciano o snr. major João da Matta Moraes Rego, que com outros distinctos cavalheiros, redigiu a *Situação*, á que substitue o novo órgão.

Saudamos o contemporaneo lidador, e lhe auguramos longa duração, desejando que faça ampla colheita de beneficios ao paiz.

—Chamamos attenção dos leitores para o interessante artigo que hoje estampamos do senr. A. J. Lopes da Silva sobre a navegação do rio Monim.

Apezar de já ter saído no *Paiz*, jornal de extensa circulação, todavia entendemos publical-o por tratar dos vites interesses da provincia.

—No proximo numero trataremos de identica materia, estampando o plano de incorporação d'uma nova Companhia de navegação á vapor, appresentado pelo Senr. A. Luiz Soares, do Arary, no qual mostra as vantagens que lucraria a provincia si introduzisse o barco á vapor no rio Grajahu.

Typographia—Perseverança—rua do Giz, Imp. por Jesuino Sá.

## A NAÇÃO.

SÃO LUIZ, 18 DE MAIO DE 1869.

## A CONCLUSÃO DA GUERRA.

Concluiu-se a guerra! Eis o brado quasi unisono, entoado pela imprensa official e officiosa da corte e provincias do imperio.

Concluiu-se a guerra, e no entretanto os hymnos da victoria não sôam; o exercito numeroso que abarraca-se nas regiões do Prata não volta; a esquadra gloriosa não singra em direcção da patria; os bravos não se dirigem ao lar domestico á repousar da longa fadiga.

Não nos illudamos: não illudamos ao paiz: não illudamos ao estrangeiro.

A guerra continúa: sejamos sinceros: a guerra vae recrudecer de sacrificios, de fadigas, e de valor.

O inimigo continúa tenaz, audacioso, e encastellado no mais forte de seus baluartes, que é o da traição, grimpado n'uma serra, encavernado n'uma gruta, internado n'uma floresta, ou percorrendo invios caminhos, por nós ignorados.

A guerra continúa, e se amercie Deus de nós para terminá-la.

São precisas novas e mais eloquentes provas do sempre fecundo patriotismo brasileiro para levarmos ao termo tam improba lucta.

Fallemos a linguagem da verdade para sermos acreditados junto á opinião publica da qual nos constituímos orgão.

E' mister que a imprensa longe de ser o eco ás vezes inviridico das antecamaras palacianas seja o evangelho da verdade.

Sem temêrmos contestação, dizemos com a mais intima convicção que a temível campanha do Paraguay não é terminada.

E para que provas? Ha factos evidentes, que escusam demonstrações.

A marcha apressada, para o theatro da acção, do principe imperial, os urgentes reclamos do governo que não cessa de pedir novos reforços ao exercito, a estada mysteriosa de um ministro da corôa nas regiões do Paraguay, finalmente, o reboar do canhão de parte á parte, demonstram ex abundancia a continuação da guerra.

Se diz, quotidianamente, ao paiz que o inimigo é gasto, não tem recursos, armas, munições, e soldados.

E' certo, porém, que para melhor de cinco annos bate-nos sem dô, apesar de grandes revezes.

E essa pequena republica ha arremessado ás lides marciaes o famoso numero de cento e cincoenta mil combatentes!

Seus fanaticos soldados, cegamente mortos sob a pressão das nossas armas, até o presente continuam á oppôr essa resistencia brutal, ás vezes, sem curvar-se ante o inimigo generoso, que sabe condoer-se dos vencidos.

E' tempo de cessarem vozes sonoras, que hão acalentado o povo, esperando com festas pomposas a promettida sem-

pre e até hoje não realisada conclusão da guerra.

Nem é por fallarmos a linguagem da verdade que depreciados ficaremos no conceito publico, não. A guerra se terminará, sem duvida; mas, si cêdo ou tarde, eis um problema de solução difficillima.

Está em Assumpção o principe imperial. A presença de tam elevado personagem no mesmo coração do Paraguay fará, por sem duvida, mais celeres os movimentos do exercito, e animará os successos para mais rapido desenlace desse já tam enfadonho drama.

Não precisamos em tam difficil conjunctura somente de um chefe graduado e nobilitado com imperiaes insignias; são precisos valorosos chefes, peritos generaes, que mais em contacto com suas tropas lhes imprimam animo e valor nos combates.

E' sabido que actualmente no exercito em acção ha absoluta ausencia delles. Antes e depois da retirada do sr. Caxias saíram os mais valentes e peritos cabos que lá estavam.

Para sair de tam embaraçado lance o principe imperial terá de lançar mão desses mesmos patriotas heroicos á quem mais de um manejo ignobil arredou do caminho magestoso da gloria.

O patriotismo brasileiro exigindo nesta hora suprema, por certo, a vespera da derradeira victoria, novos sacrificios, quem deixará de acudir pressuroso aos reclamos da patria?

Cançados já estão os animos pela lentidão da guerra, porem para os que não foram a pugna ainda está em começo.

Aos nossos concidadãos lembramos o dever sagrado da defeza da honra e dignidade do imperio, seriamente empenhadas nessa pugna começada sob tanto ardor e que hoje enlanguece sob a marasmotica influencia do glacial indifferentismo.

Mais um esforço, e a posteridade cobrirá de benções aos que inscreverem seus nomes nas gloriosas paginas dos fastos nacionaes.

## POLITICA.

## DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

No precedente numero, depois de ligeiras considerações sobre os recursos materiaes e meios moraes de que dispõe o Brazil para ser uma grande nação, intentamos averiguar as causas de nossa decadencia.

Para a tcla da discussão promettemos trazer os argumentos que costumam apresentar os que discursam sobre os motivos do nosso atrazo; e discutimos o primeiro e mais importante, a falta de população que povõe convenientemente o sólo brasileiro.

Persuadimo-nos haver provado genericamente que a pretendida carencia de população não é origem proxima da ausencia de progresso em um povo, nem symptoma de decadencia.

Continuamos, entretanto, na analyse do valor logico dessa questão, encarando-a sob outra face.

Os defensores do progresso material

pelo augmento de população, no intuito de quererem avolumar esta, sustentam a idéa de avultá-la por meio da emigração.

A emigração, dizem, é o recurso mais natural e effizaz de que devem lançar mão os governos para dar crescimento á seus estados: o governo deve fomentar a emigração, promovê-la, chamá-la, e estabelecê-la.

These é esta, por sem duvida, assaz importante, e defendida com sonoras epopéas e por habéis escriptores.

Se ha radicado entre nós tal fanatismo pela emigração promovida pelo governo, por elle inspirada, e guiada, que mais de um talento robusto se tem consagrado á longas e serias discussões em pro desse falso principio.

Dizemos falso principio, e nos não taxem de retrogrados, nem nos condemnem prevenidos juizes, antes de ouvirmos. Não é o escriptor quem falla, é antes a observação, ou a historia quem nol-o demonstra.

Travemos, pois, a lucta, e exponhamos a questão para resolvê-la.

Na ausencia de meios para multiplicar dentro do paiz população propria, isto é, nacional, querem outra, adoptiva: e não somente querem, mais obrigam o governo á procurá-la, senão estabelecê-la.

Onde, porém, encontrarão os novos Noés exemplos semelhantes, que apadrihem tam singular meio de povoamento?

A emigração diversifica da colonisação, si bem que em seus resultados ambas se confundam. Querer estabelecer a emigração, fazê-la pelo governo, é um erro de administração, um absurdo politico.

A emigração é essencialmente voluntaria, e jamais forçada; é iniciativa do individuo emigrante; é inspiração espontanea de quem deseja emigrar; tende á uma aspiração á liberdade, de que se não gosa no paiz onde se habita; á conjuração de males, que peçam sobre populações, que emigram.

Eis o que é a emigração verdadeira e as causas que a promovem. Tudo o que gyra fóra desta orbita é delirio, ou falseamento de idéas.

Jamais se viu emigração forçada que prosperasse. A historia registra luminosos traços sobre tentativas dessa ordem, que são padrão de vergonha para algumas nações, aliás sympathicas e respeitaveis, que sempre nellas naufragaram.

A emigração para um paiz não se cria, não se faz, ella nasce.

Os paizes, que se estabeleceram por meio da emigração, que por ella cresceram, prosperaram, e hoje pasmam ao universo por seu avançamento em todos os ramos da industria, das artes, do commercio, e das sciencias, esses paizes são argumentação mui eloquente, e convencem mais que theoricos raciocinios.

Os Estados-Unidos é exemplo disso; por que, modernamente, foi o paiz que se fundou pela emigração. Nesse theatro vasto podem o politico e publicista examinar á contento o estabelecimento, vantagens, e resultados da emigração forçada e da emigração voluntaria; por que ambas se ensaiaram e deram seu fructo.

Lancemos, pois, nossas vistas sobre o passado dos Estados-Unidos, e analysemos os fundamentos dessa magestosa republica, que consolidou-se pelos germens da emigração.

Quando a Inglaterra propôz-se á exemplo da Hespanha e Portugal estabelecer-

se na America, senão para auferir vantagens das incultas terras do Novo-Mundo ao menos para ter com aquellas nações alguma concorrência, valeu-se de um recurso ainda não usado em eguaes emprezas, o dos privilegios.

Em consequencia das descobertas e explorações do argonauta britannico Cabot, assistia á Inglaterra tal ou qual direito ás regiões septentrionaes da America.

Ella, pois, encheu de privilegios á pessoas importantes como sir Wunphrey Gilbert, Watter Raleigh, Rich. Grenville para emigrarem e colonisarem a America.

Identicos privilegios foram concedidos ás companhias de commercio estabelecidas em Londres e Plymouth, com os mesmos fins que os precedentes colonisadores e emigrantes.

Por este modo tambem adquiriram territorios o lord Delaware, Roger Williams, Wheelwright, Hooker, e outros, que fundaram Maryland, Rhode-Island, New-Hampshire, Maine, Connecticut, e diferentes estados, como já os haviam feito as companhias de Londres e Plymouth, fundando os estabelecimentos da ilha de Izabel e Vinha de Martha, que prosperaram mais para o diante com outros nomes.

Vemos, portanto, constituir-se uma colonia, e verdade, porem com elementos seus, isto é, esforços individuaes, sem ingerencia do governo, que apenas ali intervinha para cobrar um imposto modico, lançado, principalmente, sobre a colheita dos metaes.

Ougamos, porem, um historiador consciencioso, que com alto criterio acompanha os estados da União-americana desde o seu começo até a consolidação de sua gloriosa emancipação:

«Tendo estas colonias sido fundadas *debaixo da direcção e á custa* de pessoas particulares, o governo não se mettou com ellas, senão mais tarde para tirar vantagens. Alguns dos colonos eram cidadãos livres, vindos ao paiz á buscar a liberdade da consciencia; outros, malfetores deportados; outros, indigentes, que para lá eram levados como obreiros, e que, depois de terem trabalhado certo tempo como servos, para pagar as despesas de sua viagem e de seu primeiro estabelecimento, ficavam livres.»

O elemento, portanto, que presidiu o estabelecimento e desenvolvimento dos Estados-Unidos foi todo individual.

Observando, porem, o governo que poderiam sobrevir no futuro consequências á seu ver desastrosas quiz ao principio pèar o progresso, inoculando no seio da nascente sociedade as maxias do seu poderio e influencia,

Duas dynastias que successiva e alternadamente occuparam o trono britannico nessa epocha disputaram com esforço aos colonos o direito de serem livres, e no entretanto os germens da democracia lançados em sólo tam uberrimo não toleraram tropeços.

A emigração era de dia para dia mais crescente, auspiciosa, e longe das vistas e acções da metropole, tornava-se independente de facto sem sólo de direito.

Não indo, porem, ao longe do assumpto, vê o leitor que toda a emigração aspira ser livre, quando voluntaria, e esquiva-se da oppressão.

Os emigrantes da Inglaterra para os Estados-Unidos, expatriando-se, deixavam um paiz importantissimo cercado de prestigio no exterior, apesar de ser abrasado no interior por ateadas chamas de odios, recriminações, e luctas politicas e religiosas.

«Passando o atlantico, diz judiciosamente o sr. Ed. Laboulaye, os filhos

adoptivos da nova mãe nas profundezas do oceano, deixavam sepultados os antigos rancôres, e se transformavam em homens novos.»

O imponente espectáculo de um paiz virgem de habitantes laboriosos, as luxuriosas galas d'uma natureza ridente, a expontanea uberidade do sólo, a riqueza semeada nas entranhas da terra, a abundancia espalhada em toda a sua superficie, não somente attrahiam porem alligavam os hospedes para sempre á esse paiz, que, no dizer do eminente visconde de Chateaubriand, bastava ver para amar.

As vantagens e o modo peculiar de vida dos novos habitantes formaram á seu turno gerações dotadas de um espirito essencialmente democratico. Eis como um notavel historiador falla do espirito dos americanos :

«O espirito democratico implantava-se e propagava-se, e n'um curto espaço de tempo as colonias tinham crescido em numero e poder. O rapido e progressivo augmento de Boston, Philadelphia, e New-York, mostrava á que prosperidade essas cidades eram destinadas. Ellas tinham produzido magistrados, administradores, e guerreiros. A vida da caça e do commercio havia promovido o espirito da liberdade e de opposição que os primeiros fundadores lá tinham introduzido.

«Originaes quanto á idéas e instituições, afastados por um vasto mar da metropole, que tinham ajudado em suas guerras como alliadas livres, ellas conheciam poder abster-se agora de uma dependencia que, si lhes tinha sido util nos principios, tornava-se então onerosa, em consequencia dos direitos que a mãe patria pretendia exercer; e por que esse espirito nacional distincto, que faz de cada povo uma individualidade independente, tinha chegado á sua maturidade.»

Sendo, por tanto, a emigração de interesse todo individual, procurado somente por imperiosas causas que demoviam habitantes de um paiz abalar para outro em procura de melhora de sorte, querer subjeitar tam melindroso assumpto á acção e raia administrativas do governo é deslocar-o do seu elemento, é falsear-o.

E' exemplo frísante o de nações que se abalançaram tomar a tarefa ardua de promover-a, o que conseguiram fazer, porem com fadigas improbas, e viram em breve seu trabalho improductivo, sua gloria ephemera, empallescida, e os brios nacionaes arrastados em abjecção, e vilipendio.

Consequencias foram da emigração forçada. E no seguinte numero, proseguindo na discussão da materia, demonstraremos melhor os damnosos effeitos dessa maneira impolitica de crear populações fantasticas das quaes nenhum beneficio vem ao paiz.

## RELIGIÃO.

### A verdadeira razão do protestantismo.

I

Quadro desolador que apresenta o protestantismo— Interesse em tratar-se a questão da razão do protestantismo—Homens illustres que se tem empenhado na solução da these—Bossuet, C. Cantu, Guizot Jouffroy—Termos da questão.

O protestantismo é um grande acontecimento em os annos e vida dos povos.

Reclama por consequencia sobre si a mais seria attenção do observador consciencioso.

Um simples lance de vista, descortinando-nos o vasto campo onde se agita o protestantismo, mostra-nos que o seu principio motor é uma tempestade pestiferal arastando miasmas infectos como o alito putrido dos tumulos.

Mas nem por isto deixa de erguer-se tumido de soberba e fremente de raiva.

O seu pregoeiro é um grito horrivel, como uma blasfemia no meio das harmonias angelicaes dos hymnos sagrados. Entretanto em sua passagem arrasta homens e povos.

A sua bandeira é descorada e routa: comtudo faz numerosos proselytos.

O protestantismo em politica, assombra! tem erguido até as nuvens um oceano de pó fumo e sangue! ... derrubando e esmagando os thronos, devastando as cidades, tem sulapado os principios mais vitaes dos povos.

Foi em seu nome e sob a inspiração de suas doutrinas que a infeliz Allemanha estremeceu no meio de um bulcão horroroso derramando ondas de sangue.

Tantas iniquidades praticadas pela Inglaterra; as innumeras victimas sacrificadas pelo satânico Henrique VIII; a infeliz condessa de Salisbury correndo em torno do cadafalso com os seus brancos cabellos ensopados em sangue e tantas vezes ferida pelo algóz; os intestinos de João Houghton expostos nos quarteis de Tyburn e queimados na praça publica a luz do sol e da civilização...sancto Deos! tudo isto é obra do protestantismo e somente d'elle.

Em relegião são inqualificaveis as suas innumeras iniquidades.

Com o mais inaudito arrojo, esmagando o principio de authoridade infallivel, profanou os augustos sacramentos, negou e ridicularisou os dogmas altamente solidificados no sangue derramado na summitade do Golgoth, e respeitados pela humanidade de tantos seculos!

Em sciencias é o protestantismo a cauza de tantos desvarios que toção a loucura. Proclamando a absoluta independencia, racional foi elle quem creou e ergueo altares á deusa razão.

O movimento cartesiano, que derrama principios tão subversivos, colhendo os mestres e a mocidade inexperiente, é obra sua.

Pode dizer-se sem medo de errar: o protestantismo é o principio da completa destruição; é uma voz de blasfemia, verdadeiro sopro de Satanaz, com o qual o mesmo Luthero, disse, conferenciara muitas vezes.

Parece que em o momento de descer o monge Luthero á praça publica, concitando os espiritos frivolos á revolta contra Roma papal e seus sacrosantos dogmas, parece que nesse momento tremendo, o ceo se cobria de luto: o raio passando por entre as nuvens escrevia na immensidade palavras de maldição: o mar bramindo presagiava os soluços dos povos; e a ventania passando por entre as selvas, sacudindo o orvalho, augurava as lagrimas da humanidade.

Realmente! o coração se confrange e recua apavorado ao contemplar, em tão poucos seculos, tantos acontecimentos dolorosissimos praticados pela reforma.

Recebendo e divinizando os erros e misérias do paganismo, acrescentou ainda alguma cousa de seu. E percorrendo-se a historia universal do seculo XVI para cá, involuntariamente pára-se, e pergunta-se: meu Deus qual foi a causa, a razão de tão negra idéa, o protestantismo?

Muitos homens illustres se tem empenhado na solução desta these.

Citaremos alguns.

Bossuet, o immortal auctor da *História das Variações*, esse homem inspirado, que abriu larga brecha nas muralhas que guardão os quarteis protestantes, Bossuet, depois de citar as palavras de S. Bernardo e do sabio Cardeal Julião, no sentido de tomar a Igreja algumas medidas tendentes a reprimir os abusos que se davão no seio do catholicismo, diz: E' assim que no seculo XV esse Cardeal (Julião) o maior homem do seu tempo, deplorando os males, previa ainda as consequencias funestissimas, pelas quaes predisse o que Luthero faria á humanidade, principiando pela Allemanha.

Não se enganou realmente o sabio Cardeal; por que despresada a reforma, e ateando-se a mais a raiva contra o clero, surgiu a horivel seita na Igreja, mais perigosa que a dos Bohemios. (Hist. das Var. L. 1<sup>o</sup>)

O immortal C. Cantu depois de fazer longos e eruditos preliminares sobre o protestantismo, (S. 1500) parece partilhar a mesma idéa, pois em outro lugar, tra-

cando um quadro conciso sobre os movimentos religiosos, scientificos, industriaes e artisticos, chora sobre a sua Italia que ria e folgava na vespera da ruína, e diz elle: Que bella empresa se offerecia, então a um reformador que fosse capaz de reconduzir a verdade e a luz ás idéas praticas tão confusas, e desinredar as relações tão complicadas entre os ecclesiasticos e os seculares, entre a politica e a religião! Mas Luthero não tinha forças para ser reformador; lançou-se inconsideradamente n'uma tentativa de revolução (Intr. da Hist. Univ.)

O Sr. Guizot (Hist. da civ. na Eur. L. 12) diz: A reforma nem foi uma simples vista de melhoramento religioso, nem o resultado de uma utopia da humanidade. A reforma foi a grande liberdade do pensamento, foi uma verdadeira insurreição do espirito humano.

Com estas idéas do Sr. Guizot concordão perfeitamente as theorias racionalistas de Cousin e seus adeptos.

Com estas idéas concorda a vozeria dos pretensos homens das fôfas theorias do progresso, os quaes, sem entenderem os termos da questão, seguem qualquer bandeira, com tanto que tenha estas inscrições: *Liberdade da razão, absoluta independencia intellectual, progresso, grande insurreição do espirito humano, &c.*

E' sob estes principios que se bate palmas em torno de Renan, J. Simon, Vacherot e Wolff, gritando morte e despreso a Roma papal, a Roma caduca.

Foi partilhando estas idéas que o trator Jouffroy escrevia a absurda these: *como os dogmas envelhecem.*

Eis por consequencia a questão em termos bem claros: qual é a razão do nascimento do protestantismo? Será a apresentada por Bossuet, isto é os abusos; ou a de Guizot, isto é, um verdadeiro progresso do espirito humano? Proseguiremos.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

SÉ ACTUAL.

*Collegio de Nossa Senhora da Luz, Sé ou Cathedral.* Não precisaremos com certeza a epocha, em que ella foi edificada, porem sabemos, que é o segundo templo construido n'esse mesmo lugar pelos Jesuitas, podendo comtudo dizer-se, e sem temer engano, que o primeiro não passou de simples capellinha feita ás carreiras para a celebração dos officios divinos quando aqui chegarão os primeiros Jesuitas, como vamos provar.

O Padre Jacintho de Carvalho, da companhia de Jesus, visitador geral dos collegios e missões da mesma companhia, dirigindo-se a camara mostrou por documentos «a ampla concessão que forão servidos fazer a este Collegio os camaristas antecessores d'ella, para melhor commodidade da *nova Igreja*, que se tinha fabricado, e agora para melhor segurança d'ella era preciso formarem-se uns arcos ou columnas de pilares com um pedaço de parede pela banda da porta travessa da parte da rua para sobre elles se levantar uma varanda, que devia dar serventia para as tribunas da Igreja, e para isto pedio as necessarias licenças.» (Sem data).

O primeiro documento é um requerimento do Padre Reitor do Collegio Sebastião Pires dizendo «que estava disposto com o favor de Deus a fazer a *nova Igreja*, e por isso pedia licença para levantar o muro á face da rua para o que necessitava alargar-se para fora & &—Deu licença a Camara em 10 de Julho de 1687.

O 2<sup>o</sup> documento é um requerimen-

to, em que o Padre Reitor Francisco Velloso dizendo que queria fazer uma *Igreja nova*; «por ser a *que tinha de presente* muito limitada pelo muito povo, que havia crescido, que muitas vezes chegava a mór parte da gente, que assistia aos officios divinos a ficar fora e pela sacristia, e os que entravão, estavam tão apertados que se afojavão sem haver quase distincção entre homens e mulheres, que era grande indecencia e por evitar esses incommodos, deixavão muitos de ir a Igreja» e pedia «licença para occupar parte da rua, que estava contigua ao seu convento»

Mandou a Camara em 20 de Abril de 1672 informar o Procurador, o que fez favoravelmente no dia seguinte, depois de ouvir os dois Procuradores do Povo Gaspar Fernandes da Fonceca, e André Cordeiro, *que assignou de cruz por não saber escrever*, e a Camara deo as necessarias licenças n'esse mesmo dia.

A Camara deferindo ao Padre Jacintho mandou fazer a vistoria em 16 de Janeiro de 1726.

O Procurador, o Escrivão da Camara e o arrumador da Cidade dando conta da sua Commissão no dia seguinte disserão ter o terreno pedido 23 braças, 6 palmos e trez dedos de cumprimento, e de largura duas braças e meia ficando a rua com 5 braças e meia pouco mais ou menos.

A Camara deo esse terreno em 28 de Junho de 1726, da qual tomou posse o Padre Procurador Anteuio Rodrigues em 10 do mez seguinte, como attesta o tabellião do publico, judicial e notas Manoel da Silva e Castro.

Forão progredindo as obras com a actividade dos Jesuitas, trabalho dos indios, e o obulo dos fieis.

Já estavam muito adiantadas, quando o Padre Diogo Ignacio Xavier, Reitor do mesmo Collegio, requereu á Camara mais quatro palmos de largura da rua, junto a nova Igreja «para dar principio á construcção da torre, com frontespicio olhando para o sul, e correr a *via sacra* de Oeste para Leste.»

Disse que esperava que não houvesse difficuldade alguma, como nunca tiverão os Camaristas, seus predecessores, «visto ser para ornato do templo de Deos, da cidade, e do bem publico pela conveniencia de abi haver um relógio, de que muito carecia a cidade desde sua fundação.»

Termina lembrando a utilidade, que provem á cidade de serem as «torres fortes uns como reductos, nos quaes se fortificão os povos contra inimigos; e como necessariamente ha-de haver certo n.º de sinos e grandes, por arbitrio do Mestre da obra, é que solicitava esse terreno.»

Em 17 de Setembro de 1737 a Camara deferindo a pretensão «impoz a obrigação do Relógio, que elles offerecerão.»

Ou não houve esse relógio, ou então foi extraviado com a extinção dos Jesuitas.

Possuía este collegio uma livreria maior de 3:000 volumes de livros escolhidos e estimaveis de todas as sciencias e faculdades como em 1º de Dezembro de 1760 disse o Governador Gonçalo Pereira Lobato e Sousa ao Ministro d'Estado Francisco Xa-

vier de Mendonça Furtado, e terminou pedindo «determinações á respeito da disposição d'esta quantidade de bens, sequestrados aos Jesuitas, pois seria lastima vê-los arruinados, pois o clima e a terra lhes não permite duração sem haver uso d'elles.»

Depois do banimento e proscrição dos Jesuitas em 1759, por Carta Regia de 14 de Junho de 1761 se deo este Collegio para residencia dos Bispos, Seminario, Livraria; e Sé, mandando-se unir tudo isto á Meza episcopal, e fazendo-se as necessarias divisões pelos bens do sequestro.

O Governador Joaquim de Mello e Povoas por Portaria de 29 de Outubro de 1761 ordenou ao Desembargador, Ouvidor Geral, Francisco Martins da Silva, como Juiz do Sequestro, a entrega de tudo isto ao Bispo Diocesano.

Foi cumprida esta ordem, apoz inventario, em 12 de Novembro do dito anno.

Contudo o referido Governador já em 30 de Outubro havia participado ao Ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado: que em virtude das ordens regias fora feita pelo Reverendo Bispo a «união da Meza Episcopal do Collegio de N. S. da Luz com a sua Igreja, sacristia, ornamentos e alfaias a ella pertencentes para servir de Palacio aos Prelados, de Seminario e cathedral.

Quando houve esta união o orago do collegio ja era de Nossa Senhora da Boa Morte.

Effectuou-se a mudança da Sé para aqui em 17 de Janeiro de 1762, e desapareceu o seo antigo nome, e hoje é a Santa Igreja Cathedral.

O aspecto magestoso d'este vasto edificio desperta o entendimento e o faz profundamente pensar.

Os grandes objectos, diz um escriptor francez, inspiram sempre em nossa alma pensamentos sublimes, e ideas perfeitamente claras e positivas, que não tem, para assim dizer, sentido determinado, mas que contemplando-o, sentimo-nos arrebatados n'aquelle enlevamento sem calculo e nem fim, que costuma levar a alma para muito longe.

Em 22 de Setembro de 1828 foi avaliada em 244:674\$800 rs.

Tem ainda muito estragado, um orgão, que dizem ser do tempo dos Jesuitas.

A exforços do Conego José Gonçalves da Silva, como deputado provincial, foi comprado o actual orgão, que foi tocado pela primeira vez na tarde de 21 de Março de 1866 por occasião do Te-Deum, mandado celebrar pelos Capellães da Sé em comemoração da entrada pontifical do venerando Prelado Diocesano D. Frei Luiz da Conceição Saraiva em igual dia do anno de 1862, dando-se a coincidência de apontar n'esse dia o calendario christão o nome do grande S. Bento, veneravel fundador e patriarcha da egreja ordem Benedictina, de cujos claustros sabio o Sr. D. Luiz como Abade, deixando aos vindouros um nome invejavel, tanto pelo brilho de suas acrisoladas virtudes, como pelos importantes serviços prestados á Religião e a Patria, principalmente na educação da mocidade,

de que tem sido sempre fervoroso Apostolo.

Maranhão—Maio de 1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## NAVEGAÇÃO.

PLANO PARA A INCORPORAÇÃO DE UMA COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR NO RIO GRAJAHU, E ABERTURA DE UMA ESTRADA MARGINAL DO MESMO RIO.

Antonio Luiz Soares, propõe se a incorporar, o mais breve que fôr possível, uma companhia que se denominará «Progresso do Grajahú» com o capital de cem contos de reis, divididos em acções de cem mil reis, para o fim de levar a effeito a navegação á vapor no rio Grajahú, da villa do Arary á da Chapada.

A navegação do Grajahú começará dois annos depois d'incorporada a companhia, se antes não for possível.

Esta linha fluvial estender-se-ha até a capital quando as forças da companhia o permitirem.

A navegação será feita nos mezes que decorrerem de janeiro á abril de cada anno, em um vapor de força de 30 cavallos, 55 palmos de quilha, 18 de bocca e 3 de pontal.

Quando o estado da companhia permitir e as necessidades da lavoura e do commercio o exigirem, a navegação será feita por dois vapores.

A companhia terá armazens para cargas nas villas do Arary e Chapada.

Os fretes serão regulados na razão de 10 por cento para fazendas seccas, 15 por cento para molhados e generos de produção da provincia, menos o sal que pagará 200 reis por paneiro, e 1\$000 por legua quanto a passagem.

A companhia fará pelo menos seis viagens redondas annualmente em quanto tiver um só vapor, e o duplo quando tiver dois.

Os correios publicos serão transportados gratuitamente, e por menos um terço das passagens os militares em serviço, os recrutas, os presos de justiça, e suas bagagens.

A companhia obriga-se a fazer a precisa desobstrução do rio para facilitar a navegação nos mezes do seu contracto.

A companhia obrigar-se-ha tambem a abrir uma estrada para a conducção de boiadas, margeando o rio Grajahú desde os campos de São Benedicto, no baixo Mearim, até os primeiros campos do municipio da Chapada.

A sede da companhia será no villa do Arary, e as acções serão distribuidas com preferencia nos termos do Mearim e da Chapada, e o restante dellas na capital e outros lugares do interior.

Logo que esteja distribuida metade das acções, a companhia se considerará incorporada.

O empresario, se for accionista de mais de cinquenta acções, será o gerente da companhia durante os primeiros dez annos, e dentro deste praso só lhe poderá ser tirada a agencia se os accionistas por maioria de dois terços dos votos o exigirem.

Só poderá ser gerente o accionista possuidor de mais de vinte acções.

Para ser levada a effeito esta empreza, o empresario exige as seguintes concessões:

Privilegio exclusivo por vinte annos para navegar á vapor o rio Grajahú;

Subvenção de 12:000\$000 annuaes nos primeiros dez annos, e igual nos dez ultimos, se a companhia n'esse tempo fizer a navegação com dois vapores, e metade se só tiver um vapor;

Emprestimo de 40:000\$000 sem juros para serem pagos pela 5ª parte das subvenções;

Isenção de impostos geraes e provinciaes para os vapores, barcas e todo o material que a companhia necessitar.

Isenção do recrutamento para as pessoas empregadas no serviço da companhia;

Duração do contracto por tempo de vinte annos.

### Possibilidade da navegação,

O rio Grajahú, pode, com certeza, ser navegado a vapor nos mezes que decorrem de janeiro á abril de cada anno; e annos ha em que esta navegação se pode fazer de dezembro á maio.

E' elle presentemente navegado, nos referidos mezes, por embarcações das dimensões indicadas para os vapores, porém é indispensavel desobstruilo não só nos ingythiuas, como em outros lugares para que a navegação se faça com a precisa celeridade.

Calcula-se em 9 dias a viagem, agoas acima, do Arary á Chapada, e em 6, agoas abaixo, mais dois dias ou menos dois dias, conforme a correnteza e profundidade do rio.

A ser assim, a companhia fará duas viagens mensaes nos mezes do seu contracto, e mais algumas em dezembro ou maio, quando as agoas do rio o permitirem.

### Vantagens para a lavoura.

As terras banhadas pelo Grajahú são as mais ferteis da provincia, ricas de madeiras de construcção e abundantes de oleo de cupahyba, cravo, &c. &c.

As terras do alto sertão são igualmente de uma uberidade prodigiosa e ricas de madeiras; seu clima é incontestavelmente o mais salubre e ameno da provincia.

A lavoura, porém, no alto sertão e margens do Grajahú é quasi nulla por falta de vias de communicação, e resultando impossibilidade de levar seus productos ao grande mercado da provincia.

Com a alta do preço do algodão e dos mais generos de exportação a lavoura do alto sertão animou-se extraordinariamente, mas, crescendo na mesma proporção as difficuldades do transporte, tornou a desanimar.

Presentemente a navegação do Grajahú é feita por embarcações das dimensões indicadas para os vapores, e por outras menores, mas ha muita falta d'ellas por que custão de 1:000\$000, a 1:500\$000.

Cada viagem redonda destas embarcações regula 60 dias, e a despeza do custo nunca menos de 600\$000.

D'aqui a impossibilidade dos pequenos lavradores e negociantes poderem transportar os seus productos.

### Commercio.

A villa da Chapada, á qual só Caxias excede em importancia commercial no interior da provincia, recebe annualmente pelo Grajahú mais de duzentos contos de reis em fazendas seccas e molhadas, e trinta mil paneiros de sal comprados na capital.

Faz activo commercio com os municipios do Riachão, Corolina, Santa Theresa, e S. Felix de Balsas.

Vende-se alli um paneiro de sal por 500 reis, e mais e nesta proporção se vendem todos os outros generos, por causa das excessivas despezas de transporte: e occasiões ha em que tudo se vende pelo duplo, e até pelo triplo.

A navegação a vapor do Grajahú, porém não só fará baixar os preços dos generos de importação n'aquellas regiões, como augmentará consideravelmente o seo consumo: o que trará ao mesmo tempo o augmento das rendas publicas.

O augmento das rendas pode tornar-se consideravel, porque, sendo muito mais difficil e dispendiosa a navegação do Tocantins, a baixa dos generos na villa da Chapada e a facilidade da navegação do Grajahú vão chamar para nossa capital muitos freguezes dos que actualmente vão pelo Tocantins comprar generos na capital do Pará.

Accresce que a facilidade da navegação do Grajahú, fazendo necessariamente baixar no alto sertão o preço dos generos de importação, e receber os de exportação, vai melhorar consideravelmente a condição dos habitantes até agora condemnados á da exclusiva de criadores de gado e a vender seus productos por um terço do que se vendem na capital,

ao passo que comprão tudo pelo triplo do seo valor.

Tira-los destas duras condições é o serviço mais importante que um habil administrador pode prestar a provincia confiada aos seus cuidados.

### Estrada do Grajahú.

Possuimos nesta parte da provincia a estrada que parte da Barra do Corda, margeando o rio Meárim até os campos do Mearim e Anajatuba e que parte de Santa Thereza, margeando a rio Pindaré até Monção.

A primeira é muito util e conveniente ao termo da Barra do Corda, e a segunda ao de Santa Thereza.

Falta-nos, porem, uma estrada que, partindo dos primeiros campos, no municipio da Chapada, venha margeando o rio Grajahú até os campos de S. Benedicto no Baixo Mearim.

Esta falta torna-se demasiadamente sensivel, attendendo-se a que as boiadas da Chapada e as que por ali passam podem vir ao Mearim no mesmo tempo que se gasta d'ali a Barra do Corda, ou a embocadura da estrada de Santa Thereza.

Se abrir-se a estrada do Grajahú, as boiadas do municipio da Chapada e dos lugares vizinhos, virão aos campos do Mearim, ou d'Anajatuba, em metade do tempo que se gasta pelas estradas de Monção ou da Barra do Corda, encontrando pastagem e a agoa em todo a transitio, do que resultará chegar em melhor estado com menos despeza; e sem prejuizo por morte dos animaes.

Presentemente, para se ir do Mearim, ou de Anajatuba á villa da Chapada, por qualquer das estradas abertas, gastão-se pelo menos vinte dias, ao passo que pelo Grajahú, gastar-se-ha menos da metade d'esse tempo.

São estas as principaes, mas não as unicas, vantagens que a provincia hade auferir quando abrir a estrada do Grajahú, e o rio deste nome for navegado á vapor.

O auctor desta idéa, tendo em vista as urgentes necessidades que ora acaba de expor, para melhoramento e engrandecimento não só da provincia, mas ainda dos municipios do alto sertão, attendendo ás grandes difficuldades que tem os negociantes e lavradores, na exportação dos productos para a capital da provincia, espera que o Exm. Sr. presidente da provincia, e a assembléa provincial abraçarão tão boa idea, protegendo semelhante empreza.

O commercio e a lavoura desses lugares desejão ardentemente ver realisada esta navegação, que lhes mostra o mais auspicioso futuro.

## COMMERCIO.

Pernambuco.

—Reunio-se ontem (7 de maio) a comissão encarregada de promover a construcção da linha telegraphica desta cidade para o rio de Janeiro. A reunião foi convocada pelo Sr. Nedham, presidente da comissão, afim de chamar a attenção dos seus collegas para o fato de ter o governo imperial feito a concessão de uma linha telegraphica ao sul do imperio a um Sr. Kieffer, quando sob o fundamento de não fazer concessões a companhias ou a qualquer particulares, recusou á Associação Commercial de Pernambuco favor identico.

Consta-nos que depois de animada discussão, onde os membros da comissão significaram o ménos preço com que o governo tratava assim a provincia de Pernambuco, resolveu-se dirigir uma representação á Assembléa Geral Legislativa, que será acompanhada de toda a correspondencia entre a Associação e o mesmo governo.

Esse documento, dizem, será impresso em avulso, e distribuídos nas duas camaras e pelo commercio da provincia.

O acto da Associação Commercial é digno de applauso. Se assim procedessem todos, não veríamos constantemente preferidos os interesses das provincias. Pernambuco, sobre todas, com o seu porto e a linha telegraphica, tem sido quasi objecto de escarneo dos poderes geraes.

## NOTÍCIAS.

## Chronica externa.

Em Portugal fizeram-se as eleições com socoço em quasi toda a parte. A opposição, como partido, absteve-se de ir á urna.

Tendo os jornaes hespanhoes annunciado que o governo de Madrid decidira em conselho propor el-rei o senhor D. Fernando para rei d' Hespanha, sua magestade declarou oficialmente que não acceptava a corôa de Hespanha, se lhe fosse offerecida.

O nosso governo communicou esta decisão ao governo hespanhol no seguinte telegramma, dirigido ao ministro portuguez em Madrid:

«Sirva-se manifestar a esse governo, que o rei D. Fernando, não podendo aceitar a corôa de Hespanha, no caso de ser eleito, não pôde receber a commissão que, segundo se diz, vem a Lisboa.»

Este telegramma causou desgosto e má impressão em Madrid tanto pelo fundo como pela forma.

Diz-se que Sua Magestade a rainha irá brevemente fazer uma digressão pela Europa.

Comemorou-se em muitos templos no dia 10, o quinquagesimo anniversario da primeira missa celebrada pelo papa Pio IX.

O Sr. Antonio Feliciano de Castilho também tem estado muito doente com um antraz nas costas.

A Hespanha extranha quasi ao equilibrio ou desequilibrio europeu e aos interesses internacionaes das grandes potencias, a Hespanha está chamando em primeiro lugar a attenção publica pelo theor que vão levando os seus negocios internos.

Os hespanhoes monarchicos, como as rãs da fabula, pedem um rei em altas vozes, e Jupiter não se compadece dos seus gemidos. Falharam as esperanças no Sr. D. Fernando. O duque de Montpensier parece ter-se retirado ou está fora de combate. Os republicanos levantam a cabeça. No entanto a commissão das côrtes de accordo com o governo deu á luz o seu projecto de constituição, que é, como todas as constituições, uma causa boa ou má, conforme os costumes politicos do povo que ella hade reger, e conforme a maior ou menor lisura, com que for posta em prática.

Em França o corpo legislativo occupa-se na discussão do orçamento. Um discurso do Sr. Thiers, em que fallou com toda liberdade do poder do Imperador e dos perigos da sua responsabilidade, promoveu a interrupção do ministro de estado e a confusão na assembleia.

Como a legislatura e tá a findar, é grande o movimento eleitoral, e nas proximas eleições a opposição conta levar um numero maior dos seus membros á camara. Continúa a repressão da policia contra as reuniões de Paris, e cresce por consequencia a exaggeração dos discursos, que n'ella são pronunciados.

No dia 5 do corrente deitou o papa a benção nupcial ao principe Roberto, ex duque de Parma, e a princeza Pia irmã do ex-rei de Naples.

Na Inglaterra no dia 8 do corrente o Sr. Lowe, ministro da fazenda, apresentou o seu orçamento para o anno corrente, calculando a receita em lb. 72,833,000. E a despesa lb. 68,223,000.

O Sr. Lowe disse que a despesa com a guerra da Abyssinia chegaria a lb. 9.000.000—e ainda que se tinham já votado lb. 8.600.000 para fazer face a esta despesa, ficava ainda para prover a somma de lb. 4.600.000, visto ter-se obtido em parte o dinheiro por meio de *Exchequer Bill*, de modo que os excessos da receita na importancia de lb. 4.632.000, ficava absorvido, restando somente a pequena somma de lb. 32.000 disponível.

O Sr. Lowe apresentou em seguida um novo systema de simplificar o serviço da arrecadação dos rendimentos publicos, e de tal forma que para Janeiro de 1870, calcula elle poder dispor de um excesso de receita de lb. 3.350.000 além das lb. 32.000, saldo existente, e por consequencia propunha uma redução em alguns impostos, e a abolição de outros.

Na Suissa tem havido algumas desordens, e manifestações dos operarios. Os typographos fizeram parade para pedir augmento de salario, e recusam trabalhar. Tem sido necessaria a intervenção da policia, e fizeram-se algumas prisões.

No Oriente reina em as pequenas ilhas Sporades do archipelago uma certa agitação contra os turcos por causa das medidas severas ou vexatorias de administrações, e talvez de tributos ultimamente adoptados pelo governo turco contra a aquellas populações tributarias da Porta.

Muitos habitantes se refugiaram nas montanhas e enviaram uma deputação ás potencias occidentaes, que já chegou á Inglaterra, queixando-se de que a Turquia lhes quer tirar a sua antiga autonomia. Pobre Turquia sae de um conflicto para entrar n'outro. Este porem não é de maior importancia.

Nos Estados-Unidos desmente-se a noticia da morte do ex-presidente Johnson dos Estados-Unidos, que todavia ainda continúa doente.

O congresso de Washington modificou uma lei feita contra o ultimo presidente, no sentido de que o presidente pode suspender os empregados sem dar os motivos e nomear-lhes successores, salva a sua reintegração no caso do senado não approvar.

Passou também um *bill* importante, que é o que estabelece que a devida dos Estados-Unidos será paga em ouro.

O general Lonistreet, que foi um dos partidarios do sul, foi nomeado perceptor das alfandegas de Nova Orleans, o que prova quanto estão apagados os odios da guerra civil.

## Chronica interna.

Do theatro da guerra há noticias até 13 de abril passado.

No dia anterior, 14, chegara o vapor *Alice* conduzindo S. A. o Sr. Conde d'Eu.

Eis os promenores da viagem do principe desde Buenos-Ayres até alli, e o que lá houve depois de sua chegada.

Sua Alteza chegou ao Cerrito ás 2 horas da tarde do dia 12 e dali expedio ao brigadeiro Portinho ordens, cujo theor se ignora. Oito horas depois estava em Humaitá, onde se demorou o dia seguinte, passando revista á guarnição, examinando os quartéis e hospitaes e inquirindo do estado da administração. Tendo visto alguns desgraçados presos que jaziam encarcerados havia tres e quatro annos sem se lhes haver ultimado o progresso, nomeou uma commissão para syndicar das causas desta inqualificavel crueldade e fazer prompta justiça.

No dia 14 ás 2 horas da tarde, o *Alice* dava fundo no porto de Assumpção, ao som de salvas reaes, e Sua Alteza depois de ter sido cumprimentado pelo estado-maior da força naval, desembarcou, dirigindo-se a pé á cathedral, onde a convite do coronel Hermes, comandante da praça, assistio a um *Te-Deum*, composição musical do mesmo coronel.

Sabendo da chegada do principe, o marechal Guilherme deixou Luque, onde estava acampado com o grosso do nosso

exercito, e veio á Assumpção n'um trem que desencarilhou ao dar n'uns paos postos sobre os trilhos, e a não ser a pouca velocidade com que vinha, talvez se dêsse alguma desgraça. Depois de uma larga conferencia com o mesmo marechal, general Polydoro e chefe de esquadra Eliziario, Sua Alteza expedio por um vapor, ordens alterando o plano das operações incumbidas á columna expedicionaria que se achava na villa do Rosario. Aproveitando uma cheia extraordinaria dos rios, resolveu também activar a exploração do Manduvirá, onde ainda se achavam os vapores paraguayos.

No dia 16 ás 7 horas da manhã devia Sua Alteza seguir para Luque e alli assumir oficialmente o commando do exercito, publicando uma ordem do dia bem patriótica.

Na Bahia trabalhava a Assembleia Provincial.

No dia 29 assumiu a administração da provincia o Sr. Vice presidente desembargador Antonio Lasdillão Figueiredo Rocha, por ter-se retirado para o senado o Sr. Conselheiro Barão de S. Lourenço.

No dia 28 á tarde a companhia de vehiculos fez a experiencia de dous wagons tirados cada um a dous animaes, percorrendo os trilhos assenados na extensão do largo d'Agua de Meninos até a baixa do Bonfim.

Assistiram á experiencia S. Exc. o Sr. Presidente da Provincia e diversos convidados, ficando todos satisfeitos.

Em Pernambuco estavam serenados os animos apôz a questão levantada pelos reaccionarios contra os padres estrangeiros.

O Exm. Bispo dirigiu ao povo uma energica e suasiva pastoral, e por sua leitura vimos que as cousas iam bem.

Continuava na assemblea provincial o debate do projecto do deputado Machado, soffrendo viva opposição.

O jornal *Oriente* resume assim um succulento artigo em que ventilou a questão do pronunciamiento publico nas ultimas occurrencias:

Hoje está já verificado, que a leva de cem, duzentos e trezentos jesuitas, que se espera ha tantos mezes da Europa, e expulsos da Hespanha, não é mais do que uma indigna burla, com que algum genio trefego e maligno buscou divertir a curiosidade publica.

Graça á providencia, a tempestade subita e rapida acha-se acalmada por uma mais prudente reflexão.

Lamentemos, portanto, o passado: esqueçamo-lo mesmo se é possível, e esperemos um futuro mais rasoavel.

Cumpra agora: 1.º á imprensa restabelecer a verdade, como já o tem feito, e dirigir por melhor caminho o espirito publico, ainda abalado; 2.º cumpra á honra do clero brazileiro dizer aos fieis seus conterraneos, que na Igreja não ha nacional nem estrangeiro; e que os sacrificios e os sacramentos officiaes pelo padre catholico, embora seja subdito do imperador da Turquia, são tão legitimos e sagrados como se foram officiaes pelo padre catholico, subdito do imperador do Brazil.

Falleceu ante-hontem ás tres horas da tarde, victima de uma congestão cerebral, e sepultou-se hontem no cemiterio publico, o Dr. Jeronymo Vileta de Castro Tavares, lente cathedratice de Direito Ecclesiastico em nossa Faculdade.

O finado deixou um nome illustre, que os pernambucanos honrarão eternamente, como uma de suas glorias litterarias e politicos.

Em quatro legislaturas, representou a sua provincia na camara temporaria, a onde a suas voz eloquente o fez admirado do Brazil inteiro.

Liberal de convicção, nunca transigio com os seus principios.

Foi um das victimas da revolução de 1848, e soffreu com resignação todas as consequencias della.

Desde algum tempo que uma enfermidade gravissima lhe minava a existencia, e apesar d'isto nunca abandonou a cadeira do seu ministerio.

Seu discipulos o amavam como se ama ao verdadeiro mestre.

O governo o tinha distinguido, conferindo-lhe o officiato da Ordem da Roza.

O seu enterro foi um dos mais solemnes que aqui tem havido.

O féretro, sobre o qual estava a borla e o capello do finado, foi conduzido á mão desde a igreja do convento do Carmo até ao cemiterio.

Uma multidão extraordinario acompanhou silenciosa e commovida os restos mortaes do illustrado pernambucano.

Havia pessoas de toda classe e cathedrias, desde a primeira autoridade da provincia até o simples artesão.

A Assembléa Provincial, que hontem aspendera os seus trabalhos, como signa de magoa por este triste acontecimento, ez se representou alli por uma commissão de cinco de seis membros.

As ruas por onde passou o sahimento estavam agglomeradas de povo.

O corpo magistral e academico comp a receu quasi todo, prestando assim solemne preito ao seu presadissimo collega e mestre, o que sobremodo todos louvaram.

Algumas pessoas pronunciarão discursos tocantes e eloquentes, que foram geralmente apreciados.

O primeiro batalhão de artilharia da guarda nacional fez as honras fúnebres á que o fallecido tinha direito.

## Chronica urbana.

São destituídas de interesse as noticias que por hoje poderíamos communicar aos leitores.

A imprensa acha-se calma; os circulos politicos, tranquillios; a saude publica, sem alteração; gosamos de paz interna.

Ressente-se o commercio de tal ou qual apathia pelas causas dominantes na situação.

Aproxima-se a quadra das festindades religiosas, havendo já começado na domingo anterior, pela solemnidade de Pentecostes, na cathedral, officiando pontificalmente o Exm. e Rvm. Sr. Bispo Diocesano.

Partirá brevemente para o Pará o senr. Antonio Cesar de Sampaio, distincto empregado de Fazenda, afim de occupar a inspectoría da alfandega para que foi nomeado.

O pouco espaço de que podemos dispor hoje na *Parte Religiosa* do jornal não nos permite continuar a publicação do artigo encetado em o numero anterior, que será inserto na secção competente do vindeiro numero.

Encerrando a chronica não nos podemos retirar hoje dos leitores sem transmitir nossos sinceros agradecimentos aos distinctos cavalheiros que tam obsequiosamente se tem dignado acolher nosso jornal.

Firmes no programma enunciado, envidaremos os possiveis esforços para bem cumpri-lo.

A imprensa periodica que com benevolos e animadoras palavras saudou a *Nação*, seremos gratos, si bem que reconheçamos muita bondade em seu juizo.

Rogamos as pessoas que não aceitam a assignatura, e a quem dirigimos circulares sejam promptos em responder-nos afim de sabermos com que somma de elementos dispomos.

## A NAÇÃO.

SÃO LUIZ, 25 DE MAIO DE 1869.

Triste e lamentavel successo!

Acaba o paiz de perder um cidadão prestante; a Igreja, um apostolo dedicado; a familia maranhense, um membro illustre.

Victima de atrozes padecimentos, que, mui rapidos, minaram uma saude robusta, deixou ao tumulo na manhã de 21 do corrente, o revd. padre João Joaquim Guimarães.

Pranteiam-no amigos dedicados, sua desolada familia, um rebanho inteiro, que o amava estremecidamente, como pai.

Caxias, sua patria, theatro de suas boas obras, verá em pezo lagrimas de saudade, se cobrirá de luto, e suffocará em amargurado pranto sua pungente dor.

Os campanarios de sua parochia soarão lugubres; e a alampada do sanctuario oscillará por instantes no recinto do templo.

O altar do presbyterio, deserto; o confessionario, abandonado; a tribuna, muda, indicando viuvez, trarão á memoria dos fieis a triste occurrencia que lamentamos.

Sua recordação, porém, será perenne, porque perennes foram os serviços pelos quaes erigiu monumentos de gratidão publica.

O revez, dado em tam precoce idade, amargurando os que tiveram a ventura de o conhecer e aquilatar seus peregrinos dotes, será mais um motivo de indelevel lembrança.

A morte, sempre terrivel, quando do campo florido da existencia ceifa uma flor, é injustificavel quando rouba da patria um luzeiro, e da Igreja um ornamento.

Altos e insondaveis são os segredos da Providencia! Curvemo-nos, pois, resignados aos designios de Deus. Fez-se, executou-se sua vontade soberana. Obedecemos.

Ainda no verdor e robustez da idade, com cinco e seis annos apenas, quando o porvir lhe acenava risonho, morreu! Sopra furioso o vendaval, não respeita, n'um jardim vasto, flores de prego, e em sua impetuosidade as arranca, e estraga á todas.

Quando servia ao estado com sua rigidez de principios, operando melhoramentos, occupando cargos publicos com desinteresse e dedicacão, é arrebatado com tanta cruza!

No inicio da vida publica, e já com posicão elevada, é, portanto, duplamente sensivel essa perda, que tarde será remediada.

Honrado com os votos de seus concidadãos, occupou successiva e accumulamente cargos de eleição popular, sendo eleitor de parochia, vereador de camara, e, ultimamente, membro da assembléa legislativa provincial em a actual sessão.

No parlamento provincial confiaram-lhe a cadeira da presidencia, em que se houve com distincção, sempre cercado de prestigio, consideracão, e estima dos seus collegas.

A mocidade muito fez. Nomeado pelo governo da provincia para os cargos de professor primario, e ao depois de delegado litterario foi incansavel em promover o melhoramento da educacão e gosto pela instrucção entre seus contemporaneos.

Tendo de occupar lugares no ministerio parochial, deixou o ensino publico, consagrando entretanto algumas horas ao ensino particular, onde sempre mostrou-se desvelado.

Dotado de não vulgar intelligencia, começou, entretanto, á cultivar a tarde, devido aos poucos recursos de que dispunha. Applicando-se, porem, seriamente aos estudos em breve fez o curso de humanidades e o de theologia que lecionava-se no seminario de Santo Antonio.

Prompto dos seus estudos, e habilitado para o sacerdocio, á que aspirava com fervor, foi ordenado de presbytero pelo actual exm. Bispo Diocesano no mesmo anno de sua chegada á esta diocese.

Sempre occupado no serviço da Igreja, oppoz-se á freguezia de S. Benedicto de Caxias, e, fazendo um brilhante curso, foi provido parochio collado na mesma.

No exercicio do cargo eminente e difficil de cura d'almas não repousou. Era o servo vigilante e o pastor bom de que nos falla o evangelho.

Do pulpito doutrinava com a palavra illustrada e seguida do exemplo na sua vida irreprehensivel; do confessionario exhortava; da cadeira de catechista preparava a infancia, e solidificava as plantas mais tenras da Igreja com o rudimental ensino das eternas verdades.

Era, em summa, um sacerdote exemplar, illustrado, dotado de virtudes solidas, geralmente estimado, e exacto cumpridor de seus deveres.

O que, porem, nos resta? a lembrança. Mas, o livro inspirado nos ensina que o justo não morre: sua memoria é eterna. Consolacão indizivel para a crença catholica.

Repouse seu corpo fatigado da romagem da vida no tumulo, ultima morada dos homens; sua alma goze no céu da beatitude reservada aos justos.

Chorem seus amigos a perda irreparavel, mas tributo certo á misera humanidade.

Ao sabio e virtuoso Bispo Diocesano, que lhe conferiu a unção sacerdotal, não foi menos sensivel a fatal perda de tam estimavel e benemerito sacerdote.

Durante sua curta enfermidade as palavras consoladoras do pio Diocesano segredaram-lhe aos ouvidos, muitas vezes por intermedio do seu secretario.

Sua Exc. Revm. á quem não são indifferentes os serviços do clero, maxime quando prestados com zelo e desvelo, muito sentiu o fallecimento do bom servidor da Igreja.

Dedicado como tem sido pela educacão e instrucção do seu clero, o illustrado Diocesano, viu ainda emmurhecida mais uma flor dos seminarios que com esmero cultivava.

Para dar uma prova significativa do apreço e estima em que tinha o illustre finado, Sua Exc. Revm. dirigiu-se á noite á casa do morto, fez-lhe uma encomendação, e junto ao seu cadaver levou ao céu uma supplica.

Foi sepultado seu cadaver no cemiterio da Misericordia em uma das catacumbas á direita do mesmo, sita na muralha de oeste, com o numero 21. E por uma coincidência foi esse o dia em que baixava ao tumulo pelas 8 horas da manhã.

Dedicados amigos encarregaram-se do seu enterro, que foi mui decente e concorrido. Compareceram grande numero de deputados provinciaes, membros de diversas classes sociaes, commercio, clero, artistas, empregados publicos, directores de collegios, e muitas pessoas gradas.

Descance em paz.

## POLITICA.

## DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

Concluindo o precedente artigo sobre a materia tam grave que nos propomos tratar, promettemos em o presente demonstrar as consequencias fataes da emigracão forçada.

E nos empenhando na exhibição de novos argumentos para discussão assaz importante, força é estabelecer previos principios, fundando distincções mui necessarias para conhecimento e intelligencia cabes do assumpto, nas quaes ficaremos, aguardando-nos para no seguinte proseguir.

Distinguem os publicistas duas especies de emigracão forçada, accidental e legal. A primeira, ou accidental a que resulta de calamidade superior á previdencia e recursos humanos; a segunda, ou legal a que é imposta na qualidade de pena.

Origina-se a primeira pelas causas já conhecidas e explicadas por um eminente moralista antigo, o discreto Seneca, assim compendiadas: a guerra estrangeira, a guerra civil, o excesso da população, as calamidades da natureza, a escassez do solo, o attractivo de mais farto ou benigno paiz.

Procede a segunda da sentença condemnatoria da autoridade civil, que, exautorando o cidadão do mais bello direito, a escolha de sitio para o estabelecimento e fundação do lar, fixa-lhe uma residencia contra seu talento, á seu pezar.

Na primeira e segunda dá-se verdadeira expatriacão; mas em uma há tal ou qual arbitrio na escolha de domicilio: em outra, uma residencia obrigatoria; á que o codigo criminal chamaria de grêdo.

O mundo antigo e moderno, em sua historia comparada, exhibem especimens de ambas, que exemplificadas se darão á melhor conhecimento.

A Grecia e Phenicia opulentas de reno-

me nos archivos militares e nos heroicos certames de Platêa e Salamina, assim como nos peados ancoradouros do Hellesponto e Pyréo, se engrandeceram pela emigracão forçada accidental.

Um notavel escriptor portuguez, seductor pela magia do estylo, como atrahente pelo vigor do raciocinio, fallando desta, assim argumenta sobre a fundação de Roma, que alicerçou-se nella:

«O asylo aberto no monte Capitolino aos criminosos da velha Etruria e aos foragidos Samnitas foi a origem verdadeira de Roma, primeiro tribu, depois cidade, depois estado, depois imperio, depois mundo.

«Quem não pasmará reconhecendo os descendentes de uma colonia de adventicios—salteadores, aventureiros, e escravos—n'esses invenciveis legionarios que repellem os gaulezes, absorvem o Lacio, vão de um lado além do Elbro, de outro além do Danubio; supplantam a fortuna de Anibal, refazem o caminho de Alexandre, e não cabendo já na Europa firmam na Africa e na Asia as aguias victoriosas?»

«Quem não se tomará de assombro, conclue elle, vendo surgir das brechas Tiberinas, inculto ninho de malfeteiros proscriptos, a metropole do universo pagão e do universo catholico, a eterna capital dos eternos monumentos, a esplendida mansão dos Cesares e dos Pontifices?»

E não poucos e raros outros exemplos poderíamos citar si acaso ao leitor não enfadasse. Basta, porem, lembrar-lhe o recente da insurreição dos fenians, que na Irlanda creou um foco de emigrantes.

E, por sem duvida, mui natural ao homem, como ás nacionalidades, abatar á sós, ou com suas bagagens, quando importunados por causas imperiosas que os comprimem nos lugares de sua estado.

Agora da emigracão forçada legal. Esta, nascendo com a penalidade, não se apresentará de nobre e elevada origem. Pode, é certo, produzir beneficios, até um tempo bons apparentemente, porem duradouros jamais.

A historia nos appresenta excepções, mas estas são notas perdidas no espaço que não produzem harmonia.

Alijando em ignotas plagas centenas de reprobos, a justiça criminal tem em vista, operando o de grêdo, amputar da sociedade gangrenados membros para não deteriorarem e corromperem o restante do corpo.

A Inglaterra exportando para a Australia os criminosos politicos, a França revogando o edicto de Nantes; Portugal, algemando no porão das galeras a homens que deveriam vera claridade somente nos de grêdos da Africa; essas nações, julgando com severidade, entendiam dever privar-se desses individuos para quem julgavam perdida a esperanca de emenda ou rehabilitação.

E' facto, porem, que algumas regiões onde acimou-se a emigracão forçada o legal deram algum fructo, o que será acaso devido ás circunstancias de penuria, verdadeira calamidade e situação precaria, que levariam o emigrante á tenacidade no trabalho para não sobrevir-lhe a morte.

Deve ter o homem como movel do trabalho uma causa nobre, uma origem sublime, que, desenvolvendo os seus recursos e capitais o habilita perante a sociedade como laborioso e honrado.

O galé, ou forçado publico, pode erigir monumentos para sua ou alheia gloria, mas com a argila ou cimento amassados com lagrimas ninguem se notifica.

As cidades dos Pharaós e dos Cesares, estendidas em vasta área, af-

seadas com gigantescos artefactos das mãos humanas, cingidas de fortes muralhas, e semeadas de tantos e prodigiosos edificios, levantados pelas victimas do cativo ou degrêdo, solaparam em breve sua grandeza, e o estridor de suas ruínas provocou risos sarcásticos dos que tinham levantado motivos de tamanho orgulho para seus edificadores, e lagrimas de compaixão dos que almejavam transmittir seus nomes nesses monumentos de marmore embora mas perecíveis.

A Australia, que, na expressão d'um erudito escriptor, fôra a vasta penitencia da Inglaterra, e com a qual esta potencia amedrontava aos mais endurecidos criminosos, é ainda um dos poucos, senão o unico proveitoso exemplo, da emigração forçada legal.

Deve, porém, esse incremento á raças locais.

Quando em 1788 o capitão inglez A. Philips despejou em Botany-Bay os 800 convicts que levava o que encontraram elles nessa região?

O mesmo escriptor o diz: «O sitio era infamado de febres; a vegetação na maior parte desconhecida; o paiz infestado de hordas intrataveis e crudelissimas, sem nenhuma lei, sem nenhum Deus, á infima raça talvez na escala humana!»

Pois bem. Cruzassem sobre os peitos as mãos, como o sybarita do deserto; esperassem que os paiz se desinfectassem por si; que a vegetação surgisse espontaneamente, produzindo o alimento, o vestuario, as drogas medicinaes; que as hordas fugissem sem provocação, ou convivessem sem o reciproco alago e commercio; que ellas se policiassem, se civilisassem, praticassem um culto, conhecessem o verdadeiro Deus; que essa infima raça subisse ao glorioso pedestal reservado ao homem por suas qualidades moraes. . . Podiam esperar, que a regeneração social jamais foi expontanea senão trabalho acurado de seculos.

Foi o que se deu. Alem do genio emprehendedor britanico, laborioso, economico, pode-se ainda attribuir ao remorso, nervo seguro que sustenta e retempera as forças abatidas.

A Australia progrediu, devido ás necessidades que actuavam no paiz, e as que emergiam com o crescimento natural das populações. E logo que desenvolveu-se o trabalho, que este á seu turno amenizava a natureza rude do paiz, as lagrimas do exilio e os ecos d'alma, transpondo o atlantico, iam abrandar os corações e enternecer os ouvidos dos parentes e amigos, que voluntariamente se vieram associar á esses infelizes.

Proseguiremos.

## RELIGIÃO.

O PASSADO, O PRESENTE, E O FUTURO  
DA EGREJA BRAZILEIRA.

### I

Visiveis signaes de um alto designio da Providencia asselam os factos que os annaes humanos registram na epocha do descobrimento do Brazil.

Um reino de passado opulento de glorias está no apogeo do engrandecimento quando tam maravilhoso e providencial successo veio dar-se.

Um monarcha respeitavel por seus nobiliarios titulos de grandeza heraldica, e não menor por sua intelligencia e instrucção admiraveis preside os destinos dessa monarchia vetusta na prioridade dos tempos, porém joven na marcha do progresso.

Uma revolução atroadora, que deslocaria as crenças e as instituições annuava os horizontes politicos. Lutherio rumina a reforma.

Famosas descobertas e aperfeiçoamento de inventos assignalaram esta epocha como a mais gloriosa do espirito huma-

no sob tam felizes auspicios é dado o passo do descobrimento do Brazil no precedente numero vimos.

Havia uma idéa, dominadora no tempo, e que em todos os successos cunhava o timbre que a distinguia e caracterizava. Era a idéa religiosa.

A religião, poderoso alicerce dos imperios, unico sustentaculo das instituições, base segura da publica prosperidade, havia condusido Portugal n'uma escala ascendente de triumphos.

Pequeno, no meiodia da Europa, era colossal na Asia, e Africa, e ia engrandecer-se na America.

Para seu engrandecimento, porém, se não deydéra afastar dessa via que o tinha encaminhado por tam esplendida marcha.

As chagas do Christo, impressas no escudo da corôa portugueza, seriam triumphantes por todo o orbe.

As aguias romanas não projectaram mais altaneiros voos, nem obtiveram mais gloriosas regiões em que pousassem.

Era mister que o labaro mysterioso, apparecido há seculos por sobre as colinas romanas, surgisse venturoso em novas plagas, e creasse novos crentes.

E a religião do Calvario ia soffrer. Filhos rebeldes bradavam revolta dentro dos arraiaes catholicos, operando uma seisão. O protestantismo nascia.

Foi quando a armada portugueza, suspendendo ancora do pardacento leito do Tejo ia á novas descobertas.

Um monumento, erguido pelo sabio e poderoso rei, que, harmonico ás crenças dos contemporaneos attestasse aos posterios a religiosidade de então, marcou na historia a era de successo tam succulento.

Aos 9 de março de 1500 parte a esquadra expedicionaria, e sempre impellido pelas correntes oceanicas, em demanda da terra almejada, aos 21 de abril um ponto alveja no horisonte, era um raio de esperança, que no posterior dia se verificou em realdade, avistando-se á oriente semelhança de terra á feição de um monte.

Foi o oriente, designado na visão do futuro, lida na mente dos prophetas, o lugar indicado para o nascimento do Christo: era no oriente que despontava o novo sólo destinado á dar, pela geração fecundada pela palavra evangelica, novos filhos que deveriam povoar o redil do Christo.

Foi n'um monte, que suspenso o Filho do Homem atrahiu á si todas as gentes, e arvorado no cimo dessa culminante montanha deveria, na phrase do sublimado Izaías, allumiar o universo, com os reverberos desprendidos em fulgurantes restes de luz: era um monte, que surgia do leito espumoso do atlantico, e sobre cujo cabeço deveriam os afoutos argonautas plantar o madeiro da redempção.

A liturgia sagrada da Igreja vinha impôr o sello da religião nas conquistas maritimas, e o calendario romano dar nome ás recém-conhecidas plagas.

Apellidam á montanha; monte paschoal, porque eram no oitavario da solemne festividade da Paschoa do Senhor.

Celebraram na antiga lei os descendentes de Jacob a santa paschoa em comemoração da miraculosa passagem do mar rôxo. E os porvindouros com essa mesma solemnidade, nos páramos do oceano, descobriram novos mundos.

Era um monumento erguido pela tradição, o da tremenda mortandade dos primogenitos de Israel: e também morriam para a vida espirital os sectarios da reforma que então apparecia.

Ou coincidência, ou providencia, os factos davam-se com essa naturalidade á que o commun appellida, ordem das cousas.

Os argonautas tinham ante si uma terra ignota, cujos contornos ennuviados pela neblina e exalações maritimas se lhe afiguravam ilha, e a denominaram ilha da vera Cruz.

A imposição de nomes ás regiões descobertas trazia sempre consigo a idéa da religião, alligando-se ao dia em que foram e se iam dando os descobrimentos.

As solemnidades religiosas confirmavam e auctorisavam os descobrimentos, officiendo sempre o ministro do Cruci-

ficado nas aras sacrosantas o sacrificio inerte da augusta Missa.

O nome do humilde frei Henrique passará á posteridade ennobrecido com o nome de Cabral: a rude estamenha de um será ao lado da agaloadá farda do outro.

A religião e a patria sempre foram irmãs, fundadas e geradas pelo mesmo Creador. A pretenciosa politica dos manicheistas modernos poderá esmagar á quella no intuito de elevar esta, porém seus cálculos falham, porque são erradios.

O abaixamento de crenças provem do falseamento da politica. Um só é o código pelo qual se deve instruir e educar ao genero humano: esse código é o evangelho.

E o evangelho harmonisa a religião e a patria, mas não as confunde. Eis o escolho onde baqueam, de ordinario, os politicos contemporaneos.

Os novos paizes, que opulentiavam Portugal foram descobertos sob a influencia da Cruz, que plantou-se no sólo virgem da America meridional.

Proseguiremos.

## A VERDADEIRA RAZÃO DO PROTESTANTISMO.

Discussão das duas opiniões.—M. Guizot.—Suas contradições.—Reputa-se 1.º pela razão—2.º pela historia.—

«Qual será a razão geradora do protestantismo? serão os abusos segundo peñsa Bossuet, ou uma libertação do pensamento, uma grande insurreição do espirito humano como quer M. Guizot?»

Forão estas as interrogações que fizemos em o ultimo numero deste jornal.

Crêmos que a decisão não será cousa muito facil.

Entre dois homens tão distinctos como M. Guizot e Bossuet, quando se trata de assumptos meramente litterarios, as apreciações divergentes sempre são summamente arriscadas e graves.

Contudo arrimado em o testemunho constante da historia, e nas opiniões de homens não menos eminentes vamos aventurar algumas ideas.

Crêmos que M. Guizot, não tem razão; 1.º por cair em gravissimas contradições em o longo de sua these; 2.º por se oppor sua opinião á razão esclarecida; 3.º por ser contra o testemunho eloquente da historia. Vamos por partes.

§ 1.º suas contradições.—Diz M. Guizot que o protestantismo foi uma libertação do pensamento, uma verdadeira insurreição do espirito humano.

E porque essa libertação, essa insurreição? Porque, responde elle, a Igreja dormia o sono da inercia, era completamente estacionaria.

«Bem! continuamos, essa inercia, esse quietismo da Igreja, que tanto escravizava o pensamento, e oprimia o espirito de insurreição, seria ou em seus dogmas, ou em sua politica.

Si em seus dogmas aceitamos a inercia. E' exactamente a immobildade dos dogmas que constitue o nosso alto padrão de gloria: e é a variabilidade delles entre os protestantes, que es ha de arrastar a voragem do aniquilamento.

Os dogmas são verdades supremas: a verdade não muda: e neste sentido a Igreja é sempre a mesma, sempre immutavel.

Variabilidade nos dogmas! que absurdo! os dogmas são verdades reveladas; e como envelhecerem, ou estar sujeitos á acção do progresso humanitario? Os dogmas são verdades eternas, que encerradas no livro mysterioso do Apocalypse feixado com sette sellos, não podem ser profanados pelo dedo humano.

Os dogmas mesmo na profundeza de seus mysterios, nos archanos de sua incomprehensibilidade são leis universaes e perpetuas, derramando ondas de harmonia no elo da unidade immensa do universo.

Para que, pois, esta absurda e impia accusação contra a Igreja? Quem diz dogma diz verdade immutavel. A reli-

gião que não tem dogmas é obra humana, mas a christam (e sómente ella) é divina, logo tem dogmas, e é immutavel neste terreno.

Accusar a por este motivo já não é cousa nova. A gentildade, os Celso os Porphyros e Julianos, ha muito que desempenharão este papel, e que por pertencer a tragedia hydrophobica, já não sóbe mais a scena.

Diz M. Guizot, que a Igreja era estacionaria, inerte, e que o espirito é essencialmente progressista insurreccionou-se, que o pensamento é completamente livre e libertou-se.

Bem! Não insurreccionou-se sinão os oprimidos; não libertou-se sinão os captivos: mas a Igreja não podia escravizar sinão pela intolerancia, nem opprimir sinão pela prepotencia politica.

Porem M. Guizot, nega em termos bem claros, que a Igreja no tempo da reforma fosse tal! E' incrível este modo de argumentar em um homem illustrado como Guizot, confessamos, entretanto a transcrição de suas palavras mostrará a verdade do que affirmamos.

«Não é verdade, diz elle, que a corte de Roma no seculo XVI fosse tyrannica; não é tambem exato que os abusos, nesse tempo fossem mais numerosos, e fortes, que em tempo algum: e pelo contrario, jamais o governo ecclesiastico foi tão facil e tolerante.»

A insurreição do espirito á libertação do pensamento (o protestantismo) não foi tambem devida á causas politicas; porque segundo a confissão clara de M. Guizot, Roma nesse tempo já não tinha dominio algum, a Europa, não lhe pertencia mais, e limitando-se apenas a um apparato externo desejava que ninguem a incommodasse.

Como, pois, comprehender-se a argumentação de M. Guizot?

Em um lugar a Igreja é inerte, é estacionaria, facil, indulgente tolerante, sem influencia politica, noutro o espirito rebella-se, a intelligencia liberta-se. Mas contra quem esta acção hostil?

Por este modo de argumentar de M. Guizot, os seus racionos, depois de apurados, dão o sustentar elle que a reforma bateu-se com sombras, julgando ser com a Roma papal.

M. Guizot, entretanto não vem a estes apuros; e fazendo as suas ideas passarem pelo leito de Procasto, para se ajustarem ao fim que tem em mira, limita-se a accusações vagas, que cheirão á declamação, e sem exprimir qual seja o sóo pensamento a respeito dos dogmas, gasta largo tempo a dizer que Igreja era inerte, estacionaria, e que o espirito humano sempre progressivo insurreccionou-se e o pensamento absolutamente livre libertou-se.

§ 2.º Não tem razão M. Guizot segundo as apreciações imparciaes da intelligencia esclarecida.—Collocado o illustre philosopho no terreno das reerimnações vagas de inercia, estacionarismo & . . . lançadas sobre a Igreja em geral, nós os catholicos temos muitas vezes alçado a viseira e combatido sem temor; porque não é possível que esta Igreja simmentado no sangue do Cordeiro eterno la no topo da montanha, seja estacionaria e retrograda. Ella que possui todas as verdades, et Spiritus sanctus docebit vos omnia; ella sempre resplendente no cimo do monte derramando luz pelos vales e outeiros, guiando os passos dos que tateão pelas sombras da morte; ella que segundo a promessa infallivel de Christo, deve ser eterna no triumpho contra o erro; ella que substituiu a columna luminosa dos desertos, para ser um mar de fogo, o sol visivel de a outro polo; ella que é Sinai e Sião. . . meu Deus. . . ou Christo não é Deus ou Guizot mentio na accusação que fez. Não é possível que esta Igreja tão sublimada, contra a qual, segundo o disse Jesus, jamais prevalecerão as trevas, oh! não é possível que a Igreja, esta pasmoza obra da omnipotencia infinita, pare, e o homem passe por diante.

Não é possível que o homem va e ella fique.

§ 3.º Não: ahi esta historia como o idolo de cem boccas para attestar esta

verdade pelas correntes dos quatro ventos; para gritar como o bramir da tempestade, que a Igreja foi quem civilizou o mundo, que ainda o civilisa, que a sua obra ainda não está completa; que ella implantou um marco alem; assignou á humanidade dizendo marchai e eu vos amparei; marchai. . . A humanidade tem marchado, porem ainda não tocou a meta, e a Igreja ainda não deixou de a amparar.

Ahi está a historia dizendo que o primeiro brado contra a escravidão, uma das maiores chagas da humanidade, saio do santuario da Igreja do Christo.

Só ella soube ensinar a igualdade profligando a demagogia, a fraternidade sem o communismo, a liberdade sem a licença: estes problemas eternos da humanidade só a Igreja os pôde resolver e ensinar.

Não; por uma vez o digamos: M. Guizot é muito injusto em sua apreciação e a Igreja nunca foi estacionaria inerte, e por consequencia a opinião do illustre escriptor, relativamente a these que discutimos é, erronea.

Qual será, pois, a verdadeira? será a de Bossuet, que sustenta serem os abusos a causa do Protestantismo?

Proseguiremos.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Nossa Senhora da Conceição

(Igreja da Capital.)

Aos 31 de Dezembro de 1743 na Igreja do Rosario dos Pretos, achando se presente o Escrivão da Irmandade de N. Senhora da Conceição Ignacio Henrique Ribeiro, o juiz e todos os Irmãos da mesma Irmandade, foi proposto, «por certas razões, desconveniências e desconmodos que haviam tido com os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario, donos da Igreja em que estava sita e posta a sua imagem da Conceição» que se determinasse fazer uma capella á dita Senhora da Conceição, para o que querião concorrer com suas esmolas, e com o trabalho de suas mãos, ao que todos forão contentes, e assim o prometterão fazer e assignarão.

Passados trez annos, pouco mais ou menos, José Pereira á 17 de Dezembro de 1747, na Igreja do Rosario dos Pretos, onde ainda então se festejava a Senhora da Conceição, estando presentes o Zelador da mesma Irmandade padre Antonio dos Santos e mais Irmãos disse «que havia dado dois chãos, onde se achava já principiado o templo para a Senhora da Conceição porem que os havia dado e offerecido á dita Senhora com a condicção de serem elle doador e toda sua descendencia se pultados na dita Igreja e outro sim de serem os Irmãos obrigados á acompanhá-los.»

Com estas condições acceitarão e se obrigarão os ditos Irmãos presentes e vindouros á dar cumprimento e execução a esse termo «que não se podia revogar em tempo algum.»

Sem cousa alguma digna de menção correrão os annos até que José Gomes assignou em Meza um contrato com a Irmandade da Conceição na Igreja do Rosario, a 8 de Setembro de 1760, ajustando com os Irmãos da mesma «o acabar em dous annos na sua capella tudo quanto fossem obras de carapinteiro e pedreiro, exceptuando o arco principal e frontispicio para o que se obrigarão a dar mestre ferreiro afim de fazer toda a ferragem que necessaria fosse tanto des-

te feito como de. . . que se fizessem á dita Senhora na mesma obra, levando o contratante em conta no fim d'ella, e para o que teria de receber, todo gado vacum e cavalari, que se achasse com a marca e signal de Nossa Senhora da Conceição á saber: aquelle pelo preço de 750 reis por cabeça e este pelo de 2:400 reis por cabeça, para no fim da obra se fazer abatimento d'elle, conforme a quantidade que se achasse, e recebeu mais em dinheiro provincial 103\$750 reis.»

Em 1864, a meza administrativa da mesma veneravel Irmandade que então regia os seus destinos, vendo o lamentavel estado da Igreja, que já ameaçava ruina, resolveu nomear comissões para sollicitarem o obulo dos fiéis, afim de conseguir-se fundos sufficientes a fazer-se uma obra quasi radical. Dos membros nomeados nessa occasião apenas os Srs. Pedro de Souza Guimarães, Franklin Jansem Serra Lima e José Manoel Vinhaes se encarregarão de tão justa como santa missão, os quaes em poucos dias conseguirão o seguinte resultado:

O Senr. Pedro de Souza Guimarães obteve. . . Rs. 316:000  
Os Snrs. Serra Lima e Vinhaes . . . . . 739:890

Rs. 1:055\$890

Neste tempo já o incansavel Thezoureiro da Irmandade o Sr. Major João Marcellino Romeu estava a testa dos primeiros reparos do Corpo da Igreja com os diminutos recursos da Irmandade e com quantias que adiantou, para no futuro lhe serem restituídas, o que effectivamente se deo.

De conformidade com o compromisso, foi convocada uma sessão geral, não só para a precisa authorisação das despesas, como para tomar outras providencias, e entre ellas a de lançar-se mão do patrimonio da Irmandade que era, e ainda é de 4:000\$000 reis em apolices da divida publica, do juro de 6% nas quaes se não tocou.

Reunida a assemblea geral, presidida pelo Sr. João Rodrigues d'Oliveira Santos, depois de tratar-se de diversos assumptos, á requerimento do Irmão o Sr. Antonio Bernardino Jorge Sobrinho foi nomeada a seguinte comissão.

José Manoel Vinhaes  
Pedro de Souza Guimarães  
João Marcellino Romeu  
Franklin Jansem Serra Lima e  
Domingos Gonçalves Branco, a que forão concedidos amplos poderes e um voto de confiança para ella fazer e deliberar o que entendesse mais conveniente á bem dos interesses da Irmandade e do culto divino.

Fazendo parte da comissão o Thezoureiro da Irmandade, forão-lhe logos entregues pelos primeiros comissionados as quantias já arrecadadas, e deo-se principio as obras geraes em 16 de Junho de 1864, as quaes findarão com a benção dada pelo Exm. Sr. Bispo Diocesano em 8 de Fevereiro de 1865.

Nomeada que foi a comissão pela meza como já dissemos, principiando as obras geraes sobre sua direc-

! Aqui o papel está com as letras muito sumidas. É impossível o ler-se.

ção, entrou ella em um peditorio pela população desta capital, que produziu um resultado de 1:783\$290 reis, tambem entregue pelo commissario Pedro de Souza Guimarães ao respectivo Thezoureiro.

O commissario Vinhaes obteve d'alguns amigos do interior uma somma de 213\$890 reis, como se acha publicado no Jornal Paiz e igualmente entregou ao commissario Thezoureiro.

Ainda se promoveo um beneficio no Theatro, concedido pelo prestigador Links, que rendeo livre 481\$000 reis.

Dos cofres Provinciaes conseguiu a comissão que lhe fossem dadas as seguintes quantias; pelo Exm. Vice Presidente Desembargador Ayres do Nascimento 2:500\$000 reis, pelo Exm. Sr. Desembargador Leitão da Cunha 2:00\$000 reis, e pela lei do orçamento de 1865, foi votado. . . 1:200\$000 reis para um paramento, que chegado de Lisboa por pedido do commissario Vinhaes e pelo mesmo entregue, livre de comissão lhe foi pago pelo Thezouro Provincial.

Abriu-se mais um largo em frente da Igreja e fez-se novo alpendre que importou em 2:027\$530 reis, e com isto se derão por ultimadas as obras, não por que não se carecesse de outros melhoramentos, mas pela falta de recursos para a continuação d'elles.

Damos pois em resumo a seguinte demonstração:

Despesa de todas as obras. . . . . 13:838\$126  
Receita incluindo o rendimento da Igreja. . 13:454\$453  
Saldo a favor do Thezoureiro. . . . . 383\$673

Assim desempenharão os membros da Comissão o encargo, que lhe foi conferido pela Meza Geral.

Assim corresponderão de maneira muito louvavel ao voto de confiança que lhes foi dado.

Hoje ahi está a modesta Igreja de N.S. da Conceição muito acciada, renovada com elegancia e gosto, e provando que no meio de tanta corrupção e descrença ou impiedade ainda ha almas verdadeiramente christãs, que abandonando os seus commodos e interesses, se dedicão de coração ao culto da verdadeira Religião.

Maranhão—Maio—1869.

Dr. Cezar Augusto Marques

## LITTERATURA

### Historia abreviada da poesia.

(Continuação.)

EUROPA.

Sendo esta a mais civilizada das cinco partes do mundo, occuparmos-nos d'ella em primeiro lugar.

### Antiguidade.

GRECIA.

A Grecia que na linguagem d'Anon foi: «birth place of science, freedom's noblest shrine; pela belleza e amenidade de seu clima foi tambem onde primeiramente florio, e tomou maior desenvolvimento a poesia e todas as bellas artes. A terra classica do patriotismo, do amor marcial e scientifico, chamou-se tambem a patria da poesia. Os primeiros monumentos que no ullimo genero apresenta ella, são

os poemas Orphicos, assim chamados de Orpheo, um dos mais antigos poetas lyricos, e filho, segundo a mythologia, d'Apollo e Clio. N'elles a fabula está ainda bastante obscura, e como que abafada pelo espesso manto da natureza tradicional; relatar-vos-hão uma cosmogonia pesada e informe; mas ahi não ouvireis dos labios graciosos da virgem morena e olhos negros, sentada no cume do Hellas, com as faces douradas pelos raios do sol grego, um canto d'alma, que, como o de Sapho, por Phaon, respire amor e soffrimento.

Deparareis depois com o divino Melesigenes, sublime menestrel, que errante e pobre compoz dous poemas que ainda hoje fazem a admiracão do mundo litterario. Melesigenes chamava-se o vate, porem em uma de suas viagens, passando por Cumas, os habitantes denominarão-no—Homero—que quer dizer—cego. (1)

Seos poemas são a Iliada e Odyssea, partos gigantes do espirito humano, que alguns acreditarão ser impossivel ter sido feitos por um só homem, chamando, por esta razão—mytho,—á Homero; porem hoje é um facto provado pela critica sã e judiciosa, não só sua existencia, como tambem a authenticidade dos citados poemas.

Depois de sua morte, alguns homens que se dizião seos descendentes, empregarão-se em entoal-os nos jogos publicos por quase toda a Grecia, e por esta cauza forão chamados rapsodistas ou cantores. D'elles foi que Pisistrato colheo, e collocou em corpo de obra, esses admiraveis versos que compoem os poemas do celebrado filho de Smyrna: sendo depois corregidos pelos mais sabios criticos e grammaticos da antiguidade.

Hesiodo seu contemporaneo, e distincto pela doçura de seu estylo, apresentar-vos-ha os *Trabalhos e os Dias*, poema pastoril e agricola. «Era na Chalcida. A seus festins funebres, Ganiector convidando todos os cantores celebres, chamava Amphidamas; e jogos solemnes acabavão de apasiguar os mánes paternos.» «Hesiodo ainda joven e Homero proecto, disputavão o preço dos cantos harmoniosos.» (2)

Mas qual não foi a estupefacção geral ao ver-se Hesiodo corôado? A razão? É simples. O velho, que presidia as cantatas, não sendo creado nas lides bellicas, achou inuteis os versos de Homero; porém achando bellos os de Hesiodo, e conhecendo sua utilidade por tratarem dos prazeres campestres, victoriou-o. Tal é em sua integra o facto do triumpho alcançado por Hesiodo; contudo, simples e bello, no seu genero é digno da veneração da humanidade.

Apparecem depois: Pindaro, auctor de odes entusiasticas aos heroes gregos. D'elle diz Horacio: (bd. lib. IV.)

Monte decurrens velut amnis, imbres  
Quem super notas aluere ripas,  
Fervet, immensusque ruit profundo  
Pindarus ore.

Anacreonte lyrico distincto. Na lingua portugueza temos uma bellissima traducção de suas obras pelo grande poeta A. F. de Castilho, a quem nos

(1) J. S. W. Introd. Remarks ou Hon. and his mores.

(2) Millevoy. —Poesies.

sa lingua e litteratura muito devem. De seus traços biographicos e leitura de sua lyrica colligimos, que Anacreonte era bonacheirão; e pelo seguinte facto ver-se-ha que não era ávido de ouro.

« Havendo-se elle uma occasião hospedado em Samos, em caza de Poly-crates, estes deu-lhe uma bolsa com cinco talentos (cerca de doze mil cruzados.)

Passou o poeta toda a noite incommodado, e sem conciliar o somno, phantasiando mil castellos. Corre ao aposento de Poly-crates, quando a aurora está ainda em duvidas de se erguer, e acordando-o sobre-saltado: « Guarda teu ouro, amigo, » lhe diz elle, « quero mais ao dormir do que as riquezas. Midas mereceu as orelhas que os Deoses lhe poserão, e Danae, se alguma couza deu ás opulências de Jupiter, não foi a delicia de dormir, nas horas em que as estrellas estão rociando somno por toda a terra? » (3)

Alceo, Sapho, (dos quaes temos muito bem transladas para o nosso idioma, pelo Sr. Visconde d'Almeida Garrett, diversas poesias) e Corina são insignes na lyrica.

Archiloco, que foi o inventor dos versos jambos, ou satyra pessoal; diz por isso Horacio:

*Archiloco proprio rabies armavit iambo.*

Thespes, que no tempo de Solon inventou a arte dramatica; ou as representações theatraes.

Sophocles, Euripides, Eschylo auctores tragicos, e dramaturgos eminentes.

Theocrito, Bion e Moscho celebres no genero pastoril. Simonides no elegiaco e epigrammatico.

#### ROMA.

Esta grandiosa cidade, que principiou sendo covil de bandidos e raptos, participante de duas naturezas humana e leonina, que com braços ferreos cercava o mundo então conhecido, não confiou sua gloria somente as armas; nella vigoravão genios que ainda hoje causão respeito e admiração.

Podemos dividir sua historia em trez epochas: a primeira expressamente militar, desde sua fundação até o governo de Julio Cezar; a segunda militar e litteraria d'este tempo ao reinado de Nero, ou mortes de Seneca e Lucano; a terceira philosophica, d'ahi a conversão de Constantino. Da primeira nada diremos porque n'ella apenas divisamos a pallida estatua do velho Minio, da terceira quando ja a lingua e costumes achavão-se corruptos, seria inutil fallarmos; tratarem-se por isso da segunda que nos diz respeito.

No reinado de Augusto, seculo de ouro da lingua e litteratura latina, foi que Roma provou a belleza e magestade de seu idioma para toda a sorte de poesia.

Entre os grandes poetas d'esta epocha divisa-se Virgilio, firme e eterno, como uma montanha erguida no meio do Oceano, n'uma mão sustenta a Eneida, com a outra aponta para o futuro; e a onda que bate ca montanha repete este verso por elle outr'horas e outrens consagrado:

mo no T. de Castilho. — Lyrica d'Analogo.

« *Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.* »

Virgilio, sendo filho d'um oleiro, vio pela primeira vez a luz n'uma pequena aldea junto a Mantua.

Sua puericia passou no campo em recreações pastoris, onde *patule recubans sub tegmine fagi* era elle visitado pela silvestre muza. Em Napoles estudou, e depois com a protecção de Augusto estabeleceu-se em Roma até sua morte, que teve logar em Brundisio quando pretendia viajar pela Grecia e Asia menor. Os ossos d'este grande homem forão a seu pedido transportados para Napoles antiga Parthenope, onde um loureiro ainda ha pouco cobria seu tumulo.

Fallemos agora de seus escriptos, pois d'elle possuímos a Eneida, as Georgicas e as bucolicas.

Quanto ao estylo é encantador, e d'uma perfeição, que ainda ninguém excedeo. Um sabio escriptor francez diz: « *Virgile! Ce mot reveille toutes les idées de la belle poesie.* »

A Eneida, que relata, depois da destruição de Troya, a viagem de Eneas para a Italia e a collocação de sua familia no torono do Lacio, é uma produção gigantesca. Virgilio nessa composição collocou-se a par d'Homero, a quem sempre imita, e algumas vezes superou-o; e seu poema foi para Roma, o que para os Gregos foi a Iliada. As Georgicas e bucolicas, rivalização com as melhores composições de Hesiodo ou Theocrito.

A incomparavel tradução que de suas obras fez o distinto poeta maranhense e classico da lingua portugueza Manoel Odorico Mendes, merece aqui especial menção.

Horacio foi o pae, pelas musas coroado, da poesia lyrica e da epistola na cidade dos Cezares. Estudava elle em Athenas, quando passando Bruto para o governo da Macedonia, levou consigo alguns mancebos esperançosos, em cujo numero foi tambem o poeta; mas tendo largado o escudo e fugido miseravelmente na batalha de Philippos, voltou para Roma, onde por meio de amigos alcançou a amizade de Augusto contra quem pegara em armas.

Era mui bem reputado em Roma, e querido da corte, porem gostava mais de viver em uma sua quinta chamada Tivoli; e onde nos tempos modernos, compoz Ariosto alguns cantos do Orlando.

Para julgar seos escriptos, basta repetir-mos o que já disse um auctor: « Sublime sem emphase na maior parte de suas odes, delicado nas que não podem elevação, terno quando censura, judicioso quando louva, sabio até mesmo quando irrita se, pensa sempre finalmente; e sua expressão iguala quase sempre a subtileza de seus pensamentos. » (4)

Ovidio natural de Sulmona, imaginação rica e bella, porem um pouco monotonico. O Sr. A. Castilho verteo como costuma suas Metamorphoses.

Lucano auctor da Pharsalia, genio precóce que foi victima da tyrannia de Nero. O Sr. J. F. de Castilho tem traduzido alguns cantos de seu poema, e oxalá que elle dê-nos uma tradução completa do talentoso filho de Cordova.

(2) Nouvelle Biblioth. d'un homme de gout. — tom. I.

ção completa do talentoso filho de Cordova.

Lucrecio auctor do poema *De rerum natura*, onde encontrão-se mui bellos pedaços lyricos.

Catullo, Tibullo e Propercio distintos elegiasticos.

Seneca e Plauto tragico e comico. Petronio, Persio e Juvenal satyricos.

D. A. Martins Costa.

#### NOTICIAS.

##### Chronica externa.

—Em França o marechal Niel, em resposta ao Sr. Ernesto Picard, no corpo legislativo, insistio na necessidade de conservar os grandes commandos militares.

—E' destituida de fundamento a noticia da viagem da imperatriz e do principe imperial ao Egypto, por occasião da inauguração do canal de Suez.

—O imperador dirigio uma carta a Mr. Rouher, manifestando o desejo que tem de conceder uma pensão de 250 francos a todos os antigos militares da republica e do imperio, por occasião das festas de 15 de agosto, anniversario do nascimento de Napoleão I.

—O jornal *La France* diz que existem proximo da fronteira vascongada algumas partidas carlistas, as quaes parece esperarem ordens para atravessar os Pyreneos.

—Abriu-se uma subscrição para um monumento a Lamartine.

Em a Inglaterra foi nomeado ministro da Italia em Londres o Sr. Cadorna.

Refere o seguinte o correspondente de Lisboa para o *Jornal do Commercio*:

« Algumas pessoas que viram a estatua de D. Pedro IV no arsenal, acham-na bem sculpturada, mas nada parecida com o imperador. Uma dellas refere a seguinte anedocta: Em 1833, poucos dias depois de entrar em Lisboa, o Sr. D. Pedro passava a pé e só, segundo o seu costume, pela rua do Loreto. A loja onde está a de papel do Sr. Verissimo José Baptista, na mesma rua, era de papeis pintados, para forrar casas, e o dono tinha a porta um retrato do imperador em lithographia, dos primeiros que vieram feitos em Pariz.

D. Pedro, então não conhecido do vulgo, parou á porta, sorriu-se e perguntou para dentro de quem era o retrato.

—E' do imperador o Sr. D. Pedro, responde o caixeiro, e muito me admira que o não conheça.

—Pois olhe que o conheço, e lhe digo que não tem pareença alguma.

—Ora essa! retruca o caixeiro, digo-lhe que é do imperador, e que está muito parecido.

—Julga assim? Pois insisto, e tenho motivo para afirmar que não se parece nada.

Entretanto acode o insigne pianista João Domingos Bontempo, que atravessava a rua e era conhecido de Sua Magestade, tirou respeitosamente o chapéo, e sendo o principe logo conhecido, rompem os vivas dos circunstantes, obrigando D. Pedro a retirar-se precipitadamente.

Imagine-se a confusão do caixeiro. Ficou pregado no sitio onde estava sem abrir a bocca, sem mover-se até que as vaías das turbas, informadas do occorrido, o fizeram esconder no fundo da loja.

O retrato mais autentico do imperador foi o que tirou o distincto artista. Primavera do qual extrahio cópias o Sr. Mauricio José Sendim, reproduzidas depois em profissão pela lithographia. Ainda ha alguns expostos a venda.

##### Chronica interna.

—Inaugurou-se na cidade do Recife uma sociedade de academicos com o fim de discutir pela imprensa e pela tribuna a litteratura e o direito. Na eleição a que se proceden os varios cargos sahiram eleitos os Srs. Joaquim Nabuco, presidente; José Leandro, vice-presiden-

te, Ramos Pimentel e Plinio de Lima, 1.º e 2.º secretarios; Carvalho Moreira, orador; Miranda Ribeiro, thesoureiro. Na proxima discussão entrará a these sorteadá ao Sr. Carvalho Moreira: *Qual dos chefes da montanha seria o mais apto para fundar a liberdade em França?*

S. Exc. o Sr. vice-presidente da provincia de Pernambuco animado do desejo de ver progredir o azylo de mendicidade, estabelicido nesta cidade, acaba de nomear, por portaria de 26 de abril ultimo, uma commissão composta dos Srs.: barão da Soledade, commendador José Pires Ferreira, e Drs. José Joaquim de Moraes Sarmento, João da Silva Ramos, e Fellippe de Figueirôa Faria, afim de, em harmonia com a presidencia, escolher e preparar o edificio em que deve funcionar o azylo, confeccionar o preciso regulamento, e providenciar não só sobre a organização do respectivo patrimonio, como sobre tudo mais que lhe disser respeito, de forma que possa elle prestar-se ao fim á que é destinado.

Como todos sabem, em 1857, uma commissão de pessoas gradas desta cidade, sem caracter official, promoveu uma subscrição que montou á alguns contos de reis.

Em 1859, quando aqui esteve S. M. o Imperador, uma commissão official foi organizada, e esta obteve subscrições realisou para mais de 50:000\$000.

A' esta commissão entregou aquantia por ella agenciada; e as sommas unidas e com os juros de dos até agora, devem ter produzido capital superior á 80:000\$000.

S. M. o Imperador installou o azilo em uma das salas do hospital Pedro II, onde tem sido até hoje conservado sem incremento.

A lembrança do Exm. Sr. Dr. Manoel do Nassimento Machado Portella, vice-presidente da provincia, é á todos os respeitos feliz, e de alguma forma dá a medida do enpenho que tem S. Exc. de ver Pernambuco na vanguarda das provincias do Brasil, suas irmãs, em adiantamento de todo o genero.

A necessidade de desenvolvimento desse pio e caridoso estabelecimento, é tanto mais palpavel, quanto mais dolorosa e cressida é a população que o deve occupar, produzindo um trabalho util, que actualmente está longe de concorrer para o seu incremento e o do paiz.

##### Chronica urbana.

—Fomos obsequiados com o primeiro numero da *Juvenilia*, publicação litteraria, que apparecerá aos domingos.

Bem escripto, a *Juvenilia* offerece momentos de amena leitura, e merece toda a animação dos que sabem apreciar as produções do talento, e aacoeçar os primeiros passos da juventude no lidar das lettras.

Saudamos á *Juvenilia*, e bello futuro lhe desejamos.

—Vae começar o trezenario do glorioso Santo Antonio de Padua, cuja popular festa entre os dous povos irmãos é sempre celebrada com esplendida pompa.

A execução das novas musicas, compostas expressamente para esta solemnidade, pelo insigne maestro portuguez, a illuminação nova, os fogos de artificio, além da veneração em que é tido o bemaventurado thaumaturgo, attrairão numerosos devotos.

—Amanhã terá lugar a tradicional festa de Corpo de Deus, para o que fez a illustrissima municipalidade os convites do costume, juntamente as autoridades religiosas e civis.

—Trata-se entre nós de realizar uma *Empresa Predial*.

Deus proteja os patriotas instituidores de tam util associação.

A este respeito diz o *Paiz*, bem informado como é: Os interessados na criação desta companhia não esmorecerão; porém, precisando de certo esclarecimento que pedirão do Rio de Janeiro e de outros trabalhos, só para julho se poderá realizar a idéa.

Typographia—Perseverança—rua do Giz, Imp. por Jesuino J. C. Marreiros e Sá.

## A NAÇÃO.

SAN'LUIZ, 2 DE JUNHO DE 1869.

### O NOVO PRESIDENTE.

Acaba o governo imperial de fazer uma acertada escolha, nomeando presidente do Maranhão ao Exm. Sr. doutor Braz Florentino Henriques de Souza.

Nomeações como esta é que honram ao governo, ao povo, e ao nomeado; ao governo por eleger homens de merito, illustração, e independencia para cargos elevados e difficeis como a administração de uma provincia; ao povo, porque reponha e confia na guarda e execução da lei; ao nomeado, porque é honrado com uma posição á que lhe dam direito seus merecimentos.

O Exm. Sr. doutor Braz Florentino Henriques de Souza é um desses cidadãos á quem são poucos quaesquer elógijs que lhe tribute a imparcialidade.

Basta memorar seu passado, e avaliar seus merecimentos para inferir-se do valor de sua administração, ou pelo menos presumir-se da somma de beneficijs que della poderá originar-se.

Profundos estudos de jurisprudencia e sciencias sociaes collocam S. Exc. no peristilo dos mais eminentes estadistas do paiz. De illustração mui variada e abundante é um homem vasado nos mais depurados moldes para a vida administrativa.

E depois, os trabalhos litterarios com que S. Exc. tem enriquecido a bibliothica do direito patrio, civil, e ecclesiastico, collocando-o em uma altura invejavel de insigne litterato e jurisconsulto, dam-lhe no Pantheon brasileiro um nome de gloria e de successo.

Conhecemos algumas produções de tam illustre escriptor, seus estudos sobre o *Recurso á corôa*, *Casamento civil*, e a volumosa e succulenta obra sobre o *Poder moderador*, que além da ortodoxia dos principios, realçam pela erudição, somente conquistada pela força de severos e proficuos estudos.

Parlamentar distincto, orador fluente, e escriptor de gosto apurado e eloquente, S. Exc. reúne o raro e esplendido triumvirato da illustração, do talento, e da eloquencia.

E' o sabio administrador á quem aprouve ao governo imperial confiar os destinos do Maranhão, e por tam festejado successo enviamos aos nossos comprouvianos os mais jubilosos parabens.

Orgulhe-se, portanto, nossa bella provincia de que possuirá um presidente digno de si.

### Á ASSEMBLÉA PROVINCIAL.

Abriu-se hontem o corpo legislativo da provincia.

Depois de um anno, ali vêm os eleitos do povo continuar nos seus arduos trabalhos dos melhoramentos publicos.

Nesse longo praso devem ter seriamente meditado nas necessidades que carecem remediar e prover.

E' melindrosa nossa situação por qualquer lado que se a encare.

Todas as medidas, que por ventura hajam de adoptar os legisladores devem ter como ponto de partida as finanças da provincia.

O thesouro publico será o thermometro pelo qual devem pautar os seus actos.

Falto de monetario, e exaustas como se acham as fontes da receita, e sobre-carregado o povo de impostos, que dia por dia crescem por sua reprodução, difficuldades são essas que embarçarão na presente quadra o cabal desempenho do mandato legislativo.

Serios estudos demanda á situação da provincia, que não pode continuar nesse estado de apathia e extagnação.

Por outro lado os ramos da administração publica, de que deve curar a assembléa, não são lisongeiros.

A instrução publica, base da futura prosperidade de um povo, é escassamente distribuida ás massas.

Raream as escholas pelo vasto territorio da provincia, e as poucas existentes são frequentadas por diminuto numero de alumnos, computando-se a população.

A agricultura, fonte de riqueza solida e perduravel, está abatida e desanimada, e não conta com o auxilio do poder.

Necessitamos de um banco rural, que á longos prazos faculte capitães aos lavradores, de escholas agricolas, que á razão do povo persuada dos melhoramentos que deve adoptar, de engenhos modelos que, como na França e na Belgica, sejam viveiros de bons feitores.

A religião, unico sustentaculo e garantia das instituições, como da boa fé, dos costumes, e da moral publica, achase-se estremecida por causas que longo seria apontar, salta porém á vista a ausencia de templos.

Os templos da provincia, com rarissimas excepções, são pardieiros ou palhoças, que contrastam com a sublimidade do culto á que se destinam, e com o caracter augusto e divindade provada da religião do Calvario.

A' uma voz, todos os annos, sempre, dizem os relatorios da presidencia essa verdade cruel ás creanças do povo, mas nem por essa affirmação reiterada ainda foi melhorada a sorte d'elles.

A estatistica criminal augmenta, como augmentam as delegacias e subdelegacias de policia, e juizados de paz: no entanto, se não encontram no interior prisões para repressão dos criminosos, nem meios de levar á rehabilitação á essas almas perdidas.

A mesina cadea da capital é má e necessita de organização disciplinar.

O systema penitenciario entre nós é desconhecido, o trabalho nas prisões ignorado, quando deveriam as prisões ser centros de trabalho, e a antithese do ocio.

A navegação á vapor de longo curso e de cabotagem se não desenvolve nas forças e proporções da provincia.

O Maranhão, pela uberidade do seu sólo, por suas vias de communicações faceis, por seus caudalosos e muitos rios, podia ser o celeiro do norte do imperio, mas não o é.

Os braços fluviaes, arterias do gigan-

tesco territorio que possuímos, são uns obstruidos com madeiros encravados no alveo, outros por barrancos que diffcultam o transito.

As communicações vicinaes mui imperfeitas, umas demasiado longas pelas tortuosidades e máo plano que presidiu á sua abertura, outras gastas pelas invernações; e em muitos pontos nem boas, nem más as temos.

E' o quadro synoptico das nossas necessidades, á que poderíamos adduzir outras si por ventura não fossem de intuição facilima.

Nos dirão que á muitas o corpo legislativo não pode e nem é de sua competencia curar.

Reconhecemos. E' do dever, porém, dos eleitos do povo acorçoar os melhoramentos, discutil-os, e adoptal-os quando se appresentem ao conhecimento do parlamento.

E entre nós abunda o patriotismo, o desejo de engrandecer a provincia, e diremos mesmo é já radicado o espirito de associação que há produzido o que de melhor temos.

Eis para o que chamamos a attenção dos dignos representantes da provincia.

Ilumine Deus o seu recto espirito e esclarecida intelligencia para curar dos interesses da provincia, que os constituiu mandatarios de um sublimado dever.

O Maranhão tem direito pela illustração dos seus filhos á marchar na vanguarda das outras provincias, acompanhando-as nas grandes empresas, á fim de no futuro á ellas egualar-se em prosperidade.

### O RECRUTAMENTO FORÇADO.

Não é raro lerem-se nos jornaes de todos os credos politicos narrações de factos praticados pelos agentes da autoridade publica contra o recrutamento forçado que se faz no sentido de enviar mais reforços ao exercito em campanha para a sustentação dos brios nacionaes e conclusão da guerra.

Examinar si os factos dão-se taes como relatam os periodicos, revestidos de circumstancias ás vezes graves, oppressoras, não é nosso intento; por que em tam acalorada celeuma difficil será descobrir a verdade, quando accaso levantem pretextos para eximir-se de um tributo que se deve pagar, embora seja elle caro.

A' mesma autoridade cumpre syndicar dos factos, prevenir as calamidades, e praticar a justiça distributiva.

Os povos devem ter confiança nos agentes do poder; estes, obrar rectamente, ter por alvo a prosperidade publica, encarar os governados como pessoas charas, leval-os antes pela persuasão que pelo gravame, ou mesmo pela rude e lateral determinação legislativa.

O recrutamento nunca foi um mal, o abuso d'elle, porém, como o abuso de todas as cousas é que o converte em timivel arma de perseguição.

Somente recruta-se á quem está no caso de beneficiar ao paiz, ou policiando suas cidades no exercito permanente, ou defendendo sua honra quando atacada por inimigos.

No primeiro caso é um serviço relevante que accarreta a gratidão publica; no segundo, um sacrificio heroico, um serviço assignalado, á que não ha remuneração possivel.

A' soldados valerosos, que não recuam nos combates, morrem no ardor da lucta, ou triumpham victoriosos com

honradas cicatrizes, só há um premio, o da immortalidade na historia.

O bronze e o marmore se hão empenhado em estampar em relevo com o trabalho do buril e cinzel os immortedouros feitos de exercitos e capitães famosos que pelejaram em defeza da patria.

Ahi vem o tempo que gasta e consome as saliencias de um e de outro, que apaga a esculptura, reduzindo tudo á lisa superficie da materia prima, e consumindo o trabalho bello e applaudido das inspirações do artista.

As turbas que passam de balde procuram ler e interpretar os caracteres apagados, que memoraram tam assignalados feitos. Nada vêem, nada enchem.

A pedra eterna na solidão da praça é explicada e lida aos transeuntes, que sabem pela relação de outros o que é o arco de Tito ou a columna de Trajano.

E o que é destes hoje vetustos monumentos será amanhã dos primorosos trabalhos que compõem o Caroussel, a Estrella; e altaneira Vendôme.

Tudo passa: só una immortalidade existe, a da historia. Caracteres eternos jamais se apagam. Ella, disse-o Cicero, aluz da verdade, aos porvindouros apontará as lides e triumphos alcançados pelas contemporaneas.

O homem aspira á immortalidade, por que a morte eterna, que acaba com o fardo oneroso do corpo, quando corrompido e extinto pela dissolução, só é partilha dos seres irracionaes.

O infinito é a sublime aspiração do finito, eis sua idéa grandiosa, sua importancia, sua derradeira meta.

Ainda que a lousa do sepulchro, limosa pelo tempo, sem inscripção, sem ornato, confunda o jazigo do genio com o da nullidade, a fama perdura sem haver mordaca que a comprima.

Além da pedra erguida na vasta área do cemiterio, além da columna levantada na praça publica, accaso vaidade mundana, que hoje attrahe curiosas vistas, amanhã indifferença, depois olvido, ha o monumento da historia, vivo sempre, severo, e grave.

Somente ella burla os feitos de maneira imperecivel, e de algum modo assegura a immortalidade.

E por que aos homens, sequiosos de cobiça em tudo, se perdem momentos, annos, seculos, sem que uma pegada de gloria se imprima na arena de tantos gladiadores?

Digam os ociosos, á quem o amor da gloria não conceita á algum feito illustre, que pesada existencia é essa, si cumprem os destinos do homem, creado para o trabalho?

Expliquem o facto de procurar-lhe o renome, e elles sempre á esquivar-se, sempre á fugir como de objecto incommodado.

Ao correr da penna succedem-se estas expressões, que accaso serão futeis aos demasiado sabios, mas necessarias aos pouco cuidadosos do futuro.

Brados pungentes atroam o ar com lamentos bem sensiveis á que solta mais de uma victima do recrutamento forçado.

Aqui é a mãe que em sua ternura chora o filho, que vai morrer ao desamparo; ali o velho pai que também lamenta compungido em auge de dor um dos seus mais queridos amores.

Não é muitas vezes a ausencia do arrimo, de que ficam privados, a razão do pranto, da dor, ou da angustia, não. Outros ficam no lar para consolo domestico.

A morte se lhe antolha como negro fantasma; a aguiara do soffrer, as privações do lidar, o fim tragico dos momentos derradeiros, eis o que assalta á finii-

das mentes, á cerebros mui apprehensivos.

Como se enganam. A vida é nada, a eternidade é tudo.

O mundo, dizia Tertuliano, é um vasto cemitério: por toda a parte a idéa da morte se estampa: a temos sempre diante dos olhos.

Pois bem, não trabalhemos, por que a morte é certa. Não se arroteem mais os campos; deixe-se o cardo substituir á seara: não procuremos a medicina; deixe-se a morte exercer seu fatal domínio: não abramos livro: deixe-se a ignorância assaltar a intelligencia.

O fatalismo não poderá ir mais longe, nem dar mais arrojados passos, nem produzir mais perniciosos erros.

Entregue-se o homem á tam illogicos principios, que descerá da sublime penha de força, de razão, e de gloria, em que collocou-o Deus, e si nivellará ao bruto.

Receiando tudo, acareando os menores obstaculos, fazendo imperar preconceitos, avolumando sem razões onde deverá imperar o raciocinio, será no universo um zero, devendo ser um tudo.

Peçam os pais a saúde dos filhos, queiram sua prosperidade, sonham futuros, realisam planos caprichosos só na imaginação, e aponta-se-lhes o caminho da gloria, repellem, feixam os olhos, e preferem a ociosidade improficua do lar.

A mocidade se passa, as cãs succedem as louras madeixas da juventude, os annos consumiram as forças, o corpo se abate fatigado, não do trabalho, por que não o houve, mas por que a inercia também estraga, e por necessidade dos tempos há na vida humana um marco miliario.

Olha-se para o passado é um campo êrmo, onde cultura japais houve, e por consequencia sem plantio, sem messe.

Nada há que colher em annos perdidos. E por ventura existirá maior fadiga para o espirito humano, dotado de actividade, do que arguir-se sobre as obras que fez, ou deveya fazer, e como resposta obter um esteril *nada*?

Pó é o homem, dizem as sagradas letras, mas esse pó, na expressão do profundo pensador A. Vieira, é levantado ou caído, isto é, vivo ou morto. Quando levantado, produz, com a ventania, turbilhão, redemoinho, nuvens. Quando caído, é pó, e nada mais.

Cumpra ao homem ser turbilhão de idéas, redemoinho de obras, e nuvens de fertilidade e abundancia.

Somente desse modo executará seu destino á face da terra: cumpre, por tanto, trabalhar.

Legenda que deveya burillar-se em todos os utensilios da immensa familia humana, fôra esta: *Trabalhai!*

Sugere-nos estas considerações o natural horror que soube annihar-se no povo ao recrutamento ou serviço do exercito, causando, muita vez celestia a mesma prevenção contra o trabalho militar.

Não há razão, porque a carreira das armas é uma das mais brilhantes e auspiciosas.

Homens há de humilde nascimento, mas que rapidos e não interrompidos triumphos levaram ás primeiras posições, angariando para si e para os seus avantajadas recompensas.

E não é só gloria individual o alvo unico que se deva procurar nas lides: há um dever mais nobre, mais sublime, que á seu turno impelle á sacrificios desses.

E' a patria. Ellá que nos offereceu um berço alcatifado de flores, um sólo ferece, e um dia archivará nosso corpo alquebrado do lidar, guardará eterna lembrança dos eternos beneficios.

Há, porem, sem embargo de tam convincentes razões um obstaculo que apavora e apprehende sinceramente o espirito publico, é a maneira de operar-se o recrutamento.

Repouzam os povos na esperanca de encontrar da parte das autoridades toda a justiça: esta não deve fugir-lhe, ou apresentar-se-lhe com as cadeias da servidão, e da oppressão.

Os agentes do poder encarregados de executar o façam-no com moderação e equi-

dade. Não é violando o lar domestico, furajindo á cidadãos pacíficos, opprimindo á uns, e flagelando á outros que se obterá bons resultados.

Há uma lei que se deve guardar com sagrado respeito, há conveniencias sobre as quaes se não deve saltar.

Recrute-se á quem está no caso de sel-o, e deixe-se em paz á quem a lei exempta. A confusão destes principios, a oppressora e arbitraria transgressão da lei, redundando em clamorosa injustiça, provocam o menospreço das mais acrysoladas virtudes, enervam o patriotismo, e acarretam graves prejuizos ao paiz.

Na imposição e cobrança desse imposto, por isso mesmo que é oneroso, haja a mais rigorosa justiça.

E para que é o recrutamento forçado? Para a defeza dos brios nacionaes.

Pois bem, peze o tributo sobre todos, reparta-se-o com egualdade. Uma só é a patria de todos nós: commun, portanto, deve ser o sacrificio.

Conceda-se treguas ao espirito partidario. A voz das facções seja muda em assumpto tam importante. O governo seja a garantia da justiça.

E deess'arte o recrutamento forçado não será oppressão, porque não haverá clamores, nem reclamações.

E os que não desejarem ir recrutados alistem-se nas briosas phalanges dos voluntarios, que sempre foram compactas e heroicas.

Assim acabar-se-ha o recrutamento, que substituirá á prompta resposta ao appello da patria; porque é facto que nasceu o recrutamento quando morreu o patriotismo.

## RELIGIÃO.

### A VERDADEIRA RAZÃO DO PROTESTANTISMO.

Discussão da opinião de Bossuet—Impossibilidade de satisfazer ella as exigencias da logica — Solução da these.

#### III.

Vimos pela apreciação logica da opinião de M. Guizot, que não obstante a elevação de seu genio, jamais poderá animar a sua estatua sempre muda e queda a seus reclamos.

Passemos agora a examinar a opinião de M. Bossuet, sobre o mesmo assumpto.

Já vimos, pelo trecho da —Historia das Variações—, publicado em o nosso primeiro artigo, que o illustre Bispo dá como razão do nascimento do protestantismo os numerosos abusos que então devastavão o mundo catholico.

Com effeito este campo é fecundo, e a messe segura.

Quem ler os escriptos de Erasmo, do Demosthenes allemão (Ulrico Hutten) não poderá deixar de soltar um brádo de espanto, contemplando o acervo de abusos que, como um rio caudaloso, se erguia turgido, desde os thronos até a humilde choupana; como uma corrente impetuosa que, em os alteamentos de suas ondas, arrastava tanto o baculo como a espada; tanto a penna do litterato como a charrua do humilde agronomo.

E os concilios de Basileia e Constança, illustres assembleas ecclesiasticas reunidas para extirpar abusos, e onde se ergueo com tanto impeto, a voz de Pico de Mirandola (1), são provas tão eloquentes, que dispensão as nossas palavras de quaesquer commentarios.

Sendo, pois, tão numerosos e grandes os abusos, a ponto de ser difficil dar-se um passo sem tropeçar nelles, todos desejavão e trabalhavão em promover medidas efficazes, todos, desde o Summo Pontifice até o aldeão, todos suspiravão por uma reforma.

Porem reforma que extirpasse os abusos, sem despedaçar o laço da unidade, sem arrancar as sanctas crenças, os principios solidificados pelo constante

ensino da Egreja, estribada na revelação catholica.

A reforma veio, porem não com esse caracter de bonança e providencia, não como a procella branda, sonora, derramando harmonias, que depois de agitar os ramos, para arrancar os miasmas infectantes, passa deixando tudo na quietude da paz, fruindo a placidez da sanidade.

Não; a reforma veio, foi o protestantismo, porem veio com impeto e bravesza desmedida, veio como bulcão inundando tudo de incendidas lavas, veio como tempestade horrorosa, despedaçando as selvas, arrancando annosos troncos, devastando as searas e alimárias, derramando apoz-si o horror, o susto, a consternação, as lagrimas e imprecações assematorias.

Houve homens de espirito por demais fogoso, que secundarão esses grandes movimentos; e a sua frente ergue-se destemido Luthero, primeiro em arvorar o pendão da revolta.

O protestantismo e Luthero peccarão gravemente. —O protestantismo não é reforma e sim uma grande heresia.

Luthero não foi reformador, foi um grande heresiarcha, um apostata.

Entretanto parece que, em summa, se pode dizer, que a verdadeira razão do protestantismo forão os abusos; forão elles que derão lugar ao nascimento dessa superfetação, verdadeiro monstro.

Assim, pouco mais ou menos, discorrem os partidarios da escola de Bossuet, juntamente com o illustre chefe.

A m'or parte dos historiadores se inclina para este modo de pensar, relativamente á questão que nos occupa.

E' incontestavel que a escola em todos os sentidos é formidavel: e não é muito facil brandir-se a espada de arguente contra ella.

Com tudo feitos os devidos protestos entramos em discussão, e o leitor apreciará.

Creemos que assim como Guizot não teve razão, assim tão bem Bossuet a não terá, e vejamos. —

Creemos firmemente que o protestantismo não deve o seu nascimento aos abusos que então se davão.

A historia dos concilios celebrados pela Egreja desde os tempos primitivos parece-nos ser argumento irrefutavel, em favor desta proposição.

Sempre que a Egreja se reuniu nessas assembleas respeitaveis foi para fulminar grandes abusos—ergo abusos sempre houve; e por consequencia não podem formar razão bastante solida, á produzir movimentos tão extraordinarios como os que constituem o protestantismo.

Temos ainda a considerar, que se fossem os abusos a razão do nascimento do protestantismo, deveriamos concordar, qua, extinctos elles, a reforma protestante immediatamente deixaria de ser, por falta de base.

Ora os abusos foram cabalmente fulminados e extirpados pelo concilio Tridentino; e entretanto a reforma protestante permanece ainda bastante ousada, disputando palmo a palmo o terreno conquistado: signal evidente e logico que a sua razão é outra, que não os abusos, segundo pensa o illustre Bossuet.

E de facto: si percorremos, mesmo ligeiramente, a historia do protestantismo veremos que elle attentou menos aos abusos que a outras cousas.

Por que, se trata-se de cobiça, uemguem mais immundo e sordido que o protestantismo; se trata-se de despotismo ninguem mais despotico, mais tyrannico que elle; si de licença, nada mais torpe, immoral, e cynico que elle; se de fanatismo ninguem levou essa chaga da humanidade a mais noventa estado de putrefacção: em summa, não houve dilirio imaginavel que o protestantismo deixasse de preconisar com a pratica e theoria. (2)

Foi por este motivo que n'um momento inspirado pelo inferno a reforma protestante disse, com assombro da humanidade: *os meritos de J. Christo são infinitos; lavão todas as manchas: pequenos, por consequencia, e pequenos muito; porque quanto maiores e multiplicados forem elles mais usaremos das graças de Jesus Christo e será prova evidente, que muito apreciamos esses meritos e graças.*

Ora se o protestantismo não atacou um só dos abusos e antes os divinisou, é claro que a sua razão de nascimento não vem dos abusos em sentido de opposição.

E foi isto que M. Guizot, por uma feliz inconsequencia, confessou, dizendo ser falso que no tempo do nascimento da reforma, fossem os abusos mais clamorosos que em tempo algum. A asserção é veridica: prova-se com a historia dos concilios.

Qual é pois a verdadeira razão do protestantismo?

Entre os modernos lidadores, dois grandes vultos, o Padre Ventura e Balmes, já responderão a esta interrogação, dizendo que a historia do protestantismo é a historia do erro, que a sua razão é sempre a razão do erro; a revolta do principio de orgulho contra o principio de subjeição e authoridade.

E' real: e vede que o protestantismo não atacando os abusos, imprega todó o seu afan em proclamar e firmar a completa independencia intellectual, independencia absoluta da Roma papal (isto é, da authoridade) o livre exame da Biblia, etc.

E' por este motivo que vemos na historia Luthero, nada obstante querer se inculcar de grande reformador, ser apenas um instrumento de que se serve uma idea antiquissima; e eis pelo que apenas dá elle o grito de alarma, não se pode mais sustener em pé, e é levado de rojo por uma força que não vem d'elle.

Si fôssemos a fazer a historia do protestantismo, seria necessario remontar até a revolta dos anjos e vir depois ao paraizo terreal.

E' ahí que elle entra nos destinos da humanidade.

Nossos pais fruirão a paz e a bonança de uma vida calma e pura.

Veio o espirito da soberba e poz-se a a increpar: por que não comeis de todos os fructos se sois livres? porque a Authoridade nol-o prohibio, responderão elles.

E' verdadeiro engano d'elle, é falsidade retorquido Satanaez, tomai do fructo e comei; que vos importão preceitos absurdos e cavilosos? *Cur precipit vobis Deus ut non comederetis de omi ligno paradisi?* (Gen—c. III)

O *cur* (por que), pronunciado no principio da sociedade humana, foi incontestavelmente a primeira chispa lançada contra o principio de respeito e submisão, principio de authoridade, elemento necessario para nossa existencia moral, e inherente a naturez humana.

Um dia também Jesus pregando na Judéa dizia: *quem não comer de minha carne e beber de meo sangue não terá a vida eterna: e aquelle que come de minha carne e bebe de meo sangue este permanece em mim e eu nelle.*

Imediatamente o espirito de revolta ergueu-se tumido de raiva e soberbia. Não se curvou a authoridade infinita do Filho de Deus, e gritou: como assim? como será possível comermos de sua carne e bebermos de seu sangue? Este é impostor, é mentiroso, *Litigabant Judei ad invicem discentes: quomodo potest hic nobis carnem suam dare admanducandum? Durus est hic sermo quis potest eum audire* (Joan. VI.)

Imediatamente soprou a tempestade da revolta tão forte, que muitos de seus discipulos o deixarão.

historia do protestantismo. Quem desajar pleno conhecimento leia entre outras obras notaveis: Bergier Dic.—Theol.—Balmés protest. comp. Bossuet. Hist. dos V. Rorbarcher. Hist. Ecc. Un. t. 7.

(1) Pico de Mirandola em o concilio de Constança fallu contra os abusos de um modo frenetico e desabrido.

(2) Compreendemos que todas estas proposições necessitam de demonstração; mas attenda se que nós não fazemos a

Depois vem a pregação dos apóstolos, e a repetição do mesmo facto, e assim continuamente através dos séculos desde Simão Mago divinizando-se a si, até Herman, pregando o extermínio de todas as autoridades.

O protestantismo, pois, foi um facto conhecido desde muito; foi a repetição do que se deu em cada século passado, apenas com caracteres especiaes, que recebeo, segundo as circumstancias da atmosphera que respirou.—

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### São João.

Igreja da capital

—Não sabemos quando foi feita esta Igreja.

Encontramos na *carta de dacta* de terras a João Duarte da Costa pela Camara em 14 de Maio de 1723 estas palavras. . . na rua que corre do Cruzeiro de Santo Antonio pelo adro da Igreja de São João.

Ver-se-ha pelo seguinte, que ainda é mais antiga.

Pela Provisão Regia de 20 de Dezembro de 1736, tomada em consulta do Conselho ultramarino, forão confirmados os capitulos do compromisso, apresentados a S. M. por parte dos officiaes e soldados da Infantaria da praça de São Luiz do Maranhão, irmãos da confraria do Bemaventurado São João Baptista, sita em uma capella, que erigirão.

Nessa provisão se refere o dizerem os peticionarios, que com o Governador Rey Vaz de Siqueira erigirão, *ha sessenta annos pouco mais ou menos*, uma capella, do Bemaventurado São João Baptista, e n'ella constituirão sua confraria e irmandade, não concorrendo para ella senão os *filhos da folha*, ainda que ao depois concorrerão alguns irmãos devotos com suas esmolas separadamente.

Para esta edificação a camara concedeo o terreno necessario.

Foi aqui cumprida em 20 de Julho de 1738 pelo Governador e capitão General João d'Abreo Castello Branco por alcunha o *cavallo velho*, e em 12 de Novembro do anno seguinte pelo Bispo D. Frei Manoel da Cruz com esta declaração— «Cumpra-se como S.M. que Deos Guarde manda, no que não prejudica á nossa jurisdição ordinaria que por direito nos pertence.» porque na Provisão Regia se dizia, «que esta confraria era leiga, da immediata protecção de S. M. na forma da lei do Reino, e disposição de direito; e por ter sido feita pelos Governadores, cabos de Guerra, soldados, era isenta e não devia ser vexada pe-ordinario com questões sobre contas e actos de vizita.»

Foi reedificada e á concorrência dos fieis aberta em Julho de 1812 com todo o aparato militar começando nesses dias as novenas.

A trez annos pouco mais ou menosahi si fiserão grandes obras; e então deitou-se por terra uma casinha, anexa a Igreja, moradia do sacristão ficando assim exulada inteiramente.

Quando se intentou calçar o largo, a Irmandade pediu permissão á camara Municipal afim de remover á sua custa para o da *Praça de Alegria* o chafariz da companhia *Anil*, que ali se achava.

Em 9 de Abril de 1867 a camara

dirigio-se ao Presidente da Provincia pedindo-lhe tal licença, que lhe foi concedida no dia 11 do mesmo mez nos termos da lei n.º 537 de 30 de Julho de 1859.

Maranhão—Maio—1869—

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### MEZ DE MARIA.

Não há devoção mais attractiva, mais edificante, e mais popular que a celebrada no mez de maio sob o titulo de *Mez de Maria*.

E' uma das festas de piedade que a Igreja consagra ao culto de Maria Santissima, em que é venerada muitas vezes, todos os dias, e onde se louva as graças que a ornarão, preparando-a para a sublime missão de Mãe de Deos.

E' um constante louvor de suas virtudes, um reconhecimento da gloria que goza no Ceo, como eterna recompensa, onde é apresentada como nosso modelo, nossa Mãe, e nossa Soberana.

Em todos os séculos as grndezas e sublimes prerogativas da Mãe de Deos tem sido objecto da profunda veneração dos fieis; as eminentes virtudes de que foi adornada, o alvo de sua admiração; e o poderoso valimento de que goza junto ao Filho Amado, o motivo da nossa firme confiança e terna devoção para com esta Mãe de misericordia.

Não é possível explicar quanto o zelo pela gloriosa exaltação desta Virgem incomparavel tem sido engenhoso em inventar novos modos de honral-a, e dar mais solemnidade á seu culto.

Na Italia, na França, em grande parte da Allemanha, em muitos outros paizes, o mez de maio é o mais bello do anno, o mez em que a natureza ostenta todas as suas gallas, aleatificando a terra de lindas flores.

E' elle tambem o consagrado á Aquella que elevou-se entre as filhas de Judá, como o lyrio entre os espinhos; Aquella, que é representada nessa roza mysteriosa, vista por S. João, adornada da claridade do sol como de uma radiosa vestidura.

Maria é a arvore da vida, plantada na terra pelas proprias mãos de Deos para nós abrigar debaixo de sua sombra.

Nome tam bello vem do hebreu e significa *estrella do mar*. Certamente, diz S. Bernardo, a Mãe de Deos não podia ter um nome mais conveniente, e que melhor exprimisse sua alta dignidade. Maria é com effeito a brilhante e luminosa estrella que scintilla sobre o mar vasto e tempestuoso do mundo.

Os autores discordão á respeito do verdadeiro instituidor do mez de Maria, attribuindo muitos á S. Felipe Neri, que, muito dedicado á salvação das almas, no anno de 1600, encheu-se tambem de zelo afim de propagar por todos os lugares o culto da Augusta Mãe de Deos.

Interessado pelo bem da mocidade, tinha este santo conhecido que o mez de maio era o mais fatal á juventude,

por que com o brilho da estação se lhe inflamavão as paixões.

Desconsolado por não contê-las e reprimil-as como desejava, com dôr chorava por tamanha desventura.

Teve o piedoso pensamento de recorrer á Rainha das Virgens, e submeter a mocidade á protecção de sua ternura maternal durante o mez de maio, e realisou-o.

Ordenou aos jovens que passassem santamente este bello tempo funesto á sua innocencia; estabeleceo praticas piedosas, pelas quaes prestassem homenagens diante dos quadros, imagens, e altares de Maria; instituiu exercicios de frequente devoção, a assistencia á Missa, as instrucções, supplicas repetidas, juntas á pratica das virtudes e boas obras, sempre com referencia á Virgem Santissima; e finalmente uma comunhão geral ou particular no fim do mez.

Os mais felizes effeitos produzirão seus piedosos esforços. E este mez que era antes tão perigoso sobretudo na Italia tornou-se um mez de benção, que brotou flores e fructos de salvação que adornarão a Igreja.

E' pois na Italia, terra privilegiada, onde a Religião tem o seu trono e a veneravel Mãe de Deos recebe as mais affectuosas homenagens, que a devoção do mez de Maria, esta dedicação do mais bello mez do anno á melhor e mais formosa das creaturas, teve sua origem.

O mesmo sentimento que guiou aos filhos da Santissima Virgem á consagrar-lhe cada sabbado do anno e honral-a trez vezes ao dia, lhes inspirou o saudavel pensamento de consagrar-lhe tambem um mez inteiro, «porque para uma offerta ser digna da pessoa que se ama e estima se deve sempre procurar o que há de melhor e mais agradável: assim escolheu-se o apprazivel mez de maio, que pela renovação da natureza e amavel variedade das flores de que a terra se cobre parece convidar a alma á renascer pela graça e tambem adornar-se de sublimes virtudes para aformosear-se como a corôa da Rainha do Universo.»

Outro motivo não menos louvavel que deu causa ao estabelecimento desta devoção foi afastar o povo dos perigosos prazeres que a primavera traz consigo, e aos quies o mez de maio era inteiramente dedicado em algumas partes da Italia.

Este mez era comeffeito em muitos lugares um tempo de dissipação que se costumava passar em festas e divertimentos profanos, funestos á innocencia; mas por meio desta feliz devoção esse tempo de desordem se achou em breve transformado em dias de salvação.

Não se pode formar idea do fervor que então reina na Italia tanto nas cidades como nos campos. Por toda a parte ouvem-se resoar louvores á Maria, nas Igrejas, nos oratorios, nos mosteiros, nas casas particulares, e até nas ruas e praças publicas, onde o povo se reúne á certas horas do dia diante de alguma imagem da Mãe de Deos para lhe pagar um tributo solemnê de amor, veneração e louvor.

A devoção do mez de Maria não somente existe em Roma, Napoles, e todas as partes da Italia, como tambem em Portugal, Hespanha, França, Bel-

gica, e cidades e paizes do norte da Europa, mas ainda é celebrada e festejada nos lugares mais longinquos do orbe catholico.

O laponio nos pólos glaciaes, o indio nas florestas incultas, o arabe na tenda do deserto tem noticia do culto magnifico do mez de Maria: nas cinco partes do mundo, a immaculada Mãe pe Deos tem filhos que a invoção, e elevão á seu trono de graças mãos supplicantes.

Todos que transitão na vida: o peccador errante nas margens do lago, o caçador no alto do rochedo solitario lhe dirigem supplicas neste abençoado mez. O gageiro no mar agitado, desdobrando os brancos estandartes, como o selvagem perdido na densa floresta, todos invocão em seu auxilio a Virgem miraculosa, cumprindo-se as palavras do inspirado cantico *Beatam me dicent omnes generationes*. O rico e o pobre, o sabio e o ignorante, os reis e os pastores, o infante e o velho, todos louvão sua misericordia: *Salve Regina, Mater misericordie*.

Se têm observado, que em todos os séculos verdadeiros servos de Maria disputarão á porfia elevál-a, e engrandecê-l-a com suas homenagens, e o mais bello preito foi o da exaltação da singular prerogativa de sua Immaculada Conceição.

Firme na christandade, esta crença universal por uma especial providencia coube ao immortal pontifice.

Pio IX proclamal-a dogma de fé no concilio ecumenico reunido em Roma em 1854.

E por sua ineffavel bondade a Santissima Virgem derrama copiosas benções sobre os fieis que a honrão e venerão como tal, e felizes os labios que podem pronunciar estas doces palavras: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te*.

Maranhão—Maio de 1869.

B. A.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

—No dia 26 de abril foram abertas as camaras portuguezas.

—No congresso hespanhol continua a discussão da constituição, e todos os artigos discutidos tem passado como estão sendo rejeitadas as emendas. Falla-se de novo em que brevemente será apresentado pelo governo á approvação do congresso o nome do principe que ha de ser rei de Hespanha. A idea de um directorio, em que se fallou, parece ter sido abandonada. Falla-se de novo no duque de Montpensier, posto que outros digam que esta candidatura está fóra de combate. A *Correspondencia* declara que este principe nunca solicitou a corôa; que a teria accetada sómente do voto da assembléa para o triumpho definitivo da revolução, que está sempre prompto a defender como hespanhol e como soldado; mas que hoje só aspira ao descanso.

O Sr. Serrano declaron que tinha em seu poder uma carta de el-rei D. Fernando de Portugal agradecendo a honra que queriam fazer-lhe de o escolher para soberano, e declarando que o teor do telegramma, que causara tão desagradavel impressão, não podia significar desconsideração para o governo e para o nobre povo hespanhol. A camara pareceu ficar satisfeita com esta noticia, sendo retirada uma interpellação, que estava pendente sobre este incidente.

—A politica estrangeira da França atravessa uma phase pacifica, posto que

as questões, que podem atear o conflito, estão mais adiadas do que resolvidas. A questão franco-belga está em negociação, mas não se vê por enquanto que esteja próxima de uma solução. O ministro belga o Sr. Frère-Orban continúa em Paris a tratar com os ministros do imperador, e posto que esta negociação tenha o caracter de muito amigável, certo que os dois governos ainda não vieram a um accordo.

A França parece querer levar as cousas até a revogação da prohibição do contracto entre as duas companhias dos caminhos de ferro para a sessão dos caminhos do Luxemburgo. A Belgica offerece outras concessões, mas não cede n'aquelle ponto. As folhas officiosas francezas mostram-se um pouco hostis ao governo belga. Diz-se porém que a Inglaterra e a Prussia o animam na sua resistencia.

A sessão do corpo legislativo francez, acaba de encerrar-se, e já se trabalha com grande affluencia nas proximas eleições, tanto por parte do governo como opposição.

O Sr. Thiers pronunciou ultimamente um breve discurso, que não deixou de incommodar o governo.

Começou por fazer o elogio do ministro La Valette, que pela primeira vez fallou na camera, mas no fim arremessou ao governo a flecha do Portha, fazendo-lhe ver que ella era o culpado dos successos da Alemanha, que restringiram consideravelmente a influencia da França assim como poucos dias antes lhe tinham mostrado que a falta de responsabilidade dos ministros punha em risco a situação do imperador. O Sr. de La Valette, ministro dos negocios estrangeiros, fez um discurso franca e rasgadamente pacifico. Por esse motivo foi elogiado pelas folhas inglezas, e até pelas prussianas.

Eis o que a este respeito diz a *Correspondencia Provincial* de Berlim:

«As declarações feitas pelo Sr. de La Valette no corpo legislativo devem ser applaudidas pelo seu caracter franco e plenamente pacifico, como um acontecimento feliz e da mais alta importancia.

Estas declarações causaram em toda a parte a mais favoravel e profunda impressão, e exercerão a mais seria e benéfica influencia na situação geral da Europa.

Fornecem além d'isto uma nova prova de confiança que tem o governo imperial na sua força interna.

As palavras do Sr. de La Valette são uma garantia positiva de paz.»

—No parlamento inglez co neçou no dia 15 a discussão da terceira leitura ou da especialidade do bill sobre a igreja da Irlanda. O adiamento foi rejeitado, e a discussão continúa, propondo o Sr. Disraeli varias emendas, algumas das quaes tem sido tambem rejeitadas. Lord John Russel propoz na camera dos lords um bill autorisando a coroa crear pares vitalicios com o fim, diz o seu autor, de abrir a carreira dos negocios publico a homens, que tem commandado exercito e esquadras, governando paizes distantes ou passado a vida nas funções diplomaticas, e que podem trazer á governação publica o contingente da sua longa experiencia. São especificadas as categorias donde poderão sahir estes novos lords. Para evitar o abuso das fornadas será fixado em 28 o numero de pares vitalicios.

Um telegramma de Londres de 24 recebido em Lisboa, diz que a Inglaterra oppor-se-ha á cessão de Cuba á America, caso pretendam realisá-la.

—S. Santidade Pio IX no quinquagesimo anniversario da sua ordenação, que foi muito festejado em Roma, recebeu as felicitações da rainha de Inglaterra, do imperador da Russia, da ex-rainha de Hespanha, de seu marido e do principe das Asturias, da imperatriz do Mexico, do rei de Wurttemberg, dos grã-duques de Toscana e de Mecklemburg-Sterlitz, além dos soberanos representados em Roma.

### Chronica interna.

—Abrira-se no dia 11 a 1.ª sessão da 14.ª legislatura da Assembléa Geral Legislativa, sob a presidencia do Sr. Senador Visconde de Abaeté.

Sua magestade o imperador pronunciou, no acto da abertura do parlamento a seguinte falla:

«Augustos e dignissimos Srs. Representantes da nação.—A reunião da assembléa geral, sempre grata para mim, desperta em todos os brasileiros lisongeiros esperanças. Nunca precisou mais o governo do auxilio de vossas luzes e patriotismo.

Tenho a maior satisfação em annunciar-vos que a tranquillidade publica permanece inalteravel, graças á boa indole de nossos concidadãos, seu amor ás instituições e respeito ás leis.

São amigaveis as relações do Imperio com os governos das nações estrangeiras, excepto o do Paraguay, onde tem proseguido, com honra e gloria para o Brazil e para nossos alliados, a guerra a que nos provocou o presidente Lopez.

A phase em que entraram as operações militares depois da occupação da capital do inimigo determinou a missão especial junto aos governos alliados, confiada ao ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros.

As forças brasileiras são hoje commandadas por meu muito amado e prezado genro o marechal do exercito conde d'Eu, que, espero, ha de breve mente conduzir á ultima victoria os valentes soldados que tando lustre têm dado ás nossas armas em numerosos e memoraveis combates.

A constancia e heroismo dos voluntarios da patria, da guarda nacional, do exercito e da armada tem triumphado de todos os obstaculos oppostos já pelo terreno, já pelas fortificações do inimigo.

A marcha pelo Chaco, os combates de Itororó, Avahy e Lomas-Valentinas attestam a disciplina e bravura de nossas tropas e das alliadas, e honram a pericia e intrepidez dos generaes que as commandaram.

Contrista-me profundamente a morte de tantos brasileiros: entre elles sobressaem alguns de nossos mais distinctos officiaes. Sua dedicação, o afêro que mostraram aos deveres da honra militar recomendam-lhes a memoria á gratidão nacional.

A provincia de Matto-Grosso está livre da invasão paraguaya: o inimigo já não pisa o solo brasileiro: nossa esquadra domina hoje as aguas dos rios Paraná e Paraguay.

As rendas publicas tem tido incremento que permite confiar nas forças productivas do Brazil. Para acudir, porém, aos pesados encargos do thesouro é necessario prover a os meios de satisfazer os empenhos já contrahidos pelo Estado, e as despesas extraordinarias exigidas pelo serviço da guerra.

A reforma eleitoral, o melhoramento da administração da justiça, uma nova organização municipal e da guarda nacional, e bem assim uma lei de recrutamento e um código pennal e de processo militar são entre outras, necessidades ha muito sentidas, e a que urge attender.

Augusto e dignissimos Srs. Representantes da nação.—A plena confiança que inspiram vossa sabedoria e desvello pelo progresso do Brazil asseguram-me que concorrereis quanto estiver ao vosso alcance para superar as difficuldades actuaes e firmar em solidas bases o futuro engrandecimento de nossa patria.

Está aberta a sessão.»

—O governo imperial enviou no dia 12 ao Sr. general Watson Webb, ministro dos Estados-Unidos, os passaportes por este pedidos para retirar-se do Imperio. Pelo primeiro paquete norte-americano esperava-se novo representante daquelles Estados na corte.

A origem desta suspensão de relações foi a insistencia do Sr. general Webb em que se lhe pagasse uma indemnisação pela perda do navio *Canada*, achando-se esta questão aliás directamente submettida ao governo de Washington.

### Chronica urbana.

—O corpo legislativo provincial, adiado por acto anterior do Exm. Senr. Vice-presidente da provincia, reuniu-se em sessão preparatoria a 31 do passado, afim de proceder a eleição da mesa e abrir os trabalhos no dia posterior como havia sido marcado pelo mesmo Exm. Senr.

Achando-se presentes desesete Srs. deputados e verificando-se os poderes de mais dous começou a assembléa á funcionar com desenove membros.

E em seguida procedeu-se a eleição dos diferentes cargos saindo eleitos por maioria de votos os Srs. Doutor Fernandes Silva, presidente; Padre Carvalho, vice-presidente; Major Matta Ferreira, 1.º Secretario; Major Pereira de Mattos, 2.º dito; Nunes Belfort, Costa Araujo, Ribeiro da Cunha, e Oliveira, supplentes.

—Hontem ao meio dia foi Sua Exc. o Sr. Vice-Presidente ao paço da Assembléa abrir as sessões, informando ao corpo legislativo do estado da provincia pela leitura do relatorio, que costuma ser apresentado nesse acto.

—Procedeu-se tambem a eleição dos Srs. deputados que deveriam formar as diversas comissões, que assim ficaram compostas:

*Constituição e poderes.*—C. Berredo—Moraes Rego—Segysmundo.

*Instrução publica.*—Brandão—Oliveira—T. Aranha.

*Fazenda.*—T. de Berredo—Moraes Rego—T. Aranha.

*Camaras.*—Matta Ferreira—R. da Cunha—Belfort.

*Petições.*—Moraes Rego—T. de Berredo—Padre Carvalho.

*Obras publicas.*—Brandão—C. Jansen—T. Aranha.

—Começaram hontem as tresenas do muito glorioso Santo Antonio de Padua, notando-se alguma animação, que progredirá no correr do tresenario.

—Terminaram-se á 31 do passado os exercicios do *Mez de Maria*, que com brilhantismo e pompa celebrou se nas egrejas de Santo Antonio e do Recolhimento de N. Senhora da Annuniação e Remedios.

No domingo, anterior ao ultimo dia desses tam edificantes quanto populares festejos, houve lugar as missas da solemnidade, tanto em uma como em outra egreja, por não se celebrarem em dia de trabalho, que sempre arreda do templo maior numero de fieis.

Em Santo Antonio cantou-se uma bella missa. Occupou a cadeira sagrada, depois do evangelho, o revd. diacono Calvisio Pereira da Silva Luso.

No Recolhimento foi a missa respondida do côro pelas educandas recolhidas: orou ao evangelho o revd. missionario capuchino, Fr. Luiz de Gubio.

Finda a missa, Sua Exc. Revm. o Senr. Bispo Diocesano administrou o Sacramento da Confirmação..

Em seguida Sua Exc. Revm., acompanhado dos Revms. conegos assistentes ao solio, encaminhou-se para o convento, percorreu-o todo, e examinou-o attentamente.

Esse antigo edificio carece de melhoramentos materiaes mui importantes para sua conservação.

E a não serem os constantes desvellos do actual Exm. Bispo Diocesano já estaria por terra. Ha cinco annos que foi grandemente reparado, pois que era tal o seu miserimo estado a chegada do Senr. Bispo, que elle immediatamente mandou proceder os necessarios e mais urgentes reparos, que o preservaram ate o presente do proximo desmoronamento que o ameaçava.

E dessa epocha para cá o Recolhimento sempre mereceu seria attenção do venerando Prelado, já acciando a casa, já estabelecendo medidas disciplinares, como mesa commun, organização de trabalho, exposição de objectos manufacturados pelas recolhidas, e já regulando as finanças, para equilibrio das quaes tem sempre contribuido com os recursos de sua bolça particular.

Consta-nos que Sua Exc. Revm. vai mandar construir parte de um raio do edificio para offerecer maiores accommodações ás educandas.

Incançavel e empreendedor como é o nosso apostolico Bispo Diocesano, será mais uma pedra de gloria, que contribuirá para mais elevar o monumental edificio de sua fecunda administração.

Não entra nos limites de uma chronica avaliar serviços desta ordem, e brevemente consagraremos algumas palavras á respeito.

—Sob a rubrica de *Collaboração* publicamos um bem elaborado, se bem que modesto artigo, sobre o *Mez de Maria*. E' trabalho de um digno sacerdote á quem agradecemos a obsequiosa offerta.

Nossa folha continúa franca á artigos de interesse geral, que serão publicados sem estipendio.

## A NAÇÃO.

SAN'LUIZ, 9 DE JUNHO DE 1869.

### A FALLA DO THRONO.

Na ausencia de outra noticia que maior jubilo causasse aos corações brasileiros trouxe-nos o paquete ultimo a da abertura do parlamento nacional.

Todos os jornaes, annunciando essa grata nova, publicaram a falla com que Sua Magestade o Imperador abriu a sessão do presente anno, e nós a estampamos em o precedente numero.

A falla do throno, em todos os paizes constitucionaes, é esperada com ancia, e d'ahi procede tambem aguardar-se com impaciencia a abertura dos corpos legislativos, que recebem impulsão, para julgamento dos publicos negocios, da opinião da corôa.

O parlamento da nação, na quadra dos seus trabalhos, é objecto da geral attenção: todas as vistas para lá convergem; ali se fixam; e passa-se essa epocha de verdadeiro interesse nacional na solução dos maiores problemas da vida intima das nacionalidades.

Entrê nós, porem, não acontece o mesmo. Somente mera curiosidade leva alguns á lerem a falla do throno: a estação parlamentar atravessa um periodo de verdadeira indifferença.

A não serem as estréas mais ou menos facundas de alguns deputados novos, saturadas de reformas, cuja adopção importaria a abolição do pacto fundamental, nenhum facto mais importante rubrica-se nos annos do parlamento que discussões aridas, estimuladas pelo espirito partidario, fomentando-as a opposição á politica dominante quando esta permite áquella ter alguns representantes, não se dando o phenomeno das camaras unanimes.

E'por certo um symptoma de decadencia nacional esse marasmo que enerva o espirito patriótico e o faz insensível ou indifferente á apreciação dos mais graves negocios.

Não é que fallam questões importantes e á que se deixe de apprehender seriamente: não é que já tenhamos attingido o cumulo do desejado aperfeiçoamento.

O progresso humanitario é uma aspiração tantalica de marchar apoz um termo ao qual se ignora que geração tocará.

Necessitamos de reformas á que se liga, e das quaes depende o futuro do paiz.

A falla do throno não as deslembra: ao contrario sempre as consigna, e em uns annos dellas faz menção com mais ou menos espaço, mostrando a corôa serios desejos de adoptar umas em breve, e outras ao depois de preparados os elementos sobre que versam.

O espirito publico, porem, sem embargo disso, é indifferente. E se não avança que os brasileiros tenham dormente a sympathica virtude do patriotismo, não: á ella rendemos sincero preito, a

cultivamos com ardor, e nação alguma melhor que nós se avanta em tam sublimada qualidade, do que em circunstâncias varias e difficeis crises havemos dado provas sobejas.

Existe, portanto, no paiz obstaculo que tolhe um pronunciamento mais energico, ou para melhor dizer mais expansivo, mais patriótico, mais nacional.

Esse obstaculo se chamaria em linguagem clara, senão verdadeira, um vicio, que é o de todos os partidos militantes do imperio governarem com as mesmas leis e offerecerem no acto de sua ascensão differentes programmas.

Os programmas dos diversos partidos em que fracionam-se as nacionalidades, constituindo credos differentes, arvorando variadas bandeiras, estabelecem principios oppostos, por isso que os partidos, como os individuos, pensão discordes na gestão dos negocios.

Conhecidos pelas feições que são características de cada um, que formam á parte sua desinência, os partidos são diametraes em sua origem como em seus fins.

O cmbate de opiniões, estabelecendo para o facto de sua existencia simultanea principios oppostos, gera em essencia uma natural separação ou desharmonia de idéas, cujo communismo arrastaria o aniquilamento das facções.

Pensamento unanime nas nacionalidades não é possível; por que em quanto houver homens existirá diversão de pensar. A liberdade é mais brilhante prerogativa do racional, e o seu exercicio, o mais bello direito: a liberdade origina a diversidade.

E d'ahi a coexistencia no systema politico dos partidos: onde não os ha impera o despotismo; como onde se os confunde e baralha reina a anarchia.

Não se sustentará á luz da razão que um estado possa viver sem partidos politicos, e não somente com elles, mas com principios claros, definidos.

Obliteral-os do systema das nações seria crear uma theoria nova na sciencia do governo, pretender absurdo. A unica vontade do chefe symbolisa o despotismo, afflicção do espirito, atonia da alma, como servidão do corpo. A historia assignala uma epocha memoranda como o registro dos seus esplendidos funeraes.

«Os partidos, exclamava o sr. Julio Favre no corpo legislativo em 1864, os partidos querem o bem do paiz. Onde ha partidos ha liberdade. Sabeis onde elles não existem? Na Turquia, na Russia, onde a nação é nada, onde o governo é tudo.»

E com effeito, sem partidos não ha politica. E é tam impossivel governar os povos sem politica como a familia sem cohesão entre seus membros, como o corpo humano sem o elemento da função vital.

A politica, pois, é a alma dos povos, como os partidos são os eixos sobre que gyram os systemas de governo. Do equilibrio e manutenção destes gera-se a politica que á seu turno tempera e regula

as instituições de accordo com as necessidades publicas e indole dos povos.

Seria um erro querer proscreeva a politica dos governos e os partidos do mechanismo dos povos. Proscreevel-os, seria inaugurar a anarchia, reinar o despotismo, e imperar a tyrantia.

Na Russia ondê o czar é a lei, sim, é onde ha esse cortejo de iniquidades com o faustoso titulo de governo; no Paraguay, que por zombaria ao bom senso se appellida republica, sim, é que não ha partidos, não ha vida social, ha morte moral, ha a escuridão dos tumulos nesses sarchophagos de vivos.

No Brazil sempre comprehendeu-se a necessidade dos partidos, sempre os houve; e os tempos mais fataes, que havemos atravessado em nossa curta existencia politica, foram os da assimilação dos partidos, que á seu turno prepara a extincção dos mesmos.

Existindo pluralidade de partidos politicos, e a necessaria lucta entre elles estabelecendo diversidade de principios como de crenças, estas manifestam-se nos programmas que apenas explicitos induzem á seus constituintes a obrigação de executa-las sob pena de falsear á seus compromissos.

E cada partido estabelecendo principios proprios os erige em dogmas da fé que professam aos quaes têm necessidade de serem adscriptos, não podendo ter vida fóra dessa esphera de acção.

Admitidos, pois, esses principios como inconcussos, a boa logica condemnará o proceder dos partidos que governam com leis que seu programma repelle.

E' o defeito mais palpavel que encontramos na vida politica do Brazil, e que cedo ou tarde se corrigirá, por que é mais pessoal a politica que de principios.

Tudo no paiz resente-se desses deleterios germens de decomposição social, que a amalgama de crenças produz: desde as mais elevadas até as mais humildes posições soffrem suas consequencias.

Não é mister esforço de comprehensão para isso julgar: basta a observação. A politica brasileira é um personalismo que prostra a idéa mantenedora dos principios e soffoca as inspirações do espirito de partido.

Ainda que varios nomes ornamentem os partidos que se cream e gaíam o poder; ainda que programmas seductores se propaguem por nosso vasto imperio, e a imprensa e a tribuna com serio connato os defendam, não ha realidade no desenvolvimento das idéas, nem exacto cumprimento das lições promessas de tam gabados melhoramentos e reformas.

A falla do throno é uma prova cabal da verdade que avançamos. Guarda a mesma linguagem com todos os partidos, promette os mesmos melhoramentos, indica as mesmas reformas, e aponta os mesmos beneficios que convem adoptar, introduzir, ou generalisar no paiz.

Essa homogeneidade de todos os tem-

pos e de todas as circunstancias poderia provar que no imperio existe um só partido, com os mesmos fins, com as mesmas aspirações.

Indicaria mais que a corôa é sempre cercada dos mesmos ministros, chefes da mesma politica, intangivel, e immutave, sempre.

O facto, porem, aponta o contrario. e demonstra ex adverso que entre nós é raro o ministerio que se não reforme, ou extinga em menos de um anno.

Esse versatilidade, não digamos já de opiniões, mas de homens, de novas figuras, que pois indica senão o personalismo?

A adopção das leis de um partido caído pelo partido elevado, que com ellas governa o paiz, que veste-se e paramenta-se com ellas, qual tunica de Neso, que mais indica senão o personalismo?

As tregos concedidas de um modo injustificavel, á que nem a tolerancia politica poderia attender, fazendo-se conselheiros da corôa á membros que lhe são adversos, concedendo-se cargos de confiança á homens que não compartilham das opiniões dos que os elegem, que mais indica que o personalismo?

A falla do throno, embora sempre nobre pela pessoa que a recita e pelas circunstancias que a acompanha, reprodução viva de todos os partidos, verdadeira periphrase politica, que pois é senão um eccho do personalismo?

Não! o paiz necessita da politica para sua existencia, e para seu governo; por que ella é o nervo das nações, porem a politica pessoal jamais satisfaz ás necessidades da especie, si bem que haja dado prosperidade á milhares de individuos.

Proscreeva-se, pois, do systema politico nacional esse terrivel flagello que acouta o nascente imperio, e que jamais o elevará á altura dos povos livres.

Precisamos de partidos não multiformes, unanimes, porque esses não tem existencia legitima, nem logica; precisamos de partidos compactos, duradouros, de programmas definidos, e que os cumpram com sincera lealdade.

«Entre os povos livres, diz Tocqueville, o governo é tanto mais poderoso, perseverante, previdente, e forté, quanto existem no seio do povo partidos mais compactos, e mais permanentes.»

## POLITICA.

### DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

Distinguímos em o numero 3 deste jornal, seguindo a opinião de avançados economistas contemporaneos, a emigração em voluntaria e forçada, subdividindo esta em necessaria e legal.

Exemplificando ambas, apontamos de espaço as vantagens que da ultima auferiram algumas nações, principalmente a Inglaterra que, fazendo da Australia sua vasta penitenciaria, converteu-a em um paiz de fructos e de recursos.

Voltando ao promettido assumpto, de analysar as consequencias fataes da emigração forçada, envidaremos nossos esforços para não reproduzir idéas já emitidas sobre a segunda especie de emigração, forçada e legal; por que só-

bre o havermos dito assaz, seria fatigar ao leitor, e desviarmo-nos do plano que traçamos ás considerações do que pretendemos sobre o motivo da nossa epigraphie.

Verdade é que multiplo o assumpto poderia ser discutido e encarado sob essa face, porém não escapará momento de para o deante retrogradarmos o passo.

Trataremos, pois, da emigração forçada necessaria, tendo por meta o desenvolvimento da these sob a definição e distincção dadas.

Entre os muitos paizes que no velho mundo adoptaram semelhante modo de emigração sobressaem a Hespanha, a França, e a Inglaterra. Todas tomaram para o local de ensaio da emigração a America septentrional e meridional como a mais recente parte do globo descoberta; e algumas, como a França, persistem em acclimal-a n'outras zonas.

Desse afanoso labutar vamos julgar hoje; com o auxilio da historia; avaliando dos esforços e dos resultados, para concluirmos no posterior numero estas já demasiado longas considerações, que seguramente não caberiam na estreiteza do nosso jornal si porventura em sua delucidação grande proveito não julgássemos á imprensa discutil-os para a prosperidade da nação.

Os primeiros estabelecimentos que se encontram na America são os dos hespanhoes. Com a audacia dos mais famosos navegadores de então, com a ambição e cobiça dos mais avaros do mundo, os hespanhoes entraram no novo continente descoberto com vistas mui lucrativas.

Outro movel e incentivo não houve que o da accumulção de cabedae: o ouro, só o ouro, é muito ouro, era a synthese do pensamento hespanhol, e a vasta medida do seu coração insaciavel.

A latitude do fim disculpava o emprego dos meios. A historia, em paginas tintas com o sangue de tantos infelizes, conserva em rubrica perenne, em caracteres rubros, a narração tragica dos crudelissimos feitos dos colonisadores hespanhoes.

A brisa, perpassando ligeira pela floresta virgem, ainda hoje traz aos ouvidos do viandante os lamentos doridos das victimas: e a guerra civil sempre ateada, como remorso eterno na vida intima de um povo maldicto, é um estigma impresso nas nacionalidades d'aquella origem.

Embora se alevante no meio do tremedal uma figura pacifica, embora adeje por sobre a podridão dos cadaveres candida pomba, embora a palavra de Deus seja vibrada no centro das orgias pela voz do ministro sancto, Las-Casas, o morticínio e o roubo, a prostituição e a ganancia continuam, generalisam-se, radicam-se.

Foi esta a origem das colonias hespanholas. Ora, taes estabelecimentos que fructos poderiam produzir? Semelhantes, por certo, á aquelles achados nas bordas do mar morto, lindos á vista, dizem, e em seu exterior perfeitos, mas de cinza calcinada por dentro.

As fundações hespanholas tiveram, pois, origem condemnavel, que lançou fin prurido de males logo á nascença das sociedades, que imprimiu um caracter de rudeza ainda hoje bem pronunciado nas raças da Iberia.

O sentimento cavalheiroso, natural á esse povo, transplantou-se para a America, e longe de modificar-se, tornou-se mais imperioso diante dos selvagens, á quem consideravam raça degenerada, incapaz de civilização.

Dispensando só o mau trato á seus novos hospedes, querendo utilizar-se do seu trabalho, apossar-se de suas riquezas, e mercadejar com suas pessoas á que vendiam por baixo preço, os hespanhoes se impuzeram nas regiões da America com imperio e fereza, tornando o nome europeu maldicto nas plagas do novo mundo.

Além de tudo mesclavam a raça indigena, introduziam costumes depravados em povos rudes porém simples, e eram odiados pelos naturaes á quem não dispensavam attractivos, nem empregavam recursos á chamal-os á vida laboriosa e moral da sociabilidade.

Eis o caracter da emigração hespanhola, que, sem embargo disso, creou centros de muitas populações, porém todas ellas eivadas de vicios e repletas de cobiça e amor ao ganho.

Mui differente, por certo foi o proceder da Inglaterra enviando para os Estados-Unidos milhares de homens dedicados, de boa fé, e de trabalho.

Por outro lado a França, rival de todos os tempos dos triumphos e das glórias da Inglaterra, tratou de ter dominação na America, e conseguiu introduzir-se no Canadá, mau grado a reluctancia que offereciam os naturaes do paiz em receber tam obsequiosos hospedes.

Essa primeira prevenção foi, porém, logo dissipada attentas ás maneiras brandas dos francezes, que modificavam ou contrariavam seus usos e costumes, trocando-os pelos dos naturaes, comtanto que de envolta com alguma vantagem, secundassem ás ambiciosas vistas do faustoso Luiz XIV, que com mãos olhos via sua rival engrandecer-se nos dous mundos.

Um historiador insigne pelo criterio das apreciações, que faz, assim falla do estabelecimento dos francezes na America.

«No entanto os Francezes tinham tam-bem estabelecido colonias nestas regiões, e teriam podido tomar grandissima parte na civilização do novo mundo; mas nunca lhes coube a perseverança, que faz prosperar os estabelecimentos, tomando affeição á um lugar, propondo á affixar-se nelle; e isso sem ferozes projectos de exterminação, sem querer chegar ao fim á despeito dos obstaculos e da consciencia.

«Além disso o despotismo feudal e monarchico não permittia essas concessões tão necessarias á prosperidade das colonias; a proscricção dos protestantes tirava o auxilio de um grande numero de braços e de intelligencias.

«Todavia os francezes eram amados pelos naturaes do Canadá, em razão da sua tolerancia e da sua facilidade em se subjeitar á seus usos; estes eram pela sua parte propensos á algumas das qualidades e dos defeitos dos francezes; a impetuosidade na guerra, o gosto das aventuras e dos prazeres do momento, mais de pressa do que cuidar de gosar uma prosperidade duradoura.»

Essas causas obstavam ao progresso solido das colonias francezas na America, e intibavam a emigração que carecia de animação e desenvolvimento.

Sem embargo da magnificencia, caracter peculiar do reinado de Luiz XIV, da corte franceza, das bellas conquistas dessa diplomacia famosa, dos triumphos esplendidos alcançados por essa potencia em mil batalhas, do nome auspicioso da marinha, elevada á esforços do celebre ministro Colbert, a França no ultramar conseguia á força de humilhações sustentar suas raras possessões, apesar de illustrar-se e ser verdadeira dominadora no continente europeu, pelo prestigio de sua politica.

Houve um tempo, porém, em que ella de posse dos maiores rios da America cuidou elevar-se e segurar-se nesta parte do mundo. O San Lourenço e Mississipe eram margeados de habitações francezas, e o Canadá, Acadia, e Luisiania eram focos de emigrantes.

A Inglaterra vivia emballada no regaço das ligas ephemerias, que produzem nas nações suspensão temporaria de odios mas nunca paz duradoura. O governo, enervado pela neutralidade ou inercia, não cuidava de augmentar ou pelo menos conservar o prestigio que lhe tinha dado nas glórias de mar o governo de Isabel, e de Cromwel.

Esta situação, porém, foi ficticia e toda eventual. A França carecia de energia de governo e de trabalho desconhe-

cidos nos reinados de Luiz XV e de seus successores. Choiseul não podia ser Colbert, e o reinado do infeliz Luiz XVI foi mui tempestuoso para sanar males passados e revindicar o perdido credito.

Repleta de gloria, a França de Luiz XIV, e verdadeiramente orgulhosa pelas batalhas de Tourville, Catinat, e Luxemburgo, ella recebeu uma tremenda lição na famosa batalha d'Hoga. Guilherme d'Inglaterra poz termo ás façanhas do grande rei.

A Inglaterra offerece nesta epocha, que começa na batalha d'Hoga, e termina na paz de Versailles, um quadro brilhante pelas vantagens que soube tirar de suas relações com a França decaída pela fróxidão do seu governo opposto á actividade dos ministros inglezes.

Entre os ultimos avultam trez nomes de reputação gigantesca—sir Godolphin, lord Robert Walpole, ao depois conde de Oxford, e por ultimo o sym-patico lord William Pitt, conde de Chatam: foram os que mais contribuíram para o progresso dos Estados-Unidos, como ministros da corôa ingleza.

A Inglaterra tem de ordinario uma boa somma de estadistas sensatos, que ainda nos governos mais imbeles dirigem o estado á contento dos povos. Godolphin é um desses typos á cuja tenacidade o governo de Anna Stuart deveu tanta celebridade.

O grande ministro, atarefado no interior com os importantes negocios de cuja conclusão proveio a consolidação da Gram-Bretanha, não esqueceu o commercio, a industria, as artes, e promoveu o augmento dos Estados-Unidos, animando a emigração.

Robert Walpole, por muitos erros e abusos condemnavel, á ponto de chamarem-no em sua epocha o *grande missionario da corrupção*, empregou fundos consideraveis do estado em acorçoar a emigração para o novo mundo.

O conde de Chatam, o grande e immortal Pitt, o genio tutelar da liberdade, successor de Walpole no poder, continuou a protecção incetada nos antecessores ministerios.

Vê-se pois do que havemos avançado que das trez grandes potencias—que tentaram subsidiar a America com populações pela via da emigração, somente a idéa de protecção era fixa em uma dellas, a Inglaterra.

As causas demoventes á esse patrocínio estão ao alcance dos leitores por que as havemos dado em abundancia maxime nos precedentes numeros. No entanto toquemol-as accidentalmente.

A Hespanha, como vimos, buscava ouro, a França desejava imitar a Inglaterra, possuindo territorios na America, e com ella competir nessas regiões que começava-se explorar.

Necessitaram, portanto, de base para começar uma empresa, cujos alicerces devem ser outros que não a especulação mercantil, ou o calculo politico. Ambas disputavam o dominio, querendo impôr-se á força aos naturaes do paiz, apesar de uma ser essencialmente branda e outra nimamente atroz.

Careciam ainda de base natural que patrocinasse a emigração, de impulso proprio, que a animasse, a impellisse, e a seduzisse.

O governo hespanhol e francez eram os promotores da emigração, aquelle para o Mexico e Perú, e este para o Canadá e Mississipe, porém faltavam-lhes os principaes predicados da emigração: primeiro, a razão de ser, isto é, a necessidade; segundo a tolerancia.

Faltava a necessidade á Hespanha: porque todo o mundo sabe que a campanha hespanhola é pobre de cultura, é rara de população. Ora, onde ha carencia de trabalho e abundancia de ocio, onde faltam homens que povoem o sólo não pode ser foco de emigração.

Faltava a tolerancia; e não nos daremos ao inútil trabalho de provar que o povo hespanhol é essencialmente intolerante. A historia diz que em nenhuma

outra parte do mundo as instituições de qualquer genero são, uma vez estabelecidas, mais radicadas. Aos scepticos diremos somente que os hespanhoes de hoje tanto estrepito fizeram para apêar do throno á Isabel II e por ahi andam com a corôa á procura de uma cabeça real para deposital-a. Prova o amor que nutrem pela monarchia.

Agora a França. Quiz tambem promover a emigração sem necessidade; porque nessa epocha, como em as antecessores, e ainda como na actualidade, conservava um numero fabuloso de individuos occupados nos exercitos permanentes, verdadeiras sanguesugas do orçamento do estado, e origem de incalculaveis abusos na administração publica.

Os braços entretidos nas evoluções das manobras militares eram arredados da agricultura, da industria, do commercio, tão necessarios dentro do paiz, que ia então engrandecer-se.

Foi um grande seculo o de Luiz XIV, dil-o a historia, mas a obra minima desse magnifico rei foi a tentativa bur-lada mais para o deante da emigração franceza.

A França, como a Hespanha, não podia ser foco de emigração por ser intolerante. Aos scepticos apontamos tam somente a revogação do edicto de Nantes.

Bem, si essas potencias necessitaram de elementos para ser auxiliadoras da emigração, como succedeu que a Inglaterra sube mantel-a de um modo auspicioso, e tirou os mais vantajosos resultados, dos quaes, já havemos fallado nos anteriores numeros?

E' de facil intuição. Abundaram na Inglaterra os elementos que em os paizes rivaes escasseavam. Sua população productiva e crescente em excesso não estava em relação ao territorio, que por seu turno difficultava os meios de subsistencia; o proletariado, que devora essa sociedade, sobre ser endemico, augmentava; as luctas politicas creavam um nucleo de parasytas que viviam ás expensas dos chefes; as contendias religiosas originavam rancorosos odios, que promoviam luctas muitas vezes sanguinolentas.

Nestas circumstancias pode-se mesmo considerar um successo providencial a emigração: a força dos acontecimentos a arrasta; a prudencia aconselha sua adopção; e a razão a sanciona.

Imperando motivos tam valiosos á favor das condições emigratórias da Inglaterra, addicione-se ainda o desejo do engrandecimento maritimo, que sempre foi idéa por assim dizer, fixa dos inglezes.

Rechagados e vencidos os francezes no continente, aborrecidos em suas possessões americanas, e impossibilitados de resistencia, porque as sympathias pela florescente união cresciam, viram-se obrigados á cessão do Canadá, assim como a Hespanha a cessão das Floridas.

Augmentava o gigante em corpulencia pelos meios diplomaticos: a paz, ou tratados assignados em Versailles, Pariz, Aix-la-chapelle, Utrech, e Montréal, sempre vergonhosos para França, opulentavam á Inglaterra; e sua marinha já orgulhosa cumpria o resto por meio da força. Anson, carregando do Perú fabulosas riquezas no bojo farto das náus; Warren, apossando-se da Luisiania e do caho Breton, tiraram toda a força moral da França e da Hespanha, que por si abandonaram á Inglaterra a constituição de sua grandiosa colonia.

Eis a que termo chegaram as potencias, que colonisaram a America. Somente a Inglaterra viu medrar a arvore plantada por muitos, á custo de sacrificios inauditos, e perseverante vontade do genio. A emigração foi util e necessaria á America, pois deu-lhe população, riqueza, e até independencia; por que dos residuos de tantas nações saiu um povo homerico, com espirito proprio, adaptado á nacionalidade que crearam.

Neste sentido e conforme havemos dito

e estudado a questão vê-se que foi a emigração americana forçada, porém accidental, isto é, preparada pelas circunstâncias e justificada pelos meios e pelo modo como effectuou-se.

Ora, semelhante emigração equivale a ser livre ou voluntária. Pouco importa o auxilio que recebeu do poder, a animação prestada pelo governo inglez; porque os governos são postos para promoverem a felicidade dos governados.

E ainda quando o governo inglez protegesse, animasse, e acorcoasse a emigração, ou por calculo politico, ou por especulação mercantil, o que se não deu, elle não colonisava por si, mas desenvolvia e patrocinava uma idéa gerada pela ordem natural dos acontecimentos.

Supposto mesmo faltassem a iniciativa e a animação pelo lado do governo, estas appareceriam da parte dos particulares; basta a observação.

São conhecidos os trabalhos de todos esses homens generosos, que foram á plagas longínquas gosar do remanso da paz e da liberdade. Nós já os apontamos em o segundo artigo, que publicamos.

E devem ser rubricadas as energicas phrases do coronel Barre, respondendo ao ministro britânico, lord Townsend, quando queria lembrar aos americanos os deveres de filhos para com a mãe patria.

«Agora, dizia Townsend, que esses filhos por nossos cuidados estabelecidos, por nossa bondade alimentados, por nossas armas protegidos, não adquirindo mais força e riqueza, recusar-se-hão elles por ventura á nos ajudar a supportar encargos sempre em augmento?»

«Filhos por vossos cuidados estabelecidos? Pelo contrario, responde Barre, foi a vossa oppressão quem os obrigou á fugir para a America e a procurar refugio contra padecimentos inexplicaveis. Por vossa bondade alimentados? Bem pelo contrario; elles tem crescido porque os abandonastes; e quando comegastes á occupar-vos delles foi para lhes enviardes agentes no intuito de machinar contra a sua liberdade, e de devastar seus bens. Por vossas armas protegidos? São pelo contrario, as delles que se empregaram em vossa defeza; em quanto no interior consagravam ao vosso alivio as economias de suas familias. Accreditei-me, o espirito da liberdade, que animou esse povo em sua origem, o animará sempre!»

Essa linguagem nobre e patriótica repercutia alem do atlantico. E quem era o eco? O genio da liberdade, o grande e immortal Pitt, então ministro da corôa.

«Lembra-vos, milords, dizia Pitt, na camara alta, lembra-vos que esses homens de espirito livre e emprehendedor preferiram refugiar-se naquelle canto da terra á submeter-se aos servis e tyrânicos principios que então dominavam a nossa infeliz Inglaterra... Se o novo mundo tivesse sido povoado por filhos d'um outro reino, talvez elles para lá levassem consigo as cadeias da escravidão, o habito do servilismo; mas os que fugiram da Inglaterra, por que não tinham liberdade devem conservar-se livres no mundo onde foram buscar asylo.»

Si não houvesse outro genero de argumentos pelos quaes se provasse a espontaneidade da emigração americana, sem embargo da protecção ingleza, e dos motivos que pesavam sobre os emigrantes dando ao caracter da emigração um cunho de forçada, bastaria o expozição de tam brilhantes testemunhos.

Ahi estam, porem, os hoje florescentes estados que cada um aponta seus fundadores.

Maryland, em todos os tempos dos indicará o nome de Delaware como seu instituidor; Connecticut, o de Hooker; New-Hampshire, o de Wheelwright, etc.

Nesta obra de regeneração social e felicidade publica até mulheres se apresentaram, conduzindo uma pedra honrosa para a construcção monumental da

União-americana: Lady Hutchinson foi a instituidora de Rhode-Island.

Guilherme Peen, exaltado quaker, sobre cujo merito vacilam os sabios, grande benfeitor da humanidade, segundo o ab. Raynal, Lycurgo moderno, segundo Montesquieu, habil charlatão, segundo Fanklin, esse grande patriota, no centro da America lançou os fundamentos das opulentas regiões que ahi florecem.

Corporações da alta e baixa sociedade ingleza, como a nobresa que fundou a Carolonia e a plebe que começou a cidade de Savannah, germen da Georgia, provam o esforço dos particulares, sem ou quasi sem o patrocínio do governo.

A grande obra da emigração, portanto, dessa que produz, que florece, que prospera deve ser livre como foi a da União-americana: ao contrario, vê-se-ha definir on morrer como as de França e Hespanha.

Proseguiremos.

## RELIGIÃO.

### A VERDADEIRA RAZÃO DO PROTESTANTISMO.

Sua filiação—Palavras de Hurter—Luthero e a liberdade humana—O pelagianismo—Contacto entre o manicheísmo e Luthero—Conclusão.

No ultimo artigo que publicamos neste jornal, dissemos que a verdadeira razão do protestantismo foi a revolta do orgulho contra o principio de autoridade e submissão; dissemos que o protestantismo não foi um acontecimento novo, e sim repetição do que se deu nos seculos preteritos; apenas notando-se algumas differenças meramente accidentaes, devidas á circumstancias do tempo.

Em apoio desta idea citamos algumas passagens do Antigo e Novo Testamento. E nem accusam-nos de havermos torcido o sentido dos textos para favorecer as ideas que defendemos, pois a é mesmo alguns protestantes, em momentos lucidos, quando a verdade grita tão alto a ponto de não poder-se abafar o seu echo, teem rendido preito e homenagem a estes principios.

Hurter, o celebre biographo de Innocencio III, escreveu paginas bem eloquentes neste sentido.

Falando elle sobre o movimento do manicheísmo no tempo do Papa Innocencio III diz: «é de crer que o manicheísmo nunca si extinguiu; que apenas occultou-se a vigilancia da Igreja, a severidade do poder secular, e desenvolvendo-se sob veos sombrios e mysteriosos, conservava implacavel odio contra a Igreja e o Estado. Comparando-se a organização de uma certa seita revolucionaria (os franco-maçons) suas tentativas contra a Igreja, com os principios dos canthares (manicheos) seremos obrigados a confessar sua intima relação.

«As duas sociedades teem por principio fundamental a independencia do homem, do jugo de toda autoridade superior (estes principios são também filhos do peito do protestantismo.)»

Ambos votão odio as instituições sociaes, e particularmente a Igreja e seus ministros (foi nestas bellas fontes que o protestantismo descobriu as minosidades que atira ao Papa e a Igreja dizendo ser elle o Ante-Christo, os fideis que o seguem vis satellites, e a Igreja a prostituta de Babilonia.)

«E assim podemos dizer que os movimentos que minão e solapão a sociedade européa é a obra dos albigenses (manicheos) transmettida a seus successores, os franco-maçons» (1) (e protestantes, usque ad consumationem seculi.) E neste terreno que a palavra historica e profetica do Apocalypse recebe o mais solemne testemunho, quando diz: *Draco ille magnus, serpens antiquus, qui vocatur diabolus, et Satanas, qui seducet universum orbem.* (Apoc. 12. 9.)

Quer dizer que em essencia o auctor e espirito das heresias é sempre o mesmo:

O grande dragão, a velha serpente

(1) Em falta de outros livros, quem desejar conhecer bem os erros do pelagianismo e sua refutação leia o Dic. de Bergier.

chamada satanaz, que seduz a toda a terra.

E' o primeiro homicida, o que não perseverou na verdade, por que não a tem (Joan. 8. 44.)

Para que não falem provas as nossas affirmações, corroboremos estes argumentos com alguns factos bem positivos. Servirá de termo de partida a liberdade humana. Vejamos como Luthero ensinava sobre este assumpto e digamos se os seus erros são novos.

§

### Luthero e a liberdade humana.

Os pelagianos argumentando com S. Agostinho sustentavão que sendo o homem livre não poderia haver a graça; porque ella se oppunha formalmente as accões voluntarias e livres.

Assim entendião, por que definião liberdade, o justo equilibrio entre o bem e o mal; de sorte que, segundo elles, tanto poder tem o homem de praticar um como o outro, e por consequencia, logo que vem a graça inclinar-nos e predispor-nos á obrar o bem, a liberdade e os nossos actos adquirem o caracter de fatalismo o que é absurdo. erro dos pelagianos está na definição de liberdade, pois tal como elles a entendem só a teve Adam, antes do pèccado original, como claramente o demonstrou S. Agostinho. (2)

Ora Luthero passeando sobre estas ruínas, observando os argumentos de S. Agostinho, estremecece, e não ousou professar esta doutrina completamente arrasada, e immediatamente teve a idea de pender para o lado opposto.

Pelagio negava a graça dando tudo a liberdade: Luthero concede e attribue tudo a graça negando a liberdade.

Assim, segundo elle, por maiores que sejam os nossos peccados a nossa salvação será infalivel, bastando somente ter fé que J. Christo é nosso salvador e que nos ha-de salvar—: a graça é tudo e a liberdade nada. Assim o homem mais perverso do mundo tendo somente a fé de Luthero gozará das mesmas recompensas que o homem santo, o virtuoso, o martyr!

Luthero, porem, collocando-se, neste ponto, em opposição a Pelagio, repete os erros do Manicheísmo.

Os manicheos sustentando a existencia dos dois principios eternos: o bem e o mal, negavão a liberdade em termos bem claros, como se poderá ver nas actas das conferencias havidas entre Manés e Archelaus.

Porem o mesmo manicheísmo não é o inventor desta pernicioso doutrina; a sua filiação vem de longe.

Eis como Archelaus a descreve. Depois de haver elle argumentado contra Manés a ponto de reduzi-lo ao mais cabal silencio principia a dizer:

Este homem não é o unico nem o auctor desta doutrina e sim um Scytha que viveo no tempo dos Apostolos.

Foi Scytha que introduzio a doutrina do dualismo, porem esse também a recebeu de Pythagoras, assim como todos os sectarios do mesmo systema. (Rorb. Hist. Univ. da E. T. 5 p. 553) Eis de modo o mais synthetico a filiação do protestantismo relativamente ao livre arbitrio: prende-se ao manicheísmo, que vem de Pythagoras o qual bebeo nas fontes assignadas pelo Apocalypse e Psalterio — Por consequencia os erros que dizem respeito ao livre arbitrio, sustentados pela reforma protestante não são novos, são, como se costuma diser em tom jocular, edições correctas e augmentadas....

Proseguiremos.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Nossa Senhora do Rozario.

(Igreja do Maranhão)

Não sabemos também precisar a epocha da fundação d'esta Igreja.

Achamos um requerimento de João

Palino, Ermitão da Igreja de Nossa Senhora do Rozario, pedindo na rua do Egypto certo terreno, que a camara lhe concedeo em 29 de Outubro de 1724, o que serve para provar o dominio da camara sobre esta Igreja.

Diz Gayoso, que foi edificada pela Irmandade dos pretos.

Esta Ermida desmoronou-se, ou a Irmandade quiz edificar outra maior, como se vae ler.

Por escriptura publica de 17 de Maio de 1717, lavrada no Convento do Carmo pelo Tabellião Antonio da Silva Duarte, presentes o Reverendo Prior do dito Convento Frei Thomaz Jordão, e mais Padres conventuaes, em presença das testemunhas, o Capitão Gregorio da Costa Gualarte e Gabriel da Costa de Mattos declararão os ditos Religiosos, que tinham varios cháos na parte, onde chamavão *Carmo velho*, e como os pretinhos Irmãos da Virgem Nossa Senhora do Rozario estavam unidos e conformes para fundarem uma Ermida, dedicada á mesma Santa, e por não terem sitio onde a fundassem, offerecião a de sua espontanea vontade lhes fazerem doação, de então para todo o sempre, pelo amor de Deus, d'um terreno tanto quanto fosse necessario para fundarem a dita Ermida, sacristia d'ella, e seo adro.

No caso, porem, que não levem á effecto a dita Ermida esta doação não terá vigor algum, com a condição, que serão obrigados os mesmos pretinhos presentes e vindouros a chamarem á elles ditos Religiosos para a celebração de todas as suas festas, e querendo meterem capellão na dita Ermida não o poderião fazer sem offertarem o lugar a elles religiosos; outro sim, que quando algum religioso do dito Convento, como Capellão, em algum tempo assistir com seo companheiro, ou mais algum na dita Ermida, lhe não poderião impedir.

Disserão também, que se em algum tempo se arruinar e cahir a dita Ermida, e os ditos pretinhos a não levantarem, tornaria o dito sitio ao poder e dominio dos referidos religiosos.

O Rei da dita confraria, que então era o preto Luiz João da Fonseca, e mais dito Irmãos declararão que acceitavão a doação com todos os onus.

Assignarão por parte do Convento o Prior Frei Thomaz Jordão e os Conventuaes Frei Manoel Vieira de Santa Theresa, Frei Antonio de Sá, Frei José Soares, Frei Pedro da Magdalena, Frei Antonio de Macedo, os irmãos do Rozario, e as testemunhas.

Vimos um traslado de tudo isto passado em 6 de Janeiro de 1733 pelo Tabellião Bartholomeo Maria Frasnão. Pagueu de sello, sob nº 5009, aquantia de 80 reis em 21 de Maio de 1811. Esse traslado pertence hoje ao Convento do Carmo.

Em um dos corredores dessa Igreja o Padre Domingos Cadeville Velloso, Professor Regio de primeiras letras desta cidade teve aula ahi ainda em 1821.

Este Padre foi muito exaltado em suas ideias em prol da independencia, e teve fortes contestações com o Presidente Bruce, pelo que imprimio no Rio, na typographia de Plancher 1826, um folheto contra esse Presi-

(2) Hurter—L. em 13 Rorb L. 71. p. 213.

dente em linguagem virulenta e até indecente.

No principio do governo episcopal do nosso virtuoso e venerando Prelado o Sr. D. Luiz da Conceição Sarai-va esta Igreja soffreu grandes obras.

Pode dizer-se, que renovou-se inteiramente e apresentou-se aos fiéis com toda a decencia.

Este exemplo, e as continuas advertencias do Exm<sup>o</sup> Sr. D. Luiz n'este sentido a outras confrarias, forão a causa de se concertarem, aciearem, e até reedificarem-se varias Igrejas e capellas da capital, sendo este um dos muitos bons serviços, que S. Exc<sup>a</sup> tem prestado à sua Diocese.

Dr. Cezar Augusta Marques  
Maranhão—Junho—1869.

## LITTERATURA

### Biblico.

#### A MORTE DE JUDAS.

Bem alta ia noite, e no leito em que fôra procurar o repouso se revolvia o traidor.

Embalde cerrava os olhos, embalde chamava o somno para as palpebras ardentes; embalde . . . porque o somno foge quando o remorso atormenta impiedoso a consciencia, quando a febre do desespero queima o sangue que refere nas veias.

Bem alta ia noite, e por entre a negridão das trévas, cahindo-lhe em bagas o suor da fronte, via o misero abrir-lhe os braços o phantasma da traição e escancarar a boca em estri-dente gargalhada.

E aos ouvidos a voz da consciencia lhe bradava.

«Reprobo!

Reprobo! Era a voz que lhe traziam todos os sons, que escutava no ciciar das folhas e no bafejo da aragem que branda susurrava por entre os aliviaes da cidade de Sião.

«Reprobo! reprobo!

E como si fôra perseguido por invisivel phantasma, ergue-se a tremer, e transpondo agodado o limiar da morada, atravessa as ruas desertas e dirige os passos para a residencia de Caiphás.

A criadagem do pontifice insultava o Finho do Homem. O misero aproxima-se da porta, attrahido pela vozéria da turba e ouve o lançar de improperios e vê contra a face divina do Christo cahir pesada a mão infame do laçao, que o ultraja.

—Miseravel que sou! balbuciou o infeliz. Reprobo! reprobo! Vendi o Mestre! Maldito! maldito! Sou eu o causador de semelhantes ultrages!

E nem uma lagrima se lhe deslisa pelas faces cavadas pelo desespero; ferve-lhe no fundo d'alma o desalento e a morte, empana-se-lhe a luz dos olhos e louco pela dor, corre ebrio e fôra de si, até que exausto vai cahir de encontro ao marco, que guarnece uma das entradas da praça.

Linda vinha rompendo a manhã, e o sol, que nesse dia havia de velar a face para não testemunhar o mais estupendo dos crimes, dourava já os cimos das montanhans que circumdam a cidade de David e os pincares agudos do Golgotha.

A brisa fresca e perfumada da manhã, roçando as faces lividas do infeliz e arrefecendo-lhe um pouco o sangue, despertou-o da prostração em que jazia.

Cambaleando ergueu-se do marco em que cahira e dirigio-se para as bandas do Sanhedrim.

E ja funcionava o conselho dos anciãos de Israel.

Era importante o assumpto que obrigava a já estarem despertos, em tão matutina hora, e em calorosa discussão os doutores da lei, os membros do respeitavel tribunal de Judá.

Em meio delles se apresentou o traidor.

Ah! si o visseis, com os cabellos hirtos, com o semblante decomposto e livido, como o de um finado, com os olhos cavados e injectados de sangue, com os labios secco, com o olhar desvairado, com as roupa rasgadas, com os passos tremulos e cambaleantes, com a voz rouca e cavernosa;—si o visseis assim, imagem viva do desespero, de certo que as lagrimas vos humedeceriam os olhos e a dor vos comprimiria o coração.

Em meio pois dos ancião se apresentou o traidor.

—Eil-o, gritou arremessando ao chão as moedas que tinham cahindo; eil-o, o dinheiro maldito porque vendi o Justo, eil-o, o preço infame e vil da traição; não o quero, ouvis? não o quero, porque é o preço do sangue innocente.

«Ah! tomai-o, é fogo que me queima as mãos; é sangue que m'as tingi; tomai-o, tomai-o por piedade;—mas restitui-me a minha innocencia, as minhas noites de tranquillidade e de calma; restitui-me o sorriso dos labios e alegria do coração.

«Maldito! maldito! Vendi o Mestre, atraícoei-o osculando-lhe a face!

«Vi-o, ha pouco, em casa do pontifice, insultado pela turba infrene e desapiedada; vi a mão pesada de um miseravel laçao lhe cahir na face ensanguentada; vi rasgarem-lhe as roupas e lhe cuspirem no rosto; vi . . . e sou eu Judas, eu o infame a causa de tudo isto!

«Eil-o ahi o dinheiro maldito com que me comprastes, vós os homens da lei e os interpretes do céu! Eil-o, o preço vil de ingratitude nefanda; não o quero, tomai-o, mas restitui-me a minha innocencia, restitui-me a paz e a tranquillidade, que não tenho.

E um dos anciãos respondeu-lhe: —Que nos importa o teu desespero? Que temos nos com os teus remorsos tardios?

«Nada ha de cummum entre nós foste o instrumento vil de que nos servimos e te pagámos a traição.

«Maldito! maldito! soluçou o desgraçado.

Pouco depois, amarrado a uma arvore, oscillava no ar o cadaver de um homem.

«Infeliz sôlara, no derradeiro arranco, uma imprecação de desespero, a que respondêra no inferno uma gargalhada de demonios.

Conego Francisco Bernardino de Souza.

### Historia abreviada da poesia.

#### III.

#### TEMPOS MODERNOS.

#### Italia.

A Italia moderna occupando o aprazivel sitio da longeva Roma, não podia desmentir o caracter poetico de seus antepassados. Sua lingua bella como sua natureza muito concorre para isso,

Não se pense que apenas queremos fazer uma imagem poetica quando comparamos a belleza da lingua com a da natureza; não, esprimimos uma proposição philosophicamente verdadeira. Vamos demonstral-a tanto, quanto consente a brevidade do nosso trabalho.

No principio da humanidade existia uma só lingua, como diz a Biblia, e como tem sido demonstrado pela sciencia moderna. Houve porem um tempo, dizem igualmente estas duas autoridades, em que na face do nosso planeta operou-se um grande cataclisma, e d'elle resultou a divisão na linguagem. Até aqui caminhamos ambas a par; a maneira como e porque aconteceu ella, relata-nos tão somente a Biblia, e mostra o orgulho humano patenteado e confundido na torre de Babel; porque a sciencia guarda profundo silencio a esse respeito.

Os homenes habitando paizes diversos, fallavam diversas linguas; mas essas linguas devião no principio ser muito pobres. Os objectos, como sabe-se mudão com os paizes, e por isso deverião os primeiros homenes procurar nomes proprios para representar com exatidão aquelles que desconhecêssem. Ordinariamente as palavras formão-se por onomatopoeia, por composição, por derivação, e algumas têm origem de pura convenção.

No primeiro caso imitando o som da natureza; como a palavra trovão—parece assimilar-se ao estampido do phenomeno electrico; é a linguagem popular poetica que perfeitamente mostra a verdade da nossa asserção.

No segundo reunindo duas ou mais palavras simples, para formar uma composta; como quadrupede.

No terceiro extrahindo do verbo o adjectivo e substantivo, ou d'este o adjectivo e vice-versa. No quarto finalmente dando, por exemplo, o nome de um homem a um objecto qualquer que elle haja descoberto ou descripto; como o de Leverrier á um astro, o de Americo Vesputio á uma parte do mundo.

Isto, quanto á formação dos nomes; quanto porem a maneira de exprimi-los, é sempre a natureza do paiz que se imita; tomemos, por exemplo, a lingua Inglesa, é áspera como a onda batendo na praia, ou como a tempestade rugindo nas florestas do norte; a Hespanhola é bella e poetica como o canto da philomela, ou como o zephire entoando uma aria na folhagem do laranjal que borda o Gualdaquivir. Tornemos atraz. D'entre os muitos poetas de que se preza esta região haver produzido, nomearemos alguns mais notaveis.

Dante Alighieri pae de sua poesia, nasceu a 8 de Maio de 1265 em Florença; e tinha nove annos de idade quando pela primeira vez viu, e principiou a gostar de Beatriz, que então poderia ter pouco mais de oito. Depois, quando o poeta no vigor da juventude, concluindo seus estudos completava vinte e seis annos, sua amada, como a linda roza que desabrocha pela manhã espargindo olores celestes, e logo cahiu desfolhada pelo tu-fão, vergou para o tumulo a fronte mimosa oppressa pela macilenta mão da morte. Quando o extremoso amante ainda com os olhos humidos de lagrimas estava em Roma como embaixador, Carlos d'Anjou com os Gueffos triumphava em sua patria, os quaes depois de declararem exilado o nosso Gibelino, confiscarão seus bens; e pouco tempo depois condemnarão-no a ser queimado vivo, se jamais pizasse o territorio da republica. Foi por esta razão, sempre aceito pelos Gibelinos das diversas republicas Italianas onde viajou.

Morreo em Ravenna a 14 de Setembro de 1321, onde lhe foi feito um magnifico mansoleo. Foi isto que levou Lord Byron a exclamar: (Childe Harold's Pilgrimage. cant. IV)

«Ungrateful Florence! Dante sleeps afar.»

D'entre todas as obras, tanto politicas, como literarias que escreveu, sobresahe a Divina Comedia.

Deu-lhe o cognome de divina, Bernardo Stagnino na vigesima-nona edição publicada em 1516; e como diz M. Ar-

tand de Montor, nenhuma nação, nenhum auctor, nenhuma critica tem reclamado até nossos dias, e é certo que ninguem ousará mais atacar essa possessão de mais de trez seculos. O poema divide-se em trez partes, o Inferno, o Purgatorio e o Paraíso, ou para melhor dizer, são trez magnificos poemas. Como queremos antes repousar sobre opiniões de autoridades distintas na republica litteraria; do que patentar a nossa, transcreveremos o que Lhomann, director da bibliotheca de Gottinga, citado por M. Artaud de Montor (3) disse acerca d'esta obra:

«Com todas suas irregularidades, a Divina Comedia é, e será sempre uma obra prima, um poema verdadeiramente original, superior a todos os que têm sido feitos depois. Tudo ahi é tirado de seu proprio fundo.

O auctor tem maneiras particulares de ver as couzas e aprofundar as ideias, e como não quer senão expol-as dá a sua linguagem essa energia, essa força tão expressiva de estylo, figuras e allusões.

Suas bellas comparações sempre novas, sempre poeticas, são admiraveis pela originalidade, mas sempre verdadeiras e tiradas da natureza. Osublime do terror e do susto é levado ao mais alto ponto. Reflectido até nas mais fortes manifestações das paixões, conciso sem frieza, delicado sem affectação, vigoroso nas expressões doces de sentimento do coração e de religiosa moralidade. Far-se-ha de todas as bellezas de seus versos uma rica collecção, o mais admiravel florilegium poetico.»

Ludovico Ariosto nasceu em 1474 na Fortaleza de Regio na Lombardia, sendo seu pae ahi governador.

Durante sua mocidade foi-lhe, como a Ovidio, prohibido o poetar, e ler outras obras, senão as que versassem sobre Direito; porem na idade de vinte annos, dando-lhe seu pae liberdade, entregou-se ao estudo da litteratura onde muito progrediu. Viajou tambem por quase toda a Italia, como allude na Satyra terceira:

«Visto ho Toscana, Lombardia, Romagna,  
«Quel monte che divide, e quel che serra  
«Italia, e un mare e l'altro, che la bagna.

Depois de haver composto diversas satyras, e o Orlando Furioso, poema em quarenta e sez cantos, foi em 1532, um anno antes de sua morte, coroado pelo Imperador Carlos V na cidade de Mantua. (6) No Orlando Furioso, que é sua melhor obra, transgrediu elle todas as regras da poesia, e fez um poema sem unidade. «Mas, como diz um critico Francez, (Bibliot. d'un homme de gout.) a pureza e elegancia do estylo, a feliz escolha dos termos, as graças da imaginação, uma alegria inesgotavel, tiradas sublimas; eis o que tem feito feixar-se os olhos sobre as imperfeições de Ariosto.»

Torquato Tasso, o antagonista de Dante, o cantor da Jerusalem Libertada nasceu em Sorrento em 1544; e foi seu pae o celebre poeta Bernardo Tasso, auctor do poema *Amadis de Gaula*. Estudou primeiramente o Direito em Padua, porem abandonou-o logo para entregar-se a poesia. Viajou por diversas cidades a Italia e mesmopela França.

Em Ferrara foi bem aceito pelo Duque d'Este, mas havendo depois conhecido um ardente paixão pela irmã do Duque, a bella Leonor, foi encarcerado n'uma casa de orates, e d'alli só sahio, passados sete annos a pedido de muitos principes e do proprio papa. Morreo em Roma em 1595, quando a chamado do pontifice Clemente VIII, tinha ido á essa cidade para ser coroado.

D'entre as muitas obras que compoz, eleva-se como um florão de diamantes a Jerusalem Libertada. «Tasso, disse um conhecedor (7) mostra-se mui superior a Homero, de quem parece ter seguido os passos, na arte de distribuir as cores, e de dar as diferentes especies de virtudes e vicios os traços que lhe são proprios, e que os distinguem.»

Continua.

Maranhão—1869.

M. A. Martins Costa.

3 La Divin. Comed.—Introd.  
6 Vita di L. Ariosto da S. Fornari.  
7 Bibliot. d'un homme de gout.

Imp. por Jesuino J. C. Marreiros e Sá.

## A NACÃO.

SANTO LUIZ, 18 DE JUNHO DE 1889.

## ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Enunciava uma grande e profunda verdade o eminente Padre dos primeiros séculos da Igreja que chamava o difícil cargo pastoral do governo das almas, a arte das artes.

Sam Gregorio Magno, por certo, mais do que nenhum outro dos zelosos Bispos da christandade podia assim definir a missão espinhosa do elevado officio episcopal.

E é por isso que em todos os tempos têm registráo os fastos humanos os importantes serviços do episcopado catholico; por que á par do summo fastigio do munus sempre estiveram as peregrinas virtudes, ornamento do Bispo, indicando obras grandiosas de beneficência.

Os Bispos são na Igreja catholica um typo. Todos os povos os apontam como bemfeitores da humanidade, eminentes pelo saber e pelas virtudes, revestidos de duplo character e dignidade para velar pela prosperidade das nações.

Successores dos Apostolos, chamados pelo Espirito Sancto, postos por elle para o regimen da Igreja, recebendo do céu sublimada missão, e assistidos com a graça consoladora e roborativa do Paraclete para o desempenho de tam ardua tarefa, os Bispos na communhão religiosa são apostolos da Igreja, e na sociedade civil, principes do Estado.

Revestidos dessa elevada dignidade vemos nas doze sés que compoem o pouco crescido mas brilhante episcopado brasileiro varões de provado merecimento.

E por um facto bem providencial quando em geral ao clero do paiz se assaca baldões e apodos, o episcopado é illeso, é exceptuado, e se o indigita como exemplar nas sciencias e nos costumes.

Acompanhamos o brado geral, e os mais sinceros hosannas entomamos em louvor dos Pontífices da sublimada religião do Calvario; por que são em verdade dignos successores do Paulo no berço da Igreja, e dos Justino no seu desenvolvimento.

As chronicas da diocese maranhense, ainda joven na ordem dos tempos, archivam quinze nomes illustres, e orgulham-se de haver possuido no periodo de quasi dous seculos prelados como os evangelhos e as sagradas epistolas da Apostolo das Gentes recommendam.

Um acontecimento de verdadeira dôr, que enlutou a Igreja e o Estado; por que á ambos roubou um fulgente luminar, o sabio Arcebispo Dom Romualdo Antonio de Seixas, arredou do solio maranhense o decimo quinto Bispo, que foi succeder ao metropolitano, que acabava de baixar ao tumulo.

Para succeder na sé vaga recorreu o Patrono do imperio ao claustro nacional, que, apesar de abatido e raro de pessoal, ainda conserva boa somma de ornamentos.

E a egregia ordem que ao mundo catholico tem illustrado pela copia de thias e mitras deu ao Maranhão um dos seus mais eminentes filhos para occupar o solio episcopal.

No silencio e humildade da cêla de monge benedictino; no lidar de proveitosos trabalhos, á que a humanidade saberá em todo o tempo abençoar; na cogitação de novos e importantes pro-

jectos que a experiencia sensata amadurecia para melhor resultarem beneficios duradouros, a imprevisita escolha da nomeação imperial para reger uma diocese, veio encher de surpresa ao actual Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, Dom Fr. Luiz da Conceição Sarai-va.

Era mister que ainda uma vez a candida virtude da obediencia, austero dogma do claustro, fizesse abandonar o sólo roteado pelo obreiro diligente, deixar as alvas e densas searas, que prometiam sasonados fructos.

O então snr. Dom Abade trocou a cruz abacial pela episcopal, e em tam honrosa permuta sobreveiu-lhe pela elevação do cargo maiores onus. A perseverança, porem, acompanha os infatigaveis lidadores sejam quaes forem os terrenos onde pela ventura se offereçam trabalhos.

Logo depois de sagrado, encaminhou-se Sua Exc. Revm. á diocese maranhense, fazendo sua entrada solenne á 21 de março de 1882.

No decurso de sete annos, em os quaes tem Sua Exc. Revm., dirigido os destinos da igreja diocesana, muito lhe deve o bispado por serviços relevantissimos que ha prestado.

No presente e nos subsequentes numeros emprehendemos fazer uma analyse da administração ecclesiastica diocesana durante o episcopado de Sua Exc. Revm., avaliando dos esforços e trabalhos apostolicos do venerando Diocesano em todos os ramos administrativos, expondo os resultados obtidos, e os que poderia ainda conseguir si outros fossem os elementos de que dispozesse.

A um Bispo sabio e charidoso o primeiro pensamento que o preoccupa é o estado prospero dos estabelecimentos diocesanos que tenham relação com a educação e instrução do clero e do povo, e com a beneficência e charidade publica.

Esses estabelecimentos, ou sejam seminarios ou asylos merecem o disvelo do Diocesano; por que não a instrução e a charidade os dous maiores beneficios derramados pelo episcopado em todas as epochas.

Foi esse o começo por onde encetou o venerando Prelado o governo de sua diocese. Entre nós existiam o seminario de Santo Antonio, inaugurado em 1837 para a educação do clero, e o Recolhimento de Nossa Senhora da Annunção e Remedios, destinado á educação de meninas pobres.

Consignemos, pois, algumas palavras sobre o segundo destes estabelecimentos, reservando-nos para ao depois tratar-mos do seminario.

O Recolhimento, instituição antiquissima, respeitavel por muitos titulos, sempre mereceu do publico sinceras demonstrações de apreço, pelas vantagens offerecidas á educação e á moral.

En epochas remotas, quando nenhum collegio havia que á par da educação illustrasse o espirito das meninas, o Recolhimento era o asylo unico onde bebiam os sentimentos de religião promiscuamente com uma educação solida dos deveres domesticos, e recebiam as prendas para no futuro serem mães de familias.

O apparecimento dos internatos para meninas fez decrescer a influencia de que gozava e reduziu-o quasi á mero asy-

lo de jovens desvalidas da fortuna, á quem a orfandade veio agravar as circunstancias.

O sentimento de religião e piedade, natural á essas almas candidas que nas amenas aspirações da supplica tinham por modelo a Virgem Santissima, creou vocações decididas á vida claustral, e dessas virgens professaram e receberam o habito muitas, seguindo a regra das religiosas Ursulinas, á cujo estatuto adotaram.

Esposas do Cordeiro Immaculado, repousaram nos genizeus do Senhor, se abraçaram á Cruz para viver não a vida do mundo farta de illusões e amarguras, mas a vida suave das contemplações do céu.

A outro não menos importante e utilitario fim se destinava essa instituição. Sabe-se á quantos naufragios arrasta uma sociedade composta de elementos heterogeneos, como a nossa, onde a instrução era, não ha muito, o apanagio das primeiras classes, e só de um modo parco e mui incompleto.

A mulher, arredada do banquete da instrução e unicamente entregue da gerencia do lar, accaso rudemente atormentada no moral pela pouca lhanesa do esposo, com o espirito pejado de trevas e ignorancia completa dos seus mais elevados deveres, teve de experimentar as consequencias fataes do obscurantismo intellectual.

No Recolhimento foram buscar um asylo seguro, e ali permaneceram o restante da vida no silencio, na oração, e na penitencia, acrysolando as virtudes christãs, e preparando-se para a viagem da eternidade.

Outras, abandonadas em terna idade, e seduzidas pelos ouropéis fallazes do mundo, viram as perolas da innocencia perderem-se no rio caudal dos vicios. As flores que entrelaçavam a nitida grinalda da virgem desprenderam-se tenues folhas dos delicados calices, arrancaram-se ao sopro do tufão, crestaram-se, e emmurcharam-se.

Em breve o remorso produziu copiosas lagrimas de arrependimento: era mister á grande culpa conceder-se um perdão supremo, e promover-se os meios de rehabilitação.

O seculo não devia continuar á receber uma de suas victimas: esta necessitava de expiação; era digna de misericórdia. E ainda o Recolhimento abria suas charidas portas, e no regaço da Virgem recolhida a lagrima fervida, brotada no momento sublime da conversão,

O Christo inaugurara tam sublimado dogma da rehabilitação humana pelo amor. Mulher, disse Jesus um dia, grande é a tua culpa, mas porque muito amaste eu te perdoo. E a casa sagrada do Senhor com essas palavras do Reparador absolvía ás arrependidas.

O Recolhimento, portanto, era um asylo que tinha tres bellos fins: instrução ás meninas; as consolações do claustro ás almas elevadas para as quaes o viver no mundo era um onus oppressor; as flôres da penitencia, e o rocio da oração, para esmalte e refrigerio ás impressões do arrependimento sincero, que succede muitas vezes ao andar erradio dos primeiros annos, quando se occultam agudosepinhos sob apparentes e seductores flôres dos prazeres mundanos.

Os fins da instituição vantajosamente demonstram que deveria o estabelecimento gozar do publico muita affeição, e a teve por tempo prolongado.

Eram, porventura, sufficientes os recursos de que á principio dispoz o Reco-

lhimento para sua manutenção: muitas pessoas de generosos sentimentos accudiram em seu auxilio, forneciam-lhe valiosos obolos, que a proviam do necessarios, constituindo-se do minguado superfluo seu parco patrimonio.

Alguns pios legados, algumas esmo-las, partidas d'almas bem formadas, proporcionaram ao estabelecimento meios para marchar por algum tempo sem maiores difficuldades.

Ahi, porem, chegou a epocha em que a charidade esfriou no seu elevado zelo, e tinham de soffrer as casas, cuja alma eram os sentimentos oriundos de tam sublimada virtude.

O pessoal interno-crescia, os socorros se prodigalisavam do mesmo modo, a charidade desenvolvia os mesmos beneficios: porem os recursos escasseavam, e a penuria seguir-se-hia apoz.

Foi por seu turno se deteriorando o edificio; as ruinas foram urgindo promptos reparos; as necessidades avultavam: era mister despendar muito para salvar do anquilamento o utilitario esforço de um homem grandioso, como foi o infeliz Malagrida.

Teve de pezar por sobre um só hombro, e viver aos reditos de uma só bolça, que é a dos pobres, porque o Recolhimento desde que se arrefeceu a charidade publica que o alimentava, recorreu ao seu natural protector, o Bispo Diocesano.

Os cofres da Provincia vieram em auxilio desse humanitario estabelecimento, dando-lhe uma subvenção mensal, com o onus de alimentar ali algumas meninas como suas pensionistas. Concedeu-lhe ainda duas loterias em seu beneficio.

Favores, por certo, mui valiosos são esses, porem estão aquem de suas necessidades, e dos importantes serviços que presta á causa publica.

A administração diocesana se ha empenhado seriamente em conservar o estabelecimento no elevado conceito que delle merece fazer o publico, e mui conhecidos são os esforços do Exm. Sr. Bispo Diocesano em melhoral-o em todo o sentido.

Chegando á esta diocese, depois do tempo absolutamente preciso para o conhecimento do estado de tantos ramos variados da administração publica, o venerando Prelado apprehendeu importantes melhoramentos no intuito de chamar ao estabelecimento melhor phase de prosperidade.

Notavelmente deteriorado, de aspecto horrivel pela falta de acao tanto pela parte externa, como pela interna, o edificio de Recolhimento necessitava de serios e urgentes reparos.

Confrangeu-se o coração-benevolo do Exm. Sr. Bispo Diocesano diante do quadro contrastador que offerecia um estabelecimento de instrução e charidade.

Consultou os recursos da casa e seus rendimentos, porem chegou á triste evidencia de que a despesa ordinaria sempre excedia á receita, produzindo constantemente um deficit crescente.

Diante de tam assustadora difficuldade que fazer? Continuar o desolador estado de ruinas, a falta de acao, a ausencia de ordem, de trabalho, de disciplina? Não era possivel. Um apostolo não desanima perante difficuldades, ao contrario são ellas estímulo para mais coragem. Si o trabalho é um dogma humanitario, a perseverança é uma virtude social.

Sua Exc. Revm., sem embargo desses tropeços por si bastante fortes para justificar a passividade ou falta de iniciativa, mandou immediatamente fazer as obras de que carecia o Recolhimento para sua conservação e limpeza.

Reformou-se todo o pavimento terreo, promptificando-se vastos commodos para as servas azyladas; mereceu importantes concertos o refeitório, cosinha, e mais dependencias. O andar superior foi também todo acceiado, fazendo-se a pintura conveniente e necessaria.

Por outro lado a igreja experimentou grandes reparos, ficando até o presente apta e decente para a celebração dos officios divinos.

Todas essas obras foram promptificadas sem o menor ônus pecuniario do estabelecimento. A charidade publica, que dotou o Recolhimento com numero crescido de meninas, também não veiu em seu auxilio.

Somente a mitra diocesana, somente a bolça charidosa do Exm. Bispo Diocesano foi a mantenedora do preciso para realisar-se esses melhoramentos.

Depois de prompto o Recolhimento, offerecendo decente morada ás educandas, o Exm. e Rvm. Snr. Bispo Diocesano entrou no desenvolvimento de outra ordem de reformas, das quaes fallaremos no proximo numero.

O que, porém, temos avançado á respeito deste util estabelecimento, os esforços do sabio e venerando Bispo Diocesano, suas rectas e pias intenções, provam exuberantemente, que Sua Exc. Rvm. é um incansavel e zeloso lidador, justamente applaudido no imperio como propugnador extrenuo dos beneficios Moraes do paiz.

Proseguiremos.

## POLITICA.

### Instrução publica.

Este importante assumpto occupará mui breve nossa attenção: discutiremos objecto tam momentoso para o paiz, ao qual liga-se sua futura prosperidade.

Como nos referiremos ao governo, encarando seus actos em relação á esse ramo do serviço publico, julgamos conveniente dar publicidade ao topico do relatório do Exm. ministro do imperio onde trata de igual materia.

Chamamos, pois, a attenção dos leitores para o que disse o honrado ministro:

«Não vos fallarei da importancia deste ramo de serviço, cujo estado se acha infelizmente muito á quem das necessidades que é destinado a satisfazer. Está na consciéncia de todos quanto interessa aos individuos, á sociedade e ao Estado o aperfeiçoamento do ensino publico.

Acreditando que o progresso nacional não é senão a somma das actividades e das aptidões dos individuos, considero a distribuição da instrução em todos os seus ramos como uma das bases do engrandecimento da nação. Nem duvido affirmar que, conhecido o estado do ensino em qualquer paiz, pôde-se avaliar de suas circumstancias sociaes, de sua idoneidade politica, de sua situação moral, direi mesmo de sua capacidade industrial.

E' com verdadeira satisfação que se nota o empenho dos governos de nossa época em diffundir as luzes por todas as camadas da população, preparando-a para melhores destinos pelo grande meio do adiantamento individual. Esta tendencia, que em alguns paizes tem feito também convergir para o ensino nobres e aturados esforços das classes mais elevadas da sociedade, honra o século em que vivemos, e já tem dado os mais lisongeiros resultados.

Muito temos que fazer no Brazil collocar a instrução publica no pé em que estimariam vê-la os que nella depositão grandes esperanças de melhoramento social.

Quem tomar a peito cuidar seriamente de tão difficil assumpto não deve des-

cansar, se quizer ter a satisfação de ver progredir a obra meritoria, a que se tiver dedicado. Não basta um bom systema de ensino; a execução é tudo. Não basta estabelecer os principios e traçar as regras; só a vigilancia, o esforço, o cuidado de todos os dias podem produzir em tempo os fructos desejados.

Não me parece em muitos pontos completo e satisfactorio o systema entre nós adoptado. Mesmo assim, se fosse executado com a boa vontade e dedicação, sem as quaes não ha verdadeiro magisterio, muito mais teriamos conseguido. A politica, porem, e outros interesses arredão as vocações: o professorado superior não é ainda para a maior parte uma situação definitiva, mas um ponto de partida, a estação de descanso e de abrigo nos dias de adversidade politica; o magisterio inferior é, salvas honrosas excepções que felizmente vão aumentando, um meio provisório de vida emquanto não apparece outro melhor.

Tendo em muito a iniciativa individual, seguiria eu nesta parte a doutrina da inteira liberdade do ensino, se a observação não tivesse demonstrado que só com o tempo, aturada applicação, preparo especial e sobretudo gosto, se podem alcançar bons professores.

E' esta uma das maiores difficuldades do problema da instrução publica, e sua solução pratica tem preoccupado espiritos muito eminentes das nações que mais se avantajão no cultivo da intelligencia. O governo que, desejoso de promover e espalhar a instrução, conseguir formar professores aptos e dedicados, que se interessem sinceramente pelo progresso dos alumnos e procurem tê-los no maior numero, terá dado um grande passo, porque já conta com os principaes auxiliares para a realização de seu plano. Não se deve, porem, esperar tal resultado sem que o magisterio se tenha tornado uma carreira honrosa e segura, e sem que gradualmente vão os aspirantes se elevando por seu merecimento e serviços á altura da missão de preparar as novas gerações para a vida social.

Infelizmente não ha muita estabilidade e seguimento na administração entre nós; e em tudo influe e quer ter influencia a politica.

E' fóra de duvida que na instrução publica tem a politica maximo interesse, mórmente nos paizes constitucionaes. Sem o aperfeiçoamento da educação popular, sem o progresso intellectual da nação mantem-se a fôrma, mais é muito duvidoso haver a realidade do governo livre.

Ao alargamento da comprehensão publica, bem como ás condições Moraes do povo, prende-se a grande e importantissima questão da educação politica. Não é sómente a idéa humanitaria se melhorar pela instrução as classes inferiores que colloca á frente do ensino publico em Inglaterra homens da posição de Lord Derby, J. Russell, Brougham, Montagu, Sir John Pakington e outros vultos dos mais salientes do Reino Unido. Estou convencido de que entra muito em seu animo o intuito de preparar-as e dispo-las para se poderem interessar pelas cousas publicas e de habilita-las para intervirem directamente ou por meios da representação nos negocios de sua localidade, de todo o paiz.

Aos esforços individuaes e collectivos de seus homens eminentes, que dedicão a tão importante trabalho o tempo que lhes deixa o peso do governo, e aos das innumerables sociedades propagadoras da instrução, deve aquella grande nação quanto tem alcançado a bem da educação popular. E tal é a efficacia dos meios empregados, que o governo não precisa de tomar a iniciativa nesta materia: os cofres do Estado vem apenas em seu auxilio com quantias que ficão muito áquem das que despendem os particulares.

Entre este systema, que só tem parelha no que adoptarão não menos vantajosamente os Estados-Unidos, e o da acção inteiramente official do governo e orga-

nização centralizada do ensino em França, está o que vigora hoje na Prussia, seguido em grande parte da Allemanha, onde a direcção da administração encontra no concurso da sociedade poderosos elementos.

Em todos estes paizes os homens que se têm encarregado de dirigir e organizar o ensino publico não se deixarão levar sómente pela theoria, mas aprofundando o genio da nação, esclarecidos por longa e bem aproveitada experiencia, assentarão o systema que mais convinha ás suas ciocumstancias peculiares, e fizeram convergir para sua completa execução todos os auxilios que puderão deparar. Não se contentarão com generalidades, mas estudando a indole da intelligencia humana e penetrando as leis geraes de seu desenvolvimento, estabelecerão no methodo do ensino gradações que com ellas perfeitamente se coadunassem.

Nem ficarão ainda ali. Não podem todos pela idade, extrema pobreza e modo de vida, frequentar com assiduidade as escolas regulares. E pois, ao lado das escolas regulares, em que a instrução é distribuida methodicamente, creão instituições destinadas a facultar-lhe mesmo irregular e accidentalmente, partindo da idéa de ensinar o mais possível e ao maior numero possível. Em tal caso estão as salas de asylo, as escolas da infancia desvalida, onde esta é colhida e preparada para as primeiras letras; as escolas nocturnas (não fallo das aulas da noite estabelecidas nas escolas regulares,) nas quaes aprendem os que tem as melhores horas do dia occupadas no trabalho, que lhes dá o pão; as escolas dos domingos, destinadas ao ensino da religião, da historia sagrada, e a dar noções de varias materias; as escolas das fabricas para os operarios que nellas trabalham e para seus filhos; as escolas de verão, as escolas temporarias, as escolas ambulantes e outras por meio das quaes a instrução vai ao encontro dos que vagão nas ruas das cidades, e busca no campo o lavrador em dias e horas que não estorvem o trabalho de que vivem.

Não vos recordarei a organização do ensino publico em outros paizes mais adiantados, nem os resultados que nelles se tem obtido, pois seria tornar saliente o contraste com o pouco que direi sobre o estado deste serviço nesta capital, onde para uma população superior a 400,000 almas existem apenas 45 escolas publicas frequentadas por cerca de 4,300 alumnos.

Sem fallar na instrução publica nas provincias, sobre qual o acto addicional engarregou as respectivas assembléas de legislar, nem no especial que interessa a outros ministerios, dir-vos-hei que é ainda defectivo, sobretudo na pratica, o systema adoptado relativamente á instrução superior, á secundaria e a primaria do município da corte, que estão a cargo do ministerio do Imperio.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### RECOLHIMENTO DE N. S. D'ANNUNCIAÇÃO E REMÉDIOS.

Para dar principio a fundação d'este *Recolhimento* seo piedoso e infeliz instituidor, o Missionario Apostolico Frei Gabriel Malagrida, da companhia de Jesus, authorisado pelo Alvará de 2 de Março de 1751 dirigiu-se por meio d'uma petição ao Bispo D. Frei Francisco de Santiago e disse «que o zello da maior honra e gloria de Deos o movia a fundar nesta cidade um *Recolhimento* para a boa educação das donzellas debaixo do *Instituto das Ursulinas*, que se achava approved por 4 Pontífices, como constava das Regras impressas em Roma, que se apresentavão a S. Exc. cuja fundação pretendia fazer junto á Igreja do Rosario dos pretos, e pedia por isso a S. Exc. Rvm. se dignasse

dar permissão para a dita obra, de que resultava grande utilidade ao bem publico das almas.»

«Foi despachada e autoada esta petição á 19 de Agosto de 1751.— O Dr. Procurador da Mitra, sendo ouvido, deu parecer favoravel.

A' 23 mandou o bispo expedir titulo com a clausula de ficar, como exigio o dito Procurador, sujeito á jurisdição do Ordinario.

A' 21 de Fevereiro de 1752 o seo fundador assignou um termo, em que o sujeitava á jurisdição do Ordinario com o conselho do Cabido, sendo testemunhas o conego Theodoro Camello de Brito e Manoel de Almeida e Freitas.

A' 27 de Junho de 1752 no logar e sitio junto á Igreja de N. S. do Rosario dos Pretos, presentes o Bispo, o Escrivão da Camara Ecclesiastica, conego Henrique de Barros Fronteira, foi por elles visto e reconhecido o logar para a fundação «e logo se assignou sufficiente e capaz para isso, sendo testemunhas presentes o Conego Vigario Geral Doutor João Rodrigues Covette, o Conego Doutor Promotor do Ecclesiastico Francisco Matosque, o Capitão Lourenço Belfort, o Padre Antonio dos Santos Camello e José Vivardo.»

A' 5 de Julho de 1752 se passou carta de licença para a fundação do dito Recolhimento de donzellas.

Houve alguma demora n'esta edificação ou ardente desejo no Padre Jesuita Malagrida de levar a effeito suas intenções, porque dirigio uma petição ao Cabido disendo, «que como o Bispo defuncto mandara proceder a exame pelo Dr. Vigario Geral para ver se era ou não capaz de servir para *Recolhimento* na caza do Padre José Teles Vidigal, por isso pedia que fosse julgada por sentença o auto de vistoria.»

Mandou o Cabido juntar esta petição aos autos, que constava da dita vistoria passada em 23 de Janeiro de 1752 «na caza do referido Padre Vidigal, que era junto ao Collegio dos Jesuitas, achando-a boa, com todas as commodidades, capacidade, e casas clausuradas com varios quartos para n'elles assistirem as *recolhidas*, sendo testemunhas o Dr. Arcediago José dos Reis Moreira, o Rvd. Mestre Escolla Fellipe Camello de Brito e o Padre Antonio dos Santos Camello.»

Antes de ser julgada por sentença a referida vistoria forão as *recolhidas* congregadas em 5 de Agosto de 1753 na caza supra mencionada, que julgamos ser na primeira da *rua da Palma*, por detraz da Sé, e frente ao Jardim.

Passado algum tempo forão expulsos os Jesuitas barbara e tiranicamente.

De todos os lados levantavão se perseguições e calumnias contra estes fervorosos Apostolos do Novo Mundo.

Abusou-se até da fraqueza da intelligencia e da fragilidade do sexo d'estas *recolhidas*, filhas espirituaes de Gabriel Malagrida, obrigando-as a assignar uma petição, em que por ellas se disse o seguinte, «que a vestimenta dos habitos das *Ursulinas do Coração de Jesus* tinha alguma se-

melhança com a dos Jesuitas, supposto que não em todo, e que como estes merecerão justamente de S. M. Fidelissima as expulsões de todos os seus domínios pelos indignos e lamentáveis procedimentos, com que se atreverão a offender a Magestade do Nosso Soberano Rei e Salvador, não querião ellas, de sorte alguma, continuar com a dita vestimenta e hábitos para não conservarem em si o menor indicio dos ditos Jesuitas, maiormente não sendo professoras, e sim voluntariamente desejavão trocar o seu Instituto pelo das *Agostinhas de Santa Monica*, mudando por esta forma o habito e a regra, e assim pedião o deferimento.»

Em 14 de Junho de 1768 foi despachado, como desejavão, pelo Governador de Bispado o Dr. Barboza Canaes.

Em 10 do mez seguinte, presente o referido Governador, no *Recolhimento*, compareceu a Madre Abbadesa Maria Josepha de Jesus e todas as recolhidas, já vestidas de «tunica preta comprida, mangas largas e compridas, com sua correia, seus toucados e veio no rosto», e ali confirmarão com juramento o que *havião dito* em sua petição, sendo de tudo testemunhas o Capellão das recolhidas José Telles Vidigal, e João Ignacio de Moraes Rego, aquelle Capellão, e este procurador das mesmas recolhidas, e como escrevão o Padre Alexandre Pedro de Abreu.

A 14 do mesmo mez foi julgada por sentença tal mudança, e de então até hoje tem-se observado ali a referida regra.

«Andando o Jesuita Frei Manoel da Silva pelo Maranhão com licenças regias e pontificias no tempo, em que se projectava a fundação d'este *recolhimento*, offerceco-se para coadjuvar este pio estabelecimento no gyro, que ia fazer pelo interior.

«Proposta tão espontanea, feita por um varão apostolico, não era para desprezar-se.

Com esse caridoso fim, e munido de licença dos seus prelados, andou esmolando pelo interior, dizendo-se por toda a parte procurador do *recolhimento*, e declarando a applicação, que pretendia dar á sua abundante collecta.

N'esse empenho conseguiu arrecadar grandes sommas, depois do que se foi estabelecer nas *minas da Natividade*, em Goyaz, onde applicou as esmoladas á fundação de fazendas de gado, mas sempre dizendo-se procurador do *recolhimento*, com o qual, em honra da verdade, nunca se quiz entender, e a quem em occasião alguma favoreceu com um ceitil, apesar dos reiterados rogos da superiora, Soror Maria Josepha de Jesus, que governava o Convento desde sua fundação.

Quando o Bispo do Pará se dirigio a Maranhão na qualidade de delegado do Cardeal D. Francisco de Saldanha, para cuidar da reforma da *Ordem de Jesus*, sabendo do procedimento do Padre Manoel da Silva certificou a soror Maria que ia mandar o recolher ao Maranhão para dar conta do que pertencia ao *recolhimento*.

N'essa occasião escreveo o Bispo ao Governador de Goyaz fazendo-lhe

vêr o irregular procedimento d'esse sacerdote e do seu companheiro Frei Pedro Fedaldi, e o mesmo fez á superiora por Carta de 25 de Novembro de 1760. Tratava João Manoel de tomar conhecimento d'isto, quando seguirão-se as desordens, que motivarão a prisão dos jesuitas, e o sequestro dos bens, que possuíam, ou administravão.

Presos o Padre Manoel da Silva e o seu companheiro, e remetidos para Lisboa, os bens do *recolhimento* forão depositados nas mãos de Antonio Alves Maia e Antonio Nunes de Valle, ate que por ordens posteriores tiverão de ser os assumptos relativos a este sequestro affectos ao Dezembargador e ouvidor geral Antonio José d' Araujo e Souza, e afinal ao bacharel Manoel Guimarães da Costa, que exercia o cargo de intendente das minas da repartição do norte.

Parece que o Governador de Goyaz João Manoel de Mello tomou a si proteger os interesses do *recolhimento*, como se deprehe de uma carta do Bispo Frei Miguel de Bulhões de 2 de Julho de 1761, em que lê o seguinte.

«Recebi a de V. Exc. de 11 de Agosto do anno passado, tão demorada, que agora é occasião de responder, como faço; e em primeiro lugar rendo a V. Exc. graças pelo zelo á respeito do *recolhimento* do coração de Jesus, d'esta cidade. O seu procurador, que foi o Padre Manoel da Silva segundo consta das suas cartas, promettia, mas não mandava: as pobres recolhidas vivião só de esperanças: V. Exc. porem, as quer cumprir, no que fará serviço a Deos

Para onde o Padre Manoel Silva divertia as esmoladas recebidas, ou se as divertia, não podíamos de cá observar tanto ao longe. V. Exc. com a sua comprehensão estará melhor informado: assim como eu já estou inteiramente persuadido, que por intervenção de V. Exc. terá o *recolhimento* melhor fortuna.»

Remettidos os Padres para Lisboa onde forão retidos em segura custodia, exigio em 29 de Outubro de 1761 o Conde de Oeiras do Governador João Manoel de Mello informações sobre os bens, que elles tinham deixado na Capitania.

O inventario d'esses bens, que tivemos presente quando escrevemos as notas d'esse capitulo, prova os escandalos e extorsões por esses padres praticados com o fim de haverem as fortunas alheias, simulando um piedoso interesse pela sorte d'um estabelecimento, que nunca lhes mereceo devocção alguma,

Ao passo que as recolhidas soffrião privações e necessidades, ia o Padre Manoel da Silva povoando fazendas, comprando escravos, e promovendo novos legados, com que augmentava seu crescido patrimonio.

Só na Capitania de Goyaz, nas margens do rio das Almas, Santa Theresa e Canna Braba existião seis fazendas com duas mil cabeças de gado, alem de mil espalhadas por fora.

«Chamavão-se essas fazendas *Recolhimento, Ortigas, Pindobeira, Gilbruez, Gado-brabo*, e a sexta, cujo nome não vem declarado nos papeis, que consultamos.

«N'essas fazendas existião 17 escravos. Em letras e creditos por cobrar encontrou-se o valor de... 7:450,720. Não fazemos menção das doações descriptas no inventario, de que não estavam effectivamente de posse, por não se terem ainda lavrado as escripturas: mas nos livros e papeis estavam notadas e existião as respectivas clareasas.

«Cremos que as recolhidas poucos lucros tirarão d'essas fazendas, situadas no sertão de Amaro Leite: os indios canceiras invadindo essa parte da capitania, as despovoarão e destruirão, como aos demais estabelecimentos, que ali já se tinhão fundado, e tanto promettião prosperar.»

(Lede cap. VIII dos *Annaes da Provincia de Goyaz* por J. M. P. de Alencastre. *Revista Trimensal* do Instituto Historico, 3º trimestre de 1864 pag. 176 usque 180.)

(Continua.)

Maranhão 1869.

Dr. Cezar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### A indiferença em materia de religião.

Necessidade da Religião.—Existencia de uma Religião verdadeira absolutamente necessaria á salvação  
—Possibilidade de discernir a verdadeira Religião—  
Necessidade de se examinar se ha uma Religião divina— Impossibilidade de indiferença na escolha de uma Religião.

#### I

As trevas do Chaos tinhão cahido nas profundezas do Abyssmo, e a natureza se havia adornado das maravilhas da criação.

O Rei do universo, a obra prima da Omnipotencia, coroada pela Trindade Santissima tinha firmado seu throno na immensidade do amor. Elle era grande em quanto equilibrava em seu sceptro os destinos do mundo recém-nascido; mas em um ligeiro relance, revolvendo um olhar compassivo sobre si mesmo, meditava, punha a mão na fronte inspirada, e de repente escapavão-lhe dos labios estas emoções eloquentes do coração:

Se uñ sou eu, onde estou, para onde vou? E um olhar contra a terra lhe apontava o abyssmo que se abria debaixo de seus pés, e mais alem o quadro de sua pequenez e a contemplação de seu verdadeiro nada. Daqui esta ideia sublime de um ser creador, esta elevação do nosso pensamento até os arcanos divinos.

A contemplação do infinito e do nada firmou pois esta cadeia immensa que nos prende ao auctor da nossa felicidade, e deixando cahir á seus pés as testemunhas authenticas de nossa dependencia, abriu no coração a união da natureza com a lei, da paz com a razão, essa paz que vem do creador. Mas estes testemunhos tam valiosos que são, tam eloquentes, ficarão mudos se não fossem acompanhados da doce harmonia do amor. O amor foi pois o liame estreito, que ligou a creatura com o creador. E esta união tam forte originou as causas da sociedade do homem com Deus, formou a razão do culto, em uma palavra, estabeleceu a Religião.

Estas ideias compiladas formão por si sós um corpo de razões fundamentais em favor da primeira these, de que nos vamos occupar.

Com effeito, o que nos diz a natureza do homem? Para formar o seu corpo, o Artista Supremo applicou a sua mão poderosa a uma materia corruptivel, e esta materia, a principio sem forma, recebeu á mais bella figura que então tinha visto o mundo. Mas a maneira de produzir a sua alma é muito mais maravilhosa, elle não a tira da materia, não, mas uma inspiração do ceo, um sopro de vida, que vem de si mesmo, eis a alma. Hé assim que Deos preparou este elemento divino, estabelecendo co-

mo seu representante e seu sacerdote, cuja vida devia ser uma imitação da sua, que devia viver como elle da razão e da intelligencia, que lhe devia estar unida pela contemplação e pelo amor e por isso voltar para elle, e a sua passagem, depois de uma renhida luta entre a imaginação e a razão, entre o entendimento e a vontade, estabelecendo á harmonia entre o coração, os sentimentos e a intelligencia, tornar-se digno de um destino sublime, receber a coroa da immortalidade dividida á uma fronte tam nobre, ser em summa feliz.

O homem pois nasce para a felicidade, ainda que muitos, fascinados pelas illusões do seculo, desviando-se das veredas da justiça e da verdade, tinhão, depois de moroso perpassar, deparado com uma felicidade, que lhe offerece a razão de fanatismo, uma felicidade indocil e rebelde creada pelas paixões, onde o orvalho do ceo não penetrou, e da qual fogem os choveiros da graça. Mas, que importa?

Seu erro está na escolha dos meios, pelos quaes atinigrão a um mau fim, entretanto que crendo nos falsos sentimentos, julgavão trilhar a senda que vai ter ao infinito.

Ainda uma vez repetimos: o homem dirige-se naturalmente á felicidade, á verdadeira felicidade; seus desejos não podem ser enganados, porque Deos não zomba de sua creatura. Mas a Religião e somente ella pode lhe offerecer a felicidade, pela qual elle suspira com ardor, donde a sua absoluta necessidade. E para que se cumpra esta partilha da humanidade, o Creador ornou uma natureza tam nobre de meios tam proficuos, para a por em relação immediata comsigo: a intelligencia para conhecer a verdade, o amor para com dilecção preferir o summo bem, e a vontade para se dirigir livremente á verdade e a posse deste bem, eis os meios d'uma posição mais ou menos perfeita de Deos, que sendo por si o complexo da verdade, e do bem infinito somente elle pode satisfazer as necessidades de nossa intelligencia e do nosso coração e consagrar por meio delles uma recompensa digna do homem. O que é pois necessario para ganhá-la, com relação á Deos, uma união estreita com elle, e onde os laços, que formão esta união? na Religião; por que só ella estabelece a sociedade do homem com Deos.

De mais, levantemos a ponta do véo, que esconde nosso orgulho, derrame-mos uma lagrima sobre elle e reconheçamos que só a Religião é capaz de fixar a nossa intelligencia para o conhecimento das verdades, que formão o interesse principal na ordem da moral, que só é capaz de abrir no nosso coração o receptaculo dos bens infinitos, unicos que se podem medir com a immensidade de nossos desejos. Sem ella o conhecimento de Deos vagaria na incertesa de nossos sentidos, o do homem e de seus destinos uma supposição futil collocando em um só plano o grande e o pequeno, rico e o pobre, o sabio e o ignorante, ella nos ensina que Deus não nos lançou no vasto procenio do universo senão para o conhecer, amar e servir. Sem ella o amor do proximo seria uma illusão e o preceito do Senhor mentira. Em quanto o homem se agita infelizmente em um pelago de dissabores e de desgraças, e conserva um coração dilacerado, descontente de si, conhecendo os abyssmos que se abrião debaixo de seus pés, a Religião deixa cahir no fundo de sua alma um fructo precioso.

Deos não a desampara, reside nella como em um templo mistico, e o espirito de humildade reprimiu o orgulho, temperou o ardor dos prazeres, garante-nos a prosperidade, reanima-nos no infortunio, consola-nos na afflicção; então a paz do espirito não é uma capitulação que se ajusta á iniquidade dos homens não é a paz de um instante, não é uma paz aspirante, infestada com as illusões do peccado não, mas é uma paz do coração com a razão, da natureza com a lei, uma paz de fraternidade com os homens, uma paz, que vem do Crea-

dor, que por meio da graça tem posto em equilíbrio a uma creatura com a natureza e os deveres, que ella tem praticado. Este estudo tam sublime tem um fundamento na virtude, que por si só faz a nossa ventura na terra e preparando-nos um caminho de flores e fructos de uma vida christã leva-nos a repousar no seio da Eternidade, possuindo a verdade e a vida. Eis a realidade das promessas de Religião, conhecer a Deos para ser delle amado é o maior dom, de que pode gozar a alma. E quando Deos nos ama até fazer que nos o amemos, elle reina em nós; elle faz a nossa vida, nossa paz e nós começamos a nos alimentar da vida da bemaventurança. Desgraçado do homem que pensar o contrario; desgraçada da alma precursora, que espera adiar em si mesmo os mysterios do amor divino! Desgraçado daquelle que tendo estudado as verdades reveladas blasfemar contra sua natureza, negar a Religião e cahir no abysmo.

Oh! o Atheismo é o opprobrio da humanidade, é uma affrontosa reprobção lançada ao mundo das rasões bem fundadas. O Atheismo negando a necessidade da Religião, bem longe de procurar o repouso a seus scetarios, os enche de perturbação, de duvidas e he ideias falsas.

O systema dos Stoicos, fazendo consistir a verdadeira felicidade na insensibilidade as dores e contra a natureza.

A Escriptura nos assegura que o Atheu jamais gosará a paz, que não ha para elle consolação e felicidade. Uma afecção singular de degradar o homem, de collocar-o ao nivel dos brutos, affirmar de provar que elle não é a obra d'um Deos sabio e bom, eis as armas com que elles nos querem inspirar coragem e sentimentos nobres. Mas o que é isto, senão um aviltamento voluntario, que muito se ajusta com o orgulho philosophico? A situação de um Atheu não é tranquillizante nem feliz, é antes um rasgo de crueldade contra si mesmo.

E porque tanta desgraça? porque Deos lançou contra elles esta terrivel sentença? Não haverá paz para os impios? Ella é o castigo da corrupção e da blasfemia contra a justiça de um Deos zeloso de sua soberania infinita. Um Atheu ignora se em algum momento o mundo cahirá no chaos, se os homens se tornarão em um instante e de uma só vez monstros de malicia, se elle mesmo se achará no cumulo das desgraças; entretanto que uma Providencia sobre a perplexidade da ordem phisica e muito mais sobre a constancia da ordem moral, é uma verdade de primeira ordem.

A lei e os principios da justiça, estão gravados em todos os corações piedosos e forma o penhor de nosso culto e de nossa confiança; mas no meio d'uma sociedade de Atheus, em quem fundará nossa confiança, a quem curvar os nossos joelhos, tributar nossas adorações? Ao acaso, dizem elles, mas o acaso é nada. Eis como cahe de bem alto o perigoso systema do Atheismo.

E' tambem contra elle, que vamos demonstrar a necessidade da Religião pela fundação da sociedade.

(Continua.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

## NOTÍCIAS.

### Chronica externa.

—Em Hespanha continuavam as cortes em sua ardua tarefa de arranjar uma forma de governo para o seu infeliz e desolado paiz.

161 votos contra 2 rejeitaram a emenda, em que se pedia que a forma de governo fosse a republica democratica.

Foram rejeitadas diversas emendas pedindo uma republica debaixo de diversas formas.

A emenda dizendo que o chefe de estado devo ser hespanhol de origem foi rejeitada por 114 votos contra 60.

Depois de um discurso do Sr. Ullá, provando que a monarchia é compativel com todas as liberdades, a emenda do

Sr. Orense, sobre a republica federativa, foi rejeitada por 182 contra 64.

O Sr. Balaguer pedia que a forma de governo seja a monarchia democratica.

A moção foi rejeitada, mas o artigo 32 ha de ser redigido, n'estes termos. — A soberania reside na nação, da qual dimanam todos os poderes.

Houve outra moção pedindo que a eleição do monarcha fosse feita por meio de plebiscito, e foi rejeitada, assim como uma emenda contra o principio hereditario.

O deputado Jaul apoiou a emenda, para a formação de um directorio tri-nal nomeado pela camara.

A questão da regencia parece resolvida, mas só até á aprovação da constituição.

Foi rejeitada e emenda do Sr. Orense, relativa á abolição immediata da escravidão, depois da declaração dos Srs. Olazaga e Topete, de que esta grave questão ha de ser tratado com o concurso dos deputados das Antilhas, acrescentando que o governo pediu ao general Dulce que nomeasse uma commissão encarregada de formular as bases da abolição, se esses deputados não puderem vir na occasião de se discutir o artigo relativo ás Antilhas.

—Em França o imperador Napoleão recebeu em audiencia lord Grills, o qual partio logo depois para Londres.

Todos os dias augmenta a agitação em França, a proposito das eleições; e a policia exerce a maior vigilancia sobre as reuniões electorales.

O jornal official publica um edital do prefeito de policia, em que prohibe que se estacione nas ruas, e tambem as reuniões electorales desde o dia 15.

O discurso, que pronunciou o imperador dos francezes por occasião da visita que faz á exposição agricola de Chartres, foi objecto de muitos commentarios, e é geralmente interpretado como um signal de profundo desgosto que S. M. I. experimenta, em presença dos esforços, e dos trabalhos da opposição em todos os departamentos de França.

Diz, porem, o *Jornal Officiel*, no seu Bolhetim, que o discurso do imperador é um chamamento leal, em um bom sentido, á firmeza das pessoas honradas, e n'ta as paixões subversivas e revolucionarias, e ao mesmo tempo uma importante garantia do espirito liberal que ha de continuar a dirigir a marcha do governo.

—Em Portugal descobriu-se no dia 3 uma sedição militar em tentativa, mas sedição sem fim pos tivo, nem chefes autorizados. Foram angariados alguns sargentos, e deu-se lhes um pouco de dinheiro para subornar soldados, que não se deixaram subornar. Os amotinados deviam dar vivas ao marechal Saldanha, que está em Pariz, e que não tem nenhuma connivencia nestes tramas ridiculos. O começo de execução do plano revolucionario foi frum homem com uma grande tesoura cortar os fios do telegrapho na sahida de Lisboa. Os fios foram concertados, e os implicados neste aborto de conspiração foram presos e parece que teem relevado tudo.

### Chronica interna.

As datas de Assumpção alcançam a 15 do mez ultimo.

Nenhum feito de armas alli se dera. Continuavam a chegar cavallos enviados de Buenos-Ayres, pelo que não tardaria o 4º corpo de exercito a mover-se para Pyrayú, onde devia assentar-se no ulterior plano de operações. Entretanto trabalhava-se na reconstrução da ponte do Juguery.

Deu-se nova organização aos corpos do exercito, e restabeleceu-se o batalhão 36º de voluntarios, que fora extinto, não permittindo a força actual restabelecer outros.

Na Assumpção continuavam os trabalhos de arrasamento dos fortes que dominavam o rio, serviço que estava incumbido ao coronel João Vits. Em compensação construíam-se para o lado de terra reductos que protegessem os nos-

sos depósitos, caso tivesse de ser reduzida a guarnição da praça.

—No dia 4 o commandante e outro official da canhoneira ingleza *Bacon* foram ás avançadas de Ascurras levar os officios do ministro inglez em Buenos-Ayres para Lopez.

Para isso partiram de Juguery dous esquadrões de cavallaria com o capitão Osorio, ajudante de campo de Sua Alteza: chegaram a Patinho-cuê e duas leguas além deu-se o encontro, levando o proprio commandante da *Bacon* o pavilhão de sua nacionalidade, ao lado da bandeira-branca.

Os commissarios foram recebidos nas linhas do inimigo, donde não lhe foi permittido passar adiante. Lopez não quiz recebê-lo, tomando-se apenas os officios da linha. O official paraguay que veio a fallar com o tal parlamento fallou com elle em inglez. E' o que affirma o capitão Osorio.

A' entrevista acudio numerosa officialidade paraguay, montada em cavallos gordos e no meio della o filho mais velho de Lopez, moço de 20 annos, pouco mais ou menos, que, nas palavras que dirigio ao capitão Osorio, achou meios de lembrar quão glorioso era para o Paraguay o mez de Maio, transformando, á ruína de seu pai, os dias 2 e 24 em anniversarios de victoria.

Deu-se depois um incidente que consignamos em falta de materia mais importante. Um coronel paraguay foi conversar com os soldados do piquete brasileiro, e sendo advertido pelo nosso official, pronunciou algumas palavras arrogantes, lamentando achar-se presente a bandeira de parlamentar. «Como usted, replicou friamente Osorio, prefiro esta,» e sacou a meio a espada.

No dia 8 repetio-se a ida de nossa gente aos pontos paraguayos para acompanhar o Sr. Ramsay, chefe do estado-maior da força naval dos Estados-Unidos do Sul da America, recebendo-se á tarde do inimigo um sacco endereçado pelo general Mac-Mahon ao Sr. Worthington; ministro americano em Buenos-Ayres, e diversas cartas dirigidas ao Sr. Ramsay.

No dia 11 voltaram os commandantes inglez e americano. Este ultimo levou consigo outro official e ambos penetraram nas linhas para irem se entender com o diplomata de sua nação. Quanto ao inglez, esse voltou pouco satisfeito da maneira porque tinha sido tratado e regressou para Assumpção.

Voltaram depois de Ascurra á Assumpção em um só dia, tendo atravessado um rio em uma chalana, os officiaes norte-americanos que haviam ido levar despachos ao general Mac-Mahon. Este, sobre cuja demissão de ministro dos Estados-Unidos não parece restar duvida, não os acompanhou; devia, porem, segundo elles disseram, chegar brevemente a Luque, seguido de volumosa bagagem.

—Com a volta destes officiaes espalhou-se o boato de que Lopez se queria retirar do Paraguay, e a este respeito escreveram particularmente ao *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Acaba de saber com muita certeza que pela correspondencia enviada ultimamente por MacMahon ao ministro americano em Buenos-Ayres, consta que Lopez se dispõe a deixar o Paraguay, mediante insignificantes condições, deixando ao arbitrio unico dos alliados resolverem entre si o estipulado no tratado de aliança. Tenho fê nesta noticia, por que é muito reservada, e creio que bem poucos aqui a sahem.»

Lopez se acha em Azcurra, ponto em que está acampado o exercito composto de nove a dez mil homens, entre crianças, velhos e invalidos, a mór parte dos respeito de esquadra conta ainda com os vapores, *Pirabebé*, *Salto-Guará*, *Anahimbahy*, *Rio Apa*, *Ipôra* e *Parandé*; o total da tripolação que se acha nesta esquadra é de 130 homens, os quaes não teem armas, por quanto Lopez carece de armamento e viveres.

As familias estão dispersas entre varios pontos da cordilheira, chamados Peribebé

Caraguatás Caraguatay e Tomaty, soffrendo a mais espantosa miseria, e tendo-se desenvolvido entre ella, varias enfermidades contagiosas que dizimam de dia em dia a sua população.

O campo de Lopez não tem entrincheiramento algum; o numero de peças de artilheria que possui é 19 a 20 boccas, sendo a de maior calibre, 32 raiada; a

Este inimigo da especie humana, segundo dizem os prisioneiros, se acha em completo desespero; por sua ordem se teem ingrilhado e encerrado nas prisões todas as familias que habitavam a cidade de Assumpção, sem distincção de sexo, classe ou idade.»

### Chronica urbana.

—Chegou á bordo do paquete, aqui entrado á 14 do corrente, o Exm. Sr. doutor Braz Florentino Henriques de Souza, presidente desta provincia. Sua Exc. tomou posse do cargo eminente para que foi nomeado, á 16 deste.

Sua Exc. prestou o juramento perante a Assembleia Legislativa Provincial, e depois encaminhou-se á cathedra onde assistiu ao Te-Deum que cantou se em acção de graças.

Estiveram presentes os Membros do Corpo Legislativo, o Exm. e Revm. Sr. Bispo Discesano, o Exm. Vice-presidente Doutor José da Silva Maya, o Corpo Capitular, Officialidade de terra e mar, corpo de tropas, educandos artifices, apprendizes marinheiros, e grande numero de cidadãos e pessoas gradadas de todas as classes.

Já enunciamos nosso juizo sobre o elevado conceito em que temos os merecimentos de Sua Exc., por certo além do que supomos.

Desejamos cordialmente que faça Sua Exc. prospera administração, e temos plena fé que assim o será.

—Fomos obsequiados com um pequeno volume, destinado ao ensino da infancia, com o titulo *A' meus filhos*, publicado nas perfeitas e adiantadas officinas do Sr. Ramos de Almeida.

E' auctor do livro o distincto escriptor francez Prospero Blanchard, auctor de varias obras de instrução publica, entre as quaes sobressae o seu excellente *Dicionario de educação*, encyclopedia de conhecimentos preliminares de sciencias e artes.

O livro *A' meus filhos* é um verdadeiro presente á infancia. Bellas historias, curtas, vehementes, são as mais proprias para entreter e instruir a infancia. O conto tem no fundo a moralidade, e quando o menino não a comprehenda logo fere-lhe a imaginação o bom exemplo que viu e o archiva na memoria para occasião identica.

Livros como esses são os que deveram ser espalhados á mãos largas pela infancia, e pelo povo, que aliás se embrega ao veneno corrosivo dos romances.

Louvres ao crebro intelligente, que reconhecendo as necessidades publicas por seu lado as atenua com seu trabalho proficuo.

Um nome de bastante prestigio apadri-nha o livro; pois que é vertido pelo nosso illustrado e laborioso comprouviciario, Sr. doutor Cezar Augusto Marques.

Por mais esse trabalho importante ás letras e á educação felicitamos á tam distincto litterato.

—Agradecemos ao joven collegial do Seminario de S. Antonio, o talentoso seminarista Oliveira Junior o primoroso artigo que começamos á estampar sob o titulo de *Collaboração*.

—Por motivos imprevistos tem se dado alguma irregularidade na distribuição do jornal no dia proprio, as quartas feiras. Temos em vista obviar isso logo que introduzirmos algumas reformas indispensaveis no serviço typographico.

*Errata.*—No presente numero, na 2ª pag.—4ª col., nas linhas 62 a 63 em vez de «forão as recolhimento das congregadas» leia-se—foram as recolhidas congregadas.

Imp. por Jesuino J. C. Marreiros de Sá.

## A NAÇÃO

Maranhão 29 de Junho de 1869

ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Em o precedente numero vimos como á sua chegada á esta diocese achou, e os esforços que empregou, o Exm. e Revm. Bispo para tirar o Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios do estado decadente á que levava-o muitas circunstancias.

Havendo seriamente cuidado dos interesses materiaes do estabelecimento, o veneravel Prelado voltou suas vistas para o estado moral d'aquella instituição, que também realmente era pouco lisonjeiro.

Necessitava primeiramente do governo energico e reflectido que vellasse pela direcção, e imprimisse o cunho de ordem, verdadeiro motor e sustentaculo de estabelecimentos desse genero.

A força moral das autoridades internas era enfraquecida ou nulla, accaso pela imposição de superiores pouco sympathicas e más governantes, e por isso frequentes luctas e descontentamentos pronunciados que sempre ali os houve.

O tino administrativo e zelo esclarecido do Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano conseguiram restabelecer a harmonia reciproca, dando plena liberdade á eleição das administrações, e cercando do prestigio devido ás autoridades constituídas.

Começou desde então á reinar a melhor ordem, e a obediencia reflectida harmonisou-se com a sabia e discripeionada autoridade.

Encetou ao depois o illustrado Diocesano a serie de melhoramentos Moraes, que ao estabelecimento trouxe nova animação.

Organizou ali o serviço do refeitório, ou meza commun que era mal feito, originando-se d'ahi toda a sorte de tropeços; inaugurou o trabalho methodico, regularizando os dias e horas, em que se fazia o trabalho commun, e os em que teria lugar o individual.

Para todas essas medidas foram expedidas instrucções peculiares, repassadas de muito espirito de sabedoria e justiça.

Para incentivo ao trabalho creou exposições annuaes, nas quaes eram patenteados os artefactus manipulados pelas educandas, e sabemos que muitos houve de real merito, justamente applaudidos pelas pessoas entendidas.

Introduzindo melhoramentos dessa ordem, o veneravel Diocesano prestava grande beneficio á essas orphãs, porque na sua quasi totalidade o são, e dava uma feição regular á essa casa que devêra accarretar a sympathia e o agrado do publico.

Além disso o disvelado Sr. Bispo cuidava ainda no modo do ensino, dirigindo e estabelecendo regras como deveriam as meninas frequentar as classes, nomeando mestras d'entre as mais adiantadas, promovendo assim o estímulo, e premiando os esforços juvenis.

O impulso dado ao regimen interno do Recolhimento attrahiu a attenção do publico que conservava-se indifferente e algumas jovens ali foram receber a educação e instrucção.

De então para cá o Recolhimento ha seriamente preocupado o espirito em-

prehendedor e laborioso do sabio e virtuoso Bispo Diocesano, que não cessa de cuidar dos meios pelos quaes deve melhorar as instituições diocesanas e crear novas.

Sollicito em extremo pelo futuro, de um estabelecimento cujo passado fôra muito glorioso, o nosso apostolico Prelado á todo o momento não recua diante de obstaculos supervenientes, creados, entre outras difficuldades, pelo má estado financeiro da instituição.

De recursos mui parcos, insufficientes para sua sustenção, o Recolhimento sempre apresentou um aspecto pouco lisonjeiro quanto á rendas pecuniarias.

Firmado unicamente na generosa coadjuvação da charidade publica esta enfraqueceu-se de tam visivel modo que parece-nos de ha muito não haver um legado pio que em patrocinio de tam utilitario estabelecimento fosse dado.

E por um desses factos, que todos os dias se dão, predomina no publico uma falsa idéa de que ha rigorosa obrigação de serem acceitos nos estabelecimentos publicos todos os pretendentes que por ventura se apresentem solicitando ingresso.

Até certo ponto applaudimos as intenções dos que aspiram garantir o futuro dos seus, disvellando-se por sua educação e instrucção, e sollicitando sua entrada em estabelecimentos regulares e destinados á aquelles fins.

Julgamos, porem, censuravel o procedimento de muitos que formam desses estabelecimentos uma idéa diversa da que o bom senso lhes deveria dictar.

Pobres, pela sua mór parte, vivendo de recursos limitados, essas pretensões desmarcadas cream-lhes embaraços, que por seu lado occasionam justificaveis excusas dos que dirigem instituições semelhantes. Quando o fervoroso zelo dos fiéis amortece, não deveriam esperar prosperas torrentes de beneficios, nem rasgos de abundante generosidade; por que os fins naturalmente são consequencia dos meios que se emprega.

Um agricultor que descurou de arrotar a terra, de encavar no seio della a semente, de regala-la com o suor, de vê-la crescer, por certo que não espera messe nem fructo.

E' o que se dá com o Recolhimento. A charidade é indifferente para com um estabelecimento modesto porem de grandiosos fins, e no entretanto as candidatas á admissão são numerosas, infinitas.

Calculamos os embaraços com que lucta o pio e veneravel Diocesano Maranhense, de um lado se lhe afigura um estabelecimento pobrissimo, onerado com o grave encargo de pensionistas gratuitas em avultada cifra, e de outro donzellas á quem é mister abrigar!

O publico, porem, reconhece isso, mas é exigente, quando devera ser benevolo. A charidade, diz S. Paulo, é compassiva, porem nós a convertimos em asperidade, exigindo que se tire de um lugar onde se não pôz. Sabemos que o rigoroso Senhor, que distribue os talentos de que nos falla o Evangelho somente cobrou dos servos á quem á principio os entregou para com elles gyrrar: nós cobramos dobrado talento sem havermos dado o primeiro.

Trançando estas linhas não incriminamos á ninguem; não offendemos ao character piedoso de pessoa alguma; não accusamos, mesmo em these, as virtudes civicas e religiosas da nossa população; não oscurecemos, nem desejamos mear o brilho de tam distincta sociedade, como é a maranhense, cujo mais

bello ornato proeminente distinctivo é a generosidade. Não. Fim diverso temos; pois seria desconhecer as perennes obras de beneficencia, que pratica nossa sociedade, sustentar o contrario.

Há um termo para todas as cousas humanas. Façamos recolta do que houvermos semeado; onde não lançarmos semente não esperemos grão. A justiça alia-se perfeitamente com estes principios.

Prosigamos.

Deante do constante deficit que as despesas certas do Recolhimento creavam, o charidoso Bispo Diocesano teve um pensamento eminentemente generoso, que por si só seria bastante para recomendar o como o primeiro benfeitor da casa, foi o de mensalmente pagar do seu bolço o excedente da despesa.

Desde que sua Exc.<sup>a</sup> teve conhecimento do mau estado financeiro d' aquella instituição que o suppre desse modo generoso, afim de não arruinar-se por meio de avultadas dividas um estabelecimento de verdadeiro futuro social.

Desejamos que houvesse mór interesse pela casa do lado desses que por ventura a possam animar.

Sua Exc.<sup>a</sup> Revm. é incontestavelmente um apostolo infatigavel, pois que não contente pelo muito que há feito á esse estabelecimento, como havemos demonstrado, emprehendeu agora mesmo uma importantissima obra, superior por ventura á qualquer juizo que se possa aventurar á respeito não já das forças do Recolhimento, porem de qualquer supposição.

Somente desejo ardente de fazer prospera uma instituição á que tem sido indifferente a charidade, calculando as vantagens que provêm do restabelecimento della á causa da educação e instrucção publica, impelliria o incansavel Sr. Bispo á emprehender uma obra grandiosa, além dos recursos ordinarios da mitra sempre pensionada com encargos.

Essas obras já começaram, e tem por termo o prolongamento de um dos raios mais bellos do edificio, onde se farão acommodações vastas para maior numero de pensionistas. E' natural que empregando-se actividade até o fim do corrente anno estejam promptificadas.

Ordenou o Sr. Bispo que todo o estabelecimento fosse abecido internamente, e se fizessem alguns reparos no tecto, que estão já concluidos.

Assim é que merece do publico toda a animação as empresas utilitarias e de verdadeiro interesse publico.

Proseguiremos.

## POLITICA.

## Da decadencia entre nós.

Abordando assumpto tam importante, havemos provado: que o Brazil é justamente como se reconhece um paiz opulento, farto de recursos, e promettedor de lisonjeiro futuro.

Que, a pesar de suas instituições livres, principalmente a carta, não gosamos entretanto dos fructos que era de esperar fruissemos, tendo leis tam liberais.

Que o paiz é acanhado em sua industria e progresso material; que, finalmente, entre nós ha symptomas de decadencia.

Analysamos se era por falta de abundante população que se desseminando

pelo sólo trouxesse á este riqueza, fructo do trabalho; vimos, porem, que não era o maior ou menor numero de população que uma nação prospera; e o provamos com a sciencia da estatística.

Sem embargo, porem, da ultima these, averiguamos se era mister ir buscar populações estrangeiras para povoar o sólo brasileiro; abalançamo-nos, pois, á discutir o grande e momentoso assumpto da emigração; intranhamo-nos nessa discussão demasiado importante para um jornal hebdomadario, que de ordinario tira ao assumpto parte do interesse, por longo ser o intervalo de sua publicidade.

Discutimos sobre a emigração encarando-a no lado proprio para a these, e vimos que um paiz inculto prospera naturalmente por meio dos esforços e trabalhos de seus habitantes.

Observamos, entretando que ha causas poderosas para se aclimatarem populações de sólo extranho, ás quaes chamam-se emigrantes. Examinamos essas causas, o seu desenvolvimento, e os seus resultados.

Houve e ainda ha emigração, é um facto perenne. Discutimos si ella deve ser forçada, e vimos como o raciocinio e a historia á condemnaram depois de severo julgamento. Quizemos provar por argumentação de semelhança que a emigração deve ser livre.

No futuro da vida deste periodico discutiremos ainda o assumpto da emigração deve ção livre sobre outro aspecto.

Contentamo-nos por haver dito assaz para que se comprehenda que a introdução forçada de braços estrangeiros, propostos á crear o futuro engrandecimento e prosperidade de um paiz é uma chimera, que o bom senso deve repellar. Não é uma proposição distituida de base: é uma verdade pertencente ao dominio da historia.

A emigração forçada, assalariada, mantida, e estipendiada pelo governo, sobre ser uma sanguessuga do orçamento do estado, um gravame ao erario publico, é um absurdo, que sómente a vontade tyrannica do poder impõe á um povo.

Jamais se viu colonisar-se um paiz. Facto virgem nos annaes humanos, o de pretender um governo por si fazer-se de promotor da emigração, passará ás edades com pasmo, semelhante a contecimento si for coroado de resultados felizes.

Os argumentos apresentados na serie de artigos publicados excusam-nos de reprodução de provas. Fica sufficientemente demonstrado que a Hespanha e a França, poderosas nações se deram mal com o systema de emigração forçada.

Grandes cabedades, avultadas populações, energicos governos, fortes esquadras, corajosos cidadãos não conseguiram fazer medrar um principio anomalo.

Não será no grande seculo que atravessamos uma empresa sobreinado temeraria a de se querer inaugurar um methodo de emigração condemnado pela experiencia?

As lições eloquentes do passado seriam estereis, a historia nulla, a experiencia vã, si os homens se não aproveitassem dos labores dos antepassados.

O Brazil tem á estudar os acontecimentos grandiosos das gerações que foram, como o fazem os povos reflectidos, para sua marcha segura, e duradouro progresso.

Não é, pois, na falta de população, nem tão pouco na seductora miragem da emigração, que encontramos os gérmenes de decadência, não.

O nosso mal procede do governo e do povo, aquelle demasiado forte, este nimamente fraco.

O governo e o povo, dupla origem da decadência nacional, como seriam verdadeiro alicerce do seu engrandecimento, disvirtuam o nosso mechanismo politico, falseam as instituições do paiz, arrastam a decadência uma nação nova, abençoada do céu.

O governo e o povo illudem-se á si proprios, creem um presente falso, de occasião somente, sem cuidar do futuro.

O governo e o povo são indifferentes ao trabalho, ao desenvolvimento da industria, ao aperfeiçoamento das artes, á animação, e acoçoamento das fontes da riqueza publica.

O governo e o povo não curam da instrução publica, alavanca solida do progresso, não espalham o pão da sciencia, o viatico da alma, a luz do espirito.

O governo e o povo não coadjuvam a Religião do Estado, não educam os ministros, não prestam esplendor ao culto publico, não cultivam nem guardam as sagradas tradições religiosas dos seus antepassados.

O governo e o povo, enfim, não seguem nem obdeem a constituição do imperio.

Grande enferma, mutilada, exangue, prepara-se em leito de moribunda para ser uma grande morta.

Falla-se muito em constituição, se a exulta, se a glorifica: mas essa duxologia é uma irrisão, é um sacrilegio.

Brilhante labaro, desfraldado sobre as colinas do Ypiranga, devesa ser o symbolo de união e de força para os brasileiros: mas é a setta hervada do infortunio para todos nós. Ella é boa, mas fizeram-na má; porque não a cumprem. . . . .

Lembra-nos as palavras eloquentes do senr Guizot, quando em 1849 analysava a situação da França; e todos queriam chamar á seu lado o christianismo para com seus candidos principios escurar seus erros, suas mystificações, e sua hypocrisia, como nós abrigando-nos hoje sob a constituição:

«Falla-se muito do christianismo e do evangelho, diz elle, pronuncia-se á todo o momento o nome de Jesus Christo. Não permitta Deus que eu demore muito o meu pensamento nestas profanações, mistura hedionda de . . . . .»

Não, o povo brasileiro e o governo do paiz não merecem as ultimas palavras do douto publicista. *Cynismo e hypocrisia*, perversos legados que a onda revolucionaria de 89 impelliu á 48, não competem á uma nação briosa, embora sejam palpaveis seus extremos de fraqueza e descuido das instituições patrias.

Combateremos os erros, elucidaremos os principios, mas dentro do nosso programma; porque jamais seremos acrimoniosos.

Reconhecemos serem essas as causas da nossa decadência, e teremos de profligal-as com energia. Terminamos aqui para, de mais espaço, retrogradarmos.

«Desejamos ser completamente justo, dizia um grave escriptor; e ao passo que combatemos as idéas, queremos reconhecer o que ellas em si contem de moralmente enganador, e quaes são os

pretextos e os instinctos honestos, que podem illudir os que as sustentam, e lhes dão acolhimento.»

Eis a nossa marcha.

## COLLABORAÇÃO.

### A Indifferença em materia de religião.

Necessidade da Religião.—Existência de uma Religião verdadeira absolutamente necessaria á salvação —Possibilidade de discernir a verdadeira Religião—Necessidade de se examinar se ha uma Religião divina—Impossibilidade de indifferença na escolha de uma Religião.

#### I

Continuação.

A palavra dos antigos sabios sempre authorisada é uma forte arma contra as invectivas daquelles que olharão a Religião com origem da Politica.

Com effeito, se exceptuarmos Confucio, não encontraremos um só dos antigos sabios, que não tenha olhado a vontade de Deos, legislador supremo, unico fundamento de todas as leis, instituições e costumes; a vontade dos homens jamais poderá consolidar a sociedade e dispol-a á concorrer para o bem estar da humanidade. Platão tão convencido estava desta verdade, que assim se exprimiu:

Aquelle que derriba a Religião, derriba o fundamento da sociedade. Xenophonte seguindo as ideas daquelle philosopho disse:

As cidades e as nações mais ligadas ao culto divino tem sido sempre mais duraveis e mais sabias. Desfolhemos o livro constitucional das nações antigas e modernas eahi veremos todas as leis sancionadas pela Religião; o que fez que Rousseau exclamasse: Jamais estado algum foi fundado, que a Religião não lhe servisse de base. O mesmo Voltaire o confessa que por toda a parte, onde houver uma sociedade estabelecida a Religião lhe é necessaria.

Numa tumba feito de Roma a cidade sagrada, para fazer della a cidade eterna. . . Assim se exprime um escriptor antigo: «Tirai a Religião á massa dos homens, pelo que a substituireis?

Se elles não se preoccuparem do bem, o serão do mal, por que o Espirito e o coração não podem permanecer vazios.

Quando não houver mais religião, não haverá mais nem patria, nem sociedade para os homens que, recobrando sua independência, só terão a força para se enganarem. E' sobre tudo nos estados livres, que a Religião é necessaria. E' diz Polibio, que, para não se ser oorigado a dar um poder perigoso aos homens, o mais forte temor deve ser o dos deuses.» Eis como falla o coração desses homens, onde não penetrou a luz da Revelação evangelica, e que por isso mesmo se tornão mais respeitaveis confessando verdades, que com a passagem de Christo tornão-se ainda mais robustas.

Para admittirmos o systema do Atheismo sempre cavilloso será necessario considerar o homem sahido fortuitamente do seio da terra. Mas como é grande o absurdo de imaginar o homem nascido pelo acaso! As leis e os costumes desaparecerão, a virtude seria uma chimera, e o vicio cousa nenhuma ou tudo.

Para negar a necessidade da Religião seus acerrimos, porem fracos inimigos

a accusarão de não impedir ou prevenir o crime. Bella maneira de raciocinar! Quando um homem religioso pecca gravemente, elle resiste á todos os motivos, que a Religião e a razão lhe podem suggerir; o interesse bem fundado, o amor bem regulado, o desejo da estima, eis os motivos que os atheus confessão serem bastantes para firmar a virtude, entretanto que elles não são sufficientes para desviar do vicio. Se a Religião é desnecessaria, é forçoso confessar, que a razão, a consciencia, a educação, as recompensas e as penas, tudo é desnecessario.

Os incredulos cegos de odio otusarão chamar a Religião um prejuizo pernicioso á humanidade; e que ella foi, é e será a causa principal dos males do genero humano,

Não admiramos, que assim pensem estes homens, porque para elles não ha vontade na ordem moral; fahou-lhes a fê e com ella os principios da justiça, nada portanto têm elles a temer.

Comparemos a Religião em seus effeitos com a philosophia, com esta philosophia, que proclamou o dogma do racionalismo.

Oh o homem será feliz pela Religião, ou pelos bens que a philosophia nos offerece. Mas, que!

Quem poderá fartar-se nestes bens, que não podem fazer a nossa felicidade, por que elles não se medem com os desejos immensos de nossa intelligencia e de nosso coração.

Bens que passam, bens que morrem só podem offerecer ao homem duvidas e contradicções, orgulho e vaidade! E para o que vejamos:

Quaes são as verdades, que nascem da philosophia! Onde a certeza de seus principios religiosos e até moraes! Quaes as vantagens, que esta nos promette, qual a recompensa, que liga a virtude?

Ah! calai-vos ó philosophos de pura razão, calai-vos; não ouseis balbuciar uma só palavra sobre a nossa origem, o nosso destino, por que vós, retrogradando dos principios revelados, em vez de luz, nos trazeis obscuridade, nos lançareis em um difficil labyrintho de incerteza e contradicções.

Eu cõsultei os philosophos, diz Rousseau, desfolhei seus livros, examinei suas diversas opiniões, e os achei todos altivos, dogmaticos e affirmativos até em seu pretendido scepticismo, nada ignorando, nada provando, zombando uns dos outros, e este ponto commum a todos me parece o unico sobre que elles se fundão.

Eis como falla este homem imminente, esta autoridade respeitavel. Para elle as razões da philosophia sem vigor não sustentão a disputa, tal é a sua futilidade em materia de Religião.

Um outro vulto não menos notavel e ainda mais antigo (Leucio) balouçando na perplexidade sobre a origem do mundo, persuadido de que os philosophos erão os depositarios de todas virtudes poz nelle as suas crenças, esperando que elles lhe dissiparão todas as verdades. Mas, que! Qual não foi o seu espanto, quando tantos doutos mestres, bem longe de dissiparem a sua primeira incerteza, o mergulharão em uma cegueira muito maior?

Eis o resultado de nossas indagações nesses homens infalliveis! Concluamos

por tanto que a philosophia por si só não pode preencher os destinos de nossa intelligencia, e não podendo o homem permanecer por tanto tempo em um estado de incerteza, o que seria com effeito uma sorte indigna de sua natureza, voltando-se para a Religião, ali achará a verdade nua de sophismas, robusta e infallivel. E o que seria de um coração sempre consumido pelo ardor dos desejos! Lagrimas de sobejo banharia toda a sua vida, e cavando a campa humedeceria o tumulo.

A honra, os praseres e as riquezas só produzem corrupção, a gloria e a fama vaidade.

Com effeito interroguemos a esses homens, que fruirão de todos os bens da vida, interroguemos sobre a sua felicidade, interroguemos ao mais poderoso monarcha e elle nos responderá como o sabio: Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, seria preciso não morrer para ser feliz neste mundo.

E' forçoso pois concluirmos que a philosophia, não podendo nos consolar no infortunio, não promettendo senão uma reputação, que passa com a sombra, como a visão da noite, não é mais do que uma opinião enganosa nos negocios de nossa felicidade; que a Religião promettendo-nos uma vida eterna é de absoluta necessidade ao homem e que sendo o principio da vida social é necessaria aos povos, que fallando-nos com confiança, depõe em nosso espirito a verdade e a luz.

(Continua)

Manoel José d'Oliveira Junior.

Maranhão—1869.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

RECOLHIMENTO DE N. S. PA ANNUNCIACÃO E REMEDIOS.

Continuação.

No meio d'esta perseguição geral e systematica o que foi feito do infeliz Gabriel Malagrida?

Ah! custa-nos repetil-o, doe-nos profundamente narrar os transeos dolorosos porque passou essa victima innocente os caprichos e da barbaridade do Marquez de Pombal, associado á Ordem de São Domingos!

O desgraçado Apostolo do Maranhão e depois de haver arriscado sua vida, seu descanso e sua saude pelos desertos sertões do novo mundo, depois de haver levantado alguns templos á Deos, e alguns asylos para o sexo feminino, foi na idade de 74 annos accusado pela Inquisição, influenciada pelo Marquez de Pombal, de herege, heresiarca, pertinaz, convicto, e confesso; e como tal condemnado trez annos depois!

Foi em 20 de Setembro de 1761 que este venerando jesuita soffreu muitos tormentos moraes e physicos!

Em pé, na idade de 74 annos, por mais de quatro horas ouviu sua iniqua sentença com uma mordaca, foi garrotado, e queimado depois seu corpo, e suas cinzas lançadas ao mar.

Nem um só momento perdeu sua angelica paciencia, nem um só instante desmentio seu passado tão cheio de abnegação, e de virtudes!

Admira-nos, e sentimos dissel-o, que não haja n'este *Recolhimento* por elle fundado, e construido, um symbolo, um emblema, um retracto, um distico qualquer, que lembre o nome do seo piedoso instituidor, e ainda mais, que no dia anniversario de sua morte de martyrahi não se celebre uma missa se quer por sua alma, hoje no Céu, e que todos os dias não haja uma prece na hora do coro, em commemoração d'aquelle, que ahi tanto fez, d'aquelle que, como Francisco

Xavier, no diser d'um contemporaneo, percorria as ruas d'esta capital com uma campainha convidando os meninos a escola, e estes, fieis ao ensino do Apostolo, recolhiam-se ao seio de suas familias a contar aos paes as bellas passagens dos livros santos, e, como Jesus Christo menino, pregavam a palavra de Deos.

A cathequese começou pelos meninos, e em breve vierão os peccadores tomar parte no concilio das almas puras.

Não foram só estes os serviços, que prestou aqui o infatigavel Frei Malagrida.

Não é tudo: como Paulo não só desejava destrahir a sciencia, mas tambem sacrificar seus dias, e por isso desde pela manhã até á noite o Padre Malagrida no pulpito fazia ouvir ás turbas inconsideradas a voz da consciencia, e quando descia da cadeira da verdade era para descançar no confessorio folheando as paginas do coração e da vida de muitos peccadores. O resto do dia elle empregava visitando os presos, dando-lhes conforto e moralizando-os, na cabeceira dos enfermos animando-os em seus padecimentos, confundindo com elles suas preces ao Altissimo, e disendo-lhes palavras santas ao transpôr os umbraes da eternidade.

A noite, aquelle corpo, que tanto trabalhava de dia, aquella cabeça, que tanto pensou, não hão descançar ainda!

Apenas cahião as primeiras sombras da noite o Padre Malagrida seguia para a *aldeia da doutrina*, hoje *Vinhães*, hia ver tantos filhos espirituaes, hia doutrinar tantos indios, hia converter tantas almas, hia enfim augmentar mais o gremio da Igreja Catholica.

E um Sacerdote como este, e um Apostolo tão cheio de fervor, de caridade e de dedicação deveria ter morte tão afrentosa?

Por certo que não, e comtudo pela Provisão Regia de 29 d'Abril de 1762 se remetteo da Corte de Lisboa ao Governador e capitão General do Maranhão para serem aqui distribuidos cem exemplares da injusta sentença proferida pela Inquisição, de horrorosas recordações, e executada tão cruelmente, como já dissemos.

Recusa-se a nossa penna a transcrever para aqui as palavras asperas, os atrozes insultos, as expressões de feroz alegria, com que foi redigida essa Provisão com o fim de manchar-se a gloriosa memoria de tão illustre martyr.

Perdoe-se-nos porem a divagação.

Tratavamos do *Recolhimento*, e fallando do seo Instituidor não podiamos, como maranhense e como catholico, deixar de pagar o nosso tributo de veneração e de gratidão ao Jesuita, que tantos bens derramou sobre nossa terra.

Continuemos.

Por Accordão da Camara em 27 de Julho de 1791 se deliberou, que á vista da precisão, que havia n'esta cidade de uma *praça* para n'ella se vender o peixe, achavam os veriadores ser o terreno em frente do *Recolhimento* o mais proprio por estar proximo a praia onde os pescadores frequentemente aportavam.

Mandarão, que ficando salvas as 15 braças do Realengo designadas nos marcos para a parte do mar, fosse esse terreno exposto ao uso publico, sem que n'elle em tempo algum se pedesse edificar mais que o concernente para a praça.

Parece-nos que haviam pretendentes a esse terreno, pois foi este accordão tomado em virtude de requerimento, despachos do Governador, e representação da Superiora então D. Maria Josepha de Jesus.

Era Presidente do Senado o Dr. Ovidor Manoel de Pinho d'Almeida Lima.

Não sabemos se em algum tempo houve ali tal praça com semelhante destino, mais improprio, que é possível, ás vistas de um estabelecimento religioso.

*Concessões.* A principio viveo este *Recolhimento* a custa das esmolas, que para elle pedia o Padre Malagrida.

O povo acolheo muito bem esta instituição, de todas as partes vinhão pre-

sentes e esmolas, e as *recolhidas* vivião com alguma abundancia.

O governo veio ao depois em auxilio d'elle.

Por Alvará de 2 de Março de 1751 foi concedida a quantia de 200\$ reis para sua congrua.

Nunca foi observada esta ordem porque encontramos um officio de 14 de Julho de 1818, em que o Governador Paulo da Gama disse ao Ministro Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, que havia recebido em 26 de Março, vindo pelo Piahy, o Aviso n. 19 de 26 de Setembro de 1818, em que S. M. mandava para elle informar o requerimento de D. Apolonia Maria do Sacramento, Superiora do *Recolhimento*, pedindo a verificação d'essa graça.

Por Aviso de 6 de Novembro de 1818 mandou El-Rei que se pagasse esta congrua á vista da informação, do Governador, e não sabemos, se d'esta vez foi cumprida tal ordem.

O terreno, em que está a Igreja e a *cerca* pertence ao *Recolhimento* por doação da Camara, porque a Superiora Maria Josepha de Jesus representou a mesma disendo, «que quando se fundou este recolhimento era vóz corrente pertencerem aos religiosos do Carmo as terras, onde elle se achava, pelo que foram aforadas por Escripção Publica aos ditos Religiosos, e como ellas não possuíam titulo algum d'elles, e um dia podião chamar-se seus possuidores, só por haver primeiramente conventuado n'aquella paragem, por isso pedia á camara, que em nome de S. M. lhe concedesse por justo titulo o terreno, em que se achava o seo recolhimento, Igreja e *cerca*».

Fez-se vistoria nos terrenos, a qual foi julgada por sentença em vereação de 18 de Agosto 1769, mandou-se medir o mesmo pelo então arrumador da cidade Ignacio Lopes da Assumpção, e passou-se *carta de dacta* em 2 de Setembro do mesmo anno ás mesmas *recolhidas*.

Alem de muitas Imagens, quadros, paramentos, utensilios e moveis proprios aos usos sagrados e profanos, possui ainda o seguinte:

*Bens de raiz*.—O local, em que está edificada a Igreja, e a *cerca*, tres pequenas casas, sendo duas de pedra e cal e uma de taipa, cinco terrenos aforados na capital, uma legua de terra no rio *Tury-assu*, e uma ilha denominada *Jabotituba*.

Apolicees possui 15 da divida publica nacional no valor de 7:000\$000 res.

*Fazendas*.—Uma de gado vaccum, sob a invocação da senhora santa Anna, situada no *Pirapendiba* em Cajapió.

*Escravos*.—Trez, sendo dois do sexo masculino e um do feminino.

Tudo isto acha-se muito mal administrado.

*Considerações*.—Os foreiros em geral não pagão foro, as fazendas nada produzem, e apenas percebem as *recolhidas* os juros das apolicees.

A provincia concorre com o subsidio de 2:400\$ reis por anno para o sustento de 12 meninas desvallidas.

Com tão diminuto auxilio facilmente se percebe a impossibilidade de sustentar-se um numero tão crescido de *recolhidas*, se não fosse a protectora mão de S. Exc. Revm. sempre aberta para derramar beneficios.

No principio da sua administração, achou elle este estabelecimento n'um verdadeiro cahos.

Não havia meza, nem trabalho em commun, e nem se quer as resas no coro, como era de costume, falta muito sensivel e notavel n'uma casa religiosa!

Este estado contristou muito o piedoso coração do Sr. D. Luiz, e para elle applicou sua esclarecida intelligencia, e seo amor tão conhecido pela ordem.

Regularizou as horas da oração, estabeleceu o refeitório dando do seo bolsinho tudo quanto faltasse para a alimentação das *recolhidas*, fundou ali o trabalho, e não pequena quantia despendeo com a compra de utensilios proprios ao fabrico de doces, no qual outrora tanta fama e tanto dinheiro ganhou este *Recolhimento*.

Erão abusos inveterados, custoso foi a principio extirpal-os, graças porem a boa indole das *recolhidas*, e as delicadas maneiras, e as palavras persuasivas de S. Exc. Revm. forão elles pouco a pouco desaparecendo.

(Continua.)

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## LITTERATURA.

### Historia abreviada da poesia.

#### III

(Continuação.)

Pulci, é considerado, o creador da poesia epico-romanesca ou da cavallaria.

Boiardo, autor do *Orlando amoroso* a quem Ariosto muito imitou.

Trissino celebre por seu poema epico a *Italia livre dos Godos*, onde encontrão se comparações riquissimas e muita vivacidade nas figuras. Tambem é elle o auctor da *Sophonisba*, primeira tragedia regular que vio a Europa, depois da barbaria.

Tassoni, auctor do *Balde roubado* considerado um dos mais bellos monumentos da lingua italiana.

Petrarca, o cysne de Vaucluse, nasceu em 1304 em Arezzo. Avinhão foi o lugar onde vio e amou Laura. Se este amor foi ou não platónico, divergem os auctores: pois alguns com o abbadé de Sade tomão a affirmativa, outros, como por exemplo Byron, seguem, e parece que com razão, a negativa (8). Já no fim de sua vida tomou ordens sacras, e foi coroado em Roma como o primeiro poeta de seu tempo. Morreo em Arqua em 1374. Escreveo sonetos, canções e odes que são primores da poesia lyrica.

Metastasio, nascido em Roma d'uma familia pobre em 1698, e morto em Vienna em 1782, é um dos maiores poetas italianos. Suas melhores obras são as duas tragedias lyricas *Dido abandonada*, e a *Olimpiada*.

Alfieri, o poeta da liberdade, o grande nome d'esta idade, como o denominava Byron, nasceu em Asti em 1749 e falleceo em 1803. Suas tragedias rivalizão com as dos melhores modelos antigos.

#### ALLEMANHA.

(Debaixo d'este nome comprehendemos todos os estados que fallão a lingua Allema.)

De dia em dia a Allemanha mais se eleva por sua grande illustração. Ahi, onde primão todas as sciencias, seria para admirar que a poesia não occupasse o lugar que lhe compete.

Huber no discurso preliminar que serve de frontispicio a sua versão dos melhores poetas Allemaes na lingua franceza, dividio em quatro epochas a historia litteraria d'este paiz. A primeira abrange o tempo dos bellicosos Germanos ou dos bardos; a segunda, o dos *Minnesingers* ou cantores, que florecerão sob o reinado dos Imperadores da casa de Suabia, a terceira, o de Martinho Opitz ou a transição; finalmente a quarta que é formada pelos poetas modernos.

D'esta occupou-se Huber, e tambem somente d'elles daremos noticia.

Principiaremos por Klopstock que teve por berço Quelimbourg no Saxe no anno de 1724, e falleceo em 1803.

Escreveo diversas obras, porem sua pa-

(8) Works tom. II. not. for. aut. IV.

ma poetica é a *Missiada*, poema em vinte cantos. Neste poema Klopstock, contra todas as regras da poesia, tendo no decimo canto terminado a acção principal com a morte do Redemptor, continúa comtudo até o vigesimo entressachando episodios mais ou menos bellos.

Não obstante isso é uma obra de primeira ordem.

Goethe, um dos maiores poetas Allemaes, nasceu a 28 de Agosto de 1749 na cidade de Francfort-sobre o Meno, doutorou-se em direito na de Strasbourg, e falleceo em 1832 com 83 annos de idade.

Suas principaes obras poeticas, são o poema *Hermann e Dorothea*, e a tragedia *Fausto*. Esta ultima, cuja primeira parte foi magistralmente traduzida pelo Senr Ornellas, é um monumento eterno que attestará aos seculos vindouros o grande genio de Goethe.

Nasceu Schiller na cidade de Marbach em 1759 e morreo a 9 de Maio de 1805 em Weimar. Estudou medicina e entrou como cirurgião em um regimento, empregando-se ao mesmo tempo na cultura das letras; mas querendo deixar o serviço e sendo-lhe isto negado, fugio. Foi professor de historia em Iena, e tinha relações com todas as notabilidades litterarias da epocha; porem ligado principalmente a Goethe por estreito laço d'amizade. Escreveo poesias ligeiras, e nove tragedias entre as quaes primão *Maria Stuart*, *Guilherme Tell*, e a *Noiva de Messina* que foi monumentalmente traduzida pelo nosso distincto comprovinciano Doutor Antonio Gonçalves Dias, e achase no segundo tomo de suas obras posthumas.

Gessner nasceu em Zurich em 1730, e deixou de existir em 1788. Era filho d'um livreiro e seguiu o emprego de seu pae. Seus *Idyllios*, a *morte de Abel* poema pastoril e o poemeto *painel do diluvio*, transportão o leitor a innocencia, singeleza e magnificencia da natureza primitiva.

Pintor hábil Gessner encanta e commove, mas a repetição das mesmas imagens tornão-o monótono.

Zacharias Werner nasceu em 1768 em Königsberg, e morreo em 1828.

Durante sua residencia na Allemanha passou uma vida dissoluta, porem, depois que abjurando o protestantismo em Roma, tomou ordens sacras, mudou completamente. Campo poesias lyricas e tragedias; entre as ultimas sobressahe a *24 de fevereiro*, que diz Alvares d'Azevedo ser sublimissima.

Heine, o humorista por excellencia, merece ser tambem com applausos recordado. O Senr. Barcellos, do Ceará, verteo do francez em prosa portugueza dous de seus poemetos a *Volta*, e *Nova primavera*.

◊ Não estão mal traduzidos, mas nós julgamos que o bom traductor deve inspirar-se no original, e transportar por meio d'uma dicção rica e fluente todas as bellezas do auctor a quem se quer dar as fóros de cidadão d'uma nova patria.

Ulland não podia ser esquecido; Heine diz d'elle, «que é o orgulho da feliz Suabia, e que todos aquelles que fallão a lingua Allema gostão de ler seus versos.»

#### POLONIA.

Polonia! quando pronuncio este nome sinto o coração oppresso como se o subjugassem um pesadelo infernal, e uma lagrima se me desliza pela face recordando o incrível heroismo de tantos martyres da liberdade...

Polonia, onde estão aquelles exercitos que servião de barreiras aos armipotentes esquadões musulmanos?

Passarão como a ave pelo ar, sem deixar signal de seu caminho.

Mas o amor da liberdade não arrefece em peitos polacos. Esmaga, barbara Russia, esmaga esses patriotas que são vosso pesadelo, como o mosquito o é do leão; esmaga, pois a Europa que se diz civilizada, ri-se e bate palmas, a cada cabeça que tomba decepada pelo algoz. Que importa que o esposo seja arrancado do braço da sua consorte, o filho do

seio materno o sacerdote do templo de seu Deus, e lançados na gelida Sibéria? Que importa?—A política assim o pede, e necessário. Miserável política a que sustenta-se com sangue de innocentes. Maldição eterna sobre ella! Maldição!

Mudemos a face do quadro, pois esta é bastante dolorosa.

Muito pouco conhecemos a litteratura polaca, mais escudado na auctoridade de alguns escriptores, aventuraremos algumas palavras sobre os proeminentes vultos que devisamos pelo lado poetico.

Ignacio Krasicki, arcebispo de Gnesne, nasceu em 1735 em Dubiecko na Gallicia, e morreu em Berlin no anno de 1801. Sua principal obra entre muitas que escreveu, diz Bouillet, é a *Monochomachia* em seis cantos. A. Madrolle (9) chama-o principe dos poetas polacos.

O conde Sigismundo de Krasinski: a seu respeito disse Theophilo Braga: (10) «A liberdade da Polonia fora seu ideal, sua unica inspiração; e ella que transluz nas maravilhas com que enriqueceu a litteratura polaca, nos *Psalmos do Futuro*, no *Iridion* na *Comedia Infernal*, e na *Tentação*.»

Tambem é mui celebrizado Michlewich auctor do *Banquete de Walenrood*, e que por seu amor a liberdade foi enviado para a Sibéria.

#### RUSSIA.

A antiga Sarmacia dos Romanos, caminho dos barbaros envasores da Europa, depois que Pedro o Grande principiou a tiral-a da barbaria completa em que jazia sepultada, tem dado alguns passos no campo litterario; poucos é verdade, para sua extensão e antiguidade, contudo são louvaveis, porque cada homem illustre que uma nação produz, é uma pedra que lança para o monumento da perfectibilidade universal.

Poucknie é o pae da poesia Russa.

No *Semanario Maranhense* n.º 22, sob o pseudo nome de Flavio Reimar um dos talentosos filhos d'este abençoado solo, estampou uma noticia biographica d'este poeta, de suas obras, e verteo uma de suas poesias a *Najade*, que nós callaremos para não sermos por demais extensos.

O que se segue transcripo do *Jornal do Recife* dará a conhecer outros nomes illustres.

«Gabriel Derjavine, poeta sublime, sua verdadeira corôa é o *Hymno a Deus*, que tem sido traduzido em quase todas as línguas.

«Abrio elle para a historia litteraria da Russia um periodo brilhante o da luta contra o classismo.

«E'chefe da escholla que produziu Karamsin, Kozloff, emulo de Byron, Voeikoff, Sermonoff, Gogol, &c.»

D. A. Martins Costa.

#### NOTICIAS.

##### Chronica externa.

A questão religiosa, que se tem discutido no parlamento hespanhol, tem dado motivo á exacerbação dos animos. No congresso um deputado republicano disse os maiores improperios contra o catholicismo, chegando a ponto de empregar phrases injuriosas e indecentes contra a Virgem Maria. O escandalo foi tão grande que os proprios republicanos tiveram de tomar o palavra para rejeitar as expressões de seu collega. Emilio Castellar, o grande orador republicano, talvez o unico homem de estado que aquelle partido tem no congresso e que reune a um grande talento qualidades de caracter apreciaveis, fez por essa occasiao um notavel discurso, que terminou da seguinte maneira:

«Temos ouvido dizer aqui que se proteja o catholicismo, porque é a re-

ligião verdadeira. Costuma dizer-se que neste lado da camara ha preocupações contra a religião catholica; mas só se lembram dos oradores dissidentes da religião do estado. Outros tem dito que são catholicos. Eu senhores, vou declarar a minha consciencia á camara, como poderia manifestal-a a Deus, no dia de juizo. Eu não pertenco ao mundo da theologia e da fé. Pertenco ao mundo da philosophia e da razão.

Porem, se houvera de volver ao mundo de quem me afastei, não iria para a religião protestante cuja aridez me murcha a alma: volveria ao sagrado altar que me inspirou os mais elevados sentimentos de minha vida; volveria ao templo onde echoaram as minhas primeiras orações; volveria a implorar a Virgem Santa que com seu brando sorriso serenou as minhas primeiras paixões; volveria a embeber o meu espirito no aroma do incenso, no som do órgão, na luz coadada pelos vidros de cores, e reverberada sobre as douradas azas dos anjos, ternos companheiros da minha imaginação na sua infancia; e ao exhalar o ultimo suspiro pediria um asylo á cruz, a cuja sombra sagrada está o lugar que mais amo e mais respeito na terra, a sepultura de minha mãe. (*applausos de todos os lados da camara*.)

Por outro lado os padres no pulpito pregam o exterminio contra os hereses e athens. Depois das blasfemias proferidas no congresso contra o catholicismo em todas as igrejas de Madrid e das provincias se fazem funcções de desagravo. Já se vê que a luta politica se complica em Hespanha com o mais fatal dos elementos de desordem, com a luta religiosa, luta terrivel e muito para recear n'um paiz, em que além de outros elementos de anarchia contém em algumas provincias uma grande população fanatica, e em outras uma população irreligiosa.

Depois de longa discussão foi finalmente approvada o artigo da constituição, que estabelece a liberdade dos cultos, continuando o estado a sustentar o culto e os ministros da religião catholica, e sendo garantido o exercicio publico ou privado de outro qualquer culto a estrangeiros ou nacionaes, sem mais limites do que as regras universaes da moral e do direito. A primeira parte foi approvada por 176 votos contra 76, e a segunda por 163 contra 40. Os ecclesiasticos e os membros do partido neo-catholico retiraram-se da assemblea.

##### Chronica interna.

Em relação á guerra os jornaes assim relatam os ultimos acontecimentos:

Dous gloriosos feitos d'armas foram praticados pelo nosso valente exercito. Embora não sejam elles decisivos devem com tudo, e todos os respeitos ser considerado de grande importancia, já pelas perdas materiaes causadas ao inimigo, já pelo effeito moral, tendo-se arrebatado ao poder de Lopez grande numero de familias que elle retinha como refens da fidelidade das suas tropas.

Tendo-se o exercito alliado movido de Luque na direcção de sudueste, occupou sem resistencia toda a linha de estrada de ferro até à sua estação terminal em Paraguary, aonde chegaram as nossas avançadas sob o commando do coronel Vasco Alves, aprisionando uns 33 paraguayos, que alli encontrou. A linha cahiu em nosso poder em bom estado de conservação, e ainda se tomaram 36 wagões e uma locomotiva com os embolos tirados, achando-se outra inteiramente despedaçada. Por aquella via ferrea foram logo transportados alguns feridos, e restaurada que fosse a ponte sobre o Ygurei, poderia a estrada trabalhar entre Paraguary e Assumpção sem solução de continuidade.

O grosso do exercito brasileiro acampou então em Pirayu, donde destacou uma força ás ordens de Manduca Cypriano, que occupou Serro Leon, pondo em fuga a guarnição, que deixou 30 mortos e 20 prisioneiros.

Na mesma occasião. S. A. o Sr. conde d'Eu fez um reconhecimento sobre a posição inimiga em Acurra, em que houve forte tiroteio, felizmente sem perdas do nosso lado.

Em virtude das ordens expedidas o brigadero Portinho com 2,500 homens partiu sobre Villa-Rica, donde cahiria sob a retaguarda de Lopez e e outro tanto devia fazer o brigadeiro Camara, vindo do departamento de S. Pedro e Rosario, e disputando a cordilheira pelo lado do norte. Se estes movimentos concentricos, que se suppunha serem o plano da campanha, surtirem o desejado resultado a guerra pode terminar alli e breve.

Agora sabemos mais que a expedição seguiu em busca do inimigo, que effectivamente foi alcançado no dia 30, travando-se renhida, porfiada gloriosa acção. Bateram-se com denodo e desespero os Paraguayos, mas baldada foi a resistencia, e á custa de 18 mortos e 80 feridos obtivemos esplendida victoria. Deixou alli o inimigo 500 mortos e 300 prisioneiros 12 peças de campanha de diversos calibres, desde 4 até 12, grande copia de armamento e munições e dous estandartes. Tomaram-se tambem 100 familias, que juntamente com os nossos feridos iam descer para Assumpção. Cumpre, porém, notar que por familia entende-se no Paraguay todo e qualquer individuo incapaz de pegar em armas em razão de sexo ou idade.

Enquanto isto se passava muito ao norte da Assumpção, cortando ao inimigo os recursos que dalli tirava, outra expedição, não menos brilhante, se emprehendia pelo lado do sul das linhas de Lopez na Cordilheira. Da extrema direita das posições dos alliados, ao longo da estrada de ferro e defronte daquella Cordilheira, isto é, de Paraguay, partia o brigadeiro Menna Barreto no intuito de cahir sobre Villa-Rica.

Não o conseguiu, por achar muito cressido e alta Tebiquary, que se lhe entrepunha, e não encontrar uma unica canoa para transporte das suas tropas. Deparon, porém, com uma posição fortificada, que os Paraguayos tinham em Sapucaya: avistal-a, ac-

commettel-a, assaltal-a e tomal-a foi quasi um só acto. Das forças inimigas tomaram-se 28 prisioneiros, o resto foi morto. Logo adiante encontraram-se 4,000 familias, isto é, como acima dissemos, outras tantas pessoas improprias para as armas, e todas se acolheram jubilosas á sombra da nossa bandeira, que lhes offerecia protecção, liberdade e o termo das privações, miseria e duros tratos a que estavam submettidos aquellos infelizes.

##### Chronica urbana.

Uma brilhante festividade acaba de ter lugar nesta capital.

A 27 do corrente fizeram os alumnos do Pequeno Seminario de Nossa Senhora das Mercês a sua communhão collegial, recommendada pelos esta tintos.

As 8 horas da manhã houve a Missa solemne, dentro da qual commungaram.

Depois do Evangelho o muito eloquente e illustrado Senr. Padre Raymundo Alves da Fonseca, desenvolveu um bello sermão analogo ao acto.

A musica religiosa foi de surpreendente effeito, quer pelas vozes quer pela orchestra. Responderam a Missa as Recolhidas de Nossa Senhora da Annunciação e Remedios.

Grande numero de pessoas gradas e familias assistiram á festividade. Estiveram presentes: Os Exms. Srs. Bispo Diocesano, Presidente da Provincia, Deputados Provinciaes, Desembargadores, Officiaes da Guarda Nacional, Policia, Membros da Municipalidade, Comercio, muitos Advogados, Medicos, Artistas, corpo de Educandos, e extraordinario numero de povo.

No fim da Missa o Exm. Sr. Bispo administrou o chrisma á muitas pessoas.

A noute (7 horas) houve um Te-Deum como conclusão á solemnidade, que foi muitissimo concorrido. Em todos os actos a egreja, conservou-se literalmente cheia.

A tarde, das quatro horas por diante, foi patente todo o estabelecimento ás pessoas que o quizessem visitar.

Ondas de povo começaram muito antes das horas do convite a penetrar no vasto edificio do Pequeno Seminario, e uma animada concorrência houve até as 10 horas da noute, quando retirou-se a musica, e já se ia amortecendo a vistosa illuminação.

O Pequeno Seminario offereceu um dia e uma noute de verdadeiro prazer aos habitantes desta capital que prezam as lettras e sabem apreciar o que é de real merito.

Calcula-se maior o numero de cinco mil pessoas que durante a festividade visitaram o estabelecimento e o que mais é que universal jubilo distinguia se em todos os semblantes, necessariamente porque viam estar preenchido uma grande lacuna social — a falta de um estabelecimento de educação e instrução que satisfizesse as necessidades publicas.

Louvores e muitos louvores ao benemerito Sr. Bispo Diocesano, que viu nesse dia o seu maior esforço coroadado do mais brilhante exto.

S. Exc. Revm., illustre fundador desse magnifico e exemplar collegio, deve estar justamente satisfeito dos applausos unanimes que obteve nessa festa collegial.

Imp. por Jesuino Sá.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 6 de Julho de 1893.

### ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Logo após sua chegada á esta diocese, o Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Bispo actual voltou suas vistas para o seminario existente, unica escola regular onde o clero bebia a instrucção religiosa, e fazia sua educação para o elevado ministerio á que se propõe.

Sem embargo de ser uma instituição antiga, contudo era o seminario insufficiente aos fins do seu destino.

A idéa de reforma não podia ser indifferente ao zeloso lidador que vinha de assumir a administração do Bispado.

Os bons desejos do Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Senr. Bispo Diocesano se limitariam a enunciar um grande pensamento, de reformar o clero, curar de sua educação e instrucção, publicar o seu programma, e sollicitar o concurso do governo e do povo para levar ao cabo a colossal empreza.

Obrou diversamente o apostolico Bispo. E só o governo e o povo souberam quando operou a radical mudança no systema de educação, e introduziu no curso academico novas cadeiras.

De um lado, applausos unanimes cobriram uma instituição nova, o Pequeno Seminario de Nossa Senhora das Mercês, que o sabio e venerando pastor inaugurou no convento d'aquelle nome: o povo, admirando o zelo do seu Bispo, gozava de mais um foco de luz, e applaudia mais um esforço pela causa publica.

De outro lado, escusa formal de completo auxilio do governo para a grande e colossal obra da instrucção publica, prometida gratuita aos povos na magna carta da nação!

O povo si limita a essas manifestações vehementes e sinceras: o governo acoberta-se no refolhamento do elogio, e diz que o Bispo pôde crear seminarios ás expensas da mitra.

Não nos consta que expontaneamente haja o muito illustrado governo contribuido em beneficio da instrucção publica, sem embargo dos pomposos trechos dos relatorios ministeriaes, com que annualmente obsequia á nação o nobre ministro do imperio.

Fazendo terrivel monopolio da instrucção publica, convertendo-a em mais uma machina do imperialismo, o governo ha amesquinhado o objecto de maior interesse publico.

Professores mal recompensados, amoviveis, sem o menor prestigio; escolas raras, sem utencillos, sem local; alumnos sem livros, sem os misteres proprios; eis o miserando quadro da instrucção publica entre nós.

No entretanto clama-se da cúpula governamental: «É preciso reformar a instrucção publica!» E ella permanece no rotineiro estado dos tempos coloniaes: si é que nessas éras mais cuidado não havia pelos interesses do povo.

Eis porque mais encomios mereço, á nosso pensar, o illustrado Diocesano Maranhense, quando, sem contar com recursos aliunde, emprehende a fundação de um seminario de preparatorios, ao passo que o governo, com o erario pejado de ouro, sugado á força do povo, que vive emmaranhado em urdida rede de impostos, deixa o povo em crassa ignorancia!

O anarchico desterrado de Guernesey, Victor Hugo, bem disse: abrir escolas é feixar prisões. O governo, porem, entre nós não abre escolas, e si as abre é para patrocínio de felizes cabos de elei-

toraes façanhas. Em um paiz onde a politica intervem em tudo, onde tudo é eleitoral, a instrucção do povo julga-se objecto somenos....

No meio, porem, desse gyrar desviado de paixões politicas, d'esse turvelimbo de luctas estereis, o egoismo politico ergue-se altaneiro e deixa-se escoar na ampulheta dos tempos annos e annos sem uma obra deixar de edificação.

Com a subida de uns partidos e a descida de outros, estridorosos rumores levantam-se do seio das turbas apinhoadas em torno das urnas, que em outra parte são a mais veridica prova da soberania nacional, porem entre nós são a da tyrannia governamental, oppressão publica, e flegão do voto.

E' lamentavel que o clero em tam desoladora situação do paiz não tome uma attitudde energica em beneficio da patria, que mais do que em outra qualquer epocha necessita do seu valioso concurso. E ainda mais lamentavel é que, fracionados os ministros de Deus de verdade, adorem o hezorro de ouro do poder sempre cambiante, sempre de matizes differentes, conforme os interesses de occasião.

Os Bispos do Brazil, mercê de Deus, estremes da mescla politica, longe desse elemento dissolvente dos actuaes partidos, governam a Igreja, calcada pelo despotismo governamental, que aliás se confessa zeloso advogado e cordial amigo.

Não nos afastando, porem, do plano que damos ás nossas considerações, temos dito que ao chegar á esta diocese, achou o Senr. Bispo Diocesano um seminario onde leccionavam-se as materias preparatorias e o curso de theologia cumulativamente.

Além disso nada havia, porque sempre esperou-se pelo patrocínio do governo, que tarde ou nunca remedeia ás necessidades do clero.

O curso de humanidades era incompleto, e mais incompleto ficou com a escaudada reforma do cerebrino marquez de Olinda, que amputou a cadeira de geographia.

O curso de theologia era lecionado por professores distinctos, porem alguns pensionados com mais de uma cadeira.

A disciplina do seminario si não poderá avançar que fosse satisfatoria, attendendo principalmente á accumulção de alumnos, de idades diversas, como de estudos varios em um só estabelecimento.

Demais como subjeitar ao mesmo regimen educandos de differentes fins; preparar candidatos á vida sacerdotal, por exemplo, com outros á carreiras e profissões que por ventura quisessem abraçar differentes?

A instituição do Pequeno Seminario era portanto reclinada urgentemente, e Sua Exc. Revm.<sup>a</sup> si não fez esperar provendo logo essa necessidade, com a inauguração do N. S. das Mercês de que falamos á cima.

Operada a fundação do Pequeno Seminario, o incansavel Prelado cuidou de reparar-o, mandando proceder os concertos de que carecia o edificio, e organisou novos regulamentos adaptados á alumnos' exclusivamente dedicados ao sacerdocio.

Sua Exc. Revm.<sup>a</sup> prestou, pois, com essa separação um grande beneficio á mocidade e ao clero.

Proseguiremos.

### POLITICA.

#### Instrucção publica.

O exm.<sup>o</sup> ministro do imperio, em o seu relatorio apresentado á assembléa ge-

ral, assim falla da instrucção primaria:

«Dos tres ramos da instrucção, publica a primaria é sem duvida o mais interessante, pois que, além de ser condição essencial dos dous outros, refere-se á maxima parte da população.

A constituição garantio-a a todos os cidadãos. O esforço empregado pelo legislador e pelo governo para distribuil-a convenientemente a todas as classes da sociedade não é mais do que o cumprimento de uma promessa solemnemente feita por occasião de formar-se o Estado e assentarem-se as bases de nossa communhão politica.

Sinto, pois, ter de dizer-vos que as condições da instrucção primaria nesta corte estão ainda longe de satisfazer as necessidades sociais.

Temos poucas escolas, e mesmo nestas não se obtém os resultados que poderiam apresentar, por falta de bons professores. Sem desconhecer os louvaveis esforços de alguns que se interessão pelo adiantamento dos alumnos, devo observar que muitos não fazem mais por culpa que não é delles.

Não pôde haver boas escolas, sem professores que saibão ensinar, e ninguém pôde ensinar, e meno ainda ensinar bem, sem ter aprendido não só as materias do ensino, mas o methodo de ensina-las.

Diz-se geralmente que para ensinar pouco é preciso saber muito. Não se tem attendido a isto, e menos a que é condição primordial em quem ensina saber ensinar.

O alumno dado por prompto com distincção, e que portanto está no caso de ser nomeado adjunto do 1.<sup>o</sup> anno reputa-se saber bem a leitura, escripta, grammatica, arithmetica, historia sagrada, doutrina christã, systema de pesos e medidas, e methodo de ensino que o professor actual pôde ensinar-lhe.

Ensinando-se porém pouco e mal, e aprendendo-se ainda menos e peor, a consequencia é que a superiorda le relativa dos que sobressaem não pôde garantir suas habilitações em absoluto.

Demos, porém, que o alumno julgado distincto seja-o em absoluto, e saiba bem quanto lhe ensinão na escola de que sabio. E' adjunto do 1.<sup>o</sup> anno e vai afeijonar-se em tres annos para ser afinal professor.

Devemos suppor que esses tres annos são destinados a alargar-lhe a esphera dos conhecimentos adquiridos, a abri-lhe a intelligencia novos horizontes, a prepara-lo de discipulo que era para ser mestre. E' isto o que a razão diz; tal, porém, não acontece.

O adjunto continúa a ouvir as mesmas lições e sobre as mesmas materias, nas quaes já se havia distinguido. O mais que pôde lucrar é imprimir-se-lhe cada vez mais na memoria pela repetição aquillo mesmo que já aprendêra. E quanto ao methodo de ensino, o que vê e fica sabendo é a rotina da escola.

A instituição dos professores adjuntos não é idéa nova, mas já experimentada, e certamente muito util. Entre nós tem, porém, ficado na pratica reduzida a proporções muito acanhadas, e emquanto não se desenvolver, é evidente que não dará as vantagens que della se podem esperar.

Repousando a instituição no principio da habilitação gradual e segura para o professorado, a necessidade de estabelecimentos, em que os adjuntos vão augmentar o cabedal de seus conhecimentos, é consequencia forçosa de sua criação. Quer-se o aperfeiçoamento; não se lhes dá onde, nem se lhes diz como hão de alcança-lo.

Se alguns professores se distinguem,

e os ha (um ou outro) dignos de elogios, devem-no a seus esforços isolados, e não a se lhes facultar a aquisição de novos conhecimentos.

No regulamento de 1834 temos o meio de melhorar muito o nosso systema de instrucção primaria: refiro-me ás escolas do 2.<sup>o</sup> grão, de que tracta o art. 47, e que até hoje não foram creadas. Acrescentando-se no programa das materias exigidas mais uma ou outra, por exemplo, o methodo do ensino ou pedagogia, podem taes escolas ser frequentadas pelos alumnos approvados nas do 1.<sup>o</sup> grão com vantagem notavel para o melhoramento da instrucção em geral; e especialmente para os que se dedicão ao magisterio. Nada obsta a que o alumno da escola do 2.<sup>o</sup> grão leccione nas do 1.<sup>o</sup> ajudando o professor e ganhando pratica, ao passo que se adianta em conhecimentos.

Para começar, e enquanto não tratamos da fundação de uma escola normal, na qual se possam formar professores para o municipio da corte, e onde as provincias mandem para se habilitarem os seus, poder-se-hão estabelecer as escolas do 2.<sup>o</sup> grão e organizar um melhor systema de fiscalisação das do 1.<sup>o</sup>.

Tal fiscalisação não existe, nem é possível, como estão as cousas.

Temos um inspector geral da instrucção primaria e secundaria da corte, um conselho director e nos districtos 17 delegados.

Para qualquer systema ser proficuo é indispensavel que haja nexos e todas as peças do mecanismo por elle creadas travem bem e converjão para a formação de um todo harmonico.

O inspector geral tem a seu lado o conselho director; mas os delegados, que devem ver e saber o que interessa ao ensino, não trazem ao conselho suas observações, nem delle recebem o pensamento director: cuidão principalmente do material do serviço.

O inspector geral, por quem deve passar tudo, é em geral um homem politico, sobrecarregado de deveres da maior importancia, sem tempo, e na idade em que a actividade já não é determinada por impulso da natureza, mas por esforço da vontade.

Os membros do conselho director são os dous reitores do imperial collegio de Pedro II, pensionados com o cumprimento de graves obrigações: dous professores publicos, um professor particular, e dous cidadãos nomeados livremente pelo governo, todos incumbidos de dizer, e nem um de fazer. Segue-se a regra da administração franceza de consultarem uns e obcarem outros.

Os delegados são os fiscaes e agentes da inspectoría geral. Devo dizer em abono de muitos delles que os serviços que prestão são a prova cabal de que existe zelo pelo que é de interesse publico. Não são retribuidos, não tem sido devidamente considerados e servem. O que fazem poré a? Limitão-se em geral ás communicações usuas do expediente do serviço, e não se resolvem a fazer sobre o que vêm observações, que tirarão tempo ás suas occupações e descanso, pelo gosto de as terem archivadas na secretaria da inspectoría geral.

Não condemno a instituição do conselho director, nem a dos delegados de instrucção publica; penso, porém, que deve ser outro seu modo de ser.

Vejo grande vantagem em crear quatro ou cinco inspectores de districto, a quem se dêsse uma gratificação pecuniaria, encarregados de fiscalisar as respectivas escolas e todos os estabelecimentos de instrucção, e aos quaes competiria assento no conselho director, defi-

nindo-se-lhes os deveres e providenciando sobre a effectividade de seu cumprimento. Teriamos no conselho os homens que vêm o como as cousas se passam, e podem propor o que convem. Fixado o numero das sessões do conselho director, que podem ser mensaes, porque não se hão de publicar as actas de seus trabalhos e as informações e propostas que trouxerem os inspectores de districto? A publicidade é um grande estímulo e poderoso correctivo.

Tornando parochias os delegados importunhos-lhe a obrigação de visitar pelo menos semanalmente as escolas publicas e mensalmente todos os estabelecimentos particulares de instrução e de assistir aos exames semestrais, dando conta em reunião mensal ao inspector do districto de quanto observassem e propondo-lhe as medidas que julgassem convenientes, para serem por este sujeitas á apreciação do conselho director. As reuniões assistirão os professores publicos do districto, chamados a dar sua opinião sobre as questões que se aventassem e a explicar seu procedimento quando increpados de qualquer falta. Nestas reuniões se prepararão os trabalhos para outras mais largas, que se effectuarião trimesalmente sob a presidencia do ministro ou do inspector geral e a que concorrerão os membros do conselho director, os inspectores de districto, os delegados e os professores, apresentando o inspector de cada districto o relatório dos trabalhos e a exposição do estado e necessidades da instrução primaria no districto. Nestas reuniões poderão ser estabelecidos pontos relativos ao ensino que devessem ser examinados e discutidos pelas dos districtos e apresentado o trabalho pelo professor para esse fim designado. Seria este um meio de fazer nascer a emulação.

Além de outras vantagens, obteriamos a de serem conhecidos os serviços de quem os presta e saber quem se esforça pelo que a todos deve interessar. Não é fechando tudo nas proprias mãos ou nas de seus agentes immediatos e isolando a acção de cada um que o governo conseguirá despertar o concurso dos cidadãos, sem o qual seu impulso se vai amortecer ante o indifferentismo.

Chamando assim para este importante assumpto a attenção publica, talvez se conseguisse animar na sociedade as boas intenções que definham no isolamento.

Não temos o habito das associações, não existe no paiz a iniciativa individual para fins de utilidade publica; só o tempo pôde desenvolvê-la: não nos descuidemos porém de promovê-la pelos meios convenientes. Os exemplos da sociedade Amante da Instrução, do Lyceio das Artes e outros acharão imitadores, quando os homens bem intencionados se forem capacitando de que seus esforços não são perdidos, e viem que, á par da consideração publica, atraem a attenção do governo.

Matricularão-se nas escolas publicas do municipio da corte 4313 alumnos, sendo 3477 do sexo masculino, e 1836 do feminino. Ha 26 escolas para o primeiro, e 19 para o segundo, entrando neste ultimo numero uma que foi creada por decreto n. 4.247 de 22 de Setembro do anno findo, na freguezia de Jacarepaguá.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### RECOLHIMENTO DE N. S. DA ANNUNCIACÃO E REMEDIOS.

(Continuação.)

Não arrefeceu porém o Sr. D. Luiz em seu zelo. Vendo o crescido numero dellas agasalhado em poucos quartos, mandou no pavimento terreo preparar outros com muito boas accomodações.

Amante em extremo da educação da mocidade, no dia 7 de Janeiro de 1835 abriu ali um collegio, sob a invocação de N. S. d'Annunciação e Remedios, de-

baixo da direcção da actual superiora. Nessa occasião a anarchia tinha desaparecido, e já se achava ali restabelecida a disciplina, a obediencia, e o cumprimento de deveres.

O deficit, que era constante, e que lhe ameaçava até a existencia, cedeo o seu lugar a mais d'um conto de réis, poupado das despesas e dos seus poucos rendimentos.

Houve na casa uma aula de musica vocal, creada por S. Exc. Revm.<sup>a</sup>, e regida com louvavel dedicacão desde o seu principio pelo conego Raimundo Alves dos Santos. Em breve tempo apresentaram-se algumas recolhidas cantando no coro por occasião das festividades, e nos domingos na missa alli celebrada ás 6 horas da manhã.

O publico, presenciando e sabendo de todos estes actos, principiou a dedicá-lhe como outrora bastante sympathia.

Sob taes auspícios foi este collegio aberto, e senhoras já velhas e experimentadas na sciencia da vida collegial, como disse a *Fé*, jornal religioso, foram as encarregadas de dirigir como outras mães as meninas confiadas aos seus cuidados, sempre vigiadas e dirigidas pela protecção e amor paternal de S. Exc. Revm.<sup>a</sup>

Com o fim de facilitar muito o ensino das meninas pobres, muito modica foi a tabella das pensões, porque as pensionistas pagam 18\$000 e as meio-pensionistas 9\$000.

No meio porém destas santas fadigas surprehendeo o a urgente necessidade de emprender uma longa viagem a Roma, em beneficio ainda do seu rebanho.

D'esta ausencia resentio-se o Recolhimento, e murmuraram-se também em parte as esperanças que desportaram com a criação do collegio.

Regressando ao seio de seus diocesanos, que ansiosamente o aguardavam, procurou S. Exc. Revm.<sup>a</sup> outra vez fazer florescer o Recolhimento.

O Seminario de N. S. das Mercês, outra joia louçã, que orna a mitra do Magno Sacerdote da Igreja Maranhense, roubou-lhe para assim dizer os cuidados de todas as horas, e todos os recursos pecuniarios.

Hoje, porém, que esse estabelecimento assemelha-se á arvore secular, tão forte e tão vigorosa, que desafia o tufão das tempestades, e que produz sempre muito bons fructos; hoje que elle já pôde progredir com seus proprios recursos, dirigidos pelo espirito creador de S. Exc. Revm.<sup>a</sup>, e distribuidos pelo intelligente zelo e incansavel dedicacão do respeitavel Conego Reitor, vai o Sr. D. Luiz cuidar do melhoramento material d'aquelle Recolhimento.

Acha-se elle muito estragado pelo tempo, as paredes entegrecidas, e as portas e o assoalho quase em completa ruina.

Os quartos são poucos para accomodar oitenta pessoas entre recolhidas e servas.

Na segunda-feira, 14 do corrente, deo-se principio ás grandes obras, que S. Exc. pretende mandar ali fazer, sendo a principal um grande raio de casas, igual ao actual, com o que ficará este Recolhimento tendo o duplo dos commodos. Grande por certo é a empreza. outro qualquer homem esmoreceria: S. Exc. Revm.<sup>a</sup> porém n'esta e n'outras difficuldades como que retempera forças para empenhos ainda maiores.

Deos o auxilie n'este e n'outros serviços e beneficios, aquelles prestados á Igreja, e estes aos seus diocesanos.

Maranhão—Junho de 1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

(Continuação.)

II

Demonstrada como ficou, no ultimo numero deste jornal, a necessidade da

religião, devemos provar que existe realmente, unica verdadeira e absolutamente necessaria á salvacão.

Esta tarefa não será difficil; colloquemos a razão sobre sua base, e reconheceremos com certeza a verdade.

A necessidade da Religião é por si uma forte arma contra a impiedade, é uma prova robusta e irrefragavel de sua existencia; porque com effeito ser uma cousa necessaria, e existir por força natural das cousas, é ser indispensavel; então a sua existencia não é uma possibilidade, não, mas uma realidade; ser a Religião necessaria é existir por força das leis naturaes, immutaveis em seu genero, as quaes obrigam a sua existencia a modo de não poder deixar de existir, é em uma palavra, existir realmente. Mas deixemos este terreno de ha muito aplainado pelos mestres e discipulos de uma boa logica.

Indaguemos a razão da sociedade, interroguemos as crenças e as tradições do genero humano, documentemos as suas decisões, e se por ventura apresentar-se algum contradictor, abrindo dous caminhos, o caminho tenebroso do juizo individual, que confina com o nada, e o caminho social da authoridade, que conduz á verdade e á vida, não lhe responderemos: escolhei, escolhei, porque a vossa escolha, se for de harmonia com o bom senso, fundada na sã razão, vos mostrará a verdade, que deveis abraçar.

De mais, vejamos se ha relações essenciaes entre Deos e o homem, e conheceremos que só a Religião é a expressão destas relações, que esta missão da Religião justifica a sua existencia.

Desenvolvamos esta asserção:

Deos, creando o homem, o fez grande sobre o resto da creação, mas dependente do Ser creador; grandeza e dependencia—eis os titulos que o materialismo tem se esforçado para destruir; mas em vão, em vão uma tão perigosa tentativa; elles subsistem e subsistirão até o dia do ultimo homem, e passando além dos tempos descançarão na eternidade. Elles estão escriptos na natureza do mesmo homem; todos os seculos, ainda os mais depravados que o digam; que o diga o espirito e a materia; todas as leis do mundo phisico e moral que o digam e a voz de tantas testemunhas proclamão a existencia de uma Religião verdadeira. E quem será ousado em desmentil-os? Todas as gerações, todos os povos que dormem na eternidade se levantarão do tumulo para vir depor em favor dos direitos de Deos e dos immutaveis destinos do homem.

O materialismo, que é o mais abjecto dos erros, e ao mesmo tempo um absurdo tal, que o bom senso experimenta uma sorte de repugnancia em refutal-o, o materialismo, dizemos nós, calcando contra a terra o homem todo inteiro, quer que o curso da vida pare, onde para o volver dos olhos, eis o absurdo. Ha milhares de annos que a humanidade caminha, e o genero humano defendido contra o prestigio dos sentidos, por uma fé poderosa, por um sentimento invencivel, jamais viu na morte senão uma mudança de existencia; é apesar das contradicções de alguns espiritos fracos, elle sempre conservou como um dogma universal uma alta tradição da immortalidade, aqui sim, o homem toca ao termo de suas aspirações, aqui o seu fim, o seu magnifico triumpho, a possessão do summo bem o gozo da vida, a visão de Deos.

Este, o effeito de seus titulos; grandeza e dependencia; pela grandeza, feito á imagem de Deos, o homem recebeu delle a faculdade de conhecer, amar e servir; pela dependencia, reconhecendo-se creatura, confessando sua humidade elle deve dirigir-se para Deos que é o seu primeiro e unico fim; esta passagem espiritual estabelece as relações essenciaes entre Deos e o homem, cujo sujeito é o culto, mas o culto é objecto da Religião, logo a Religião é a expressão dessas relações, logo existe uma verdadeira Religião.

Destas considerações, segue-se mais,

que ella é uma, porque estas relações são invariaveis, que é a verdadeira, porque toda religião falsa oppõe-se á natureza de Deos e á do homem, que as separa em vez de unir, que as destroe em vez de conservar.

Assim como o erro na fé separa o homem de Deos, como verdade por excellencia, assim também, o erro nas acções separa o homem de Deos como auctor e conservador da ordem, logo não pôde o homem salvar-se senão na verdadeira religião, porque a salvacão não é outra cousa senão a eterna união do homem com Deos, assim como a reprovacão não é senão a separação eterna do mesmo Deos, logo a verdadeira Religião é absolutamente necessaria para a salvacão.

Estes principios são tão evidentes que para negal-os é necessario negar primeiro a Deos, a si mesmo; só uma philosophia perversa poderá admittir proposições contrarias, mas estamos certos que a razão em tal conjectura preferirá a sua destruição, á proclamação de um erro contrario á sua missão, ella se condemnará e cahirá no septicismo.

Que ha relações naturaes entre Deos e o homem é uma verdade que se deduz da existencia simultanea de um e outro, avançar o contrario é commetter o vil adulterio do erro, é negar o poder divino, descendo um véo impenetravel entre a creatura e o creador. Mas quem o fará? cremos que uma impiedade depravada ainda não avançaria á tanto. Estudemos à nós mesmos, penetremos os arcanos de nossa natureza e veremos admirados como é bello e sublime o concerto entre a verdade infinita e a nossa intelligencia, como é perfeita e elevada a harmonia entre o bem infinito e a nossa vontade: estudemos e reconheceremos a nossa dependencia, estudemos e uma altitude respeitavel, um olhar penetrante, e uma cabeça sempre altaneira apresentando ao ceo uma face augusta, na qual se acha impresso o caracter de sua dignidade, um passo magestoso, uma repugnancia da terra, tudo annuncia a nobreza e excellencia da natureza do homem, tudo annuncia um futuro brilhante, que não se confunde com a visão dos tempos mas que penetra o infinito e descança no seio do Eterno, mas esta elevação do homem seria uma vangloria, um prejuizo insupportavel se elle não entretivesse com Deos relações intimas e essenciaes. Nós não podemos balbuciar uma só palavra a respeito da divindade, sem exprimirmos algumas destas relações; o pensamento é um grande laço, e o mais nobre, porque em si elle não é senão uma grande verdade, ou o mesmo Deos conhecendo.

Prosigamos: Assim como uma lei eterna e immutavel obriga o filho á honra do pae, pelo reconhecimento, amor e submissão, do mesmo modo e com força de razão esta mesma lei nos obriga a honra de Deos, de quem possuímos a vida e com ella a immortalidade; se amando aos homens nós lhes devemos partilhar a justiça segundo as regras da equidade, dando a Cezar o que é de Cezar, com que fundamento não daremos a Deos o que é de Deos? porque razão não havemos de nos prostrar na terra para exaltarmos a immensidade do ceo? porque razão não levantaremos supplicantes as nossas mãos ao altissimo, não lhe abriremos o nosso coração e não lhe offereceremos o sacrificio de nosso amor? Confessemos a nossa dependencia, exaltemos a soberania eterna e glorifiquemos o Santo nome do Senhor, e a nossa intelligencia e o nosso coração se encherão de gozos immortedouros. E como conceber este vai-vem dos destinos do homem se não por meio das relações essenciaes com Deos?

(Continua.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

Maranhão—1869.

## PARLAMENTO.

## ORDENS RELIGIOSAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1869.

**O Sr. Ferreira Vianna:**—Parecerá estranho, Sr. presidente, que eu venha defender uma victima protegida por todos, e contra a qual não ouço levantar-se nesta casa uma só palavra, e entretanto certo é que o seu destino está em perigo!

Discutindo-se o orçamento, acredito que a medida proposta pelo additivo é fiscal; porque, se o pensamento da comissão fosse mais amplo até alcançar as instituições monásticas existentes no paiz, eu consideraria o additivo uma iniquidade com a circumstancia agravante da surpresa.

Cumpra indagar qual o espirito das diferentes emendas em discussão: o additivo, o substitutivo e a emenda do nobre deputado pela provincia do Ceará.

O additivo proposto pela primeira comissão de fazenda estabelece contra as ordens regulares uma contribuição progressiva e illimitada, é a absorção da propriedade monastica pelo fisco. O substitutivo hoje offerecido pela comissão limita a 21 % na renda dos predios rusticos, a 30 % na dos urbanos, e a 30% na taxa dos escravos maiores de 12 annos. A emenda do nobre deputado pela provincia do Ceará obriga tanto as ordens regulares como todas as corporações de mão-morta a dispôr de seus bens immoveis desnecessários ao serviço, dentro do prazo de cinco annos, sob pena de venda forçada em hasta publica e conversão do producto em apolices intransferiveis a beneficio dos respectivos proprietarios.

O pensamento que domina qualquer das providencias propostas attenta contra o pleno direito de propriedade garantido pela constituição, como foi hontem brilhantemente demonstrado pelo meu distincto amigo monsenhor Pinto de Campos, deputado pela provincia de Pernambuco, ou a desapropriação se effectue pelo recurso exorbitante do imposto progressivo, illimitado ou pelo imposto limitado, mas excessivo, insupportavel e odioso, ou pela venda forçada em hasta publica, é fôrta de dúbida que as ordens regulares ficarão sob o peso de injusto e violento vexame.

O nobre deputado pela provincia do Ceará, honradissimo magistrado, como foi hontem com toda a justiça qualificado pelo nosso douto collega por Pernambuco, teve pensamento mais franco, votando a conversão em apolices dos bens monasticos dentro do prazo de 5 annos.

A camara comprehendeu bem o pensamento claro do nobre deputado, mas a conversão forçada é ainda uma violencia. O Estado deve inspirar confiança em seus titulos de obrigação e não inopô-la.

O nobre deputado pelo Ceará, incluindo em sua emenda todas as corporações de mão-morta, se alargou a violencia, excluio entretanto a odiosidade na odiosidade. A comissão descarregou todo o seu inexoravel e insaciavel zelo fiscal sobre as agonisantes comunidades religiosas.

O nobre deputado pelo Ceará, que na sessão de hontem parecia discordar do illustrado Sr. ministro do imperio, quando confessou o dominio pleno das ordens religiosas como pessoas moraes sobre todos os bens que constituem seus respectivos patrimonios, e concordar inteiramente com a opinião do meu nobre amigo, deputado pela provincia do Paraná, quando se empenhou em contestar a plenitude do direito de propriedade nas ordens regulares, deixou na redacção de sua emenda vestigios de opinião conforme com a do Sr. ministro do imperio. Não attribuo esta divergencia ou contradicção entre a emenda e as opiniões do nobre deputado manifestadas durante o debate senão aos estímulos da argumentação, mas peço-lhe licença para

mais confiar no que escreveu, do que no que fallou. O escripto presuppõe a meditação, é a meditação de um juriscôulto como o nobre deputado offerece maior garantia...

**O Sr. Alencar Araripe:**—Já sei a que se refere; a expressão propria deve ser *possuidores* e não *proprietarios*.

**O Sr. Ferreira Vianna:**—... a expressão *proprietarios* é a confissão mais completa que o nobre deputado podia fazer do reconhecimento do pleno dominio das ordens regulares sobre todos os bens que constituem o patrimonio. A comissão, porém, foi mais sagaz; sagacidade propria dos velhos parlamentares. O seu fim reservado é destruir as ordens monasticas, disfarçado por uma providencia de caracter fiscal, incluída de modo forçado na lei do orçamento. Sinto profundamente estar constrangido nos estreitos limites de uma unica discussão, e receioso de retardar a approvação do orçamento, reclamada com urgencia pelo honrado Sr. presidente do conselho; desejava uma discussão mais larga, e que o substitutivo fosse desanexado do orçamento, para desenvolver com plena liberdade as minhas opiniões sobre a necessidade de restaurar as abalizadas ordens regulares.

O designio de todas as providencias em discussão é abreviar os dias das ordens religiosas, apressar a liquidação de seus patrimonios, não em beneficio dos proprietarios, mas em vantagem do fisco, transpondo embora os limites da lei, conculcando direitos sagrados e consagrados, atropellando garantias constitucionaes, suffocando nobres vocações, prohibindo a liberdade do voto de consciencia e quebrando uma das mais poderosas armas do catholicismo em defesa contra as aggressões progressivamente violentas da impiedade. O fim reservado das medidas em discussão é a destruição das comunidades religiosas, e em vez do emprêgo dos meios decisivos das revoluções, pretende-se usar dos indirectos e fisees; a morte pela longa e dolorosa agonia. (*Muitos apoiados*).

Impellido pela consciencia de catholico apostolico romano, não posso deixar de agradecer neste augusto recinto as francas declarações do illustrado membro relator da comissão, do nobre ministro do imperio, e de todos os demais Srs. deputados que fallaram em abono das providencias em discussão, tendentes ao reconhecimento da necessidade de restaurar as ordens regulares do imperio.

A palavra foi concedida ao homem pelo Creador para orgão fiel de seu pensamento. Inspirado pelo dever de christão, confiado na boa fé dos homens, e depositando pleno conceito nas pessoas que fizeram essas declarações, eu saúdo as ordens religiosas pelo proximo porvir de grandeza que se afigura dourado nos horisontes. (*Muito bem*).

O Sr. ministro do imperio declarou, e a camara ouviu: «O meu desejo, o desejo espontaneo de catholico (que não cede em seu fervor, nem ao catholicismo auctorisado do ungido do Senhor, o illustre deputado pela provincia de Pernambuco, monsenhor Pinto de Campos), é que as ordens monasticas se reabilitem; é que ellas se restaurem do abatimento em que jazem!»

Eis a razão por que eu vos dizia:—Venho defender a victima protegida por todos (*apoiados*); venho defender a victima que, se pudesse fallar, supplicaria aos protectores: «levantai vossa mão que esmaga, libertai-me de vossa cruel protecção, restitui-me na posição em que sempre me achei de desprotegida, tratai-me com a graça de vosso esquecimento e desamparo, quero para mim os vexames que supportam os demais proprietarios que usufruem as vantagens de vosso desfavor. O vosso apoio quer dizer imposto illimitado e progressivo, que, em vez de segurar-me á beira do abysmo, lança-me no que tem de mais profundo! Por piedade, dai-me um ar

de vosso desagrado, derradeira esperança de minha salvação!»

Entretanto, vede, senhores, a resignação d'estes homens humildes, d'estes homens do trabalho, da meditação e do estudo, nem um queixume fazem ouvir; confiam nas ferventes preces que, nas solidões do claustro, elevam A'quelle que tudo domina. Esperam remedio e conforto nos dias de tribulação daquelle fonte de todo o bem. A milicia gloriosa da sagrada Cruz defende-se com a resignação, suprema vingança das causas nobres quando immoladas. (*Muito bem*).

O pesado imposto com que os amigos das ordens religiosas querem protegê-las é um grande attentado aos principios constitucionaes, aos interesses de nossa santa religião, ás regras de justiça na distribuição das contribuições, e injustificavel esquecimento do glorioso e benéfico passado dessas illustres comunidades. (*Muito bem*).

E' sério, Sr. presidente, muito sério, pretender julgar o passado: primeiro, porque nós não vivemos nelle; depois, porque lhe devemos muito: o que possuímos de mais elevado nas artes e nas sciencias, delle nos veio. Maldido daquelle que dissipar essa herança. Nosso grande dever é conservá-la, augmentando-a, para transmittir ao futuro: (*Apoiados; muito bem*).

Eu creio, Sr. presidente, que estou a coberto de qualquer suspeita em relação á situação politica e aos futuros destinos do partido conservador: não venho, nem passo pelo meu pensamento, concorrer para que esta situação estremeça; de minha lealdade e dedicação tenho dado penhores mais solidos do que seriam as minhas proprias palavras. (*Muitos apoiados*).

Mas eu não me julgo neste momento em presença dos meus amigos politicos ou no recinto da camara dos Srs. deputados, estou dentro da minha consciencia e considero esta assembléa quasi que um templo, em que por dever que não posso renunciar, venho expôr os meus escrúpulos contra a adopção de providencias legislativas que averbo de offensivas aos direitos das ordens regulares, aos santos interesses e fecunda influencia do verdadeiro catholicismo. (*Apoiados*).

Sou um daquelles cegos que não querem ver, na acentuada phrase do illustrado relator da 1.ª comissão de fazenda, e se mais densa é minha cegueira depois do discurso do nobre deputado, attribuo esta infelicidade á luz que em ondas derramou sobre tão importante discussão.

Sou tambem dos que se deixam arrebatados pelo entusiasmo. O entusiasmo é a nobre paixão que levanta os corações e robustece as crenças, é o fogo sagrado da fé e o poderoso executor das grandes idéas. Tudo o que o povo tem feito de fecundo e glorioso deve-se ao entusiasmo. O cálculo faz o que passa, o entusiasmo o que fica. (*Muito bem*).

A situação politica que o imperio hoje occupa entre as nações não tem outra base senão os sacrificios de um povo opprimido (*muito bem*) impostos pelo entusiasmo que inspirou a grandeza de seus destinos, a consciencia de seu poder, e a fé em seus direitos. Ir além de seu dever é conquistar a glória; não transpôr os limites da obrigação, é manter o bem estar individual. Sem entusiasmo não se vai adiante do dever, fica-se áquem da glória. (*Apoiados; muito bem*).

Eu muito aprecio as manifestações dos meus collegas, mas não de me perdoar que lhes diga, e digo-o invocando o testemunho de Deos: nestas materias pouco me importa ficar só, porque fico com a minha consciencia. (*Muito bem*).

## LITTERATURA.

## HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

(Continuação.)

## IV

## REINOS SCANDINAVOS.

(Sob este titulo comprehendemos os reinos Sueco-Norueco e Dinamarquez.)

Em todas as suas manifestações a natureza é admiravel.

No norte, onde a tempestade ruga por entre as brancas penedias cobertas com um lençol de neve; no norte onde o Hecla gemebundo solta lagrimas de fogo por baixo de seu gelado manto; no norte onde a aurora boreal incendia o firmamento com azulada luz; no norte mesmo a poesia, essa filha do céu, habita tão pura e casta como sobre o Parnaso da Grecia antiga.

Os Eddas ou a reunião das lendas theogonicas do culto de Odin, são d'isso uma prova.

Dividem-se elles em duas partes, a primeira das quaes foi escripta na Islandia e em versos no seculo XI por Sœmund Sigfuson; a segunda, em prosa, suppõe-se que o foi no XII seculo sendo seu auctor desconhecido.

Era com os olhos fitos nesse livro, ou melhor, nas lendas que elle encerra, que os antigos Normandos lançando-se n'um fragil batel ião descobrir a Groelandia e a Vinlandia (Terra Nova) antes que se inventasse a bussola, ou Colombo sonhasse o novo mundo; ião atacar o reino dos Francos e o dos Saxões com um valor incrivei nos tempos modernos; porque elles entrevião sob o crepe mortuario a habitação do Walhalla risonha morada dos heroes celestes que era promettida aos que morressem na batalha.

Tendo até aqui dado noticia do livro poetico e juntamente religioso, n'outro tempo commum a todos os homens do norte ou Scandinavos, é justo que digamos agora algumas palavras sobre cada um dos dous reinos que occupão hoje esses logares. Antes de tudo notaremos que bem poucos poetas podem elles apresentar empregando-se, como fazem, mais no estudo das sciencias naturaes, a que convicia-os o clima e a natureza do solo, do que no das bellas artes.

Porem, para que nossa resenha não fique muito incompleta, nomearemos aquelles que conhecermos.

No reino Sueco-Noruego notamos apenas Isaias Tegner, nascido em 1782 e fallecido em 1846, que deo muito incremento á litteratura patria. Seu poema didactico o *canto de Guerra de Landwehr de Scania*, muito elogiado por Lesage, uma encantadora collecção de *Idyllios* e outras peças poeticas; sendo traduzidas em francez obtiverão applauso geral.

No reino Dinamarquez deparamos com o barão Luiz d'Holberg, que nasceu em Bergen na Noruega em 1684, tempo em que fazia ainda ella parte da Dinamarca, foi professor na Universidade de Copenhague e falleceo em 1754.

Seos escriptos poeticos são quasi todos para o theatro Dinamarquez cujo fundador foi elle, contando-se vinte e seis comedias, entre as quaes sobresahem a *Caprichosa*, *João de França*,

o Campones metamorphoseado em  
d' Senhor.

D'elle diz um critico: (*Biblioth. d'un  
homme de gout.*) «Seu estylo é exacto  
e natural; umas vezes correcto como  
Terencio, outras agradavel como Plau-  
to.»

HOLLANDA.

Não obstante ter a Hollanda tocado  
apenas o limiar do palacio das nove  
irmãs, ousamos pela estima que lhe  
consagrão todas as nações civilisadas,  
(devida à sua liberdade,) nomear al-  
guns de seus poucos poetas.

Vondel, o pae de sua poesia, nas-  
ceu em Colognia em 1587 e morreu  
em 1679.

Não havia elle recebido educação  
litteraria, mas pela força de seu genio  
fez no silencio do gabinete aquillo que  
não pode alcançar cursando as es-  
colas; isto é, formou um gosto apu-  
rado e adquerio instrução.

Compoz elle trinta e duas trage-  
dias, das quaes as melhores são o *San-  
que d'Amsterdam* e o *Exilio de Gis-  
bert*. Vondel e Catz são os creado-  
res da lingua Hollandeza.

Jacob Catz nasceu em Brouwersha-  
ven na Zelândia em 1577 e falleceu  
em 1660. Não escreveu obra de fo-  
lego; mas em pequenas composições  
lyricas, fabulas, etc. soube tornar-se  
agradavel, natural e mesmo delicado.

Pode-se tambem citar Antonides  
que cantou a gloria de Amsterdam  
numa engenhosa ficção; e Rotgans  
que escreveu a vida do rei Guilher-  
me com todos os ornamentos da poe-  
sia épica.

## FOLHETIM DA NAÇÃO.

## O MUNDO AS AVÊSSAS.

Questiunculas e divergencias sem accordo possivel.—  
Novo caminho.—Admiraveis e estupendas novida-  
des.—Um Messias.—Plano da obra.—Jogralismo.—  
Perguntas e respostas.—Receios.

Tudo nestes tempos da critica philo-  
sophica e controvérsia é objecto de ca-  
lorosas questões. Por toda a parte pe-  
netra a luneta do sabio, revolvendo tu-  
do: atravessa esta immensidade que vai,  
ou vem, (eu mesmo não sei como se  
deve dizer), da terra às regiões sideraes,  
e desce pela terra como um parafuso,  
revolvendo camadas foelíferas de fra-  
gmentos de familias *in umbra mortis*.

Conversa-se com os animaes, e li-  
verá até quem supponha que o macaco  
tem intelligencia, e si não falla é de ve-  
lhaco, ou porque está mudo; que as for-  
migas conversão em Hebreo e as abe-  
lhas o Sanskrito.

Ora, estas eternas questões que se agi-  
tão la pelas regiões das sciencias, tão-  
bem dão-se nas do folhetim.

Assim, ainda não está julgado o como  
deve ser este genero de litteratura de  
barra de gaseta; *aduc sub judice lis est*.

Uns querem que o folhetim seja cou-  
sa succulenta, gordurosa; porque, di-  
zem, a nossa existência é tão curta, que  
perder um momento é doloroso: o tem-  
po não volta. Talvez fosse este o moti-  
vo pelo qual os antigos aproveitavam  
mesmo as gargalhadas quando dizião  
que até *ridendo castigat mores*.

Ha porem muita gente que pensa em  
sentido contrario. Dizem que o folhetim  
é um passa-tempo, acabada a leitura do  
qual possamos fazer tres cruses na boc-  
ca e dizer: eu mesmo nem sei o que li.  
Dizem que o folhetim deve ser assim  
como uma cousa que é como uma cou-  
sa; deve ser uma especie de fumaça de  
charuto, que o vento dissipa; como fila-  
grana; como uma cousa vaporosa, fugaz  
como simfuzas; que deve ser similhan-  
te a uma cousa phantastica quasi a su-

## FRANÇA.

Um grande escriptor e philosopho,  
M. Cousin (*Etudes sur Pascal*) disse  
já, que a gloria litteraria de sua patria  
é mais certa na prosa que na poesia.  
A parte a exaggeração com que pro-  
clama elle os prosadores francezes  
sem rivaes no mundo antigo ou mo-  
derno, talvez devida a seu excessivo  
amor patrio, concordamos com sua  
opinião; porem não podemos obscu-  
recer, como elle não obscurece, o me-  
rito aliás elevadissimo de muitos poe-  
tas francezes.

Patria das sciencias, das artes, da  
moderna civilisação, a França não  
podia deixar de ser tambem da poe-  
sia. D'entre todos os poetas fran-  
cezes escolheremos os mais celebres,  
para não sermos por demais exten-  
sos.

Corneille, o verdadeiro creador da  
arte dramatica na França, como o  
chama Bouillet, nasceu em Ruão em  
1606 e morreu em 1684.

A comedia o *Mentor*, e as tragedias  
o *Cid*, *Horacio*, *Cinna* e *Pompeo*, fize-  
rão callar seus detractores, derão-lhe a  
immortalidade e o título de membro  
da Academia Franceza.

Molière nasceu em Paris em 1622  
e falleceu a 7 de fevereiro de 1673,  
apenas com 51 annos de idade.

Genio de primeira ordem, Molière,  
com as comedias o *Misanthropo*,  
o *Tartuffo*, as *Mulheres sabias* e mui-  
tas outras, soube arrancar dos labios  
de illustrados espectadores que lhe  
fornecia o seculo de Luiz XIV, ap-  
lausos que nascião da alma.

mir-se na penumbra, a quebrar-se pela  
cintura, como moça alta, magra e den-  
gosa; como a espada de Damocles presa  
por um fio quasi a cair. Emfim querem  
que o folhetim seja uma cousa assim á  
simillança da esposa dos Cantares de  
quem se diz *Fulsite me floribus stipate  
me malis quia amore languet*.

Não se assustem com tantos latín-  
rios, que vou traduzir este: cobri-me de  
flores, enchei-me de pomos que desfale-  
ço de amor.

Ha ainda um terceiro partido, que, ou  
pelo gosto de divergir, ou por ter real-  
mente idéas contrarias, diz que o fo-  
lhetim deve ser poetico, mas não dessa  
poesia commun e sedida que só falla  
em cravos e rosas, brisas e ventanias;  
porem de uma poesia amena e attrahe-  
nte como a *Mãe-d'agua* do Gonçalves Dias,  
uma poesia que prenda a attenção, sem  
contudo haver esforço de intelligencia,  
uma poesia do coração e da alma, porem  
accessivel a todos sem o menor labor;  
que seja assim como uma folha que o  
vento leva e o redemoinho traz, como a  
flor da lodam, que a corrente leva e o  
remanso traz; como echo no fundo dos  
valles a responder pela encosta das ser-  
ranias; como o sino da povoação ao soar  
pausadas badaladas, a Ave-Maria e que  
todos em silencio tirão o chapeo.... e  
que sei mais!... dizem tanta coisa!...  
tantas cabeças quantas sentenças.

Eu, porem, que não sou homem do  
ecceletismo e contemplações, apresen-  
to-me hoje como o Messias dos folhetins.

As disputas já encroadas que se dão  
no mundo folhetinistico provão a falta  
de um homem e de uma cabeça. Saiba  
pois o mundo que esse homem sou eu.  
O mestre Cousin cantou Socrates como  
o Messias da philosophia antiga e Des-  
cartes como o da moderna, pois não é  
muito que surja agora mais um nas re-  
giões dos folhetins.

Hei de mostrar ao velho Salomão que  
debaixo do sol ainda ha cousa nova. E  
os meus folhetins serão poças de novi-  
dades. Preparem-se para ouvir o grito

João Racine, um dos maiores poe-  
tas tragicos francezes nasceu em 1639  
e falleceu em 1699.

Educado no Port-Royal em intimi-  
dade com esses homens de profun-  
da sciencia, Racine soube aproveitar-  
se de suas lições e conselhos, para  
apresentar-se no mundo cercado do  
prestigio, que lhe concedia uma solida  
illustração. Como tragico, apesar  
das intrigas dos zóilos, Racine soube  
collocar-sea par de Corneille, a quem  
superou na arte de pintar o amor. En-  
tre suas tragedias primão a *Phedra*,  
*Andromacha* e *Athalie*.

Boileau nasceu em 1636 em Paris,  
e falleceu em 1711. A litteratura fran-  
ceza deve muito a este grande ho-  
mem, que enriqueceu-a em diversos  
generos de poesia; e mui principal-  
mente por tel-a dotado com o *Lutrin*,  
poema heroi-comico, e a *Aite poetica*,  
não fallando de suas excellentes saty-  
ras e epistolas.

Voltaire nasceu em Paris em 1694  
e falleceu a 30 de maio de 1778.

Entre suas diversas obras poeticas  
sobresahem a *Henriada*, poema epi-  
co, e as tragedias *Zaira*, *Bruto*, *OE-  
dipo*, *Merope*, *Alzira*, &c.

(Continua)

D. A. Martins Costa.

## NOTÍCIAS.

## Chronica urbana.

—Entraram ante-hontem dous navios  
de guerra peruanos, a fragata a vapor *Pa-  
ch'tea*, e o monitor *Manco Capac*. A fra-  
gata é um magestoso navio e o monitor,

de espanto que em breve repercutirá de  
um a outro polo. Avisem aos enfermos  
e ás mulheres peijadas, que estejam pre-  
venidas e não se assustem.

Hei de virar o avesso do mundo e o  
mundo do avesso.

Até hoje se tem recebido como ver-  
dade mathematica que tres e dois fazem  
cinco, que duas cousas iguaes a uma  
terceira são iguaes entre si, porem eu...  
*fiat lux* vou provar o contrario!... *mi-  
rabili!*...

Hei de mostrar que esse negocio de  
distincções e differenças são meros tro-  
cadilhos engenhosos, são furtapassos de  
sophismas caviliosissimos.

Mostrarei que no mundo não ha con-  
trariiedade, que tudo é uma e a mesma  
cousa; que tanto anda uma tartaruga  
como uma locomotiva.

Mostrarei como ser pequeno e grande  
é a mesma cousa, com pontos e virgu-  
las. Que ser falso é ser verdadeiro, e vi-  
ce-versa; que muito é pouco, e pouco  
é muito; ser pobre é ser rico, e ser rico  
é ser pobre, que a sciencia é ignorancia  
e a ignorancia é sciencia; que a morte  
é a vida e a vida é a morte.

Emfim mostrarei que tudo neste mun-  
do que tem contrario, o não tem real-  
mente por isto mesmo que tem.

Hei de explicar a theoria das marés,  
da conversão do ar em agoa; conciliarei  
S. Thomaz com Lavoisier, explicarei a  
formação dos ventos; revelarei um meio  
facil de ir-se á lua, ao sol, ás estreilãs;  
de fazer-se um caminho de ferro sob o  
dorso do Atlantico.

Entretanto não abalarei as conscien-  
cias, não destruirei um só principio so-  
cial, moral ou religioso, entretanto hei  
de revolver tudo de *fond en comble*.  
Sou o homem do *esse et non esse potest  
esse*: ser e não ser pôde ser.

Parece-me estar ouvindo aos meos lei-  
tores, uns a dizerem: «que cabeça de me-  
nino, que talento de rapaz! Quem sabe  
si esse sujeito não é algum espirituista?»  
Outros: «Que genio! Se fôr muito velho  
diria ser o inventor da polvorá, se fôr

dizem os que tem visto estas machinas  
de guerra, é dos melhores.

O commandante da fragata é o Sr. F.  
B. Dubois e do monitor o Sr. Carrillo.

Tem sido numerosos os visitantes do  
monitor, que vêm todos penhorados pela  
afabilidade de seus officiaes.

—O Exm.<sup>o</sup> Sr. bispo diocesano pelo  
seu edital de 22 de julho ultimo proro-  
gou por trinta dias o concurso de tres lo-  
gares de beneficiado da ordem presbyte-  
ral da Cathedral annunciado pelo edital  
de 23 de abril, em consequencia de não  
ter apparecido nem um oppositor.

—O Rem.<sup>o</sup> vigario geral forense da  
provincia do Piahy, conego João de  
Souza Martins, acaba de processar e sus-  
pender de officio o beneficio ao Rvd. en-  
carregado da freguezia de S. João do Pi-  
auhy, padre João Severino de Miranda  
Barbosa.

—Sua Exc. Revm.<sup>a</sup> resolveo encarrê-  
gar temporariamente a administração es-  
piritual e temporal das seguintes paro-  
chias: —de S. Benedicto de Caxias ao pa-  
rocho collado, da de N. S. da Conceição  
e S. José da mesma cidade, conego José  
Gonçalves da Silva; de S. José de Penal-  
va ao da de N. S. da Conceição da cida-  
de de Vianna, padre Luiz Marianno de  
Barros; de S. João do Pisuhy ao paro-  
cho collado da de Oeiras da mesma pro-  
vincia, conego João de Souza Martins,  
em consequencia da falta absoluta que ha  
de sacerdotes na diocese.

—Falleceu no dia 6 de junho ultimo o  
Revd. encarregado da freguezia de Mar-  
vão, padre João Jose Mendes de Mello,  
que foi succeder ao parocho collado fal-  
lecido o anno passado nesta capital.

—Hontem falleceu o Revm. conego  
Raimundo de Almeida Sampaio.

careca direi que é o inventor do charo-  
pe do bosque! Que menino de talento  
gorduroso! é pena não ir para a Euro-  
pa estudar!»

Outros, amassando o jornal, o atirão  
para um lado, dizendo: «Ah... pate-  
ta... nem tem graça, nem escrever sa-  
be... cada erro grammatical que o meu  
José não seria capaz de commetter!»

Sim, senhor, pôde cada um dizer o  
que quizer. Eu não pretendo fazer rir;  
não aspiro as honrarias de *poli chinelo*.

Não hei de fazer folhetins gorduro-  
sos com tiradas pindaricas de Milton,  
Goeth ou Dante, porque tudo isto já é  
sabido, e quem quizer saber si Camões  
é superior a Tasso, que vá ler as suas  
obras.

O meu plano é dizer cousas novas, ain-  
da não vistas, nem ouvidas, cousas ca-  
pazes de fazer esbafacar até mesmo a  
um defunto que esteja com os queixos  
duros como ferro.

—Então (*dirão*) porque o Senhor não  
vai para grandes theatros, não escreve  
uma obra, e se contenta em ficar em  
uma provincia ainda acanhada, e mais  
que tudo amarrado na estreita barra  
de um jornal?

Respondendo:—Isto mesmo me abona.  
Quanto ao lugar, porque vemos a Jesus,  
o maior luzeiro do mundo, nasceu na  
pequenita Belem.

Procuro e contento-me com este pe-  
queno espaço de jornal, porque as gran-  
des idéas sempre são taxadas de utopia  
e ridicularisadas. Ora, eu procurando as  
regiões do folhetim, lugar onde costuma  
imperar a jogralidade, venho como ma-  
caco velho assentar-me primeiro no lu-  
gar d'onde o inimigo costuma fazer fogo.

E mesmo eu não pretendo apparecer  
já, porque não quero que a Espanha in-  
vejosa e que anda agora com a real co-  
roa suspensa em busca de uma digna  
cabeça, não quero, digo, que ella venha  
logo me bispar. E... Até a volta, se  
voltar.

REUCUN.

Impr. por Manoel Caetano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 13 de Julho de 1869.

## ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Acaba de tomar uma resolução importante, em relação ao clero diocesano, o nosso virtuoso e illustrado Bispo.

Sua Exc. Revm.<sup>a</sup> em portaria de 7 do corrente, expedida ao Revm.<sup>o</sup> conego arcyprêste, presidente interino do cabido, determina que se recolham ao seminario episcopal de Santo Antonio todos os capellães cantores da santa igreja cathedral, afim de que como internos do dito seminario frequentem as aulas do mesmo, e assim fiquem habilitados a assumir ao sacerdotio.

Por qualquer lado que se encare a sabia determinação do illustrado Diocesano é sobremodo razoavel e justa.

Está no conhecimento de todos que o modo pelo qual eram os capellães tidos na cathedral nada havia de vantajoso á si e á sociedade.

Môços, a quem muitas vezes não faltava intelligencia, entregavam-se no entanto á residencia, material do côro, e despresavam os meios de instruir-se; esquivando-se quasi sempre da frequencia das aulas, perdendo o seu tempo, e consumindo o futuro em dissipações á que arrasta a idade, quando só a liberdade juvenil é o thermometro dos actos.

Descurando de sua instrucção e menos da educação, esses moços nada aspiram no futuro, porque se não prepararam no presente.

Obrigando-os á entrada para o seminario, Sua Exc. Revm.<sup>a</sup> terá em poucos mezes um pessoal selecto, pois que somente a disciplina de um estabelecimento regular depura e acrysolta os que pela ventura nutriram verdadeira vocação para uma vida de sacrificios para os quaes só virtudes preparam.

Era tempo de se fazer comprehender que os lugares de capellães cantores, associados ao serviço dos altares, alligados aos angidos do Senhor para em côros de louvor elevarem supplicas ao throno de Deus, não deveriam ser um fim, porém um meio de chegar ao sacerdotio por via honesta, de trabalho, e de preparação.

Chegou, portanto, o termo d'esse transiamento de opinião: e deve mui satisfeito estar o nosso apostolico Bispo pelo vantajoso futuro que dará á mais esses jovens, pelos quaes muito se ha interessado e feito desde o começo do seu episcopado.

Applaudimos a resolução tomada pelo venerando Diocesano, e acreditamos que será mais um titulo honroso para illustrar o nome de Sua Exc. Revm.<sup>a</sup>

O incançavel promotor da instrucção pública continue a fraccionar o pão da intelligencia pelos humildes e pequenos da sociedade, que o seu nome será glorificado no seio do povo e sua memoria será bendita nas paginas da historia.

Aqui estampamos a integra da Portaria:

«Havendo Nós em data de 9 de Julho do anno proximo passado creado as aulas de Latin e Francez no Nosso Seminario de Santo Antonio, por assim convir ao serviço da Igreja e proporcionar aos jovens pobres que aspiram ascender ao estado ecclesiastico, os meios necessarios a poderem adquirir uma educação adequada, acorçoando assim as voações hoje tão raras para a vida sacerdotal; e tendo os capellães da Igreja Cathedral, Luiz Carlos Colin, José Clemente Guedes, Francisco de Assis e Silva, e da Silva Asevedo Junior, José Fran-

cisco Marques de Lemos, Alfredo Ulysses de Sousa e Francisco Antonio Bel-fort Sabino perdido o corrente anno lectivo, em consequencia de não terem frequentado as referidas aulas: Havemos por bem determinar ao Revm.<sup>o</sup> Presidente do Côro da mesma Cathedral, que de Nossa parte intime aos supraditos capellães inclusive o de nome Candido Maximiano Fernandes, que lhes fica marcado o praso de 15 dias para se recolherem ao Seminario de Santo Antonio como alumnos internos, revertendo a respectiva congrua em favor do mesmo estabelecimento como indemnisação do tratamento e educação; sob pena de que, se assim o não fizerem no dito praso, serão logo *ipso facto* demittidos e providos os seus logares por outros jovens, ficando estes sujeitos ao cumprimento das disposições da presente Portaria no mesmo praso que se contará do dia da posse. Assim o cumpra. Dada nesta cidade de S. Luiz do Maranhão em 7 de Julho de 1869.»

## NAVEGAÇÃO DA PROVINCIA.

Espiritos pensadores e reflectidos teem, ha tempos á esta parte, se occupado seriamente de discutir as vantagens que á provincia resultam do desenvolvimento da navegação á vapor pelos muitos rios que cortam o nosso territorio em todas as direcções.

A idéa de incontestavel e vantajoso merecimento, realisada pela companhia fluvial de paquetes á vapor, chamou a attenção do espirito publico para esse ponto importante de desenvolvimento social, e em breve começaram homens atilados á reflectir sobre o modo de dar amplitude a essa idéa generosa.

Fundada a companhia, e traduzindo-se em factos de verdadeiro interesse para o progresso industrial da provincia sua navegação, viu-se em breve compellida por seus interesses e do publico á ampliar seus fundos, e fazer acquisição de maior numero de barcos para melhor preencher os fins de sua instituição.

Assim desenvolveu-se essa boa empresa, e de todas as inauguradas entre nós é a unica que tem prestado serviços reaes á provincia.

Além dos muitos barcos á vapor, que possui, tem barcas de reboque para condução de productos agrícolas do interior da provincia para a capital, e desta para aquelle mercadorias; e além de tudo uma excellente fundição mui bem montada, á cuja frente da administração se acha um intelligente e laborioso maranhense.

A companhia de navegação á vapor acha-se, portanto, em um lisongeiro e próspero estado de florescimento.

Não se diga, porém, que haja attingido o desejado termo de aperfeiçoamento, que haja completado a sua missão, e nem que os nobres promotores de tão festejado melhoramento devam repousar, e tão somente esperar colher os fructos dessa empresa sobremodo utilitaria.

Enquanto houver na provincia rios navegaveis, que por seu curso caudal, por suas povoações marginaes, pela riqueza d'estas, offereçam vantagens, acreditamos que a companhia resta trabalho.

Ou por meio da innovação do contracto, coadjuvada pelo augmento dos capitães que constituem os fundos sociais, e maiormente subvencionada pelos coffres da provincia, ou por outros alvitreos que a prudencia e as circumstancias aconselharem, deve a companhia dilatar as navegações e destender sua marcha progressiva.

A necessidade da navegação á vapor é por todos reconhecida nessas regiões aliás uberrimas, mas que vegetam na rotina, e onde o progresso é desconhecido.

Cumpre ao commercio emprender e ao governo auxiliar os nobres esforços da companhia, consciuos de que da parte dos particulares não é indifferente o interesse publico.

Entre nós é o unico meio de augmentar a riqueza da provincia—desenvolver a navegação, pois que os minguados capitães do erario publico não comportam amplos subsidios de que carecem outras empresas, como as dos telegraphos e ferrovias, mais vantajosos vehiculos de civilisação e progresso.

De facto que applausos não podem deixar de ser tributados ao honrado Sr. Themistocles Aranha, deputado á Assembléa Provincial, que na sessão de 3 do corrente appresentou um projecto auctorisando o governo da provincia á innovar o contracto da companhia de navegação á vapor, de modo que dê maior extensão ao curso da sobredita navegação pelos rios Mearim e Pindaré, e introduzindo-a pelos rios Munim e Grajahú.

Deve ser bem acceita a idéa do illustrado deputado e acolhida pelos que amam os interesses e prosperidade da provincia.

## POLITICA.

## O PARAGUAY JULGADO PELA IMPRENSA EUROPEA.

Nos ultimos dias de Abril o *Morning Star*, folha que defende com fidelidade ainda não desmentida a causa de Lopez, publicou uma communicação, que á primeira vista se conhecia ser de origem paraguaya, e na qual depois de assegurar-se que Lopez se acha em magnifica posição, exagera-se a importancia e o resultado de um ataque levado ás forças aliadas no ponto de Igurey, e vaticinava-se que a alliança pouco duraria, do que era evidente signal o não comparecimento dos representantes argentino e oriental em Assumpção: de tudo isto concluia-se que se deviam entabolar negociações com Lopez. Esta lembrança foi logo adoptada e sustentada pelo *Morning Star* em um longo artigo offensivo ao Brazil e lisonjeiro á Confederação Argentina, «onde, diz o tal artigo, todos os partidos estão fartos de representar o papel de Sancho Pança do aventureiro cavalleiro do mundo sul-americano.»

O Paraguay, segundo o mesmo artigo dispõe dos recursos precisos para manter sua independencia. O Brazil quer dominar no Rio da Prata; mas conhece que é mais difficil hoje levar por diante seus planos do que era logo depois da tomada de Humaitá «O Brazil retirar-se-ha levando consigo a fama que conquistou pelos seus triumphos navaes e militares e a lista de suas perdas; os Argentinos com a satisfação de terem auxiliado um Imperio que mantém em seu seio a escravidão contra uma republica irmã, e o Paraguay severamente castigado por ter querido seu chefe medir forças com a coaligação. Os Brasileiros fariam bem em attender para a posição em que se acham. Têm sido até aqui muito felizes e será prudente não causar a fortuna. Não ganharão de certo novos louros matando ainda algumas centenas de seus valentes inimigos; mas, se Lopez, por um acto de desespero, conseguir derrotar o exercito mandado em seu encargo no interior do paiz, todos os anteriores triumphos alcançados pelos Brasileiros, perderão absolutamente a importancia que hoje têm aos olhos

do mundo, nem aproveitarão a situação politica que a tal successo se seguirá. Mas para que fallar a linguagem da prudencia a uma aristocracia possuidora de escravos que julga empenhada sua honra na continuação de uma verdadeira matança? Só os acontecimentos lhe darão lição proficua.»

O *Morning Herald*, de 4 do corrente em artigo que pela sua extensão não pôsso transcrever na integra; depois de fallar nos preparativos feitos para expellir Lopez do asylo que buscou na Cordilheira, lembra que passados quatro annos de luta, o Brazil abriu caminho para sua provincia de Matto Grosso. «A esquadra que para alli subio, diz esta folha, encontrou por toda a parte signaes da gratuita e barbara invasão daquella provincia por Lopez, villas destruidas e desertas, a população foragida nas matas, todo o trabalho suspenso, escassez de todos os mafe-riais da vida civilisada, completa desorganisação da sociedade. A guerra começou pela invasão de Lopez á republica Argentina e ao territorio Brasileiro, pelo grande esforço que fez o dictador para apoderar-se de Buenos-Ayres abaixo e Matto-Grosso acima de Assumpção. Por espaço de quatro annos, isto é, até Fevereiro de 1869, esta provincia, uma das mais vastas do Imperio, esteve realmente perdida para o Brazil. Não só a prompta communicação com a provincia depende da livre e não interrompida navegação, mas até mesmo os meios de subsistencia alli. E, com effeito, pelo rio que se faz o serviço administrativo; que a industria e a exportação vão procurar mercado para seus productos; que se recebem todos os supprimentos. Para administrar a provincia, para supprila do necessario, para torna-la emfim parte integrante do Imperio, o Brazil mantinha antes de 1865 uma linha regular de vapores e os navios mercantes subiam e desciam de Matto-Grosso até o litoral do Brazil. Lopez fez cessar esta communicação desde 1865: invadió e assolou a provincia; por espaço de quatro annos isolou-a, suspendeu alli toda a industria e commercio e reduzio-a quasi ao estado natural.

«A expulsão de Lopez do territorio argentino e mesmo da parte meridional do Brazil não foi sufficiente para libertar Matto-Grosso da pressão. Para isto, para abrir caminho franco pelo rio, foi preciso destruir o poder de Lopez no rio Paraguay. Conseguiu-se este resultado e agora Matto-Grosso respira livremente. Não foi, pois, attenda-se bem, com o fim de conquistar territorio, nem de destruir a individualidade de Lopez que o Brazil continuou a guerra até agora, mas sim para conservar uma de suas maiores provincias e para por-se em communicação com ella.»

Depois da chegada do *La Plata* o correspondente paraguayo do *Morning Star* enviou a este jornal a seguinte communicação: «Os Brasileiros tentam ainda organizar um governo provisório no Paraguay, mas nada conseguirão neste sentido pela opposição que encontram no governo argentino.

«Copsta que o Sr. Noel, ministro francez em Buenos-Ayres, regressando do Paraguay, dirigira uma circular ao corpo diplomatico, na qual declara que Assumpção, antiga capital do Paraguay, não fôra saqueada ainda, dois dias depois de ser occupada pelos Brasileiros, isto é, depois da chegada do marechal Caxias, querendo assim tornar bem evidente que o saque infame que soffreu aquella cidade deserta foi devido aos soldados brasileiros e ordenado pelo seu commandante em chefe. O Sr. Noel ac-

crescenta que o Sr. Cuverville, consul francez no Paraguay, o informára de que o marechal Lopez ainda tem ás suas ordens, no interior, um exercito de 8.000 homens, não contando com diversos contingentes em postos avançados.»

E' esta a unica noticia que temos aqui de opposição por parte do governo argentino á organização de um governo provisório em Assumpção; mas a demora em mandar-se áquella capital um representante da Confederação não deixa de merecer attenção. Entretanto, aguiarino-nos pelo que disse a imprensa argentina sobre as notas trocadas entre o governo de Buenos-Ayres e o Sr. Paranhos, por occasião da chegada deste diplomata á capital da Confederação, não ha differença essencial de opinião, quanto á questão do governo provisório, entre os alliados; o que parece existir é simplesmente alguma divergencia entre o governo federal e um de seus membros em relação ao territorio do Grão-Chaco. Devo, porém, repetir que os ministros argentinos na Europa pronunciam-se particularmente, mas do modo mais energico contra a supposta intenção, por parte do seu governo, de adquirir territorio paraguay.

«Semelhante aquisição, sirvo-me de suas proprias expressões, seria fatal á Confederação.»

## NAVEGAÇÃO.

### PORTO DO MARANHÃO.

Do: relatório do exm. senr. ministro do imperio extractamos o que se seguiu em relação ao porto do Maranhão:

«Este serviço que tanto interessa ao desenvolvimento do commercio e á riqueza pública, permanece ainda indevidamente sob a direcção do ministro da marinha, quando devêra mais propriamente depender do ministro da agricultura, commercio e obras publicas, que tem á sua disposição engenheiros hydraulicos e todo o pessoal tecnico necessario.

Seria fóra de dúvida aquella competencia sómente, se se tratasse dos portos militares; porque então os officiaes de marinha deviam ter voto predominante na questão. Nos portos de commercio, porém, esta ingerencia não lhes pertence.

Na phrase expressiva e verdadeira de um escriptor moderno, os portos, como os navios, são instrumentos da industria maritima.

Para que satisfaçam hoje ás exigencias absolutas desta industria, devem ter profundidade para admittir embarcações de grande calado, visto que, no intuito de diminuir as despezas geraes de esteteio, os armadores têm de augmentar a tonelagem, e portanto todas as dimensões do navio.

Devem offerecer seguro abrigo, e ser de facil accesso e sahida, sem dependencia de maré, nem de qualquer outro obstaculo.

Devem possuir caes, fôrmas, docas e todos os aparelhos necessarios para reparação, e para carga e descarga com promptidão.

Quaes são os nossos portos, com excepção do Rio de Janeiro, que apresentam reunidas estas condições? Nem um. Os do Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Sul ha muitos annos reclamam melhoramentos, que são feitos parcialmente com os exiguos recursos consignados no orçamento da marinha, e que, imperceptiveis pela sua lentidão, nem correspondem á despesa assim realisada, nem deixam prever um termo ás obras que urgentemente carecerem os mesmos portos.

A continuarmos no mesmo systema, são estereis todos os esforços da administração para conseguir um resultado vantajoso, e aquellas provincias, que só precisam de semelhante beneficio, para attingirem ao mais alto gráo de prosperidade, continuarão a vegetar, sacrificando seu futuro e sua grandeza, que é o futuro e a grandeza do imperio.

Se não houvesse outro recurso; se fosse absolutamente indispensavel a tutela do governo para realisação destes melhoramentos, nada havia que lastimar. Deviamos esperar resignados que as rendas publicas, privadas do importante auxilio que delles derivaria, nos permitissem attender ora á uma, ora á outra localidade. Assim, porém, não succede. O espirito de associação, que é a alavanca do progresso das sociedades modernas, já descortinou as vastas riquezas que pode auferir, concorrendo com seus capitales para execução dos planos que estão estudados sufficientemente, e que foram preferidos por pessoas competentes.

Diversas empresas particulares se organisam para tomar a si estes serviços, mediante certos favores e concessões, que em toda a parte se fazem, e que são a garantia de sua renda, proporcionada ao capital empregado.

O commercio maritimo que soffre com todo o risco e demora em suas transações, e que prospera nas condições oppostas, paga sem relutancia, com satisfação até, as taxas que lhe asseguram esta prosperidade, e que serão sempre inferiores ás despezas das soldadas, de seguros, etc., em um porto de difficil transitio.

Considero, pois, como de grande utilidade publica animar estas empresas, acceitar o seu valioso concurso, e coopear assim para que se enraize no paiz uma tendencia que ha de exercer benéfica influencia em seus destinos.

Expostas deste modo minhas idéas sobre o assumpto, passo a fazer-vos uma succinta exposição do estado de nossos portos que precisam de melhoramentos.

### PORTO DO MARANHÃO.

A progressiva obstrucção deste porto reclamava promptamente os trabalhos da barca de excavação, que haviam sido interrompidos desde Janeiro de 1863, por falta de batelões para conducção das áreas removidas.

Havendo na verba respectiva á este serviço consignação ainda sufficiente para as despezas, tomou o illustrado presidente da provincia a deliberacão de fretar alguns alvarengas, para substituirem aquelles batelões e fez com que a barca começasse a funcionar no 1.º de Novembro ultimo.

As áreas extrahidas ora são applicadas ao atterro do caes da Sagração; fazendo desaparecer os pantanos que alli existem, tão nocivos á saude publica, ora são vendidas para lastro dos navios mercantes a 10\$000 cada batelão: o que constitue uma pequena renda para o estado, que attenuará a despesa com a barca de excavação.

Avultando essa despesa, por cauza do fretamento das alvarengas, procuro reduzir-as fazendo aquisição de embarcações proprias a semelhante serviço, tendo já para esse fim mandado examinar uma proposta para construcção das mesmas.

*Ellá cessará completamente sendo por vós approvada a proposta apresentada pelos engenheiros Roxo e Rebouças para a construcção de docas naquelle porto, a qual mereceu a aceitação do governo com pequenas modificações, porque concorrerá para dar-lhe, dentro do prazo de cinco annos, mercado para terminação de todas as obras, uma importancia que não sei quando attingirá com os exiguos recursos que poderá applicar á este serviço a administração geral.»*

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### CAPELLA DE SANTA ANNA DA SAGRAÇÃO DA FAMILIA.

Foi edificada em 1791, bem perto do Quartel, pelo Arcipreste Conego Agostinho Aranha.

Teve grande patrimonio, hoje e ha muitos annos inteiramente perdido.

Em 27 de Janeiro de 1867 foi benedizado pelo Conego Manoel da Costa Delgado o sino maior, que possui esta Igreja, pelas 7 horas da manhã, depois da celebração do santó sacrificio da Missa.

Foi fundido e doado pelo Sr. Villaga, natural do Maranhão, e residente em Pernambuco.

### CAPELLA DE SÃO THIAGO-MAIOR.

Foi fundada em 1789 pelo Capitão José Salgado de Sá Moscoso, natural da villa Nova dos Infantes, reino de Galiza.

Acha-se edificada n'um dos arrebaldes da Cidade, n'uma pequena elevação, que em plano inclinado vae terminar no mar. Rodeada de arvores, ao cahir da tarde é este lugar um dos mais agradaveis, principalmente ás pessoas melancolicas.

Fallecendo em 23 de Maio de 1793 seu fundador, com 70 annos de idade, ficou por muito tempo abandonada até que, por instancias do Missionario Capuchinho Italiano Frei Dorotheu de Dronero, foi elevada á Hospicio dos ditos Missionarios Apostolicos.

A 24 de Julho de 1834, vespera de S. Thiago, teve lugar essa solemnidade.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup> o sr. bispo diocesano D. Manoel J. da Silveira dirigio-se nessa tarde para ali afim de assistir ao acto da erecção, sendo, antes d'esse acto, exaltada uma cruz grande, em frente da capella, que, benta por sua Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup>, foi pelo mesmo bispo e mais dois conegos assistentes elevada ao seu assento por meio de tres longas fitas (n'uma pegou o bispo, enas outras duas os dois conegos assistentes) ajudadas pelo soccorro de grossos cabos de linho sustentados pelo povo que devotamente se prestou a esse serviço.—Concluida a exaltação da Cruz, sua Ex.<sup>a</sup>, Conegos e povo entraram para a capella; sua Ex.<sup>a</sup> subio ao solio e em sua presença e dos mesmos conegos e Missionarios frei Dorotheu de Dronero, (vice perfeito) e frei Lourenço M.<sup>a</sup> do Monte Leone, e de um não pequeno concurso de povo foi lida a provisão de erecção; finda a leitura, frei Lourenço fez (do pulpito) um discurso analogo.

(Vide o Ecclesiastico de 1.º de Agosto de 1834.)

### ERMIDA DE N. S. DA BÔA HORA.

Existio na quinta da *bôa hora*, propriedade do Barão de Anajatuba, bem perto da Madre de Deus.

Foi seo fundador o Capitão-mór Antonio Baldez da Silva, como se lê na *Provisão* de ermitão, passada a 23 de Maio de 1727, registrada na Camara Ecclesiastica.

Não sabemos ao certo quando foi fundada, e a este respeito deparamos com o requerimento do Sargento-Mór João Nogueira de Sousa, pedindo á Camara «uns-chãos» na rua que vae do canto de João Barbosa para a *ermida de N. S. da Bôa hora*, adiante da *Fonte das Pedras*, em 1723.

Corre a tradição de ter sido possuida pelos Jesuitas, que compraram a quinta onde estava a capella, para convalescência dos seus doentes, o que é bem possível.

### CAPELLA DO BARATEIRO OU DA QUINTA DAS LARANGEIRAS OU DO BARÃO DE BAGÉ.

Em 26 de março de 1811 o Bispo Diocesano ordenou que se passasse portaria na fôrma do estylo, á requerimento de José Gonçalves da Silva, o *Barateiro*, «para que podesse erigir um oratorio publico com porta para a rua na sua *Quinta das Larangeiras*», hoje do Barão de Bagé.

A 17 do mez seguinte foi passada a referida portaria, porem a capella só foi visitada e benedida em 19 de agosto de 1816 pelo conego Felipé Benicio dos Passos Cardoso, celebrando elle ali pela primeira vez o santo sacrificio da Missa. N'esta singela capella foram sepultados, em 22 de novembro de 1821, os restos inanimados de seo piedoso insti-

tuidor, que, na idade de 75 annos, falleceu victima d'uma ascite.

Era solteiro, natural da freguesia de São Pedro de Serva, arcebispado de Braga, e filho legitimo de Gonçalo Fernandes da Silva e Paula Gonçalves Ramalho da Silva.

Diz Wony, que a fortuna dos ricos, a glória dos heroes, e a magestade dos reis, tudo se acaba por *aqui jaz*.

Infelizmente assim não aconteceu para com este cidadão, tão coberto de honras, pois era Alcaide-mór da villa de Itapicuru-mirim, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, brigadeiro dos reaes exercitos, e governador da Fortaleza de São Marcos, e tão abençoado por Deos pelos seus actos de piedade praticados para com os orphãos, para com os infelizes doentes do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericordia, que preparou e presenteou largamente, e até para com os pobres do Ceará, que mandou abastecer de farinha por occasião da fome, que ali houve!

Infelizmente, dissemos nós, e repetimos, porque acha-se ainda ao lado da sua sepultura, sobre o pavimento da capella, a lapide, que tem de ser collocada sobre suas cinzas, e admira que até hoje, ha tantos annos, não tenha sido cumprido esse pio dever pelos seus parentes, que d'elle herdaram muitos contos de réis, e que têm vivido ainda á custa dos seus trabalhos e fadigas!

Maranhão—Junho de 1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

#### II

(Continuação.)

De mais, todos os seres intelligentes ou materiaes tem entre si relações determinadas por sua natureza; as leis phisicas, moraes, politicas e religiosas são a expressão destas relações, e o complexo destas disposições constitue a ordem; e assim deve ser para a unidade natural dos seres em suas diferentes especies; a desordem é um symptoma da morte, é uma violação das leis naturaes; daqui uma inquietação secreta, este terror que se manifesta nas nações quando abusos, injustiças, fraquezas e tolerancias perturbam a harmonia necessaria á sua conservação, então a sua existencia sente-se ameaçada; daqui este espanto que se apodera dos homens, quando parecem ver o perigo nas leis do mundo material, então o universo parece tocar ao seu termo, e o terror contristar os corações.

Mas, graças a uma sabedoria eterna, nada ha de indeterminado, nada de isolado na creação: os seres se ligam aos seres, os mundos aos mundos do mesmo modo com que as palavras se encaixam no discurso. Mas a união mais estreita e mais admiravel é sem dúvida a do pensamento com a razão, que o produziu, e elevando ainda mais alto, e, como falla Leibnitz, tocando até ás regiões infinitas das essencias, descobre atravez de um veio luminoso tres pes-soas ligadas por meio de relações immutaveis, de sorte que Deos no interior de seu seio não é senão uma grande sociedade.

De todas estas considerações poderemos julgar da verdade das relações essencias e naturaes do homem com Deos, d'onde a existencia de uma Religião divina, fóra da qual não ha salvação.

Avista, pois, desta lei geral do universo, quem será ousado em pretender separar-se de Deos, negando os principios religiosos, que dirigem a razão na indagação das coisas divinas? A violação de uma só lei na ordem material é para nós um motivo de desordem. A violação das leis da razão, a regra eterna dos deveres, a ordem das intelligencias, é uma perturbação cruel.

Então o gemido impiedoso da con-

sciencia annuncia novos tormentos, e nossos desejos ignorantes, nossa vontade perversa parecem providenciar contra a sabedoria. Mas embalde, embalde, porque quem se sentirá capaz de vencer a Deos?

E' pois forçoso confessar que o homem, reatando-se a Deos pelo reconhecimento, amor e sacrificio, estabelece relações naturaes entre si, que a Religião é a expressão destas relações, que por conseguinte existe uma religião verdadeira e absolutamente necessaria á salvação.

E quando alguém ouse duvidar desta tão grande verdade, deste facto da natureza, nós lhe responderemos: não é a vossa razão, que deve decidir estas grandes questões, não, mas a razão geral, a razão social, que tem confessado a sua fé desde o principio do mundo até hoje, da qual tem dado testemunhos em todos os quatro cantos da terra.

Reconheci uma tão grande autoridade, e vos vereis obrigados a abjurar a vossa, e nem importa que nos digais: eu não comprehendo. Basta que todos os povos tenham comprehendido, que todos tenham acreditado, porque, de quem recebestes a intelligencia? da sociedade; ella vos deu a palavra, vos deu o pensamento, e com elle pretendes, entumecido de orgulho, reformar os ceos! Crêde, pois, crêde na linguagem dos povos, quando elles attestam que entre o homem e o seu auctor existem relações naturaes, e com estas uma religião verdadeira, e ficai certos que, se vos elevardes contra a autoridade do genero humano, commettendo com injúria affrontar o crime da incredulidade, perdereis o direito de vossa fé, os vossos pensamentos serão mentirosos, a vossa palavra mentirosa, e vós mesmo mentirosos.

Com effeito. O mais importante passo das tradições do genero humano é o ensino do dogma da existencia de uma religião; falle a historia em todas as suas epochas, cante a poesia as suas inspirações celestes e por sua vez pronuncie a philosophia o seu verbo. Oh! tres testemunhas, cada uma confessando o que sabe, tres consciencias, cada uma dizendo o que sente, tres autoridades no centro do universo proclamam o dogma de uma religião verdadeira. Uma razão suprema, a razão social, esclarecida por uma razão mais elevada, prostra o genero humano ao supedâneo dos altares. De todos os quatro angulos da terra uma voz poderosa eleva aos ceos as supplicas e as adorações dos mortaes.

Que importa o silencio de alguns? Que importam as suas opiniões eivadas de erros? Uma loucura extrema os impelle a oppor á razão geral sua propria razão! Que val a invectiva de uma intelligencia rebelde? Ella pondo a sua glória em separar-se da sociedade, onde beben a vida, virá por ultimo em triumpho cantar o hymno da morte; degradação estranha ao espirito criado para progredir! Quem poderá, pois, inspirar esta repugnancia monstruosa pelo bem infinito, cuja possessão só se cumpre por meio da sociedade com Deus, em uma palavra—pela prática da Religião?

(Continua.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

## PARLAMENTO.

### ORDENS RELIGIOSAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1869.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—(continuação) Sr. presidente, as razões claras, que serviram de fundamento ao additivo, enunciadas pelo meu honrado amigo deputado pela provincia do Paraná, cuja autoridade muito respeito, corroboradas pelos outros membros que fallaram, se me não falta a memoria, são: que as ordens monasticas têm gasto desordenadamente os bens que constituem seus patrimonios.

Entendem ainda os illustrados propug-

nadores das providencias em discussão, que a bem dos interesses da religião cumpre cohibir taes abusos, e prevenir a dissipação do ultimo quociente de tão consideraveis acervos. Não resisterei jamais a medidas tendentes á conservação de bens destinados á manutenção do culto com toda a necessaria dignidade; mas affirmo que os meios aconselhados pela commissão e adoptados pelo Sr. ministro do imperio, ou propostos pelo nobre deputado pela provincia do Ceará, produzirão resultados muito differentes se não oppostos.

Em que consiste a dissipação dos bens das ordens regulares? Os defensores das providencias em discussão denunciam a diminuição da renda e augmento crescente do passivo. Esta accusação não pôde caber á administração benedictina e nem á de S. Francisco.

O augmento do imposto, o imposto progressivo e illimitado, a obrigação de converter no prazo improrogavel de cinco annos os bens em apolices intransferiveis da divida publica, é um singular meio de corrigir os abusos, de impedir a repetição de excessos na administração monastica, é um meio singular e não cogitado! (Risadas.)

Eis a razão por que ha pouco eu me queixava da protecção que os defensores das medidas em discussão dispensam em favor das ordens regulares. A vingarem as providencias em discussão, a administração monastica tornar-se-ha desnecessaria, porque desaparecerão os bens, absorvidos pelo imposto. Não, o fim não é aperfeiçoar a administração, é incorporar os bens religiosos ao thesouro pelo modo mais suave e mais infallivel. O remedio inventado não é para curar o mal, antes para aggravar-lo e tornar impossivel o restabelecimento. Não posso crer que os illustrados defensores das medidas propostas sejam dominados pelo prejuizo economico que o imposto promove a produção, e particularmente o imposto sobre a base de filia de renda. Seria mais logico, ou pelo menos mais franco, decretar abertamente a extincção das comunidades religiosas, do que promover a rehabilitação da administração pela aggravação do imposto. (Apoiados.)

O nobre deputado pela provincia do Ceará tem o mesmo pensamento da commissão de fazenda; a differença está apenas no meio pratico de realiza-lo. A commissão emprega o meio indirecto da elevação da taxa do imposto, o nobre deputado determina a conversão em periodo improrogavel.

Sei que ha politicos de experiencia e saber que preferem o uso dos meios indirectos para realizar certos fins, aos meios directos: o tempo desta politica passou.

Não approvo as maximas desta escola politica, porque entendo que as illusões são hoje difficeis no governo da publicidade, ao passo que dão testemunho de indecisão nas resoluções da administração. E' necessario collocar as questões com firmeza e sinceridade. (Apoiados.)

A abolição das ordens religiosas é uma questão renovada, sempre que o governo civil sente-se em difficuldades financeiras. Ou accussem os religiosos de inimigos irreconciliaveis do progresso, ou condemnem a vida do claustro como um sacrificio inutil, ou averbem de prejudicial á riqueza publica a immobildade dos patrimonios, ou finalmente de dissipadora a administração, o espirito innovador não perde de mira os bens do claustro. Mas o espirito conservador, sempre disposto a reparar, resiste ás intenções dos destruidores. Os religiosos são tratados como foram os judeus. Uns confiscados sob a presumpção de serem christãos novos, outros sob o pretexto de serem christãos velhos.

Infeliz do governo e do paiz que prestar ouvidos aos máos instinctos, sempre ávidos e sempre insaciaveis, que aspiram o impossivel e se lançam sobre o desconhecido. Esses são os diffamado-

res das ordens monasticas, só pela razão de serem instituições antigas.

Os governos revolucionarios, ou por circunstancias imprevistas, collocados na dolorosa condição de cederem aos impulsos da revolução vencedora, não liberam, obedecem. Nesta crise suprema, a abolição das ordens religiosas foi decretada. No meio da agitação se resolveu a extincção das comunidades religiosas em todo o reino de Italia, como em França, em Portugal e na Hespanha.

O claustro algumas vezes tem disputado seus direitos recorrendo ao apoio do seculo. Se não é legitimo que os homens da oração se defendam pelos meios temporaes, ao menos é escusavel, porque na revolução elles reconhecem seus constantes inimigos, bem como do altar e do trono. Alguns conventos intervieram nas lutas que precederam á annexação de diversos estados que hoje formam o reino da Italia, mas o prisioneiro revestido da estamena grosseira de monge, e com signaes da polvora nos labios pagou caro a defesa do throno cahido e do altar vacillante. As ordens religiosas succumbirão, e seus bens despedaçados não correspondem ás lisongeiras esperanças dos que os absorveram.

Nós não estamos nessas tristes circunstancias.

O Sr. PINTO DE CAMPOS:—Felizmente.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Os nossos poucos religiosos são mais que submissos, victimas que caminham para o abismo do desaparecimento sem proferir uma só palavra.

E notai bem. Aqui a injustiça tem todas as côres de um attentado.

Elles tudo abandonaram, as heranças de seus antepassados, todos os direitos politicos e civis. Elles voltaram o rosto ao mundo e fizeram seu voto de consciencia a Deos.

Como é que o governo do paiz, constante mantenedor dos principios de ordem, e que tem tão largas vocações para a liberdade, ousa dizer a estes desherdados, a estes homens que renunciaram tudo para viver em comunidade, para adorar a seu Deos pelo meio mais seguro, como tal reconhecido e consagrado pelos santos concilios e pelos pontifices: eu não consinto na continuação de vossa ordem, disponde de vosso patrimonio, pagai-me um imposto impossivel e preparai-vos a romper o voto de vossa consciencia?

Independente da memoria dos valiosos serviços prestados á humanidade pelas comunidades religiosas, independente de sua existencia gloriosa durante treze seculos, independente de seus direitos incontestaveis, eu não poderia assistir mudo ao sacrificio do fraco para saciar a avidez do forte. Filho obediente da santa Igreja catholica, julgo-me no rigoroso dever de defender a instituição monastica reconhecida pelo summo pontifice, meu soberano espirital, parte mais nobre de meu ser.

O Sr. PINTO DE CAMPOS:—Muito bem.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Não, o esbulho é uma violencia. Aquellas portas sagradas não podem ser cerradas. Fecha-las, é fecha-las para sempre, é uma immoralidade, uma grande immoralidade. (Apoiados e não apoiados.)

Estudai, senhores, a natureza humana, estudai-a, e cada um de vós seja o juiz, interrogando um por um os dias de sua vida.

Quem é, quem é este espirito desvaído, descuidoso, que não teve um dia de decepção amarga, um dia de profundo desengano, e que não se sentio no fundo de sua consciencia como um phantasma vacillando entre os amortecidos instinctos da conservação e o desejo de terminar seus dias? Esta triste posição só tem uma unica esperança, um conforto: fechar atrás de si as portas do mundo, encerrar-se nas solidões do claustro.

Não está provado pelas mais competentes autoridades, que os suicidios se têm multiplicado depois que os desesperados, privados da mansão dos claustros, foram obrigados a lutar no tumulto das paixões e dos interesses do seculo?

O Sr. PINTO DE CAMPOS:—E' uma verdade.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Se, porém, a illustre commissão me assegura, e o governo representado pelo Sr. ministro do imperio confirma, que se persiste no desejo de restaurar as ordens regulares, não pouparei esforços e concorrerei como puder para a realização de tão fecundo pensamento. (Apoiados.)

E' tempo! Em vez de lhes apertar a garganta com o barão do tributo, facilitemo-lhes os meios de prompta e solida regeneração. Já não me seduzem fallazes illusões! As minhas desconfianças crescem, e eu percebo atravez de todas essas douradas promessas a dolorosa realidade! As ordens religiosas estão no vacuo medonho, a machina pneumatica, o imposto, vai pausadamente extrahindo o ar até que o ultimo monge e com elle a ordem morram asphyxiados. (Muito bem.)

Entretanto tenho fé, e muito robusta, que assim como o tempo teve força para abater, terá também o poder de levantar.

A causa das ordens regulares no Brazil não está perdida, pelo contrario, julgo-a efficaçamente apoiada pelo solemne compromisso que hontem fez o Sr. ministro do imperio.

Entretanto cumpre não occultar a verdade. Se os conventos dissipam desordenadamente seu patrimonio, o governo tem sido complice. (Apoiados.)

O Sr. CORREIA:—Não apoiado, não tem sido complice.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Quando fallo em—governo—, é escusado dizer ao meu nobre amigo que não me retiro ao ministerio de 16 de Julho.

O Sr. CORREIA:—Ainda não sei qual o governo do paiz que tenha sido complice nas dissipações das ordens religiosas.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Dir-lhe-hei em poucas palavras.

Pela lei de 9 de Dezembro de 1830 as ordens regulares, sob pena de nullidade, não podem fazer contratos onerosos, nem alienações de qualquer especie sem intervenção e consentimento do governo.

A exigencia de expressa e precedente licença do governo para a celebração de taes contratos collocou as ordens regulares sob a immediata e constante inspecção do governo na disposição do patrimonio. O governo deve conhecer previamente, da necessidade e conveniencia do contrato, tem o direito de fixar o minimo do preço da alienação e até acautelar o emprego do producto.

O Sr. CORREIA:—E quando contraem dividas e passam letra?

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Não podem contrahir dividas, e se as contraem são nullas, salvo se recabirem sobre as novidades de suas terras de lavoura, rendas de seus predios urbanos e bens moveis não adherentes ás fabricas agricolas, ou necessarios ao culto divino.

Mas a este respeito o projecto não toma providencia alguma.

O Sr. ANDRADE FIGUEIRA:—A lei de 1830 também falla dos bens moveis.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Sim senhor; dos moveis e semoventos.

Portanto, eu tenho o direito de declarar á camara dos Srs. deputados, que se os conventos têm dissipado seus patrimonios, o governo do paiz tem sido complice. (Apoiados e não apoiados.)

(Continua.)

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

#### IV

#### FRANÇA.

(Continuação.)

Eis sobre elle o juizo de M. Bouillet: «Como poeta Voltaire brilhou sobre tudo na tragedia onde hombréa com Racine; na epopéa occupa o primeiro lugar entre os poetas francezes,

posto que tenha ficado mui abaixo de Homero, Virgílio ou Tasso; na poesia philosophica é igual a Pope; na poesia ligeira é sem rival; mas foi infeliz na comedia, na opera, e naufragou na ode. Quase todos os seus versos são faceis e correctos, porem se lhe exproba prosaismo e rimas negligentes.

No seculo actual apresenta tambem a França grandes poetas, como Beranger, auctor das *canções populares*; Alfredo de Vigny, auctor do poema *Eloá*, e da tragedia *Chatterton*; Alfredo de Musset, auctor do *Rolla*, de diversas tragedias, e poesias ligeiras; mas sobre tudo Lamartine, e Victor Hugo.

Alphonse de Lamartine, cuja perda todo o mundo das ideias presentemente chora, bardo inspirado na fonte pura do Christianismo eleva-nos em suas admiraveis produções tão languidamente ao seio do Creador, como o sino do presbyterio nas horas melancolicas do crepusculo repercutindo as solennes palavras do anjo: *Ave Maria*.

E' um consolo ler qualquer de suas obras poeticas em momentos de tribulação. Quem não admirará ás horas mortas, depois de uma grande chuva, na leve e graciosa curva do horizonte, a lua despontando? na janella entre-aberta d'uma casa de sobrado uma pallida estatua de mulher trajando niveo roupão, e com os negros cabellos soltos sobre as espaldas, deixando dos labios sahir um canto harmonioso, que lhe inspiram as saudades do passado e a descrença no futuro? e ao mesmo tempo um homem que se extasia com a vista d'essa mulher, e se embriaga com seu canto, sentado no batente de sua porta, tendo os pés na torrente que inunda a rua?

Não ouvis o arfar de seu peito, o halito de seus suspiros? E' Jocelyn que suspira por Laurence.

Oh! só Lamartine, só o poeta da religião, do amor e da saudade, podia pintar-nos tal quadro.

A ordenação de Jocelyn, a sagração de sua mãe moribunda, que poeta jamais igualou?

Tornarmos-nos-lia prolixos, se quisessemos descrever todas as belezas de Lamartine; basta dizer que alem do *Jocelyn*, escreveu elle *Raphael*, *as Meditações*, *as Confidencias*, &c.

E' Victor Hugo? E' a aguião que planeja em seu altaneiro voo, alcançar o céu; impetuoso, como o rio que se despenha da montanha, arrasta consigo a admiração que parte de todos os lados.

Nas *Orientaes* quem o iguala?

Quereis ver? E' o principio da poesia intitulada *fogo do céu*, a primeira do volume, que vamos traduzir-vos; não a julgueis pela versão, que apenas aqui collocamos para as pessoas que não seubarem o francez, idé ao original aprecial-a.

## I

Não vês alem passar tão turbido vapor?  
Ora pallido, rubro, de esplendida cor,  
Quente qual d'estio acre sação?  
As vezes cre-se ver da noute sobre o vento  
Fugir o calmo fumo e todo o movimento  
De cidade que soffre combustão.

D'onde vem? dos céos, dos mares ou dos montes?

Será o igneo carro que levão Phlegetontes  
Talvez a algum planeta adjacente?  
Oh terror! de seu seio chãos mysterioso  
Donde que momentaneo brilho furioso  
Tão comprido, se solte, qual serpente?

## II

Mar! toda parte mar! vagas ainda vagas.  
Fatiga em vão a ave seu voo n'estas plagas.  
Aqui vagas e ondas lá no fundo.

Sempre vagas sem fim por vagas rechassadas  
Não vê-se senão vagas n'abysmos montuadas

Rolarem sobre as cavas do profundo.

Por veses grandes peixes d'agoa pela frol  
Suas abas apresentão de prata a luz do sol,  
Ou d'ageis caudas suas o turquí.

O mar é qual rebanho o vello meneando;  
Mas um circulo de bronze ao longe o vae cercando;

Mar e céu confundem-se entre si.

«Seccarei este mar?» diz a nuvem de fogo.  
«Não!» E depressa vóa de Deus sob o resfolgo.

## III

N'um golpho verdes collinas  
Se retratavão galantes,  
Torvos Bufalos, e chuços;  
E no ar ternos descantes.  
Era a tenda, era o presepe,  
Da tribu que pesca e cassa,  
Que vive livre; e o lampo  
Com a sua flecha passa.

Para elles que são nomades  
Jamais se corrompe o ar.  
Mancebos, moças, guerreiros  
Sempre em dança orbicular.  
D'uma fogueira n'areia  
Que o vento volve e suspende,  
São quaes esp'ritos que em sonhos  
Vê-se a noute e não se entende.

As meigas virgens tão bellas  
Como o céu Oriental  
Somente de ver-se rião,  
Dos espelhos no metal;  
E outras tão jocundas  
As camellas ordenhar  
Fazendo nos negros dedos  
O branco leite saltar.

Homens e nuas mulheres  
Na praia se estão banhando.  
Onde esta tribu ignota  
Estaria hontem passando?  
De adules o som confus  
Que os cavallos faz rincar,  
Se mistura em intervallos  
Como rugido dos mar.

A nuvem um momento hesita na amplidão  
«E' ali?» quem foi não sei, mas retruquirão: «Não.»

Por ser muito extensa ficamos aqui.  
Que vos direi agora dos *Cantos do crepusculo*, das *Ball das*, das tragedias em cujo numero se admira *Marion de Lormé*, *Lucrecia Borgia* e outras?  
Somente uma palavra—*sublimel*

(Continua)

D. A. Martins Costa.

## VARIEDADE.

## O ISTHMO DE SUEZ E O CAMINHO DE FERRO TRANSCONTINENTAL AMERICANO.

O anno de 1869 assigna-se pelo termo de duas empresas gigantescas, cujo resultado em prol dos interesses do commercio e da civilização deve provocar o applauso e o reconhecimento da humanidade como proeza incruenta, propria desta quadra de illustração e de progresso.

O isthmo de Suez, cuja abertura Stephenson e Palmerston, o engenheiro e o estadista britannicos, tantas veses deram como impraticavel, será franqueado em Outubro á navegação que do Mediterraneo se dirige aos portos da Asia. A indomita perseverança do Sr. Fernando de Lesseps, cujo nome a historia registrará em letras de ouro, deve o mundo a inapreciavel vantagem de dispensar o longo circuito em torno da Africa, a passagem

do Cabo da Boa Esperança, para desviar as opulentas regiões do oriente.

O ciume, a apprehensão, a má vontade da Grã-Bretanha, que tremia pela segurança do seu imperio do Indostão, desvaneceram-se. Enrincheirada na ilha de Perim, na praça de Aden, senhora de Massouch e de outros surgidouros da Abyssinia, confiando na superioridade naval, appetee hoje a conclusão da obra destinada a approxima-la da parte mais valiosa de suas possessões.

As visitas que eminentes personagens inglezes fizeram aos trabalhos do isthmo confirmaram ultimamente a exequibilidade da tarefa que, por espirito de partido, era julgada chimerica. O *Times* de 10 do corrente já não hesita em reconhecer que o Sr. de Lesseps merece infinito encomio pela sua constancia, pelo seu triumpho; e a inauguração do canal será abrilhantada com a presença da imperatriz Eugenia, do vice-rei do Egypto e de uma multidão de notabilidades.

Brindisi, Trieste, Veneza, Marselha vão recuperar para o Mediterraneo a importancia mercantil que perderam no seculo XVI, depois do ousado commettimento de Vasco da Gama. Essa transferencia de actividade já não prejudica Portugal, este cantinho da Europa, de ha muito apeado da primazia navegadora dos tempos de D. Manoel e de D. João III.

Com os melhoramentos introduzidos pela navegação a vapor, pela multiplicidade dos meios de transporte, a abertura do canal de Suez não significa somente a approximação do commercio da India: é o passo decisivo para o grande desenvolvimento das transacções com o celestial imperio e com o industrioso Japão, onde mais de 400 milhões de consumidores podem abrir as fabricas de Inglaterra, da França, da Alemanha, aos productos agricolas da Italia, de Hespanha, de Portugal, horizontes nunca dantes cogitados.

Enquanto no velho mundo se festeja a vespera de semelhante inauguração, a infatigavel raça anglo-saxonica acaba de concluir, do outro lado do Atlantico, maravilha não menos transcendente, e por certo de mais difficil realisação. Completou a collocação dos carris, através do vasto continente, banhado de um lado pelo Atlantico, do outro pelo Pacifico. A extensão da via ferrea de Nova-York a S. Francisco da California mede, pelo menos, 3,000 milhas, ao passo que a distancia maritima de Liverpool a Nova-York não excede de 2,800.

Quando se consideram as difficuldades da execução, quando se nota no trajecto um espaço de 1,700 milhas no deserto, exposto ás incursões dos indios, interrompido pelas montanhas Rocky, e pelas alcantiladas fragas da Serra Nevada, custa a crer que engenheiros e operarios debelassem taes obstaculos. Cumpriram todavia curvar a cerviz á evidencia. Desde Orisaba, sobre o Missouri, para onde havia comboios de caminho de ferro, a linha estendeu-se por inhospitas regiões em 1866, apenas 40 milhas, galgando mais de 1,000 milhas nos dois annos seguintes, acabando as 700 restantes em metade do tempo, calculado no presente curso pelos directores da empresa.

Em breve se irá de Nova-York ao Sacramento, como se vai de Lisboa a S. Petersburgo, sem deixar o wagon. O Estado que encerra nos valles e montanhas o metal precioso mais do que sufficiente para extinguir a enorme divida publica dos Estados-Unidos será franqueado ao febril ardor especulativo dos anglo-americanos. Terrenos incommensuraveis serão distribuidos aos aventureiros, e cultivados: casas, igrejas, escolas, surgirão, como por encanto, em meio das solidões. Os subsidios largamente despendidos pelo thesouro de Washington serão reembolsados com o rapido incremento dos impostos. Onde o terreno era apenas de espaço a espaço pisado por um grupo bisonho de *pelles vermelhas*, desabrochará a raça caucasica, vivaz, energica, robusta, essencialmente social, colonisadora.

O egregio francez em Suez e os illustres americanos da via ferrea *transcontinental*

têm mais jus ás corôas civicas, ás sympathias populares e á admiração dos vindouros, de que os generaes do antigo e novo hemispherio, que se distinguem semeando a ruína, a devastação, o sangue e a morte, fazendo correr as lagrimas de milhões de individuos, sem proveito intrinseco para vencedores ou para vencidos. Oxalá chegue breve o ensejo em que a santa cruzada das nações contra os horrores das pelejas consiga proscrever inteiramente a hedionda calamidade, reservando o exclusivo culto para os iniciadores dos melhoramentos materiaes, legitimos bemfeitores da nossa especie.

## NOTÍCIAS.

## Chronica externa.

—Na correspondencia de Londres para o *Jornal do Commercio* do Rio lê-se:

«Creio já ter-lhe dito que o actual duque de Wellington começou a publicação dos despachos de seu pai. O 3.º volume, que acaba de apparecer, comprehende os annos de 1825 a 1827, quando elle era membro do gabinete, em que Canning tinha a pasta dos negocios estrangeiros. Em poucas questões tomou o duque maior interesse do que na independencia da America do Sul. Quando em 1826 foi elle em missão especial á Russia, Canning informava-o regularmente de tudo o que se ia dando com relação a esta questão.

Em 1826 lord Ponsonby partio da Inglaterra para o Rio da Prata com ordem de parar no Rio de Janeiro, afim de procurar pôr termo á luta travada entre o Brazil e Buenos-Ayres e cujo fim era a posse da Banda Oriental. O volume agora publicado contém as instrucções originaes dadas por Canning a Ponsonby em data de 18 de Março de 1826. E' obvio que Canning as redigiu sob a influencia do representante do governo de Buenos-Ayres na Inglaterra, cujas notas tambem fazem parte do volume. Lord Ponsonby devia iustar com o governo de D. Pedro I. para que acceitasse as propostas de Buenos-Ayres, isto é, que o Brazil se retirasse da Banda Oriental, recebendo uma indemnisação pecuniaria e que a Banda Oriental fosse incorporada ao territorio argentino. Canning, entretanto, reconhecia o direito do Brazil á livre navegação do Rio da Prata e offerecia-se para garanti-la em nome da Inglaterra, dado o caso de ser acceita pelo Brazil a solução proposta para a questão da Banda Oriental. Se, dizia Canning, o Brazil apresentar do seu lado a proposta de declarar a Banda Oriental Estado independente, lord Ponsonby nem devia offerecer para tal fim a garantia da Inglaterra, nem animar o Brazil a proseguir nesse caminho.

Antes que lord Ponsonby partisse da Inglaterra, chegou a noticia da morte de D. João de Portugal, e o volume de que tenho tratado contém as instrucções dadas por Canning a seu agente por occasião deste acontecimento (24 de Março de 1826.) «O imperador, dizia Canning, não pôde ter a esperanza de conservar o Brazil, se regressar para a Europa, nem residindo no Brazil poderá dali governar Portugal: além disto, é contra toda a expectativa razoavel que por qualquer combinação, as duas corôas fiquem unidas além da vida do imperador.» Por isso Canning ordenava a lord Ponsonby que recommendasse a D. Pedro a conveniencia de immediatamente devolver a corôa de Portugal a sua filha mais velha.

## Chronica urbana.

Falleceu na villa do Brejo, no dia 2 do corrente, o revd. Domingos Ignacio de Carvalho, com 38 annos de idade, victima de padecimentos antigos. Este revd. sacerdote recebeu todos os sacramentos da Igreja, á qual serviu por muitos annos. A sua familia, e especialmente ao seu illustrado irmão o snr. deputado João Evangelista de Carvalho, digno vigario de Guimarães, enviamos nossos pesames.

Maranhão—Typ. Perseverança—Impresso por Manoel Caetano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 20 de Julho de 1869.

## ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Na camara temporaria, achou o Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios uma voz auctorizada, que no seio do parlamento nacional pediu um auxilio em pro d'esse util estabelecimento.

Um illustre deputado pelo Maranhão, o exm. senr. doutor L. A. Vieira da Silva, reconhecendo os esforços do infatigavel Bispo Diocesano, para elevar aquella utilitaria instituição á altura que merece, pediu a concessão de duas loterias para secundar as despezas que faz o virtuoso Prelado com aquella casa de educação.

O distincto deputado, offerecendo a emenda ao projecto, que foi assignada por toda a deputação maranhense, proferiu o seguinte discurso:

O SR. VIEIRA DA SILVA:—Sr. presidente, em sei qual o perigo que correm as emendas, em relação a loterias, que se apresentam nesta casa, e disto sei por experiencia propria.

As nossas matrizes que desabam, as nossas casas de caridade que precisam de patrimonio, exigem entretanto que nesta occasião nos lembremos das nossas provincias.

Entendi, porém, que não devia curar, por exemplo, das matrizes da provincia do Maranhão, nem da casa de Misericórdia que alli existe estabelecida, porque pareceu-me que mais precisa de qualquer auxilio o Recolhimento de N. S. da Anunciação e Remedios, instituido naquella provincia em 1752 pelo celebre jesuita Gabriel Malagrida, em virtude da concessão que lhe foi feita pelo alvará de 2 de Março de 1751, e que desde então serve de abrigo ás meninas desvalidas. (Apoiados.)

A provincia concorre apenas com o subsidio de 2:400\$ para o sustento de 12 meninas pobres; cabendo assim a cada uma a insignificante quantia de 200\$ annuaes.

A sombra destas 12 meninas existem no estabelecimento talvez mais de 30, o devo dizer a esta augusta camara que a casa das recolhidas de S. Luiz do Maranhão tem um patrimonio insignificante e carece de obras urgentes, não tanto para commodo das meninas que alli se acham, como para conservação do proprio edificio.

Além do subsidio que a provincia dá ao recolhimento é preciso que se saiba que o seu patrimonio apenas consiste em 7:000\$ em apolices da divida publica de 5%, de duas casinhas cujo aluguel annual não excede a 274\$, de alguns terrenos que pagam fóros na importancia de 117\$, e de uma fazenda de gado doada pelo bispo D. Francisco de Sant' Thiago, que poderá render 400\$ por anno.

O patrimonio pois do recolhimento é tão insignificante que talvez não produza renda superior a 1:000\$.

O SR. GOMES DE CASTRO:—Apoiado.

O SR. VIEIRA DA SILVA:—O nosso virtuoso prelado concorre tambem do seu bolsinho para a sustentação de algumas orphãs, e tem concorrido para obras urgentes, para alguns reparos; mas nada disto é sufficiente.

Por este motivo lembrei-me de recorrer ao corpo legislativo afim de conceder-se ao recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios da cidade do Maranhão duas loterias, segundo se

pede para a santa casa da Misericórdia de Santo Amaro da provincia da Bahia, em ordem a augmentar-se o seu patrimonio.

Desejo que passe esta concessão, não só aqui como no senado, attenta a urgencia de acudir-se áquellas pobres meninas abandonadas e cuja sorte inspira-me tanto interesse.

A provincia do Maranhão sustenta além dessas doze meninas pobres que vivem no recolhimento, o asylo de Santa Theresa, onde existem 76 educandas, sendo destas apenas seis pensionistas particulares.

A casa dos educandos artifices conta 151 meninos, destes 23 são extranumerarios e pensionistas particulares.

Por conseguinte, não se pode exigir maior sacrificio nem maior subsidio do que aquelle que a provincia actualmente presta. (Apoiados)

Lembro á camara que o Estado desde 1845 concorre para a provincia do Pará com 2:000\$ annuaes para o collegio de educandos alli existente; mas o Maranhão nada recebe pelos cofres geraes. A provincia está estacionaria, enquanto que a do Pará tem hoje uma renda superior a mil e quatrocentos contos, isto é, o duplo da renda de minha provincia.

Espero que, justificada assim a minha emenda, as necessidades d'aquellas desvalidas encontrarão echo tambem no senado. (Muito bem.)

## POLITICA.

## IMPrensa EUROPEA. LOPEZ JULGADO.

Um acreditado jornal inglez, *The Standard*, que se publica em Londres, diz: «Lopes, o ex-dictador do Paraguay, dizem ter-se mettido nas montanhas do interior d'aquelle paiz, com um pequeno bando de companheiros.

Procura-se organizar em Assumpção um governo nacional, sob os auspicios dos representantes do Brazil e da Confederação Argentina.

Acreditamos sinceramente que não ouviremos mais fallar de Lopez. Tem elle sido aqui apresentado, por homens que conhecem pouco ou nada o seu character, como um valente e illustrado chefe, que foi obrigado a combater pelo seu paiz contra forças superiores.

Mas agora que temos á vista a narração dos seus feitos, podemos facilmente comprehender a extraordinaria conversão do Sr. Washburn, ex-ministro americano no Paraguay, que de ardente admirador passou a implacavel inimigo do despota. Antes de o ter visto, Lopez era um magnanimo patriota e a sua causa justa e merecedora do suffragio de um povo livre. Alguns mezes de intimidade bastaram para induzir o ardente americano a descrever o seu ex-amigo como «inimigo do genero humano.»

Supponho que ninguem que tenha ouvido fallar dos ultimos feitos do ex-dictador se inclinará a crer que ha exaggeração na apreciação do Sr. Washburn. Depois de sua derrota pelos brasileiros e alliados, voltou-se Lopez para os seus amigos e os sacrificou por maneira tão desapiadada e selvagem, que seria fraca desculpa para elle asseverar que estava doudo. O coronel Allen, o valente inglez que commandou o seu exercito, foi uma das primeiras victimas. O ministro Berges foi espingardeado.

Os dous irmãos de Lopez foram sacrificados ao seu furor de doudo, e nem o sagrado ministerio do bispo pôde oppor-lhe a condemnação. Cançaria enumerar todos os assassinatos perpetrados por ordem do despota. Alguns dos que não foram condemnados á morte de-

ram-se por felizes sendo postos em liberdade depois de longas torturas.

«Homens, mulheres e crianças, escreve uma testemunha ocular desses horrores, foram açoitados aos vinte e aos cem, só pelo crime de terem dito que o paiz estava arruinado, ou por deplorarem a perda de seus parentes.»

O Sr. Masterman, cirurgião inglez, em má hora entrou para o serviço do dictador do Paraguay, em Dezembro de 1861. Foi nomeado chefe da pharmacia militar e professor de chimica e materia medica no collegio de Assumpção. O cirurgião em chefe era o Dr. Steward, e entre os collegas do Sr. Masterman contavam-se o Dr. Rhind e o Dr. Fox. Estes dous ultimos foram presos e encarcerados em Outubro de 1866 «por uma infundada accusação de negligentes nos seus deveres.»

Quando o Dr. Rhind estava na prisão, recebeu o Sr. Masterman do consul francez um pacote de cartas particulares para o Dr. Rhind, dos seus amigos em Inglaterra. Foi-lhe recusada licença de entregar as cartas, e ordenado que as depositasse nas mãos da policia. Não quiz o Sr. Masterman obedecer á ordem, e foi então preso. A descripção do logar parece mais um capitulo de Dante: «Um cubiculo baixo, humido, escuro, lamacento, sem uma janella, frio e chuva de inverno, sendo que o logar era tão humido que o meu colção e o meu catre estavam já meio podres, fornigavam os laziões e centopeias, nenhuma communicação podia ter com os meus amigos, o meu cubiculo era contiguo ao pateo secreto, onde presos politicos eram torturados por modo revoltante, ouvindo-lhes perfeitamente os gritos e os gemidos.» Nesse horrivel logar «sem luz, em uma athmosphera fétida, cercado por moribundos de cholera-asiatica», o Sr. Masterman, que deve ter uma constituição de ferro, ficou onze mezes sem ter visto uma vez a luz do dia. O Dr. Rhind, que apenas alli esteve tres mezes, endoeceu e morreu.

O Sr. Masterman, ao sahir da prisão, entrou ao serviço do ministro dos Estados-Unidos, cuja senhora exigia constantes cuidados medicos. Era isto uma grande offensa aos olhos de Lopez, que já andava com suspeitas do Sr. Washburn. A 11 de Julho do anno passado, Lopes obrigou o Sr. Washburn a entregar-lhe o Dr. Carreras e o Sr. Leite Pereira, consul portuguez, ambos os quaes se tinham refugiado na legação americana. Estes dous desgraçados morreram após cruéis torturas. O Sr. Masterman e o Sr. Bliss, americano, foram depois reclamados, pela mesma infundada accusação de conspirarem contra o governo. O Sr. Washburn recusou entregal-os; e pouco tempo depois foi elle proprio incluído na accusação. Salvou elle a pelle refugiando-se na canhoneira americana *Wasp*, porém Masterman e Bliss foram-lhe arrebatados pela policia.

«Elle nos deixou como se já tivesse-mos o pé no cadafalso.» Puseram então ao Sr. Masterman um grilhão aos pés com uma tranca de 35 libras de peso. Foi depois mandado para Villeta, jornada de 14 horas em mula, por terem-lhe os grilhões cortado as carnes. No acampamento viu «um homem semi-nu, sujo e magro de fome», em quem reconheceu o pobre amigo Dr. Carreras. Tinha as mãos cobertas com trapos ensanguentados, que elle tirou, para mostrar-me os dedos que haviam sido apertados a ferro. «Supplicaram-me» disse elle baixinho.

É desnecessario continuar esta penosa narrativa. Na carta do Sr. Masterman,

publicada hontem, já terão visto os leitores como elle foi açoitado, passou fome, esteve preso com cordas entre dous obuzes, e outras vezes com a cabeça entre as pernas; como foi, finalmente, obrigado a confessar o seu crime e o do Sr. Washburn. Tendo sido, finalmente, libertado pela energica reclamação do governo dos Estados-Unidos, o Sr. Masterman foi mandado para Washington, e ali fez solemne deposição das falsas declarações que lhe foram arrancadas com supplicios. Congratulamo-nos com elle por ter escapado ás garras de um tyranno, cuja queda será motivo de regosijo para todo o mundo civilizado.

## NEGOCIOS ECCLESIASTICOS.

Do relatório do exm.º snr. ministro do imperio copiamos as seguintes linhas sobre negocios ecclesiasticos:

«Se a unidade religiosa de um povo é condição de força e tranquillidade, pois que não se dá uma das grandes causas de perturbações sociaes, os resultados que se devem esperar dessa preciosa vantagem, sobretudo nos paizes catholicos, dependem principalmente do zelo, illustração e moralidade dos ministros da religião dominante.

E', por tanto, objecto digno de particular sollicitude a educação do clero. Sua instrução aproveita aos povos pela prègação da doutrina sagrada, seu exemplo edifica, mostrando como o sentimento religioso domina as paixões, e quantas acções nobres a caridade inspira.

O respeito que cerca os sacerdotes morigerados, e que aceitam as attribuições e o desapego ás cousas do mundo como condição de seu ministerio, patentêa o muito que devemos esperar do clero brasileiro, se, em geral, se elevar á altura de sua tão difficil quão proveitosa missão.

Fazer todos os esforços no intuito de conseguir erguê-lo do abatimento a que se tem condemnado, deve ser o empenho dos poderes publicos.

Ao governo incumbe facilitar, com recursos de que pôde dispor, a instrução daquelles que sinceramente desejam abraçar uma carreira cheia de privações e sacrificios.

No orçamento do Estado figura a despesa que annualmente se faz com os seminarios.

E' de mister, porem, tornar mais ampla a instrução superior, levando á effeito a creação, já autorizada, de uma faculdade theologica. Frequentada pelos que tiverem obtido, nos seminarios o louvor de seus mestres, dotada de professores habilitados, deve concorrer poderosamente não só para o desenvolvimento intellectual dos novos sacerdotes, como para habilitar o governo a desempenhar satisfactoriamente a ardua tarefa de escolher aquelles a quem hão de ser confiadas as elevadas funcções do episcopado.

*Parochias.*—Não posso deixar de ponderar, repetindo o que por muitas vezes tem sido exposto em anteriores relatorios, os inconvenientes que resultam da facilidade e frequencia com que se criam novas parochias, são alteradas as divisões de umas e mudam-se as sedes de outras.

Em relação á pratica dos actos religiosos augmentam-se as grandes difficuldades com que luta a administração, já para provê-las convenientemente, pela falta de sacerdotes idoneos e pela insufficiencia de seus rendimentos, já para erigir matrizes, onde aquelles actos se celebrem com a precisa decencia. Por

outro lado, accrescem consideravelmente os onus do Estado pelas despesas resultantes do pagamento de novas congruas, não fallando na falta de templos e dos objectos necessarios para o culto.

O Rev. metropolitano, no relatório annexo ao d'este ministerio no anno findo, fez sobre este assumpto observações dignas de séria attenção.

Se actualmente é deplorável o estado de grande numero de igrejas parochiaes, não só no interior das provincias, mas ainda nas cidades principaes; se em muitas parochias os actos religiosos são celebrados, como se exprime o venerando metropolitano, em pardieiros indecentes, este grave mal, ao qual não é possível dar prompto remedio, vai sendo annualmente aggravado pelas constantes divisões e subdivisões de parochias.

Continuando a falta de sacerdotes nacionaes, que se dediquem ao exercicio das funcções parochiaes, têm ainda usado os reverendos prelados da authorisação que lhes deu o governo em 1862 para confiarem, com approvação deste, a sacerdotes estrangeiros o cargo de vigario encomendado nas parochias em que, sem esta providencia, ficariam privados os povos de pasta espiritual.

Em diferentes dioceses conservam-se vagas não poucas parochias, por não apparecerem oppositores que as solicitem.

### EMIGRAÇÃO.

Do relatório do exm. ministro da agricultura, commercio, e obras publicas extractamos o seguinte:

«Em materia de emigração e colonisação temos ensaiado todos os systemas, consumido grossas sommas, sem, entretanto, havermos logrado ainda resolver o problema, que mais interessa ao presente e ao futuro do paiz, principalmente quando urge conservar no mesmo pé, a não ser possível augmentar, as suas forças productoras, ameaçadas de grande enfraquecimento, se não for com prudencia e profundo estudo dirigida a transformação do trabalho.

A historia da emigração no Brazil compõe-se de uma longa serie de tentativas, todas mais ou menos abortadas.

Quanto aos meios, temos experimentado: a acção directa do governo, a do particular, e ambas combinadas. Quanto á forma: a parceria, os nucleos colonias, como focos de attracção, sob a base da pequena propriedade, a venda de terras devolutas. Quanto ás nacionalidades: os Portuguezes, Allemães, Suissos, Chins, Norte-Americanos e os Ingleses. Finalmente quanto aos incentivos: o premio, por individuo, abonado por agentes externos, pagamento do preço integral das passagens, differença deste preço entre os das passagens para o Brazil e os das passagens para os Estados-Unidos.

Nenhum destes systemas tem apresentado resultados satisfactorios, e, á despeito dos pesados sacrificios que os cofres publicos hão feito em seus ensaios, ainda não podemos firmar na pratica a preferencia que qualquer delles deva merecer.

Talvez que para o insuccesso de todos estes tentamens tenha contribuido muito a falta de persistencia nelles, corrigindo-se os defeitos que a experiencia demonstrar.

O unico, que mais vitalidade apresenta, é o dos nucleos colonias, cujos resultados, sendo negativos, muito caro nos hão custado, e revelam vicio profundo em sua organização.

Attribuo isto á má collocação de nossas colonias agricolas, situadas em provincias cujo clima, embora favoravel aos emigrantes, repelle a cultura dos generos chamados colonias, que são os mais lucrativos da nossa lavoura.

A esta grande causa do atraso dos nossos estabelecimentos colonias cumpre juntar outra não menos importante, ainda proveniente da má escolha na situação das colonias, em geral, colloca-

das nos sertões, longe dos mercados consumidores dos productos dos colonos: a falta de meios facéis e commodos de transporte.

Derramada em uma grande extensão do paiz possuímos importante população, cujo trabalho consiste apenas em prover ás primeiras necessidades da vida; não, como se tem querido attribuir, por indolencia, mas pela impossibilidade em que se acha de dispôr das sobras do seu trabalho, e assim alcançar o bem estar ou a riqueza.

Nas mesmas circumstancias acham-se as colonias mais novas. Embora a energia da raça do norte da Europa, a que pertence a maior parte de nossa população colonial, compilla os colonos ao trabalho, desde que não lhes é dado cultivar esses generos primorosos, cujo preço comporta todas as despesas de um longo e difficil trajecto, seus esforços serão inuteis. E quando ao termo de suas fadigas, ao receberem a paga do suor com que regaram a terra, reconhecerem que grande parte de suas colheitas apodrecerá nos celeiros, que, apesar de toda a energia de que o Creador os dotou, apenas poderão aspirar á abundancia do presente, sem, porém, acatellarem o futuro, que póde ser a doença, e que é infallivelmente a velhice e a morte, certamente desanimados perderão estimulos dessa abençoada actividade, desse fogo sagrado da idade, de robusto e de pleno desenvolvimento da vida, que são a garantia da familia e a condição essencial do bom cidadão.

Sem estradas, sem canaes ou rios navegaveis, sem mercados proximos, sem recursos da vida civilisada, quasi isolados do resto da sociedade, e por outro lado sem o estímulo da riqueza rapida que sonhavam em seu paiz ao ouvir os elogios encomiasticos dos expedidores de colonos e emigrantes, só a mão poderosa do Estado, só os grandes sacrificios do thesouro poderiam contê-los e levá-los a aguardar do futuro situação mais esperancosa.

Porém que influencia poderiam exercer em seus amigos e parentes para os attrahir a partilhar sua sorte? Que exemplo de prosperidade rapida, que tão grande impressão causa nos que desejam expatriar-se, teriam elles de offerecer-lhes?

E poderíamos nós, sob o imperio destas circumstancias desfavoraveis, lutar vantajosamente contra a corrente da emigração dirigida para os Estados Unidos e para as colonias inglezas e francezas, que offerecem todas as condições de vida mais conforme a seus habitos, sem a poderosa intervenção dos constantes auxilios officiaes, e que, com este serviço, podem despendar grossos cabedais, como effectivamente o fazem?

Desenganemo-nos: o interior do paiz, salvo rarissimas excepções, que ainda explicam e confirmam a regra, não ha de ser povoado enquanto não for cortado de estradas commodas e de facil accesso a carros. E, como os unicos meios de que dispomos nos não permittem realizar este desideratum, cumpre procurar outros para a solução do problema.

Na sábia disposição do § 22 do art. 11 da lei n. 1.114 de 27 de Setembro de 1860 parece achar-se ella consignada.

Autorisando o governo a comprar terras junto ás nossas estradas de ferro para serem distribuidas a colonos e emigrantes, comprehendestes que era indispensavel completar o nosso systema colonial, e que, em vez de collocar os respectivos estabelecimentos no interior do paiz, deveríamos começar por povoar essa immensa extensão de terras que jazem desaproveitadas junto ás nossas principaes cidades, e ao longo dos meios de transportes mais aperfeicoados que se conhecem.

Certamente animado pela vossa acquiescencia, armado da faculdade necessaria para realizar a medida, em minha opinião, a mais salutar, que se ha adoptado entre nós em materia de colonisação, teria tentado já este meio poder-

so com profunda convicção de bom éxito se a verba destinada a este serviço me proporcionasse os meios indispensaveis.

Porém, captiva a diferentes contratos para introdução de colonos e emigrantes, que já achei celebrados, e que o direito e a solidariedade governamental me não permittiam rescindir, obrigada ás despesas tanto de medição de terras, como de agazalho e transporte desses colonos e emigrantes, não só não me era dado dirigir o serviço da colonisação e emigração por systema diverso do que já encontrei inaugurado, como também não tinha os meios para tentar parallelamente qualquer outro systema, por maiores que fossem as vantagens, que pudessem provir de sua realisação.

Foi mesmo necessario ir além: restringir as despesas que não eram obrigadas, suspender a remessa de colonos e emigrantes que não estavam sujeitos a contratos. Neste sentido expedi as mais terminantes ordens aos nossos agentes na Alemanha, aos nossos consules em toda a Europa, prohibindo-lhes absolutamente novas expedições officiaes.

Por grande que fosse o detrimento proveniente da repentina suspensão, a providencia era indispensavel e obrigatoriamente exigida pelas circumstancias do paiz.

Consequencias mais funestas eram de temer se, continuando no systema iniciado, fossemos posteriormente, á minúcia de meios pecuniarios, collocados na dura necessidade de não satisfazer compromissos solemnemente tomados nos decretos do governo e nas ordens expedidas.

Na colonia de Blumenau ainda presentemente trata-se de preparar os prazos colonias e as accomodações necessarias para os emigrantes, que, em maior numero do que o calculo, para ali se dirigiram.

Por outro lado restringi as commissões de medição de terras ás que eram absolutamente indispensaveis para as necessidades dos colonos emigrantes, cujo estabelecimento era forçoso apromptar com a conveniente antecedencia.

Sem embargo, porém, destas medidas, não foi possível limitar os respectivos gastos ás forças da verba do orçamento vigente, que calculo será excedida em cerca de 400:000\$ a 500:000\$000.

Se attendermos sómente para os resultados praticos, não poderemos deixar de reconhecer a superioridade da emigração dos Estados do Sul da America do Norte sobre qualquer outra. Os poucos emigrantes espontaneos, que desse ponto da republica dos Estados-Unidos tivemos a felicidade de attrahir, hão em curto prazo de tempo desenvolvido, com a energia de sua raça, os capitães que trouxeram, realizando beneficios para si e dando com exemplo um impulso salutar á lavoura dos lugares em que se situaram.

Comquanto esteja convencido de que a emigração sul-americana muito convém ao paiz, não só pela energia e actividade propria dos oriundos da grande republica, mas também pelo habito e conhecimento da lavoura da maior parte dos nossos productos de exportação, contudo não posso attribuir a estas causas sómente as vantagens conseguidas por elles.

A maior parte trouxe consigo capitães, que lhes permittiram escolher livremente o ponto de operações que mais lhes parecia favoravel a seus planos, e realizar as despesas do primeiro estabelecimento, de sorte que facil lhes foi começar desde logo a obter os resultados felizes do seu trabalho intelligente e bem dirigido.

O mesmo não tem acontecido aos emigrantes e colonos de outras procedencias ou nacionalidades, cujos meios cifram-se nos favores que o Estado lhes concede, para os quaes são desconhecidos os nossos principaes ramos de cultura, e que, adstrictos á lavoura de cereaes, lutando com todas as difficuldades do primeiro estabelecimento, não podem por certo apresentar resultados tão satis-

fatorios, comquanto disponham também da intelligencia, energia e actividade necessarias.

Com a emigração, porém, dos Estados-Unidos não cumpre contar muito. Quem acompanhou as peripecias dessa guerra de gigantes, que ensanguentou aquella republica, e que teve por fim a supremacia dos Estados do Norte sobre as populações dos Estados do Sul, quem estudou as tendencias, que a principio mostraram os vencedores em relação a seus irmãos vencidos, e conhece os brios destes, comprehende facilmente que esperanças podiam sorrir ao Brazil, se deliberados á expatriação escolhessem o Imperio para assento de sua nova patria.

(Continúa.)

### HISTORIA DO MARANHÃO.

#### CABIDO.

A Santa Igreja Cathedral do Bispado do Maranhão, da qual é titular e padroeira Nossa Senhora da Victoria, foi erecta por El-Rey D. João V, em virtude da Bulla—*Super universas orbis Ecclesias*—da criação da Diocese, e por Alvará de 17 de Abril de 1739, emanado por consulta d'esse mesmo dia, promovida por outra consulta da Meza de consciencia e ordens de 20 de Março do mesmo anno.

Empunhava então o baculo da Igreja Maranhense D. Frei Manoel da Cruz, a quem se deve a criação da cathedral, para o que muito concorreram as instancias do seu amigo o Revd. Dr. Felipe Camello de Britto, nesse tempo recém-chegado da Universidade de Coimbra á Lisboa.

A abertura e a inauguração solemne da cathedral foi aos 21 de Novembro de 1745.

As primeiras dignidades, conegos, beneficiados e mais ministros da cathedral foram creados pela Bulla e Alvará já citados, e na cidade de São Luiz executados a 18 de Novembro de 1745.

A cathedral foi erigida na *Parochia de São Luiz*.

Por Alvará de 23 d'Abril de 1739 foram, em Lisboa, postos em concurso os lugares das dignidades da Sé.

A 18 de Julho d'esse mesmo anno de 1739 tomaram posse os moços do côro e capellães, e principiou-se a resar os officios divinos.

Como no almoxarifado não havia rendimentos nem para o pagamento da metade das congruas, não foram logo providas as dignidades e coneias.

Contra este estado representou o Bispo. Pediram-se informações, e a final lembrou o Diocesano que se pagasse metade da congrua pelo almoxarifado d'aqui, e a outra metade pelo da Bahia.

Assim determinou Sua Magestade em 1745, e confirmou todos os Ministros, tomando posse os que se achavam nesta cidade no dia da sua inauguração, feita com muitos festejos, com o Santissimo Sacramento exposto e sermões por tres dias, havendo no ultimo missa pontifical.

Parece que houve muita luta, porque o conego secretario Ignacio Camello de Britto, lavrando um termo de tudo isto, encerrou-o com estas palavras: «de que fiz aqui esta lembrança, para a todo o tempo constar, dos trabalhos, que se padeceram, e das deligencias que se fizeram para se desvanecer as que se intentaram para que não tivesse effeito esta obra tanto do serviço de Deos, a quem devemos render as graças por tão especial beneficio, e rogar quotidianamente ao mesmo Senhor pela saúde e vida de Sua Magestade, que para tudo que diz respeito ao dito culto está promptissimo, ainda que seja com grandes despesas da sua real fazenda.»

Começou, e continuou até hoje, a ser regida pelos estatutos formulados para a cathedral do Pará pelo seu primeiro bispo, D. Frei Bartholomeu do Pilar. (1724 a 1739.)

Não cause admiração, e nem suscite

dúvida o ser o bispado do Pará desmembrado do do Maranhão, e governar-se a cathédral d'este, que é mais antigo, pelos estatutos d'aquelle, muito mais moderno.

A razão é porque a cathedral do Pará foi inaugurada em 1724, e a do Maranhão em 1739.

Por Alvará de 29 de Janeiro de 1739 foi dado o tratamento de *Senhoria* aos cabidos, quer em Sé plena, quer vaga.

Por Alvará de 20 de Julho de 1758 foi concedido á Sé do Maranhão o privilegio de vencerem os seus capitulares a congrua de um anno, depois de fallecidos, para ajudar ás despesas da molesta e do funeral, o que então chamava-se *anno de morto*.

Nesse tempo a familia dos soldados fallecidos recebia, por aviso de 3 de Setembro de 1735, um mez de soldo para seos suffragios.

Por decreto de 41 de Março de 1809 foi o Príncipe Regente servido fazer mercê do habito de Christo, ás dignidades e conegos da cathedral com a tença efectiva de 12\$000.

A corporação da cathedral compõe-se de quatro dignidades—arcebispo, arcepreste, chantre e mestre-escola, 12 conegos, 8 beneficiados, 18 capellães, 3 moços do coro, 1 sacristão, 1 altareiro, 1 organista, 1 porteiro da maça, 1 armador, 1 sineiro e 1 guarda.

#### CURIA EPISCOPAL.

Tem o mesmo pessoal, que o de qualquer outra, porem aqui as funcções de vigario geral, provisor e juiz dos casamentos são desempenhadas por um só juiz.

O provisor tem suas funcções marcadas na Portaria do Bispo de 3 de Junho de 1852, e tambem existe um thesoureiro das obras pias, que em outras dioceses se não conhece.

Maranhão—1869

Dr. Cesar Augusto Marques.

### COLLABORAÇÃO.

#### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

(Continuação.)

#### III

Até aqui temos nos occupado em demonstrar com a fé do genero humano, e com a razão de todas as sociedades—que existe uma religião verdadeira, absolutamente necessaria á salvação. Desenvolvemos o principio das relações essenciaes entre Deus e o homem, e estabelecemos a certeza destas relações pela existencia simultanea de um e outro.

Procuramos agora o caminho das realidades; indagüemos os meios de discernir a verdadeira religião por entre a atterradora confusão em que se jacta o Polytheismo, e os erros, que depois vieram alimentar a vaidade de seus principios. E vencendo todos os prejuizos contrarios á sã doutrina—preparemos os nossos espiritos á obediencia e o nosso coração ao amor.

É esta a nossa tarefa.

Para chegarmos ao termo de nosso designio é necessario levantarmos o homem acima da terra, para que elle conheça o que é, e contemple sua grandeza. De lá, d'essas alturas celestes, o rei da criação lança um olhar desdenhoso sobre seu imperio. Collocado no cimo da immensidade, enlaçando com o infinito seu pensamento e seu amor, elle ali procura o Ser Eterno, descobre-o e em um momento premeditado se exgotam todas as suas aniedades. Então elle vê seu lugar preparado pela sabedoria suprema, conhece todas as relações que o unem com todas as intelligencias, com a intelligencia divina. Nesta altura elle sente-se repousar no seio de seus destinos immortaes e começa a arder em desejos de pertencer a essa sociedade eterna e sublimada, da qual Deus é o monarcha. Mas para lá chegar é necessario que elle obedeça ás leis de seu

ser, é necessario conhecer e amar, porque o homem moral e intelligente deve viver de sua propria vida, sem o que não pôde existir, e a religião não é outra cousa senão a lei natural da intelligencia, formando o complexo das relações e das verdades, que derivam de nossa natureza e da do ser eterno intelligente. O homem pois vive do espirito segundo o grau de conhecimentos que tem destas verdades; quanto mais proximo estiver d'ellas, tanto mais espiritual será a sua vida, tanto maior a sua felicidade.

Agora, admiremos a grandeza do absurdo que nega, que tem o homem um lugar a occupar na ordem da sociedade eterna por força das leis naturaes, tenha algum meio de conhecer estas leis. Oh! é necessario suppôr que Deus o creando o abandonasse e condemnasse infallivelmente á dor e á morte; é necessario suppôr um odio insensato que não lhe dêsse a vida, senão como um tormento eterno. Mas essas ideias ficticias estão muito aquem de um ser infinitamente sabio. Ah! não blasphememos contra a Divindade, ella não nos criou senão para a felicidade, e outra cousa não é a sua glória senão em manifestar a sua bondade. Proposições contrarias nos obrigam a dizer, que Deus, ou é um ente mythologico, ou a salvação do homem é uma verdade que não se pôde contestar sem impugnar a fé. Ora, quem será ousado em pensar que o homem debaixo das leis naturaes não disponha de meios faéis e proficuos para conhecer estas leis? Oh! o Ser soberanamente justo e santo, Deus seria um tyranno. Recusar ao homem os meios de discernir a verdadeira religião, é punir sua ignorancia, ignorancia invencivel, é uma iniquidade sem termo. Um codigo de preceitos gravados no coração do legislador sem manifestar suas vontades, sem publicar suas ordenanças é uma injustiça abominavel. Mas bem longe de nós vão estes terriveis pensamentos.

Basta invocarmos o testemunho do genero humano, testemunho infallivel, que uma vez reconhecido, estabelece a crença universal; regeitar esta crença é ludibriar as decizões da razão geral, é destruir a mesma razão. Ora, todos os povos teem proclamado o dogma de uma religião verdadeira, logo todos os povos teem reconhecido os meios de conhecê-la.

E nem nós intimida essa grossa fileira de erros, com o improprio nome de religião, que á despeito do assentimento universal, á despeito de uma voz poderosa, que echoa de uma a outra extremidade da terra, tem manchado a santidade dos principios certos gravados no coração da sociedade. Porque, comefeito, o que prova o Polytheismo? Prova o desprezo dos meios, que Deus nos offerece, para reconhecermos a verdadeira religião; prova o abuso de nossas faculdades, prova a ignorancia e a confusão em que as paixões do homem e a fraqueza do seu espirito tem lançado a verdade e o erro, prova mais que tudo a necessidade de desenvolvermos a theoria dos meios de que dispomos para atingir á verdade.

(Continúa.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

### PARLAMENTO.

#### ORDENS RELIGIOSAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1869.

(Conclusão.)

O SR. FERREIRA VIANNA:—(continuação.) Então em que consistem as dissipações?

Senhores, não ha maior injustiça, e eu peço perdão para dizer, temeridade, do que o poder civil accusar as congregações monasticas, de dissipação.

O SR. CORREIA:—No relatório está a divida dos conventos.

O SR. FERREIRA VIANNA:—Nós não temos o direito de levantar semelhante ac-

cusação; bem como nenhum dos governos da culta Europa, porque nos dias de crise, na véspera das bancarrotas, os governos aturdidos recorrem aos acervos das comunidades religiosas, e com elles enchem os abysmos abertos pelas guerras de capricho; pelas enormes despesas de ostentação e pela voracidade da clientela de que não podem prescindir. (Apoiados.)

Dissipadores os religiosos! Os confiscados accusados de prodigos pelos confiscadores! Procurai os titulos de aquisição da propriedade dos religiosos regulares, reconheceréis sua antiguidade quasi immemorial. São pergaminhos ennegrecidos pelo tempo, e que já se não podem lêr. Os religiosos são depositarios dessas riquezas que devem só e somente á piedade nos tempos de fê ardente, e de devoção sincera.

O SR. SOUZA REIS:—E quem tem feito dos conventos quartéis de soldados? Quem tem concorrido para o estrago dessas casas?

O SR. FERRERA VIANNA:—Isto tem succedido pela regra: que o soldado é o herdeiro forçado do padre. (Hilaridade.) Foi, senhores, nos claustrros que os governos primitivos do municipalismo aprenderam as leis da economia. A minina moeda lançada pela piedade publica nas mãos do monge fructificava. Com esses minguados recursos, os hoje condemnados como dissipadores levantaram magnificos templos, abriram escolas, ensinaram as artes e officios, e mantiveram o culto divino com magnificencia. Edificavam por toda a parte, no fundo quasi impenetravel das florestas, nos cimos inacessiveis das penhas, e no centro das cidades!

Os mais habéis e modernos administradores contemplam com pasmo essas construções maravilhosas.

Para fundar a accusação de dissipadores levantada contra as ordens regulares, tem-se avançado nesta casa que seus bens não dão renda proporcional.

O espirito que domina a administração monastica não é o mesmo da administração do seculo. O patrimonio das ordens religiosas é mais dos pobres do que da comunidade. As suas terras estão retalhadas em pequenas fracções distribuidas pelos necessitados, que pagam insignificante renda nos annos de abundancia, e em vez de pagar renda recebem esmolas nos annos annos. Seus escravos trabalham menos, porque nas fazendas dos religiosos respeitam-se todos os dias santificados, os direitos naturaes da familia, e além das honras de descargo empregam não pequena parte do dia util nos exercicios spirituaes.

Os religiosos não demandam seus vedores, não despejam os necessitados de suas casas por falta de pagamento de alugueis, e nem exigem contribuições vexatorias; dão esmolas em dinheiro, em hospedagem, em educação primaria e secundaria, e fazem o culto gratuito.

Os religiosos portanto não podem auferir grandes rendas, assim como não podem e nem devem trabalhar para accumulações, como os particulares. A maior renda para os religiosos consiste em consolar a miséria afflicta.

Mas, Snrs., os homens que ensinaram os povos ainda incultos a lavrar a terra, porque metade da Europa pode-se dizer que foi arada pelos filhos de S. Bento, os homens que ensinaram aos povos a architectura e todas as artes liberaes, que recolheram todos os monumentos, que nos restam de litteratura antiga, esses homens, que fizeram maravilhas com minimos recursos, são hoje condemnados como dissipadores? (Apoiados.)

Se os religiosos não são, confessemos que tinham razões para serem dissipadores. A poupança é o resultado da previdencia. O pai de familia trabalha e economisa em attenção á educação e bem-estar dos filhos. Esta lei é geral. O monge tem o amor de congregação, de ordem. O convento é o seu mundo, elle deseja que seu nome, suas glorias se perpetuem na historia de sua ordem, que elle pensa immortai. Considerai,

porém, que o religioso tenha na consciencia a certeza do desapparecimento prompto de sua ordem, que elle vê de dia em dia approximar-se do occaso; porque e para que trabalhar e poupar?

Enfim, como regularisar-se a administração se os administradores morrem e não são substituidos? Fechais as portas dos conventos, e accusais os religiosos, que mal podem acudir ao serviço do culto divino, de relaxados e dissipadores!

O religioso não tem familia, mas tem o espirito de sua congregação. (Apoiados.)

Os poucos que restam aguardam tristes o signal das exequias de sua ordem, segunda patria! Quaes guerreiros de Ossian contentam-se com rememorar a gloria do passado.

Não contesto, e antes tenho razões para crer que nas ordens religiosas se dêem abusos que cumpre cohibir, mas não concordo que sejam extinctas, pelo meio indirecto e odioso do imposto, instituições que durante tantos seculos prestaram valiosos serviços ás letras, ás artes e á humanidade. Se os abusos justificassem a destruição das instituições, nenhuma poderia escapar á definitiva condemnção. Cortem-se os ramos secos do tronco sagrado, e os renovos rebentaráo vigorosos. A vida das ordens religiosas não depende de nós. A instituição monastica nasce da natureza humana, enquanto o homem não passar por outro molde, a comunidade claustral subsistirá. A França aboliu os conventos e elles se multiplicam, assim na Inglaterra, nos Estados-Unidos e em outros paizes. (Apoiados.)

A prevalecer a providencia offerecida pela 1.ª commissão de fazenda, os bens das ordens religiosas serão absorvidos pelo fisco para pagamento de impostos. Desses bens ninguém se aproveitará, e muito menos o Estado. (Apoiados.)

Senhores, eu nada cedo á impiedade. A impiedade cresce e com ella a inundação da anarchia. (Apoiados.)

O principio da auctoridade continúa á ser atacado em seu fundamento, a auctoridade de Deus, autor de todas as cousas. (Apoiados.)

Deixemos ás revoluções a gloria de destruir uma instituição que incolumem tem atravessado 1,300 annos, sobrevivendo a todas as grandes catastrophes politicas e sociais, e desses naufragios salvando tudo o que era bello, nobre e duravel. Os monges são como pharões nos cimos das penedias.

Em verdade, senhores, fui sorprendido; parecia-me impossivel que o partido conservador na plenitude de sua influencia, se arriscasse a tentar contra a existencia das ordens religiosas, opprimindo-as com imposições insupportaveis, injustas e odiosas. (Apoiados.)

O partido conservador nem deve acceitar e nem provocar reformas radicaes, de *fund en comble*; entretanto eu receio que o espirito de novidade chegue até nós, tanto elle se propaga. Entrar nesse caminho do desconhecido, de reformas radicaes, é sujeitar o paiz ao maior de todos os perigos, o de transformações successivas. O paiz estará sempre por organisar-se. A grande, a universal força do partido conservador reside na actividade que desenvolve para melhorar, ena firmeza com que resiste ao espirito de innovações irreflectidas. (Apoiados.)

Senhores, o Estado não é *anima vili*, materia inerte e disposta a experiencias. (Apoiados.) A opinião conservadora não pôde, não deve, sem sacrificio de sua legitima influencia e auctoridade, inspirar-se nas exigencias temerarias dos innovadores incorrigiveis. (Apoiados.)

Tal tem sido a importancia moral das ordens religiosas, e tão geralmente reconhecida a sua necessidade, que a revolução franceza em 1790, decretada a extincção, foi compellida a revoga-la reconhecendo o vazio insupprivel de que se sentio logo a sociedade ainda em convulsão. (Apoiados.)

O SR. PRINTE DE CAMPOS:—Barnave pedia a volta dos jesuitas.

O Sr. FERREIRA VIANNA:—Reconheceram que se é fácil destruir, muito difícil é reconstruir.

O partido conservador não agita e nem promove explosões; caminha com prudência e segurança. Deixa obra segura e duradoura, aprende nas leis da história e da natureza.

Estou tranquillo, porque vejo á frente do ministerio de 16 de Julho um cidadão em quem deposito inteira confiança, e estou certo que não transige a respeito dos verdadeiros principios do partido conservador (apoíados,) conservar para melhorar e melhorar para conservar (Apoíados; muito bem.)

Senhores, contra o meu desejo nego o meu insignificante voto ás proposições em discussão, porque as considero injustas, odiosas, excessivamente oppressivas.

Não ha razão para assim proceder contra os conventos, e muito particularmente contra a ordem religiosa de S. Bento. Se exigem esses impostos para acudir ás exigências do Estado, não devem esquecer os grandes donativos que a ordem beneditina tem generosamente feito em todas as circumstancias de necessidade e de perigo, desde o dia cruel em que foi preciso comprar com dinheiro o socorro desta cidade bombardeada pela esquadra do famoso almirante Duguay Trouin.

Para armamento contribuiu com consideravel quantia por occasião da ameaça ingleza em 1863. Para esta guerra concorreu com grande numero de voluntarios, e sem intenção de obter condecorações e baronatos. (Apoíados.)

Se pensais em forçar-las á emancipação dos captivos, não pode ser maior a injustiça. Essa questão está resolvida na ordem beneditina desde 1865, e se os religiosos não dão completa prova de sua resolução é por temor das consequências.

Entretanto não teria duvida em votar pelo substitutivo offerecido pela commissão se o governo se obrigasse a consentir na entrada de noviços, embora em numero limitado. Só assim compreendendo a reabilitação das ordens religiosas, e a reorganisação de sua administração. (Apoíados.)

VOZES:—Muito bem! Muito bem!

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

#### IV.

(Continuação.)

#### INGLATERRA.

A nebulosa Albion empregada nos calculos profundo de economia politica, caminhos de ferro, navegação a vapor, telegraphos electricos, não perdeo ainda o sentimento do bello ideal; e de quando em quando as cordas de uma lyra vibra da por mão de mestre chama para ahi a nossa attenção.

Principiaremos a enumeração de seus poetas por Guilherme Shakspeare, segundo Alexandre Dumas: «*l'etre qui a le plus crée apres Dieu.*» Nasceu elle em 1563 em Straford-sobre-o-Avão no condado de Warwick, sendo descendente de uma familia pobre, e falleceu em 1615. Shakspeare é o primeiro poeta dramatico inglez, e a justo titulo olhado como o pai da escola romantica.

*Hamlet*, *Macbeth*, *Othello*, *Julietta e Roméo*, *a Tempestade* e *as Comadres de Windsor* alcançaram-lhe a immortalidade. Ouçamos o juizo de M. Cousin, (*Du Vrai du Beau et du Bien*, p. 211) sobre este grande poeta: «A natureza humana parece toda á sua disposição, e elle reproduz as mais diversas scenas da vida em sua belleza e deformidade, em sua grandeza e baixeza. Prima sobretudo na pintura das paixões terribes e graciosas. *Othello*, *lady Macbeth*, é o ciúme, é a ambição, como *Julietta* e *Desdemona* são os nomes immortaes do amor joven e desgraçado.»

João Milton nasceu em Londres em 1608. Com uma esmerada educação sci-

entifica e depois de ter percorrido diversos Estados da Europa, voltou á patria, d'onde a sede de conhecimentos o fizera sair, porem a revolução que matou no cadafalso ao rei Carlos I, e levou Cromwell ao governo, não lhe proporcionou muito tempo de descanso. Lançado porem no meio do borborinho politico, e empregado junto ao governo do protector, o *Parizo Perdido*, cujo plano tinha sido concebido em Milão, não sahia um momento d'aquelle cerebro, que Villemain chama, carregado de conhecimentos fermentados pelo estudo. Porem somente depois de ter Carlos II subido ao throno inglez, foi que o poeta, já cégo e collocado na tranquillidade da vida domestica, concluiu esse magnifico poema que lhe deu a immortalidade, conquistando-lhe um lugar distincto ao lado dos grandes poetas epicos da antiguidade. Não se julgue porem que o *Parizo Perdido* fosse, como presentemente, tão apreciado por seus contemporaneos, mas só depois da apresentação de Addison, que methodicamente provou no *Espectador* a injustiça dos inglezes e as bellezas de Milton. Falleceu esse grande poeta a 10 de Novembro de 1674, na idade de 65 annos.

Alexandre Pope nasceu em 1688, em Londres, e falleceu em 1744.

Alma de eleito, Pope desde a infancia principiou a mostrar sua vocação poetica, que foi bem aproveitada, e trouxe alto renome para si e para sua patria.

Suas principaes obras são o *Ensaio sobre a critica*, *a Trança de cabelo roubada*, o *Ensaio sobre o homem*, *a Epistola de Helius a Abillard* e a traducção em versos da *Ilíada* de Homero.

Lord Byron, um dos maiores poetas do presente seculo, nasceu em Duvres em 1788, e falleceu a 19 de Abril de 1824 na cidade de Missolonghi, na Grecia.

Um humor activo, affeições moraes provenientes da falta de tranquillidade domestica, e o desgosto que tinha de ser côxo, decidiram sua vocação; e d'ahi origina-se a devassidão, as viagens e essa misanthropia que muitas vezes o caracterisa.

Lord Byron é como o Oceano; umas vezes agitado intenta chegar ao céu, embora para a saptisfação d'esse louco desejo, sepulte para sempre o incauto navegante; outras calmo e bello parece, beijando as conchilhas que bordam a praia, ter medo de zangal-as. O que dissemos pode certificar-se na *Perigração de Child-Harold*, no *D. Juan*, na *Profecia de Dante*, no *Parisina*, *Lara*, *Corisario*, *Bepo*, *Giour*, &c.

Thomaz Moore nasceu em Dublin em 1780 e falleceu em 1852.

Poeta nacional por excellencia, soube elle pelas *Melodias Irandezas*, *La lallokh*, poema oriental, e os *Amores dos anjos*, chamar a attenção de toda a Europa, e principalmente a de sua patria, de quem é uma das principaes glorias.

A Inglaterra tem muitos outros poetas que por falta de espaço não enumeramos, como Gray, Addison, Otway, Walter-Scott, Thompson, Young, Dryden, &c.

(Continúa.)

D. A. Martins Costa.

## VARIEDADES.

### OS PERIODICOS E A HYGIENE.

Ler cada um o seu periodico (se o tem) quando está a comer, sera prejudicial, indifferente ou util? Ahi está uma questão de hygiene a que responde pelo seguinte modo a *Independencia Belga*:

No caso de se comer sem companhia, a leitura é uma excellente distracção, e é sempre preferivel a uma conversação em que se discute. Emquanto se lê, a mastigação e a deglutição dos alimentos opera-se mecanica, tranquilla e methodicamente. Se, pelo contrario, nos mettemos em conversações de discussão, acontece muitas

vezes que, para darmos uma réplica a tempo, engulimos os bocados mal mastigados. Deste facto resulta que o trabalho preparatorio que cabe ás queixadas não é feito senão imperfeitamente, e que o estomago é obrigado a supprir essa imperfeição com um excesso de fadiga com prejuizo da saude particular desse orgão.

### ESTATISTICA COMPARADA.

O *Economista Francez* publica um estudo comparativo entre a população de Pariz e a de Londres. Segundo este trabalho, na capital de França ha 1,829,274 habitantes e na de Inglaterra 3,150,000. A cidade de Londres occupa 51,563 hectares de terreno, e, portanto, toca a cada hectár uma densidade de 100 habitantes, ao passo que Pariz, que occupa 7,806 hectares, tem uma densidade de 233 habitantes por hectár.

Tendo em conta o numero de casas que ha em cada uma destas grandes capitães, o referido periodico deduz que na capital da Grã-Bretanha o termo médio dos habitantes em cada casa é de 7 a 8, occupando geralmente cada familia um edificio, ao passo que em Pariz é de 40 a 50 habitantes.

### CREAÇÃO DOS BISPADOS DO BRAZIL.

Do *Diario do Rio* transcrevemos os seguintes apontamentos chronologicos sobre os bispados do Brazil:

«*Arcebispo da Bahia*. Creado pelo papa Julio III á instancias do rei D. João III no 1º de março de 1555. Tinha então o bispo jurisdicção em todo o Brazil, que ficou assim separado da diocese do Funchal e suffraganeo do arcebispo de Lisboa. Por Innocencio XI foi o bispado do Bahia elevado a cathedra de metropole em 15 de novembro de 1576.

«*Bispado do Rio de Janeiro*. Creado pela bula de 16 de novembro de 1676.

«*Bispado de Pernambuco*. Creado pela bula de 16 de novembro de 1676.

«*Bispado do Maranhão*. Creado pela bula de 28 de setembro de 1677.

«*Bispado do Pará*. Creado pela bula de Clemente II, de 4 de março de 1719.

«*Bispado de Marianna*. Creado pela bula de Benedicto XIV, á instancias do rei D. João V em 6 de dezembro de 1746.

«*Bispado de S. Paulo*. Creado pela bula de 1736.

«*Bispado de Cuyabá*. Foi prelazia pela bula de 6 de dezembro de 1746, e bispado pela de 15 de julho de 1826.

«*Bispado de Goyaz*. Prelazia pela bula de Bento XIV, de 6 de dezembro de 1746, e bispado pela de Leão XII de 5 de julho de 1826.

«*Bispado do Rio Grande do Sul*. Creado pela bula do SS. P. Pio IX e decreto de 27 de agosto de 1847.

«*Bispado de Diamantina*. Creado pela carta de lei de 10 de agosto de 1853, bula do SS. P. Pio IX de 8 de julho de 1854.

«*Bispado do Ceará*. Creado pela carta de lei de 10 de agosto de 1853, e bula do SS. P. Pio IX de 8 de julho de 1854.»

## NOTICIAS.

### CHRONICA EXTERNA.

Uma noticia summamente agradavel a todos os admiradores e mesmo amigos, que aqui tambem os conta numerosos o insigne escriptor portuguez Antonio Feliciano de Castilho, é achar-se livre de perigo, depois de tão doloroso padecimento, que desde vinte de maio o tem de cama, sem contar com o que padecera, pouco antes, com o anthrax de que fôra accommettido.

Oxalá que a convalescença seja prospera, e que ainda aquella grande intelligencia pôssa dar á litteratura muito do que pôde dar-lhe!

—Tem proseguido as conferencias pedagogicas no lyceu nacional de Lisboa. As dos dias 16 e 30 de maio foram feitas pelo commissario dos estudos do districto, o Sr. M. Ghira. Assumpto: *casas de escola e mobilia escolar*. Patentes estavam diversos alçados e plantas de edificios escolares de França, Belgica, Suissa e Alemanha, que esse funcionario visitou, alem de alguns modelos de mobilia e alfaias de escolas primarias.

Diversos dados estatisticos completaram as observações e exposição do illustrado professor.

A terceira conferencia da nova série, a 6 do corrente, foi feita por Luiz Filipe Leite, director da escola normal de Lisboa. O ponto era—*O que foi, o que é, e o que deve ser a escola primaria? O que foi, o que é e o que deve ser o professor primario?* O conferente fallou perto de duas horas, e concluindo, sem ter podido terminar o que diz respeito á historia da pedagogia em Portugal, annuo em proseguir no domingo 20.

O auditorio era assaz numeroso. Muitos professores, directores de collegios, normalistas e outras pessoas estranhas ao magisterio estavam presentes.

Depois de mostrar quão vasto era o assumpto que lhe coubera, pois no ponto se não definia se deveria fazer a historia da escola primaria de Portugal, da Europa ou do mundo, esboçou á largos traços o que seria esse trabalho, se os limites de uma conferencia lhe permitissem profundal o. Dividiu os povos em duas grandes categorias: os que estão ou estiveram fóra da influencia da revelação, e os que obedecem ás religiões reveladas. Dos segundos:—Hebreus e christãos tratou mais extensamente. Dos christãos occupou-se, subdividindo em quatro epochas a historia da escola, ou os factos da pedagogia: idade média, renascimento, tempos modernos e actuaes; na quarta epocha fez notar os systemas pedagogicos rivais e predominantes—inglez, allemão e francez, comparando os caracteristicos de cada um desses systemas pedagogicos, sobre a base que estabelecera previamente, dos quatro factores fundamentais do ensino: *educando*;—*objectos* para desenvolver-lhe as faculdades (physicas, intellectuaes, moraes e estheticas); *metodos*;—e *educador*.

Quanto á attenção que tão illustrado auditorio lhe deu, justiça é confessal-o; não só justiça, mas até reconhecimento.

### ANNUNCIOS.

#### BREVIARIUM ROMANUM.

Obra muito completa e de encadernação elegante, em 4 volumes

LORD BYRON.—Obras completas, traduzidas para o francez, por Benjamin Laroche.

O GUARANY.—Romance por José de Alencar, 3ª edição, em 2 vols.

#### LIVRARIA POPULAR

DE

Magalhães & C.ª

21—Largo de Palacio.—21

Aluga-se um moleque morigerado, por pouco mais que nada, na rua da Palma n.º 71.

Maranhão—Typ. Perseverança—Impresso por Manoel Caetano de Lemos.



cuamente nas colonias do Estado, sem outra distincção mais do que as de suas crenças.

Este proceder tem sido discreto. Entre nós a tolerancia religiosa; tão sabiamente decretada na nossa constituição, tão profundamente arraigada nos nossos costumes e tão altamente recommendada pela civilização moderna, e pelo proprio espirito do christianismo, permite aos dissidentes da religião catholica apostolica romana viver á sombra das leis patrias, como quaesquer outros, que professam a religião do Estado.

Em suas colonias o governo tem feito mais. Pastores evangelicos, contrahidos na Europa com vantajada retribuição, presidem nellas a distribuição do pasto espiritual aos seus correligionarios; professores da mesma communhão iniciam os meninos de sua seita nos primeiros elementos da instrucção; e, finalmente, casas de oração hão sido edificadas a expensas do thesouro para as necessidades do culto.

Seria por certo grave desacerto que, baldos de cooperadores no trabalho de rotear e povoar este vasto Imperio, excluíssemos o maior numero de concorrentes pelo pretexto de não pensarem em materia de religião exactamente como nós. Delles não podemos exigir mais do que a moralidade e o amor ao trabalho.

Tudo quanto respeita á consciencia não entra na esphera de nossas pesquisas: ha tribunal superior á alçada humana, onde os erros e faltas de semelhante natureza são infallivel e rectamente julgados.

Todavia, se fosse possível, sem excluir ninguém, convergir nossos esforços para attrahir ao paiz emigrantes, que aos mais requisitos reunissem o de pertencerem pelo espirito á communhão catholica; so em vez de confundil-os com os protestantes no mesmo nucleo poderíamos estabelecer os em separado, sob direcção especial, alcançariamos sem duvida a immensa vantagem de ligar por esse laço, de todos o mais poderoso, os forasteiros que viessem associar-se aos nossos destinos, á população nacional.

Mais rapida, mais facilmente se identificariam os dous elementos, sendo a comunidade dos sentimentos religiosos poderoso incentivo para realizar-se esse facto social, que sem elles estará por effectuar ainda, depois de longos annos.

Tratando de emigração associam-se logicamente as idéas com as da importação de trabalhadores agricolas.

Quando attentamos no estado economico do paiz, surgem duas observações intuitivas: uma relativa ás necessidades

foi traduzido, commentado, beijado, idolatrado e tudo quanto acaba em *ado* como *José e Micheas*.

Entretanto o atrevido Manterola ainda arrojou-se vir a tribuna, e principiou a fallar; fallou e apertou o Castellar como um torno de ferro.

Pedia que lhe apresentasse a encyclica de Innocencio III, pois no corpo das decretaes não havia semelhante cousa; pediu que mostrasse a carta de S. Pio V e o Castellar rubicundo e enfiado movia-se na cadeira e dizia somente *amanhã, amanhã*: Porém qual *amanhã* nem depois!

Bem diz o povo:

Amanhan... Amanhan....

O carneiro perdeo a lan....

O certo é que o Castellar não apresentou nem rato.

Quanto ao morticínio dos judeos que o Castellar affirma ter sido em razão do sermão de S. Vicente Ferrer, o Manterola disse que pelo facto de dar-se o morticínio depois do sermão não se segue em boa logica que fosse por causa delle; assim como nada obstante os bellos discursos de Castellar terem coadunado-se com as idéas dominantes, ninguém dirá que a revolução da Hespanha é devida aos discursos do illustre professor.

do presente, e outra concernente ás providencias do futuro.

A nossa agricultura luta, ha alguns annos, com difficuldades, que o tempo vai aggravando, como já o disse em outro lugar. A escacez de braços, occasionada pela cessação de supprimento prestado até 1830 pelo trafico de escravos; tem sido a causa desse mal progressivo; e supposto se haja apresentado o singular phenomeno de augmento de producção em diversos ramos de cultura, não é menos certo que ao lado desse effeito que accusa melhora de processos, economia de trabalho, aproveitamento das forças actuaes, e a concurrencia dos braços livres, sobresahe a diminuição dos operarios, em que consistia toda a força da grande cultura.

Passem-se mais alguns annos, e desses operarios, ainda robustos actualmente e capazes de fecundos esforços, poucos terão sobrevivido aos serviços do campo. Então, por perfectos que sejam os processos, por maravilhosa que se mostre a cooperação das machinas, á mingua de braços a terra deixará de ser sulcada, e a lavoura terá de fechar os mais importantes de seus laboratorios.

Desta simples intuição segue-se a necessidade de importar operarios, que auxiliem a agricultura nas fazendas existentes, substituindo os que o tempo e as enfermidades inutilisam ou arrebatam. É o remedio ao mal actual, que brada por socorro, e que se accrescenta com o correr dos dias.

Os emigrantes europeos, aquelles que deixam os patrios lares já com o intento de nunca tornar a vê-los, que transpondo o atlantico vêm na demanda de nova patria, onde adquiram propriedade enraizada na terra e á custa do suor de seu rosto, herdem aos filhos a abastança, que elles mesmos na idade juvenil não desfructaram, não são por certo os operarios que hão de preencher a falta sentida já nas actuaes fazendas, e animar os espiritos á agricultura enfraquecida e desacorçoada.

Para trabalhos assalariados em terras, tão remotas de seu ninho paterno, os emigrantes europeos não emprenderiam a penosa jornada.

Muito differente, muito mais alta é a sua aspiração. Querem a propriedade do solo, que fecundam com o seu suor, querem em terra sua accumular dia por dia economias para conseguirem affim a posse dessa riqueza, que fôra em sua patria o sonho dos seus antepassados e o seu proprio.

E qual será o emigrante europeu que, podendo adquirir um lote de terras á sua escolha, a preço minimo e largo prazo, dará de mão a todas estas vantagens que o encarreiram na vereda da abas-

Depois o Manterola, chamando o Castellar a contas, sobre o que elle diz ter visto em Roma... Oh! decepção das decepções!... Em fim de contas e *contos* ficou o Castellar como aquelle celebre macaco que, julgando-se salvo do naufragio, por um Delphim, contava muita prosa escarranchado no dorso do peixe; disia conhecer este e aquelle alto personagem, porem quando menos esperava toma o nome de um porto de Athenas pelo nome de um homem!

Assim o Castellar depois de ver tanta cousa horrivel e sangrenta na sala regia do Vaticano, verificou-se que o homem vivo e confundido, por distração talvez e não por malicia, dois quadros: um representando o Coligny chefe dos Huguenotes; na occasião de ser lançado de um balcão a um grande patheo, por decreto de Carlos IX. Vio de outro lado outro quadro historico commemorando a tomada do porto de Ostia invadido pelos sarracenos, e então como o quadro é historico, e foram as tropas pontificas que deram esta batalha, o Papa que então regia está no alto do quadro.

Quanto á questão de voto de S. Thiago e falsas decretaes; conheceu-se que o Castellar confundio as falsas decretaes com o voto; e S. Raimundo de Penhaforte com S. Thiago.

tança pelo trabalho com o caracter de proprietario, para empregar-se no serviço de outrem a salario que assemelharia sua condição na terra estranha áquella de que fugio em sua patria?

Quaes serão, pois esses operarios que acudirão á agricultura attribulada?

Obvia é a resposta. Nas regiões orientaes da Asia vegeta por centenas de milhões população demasiada para a terra em que se apinha. A fertilidade do solo não basta para sua subsistencia, por parca e escassa que seja.

O trabalho offerecido por illimitada concurrencia tem preço vil, e ainda assim não acha quem lhe aceite as propostas.

Nesse vasto mercado têm ido prover-se as colonias inglezas, francezas, holandezas e até hespanholas, e sempre os seus pedidos são satisfeitos, por alta que seja a somma dos algarismos.

Esses trabalhadores asiaticos, conhecidos pelo nome de *coolis*, naturaes do Indostão e da China, convenientemente escolhidos, dirigidos e encaminhados, têm provado bem nos estabelecimentos agricolas de Java, Singapore, Mauricia, Reunião e Antilhas.

Na Australia e na California, para onde emigram espontaneamente, se distinguem pela concurrencia que no trabalho fazem aos naturaes, os quaes, não podendo igualal-os, vingam-se da desvantagem encarecendo contra elles fintas e vexames.

Na escolha entre as duas nacionalidades, a preferencia cabe aos Chins; porque nos trabalhos rurais está reconhecida a superioridade desse povo amestrado, no decurso de seculos, pela força da necessidade, a apurar os processos da cultura e aproveitar da terra quantos recursos pôde a arte deparar em seu seio; e porque, como aos indios, não lhes é defeso o uso da carne e de outros alimentos que dão vigor ao operario, circumstancia importante para o exercicio de qualquer industria, em que os productos estão na razão da força applicada.

Os trabalhadores asiaticos, assim como indica o seu nome, não vão povoar os lugares para onde são importados. Contractados por tempo limitado, cinco annos, por exemplo, o qual pôde ser prorogado, voltarão á sua terra, findo o prazo a que se prenderam. E' para elles incentivo á execução desta clausula a familia, deixada em seu paiz, que constantemente os chama com o poderoso atractivo da saudade.

Não ha, pois, o receio de que, fixando-se em paiz estranho, cruze sua raça com a dos naturaes, e suscite gerações defeituosas ou inferiores, piorando as existentes.

Ha quem supponha os chins pouco in-

Eis o caso de dizer-se com o poeta:

De telles gens il est beaucoup  
Qui prendroient Vaugirard pour Rome,  
Et qui, caquetant au plus dru,  
Parlen de tut, et non rien vu.

Entretanto ninguém se importou da cabal refutação do Manterola, e o Castellar entrou por toda parte. Ha quem diga que o segredo deste misterio é por ter o Castellar empregado muito palavrão retumbante, por ter fallado emphaticamente e com perfeito ar de sufficiencia de professor de historia.

Mas eu creio que a razão desta inversão é que o mundo anda ás avessas.

Olhem, um amigo disse-me que conhecera o meu folhetim pela letra.

Ora, isto ás direitas é um impossivel, porque a letra redonda, pela sua configuração, é impossivel denunciar o auctor de um artigo, mas pelo avesso eu creio e creio com fé viva e....

Oh! batem á porta! o que será? Eu procurado! Será agora que o meu folhetim está fazendo revolução? Será alguma saudação que me vêm fazer? De licença, bom leitor, que já volto.....

E esta!... sabe o que é? é uma carta de uma velha que, lendo o meo fo-

telligentes, e meça pela compleição, na apparencia pouco robusta, a sua actividade.

As maravilhas da industria e arte, que admiram quantos vão á China e os que as conhecem relatadas e descriptas pelos viajantes, dão fé de apurado engenho, de primorosa pericia. De preguiça e indolencia não podem ser acoimados homens que deixam patria, familia e os tumulos de seus pais para grangear, em largos dias de penoso trabalho, e em paizes tão alongados do seu, escassas economias, que em sua terra não poderiam formar.

Quanto ás superstições que sobre essa gente excessivamente predominam, não podem ser allegadas como obstaculo no Brazil, onde os brutos adoradores dos *fetiche*s africanos praticam sua grosseira religião ha centenas de annos sem perturbação nem incommodo para nós outros catholicos.

Está, portanto, fóra de debate a conveniencia da importação de Chins como meros trabalhadores affim de atalhar-se a ruina progressiva da agricultura actual.

E' necessidade urgente prover sobre este assumpto.

O governo, com a prudencia que lhe é propria, tratando de attrahir ao Imperio os emigrantes europeos, que têm de constituir novas propriedades, e que serão futuros fazendeiros, deve ao mesmo passo envidar esforços para fornecer aos fazendeiros actuaes operarios, que preencham a vaga dos braços escravos, já muito reduzidos. Uma providencia deve acompanhar a outra, como complemento e parte integrante.

E para importação de Chins não serão tão onerados, como o tem sido com a colonisação official, os cofres publicos, pois a especulação vê ahi um manancial de lucros certos e muito merecidos; e o interesse proprio, estimulando os fazendeiros a socorrer-se a este meio de salvação, assegura soffrega aceitação a quantos milhares de operarios aportem ás nossas cidades.

Não seja razão para hesitar-se na adopção deste remedio para a nossa agricultura as experiencias feitas em 1836.

Esses factos nada provam contra a utilidade da ideia, como não provam contra a colonisação europeia os erros commettidos nos diversos tentamens dos particulares, e nas emprezas a cargo do governo.

Durante o anno passado entraram no porto do Rio de Janeiro 8,353 emigrantes, e sahiram 4,159.

Dos outros portos não ha dados estatisticos.

Em relação ás suas nacionalidades dividem-se do seguinte modo:

Ihetim, não bebo mais, nem comeo, de sustos! Diz que, benzendo-se com a mão esquerda tres vezes, esconjurou do folhetim, e que se não o fez sobre o folhetinista, foi por muita caridade evangelica. Diz que se o folhetinista fizer tudo aquilo que promette, é o Antechristo. Pergunta-me se eu sou um affamado sujeito que viajou pelos altos sertões da Bahia, Ceará e Pernambuco, um tal Xico do Meruoca, que sabia cousas que o diabo esqueceo no inferno....

Dizem que o tal Xico, depois de enterrar de bruço um *defunto assignado*, com tres folhas de limão em cruz, uma moeda de quatro vintens em prata, podia o matador fazer o que quizesse, porque havia de caminhar para traz como as vacas de Caco.

Ora está! e quem contou a essa velha que eu sou o dono do folhetim? Certamente foi o meo amigo que me conheceo pela letra.

Amigo typographo, veja se arranja bem esses typos, affim de que não seja eu descoberto já, antes de saber a influencia ou fiasco que fiz.

É verdade, tenho uma cousa muito gentil para vos entreter, mas... acabou-se o papel... Bem, no proximo numero.

REUCLIN:

	Entradas.	Saídas.
Portuguezes . . . . .	4,425	1,962
Inglezes . . . . .	1,026	478
Italianos . . . . .	841	454
	6,292	2,894
Francezes . . . . .	598	347
Allemaes . . . . .	563	338
Norte-Americanos . . . . .	405	201
Hespanhoes . . . . .	218	145
Suissos . . . . .	70	59
Argentinos . . . . .	41	33
Belgas . . . . .	33	33
Orientaes . . . . .	25	16
Hollandezes . . . . .	16	5
Diversos . . . . .	94	88

Total . . . 8,355 4,159

Dos entrados vieram 1,236 com auxilio do governo; espontaneamente, sendo os mais visitados pela agencia, 3,552.

Não terminarei este artigo sem comunicar-vos que a presidencia da provincia do Rio de Janeiro, autorizada pela assemblea legislativa, contratou com o Sr. Carlos Nathan o transporte de 3,000 emigrantes do sul dos Estados-Unidos, mediante o pagamento de passagem calculada por 100\$ para os adultos e 50\$ para os menores, encarregando-se o mesmo Sr. Nathan de os collocar e estabelecer á sua custa na provincia, e bem assim a fazer todas as despesas até seu definitivo estabelecimento.

No brigue denominado *Elisa Stephens*, sahido do porto de Nova Orleans, deve chegar a primeira expedição.

Comprehendo esta emigração, que aos cofres publicos custa um pequeno adiantamento, que em breve estará pago com o trabalho intelligente e fructifero destes hospedes bem vindos.

Consta que continuam os sulistas no desejo de emigrar para o Brazil, tendo principalmente a domiciliarem-se na provincia de S. Paulo.

Se todas as provincias, seguindo o exemplo da do Rio de Janeiro, procurassem coadjuvar o governo no serviço da colonização, na razão de suas facilidades, certamente poder-se-lia em pouco tempo conseguir resultados mais satisfactorios.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

BREJO DOS ANAPURÚS.—Freguezia, villa, municipio e comarca.

A *comarca* comprehende os municipios do Brejo e o da Tutoya.

O *municipio* do Brejo abrange as freguezias de N. S. da Conceição do Brejo, e Santa Anna do Burity.

FREGUEZIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DO BREJO E VILLA. Pela provisão regia de 18 de abril de 1820, que não se encontra na collecção de leis, mas que podemos obter da secretaria dos negocios do imperio, foram os territorios das villas de Pastos-Bons e S. Bernardo do Brejo, «por sua vasta extensão ou desmedida distancia de muitas legoas das igrejas matrizes» divididos em 5 freguezias:—a de S. Felix de Balsas, a de Pastos-Bons, a de Almeida d'El-Rei, a de S. Bernardo do Parnahiba, e a do Brejo dos Anapurús, objecto deste artigo.

Julgamos muito interessante este Alvará, e por isso aqui o imprimimos em sua integra, advertindo desde já a necessidade, que ha de ser consultado quando se lèrem os artigos *S. Felix e Pastos-Bons, Almeida e S. Bernardo*:

«*Alvará pelo qual foi dividida em cinco a freguezia do Brejo do Maranhão.*

Sendo informado da grande falta de socorros espirituaes, que experimentam os povos residentes nos territorios da villa de Pastos-Bons e S.

Bernardo da Parnahiba da provincia do Maranhão, por se acharem dispersos em uma vasta extensão e separados por uma desmedida distancia de muitas legoas das igrejas matrizes, creadas em tempo de menor população: Hei por bem, que os territorios, que formam os termos das sobreditas villas, sejam divididos em cinco freguezias, tendo cada uma o seu Parocho para administrar os sacramentos e mais pasto espiritual aos povos, que habitarem nos seus respectivos districtos, que serão:

1.º O de San'Felix, que terá por limites da parte meridional as ribeiras de Balsas, Neves, Grajahú, Farinha, e Lapa; e da parte do norte, ou de Pastos-Bons, deverá ser o seu limite divisorio junto da povoação de San'Felix, onde o rio de Balsas faz barra no da Parnahiba, e atravessando aquelle, onde nelle faz barra o riacho Fundo acima da fazenda Maravilha seguirá pela serra Vermelha até aos ultimos moradores naquella direcção, e nos outros lados serão marcados os seus limites da maneira, que mais conveniente fôr, para que as povoações, que por alli se acham estabelecidas e as que para o futuro se formarem, possam ser promptamente soccorridas.

2.º O de Pastos-Bons—limitado pela fazenda Maravilhas e Serra Vermelha, correndo á beira do rio Parnahiba abaixo até a fazenda Boa-Esperança exclusivamente e d'ahi dirigindo-se ao centro em rumo direito á procurar a estrema da fazenda Inhuã de Francisco Pereira Franco e na mesma direcção seguirá ao rio Itapecurú até acima da nova povoação denominada—Almeida d'El-Rei—pelas estremas superiores da sesmaria demarcada do alferes Raymundo de Moraes Bandeira.

3.º O de Almeida d'El-Rei, que principiará desde a fazenda Boa-Esperança na beira do rio Parnahiba, correndo para o centro pelo mesmo rumo divisorio, que por este lado serve para o de Pastos-Bons, e correndo rio Parnahiba abaixo até a fazenda denominada—Varzea—de Anna Paschoa exclusivamente e d'ahi correndo o centro em direcção á serra do Valentim, pela qual deve seguir e no fim d'ella procurará o rio Itapecurú, que será atravessado onde linda a demarcação da sesmeria San'Zacharias pela parte de cima.

4.º O do Brejo dos Anapurús, que comprehenderá o terreno que ha desde a feitoria Olho d'Agua-Grande inclusivamente, sita na beira do rio Parnahiba correndo por este abaixo até o sitio e morro Arrodeio, que são as estremas das fazendas Santa Quiteria e Santo Eugenio, e a sua largura deverá ser desde a beira do rio, onde a mencionada feitoria faz estremas com a fazenda San'Luiz e de João Lopes, correndo para o centro pelas estremas das sesmarias demarcadas Jacú e de Antonio José Martins com a do Trapiá, seguindo pelas estremas das sesmarias de Joaquim Alves Costa e Conego Beckman até a fazenda da Chapada de Antonio de Souza exclusivamente, e d'ahi seguirá o rumo, que corresponder á corrente do rio Parnahiba, procurando sempre os li-

mites naturaes de rios e morros até chegar a paragem, que ficar em frente ao sitio e morro Arrodeio.

5.º Finalmente o de San'Bernardo da Parnahiba, que constará do resto do terreno dos mencionados termos e será limitada a matriz de San'Bernardo pelo norte pelo mar Oceano, pelo nascente pelo rio Parnahiba, pelo poente pelo Julgado da Feitoria, cujas estremas principiam onde o riacho Buritizinho faz barra, e pelo sul pelo districto do Brejo dos Anapurús.—A Mesa da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro em 18 de Abril de 1820.—(Com a rubrica d'El-Rei Nosso Senhor).—Cumprase e registre-se e se passem os despachos necessarios.—Rio 28 de Abril de 1820.—(Com tres rubricas.)

Pela lei prov. n.º 121 de 4 de outubro de 1841 foi esta freguezia dividida em duas para formar-se a de S. Bernardo, continuando a villa do Brejo a ser a séde da de N. S. da Conceição. (Vide S. Bernardo.)

(Continúa.)

Maranhão—1869

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

#### III

(Continuação.)

Dispensando-nos de qualquer indagação, descobrimos dentro de nós o sentimento e o raciocínio; fóra de nos a auctoridade e somente ella. Mas nem o sentimento, nem o raciocínio por si sós podem prestar-se á indagação da grande verdade, que anhelamos, porque as nossas faculdades, não podendo existir senão por força de um outro ser, devem apoiar-se em algum principio extrinseco. Esta simples consideração demonstra a necessidade de um primeiro testemunho, a de um acto de fé, antes do uso de nossas faculdades. Demais, a experiencia de todos os tempos prova que o homem, em quanto trabalhar com o espirito isolado, jamais aproveitará de suas estereis indagações; suas ideias se embruscarão, suas crenças desfallecerão, inquieto e vacillante, balouçando na duvida se arrastará ás regiões as mais estereis, e finalmente lançar-se-ha nas profundezas do nada.

O que quer dizer uma religião de puro sentimento? Uma religião sem linguagem, sem voz, um sonho fugitivo que passa veloz escapando eternamente á intelligencia. Querer considerar os dogmas e os deveres pela iniciativa do sentimento, é entregar-se grosseiramente ao erro, porque elle não prova senão a existencia do pensamento que o determina; passivo de natureza, nada affirma, nem nega, porque affirmar ou negar, não é sentir, é julgar.

Toda razão individual é fallivel, e nós temos necessidade de tocar á infallibilidade; á razão individual nada pôde decidir, porque ella só tem opiniões. Os dogmas pertencem á sociedade, e é por isso que, quando esta se dissolve, as opiniões succedem ás crenças. Nada ha portanto digno de certeza senão aquillo que é de fé, e a unica fé certa é aquella que repouza sobre a grande auctoridade, sobre a razão geral.

Infeliz daquelle que julgar o sentimento como fundamento da certeza, porque então o fanatismo e a superstição, as desordens e os ciúmes serão consagrados no altar da vida como elementos indestructiveis de sua conducta irreprehensivel! Portanto, pretender que o sentimento decida da verdade, é odiar os dogmas e aborrecer os deveres; é con-

siderar a vingança como justiça e o adulterio como moral!

Considerai o sentimento como fundamento da certeza, e vereis como se reproduzem, com mais fealdade, as mesmas ideias: O homem não terá outro juiz senão a sua opinião, e apoz ella a negativa de todas as verdades, porque, desdenhando o valor e a força da auctoridade, unica capaz de salvar-nos das vagas impetuosas da incerteza, cheio de fanatismo, diz: eu não comprehendo, portanto não creio.

Considerai o sentimento como fundamento da certeza, e vereis como a religião tão nobre em sua instituição, tão infallivel em seus dogmas e sua moral, não seria o centro attractivo de contradicções; ella já não será então uma lei, ou antes o complexo das leis, ás quaes todos os homens estão submissos; ella já não será a regra de nosso espirito e de nosso coração, porque a regra não pôde depender daquelle que ella deve regular.

Comefeito, como conceber o sentimento como regra do sentimento, a razão como regra da razão? Isto é sobremodo contradictorio.

Desde o momento, em que o homem se separa da sociedade, desde o momento em que elle recusa sujeitar sua razão á razão geral, que recusa obedecer ao poder constituido, levado pelos impulsos do progresso natural, começa a assomar novos mundos: vai ao Deísmo, ahi não encontra repouso, procura o Atheismo, tem pejo de ser contradictor, e por fim, cansado de peregrinar por essas regiões insolidas, vai repousar no seio do Scepticismo, ultimo termo em que acaba o orgulho do ser intelligente.

A certeza só existe na sociedade: depositaria das verdades que o homem recebeu de Deos e que transmite pela palavra, só ella pôde, destruindo o fanatismo individual, proclamar em altas vozes a verdade.

Prosigamos:

Quando Rousseau se declarou defensor empenhado na theoria do sentimento como meio de descobrir a verdadeira religião, como principio da fé e regra da moral, não fez mais do que negar a razão.

«É, diz elle, o sentimento interior que me deve conduzir. O que Deos quer que um homem faça, elle não faz dizer por um outro homem, não; elle mesmo o escreve no fundo do seu coração.»

Bella theoria!

Se Rousseau disse uma verdade, todos os homens devem descobrir a verdadeira religião no fundo de seu coração, porque sem duvida elle encerra tudo aquillo que Deos quer que os homens façam, tudo aquillo que elle quer que os homens cream. Mas não será isto um paradoxo na presença do Polytheismo? A diversidade de religiões, facto vergonhoso, porém certo, registrado nos annaes da vida-religiosa de muitos povos, ainda os mais civilizados, não virá desmentir e até fazer calar o illustre sentimentalista?

Calai-vos, sophistas. Quando os fanaticos reformadores da Igreja, Jurieu, Claud, Luthero e Calvino se persuadiram que o unico caminho para descobrir a verdadeira Religião, era o que elles chamam o caminho da impressão, do sentimento, elles escarneceram da razão da auctoridade, e não foi só até aqui que lavrou o fogo do seu orgulhoso desvario, não; penetrando com uma ousadia insolita por entre os arcanos da natureza eterna, regeitaram a razão divina, porque, desprezando a doutrina christã, desprezaram o Evangelho, expressão sublime do pensamento divino.

Considerai o sentimento como fundamento da certeza, e vereis como as extravagancias de uma imaginação calorosa tomam o lugar das inspirações divinas.

As seitas nascem, progridem, e o sentimento começa a revelar á cada uma dogmas differentes. Daqui nascem os combates: os discipulos tornam-se mestres, e cada homem tendo o seu senti-

mento, cada homem terá a sua doutrina, cada homem a sua Religião. Tantas as religiões, quantos os diversos sentimentos! Tantos os erros, quantos os diversos sentimentos!

Tomai o sentimento como vosso conductor, como regra de vossas acções, e vos vereis sem duvida collocado nos extremos ou de semente virtude, ou de semente erro, ou de coisa nenhuma.

Nada haverá então de criminoso que seja classificado como digno de castigo, porque uma violenta paixão foi o seu cúmplice, porque enfim assim nos ditou o sentimento. Nada haverá de virtuoso, que mereça premio, porque as boas acções são sempre productos de boas paixões.

Nada de virtude, nada de vicio, coisa nenhuma, porque o sentimento é uma paixão violenta que encobre o acto da liberdade, e todo acto involuntario não tem classificação, não tem merito nem demérito.

Eis como desaba a theoria do sentimento como meio de discernirmos a verdadeira religião.

Prodigiosa extravagancia! Esta theoria, offerecendo tantas opiniões sem fundamento, tantas crenças sem fé, tem sido o principio da queda de muitos homens aliiás illustres.

Concluamos, pois, que o sentimento não é o meio geral para descobrirmos a verdadeira religião. Excluído, portanto, como regra de nossa fé, vejamos se o raciocinio póde encher a lacuna que elle nos deixou.

(Continúa.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

## LITTERATURA.

## HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

(Continuação.)

## V

## HESPAÑHA.

O aprazível e romantico sólo da Hespanha, decantado por quase todos os auctores antigos e modernos, não podia d'algum modo deixar de elevar-se na poesia. Já quando Roma estendia por toda a face do mundo conhecido sua mão de ferro, muitos e famosos poetas lhe fornecera este paiz de encantos.

E porém para lamentar-se que, possuindo elle tantos poetas, e em quase todos notando-se genio, não conte uma litteratura robusta, como por exemplo a franceza. E qual a razão? por ventura o genio Hespanhol será inferior ao francez? Negamos. Então, onde a cauza? Acha-la-hemos n'esse desejo insaciavel de produzir que distingue os Hespanhoes.

Só Lope de Vega dizem que compozera 1800 peças theatraes, Calderon de la Barca perto de 1000, e outros á proporção; mas qual é a obra monumental que deixou Vega ou Calderon? Não conhecemos.

De uma vez fiquemos convictos da voracidade destes versos de Ferreira (*Carta XI livro D*):

«Do bom escrever, saber primeiro é fonte.  
Enriquece a memoria de doutrina  
Do que um canto, outro ensina, outro te conta.»

Além de conhecimentos bastantes, é necessario tambem não desperdiçar o talento em multiplicidade e variedade de produções, onde agulhas de genio ficarão sepultadas aqui e ali entre peripetias inadmissíveis: porém reunil-o para a composição de uma obra unica, mas immorredoura.

Não queremos dizer que só devamos produzir obras primas, porque além de absurdo, seria uma inconsequencia; não; assim como o condor antes de remontar-se até ás nuvens, ensaia-se primeiro em baixos vôos, assim aquelles que dedicam-se ás letras devem tambem ensaiar-se em pequenas composições. Tal fizeram sempre os grandes genios. Virgilio antes da *Eneida*, escreveu as *Bucolicas* e *Georgicas*; Milton antes do *Paraíso Perdido*, escreveu *Allegro* e *Pen*

*serozo*. Podessem estas observações encaminhar os nossos jovens compatriotas, e ficaríamos pago de nosso trabalho.

Continuemos dando noticia dos principaes poetas hespanhoes.

Alonso d'Ercilla nasceu em Berméo na Biscaya em 1525, e morreu em 1600. Soldado, n'uma expedição contra os Araucanos (nação selvagem no Chille) que se haviam revoltado, cobrio-se de glória; poeta, cantou essa expedição em um poema epico denominado *Araucana*, que, apezar de seos innumeraveis defeitos, Bouillet colloca ao lado da *Henriada*.

Lope de Vega, nasceu em Madrid em 1562 e falleceu em 1635.

Era d'uma fecundidade admiravel; como atraz deixamos dito, e entre suas obras theatraes primam—*La Esclava de su galan*, *El gran-Duque de Moscovia*, *El castigo sin venganza*, &c.

Calderon de la Barca nasceu em Madrid em 1600 e falleceu em 1681.

Como Lope de Vega, escreveu elle tambem para o theatro, e suas principaes peças, entre o numero prodigioso de que é auctor, são: *Heracles*, *o Principe constante*, *A vida é um sonho*, &c.

Manoel de Villegas nasceu em 1595, e falleceu em 1669. Compoz *poesias eroticas*, que ainda hoje são muito estimadas em sua patria.

Muitos outros poetas possuiu a Hespanha, que omitimos por amor á brevidade.

No seculo actual, porém, é impossivel deixar de mencionar Zorrilla, Espronceda e D. Luiz Rivera, poetas bafejados pelo sópro vivificador da Muza moderna, e que têm de novo chamado a attenção do mundo das ideias para a litteratura Hespanhola, quase despresada.

(Continúa.)

D. A. Martins Costa.

## VARIEDADES.

## CASAMENTO COM CUNHADAS.

Foi approvado ultimamente na camera dos communs de Inglaterra, em segunda leitura, o projecto de lei que declara legal o casamento de um viuvo com uma irmã da sua primeira mulher. Este projecto de lei tornou a soffrer forte opposição, e varios oradores atacaram-no expondo variadas considerações.

O exito era duvidoso, e ia talvez decidir-se contra quando se lança no debate Mr. Bright com a sua poderosa palavra. Depois de declarar que se se havia conservado em silencio fóra por não apparecer nenhuma objecção digna de refutar-se, desenvolveu em um brillante improviso o fundo physiologico, sentimental e legal da questão. Procedendo-se logo a votação, foi o bill approvado por 243 votos contra 144, com grandes applausos das senhoras que estavam nas tribunas.

## O CATHOLICISMO E AFFIRMATIVAS DE CASTELAR.

Lemos em uma carta de Paris:

«Enquanto em Hespanha é tão escandalosamente perseguida a Igreja, em outras partes ella floresce, como por exemplo nos Estados-Unidos, onde existem sete provincias ecclesiasticas, que abraçam 53 dioceses, 8 vicariatos apostolicos, tudo distribuido pela seguinte forma:

« Baltimore—11 dioceses e 2 vicariatos.

« Cincinnati—9 dioceses.

« Nouvelle Orleans—6 dioceses.

« New York—10 dioceses.

« Oregon—3 dioceses e 2 vicariatos.

« S. Luiz—11 dioceses e 4 vicariatos.

« S. Francisco—3 dioceses.

« O numero de sacerdotes é de 3,183, o de igrejas 3,483, capellas e oratorios 1,695, seminarios 74, escolas catholicas 1,404, conventos de homens 48, de mulheres 203, casas de orphãos 150 que sustentam 9000 orphãos, hospitaes 49, estabelecimentos de caridade 150.

« O numero de catholicos que no anno de 1808 só formava 1 por 68 protestantes, é hoje já de 1 para 6.

« Não ha duvida, pois, que aquella poderosa nação, terá em breve adquirido a unidade catholica. Dirão então os liberalissimos, que deve adoptar de novo a liberdade dos cultos para si, como em Hespanha haverá alguem descreido que fuja, á Castelar, do catholicismo?

« A' proposito deste infeliz protestante: o descredito em que cahio é grande, e não só cahio, no conceito do publico, do pedestal de orador a que quatro figuras rethoricas emprestadas o tinham elevado ante os cidadãos seus ouvintes, mas até ouço á pessoas de importancia litteraria, que o conhecerem na emigração, negar-he a condicção sequer, de mediocre instrucção. Para completar a sua ignorancia só lhe faltava des-catholisar-se, quando todos que sabem alguma coisa se convertem gostosamente á igreja, que é a verdade.»

## GRANDE DEVORADORA.

No archivo do hospital de Paris da Salpetrière, existe a assento que se refere á doente alli fallecida, por nome Anna Denise, onde se encontram notados os seguintes esclarecimentos, os quaes são dos mais notaveis, na historia dos grandes devoradores.

Desde os primeiros momentos da sua existencia, Anna Dionysia se tornou singular pela sua glotoneria. Desmamada, logo começou a comer mais que quatro creanças da sua idade. Aos dezoze annos comia dez kilogrammas de pão cada dia. Reconhecido que esta desuzada voracidade provinha de doença, por vezes ia a rapariga a Paris para entrar em tratamento, mas, em mais de uma d'essas occasiões foi presa, por entrar em padarias e d'ahi furtar pães, que devorava n'um instante.

Quando sahia do hospital, a fome não a perseguia tanto. Casou-se com um official de padeiro, porem o homem teve de repudiar a mulher, porque não podia de modo algum prover á sustentação d'ella.

Por ultimo deu entrada no hospital Salpetrière sob pretexto de ser epileptica, onde foi tratada polos doutores Esquirole e Amussat. Tinha então ella diversas especies de fome: a mais commun era satisfeita com seis a sete kilogrammas de alimento em cada vinte e quatro horas. A fome que lhe sobrevinha tres ou quatro vezes por mez, era combatida, comendo ella dezoze a quatorze kilogrammas de pão, em cada dia. A grande fome, que se lhe manifestou em cinco annos suc-

cessivos, a 9 de fevereiro, e uma vez em sexta-feira santa, é que foi cousa de espantar, e talvez caso senão unico, ao menos de rarissimo exemplo:—então a sua voracidade ia até a absorção de doze a vinte kilogrammas de alimentos.

Morreu envenenada, em resultado de ter comido *renunculos aeris*, quando fóra passear ao campo.

Na autopsia notaram os medicos que os musculos que fazem mover a queixada inferior estavam quasi inteiramente gastos.

Alguns instantes antes de morrer, Anna Dionysia, não podendo já comer pão, chamou uma criada do hospital para junto da cama onde jazia, e estando proxima a dar o ultimo suspiro, dizia:—«Já que o bom Deus não quer que eu coma, que ao menos eu tenha o prazer de ver outrem comer.»

## NOTICIAS.

## CHRONICA EXTERNA.

As datas de Assumpção alcançam a 30 do mez ultimo.

Nenhum feito de armas se havia dado. Antes de embrenhar-se nas serras, o exercito tratava de estabelecer em Parayú uma base segura de operações, regularmente alimentada e abastecida pela estrada de ferro de Assumpção. Para este effeito construíram-se ali trincheiras, que seriam artilhadas com 14 peças de grosso calibre, e dentro de cujo recinto deixasse o exercito toda a bagagem passada e as numerosas mulheres que o acompanhavam, ficando assim mais desembaraçado para as penosas marchas que teria de fazer por terreno frágil e coberto de matas. Para segurança da estrada de ferro convertiam-se as suas estações em postos fortificados.

Na lagoa Ipacaraby já havia uma lancha de vapor e varios escaleres armados. Para serviço da mesma estrada tinham chegado mais algumas locomotivas, com cujo auxilio facilmente se podiam abarrotar os armazéns que deviam supprir de viveres as tropas em operações.

Quanto ás forças do general Portinho, escrevem de Assumpção que apenas se sabia que no dia 16 ainda estavam ellas á margem do alto Paraná.

Na republica Argentina o presidente Sarmiento oppoz o seu voto a uma lei que removia de Buenos-Ayres a capital da Republica Argentina.

Segundo as folhas de Montevideo, que chegam a 7 do corrente, a vanguarda de Maximo Perez aprisionou ao general Caraballo toda a infantaria e artilharia, aquella composta de um piquete e esta de uma unica peça de campanha. As partes officiaes dizem que o general com a cavallaria que lhe restava offerecera capitular, e sendo-lhe enviadas as condições pediu 24 horas para responder. Acrescentam as partes officiaes que não havia duvida que Caraballo se submeteria ás condições, que salvando a dignidade do governo eram tambem honrosas para elle, e que, portanto, podia considerar-se concluida desta vez a guerra civil.

## CHRONICA URBANA.

Hontem, anniversario da adherencia do Maranhão á causa da independencia do Imperio, houve varios festejos patrióticos, que commemoraram tam grandioso acontecimento.

Celebrou-se na cathedral o *Te-Deum* do costume, á que assistiram as autoridades civis, ecclesiasticas, e militares.

O Senr. Bispo, por motivo grave de molestia, deixou de comparecer á essa solemnidade religiosa.

A sociedade patriótica, dos Anonymos, e a de 23 de Julho, solemnizaram dignamente o primeiro dia maranhense.

Maranhão—Typ. Perseverança—Impresso por Manoel Cactano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 3 de Agosto de 1869.

## CANCRO SOCIAL.

Sôbre as altas regiões dos destinos do imperio esvoaçam nuvens negras carregadas e ameaçadoras; ha ventanias que em torvelinho desatinado mudam de curso a cada momento; raios de uma luz mæsta cambaem de um modo sinistro; em summa, ha um movimento geral no paiz que espanta e aterra.

Quem estuda seriamente as idéas correntes de uma á outra extremidade do imperio, e desce depois á prática da vida activa, observa que todos nós estamos convictos de grandes perigos que nos ameaçam, porém rimos, e disfarçamos, como que temendo ter diante dos olhos a realidade triste.

Ha momentos em que todos se queixam, e ha momentos de indiferença.

Parece haver n'isto mysterio e luz.

É que o povo é sempre paciente; e o grito popular, que sempre no alteamento da onda revolucionaria insufla horrores injustiças, é comtudo pronunciado em razão dos desmandos dos que governam.

Cremos na bondade da Divina Providencia, que nos melhorará o estado actual dos negocios do imperio sem o tumulto popular.

Porém é necessario que os timoneiros do estado tomem mais a sério a attitudem em que se vão collocando as idéas, e movimentos sociaes.

O povo soffre com amor, porém n'um bom dia levedam-se todos os odios e arrebatam n'um bulcão estrepitoso.

Quem quizer conhecer a justiça destas reflexões, desça ás massas populares.

Mesmo as classes proletarias que, não ha muito, só tratavam de occultar-se com o terror do recrutamento, já se vão erguendo de modo bem pronunciado, e não é difficil o ouvir-se estas frases: *Isto é horrivel! Somente o povo é quem paga!*...

O paiz vai mal!...

É-nos summiamente doloroso, mas é forçoso dizer que isto é a pura realidade. Sobretudo a verdade—*Plato vera amicus, magis amica veritas*, diziam os antigos.

Os factos, realmente, que se dão entre nós são por demais proeminentes para serem calados ou disfarçados.

Um abismo se abre diante de nós.

O Imperio grita e appella para os timoneiros.

A patria, com os braços estendidos, implora uma centelha de patriotismo nos que governam.

Para que disfarçar? Para que contemplar e esconder o mal com o medo de passar por temerarios e exaltados? O mal não é de dois ou tres, é de todos nós. A eminencia dos cataclysmas sociaes não é cousa que pertença sómente aos sábios conhecer. Não; elles sentem-se também. E foi por isto que De Maistre disse: as mediocridades muitas vezes veem mais nos destinos de uma revolução que as grandes intelligencias politicas.

Não é mais necessario mysterios, nem rebucos: os governos que tem dirigido o paiz estão desmoralizados perante o povo brasileiro e o estrangeiro. Tudo se resume em uma farça de máo gosto; porque as infernaes gargalhadas e a mofa á custa dos interesses de um povo são sempre funestas.

Não digam que exageramos. Não; e até dê-nos pronunciar estas verdades.

Olhemos porém para essas mascaras tragicas que dizem ser livre eleição popular. O que significa esse escandalo?

Dizem que o voto é livre, entretanto ali estão as bayonetas favorecendo á um partido e espingardeando ao outro, sob o titulo de—*manter a ordem*. E tudo isto passa na melhor *ordem*, comtanto que as bayonetas sejam do partido do poder!...

Leia-se a nossa historia politica, e ver-se-ha que todo este grande movimento resume-se na unidade de interesses pessoases, engrandecimento de pessoa, a uma torpe declinação de *eu, tu e elle*.

Os programmas partidarios resumem-se n'um tirocio perpetuo de mesmeidades, de aggressões e promessas.

O partido decahido grita contra o que subio, denuncia-o ao povo como delator, barbaro, selvagem, depredador, &c.

Porem chegada a sua vez de predominio toma a mesma nota, governa com as mesmas leis, decretos, impostos e medidas, corroborando-as com additivos e explicações &c.

Tudo se reúne a uma torpe e alta hypocrisia. Os que descem cantam ou choram em *dó* e os que sobem respondem em *mi*.

Entretanto o povo se esvae no trabalho para multiplicar as rendas do Estado; e toda a riqueza dos cofres publicos emmagrentam em proveito de *alguns felizes*.

Que é dos creditos supplementares, das contribuições populares por occasião da questão anglo-brazileira?

Que das feitas durante esta infernal guerra que sustentamos? Que é de tudo isto reunido ás avultadissimas sommas que produzem as rendas do Imperio? Mysterio e sempre mysterio! O rio da Prata e a guerra com o Paraguay são capas sombrias para as harpias insaciaveis, entretanto, atravez dos buracos desse manto hypocrita, bem se divulga as torpezas e as mãos ennegrecidas pelo mais hediondo crime....

E o povo sempre é quem soffre e paga os desmandos: paga-o com o seu sangue nos cataclysmas e paga-o com o seu suor no trabalho rude.

E em paga de tanta generosidade e patriotismo popular atiram-nos á cara com um chuveiro de abusos como bem o escandalo do papel moeda que ora se recolhe, ora corre, ora perde de valor: atiram-nos os emprestimos estupendos feitos ao estrangeiro, cujos juros são superiores aos rendimentos disponiveis do do Estado. Isto tem qualificação possível?

A historia appresenta-nos os grandes homens que abrasados de amor pela prosperidade de sua patria assumiam as redeas do governo ricos e acabavam pobres, e os que eram d'antes pobres sahião pobrissimos.

Entre nós da-se o contrario. Com rarissimas excepções, quem sobe pobre ao poder desce riquissimo, e as vezes em poucos mezes!...

Estas verdades nem sempre agradam, e são taixadas de revolucionarias. Porém não importa. Muito bem dizia o Sr. F. Vianna: «ficando só, mas ficando com a nossa consciencia estamos satisfeitos.»

Não temos idéas revolucionarias, somos contra ellas; mas temos alta indignação de ver assim esmagados os nossos interesses nacionaes.

Quando todos os povos tratam do seu engrandecimento, nós que temos os mais bellos e ricos elementos de grandeza, definhamos e morremos no mais cruel estacionarismo, e isto por causa d'alguns homens sem consciencia e sem brios patrióticos.

Entretanto para que não digam que declamamos, havemos de solidificar as nossas queixas com argumentos e factos.

## POLITICA.

## A GUERRA DO PARAGUAY.

Nos ultimos dias do mez passado o Sr. Benites, representante de Lopez na Europa, esteve em Londres, e é provavel que ainda alli se ache. Na mesma occasião foi publicada no *Morning Star* a seguinte innocente carta:

« Os inimigos do Paraguay têm feito circular ultimamente boatos assustadores em relação ao general Mac Mahon, ministro americano no Paraguay. Pretendem elles que não se sabe com certeza qual o lugar onde se acha este cavalheiro, e procuram fazer o publico acreditar que jaz elle como prisioneiro no acampamento de López. Ao mesmo tempo dizem que receiam por sua vida. Todos estes boatos, todos estes sustos são destituídos de fundamento e não passam de uma astucia do governo brasileiro, afim de preparar o publico para o drama que se dispõe a representar no Paraguay. Em primeiro lugar os inimigos do Paraguay não podem ignorar qual o lugar em que se acha o general Mac Mahon, porque, segundo o almirante Davis, comandante da esquadra americana na America do Sul, o general escreveu em Janeiro ultimo ao marechal Caxias, então commandante em chefe do exercito aliado, pedindo-lhe que lhe fizesse chegar as mãos os despachos que para elle recibêra de Washington; mas o marechal não lhe deu resposta. Em segundo lugar, porque recearão elles pela vida do general Mac Mahon, se este se tem mostrado sempre tão amigo da causa paraguaya e tem acompanhado o presidente Lopez para toda a parte onde este tem estabelecido a sede de seu governo? Entretanto, se pensam realmente que o ministro americano, jaz como prisioneiro no acampamento paraguayo, porque razão interceptaram as communicações deste ministro com o seu governo? E teriam elles neste caso recusado ao capitão Hickland passagem para o campo paraguayo, afim de entregar ao general despachos de Washington, de que era elle portador? Certamente não. Se acreditassem no que espalliam, teriam pelo contrario fornecido ao mencionado capitão todos os meios de informar o seu governo e o publico em geral a respeito da demora forçada do general no Paraguay; mais em vez de assim procederem, os aliados fiseram o contrario. Os brasileiros desejam conservar por tanto tempo quanto for possível o general Mac Mahon sem communicações, afim de que possam espalhar boatos contrarios aos Paraguayos e de um modo vergonhoso, digmo unicamente do esclavagista Imperio do Brazil.»

Quasi ao mesmo tempo o *Morning Herald*, resumindo as noticias ultimamente trazidas pelo paquete francez e referindo-se á nomeação do conde d'Eu, para commandante em chefe das forças aliadas, observa que o joven príncipe leva consigo para a sua nova e importante esphera de acção o conhecimento pratico da guerra, a energia da mocidade e o maior desejo de distinguir-se no serviço do seu paiz adoptivo: bem como os outros membros de sua familia, o príncipe é intelligente e illustrado, valente e corajoso, zeloso cumpridor de seus deveres e saberá inspirar ás tropas que vai commandar confiança, não derivada unicamente de sua elevada posição, mas também da sua actividade pessoal e da sua reputação. Nem são estas as unicas vantagens resultantes da sua nomeação para o cargo de general em chefe; este acto augmentará as sympathias da Europa pela causa que elle defende, e será

mais uma garantia de que a guerra se ha de concluir sob as inspirações dos sentimentos de humanidade, de moderação e de justiça.

«Qualquer que seja a força de que Lopez possa ainda dispor nas montanhas onde se entrincheirou, não pode ella, temos disto hoje certeza, medir-se com a que avançava afim de dalli expelli-lo. A demora que tem havido, pode ter sido para elle, até certo ponto, de alguma utilidade, mas foi de certo muito mais útil para os aliados, que a empregaram em desenvolver no Paraguay sentimentos de hostilidade contra o seu despota, em tomar posse segura da sua capital, em remover do rio todos os obstáculos que se oppunham á livre navegação, e em consolidar e reforçar as forças aliadas para dar com mais certeza o combate final.

Desembarcando em Assumpção, o novo commandante em chefe nada encontrará ali que o obrigue a demorar-se, graças ao conselheiro Paranhos, e poderá caminhar immediatamente para a vanguarda do exercito, afim de dirigir a marcha contra Ascurra.»

## INDUSTRIA.

## A GRANDE FABRICA DE KRUPP.

Julgamos que será de bastante interesse para o leitor a seguinte breve noticia do celebre estabelecimento industrial de Friederich Krupp, que é por certo o mais notavel de todos quantos possui a Alemanha, e mesmo os outros paizes, ou para melhor dizer, a celebre e mysteriosa fabrica prussiana é a primeira e unica no seu genero.

Fica a grande fabrica na Prussia Rhonana, em Essen, a uma distancia de 12 leguas proximoamente de Colonia. Ainda no fim do seculo passado Essen era propriedade de uma abbadeessa. Desde 1815 pertence ao reino da prussia. Grandes fortunas se fiseram á custa da exploração das minas de carvão de pedra d'estas regiões.

Tem a actual fabrica de Essen um só proprietario que é Friederich Krupp.

Seu paé começou a fabricação do aço, mas com pouco successo; seu filho foi mais feliz; ao principio apenas com dois operarios, foi successivamente augmentando e desenvolvendo o enorme estabelecimento que occupa hoje mais de 200 hectares de superficie, dos quaes 32 se acham occupados por diversas construcções.

A especialidade do grande estabelecimento prussiano é a fabricação de objectos de aço. Em termo medio a produção annual do aço fundido em cadahe regula por 60 milhões de kilogrammas.

Para obter este resultado consome a fabrica prussiana diariamente um milhão de kilogrammas de carvão de pedra; além d'isso gasta o estabelecimento de Krupp muito carvão na produção do ferro que ha de ser convertido em aço.

É sabido que o ferro coado toma, pela fuzão em moldes, a forma que se quer; mas a maior pressão ou acção do martello não lhe pôde dar nova forma, qualquer que seja a temperatura a que se façam estas operações mechanicas; taes acções o quebrariam pela sua grande fragilidade. Possui o ferro coado uma certa porção de carvão que ordinariamente se avalia em 2 a 5 por 100. O ferro batido possui propriedades oppostas; é de difficil fuzão, mas é flexivel, ductil e tenaz; a temperatura rubra, pela acção do martello pôde dar-se-lhe as formas as mais variadas; pela laminagem reduz-se á folhas delgadas, e pela fileira se reduz a fios. Para um

dois fragmentos de ferro coado é preciso refundil-os novamente; pelo contrário, para soldar dois bocados de ferro forjado, não ha mais do que aquecel-os ao rubro branco, e comprimi-os um de encontro ao outro pela pressão e martellagem.

Vê-se pois que as propriedades do ferro coado não as possui o ferro forjado.

É o aço que veio resolver o problema da reunião de ambas as qualidades. O aço contém meio a 2 por 100 de carvão proximamente; enquanto a verdadeira composição chimica do aço ainda é um segredo para a sciencia. Mas a prática tem conseguido achar diversos methodos para fabricar o aço. Póde obter-se o aço despojando o ferro coado de parte do seu carvão, ou fundindo juntos o ferro com o carvão; variando as doses, variam as propriedades do aço obtido.

Na fabrica de Krupp o aço é geralmente obtido despojando, pela acção de uma elevada temperatura, o ferro coado de algum carvão. Este aço assim obtido é misturado em fragmentos com uma qualidade especial de ferro e introduzido em cadinhos; submettidos os cadinhos á acção de altas temperaturas, o ferro funde-se no aço e mistura-se com elle roubando-lhe algum carvão, e resulta desta operação o aço fundido. Os fornos são de tijolos escossezes altamente refractarios. Os cadinhos são feitos de uma mistura de bocados de velhos cadinhos, tijolos, barro refractario e graphite; são feitos mechanicamente; geralmente só servem uma vez.

Os fornos onde se introduzem os cadinhos para a fusão do aço acham-se dispostos ao longo das paredes de uma grande rua; cada um póde conter 4, 8, 12 e mais cadinhos.

Os moldes que devem receber o aço fundido estão dispostos em linha defronte dos fornos; de cada lado correm caminhos de ferro onde se movem guindastes á vapor. O molde communica com uma grande tina, e esta com canaes diversos que se dirigem aos diversos fornos. Quando o chefe que dirige o trabalho da fundição julga que o aço se acha no ponto de fusão desejado em todos os fornos, faz um signal, e ao mesmo tempo em cada forno os operarios abrem as portas das fornalhas, com ganchos de ferro levantam os cadinhos e suspendem cada um a uma barra levada aos hombros por dois homens; estes levam-nas para junto da abertura dos canaes que communicam com o molde; immediatamente outros operarios por meio de uns ganchos com anel os encostam e viram sobre os canaes vasando o liquido incandescente, que corre para a tina e d'esta para o molde.

Logo que um cadinho se vasou é lançado em um subterrâneo; os ganchos, mettidos em agua; todo o solo fica desobstruido. A tina que recebe o aço fundido regularisa a sua entrada no molde. Esta tina, canaes e molde são de ferro, revestidos interiormente de barro refractario. No fim de alguns minutos um molde contendo 40:000 ou 50:000 kilogrammas de aço fundido está cheio.

No fim de duas ou tres horas o aço solidifica completamente e não adhere ao molde; o guindaste a vapor pega no molde e leva-o, e em seguida toma o objecto de aço e leva-o do mesmo modo para as officinas onde deve ser trabalhado. Quando as massas do aço fundido tem que esperar algum tempo antes de serem forjadas, são conservadas envolvidas por pequenas paredes de tijolo onde se contém brazas, que assim lhes conservam uma temperatura superior a 200 ou 300°.

A industria do aço acha-se mais adiantada em Allemanha do que nas outras nações. O pasmo foi grande quando na exposição universal de Londres em 1851 appareceu uma massa de aço fundido de 2:250 kilogrammas, exposta por F. Krupp.

A existencia de uma tal massa de aço fundido provava com effeito a possibili-

dade de empregar esta substancia na fabricação de grandes peças de machinas e na artilharia. Desde então as dimensões dos objectos que se podem fazer de aço fundido não estão dependentes senão da grandeza e numero dos fornos de fundição do aço.

Quanto aos limites a que isto tem chegado, só diremos que Krupp apresentou na exposição de 1862 uma massa de aço fundido de 23:500 kilogrammas, e na exposição de 1866 a maça de aço fundido exposta pela grande fabrica de Essen pezava 40:000 kilogrammas; tinham sido empregados para moldar esta massa 1:500 cadinhos. Como dissemos, era destinada á fabricação de uma arvore para a helice de um grande navio á vapor.

Não só a operação da fusão e moldagem de enormes quantidades de aço é feita no estabelecimento de Krupp, de um modo admiravel, que tem rodeado a pequena villa industrial de Essen de toda a especie de lendas, mas as operações mechanicas, que as grandes massas de aço fundido têm de soffrer para com ellas se fabricarem as enormes peças de artilheria, as colossaes bielles e arvores de machinas de vapor, &c., têm dado origem a muitos contos sobre os meios extranaturaes de execução, dando lugar a muitas fabulas, para que têm concorrido tambem as difficuldades que ha a vencer para penetrar no seu recinto. Tudo isto enfim tem causado nas pessoas entendidas uma certa indecisão, inquietação e duvidas sobre os possantes meios de que dispõe o celebre estabelecimento prussiano.

Dir-se-ia que n'esta região das margens do Rheno, tão cheia de lendas e romances de outras épocas, a grande industria da pequena cidade de Essen ainda com as suas maravilhas metallurgicas e mechanicas veio juntar novas lendas ás antigas tradições.

O facto é que tudo que é possível obter de uma simples massa de aço fundido por meio de diversas operações mechanicas, realisadas com as mais possantes machinas de forjar, tórnear, alizar, furar, cortar, &c., é feito por Krupp de um modo verdadeiramente excepcional.

Para forjar tão enormes massas de aço fundido os martellos ordinarios a vapor seriam completamente insufficientes.

Foi preciso que F. Krupp expressamente fizesse construir um enorme martello cuja cabeça peza 50:000 kilogrammas, para que fosse possível forjar as grandes peças ultimamente fabricadas na grande fabrica de Essen. Muitos têm duvidado da existencia d'este grande utensilio do trabalho. Os maiores martellos a vapor uzados nas officinas inglezas têm de pezo 20:000 kilogrammas; o grande martello da fabrica de Creusot peza 15:000 kilogrammas; o da fabrica de Petin e Gaudet peza 10:000 kilogrammas. Julgamos ser pois de bastante interesse o descrever aqui o fabuloso martello a vapor da fabrica de Krupp.

A baze onde assenta o martello compõe-se de um profundo alicerce de cantaria; sobre este assenta um segundo formado de fortes carvalhos do famoso bosquê de Teutbourg; sobre este assenta um terceiro leito formado de cylindros de ferro fundidos em seguimentos e fortemente ligados entre si. É sobre esta forte baze que assenta a bigorna. De cada lado da bigorna, a tres metros de distancia e sobre a mesma baze, elevam-se quatro columnas ôcas de ferro fundido curvas superiormente, as quaes formam um portico de cinco metros de elevação, em cima do qual ha a armadura que sustém e dirige a haste do martello.

Exteriormente sobre outros alicerces elevam-se outras columnas de ferro que sustêm grandes travessas sobre as quaes é fixado o cylindro de vapor, cujo pistão sustenta e levanta o martello. Com esta disposição os choques do martello e as vibrações que d'ahi resultam não se

communicam directamente á machina do vapor.

A cabeça do martello é feita de aço fundido coberto no momento de moldagem por ferro fundido, que pelo esfriamento se une intimamente ao aço. A bigorna é movel, para se poder substituir por outra em caso de accidente. Empregam-se diferentes bigornas segundo as peças a forjar. Eis as principaes dimensões authenticas do legendario martello a vapor:

Diametro do cylindro de vapor.....	1,80 m.
Curso ou queda do martello.....	3
Distancia entre as columnas que sustentam o martello.....	7
Comprimento da cabeça do martello....	3,70
Largura da mesma.....	1,59
Epessura da mesma.....	1,25
Pezo da mesma—50:000 kilogrammas.	

Nos quatro cantos da possante machina que descrevemos ha quatro guindastes á vapor, podendo elevar 1:000 kilogrammas cada um; por detraz d'elles ha quatro fornos cujo lar é movel. Uma locomotiva traz da respectiva officina a peça a forjar; um dos guindastes pega nella e fal-a entrar em um dos fornos; quando se acha ao rubro desejado, um molinete a puxa para fóra; um guindaste a levanta e a conduz á bigorna; chegando aqui um molinete especial a colloca sobre a bigorna na posição desejada; o grande martello, ás ordens do mestre que dirige a operação, desce docemente a beijar a peça na parte onde se quer que bata, como para lhe indicar bem o lugar; immediatamente começa a bater incessantemente, e as suas vibrações ao longe se fazem ouvir. Custou o grande martello mais de 400:000\$000.

(Continúa.)

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### BREJO DOS ANAPURUS.

(Continuação)

VILLA.—«O lugar de N. S. da Conceição do Brejo dos Anapurus o achei mui pouco adiantado e por isso lhe puz novo director. São estes indios excellentes soldados e a maior parte d'elles andaram em toda a guerra na capitania do Piahy. As terras produzem bem todos os effeitos, porem não ha ali genero algum de commercio, e veremos o que faz o novo director, que parece capaz de dar algum adiantamento áquella povoação.

«Deixei-lhe uma olaria estabelecida de que necessitavam pela não haver por todos aquelles arredores, e só com a dita olaria poderá ter aquella povoação muito bom rendimento.» (Conta á sua magestade pela secretaria de estado da visita que fez o governador Joaquim de Mello e Povoas á esta capitania no anno de 1767.)

Depois que pela prov. regia de 29 de janeiro de 1820, o capitão General Bernardo da Silveira Pinto criou a villa de S. Bernardo em 20 de dezembro de 1821, principiou esta freguezia a florescer mais, entregue para assim dizer aos seus proprios recursos.

Dista da capital 56 legoas, e de margem esquerda do Parnahiba 1 1/2 legoa, offerecendo no lugar chamado *Repartição* um bom porto para embarque de generos, principalmente hoje com os vapores da companhia fluvial do Piahy, que tocam n'este lugar.

Limita-se ao Norte, como freguesia com a de S. Bernardo, a Leste com o rio Parnahiba, a Sul com a freguesia de Sant'Anna do Burity, e a Oeste com a Chapadinha.

O recinto onde está fundada a villa

é cercado por uma orla de montanhas entre as quaes destingue se o *alto da carneira*, em que está edificada a capella de Santo Antonio.

Esta montanha é bastante alta e tem no seu cume uma vasta explanada, onde se podem construir importantes edificios.

D'ahi observa se um magnifico panorama olhando-se ao longe, porem abaixando-se os olhos, vê-se a villa como que sepultada n'um fosso deixando apenas vêr o telhado de suas casas.

E' atravessada a villa de Sul á Norte por uma *lagôa*, como imprprioamente lhe chamam, pois só em tempos mui remotos lhe convinha este nome: actualmente é um riacho, que com o augmento da população desaparecerá inteiramente: de Oeste a Norte pelo denominadô *riacho de Santa Anna*, que se vae reunir á lagoa no sitio chamado *Ingarana*, que offerece excellentes banhos, e depois de receberem varios regatos lançam se no rio Parnahiba junto ao *porto da Repartição*.

Na *rua de Santa Anna* existe uma ponte sobre a lagôa, feita á expensas da Camara Municipal.

Na *rua das Areias*, encontram-se circulos de matos os paredões da cadeia que com grandes proporções ahi intentaram fazer.

A edificação em geral é boa, o clima sadio, e o terreno productivo. Mantem muito commercio entre as cidades da Parnahiba e Theresina.

Encontram se ahi muitas plantas medicinaes, como sejam ipecacuanha, fedegoso, paulista, herva cedreira, & fructas em tal abundancia, que chega até para exportarem-se com destino as duas cidades ultimamente referidas; e muitas qualidades de madeira proprias para construção de casas e marcenaria.

Na villa residem as auctoridades da comarca.

A sua matriz acha-se muito deteriorada, e a irmandade de N. S. do Rosario, composta em sua maioria de pretos está levantando á sua custa uma pequena Igreja votada a Senhora de sua particular devoção.

E' a parada do batalhão d'infantaria n.º 32, da secção do batalhão n.º 7 da reserva, e d'um commando superior da guarda nacional.

Tem um districto de paz, uma delegacia e subdelegacia de policia, uma collectoria de rendas gerais e provinciaes, uma agencia do correio, um commissario vaccinador, um delegado de instrucção publica, duas cadeiras publicas de instrucção primaria para ambos os sexos, e uma particular para meninas.

Já teve uma cadeira de grammatica da lingua latina, que foi extincta quando pedio a sua aposentadoria o respectivo professor o major Antonio Luiz de Lavor Paes, a qual lhe foi concedida em virtude da lei provincial n.º 529 de 30 de julho de 1859, que auctorizou o governo a aposentar com o ordenado correspondente ao tempo os professores de latim das cidades e villas do interior.

Possue varias casas de commercio e alguns artistas de diversas profissões.

Pela lei prov. n.º 158 de 20 de outubro de 1843, foi a comarca do Brejo dividida em dois termos—Brejo e Tutuia.

A industria do municipio limita-se ao fabrico do assucar e agoardente, criação de gado vaccum e cavallar, à plantação de algodão, cuja exportação annual é para cima de duas mil saccas, da mamona, arroz, milho, e ao fabrico de farinha, e do azeite de carrapato, que tambem exporta para as cidades da Parnahiba e da Thezina.

Avalia-se a sua criação de gado em 5:000 cabeças.

A sua colheita annual compõe-se, calculo aproximado, 1.100 saccas d'algodão, 29:000 alqueires d'arroz, 44:000 de farinha, 36:000 de milho, 950 quartas de feijão, 2:100 de tapioca ou gomma, 4:300 arrobas d'assucar, 400 arrobas de fumo, 140 pipas de agoardente, 5:000 frascos de azeite de côco, e 2:100 de azeite de carrapato etc. etc.

O numero de seus habitantes é de 8:000, sendo livres perto de 5:000.

**Povoados.**—Do lado do Norte à meia legua de distancia está o *riacho do meio*, notavel pela quantidade de sabão, que ali se fabrica, alem de produzir muita canna de assucar.

**O porto da Repartição.** E' tambem crescido. Ali tem os negociantes seus armazens para recolher os generos de embarque e desembarque.

E' pouco sadio, mui principalmente nas vasantes do rio Parnahiba por causa das sesões.

**Mocambo.**—Distante 20 leguas da villa para o lado do noroeste.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 6 DE JULHO DE 1869.

O Sr. **SARAIVA** observa que o voto de graças pôde induzir o paiz a crer que nos achamos no melhor dos mundos possíveis. Esta seguridade não o surpreende; desde que o nobre presidente do conselho apresentou a camara o seu programma, viu o orador que a politica ministerial era imprudente e imprevidente, e concebeu que S. Ex. não olhava senão para o passado; não queria absolutamente olhar para o futuro.

Foi por isso que o nobre presidente do conselho veio dizer com admiravel simplicidade que nossas leis são as melhores e apenas precisam de retoque; que todo o nosso mal vem dos homens e não das leis de compressão, essas leis de partido que tornaram-se leis do governo. Suppunha-se S. Ex. tão forte que podia domar, neutralisar todos os effeitos dessas leis, que têm causado a desgraça de todos os partidos, até daquelles que as fizeram para sua segurança, porisso que as leis de partido converteram-se em leis de governo, e todos os partidos quando estão no poder as empregam contra seus adversarios.

Se o nobre presidente do conselho fosse previdente, veria que ainda em nem um paiz pôde o systema constitucional representativo firmar-se, crescer, sem a liberdade do voto, e que esta ainda não existe no Brazil. E o discurso de honra do nobre ministro da marinha, como lhe disse logo o orador, provou que todos estão concordes em que não temos liberdade de voto, e, portanto, demonstrou a necessidade de reformas.

Comeffeito, na primeira parte do seu discurso o nobre ministro reproduziu

trechos de discursos do nobre senador pelo Ceará, discursos da opposição que se intitulava historica, para mostrar que essa opposição, feita a uma parte do partido liberal, sustentava nas camaras que as eleições não eram feitas livremente, e reinava a violencia em toda parte. Ora, o que significa isto? que todos os partidos reconhecem e confessam que essas leis de compressão, essas leis de partido que temos nullificam completamente a liberdade do voto.

E pergunta aos seus adversarios que estão com fe: «Não estais convencidos de que se o imperador dêr hoje o poder aos liberaes e estes quizerem fazer uma camara unanime não de fazê-la até sem o auxilio dos meios que os conservadores empregaram?» (*Apoiados.*)

(*Ha alguns aparies.*)

Não está accusando o partido conservador, quer que as lições da experiencia aproveitem a todos. Não é o homem de partido que falla, é um Brasileiro que se receia do futuro e que pede ao actual ministerio que seja governo do paiz e não de um partido.

O nobre ministro da marinha, que ha um anno assignalava estes mesmos perigos, não poderá contestar que amanhão o partido liberal, tendo á sua disposição os meios que proporcionam essas leis de compressão, fará uma camara unanime.

E' facto incontestavel e reconhecido por todos os partidos que, sob o dominio da legislação actual, absolutamente não ha liberdade de voto. (*Apoiados.*)

O Sr. **DANTAS**:—Precisa-se da moralidade tambem.

O Sr. **SARAIVA** responde a este aparte, que contém o mesmo principio formulado no programma do nobre presidente do conselho, isto é, que as leis são muito boas e os homens a causa de todo nosso mal. Mas a verdade é o contrario disto: as leis são pessimas; os homens tem sido máos por causa dellas. Esta verdade serve para resalvar a honra de todos os partidos.

Porque havemos de ser máos! Temos interesse em sê-lo? Daqui a pouco, analysando a administração do nobre senador pela Bahia, mostrará que S. Ex. foi máo sem querer, fez uma presidencia detestavel, quando outr'ora havia feito uma boa administração. E isso porque? Pelo defeito da legislação e pela má organização dos partidos, e porque não pôde conter os seus agentes. Não quer fazer criminações, deseja que sua voz sirva para que todos marchemos a um fim, que é a liberdade da eleição.

A falta da liberdade da eleição é que complica todas as nossas questões. Infiltra n'um corpo sangue vicioso e vereis o apparecimento de dezenas de molestias, cada qual parecendo ter uma origem diversa, mas tendo todas aliás a mesma origem: o sangue vicioso.

E' assim que da falta de liberdade de voto vêm essas excrecências do nosso systema de governo: os pilotos que começam apenas a navegar acreditam que as causas são diversas: mas é uma só; é a falta da liberdade eleitoral.

Assignalou em primeiro lugar esta causa; mostrou que todos os partidos estavam concordes que não ha, nem pode haver liberdade eleitoral com o actual systema de eleição. Passa agora a uma questão importante, hontem ventilada pelo nobre ministro da marinha, e que serve de thema para que os liberaes sejam chamados revolucionarios; a questão do poder moderador.

O nobre ministro, que o anno passado contestava á corôa até o direito de dar uma caixa de rapé aos frades bentos (*hilaridade*) pelo acto mais patriótico que elles tem praticado neste seculo, vem contestar a doutrina fazoavel, constantemente defendida pelo nobre ex-presidente do conselho, doutrina a mais legítima que reina em Inglaterra e em toda parte, e não pode deixar de reinar sem que o poder pessoal levante-se sobre as ruínas das liberdades publicas.

Que doutrina é essa? O orador a toma na sua formula mais simples, mais

revolucionaria, a formula de Thiers:—o rei reina, não governa.

O que significa esta doutrina? que nem um acto do poder real, nenhum acto do rei pôde ser expedido sem que o ministerio o queira: se o ministerio não quizer, não o executa, retira-se do poder. E' a doutrina que prevalece na Inglaterra, é a doutrina reconhecida verdadeira por Benjamin Constant, autor do poder real, mestre dessa parte da constituição que chama-se poder moderador.

Dizia Benjamin Constant que com a liberdade da eleição o rei nunca pode fazer mal; affirmava que a questão do poder real, do poder moderador, não tinha valor, não tinha importancia alguma, sem a liberdade da eleição.

Sem a liberdade da eleição, dizia elle, tomai contra o poder real todas as precauções; serão inúteis. Lerá o trecho em que este escriptor explica perfeitamente seu pensamento: «Se quereis conservar ao mesmo tempo a monarchia e a liberdade, lutai com coragem contra os ministros. No principio poupai o homem, honrando a monarchia. Não o suspeiteis de erros que a constituição vos ordena que ignoreis. E notai que, se formos uma nação que goze de eleição livre, os erros do monarcha nunca são perigosos. E se não tivermos liberdade eleitoral todas as nossas precauções constitucionaes serão inúteis e jámais poderemos empregar os meios constitucionaes de que dispuzermos.»

Eis a chave da questão. Dai-nos a liberdade eleitoral, acabei com as leis de compressão, e não importa que o poder moderador fique com todas as suas attribuições, porque não pôde fazer mal. Conservai as leis de compressão, tirai-nos a liberdade eleitoral que já tivemos e não temos hoje, não ha precaução que seja util contra o poder do rei, contra o poder moderador.

E dahi vem a divergencia em que o orador está agora com o nobre ministro da marinha. S. Ex. disse anteriormente: «No systema actual, no systema de eleições livres (porque só agora é que S. Ex. acha que tinhamos liberdade de eleição), o poder moderador deve existir.» Mas agora argumenta-se com a falta de liberdade eleitoral: chegou, portanto, o caso das precauções inúteis. Não temos liberdade eleitoral: o que é, pois, o rei no meio de nós, sem que tenhamos liberdade eleitoral, sem poder para corrigir seus erros, para demonstrar que somos victimas de um erro ou de qualquer outra coisa que com isso se assemelhe? «O imperador, diz Benjamin Constant, nunca pôde querer o mal do paiz.»

Agora pergunta: o que somos, que papel representamos em face do poder moderador, sem liberdade eleitoral? Por mais que lhe custe, não terá remedio senão dizer isto, porque o nobre ministro chamou de revolucionaria a carta do orador. Repete ao senado o que disse fóra e S. Ex. trouxe para aqui: «Sem liberdade de eleições, como está organizado o poder moderador, vivemos sob o regimen absoluto.»

E note-se que de todos os specimens de governos absolutos o nosso é o mais deploravel, o menos util que pôde haver no mundo; porque o imperador, se tem o direito de mudar as situações, de chamar por sua vez este ou aquelle partido para governar, não tem (infelizmente) o direito que têm os monarchas absolutos da Europa: o de conter os desmandos dos seus ministros.

Mudada uma situação, elle fica inhibido de tornar a mudá-la no dia seguinte, embora veja com dôr as violencias succederem-se ás violencias, as fraudes succederem-se ás fraudes. Elle pôde tudo em um dia; pouco pôde no dia seguinte. Pôde lançar fóra os homens de um partido, e chamar os de outro; mas não pôde defender a ninguém contra as violencias dos seus ministros. E' por isso que o orador dizia que o papel de rei absoluto, que a ausencia de liberdade eleitoral deu ao imperador, é o papel mais detestavel que se possa imaginar.

Comprehende que o patriotismo que possui, com o elevado sentimento que tem da honra nacional e dos interesses do paiz, viva muito amargurado e lamentamente muitas vezes a falta de liberdade de voto.

O Sr. **BARÃO DE COTEGIPE**:—A discussão vai-se encaminhando para um ponto que não é muito parlamentar.

O Sr. **SARAIVA** entende que a verdade é a cousa mais parlamentar que ha no mundo.

O imperador, que pôde tudo, quando se trata de uma mudança, escolhidos os novos dominadores, não pôde nada; não pôde defender-nos contra as violencias de seus ministros, porque se elle pudesse havia de defender-nos.

Portanto, qual é o interesse do rei? qual é o interesse dos partidos? qual é o interesse de todos nós? Que haja liberdade eleitoral.

Eis porque o orador assignalou a imprevidencia do nobre presidente do conselho. Chorava na opposição as desgraças do paiz, lamentava que tudo fosse máo mas não via que todas as nossas desgraças estavam na falta de liberdade de voto.

E ainda hoje os ministros querem transformar sua imprudencia em um crime para seus adversarios. Vêm seguramente diante de si (em prazo mais ou menos longo) a revolução; e, em lugar de tomar precauções contra ella, o que fazem? Accusão seus adversarios de revolucionarios, porque denunciaram ao paiz as causas que não de trazer a revolução!

Mas o que enxergão os nobres ministros de revolucionario no programma que os liberaes apresentarão? Esta é desejada por um dos mais imparciaes membros do senado; pelo nobre senador das Alagoas. (*Apoiado do Sr. Dantas.*) E' desejada por muitos conservadores, sinceramente dispostos a restaurar as liberdades no systema constitucional: esta abolição está na consciencia de todos. (*Apoiados.*) Por consequência, que caracter de revolucionaria tem semelhante reforma?

Qual é a outra reforma do programma liberal? A eleição directa. O programma é ainda muito modesto; quer apenas um ensaio; entretanto é medida revolucionaria! Mas não considerão os que assim a denominam que na sessão do anno passado ella já foi proposta na camara dos deputados por membros das diversas parcialidades, inclusive alguns conservadores?

O Sr. **BARÃO DE COTEGIPE**:—Por exemplo, o actual Sr. ministro do imperio.

O Sr. **SARAIVA**:—Qual é o outro ponto do programma? A revogação ou reforma da lei de 3 de Dezembro. Ha muito tempo que nossos estadistas apregoam a necessidade de separar-se a justiça da policia, idéa que constitue o principio capital dessa lei. Assim que, o proprio partido conservador já tem reconhecido que a lei de 3 de Dezembro pode ser-nos fatal, e que, nas circumstancias do paiz, é preciso tirar della tudo quanto foi inserido para o triumpho de um partido, deixando somente o que pôde servir para o andamento da justiça.

Por consequência, a reforma da lei de 3 de Dezembro não é medida revolucionaria.

Tambem é do programma a emancipação do elemento servil. Quem contesta que todos concordam, no Brazil, em que cumpre procurar e achar os meios de realizar esta idéa? (*Apoiados.*) Pelo amor de Deos! não se diga que no imperio ainda ha algum partido que não quer a liberdade de todos quantos aqui nascerem! (*Apoiados.*) Não se deshonre o paiz, dizendo que ainda ha nelle quem sustente a escravidão! O mundo civilizado nos aborrece por causa de escravidão: se a preposito da guerra do Paraguay tomou o partido de Lopez contra nós, foi somente porque considera o Brazil um paiz escravocrata. (*Muito bem.*) Nesta guerra foi o imperio julgado da maneira mais deploravel por toda a Eu-

ropa, só porque tínhamos a escravidão (apoiados) e López não a tinha....

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE.— Oh! se tinha!

O Sr. SARAIVA.—Livrai, portanto, o Brasil de uma deshonra que tanto o faz descer no catalogo das nações civilizadas, levando-o ao ultimo lugar.

Querem saber o odio que, no mundo, todos os homens illustrados e liberaes nos votam? Temos a mais completa liberdade de imprensa; pois bem: quando em França argumentava-se contra o regimen napoleónico por falta de liberdade de imprensa, apontava-se o exemplo desta nos paizes que seguem o regimen liberal; mas ninguém fallava no Brasil: todos têm medo de dizer que o imperio escravocrata goza de uma liberdade que muitas outras nações não possuem.

Esse desprezo com que somos tratados aconselha-nos toda attenção para tão importante e grave questão. (Apoiado.)

Demais a escravidão influe directamente na solução de todas as nossas questões industriaes. Não teremos colonos enquanto o escravo concorrer com o homem livre: não teremos igualdade politica, e, portanto, verdadeira liberdade, enquanto nós outros, proprietarios de escravos, tivermos adquirido desde o berço todos os defeitos que a escravidão gera nos senhores: orgulho extraordinario, vaidade sem limites.

Assim, vê-se que as reformas assignaladas pelo partido liberal em qualquer outro paiz não mereceriam o nome de liberaes. Na Inglaterra quem pedisse reformas tão modestas teria talvez o nome de tory. Entretanto, tal é a nossa desgraça, tal o atraso das idéas livres no Brasil, que o partido que indica as únicas reformas capazes de salvar a monarchia e a riqueza do Brasil, em vez de ser chamado conservador e não liberal, é até chamado revolucionario!

(Continúa.)

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

#### V

(Continuação.)

#### PORTUGAL.

A lingua portugueza filha da latina, é como sua mãe uma das mais bellas para todo o genero de litteratura, e especialmente para a poesia.

Sendo porem tão adaptada a todos os estylos poeticos, não deixa contudo de possuir, como mostra o Senr. Sotero dos Reis, (*Postillas de Grammatica Geral, terceira parte, Secção IV.*) «qualidades que lhe são contrarias, como a sua multiplicidade de proposições incidentes, as suas invariaveis terminações em, s, no plural dos nomes, as suas igualmente invariaveis terminações em, r, no infinito dos verbos, e as suas desagradaveis terminações em, ao, quando a ellas se seguem palavras, cuja primeira syllaba começa por vogal.»

Mas, poderá haver uma lingua indefectivel? Responda por nós o abortamento da colossal idéa de Leibnitz para esse fim, quando teve em vista o estabelecimento d'uma linguagem universal. Tratemos agora de sua origem. A lingua dos aborigenes da península Iberica era a Celtica; porem pela conquista dos Romanos passou o latim a ser lingua geral. Nas cidades o latim puro, não só por ser ali o lugar onde permaneciam as legiões Romanas, como porque os magistrados empregavam-no em todos os documentos publicos e actos officiaes. Nos campos, a lingua Celtica corrompendo-se, pela communicação dos inculas com os habitantes das cidades, deu lugar a uma mescla Celto-latina, que pela continuação foi substituida pelo latim rude fallado em diversas partes da Italia. Uma differença apenas havia entre o latim uzado pela plebe Italiana, e o da Iberia, era a existencia n'este de varias expressões celticas; como também

no portuguez actualmente fallado no Brazil, existem muitos termos indigenas desconhecidos completamente em Portugal.

N'esta observação está a morte da questão levantada por esses que achando no portuguez actual algumas palavras de origem celtica, querem por essa unica razão encontrar ali o fundamento de nossa lingua. Quando os barbaros invadindo a Europa, fizeram baquear o Imperio Romano do Occidente, toda a península foi occupada pelos godos, que, misturando sua linguagem com o latim, formaram a lingua denominada Romance ou latim barbarisado, d'onde procede o portuguez. Firmamos nossa opinião com o juizo de Garret: (*not. d'Adozinda.*) «Estou inclinado a crer que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico fallado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quase latina é o commun tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonéz que não passou da infancia, do Portuguez e Castelhano que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circunstancias politicas e topographicas annullaram.»

Eis também pelas palavras de Garret, perfeitamente explicado o phenomeno, que alguns tomavam como prova de origem não latina do portuguez; isto é, que quanto mais elle se aperfeiçoa, tanto mais se approxima da pura latinidade. Isto fica patente logo que soubermos que elle se deriva não do latim puro, porque então tenderia a afastar-se de seu tronco e tornar-se-hia de similhante; mas do latim barbarisado ou lingua Romance, o que esclarece a questão.

Quanto á variedade de origens etymologicas que encontra-se em nossa lingua, explicaremos-a pela seguinte passagem de Roquette (*Diccionario dos Synonimos, Introdução*):

«Não é somente do latim que o Portuguez se deriva; muitas outras linguas concorreram para a sua formação. Phenícios e Gregos formaram colonias na Península Iberica, e deixaram n'ella vestígios de sua linguagem. Povos do norte de diferentes raças estabeleceram n'esta vasta região seu dominio, introduziram suas leis e sua forma de escriptura. Vieram depois os Arabes, e não menos poderosos que os precedentes, ali impuseram sua autoridade e fiseram soar entre os Lusitanos sua barbara linguagem. Se a isto juntarmos o contacto dos portuguezes com os povos vizinhos, Castelhãos, Leonizes e Gallegos; a vinda de colonias de muitos estrangeiros, Francezes, Inglezes, Flamengos que desde Affonso Henriques até Affonso III se estabeleceram em Portugal; o grande numero de Judeos que até D. Manoel cultivavam entre nós as letras e as artes, e se davam ao commercio interno; as relações litterarias com os Italianos e Francezes; e a multiplicidade de nações africanas, indiatias, e americanas de tão diferentes linguas e costumes com quem nossas navegações nos puseram em relação; diremos sem receio de errar, que não ha talvez nação nenhuma na Europa que apresente em sua lingua tanta variedade de origem como a nossa.»

Temos dicto bastante a respeito á lingua, fallemos agora dos poetas.

Preludiemos por Ferreira, auctor da tragedia *Ignês de Castro*, e de diversas poesias lyricas e didacticas.

Nasceu elle na cidade de Lisboa em 1528, e falleceu na mesma cidade em 1569. E' este o juizo que d'elle forma o Senr. Sotero dos Reis: (*Curso de Litteratura, tom II.*) «Quer como poeta, quer como classico é Antonio Ferreira escriptor de grande e incontestavel mérito. Como poeta foi o que até o seu tempo soube com mais felicidade imitar os poetas latinos, merecendo por isso o nome de Horacio Portuguez, o auctor de uma das primeiras tragedias regulares que appareceram na Europa depois

da restauração das letras, e o unico de nossos antigos poetas que não escreveu um só verso em castelhano; como classico, um dos que mais enriqueceu a lingua com modos de dizer apropriados, e mais concorreu para a sua perfeição, se exceptuarmos a Camões, que a fixou pelo seu genio.»

Luiz de Camões, o principe dos poetas portuguezes, nasceu em Lisboa em 1517; foi soldado, e como tal perdeu um olho em Ceuta; e falleceu em miseria extrema em 1579.

Sua corôa de gloria é os *Lusiadas*, poema em dez cantos, composto em Macau, e dizem que unico objecto salvo a nado do naufragio que soffreu, quando d'essa cidade voltava para a India.

«Camões, diz Baillet, *est le Virgile Portugais, admirable dans l'art de peindre les objects phantastiques.* Como não queremos fazer uma critica detalhada dos poetas portuguezes, porque julgamos os nossos leitores não só bastante versados no estudo d'elles, como também por já ter o nosso distincto comprouvicianno o Senr. Sotero dos Reis derramado bastante luz sobre este assumpto no seu estimavel *Curso de Litteratura*, contentamos-nos em transcrever o seguinte soneto por Tasso dirigido á Camões, e traduzido pelo Senr. J. Ramos Coelho:

«Gama audaz e feliz que o mar sulcasto  
Por ver o berço d'onde o sol nasceia,  
E, affrontando outra vez a equorcia via,  
A praia em que elle morre enfim tornaste.

Mais das ondas a furia exprimentaste  
Do que Ulysses, entregue á sorte impia,  
Mais que Eneas assumpto a poesia  
Na tua grande empreza, tu legaste

Mas ora de Camões a tuba soa  
Tanto em seu alto brado glorioso,  
Que inda mais longe que os teos lenhos voa,

E as nações o teu nome já famoso,  
Leva, cingindo de perpetua corôa  
No seu canto sublime e sonoro.»

Vasco Mousinho de Quevedo, cuja epoca de nascimento e morte ignora-se, era natural de Setubal, e formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Compoz o *Affonso Africano*, poema epico em doze cantos, onde encontram-se episodios bellissimos.

O visconde d'Almeida Garret colloca-o logo abaixo de Camões, considerando-o superior ao auctor da *Ulysséa*.

Gabriel Pereira de Castro nasceu a 7 de Fevereiro de 1571, e falleceu a 18 de Outubro de 1632. E' elle o auctor da *Ulysséa*, poema em dez cantos, onde relata a edificação de Lisboa por Ulysses.

Homem bastante erudito e poeta por natureza, Pereira de Castro encanta muitas vezes pela sua harmoniosa versificação e pelo arrojado das idéas, mas a falta de originalidade e o gongorismo alambicado que peja seu poema desnaturalizam-no.

Pedro Antonio Correia Garção nasceu em Lisboa a 29 de Abril de 1723 e falleceu a 10 de Novembro de 1772. As letras portuguezas muito devem a este grande homem, não só por havel-as subtraído ao alambicado gongorismo, fructo do dominio Hespanhol, como pelas ricas produções com que dotou-a. Só a *cantata de Dido* era bastante para immortalizar um nome e uma lingua, se Garção não houvesse produzido mais ou a lingua de Camões não possuísse outras gallas litterarias.

Antonio Diniz da Cruz e Silva nasceu em Lisboa em 1731 e falleceu no Rio de Janeiro em 1799. Sua esplendente corôa poetica, alem das odes pindaricas e anaereonticas, é o *Hissape*, chamado por Garret «o mais perfeito poema heroico-mico de seu genero que ainda se compoz em lingua nenhuma.»

Francisco Manoel do Nascimento, um dos primeiros lyricos portuguezes, nasceu em Lisboa em 1734, e falleceu em Paris no anno de 1819.

Francisco Manoel (é o Senr. Sotero quem falla) é um prodigioso e singular engenho na poesia lyrica, porque reuniu

n'um só e mesmo sujeito as qualidades de Pindaro, Horacio, Sapho e Anacreonte, mostrando-se eminentemente superior em toda a escala lyrica que percorreu desde o tom mais elevado até o mais suave e brando.»

Manoel Maria Barbosa du Bocage nasceu em Setubal em 1763, e falleceu em Lisboa no anno de 1803.

Bocage é uma d'essas vocações poeticas predestinadas, um dos que podem exclamar com Ovidio:

«*Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*»

Mas infelizmente o amor da gloria cegou-o, porque elle não soube separar a verdadeira da falsa gloria.

Bocage, descendo á praça publica e medindo-se com estultos antagonistas, chafurdou-se; tornando-se sensualista, sceptico, ateo para agradar ás turbas, mentio á sua consciencia; e talvez fosse fazendo supremos esforços sobre si mesmo, que antes das orgias preludiasse Byron (*D. Juan cant. II.*) repetindo: «O que é a vida? um sopro, um pouco de amor e de vinho, um pouco de ambição, de gloria, de devoção, enfim poeira... e talvez um nome;» mas o tempo patenteou seu erro, e elle arrependido exclamou então:

Meu ser evaporei na vida insana,

grito sublime de uma alma contricta, que deixamos de citar *in totum* por ser geralmente conhecido. Bocage e Francisco Manoel influiram muito na litteratura actual.

No nosso seculo a poesia tem tomado admiravel incremento n'esse pequeno canto occidental da Europa, porem nós apenas de leve tocaremos em nomes illustres cuja maior parte vive ainda.

Entre os mortos conta-se o Visconde Almeida Garret primeiro poeta portuguez moderno.

«Não era um poeta, disse o Senr. Lopes de Mendonça citando um folhetinista, era uma litteratura,» e do certo Garret é um dos maiores genios do seculo.

Eis um pedaço do critico citado, (*Memorias de Litteratura Contemporanea*), que perfeitamente o caracteriza: «A sua iniciativa litteraria, disia elle fallando do Visconde, parte de um grande pensamentor: elle, ou de instinto, ou de sciencia certa, abraça todos os generos para os retemperar nas agoas do moderno Jordão, para os baptisar nas verdades do novo dogma sem os contrafazer na imitação servil do estrangeiro. Na *Adozinda* tenta o romance popular, e é um mimoso trovador; na *D. Branca* e no *Camões*, inventa o poema da actualidade, dando-lhe um cunho, uma individualidade toda portugueza. No *Auto de Gil Vicente* abre as portas ao theatro nacional, e cria o drama, perfeitamente desligado de estranhas innovações.» «O *Frei Luiz de Souza* é de certo o mais bello florão da sua corôa litteraria.»

Entre os vivos são dignos de menção os Senrs. A. F. de Castilho auctor dos *Chimes do barão*, *Noites do Castello*, *Cartas de Echo a Narciso*; A. Herculano, da *Harpa do Crente*; Bulhão Pato, do *Paquilha*; T. Ribeiro, do *D. Jaime*; etc. etc.

(Continúa.)

D. A. Martins Costa.

## ANNUNCIOS.

### BREVIARIUM ROMANUM.

Obra muito completa e de encadernação elegante, em 4 volumes

LORD BYRON.—Obras completas, traduzidas para o francez, por Benjamin Laroche.

O GUARANY.—Romance por José de Alencar, 3ª edição, em 2 vols.

### LIVRARIA POPULAR

DE

Magalhães & C.ª

21—Largo de Palacio.—21

Maranhão—Typ. Perseverança—Impressor por Manoel C.etano de Lemos.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—M. C. DE LEMOS.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 10 de Agosto de 1869.

## CANCRO SOCIAL.

## II.

Os magnos interesses da sociedade brasileira, os sentimentos patrióticos tão necessários para a vida de um povo, definham e morrem abafados pelas idéas mais contrárias e contradictórias, e pelo *agiotismo* político.

Eis geralmente o grito que estruge d'entre as massas populares e repercute além.

Entretanto ha quem pretenda acalmar e dissipar esses clamores e attenuar o estado pouco prazenteiro dos negocios do imperio.

Neste intuito ha quem diga não ser aterrador o nosso futuro: que somos de honrem, e em relação á nossa infancia temos um progresso, si não admiravel, ao menos altamente promettedor.

Haverá raiva injusta em uns?

Haverá innocencia criminosa ou infantil em outros?

Eis o que pretendemos discutir á luz de uma logica calma e dignitaria.

De qualquer côr que sejam as theorias scientificas dos homens entendidos, parece-nos ser impossivel negar que o progresso e grandeza de um povo, o seu pulso, está no desenvolvimento dos elementos politico, industrial, scientifico e religioso, figurando este ultimo como pedra angular do immenso edificio social: razão pela qual já na remota antiguidade pagan dizia Plutarco: «encontrareis povos sem moeda, cidades sem fortificações, porém sem o elemento religioso é impossivel.»

É incontestavel que os elementos apresentados constituem a verdadeira e solida grandeza de um povo. Não pôde haver mais nem menos do que elles.

Um povo sem politica, ou divaga á mercê do relento atravez das selvas, ou curva-se escravo sob a prepotencia satânica de um senhor absoluto e tyranno.

O povo sem politica é sempre escravo. O povo que não tem artes nem industria, é barbaro e selvagem, é completamente fero.

Um povo sem religião é atheo, e por isto impossivel de existir.

Não ha civilisação possivel sem estes elementos. É este o verdadeiro caminho do progresso: fora delle tudo o mais são theorias sem applicação e que se esvaem como a bôlbia de sabão.

Querer fazer marchar um destes elementos de um modo egoistico, é pretender o absurdo, o impossivel: a consequencia necessária será que o elemento avantajado soffrerá o estacionarismo, até que os outros cheguem a justo nivelamento.

É este um dos segredos das revoluções. É esta uma razão das repetidas quedas dos antigos imperios nos tempos do paganismo.

Em Roma, como predominava o elemento politico, n'um momento—pelo embate de algumas invasões, a senhora do mundo baqueou sem comprehender donde lhe vinha a destruição. Porém ella estava mesmo na medulla dos seus ossos.

A sociedade não é igual ao individuo, porém assemelha-se. E os phenomenos de ambos apresentam bellos caracteres analogicos.

Assim no individuo os desmandos do corpo prejudicam a alma, as perturbações intellectuaes alteram o coração, o grande exercicio da memoria enfraquece a razão.

O motivo é que o deslocamento dos elementos que constituem o individuo moralmente, produz á desordem.

Egualmente dá-se na sociedade. O absolutismo mata as sciencias, industria, artes e religião, e o predominio da materia é a morte do espirito.

Assim como as desharmonias e desmandos no individuo produzem notaveis alterações de saúde, e conio que atêa-se uma febre lenta, até que os elementos continuem a girar em suas orbitas; assim tambem na sociedade esses tumultos, que muitas vezes agitam os povos são como abalamentos de saúde social.

A revolução é a febre da sociedade. A febre é a revolução do individuo.

A revolução e a febre de ambos tem por moveis ou causas a falta de regularidade no desenvolvimento dos elementos que constituem á cada um.

O segredo deste fenomeno é que no mundo tudo é harmonia.

Harmonia no homem é harmonia na sociedade.

Quebrar uma das cordas desse bello instrumento da Omnipotencia Infinita, é provocar as desharmonias.

Entesar ou afrouxar uma das fibras desse instrumento sublimado, é derramar o desconcerto.

É por este motivo que os homens turbulentos são odiados; é por isto que os governos deixados, e que pela sua ineptia deixam a sociedade arrastar-se ao chaos das revoluções, sempre são tidos em execração.

Ora, diante destas idéas que temos expellido, vejamos se os elementos da sociedade brasileira se desenvolvem harmonicamente, ou se prepondera algum delles.

## PROJECTO INCONVENIENTE.

Na camara dos senrs. deputados foi appresentado um projecto pelo qual propõe-se a isenção de imposto sobre as obras de auctores nacionaes editadas ou publicadas em paiz estrangeiro.

Reflectindo-se nessa medida se não encontrará vantagem quer para a industria quer para o progresso litterario do Brazil. Si este pode ter mais algum avanço por se dar á estampa mais ou menos numero de volumes, aquella soffrerá grave damno por qualquer lado que se a estude.

Exporta-se do paiz um capital, que poderia ser espalhado pelos obreiros nacionaes, que á seu turno, adquirindo copia do trabalho, teriam mais avantajado salario; amesquinha-se a arte, se a retrograda, porque é facto que a concurrencia da impressão de obras acarreta, o aperfeiçoamento da mão d'obra e a barateza, assim como a auzenia dessa concurrencia somente prejudica pelo estacionarismo, e eleva o preço dos livros.

É, pois, sobremodo inconveniente o projecto appresentado, maxime quando, atravessando o imperio uma crise financeira, os nossos economistas andam á cata de objectos sobre os quaes possam lançar a rede de impostos.

Si houver animo sincero de proteger ás lettras patrias, isentem o papel de impressão, os typos, os prelos, e mais utensilios, podendo mesmo supprimir-se o anachronico sello sobre jornaes, etc.

Convém democratizar a sciencia, porém não arruinar a industria nacional.

Neste sentido é digna de sêr lida a representação endereçada ao Corpo Legislativo pelos typographos do Rio:

«Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da nação.—Os abaixo assignados, artistas typographicos, nacionaes e

estrangeiros, residentes nesta côrte, acabam de saber com surpresa que esta augusta camara vae occupar-se com a discussão de um projecto, que isenta de direitos as obras de auctores nacionaes que forem publicadas em paizes estrangeiros.

«A approvação de um tal projecto equivaleria um golpe desfechado sobre a infeliz classe typographica, que, tão mal recompensada, tantas difficuldades encontra neste paiz.

«Ha annos a esta parte que alguns editores, aproveitando-se das vantagens que offerece a impressão mandada fazer na Europa, tem concorrido para que muitas obras nacionaes se vão retrahindo das nossas officinas, com prejuizo não só dos artistas, mas tambem do paiz, de onde o capital se afugenta.

«Dahi a crise, que por vezes tem-se manifestado pela falta do trabalho nas differentes typographias desta Côrte, senão de todo o paiz.

«A isenção, portanto, de direitos para as obras nacionaes, impressas nos paizes estrangeiros, seria o mesmo que entregar ao abandono a numerosa corporação a que pertencemos, e condemnar a forçosamente á miseria, pois que os maiores trabalhos typographicos affluiriam para o exterior, onde a mão de obra é muito mais barata do que no Brazil.

«Se alguma medida, Exms. Srs., faz-se precisa presentemente, diante do grande phantasma dos impostos, é sem dúvida nenhuma o augmento desses direitos, de modo que as officinas nacionaes não se vejam caminhando rapidas para a sua decadencia, e os artistas sem meios de ganhar o necessario para a sua subsistencia.

«Confiando, pois, na vossa illustração, os abaixo assignados esperam a rejeição do referido projecto, assim como as medidas tendentes a garantil-os dessa espoliação, por assim dizer, que leva para o estrangeiro grande parte do trabalho que aqui poderia ser feito, e deixa-os á mercê das circumstancias por demais precarias da actualidade.—Rio, 17 de Junho de 1869.»

(Seguem-se mais de 300 assignaturas.)

## INDUSTRIA.

## A GRANDE FABRICA DE KRUPP.

(Conclusão.)

A maça de aço fundido, onde foi forjada a grande peça de artilheria de carregar pela culatra, construida por Krupp que figurava na exposição universal de Paris de 1867, pezava 42:500 kilogrammas; depois de cortada, forjada, brocada e torneada ficou o seu pezo reduzido a 20:000 kilogrammas. Esta peça é revestida de cintas duplas na bolada e tripas na culatra forjadas em massas de aço fundido pelo mesmo systema que as cintas das rodas dos wagons; o seu pezo total é 30:000 kilogrammas. Assim o pezo total da colossal peça de artilheria prussiana é 50:000 k.g.; o seu diametro 0",356. Os seus projectis pesam 1:000 kilogrammas. A nossa escola naval possui um modelo d'esta peça.

A massa de aço fundido em que foi forjada a grande arvore de helice, que figurava na exposição, e que pezava, como dissemos, 9:250 kilogrammas, tinha de pezo 27:500 kilogrammas; pelas operações de forja, côrte, torno, etc, perdeu aquella peça 18:250 kilogrammas de pezo.

Ainda se vêem nas vastas officinas de F. Krupp, os antigos martinetes a vapor; longos martellos, cujo cabo se articulava na extremidade e recebia a meio

o movimento da haste do pistão do cylindro de uma machina de vapor; alguns d'estes martellos não pezam menos de 10:000 kilogrammas.

Possue a fabrica de Krupp uma collecção de machinas, utensilios e ferramentas, a mais rica e completa talvez das que ha no mundo; a maior parte de todos estes instrumentos de trabalho foi fabricada no mesmo estabelecimento. A especialidade da industria de Essen é o trabalho sobre grossas peças.

Entretanto tem o seu proprietario uma rica collecção de relevos de ferro fundido, sem retoque, dos principaes monumentos da Alemanha; o ferro que serve para isto é tirado dos altos fornos de Sayn.

Depois da fabricação das grandes bôcas de fogo e em geral das grandes peças de aço fundido, uma das curiosidades mais interessantes do grande estabelecimento prussiano é sem duvida o modo por que se fazem as cintas de aço fundido para rodas de locomotivas e wagons.

Eis uma succinta noticia sobre o processo de fabrico d'este importante producto industrial. Toma-se uma barra de aço fundido, pesando 2:000 ou 3:000 kilogrammas, sendo a sua espessura em termo medio 0",25; esta barra é aquecida em um forno até ao rubro e em seguida collocada sobre uma bigorna; sobre ella apoia-se um grande cutello sobre o qual um martello a vapor. Cortam-se assim bocados, cujo pezo varia ordinariamente de 150 a 400 kilogrammas.

O bocado cortado na barra pelo modo descripto é submetido á acção de um martello a vapor que lhe dá a forma de prisma rectangular, arredondado um pouco nos extremos. Este prisma é aquecido em um forno ao rubro e collocado sobre uma bigorna onde uma cunha comprida pela acção dos golpes do mortello lhe faz no centro uma abertura de 0",02. Pela acção successiva de cunhas se alarga esta fenda.

A peça fica então com a forma de um lozango alongado.

Em seguida a peça é collocada ao alto e batida pelo martello a vapor; o lozango toma então a forma de um quadrado. Em seguida para dar á peça a forma circular, colloca-se sobre uma bigorna que tem uma grande fenda vertical onde entra o circulo, logo que este se forma, apoiando-se sobre um manequim os lados que limitam a fenda; pela acção do martello a vapor sobre o anel de aço, fazendo girar este convenientemente, dá-se-lhe a forma de uma circumferencia perfeita; depois o anel é batido horisontalmente por outro martello a vapor sobre uma bigorna massica, d'este modo todos os angulos desaparecem, e as moleculas do aço ficam muito juntas e mais intimamente ligadas.

Finalmente uma ultima operação soffrem os aneis de aço em laminadores especiaes onde se exercem diversas pressões simultaneamente; uma pressão exercida por dois cylindros troncados aperta a parte superior do anel, e faz sobresahir um rebordo na sua circumferencia exterior, rebordo que, como é sabido, o ha de refer durante o movimento sobre os carris dos caminhos de ferro. Outras pressões se exercem nas faces da cinta, que dão afinal á peça o seu acabamento.

Os martellos que servem n'estas operações pezam de 10:000 a 20:000 kilogrammas. São guindastes a vapor que correndo sobre carris pegam nas peças para as submeter ás diversas operações mechanicas.

As dimensões regulamentares são da-

das às cintas de aço por meio de um cylindro massiço composto de fragmentos que se abre gradualmente pela acção de uma prensa hydraulica, e que estende e alarga até ao ponto exigido a cinta previamente aquecida, e collocada horizontalmente sobre uma placa, no centro da qual se eleva o cylindro. Durante esta pressão grandes golpes de martello sobre a cinta mostram-se sem alguma fenda.

Segundo os calculos de F. Krupp, uma cinta de aço que aperta uma roda de locomotiva deve fazer um caminho de 400 kilometros por kilogramma de peso; assim uma cinta pesando 400 kilogrammas é garantida para um curso de 160 mil kilometros.

A fabrica de Essen fornece presentemente, para os caminhos de ferro de diversos paizes uma enorme quantidade de eixos de aço fundido para wagons e locomotivas, molas, carris, etc.; para as minas fornecem as officinas de Essen muito material, no qual se notam as bellas hastes de aço fundido de grande comprimento para bombas; para as machinas maritimas tem construido muitos dos principaes orgãos. Em geral onde se exige segurança e resistencia os productos de aço fundido das grandes officinas de Essen são de um merecimento excepcional.

Modernamente o illustré proprietario das officinas de Essen conseguiu fazer rodas para wagons e locomotivas de aço fundido massiças, saindo pela fuzão e solidificação no molde completamente aptas para serem empregadas em serviço. E' este um aperfeiçoamento interessante, que porém ainda não tem sido adoptado por todas as companhias de caminhos de ferro.

Mas se o grande estabelecimento industrial da Prussia fornece possantes meios de trabalho para a exploração das minas, para os caminhos de ferro, para a navegação de vapor, para toda a especie de mechanismo de officinas, e é assim um dos mais importantes elementos da civilização do nosso seculo, por outro lado quasi metade da sua produção tem um fim nada pacífico; com effeito mais de dois quintos da fabricação das officinas de Essen dizem respeito ao material de guerra; pode até dizer-se que o fabrico da artilharia de aço, desde a pequena peça de calibre 4 até a colossal bocca de fogo de calibre 1.000, eclipsa todas as outras produções mais civilizadas do celebre estabelecimento.

Muitos dos geradores de vapor que alimentam as numerosas machinas que funcionam na grande fabrica de Essen acham-se reunidos em uma vasta officina; formam uma linha de cincoenta caldeiras, cada uma com dois tubos bulbiferos de 9 metros de extensão.

Perto se acham as officinas de caldeiraria, de fabricação de rodas e cintas para wagons, etc.

Os diversos geradores communicam com um grande tubo de 1 metro de diametro, o qual se divide em varias ramificações que levam o vapor aos diversos motores.

Possue a fabrica de Essen um laboratorio chimico onde se analysam os diversos productos, e um gabinete para o exame de resistencia e propriedades physicas dos aços produzidos.

Consome a fabrica de Essen 4.200 litros de agua por minuto. A agua de beber é fornecida pelo rio Ruhr. A maior parte da agua para as machinas vem por canaes de 6 kilometros de extensão das minas de carvão de pedra; esta agua antes de servir repouza em grandes lagos artificiaes. O resto é tirado de um poço de 40 metros de profundidade e elevado a um reservatorio situado em uma torre de 60 metros de altura; este reservatorio contém 130.000 litros de agua; d'elle partem encanamentos que levam a agua a todas as officinas.

Possue a celebre fabrica de Essen 412 fornos para a fundição do aço, seu reconhecimento é cémentação; 195 machinas de vapor da força de dois a mil cavallos, com cento e vinte geradores de vapor que vaporizam por dia 3.300 metros cu-

bicos de agua, a pressão media do vapor é de quatro atmosferas. Além d'estas machinas ha ainda 49 martellos a vapor, entre os quaes figura o grande martello de 50.000 mil kilogrammas.

As diversas officinas de Essen possuem 110 forjas, 318 tornos, 111 machinas de aplainar, 84 de furar, 73 de pular, 61 de alisar e 26 para diversos outros serviços.

As diversas partes do grande estabelecimento, estão ligadas por vias ferreas; um caminho de ferro de cintura rodeia todas as officinas; delle partem numerosos ramaes que levam as locomotivas ás diversas repartições d'esta excepcional fabrica. Occupa este caminho de ferro 6 locomotivas e 200 wagons, e tem de extensão 28 kilometros; além d'isso ha numerosas vias ferreas e locomotivas especiaes para os diversos serviços mechanicos da fabrica.

Occupo o serviço de todo o estabelecimento 8.000 operarios nos trabalhos de aço e 2.000 nos trabalhos das minas de carvão e ferro, e nas fundições e altos fornos, tanto em Essen; como no Rheno e Nassau. O numero dos habitantes, incluindo as familias dos operarios e empregados; é de 20.000. Uma fabrica de gaz de iluminação fornece diariamente 14.800 metros cubicos de gaz, que alimentam nos dias de inverno mais de 11.000 bicos.

O proprietario da fabrica de Essen tem gasto em construção e em machinas mais de 10.000.000\$000 reis. A produção annual da fabrica tem sempre crescido. Foi em 1866 de perto de 6.000 contos de reis.

A produção do aço fundido foi em 1866 de sessenta e dois milhões e meio de kilogrammas. Os productos de mais venda são as cintas, rodas e eixos de locomotivas e wagons; anda perto 40.000 o numero de cintas e rodas que exporta annualmente o grande estabelecimento de Essen; o seu preço na fabrica é de 200 reis proximaemente o kilogramma; em Essen. Para a artilharia, porém, o preço eleva-se a 1\$680 reis proximaemente o kilogramma, e em certas machinas o preço é mais elevado.

O acrescimo da produção tem sempre augmentado de progressão; ha quarenta annos que existe a fabrica, desde 1827 até 1864 o acrescimo foi de um terço excepto em 1848, que foi muito menor; em 1863 foi de metade o acrescimo da produção; em 1866 porém excedeu ainda esta progressão.

Na exposição universal de 1867 expoz a fabrica de Essen, na classe LXVI, apenas dois objectos, um ainda por acabar e outro completamente prompto. Mas estes dois objectos da produção do grande estabelecimento prussiano eram sufficientes para mastrar a grande perfeição a que chegou a industria do aço na fabricação de peças destinadas a machinas de vapor applicadas a navegação. A exposição de F. Krupp mostrava ao lado d'aquelles specimens diversos objectos para locomotivas e wagons, e varias bocas de fogo de aço. O valor total dos objectos expostos excedia 180.000\$000 reis.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### BISPO.

D. FREI JOAQUIM DE N. S. DE NAZARETH.

Nasceu a 12 de Maio de 1773 em Nazareth, lugar no termo da villa da Pederneira, comarca da cidade de Leiria, na provincia da Extremadura, no reino de Portugal.

Religioso da ordem dos Menores reformados da provincia da Arrabida, foi mestre de Philosophia no seu convento.

Nomeado bispo de Leontopoli *in partibus*, e prelado ordinario da Prelasia de Moçambique, foi trasladado para a diocese do Maranhão, regendo a Igreja Catholica Romana o Summo Pontífice Pio 7.º, e o Reino de Portugal D. João 6.º.

Apresentado á 13 de Maio de 1819,

foi confirmado pelo referido Papa á 23 de Agosto do mesmo anno.

Em 10 de Outubro do Rio de Janeiro escreveu ao Cabido agradecendo-lhe a carta de felicitações, que recebeu, e assegurando vir para a sua Diocese, logo que chegassem as Bullas de sua confirmação.

No dia 3 de Maio do anno seguinte aqui chegou, e a 11 do mesmo mez tomou posse pessoalmente.

Em 20 de Setembro de 1821 nomeou o arcepreste Luiz Maria da Luz e Sá seu delegado, durante o tempo que foi visitar alguns lugares de sua diocese.

Surprehendido com as tentativas, que tinham por fim a adhesão do Maranhão á independencia politica do imperio, D. Frei Joaquim tomou parte muito activa n'essas luctas e contra essa causa, como membro mui proeminente da Junta, que foi aqui creada pelo decreto das cortes portuguezas de 29 de Setembro, e carta de lei de 1.º de Outubro de 1821.

Depois de proclamada a independencia politica, D. Frei Joaquim, adstricto e dedicado á Familia Real de Portugal, e severo em seus principios politicos, não quiz adherir ao novo systema de governo.

Não tendo jurado no praso da lei obediencia e fidelidade a D. Pedro I, como imperador do Brazil, a junta governativa intimou-lhe ordem para sahir da provincia no termo marcado pelo decreto imperial de 18 de setembro de 1822.

Não cumprindo logo tal determinação, estabeleceu-se lucta entre elle e a junta governativa, sendo esta coadjuvada pela maior parte do Cabido.

A junta em 15 de setembro de 1823 officiou ao cabido declarando «haver cessado a jurisdicção espirital do Bispo para com seus diocesanos, visto ter incorrido na comminação das penas marcadas no já referido decreto imperial.»

Dois dias depois officiou o bispo ao cabido dizendo-lhe saber d'esta resolução da junta, tomada «por abuso de autoridade nunca ouvido e ainda mesmo praticado entre povos verdadeiramente christãos», e como lhe constava «que alguns membros do cabido, aturdidos com uma participação de semelhante natureza, haviam determinado tocar quanto antes *Sé vaga*, para ser desapossado da sua jurisdicção, por isso mandava, que nado oisassem emquanto elle não declarasse terminada a contestação official, que ia ter com a junta, sob pena d'incorrer *ipso facto* em suspensão *á divinis* e excommunição maior.»

Em 27 de Outubro participou ao cabido «que, tendo de ir á Lisboa, «nomeou seu delegado e governador do Bispado o arcepreste Luiz Maria da Luz e Sá, commettendo-lhe plenamente o cuidado, regimen e administração da Diocese, sem reserva e nem limitação.»

«Se algum considerar vago o bispado, declarou D. Frei Joaquim, incorrerá *ipso facto* em excommunição maior, sendo excommungados todos, e cada um de per si como se se fizesse menção de seus nomes.»

No dia 7 de Novembro retirou-se para Lisboa.

Os conegos julgaram esta nomeação illegal e imprudente, irrita e nulla, e por isso no dia seguinte o cabido deliberou reunir-se.

Quando celebrava-se esta sessão, o conego Luiz Maria mandou dissolver-a, prohibio que os conegos se congregassem outra vez, excommungou o mestre escolla José João Beckman e Caldas, que a presidio, bem como muitos conegos, mandou-os prender por uma escolta de soldados armados, e foram detidos em varias prisões e fortalezas.

Não contente o governador do bispado com estas medidas de tanto rigor, com geral escandalo mandou por carta de participantes declarar todos os conegos excommungados, e como taes foram assim denunciados em todas as parochias.

O cabido a 14 do mesmo mez recorreu á junta governativa representando contra taes excessos.

A junta governativa em officio de 4 de dezembro de 1823 participou ao Sr. D. Pedro I, que a Séstava por muito tempo sem conegos; d'estes uns foram pronunciados, outros presos, e muitos excommungados, declarando «que não se envolvia nestas materias espirituaes, por serem todas da competencia da Igreja.»

Com tal modo de pensar o conego Luiz Maria gosou por algum tempo de suas arbitrariedades, e finalmente crescendo e augmentando-se essas questões, foi elle preso por ordem da junta, e em officio de 23 de Junho de 1824 nomeou o conego José Constantino Gomes de Castro para substitui-lo no governo do bispado.

Este conego não aceitou tal nomeação por julgal-a illegal, porem reunido o cabido no dia 2 de Julho, foi elle nomeado vigario capitular, tomando posse no dia seguinte do seu novo cargo, seguindo, poucos dias depois, e ainda preso para o Rio de Janeiro o seu antecessor.

Chegando todas estas occorrencias ao conhecimento do governo de D. Pedro I, por aviso de 23 de Agosto de 1824 declarou improcedente por illegitima a nomeação do conego Luiz Maria, «visto não poder existir ella validamente; por ser feita pelo bispo, que se ausentou para fóra d'este imperio, por não querer ser seu subdito, quando só bastava a ausencia sem ser licenciado para ficar a Sé vaga, e devolver-se ao cabido toda a jurisdicção pertencente ao bispo, como se deriva da provisão regia de 23 de Janeiro de 1807, sendo portanto excessivo, irrita e estranhavel o procedimento do dito bispo até em juntar a excommunição para fazer exequível a illegal nomeação do governador do bispado.»

Acabaram-se todas estas questões, quando D. Frei Joaquim, de Lisboa, no dia 4 de Julho d'esse mesmo anno «com as lagrimas nos olhos, e com o coração retalhado de memorias «saudosas», fez suas despedidas ao cabido do Maranhão, por ser nomeado bispo de Coimbra, e confirmado em 3 de Maio do mesmo anno.

(Continúa.)

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 6 DE JULHO DE 1869.

O SR. SARAIVA (*continuação*):—Não se póde contrariar a natureza humana, a marcha dos acontecimentos, sem que ella reaja. Não chamem revolucionarios os liberaes; não façam como o nobre ministro da marinha, que hontem dizia, rindo-se d'elles: «Vós, que creis fiontem progressistas; desaparecestes e vos sumistes; hoje nada sois; é o sangue do partido liberal historico que vos dá forças.» (*Apoiado do Sr. barão de Cotegipe.*)

Ainda mais uma vez revela-se a ineptia politica dos homens que governam. (*Ha alguns apêrtes.*) Retirárá a expressão, se nella enxerga-se injúria.

Vai mostrar o que significavam os progressistas em relação aos liberaes historicos: significavam—o *menos*—e elles—o *mais*. A situação actual violentou tudo: mostrou que os mais moderados nada tinham que esperar senão as reformas mais profundas. O que aconteceu? Desappareceu—o *menos*—progressista, ficou—o *mais*—liberal, reunindo todos. Mas em compensação appareceu—o *mais* que tudo—radical. E hoje—o *menos*—progressista, que não assustava o nobre ministro da marinha (tanto que confessou ter aceitado o poder contando não ter de arcar-se senão com os progressistas), foi substituido pelo—*mais*—que o assusta e faz tremer.

Este temor de que parece estar affecto o nobre ministro da marinha é ainda uma imprevidencia. Foram os nobres minis-

tros que crearam o partido radical; sem elles este partido não existiria.

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—O partido radical nasceu antes de nós.

O Sr. SARAIVA:—Já com medo de vós. (*Hilaridade.*)

Vai provar que sem os nobres ministros o partido radical não existiria.

Porque é que o partido radical duvida do nosso regimen constitucional?... É verdade que, segundo os nobres senadores, o partido radical contém em seu seio alguma cousa de incognito, que não quer descobrir. Mas porque é elle suspeitado de não querer sujeitar-se ás regras da monarchia constitucional? porque é que não crê nos proprios liberaes sinceros? É porque julga-os pela vida passada dos partidos, e essa vida coexistia com a ausencia da liberdade eleitoral. No dia em que a liberdade do voto for real e sincera, o partido radical se convencerá de que a monarchia constitucional pôde ainda dar-nos dias tão felizes como os melhores governos republicanos, se é que elle duvida da bondade de nossas instituições constitucionaes. (*Apoiado.*)

A opposição feita á liberdade de voto é que fez nascer o partido radical...

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Tambem nós queremos a liberdade de voto.

(*Ha muitos apartes.*)

O Sr. SARAIVA entende que os amigos sinceros da monarchia constitucional não podem temer os liberaes-radicaes; só devem recear-se dos homens do direito divino.

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Não os conheço.

O Sr. SARAIVA conhece um typo de homens do direito divino: é aquelle que teve a coragem de dizer que, ainda que quizessemos ser republicanos, não o podíamos! (*Apoiados.*)

Concede, que um monarchista constitucional venha dizer: «Não queremos ser republicanos»; mas que um homem creado no regimen constitucional venha dizer que nós Brazileiros não podemos alterar os principios cardeaes da constituição é o que não se comprehende.

Mas todo o senado ouviu o nobre senador pelo Rio de Janeiro (o Sr. Sayão Lobato) dizer com a mais profunda convicção, que não temos o direito de revogar a constituição nos seus principios capitais!

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—V. Exc. não o entendeu.

O Sr. SARAIVA observa que Benjamin Constant assim se exprimia ha mais de meio-seculo: «A monarchia constitucional com liberdade de voto não diverge das republicas senão na forma: um republicano pôde ser amanhã sincero monarchista constitucional, se a monarchia constitucional der liberdade ao paiz.» O que nunca se verá (acrescenta o orador) sinceramente apostolo da monarchia constitucional um partidista do direito divino ou da monarchia absoluta.

Eis porque vê no nobre senador pela provincia do Rio de Janeiro um adversario mais terrivel do que os liberaes-radicaes; porque quem não nos concede o direito de reformar nossa constituição mais difficilmente se sujeitará ás regras do regimen parlamentar do que o radical, e até o republicano que quizer a republica pela deserença em que está de que a monarchia não lhe pôde dar liberdade.

Quando o republicano se convencer de que a monarchia dá-lhe a liberdade, será monarchista constitucional. Assim que o nobre senador pela Bahia dizia uma verdade, que nunca será assaz repetida: «Quereis acreditar a monarchia no Brazil? fazei com que ella nos dê mais liberdade do que as republicas dão a seus filhos. Firmareis o regimen monarchico no Brazil, tanto mais quanto convencerdes a todos de que ella nos dá mais liberdade do que podem dar as republicas na America.»

O drama que se está representando no Brazil já foi aqui representado e tem sido representado em outros paizes civilisados.

Em 1831 D. Pedro I interpetrava o artigo da constituição que lhe dava o direito de escolher os ministros pela sua letra; dizia: «Tenho a liberdade de escolher os meus ministros.» A camara dos deputados sustentava de seu lado: «Não tendes o direito absoluto de nomear ministros; em um paiz livre e constitucional vós, imperador do Brazil, tendes obrigação de vos conformardes com as regras do regimen parlamentar.» Não, não desistais de vosso direito; mantei a vossa doutrina, que é a constitucional. Os adversarios desses conselheiros, por sua vez, observavam: «Vós perdeis a monarchia, vós perdeis o imperador occultando-lhe que com semelhante interpretação da constituição, elle divorcia-se do seu povo.» Prevaleceram os conselheiros aulicos...

Mas os que eram accusados de revolucionarios, os Monte-Alegre, os Vergueiro, os Paula Souza, os Feijó; que queriam que o imperador tirasse o ministerio das camaras e não exercesse em absoluto seu direito de escolha, esses conselheiros, chamados e proclamados revolucionarios em 1831, foram os mais decididos sustentaculos do throno do Sr. D. Pedro II. A doutrina do direito divino fez-nos perder um rei; a doutrina da liberdade salvou o segundo reinado.

E não é só no Brazil que a historia revela esta verdade.

Em 1830 os conselheiros de Carlos X diziam-lhe que a felicidade da França só podia ser feita pelo rei. Martignac e os realistas moderados diziam: «Não acrediteis nesta doutrina; o rei não se pôde salvar hoje senão pela liberdade.» Carlos X substituiu Martignac por Polignac, a doutrina liberal pela do direito divino: a consequência foi a revolução de Julho e a queda do ramo mais velho dos Bourbons.

Em 1848 o facto reproduzio-se; a lição da historia não fôra aproveitada; Luiz Felipe, o rei que tinha dado maior somma de liberdades parlamentares á França, acreditava que a eleição era privilegio de uma parte da população franceza, como os actuaes dominadores do Brazil acreditam que a eleição é privilegio dos delegados e subdelegados de policia. (*Apoiados.*)

Luiz Felipe esqueceo-se demasiado dos interesses da liberdade, para só ver os interesses da ordem com os interesses dynasticos, e Luiz Felipe pagou a obstinação com que seus ministros se oppozeram ás reformas liberaes.

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Quem pagou foi a França.

O Sr. SARAIVA:—É verdade. O nobre ministro dizia hontem, e muito bem, que por fim de contas quem paga as custas é o Brazil.

A historia, que em França tem apresentado esses dous exemplos tão capitais e importantes, está hoje apresentando tereceira phase igual á que se manifestou em 1830 e 1848.

Luiz Napoleão, o homem que subiu por um golpe de estado, aprovado por um plebiscito, acha-se hoje na mesma posição de Carlos X e Luiz Felipe. E porque? Porque vê-se tambem rodeado de conselheiros imprevidentes, dos mesmos homens que na opposição são lynces para ver as desgraças do paiz, mas que no poder querem facilitar sua tarefa pelo emprego da legislação compressiva que encontraram.

O que dizem a Luiz Napoleão seus conselheiros? «Senhor, os partidos que vos hostilizam não podem liberdade senão para vos derrubar.» Concede o orador que em França possa-se ter esta linguagem; mas no Brazil, onde o imperador não conta nem inimigos pessoais, nem adversarios declarados da monarchia, semelhante argumentação nada valeria. Entretanto ha quem aqui use dos mesmos argumentos que em França empregam os ministros de Luiz Napoleão: «A ordem antes de tudo, senhor. Se for necessario tirar á França a liberdade que vós lhe destes, tirai-a em beneficio da ordem.» Apparece o partido imperialista, dirigido por Emilio Olivier, e

diz: «Só a liberdade pode sustentar o imperio; dai liberdade á França, senão o partido republicano vos matará ainda uma vez, como em 1848 matou o governo de Luiz Felipe.» Luiz Napoleão vacilla. A historia, porém, tornará mais uma vez a assignalar que elle, com todo o seu exercito, não é capaz de oppor-se á vontade manifesta da França, que pede liberdade parlamentar e liberdade de imprensa, tendo já liberdade de voto. (*Apoiados.*)

E note-se que em uma camara de 300 membros a opposição acaba de obter perto de 100 votos. Estes votos não satisfazem; a França tem liberdade eleitoral; mas não tem liberdade parlamentar. Pois bem! para obter a liberdade parlamentar, ella põe em questão o imperio. Ora, o imperio francez é o absolutismo; mas o absolutismo glorioso (*apoiado*), o absolutismo fazendo bem; e não inutilisando, como entre nós, suas aspirações generosas por causa de ministros imprevidentes, violentos ou fracos.

Poderia o orador devassar a historia, ir á Italia, e mostrar que o medo das reformas produziu Mazzini, duas vezes condemnado como republicano. Desde que Victor Manoel quiz a unidade da Italia e a liberdade constitucional, o republicano Mazzini tornou-se seu apologista, o homem de organização e de ordem.

Mas para que apresentar factos que demonstrem que não se pode resistir á opinião de um povo quando manifestada, como entre nós está manifestada a opinião pela reforma eleitoral? O que dizia Luiz Napoleão, o homem que hoje está obstinadamente oppondo-se a liberdade? Não quer tomar as lições da experiencia, mas a experiencia ha de mais uma vez ensina-lo a respeitar os direitos do povo. Eis o que dizia Luiz Napoleão, é um conselho que o orador pede aos nobres ministros que tomem em beneficio proprio, em beneficio nosso e do paiz; é um conselho que elle dava ao governo de Luiz Felipe: «Caminhai á frente das ideias do vosso seculo, e essas ideias vos sustentarão e vos seguirão; acompanhai-as, e ellas vos arrastarão; caminhai contra ellas, e ellas vos esmagarão.»

Os nobres ministros não querem decididamente caminhar a frente das reformas. Acompanhai as ideias, e ellas vos arrastarão; os nobres ministros tambem não querem ser arrastados, e por isso não as acompanham. Caminhai contra ellas (e é o caso dos nobres ministros) e ellas vos esmagarão... é a missão do partido radical, se não arripiarem carreira.

Tem o orador o habito de tomar apontamentos, e o defeito de não segui-los. O que vai dizer não tem importancia para a questão, porque está discutida; mas quer assignalar a impropriedade com que o nobre ministro da marinha servio-se hontem do argumento de Robert Peel, para mostrar que é grande a influencia da corôa em Inglaterra.

Ninguém contesta a influencia que a corôa deve legitimamente ter nos negocios; seria grande erro dizer-se que o Brasileiro collocado pela constituição acima de todos, que ella fez mais independente de todos, o mais moralisado, o mais sabio, não deva ter opinião, e muito valiosa sobre os negocios publicos, e não deva ser recolhida com muito respeito sua opinião sobre os negocios do imperio, de cuja felicidade elle encarregou-se. (*Apoiados.*) Sem falta de bom senso não se pode contestar essa legitima influencia.

O Times, fallando da rainha Victoria, que sentio demasiadamente a morte de seu marido e abandonava os negocios, o Times deplorava que Sua Magestade não desse a devida attenção aos negocios publicos. Portanto para que provar que o rei deve ter influencia legitima nos negocios? Mas o caso de Robert Peel prova o contrario do que o nobre ministro quiz provar. (*Apoiados.*)

Chamado para organizar o ministerio, Robert Peel, receiando a influencia de muitos liberaes que são camaristas e da-

mas de honor da rainha, e que lhe eram hostis, temendo-se da influencia dessas adversarios sobre o animo da rainha, poz por condição que fossem despedidos do serviço do paço.

Não quiz a rainha sujeitar-se a essa condição; procurou arranjar outro ministerio. Mas em Inglaterra o systema parlamentar é uma verdade; alli a vontade do povo é lei; um partido que não tem por si grande maioria no paiz, não aceita o poder, por que não quer ter o trabalho de fazer uma eleição, para vir depois a nova camara despoja-lo do poder. Ali, pois, quando um partido aceita o poder, é porque conta com a maioria do paiz.

Os adversarios de Robert Peel, não contavam com maioria nem no parlamento; e, pois, recusaram o poder. A rainha teve então de recorrer de novo a Robert Peel, e começou por despedir do seu serviço os camaristas e damas de honor de que elle se receiava.

Ficou estabelecida em Inglaterra a regra de que o rei pôde governar constitucionalmente; mas o ministerio aceita ou deixa o poder, segundo o rei governa ou não, conforme suas crenças. Esta é a doutrina que o partido liberal quer firmar no Brazil.

Mas isto não vale nada, como já disse, sem a liberdade eleitoral; sem esta, o poder pessoal, que é nenhum no paiz, torna-se um espantinho nas mudanças de situação. Deste estado, que o orador já denunciou ao paiz na sua carta, e que continúa a denunciar, só nos podemos descartar dando ao paiz o direito de intervir nos negocios publicos, por meio de eleições livres.

(*Ha alguns apartes.*)

Esta doutrina é a mais santa, mais legitima que pôde ser produzida: duvida que sua orthodoxia seja contestada por alguém. O proprio rei, contra o qual (na opinião dos nobres ministros) está o orador combatendo, como tem o espirito muito accessivel á verdade, quando ler isto, ha de dizer que o orador defendeu os verdadeiros principios.

O rei tem mais interesse que ninguém na liberdade de voto. O que pôde o nobre ministro da marinha fazer ao orador, sem a liberdade de voto? O orador vai accusar o nobre presidente da Bahia, e entretanto S. Ex. nenhum mal lhe fez, nem a parente sou. O orador não perde cousa alguma com a falta de liberdade de voto. O rei não perderá sua corôa, porque está firmada no interesse dos Brazileiros, mas pôde por algum tempo perder a estima publica, o que é grande soffrimento para um coração bem formado; e perde sempre a afeição da parte do senado, que nunca se convence de achar-se em minoria, porque não ha meio de verificar a verdadeira opinião do Brazil.

(*Continúa.*)

## COLLABORAÇÃO.

A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

### III

(*Continuação.*)

Demonstrada como ficou a insufficiencia do sentimento, como meio geral offerecido aos homens para descobrir a verdadeira religião, resta-nos indagar a capacidade do raciocinio para funcções tão sublimes.

É aqui que devemos reunir todas as nossas forças para soffocar o orgulho em sua queda. O homem sente, é verdade, uma especie de repugnancia em abater aquillo que elle tem de mais nobre—a razão. A razão é comefeito uma offerta preciosa da essencia divina que se eleva por sobre todos esses mundos que rolam no espaço, e que, caminhando pela magnitude dos tempos eternos, para confudo á borda da immensidade; quer penetrar-la, e não não pôde; se ousa avançar um passo, cahe exausta de forças no precipicio horrendo do scepticismo.

Comeffeito, no momento de uma concepção mais sublime, que está muito além da intelligencia humana; no momento, de uma indagação immensa do infinito, a razão tem, por força de sua natureza, dentro dos limites da orbita estreita, em que foi creada, de ceder de sua realisa, para se submeter ao infinito. E ai della se pretender glorificar-se tão alta, á ponto de attribuir a si aquillo que só pôde receber do Eterno. Em seu orgulho, confundindo a capacidade de conhecer com a de produzir, só encontra dúvidas e contradicções; á um bello dia succede uma noite furiosa, e envolta em seo manto tenebroso cogita obscuras lembranças, e finalmente cansada de tanto lidar, cahe nos abysmos insondaveis.

Deos é o unico ser que existe por si mesmo, é o unico ser que possui em si a certeza, elle é a mesma verdade. A abstracção d'este principio é por si só um grande erro, mas um erro remedial, porque um momento de reflexão sobre a contingencia da razão humana, nos faz remontar a razão divina á essa primeira autoridade infallivel—a Igreja de J. Christo, fóra da qual todos os esforços, todas as indagações na ordem moral religiosa, todos os raciocínios na ordem dos dogmas são como semente plantada em terra dura, calcada pelos pés dos viajantes.

E como querer conhecer a verdadeira religião pela razão! Seriamos muito prolixos se intentassemos numerar os grandes cataclysmas que ella tem produzido no mundo religioso, por querer penetrar os arcanos eternos. Basta dizermos que em seu orgulho, arrebatando muitos espiritos fortes, nas azas de um entusiasmo de demonios, produziu essa alluviação de erros na materia da mais alta importancia. Ahi estão as heresias e os seismas; ahi estão todas as seitas dissidentes combatendo-se umas contra as outras sem jamais tocarem á unidade; cada uma pensando a seu modo particular, cada uma professando um erro diverso; ahi estão os successores de Melancton e de Zwinglio disputando ao Evangelho a primazia, sustentando uma luta de principios heterogeneos; ahi estão os successores de Spinoza fazendo dos livros santos uma série de allegorias e mythos. Escarnecendo da revelação, á razão somente attribuem as decisões da fé e da descrença; negando a certeza historica, negaram o Christo, julgaram-no um ente mythologico, destruindo assim a primeira columna d'esse edificio immenso, em que todos os povos virão um dia reunir-se.

Eis as consequências funestas d'esse horroroso contraste da razão, offerecendo ao mundo catholico tantos symbolos, tantas religiões, quando nós já temos visto que só existe uma, fóra da qual não ha salvação.

Resulta do que precede, que a razão não é o meio geral offerecido aos homens para descobrir a verdadeira religião.

Resulta mais de tudo quanto até aqui temos dito, que só á autoridade devemos recorrer como unico guia infallivel na indagação da grande verdade que anhelamos. Isto é evidente. Entretanto não deixaremos de robustecer esta conclusão de novas provas e novas considerações:

A religião é a expressão da vontade Deos, que quer que o homem viva e viva eternamente, entretanto elle não pôde viver da vida da alma, senão conformando-se com as leis da religião; é pois um dever do homem submeter-se a estas leis. Mas todo dever supõe uma autoridade, donde conclue-se que esta é o unico meio geral de nos ligar estreitamente ao cumprimento de nossos deveres, ou de discernir a verdadeira religião. Comeffeito, os immortaes destinos do homem seriam uma illusão mentirosa da Divindade, se, prescrevendo as regras para a possessão destes destinos, ella não constituísse no centro da humanidade uma autoridade, cujo caracter não fosse susceptivel de erro. Mas, gra-

ças aos ineffaveis decretos da Providencia, não acontece assim.

Ahi está a Igreja, essa sociedade espiritual e visivel, que declara em altas vozes que possui esta autoridade, da qual não é licito duvidar, sem prejuizo da salvação. Se ella não existisse, a unica e verdadeira religião seria a religião de cada razão consigo mesma; os dogmas e os preceitos seriam muitas vezes observados, não por força da autoridade, que manda, mas pelo arbitrio da razão, enquanto podesse conceber e comprehender. Se ella não existisse, como decidir dos dias eternos passados no consolo da salvação? ella que é o unico codigo da alma na confecção dos grandes preceitos, que envolvem as consequências da immortalidade?

Não, não é possível ao homem alimentar esperanças, sem que haja quem as prometta, e é entretanto esse o alimento, em quanto se concentra no corpo operando as maravilhas da mais nobre criação.

Vemos, pois, por estes principios que uma autoridade capaz de satisfazer as altas funções do espirito, que sente a falta da fé, é o unico meio geral offerecido aos homens para discernir a verdadeira religião.

(Continúa.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

(Continuação.)

#### VI.

#### ASIA.

Vamos agora entrar no paiz das maravilhas, no berço do genero humano, no solo onde cumpriram-se os sagrados mysterios da Redempção. Era de esperar que a mais elevada poesia viesse realçar-o, e assim aconteceu.

A Biblia, esse admiravel monumento da mão do homem impellida pela intelligencia Divina; essa obra portentosa que o dedo inexoravel dos seculos e o orgulho da sciencia humana, em vez de destruir um só ponto tem antes servido para provar a verdade até da menor de suas palavras, é toda poesia.

Debaixo d'um estylo simples e natural apparecem essas bellezas architectonicas e divina poesia, que as visões de Isaias arrebatam-nos para o céu; fazem-nos conhecer o nosso nada, e lamentar nossas desgraças nos doridos threnos de Jeremias, e nos psalmos do rei-propheta; e que em Job enchem nos de pasmo ante a veneranda figura do justo lutando forte e resignadamente contra a adversidade. Enumerar todas as bellezas que encerra essa estupenda obra, por todos nós conhecida, seria fazer-lhe o indice; por isso contentamos-nos dizendo d'ella, o que dos milagres de Moyses disseram os magos de Pharaó: *«Digitus Dei est hic.»*

Não é a Biblia o unico padrão da poesia Asiatica, e o que fica dito a seu respeito devia levar o titulo de poesia Hebraica, porém nós não a classificamos assim, por ella hoje não pertencer a uma nação, mas a humanidade. Na China, India, Arabia e Persia existem ainda outras obras poeticas, das quaes resumidamente daremos noticia.

#### CHINA.

Conta-se que um dia Confucio perguntou a seu filho: E então! fazes progressos na poezia?

Não me occupo n'isso, respondeo elle.

Então o philosopho continuou: «Se não aprenderes a poesia, se te não acostumares a escrever em verso, nunca poderás fallar bem.» Diz Cesar Cantu, em quem lemos este facto, que desde esse dia não ha lettrado que não componha versos. A China possui uma litteratura avultadissima e bella.

Entre seus livros sagrados, o *Chi-King* o mais estimado de todos os livros, compõe-se de hymnos, odes e canções de maravilhosa belleza.

O Imperador Kien-Long apaixonado cultor das lettras, é ainda hoje considerado um dos primeiros poetas d'este paiz. Entre outros escriptos compoz um poema denominado *Elogio da cidade de Mockden*, que o P.<sup>e</sup> Amiot traduzio em francez, e publicou no anno de 1770. N'este poema desenvolve o auctor bastantes conhecimentos litterarios e scientificos, tendo pedaços de rara belleza, como se pôde ver neste que traduzimos da *Biblioth. d'un homme de gout*, onde o imperador descreve o momento de sua partida:

«No dia fixado despregou-se o grande estandarte; aparelhou-se meus corseis cuja marcha altiva e rapida não cede á ligeireza do passaro que vóa. Jungio-se-os áquelle de meos carros, cujas brillantes pinturas representam alem de nuvens, phenix, dragões; e cujos estofos, que adornam-no pelo lado interior, não servem menos á commodidade, que á magnificencia. En vestido d'essas roupagens que inspiram, n'aquelles que as veem, profundo respeito para com o que as traz, subi a esse carro; no mesmo instante todas as bandeirinhas, a quem as diversas cores de que eram ornadas davam um brilho maravilhoso, flutuaram á vontade dos ventos, deixando ouvir sons que se tomariam por choro de passaros. Parti e dirigi meu curso para esses logares veneraveis, que os espiritos protegem, que cobrem as mais brillantes nuvens, que as estrelas inundam de suas influencias, que o céu e a terra embelezam a porfia, e accumulam de seus mais preciosos dons: enfim cheguei á residencia de meos respeitaveis antepassados.»

Alem d'essas obras possuem os Chinezes milhares de peças dramaticas, entremeadas de cantos, como se pode observar na tragedia o *Orphão da China* traduzida por Stanislaw Julien.

(Continúa.)

D. A. Martins Costa.

## VARIEDADES.

### JORNAES EM FRANÇA.

Acham-se actualmente entregues á acção dos tribunaes vinte e tres jornaes, sendo cinco dos que se publicam em Paris: *Le S'ècle, l'Opinion Nationale, l'Electeur libre, Le Rappel, le Revail.*

A este numero deve juntar-se o *L'Avant-Garde* de Lyão, que já está citado, apresentando-se-lhe como accusação ataques á religião catholica.

### O USO DO PAPEL.

Na America do Norte um certo Snr. Szerelmy, não só fez colleirinhos de papel, como tambem camisas, collotes, bonnets e chapéus, carruagens para caninheiros de ferro, forra navios, tornando-os impenetraveis ás balas de artilharia.

Recentemente annuncia a sua ultima novidade—caixões de papel para defuntos—recomendando-os como perfeitamente á prova d'ar, e finalmente aonde nada externo pode sabir, nem mesmo os defuntos...

Continuando o emprego do papel em tão proveitosos usos e empregos, é muito de crer que as nações individadas restaurem as suas finanças substituindo os seus exercitos de carne e osso por outros de papel.

A humanidade dará um grande pulo para a sua completa civilisação se a cavalaria, infantaria, caçadores, engenharia, artilharia e todo o material de guerra forem de papel não incendiario, mas sim de mata borrão.

Nos Estados Unidos já ha caminho de papel e pontes de papelão. Na Tartaria uzam-se sinos de papelão ha muitos seculos.

### O PRIMEIRO LIVRO.

Um psalterio foi o primeiro livro que se imprimio, começado por Guttemberg, e publicado em 1457 por Faust e Schoeffer, que o annunciaram nos seguintes termos:

«O presente livro dos psalmos, ornado com bellas iniciaes, e tornado sufficientemente claro com o auxilio de rubricas, foi executado *sem penna*, segundo a nova invenção de imprimir e de caracterisar.»

Guttemberg havia juntamente emprehendido levar á effeito a impressão de uma aprimorada biblia in-folio, tendo 1.282 pag' nas, de duas columnas, a quarta e duas linhas cada uma. Essa obra appareceu depois do livro dos psalmos, quando já a *arte magica, arte divina* havia sido revelada. De 1475, em Strasburgo, Mayença, Colonia, Augsburgo, Nuremberg, Bale e Lubeck, foram apparecendo impressas rivaes.

Em 1458, Nicoláo Jenson, habil gravador de moeda, de Paris, foi, por ordem de Carlos VII, mandado á Mayença para estudar o novo invento; este gravador estabeleceu-se depois em Veneza.

Nos fins do anno de 1465, o reitor da universidade, Guilnerme Fichet, e o prior de Sorbonna João de la Pierre, (*von Stein*, de Stein na Suissa) mandaram vir á sua custa para Mayença tres dos operarios de Guttemberg: Ulrich Geringe, Miguel Freyburger e Martinho Krantz, que estabeleceram uma officina no proprio edificio da Sorbonna, e que veio a ser a primeira imprensa franceza, dando começo á publicação de uma obra em latim, de Gasparino de Bergamo (*Gasparini Bergamensis clarissimi oratoris Epistolarum liber*) erudito então celebre.

Não tardou que em França se estabelecessem novas impressas, porque Luiz XI, que amava as letras, não ficou indifferente á *arte magica*.

Em 1475, tendo sido penhorados os livros ao representante de Pedro Schoeffer, estabelecido em Paris, Luiz XI interveio a favor delle, «em consideração aos incommodos e ao trabalho que os «requerentes tiveram pela dita arte e industria de impressão, e ao proveito e utilidade que della pôde resultar á causa publica, tanto para o augmento da sciencia, como etc.»

Ninguém então previa o alcance sem limites da nova descoberta, cujo primeiro esforço devia tender a substituir pelo reinado da razão, que esclarece e liberta, o dominio da espada, que embrutece e avilta; ninguém tambem advinhava as lutas que deviam nascer entre os partidarios interessados das trévas, e os conquistadores da luz; porisso, reis, padres e povo acolhião com igual enthusiasmo o primeiro livro impresso.

Reproduzidas até ao infinito em todos os paizes da Europa, as obras da intelligencia encheram de regosijo as populações maravilhadas e radiantes de esperança; manifestára-se um novo mundo, Guttemberg morrera ignorado e desconhecido!

Impresso por Manoel Cactano de Lemos.

# A NAÇÃO.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—M. C. DE LEMOS.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 18 de Agosto de 1869.

### UMA IDÉA HUMANITARIA.

Ha na vida dos povos certas enfermidades tão perigosas e destruidoras que aniquillam todo estímulo e progresso possível.

A sua morte é necessidade indeclinável.

Alimentadas mesmo pela patria, conspirem e devoram suas entranhas.

Em nosso seio se revolve e rugo um d'esses abutres que nos devora o coração, sem que tenhamos a propriedade de fazel-o renascer, como o Prometheo fabuloso.

Este monstro negro e pavoroso é a escravidão.

A sua extincção é uma alta necessidade que palpita aos olhos, mesmo d'aquelles que cobrem o rosto para não ver.

Está em nossos brios de cathólicos e povo civilisado matar o mais breve que for possível esta ulcera que nos aniquilla; acabar com esta deshonra que nos humilha.

Mas como se fará essa reforma liberal e christã?

Eis um dos mais momentosos problemas que se atiram no proscenio da sociedade brasileira.

Todos estão convictos que ninguém tem o direito de escravisar ao seu semelhante; porém é evidente também que não podemos acabar de chofre com a escravidão; porquanto os particulares, cuja fortuna consiste n'esse genero de propriedade, nenhuma culpabilidade têm dos erros da sociedade.

Diante d'este conflicto de direitos e liberdades, a todos dita a prudencia: a morte lenta da escravidão. Não se atropellem os interesses do cidadão. não se prejudique a propriedade sem direito natural; porém adquirida com toda legalidade.

Não chorem perpetuamente tantos infelizes sob o pezo da escravidão.

Haja liberdade; porém seja com ordem.

Para este fim, além de medidas acertadas que tomará o governo, temos o systema de associações, o patriotismo das corporações e confrarias.

Estes pensamentos suggerem-nos a idéa de chamar a attenção das irmãndades da nossa provincia, afim de que converjam suas vistas para a libertação d'alguns miserios captivos.

Para isso nada mais é necessario que uma pequena modificação nos systemas das nossas festividades religiosas.

Em logar de festa de largo e Igreja, faça-se somente a solemnidade no recinto do Templo sagrado, diante das venerandas Imagens.

Adorne-se muito bem o sacro Templo, destumbrem-se o velludo e a purpura; ergam-se ondas de luz que brilhe por toda parte, o insenso remonte em peizadas naves, sacros hymnos restruam nas ahobadas sagradas; tudo isto é santo, tudo isto é digno d'um poyo religioso, tudo isto é preito e homenagem rendida a Deos; mas tudo isso faça-se no Templo e somente dentro do Templo.

Porém que se gaste boas sommas em *muzica de largo*, sons que passam e morrem ao vento; que se gaste em foguetes e bonecos tantas vezes vistos, quando derramam lagrimas de sangue tantos infelizes sob o pezo da escravidão!

É esta uma ingratidão que a posteridade jamais nos perdoará.

É mesmo um crime de que o tribunal da historia não nos póde absolver.

Aonde estão essas theorias tão gaba-

das, onde essas idéas impavoneadas de humanitariedade e liberdade?

Mostremos as obras, que as theorias e as palavras sem applicação são verdadeira hypocrisia.

Eis-a! se approxima o dia da festividade de Santa Philomena; a muzica e os foguetes tem pejado o ar. Continue-se. Mas não será possível sacrificarmos alguns bonecos no dia, afim de libertarmos mesmo um infeliz?

Approxima-se a festa de Nossa Senhora dos Remedios. Não será possível um identico sacrificio para fim tão louvavel?

Todos nós sabemos o que são as festas de largo. Os seus fructos são bem conhecidos, e para que tocar nestas chagas?

O nosso fim é despertar uma lembrança. Seja bem ou mal acolhida, eis o que importa.

### ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Sobre a nova divisão das freguezias, intentada pela Assembléa Legislativa Provincial, provocado o parecer de S. Exc. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano, assim respondeu elle á Presidencia:

«Ao Exm.<sup>o</sup> Sr. presidente da provincia.—Accuso o recebimento do officio que dirigio-me V. Exc., com data de 28 de Junho ultimo, acompanhando por cópia o projecto de lei d'assembléa legislativa provincial, que tem por fim crear nesta capital mais uma freguezia tirada á segunda freguezia da mesma e á de S. Joaquim do Bacanga, como se vê dos limites que lhe são traçados no referido projecto e á cujo respeito deseja a mesma assembléa com urgencia ouvir o meu parecer.

Tratando-se da criação de uma nova freguezia, procurei ouvir os parochos desta cidade sobre a conveniencia de semelhante medida, bem como dos limites que são traçados á projectada quarta freguezia, opinando todos pela nenhuma necessidade, actualmente, de semelhante criação, ou seja porque o pasto espiritual é administrado regularmente aos fieis que o reclamam, ou seja pela pouca extensão das parochias da capital, cujos longes vão para além do Caminho Grande.

No entretanto inclino-me a que a mesma assembléa deve votar verba sufficientemente para que póssa edificar-se um templo na Maiobinha, séde da freguezia de Santa Filomena, creada pela lei provincial n.<sup>o</sup> 402 de 27 de Agosto de 1856, que por tal motivo não foi ainda até hoje erigida canonicamente. Esta freguezia, além de reduzir os limites das freguezias de N. S. da Conceição e S. João Baptista da capital, exclusivamente á area da cidade, proporcionará aos povos que acham-se comprehendidos nos seus limites facis recursos á receberem o pasto espiritual, do qual soffrem hoje falta, dará grande incremento ao logar, e poderá ser levada á effeito sem grande dispendio, porquanto, existindo nesta capital a confraria de Santa Filomena, que possui um pequeno patrimonio, facil será resolvel-a á trasladação da respectiva imagem e applicação do seo patrimonio para fim tão justo.

Accresce, além disto, que nos limites traçados no projecto de lei de que me occupo, vejo um grande inconveniente á facil administração do pasto espiritual aos fieis que habitam nos logares Boqueirão, Guia, Bom-Fim, & que hoje estão sujeitos á jurisdicção do parcho de S. Joaquim do Bacanga, visto como é mister contar-se com marés convenientes para ou ir o parcho desta cidade a taes sitios, ou virem os habitantes delles á respectiva Matriz, inconveniente que deo

logar ao meo antecessor reclamar contra o artigo 3.<sup>o</sup> da lei provincial n. 421 de 14 de Agosto de 1856.

Não obstante porem o que acabo de ponderar e que rogo a V. Exc. se dignar fazer chegar ao conhecimento d'assembléa legislativa provincial, so está julgar em sua sabedoria de conveniencia publica a criação da freguezia projectada, convirá dar-lhe novos limites, removendo as difficuldades indicadas e fazendo entrar as tres parochias desta cidade com os territorios que forem precisos á criação da nova freguezia. Computada a população desta capital em n. de 33 mil almas, e cabendo a cada uma das parochias existentes quasi 12 mil almas, devem os limites da nova freguezia serem taes que toque a cada uma para mais de 8 mil almas. E neste caso será conveniente que a assembléa legislativa provincial com a criação logo consigne os necessários meios para que ella póssa ser erigida canonicamente, porquanto além de ser lastimoso o estado geral das Igrejas matrizes da provincia, freguezias ha que contando bastantes annos de creadas, ainda até hoje não possuem uma caza de oração e nem os ornamentos absolutamente necessarios.

Renovo a V. Exc. os protestos da minha perfeita estima e distincta consideração.»

### POLITICA.

#### A GUERRA DO PARAGUAY.

Deparamos com dous artigos nos jornaes inglezes *Brazil & River Plate Mail* e *The Morning Herald*, sobre o folheto do Sr. J. D. da Cruz Lima, um dos quaes vamos transcrever depois de traduzido.

«O Sr. J. D. da Cruz Lima, que exerce o cargo de encarregado de negocios do Brazil em Montevideo, contribuiu mui efficaç e utilmente para a longa serie de artigos que têm elucidado a guerra contra o Paraguay, publicando em francez no Rio de Janeiro uma completa resposta a um artigo opposto, assignado pelo Sr. Elyseo Reclus na *Revista dos Dous Mundos*.

«O Sr. Lima, em resumida analyse sobre a situação dos negocios do Prata, desde 1828 até hoje, mostra como o Brazil, desde então até agora, tem contribuido efficaçmente para a independencia da *Banda Oriental*, e quão longe da verdade são as accusações feitas ao Imperio, de querer estender os seus limites ao Prata e obter qualquer influencia indevida sobre aquella republica; e quanto, pela sua politica de equilibrio no Prata e da independencia de seus Estados, tem promovido a oaganisação e prosperidade da Confederação Argentina, salvando também, em momentos criticos, o Paraguay das consequentes pretensões da vasta extensão do vice-reinado hespanhol de Buenos-Ayres; bem como ás diligencias da diplomacia brasileira, quando deu-se a revolução de Rosas (época em que realmente começou a moderna historia do Prata) deve o Paraguay o ter sahido da exclusão e isolamento em que se achava e entrar no numero das nações; e depois o auxiliou para a sua defesa militar e a educação e instrução de *Benito*, um dos filhos do velho Lopez; e que, entando o Brazil cumprindo assim deveres e cortezia de bom vizinho, Solano Lopez capturou seus navios, interrompeu-lhe o accesso a Mato-Grosso e invadiu o Imperio! E tudo isto fez Lopez, como estaram lembrados, sob pretexto, completamente desmentido pelos factos subsequentes, de que a independencia do Uruguay estava em perigo.

«Para realizar seus planos teve Lopez

que invadir o territorio argentino, fazendo um esforço desesperado para apoderar-se de Buenos-Ayres. Foi o Brazil, pois, quem levou os Argentinos e Orientaes a ligarem-se com elle, em alliança, para expulsão do Prata!

«O Sr. Lima lembra aos criticos europeos que infelizmente para a prompta victoria dos alliados, a alliança encontrou Lopez perfeitamente apercebido e preparado para atacar seus vizinhos, entretanto que elles estavam quasi inteiramente desarmados, do que resultou ficar o Brazil, durante quatro annos, privado do accesso e dominio sobre Mato-Grosso, e ser obrigado a deixar a população da fronteira daquela provincia, não só á mercê de Lopez, como até privada de muitos objectos necessarios á vida e civilisação.

«Que no principio das hostilidades o Brazil tinha apenas 16,000 homens em armas, espalhados na sua immensa superficie, para oppôr a 80 ou 90,000 Paraguayos.

«Que o Imperio tinha uma marinha apenas capaz para varrer o Prata inferior, e salvar Buenos-Ayres, mas incapaz de passar Humaitá para acudir a Mato-Grosso; e que os Argentinos e Orientaes estavam literalmente sem exercito, sem armas e sem navios; e que não obstante tudo isto foi Lopez, a custo de enormes esforços, arrojado para o interior do Paraguay, com perda verdadeira de seu exercito.

«Que no seu territorio tinha elle Humaitá para resistir contra a entrada do rio Paraguay, e banhados e paues no lado de terra, em defeza de suas fortificações de pedra, sendo aquelles acompanhados de extensas linhas de obras de terra. E era alli dizem agora seus admiradores, que os alliados deverião ter acabado a guerra; não vendo elles que, se o tivessem feito, ficaria o Brazil privado de sua provincia de Mato-Grosso, e Lopez habilitado para fazer do rio Paraguay a base de novas operações contra os alliados, quando estivesse disposto a renova-las; como então o estava, sem duvida. Foi por isso, pois, que os alliados sitiando Humaitá resolveram destrui-lo e perseverar no seu intento.

«Para conseguio tiveram de fazer marchas forçadas através de terrenos sem estradas, cobertos de atoleiros, banhados, lagos e paues, atravessar muitos rios, desembarcar em margens entrincheiradas ou disputadas, haver-se com um inimigo infatigavel e astucioso, e soffrer a cholera e as febres. Entretanto tinha o Brazil de comprar ou construir, ou obter da Europa, armas, e enviar para o Prata vasos encouraçados, capazes de resistir á artilharia do Humaitá, e de cooperar com o exercito sitiador para forçar aquella passagem.

«Voio depois o longo e triste assedio, sustentado com perseverança; o abandono por parte de Lopez de todas as obras de terra, que por tanto tempo impediram um ataque em força; a passagem da esquadra, e afinal a queda da fortaleza e a entrega de sua guarnição, tudo o que, bem que apurando os recursos do Imperio, nunca lhe enfraqueceu a resolução de recuperar Mato-Grosso; empenho este que espalhára riqueza no Estado argentino, e que ás vezes desanimava seus alliados. De então por diante a guerra correu com mais rapidez.

«Lopez retirou-se á medida que os alliados avançavam sobre o Tebiquary, que era a verdadeira linha de defeza do Paraguay, se Lopez fosse soldado competente, ou um homem bravo, e outra vez concentrou-se atrás dos vallados, reductos e obras de terra de Villeta. Po-

rém agora a esquadra brasileira domina o rio, e protegida por ella a grande massa do exercito brasileiro atravessou e abriu caminho através do Chaco, e repassando acima de Villeta destroçou Lopez dentro de dez dias, em uma rapida successão de batalhas, e forçou-o a retirar-se. Agora tem de ser perseguido como um fugido na terra!

«Tal é a resposta dada pelo Sr. Lima, ou a que se deduz de seu interessante folheto, á *Revista dos Dois Mundos*; e recorremos a elle, não só para mostrar que o Brazil tem um escriptor competente para a tarefa de defender a reputação do Imperio, como para indicar aos futuros chronicistas da guerra os diferentes pontos de vista de que têm a tratar, antes de condemnarem o caracter das operações, ás épocas, bem que vagarosas, pelas necessidades das circunstancias, pois que tem o cunho da precisão e certeza, que distingue a capacidade.»

## INDUSTRIA.

### O GRANDE ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL DO CREUSOT.

O famoso estabelecimento do Creusot é talvez o primeiro da França neste genero. A sua exposição, como já mais de uma vez dissemos, era um verdadeiro museu de industria, que bem mostrava o estado de progresso do estabelecimento expositor, assim como representava o estado actual da industria das machinas de vapor em França. O seu principal proprietario Schneider, actual presidente do corpo legislativo francez, não gastou menos de 800.000 francos em fazer a bella exposição que se ostentava ufana em um dos annexos do parque do campo de Marte.

Julgamos não ser destituida de interesse a seguinte noticia sobre este grande estabelecimento industrial francez.

Fica o Creusot a 400 kilometros de Paris, sobre o caminho de ferro de Lyon, em um ramal que vae de Chagny a Nevers, no departamento de Sône-et-Loire, a 40 kilometros de Chalons-Sur-Saône. A sua população é de 24.000 habitantes proximamente. A 10 kilometros do Creusot passa o canal do Centro, que communica os rios Sône e Loire. Um caminho de ferro particular liga as officinas do Creusot com o dito canal.

Primitivamente, em 1782, tinha havido no Creusot uma fundição de artilheria pertencente ao estado. Dois annos depois fundou-se ali uma fábrica de vidros. Posteriormente diversas sociedades se formaram, até que em 1837 se constituiu a companhia Schneider, Imão & C.<sup>a</sup>, que em 1845 se converteu no que é hoje, com a firma de Schneider & C.<sup>a</sup>

Occupa actualmente o estabelecimento de Schneider uma superficie de 120 hectares, dos quaes 49,5 se acham cobertos por edificios.

Possue o Creusot minas de carvão de pedra com uma extensão de 64 kilometros quadrados em exploração, na qual se empregam 6 machinas de extracção de hulha, da força de 350 cavallos, 2 bombas da força de 400 cavallos, e machinas inferiores, necessitando um trabalho de 50 cavallos.

No serviço das minas de carvão de pedra emprega o Creusot 1.450 operarios. A produção annual regula proximamente por 250.000 toneladas de carvão. As minas de carvão ficam mesmo junto ás officinas, porque o Creusot é construido sobre terreno carbonifero; os principaes poços são—S. Pedro e S. Paulo; tem uma enorme secção; fornecem só elles 100.000 toneladas annuaes: o mais profundo (S. Pedro) tem 345 metros de profundidade; achase a exploração a 241 metros; diariamente produz 500 toneladas de hulha.

Ha um lugar no Creusot, La Croix, onde o carvão de pedra apparece á superficie do solo; é um valle no fundo do qual está o tumulo de Mr. Chagot, um dos antigos proprietarios do Creu-

sot. Em tempos antigos parece que se fez neste lugar a exploração do carvão de pedra ao ar livre.

Em uma das grandes sondagens feitas para a indagação da presença das camadas de carvão de pedra, em um lugar chamado Mouille-longe, abriu-se um poço de perto de um kilometro; foi nesta grande profundidade que Walferdin fez diversas experiencias sobre a elevação de temperatura que se observa quando se penetra no interior do solo, achando-se que a temperatura cresce de 1º por cada 25 a 30 metros de augmento de profundidade. A broca de aço que abriu este poço partiu-se, e não se tinha ainda podido tirar, o que obsteu a que se continuasse a sondagem neste lugar. O Creusot consome 14.000 toneladas de carvão no serviço das suas machinas. Porem a maior parte do carvão de pedra, mais de 90.000 toneladas é convertido em coque para ser empregado no tratamento dos mineiros de ferro nos altos fornos, e na transformação do ferro coado em ferro forjado.

As minas de ferro acham-se a 43 kilometros do Creusot em Masenay. Do caminho de ferro que liga Masenay ao Creusot, uma parte, perto de 18 kilometros, pertence á companhia do caminho de ferro de Lyon, á qual a fabrica do Creusot paga um certo aluguer por kilometro e por tonelada. Diariamente correm sobre esta linha seis comboios ascendentes e outros seis descendentes, de 20 vagões cada um, que vão a Maronay buscar o mineiro de ferro e vão lançar nos altos fornos do vasto estabelecimento metallurgico do Creusot.

As minas de ferro são exploradas em uma extensão de 15 kilometros quadrados; n'esta exploração são empregadas seis machinas de vapor da força de 90 cavallos. O serviço é feito por 659.000 operarios. A produção annual regula por 250.000 toneladas.

O mineiro de ferro é principalmente o ferro colithico, que produz geralmente 27 a 28 por 100 de ferro. O principal poço tem 36 metros de profundidade; extrahre por dia 400 toneladas de mineiro.

Para o tratamento do mineiro de ferro, possui o Creusot 150 fornos de coque horizontaes ou fornos belgas, e 10 verticaes, chamados de Appoet; n'estes fornos, pela acção do calor, o carvão de pedra transforma-se em coque incandescente, o qual é lançado fóra dos fornos para dentro de vagões onde é afogado pela inundação de correntes de agua. O tratamento do mineiro é feito em 15 altos fornos. O mineiro misturado com o coque é introduzido nos altos fornos; as cargas do mineiro são introduzidas em vagões, os quaes elevados até á parte superior dos fornos por meio de plataformas movidas por machinas de vapor ou de ar comprimido; depois de descarregarem, descem pela acção do seu proprio peso. O carvão reduz o mineiro pela acção, em que existe principalmente ferro e algum carvão. O ar é injectado nos altos fornos por 7 machinas ou bombas atmosphéricas da força de 1.350 cavallos; 10 machinas diversas representam uma força de 250 cavallos. Neste serviço metallurgico empregam-se 750 operarios.

Os gases desenvolvidos na reacção que produz nos altos fornos, vão pela sua inflamação aquecer 24 grandes geradores de vapor, nos quaes a agua se vaporiza por meio do calor produzido pela combustão d'aquelles gases, sem despesa apreciavel de carvão. O grande tubo de ferro que reúne todos os canaes collectores, tem 2 metros de diametro e atravessa uma grande extensão sem suporte algum, tal é a sua solidez. Uma chaminé colossal de 15 metros de altura, faz a tiragem para todos os gases dos 15 altos fornos, e regula a marcha das caldeiras. O ar injectado pelas grandes bombas atmosphéricas, antes de ser lançado dentro dos fornos é aquecido em grandes serpentinas também por meio dos gases dos altos fornos.

O ferro coado é transformado em fer-

ro forjado; para isso é fundido e submettido á acção de martellos a vapor, e depois á de laminadores.

Emprega o Creusot n'este serviço 85 machinas de vapor da força de 6.500 cavallos, que poém em movimento 15 laminadores completos para afinação e 16 para os ferros, 30 martellos a vapor, e 60 diversas machinas de cortar, furar, bombas, prensas, &c. Possui esta parte do estabelecimento 130 fornos de afinação e 85 de reaquecer. A produção annual é em media de 140.000 toneladas, e empregam-se n'este trabalho 3.500 operarios.

O mercado do carvão e ferro bruto do Creusot é por em quanto limitado á França; mas os objectos construidos nas suas vastas officinas são exportados e apparecem no mercado de todos os paizes. O Creusot tem fornecido carris para os caminhos de ferro de toda a Europa, e as suas machinas têm levado o nome e o credito do estabelecimento. Duas repartições importantes possuem esta parte do Creusot, a dos caminhos de ferro e a das machinas.

O Creusot começou a construir machinas de vapor em 1737. Era a epocha da infancia da industria em França. O director do Creusot fez em Inglaterra a aquisição de importantes machinas para os diversos trabalhos, ainda hoje possui alguns tornos magnificos construidos nas bellas officinas inglezas de Whitworth e Penn. Com o rico material que adquiriu Mr. Schneider pôde começar a construir machinas para seu estabelecimento e para o commercio e industria da França, e mais tarde de todo o mundo. Em 1842 o Creusot possuia o primeiro martello a vapor inventado por Bourdon, seu engenheiro em chefe; pouco tempo depois Nasmyth o applicava em Inglaterra, e o martello a vapor generalizava-se por toda a parte.

A partir da invenção d'este memoravel utensilio do trabalho, a industria pôde emprender a fabricação de enormes bielles, placas de couraças de navios, &c. Até 1842 para forjar as grossas peças, o Creusot empregava martinetes de 400 a 500 kilogrammas o maximo.

Foi em 1839 que no Creusot se construiu a primeira machina de vapor maritima; mas só em 1844 é que propriamente começou a construção dos grandes vapores para o alto mar; foi então que, por assim dizer, a França emprendendo a luta com a Inglaterra na construção de machinas de vapor maritimas: A primeira locomotiva foi construida no Creusot em 1838.

(Continúa.)

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### BISPO.

D. FREI JOAQUIM DE N. S. DE NAZARETH.

(Conclusão.)

Por occasião dos movimentos politicos e revolucionarios, que trouxeram a queda de D. Miguel de Bragança do throno de Portugal, o Bispo de Coimbra não quiz prestar obediencia ao governo de D. Maria 2.<sup>a</sup>

Pela segunda vez deixou incognito a sua Diocese, e fugitivo foi abrigar-se em Inglaterra das perseguições, que lhe moviam os seus adversarios em sua Patria.

Depois de demorar-se ali por algum tempo, lembrou-se das suas antigas ovelhas, e na certeza de que seria bem acolhido por ellas buscou o Maranhão para descansar de sua vida tão atribulada, vindo á bordo da Galera Ingleza *Wilberforce*.

Não se enganou, porque ao saltar nas praias da cidade de S. Luiz na tarde de 3 de Março de 1840 «foi o illustre expatriado recebido nos braços do Exm.<sup>o</sup> Sr. D. Marcos Antonio de Souza, que o acolheu em seu Palacio, e cercado por todas as atenções, e demonstrações d'estima dos seus antigos filhos.»

D. Marcos foi recebido na rampa, ajoelhou-se para beijar-lhe o anel, D. Joaquim ajudou-o a levantar-se, ajoelha-se por sua vez, beija o anel do Pastor-Ma-

ranhense, e assim conserva-se até que este lhe tire debaixo da batina a cruz pendente, depois ergue-se e abraçam-se bastante commovidos.

Poucos dias depois recolheu-se ao convento de Santo Antonio dos Franciscanos, que pertencem á Familia de sua Ordem, onde residio até o fim da vida, prestando-se, diz uma testemunha occular, o conego Raimundo Alves dos Santos, a todos os actos solemnes da Igreja, quer dentro da Capital pontificando e chrismando, quer fóra d'ella baptizando, confessando e ordenando os aspirantes ao Sacerdocio, e assistindo ás procissões e aos demais actos, para os quaes era rogado.

Desde a morte de D. Marcos até a chegada de D. Carlos, e desde a partida d'este para Pernambuco em 14 de Julho de 1847—pôde dizer-se, que foi elle o verdadeiro Bispo.

«Comeu o pão do exilio, porem jamais foi abandonado pelo amor e caridade, não tanto dos portuguezes generosos para com o illustre compatriota, como dos maranhenses em geral.»

Publicou uma traducção da Biblia, a cujo trabalho se entregou.

Era excellentissimo cantor e habillissimo compositor de *canto-chão*: ainda hoje encontram-se na Sé composições suas n'este genero de musica.

Viveo entre nós por meio de uma subscrição, que produzia a congrua annual de um bispo e recebendo d'uns o obulo da caridade, que immediatamente distribuía pelos pobres, não cuidando de si, e nem guardando com quem no dia seguinte accudisse ás suas necessidades diarias.

Accomettido por grave molestia, impossivel de ser vencida pela medicina porque Deos já tinha marcado a hora de premiar suas virtudes, conhecendo avizinhar-se a morte, confessou-se no dia 30 de Agosto com o Padre João de S. Thomaz Carreira, e ministrou-lhe o Sacramento da Eucharistia o Conego Arcipreste, Vigario Capitalar do Bispado, José João dos Santos.

Resignado e sempre cercado por muitos amigos, conversou até a meia noite de 1.<sup>o</sup> de Setembro de 1854: cinco minutos depois sua alma candida e pura voou aos Ceos, sendo assistido em seus ultimos instantes pelo Guardião do Convento de Santo Antonio Frei Vicente de Jesus, e pelos Padres Estevão Alves dos Reis e José Silveira Serpa.

Aperas sabida a sua morte, foi muito pranteada geralmente, e sobre tudo pela pobreza desvalida, de quem era pae extremoso.

As fortalezas e as casas dos consules conservaram em funeral as bandeiras de suas nações, e de quarto em quarto de hora ouvia-se o estampido dos canhões, denunciando o passamento d'este Principe da Igreja na idade de 76 annos, 3 mezes, e 19 dias.

Durante a manhã quase todos os Sacerdotes voluntariamente celebraram missas de corpo presente.

Morreo no exilio, porem foi em terra de filhos, d'irmãos, e de amigos.

Todos como que á porfia cuidavam em que nada faltasse ao seo enterro.

Amortalhado com os habitos proprios da elevada missão, que teve na terra, com mitra branca e casula preta, foi seo corpo depositado em riquissimo caixão, e as 3 e 1½ horas da tarde foi transportado á Cathedral.

Grande foi o concurso, que o acompanhou á sua ultima morada.

Entre o immenso povo, notava-se o Rvm.<sup>o</sup> Cabido, todo o Clero regular e secular existente na Capital, o Presidente da Provincia, então o Dr. Eduardo Olimpio Machado, todas as autoridades civis e militares, muitos outros empregados publicos, e cidadãos de todas as classes.

O caixão foi aberto, e seis curas ou vigarios pegaram nas suas alças, servindo de capitulante o Rvm.<sup>o</sup> Conego Chantre Manoel Pedro Soares.

No largo de Santo Antonio as honras funebres foram feitas por uma Brigada

da Guarda Nacional, pelo corpo dos Educandos Artífices, e pelo parque de artilharia, que deo 19 tiros e a brigada tres descargas.

Quando a primeira Irmandade chegou á porta da Sé, principiou a mover-se no Largo de Santo Antonio o parque d'artilharia, que caminhava na frente da infantaria, tantas eram as irmandades, e tão crescido o numero dos Sacerdotes e dos Seminaristas, que faziam alas!

Na Cathedral celebraram-se todos os actos funebres prescriptos pelo cerimonial.

A's 8 horas e meia da noite seo corpo baixou á terra do sepulcro, regada com as saudosas lagrimas dos habitantes da cidade de São Luiz, que muito o amaram, principalmente depois que foi victima da adversidade.

Sobre sua sepultura no presbyterio da Cathedral, ao lado de tantos outros Bispos que ali dormem o somno eterno, collocou-se uma lapide com esta inscripção:

Aqui jaz

Dom Frei Joaquim de N. S. de Nazareth, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Senhor de Coja, Alcaide-mór de Avo.

Foi prelado de Mocimboque em 1811; Sagrado Bispo de Leopoldopolis em 1816; Transferido d'aquelle Bispoado para o do Maranhão em 1819, e deste para o de Coimbra em 1824. Foi Par do Reino ás Cortes Portuguezas de 1826 a 1828, e ali mostrou como era distincto e consummado theologo.

Emigrou para esta provincia em 1840, e aqui falleceu ao 1.º de Setembro de 1851 com 73 annos e tres meses de idade.

Morreo no exilio, e em terra estrangeira, mas terra de irmãos, e filhos seus, que na vida o amaram como a Pae, na adversidade o acolheram como amigo, e na morte o choraram como a Príncipe Santo e Justo.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 6 DE JULHO DE 1869.

(Conclusão.)

O Sr. SARAIVA (*continuando*):—O poder pessoal do rei, que consiste em fazer e desfazer situações politicas, é um poder que lhe não aproveita e lhe faz mal. Não; o rei deve ser o primeiro interessado em descartar-se de um poder que aniquilla as liberdades publicas, de um poder que não tem o correctivo da liberdade eleitoral. (*Apoiados*.)

O rei tem o maior interesse em descartar-se desse poder para furtar-se ao deploravel espectáculo do poder tudo e nada poder (*apoiados*), de poder fazer um partido; e desde que este partido sohe, não poder governar os ministros, não poder evitar que os presidentes vão fazer nas provincias o que não é possível acreditar-se...

O Sr. BARÃO DE ITAÚNA:—Póde a situação mudar.

O Sr. SARAIVA observa que a corôa não ha de estar mudando situações todos os annos, fazendo constantemente essas reviravoltas. E preciso que os nobres ministros vivam, governem, façam o bem; elles hão de ser constrangidos por seus proprios amigos a fazer as reformas.

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Nós as queremos.

O Sr. SARAIVA:—Porque não lhes dão andamento?

Ja-se esquecendo de um ponto muito interessante do discurso do nobre ministro da marinha. S. Ex. disse ha pouco que não e homem do direito divino...

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Deos mo livre.

O Sr. SARAIVA já assignalou uma parte do discurso do nobre senador pelo Rio de Janeiro que se presta a ser tomado como uma apologia de direito divino. Vai agora apontar uma opinião do nobre ministro da marinha que é a consagração de tal direito.

Disse S. Ex. «Vós affagais o direito de resistencia.»

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Fallei nisso?

O Sr. SARAIVA diz que o nobre ministro fallou em referencia ao nobre sena-

dor pela Bahia, que tem sido um dos primeiros em assignar as maiores verdades em relação á nossa forma de governo. O nobre senador disse ha muitos annos, e disse uma verdade: «Não se pode negar ao povo o direito de resistencia.» (*Apoiados*.) A questão é—Deveis resistir, ou não?—Devemos dizer ao povo:—Não resistais—; mas negar-lhe o direito de resistencia! Deos o depositou no fundo da natureza humana; o homem, quando se constituiu em sociedade, não se despojou d'esse direito que a natureza lhe deu. Póde-se disputar sobre a applicação desse direito; mas nega-lo é fazer o que fez o nobre senador pelo Rio de Janeiro, quando negou-nos o direito de constituir-nos de novo.

Disse ha pouco o orador que o Imperador do Brazil era o mais interessado na liberdade eleitoral. Se elle fez os ministros actuaes, se fez a presente situação em consequencia dessa eterna sorites de que fallou o nobre senador pela Bahia, sem que nada indicasse que os ministros tinham maioria no paiz (*apoiados e não apoiados*), se fez os ministros apesar da confissão do nobre ministro da marinha, quando disse que se soubesse que o partido liberal historico era contra elle, não aceitaria o poder...

O Sr. BARÃO DE COTEGIPE:—Eu não disse isso.

O Sr. SARAIVA... se apesar da consciência que o gabinete deve ter de que não está com a maioria do paiz, o imperador constituiu os ministros os arbitros de nossa sorte, por que razão não terá elle o poder de convencer os nobres ministros de que em beneficio da monarchia, em beneficio da ordem devem dar-nos liberdade? Estão seu interesse.

Vai ler as palavras propheticas que ha quasi 50 annos, disse Benjamin Constant, com bom senso admiravel: «As instituições que servem de barreira ao poder são tambem o seu apoio. Ellas o guiam em sua derrota, o sustentam em seus esforços, o moderam em seus excessos de violencia, e o animam em seus momentos de apathia.

«Quando os governos lutam mesmo contra taes instituições, ellas lhes impõem certas reservas que tornam suas faltas menos perigosas. Mas, quando taes instituições são destruidas, o poder, não achando nada que o dirija, que o contenha, começa a caminhar ao acaso. Sua marcha é desigual e incerta. Come não tem mais uma norma fixa de proceder, avança, recua e agita-se. Não sabe jámais o que faz, se faz bem ou se faz de mais. As vezes o arrebatamento o conduz: outras o desanimo se apossa de seu espirito; elle se desfaz muitas vezes de alliados, crendo desembaraçar-se de adversarios. O arbitrio que elle exerce é uma especie de responsabilidade misturada de remorso que o confunde e o atormenta.»

Os nobres ministros chamam revolucionarios aos liberaes; entretanto, talvez fossem melhores alliados do que os homens do direito divino. Eis porque o orador diz que o interesse do imperador está em cerrar-se de instituições que lhe resistam, porque a resistencia dessas instituições é que fará com que elle acerte e possa fazer a felicidade de seu paiz. Aquelles que lhe aconselham que, em vez de instituições que lhe resistam, tenha instituições que o arrastem, não são seguramente os que se possam dizer menos revolucionarios.

Ultimamente esta parte de seu discurso, dirá: «Vós, que tendes a imprevidencia de não dirigir os acontecimentos sois mais revolucionarios de que nós.»

Vai ler, e recomenda ao nobre ministro da marinha a leitura do seguinte trecho de Laboulaye, na sua obra relativa aos Estados-Unidos da America: elle vai fazer a historia da actual situação, vai descrever qual é a nossa posição: todos vão vêr-se retratados neste trecho:

«Quando lêmos a historia, parece que assistimos á eterna legenda da sybilla. Tres vezes ella se apresenta com os livros fatidicos que encerram o futuro. A primeira é a queixa de um simples par-

ticular, a voz do bom senso. A sybilla se chama razão.»

Para nós já passou esta quadra.

«A segunda é a voz de um povo que soffre; a sybilla se chama reforma.»

É a quadra em que estamos. O povo soffre, o povo não tem liberdade de eleição, os liberaes pedem a reforma; esta quadra se chama na phrase elegante de Laboulaye—a reforma.

«A terceira apresenta-se armada e se chama revolução. Felizes os reis, felizes os povos que, deixando ao pensamento seu livre curso, acolhem desde o primeiro dia esta divindade benefica, e o seu primeiro sorriso, e não se deixam arrastar a essa conspiração da ignorancia, do interesse e das paixões, donde a propria liberdade só sahe ensanguentada e mutilada.»

Os liberaes pedem aos nobres ministros que não deixem chegar a terceira época, a época da revolução, porque estão convencidos que a liberdade ha de sahir della ensanguentada e mutilada.

Escaparam-lhe muitas cousas que tencionava dizer na parte politica de seu discurso; mas, como o orador não é dos que menos incommodam o senado, terá outras occasiões de expô-las.

Passando á segunda parte de seu discurso, occupa-se o orador da presidencia da provincia da Bahia.

Declara que o nobre presidente não é responsavel pelas demissões dadas ás centenas em poucos dias, nem pelas nomeações feitas sem criterio.

Notará somente que S. Ex. não demittio os mãos que achou nomeados e apressasse até a derrubada, demettindo sem motivo e sem razão (que não havia ainda) o director de instrução publica, uma illustração da provincia, homem encaneado no serviço do paiz e pobre como Job.

Acha que a administração da Bahia foi detestavel porque instigara ás violencias e os desmandos da auctoridade, e não mostrara nem uma vez disposição de corrigir ou punir esses desmandos.

Ao presidente da assembléa provincial, que lhe fôra representar contra violencias e mortes feitas em Inhambupe, a proposito de recrutamento, respondia S. Ex.:

«Vocês fizeram peor!»

A um deputado que acompanhou perante a presidencia um ex-subdelegado que fugira do tronco, e tivera seus filhos recrutados, recebia com descortezia, ameaçava e chegava até a ordenar que fosse preso.

Esses factos indicaram á provincia como pensava o presidente a respeito dos vencidos. Os subalternos comprehenderam o que isso queria dizer, e as violencias e fraudes attingiram os ultimos extremos.

Não foi somente o direito de representação que foi supprimido. A opposição era injuriada em officios da presidencia.

O Sr. BARÃO DE S. LOURENÇO:—Não é capaz de mostrar isso.

O Sr. SARAIVA diz que em officio ao chefe de policia, a proposito de requisição de força para Urubú. Ali dizia o presidente: «O cynismo de uma opposição infrene.»

O Sr. BARÃO DE S. LOURENÇO:—Lêa o officio.

O Sr. SARAIVA não o tem aqui, por que não esperava que se negasse até o que oficialmente se disse; mas opportunamente o lerá ao senado.

A opposição era insultada no proprio recinto da assembléa provincial, porque o presidente alli disse que ella tinha excedido os limites do honesto. Se o presidente tinha tal linguagem, e tal proceder, como admirar que seus agentes fizessem o que fizeram?

Não limitou-se a isso o presidente da Bahia. Para elle só mereciam credito os capangas eleitoraes e as autoridades nomeadas por inspiração de taes influencias. Essas autoridades valiam mais do que os juizes de direito.

Lê um officio do presidente ao juiz de direito, de Itapicuru. Por esse officio,

dirigido ao Sr. Rocha Vianna, um dos juizes mais probos e mais independentes que o orador conhece, póde-se aquilatar a imparcialidade do presidente.

Essa linguagem não é a de um grande funcionario, é a de um chefe de partido e de eleições. O juiz de direito indicava os abusos e as violencias commettidas com o fim de não consentir-se que fizesse a eleição em Itapicuru o actual barão do Rio-Real, uma das melhores e mais legítimas influencias da provincia.

O presidente em seu officio encarregou-se de demonstrar (sem ouvir a pessoa alguma) que tudo quanto disse o juiz de direito é falso, e que o coronel Dantas, que residio em Geremoabo, é o influente do Itapicuru, porque é o homem mais honesto e mais rico dos sertões da Bahia. Isto (diz o orador,) não precisa de commentarios!

Vai ainda examinar os principios desgraçados da administração que o actual presidente alli consagrou em seus officios.

Para o juiz de paz de Alagoinhas disse que queria extinguir as parcialidades locais.

Para Maragogipe disse que, como as parcialidades locais (duas), eram amigas do governo, as tolerava.

Para Alcobaca disse que era intoleravel o estado de uma localidade onde duas parcialidades se dilaceravam; mas que nada podia fazer enquanto não ficasse convencido dos puros sentimentos de um lado e dos máos principios do outro.

Julgue o senado, por taes principios, o que seria a administração que os consagrou em seus officios.

Não referirá todos os actos de violencia commettidos: seria isso um nunca acabar, e o governo não os quer examinar: expõe somente alguns, que extrahira dos discursos dos deputados provinciales que em detalhe discutiram a administração do nobre senador, e que está ainda sem resposta.

Ultimamente esta parte do seu discurso, observa ainda o orador que o proprio ministerio declarou por varias vezes que eram impossiveis cousas que o presidente achava certas e boas.

Assim, reprovando a eleição de Alagoinhas, que o nobre presidente achava razoavel, o fez com o fundamento de ser inverosimil o que alli se fez.

Voltando á politica geral, faz ainda o orador algumas considerações.

Diz que o partido liberal commettêra a falta de não formular em projectos suas ideias, fazê-las approvar, e deixar a responsabilidade da rejeição ao senado.

Que esse partido não deve desejar o poder, e que seu fim presentemente deve ser fazer a propaganda das reformas e incentivar mesmo no animo de seu adversario.

Repete que as reformas são exhibidas por dignidade de todos os partidos. E que o partido liberal se subir deve vincar-se nobremente de seus adversarios, dando-lhe a liberdade do voto, que hoje ninguém tem, nem conservadores nem liberaes.

A discussão fica adiada pela hora.

## VARIEDADES.

### FURACÃO.

Desencadeou-se ultimamente sobre a cidade de Odessa, na Russia europea, uma terrivel tempestade, que devastou uma grande parte da povoação. Desmoronaram-se centenaes de casas; os canaes ficaram destruidos, e o numero dos afogados eleva-se a algumas centenas.

O mesmo jornal tambem annuncia que uma grande tempestade, acompanhada de saraiva, destruiu todos os vinhedos e as cearas dos cantões francezes do São Paulo, Lautrec, Broousse, São Julião e Maudragon.

### O VICE-REI E A IMPRENSA.

Parêce que o vice-rei do Egypto tencionava convidar toda a imprensa europea

para assistir ás festas da inauguração do istmo de Suez, sendo toda a despesa á custa de S. A., incluindo os transportes.

Depois das festas devem igualmente, por convite de S. A., fazer uma digressão ao Egypto.

Julga-se que serão duzentos os convidados desta especie, e que S. A. destina 300 contos para a despesa.

#### O VALLE DE PIRAYÚ.

Descrição deste valle por um correspondente do *Jornal da Commercio*:

«Subindo ao alto de um marrote que demora a cavalheiro sobre este povoado, domina-se uma vasta extensão, hoje o theatro de nossas operações: a encosta é pouco agra e o trabalho de galga-la bem compensado. Já na fralda a vista se apraz: mudam-se as *macubas*, os *tatarés*: elegantes no typo e mimosos na folhagem, formam massios umbrosos e alteam-se os *tarums* cujo fructo adocicado é tão querido dos Indios, e portanto dos Paraguayos. Chega-se assim debaixo de sombra ao cume do morro, que o fogo desnudou por alguns mezes.

O paiz que então se mostra é uma larga fita transversal de mais de duas leguas, encerrada do nosso lado, o occidental, por uma successão de outeiros, do fronteiro pela cordilheira, em que se abriga Lopez. A vista, á principio geral e de algum modo deslumbrada, vai pouco a pouco fixando os grupos: nos primeiros planos são as copas das grandes arvores, adiante o acampamento de Pirayú branqueja em torno da torre da igreja, estende-se ora regular, ora caprichoso até á estação da estrada de ferro, cujos torreões destacam-se reluzentes de alvura e vai rareando em declive até os piquetes avançados.

O terreno continúa a descer suavemente até uma tira de mato que acompanha as voltas do rio Pirayú; depois sobe gradualmente coberto de capim alto até a base da serra em cujas primeiras dobras erguem-se as fumaças das guardas inimigas.

Ahi e na direcção do prolongamento da fachada da igreja fica a casa de Ascurra, que parece um pontozinho branco,

mas a SE, vê-se o acampamento abandonado de Cerro Leon, cujas palhoças se alinham; ao longe, bem ao longe, fica a sul o cerro Batoré.

Esta planície fechada chama-se o caixão de Pirayú e é desde Paraguay até á lagoa de Itacary limitada por uma curva da serra que se inclina a oeste para depois alargar-se completamente á este. Do outro lado são collinas altas que se prendem umas ás outras e formam desde as margens do Paraguay e as celebres Lombas Valent nas até a Assumpção e aqui um systemasinho cujo ponto culminante é o morro Lambaré.

Da cordilheira a vista ha de ser soberba: os tres acampamentos, de Polydoro no Taquaral, de Mitre no Peron e o de Pirayú, hão de animar a paisagem com suas multiplicas fumaças, além da linha de ferro que, sempre em átério, simulará faixa luminosa no verde claro dos campos. Ainda mais para o norte apparecerá a tranquillidade da lagoa, cuja calma poetica mais se infunde no espirito de quem lhe conhece o nome—Aguá Benta—e transforma aquelle valle, aquellas montanhas, aquella natureza em um immenso baptisterio, capaz, só pela vista, de purificar almas, obrigando-as á contemplação de Deos. Contam que um dia Voltaire passeando com um dos seus amigos, levou o no retiro de Ferney, a um monte tão bello em sua perspectiva, que esse exclamou: «Só de joelhos é que se deve honrar a Deos em suas magnificencias.» «Levanta-te, orgulhoso, reenvidou o philosopho, para elle és igualmente grande de pé, de joelhos ou de rastos.»

Com razão. O homem material se aniquilla nessa immensidade de accidentes infinitesimais dos vastos painéis: o homem moral, porém, paira por cima de tanta grandeza, e sente-se grato de possuir tamanho valor.

Transmittir nesse caso as sensações, eis o difficil: entretanto, para resumirmos todas as impressões, expendereamos um movimento de coração: está-se estragando um bellissimo paiz.

prodigalisan seos beneficios. Desde o berço até á sepultura não deixam de acarinhá-los. Tumulo e mortalla jamais se apartam do objecto de seos cuidados.

Fizemos tão longa digressão, e talvez que nada dissessemos, ou melhor nada dissemos. Porém como são *palavras ao vento*, levou-as o furacão; e a digressão em nada prejudicou ao assumpto, que em vez de perder, ganhou um traje magnifico; com que, accrescentando-lhe algumas joias, se apresentará ao publico mais bem ornamentado, captando para logo a sua benevola attenção.

#### II

Margarida Gauthier, o *monstro* produzido pela imaginação *transviada* de Dumas Filho; o sublime ao pé do grotesco; a belleza envolvida na fealdade; a virtude de parceria com o crime; o Evangelho de mistura com o alcorão; Apito e Mylito adorando as cinzas de Socrates; o symbolo da infamia elevado bem alto no capitolio: eis o soberbo ideal que alguns espiritos fracos e mal asados pretendem rojar ao pó com o esforço da descrença. Mas os obreiros do progresso, não arripiam carreira, é com a tocha em punho fazem chegar a sua luz benefica aos mais reconditos lugares do globo: tudo revolvem, tudo patenteam, e tudo esperam, atidos á fé, e á pureza da consciencia que os guia.

A Samaritana ambicionando beber a agua que para sempre extingue a sede; a Magdalena osculando e banhando com as suas proprias lagrimas os pés de seo amado; não nos pintam ao vivo as scenas lugubres e patheticas em que soem debater-se tantas outras filhas do crime? Do lodagal do vicio em que se arrastam,

#### NOTICIAS.

##### CHRONICA INTERNA.

No dia 3 de Julho chegou á Assumpção o transporte *Guágo*, conduzindo o conselheiro Paranhos, o ministro argentino e a commissão paraguaya, que iam estabelecer o governo provisório.

O telegramma que annunciou a tomada do Rosario pelos Paraguayos, foi sem fundamento. Do exercito nenhum feito importante se refere. Era voz geral que por todo o mez de Julho emprender-se-hia algum movimento importante, e, embora não houvesse noticias positivas, calculava-se que a 9 devia estar o general Portinho com a divisão nas cabeceiras de Tibiquary.

O commandante oriental, Coronado acompanhado por 100 homens de cavallaria estava incumbido de levar officios do general Osorio ao mesmo general Portinho, empresa que elle julgava arriscada e difficil, por ser preciso atravessargrande parte do Paraguay occupada pelo inimigo.

O Sr. Conselheiro Paranhos tinha ido a Pi-aju' conferenciar com S. Alteza o Sr. Conde d'Eu, e voltara a Assumpção, onde os paraguayos haviam celebrado algumas reuniões para deliberarem sob e a organização do seo governo provisório. Havia entre elles alguma divergência, resultado das pretenções de diferentes candidatos.

O ministro norte-americano general Mac Mahon de'xou o paraguay. Acompanhado do general Caballero e de um filho do mesmo Lopez, e escoltado por cavallaria paraguaya com bandeira branca, apresentou-se elle ás avançadas dos aliados, trazendo em tres carretas a sua bagagem entre a qual se achavam caixões tão pesados, que se suppoz virem cheios de ouro e prata. Desta supposição nasceo naturalmente outra, a de que elle se teria prestado a conduzir para fóra do Paraguay; e pôr a bom recado, os thesouros que Lopez mandava adiante de si para lugar seguro, na intenção de ir em breve reunir-se a elles. Que os dous tinham vivido e separavam-se na melhor harmonia, provam claramente os discursos publicados pela *Estrella*, periodico paraguayo, que se imprimia

em Peribebuy, para onde, perdida a Assumpção, se transferira a sede do governo.

Chegado ás Linhas dos aliados, Mac Mahon veio logo pela estrada de ferro para a Assumpção, onde pediu e obteve uma guarda de honra, segundo parece mais para a sua bagagem do que para a sua pessoa. A 4 desceu no vapor *Provedor*, para Buenos-Ayres, onde chegou a 7.

O inimigo pretendêra inutilizar a via ferrea, collocando sobre ella uma bomba de grande calibre que fez explosão no momento em que passava um trem com forças argentinas. Felizmente não houve a menor perda a lamentar, e os estragos que o projectil produziu foram insignificantes, sendo o terreno, onde o facto se dera, occupado e batido por uma força commandada pelo coronel Dr. Pinheiro Guimarães.

A *Republica* folha de Buenos-Ayres, publicou a seguinte carta do presidente dos Estados-Unidos ao despota do Paraguay:

«Ulysses S. Grant, presidente dos Estados-Unidos a S. Ex. o presidente da Republica do Paraguay.

Grande e bom amigo.—Estando presentes a retirar-se desse paiz o Sr. Martin T. Mac-Mahon, que por algum tempo residio junto do governo do Paraguay, com o caracter de ministro residente dos Estados-Unidos, ordenei-lhe que se despeda de V. Exe.

O Sr. Mac-Mahon, cujas instruções tinham sido de cultivar com o vosso governo relações da mais estreita amizade recebera ordem de transmitir a V. Exe. ao deixar o Paraguay a segurança de nosso sincero desejo de reforçar e estreitar as relações amigaveis que felizmente existem agora entre os dous governos, e assegurar aos povos de ambos os paizes a continuação dos beneficios provenientes dessas relações. O zelo com que cumprio suas instruções anteriores, me faz esperar que executará este ultimo encargo por maneira agradavel a V. Exe.

Dada em Washington, a 15 de Março do anno de Nosso Senhor de 1869.

Vosso bom amigo, pelo presidente U. S. Grant.—Hamilton Fish, secretario de Estado.

de assim pensar? Ninguém por certo.

Não somos incredulo, acreditamos no progresso, porém alimentamos plena convicção de que elle não chegará ao galarrim da sua perfeição enquanto se não regenerar a mulher. A sua regeneração, não ha negal-o, virá como complemento do aperfeiçoamento das outras ordens da escala social. Porém antes que ella se apresente por si mesma, ser-nos ha licito curvar os braços, e, atidos á perniciosa maxima do—*laissez faire*—, deixar de procurar os meios de melhorar uma tão importante parte do edificio social? Será possivel crer-se na imperfectibilidade da mulher, depois da vinda do Homem-Deus á terra? Em boa consciencia julgam o-o que não. E todas as que pensarem ao contrario terão irrogado uma clamorosa injúria ao supremo auctor da natureza. Deus; na sublime phrase do Evangelho, não é Deus de mortos. A morte não é uma perfeição; consequencia necessaria do peccado, é um correctivo do mal.—e Deus na sua infinita bondade não é o auctor do mal, que é uma condição, um accidente que deve desaparecer como todos os mais de sua especie. Infiltramos, pois, nos corações já calcinados pelo algido sópro da morte uma chamma vivificadora, que lhes vigorizando as fibras, os retornem á vida, e os reconduzam á preencher as funções do seu destino. Só o mais requintado egoismo veria impassivel finar-se, á falta de seiva, a bella roseira que, ha pouco, embalsamava-lhe o ar! Bem fraca é a nossa voz; auctoridade não n'a temos; porém havemos de clamar e sempre contra os estúpidos preconceitos de uma sociedade que se diz illustrada.

DRACUS.

San Luiz.—Typographia *Perseverança*—impresso por Manoel Cactano de Lemos.

#### FOLHETIM DA «NAÇÃO.»

##### PALAVRAS AO VENTO.

###### I

De modo nenhum pretendemos doutrinar a sociedade, que, mais velha que nós, tem o direito de posse, direito que, ainda mesmo contestado, ha de por muitos seculos permanecer inabalavel.—*Qui prior est tempore, potior est jure*.

Não temos a louca vaidade de, com ferula em punho, chamar á contas essa sociedade tão cheia de preconceitos, tão firme e convicta da santidade de suas maximas, tão fecunda em resultados beneficos, que hombream com a mais asquerosa podridão.—*Vanitas vanitatum et omnia vanitas*.

A nossa missão é outra.

Do recanto do mundo que habitamos, contemplamos o sol, a lua, as estrellas e todos os astros que giram por cima de nossa cabeça. Com arroubo presenciamos a mudança das diversas estações; sentimo-nos tomado de admiração tanto em presença de um arroio á deslisar mansamente suas aguas por entre os seixos, como diante do grande rio que, com estrondo e estampido, vai precipitar-se na voragem do oceano.

A onça, o macaco, o veado e o coati; o japy ou o sabiá, a sururina, ou a curuja só nos trazem uma ideia. A arvore secular, que abriga em seo seio tantos entes vivos, e cuja sombra tão agradável é ao que os raios do sol têm molestado; o arbusto que verga-se á mais branda aragein, a parasita enfim, tudo contemplamos com o mesmo sorriso, com o mesmo affecto. *Caeli enarrant gloriam Dei*.

A terra e o ceo, de mãos dadas, nos

## A NAÇÃO.

Maranhão, 24 de Agosto de 1869.

### DIPLOMACIA BRAZILEIRA.

Já se vae, enfim, descortinando uma parte do mysterio em que se envolveu a famosa missão Paranhos ao Rio da Prata.

As discussões do senado, empenhadas por caracteres austeros, tem posto, e porão á toda luz os segredos com que os timoneiros do estado querem concluir a não concluida guerra.

Depois da retirada impolitica e pouco honrosa do Sr. Caxias, para lá seguiu o Sr. Paranhos, havendo deixado *commendada* a pasta a um seu collega, que com tão oneroso peso não dá signaes de fadiga.

Poderia este incidente fazer comprehender aos incredulos que no Brazil não faltam homens para pastas, e sim sobram pastas para homens.

Entretanto ouçamos o Sr. senador Silveira Lobo, que com a independencia que o caracteriza, assim analysa o procedimento do governo:

«Se o nobre presidente do conselho tivesse o merito correspondente a esses creditos que o seu partido por conveniencia propria lhe creou, em vez de apresentar um programma de justiça, moderação e execução rigorosa das leis, e depois invertel-o completamente e apresentar-se incredulo sobre factos da maior authenticidade (*apoiados*), empregasse todos os meios para tornar efectiva essa politica que proclamou com tão pouca sinceridade.

É de lamentar que o governo, em lugar de ter a justiça, a moralidade, o interesse geral como movel de suas acções, sacrifique tudo isto aos interesses partidarios, e para os fazer prevalecer revista-se até da mascara da hypocrisia! O nobre presidente do conselho apresentou-se no parlamento despertando idéas de reformas ou de alterações na legislação; mas os factos estão provando que se de reformas se trata são em sentido retrogrado. As reformas em que se devia fallar a uma camara como á dissolvida, eram em sentido liberal, e não essas que estão sendo apresentadas pelo gabinete, algumas das quaes, como a da guarda nacional, oppõe-se até ao senso commun.

Sustentou o nobre presidente do conselho sua asseveração de que o fim principal da guerra acha-se satisfeito: Admira que S. Exc., que em tempos anteriores ao acontecimento a que attribue a virtude da desafronta da honra nacional, era sectario decidido das idéas do paiz; elevado ás alturas do poder, tenha mudado tão completamente de idéas, convertendo-se em instrumento de guerra, até depois de julgar vingada a honra nacional!

Uma vez que toca nesta materia, seja-lhe permittido fazer algumas considerações sobre o actual procedimento da diplomacia no Rio da Prata.

Quaes são alli as vistas do nosso governo, com relação ao Paraguay? Qual é a missão do Sr. conselheiro Paranhos? As publicações feitas esclarecem alguns factos; mas outros ficam envoltos no mysterio com que o governo se acoberta. Porque se occulta até hoje a razão da mudança do Sr. conselheiro Amaral?

Foi o Sr. conselheiro Paranhos substituído: 1.ª—La encarregado de ver se demovia o Sr. duque de Caxias do proposito, em que estava de recolher-se ao Brazil; 2.ª—Tratar do fabrico de um governo para o Paraguay.

Á respeito desta ultima parte é deploravel o papel que o Sr. conselheiro Paranhos tem feito no Rio da Prata. A nota do Sr. Varella (*que o orador lê*) manifesta bem a posição subalterna em que em que o nobre senador alli se collocou.

Pela leitura d'este documento vê-se que tendo o conselheiro Paranhos de entender-se com os governos das nações aliadas para accordarem nos meios de organizar-se um governo no Paraguay, a Confederação Argentina refere como filho de sua propria resolução tudo quanto a esse respeito deliberou-se, até a escolha de oportunidade.

Segundo esta nota, o Sr. conselheiro Paranhos nem cogitára da grande difficuldade que o governo argentino encontrou no estabelecimento de um governo no Paraguay; e o governo argentino para esse acto não considerou o ministro brasileiro; tomou só por si a resolução de crear aquelle governo, e pediu ao Sr. conselheiro Paranhos que a communicasse ao general brasileiro, para que procedesse de accordo com o argentino.

Na sua resposta o Sr. conselheiro Paranhos torna patente o pouco caso com que fôra tratado, declarando que ao governo argentino havia elle feito essas mesmas considerações exaradas na nota do Sr. Varella, e acaba por applaudir aquella resolução, prometendo auxiliar a criação de um governo provisorio no Paraguay.»

### POLITICA.

#### IMPrensa AMERICANA. QUESTÃO WEBB.

São muito interessantes os diversos modos como exprimiu-se a imprensa jornalística da America sobre a retirada ás pressas do ministro americano, James Watson Webb, acreditado junto ao nosso governo.

De uma correspondencia minuciosa de New-York copiamos varios trechos, pela leitura dos quaes verão nossos conceituados e briosos leitores como somos julgados por nossos patricios e coirmãos.

O seu ex-ministro d'elles dispensa-nos os mais lisongeiros epithetos, e ao nosso governo as mais obsequiosas atenções.

E é por semelhante gente que o governo do paiz sacrifica os brios nacionais, e, á titulo de fomentar uma utopista emigração, arremeda as instituições democráticas da America, renega seu passado, e não duvida empenhar os cofres publicos com esse escandaloso arrebanhamento e commercio de intitulos lavradores!

O Brazil é um pobre enfermo, entregue aos cuidados de medicos inexperientes, estadistas de papel, e nada mais.

Preocupados mais com os carimbos das sedulas que das altas questões do estado, tendendo sempre para o arrocho da centralisação, synonymo do despotismo, os senrs. ministros cedem, concedem, e até á ultima degradação hão de levar este *empapelado* paiz.

Vejam os leitores como pensam de nós os jornaes da America. Diz o correspondente:

«Ha dous dias entrou no *Merrimack*, procedente do Rio de Janeiro, o general James Watson Webb, que nessa corte representára por oito annos o governo americano. Pelo cabo transatlantico tinhamos noticia de um rompimento entre as relações dos dous governos, porque o gabinete brasileiro preferira tratar de uma reclamação por intermedio do seu mesmo ministro em Washington; mas longe estavamos nós de pensar que esse rompimento tivesse sido effectuado de

um modo tão pouco decente como agora é revelado pela publicação do que o general escreveu ao ministro de estrangeiros e ao ministro inglez no Rio.

Mas o que ainda nos repugna mais é uma noticia a ultima hora, que o governo brasileiro havia cedido a tudo quanto Mr. Webb queria. Os periodicos que temos á vista não podiam dar esta noticia, por ser ella de um facto que se diz occorrido justamente ao largar o *Merrimack* o porto do Rio; as cartas que também vemos de nada nos orientam, e nós não podemos comprehender nem acreditar que o ministro de estrangeiros cedesse qualquer cousa a este D. Quiçote da diplomacia americana. Nem realmente havia cousa alguma a ceder: o governo, esperando, como estava, despatches do seu representante em Washington, pediu naturalmente a Mr. Webb que esperasse também, e elle, que já estava doído de ver que o Sr. Magalhães obtive em Washington uma grande redução na somma pedida pelo *Canada*, o que o nosso governo não pôde obter de Mr. Webb, prorompeu em todo este escandalo que deu ao mundo sensato.

A imprensa desta cidade occupou-se muito com esta materia. Eis-aqui uma summa do que disseram os principaes diarios sobre ella.

O *World*, em um comprido editorial, diz que o general Webb, ha oito annos ministro no Brazil, acabava de voltar cansado e velho, tão velho que era provavel que aquelle tivesse sido o ultimo officio de sua longa carreira politica. Mas elle não fechou esta sua carreira sem algum grande acto que de uma vez para sempre deixasse indelevel o caracter da sua pessoa. O general Webb é um destes homens que não deixam escapar a menor occasião para uma disputa: elle não é um homem de meias medidas; ou ha de ser muito amigo ou muito inimigo. Entretanto, no ultimo acto da sua carreira, posto que elle fosse promptuado em grande parte pela effervescencia de um desmedido orgulho pessoal, todavia ha muito a considerar-se em seu favor.

O governo do Brazil recusou a pagar lb. 400,000 e pediu redução. Mr. Seward concedeu-a e instruiu ao general Webb para fazer um pedido formal do pagamento. O ministro de estrangeiros do Brazil, nem accedeu nem regeitou o pedido, mas evadiu-se a isto insultando o ministro americano, pondo em questão a authenticidade de suas instruções, no terreno que o ministro brasileiro em Washington não fôra avisado do negocio, segundo a sua ultima phrase.

Não vemos como é que, á vista deste insulto á sua honra e veracidade, o general Webb poderia obrar de outra maneira. O ministro brasileiro, em resposta ao vigoroso protesto de Mr. Webb, declarou-lhe que com seu procedimento não tinha em vista aggreddil-o na sua honra, antes resalvar a descortezia com que o embaixador brasileiro fôra tratado, posto, como ficara, em ignorancia das transacções. Mas, se o ministro brasileiro estava resentido, porque não fez a sua queixa ao gabinete de Washington? Para que preferio insultar o nosso ministro?

Em summa, não foi sem um motivo muito justo que o general Webb pediu os seus passaportes. E' verdade que o acto do general não foi tão magnanimoso como parece, estando, como estava, concluida a sua missão. Se o facto tivesse occorrido quatro ou oito annos passados, o verdadeiro proceder do general seria romper relações officiaes com o governo do Brazil, até ouvir o seu mesmo governo; mas, havendo já sido

lhe nomeado successor, elle não tinha outro meio de reparar a sua honra ofendida senão por suas mesmas mãos.

Quanto ao ter elle escripto uma longa manifestação de seu resentimento ao ministro inglez, isto não condiz de modo algum com a dignidade de um ministro, não foi senão um transbordar excessivamente descortez das suas paixões. Nem elle lhes devia dar explicação alguma senão ao seu mesmo governo.

O *Journal of Commerce* diz que o general Webb deu uma muito cabida lição de boas maneiras. O Brazil, como alguns outros poderes da America do Sul, tem presumido muito da magnanimidade dos Estados-Unidos. Porque elles são comparativamente pequenos e fracos, creem como concedido de ante-mão que uma grande nação ha de considerar com generosidade o pouco caso com que elles tratam de pagar as suas dividas. O ministro de estrangeiros suppunha talvez que, porque desde 1837 o seu governo tem-se evadido a pagar, e porque Mr. Seward reduziu, com uma brandura sem paralelo, a somma da divida de lb. 400,000 a lb. 70,000, elles poderiam impunemente continuar no mesmo jogo.

Em vez de prestar um oívido favoravel a Mr. Webb, o ministro brasileiro recusou impertinentemente reconhecer as novas instruções de Mr. Webb, só porque Mr. Seward não teve o cuidado de dar disto aviso ao representante brasileiro em Washington. Não ha duvida que isto foi um insulto a Mr. Webb e, por elle, aos Estados-Unidos. Dest'arte, a dignidade de Mr. Webb carecendo prompta vingança, elle não podia fazer senão o que fez...

Justamente ao largar do *Merrimack*, como já annunciamos hontem, o Brazil concedeu o que o ministro americano queria. O Brazil foi prudente em fazer isto e nós esperamos que a concessão inclua um compromisso para pagar o dinheiro sem mais delonga: já basta que elle se veja desbarbado por quantia tão baixa como é a que Mr. Seward propoz.

A *Tribuna* também creu que o general Webb cumpriu com o seu dever, dando esta lição de polidez ao governo brasileiro. Com homens como o general Webb os Estados-Unidos serão sempre respeitados.

Quanto ao *Herald*, esse não dá opinião sua sobre o negocio, mas graceja com as blasonas do ex-ministro.

Esta manhã appareceram dous despachos inteiramente oppostos no *World* e na *Tribuna*, o primeiro diz:

«O procedimento do ministro Webb, que aqui chegou hoje, não foi baseado em instrução alguma que elle recebesse do secretario Seward e foi inteiramente independente da administração actual. O facto tem creado alguma sensação aqui nos circulos officiaes e tem-se intimado a Mr. Webb que a sua acção no Rio de Janeiro não tem a approvação do actual secretario de estado! Ao passo que a exactidão dos estylos diplomaticos possa não ter justificado os meios, o fim alcançado do Brazil foi plena acquiescencia com o pedido feito por este governo para a solução da reclamação por damnos do despojo de um navio americano. Antes de etr Mr. Webb deixado o Brazil se restabeleceram relações amigaveis com o secretario dos negocios estrangeiros e o caminho deixado a nosso novo ministro ainda é um caminho de paz.»

Agora eis-aqui o que se despachou á *Tribuna*:

«James W. Webb, ex-ministro do Brazil, chegou a esta cidade pela manhã.

Elle esteve fechado com o secretario Fish por muitas horas hoje, e fez aquelle senhor uma completa resenha da sua disputa com o Brazil. Consta que o presidente approva completamente o procedimento de Mr. Webb; parece que elle não fez mais do que levar a cabo as instrucções que lhe deu Mr. Seward. Consta tambem que o governo brasileiro ha de dar completa satisfação ao nosso governo á chegada de Mr. Blow, o successor de Mr. Webb.»

Alem destes dous despachos o *Herald* de hontem publicou o seguinte:

«O procedimento de J. W. Webb, ministro no Brazil, por occasião de pedir os seus passaportes por causa de algumas dissensões entre elle e o secretario brasileiro dos negocios da marinha, e relativo ao ajuste das reclamações americanas feitas a esse governo acerca do navio *Canada*, não foi pautada nem autorizada pelo departamento de estado. Em toda esta questão Mr. Webb obrou somente sob a sua propria responsabilidade, e sem haver consultado com o secretario de estado. Ha alguns tempos a esta parte, a conducta pessoal e official de Mr. Webb com o governo do Brazil ha inutilisado completamente a sua influencia como plenipotenciario. Se elle tivesse sido sempre sustentado pelo departamento de estado, ha muito que teria envolvido o nosso governo em hostilidades com o Brazil, e isso em casos inteiramente triviaes e insufficientes.

Em quasi todas as occasões, elle não só tem perdido o sangue frio, mas ainda tem trahido uma grande ignorancia dos mais simples deveres diplomaticos, offerecendo insultos ás autoridades brasileiras, *insultos a que bem poucos governos se submeteriam quietamente*. O seu pedido dos passaportes e a condescendencia do governo brasileiro em mandal-os, está visto, não terá o menor effeito sobre as relações cordiaes que existem entre o Brazil e os Estados-Unidos. O novo ministro Henry Blow, do Missouri, não esperava seguir para sua missão antes da ultima parte de Julho; mas, á vista da retirada de Mr. Webb, Mr. Blow sahirá em principios do mez para o Rio de Janeiro.»

Sobre a chegada de Mr. Webb a Washington e sua entrevista com o secretario Fish dá esta mesma folha a seguinte noticia hoje pela manhã:

«O general James Watson Webb, que chegou aqui esta manhã (22), fez uma visita durante o dia ao departamento de estado e teve uma entrevista com o secretario Fish. Não obstante o facto que o governo do Brazil cedeu substancialmente do terreno que a principio occupára quanto ao ajuste das reclamações do *Canada*, Mr. Webb continúa altivo em denunciar as autoridades brasileiras. Elle as considera um punhado de barbaros, supinamente estranhas ás amenidades de uma diplomacia dos civilizados. Em sua entrevista com o secretario Fish, elle queixou-se amargamente da falta de cortezia e de consideração pessoal com que fôra tratado. Os Brasileiros, diz elle, não têm mais respeito para o nosso governo do que para o do Haiti.

«Em sua opinião o unico meio de fazer os respeitar é dar-lhes uma boa lição, e se continuar no poder a presente administração elle cuida que é no que hão de vir dar as cousas. Em alguns respeitos os representantes das outras nações são tratados tal qual elle o foi; mas nem elles têm bastante espirito para se queixarem, nem ainda parecem saber que são insultados. Webb attribue o que elle chama desmoralisação e ignorancia dos Brasileiros aos desmoralisadores effeitos da escravidão. Emfim, elle está inteiramente desgostoso com o Brazil e se exprime satisfeito de se não ver compelido a voltar para lá.»

## INDUSTRIA.

### O GRANDE ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL DO CREUSOT.

(Conclusão.)

Desde 1837 até hoje, no espaço d'estes trinta annos, os progressos do estabelecimento têm sido enormes. Foi em 1860 que o Creusot experimentou uma consideravel transformação. Nas numerosas construcções recentes devemos citar a nova officina de fundição, onde o ferro é fundido e lançado nos respectivos moldes onde solidifica e toma a forma desejada. No Creusot ha tres officinas de fundição: uma, para pequenas peças; outra, para as peças gigantescas, na qual ha 11 guindastes pegando cada um em 40:000 toneladas, duas estufas e dois fornos de reverbero; uma nova officina se acha recentemente installada, na qual se veem numerosos guindastes a vapor, estufas, um pequeno alto forno para trabalhar com madeira, &; o aspecto é brilhante n'esta officina; não se assimilha com as officinas de fundição ordinarias, nas quaes tudo é suguidez: parece justificar o dito de mr. Schneider, que espera ainda ver os toristas passearem através das vastas officinas do Creusot, de calça branca sem se sujarem.

Até agora o Creusot ainda não tem fabricado aço fundido. Os metaes trabalhados nas officinas do Creusot são ferro, aço, cobre, bronze e latão. Possui o grande estabelecimento uma notavel officina de moldes de madeira e de desenhos.

Empregam as officinas de construcção do Creusot 32 machinas de vapor da força de 700 cavallos, que dão movimento a 650 machinas que fazem trabalhos de todos os generos, taes são: toros colossaes de mais de 10 metros de comprimento; bancos de alizar pegando em cylindros de 25 toneladas de ar, machinas de cortar, furar, limar, &; emfim centos de utencilios de trabalho mechanico de toda a especie, tudo em uma ordem e em um acoio admiraveis em officinas d'este genero. É sobretudo nas officinas de construcção de locomotivas que se observa um acoio e uma ordem e methodo taes, que parece mais uma exposição de machinas do que officinas, desde a primeira, onde se veem dispostas em uma linha as machinas para fazer os eixos, n'outra as que servem para fazer rodas, bielles, cylindros, &, até a ultima, onde se veem as locomotivas a pintar ou a polir, e d'onde sahem prontas para serviço.

Emprega o Creusot nas suas officinas de construcção 26 martellos a vapor. O maior peza 12:000 kilogrammas. Está ainda muito longe do legendario martello de 50:000 kilogrammas de Krupp.

Tem o Creusot construido até hoje, em trinta annos, machinas fixas em todo o genero, machinas motoras, machinas para a extracção das minas, bombas atmosfericas, ventiladores, bombas hydraulicas, &, na força total de 30:000 cavallos. O numero de martellos a vapor até hoje construidos no Creusot é de 125. O numero de locomotivas construidas até hoje é de 1:100. Regula por 120 o numero medio annual de locomotivas, não só para França, como para outros paizes, incluzivamente para a Inglaterra. O Creusot tem construido já 168 machinas maritimas da força total de 39:945 cavallos. O numero de operarios empregados nas officinas de construcção do Creusot é de 2:750. A producção média annual regula por mais de 2:300:000\$000 réis.

Possue o Creusot tambem uma fabrica de tijolos refractarios nas margens do canal do Centro; o barro refractario vem da Saboya e do Vaucluse, e o quartzo é fornecido pelos calhaos dos rios Loire e Cher.

A agua abunda no Creusot. De um platô granítico perto de Autun desce uma grande porção de agua que sáe em Saint-Sernin e é conduzida em um tunnel de 84 metros de altura sobre o valle de Mesvrin, atravessando depois a

montanha de Marotte; esta agua é magnifica para beber e para a alimentação das caldeiras, e tem uma grande pressão que facilmente a distribue aos diversos pontos das officinas. Um grande lago artificial collocado em um nivel muito inferior junto ás novas forjas, recebe todas as aguas recolhidas nas officinas, as que provêm da condensação do vapor, do esgotamento das minas, &. As aguas esfriam e repouzam n'este grande lago, e são depois elevadas a um alto reservatorio por meio de seis bombas a vapor movidas directamente por machinas de vapor sobrepostas. D'este reservatorio a agua é conduzida a todas as officinas por diversos canaes.

As vias ferreas que percorrem em diversas direcções as vastas officinas e mais annexos do estabelecimento do Creusot, tem uma extensão de 70 kilometros á superficie, e 32 no interior das minas. O serviço é feito por 16 locomotivas. Percorrem diariamente estas linhas 152 trens.

Diversas machinas de vapor, em numero 15, de uma força total de 160 cavallos, fazem o serviço do porto e outros. O numero total dos operarios empregados permanentemente no Creusot é perto de 10:000. O trabalho total das machinas é representado por 9:750 cavallos. Annualmente o Creusot vende mais de 60:000 toneladas de carris, 10:000 de folha de ferro e 80:000 de ferros de outras categorias: mais de 100 locomotivas, machinas, e fixas, pontes, etc.; tudo excedendo uma producção annual de 5:000:000\$000 réis.

Não terminaremos esta noticia sobre o Creusot sem mencionar algumas bellas instituções que fazem honra ao zelo e illustração do seu proprietario, e á sua dedicacão pelo bem estar do numero pessoal do seu vasto estabelecimento.

Assim a infancia e a mocidade acham no grande estabelecimento industrial da França a instrucção; os doentes e feridos, os soccorros medicos e pharmaceuticos; e os velhos e impossibilitados, um abrigo e o sustento para o resto de seus dias.

A instrucção comprehende nove classes; alem das primeiras letras ensina-se grammatica, geographia, arithmetica, geometria, desenho, physica, chimica e mechanica. Ha tres annos que ali se professam cursos de adultos, frequentados por mais de 300 ouvintes. No ensino dos alumnos do sexo feminino ensina-se alem da instrucção primaria e secundaria, diversos trabalhos de agulha. Uma bibliotheca facilita aos alumnos consideravelmente o estudo dos principios da sciencia applicada aos diversos ramos da industria. A instrucção é representada por um director e 10 professores.

Possue o Creusot tambem um orphéon e uma musica instrumental de 50 executantes.

O serviço de saúde é feito por tres medicos e um cirurgião; o tratamento dos doentes é feito em um hospital ou em domicilio. Uma especie de monte-pio ou caixa economica; soccorre os enfermos ou invalidos, e fornece os medicamentos aos operarios e suas familias.

O proprietario do Creusot tem vendido, por preços excessivamente baixos, porções de terreno aos operarios; estes, com as suas economias, tem ali construido cazas. O novo bairro operario do Creusot tem já hoje mais de 40 ruas com mais de 800 casas. Figuravam na exposicão desenhos de duas d'estas casas, uma com um pavimento, outra com dois. A superficie occupada por estas construcções é superior á seis hectares.

Se é difficil penetrar na soberba fabrica prussiana de Essen, da qual já n'este relatorio fallamos, o mesmo não succede no estabelecimento de Mr. Schneider. O seu illustre proprietario francamente admite nas suas vastas officinas de trabalho todos os visitantes, a quem attrahe a curiosidade ou o desejo de se instruir; e por certo que vale bem a pena de fazer uma visita áquelle grande templo do trabalho; o homem menos curioso de sciencia e de industria fica

maravilhado perante o imponente espectáculo que apresenta aquelle colosso da industria. É profunda a impressão que pela primeira vez faz a vista de numerosos altos fornos projectando nos ares as suas grandes chaminas. Não é menos bello o espectáculo da grande exploração das minas: nelle ha poesia e grandeza.

## COLLABORAÇÃO.

A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

III

(Continuação.)

Nenhuma lei é mais geral, do que a religião, nenhuma: lei encerra preceitos mais onerosos que ella, tambem nenhuma lei promette tão grandes recompensas a aquelles que a observam; a religião é uma lei, cuja sanção não é deste mundo, que comprehende verdades eternas e que portanto precisa de uma autoridade que as explique e ensine. Mas que este ensino exista como regra de todas as regras humanas, é evidente, ensino divino que não se compadece da fraqueza do Espirito humano, senão para que elle o receba e pratique.

O homem que quer ser esclarecido, para que possa obrar bem e rectamente, lança naturalmente os olhos sobre o Evangelho, que está acima de todas as verdades humanas. É ali que elle vai deparar com a sciencia divina que pertence a todos, e da qual todos devem beber, que eleva a todos e a todos illumina e salva. Mas qual a autoridade encarregada de transmittir esta sciencia? A Igreja catholica, si ella reúne todos os homens sem distincção de sabios e ignorantes; se ella estabelece a fé nos corações, convencendo não com discursos de erros e sophismas, mas com a palavra divina; só ella alimenta e ensina a todos os homens sem medo de erros. O caracter essencial da autoridade pertence pois á Igreja. Nella só residem todas as verdades necessárias ao homem, o conhecimento perfeito dos deveres, a certeza, a salvação e a vida. E' ella só quem encerra essas notas distinctivas de uma sociedade eterna, que se estende pelo grande universo, reunindo aqui e ali á um só sceptro todas as gerações Christans, uma sociedade divina, depositaria da verdadeira religião; estas notas são consequencias de uma autoridade tambem divina e como tal infallivel, authoridade que ella guarda e perpetua por seu infallivel ensino; cousa natural, por quanto estas notas não são em essencia mais do que o caracter inherente ao ser do mesmo Deos, que, em sua immensa unidade, nas relações estabelecidas entre elle e os seres intelligentes, é todo religião.

E eis-nos pois chegados ao termo de nossas indagações; eis conhecido o meio de discernirmos a verdadeira religião. Agora só resta abraçá-la, e obedecer á authoridade. O contrario produz a indifferença, um grande crime, a causa da morte.

Ai d'aquelle que fechar os ouvidos á authoridade! Ai d'aquelle que se separar da sociedade! (1) Ao nascer, ella fere-nos o ouvido com esta palavra que o primeiro homem ouviu da boca do Creador: *va solus!*

Os tempos se abrem para receber a nova intelligencia, ella crê e a fé a liga á suprema authoridade, ella nasce e adora porque crer é adorar, e depois, como que assomando a eternidade, ali se alimenta da verdade; ouvindo e obedecendo a vida eterna, por uma eterna obediencia!

(Continúa.)

Manoel José d'Oliveira Junior.

(1) Ecclesiastico. IV. 10.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

## COMPANHIA DE COMMERCIO.

Por meio d'um contracto celebrado entre o ministerio portuguez e varios negociantes, à cuja frente se achava Pedro Alves Caldas, foi n'esta cidade em 1682 estabelecida a primeira companhia de commercio pelo governador do Estado Francisco de Sá de Menezes.

Por espaço de 20 annos o commercio de todas as drogas e fazendas vindas do Reino, de todos os generos do paiz, e de negros da Costa d'Africa era privilegio exclusivo d'esta companhia, e somente se permittia aos seus socios a navegação para aquisição d'estes generos.

Foi caixa e administrador d'ella Pascoal Pereira Jansen.

Por alvará de 7 de agosto de 1755 foi creada a *Companhia geral do commercio do Maranhão e Grão-Pará* com o capital de 445:600\$, dividido em 1:164 acções de 400\$ cada uma.

Por carta regia de 4 d'agosto de 1755, n'essa occasião, foi determinado ao governador e capitão general do Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que no caso d'apparecer alguma sublevação contra a lei da criação d'esta companhia, movida por interesses particulares offendidos, mandasse prender promptamente as pessoas, que fossem cabeças d'elle, tirasse exacta devassa do que houvesse concorrido para semelhante delicto, pronunciasse os culpados, procedesse summariamente contra elles, fizesse-os sentenciar com as penas estabelecidas pelas leis, e executasse sem demora as sentenças, que se proferissem.

«Sendo alguns dos delinquentes cavalleiros das ordens militares, fossem remetidos para Lisboa com as culpas que contra elles houvessem resultado. Se tivesse o foro de moço fidalgo e d'ahi para cima se suspendesse a execução da sentença até dar parte ao governo do Reino.»

Os directores d'esta companhia emviaram de Lisboa um hyate para trazer a capital d'esta provincia a lei da instituição da mesma.

Aproveitando a occasião escreveu o marquez de Pombal uma carta com data de 10 de agosto de 1755 ao governador e capitão general Gonzalo Pereira Lobato e Sousa, recomendando, que se por ventura os regulares abuzassem dos pulpitos ou da credulidade das gentes para prégarem ou fallarem contra a dita lei, fossem logo cohibidos, chamando-se os seus prelados para os mandarem logo embarcar.

Foi sem duvida motivada esta ordem pela opposição, que soffreu immediatamente da parte dos jesuitas, que no estabelecimento da companhia previram logo diminuição da importância d'elles.

Induziram os povos a que não se associassem com fundos para ella, e o padre Ballester do alto do pulpito pregou, que os que entrassem em tal companhia, não entrariam na de Christo, nosso redemptor!

Chegou o hyate em 28 de setembro de 1755, e no dia seguinte man-

dou o governador publicar o alvará de sua magestade na frente da guarda de palacio e na presença de bastante povo.

Diz o governador em resposta ao marquez de Pombal em carta de 20 de outubro do mesmo anno, que «como o povo se leva ordinariamente de apparencias, no fim da publicação disse *viva el-rei, viva el-rei, viva el-rei, que é tão bom pae dos seus vassallos*, o que todos repetiram com tão effectivas vozes, que o enterneceram, não faltando em muitos lagrimas de gosto, o que se continuava em todas as partes costumadas, acclamando-se esta companhia por mais santa e justa.»

A casa em que aqui se estabeleceu é onde hoje está, e bem mal accommodada, a alfandega.

O seu emblema era uma estrella sobre uma ancora.

Entre os beneficios prestados conta-se o fornecer francamente aos lavradores os meios proprios da lavoura, como fossem escravos, ferramentas, mantimentos, e algum dinheiro para custeamento do primeiro anno.

A vista d'isto muitos homens se entregaram á agricultura.

Foi extincta, depois de ter prestado valiosos serviços á provincia, que ainda hoje conserva grata memoria a respeito d'ella, no reinado de D. Maria I, pela provisão regia de 25 de fevereiro de 1788, depois de 22 annos e 7 mezes de duração, sendo logo creada uma junta de administração para liquidar os fundos da mesma companhia.

Assim desapareceu esta esperança do Maranhão; depois de ter collocado a provincia entre as mais opulentas, segundo o pensar de Warnhem no T. 2.º da Hist. do Brazil.

Em seguida á extinção principiou a liquidação, que ainda hoje dura, assim descripta pelo periodico *Commercio do Porto*.

«Para este acto foi nomeada uma junta, que era composta de quatro deputados, dous conselheiros e de um secretario.

«Cada um dos deputados tinha o ordenado de 600\$ annuaes pela resolução de 29 de abril de 1778.

«A junta occupava-se principalmente da venda de algodão, arroz, madeiras e arrecadações, attendendo pouco á liquidação, de sorte que, tendo fallecido uns depois dos outros os conselheiros, deputados e secretarios da junta sem que o governo tivesse noticia desses factos, veio a ficar unico liquidatario da junta por espaço de sete annos o deputado João Roque Jorge, que dispoz de 300:000\$, por maneira que, occorrendo o seu fallecimento quasi na mesma occasião em que o governo foi informado da desordem que lavrava nos negocios da companhia, foram nomeados para deputados da junta, por despachos de 1801 1802 e 1803, o desembargador Feliciano José Alvares da Costa Pinto, Felipe Carlos da Cunha Souto e Mattos, e Antonio Rodrigues d'Oliveira, começando a liquidação da companhia a ter andamento apenas cessou a invasão dos Francezes.

«Emquanto os negocios dos accionistas da companhia do Grão-Pará e

Maranhão se endireitavam deste modo, todo o expediente da arrecadação dos fundos da companhia de Pernambuco e Parahyba esteve suspenso de 1807 a 1821, que foi quando o congresso constituinte promulgou a lei de 11 de outubro de 1821, pela qual foi cometida á propria junta liquidatária dos negocios da companhia do Grão-Pará e Maranhão a administração dos fundos da de Pernambuco e Parahyba, ficando exonerada a junta desta companhia de uma incumbencia, que em documentos officiaes se diz ter ella muito mal preenchido.

«A junta liquidatária era ultimamente composta dos Srs. Augusto Neves Leal, conde de Castro e visconde de S. Bartholomeu. Tendo este fallecido a junta propoz para preencher a vagatura o contador da companhia, o Sr. Vicente Ferreira Gomes.»

O governo considerando que pela lei que organisou as sociedades anónimas, de 22 de junho de 1867 todos os actos que dizem respeito á administração e liquidação de qualquer companhia de commercio pertencem unica e exclusivamente aos interessados, determinou por portaria inserta no *Diario* de 17 de fevereiro que a junta convocasse uma assembléa geral dos accionistas, e que esta deliberasse o que lhe conviesse.

O ultimo balanço apresentado pela junta de liquidação refere-se ao anno de 1867, em que houve um sorteio de 6\$ por acção. Este sorteio era o 14.º dos que os accionistas têm recebido por conta dos lucros accumulados das suas acções, depois de já pago o capital das mesmas.

«Durante 20 annos de monopólio, as duas companhias lucraram . . . 3,429:000\$ havendo ainda por liquidar quando cessou a sua gerencia reis 1,715:000\$ relativos á companhia do Grão-Pará e Maranhão, e . . . 2,475:000\$ da companhia de Pernambuco e Parahyba, o que prefazia a enorme quantia de 4,190:000\$, em que por largos annos se cevaram funcionarios que poucas ou nenhuma contas prestavam.

«Pelo ultimo balanço os accionistas da companhia do Grão-Pará e Maranhão têm ainda a seu favor um saldo de 1,300:000\$, e os da companhia de Pernambuco e Parahyba o de reis 1,280:000\$000.

«É natural que no Brazil haja possuidores de acções das referidas companhias, transmittidas por herança. Os interessados devem prevalecer-se da disposição do governo portuguez para se fazerem representar na assembléa geral dos accionistas, que provavelmente determinará a immediata conclusão das liquidações, deixando-se de abonar os ordenados comidos em santa paz por espaço de mais de meio seculo a meia duzia de privilegiados. É mais um ninho de sinecuras que se destróe.»

Dr. Cezar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

## DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 15 DE JULHO DE 1869.

O Sr. SILVEIRA DA MOTA tem de votar contra o projecto de resposta á falla do

throno. Basta de mystificação! Vê que as degenerações do systema representativo vão se manifestando até nas relações do chefe do Estado com as camaras legislativas. Basta de mystificação! A pratica constitucional que traz o chefe do Estado ao meio dos representantes da nação, quando vem abrir o parlamento, não deve ser uma sumidade vã, mas ter uma alta significação. É uma conquista feita pelo espirito de liberdade á realza antiga: desde que o chefe do Estado apresenta-se como iniciador das necessidades publicas, pedindo o concurso dos eleitos do paiz, a realza reconhece as novas condições de sua existencia. É, pois, preciso que essa solemnidade tenha toda a expressão do movimento novo das idéas, que é dado á monarchia nova.

Entretanto, vê que esta pratica constitucional, tão congenita com o nosso systema, acha-se, pela degeneração que este tem soffrido, reduzida á uma formalidade vã. Todos os annos o chefe do Estado apparece no seio das camaras congratulando-se com a nação e com seus representantes, manifestando suas esperanças; indicando as mais importantes necessidades publicas; mas para que esta pratica constitucional não fosse vã, não fosse uma mystificação, era preciso que as camaras e o paiz pudessem enxergar nas manifestações do throno as verdadeiras necessidades publicas, aquellas sobre as quaes a corôa está em harmonia de idéas com a nação.

Mas veja-se a que tem-se reduzido esta formalidade: o orador tem presente uma collecção de fallas do throno desde 1826: ás do actual reinado, pode-se dizer que todas ellas são de um padrão; têm um mote, com differença apenas na enumeração das necessidades publicas, indicadas como palpitantes e que variam, entretanto, de um anno para outro, ás vezes em pontos de reforma que não constituem questões transitorias ou viáveis, que não deixam um momento de ser urgentes: nisto é que ha differença no mote; o mais é sempre a mesma cousa.

Parece ao orador que o fundador do Imperio, quando abriu a primeira sessão da assembléa geral, depois da constituição, vindo annunciar sua abdicação do throno de Portugal e sua identificação com a sorte dos Brasileiros, teve uma inspiração, esquecida até hoje. Dizia então o primeiro Imperador: «As revoluções não provêm do systema, mas sim daquelles que, á sombra delle, buscam pôr em pratica os seus fins particulares.»

Já na abertura da primeira sessão legislativa reconhecia-se a necessidade de harmonia das camaras entre si, e de ellas com o governo; reconhecia-se que o systema da liberdade não é que produz as revoluções e sim os abusos deste systema. Entretanto vê-se hoje que as fallas do throno appellam successivamente para o corpo legislativo, deixando de parte as condições normaes de existencia constitucional da camara temporaria, que muitas vezes não poderá garantir ao Estado a harmonia necessaria entre os poderes publicos, por causa da falsa representação a que é induzido o paiz em consequencia dos defeitos de nossa lei eleitoral.

É curioso para mostrar-se ao paiz quanto é vã esta pratica constitucional, examinar como se tem entendido entre nós as relações da corôa com as camaras legislativas, nessas manifestações que lhes faz.

Vê por exemplo que, na falla do throno de 1850, o chefe do Estado recomendou á assembléa geral diferentes assumptos.

Observe o senado que significação podem mais ter no paiz as fallas do throno, quando em 1860 a corôa recomendou todos estes objectos á consideração do corpo legislativo e principalmente preoccupou-se com os abusos da lei eleitoral, e todos elles, á excepção da criação de mais um ministerio e da proposição do projecto de lei das hypothecas, ainda não foram attendidos, em nove an-

nos. (Ha apartes dos Srs. Cansação de Sininbú e Otaviano.) E os que foram attendidos na lei de 22 de Agosto de 1860 o foram com offensa dos principios de liberdade, e constituem outras tantas degenerações do systema representativo.

Tinha em mira provar que as indicações do chefe do Estado na abertura do parlamento tinham tomado tal significação, que já não era possível achar nessa pratica constitucional aquillo que ella deve exprimir. Se alguns desses pontos foram tratados no parlamento, com muitos outros não aconteceu assim: e aquelles que mereceram solução só a tiveram muitos annos depois e em desharmonia com as indicações.

Isto prova a asserção de que as indicações do chefe do Estado nas fallas do throno não estão em relação com a obra do parlamento. E a razão é esta (poderia citar outras; mas basta uma): faz-se uma grande enumeração de necessidades publicas. Na Inglaterra, quando se abrem as camaras; a corôa indica as necessidades palpitantes, as reformas para que a opinião está preparada, que já estão na consciencia do paiz. Entre nos, faz-se um rol de indicações que o corpo legislativo não tem a possibilidade de reduzir a leis; e uma ostentação de zelo e de comprehensão das necessidades publicas, á qual o parlamento ou não acode; ou desfigura.

Mas não é só por este lado que o orador nota quanto é vã esta pratica constitucional: vê que um dos assumptos mais importantes que a corôa podia indicar ao corpo legislativo, como fez em outros discursos, justamente no d'este anno deixou de ser indicado.

Os discursos do throno indicaram em 1866 e 1869 a necessidade de tratar-se da abolição do elemento servil; pois bem, passaram-se as duas sessões, e um assumpto desta ordem, a respeito do qual a opinião do paiz se tem altamente pronunciado, a respeito do qual as nações estrangeiras têm os olhos fitos nesta unica mancha negra que ha na carta do mundo civilisado, ficou por tratar!

Diz-se que esta questão já foi sujeita ao estudo do conselho de estado; mas sobre ella o conselho de estado mostrou-se esteril ou impossibilitado de apresentar alguma cousa que sirva. Do parlamento, como se vê, debalde está ha annos esperando que appareça algum projecto acerca de tão palpitante necessidade!

Um facto desta ordem pos está mostrando a verdade da proposição que o orador affirmou no principio deste discurso, isto é, quanto é vã a formalidade de indicar o discurso da corôa necessidades urgentes do paiz, não transitorias, mas permanentes, como a abolição do elemento servil, e nada se fazer durante annos!...

O SR. BARÃO DE COTEGIPE:—As fallas do throno são peças ministeriaes. Isto é que é do systema.

O SR. SILVEIRA DA MOTA bem o sabe; mas ha certos assumptos a respeito dos quaes não se concebe que a politica ministerial possa mudar completamente com semelhança facilidade. Desde que se annuncia ao parlamento a approvação, a imminecia de medidas de tal gravidade como a abolição do elemento servil, os homens de estado que tomam conta do governo têm necessidade, para não apresentarem-se em opposição ao voto nacional, de subcrever á aceitação de certas idéas que ninguém pôde mais contrariar.

Entretanto, o ministerio, querendo convencer ao paiz de que não ha governo pessoal, assentou de ensaiar esta demonstração da efficacia de sua responsabilidade, sacrificando a questão mais palpitante que tem sido indicada nas fallas do throno anteriores, só porque se tinha feito correr que essa idéa, posto que de responsabilidade ministerial, era de iniciativa do chefe do Estado!

Não pôde pois deixar de reconhecer e manifestar quanto é vã a pratica constitucional, reduzida a estes termos.

Mas o nobre ministro da marinha lembra que o ministerio tem a responsabilidade da falla do throno. É justamente desta peça que o orador vai deduzir os pontos de seu discurso, qual a politica interna, e especialmente qual o procedimento do governo em relação a guerra.

A politica interna continúa em mão caminho. É com algum sentimento que faz opposição ao actual ministerio, no qual vê homens muito respeitaveis, por sua illustração e seus serviços, e entre elles um particular amigo. Mas a marcha do governo impõe ao orador o dever de fazer-lhe opposição, e vai dar ao senado e ao paiz as razões que para isto tem.

A politica interna manifesta-se nos relatórios dos ministros. Para pôr em relevo os principios do governo, a que não pôde deixar de fazer opposição, apontará algumas idéas dos Srs. ministros da justiça e do imperio.

Não se pode dar ao paiz idéa mis triste do estado da instrução publica entre nós, do que dá o Sr. ministro do imperio no seu relatório. Esta capital, cidade de 500,000 almas, ou de mais de 400,000, segundo S. Exc., apresenta apenas 4,800 alumnos frequentando 40 escolas de instrução primaria!

Assim, na corte, onde a instrução publica deve ter maior desenvolvimento, porque é onde ayutam maiores meios de instrução, onde a população aglomerada a procura mais espontaneamente do que no interior, onde mais facilmente se fazem despesas com necessidades publicas, a instrução primaria apresenta o doloroso espectáculo de 4,800 alumnos para 400,000 ou 500,000 habitantes!

O nobre ministro não pôde deixar de reconhecer que esse desgraçado resultado é devido ao vicio do systema de fiscalisar em excesso, tutelar a instrução por tal maneira, que até os estabelecimentos particulares não tem facilidades que podem proporcionar instrução ao povo. E porventura, reconhecendo isto, propõe o nobre ministro o ensino livre? Não; tudo continúa ao mesmo systema!

Pelo seu lado, o ministro da justiça prosegue na sua propaganda contra as assembleas provinciaes (apoiados); quer a restricção do direito que ellas têm de crear parochias e comarcas, a ponto do governo poder deixar de apresentar os parochos e de nomear os juizes de direito.

Quando vê que os nobres ministros sustentam em seus relatórios doutrinas que tendem a enraizar cada vez mais os inconvenientes que se tem introduzida na nossa administração, quando vê que elles procuram exagerar todos os dias a centralisação administrativa e politica, não pode dar apoio a um ministerio que continua assim todos esses abusos contra os quaes o paiz se pronuncia. (Apoiados.)

O nobre ministro da justiça iniciou na outra camara, bons ou maos, alguns projectos da reforma; mas o nobre ministro do imperio ainda alli não apresentou proposta alguma á reforma eleitoral. Todos sabem que a primeira necessidade da situação actual é a reforma eleitoral (apoiados); para este ponto devem convergir, na opinião do orador, as vistas de todos os partidos, afim de que se consiga alguma regeneração do systema representativo entre nós (apoiados); a falla do throno recommenda este assumpto; entretanto o governo ainda não offereceu ao parlamento projecto algum a tal respeito!

Esta reforma é, na actualidade, a primeira necessidade do paiz. Vê todos esses programmas politicos (os do governo são as fallas do throno), observa que os partidos ali enumeram as idéas principaes de seu credo, as necessidades que mais urge satisfazer: o orador, porém lança os olhos principalmente para a reforma eleitoral, e, no seu radicalismo, que tanto suscepebilisa aos nobres senadores, acha que o partido liberal deve exigir, não muitas reformas, mais a reforma eleitoral. (Apoiados.)

Em Inglaterra, os partidos politicos nunca fazem grandes programmas; estudam, elaboram uma idéa, a isto limitam seus programmas, e quando a idéa tem força, brota; é apresentada no parlamento, e se, não vinga em uma sessão, na seguinte é lei.

A reforma commercial não foi idéa de um dia; foi o resultado do esforço de muitos annos, até que appareceu um homem, Sir Roberto Peel, que sympathizando com a idéa e prevalecendo-se de seu ascendente, tornou-se o apostolo e augmentou a grandeza da Inglaterra com a sua lei de liberdade commercial. Este é tambem o daminho que devem seguir, no Brazil, os partidos que aspiram á liberdade.

O que querem? Reformas? O meio de as obter não é fallar nellas, é encaminhar as idéas de um modo pratico, de sorte que as aspirações do liberalismo possam ser satisfeitas. Mas qual é o meio de satisfazer o incontestavel anelo de reformas que se manifesta no paiz? Não conhece outra senão promover a adopção de uma boa lei de eleições, e dar bons leis auxiliares dessa (Apoiados), que torne uma realidade não só a liberdade do votante como do votado. (Apoiados.) É preciso tornar pratica, positiva, a maneira de chegar a este resultado.

Dando, pois, sua annuencia a muitos desses projectos de reformas, que ahi apparecem, reformas politicas, reformas administrativas, reformas organicas e até constitucionaes, que acha indispensaveis, como ha de mostrar; mas sobre todas convida aos homens politicos, que aspiram a liberdade do paiz, a que se unam no sentido de inscreverem todos em suas bandeiras a reforma eleitoral; este deve ser o programma geral, que concentre todos os esforços dos Brasileiros amigos de liberdade. (Apoiados.)

E senão digam qual é o meio de obter no paiz outras reformas, enquanto não se começar pela reforma eleitoral? Não ha nenhum. (Apoiados.) Sem a reforma eleitoral o Brazil só terá as reformas que o governo quizer conceder-lhe. (Apoiados.) Basta observar que a iniciativa da maior parte dellas é privativa da camara quatriennial, e que esta camara é sempre obra do governo. (Apoiados.)

(Continúa.)

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

#### VI.

(Continuação.)

#### INDIA.

Vyasa, o filho do sabio Parasara e da bella Satyavati, como é conhecido na legenda indianna, é o auctor da maior epopea d'este paiz—o *Mahabharata*, escripta na lingua dos sabios ou o sanskrito.

Este poema tem por fim relatar a incarnação de Vishnou, e factos acontecidos durante sua residencia na terra. Para tornar o leitor sciente do seu enredo, vamos transcrevel-o de Cezar Cantu: (*Historia Universal*, livro 2.º cap. XIV.)

«Oráj Bischitrabiry descendia, em terceiro grau, de Barátá, que reinava em Astinapour. Elle deixou dous filhos; o mais velho Dritarastra, que era cego, teve Douriodana e mais cem filhos chamados os Poros; e Pandou, o mais jovem, teve cinco filhos chamados os Pandos.

Tendo morrido Pandou, Dritarastra tornou-se rei, e, para matar os Pandos, mandou deitar fogo ás suas habitações. Comtudo estes escaparam, e, tendo atravessado o deserto, refugiaram-se em Kumpela. Elles ahi se distinguiram pelo seu valor e pela sua generosidade a tal ponto, que

Dritarastra se resolveo a partilhar com elles o reino.

Deu-lhes portanto a metade em que entrava Celhi, e ficou com a outra em que entrava Astinapour.

Porem depois arrependido e invejozo, convidou para sua caza os Pandos, e lhe ganhou por trapacas; ao xadrez, todo o paiz que possuíão. Na ultima partida elles prometteram, se a perdessem retirarem-se para a solidão durante doze annos, e de os verem depois obscuramente. Perderam e cumpriram sua promessa; porem á sua volta, Douriodana os tratou tão asperamente que pegaram armas contra elle. Rebenta portanto a guerra, e em quanto ella dura, Vishnou commovido pelas queixas que a terra, sob a forma d'uma bezerra, lhe dirige a respeito da depravação dos homens, incarnou-se sob o nome de Krina. Elle escapa milagrosamente aos perigos que o rodeião no berço, dos quaes o menor é o assassino de todas as creanças ordenado por seus inimigos.

Ainda involto nas faxas infantis, já opera prodigios; livrá-se das serpentes, mata gigantes e monstros, vive com os pastores no meio de suas occupações e de seus brincos, domestica por meio da gaita de folles as feras, recreando ao mesmo tempo as jovens pastoras. Tomado de amor vac libertar bellas prizioneiras, triumpho do gigante de sete cabeças, e desesseis mil virgens encantadoras desposam todas o seu libertador. A sua missão sendo combater o mal debaixo de qualquer forma que fosse, elle toma o partido dos Pandos nas suas guerras com os Koros; finalmente depois da batalha dada sobre o lago de Kourschet, que durou dezoito dias, Douriodana, morre, e victoria se declara a favor dos Pandos.

Então cansado de percorrer a terra torna subir ao céu, onde derige as danças circulares, das espheras, dos mezes e dos annos, que se movem harmoniosamente em torno do sol.

Eis o assumpto d'um poema, que compõe-se de 18 livros e encerra mais de 200:000 estancias.

Valmiki é o autor do *Ramayan*, cujo assumpto é a victoria de Rama sobre Ravana principe dos demonios. Tem episodios magnificos que têm sido traduzidos nas principaes linguas Europeas por distinctos poetas.

(Continúa.)  
D. A. Martins Costa.

## VARIEDADE.

### NOVA TENTATIVA AOS MARES DO PÓLO DO NORTE.

Partio de Glasgow para os mares do pólo do norte uma expedição particular digna de menção.

O *Diana*, que assim se chama o navio expedicionario, é um vapor de ferro, com tres mastros, guarnecido com uma couraça de aço ferro, para resistir ao embate dos gelos. 35,05 metros de comprimento e 6,10 metros de boca. Tem duas machinas de condensador, cada uma da força de 20 cavallos. Na parte central tem dous compartimentos, que podem hermeticamente vedar-se, destinados a armazenar oleo de phoca e de baleia, para aquecer a machina na falta de combustivel.

O vapor leva mantimento para dous annos. A tripolação é de 20 homens habilitados á navegação nos mares do pólo.

San Luiz.—Typographia Perseverança—impresso por Manoel Caetano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 31 de Agosto de 1869.

### CONVENTO DAS MERCEZ.

O fatal arêsto, infligido pelo governo às ordens religiosas do paiz, fechando o noviciado aos conventos, acarretou-lhes morte lenta porém certa.

Na epocha em que o governo imperial manifestou sua vontade soberana de extinguir as ordens regulares por esse meio tam inconstitucional como traiçoeiro, ainda floresciam muitos conventos, e desempenhavam seu fim humanitario.

No Maranhão, a ordem das Mercez, ainda opulenta, contava boa somma de religiosos, e si não distribuia a farta beneficencia vivia pelo menos de suas tradições.

O acto absolutista do governo imperial, porém, veio trazer-lhe as derradeiras agonias, e não era de esperar que golpe tam profundo deixasse de arrancar do moribundo os ultimos signaes de vida.

Erros das administrações transactas, desanimo perante a sentença de morte, fulminada pelo poder de um governo absoluto, trouxeram à ordem o desbarato, que foi a feição característica do seu periodo de 1833 à 1862.

Chegando a esta diocese, Sua Ex.<sup>a</sup> Rvm.<sup>a</sup>, o Senr. Bispo Diocesano, filho do claustro, e um dos seus mais conspicuos ornamentos, não pôde ver aquilatar-se pela inanção e desmando de administrações descuidadas as reliquias da ordem mercenaria.

Tam energicas providencias administrativas deu o Sr. Bispo em ordem à salvar o convento, que em breve o vimos restabelecido no credito e conceito publico, pois que até então era o alvo tam somente de um circulo de especuladores.

Vencidos os primeiros embaracos, que tolhiam a administração dar marcha regular aos negocios da ordem, Sua Ex.<sup>a</sup> Rvm.<sup>a</sup>, assim communicava o estado d'ella ao governo imperial, em officio de 10 de outubro de 1863:

«...achei prudente e de necessidade nomear uma comissão de ecclesiasticos seculares para que fiscalizando os bens do patrimonio d'ella, podesse amparal-os da voragem dos especuladores, que apocados se assoberbavam para devoral-os.

«O seu estado actual, apesar dessas providencias, é lamentavel: por uma parte o apparecimento de dividas contrahidas em tempos anteriores acabrunham a administração; por outra parte a natureza dos seus bens, que se compõe de terras e escravos, e que por isso exigem uma administração activa, e especialmente dedicada à cuidar d'elles, traz-me em perfeito desasossego, por conhecer que a comissão por mim nomeada, não pôde curar, como convem, os interesses da Ordem....»

Vê-se, pois, que houve da administração diocesana a melhor vontade em salvar uma instituição humanitaria do abysmo que tinha em face.

Apezar do governo naturalmente imperfeito das comissões, o que tem conseguido o sabio e virtuoso Diocesano? Todos sabem. O benefico impulso que o Exm.<sup>o</sup> Senr. D. Luiz imprimiu com tanta sabedoria nos negocios ecclesiasticos de sua diocese.

São patentes os seus trabalhos, como tambem os pingues resultados de sua administração.

O convento das Mercez, decaido do passado esplendor, por terra em quasi sua totalidade, arruinado geralmente, é hoje um dos primeiros edificios da pro-

vincia, pelos esforços do Diocesano, que ali inaugurou um florescente seminario para humanidades.

A igreja estava feixada, porque não tinha alfaias; nem ministrava-se o mais necessario para a celebração sequer do sancto sacrificio da missa. E hoje? Eil-a sempre franca aos actos do culto.

É uma das poucas igrejas da capital onde se cumpre pontualmente com as disposições diocesanas, em relação à predica e ao ensino da infancia; onde ha constantes predicas da moral evangelica, e do ensino do cathecismo.

No material, o templo tem soffrido importantes reparos, e a proporção que permittem os escassos rendimentos da ordem se vae empregando no seu acção e reconstrução.

Dizemos *escassos rendimentos* porque em verdade assim pode-se chamar o supérfluo da sustentação de alguns escravos que estão disseminados em quatro *taperas*, que outr'ora foram situações florescentes, á que chamamos *fazendas*.

O total da escravatura do convento é hoje de 130 no maximo. E á vista de tam avultada cifra não faltarão economistas que avaliem o saldo do convento em *boas dezenas de contos de reis*.

Bem: do numero d'esses escravos tire-se as mulheres e crianças, os velhos e enfermos, o que fica para o trabalho? o que produzirão?

Calcule-se ainda escravos indisciplinados ha annos, sem habitos de trabalho, immorigerados, mocamboiros, o que se pode esperar d'elles?

Muito embora hajam financeiros que pensam ser o convento das Mercez uma nova Chanaan, onde jorre a abundancia e força confessar que andam errados em seus calculos, productos de uma imaginação fertil.

A administração actual do convento não trepidará levar á luz publica qualquer demonstração para desengano dos incredulos.

Sem embargo, porém, do estado precario do convento, elle na temivel luta e difficil quadra por que atravessa o imperio, com a sustentação da guerra do Paraguay, ainda assim, dizemos, contribui o convento com o seu quantum para a sustentação dos brios nacionaes, por solicitação do governo.

No ministerio transacto, de que fez parte o honrado Sr. conselheiro Paranhos, officio este ao muito venerando Prelado Diocesano, pedindo o seu concurso para que os conventos do Maranhão enviassem seus servos para as fileiras do exercito.

O salúo Diocesano, com a prudencia e zelo que lhe são proprios, dirigiu-se á comissão das Mercez, e no terreno official negociou-se regularmente o offerecimento dos escravos.

Era então presidente desta provincia o Sr. Doutor Souza Carvalho, que em relação aos bens e escravos do convento das Mercez tinha informações muito exageradas. Pensava o senr. presidente que a ordem mercenaria possuia avultadas centenas de escravos, e por isso chegou a offerecer tropas para recrutarem dentro das fazendas e barcos de vapor para conduzi-los á capital.

Informado ao certo do total dos servos, nem mais affanoso mostrou-se o senr. presidente por esse desejo anhelante de enviar ao Rio da Prata um forte contingente de alforriados.

Officiando o venerando Diocesano á comissão administrativa para satisfazer ás vistas do governo central, ordenou-lhe que mandasse ver os que estavam no caso de assentar praça, e os fizesse alistar no exercito, e os que de-

sejassem seguir *como voluntarios* para o mesmo fim.

Empregando-se os meios necessarios para isso, resultou que somente 7 escravos foram os aptos para o serviço militar.

Dos sete designados um foi regeitado pela junta de inspecção, e houve necessidade de ser substituido.

Ora, diante destes factos não se poderia irrogar ao convento qualquer pensamento anti-patriotico.

Cumprindo seus deveres perante a sociedade, o convento é ainda hoje, apesar de sua decadencia, o continuador de sua passada glória.

Voltando á questão dos escravos designados, cumpre dizer que houve toda a legitimidade no acto administrativo.

Foram os escravos libertados antecedentemente, obtiveram a carta, passada com as formalidades legais.

Assim ha o convento tambem concorrido com o seu contingente para a guerra.

Proseguiremos.

### POLITICA.

#### GOVERNO PROVISORIO DO PARAGUAY.

São bem conhecidas as difficuldades que ha encontrado o diplomata brasileiro em organizar um governo provisorio na capital do Paraguay.

Ou seja que as nações alliadas se obstinam em não querer negociar com o Brazil, ou com um diplomata, que já não lhes inspira confiança, o certo é que a problemática é a solução dessa questão.

O senr. conselheiro Paranhos, demittido acintosamente de um cargo diplomatico, não tinha força moral perante os mesmos governos para se encarregar de uma missão junto á esses diante dos quaes recebeu uma affronta.

No entretanto, eil-o de novo investido do cargo de embaixador, ministro, plenipotenciario, de tudo, enfim.

É uma dessas brilhaturas anômalas e inconsequentes do excelso governo do Brazil.

Ha perto da corôa um Lethes, onde soem mergulhar-se os nossos politicos, que tem o prodigioso effeito de deslembrar as injurias da vespera.

Não que a politica e os politicos sejam todos amantes dessas *immersões*, porém, para esses que a adoptaram como qualquer industria.

Avaliem os leitores do triste papel que representa o paiz á face do mundo civilisado. Vejamos o que diz um correspondente officioso:

«Os representantes do Brazil e da Republica Argentina proseguem nos seus trabalhos para a criação do governo paraguayo. No dia 21 teve lugar em casa do Sr. conselheiro Paranhos uma reunião de uns 60 Paraguayos dos mais importantes. S. Ex. e o seu collega Dr. Perez, depois de darem conhecimento das clausulas do accordo celebrado pelas nações alliadas para o fim de que se trata, os exhortaram á concordia e união, unicos meios que têm os poucos Paraguayos que restam para conseguirem a reorganização da sua nacionalidade. O Sr. Paranhos, alludindo a certas pretensões de um grupo que se apoia na legião paraguaya, fez ver em termos muito energicos que, ou os Paraguayos se haviam de cingir ás estipulações dos alliados e nomearem pessoas que merecam a plena confiança dos seus representantes, ou não teriam governo provisorio. O Dr. Perez fallou no mesmo sentido, e, depois de alguma discussão suscitada por um dos officiaes da legião paraguaya, que pretendia que os soldados votassem,

o que lhe foi contestado pela grande maioria dos cidadãos presentes, resolveu-se que houvesse hontem uma reunião popular para a eleição de uma comissão autorizada a entender-se definitivamente com os ditos representantes sobre tudo que for concernente ao estabelecimento do governo provisorio, que a final será eleito pelo povo.

Teve com effeito lugar esta reunião, e depois de alguma discussão, ainda provocada pelos officiaes da legião paraguaya, que pretendiam dominar, foi eleita uma comissão de 21 membros, que terá de eleger cinco para tratarem com os Srs. conselheiros Paranhos e Dr. Perez. Na acta dessa reunião, por todos assignada, declarou-se que os Paraguayos presentes se comprometiam a aceitar e proclamar o que fosse assentado entre aquelles ministros e os referidos delegados.

Já se vê, pois, que a tarefa do nosso ministro vai-se adiantando, e que reina a maior harmonia entre elle e o seu collega, o que é grato á alliança e uma garantia de respeito a todos os direitos, assim os dos alliados como os da infeliz republica do Paraguay.

É lisonjeiro ver que todos os Paraguayos, qualquer que seja o grupo a que pertençam, nutrem o mesmo sentimento de aversão a Lopez.»

Apezar de tanta cortezania ao governo do paiz, manifesta o officioso correspondente o pesar que ha para a formação do governo provisorio.

### THEATRO DA GUERRA.

«Tenho a satisfação de communicar aos meus compatriotas que principiou o movimento do nosso exercito, o que, para mim, é o mesmo que dizer que dentro de alguns dias poderei transmitir-lhes importantes noticias.»

No dia 28 partio a vanguarda do exercito brasileiro, composta de 3,000 homens das tres armas, ao mando do general João Manoel Meima Barreto em direcção a Paraguay.

Hoje segue para o mesmo lado o general visconde do Herval com o 1.<sup>o</sup> corpo do exercito. A noite parte do Taquaral para Pirayú o general Polydoro com o 1.<sup>o</sup> corpo que seguirá amanhã ou depois a juntar-se com o 1.<sup>o</sup>, marchando então ambos sob o commando em chefe S. A. o Sr. conde d'Eu. Não sei com certeza se o principe partirá hoje com o 1.<sup>o</sup> corpo, ou se irá com o 2.<sup>o</sup> de Pirayú.

O general argentino Emilio Mitre operará em frente a Ascurra, Cerro Leon e Paraguay. Com este general deixa Sua Alteza um corpo de exercito de 3,000 e tantos homens, commandado pelo brigadeiro José Auto da Silva Guimarães, e divididos em duas divisões, uma de infantaria ao mando do coronel Antonio da Silva Paranhos, e a outra de cavallaria, de que é commandante o coronel Carlos Nery.

Ficam guarnecidos e fortificados os pontos de Pirayú, Taquaral e Assumpção, e assim protegidas a base de nossas operações e a linha ferrea, que continuará a ser um poderoso auxiliar dos exercitos.

O General Henrique Castro com os seus Orientaes e Paraguayos deve estar a esta hora em Jaguarão, para onde marchou ha dias. Sua Alteza mandou fornecer-lhe tudo quanto faltava para que esse nosso alliado pudesse emprender a sua marcha.

Tenho noticias que completam e explicam o telegramma que a respeito do general Portinho enviou á redacção desta folha, na esperança de que pudesse au-

da alcançar o paquete inglez em Montevideo.

Aquelle nosso brigadeiro, com a sua força em numero de mil e tantos homens, pela maior parte de cavallaria, atravessou o Tebiquary e foi até Yuti, onde libertou grande numero de familias; dahi seguiu para o departamento de Caazapa, onde avistou o inimigo em numero de mil e tantos homens de infantaria e artilharia, commandados pelo capitão Romero.

Fez então o general Portinho recolher as familias a Yuti e Villa-Rica e seguiu em direcção á margem do Tebiquary, tendo muito em vista que o inimigo fosse encontrar em lugar difficil.

Alcançou-o junto do passo de Jara, atacou-o e bateu-o completamente, matando 100 homens e tomando 20 prisioneiros. Calcula-se o numero dos feridos em 200. Não pôde perseguir o inimigo porque o terreno por onde elle fugiu não permittia o movimento da cavallaria.

Nós perdemos no combate 30 homens mortos e 20 a 25 feridos.

De Jara retrocedeu o general Portinho para o passo de Santa Maria, onde se poz em comunicação com os navios da nossa esquadra, que lhe forneceram alguns viveres, trazendo um delles os nossos feridos para esta cidade, onde chegaram hontem á noite.

Merecem os maiores elogios os importantissimos serviços que tem prestado a nossa esquadra sob o commando do chefe de esquadra Elisiario Antonio dos Santos. Com os poucos navios que ha aqui, alguns dos quaes pouco proprios para o serviço que estão fazendo, tem-se explorado rios desconhecidos para a nossa gente, internando-se, como a expedição de Tebiquary, até o coração do territorio inimigo. Os perigos e difficuldades de todo o genero não têm detido os nossos bravos da marinha, que assim prestam um poderoso auxilio aos seus dignos irmãos do exercito.

Em uma dessas explorações rio acima bateu o encouraçado *Silvado* em umas pedras junto a Manduvirá. Esteve a ponto de perder-se; mas, graças as promptas e bem dirigidas providencias dadas pelo almirante e aos esforços do commandante Gonçalves e dos companheiros que o auxiliaram, acha-se salvo esse nosso bello vaso de guerra, que soffreu algumas importantes avarias.

Ante-hontem pela manhã fez-se um reconhecimento em força, commandado por Sua Alteza, sobre a posição de Ascurra. O principe foi até muito perto do acampamento de Lopez, e descobriu uma forte trincheira com abatizes e guarnecida de artilharia. O inimigo fez alguns tiros de fazilaria, que apenas feriram um cavallo, e encobriu-se em sua trincheira. Sua Alteza mandou collocar convenientemente a nossa artilharia e bombardear o campo inimigo. O bombardeamento foi muito bem dirigido e durou mais de duas horas, sendo as descargas espaçadas e bem aproveitadas. As bombas e foguetes a congreve devem ter causado grande damno aos Paraguayos, cujo acampamento foi em parte incendiado.

As 11 regressou Sua Alteza a Pirayú, onde encontrou o Sr. conselheiro Paranhos que o ia comprimentar por ser o dia anniversario do nascimento de S. A. Imperial a Sra. princeza D. Isabel, e para tratar dos negocios que a ambos incumbem. O Sr. general Polydoro foi por aquelle mesmo motivo, e sem duvida para concertar a sua marcha, que devia começar hoje.

À tarde houve *Te Deum* na igreja de Pirayú, officiado o Rev. frei Fidelis. Findo este acto religioso, recebeu o principe os cumprimentos dos generaes, officiaes e outras pessoas gradas que se acham em Pirayú, ou alli foram para esse fim.

O Sr. Paranhos pernoitou no acampamento, regressando hontem para esta cidade.

Aqui continuam o nosso ministro e o commissario argentino a occupar-se activamente da difficil tarefa de que estão

incumbidos, e aguardam a marcha dos exercitos para encetarem os trabalhos preliminares do estabelecimento do governo provisório.

Espero em Deus que a perseverança e constante trabalho do Sr. conselheiro Paranhos terão produzido e produzirão fructos beneficos ao nosso paiz. Quando o estrangeiro dá honroso testemunho dos esforços do nosso representante, alguns de seus mais eminentes compatriotas só cuidam de amesquinha-lo.

## RELIGIÃO.

### PIO IX E A ITALIA.

A attitudé energica do Pontífice Romano nos negocios da Italia é manifestada na allocução proferida por Sua Santidade no ultimo consistorio.

Apreciam os leitores esse monumental documento historico, onde estão estampados á luz a perfidia e rancor do governo italiano russo á Igreja romana.

«Chegado ao termo do vigessimo terceiro anno do meu pontificado (diz Sua Santidade), devo primeiramente agradecer ao Senhor, que tem amparado a minha fragilidade em meio de tão numerosas e tão crueis provações. Devo admirar e abençoar a protecção cheia de sabedoria que concedeu á igreja. Sem duvida deixou-a exposta a temerosas procellas; mas sustentou-a ao mesmo tempo, e sustentou entre os christãos, homens animados de tanto valor, que pugnam pelos seus direitos. Dirijo, em fim, os meus agradecimentos ao sacro collegio e a todos os que me rodeiam, pela nobre parte que temos na luta e pelos desejos que acabais de manifestar-me.

«O mundo está como devidido em duas sociedades, uma numerosa e de muito poder, inquieta, agitada; outra menos numerosa, mas serena e fiel. O meu illustre predecessor S. Gregorio Magno, comparou estas duas sociedades ás que outr'ora se reuniram, uma na planície de Sennaar, onde os homens que ergueram a torre de Babel foram confundidos por Deus nas suas linguagens e dispersos; a segunda no Cenaculo em dia de Pentecostes, onde Pedro, os apostolos e milhares de fiéis das diversas nações ouviram e entenderam todos a mesma lingua.

«Assim vemos hoje, de um lado a revolução, levando apoz de si o socialismo, que condemna e renega a religião, a moral, o proprio Deus; e do outro os verdadeiros fiéis, que, calmos e firmes na sua fé, aguardam pacientes que os bons principios recuperem o seu imperio salutar, e que se cumpram os desígnios do Todo Poderoso.

«Ah! Se os soberanos adoptassem estes bons principios, como lhes seria mais facil governar os seus povos! Que bem poderiam fazer a si proprio e a esses povos!

«O futuro está na mão de Deus. Assim como abatem os primeiros revolucionarios, os demonios, assim abaterá estes. E nós podemos e devemos desejar que sejam humilhados e confundidos os soberbos que perseguem a igreja.

«Entretanto cumpramos fielmente os nossos deveres sagrados para Deus. *Ego autem exacerbar*, diz o psalmista, e demostro-lhe acções de graças por haver conservado a paz neste pedaço de terra, maravilhosamente privilegiado, donde podemos lançar as vistas e as preces sobre toda a igreja! Por toda parte quantas ruínas e lagrimas!

«Uma nova lei mui hostil ao catholicismo acaba de ser promulgada em Florença, sejeitando os ecclesiasticos ao recrutamento militar. Depois de tantas outras tentativas contra a igreja, os seus ministros, e os seus bens, as palavras fallecem para reprovar o derradeiro ataque. Os prelados italianos, cumpriram zelosamente o seu dever protestando contra semelhante disposição.

«O catholicismo vê-se em frente de males e prejuizos consideraveis na Austria e na Hungria em virtude de leis es-

poliadoras que sobresaltam a consciencia e que infringem as estipulações da concordata com a Santa Sé. As noticias vindas de Hespanha tambem a affligem pelos desvarios a que se entregam hereges e scismaticos.

«O governo russo sobresahe, esmerando-se em flagellar a igreja. São expulso os bispos de quasi todas as dioceses só porque pretendem obedecer ás ordens do vigario de Jesus Christo. Ainda que o bem da religião o exija não lhes é licito sabir do Imperio, tornando-se as communicações entre os fiéis e a Santa Sé cada dia mais difficéis e escabrosas. Talvez no momento em que fallo o reino da Polonia tenha a prantejar o obito de mais um prelado, martyr das suas convicções, victima de atroz prepotencia.

«O zelo e a coragem manifestados pelos bispos na defeza do catholicismo contra a impiedade são um efficaz limitivo em meio das angustias que me acometem, e lusongeio-me de que o clero saberá imitar o nobilissimo exemplo que lhe dão os seus prelados, especialmente os que na Polonia affrontam quaesquer tormentos, e succumbem circundados pela aureola da santa gloria.

«De certo poderia permittir Deus, que nós mesmos tivéssemos a sorte daquelles bispos. Esta planta que mergulha as raizes no solo onde ainda encontramos segurança, poderia ser ferida como a planta mystica do propheta Daniel. Mas os perigos que nos ameaçam serão conjurados pela bondade divina, e esta planta tem a palavra do Senhor. Advirto os inimigos da igreja que os juizos de Deus contra elles serão terribes; e peço ao céo que restitua ao aprisco tantas ovelhas desgarradas que correm á inevitavel perdição.

«Invoco a protecção de Deus sobre o sacro collegio, sobre os prelados, sobre esta querida cidade, sobre os que a representam. Oro particularmente por duas espécies de pessoas, por aquellas que estão attribuladas para que Deus as ajude, e por aquellas mais infelizes ainda, que vivem no peccado, para que Deus lhes conceda graça vencedora. Ha em Roma mesmo alguma alma perdida que toma a sombra pelo corpo, a verdade pela mentira, e que, fugindo da senda da justiça, se lança na floresta repleta de feras rugidoras. Desgraçado do que assim procede! E a perda segura de todo o bem, é a condemnação definitiva ás penas inevitaveis. Possa o Senhor afastar de nós tal sorte, amparar-nos constantemente no trilho da fé, da consciencia, da religião, e pela intercessão de Maria dispensar-nos as suas bençãos, como de todo o coração appetego e desejo.»

### CORPORAÇÕES DE MÃO-MORTA.

Quando no Brazil o governo mostrasse tam cioso pelo augmento da propriedade religiosa, uma republica florescente, amiga verdadeira dos liberdados, d'elle toda a força vital.

Eis como um jornal protestante falla dessas propriedades nos Estados-Unidos:

«Temos dito em mais de uma circumstancia que na Inglaterra, na Hollanda, nos Estados-Unidos, no Canada, a personificação civil é concedida sem difficuldades ás corporações religiosas, de caridade ou moraes, principalmente as de educação.

O *Nacional Republicano*, órgão do governo central em Washington, traz, no numero de 13 de Fevereiro ultimo, uma decisão relativa ás corporações estabelecidas ou que se estabelecerem no districto federal. Isto é tanto mais significativo quanto esta gazeta é a expressão não da opinião deste ou aquelle Estado particular mas opinião do congresso central, que dirige por uma comissão especial, nomeada dentre si, os negocios deste districto, chamado o Columbia.

Eis aqui como dá ella conta deste acto:

«M. Wickers relatou hontem ao sena-

do por parte da comissão do districto, sobre um bill de incorporação de sociedades ou congregações religiosas no districto de Columbia. Dispõe este bill que todas as terras possuidas precedentemente por um ou muitos administradores especiaes (trustees) para uso ou beneficio de qualquer igreja, de uma sociedade, ou congregação religiosa, ou que forem destinados para uso do culto, ou para «sustentação» deste culto, ou para estabelecimento de um cimiterio sob a direcção destes administradores, são adjudicadas para tal uso, juntamente com os melhoramentos e edificações, que dellas dependam, á estes mesmos administradores, que ficam constituindo uma «corporação ou corpo politico (a body corporate and politic), com as denominações das igrejas respectivas, das sociedades religiosas, das congregações, de cujos interesses são representantes seus administradores.»

Isto se passa na terra das liberdades populares, e que nos é apresentada diariamente para ser imitada; entretanto aos americanos não espanta o «fantasma das ordens religiosas e corporações de mão-morta.»

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### BOM FIM.

Cabo fronteiro á capital do Maranhão, na margem esquerda do rio Bacanga, cercado por um banco d'areia, que é coberto inteiramente pela enchente da maré.

Fica a 2° 25' lat. merid. e a 56° 31' long. occ.

Está situado defronte da capital, e sobre o dorso da pequena montanha, que o constitue, foi em 1718 levantado pelo ex-provincial frei Antonio de Sá um hospicio, pertencente á ordem carmelitana d'esta provincia, o qual acha-se hoje, e é pena, em completa ruina.

Foi em seu principio governado por um presidente vitalicio, sem sujeição ao convento da cidade e com suas rendas separadas.

Jeronimo d'Albuquerque, já nomeado capitão-mór do Maranhão, pela portaria com data de 20 de fevereiro de 1616 concedeo duas legoas de terras n'este cabo para a edificação d'este hospicio.

Em distancia de poucas braças arredado do lado esquerdo do hospicio encontram-se as paredes mestras de um edificio principiado mas não acabado. No alto da porta principal achase em letras romanas, embutidas em pedra marmore, e avivadas com tinta preta, esta inscripção:

Humano Salutis, Reparatori,  
Hoc aggrasante saepe contagio  
Hospitalis effugium,  
Comunibus impensis  
Publica charitas  
Exerit ac dedicavit.  
Ann Dom MDCLXXXV.

O conego Raimundo Alves dos Santos assim a traduzio livremente.

A caridade publica,  
com os soccorros das esmolos de todos os fiéis,  
origio este lugar para servir de hospital  
nas muitas occasiões, em que grassar o contagio,  
e o dedicou  
ao Reparador da salvação humana.  
Anno do Senhor 1735.

O governador José Telles da Silva officiou ao Senado da Camara em 8 de maio de 1784, dizendo que havia remittido para o Bom-fim alguns presos, que na cadeia estavam acommettidos de bexigas, afim de não propagarem o contagio.

Determinou á Camara, que desse providencias.

Acabado aqui este lazareto, D. Francisco de Mello Manoel da Camara em

26 de setembro de 1806 dirigio-se á Camara enviando as condições, com que José da Costa e Oliveira se propunha a arrematar o contracto das carnes verdes.

N'uma d'essas condições dizia elle, «que sendo necessario cultivar-se um logradouro n'esta ilha para de-posito sufficiente d'um certo n.º de gado, onde se nutrisse e estivesse prompto para dar sufficiente alimento á cidade, que nas terras de N. S. do Carmo entre o Bom-fim e o Rio dos Caxorros se achava um sufficiente campo com os predicações necessarios, o qual sendo pedido por D. Antonio de Saldanha ao Padre Provincial, este cedera logo para beneficio do publico.»

Nesta ponta de terra outr'ora se descobriram alguns vestigios de fortificação por umas pedras de cantaria, que se acharam, e então aqui não haviam iguaes, pelo que pensou-se terem vindo de Lisboa para construção d'algun forte.

Quando fomos copiar a inscripção supra, fizemos bem esforços para descobrir esses vestigios, mas infelizmente nada achamos.

Encontramos tambem em outra pedra de cantaria este distico, gravado em caracteres romanos.

Sabes já a invocação d'este santo hospicio? Sim.  
E' o Senhor do Bomfim,  
Espelho do Maranhão,  
Pois já vós, povo christão,  
Que se bom fim queres ter,  
E a Deos bem parecer,  
Te deves sempre compôr,  
A' vista deste Senhor  
E d'elle espelho fazer.

Publicando esta inscripção no nosso «Almanach de lembranças brasileiras para o anno de 1863» despertamos o zelo da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, que pediu esta pedra ao actual provincial do convento de N. S. do Carmo frei Caetano de Santa Rita Serejo, e sendo concedida, foi logo engravada em uma das paredes do corredor do lado esquerdo da capella d'essa irmandade; onde foi d'ahi a poucos mezes levantado um altar ao Senhor do Bomfim.

Até o anno de 1827 n'este hospicio se celebrava, annualmente em 6 de agosto, a festa do Santo com grande pompa.

Da cidade concorriam muitas pessoas, umas por devoção, e muitas por mero recreio e passatempo. Armavam-se barracas, dançava-se e cantava-se muito ao som de varios instrumentos. O convento dava lutto e esplendido jantar, porem n'esse anno apparecendo alli muitos africanos, com danças escandalosas, algumas pessoas embriagadas, muito tumulto no embarque, havendo até uma canoa perdida, e alguns inglezes, que muito insultaram a frei José de Santa Rita, presidente apostolico e perpetuo do mesmo hospicio, resolveo este não dar mais jantares, e a festividade foi-se acabando pouco e pouco até extinguir-se de todo.

Encontramos estes promenores em um papel avulso sob o titulo—*Anuncio que vai patentiar a verdadeira devoção do Senhor do Bomfim*—impresso em 1829 no typ. nacional.

Foi tambem cemiterio dos Inglezes, e ainda existe por lá algumas lapidas, muito gastas pelo tempo, sobre sepulturas.

Dr. Cezar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS. DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 15 DE JULHO DE 1869.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA (*continuação*) É innegavel que precisamos de muitas reformas; porém uma verdade domina todas as outras: não ha meio algum de obter uma só reforma que preste, sem que previamente se alcance uma reforma eleitoral da qual resulte uma camara que seja o fructo da liberdade de voto. (*Apoiados*) Hoje não ha no Brazil liberdade, nem do votante, nem do votado. (*Apoiados*.)

Não ha liberdade do votante, porque com as leis de policia, de guarda nacional, de recrutamento, que temos, com a lei de 22 de Agosto de 1860, que estabeleceu a tutela de todas as industrias, matou toda iniciativa individual (*apoiados*), e sujeitou ricos e pobres á dependencia dos favores do governo, nenhum partido pôde ter maioria na eleição quando o governo não quer, porque elle tem toda população debaixo de sua jurisdicção.

E, portanto, preciso que quem aspira a melhorar o estado das nossas cousas diga, pela imprensa, nas camaras, na praça publica, e repita até convencer o paiz, que elle está condemnado a não ter parte no governo, a ficar escravo, enquanto a reforma eleitoral não lhe der o direito de votar livremente em quem quizer. (*Apoiados*.)

Desgraçadamente, o ministerio actual é composto de homens, embora muito respeitaveis, mas que pertencem ao nosso partido *tory*, e entendem que, como sabem fazer o bem, e querem fazê-lo (isto o orador concede), não devem dar aos liberaes nem o direito de o fazer; querem ministrar a dose de bem que lhes parecer, embora seja homoeopathica (*Hilaridade*) Ora não sabe porque não hão de estes senhores reconhecer que, em um paiz livre como o nosso, não pôde isso constituir o monopolio de um partido, com exclusão de outro que tem maiores aspirações de liberdade do que elles podem satisfazer.

Os *tories* constituem em Inglaterra um partido forte, que inspira grande respeito pela importancia que naquella paiz têm as tradições antigas; mas, apesar desse respeito, apesar da legislação que lhe dá a instituição de morgados e substituições por consequencia, o poder sobre a grande propriedade do paiz, o partido *tory* está alli em minoria: ainda nas ultimas eleições lançou mão de todos os estratagemas dos maiores esforços, mas não pôde triumphar; chegaram a chamar que os liberaes queriam americanisar as instituições inglezas!

Todos sabem que os *tories* têm tambem em seu favor na Inglaterra a influencia da igreja estabelecida; ainda em um dos ultimos *meetings*, como vio no *Times*, os sustentadores de um candidato procuraram mostrar que seus adversarios, os membros do partido de Gladstone e de Bright, pretendiam americanisar a constituição britanica; ainda assim, porém, o partido *tory* ficou em minoria.

Será porque esse partido não se inspire em alto grão do sentimento de nacionalidade, e não saiba fazer o bem? Não; mas é justamente porque é um partido compromettido na defesa de certos principios a que a sociedade ingleza resiste, ella que quer a liberdade commercial, a manutenção da paz e protecção aos pobres, idéas que semelhante escola não admite.

Entretanto os *tories* brasileiros querem o monopolio de fazer o bem; entendem que não ha aqui quem saiba e possa governar senão elles!

Sem a reforma eleitoral não é possível que nenhum dos partidos marche no Brazil; a degeneração do systema representativo provém principalmente do vicio das leis eleitoraes que temos tido: se não, veja-se.

Donde vem que ha muitos annos o corpo legislativo tem abdicado sua fa-

culdade de legislar, delegando-a ao governo? Vem da má composição do corpo legislativo, vem da demasiada confiança que se tem no poder executivo; vem dos abuzos do poder executivo, porque acha para isso facilidade no corpo legislativo. Se tivéssemos legitimos representantes dos interesses e idéas da nossa sociedade, estariam as nossas collecções de leis cheias de autorisações dadas ao governo para legislar? Não provém isto dos defeitos da nossa lei eleitoral?

Tem-se por vezes tentado organizar o nosso poder judiciario; mas será isso possível senão que, mediante uma boa lei de eleições, componha-se o corpo legislativo de modo que elle comprehendá a independencia desse poder? Não é de certo. A constituição consagra a independencia dos poderes; mas a do poder judiciario é, entre nós, cousa nulla, não existe, nem pela organização, nem pela competencia deste poder.

Não tem independencia pela sua organização, porque a nossa magistratura desde a primeira entrancia, e em todos os seus accessos, está á mercê da arbitrariedade do governo. A lei das entrancias, apesar das boas intenções de seu iniciador, o Sr. Eusebio Queiroz, ainda veio agravar mais o mal. Tambem o orador pensou que d'ahi pudessem resultar algumas vantagens; mas a experiencia mostrou que a lei das entrancias trouxe ainda maior dependencia dos magistrados.

O arbitrio que anteriormente havia das remoções, e que até certo ponto era limitado, continuou ainda, ficando apenas dependente de certas informações e de consulta do conselho de estado. Que garantia pôde ser para a independencia do poder judiciario, em relação ao governo, uma consulta do conselho de estado?

Não só o poder judiciario perdeu a independencia por sua má organização, senão tambem pela absorção de sua competencia. Ha até um ponto sobre o qual o ministerio actual entende que ainda é preciso alargar o abuso que se tem commettido: o relatorio do Sr. ministro do imperio pede com instancia o desenvolvimento do contencioso administrativo.

Ora, o contencioso administrativo, é, no entender do orador, uma usurpação de attribuições do poder judiciario, que tem sido defraudado por essa absorção, e ainda quer-se mais, ainda se pretende levar adiante essa imitação servil do systema francez (*apoiados*), querendo-se transplantar um regimen de centralisação exagerada como é o regimen da França de Luiz XIV para um paiz livre, cuja constituição só conhece quatro poderes: assentaram de crear outro, que é esse poder do contencioso administrativo, diverso do poder judiciario reconhecido pela constituição, e diverso tambem do poder executivo.

O nobre ministro do imperio tambem diz no seu relatorio que o conselho de estado, posto que tenha prestado muitos serviços, precisa de reforma. Que reforma? A de que elle precisa é a sua abolição.

Como dizia a independencia do poder judiciario no nosso paiz está ferida mortalmente; é impossivel tê-la, por duas razões. Em primeiro lugar, por sua organização. Não se vê a facilidade com que o governo até impõe aposentadoria a alguns magistrados? Que independencia pôde ter o magistrado, quando tem sempre pendente sobre sua cabeça a espada do arbitrio do governo, que tanto pôde cahir sobre o culpado como sobre o innocente?

De tudo isto vai o orador sempre deduzindo a necessidade da reforma eleitoral; porque enquanto não tivermos camaras em que os representantes da nação gozem de toda a liberdade e independencia não será possível organizar os outros poderes de modo que elles sejam independentes do governo, que é quem faz as eleições, e, portanto, o unico poder do paiz.

Isto é um facto a respeito do qual o ministro actual não deve ter nem susceptibilidades. Já houve no Brazil governo que fizesse eleições e não obtivesse maioria na camara? Houve talvez alguma cousa que com isso se parecesse durante a regencia (*apoiados*); mas isso era no tempo da innocencia. De então para cá já houve porventura alguma excepção? Nenhuma. Pelo contrario, a alchimia das eleições tem-se apurado ao ponto não só de virem as maiores, como até as unanimidades.

Portanto, o principal defeito de nossa situação é esse. Voltando-nos para qualquer dos poderes do Estado havemos de ver que seu jogo normal torna-se impossivel por falta de uma representação nacional constituída regularmente. Em uma camara como as que temos tido (não é só esta de agora), em que ha de ordinario 30 juizes de direito, ou municipais, e promotores (*apoiados*), e, além disso, cheia de empregados de comissão, dependentes immediatamente do governo; em um paiz onde o corpo legislativo está cheio de empregados superiores, por exemplo, de conselheiros de estado, que, de accordo com o governo, elaboram os trabalhos que vêm para as camaras, como não ha de predominar a vontade do governo? Pois os conselheiros de estado, depois de adquirirem uma certa solidariedade ou identificação com o governo na elaboração de seus trabalhos, hão de vir para o parlamento votar aquillo em que tomaram parte? Não é possível; para pensar o contrario era preciso suppor os homens deshonestos.

Não se pode, pois, pôr em duvida que esse contacto, em que o conselheiro de estado fica com o governo, devia induzir o legislador a separar as funções de elaborar projectos do governo das funções de legislador; estas exigem outros requisitos muito differentes daquellas.

Não é possível organizar os poderes publicos, fazê-los funcionar regularmente, quando o governo os tem na sua dependencia e á sua disposição, quando o interesse proprio o leva a procurar a todo transe ter maioria nas camaras, maiorias artificiaes, que não representam a nação, mas só o governo. Sendo este o estado das cousas, não se pôde, sem a reforma eleitoral e leis accessorias, obter uma representação nacional livre, para que o paiz possa ter esperanza das reformas que reclama.

Como é possível, sem que haja uma lei eleitoral que garanta uma representação nacional, que o poder executivo seja contido dentro das raiaes de suas attribuições? Diga o senado: por ventura algum dos nobres ministros tem o menor receio de ver decretada sua accusação pela camara actual? Crê que nem imaginam a possibilidade disso.

Uma lei eleitoral que garanta a livre representação nacional não é só precisa para o jogo dos tres poderes de que tem fallado: é tambem indispensavel para que o poder moderador possa funcionar regularmente. (*Apoiados*.) Esse é o poder incumbido de manter em equilibrio todos os outros; tem para isso attribuições importantissimas, como a de dissolver a camara; mas que significação tem esta elevadissima attribuição em um paiz onde se sabe que ainda que uma maioria ficticia contrarie os votos da nação, e a corôa appelle para esta, o appello nenhum resultado dará senão em favor do lado que tiver o apoio do ministro? Que expressão teve a dissolução da camara dos deputados ultimamente?

Não é suspeito nesta materia; pelo contrario pôde emitir sua opinião com toda sobranceira. Fez opposição ao ministerio passado, reclamou contra a sua maioria, achou que era artificial, muitas vezes lhe deu esta denominação; assim se exprimia, certo de que os partidos conservador e liberal tinham mais apoio na nação, do que a fracção que estava no poder e pôr isso havia triumphado na penultima eleição; esta era sua convicção.

Nesse sentido, pôde dizer que a dissolução podia ser feita muito regularmente se o poder moderador não tivesse previamente sciencia de que seu apelo não tinha a significação que teria n'um governo parlamentar. A verdade é que não houve consulta á nação; houve designação, feita previamente pelo governo, daquelles que deviam vir necessariamente declarar que o poder moderador dissolvera aquella camara porque não representava o paiz.

Disto já todo mundo sabia; mas que valor pôde ter essa condemnação? O orador era dos que entendiam que a camara de 1868 não representava a nação; entretanto a sentença das urnas da maneira porque foi proferida, não pôde ter essa significação. (Apoiados.)

E esse facto não pôde ter escapado á apreciação do poder moderador: a eleição da camara actual foi até uma eleição sem luta, sem combate.

Quando se tratava da eleição municipal aqui na corte, foi rogado, por alguns amigos para ir votar na freguezia da Can-deiaria. Negou-se a isso, e continuaram a instar; então disse: «Se eu lá apparecer, ha de ser para convidar a todos os amigos que quizerem ouvir-me, afim de que não votem.»

Renovou-se essa tentativa a respeito da eleição primaria, quando ainda havia alguma idéa de sustentar alguma luta.

(Continua.)

## LITTERATURA.

## HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

## VI.

## ARABIA E PERSIA.

A lingua pitoresca dos Arabes, sua imaginação exaltada, suas ardentes paixões nutridas ao sopro impetuoso do simoom, á liberdade de que gosam, e até a propria natureza parece destinar este povo á poesia. Quando ali algum jovem poeta se patenteia, é aclamado ao som de trombetas e toda a tribu se reúne para festejar tão faustoso acontecimento.

Sua poesia porem não é dominada por divindades mythologicas, por guomos, silphos, etc; porem sim pelo

amor ardente, pela vingança, odio e outras paixões semelhantes.

Seos principaes poetas são: Antar, de cujo poema Lamartine (no appendice do segundo vol. de sua *Voyage en Orient*,) dá-nos um resumo pelo qual podemos julgar de sua rara belleza.

Mahadjery, que florescia em Damasco no quinto seculo da hegira. Distingue-se principalmente na poesia heroica, e seus contemporaneos arrebatados pela belleza de seus poemas conferiram-lhe o titulo de principe dos poetas heroicos.

Suas obras foram reunidas sob o titulo de *Diouân* (collecção) e existe um manuscrito d'ellas na bibliotheca do Escorial na Hespanha.

Na Persia a litteratura tem se desenvolvido muito, e principalmente a poesia, porem é para lamentar-se que permanecendo as obras, tenham-se perdido os nomes dos auctores, por cuja razão deixamos de nomeal os. Tam bem são elles mui dados ás fabulas como alem de outras podem attestar as mil e uma noites.

## VII

## AMERICA.

O grande continente Americano, descoberto ao mundo Europeo em 1492 por Cristovão Colombo, foi primeiramente e em maior quantidade habitado pela raça mongolica, que segundo supposições mais exatas talvez tivesse passado pelo estreito de Behring.

Para provar que este estreito foi antigamente um istmo, todas as probabilidades se conglobam; tornando-se quase em certeza quando, tendo á vista um *mappa mundi*, vemos a grande quantidade de ilhas que, desde a península de Alaska até o estreito, peijam o mar de Behring.

Ora, estabelecido isto, concebe-se facilmente que, primeiro obrigadas talvez pela perseguição d'algum mais

ca, e tantos outros em camisa. Então percorrendo tudo o que se tem pronunciado sobre a questão, proponho-me a resolver o negocio com uma simples letra.

Esta magica letra, e mais mysteriosa que as favas de Pythagoras, é o *p* ou *P*. É admiravel a coincidência! é exactamente (por um *p* que principia a palavra politica).

Fallando em linguagem *tranchant*, como V. Hugo, direi: o *p* é a politica. A politica é *p*. E vejamos: o *p* assim perfilado como um coringa, é um *p*; voltando a retaguarda é um *d*; virando o bico é um *b*; agachando-se é um *q*. Já viram os leitores como esta letra é brinchalhona?

Parce que a nossa politica se moldea nesta forma...

E quem duvidar attenda aos publicos negocios: Sobe um ministerio: tudo *vira a casaca*, e ha uma tal confusão e mistura de gregos, semelhante a uma bicharia que se revolve, coacha, zumba, volta, revolve-se, torna-se ondeante e prismatica, que é impossivel dizer onde está a cabeça do monstro. É ao mesmo tempo conservador, liberal, conservador puritano, encarnado, emperrado, purpurino; é liberal historico, sem liga, sem mistura, extremado; é ligeiro, é lige e progresso, é coalicção... Santo Deus! que confusão nos arraiaes de Cesar!

A Providencia nos suscite um novo Bossuet para fazer mais uma historia das *Varições da politica*.

Ah! agora já comprehendo! É por este motivo que, quando vemos um sujeito *macacorio*... dizemos dando uma castanhola e um assobio longo com o beijo

forte inimigo, depois atrahidas pelo agradável clima que a natureza doounos, tivessem essas tribus nomades que vagavam a seu bel-prazer pela Asia procurado o nosso continente.

Alem disso tradições chiãs e japonezas fallam de naufragios de navios de suas nacionalidades, lançados por uma corrente de ventos contrarios, quando elles demandavam o porto, á uma grande terra que lhes ficava fronteira. N'esses naufragios pode-se talvez encontrar o principio das civilisações Mexicana e Peruana.

(Continua.)

D. A. Martins Costa.

## NOTICIAS.

## CHRONICA EXTERNA.

«Sua Santidade preconizou treze prelados: um patriarcha de Antiochia in partibus que é monsenhor Brunoni, dous arcebispos in partibus, cinco bispos titulares, Funfkinchen, Harra (Equador) Grosswardein, Hungria, Sonora e S. Luiz de Potosi, Mexico.

Da preconisação de dous bispos no Mexico não deve inferir-se que a corte de Roma entretenha relações regulares com Juarez. no anno passado como se dessem muitas vagaturas nas sedes episcopaes da republica Sua Santidade escreveu a um velho bispo mexicano, antigo condiscipulo do presidente, para que o sondasse sobre o assumpto, Juarez declarou que não via inconveniente em que Pio IX nomeasse á vontade bispos para uma republica que professa a doutrina da igreja livre no estado livre.

Disse-se que Sua Santidade se apresara em escrever ao presidente, o que não é exacto. O que fez foi designar bispos mexicanos, todos assaz acceptaveis ao governo do paiz. Agora continúa.

Desmente-se igualmente o boato das aberturas feitas pelo marquez de Banneville á Santa Sé acerca da representação do concilio, agradecendo Pio IX a solicitude do soberano christinissimo. Nem o gabinete das Tulherias, nem outro, qualquer, exprimiram até hoje os seus sentimentos ao chefe da igreja sobre o assumpto.

Como se sabe foi a Baviera que to-

estirado... *fo*... aquelle é um politico. Então um politico é um politico.

\*.

Porém deixando este pensamento suspenso, creio que pôsso dizer que a politica é um *p*.

Entretanto ainda não estou satisfeito: a consciencia me diz que pôsso mais.

Comefeito no *p* está o caracter moral do individuo que denomino politica. Vejamos o phisico: *ambulet homo*.

O Politica (como já todos leem o *Homeni que ri*, onde ha Compra-chicos e Ursus-homo, creio que pôsso dizer o *Politica* (homo.)

Mas sim: o Politica (homo)!.. Santo breve da marca!.. Se eu fosse Allen-Kardequista diria que isto é a alma de uma Megera!... Que medonha catadura!... É mal encarado, tem boços grossos e gamelosos, as ventas chatas como se levasse meia duzia de murros por dia, as barbas esfarrapadas como uma vassoura, a testa rugosa como de um assassino encroado, os olhos vermelhos e inchados, as pernas cambetadas; enfim, para o leitor formar uma idéa approximada, recorde-se do celeste e Cabelleira, com que as velhas costumam amedrontar as crianças, dizendo:

Corre, corre, minha gen,  
Que o Cabelleira ahi vem,  
Matando velhos e moços  
E meninos tambem.

Pois o Cabelleira politica é assim cara de reo; anda escandalosamente pelas ruas da cidade de camisa e ceroula. Traz um bacamarte com a bocca atrombetada, que se divulga as buchas na culatra, ao que o Cabelleira diz serem as

mou a iniciativa sobre a attitudo dos governos em presença do concilio, e pôde dizer-se que todos combinaram em manter-se na reserva. Não ha idéa de enviar representantes ao concilio em nome do poder temporal. Cada potencia reserva-se o direito de conceder ou negar o beneplacito ás resoluções do espirital.

A má vontade de alguns bispos estrangeiros pelo facto de se conservar secreto o programma, e de se dar conhecimento dos themas a discutir no momento da reunião do concilio, une-se á reserva dos governos; e é o que ha originado a versão de que falaria o pensamento de Pio IX, deixando de congregar-se os prelados.

Os que assim se pronunciaram ignoram a obstinação de Pio IX e a perseverança da curia em levar por diante os seus intuitos. Com o beneplacito dos governos ou sem elle, o Papa presidirá á reunião dos prelados, inaugurando as sessões do concilio. O que as congregações formularem será apresentado, e votado depois da discussão, quite a ficar letra morta na execução pela recusa da sanção temporal.

Sua santidade officiou na basilica de S. Pedro a 29, e assistio ás solemnidades para festejar o anniversario do principe dos apostolos. O Papa, segundo o costume, pediu os tributos do ducado de Parma e de Placencia, do principado de Masserano; mas omittio, como nos annos precedentes, a reclamação da *haquenda* do rei das Duas Sicilias, attendendo a hospedagem que teve em Gaeta.

A affluencia dos estrangeiros não excedeu 10,000, e as illuminações da cupola da grande basilica foram menos concorridas que no anno anterior. Os estrangeiros reservam-se para o concilio. Por occasião da sua abertura é que tencionam visitar a cidade eterna.

É possivel que Pio IX passe alguns dias em Castel Gandolfo; mas não abandona a superintendencia das construcções para o concilio. Nota-se que os bancos para os embaixadores das potencias catholicas foram removidos.

O conde de Girgenti, reside na cidade com sua esposa, infanta da Hespanha; porém faz preparativos para demiciliar-se em Albano, onde já se acham o conde de Trapani e o conde de Caserta, seus irmãos.»

tripas, hofes e tapagens do coração de seo amigo.

Traz uma espada, a que chama sua durindana, uma faca pequena denominada *espinho*, ou *capa-bode*, no cabo da qual estão riscadas as mortes que tem feito; tem duas pistolas, dessas de cavallaria, a que denomina duas espigas de milho, onde risca as mortes que faz.

Porém o atrevimento deste homem vai alem. Diz que só faz ceroulas do código criminal; as buchas do bacamarte são da *constituição*, a polvora dos decretos, os chumbos e balas dos avisos. De sorte que quando o monstro quer matar alguem, escoreva o clavinote com um decreto, e la vac chumbo de aviso ou aviso de chumbo. Atira mesmo sem rebuço, a ponto de introduzir na ferida as buchas da constituição ou a constituição de buchas.

A camisa do tratante é do *acto addicional*, e o chapéo, das *ordenações do reino*. A sua faca e durindana se temperam em uma barreira de portarias, regulamentos, regimentos e despachos que tem um veneno mortal!

É admiravel que tal monstro zombe da *policia*. Porém o que fazer!? A *policia* é irmã da *policia*, e por isso ha paz em casa. O tal Cabelleira, o *matamouros* tem no pescoço um *patuá* de uma *composição*, que o torna invulneravel....

Ah! meo Deus, quando morrerá este bicho?! Salve-se quem poder.

REUCLIN.

San Luiz.—Typographia Perseverança—impresso por Manoel Caetano de Lemos.

Alcamentos de orgulho.—Historia das variações.—Retrato moral e phisico.—O Cabelleira.—O homem do *patuá*.

Eu bem tenho affirmado que sou o homem das descobertas, pelo que sinto tanta quantidade de gaz, orgulho, capaz de arrastar o balão Nadar ao istmo de Suez, em poucas horas.

Isto mesmo hei de provar sem grande escholastica de *distingos* e *subdistingos*, nego a maior e affirmo a menor.

Todo mundo bem sabe que hoje ha grande agitação, e dá-se um premio na Academia das novidades a quem descobrir um nome bonito e apropriado á politica que predomina no imperio.

Tem havido diversos baptismos e rebaptismos, *christmas* e *rechristmas*, porém ainda se espera a ultima palavra.

Ora, eu que sou o homem do *plus ultra*, que acredito coma o Agassis no crescimento das pedras, e sustento até o martyrio com a eschola medica de Montpellier que o homem tem pelo menos duas almas, eu, digo, depois de quinze dias da mais profunda meditação, sem comer, beber, nem dormir, pronunciando, com os nazaes tapados, o nome da trindade indiana—*Oum*—e invocando os sete espiritos que nos presidem, tive uma visão de todo o jornalismo brasileiro, e uma inspiração.

Vi o *Jornal do Commercio* em fofas a saltar com a innocencia de uma crian-

## A NAÇÃO.

Maranhão, 8 de Setembro de 1869.

## CANCRO SOCIAL.

## III.

O escriptor que se presa e tem confiança na causa que defende, nunca desce ao charco da linguagem putrida das possilgas elupa are, para mostrar os desmandos e erros de governos sem o menor patriotismo, nem tino administrativo.

Quanto mais razão tanto mais calma e franca deve ser a discussão.

A razão e força das provas do escriptor medem-se pela natureza de sua linguagem.

E por isto que quando se trata de analysar o movimento dos negocios da sociedade brasileira, faz-se necessaria pericia nautica, para escolher termos brandos, afim de não parecer virulento.

Tal é a hediondez do monstro que nos devora, que pinta-o com cores naturaes, dizer a verdade, horrorisa, e parece accusação frenetica.

E para que a convicção baixe mesmo ao coração dos mais incredulos, apresentamos os factos despidos de commentarios: e julguem.

## IV

Diziamos em o nosso ultimo artigo, que a grandeza e civilisação de um povo medem-se pelo desenvolvimento dos elementos que constituem as nações: o elemento religioso, industrial, politico e scientifico.

Por occasião desta enumeração perguntamos qual o desenvolvimento desses elementos na sociedade brasileira?

Respondemos hoje.

## V

Quanto ao elemento religioso é máo o nosso estado: decrece a olhos vistos.

Quem deseja ver uma realidade tremenda, entre em qualquer dos nossos templos em dias festivos, em qualquer provincia, e involuntariamente dirá como o Propheta: *Jerusalem... Jerusalem...*

O clero é fraquissimo, sem zelo nem apostolado pela sua missão.

Sempre frio, passa em silencio no meio desse grande movimento de destruição e morte. Parece surdo, ou indifferente a uma voz que do alto lhe brada como um trovão: Sal da terra, ergue-te, derrama a tua acção benefica, vê que o grande corpo social, gangrenado pelas doutrinas condemnadas, apodrece e desmorrone-se! Luz do mundo, *(lux mundi)*, disse Christo) espanca as trevas que tão ousadamente vão apagando a fé christã, no imperio da Santa Cruz!

O governo tambem, por sua parte não tem sido mesmo indifferente; e pelo contrario, como inimigo, tem opprimido com punho de ferro a egreja no Brazil, esmagado a victima que diz irmã!

A quem parecer exagerada esta accusação, percorra a legislação do paiz, e verá os decretos e avisos leoninos indignos de um estado catholico.

Ahi estão os decretos que derramão discordia entre os dois poderes, que estabelecem conflagração entre os Parochos e os Bispos, que uniformisam os estudos nos Seminarios, que extinguem até a aula de Geographia nesses estabelecimentos!!!

De sorte que o padre, esse homem que, no eloquente dizer de Lacordaire, deve ser um thesouro de saber, afim de resolver as grandes questões que interessam a vida e prosperidade dos povos, o padre no Brazil, sem Geographia, ficará condemnado a ignorar onde fica Roma!.. Isto não se commenta. O certo é que o

governo não se poderá tirar deste dilema: ou crê na religião catholica, ou não.

Si crê, como diz a Constituição do Imperio, porque não proporciona a classe sacerdotal, e a religião do estado os meios de serem o mais uteis possivel? O mundo progride; as luzes da civilisação derramão-se em trebras ondas. É necessario que o padre seja pio e illustrado. A piedade é dada pela graça e cultivo do coração, e a illustração bebe-se no estudo, nas escholas bem organisadas.

Porém que é das universidades onde todos possão beber, a largos tragos a sciencia e tantas vezes prometidas ao paiz?

Para tudo temos dinheiro menos a bem de todos.

E' esta uma razão poderosa pela qual cremos não ser o clero tão culpado, como dizem alguns declamadores.

Ou então não acreditão na religião catholica: e neste caso para que não rompem com esse laço hypocrita? para que essas oscillações machiavelicas, afim de introduzir o culto protestante, a título de algum melhoramento, como a tal emigração, convencida tantas vezes de inepta e sem resultado?

Pretende-se collocar o erro e a verdade no mesmo altar? E' impossivel.

A humanidade é antiga, e nunca se lançarão ao menos os primeiros dados para a resolução de tão insensato problema.

Barrabaz e Jesus não podem ter o mesmo throno. Um deve ser o preferido.

Nada de hypocrias; veda a quem quereis. Este estado dubio não pôde continuar. E' preciso que nos convençamos que a religião catholica não precisa do Brazil para existir. Não é um favor que lhe fazemos, tel-a como religião de estado.

A sua vida vem do Sacrificio do Golgoth: ella resistio aos erros, ferro e fogo do paganismo. O Brazil pelo contrario é que necessita do catholicismo; e como brasileiro, e interessado pela prosperidade desse Imperio, digno de melhor sorte, somos contra o pensamento da abolição da egreja catholica como a do estado.

E' um crime estar de posse da verdade e deixal-a pelo erro. A falta de attenção a estes principios é que têm dado lugar a tantos desmandos do nosso governo; pelo que o sentimento religioso tem enfraquecido: a classe sacerdotal intibido-se: os horisontes estão annuviados; falla-se já bem claramente em revolução, e com mais ou menos modificação parece que incoerremos na sentença do Propheta Isaías quando disse: *gens enim et regnum quod non servierit tibi peribit*. E' bem claro pois que o elemento religioso entre nós se desenvolve pessimamente.

Veremos no proximo numero como se tem desenvolvido o elemento industrial.

## SITUAÇÃO DO IMPERIO.

Não é de hoje que dois brados contradictorios se fazem ouvir em todo o imperio. Um apregôa em doces jaculatorias e sonoros hymnos o bem estar do paiz; outro em jeremiadas pungentes e sentidos lamentos chora as desgraças da patria.

Convem exanstar a verdade: não ser arauto de phantasticas glórias; nem Cassandra de desditosas predições. O meio termo, thermometro seguro para averiguações infalliveis, é o partido acertado, unico capaz de pronunciar a verdade.

O espirito prelie de preconceitos, eivado de paixão partidaria, inclinar-se-ha para o lado das affeições, e em resultado dará observações mancas de veracidade, e opacas de luz.

É mister afastar-se por momentos da procelosa lucta do personalismo politico quem por lente clara deseja ver o que se passa em derredor.

Examinemos.

Quando approximou-se a época de mais espectativa para a nação, a da abertura do parlamento, pulsou-nos de jubilo o coração, e um lampejo de esperança vimos scintillar nos horisontes do imperio; porque é sempre momento de verdadeira expectação, o do ajuntamento dos eleitos do povo.

Venham elles ou da victoria das urnas, ou das fraguas do martyrio, no dizer do vocabulario dos partidos, os membros da representação nacional, investidos d'um mandato sublimado, têm o dever de desenvolver e accarear os meios do engrandecimento social.

A nação teve e ainda tem os olhares fitos na representação do paiz, e no seu mudo silencio de espectadores anciosos, guardando respiração soffrega, como que desejava perguntar—o que fareis?

Creação da mais sublime idéa da liberdade, conquista d'uma civilisação perenne, resultado da ultima expressão da soberania de povos livres, a representação nacional é o palladium das instituições, e a origem fecunda do engrandecimento publico.

O chefe do estado, para encaminhar a opinião, para informar o que é, e o que deseja a nação, que preside, pronuncia um ligeiro exposto da situação: é por ventura o thema das legislaturas.

Tudo isso havemos tido: e praxe tam veneravel houve seguida á risca no presente anno.

Imperfeita, porque era incompleta, a falla do throno foi um documento despedido de todo interesse: já o demonstramos.

Necessitando de reformas em todos os ramos da administração publica, o paiz esperava mais energia, mais iniciativa da corôa.

Houve, porém, verdadeiro pasmo, observando-se a economia e parcimonia de linguagem do chefe do estado.

As reformas foram ligeiramente apontadas, como soe acontecer nos demais annos, supprimindo-se até um objecto importantissimo, de magno interesse social, por duas vezes já enunciado nas fallas imperiaes.

A questão da emancipação do elemento servil, vital para os interesses da nação, questão de ordem e de progresso, foi completamente esquecida.

Não convinha obliterar um assumpto vivo na mente e no coração dos brasileiros: assumpto em que a humanidade aligam-se os mais candidos principios do christianismo.

Haveria arrependimento em atirar ao proscenio da nação uma idéa não amadurecida?

É facto que sensibilizou muito o silencio. A nação ignora si entra essa questão alias difficilissima nas iras de um partido, ou si foi impensada a enunciação de um pensamento grandioso!

Deslembrao tam importante objecto, outros houve condemnados á igual ostracismo: mas em compensação houve largos periodos a questão hoje esteril da campanha do Prata.

No terreno das reformas não satisfiz o pensamento da corôa, e por certo as apresentadas á tella da discussão longe estão de remediar os males do presente, que diremos de iniciar um futuro digno do paiz.

Ahi estão a magistratura, o exercito, a religião, a instrucção, bradando, algumas mais, estropiadas do que d'antes.

O povo sem liberdade provavel; o dominio do fatal imperialismo administrativo arraigado, consolidado; a policia omnipotente; um temeroso exercito honorario, si assim pode-se chamar a guarda nacional, composta de officiaes, para verdadeiro jôgo politico; o eleitoralismo regendo o imperio—eis o que ha.

Por esse andar o Brazil não será nação livre, nem attingirá o desideratum dos seus filhos.

Pela face industrial, o nosso estado é máo, poder-se-hia dizer mais. A iniciativa individual jaz no sepulchro, porque ha o terreno explorado dos anachronicos e atrophiantes privilegios.

Longe, por consequencia, estamos de sulcar bonancosos mares em busca da estrella fagueira e polar da felicidade.

## O FUTURO DO BRAZIL.

As nações, como os individuos, representam no plano do universo um papel, cujos caracteres traça a Providencia com certeza infallivel.

A principio, um homem isolado no cimo da montanha; depois, consortes no lar domesticó; mais logo, familia, germen das nacionalidades.

O isolamento produziu o tedio, e impelliu á reunião, que é a vida, penhor seguro e manifestação da sociabilidade.

Povos, erradios á discripção no seio das florestas, um dia viram um labaro tremular no meio d'um continente, e o saudaram.

O labaro desfraldado em Porto-Seguro era a cruz triumphante no universo.

A terra de Santa-Cruz se inaugurava sob os auspicios do symbolo victorioso do Golghota, e devêra por ventura ter marcha triumphal, como soe á paizes taes progredirem sob o influxo da augusta religião do Calvario.

O Brazil educou-se na tutela dessa benefica civilisação, e cimentou suas crenças escudadas na sanctidade de suas máximas.

Durante o regimen colonial recebeu da mãe patria instituições, costumes, litteratura, e religião.

Despontou o arrebol venturoso de um dia que a historia burilou faustosa em seus dipticos, conquistando por luctas gloriosas sua autonomia de nacionalidade.

Dessa epocha começou, no mappa das nações, a figurar e ter existencia historica.

Era mister dar ao joven paiz uma carta, e tivemos-a liberal, grandiosa, e promettedora.

Temos vivido sob inspiração das melhores idéas, dos melhores desejos.

Sem passado, tudo esperamos do futuro. Cumpre preparal-o solido, projectar profundas bases, seguros fundamentos, para descansar o soberbo edificio do imperio.

Ao governo e ao povo reserva-se essa nobre missão.

Ao governo, implantando o verdadeiro progresso, orvalhado pela liberdade: ao povo, obedecendo, para ser livre.

Aquelle, a animação; á este, a iniciativa.

Até hoje o imperio fraccionado em dous e mais grupos tem-se degladiado nesse terreno esteril de luctas improfiuvas.

A imprensa, sublime órgão da opinião, brado dos contendores, saturada de odios e recriminações, jaz decalida de sua força, quasi exangue, por terem os sacerdotes da religião do dever profanado sua missão.

O povo, baldo de luzes, sem fé no futuro, porque não o conhece, nem pôde prevêê-lo, tactêa como onda vária, impellida ao sôpro do capricho de uns e de outros.

Falta ao povo a opinião, que somente a prepara a instrução. A quem fallece a luz, erra nas trevas: e a instrução, pelo menos a primaria, é o lampejo da aurora nas almas dos pequenos, e a luz do povo.

Na Inglaterra ha opinião pública; porque o povo lê. Na França, o povo é respeitado, conhece sua dignidade, seus deveres; porque ha instrução.

A Allemanha é uma nação culta, como por ventura se não encontrará rival. Diogenes procuraria, com sua lanterna, ao meio dia, um analfabeto, e custaria enconral-o.

Nos Estados-Unidos o avançamento da instrução, seus progressos diurnos, seus fructos beneficos, avantajam-se sobre qualquer dos paizes citados.

No Brazil é o diametro de tudo isso, é o reverso dessa bella medalha: não ha instrução.

Em grande parte resulta o mal da incuria do governo. Entre nós ha muita theoria, muito relatorio, muito projecto, e nenhuma obra.

Por outro lado o povo descança, porque confia que deve trabalhar o governo; dorme, porque aquelle deve estar acordado. É tambem gravissimo defeito. Deve o povo convencer-se que o governo é uma garantia, é uma animação.

Pertence-nos curar dos nossos interesses, e nenhum é mais momentoso que o da instrução. É por isso que nos Estados-Unidos ha um sem numero de eschololas, de bibliothecas, de museus, que ao governo não custam real.

Comprehenderam esta generosa idéa, da instrução publica, os obreiros da grande cidade de Lyon, essa rival de Paris, quando se reuniram para educar-se reciprocamente nas eschololas nocturnas mantidas á sua custa, e nas bibliothecas por elles inauguradas.

Nessa industrial cidade, ainda nos trabalhos jornaleiros, por entre a orhestra dos instrumentos fabris, ouve-se uma voz, que bem alta e bem clara lê um livro, ou um jornal, —que é o livro do povo.

Seus companheiros escutam ao leitor, á quem pagam e sustentam, em recompensa da instrução que lhes ministra.

Assim faz o povo que ama a instrução, e deseja libertar-se de preconceitos, resultado do obscurantismo intellectual.

Alôra tantos outros meios que tem o feliz povo europeu para educar-se ha o concurso valioso das instituições electricas. No nosso paiz, porém, graças á pressão do governo omnipotente e centralizador, nada obtem-se em beneficio da instrução, que mui raras e deficientes cadeiras do ensino primário man-

tem, concedidas por empenhos e patronato, na sua generalidade.

Com tam anachronicô systema de governar povos um futuro medonho espera o Brazil, si a Providencia Divina, na sua marcha grandiosa de sustentar os humanos destinos, não se amerciar de nós.

O passado é uma visão certa, uma premissa estabelecida, pela qual se pôde tirar illação infallivel.

Mal temos andado: cumpre inaugurar um systema que maior garantia offereça á felicidade publica.

Os timoneiros da nação considerem no chaos, que estão, talvez á seu pezar, creando para um paiz rico de esperanças.

É tempo de pensar, de reconsiderar, de corrigir os erros do presente, para evitar os males do futuro.

Proseguiremos.

## POLITICA.

### CRISE FINANCEIRA.

Na capital da provincia do Rio Grande do Sul deu-se um facto bem grave, que merece a attenção do governo e do povo.

Do governo, porque reiteiradas semelhanças occorrencias trazem-lhe o descredito perante as nações do mundo com quem mantemos relações.

Do povo, porque é elle uma guarda interessada de sua dignidade, de seus interesses, e do seu conceito.

Damos á estampa o protocollo dos negociantes da praça de Porto Alegre, que bem orientará aos leitores da desagradavel decepção porque passou o governo:

«No consulado da confederação da Allemanha do Norte na cidade do Porto-Alegre, em 1.º de julho de 1869:

«Compareceram perante o consul abaixo assignado:

«1.º O Sr. G. Pfeiffer, socio e representante da casa de consignações Tolzes & C., nesta praça.

«2.º O Sr. H. Martens, socio e representante da casa importadora Haag & C. nesta praça.

«3.º O Sr. I. Wallmann, socio e representante da casa importadora H. Traub, nesta praça.

«4.º O Sr. M. Bramberg, socio e representante da casa importadora Haltzweissig & C. nesta praça.

«5.º O Sr. T. Huch, socio e representante da casa importadora Huch & C. nesta praça.

«6.º O Sr. T. Duval, socio e representante da casa importadora Kuhn & Duval.

«7.º O Sr. Heinssen, proprietario da casa de consignações M. Heinssen nesta praça.

«Todos elles nesta cidade domiciliados, conhecidos pessoalmente pelo abaixo assignado, com todo o direito para poder dispor livremente, e pertencentes todos

elles á Confederação da Allemanha do Norte, com unica excepção do cidadão brasileiro T. Duval, que representa seu socio G. Kuhn, morador de Hamburgo e pertencente á confederação Allemanha do Norte.

«Elles requerem que seja protocolhada o protesto seguinte:

«Tendo o thesouro imperial do Brazil annuciado o recolhimento das suas emissões de notas no valor nominal de cinco mil reis da 6.ª e de dez mil reis da 4.ª estampa, e mareado como ultimo prazo para este recolhimento o dia 30 de Junho do anno corrente, sujeitando as ditas notas, passado este prazo, a um desconto progressivo de 10 % por mez até ficarem ellas sem valor algum: apresentaram-se os comparecentes desde o dia 17 de junho do anno corrente na thesouraria deste lugar com as notas que tinham em seu poder das referidas emissões, para receber o valor em notas validas e em circulação.

«Não havendo porem na thesouraria nem notas em circulação nem dinheiro amoeado, entregou-se-lhes somente simples recibos sobre as quantias apresentadas, assignados pelo respectivo thesourero e mais outro empregado subalterno do teor seguinte:

«Na thesouraria de fazenda da provincia de S. Pedro, recebeu o thesourero abaixo assignado a quantia de... em notas do thesouro de cinco mil reis de 6.ª estampa e de dez mil reis de 4.ª estampa. Em virtude da circular do thesouro nacional n. 1. de 13 de Janeiro deste anno entrega-se ao portador o presente, o qual será opportunamente resgatado.

«Thesouraria de fazenda da provincia de S. Pedro.

«O escripturario. O thesourero.»

«Os comparecentes achavam-se na necessidade de aceitar estes recibos sem declaração de prazo fixo para o resgate, e sem garantia de juros para evitarem os descontos de 10 % por mez.

«Em virtude da lei de 11 de outubro de 1837 n. 109, art. 11, tinha o thesourero á obrigação de entregar-lhes lettras com declaração do prazo á vontade do interessado, e com acrescimo dos juros respectivos no caso de que as respectivas thesourarias não tivessem as quantias necessarias para o resgate das notas a recolher; em contrario á esta disposição da lei, a thesouraria entregalhes somente os recibos mencionados, baseando-se sobre a circular já mencionada de 13 de janeiro do anno corrente.

«Pela aceitação forçada dos recibos soffrem os comparecentes graves e incalculaveis prejuizos immobilizando os ditos recibos, inserviveis para o gyro, os seus capitales por um tempo indeterminado e causam-lhes:

«1.º Perda de juros até o prazo do resgate não determinado.

«2.º Impossibilidade completa de cumprir com as suas obrigações na Europa,

com o progresso, estorcendo-se entre as musculosas ganancias dos especuladores de leilões patrioticos.

Alli brada-se com voz allisonante e estridorosa: *Mercae o progresso!*... Acolia: *Deixae passar o progresso!*... Mais adiante: *Cumprimentae o progresso!*... Finalmente, no meio da praça mais publica, a voz do povo pregoeiro e farto de dilirio exclama com toda força de entusiasticos pulmões: *Eis aqui o progresso!*...

Como por encanto surge um espantoso phantasma, rodeado de perganinhos, que o mascaram, arrastando as figuras symbolicas da hypocrisia e da mentira, e eis-a a papaguear como um saltimbanco, letrado como um elephante, astucioso como um bode, e o povo alegre a later nos peitos, gemendo e chorando estas palavras doces, que só exprimem miserias: «Vinde, ó vós que sois o primeiro dos homens (embora entre os velhacos seja este o vosso lugar)... Vinde dirigir este povo estúpido e emperrado, que só vê em vós o grande Deucalion, o incommensuravel, o incomparavel, o Mafoma inimitavel do seculo luminoso

o que sugere os mesmos a perderem os seus credits não podendo comprar com os ditos recibos, nem lettras, nem productos para fazer remessas.

«3.º Perdas pelas alterações do cambio no futuro.

«4.º Paralyção geral nos seus negocios causada pela falta e demora de notas de gyro.

«Os comparecentes apresentaram o seu protesto ás autoridades competentes do lugar, sendo-lhes porém negada a aceitação do mesmo como provam com o documento incluso, vêm-se elles obrigados a protestarem perante o consul da Confederação da Allemanha do Norte, contra todas as perdas que já resultaram e que ainda poderão resultar em consequencia da dita aceitação dos mencionados recibos pela culpa do governo imperial do Brazil, como contra todas as previstas e imprevisas perdas e damnos.

«Os comparecentes requerem que suas reclamações sejam apoiadas tanto pelo encarregado dos negocios da Confederação da Allemanha do Norte do Rio de Janeiro, como pela alta chancellaria da Confederação em Berlim, afim de que sejam guardados e defendidos os seus direitos gravemente lesados, e que recebam plena e integral indemnisação, cuja importancia elles se reservam fixar em tempo opportuno.

«Finalmente, pediram os comparecentes, que o protesto acima seja tirado por copia authentica e seja communicado de um lado a S. Exc. o Sr. J. Sertorio, presidente da provincia, e de outro lado a S. Exc. o Sr. Saint Pierre, encarregado dos negocios da Confederação da Allemanha do Norte no Rio de Janeiro, e a S. Exc. o Sr. conde de Bismark Schanhausen, chanceller da Confederação em Berlim.

«Lido, aceito e assignado.—Huch & C.—Tolzes & C.—Kuhn & Duval.—Haag & C.—Haltzweissig & C.—M. Heinssen.

«Actum ut supra.—O consul da Confederação da Allemanha do Norte, Wilhelm Bruggen.»

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### BRASÃO OU ARMAS DA PROVINCIA.

Diz o illustrado Sr. Varnhagem, que o principe Mauricio de Nassau, quando senhor, por invasão, d'algumas partes do Brazil, fiel ás tradições da Europa, em que tinham tomado tanta parte seus antepassados, dera *brasões d'armas* a todas as provincias dependentes do seu governo.

Estas concessões, cujo alcance não pôde ser por ventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos mui elevados, de representar tambem o paiz n'arte heraldica, a qual

em que vivemos. Sois um mimoso presente da parte daquelles, que vos enviaram á nós. Vinde, oh! vinde, anjo de azas negras, pois já ha muito que o vosso gigantesco nome historico nos tem atrapalhado os passos, azoimando os nossos pobres ouvidos. Sois o salvatério dos velhacos... Oh! salve, salve!...

É tempo de parar e tomar folego depois destas duas viagens tão difficéis de baixo para cima, e de cima para baixo: *Levia levius levatur.*

Um olho, brilhante como uma estrela, nos fita lá do firmamento, e o sol a dardejar mil raios nos cresta as faces descobertas. Uma nuvem de poeira tolde o horizonte, e depois do espaço immenso cõe um som harmonioso d'harpas eolias, e ouve-se um como marulhão de oceano encrespado.

Attenção! Alguem falla de rijo, mas com voz melodiosa:...

Quem será? Escutemos:

«Conciadãos! A patria está em perigo... é preciso salvar a! As nossas leis

## FOLHETIM ORIGINAL.

### LEVIA LEVIUS LEVATUR.

(NOTAS DE UM RETROGRADO.)

Eis aqui uma epigraphe, que muito promette. Considerando o lado serio das cousas, vê-se que muito se pôde aventurar nas altas regiões do nihilismo. Os caraibas da epocha não se occultam ás vistas inglezas dos gentleman dos tropicos, e os macacos francezes vão-se rarefazendo em presença das microscopicas olhadelas dos corsarios d'entulho.

É assim que se preparam as malas do progresso.

Os homens grandes se deixam arrebatados pelos seus pensamentos phosphoricos e incendiam os peitos dos cidadãos com mil tochas deslumbrantes, e as grandes obras vão apparecendo debaixo da forma mesquinha d'asnoiras e quichotadas, para poderem mostrar ao mundo a admiravel cabeça que as produz.

Os povos degradam-se na escolha dos seus procuradores; mas estes se atiram

às descobertas de novas preciosidades, que os fazem brilhar nas immundas charnecas dos grunhidores.

Dizem que o mundo marcha; mas parece que é á trote, olhando sempre o alvo dessas decantadas monices dos phantasticos agoureiros do progresso. A natureza expande-se; e, á força de espantear, estrebucha nas convulsões epilepticas dos baixios dos expedientes.

O que pensa por todos morre de riso democratico, e dá ás cegas, para a direita e para a esquerda, voltando-se d'um para outro lado.

Será isto um enigma? Parece que sim; mas as ulceras da sociedade se depuram no cadinho das intelligencias superiores de certos homens especiaes e d'uma sciencia rutilante, e elles surgem como por milagre no meio da humanidade estupefacta, que agonisa e morre de espanto á vista destes monstruosos portentos.

É assim nas altas regiões phosphorescentes.

Descendo os infimos degraus da grande escada, que conduz ás alcantiladas torres dos benaventurados dominantes, que tudo sabem, esbarra-se á cada passo

para sermos coherente devemos, admitir da Europa com as outras instituições, que herdamos de sua civilização, e que nos garantem paz, justiça, e dignidade nacional.

Os brasões, quando estabelecidos por lei, e sancionados devidamente, devem apresentar á imaginação a história do paiz.

Os brasões das provincias devem principalmente ter relação com algum feito ou circumstancia mais saliente d'ellas, e se forem heroicos tanto melhor.

Neste caso pois está o emblema desta provincia.

É um escudo corôado, em cujo campo se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa, pendem umas balanças a que servem de conchas dois escudos menores; em um que peza menos se vê as flores de liz e armas de Hollanda com estas letras: *vis*—no outro, que peza mais se vê as armas de Portugal com as letras *jus*, e logo por baixo a epigraphe—*preponderat*.

Nas *Memorias do estado do Maranhão* diz o padre José de Moraes, «que pezou mais o *jus*, ou a justiça das armas de Portugal, que o *vis* ou a força das de França e Hollanda, com immortal desempenho do valor portuguez, e não menor gloria da valentia d'aquelles illustres moradores do Maranhão.»

Foram descobertas estas armas pelo jesuita Bento da Fonseca, procurador geral em corte, e com bastante trabalho, pois estavam em livros, e difficil foi encontrar aquelle, que as guardava.

Não era melhor, que estivessem gravadas em marmore, para eterna lembrança dos vindouros?

Não seriam muito proprias para corôarem a porta principal do edificio, onde a camara municipal, pelo menos da cidade de São Luiz, faz as suas sessões?

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 13 DE JULHO DE 1869.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA (*continuando*). Disse sempre que era loucura da opposição querer lutar com o governo,

caducaram... é mister reformal-as! O nosso bello paiz, a terra dos desfructes, desmorona-se a olhos vistos... urge a sua reconstrução! As instituições liberaes morrem de nojo na conserva, e só lhe receitam pontos falsos, isto é, eleições de voto livre e vesicatorios d'impostos... Cuidado com os jacobinos dos reposteiros!

«Povo! o que esperaes? Contaes por ventura que lá do alto vos venha o remedio sem irdes buscal-o? Enganaes-vos. Os montanhezes cortam de cima e dão para baixo. Vêde bem e escolhei melhor! A surpresa vos matará, si cruzardes os braços. Patetas!

«Quereis vencer todos estes e outros obstaculos? Olhai para mim. Conheceis acaso o cidadão, cujos precedentes podem passar no cysol da mais refinada inspecção? Pois bem; olhai para mim...

«ECCE HOMO: eis aqui o fulano que procuraes. Escolhei-me, e vereis para quanto presto.

«Meus amigos! não duvideis de quem vos falla. Eu sou o vosso Messias, o homem das garantias, o seguro penhor de todas as vossas indemnidades. Não me

perguntando, com a sua costumada franqueza: «Pois os senhores já viram no Brazil algum governo que perdesse a eleição? Não ha exemplo disso. Então, se a eleição é uma farça do nosso paiz, como vão os membros de um partido que aspira á liberdade e quer reformas que reconstituam o systema representativo tal qual deve ser, como vão contribuir para esse jogo que se faz, e dar assim lugar a que se possa dizer que, na sentença que espéra o poder moderador, a maioria foi a favor dos ministros?»

Assim se exprime; e com effeito no estado de nossas couzas, nem as condições do poder moderador são regulares no mecanismo constitucional, enquanto não houver uma camara que represente fielmente as opiniões e os interesses da nação.

Por isso achou razão no nobre senador pela Bahia, no dia em que apresentou-se o actual ministerio trazendo seu programma, quando declarou que descobria no horizonte indício manifesto de absolutismo. (*Apoiados*.) Na verdade, dissolver uma camara, quando já se tem certeza de que o apello á nação ha de por força vir confirmar a dissolução, não é acto do poder moderador; é exercício do poder absoluto. (*Apoiados*.)

Compreende que o poder de dissolver a camara é necessario nos governos mixtos, e pôde muitas vezes ser até condição de salvação publica, quando um gabinete corruptor forma uma maioria ficticia e apoia-se nella para contrariar a vontade da nação; mas para que, revestido de tal attribuição, o poder moderador não se torne um arremedo do poder absoluto, é preciso que elle só possa ser exercido nas condições de um governo regular.

Na Inglaterra o uso do direito de dissolução é salutar; poupa muitas vezes conflictos, dá valvulas á opinião dominante, faculta as reformas que a opinião já tem adoptado; alli o poder de dissolver vem sempre em apoio da vontade da nação. Ultimamente ainda se teve uma prova solemne desta verdade. Um ministerio poderoso, o ministerio Derby tendo á sua frente uma das maiores capacidades da Inglaterra, e auxiliada por Disraeli, dado o caso de apello á nação, vio-se obrigado, em vista da manifestação das urnas eleitoraes, a ceder o lugar á opinião liberal. os Srs. Gladstone e Bright, afim de realizarem a reforma da igreja estabelecida na Irlanda.

Naquelle paiz, pois, o poder de dissolver tem esse grande correctivo, unico com que elle pôde ser supportado; isto é—liberdade ampla no pronunciamento das urnas;—de maneira que o apello á nação é uma realidade, e em ultima analyse ella é que dá ou não á razão á dissolução, e faculta assim ao poder moderador um thermometro para conhecer quando as maiorias são artificiaes ou não.

conheceis? Não sabeis quem é este homem? Ah! eu vou dizer-vos tudo d'uma vez. Eu sou... (Perdoai este sorriso, que me escapa dos labios, e que entretanto deve convencer-vos e capacitar-vos do meu nunca desmentido patriotismo, e das minhas boas intenções). Como vos dizia ha pouco: Eu sou... um candidato!

«Tenho concluido.»

Bravo!... Logo apoz este pomposo discurso, estruge o espaço com mil vozes de bombasticos vivas, que atordão o grande homem; o cidadão por excellencia, que vem salvar a nação, que está prestes a soçobrar...

«*Levia levius levantur*. Eis abertas as portas da grande e vistosa sala, adornada de magnificas cadeiras. O respeitavel divan dormita e ronca displicentemente. Silencio!...

—Que casa é esta? pergunta um barrigudo de pernas finas e peito alto.

—Homem, diz d'alli um agalado ou coisa equivalente, isto não se pergunta. Estaes no parlamento. Aqui é o estaleiro das mysteriosas construcções: é d'a-

Nós estamos muito atrazados no jogo do systema representativo. Não sabe se é o amor proprio dos homens que os cega a ponto de não quierem subscrever ás únicas condições que tornam legitimo este regimen. Noutros paizes onde o systema representativo funciona regularmente, os ministros não têm o desmedido apêgo que os nossos homens publicos mostram ter ás pastas!

Não se comprehende que o poder seja ambicionado pelos homens publicos senão em condições de promover e fazer o bem do paiz. No Brazil, sobretudo, isto nunca devia ser esquecido, até porque as condições com que os homens publicos se conservam no ministerio não são vantajosas. Não sabe porque gostase tanto de ser ministro n'um paiz onde não se dá a um ministro nem quanto baste para viver! O Estado retribue tão mal aos ministros, que o que lhes dá não é bastante para sua subsistencia; só em despesas de carro e aluguel de casa se vai todo o vencimento. De maneira que para ser ministro, entre nós é preciso fazer milagres: é preciso que o Brazil possa ter ministros que não façam milagres.

Oh! em um paiz onde só pôde ser ministro quem é rico, não se sabe porque é que os nossos homens publicos têm tanto apêgo ás pastas!

Na Belgica, reinando o sabio rei Leopoldo I, o ministerio e as camaras que o apoiavam tratavam da adopção de algumas leis sobre corporações religiosas, instituições pias, instrução do clero, &c. O grande rei, com o pendôr que tinha para o parlamentarismo, estava inclinado a sustentar o ministerio, que evidentemente tinha maioria nas camaras, tanto mais que suas opiniões pessoais eram favoraveis áquellas leis. Mas a opinião publica, fóra das camaras, manifestava-se altamente contra semelhantes leis, o havendo então um ministro, o Sr. Derke, que teve a lealdade de dizer ao rei: «Senhor, tenho na verdade a maioria das camaras; porém não sei se posso contar com a do paiz.» O rei cedeu, a vontade nacional manifestou-se livremente e triumphou.

Que bello exemplo! Mas não temos ministros desses. Entre nós elles não se importam com o voto do paiz; o que querem é ter maioria na camara, e quando alcançam uma unanimidade, chegam ao grande desideratum!

Assim que, não pôde o Brazil esperar melhoramento algum enquanto não conseguir uma lei eleitoral que nos possa dar um parlamento capaz de servir de correctivo ao exercicio de todas os poderes publicos, nem o judiciario, nem o executivo, nem o legislativo, nem o moderador, poderão funcionar regularmente em quanto não tivermos verdadeira representação nacional. E têmola nós? Não.

Tem-se fallado na liberdade do votante: é preciso fallar tambem na liberdade

qui que saem os abalisados pilotos da grande armada de salvação do bem do estado...

Mas o barrigudo retruca logo, franzindo o sobrolho:—«Entretanto eu nada oiço...

—*Silentium verbis facundius*.

—Ah!... Ora vejam!

Fechou-se a casa. Os juizes da paz dão audiencias e os da guerra addiann'as. Fez-se uma grande obra. *Opera operata est*. O paiz, que estava agonizante, salvou-se, pois já sente o estertor e o cirro...

Puff! Antes tarde do que nunca.

1869, era de portentosos feitos, eu te saúdo!

Grande é a intelligencia do homem no meio das grandes calamidades.

Viva a nação! vivam os pais da patria! Vivam os homens auxiliares, as molas reaes dessas grandes cabeças governamentais!

Quem pensaria em semelhante desfecho!... O veneno salvou: as entranhas apodrecidas caem aos pedaços; e, coisa admiravel (*mirabile dictu*), o corpo so-

do votado, porque a liberdade do votado é a segunda condição para a boa organização da representação nacional.

Desde 1851 que apresentou na camara dos deputados emendas á projectos de organização da magistratura. Em 1854 e 1855 offereceu tambem emendas ao projecto de lei de eleições por circuitos e estabelecendo incompatibilidades. Nenhuma dessas idéas vingou senão muito acanhadamente, porque as incompatibilidades que temos são relativas só a certos funcionarios; entretanto que o nosso parlamento, enquanto não for escoimado do funcionalismo que o damna, tornando impossivel o pronunciamento da vontade parlamentar (*apoiados*), não podemos aspirar a ver funcionar regularmente o systema representativo, nem a conseguir reforma alguma que preste.

Agora por exemplo, havemos de ficar adstrictos ás reformas que o governo muito bem quizer dar com a unanimidade da sua camara. O paiz já está vendo que o governo não trata da primeira lei que deve promover, que é a da reforma eleitoral: está se occupando com as reformas da policia e da guarda nacional, insufficientes por si só para satisfação da expectativa publica, porque são apenas leis auxiliares da reforma eleitoral. O ministerio, pois, não quer mudar de systema; quer continuar na mesma senda que tem trilhado sempre a opinião politica que ora domina.

Assim, não pôde o orador deixar de fazer opposição ao gabinete, e de pedir á Divina Providencia que abra algum espaço que faça com que estes senhores se retirem e dêem o lugar a quem venha realizar alguma reforma necessaria.

O ministerio, o que se vê é, que não só não promove, na camara a reforma eleitoral, como por meio de seus amigos já tem dado a entender, no senado, qual o sentido em que pretende satisfazer a mystificação do discurso da corôa, no ponto em que trata de reforma eleitoral. Se os nobres ministros tivessem proposito firme e deliberado de promover a reforma eleitoral, sobravam-lhes meios, visto que a camara não tem estado tão occupada, de adiantar essa reforma a tempo de vir para o senado. Mas nada têm feito nesse sentido, ao passo que seus interpretes no senado dão idéa do que em tal assumpto pretendem fazer.

(Continúa.)

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

#### VII

#### AMERICA.

(Continuação.)

Até certo tempo não passava isto de supposições, porém hoje pelo estudo dos crâneos antigos achados nas

cial, já vasio e descostellado, põe-se de pé e caminha á galope, campeando de muletas!

Progresso! Deus das difficultosas situações, grande e immensa é a tua influencia neste mundo de regulas tradicionais! Quem, senão tu, seria capaz de derramar tão abundante luz somente com taes phosphoros? Oh! progresso! oh! progresso! *Levia levius levantur*. Só eu, que ha muito vivia nos antipodas, me deixava cegar com a deslumbrante claridade desses astros ocos, chamados homens eminentes, a quem não conhecia. Mal haja a minha ignorância estúpida! As trevas me cercavam por culpa minha, quando estes astros me borrifavam com o seu clarão de bruma; e eu, pobre e mesquinho, evitava a luz dos phosphorescentes vagalumes politicos!

Miserere!

Basta. Estou morto de vergonha, e jamais poderei dar signa de mim, si o azorrague da Patria não me fustigar. Até então, adeus.

MERLIN.

escavações archeologicas, e pela comparação das linguagens dos aborígenes Americanos com as Asiaticas, a sciencia tem comprovado a veracidade d'essas supposições.

Passemos adiante. Deixando de parte os primitivos habitantes do nosso continente, dos quaes já tratamos no principio d'este escripto, ater-nos-hemos nos tempos modernos ao Brazil, porque, exceptuando os Estados Unidos dos quaes conhecemos Longfellow auctor do poema *Hhiawatha* e do *Excelsior* bellíssima poesia que foi traduzida em nossa lingua pelo Dr. Bittencourt Sampaio; e a Republica Argentina que possui o Senr. Guido y Spano auctor da *Muger sin amor* e de outras poesias iguaes, desconhecemos a litteratura dos outros paizes que hoje formam a livre America.

#### BRAZIL.

O Brazil é essencialmente poetico. Ponde vos nas condições de Volney arrebatado pelo genio das ruínas, e lançaí uma vista d'olhos do Amazonas ao Prata. Como n'um extasis celeste, respirando ar impregnado de perfumes exhalados pela baunilha, cravo e outras plantas e flores odoríferas; embalado por hymnos que o roumurejar das selvas, o chilrear das aves e o bramir do Oceano sóem entoar, contemplareis valles e montanhas, rios e regatos, cascatas e cachoeiras, flores e passaros, como que entrelaçados e formando um painel magestoso, vivo, fallante, e tal que só poderia ter sido concebido nos reconditos arcanos da mente suprema. Ora em taes condições era impossivel que o nosso paiz não possuísse, posto que novo, uma litteratura robusta e preñhe de futuro como sua natureza. Enumerando seus principaes poetas, mostraremos que assim succedeo.

Frei José de S. Rita Durão nasceu em Minas Geraes em 1720 e falleceu em Lisboa em 1784.

O *Caramurú*, poema epico em dez cantos, conquistou-lhe o lugar que occupa hoje entre os poetas nacionaes. O assumpto d'este poema é tirado do naufragio de Diogo Alves Corrêa nas costas da Bahia, sua prisão pelos indigenas, seu livramento matando um passaro com uma arma de fogo que ao dar a costa tirára da embarcação; a denominação de *Caramurú* que por esse acto lhe deram; os amores de Paraguaçu, e seu baptismo n'uma viagem a França.

O poeta, aproveitando-se dos incidentes, apresenta nos bellas descrições e episodios, como seja—o quadro dos costumes dos inculas, a descrição do Brazil, e Moema.

«Entre todas as epopéas de segunda ordem escriptas em portuguez, diz o Sr. Sotero (*Curso de litt. tom. IV*), o *Caramurú* é, ao que posso ajuisar, uma das melhores, apesar de seus defeitos, por ser uma das que melhor prehenche o seu fim. Grande pois é o louvor que cabe a Durão, porque quando os outros poetas brasileiros seus contemporaneos, se exceptuarmos José Basilio da Gama, cantavão na America as scenas da Arcadia, e os costumes da Europa, foi o primeiro poeta nascido no Brazil, que soube dar a seu poema a cor local, ou que na expressão de J. M. da Costa e

Silva, creou a poesia brasileira, sendo que na ordem chronologica é anterior ao cantor do Uruguay, a quem precedeo no nascimento.

José Basilio da Gama, auctor do supracitado poema *Uruguay*, nasceu em 1740 em Minas Geraes e falleceu em Lisboa no anno de 1795. Seu poema compõe-se de cinco cantos, e a acção—é a redução das missões do Uruguay ao governo Portuguez, pelo General Gomes Freire d'Andrade. Episodios lindissimos ornão de quando em quando esta perola litteraria. Eis sobre ella o juizo de Garrett: «O *Uruguay* de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução, descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional e legitima americana.»

Thomaz Antonio Gonzaga, auctor das maviosas lyras conhecidas sob o titulo de *Marilia de Dirceu*, nasceu na cidade do Porto e falleceu em Angola no anno de 1809.

Não é por ter nascido no Porto, que deixaremos de menciona-lo como poeta brasileiro. Vindo para o nosso paiz na idade de 10 annos e depois barateando seus bens, reputação e vida em pró da patria que havia adoptado como sua—é brasileiro.

A França conta com orgulho entre seus grandes poetas—André Clénier que nascera em Constantinopla, e o próprio Portugal ufana-se ainda hoje do Duque de Palmella que veio a luz na Italia. Dadas as razões que temos para considerar Gonzaga brasileiro, continuemos.

Para mostrar seu merecimento litterario, basta dizer que a Europa admira agora, traduzidas nas mais cultas linguas, suas ternas, amorosas e doloridas lyras; e pasma embevecida n'essa harmonia metrica que se desprende, como sons de harpa eolia embalando languidamente os arvoredos d'um pomar a hora da sesta.

Entre nós, sua auréola de gloria está firmada na popularidade que gosam suas poesias.

O Padre Antonio Pereira de Souza Caldas nasceu no Rio de Janeiro em 1762, fallecendo na mesma cidade em 1814. Souza Caldas é um dos primeiros poetas lyricos modernos, e na poesia biblica, segundo diz Garrett, «desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima n'este genero.»

As suas odes o *homem selvagem* e *Pigmalião*, são admiraveis pelos raios de sublime poesia, e em nada cedem a *cantata de Dido*, de Garção.

Antonio Gonçalves Dias, nosso provinciano, nasceu em 1823 na cidade de Caxias e falleceu em Novembro de 1864.

Quando na sua primeira obra o jovem maranhense patenteou-se poeta inspirado pelo Genio da terra das palmeiras onde canta o sabiá, o mundo litterario estremeceu de jubilo, e o Sr. Alexandre Hereulano Bradou alem dos mares:

«Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A Terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio, pôde abençoar mais um illustre filho.»

Os *Segundos e Ultimos Cantos* vierão depois proclamar o primeiro poeta lyrico brasileiro. A collecção de suas obras posthumas estão sendo agora publicadas entre nós.

Manoel Antonio Alvares d'Azevedo nasceu em S. Paulo em 1831 e falleceu em 1852, com 21 annos de idade. Vinte e um annos! Oh! como é doloroso vergar para o tumulo a fronte palpitante de um jovem poeta, que encara no futuro uma nuvem cor de rosa onde se lê a palavra magica—gloria!—

Quando, como Azevedo, sente toda a força do genio no calor da composição por uma noite de insônia! E o poeta sentia uma á uma írem estalando as cordas de sua lyra, e resignava-se, como outr'ora Job canceroso lançado no muladar, e dizia, como que para illudir-se:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria.  
Se eu morresse amanhã.

Quanta gloria presinto em meu futuro!  
Que aurora de pavor e que manhã!  
Ea perdêra chorando essas cordas  
Se eu morresse amanhã.

O lugar que o joven poeta tomaria em nossa nascente litteratura, se a morte não viesse tão cedo arrebatá-lo, deixamos ao Sr. Lopes de Mendonça (Mem. de litt. contemp. pag. 323) a honra de divulgar.

(Continúa.)

D. A. MARTINS COSTA.

#### MIRABEAU E OS EFEITOS DA EDUCAÇÃO.

Eis ali um exemplo impressivo, que colhemos das interessantes memorias de Mirabeau, fundadas em authenticos documentos de familia publicados por seu filho adoptivo, Lucas Montigny.

Mirabeau não teve mãe, ou pelo menos passou a infancia como se a não tivera; porque sempre em desordem com seu marido, e depois escandalosamente separada d'elle, a marquez de Mirabeau, não teve a menor influencia na sua educação.

Seu pae, incomprehensivel, cavalleiro ideal, philanthropo sincero, foi todavia tyranno e algoz de sua familia. Em certa época da vida conseguira metter em um convento sua mulher e duas filhas, e em Vincennes, seu filho mais velho, o celebre Mirabeau.

Depois de haver escripto contra as cartas regias, solicitou tanto uma, que Luiz 16.º se deu por importunado e acabou por se recusar a ser por mais tempo cúmplice de taes perversidades de familia.

Desde a idade de cinco annos foi Mirabeau para seu pae um sclerado em perspectiva: a exuberancia d'esta natureza de fogo pareceu ao pae symptoma de depravação precoce e irremediavel.

Aos dez separa-se d'elle e impõe-lhe o barbaro e humilhador castigo de não usar do seu nome; dos dez aos vinte, o grande Mirabeau, herdeiro legitimo da antiga raça de Riquetti, foi conhecido por um nome emprestado; injusto castigo, applicado a uma idade tão tenra, devia necessariamente crear em alma ardente e altiva sentimentos de colera e revolta, que mais tarde tiveram occasião de se manifestar. O que melhor prova a injustiça e cegueira do pae, é que por toda parte onde Mirabeau, na sua mocidade, encontrou juizes imparciaes, fez-se amar e estimar: todos os que lhe serviram de correctores ou carcereiros se tornaram seus amigos e partidarios. Seu tio, o cavalleiro Mirabeau, filho segundo e por isso sujeito ao primogeni-

to, não podia deixar de se declarar por seu sobrinho, e advogar a sua causa perante o pae desnaturado. Mas este, que nos erros da infancia e da mocidade só via crimes dignos d'algoz, entendia tambem que o arrependimento, a compunção e a docilidade do mancebo eram filhos da hypocrisia, como se este não fôra o ultimo vicio de que era capaz a violenta natureza de Mirabeau.

Assim se explicam para mim todos os excessos de Mirabeau, seus erros, seus vicios, finalmente toda a historia d'esta grande alma abandonada, se derivou da falta de prudente amor paterno na infancia e na mocidade.

P. JANET.

#### NOTÍCIAS.

O incansavel edictor o Sr. B. de Mattos acaba de publicar o 1.º volume da traducção do romance *O homem que ri*, ultimo da rica e fecunda penna de Victor Hugo, e que tanto tem occupado a attenção de todo o mundo civilisado.

—Veio finalmente approvado o banco commercial que intenta o commercio desta praça inaugurar.

O Sr. Joaquim Marques Rodrigues, que com to.º o empenho tratou de dar andamento á creação do banco no Rio de Janeiro, mandou tambem propor ali a compra da ca. teira da caixa filial do banco do Brazil nesta cidade, do que ainda não teve solução.

Esta transacção é de muita vantagem tanto para o Banco Commercial como para o banco do Brazil, porque este assum liquidará mais prompta, economica e seguramente a caixa, operação que pelo systema adoptado não pôde deixar de ser muito lenta e portanto sujeita á mais prejuizos, e tambem de utilidade para o banco commercial por ser um principio excellenter receber uma carteira naquello estado.

Se o banco do Brazil não quizer vender a sua carteira por querer continuar com a caixa, não o deve, pois esta nada fará em concorrência com o novo banco e o banco do Maranhão. A experiencia cedo lh'o mostrará.

Os estatutos já tranzitaram pela secretaria do governo da provincia, que hontem os desachou. Nestes dias se á installado o Banco Commercial.

(Do Paiz.)

Falleceu á 4 do corrente e sepultou-se no seguinte dia em o cemiterio da Misericórdia, D. Olivia de Souza Lemos, estimavel mãe do edictor deste jornal, o habil typographo Sr. Manoel Caetano de Lemos.

Damos á este honrado artista, e á toda sua Exma. familia nossos sinceros pezaes.

#### ANNUNCIO.

Manoel Caetano de Lemos, Leadiro Ferreira de Souza, Bemvindo F. de Souza e Raymundo F. de Souza aproveitam-se da imprensa, como o meio mais solemne, para agradecerem ás familias que os acompanharam na sua dor por occasião do passamento de sua mãe e irmão, D. Olivia de Souza Lemos; assim como aos cavalleiros que acompanharam o cadaver até ao cemiterio. Envia-vos de especial gratidão ao Ilm.º Sr. Coronel director da casa dos educandos, que graciosamente enviou a respectiva banda de musica para acompanhar o saimento; ao Sr. director e mais musicos da banda do 2.º batalhão da G. N., que do mesmo modo se apresentaram para aquelle fim; e aos Snrs. cantores e mais musicos de orchestra, que igualmente se prestaram para cantar o Nemento.

Rogam ainda aos seus amigos e parentes o caridoso obsequio de assistirem ás missas do setimo dia, que serão celebradas no sabbado, 11 do corrente, pelas 6 horas da manhã, na igreja de S. Pantaleão.

Maranhão, 8 de Setembro de 1869.

San Luiz.—Typographia Perseverança—impresso por Manoel Caetano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 15 de Setembro de 1869.

## CANCRO SOCIAL.

## IV.

É curioso o escutar-se as vozes apologeticas relativamente á prosperidade do Brazil.

De um a outro extremo do imperio se espalham jornaes, discursos e libretos onde erguendo-se o Brazil *usque ad caderas*, dizem-no gigante; que possui riquezas colossaes; minas variadas e inexauriveis...

Deitado assim em leito de rosas, e as Naiades entornando-lhe cantaros de agua christalina, fazem-no ainda Grecia pelas luzes, Phenicia pelo movimento industrial e Roma pela força.

Não nos oppomos a estas affirmações, concordando porém comnosco que, se elle é gigante, dorme somno de gigante; se tem forças está com os cabellos cortados como o Sansão Bíblico, que se é Phenicia tem machinas alexandrinhas em seus portos.

Tudo, pois, concederemos com tanto que nos deixem o direito de aggregar estas condições que ali ficam.

E não é possível ser de outro modo, porque a logica dos factos é irrefutavel.

Si, comefeito, como o cremos, a natureza expargio com prodiga mão tantas riquezas neste abençoado torrão, ha quem conspire a demonstrar e praticar em sentido contrario.

Examinemos a veracidade destas affirmações quanto ao movimento industrial e artistico, e chegaremos á conclusão que o nosso estado é vergonhoso, e provoca indignação.

Bem sabemos que se costuma attenuar tão monstruosas faltas, dizendo sermos de hontem.

É van esta defesa. Os Estados-Unidos desmentem cabalmente semelhante asserção.

Aquelles vizinhos tambem novos, distam de nós quanto ao seu adiantamento, não por annos segundo a epoca da povoação, mas por seculos segundo a ordem dos melhoramentos.

O Brazil constituido já no meio da civilisação gigantesca do mundo, é incontestavel que poderia estar superior.

Tem havido desmandos imperdoaveis. Não é uma accusação gratuita.

Não; quem em 1867 e 1868 passasse pelo grande palacio da exposição universal, e buscasse a repartição dos objectos brasileiros, não o acreditaria.

Ahi estava o indigena formoso, esbelto, robusto, porem ainda rodeado de pennas. Queremos dizer que nesse bello banquete das artes e industria universal, quanto ao Brazil, somente a natureza compriu a sua missão, pois só os objectos naturaes foram os premiados!

Se destas decepções externas passar-mos ao interno... oh! dor...

É dura e vergonhosa a realidade! Mas para que esconder o cancro com temores vãos? Occultar a verdade é enterrar o ouro.

Sejamos francos: nós nada temos: somos pobres de tudo que diz respeito a artes e industria, semelhantes a esses viajores do deserto, que trazem a tenda ás costas...

E vejam:

Quasi todos os nossos productos naturaes passam ás mãos do estrangeiro, sujeitos á imposição de sua taxa; porque não temos os meios de os transformar, aos diversos usos de que havemos mister.

Depois recebemos esses mesmos productos transformados, alambicados, e

ainda sujeitando-nos á mesma imposição!

Dir-se-hia que nos libertamos da tutela de Portugal para escravisar-nos a muitas nações.

Deem a cor que quizerem; o certo é que o suor de nossos pais, o nosso, o de nossos filhos, todo corre ás mãos do estrangeiro, como rio fecundo.

Tudo que temos nos vem do estrangeiro. Seria longo e fastidioso o demonstrar esta these evidente para todos.

Basta dizer-se que até esses magros sellos das cartas são fabricados fóra do paiz. A moeda metal, o papel moeda, tudo, tudo é fabricado no estrangeiro.

Pergunta-se pela nossa casa de moeda. Oh! não toquemos nestes mysterios de alem-tumulo. Respeitemos os mortos.

Sabe-se (admira como isto transsudou) que já pediram a tal casa de moeda para dar alguns espectaculos: tal é o seo *brilhante estado*!!... Santo Deus, para onde marchamos?! Que paiz é este? Apenas conta alguns dias de existencia, e tudo nelle já é velho, cabindo aos pedaços, desmoronando-se!...

E o doloroso no meio destas scenas tragico-comicas é que o suor do povo é quem paga, enquanto *alguns felizes* riem-se fazendo ricas baixelas correrem pelas mezas de seus palacios...

E quem é o culpado de tudo isto? Não é um simples prazer de fazer accusação. Não. Inquirindo pela origem de tantos males, não podemos deixar de apontar como principal os timoneiros do estado.

E desafiamos a que nos provem o contrario, diante do systema governamental que temos.

Si não querem acarretar com a responsabilidade, porque não fazem como nos Estados-Unidos, onde o presidente ergue-se no meio do congresso, e diz: «Senhores, a minha eleição eu não a pedi.»

Si o nosso governo não quer acarretar com parte da culpa, para que tanta centralisação; para que esses rios de impostos, alguns até iníquos, tyrannicos, sem qualificação possível?

Si não querem encarregar-se dos melhoramentos, façam como nos Estados-Unidos, onde não ha a escandalosa rede de impostos.

Enquanto arrastarem com o nosso suor de tantas fadigas pezarissimas, e nada fizerem, havemos de gritar.

Pois é possível supportar-se a sangue frio, tantas corporações legisladoras passarem semanas e mezes a discutir actas de uma ou outra eleição, somente pelo capricho de prejudicar ao adversario, quando ha medidas palpitantes urgentes á bem do paiz?

É possível vêr-se sem indignação passarem semanas e mezes a discutir cousas ociosas, inteiramente superfluas, como a celebre questão do Sr. Pedro Luiz, *ex informata conscientia*, *impostos sobre os bens de corporações de mão morta* e outras que são sem resultado algum, como se não tivéssemos cousas momentosas, que reclamam séria attenção dos eleitos do povo e do governo?

É possível ver-se como *canis mutus*, *non valens latrare*, os timoneiros do estado a offerecerem projectos de casamento civil, liberdades de cultos, e se entrincheirarem sob estas frioleiras, e ficar-se de braços cruzados?

Diziam outr'ora, que afim de haver prosperidade agraria no paiz, era necessario proteger-se a emigração americana; e para isto movia-se ceos e terra, queriam arrancar a religião catholica, vender o Christo por menos de trinta dinheiros, e agora confessa o Sr. minis-

tro do imperio que a emigração chinesa e não americana é que convem ao Brazil.

Poderá s. exc. ter boas razões, mas esta parece antes um jogo de disparates!

Ora ainda os americanos, homens trabalhadores tinha um—*passé*—porem os chineses, pobres creaturas talvez peiores que nós, pois nem ainda quizerão franquear o *celeste imperio*, a civilisação europea, os chineses é que virão dar incremento a industria nacional?! elles que nem sabem conservar a existencia, visto como quasi todos os que teem vindo para o Brazil morrem comendo opio?! É incrível a lembrança do snr. ministro!

Cremos que a industria nacional assim hirá de mal a peor.

Mas no meio de todo este cháos mysterioso ha um raio luminoso: é, que entre nós muitos são os pretendentes as glorias, á figurar, á subir ás mais altas posições, e por isto mesmo bem poucos são os aptos.

Eis pelo que vemos tantos ministerios esvaindo-se somente nas questões partidarias, escondendo-se por entre as pequeninas questões, afim de illudir ao paiz, pois se veem atados, por não terem o necessario talento e tino, para se empenhar nos grandes projectos e obras de melhoramentos. Eis pelo que até agora somente temos tido questões e discussões das causas partidarias e pessoas, nunca do paiz.

Cremos em-vista destas reflexões que o paiz marcha a passos largos para um momento fatal, e ha-de attingir-se a mão da Providencia não embargar-lhe o passo.

## O GOVERNO E O POVO.

Ha na vida dos povos momentos de supremo interesse, pelos symptomas que a sociedade offerece então nos diferentes ramos em que se subdivide.

Quando uma nação se agita, demonstrando nos actos de seu governo energia e coragem; quando pelo lado do povo ha manifestações de desagrado ou contentamento, então se pôde affiançar que esse povo é vivo, é fervido de entusiasmo, de fé, de esperanças.

Mas, quando nada ha que o desperte, e semelha-se á um marco de pedra encravado na rua ou na praça, incapaz de agitação, sua lethargia é um prenuncio de morte, é a mesma solemidade funerea que com apparato lugubre se avizinha para enterrar o cadaver.

Ha, no entretanto, um meio onde param essas phases extremas das nacionalidades—quando, prostradas de fadigas, exaustas de forças, se atiram á enxerga dos desgraçados, e atroam os ares com lamentos doridos.

O azurraque do despotismo caiu desapiadado sobre ellas, e pela força irresistivel da conservação propria, bradaram.

O observador consciencioso não poderá deixar de reconhecer na presente physiologia o miserando quadro da nação brasileira.

Não ha negal-o. Vêde o que se passa ao sul e ao norte do imperio: ouça-se a voz surda, por intermedio das hosannas que levantamos duxologistas do poder, aureo bezerro á que não faltam adoradores; diga-se com franqueza si não lavra um descontentamento geral.

O marulho incessante do justo clamor contra os dominadores é crescente, e o desapiedado despotismo, que impera, decorado com as candidas roupagens do systema constitucional, trucidada o paciente povo.

Sem embargo dos echos frementes das victimas, crescem as calamidades, e augmentam as enfermidades sociaes.

Existe mesmo um cancro mortifero, que, solapa a nação, impellindo-a para insondavel barathro: e os Esculapios, descuidosos do futuro, e mal avisados do presente, guardam zelosos as panaceas da salvação publica.

Todos sabem que o mal procede do alto: clama-se contra a corôa, contra os ministros, contra as camaras. Esse bradar por ser agudo, vehemente, universal, não é remedio, nem dá cura.

É o povo quem eleva como quem abate os governos: nosso mechanismo politico está firmado na soberania popular, e ao povo, depositario do poder, se deve culpar a grande servidão em que estamos.

Curve elle por momentos a altiva fronte soberana sobre a carta que os patriarchas do imperio nos legaram, medite nas sublinadas estrophes desse sacrosancto hymno da liberdade, e obre.

A meditação do gigante o fará despertar, e o seu pensamento hade gerar a resurreição nacional; porque estamos mortos, o que equivale á não sermos livres.

Que os optimistas não appellidem de revolucionaria a doutrina que ensina o homem á pensar. A logica da revolução é outra: longe de nós de acarretar uma responsabilidade moral tam grande, quanto perigosa.

Queremos que o povo reconheça seus direitos, mas deve, primeiramente, cumprir seus deveres.

O primeiro, e tambem o magno interesse do povo é o que dá o character á sua soberania, e em que se funda o governo sabio que legou-nos o pacto fundamental: queremos falar do suffragio universal, base do systema representativo, que nos rege.

A salvação do paiz está, portanto, no suffragio universal; pois faça-o o povo uma realidade: o que lhe era vida, converteu-o em veneno letthal. Foi grave prejuizo seu: um erro do passado, que urge reparação do presente.

No momento em que houver realidade no pleito eleitoral, a liberdade apparecerá radiante como um producto do céu, e a felicidade nacional se patenteará sem demora.

Porém, á continuarem as farças das eleições populares como as havemos tido, o antagonismo será completo.

Abandone o povo o ignominioso papel de *recrutado do governo para votar*; deixe de conduzir para a urna uma lista mentirosa, que elle não escreveu, que elle não leu, cujos nomes elle ignora; proscreeva de sua vida publica tam caviloso systema de deixar que se o leve á ponta de bastão, que um dia será livre.

Quando creou-nos a Sabedoria infinita com uma razão esclarecida foi para não julgarmos que ha um privilegio de entendimento para estes felizes e bemaventurados á quem fóra confiado o cuidado de dirigir oito milhões de homens, como na campanha hespanhola um só pastor á milhões de obtusos merinos.

É preciso reconhecer a soberania intellectual da nação, distribuindo ao talento, ás virtudes, ao merecimento, o verdadeiro premio.

Todos nós temos uma visão no futuro, e somos os senhores dos nossos pensamentos, da nossa vontade, da nossa liberdade.

No suffragio universal é onde por ventura revela-se do mais sublime modo a soberania triplace que nos distingue dos demais entes.

Prestando homenagem á realza in-

lectual do homem, legou-nos a constituição brasileira o governo representativo, isto é, o governo do paiz pelo paiz, o governo do suffragio universal, o governo do voto livre, o governo da soberania popular.

«O governo representativo, diz Benjamin Constant, é o paiz escolhendo uma camara que represente e exprima seus interesses, sentimentos e opiniões.»

Um celebre juriconsulto inglez, lord Brougham, de perfeita harmonia com o publicista francez, diz: «Entendemos por governo representativo aquelle em que o povo elege os seus deputados.»

Esta soberania é a que desejamos ver effectiva. Traçada nos termos e no espirito da constituição, e posta em prática pelos brasileiros, todos nós seremos constitucionaes.

Como, pois, subjeitarmos-nos cegamente aos *designados* do governo? Onde fica a soberania nacional? Onde a vontade do povo?

Abdica o povo do seu mais bello direito, da sua mais sancta autonomia, e no dia seguinte clama que está opprimido, que vive sem liberdade!

A inconsequência é manifesta; porque elle é o germen do mal, e deve soffrer os seus damnosos resultados: seus lamentos encontram em a propria consciencia juiz severo.

Limitando-se a eleger á quem *designa* o governo, o povo tem agentes que não são seus, que não tem deveres á cumprir para com elle. A gratidão dos eleitos reverte em benefício dos patrones que os *designaram*.

E d'ahi a falsidade do systema representativo, a omnipotencia dos ministros, a nullidade das camaras, perante a nação que opprimida as fez nascer hybridas.

Razão é essa pela qual se não deve o povo queixar do governo, apesar da corrupção que elle alimenta, pelo suborno, pela insinuação, pela ameaça, e pela prepotencia.

Lá está na corte o ministro, que *avia* para uma infeliz provincia um presidente com plenos poderes para fazer uma eleição, devendo *conservar* o imperio das leis existentes, *manter* a liberdade do voto, e *guardar* toda a imparcialidade no pleito.

O illustre presidente, verdadeiro consul, chega á provincia, onde é completamente desconhecido, e no cabo de dous mezes tem dado o ataque, e ven-

cido a campanha, offerecendo como resultado de sua administração proficua a eleição dos *designados* do governo, podendo ser, o ministro que o consignou á provincia, o filho, o sobrinho, os afilhados, e todos os *designados* do gabinete.

Nesta temivel campanha igualam a synthese de Cezar: *Veni, vidi, et vinci*. Tudo isto consegue o presidente com o voto livre, sem bayonetas, sem jornal, sem opposição, dispondo somente da metralha de sua secretaria!

E agora brade o povo! Sancto Deus, para que te deixastes levar? quem votou? foi o ministro? foi o presidente? não!

Medite o povo: elle é soberano: salve-se.

## POLITICA.

### A SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Assim aprecia a situação financeira do paiz, em relação á guerra, o *Anglo and Brazilian Times*:

«S. Exc. o Sr. visconde de Itaborahy tem estado a dizer ora uma couza, ora outra, tentando animar seus sectarios aterrados pelo abysmo em que vêem a guerra mergulhar as finanças deste mal dirigido paiz. Admitte que, sem arruinar-se, o paiz não pôde por muito mais tempo sustentar o pezo da guerra, e ao mesmo tempo affirma que, sejam quaes forem as consequências, a paz com Lopez nunca se fará.

Mas, perguntamos, não estará o ministro enganando-se a si mesmo quando tenta deminuir aos olhos do paiz assustado, os perigos da situação? Estará elle tão seguro de si que não receie cahir em alguma das bocas do lobo que por todos os lados se estão cavando nas trevas, que elle mesmo procura continuar?

Estas questões podem de um momento para outro ter uma solução que o atordoe e arruine o paiz.

Qual é a posição do paiz, quaes os recursos com que pode contar para a continuação de uma guerra, que segundo o ministro só pôde acabar com o aniquilamento do povo paraguay?

Já se despenderam com a guerra cinquenta milhões de libras esterlinas, onerando as gerações presente e futuras com encargos de que talvez nunca sejam alliviadas, e cada meiz que decorre augmenta o prazo com mais um milhão: A larga exportação de caffè de Santos e do

Rio de Janeiro, que tanto auxilio prestaram ás finanças nos annos passados, fallam neste pela grande diminuição das safras; entretanto, ao passo que a produção perdeu 150,000 braços industriais, o thesouro conserva aberto um golfo que já absorveu todo o capital fluctuante nacional e estrangeiro que existe no paiz e que foi o agente fertilizador da lavoura e do commercio, mas que agora está para sempre perdido naquelle sorvedouro paraguay que não encontra um Curcio ministerial que o faça desaparecer por um supremo e ultimo esforço.

Tendo já um grande deficit no orçamento ordinario do anno, augmentado mensalmente pelas despesas extraordinarias da guerra, tendo diminuído as forças productivas; existindo no proprio paiz um volcão abafado de desaffeição; com divida que tem crescido além de toda a expectativa, e enormes encargos atrasados, com uma circulação de papel moeda no valor de duzentos mil contos, que tem hoje o desconto de 35 por cento, do qual a quinta parte é de um banco cuja notoria podridão tem depreciado as suas acções a 20 por cento abaixo do par, a despeito de dividendos de 12 por cento; com a perspectiva de grandes deficit annuaes e continuos no seu orçamento; pôde o ministro esperar fazer reviver a confiança com que os emprestimos brasileiros eram recebidos nas praças estrangeiras? Pode mesmo esperar reter aqui o capital estrangeiro que compõe a maior parte dos setenta mil contos empregados em bilhetes do thesouro, e que só esperam para emigrar por aquelle momento favoravel que está rapidamente desaparecendo?

Entretanto o primeiro ministro continúa a sua mesquinha politica de guerra, e lança mão de expedientes pequeninos para occultar o inevitavel desmoronamento que trará ás finanças do paiz a procrastinação com que a si mesmo engana. Não é, porém, prohibindo a estação fiscal de Montevideo o sacar sobre o Rio de Janeiro, nem deixando acumular alli meio milhão de libras esterlinas de dividas atrasadas, que augmentam com o systema financeiro ultimamente inventado de remetter migalhas de cambio ou ouro d'aqui, que se ha de conjurar a crise; nem é tão pouco permitindo que um exercito insufficiente se gaste em posições aniquiladoras, que se conseguem os fins da guerra.

ordenou que o abortosinho se ficasse chamando — «Príncipe Perfeito».

E' inutil accrescentar que o decreto foi pontualmente cumprido. Ninguém se atreveu a pôr em dúvida as perfeições do menino.

Entretanto, attentando bem, o alvorçado sultão não pôde deixar de reconhecer que o seu futuro successor nunca viria a rivalisar com o Antinoo de Adriano ou o Apollo do Belveder. Consequentemente, resolveu tomar a acertada precaução de prohibir universalmente o uso dos espelhos, sob pena de cabeça cortada, já se sabe, e sem distincção de sexo nem de idade.

Houve seu murmuro, nos harens sobretudo, mas não passou de murmuro. A privação affligiu sobretudo o bello sexo, que era o que tinha mais que ver. Contentou-se, porém com desafogar em lástimas, sem pensar em infringir a ordem; e se houve protesto, o protesto limitou-se a atténuar quanto possível o forçado recato dos veos densos e das paredes espessas, para que ao menos a formosura, já que não podia rever-se em si, não fosse ignorada dos outros.

Espelho todavia, nem sombra de um. O geral da população calculava bem, que a redução de estatura, comminada no escripto supremo, inutilisava em todos os casos o goso do objecto vedado.

Cresceu o príncipe e fez-se homem. Haviam-n'o alimentado desde a infancia nas ilusões do seu titulo; julgava-se portanto, na melhor boa fé, um typo acabado de elegancia e de belleza. Os altos dignitários, que frequentavam a corte, ti-

Todas estas meias medidas do ministerio não fazem mais do que augmentar as difficuldades da situação; e a nação que está resignada á fazer um esforço supremo, se lh'o exigirem, nunca perdoará a miope politica que augmenta os seus soffrimentos futuros ao passo que sacrifica a sua honra.

Em nome dos interesses estrangeiros ligados ao Brazil, rogamos ao ministro, ou que abandone de uma vez a guerra que lançou o paiz no plano inclinado para a ruina, ou que lance nella todas as forças da nação affim de a terminar immediatamente. Os meses succedem-se e cada dia parecemos mais longe do fim desejado. O ouro começa a fugir para a Europa, o vapor *Douro* leva daqui 150,000 soberanos além de mais 120,000 do Rio da Prata.

O cambio esteve ha pouco quasi ao par do dos Estados-Unidos, tão ricos, tão prosperos, que tão velozmente progridem, que estão agora em par com todo mundo, que amortisam rapidamente a sua divida da guerra, cujos fundos gozam na Europa de grande confiança. Mas, o ministro deve saber que essa alta foi devida ás grandes safras anteriores e aos depositos de capitaes que no thesouro fiseram os importadores estrangeiros, que esperam occasião mais favoravel para o remetter. Mas diminuindo a exportação e continuando a guerra, se a emigração de ouro adquirir proporções, pôde seguir-se o grito de salvar-se quem puder, e então talvez se dê por feliz aquelle, que no acto de converter em ouro o que possue, poder salvar metade dos seus haveres.»

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### ASYLO DE SANTA THEREZA.

O presidente Dr. Eduardo Olympio Machado no *relatorio*, que apresentou á assembléa provincial na sessão de 1854, lembrou a necessidade de criar-se uma casa de educandas, onde as meninas desvalidas encontrassem abrigo, protecção e educação.

Foi tão bem acolhida esta lembrança, que na lei prov. n.º 367 de 24 de Julho do mesmo anno, no art. 23, concedeo-se ao presidente a necessaria authorisação para reformar o recolhimento de N. S. d'Annuniação

nham todos na sua presença uma attitudem admirativa, tão uniforme e tão constante, que mais e mais lhe radicava esta boa opinião. Por outro lado, a previsão paterna acatellara-lhe a tempo os desganhos que lhe podiam dar os proprios olhos.

Passava d'este modo o moço príncipe tão cheio e pago de si, como se fôra um primor da creação.

Não é raro encontrar no mundo exemplares assim lhantes, mesmo apesar de todos os espelhos.

Bem certo é porém que as humanas satisfações estão pendentes sempre de um fio!

Morreu inesperadamente o sultão velho, carregado de annos e de execuções, victima de um catarro teimoso, como qualquer simples mortal.

Era costume da terra cortar as barbas e deixar crescer os cabellos em signal de lucto, ao revez da moda ordinaria, que consistia em rapar a cabeça e deixar crescer as barbas.

Ao que parece, todos os povos são atreitos a symbolisar nas grandes contradicções as grandes dores!

Herdava o príncipe um throno respeitado, mas ficara-lhe a magoa mais sincera. Desejando tornar bem patente a grandesa de sua saudade, mandou chamar o melhor barbeiro dos seus estados.

Trouxeram-lhe o mais afamado, e que o era com effeito por ser estrangeiro e chegado de fresco, — tão de fresco chegado que ainda ignorava o decreto prohibitivo dos espelhos.

A primeira coisa que fez o barbeiro,

## FOLHETIM.

### O PRINCIPE PERFEITO.

(CONTO ORIENTAL.)

N'uma cidade da Asia musulmana, capital de um estado de que hoje se não sabe o nome, vivia um poderoso sultão. A carta constitucional d'este feliz estado era o yatagan, ou alfange, dos escravos executores. Em razão do frequente exercicio d'esta arma, os escravos executores do sultão tinham adquirido no maneo d'ella uma pericia excepcional.

Fôra consequencia pratica de tal pericia a mais inteira submissão por parte dos vassallos do alto potentado.

Assim, a ventura d'este parecia em tudo completa. Um aceno que fizesse equivalia á ordem; desejo que exprimisse podia julgar-se cumprido.

Como é porém da humana condicção não haver dita absoluta, esta somma de prosperidades era mais que neutralisada por um desgosto profundo. Apesar dos seus multiplicados... consorcios, e talvez por causa da multiplicidade dos seus consorcios, o sultão não lograra ainda ter um só herdeiro. Era inaudito o caso. Imagine-se a samsaboria!

Uma peregrinação ao tumulo do propheta ficara sem resultado; as orações dos derwiches de mais voga tinham sido inuteis; os mais sabios ulemas consultados tinham perdido litteralmente a cabeça sem resolverem a questão.

O Sultão já não sabia o que fizesse, e o seu povo muito menos.

Era uma desolação geral, apenas esmaltada de algumas degolações e estrangulações, para distrahir momentaneamente a malancolia incuravel d'aquelle excelso chefe dos crentes.

Por fim, o que nem derwiches, nem ulemas, nem o mesmo propheta conseguia, conseguiu-o, não se sabe como, uma escrava circassiana.

De alliança, quasi desesperada, do sultão com a escrava nasceu um príncipe.

Que enchente de jubilo no palacio, na corte, e no estado! Trezentos e sessenta prezos, que estavam para ser empallados, foram simplesmente decapitados. Esta commutação ou... inversão, que não tinha exemplo, attestava o ultimo grau de clemencia, e, por consequente, de contentamento!

Celebraram-se em todas as mesquitas acções de graças, e, juntamente com os votos em favor do príncipe recém-nascido, subiram ao ceo entranhados louvores á incomparavel misericordia do magnânimo soberano!

Sem embargo, aquellas geraes alegrias tiveram tambem um leve senão.

Tão formosa era a escrava sultana, quanto o príncipe recém-nascido prometia ser... o contrario. Tambem nunca se averiguou porque.

Mas digam lá aos paes que os filhos tem defeitos, e mais ainda a um pae desta cathgoria e muito mais de um filho tão desejado!

Mal a creança caíra no collo da comadre, o sultão em delirio, terminando as piruetas incongruentes com que abria um parenthesis á sua habitual gravidade,

de accordo com o reverendissimo bispo diocesano.

Não poudo o exm.<sup>o</sup> snr. bispo D. Manoel Joaquim da Silveira concordar n'isto, porque era necessario. fazer uma completa conversão no recolhimento, opposta aos fins do instituidor, a qual entre muitas desvantagens trazia a de ser o recolhimento transformado em um instante n'uma casa de educação meramente civil, independente da jurisdição do ordinario, em que estava á mais de um seculo, desde o bispo D. Francisco Santiago, por um termo assignado pelo seu fundador o jesuita Gabriel Malagrida em 21 de fevereiro de 1752.

Concordando com estas e outras razões, o Dr. Olympio Machado tomou o accordo de prescindir da reforma auctorizada, e de fundar n'esta capital, *ad instar* da dos educandos artifices, uma casa de educação para as meninas desvalidas, e em 16 de janeiro do anno seguinte publicou o *regulamento* criando o *Asylo de Santa Thereza*, e collocando-o sob a augusta e valiosa proteção de Sua Magestade a Imperatriz, sendo no dia 14 de março do mesmo anno inaugurado pelas 5 horas da tarde, em presença de grande numero de cidadãos, na casa grande, situada no largo dos Remedios e pertencente ao fallecido desembargador Barradas.

Pelo art. 31 da lei n.<sup>o</sup> 404 de 27 de agosto de 1855 foi pela assembléa provincial aprovada esta tão util criação.

Pela lei prov. n. 407 de 3 de julho de 1856 foi destinado o predio provincial da rua Formosa para a residencia do *Asylo*, onde ainda hoje existe.

A morte não permittio, que o piedoso fundador de tão humanitario estabelecimento visse os progressos de sua criação, pois o arrebatou tão cedo da sua patria, e da republica das letras, entretanto como signal de reco-

nhecimento e tributo de admiração a esse varão distincto, pelo artigo 2.<sup>o</sup> da lei prov. n.<sup>o</sup> 422 de 14 de agosto de 1856, foi o presidente da provincia autorisado a mandar copiar o seu retrato, o qual convenientemente emoldurado se acha na sala principal d'esse estabelecimento com a seguinte inscripção:—

Dr. Eduardo Olympio Machado, presidente da provincia do Maranhão, fundador do Asylo de Santa Thereza.

Parece que ainda alli está protegendo-o com a sua presença em quanto perante Deos sua alma pede para elle os beneficios do Omnipotente.

Seu corpo dorme o somno eterno na capella de N. S. da Boa Morte na cathedral, sendo a sepultura coberta por uma lapide de marmore, convenientemente preparada, tendo no alto aberta a buril a borla de doutor, logo abaixo duas pennas de escrever cruzadas e presas por um grande anel e em seguida este distico simples, porem verdadeiro e eloquente:

Ao Dr. Eduardo Olympio Machado a provincia agradeceida.

Lei provincial, n. 422, de 14 de agosto de 1856.

Finalmente pela lei prov. n.<sup>o</sup> 635 de 30 de maio de 1863 foram as educandas transferidas para o recolhimento de N. S. d'Annunciação e Remedios, o que não se realizou logo por falta de commodidades n'este edificio, e hoje já está derogada esta disposição pela lei prov. n.<sup>o</sup> 682 de 1 de junho do corrente anno.

Pelo art. 41 da lei prov. n.<sup>o</sup> 422 de 25 de julho de 1864 foi a presidencia authorisada a despender, alem dos fundos, que já possui o Asylo de Santa Thereza, mas a quantia de 12 contos de reis, para comprar e appropriar uma casa nas condições de bem servir para este fim.

Aparecendo varias propostas resolveo o Dr. Manoel Jansen Ferreira nomear em 2 de Abril de 1867 uma comissão composta do Director do

Asylo, do Procurador Fiscal do Thezouro Provincial, e de tres negociantes para dar o seu parecer sobre o modo mais conveniente de satisfazer essa necessidade, até hoje addiada por ordem de varios presidentes.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

### COLLABORAÇÃO.

#### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

(Continuação.)

Eis-nos chegados ao termo de nossas indagações; possuidores da verdade, não só podemos, mas ainda devemos examinar se existe uma religião divina; a falta deste exame, sendo filha do orgulho, é a causa do Pantheismo, irmão gêmeo do racionalismo. As grandes revoluções, que têm abalado as crenças do mundo religioso, os calorosos combates da razão contra a fé, o gemido impiedoso das victimas ali immoladas, o grito das consciencias repercutindo alem do tumulo, eis as consequências funestas dessa lethargia profunda, que só se esvaece no calor do inferno. Ser indifferente ao exame de uma religião divina, é vegetar em uma inercia bruta, é ignorar os principios de uma criação assignalada, cujo fim é a immortalidade, é escarnecer da lei das pennas e das recompensas, é vilipendiar a natureza do mesmo Deos.

Ser indifferente ao exame de uma religião divina, é esquecer tudo o que importa aos nossos destinos, é marchar para um futuro desconhecido, é cavar profundamente o tumulo eterno e insondavel. Oh! a indifferença é um crime do fatalismo; deixar esvaír-se a existencia por entre a espiral do fumo que se eleva do fogo das paixões, é uma cegueira inconceivable, uma segurança estúpida da razão alienada, um erro inexcusavel. Com effeito, uma vez reconhecida a existencia e necessidade da religião, uma vez descobertos os meios para conhecê-la, tal qual exprime a vontade de Deos, e não estudar no meio dos variados systemas de cultos, aquelle que é verdadeiro, unico capaz de satisfazer a justiça divina, é pezar em uma mesma balança a herança do céu e a herança do inferno.

Mas eis o absurdo criminoso; a verdade das pennas eternas para o homem sem culto, sem religião, sem Deos é um

dogma; a verdade das recompensas infinitas para o homem religioso, para o homem de amor, de esperança e fé, é outro dogma. Ora é tambem uma verdade universal, uma confissão publica e solemne do genero humano que só a religião divina pôde produzir virtudes tão nobres; formar essa cadeia imensa que liga a terra ao céu, que só ella pode salvar e em uma palavra desempenhar as funções sobrenaturaes connatas com o homem.

E como á despeito de tão altas considerações, de tão sagrados merecimentos, á despeito da autoridade de todos os povos, que em todos os tempos reconheceram um Deos de vingança e odio contra o crime, de remuneração e amor pela virtude, á despeito da vontade do mesmo Deos que quer que todos os homens se salvem, se ousa arriscar os nossos dias infundidos, os nossos destinos eternos sobre um miseravel talvez, como se exprime um escriptor de nossos dias? O mais importante passo do homem entrado no mundo é sem duvida o conhecimento da verdadeira religião. Estudá-la, examinal-a, é este o dever mais essencial da parte mais nobre de seu ser, porque, com effeito, «o que aproveitará ao homem que só vive alguns annos sobre a terra, diz o «Espírito Santo, que lhe aproveitará «lucrar grandes riquezas, ou gozar altas dignidades, se elle perdeu a sua alma eternamente?» E como poderá elle evitar este ultimo golpe de sua impiedade, senão antepondo as armas poderosas da fé expressa nas maximas da religião?

Oh! a indifferença é o ultimo impulso da desesperação, é a negação temeraria e impia da divindade, com todos os seus mysterios, com todos os seus dogmas. «Que pensais vós daquelle que pela «primeira vez e sem ter feito experien- «cia alguma, diz o cardial Gousset, se «decidisse sem necessidade, apoiando- «se em uma simples possibilidade, que «não é senão o effeito de sua ignoran- «cia, á atravessar em um fragil batel «um mar semeado de escolhos e fecun- «do em naufragios? Este homem, con- «tinua o mesmo escriptor, este homem, «dizeis vós, seria um temerario, um ex- «travagante, um insensato.» Mas este mundo não será um oceano ainda mais profundo, coberto de tempestades, estridentes e assombrosas, povoado de peneiras gigantescas, blazonando de orgulho

apenas o introduziram na camara do real freguez, foi apresentar-lhe ante o rosto o moavel que tinha por essencial.

Como era natural, o principe, incitado da curiosidade, olhou attentamente para a lamina desconhecida. Ninguém tal previa, nem o pudera atalhar.

O assombro e sobresalto dos officiaes de palacio chegára ao extremo.

De repente, o principe, esquecendo momentaneamente a intensidade da sua afflicção, desandou uma gargalhada estrondosa, lançando os olhos em redor, como se procurára alguma coisa extravagante.

Tinha visto reproduzidas no espelho as proprias feições, e julgara que um engenhoso artificio cortesão lhe insinuava na camara aquelle ente disforme na idéa do espai-recel-o.

Entre os circumstantes consternados nada havia que se parecesse com a destemperada visão.

Eucorou novamente o espelho e raiou-lhe subitamente no espirito a humilhante realidade.

Aquella fealdade inaudita e incomparavel era sua, bem sua, e só sua!

O principe, que tinha bom senso, não se illudia já: achava-se francamente hediondo.

A estupefacção seguiu-se o desalento, ao desalento a angustia. No excessó d'esta angustia, caiu n'um divan chorando a bom chorar, e arrepellando as barbas de pura mortificação.

Estava presente, por dever do seu cargo, o visir, ou primeiro ministro. O visir, como bom visir, vendo o principe

a charar, desatou n'um berreiro, vendo o principe arrepellar-se, arrepelou-se mais que elle.

Passou d'este modo o principe a manhã inteira a carpir e a agafanhar-se que metia dó.

Por volta da tarde, cansado deste exercicio, caiu em si, e pôz-se a reflectir.

Sendo naturalmente dotado de bom juizo, como já se disse, veio a concluir das suas reflexões—que afinal de contas os trejeitos do choro não o favoreciam, e que o rosto desbarbado lhe ficava ainda peor. Enxugou portanto os olhos e deixou em paz as barbas.

No dia seguinte levantou-se, se não consolado, ao menos resignado. Não chorava já; apenas suspirava. Verdade é q' lhe vinham bem de dentro os suspiros!

Lembrou-lhe então o modo verdadeiramente notavel porque o seu visir mostrara tomar á peito aquelle dissabor, e mandou-o chamar para lhe agradecer.

Veiu a palacio o visir, mas em vez de se apresentar com uma conformidade similhante á do principe, appareceu cadaver mais attribulado: tinha arrancado um terço das barbas, e eram-lhe os olhos duas bicas!

Tentou o principe animal-o. Quanto mais porem o procurava animar, mais o bom do visir se desfazia em lamentos.

O real mancebo despedio-o commovido, aconselhando-o a que chamasse em seu auxilio a razão, como elle proprio o fizesse, e pediu-lhe que voltasse no dia immediato.

Não faltou no dia immediato o visir. O principe, já meio confortado, esperava

achal-o confortado de todo. Enganava-se redondamente. O vizir trazia duas terças partes de barba depennadas, e os olhos feitos chafarizes.

Não podia o principe em verdade atinar com a razão de uma dor tão persistente, e mandou-o retirar abraçando-o. Quanto mais o principe o abraçava, mais o visir soluçava.

Ao terceiro dia, o principe, verdadeiro philosopho pratico, estava perfeitamente convencido de que a belleza humana, sendo essencialmente transitoria, não merecia tantos pezares nem desvelos, e imaginou que o visir, com a prudencia dos seus annos, teria já pensado o mesmo, fosse qual fosse a dedicação que o inspirasse. Resolveu-se por tanto a mandal-o chamar de novo.

Veiu ainda d'esta vez o excellente visir. Mas como veio! Peior do que na vespera. O que era deploração fizesse-se desesperação. Não trasia um pello na cara, e jorravam-lhe dos olhos duas cachoeiras.

Vendo-o n'este estado, o principe exclamou átonito:

—Que é isto visir! Pois eu que sou o mais interessado n'esta desgraça, apenas me lastimei parte d'um dia, e esse teu prantejar obtinado não ha de ter fim!

—Ai! meu principe—respondeu o visir—se vossa altesa tanto se amofinou só de se entrever um instante, o que farei eu que dês que nasceu o contemplo!...

Parou aqui o visir medindo já tarde o alcance da involuntaria audacia.

Surgia lhe na aterrada mente o cordão

mortal, enviado pelo poder soberano, segundo os invejaveis privilegios da sua classe, para ter a honra de se pendurar n'elle caseiramente e a portas fechadas.

O principe entretanto meditava.

Depois de sufficiente meditar, rompeu n'estas palavras, que um Salomão invejára:

—Visir, no tempo de meu pae essa franquesa custava te a vida...

—Meu senhor, estou prompto—acudiu o visir, que nunca em sua vida contára com o dia seguinte.

—Projectava reformas nos meus estados. A primeira d'ellas será—que em vez despedir-te, como contava, fiques ao meu serviço... É tão rara a verdade que não sei se n'outra parte a encontraria.

Consta que o principe com effeito se fez um grande e legitimo reformador, porque assentou as suas reformas na verdade, na sabedoria e na justiça. Merecendo assim moralmente, just ficou por suas obras a qualificação com que uma vaidade insensata quizerá supprir as prendas extérieures que o céu lhe negara, concedendo-lhe em troca outras mais duradouras.

A alcunha postiga dos primeiros annos, fez-lh'a posteridade legitimo e honroso distinctivo. O principe, perfeito por ironia, ficou se chamando sinceramente perfeito; e, o que é mais, não usurpou o titulo!

MENDES LEAL.

é submergindo a todos quantos ousam atravessar o no fragil batel das paixões, sem o farol da fé? E não será, portanto, mais extravagante, mais insensato ainda aquelle que, adormecendo no esquecimento da verdadeira religião, expõe não uma vida passageira e atribulada, mas uma vida eterna? Aquelle poderá talvez encontrar uma taboa de salvação, mas este! este uma vez condemnado, o será sempre, e sua morte inevitável e eterna, porque a sentença lavrada pelo juiz supremo é irrevogável.

(Continua.)

M. J. d'Oliveira Junior.

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS. DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 15 DE JULHO DE 1869.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA (Continuando):—O nobre senador pelo Rio de Janeiro, como que revelou a reforma planejada pelo governo. Não sabe se a interpretação é authentica, porque o nobre senador, tendo-se arvorado em corregedor de um ministro, depois desistiu de seu intento, abandonando seu lugar, até sem votar contra o requerimento que havia impugnado, pedindo copia do tratado da triplice alliança, e ao qual o nobre ministro da marinha havia accedido. Mas enfim, apesar de tornar-se assim fuzileiro da retaguarda, como do dia seguinte veio cantar a palinodia, naturalmente readquiriu os direitos de *leader*, prometendo não tornar a cair em semelhante indiscrição.

E então não pôde deixar de considerar na palavra do nobre senador a expressão genuína, talvez ainda mais genuína do que a dos ministros, do pensamento do governo quanto ás reformas que promete. O senado deve ter admirado as theorias novas que S. Exc. sustentou a respeito da extensão ou restrição do direito de reforma da constituição do imperio.

Theorias novas, com effeito, e tão novas, que o orador cre que não haverá no Brazil mais pinguem que as sustente! Duvida que mesmo no seio de seu partido, entre os conservadores de crenças mais enraizadas e mais firmes, ache o nobre senador sectarios para as suas doutrinas de irreformabilidade de alguns artigos da constituição, que S. Exc. considerou essenciaes. Seria preciso que voltassem muito atrás, que tivessem saído do Brazil e emigrado para o velho mundo europeu para acreditar que em uma camara legislativa de um paiz que tem uma constituição na qual se consagra o dogma da sabedoria da nação, donde derivam todos os poderes publicos, houvesse quem sustentasse que a constituição desse paiz ha artigos que não são reformaveis!

O senado entretanto, sabe que o nobre senador não se contentou de emitir essa opinião uma vez: o orador esperou pela segunda, porque não podia acreditar no que ouvira: ha certas idéas que não se podem esperar de um homem como o nobre senador, quando não seja por sua illustração e seu talento, por serem anachronicas, caducas, idéas do direito divino a respeito da monarchia constitucional no Brazil.

A opinião do nobre senador importa nada menos do que o reconhecimento de que ha no Brazil poderes politicos que, uma vez estabelecidos, não é mais possível reformal-os, ficão sendo eternos! Se S. Exc. chega a esta consequencia, para ser logico deveria estabelecer que não é admiravel reformar artigo algum relativo a um poder que tenha nascido com a constituição quando foi outorgada; entretanto a constituição não faz distincção alguma entre aquelles de seus artigos que são reformaveis e os que o não são.

Porventura se o corpo legislativo decretar a reforma do artigo da constituição, que consagra a religião do Estado (o mais importante da constituição, ainda mais do que o que é relativo á forma do governo), e os eleitores derem po-

deres para isso á camara que se seguir, entende o nobre senador que esta não tem o poder de mudar a religião do Estado?

É catholico e muito catholico; mas reconhece que uma das aspirações do paiz é a. egreja livre no Estado livre. Ainda ha pouco, uma monarchia da Europa, representante de idéas antigas, a Austria, realizou reformas importantissimas, que importam a suppressão da egreja do Estado. Tem se visto em luta com a curia romana; e porque? para estabelecer o casamento civil, para facilitar o principio religioso livre, que é restricto pela concordata. Ora, quando as monarchias velhas não se descuidam de melhorar suas condições politicas, apesar dos embaraços com que lutam, pôde-se, deve-se hesitar em satisfazer as legítimas aspirações dos povos?

As doutrinas do nobre senador pelo Rio de Janeiro levam a esta consequencia: que a constituição de 1824 foi-nos outorgada pelo Sr. D. Pedro I com a condição do Brazil ser sempre monarchico, ser sempre catholico, e tudo o mais que S. Exc. considera artigos essenciaes da constituição; d'onde se conclue que só por meio de uma revolução pôde mudar essas condições essenciaes!

O nobre senador ainda hoje deu um signal do pouco que quer conceder; disse: «Concordamos na necessidade de algumas reformas administrativas; constitucionaes, não.» Estas palavras indicam a profunda separação que existe entre o partido conservador e o liberal.

Entende o orador que o paiz não pôde regenerar-se sem reformas constitucionaes, porque sem estas não é possível melhorar o nosso systema eleitoral do modo que corresponda á esperança de obter-se a verdade do regimen representativo. Sem reformas constitucionaes não é tambem possível satisfazer a mais justa das aspirações das provincias: o alargamento das attribuições das assembleas provinciaes.

No estado em que acham-se as provincias é impossível continuar por muito tempo a união do Imperio: ellas são tratadas como colonias e não como partes integrantes do Estado. O governo o que lhes manda é algum presidente commissario de eleições; ellas são viveiros de deputados para virem aqui apoiar o que os ministros querem; não têm vida propria, não têm campo para sua actividade; estão condemnadas a mingoar, reduzidas ao mais triste papel. (Apoíolos).

E depois dizem que as assembleas provinciaes têm abusado, que vão para alli, como declarou o nobre senador pela Bahia (o Sr. barão de S. Lourenço), os meninos dos cursos juridicos fazer o seu 6.º anno, e por isso as assembleas provinciaes tem cabido em descredito. Mas como é possível que ellas tomem ao serio a sua representação provincial, como é possível que o fazendeiro, o proprietario importante da provincia queira, como dantes, soffrer os prejuizos resultantes de sua ausencia de seus estabelecimentos, do abandono de suas casas, para estarem dous ou tres mezes na capital, com os trabalhos da assemblea provincial, quando o governo geral pega em um juizinho de direito ou municipal, e manda-o tambem fazer o seu 6.º anno em uma presidencia importante? Ha de um homem serio e importante ir para a assemblea provincial quando estiver presidindo a provincia algum desses filhotes, que só alli vão com alguma commissão eleitoral, e de ordinario não fazem senão perturbar a marcha das assembleas?

Todos esses estadistas em ensaio, quando vão ás provincias e mettem-se a fazer alguma cousa, de ordinario não fazem senão cousa má. Se as assembleas procuram fazer as leis de orçamento expurgadas de delegações legislativas, os presidentes o que querem são autorisações vagas, de grande arbitrio, até já não sancionam essas leis: custa-lhes muito pouco a dirigir uma circular aos collectores, mandando continuar a cobrança de impostos.

É impossível continuarem as cousas assim, sem se dar ás assembleas provinciaes uma tal ou qual autonomia, sem se acabar essa symetria incómoda, absurda, isto é exigir-se que uma provincia pequena, falta de meios, seja administrada como uma grande provincia, onde abunda a riqueza? Porque razão não ha de uma provincia poder ter, se quizer, uma administração muito differente da outra, mais accommodada ás suas faculdades, aos seus interesses peculiares?

Se querem assegurar a monarchia no Brazil, é preciso descentralisar: se não se der vida propria ás provincias, se lhes atarem os braços a respeito de seus interesses mais immediatos, dia virá em que ellas perceberão que a união lhes traz interesse; será um máo conselho, mas no dia em que o ouvirem não poderá o governo appellar para a força de umas afin de conter as outras, porque as voses das provincias, por causa do abandono em questão, hão de ser ouvidas por todas.

É por isso que o orador faz todos os dias pela paz, e tem tido a coragem de diser na tribuna que a primeira necessidade do paiz actualmente é a paz. Precisamos da paz para poder ter liberdade; não devemos sujeitar-nos a viver, como somos, escravos do governo, para dar liberdade ao Paraguay; é muita abnegação, sujeitar-nos ao papel de escravos, para libertar aquelle paiz!

O nobre senador pelo Rio de Janeiro, enunciando francamente suas idéas, faz sem duvida um serviço publico, porque deu a saber o alcorão do seu partido, que não quer absolutamente reforma alguma da constituição: abriu um sulco profundo, que deve ser aproveitado, para dividirem-se de um lado e outro as opiniões politicas.

E não se pense que só ha matises, differenças de opiniões do lado liberal: tambem os ha do lado conservador. Esteja certo o nobre senador de que existem herejes na sua igreja: pelo menos cre o orador faser justiça ao patriotismo, á intelligencia de muitos membros da actual camara electiva, persuadindo-se que não adoptam as doutrinas do nobre senador; o seu programma deve sem duvida alguma, mesmo na época presente, oppôr algum embaraço á ascensão de s. exc. ao ministerio.

O nobre senador foi muito explicito; não só declarou que reforma constitucional nem uma e que a constituição é irreformavel em certos artigos, como quando annunciou os pontos em que o seu partido concede reformas disse: «Queremos a reforma judiciaria; mas o que pretendes reduz-se á creação de autoridades electivas, que hão de ser agentes das facções em lugar de auxiliares do governo.» Aqui revelou-se o nobre senador com toda a ingenuidade: já deixou ver que não consente que haja autoridades policiaes provenientes da fonte da eleição.

Ora, é justamente este o ponto principal em que os liberaes têm procurado formar a opinião no sentido da reforma: porque o que se pretende é tirar ao governo a influencia demasiada que tem na eleição; e o meio de tirar-lhe essa influencia, primeira aspiração liberal, é deixar de existir essa rede de autoridades policiaes immediatamente dependente delle.

Assim, o nobre senador pelo Rio de Janeiro ja fez um serviço, dando uma idéa do que seu partido pretende faser. Ora, isto que pretendem faser não presta; e já se vê que as reformas annunciadas por s. exc. tem de ficar reduzidas a cousa nenhuma.

(Continua.)

## LITTERATURA.

### HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

(Conclusão.)

«Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, diz este critico, não podemos deixar de suppor entretanto, que M. A. Alvares d'Azevedo, tomaria como poeta um dos primeiros logares na lit-

teratura de Portugal e do Brazil, se tão cedo não deixasse este mundo.

A sua perda é d'aquellas que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. Era um talento innovador, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horisontes, impellido pelo fogo de sua inspiração, e tambem pela madureza de seus estudos.» Como Azevedo falleceram jovens. Casimiro d'Abreu, Franco de Sá, e Dutra e Mello, a quem o futuro se mostrava risuho.

Quando memoramos factos d'esta ordem, quando consideramos no desaparecimento repentino da senda da vidade mancebos talentosos para quem despoitava apenas a aurora de um grande porvir, não podemos impedir a torrente de idéas tristes que mostram a nihilidade das cousas humanas; e é então que comprehendemos quanta verdade encerram estes versos do Sr. Silva Guimarães:

Triste illusão! o leve maliz d'ouro

Que a vida embellecia,

A um sopro só da sorte esvaeceu-se,

Sumio-se n'um só dia!

É tudo assim;—nos céos brilha um momento

Risonha, alva manhan,

E não vê deslizar mais que, uma aurora

Do valle a flor louçan.

Apenas do festim da natureza

Libamos as primicias,

Que logo a nossos pés cahe em pedaços

A taça das delicias.

E porque?—interroga então uma voz intima que dentro de mim sinto revoltada com a impassibilidade dos factos,—porque abandonam-a os filhos da terra onde dir-se-hia que a vida multiplica-se como por encanto?

É porque no combate que dá-se entre a natureza de nossa patria e esses eleitos da poesia; estes querendo abrangel-a, aquella vestindo-se constantemente de mais gallas e louçanias, o homem succumbê e triumph a natureza.

Alem dos citados temos muitos outros poetas distintos, como sejam: o Dr. D. J. Gonçalves de Magalhães auctor da *Confederação dos Tamoyos*, epopêa, *Suspiros Poeticos* e *Urania*, collecções de poesias; M. d'Araujo Porto Alegre, de das *Brasiliannas*; Pedro Calasans, de dous volumes de bellas poesias; Bittencourt Sampaio, das *Flores Silvestres*, &c; que por estarem vivos deixamos de mencionar algum juizo sobre elles.

Concluido aqui o nosso trabalho, cabe-nos a obrigação de agradecer a aquelles que nos têm acompanhado no nosso esboço litterario, e pedir desculpa aos instruidos dos erros involuntarios de um principiante.

San Luiz, 1869.

D. A. Martins Costa.

## NOTÍCIAS.

### CHRONICA URBANA.

Por se achar prompto o nosso jornal não podemos ser minucioso, referendo com promenores as noticias hontem traidas pelo paquete *Guard*, entrado quasi ao meio dia.

O exercito alliado em poucos dias conquistou virentes louros em tres victorias successivas, tomando de assalto Acurra, Perebebuy e Caraguathey, dando forte batalha nos arraiaes inimigos.

—No ataque de Perebebuy, succumbio, traspassado por duas balas, o intrepido general João Manoel Menua Barreto.

Lopez fugiu, e os alliados se puseram ao seu encalço, havendo já aprisionado dous dos seus mais sanguinarios auxiliares.

Inaugurara-se o governo provisório em Assumpção.

—No Rio de Janeiro falleceram, o chefe de divisão José Segundino Gomenoro, e o poeta portuguez Francisco Xavier de Novaes.

—Veiu de passagem para esta provincia o illustre deputado á assemblea geral e presidente do Piahy, o exm. sr. Gomes de Castro.

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Manoel Cactano de Leões.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 21 de Setembro de 1869.

### O FUTURO DO BRAZIL.

Viajores do futuro, operarios do engrandecimento nacional, os brasileiros, congrassados em sancta cruzada, devem trabalhar com fê para a conquista desse bello desideratum.

Forças deslocadas, embora robustas, aqui e ali empregadas, nada conseguem. Ha o conato de um dia, de um seculo, mas o resultado da obra é duvidoso.

As grandes emprezas demandam grandes committimentos. É mister considerar que a nação é de todos nós, e temos labores communs.

Os que governam e os que são governados têm o duplo dever de consorciar-se para levar ao termo a monumental obra da construção nacional. Si para aquelles ha uma responsabilidade suprema na gerencia dos negocios publicos, para estes não menor é si porventura mal avisados andarem na escolha dos seus mandatarios.

O nosso regimen politico favorece a nação para o cabal desempenho desse dever arduo. «Uma das excellencias do systema representativo, diz um publicista contemporaneo, consiste em dar occasião de apparecerem e de serem procurados os homens de verdadeiro talento para se occuparem no serviço publico.»

Ora, a indole do povo brasileiro é excellente: morigerado e obediente, elle é apto para dar lustre á nação que offereceu-lhe um berço alcatifado de odorosas flores.

Considere-se, por outro lado, a natural aptidão dos nacionaes, e não haverá razão para temer que o engrandecimento nacional seja um problema de solução difficil.

O que, porém, todos lamentam é o nosso atrazo quando se estuda isoladamente a physionomia do paiz, seu verdadeiro estado, em qualquer ramo de arte, de industria, e de sciencia.

Não é que marchemos na retaguarda do progresso, mas é que não possuímos o total da grande somma de melhoramentos á que nos dão direito os nossos recursos.

Acompanhamos as nações cultas no avançamento agigantado d'uma civilização secular: mas o nosso passo é lento. é o andar do infante, que não o do varão.

Em litteratura temos prosadores e poetas notaveis, mas não possuímos a cor local nos nossos escriptos, isto é, a litteratura nacional não existe.

Em sciencias ha estudos serios e resultados mediocres: dependem mais das applicações praticas, que das theorias apprendidas em authores estrangeiros, que defendem e applicam os principios á circumstancias que nos não competem.

Em artes, nosso estado é embrionario, somos chrysalidas, fallece-nos tudo, desde a iniciativa até a animação.

Cumpra averiguar as causas desse como marasmo que paira sobre a nação, derramando entorpecimento sobre os ramos em que desenvolve-se a actividade humana.

Grandes culpados ha, occasionadores do nosso atrazo, como ponderosas causas motivam-no.

Salta aos olhos do mais inexperiente observador que prepondera a rotina onde devêra imperar o progresso.

Por mais d'uma vez indigitamos, o governo como auctor do atrazo e o

povo como sustentaculo desse phantasma que á todos illude e seduz.

O paiz desde remotas eras, desde o seu coineço, ha sido presa dos partidos e victima de sua influencia: não que os partidos tragam morte ás nações, porem elles podem ser instrumentos afiados nos dous gumes, um dos quaes corta para o bem e outro para o mal.

Nossa vida politica assemelha-se ao trabalho dessa criação mythologica, que urdia e desurdia continuamente sem offerecer resultado.

Nossas leis formam uma indigesta coleção de preceitos contradictorios, sem principios certos, philosophicos, que por ventura assentam os alicerces de toda legislação racional.

Quando o partido dominante não vive no *dolce far niente*, governando o paiz com leis feitas por seus adversarios, que hontem mereciam censuras acres, limita-se áppresentar reformas não sazoadas, e que não estão no espirito, nas necessidades publicas.

Na Inglaterra a lei é a expressão da vontade nacional, é aquillo que o povo quer: de modo que passando nas camaras uma lei, e sendo approvada pelo governo, já a opinião nacional discuti-a, approvou-a, sancionou-a.

Haja vista a grande lucta occasionada pela ultima lei exigida pela conveniencia publica, a da abolição da egreja official d'Irlanda: uma idéa por assim dizer perenne devia predominar. Desde os mais humildes debates dos meetings até as homericas luctas parlamentares tiveram seu triumpho.

É admiravel que no Brazil se não tenha a mesma vida livre no regimen liberal que admittimos. Nenhum povo tem elementos de mais liberdade; nenhuma nação do universo possui instituições mais democraticas.

Infelizmente, porem, o povo entrega-se inactivo aos paternaes cuidados d'um governo que as mais das vezes é desleal, traindo os principios da constituição, sacrificando-a aos interesses do seu partido, e estabelecendo no imperio o egoistico personalismo.

Falta ao povo o interesse da inspecção, que deve ter sobre todos os seus direitos. Avantajam-se sobre nós todos os povos livres, e os que trabalham para essa bella conquista.

Edificantes exemplos e proveitosas lições poderíamos colher na vida politica dos inglezes e americanos do norte. Nada lhes é indifferente. E não podemos saber como um povo entrega-se á semelhança de um rebanho de doces ovelhas á tutela de pastores que o levam á seu talante.

O espirito publico é quem forma as nacionalidades, e somente no regimen despotico deixa de haver expansão de idéas, manifestação de pensamentos.

Quando há verdadeira liberdade o espirito nacional revela-se nobre e generoso, franco e leal. Quizeramos vêr no paiz esse symptoma de soberania.

É mister, porem, que como condieção de verdadeira garantia da manifestação do espirito nacional houvesse a necessaria somma de instrução nas massas: e é por ventura que entre nós ha ausencia de opinião publica, porque também ha a da instrução.

O grande patriota fundador da republica americana, o immortal G. Washington, profundamente conhecia esta verdade quando disse com acerto: «A proporção que a organização de um governo dá força á opinião publica é necessario que esta opinião publica se illustre, que se esclareça, para que possa comprehender a missão sublime que tem

a preencher na direcção e no governo do paiz.»

É, pois, o que nos falta em essencia, é abundante ou pelo menos conveniente luz nas massas. Eduque-se o povo, illustre-se, forneça-se luz á quem erra nas trevas que atingiremos á desejada meta.

Virão as restêas do fecundo sol do progresso illuminar-nos, e comprehendemos os periodos de ouro da nossa constituição. Não será obra de um dia, mas caminharêmos em busca da prosperidade.

Nessa marcha rutilante do futuro lembremo-nos das meigas palavras do cysne, que acabou de soltar o seu derradeiro canto:

«Os desenvolvimentos do espirito humano, diz A. de Lamartine, são lentos como os periodos da vida das nações: a obra do futuro é o trabalho de muitas gerações.

### POLITICA.

#### A GUERRA DO PARAGUAY.

Merece ser lida com interesse a seguinte apreciação critica feita pelo correspondente de Londres para o *Jornal do Commercio* sobre o apparecimento de um livro que nos diz respeito:

«Acaba de ser aqui publicado o livro do coronel Thompson sobre a guerra do Paraguay. Pelo que tenho visto dos documentos que elle encerra, apenas posso dizer que é obra interessante e que o auctor popõe-se a narrar os acontecimentos desde 1864 até 1868, citando a cada passo datas, transcrevendo trechos dos documentos officiaes de modo a dar ao seu livro certo tom de authoridade e de prendimentos de paixões; entretanto foi elle escripto sob o dominio de forte prevenção contra o Brazil. Assim se devia esperar de um homem que esteve ao serviço de Lopez, que viveu por espaço de 11 annos sob o dominio do despotismo, a que difficilmente escapou, graças ao Brazil, e que não está habituado a analysar os acontecimentos que se passam em torno de si.

O coronel Thompson, entretanto, confirma quanto do máo se tem escripto ou contado sobre a serie de despotas cruéis, que, por mais de meio seculo, tem tido em suas mãos o paraguay. Francia, segundo elle, foi um demonio com figura humana; Lopez 1 não foi melhor, e Lopez II é, palavras do auctor do livro, *um monstro sem paralelo*, o que o coronel Thompson só descobriu pelos fins do anno de 1868, quando o Brazil o habilitou a escapar de suas garras. Esta apreciação refere-se, como disse, a época modernissima, posto que o coronel Thompson narre como anteriormente ao fim do anno de 1868 já Lopez matara seus officiaes, mettêra em masmorras seus adversarios e mandara degolar seus prisioneiros.

Além de cruel a ponto que excede a cruel humano, Lopez é, segundo o escriptor, glotão, amigo de bebidas e co-varde.

A principio diz o coronel Thompson que tomou parte na guerra pela necessidade da mudança de ar e para fazer um passeio militar; ou, por outras, era elle uma especie de aventureiro que realisava no Paraguay aquelles typos de que falla Byron no *Don Juan*, quando falla no cerco de Ismail, e diz que havia alli muitos inglezes, dos quaes dezénove se chamavam Thompson e dezeseis Smith.

Não nega o coronel que Lopez, quatro annos antes que o escriptor descobrisse que era elle um monstro, já se preparava para atacar seus vizinhos, en-

tão despercebidos e sem meios de se opporem. Pelo contrario, conta, sem talvez, a verdadeira importancia do que expende, quaes eram estes preparativos. Mostra que Lopez apoderou-se traioeiramente dos navios de seus vizinhos, invadio seu territorio, declarou-lhes guerra, impedio a passagem para Matto-Grosso, destruiu cidades, assassinou a respectiva população e tentou um esforço desesperado para apoderar-se de Buenos Ayres. Contando tudo isto ingenuamente, sem encobrir couza alguma, procura entretanto ás vezes desculpar taes actos e insiste em dizer que foi crime imperdoavel do Brazil e verdadeira loucurda alliança de Buenos-Ayres contra a invasor do seu territorio, o destruidor de seu commercio e tranquillidade, o interruptor da navegação dos rios, onde estes Estados tinham os maiores interesses, o ambicioso que secretamente se preparava para empolgar a supremacia no Rio da Prata, o dominio dos rios e para continuar o despotismo de Francia e de Lopez 1.

Ainda não estou muito adiantado na leitura da obra, mas tenho já lido quanto basta para poder assegurar que o coronel é mais forte em prevenções do que em logica, e que não pretende passar por politico sagaz; entretanto, repito, não me parece que elle obre com má fé e deliberada injustiça; o seu erro (e que é mais commum do que geralmente se pensa) consiste em ser inferior á tarefa que comprehendeu. Apesar de tudo isto, o seu livro, pela falta de cousa melhor sobre o mesmo assumpto, será sem duvida muito procurado e lido. Assim mesmo como está, não ha de agradar aos partidarios e defensores de Lopez na Inglaterra, excepto nos trechos em que se mostra injusto e prevenido contra o Brazil.

A medida que for progredindo na leitura, irei também fazendo novas observações sobre o livro do coronel Thompson.»

### INDUSTRIA.

#### METEOROGRAPHO ROMANO.

Para que as observações sejam muito numerosas durante o dia e a noite, é da maior vantagem empregar instrumentos que registrem elles mesmos a todo o instante as influencias atmosfericas. Diversos instrumentos meteorologicos registadores apresentava a exposição universal de Pariz, mas sem duvida o mais notavel e que constituia um dos mais bellos especimens dos instrumentos scientificos da classe XII, o que enfim representava uma das maravilhas da exposição, era o meteorographo do illustre padre Secchi, director do observatorio romano.

O meteorographo do habil sabio romano registava graphicamente por meio da electricidade as diversas variações dos phenomenos meteorologicos; era na secção dos estados pontificios na galeria das artes liberaes, que o magnifico meteorographo electrico se achava exposto á admiração dos observadores.

O bello instrumento de que nos occupamos tem um relógio na parte superior; este relógio dá movimento a dois grandes quadros collocados verticalmente, um A B na face ante-

rior do aparelho, outro na face posterior que lhe é paralela; sobre cada um d'estes quadros está uma folha de papel dividida por linhas rectas horizontaes em que estão marcadas as horas e dias. É sobre estas folhas de papel que diversos lapis marcam as diferentes indicações dos phenomenos meteorologicos. O movimento dos quadros é vertical e muito lento, um leva dois dias e meio a percorrer o seu curso todo, o outro leva dez dias. Em virtude da lentidão d'estes movimentos as curvas traçadas pelos lapis são muito pronunciadas e desenvolvidas, o que muito facilita a observação dos detalhes e das virações dos phenomenos atmosfericos.

Sobre o primeiro quadro, cujo curso é de dois dias e meio, registam-se as alturas dos thermometros secco e molhado, as do barometro e a hora da chuva. Sobre o segundo, cujo curso é de dez dias, regista-se a direcção e velocidade do vento, a hora da chuva, a pressão atmospherica e a temperatura do sol.

Para registrar a direcção do vento ha um catavento que se acha fóra do edificio; segundo o rumo d'onde sopra o vento assim fecha o circuito de algum dos quadros electrico-imans e attrahindo a respectiva armadura, a qual por meio de alavancas e parallelogrammo articulado move um lapis que risca sobre o papel e indica a direcção do vento; ha quatro lapis correspondentes aos rumos de vento N. S. E. O.; os outros rumos de vento são indicados pelos lapis d'aquelles entre os quaes se comprehendem.

Para estes effeitos a pilha que emprega o padre Secchi para activar os electro-imans, é uma pilha de sulphato de cobre, na qual o vaso poroso é substituído por areia, e que apresenta grande constancia e duração.

Para indicar a velocidade do vento ha fora do edificio, ao ar livre, um molinete de quatro hemispherios de Robinson que anda tanto mais depressa quanto maior é a velocidade do vento, sendo a velocidade do molinete proxima a um terço da do vento. O molinete tem tres contadores postos em movimento pela corrente

electrica, que passa respectivamente em tres electro-imans d' d' d', cujo circuito é interrompido por um excentrico montado no eixo do molinete. A corrente passa sempre no contador central, qualquer que seja o rumo do vento, e em cada volta do molinete a roda de escapo do contador avança de um dente pela acção da electricidade; este contador marca pois o numero de voltas do molinete; um quadrante indica desenas de metros, o outro quadrante indica kilometros da velocidade do vento.

A terceira roda do contador central tem uma roldana que por meio de um dente se liga a uma roda fixa sobre o mesmo eixo; sobre esta roldana passa uma cadeia que corre sobre diversos gornes e faz mover o parallelogrammo em que está montado um lapis v, que risca sobre a folha de papel do quadro do instrumento, cujo curso é de dez dias; a linha traçada pelo lapis é tanto maior quanto maior for o comprimento desenrolado da cadeia, isto é, quanto mais andar a roda, e portanto quanto maior for a velocidade do vento.

No fim de cada hora um excentrico fixo no eixo principal do mecanismo do relógio que bate as horas, desengata a roldana do contador; immediatamente fica livre a acção de um contrapeso p que está ligado ao parallelogrammo do lapis e que faz voltar este ao ponto de partida.

O contador central recebe movimento de um peso. Os outros dois contadores d'e recebem movimento da oscillação da armadura; estes dois contadores servem para observações especiaes de certos ventos.

O barometro que indica a pressão atmospherica é um barometro de balança de braços iguaes; a um d'estes braços está suspenso um tubo h de ferro forjado sem soldadura alguma, torneado por dentro e por fora, o qual fluctua livremente em mercurio sobre um cylindro de ferro; este tubo tem 2 centimetros de diametro; a sua camara barometrica tem 6 centimetros de diametro; ao outro braço da balança está suspenso um contrapeso que mantem o equilibrio. Realisam-

se assim as condições hydrostaticas que permitem equilibrar a pressão atmospherica; para a pressão media o travessão da balança está horizontal; as variações da pressão atmospherica fazendo variar o nivel do mercurio no tubo, fazem variar o pezo d'este corpo fluctuante, e portanto fazem subir ou descer o tubo; as oscillações do travessão II que acompanham pois as variações da pressão atmospherica são transmittidas a dois parallelogrammos articulados que sustentem os estyletes com os lapis l que sobre sobre o papel traçam as curvas barometricas nos dois quadros graphicos; cada millimetro de pressão é representado no papel por 3 millimetros.

Para as indicações psychometricas, o relógio no fim de cada quarto de hora, por meio de um excentrico montado no eixo de uma roda que faz uma volta neste tempo, faz mover uma alavanca triangular, a qual por meio de um fio do aço feroldanas faz mover um quadro vertical collocado em uma parede perto do meteorographo; aquelle quadro tem dois fios de platina, os quaes entram respectivamente nos thermometro secco dá a temperatura do ar, o outro cujo reservatorio está envolvido em cassa molhada dá a humidade do ar.

O movimento do quadro dos fios de platina é solidario com o de um carro, o qual tem uma especie de telegrapho de Morse e que corre sobre carris. Esta parte do mecanismo, ficando na face opposta ao quadro A B não é visivel na figura.

No momento em que um dos fios toca no mercurio de um dos thermometros, por exemplo, no secco, fecha-se o circuito no electro-iman do carro, a armadura attrahida faz mover um lapis que marca o principio de uma linha escura representando a altura thermometrica; o carro continua a andar até que o outro fio de platina toca no mercurio do thermometro molhado, fecha-se então o circuito no electro-iman do relays r collocado por baixo do carro, o qual interrompe o circuito do electro-iman do carro, e o lapis deixa de escrever:

O carro voltando para traz produz-se um phenomeno inverso. Obtem-se assim as duas curvas thermometricas dos thermometros secco e molhado. A comparação destas duas curvas dá, como é sabido, o estado hygrometrico da atmospherica.

Para as indicações da chuva ha um pluviometro, o qual tem um reservatorio de 19 centimetros de diametro; este reservatorio recebe por meio de um tubo a agua da chuva que cae fóra, por cima do telhado, em um funil de 28 centimetros de diametro; a agua vae-se accumulando no reservatorio até adquirir um certo peso que por meio de uma alavanca faz subir um fluctuador ao longe de uma régua graduada g, elevando uma cadeia que passa em uma roldana que tem um disco de papel; o que a cadeia sobe é proporcional á quantidade de agua que chove, e portanto tambem proporcional ao que gira a roldana; ao longe do raio d'esta roldana move-se um lapis muito lentamente (5 millimetros por dia); este lapis marca sobre o disco do papel da roda a altura da agua que choveu; cada millimetro de altura de chuva é aqui representado por 4 millimetros.

Para indicar a hora da chuva, ha um electro-iman é, cujo circuito se fecha quando o pezo do pluviometro desce; o electro-iman magnelizado attrahie uma armadura que faz mover um lapis s, o qual marca um traço no quadro graphico sobre a hora correspondente. O circuito é fechado por meio de uma pequena roda de copos collocada por baixo de uma goteira ou calha por onde vem a agua.

Para indicar as temperaturas ha um fio de cobre de 16 metros de comprimento estendido sobre uma viga de madeira de 8 metros; as dilatações do metal actuam sobre uma alavanca e fazem traçar a um lapis laes curvas thermometricas.

Tal é a disposição geral do meteorographo electrico de Secchi, magnifico instrumento que constitue só por si uma especie de observatorio.

As diversas partes d'este instrumento são muito bem combinadas e a sua execução é perfeita; foi cons-

## FOLHETIM ORIGINAL.

### GRAVIA GRAVIUS GRAVANTUR.

NOTAS DE UM ABSTRACTO.

Certo dia achava-se um philosopho de mau humor, e bradou aborrido, mas em tom prophetic: *Quêda não é baque, e baque não é quêda.*

Sciencia infusa e profusa!

Era mais uma verdade que entrava no cofre, ou melhor no thesouro da humanidade. E tanto mais preciosa ella era quanto que podia ser simplificada n'um axioma facil de demonstrar magistralmente pela lei da duração.

Sem sophisma, é possível formular este syllogismo debaixo da melhor forma de sciencia: *O que pesa com peso cae e não baquea: ora o leme do estado pesa com peso; logo o leme do estado cae e não baquea.*

Corollario: *Quêda não é baque.*

Outro syllogismo bem feito segundo as regras: *O que vaa sem pennas baquea e não cae: ora a constituição do Brazil vaa sem pennas; logo a constituição do Brazil baquea e não cae.*

Corollario: *Baque não é quêda.*

—Alto! brada o governo. Nego a consequencia, que não está contida nas premissas.

—Alto! estrônda um membro do partido dominante. Nego a maior, que é falsa em todo o sentido.

—Alto! treveja a opposição. Nego a menor, que é de pura invenção.

—Pois então discutamos, diz o primeiro.

—Provemos, replica o segundo.

—Combatamos, conclue o terceiro.

Attenção! A luta está travada, e vamos divertir-nos um pouco.

—O que temos? pergunta o abelhudo, isto é, o povo. Ha escaramuça? Nada; isto não é conveniente. Não quero barulho: não se deve perder um tempo precioso em cousas estereis. Tratare de negocios graves...

—Quem é que falla aqui em tom de barytono? inquiri um da cadeira.

—Ora! quem hade ser? é o miseravel soberano das mil e uma regalias...

—Fôra com esse birbante, que manda aqui tal estafermo para dizer taes disparates.

—Porteiro, cumpri o vosso dever, rosna o *Sacerdos Magnus* da turba.

—Toma, toma para o teu tabaco, biltre, exclama em contralto uma casaca agaloada: vae plantar batatas e comer feijões, que o mel não é para aboccado asno...

Todas as salas estrugiram com gargalhadas estrepitosas, e depois reinou um silencio de morte, apenas interrompido pelo som compassado da pendula do relógio.

Agora me perguntarão, talvez, onde ficou a demonstração do syllogistico axioma, parto da intelligencia do grande philosopho; mas não vejo motivo para fazerem-me tal questão. Em materias de transcendencia é mister meditar, tomar apontamentos, encorporar-os em discursos, e fazer depois uma exposição esplendida: *Gravia gravius gravantur.*

Não é de outra sorte que se impõe aos tolos, Snrs. leitores das duzias; peço-vos que me respeiteis na cathgoria em que me acho de representante das ideas do povo no meu folhetim. Bem sabeis que a constituição me garante o direito de irresponsavel e improcessavel. Contende-vos nos limites da vossa constitucional soberania (si tal ha); mas não me provoqueis, porque não se zomba impunemente de nós outros, os homens da invulnerabilidade.

Eu disse: *Quêda não é baque, e baque não é quêda.*...Quô mais quereis? Por ventura a lei da duração já citada não é bem clara? Tambem quereis reformas e

reformas constitucionaes? Vêde bem o que pedis, afim de não vos arrependeres depois. Não estaes contentes? Quereis um emprêgo qualquer? Quereis uma patente de official, alguma commissão rendosa ou outra cousa semelhante? Ah! já comprehendol! Quereis talvez roer algum osso mais gordo... Pois então, amigos, batei á porta dos que governam, que aqui só ha verdades, gordas sim, mas muito pesadas. Eis a razão porque sempre estou a bradar: *Gravia gravius gravantur.*

Mas enfim, como sois bons freguezes, quero contentar-vos com alguma cousa.

Conheceis a esthetica? Então ouvi uma historia.

Havia um gigante, desses gigantes verdadeiros, de que falla a historia. Gordura em quantidade immensa possuia elle, e isto o trazia preguiçoso e negligente. Para não ser interrompido no somno profundo, á que gostava de entregar-se, atravessou os mares d'um pulo, e veio descansar n'um paiz desconhecido. Alli estava á gosto e muito bem, quando vieram umas aves de arribação e começaram a espicaçar-lhe as carnes.

Bem vêdes que isto era um martyrio. Atordado das dores, que lhe faziam sof-

truido este instrumento em parte por Destouche, e em parte por Bravart. Comquanto seja bastante complicado o meteorographo de Secchi já tem por si a sanção da experiencia; pois que um instrumento semelhante tem funcionado já durante sete annos em um observatorio romano. Figuravam tambem na exposição alguns quadros graphicos que mostravam os resultados de observações meteorologicas feitas em Roma com o dito instrumento.

A justiça pede que se diga o bello aparelho exposto na secção dos estados pontificaes, não é o primeiro que apparece n'este genero. Em 1843 Wheatstone, em Inglaterra, apresentou um registador meteorologico que de cinco em cinco minutos marcava a qualquer distancia as indicações do barometro, thermometro e psychrometro, e posteriormente Du-Moncel imaginou o seu aemmo grapho-electrico. Entretanto o meteorographo de Secchi até hoje, é o mais completo e mais bem disposto dosapparelhos registadores dos phenomenos meteorologicos.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### ASYLO DE SANTA THEREZA.

(Conclusão.)

Este estabelecimento, embora degerado de seu fim primitivo desde sua instituição, e apesar de não corresponderem infelizmente seus resultados ás despesas, que com elle fazem annualmente os cofres Provincias, tem sido muito procurado. Crescendo muito o seu n.º, e estudando o seu estado, o Dr. Antonio Epaminondas de Mello, quando Presidente d'esta Provincia resolveo expedir a seguinte Portaria:

«Palacio do Governo do Maranhão 20 de Abril de 1868.—O presidente da provincia, a quem foi presente o officio do Director do Asylo de Santa Theresa de 13 de Março ultimo, acompanhado de uma relação nominal das educandas existentes n'aquelle estabelecimento, da qual se vê que entre as sessenta pensionistas da Pro-

vincia são filhas legitimas apenas treze;»

Considerando que as filhas naturaes, em tão grande desproporção admitidas no Asylo, não estão comprehendidas nem na lettra, nem no espirito do regulamento de 16 de Janeiro de 1855, como claramente se vê do art. 2.º, pelo qual é determinado o fim d'aquella instituição;

Considerando que, não podendo ser muito crescido, em vista dos demais encargos do Thesouro, o numero das protegidas da Provincia, não fôra razoavel suppôr que o legislador em vez de limitar-se a amparar as orphãs desvalidas, quizesse estender o beneficio indistinctamente á todas as menores desvalidas, dando assim tanto ás filhas de união legitima, como as de qualquer outra união, igual titulo a seu favor;

Considerando que com quanto para certos effeitos da lei civil os filhos naturaes sejam equiparados aos orphãos todavia não são orphãos no sentido proprio e rigoroso da palavra;

Considerando que a intelligencia dada sobre este objecto ao citado regulamento, não só tem desnaturado o fim da instituição, como permittido o abuso de serem educadas á expensas da Provincia menores filhas naturae de paes abastados;

Considerando finalmente que nas circumstancias actuaes, mais do que em quasquer outras, o governo, afim de amparar as filhas dos voluntarios da patria e satisfazer para com elles tão sagrado compromisso, carece de dispôr de vagas n'aquelle estabelecimento;

Resolve, firmado no art. 24 do § 4.º da lei de 12 de agosto de 1834, determinar que d'ora em diante não sejam admittidas no Asylo de Santa Theresa senão aquellas menores que, alem das demais condições especificadas no Regulamento de 16 de Janeiro de 1855, provarem que são desvalidas e orphãs legitimas, ou legitimadas.—Antonio Epaminondas de Mello.—

Foi esta medida derogada pela forma seguinte:—1.ª Secção.—«Palacio

A esthetica tinha ficado sem prestimo, e o pobre moribundo vingou-se em chorar e em arrepiar se.

A estenographia respondeu á esternutação e o monstro de górdura ficou phthísico.

Tratemos d'outro assumpto, que talvez vos agrade mais. Quero em tudo mostrar-vos que desejo o vosso bem estar. Um homem da minha laia não engana, porque nada espera dos altos destinarios do mundo.

Uma nova geração vai succeder á esta nossa, que já caduca e cochila. Convém não esquecer a nova descoberta sobre o esgotamento do ouro. Nós seremos contactados como antediluvianos do seculo de ferro, que tem de apparecer em scena. Cozas portentosas serão realizadas em tempo, e nós seremos julgados *sicut et alios*.

A consciencia publica conclama esta verdade, e a particular não está em desaccordo. Bom é que nos entendamos, para evitar os contrastes.

O nosso bello torrão dá estouros; mas o estopim não estortega as membranas e mais estolhos, que vêm surgindo.

A nossa legislação é uma ridicula es-

tranhadeira, que não se move; ou antes,

do Governo do Maranhão, 13 de Março de 1869.»

«O presidente da provincia resolve em vista do regulamento de 16 de Janeiro de 1858, revogar a portaria de 20 de Abril do anno proximo passado, para que no Asylo de Santa Theresa continuem a ser admittidas, nos termos daquelle regulamento, as desvalidas filhas naturaes, que, segundo a doutrina do Aviso de 20 de Outubro de 1859, devem como orphãs ser consideradas, na conformidade da legislação do paiz.—Ambrozio Leitão da Cunha.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### A INDIFFERENÇA EM MATERIA DE RELIGIÃO.

(Conclusão.)

Então nesse dia tremendo, em que a justiça divina descarregar os seus ultimos golpes, nesse dia, cheios de perturbação e horror, dirão os indifferentes: «Nós nos extraviámos do caminho da verdade, e a luz da justiça não raioi para nós, o sol da intelligencia não nasceu sobre nós. Nós nos caçamos no caminho da iniquidade e da perdição, e andamos por uns caminhos asperos e ignoramos o caminho do Senhor. Do que nos servio nosso orgulho? O que temos aproveitado da vã ostentação de nossas riquezas? Todas essas coizas se passaram como sombra e como um coreio que vai depressa, como um navio que fende as ondas agitadas, do qual se não pode achar rasto, depois que passou. Assim tambem nós logo que nascemos deixamos de existir, e a verdade nenhum signal de virtude podemos mostrar, mas fomos consumidos em nossa malicia. Eis o que os peccadores dirão no inferno, porque a esperança dos máos é como a leve palha que o vento leva, ou como a espuma que se espalha pela tempestade, ou como a lembrança do hospede de um dia que passa».

Eis a sorte que espera o indifferente, um grande peccador sem arrependimento, um peccador que enlevado no impulso da soberba só cogita possibilidades: a certeza para elle é uma chimera, a immortalidade e o esplendor da justiça uma extravagancia do espirito. «Para aquelles que passam sua vida sem pensar no fim d'ella, e que por esta unica razão de não achar em si mesmos luzes que o persuadam, diz um filosofo christão, deixam de procural-as alem e de examinar se esta opinião é daquellas que o povo, por uma simples cre-

uma estramônia nociva, que todos evitam cultivar.

Porque?

Eis o enigma: eis o grande problema, que tanto procuram resolver dia e noite, ou no verão ou no inverno. É uma nigella talvez: ou então uma nigunde, mas nigunde, que não serve ao menos para as nossas gallinhas.

*Res magna.*

Agora resta-me responder á certo sujeito, que está só a perguntar-me:—A que vem tanto palavão? o que quer dizer esta terino? esta palavra é portugueza ou cophta? Fallaes serio, ou empregaes a ironia? Tendes...

—Ora, sr. curioso, eu lá sei o que estou dizendo! Vossa mercê não entende tanto palavão? pois entendesse. Não sabe a significação dos termos? nem eu tam pouco. Pergunta se esta ou aquella palavra é portugueza ou cophta? ignoro. Quer saber se fallo sério ou por ironia? interrogué os seus proprios sentimentos, e terá a resposta. Mas vossa mercê ia perguntando se tenho...

—Pergunto-vos ainda:—Tendes acaso algum meio para poder habilitar-me a entender o que vós e outros disserem?

«dulidade abraça, ou d'aquellas, que «ainda que obscuras em si mesmas, têm «contudo um fundamento solido, esta «negligencia em um negocio, em que se «trata de si mesmo, de sua eternidade «e ao todo, me irrita mais do que me «enternece. Eu não digo isto pelo zelo «piedoso de uma devoção espiritual; «pretendo pelo contrario que o amor «proprio, que o interesse humano, que «a mais simples luz da razão deva dar «estes sentimentos.» A indifferença não irrita somente o filosofo christão, ella é um monstro na ordem das concepções do espirito em meditações com sigio mesmo.

Collocando em um mesmo plano todas as religiões como igualmente boas, a indifferença tende á destruir a revelação, que foi confirmada por um testemunho capaz de submeter a razão a mais rebelde, e pela qual Deos manifestou a vontade, com que elle quer ser adorado; a revelação, que é o caracter indelevel da verdadeira religião, tem o seu apoio nos milagres e profecias, cuja verdade assenta-se em provas poderosas; a revelação, formando o motivo de nossa fé, veio supprir a calma da religião natural; uma religião revelada é por tanto a unica e verdadeira religião que ensina uma doutrina pura e completa, condigna com a magestade divina e o fim ultimo do homem. E para que ninguém pôdesse se enganar com a sua palavra e as mentiras apresentadas em seu nome, elle esbeleceu na terra uma authoridade, a quem concedeu o dom sobrenatural da inerrancia, a qual durará até o ultimo dia do mundo.

Com effeito, ali está a Igreja de Jesus Christo, uma, santa, catholica e apostolica, ali está ella inhabalavel como uma rocha altaneira, que provoca o furioso oceano, rugindo soberbo no seio de sua immensidade; ali está ella desafiando o furor dos Lutero, dos Calvino, dos Quaquer, dos Anabaptista, dos Sociniano e Moscovita e toda essa legião de demonios humanizados. Em seu immenso seio reunindo toda a christandade, alimentando-a de amor, ella procura refrigerar algum espirito mais exaltado com as doces consolações da esperança e com as brilhantes luzes da fé lie ensina sem medo de errar que todos os homens são creaturas do mesmo Deos, filhos do mesmo Pai, descendentes de uma mesma familia, resgatados todos pelo Sangue de J. Christo, e todos destinados á uma só e mesma herança e que por isso o Salvador não veio ao mundo dividir os ruins, mas fazer do mundo inteiro um só imperio como de toda a humanidade uma só familia.

Maranhão—1869.

M. J. d'Oliveira Junior.

—Quanto á isso posso responder-vos que ha e é a instrucção.

—Mas como conseguil-a, si não tenho escola?

—Em verdade tendes carradas de razões, pois ao governo incumbe tratar destas cousas; mas o que acontece? é o que vejo agora em vós, isto é, ignorancia do vosso idioma, nenhum conhecimento das vossas leis e pouca perspicacia nas conversações, e outras faltas mais, que são muito sensíveis. Meu amigo, acreditae que o homem nada pode sem instrucção. O povo instruido e bem educado está sempre no caso de emprehender grandes cousas.

—Mas porque não cuidam nisso os que se acham á testa dos publicos negocios?

—Quanto á isso nada digo. Perguntae-o á esses homens, e elles de certo vos hão de responder.

—E si não o fizerem?

—Ficareis ignorante em tudo e do tudo.

—Oh! mas isto é uma miseria!

—É, não ha duvida; e porisso mesmo foi que eu disse no principio: *Gravia gravius gravantur...*

—Ao menos isso parece ser latim?...

—Adivinhastes.

MÉRLIN.

## PARLAMENTO.

## DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE  
15 DE JULHO DE 1869.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA (*Continuando*):—Há no discurso do nobre senador pelo Rio de Janeiro um topico a respeito do qual o orador está até certo ponto de accordo; não concorda na consequência que s. exc. tirou.

Na apreciação que fez das circumstancias que determinaram a organização do actual ministerio, disse o nobre senador, respondendo a uma objecção a respeito do partido politico que o poder moderador podia chamar ao governo, tendo de dar a demissão então pedida pelo nobre presidente do conselho: «Os liberaes historicos fiseram mais opposição do que os conservadores ao ministerio do snr. Zacarias.» E s. exc. deduzio deste facto mais uma razão para serem chamados os conservadores.

Raciocinando parlamentarmente, a consequência que o nobre senador devia tirar era a opposta; porquanto parece que só tem direito de ser chamado ao governo quem fez opposição ao ministerio que cabe. Ora, os liberaes historicos eram os que tinham feito mais opposição ao gabinete de 3 de Agosto, e o orador aprecia muito a franqueza com que o nobre senador fez esta confissão, logo, a conclusão que S. Exc. tirou foi logica.

É sabido que em todas as medidas governamentais o Sr. visconde de Itaborahy e todos os collegas do seu partido apoiaram sempre o nobre ex-presidente do conselho.

O SR. ZACARIAS:—Relutando.

O SR. SILVEIRA DA MOTA... relutando, murmurando, não gostando, porém apoiando....

O SR. OTTONI:—Bem sabiam o que faziam.

O SR. SILVEIRA DA MOTA recorda-se de que em occasiões muito importantes, em que o orador desenvolveu e sustentou theses de opposição ao ministerio do Sr. Zacarias, achou-se sempre só; o Sr. visconde de Itaborahy e seus amigos, nessas questões importantes, nunca desamparam o Sr. Zacarias....

O S. ZACARIAS:—Fallavam muito contra; mas depois votavam a favor.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA.... *Verbi gratia*....

O SR. ZACARIAS:—A emenda de V. Exc.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA já não quer ir a essa emenda; era um acto muito mais politico; mas quando se tractou do requerimento pedindo cópia das actas do conselho de estado todo o lado do Sr. visconde de Itaborahy votou para que se negasse esse pedido. O nobre senador por Mato-Grosso chegou até a contestar ao parlamento o direito de pedir taes informações, porque era objecto de segredo, e o segredo era do governo!

Parece que já então o nobre senador estava prevendo que havia de hir em missão especial ao Rio da Prata, e que lá teria de estar agora incommodando-se com a impertinencia do orador, quando pediu cópia do tratado da triplice aliança, á vista da declaração feita no convenio para o governo do S. Exc. engendrou e trata de estabelecer em Assumpção.

Mas, tornando ao ponto de que se occupava, em todas as questões importantes, a opinião que subio ao poder em Julho do anno passado estava de accordo com a opinião que sahio.

A alguns respeito, a opinião que subio até foi mais longe do que os ministros que se retiraram; por exemplo, na questão do requerimento do orador, por occasião do commandante em chefe do exercito pedir demissão e occasionar assim a crise ministerial de Fevereiro do anno passado. Os nobres senadores que votaram contra esse requerimento, pedindo cópia das actas do conselho de estado, ainda foram além dos ministros, porque a unica razão que os levava a não querer que se accitasse a demissão

dos ministros era para que tambem não fosse demittido o general em chefe; e então foram mais ministeriaes do que o ministerio.

Portanto, os conservadores não derrotaram o gabinete de 3 de Agosto. Ora, não sabe como é que um partido que não derrota um gabinete (*apoiados*) julga-se com direito de subir as escadas do poder. Nas lutas parlamentares só sobe honrosamente o athleta que suplantou seu adversario. E se os nobres senadores que succederam ao nobre ex-presidente do conselho não só não o venceram, como sempre o ajudaram a livrar-se dos perigos que correu, nunca lhe negaram meios de governar, e até em occasião muito solemne votaram que o ministerio do Sr. Zacarias merecia a confiança da nação, com que direito (pergunta-lhes o orador) vieram succeder ao nobre senador pela Bahia? Eis porque diz que o nobre senador pelo Rio de Janeiro asseverou facto verdadeiro; mas tirou delle consequências com que o orador não póde concordar. Se o ministerio sahio por uma questão accidental, por uma divergencia entre elle e o chefe do Estado, a propósito da escolha de um senador, porque razão quer o nobre senador deduzir que, de pleno direito, sahindo o Sr. Zacarias devia entrar o Sr. visconde de Itaborahy? Se o nobre visconde tivesse feito opposição ao Sr. Zacarias; se mostrasse então quaes eram as idéas em que se avantajava ao gabinete que queria derrubar, teria razão o nobre senador.

Mas, longe disso, o Sr. visconde de Itaborahy sustentou o gabinete de 3 de Agosto, e entrando para o ministerio parece ser um verdadeiro continuador do Sr. Zacarias. Ao menos ainda não percebeu a differença... e, se alguma ha está em que o Sr. Zacarias, como todos que têm governado o paiz, interveio nas eleições e organisou uma maioria, mas não tão escandalosamente como o ministerio actual, que não só tem maioria, senão unanimidade!

O Sr. Zacarias sempre facultou algumas valvulas, deixou entrar na camara o nobre senador pelo Rio de Janeiro, o Sr. Christiano Ottoni, e, se ainda estivesse no poder, não soffre duvida que pelo Rio-Grande de Sul havia de vir o general Osorio. (*Apoiados*.)

Quanto a este ponto, tem respondido ao nobre senador pela provincia do Rio de Janeiro. Vai passar a outro topico do seu discurso.

Há uma proposição de S. Exc. que não póde passar sem algum reparo. Entende elle que é tal a liberdade no Brazil, que até se fazem as reuniões na Phenix, sem responsabilidade alguma dos proclamadores do ultraliberalismo. Crê que este topico lhe foi dedicado; portanto, não póde deixar de tomar em consideração a dedicatória.

O nobre senador ainda queria que tivéssemos menos liberdade do que temos: acha que este paiz está tão saturado de liberdade, que ha aqui um americanismo, um *yankéesmo* tal, que assusta a S. Exc., e quer que se cêrce alguma cousa mais esta desmedida liberdade, até que nos approxime da sua bella doutrina a respeito da constituição do Imperio.

«Ha liberdade de mais; ha liberdade tal, que ninguém embarça as reuniões na Phenix.» Com effeito! pois ha liberdade n'um paiz em que o pobre guarda nacional póde de um momento para o outro ir, destacado para o Paraguay? em que o pobre artista está sujeito a que o seu capitão o mande chamar para serviço, a qualquer hora, obrigando-o a largar seu trabalho, de que vive, deixando ás vezes sua familia sem ter que comer? Ha liberdade quando os chefes de policia, os delegados e subdelegados, e até os inspectores de quartirão, praticam no interior, e até aqui na corte, violencias de todo genero?

As reuniões que se fazem na Phenix só podem provar cousa muito diversa do que o nobre senador pretendeu: O que S. Exc. quiz inculcar é uma falsida-

de, não ha tal liberdade no Brazil. Falta de liberdade no sentido de exercicio de direito conferido por lei, largueza de nossa actividade legal; isto não ha: o que ha (é preciso dizê-lo francamente) é licença, é exorbitação em consequência de demasiado constrangimento da lei.

E então, para que vem o nobre senador fallar em liberdade de mais n'um paiz onde não ha nenhuma? No Brazil todos estão sujeitos aos ministros, presidentes de provincia, chefes de policia, delegados, subdelegados, inspectores de quartirão, officiaes da guarda nacional, etc. Cada uma destas entidades tem seu quinhão de violencia para fazer ao cidadão. No proprio partido do nobre senador não ha quem affirme que no Brazil ha liberdade.

Mas chocou muito, magoou a S. Exc. a demasiada liberdade das reuniões da Phenix. Entretanto parece que o nobre senador, longe de zangar-se, devia ter gostado, porque na verdade é um progresso. Os mais eminentes escriptores francezes, quando consideram no direito de reunião na Inglaterra e nos Estados-Unidos, os *meetings*, as manifestações populares á cerca de todos os assumptos da politica, da administração, da industria, extasião-se. O Sr. Sismondi, grande liberal, lamenta que em França não se possam fazer os *meetings*, como em Inglaterra; e dá a razão. Os inglezes, diz elle, sabem da fermentação dessas grandes reuniões e logo se dispersam, vão cuidar de sua vida, tendo apenas havido um ou outro disturbio; mas em França, desde que o povo se reúne, ha logo briga, ha logo desordem.

(Continúa.)

## PUBLICAÇÃO PEDIDA.

## A FABRICA CERES.

Quando ha um movimento para o progresso em nossa terra; somos quase sempre o primeiro a saudar-o.

Hoje porem a molestia e os trabalhos da vida nos fizeram vir um pouco tarde para saudar a fabrica Ceres.

Com tudo esta demora não esfriou o nosso enthusiasmo: pelo contrario vimos essa fabrica com muito vagar, examinamos com bastante minuciosidade o seu maquinismo, e demoramo-nos por muito tempo observando o jogo ou o movimento de suas diferentes peças.

Compõe-se ella do seguinte:

Um peneiro para limpar o arroz em casca, extrahindo-lhe a terra, palha, pó, e outras impuridades que costuma trazer o arroz:

O moinho que descasca o arroz:

Um venteador que separa a casca, já triturada, do arroz descascado:

Dois crivos de rotação universal, que separam e apuram o arroz que se acha descascado do que ainda conserva a casca, o qual tem de voltar segunda vez ao moinho:

Um cylindro para extrahir o cuim:

Um dito polidor para pulir e lustrar o arroz:

Um venteador para sacudir algum pó ou pequenas particulas de cuim, que o arroz ainda possa conservar:

Um separador que divide as qualidades do arroz graúdo, traçado e miúdo: e

Um crivador para apurar o cuim fino.

Para as passagens do arroz de umas para outras das peças descriptas, ha mais nove elevadores de systema hydraulico, cinco condutores com os competentes registros, e quatro moegas, uma das quaes com capacidade para receber 180 arrobas d'arroz descascado.

Ha mais para facilitar o trabalho, um *parafuzo-guindaste*—para suspender a pedra do moinho, e um ensacador mechanico.

Todas estas peças, cujo conjunto forma a maquina de descascar e polir, são unidas por uma maquina motora, de alta pressão, de força de oito cavallos de vapor dos acreditados fabricantes—F. Preston & C.<sup>a</sup> de Liverpool, auxiliada por mais de 60 rodas de ferro e madeiras fixadas em veios de ferro torneados.

A casa, cujo plano foi delineado por Joaquim Luiz Simões Lirio, acha-se dividida em 6 paíões ou depositos com capacidade para doze mil alqueires d'arroz em casca; um salão de medição com uma ponte para descarga das canoas; salão de machinismo comprehendendo um appendice, em que está assentada a caldeira; salão de ensaque, onde se recebe o arroz prompto da machina e se faz o pezo; casa de moradia comprehendendo um armazem para o arroz ensacado.

Em frente d'um maquinismo, tam variado embora muito bem combinado, sem querer sahe-nos dos labios a pergunta—*Quem foi o seu auctor?*

A resposta acha-se ao lado da entrada n'esta inscripção

Delineado e executado

por

Joaquim Luiz Simões Lirio.

Infelizmente poucos dias depois de terminar esta obra o snr. Lirio sumio-se nos misterios da sepultura.

Seo nome porem elle o deixou ligado em tres provincias a importantes fabricas.

No Maranhão lá está o Tamancão, o Mearim, o Arassagy, Caxias e Itapicuru para attestar o seu merito.

No Pará montou elle outra fabrica, assim como em Pernambuco, arrancando dos homens entendidos bastantes louvores, mormente sendo Lirio simples curioso.

De genio afavel, sempre espirotooso, de palavra facil e conversação variada parece, que foi talhado pela Providencia para seguir com vantagem um curso d'engenharia que infelizmente não pôde realizar.

Com tudo sua passagem pelo mundo não foi inutil.

Sua vida acha-se presa a muitos melhoramentos da nossa industria, e por tanto seo nome sempre será lembrado por aquelles, que como nós amão de veras a terra do seu nascimento.

Deve-se tambem este importante melhoramento aos snrs. Britto Upton e Costa, que não pouparão esforços para levar avante o seu projecto, e Deos permita, que o resultado, como é de esperar, seja conforme os seus louvaveis desejos.

## NOTICIAS.

## CHRONICA URBANA.

—Acha-se entre nós, de passagem para a Europa, o muito illustre e venerando senr. B. spo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que vai unir-se em Roma aos seus collegas do Episcopado catholico para celebrarem o proximo concilio ecumenico.

—Segue neste paquete com destino á corte do imperio, onde vai cursar a faculdade de medicina, o distincto joven maranhense Sr. Domingos d'Almeida Martins Costa, um dos alumnos que mais distinguiram-se no Pequeno Seminario das Mercês por sua applicação, progresso e conducta.

Desejamos a esse talentoso joven o mais auspicioso futuro, e agradecemos a coadjuvção que prestou-nos com seus bem deduzidos ensaios litterarios que havemos publicado.

—O nosso talentoso comprovinciano, o snr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho acaba de prestar um relevante serviço á agricultura da provincia, publicando uma interessante memoria sobre a lavoura da canna.

Dos entendidos e lavradores chamamos toda sua attenção para tam util trabalho.

O Maranhão distingue-se entre suas irmãs pelo trabalho, intelligencia e illustração de seus filhos, conquistando o grande renome de Athenas do Brazil.

—Outra interessante obra elementar tambem foi estampada por um dos nossos estudiosos jovens. Os *principios de musica*, publicado pelo snr. Domingos P. V. Perdão, preencheram no ensino da sublime arte de Bellini uma lacuna.

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Manoel Caetano de Lemos.

## GOVERNO DO BISPADO.

## CARTA PASTORAL

DO

EXM. E REVM. BISPO DO MARANHÃO,

anunciando a indulgencia plenaria em forma de jubileo concedida pelo Santissimo Padre Pio IX pelas suas Letras apostolicas de 11 de Abril de 1869, por occasião da reunião do Concilio Eumenico.

72

*Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva,  
por Mercê de Deus e da Santa Sé  
Apostolica, Bispo do Maranhão, do  
Conselho de Sua Magestade o Impe-  
rador, etc. etc. etc.*

A todos os Nossos Diocesanos Sauda, Paz e Benção  
em Jesus Christo, Nosso Redemptor e Conso-  
lação do Espirito Santo.

Deveis saber, amados filhos, que o Santissimo Padre Pio IX, pela Bulla—*Aeterni Patris*—de 29 de Junho do anno passado, convocou um Concilio Eumenico, que será reunido na Basilica Vaticana no dia 8 de Dezembro proximo, dia em que a Santa Igreja Nossa Mãe commemora e solennisa a festa da Immaculada Conceição da Virgem Santissima Mãe de Deus; não cessando desde aquelle momento de orar na humidade de seo paternal coração com fervorosas preces e rogar instantemente ao Clementissimo Pae das luzes e das misericordias, para que mande do Ceo a sabedoria, que assiste ao pé do Séo Throno para que esteja com elle e com elle trabalhe e saiba o que seja agradável a seus olhos e possa no mesmo Concilio estatuir todas aquellas cousas, que principalmente pertencem á salvação commum e utilidade de todo o Povo Christão, e á maior glória e felicidade e especialmente á paz da Igreja Catholica.

E para que mais facilmente Deus annua aos seus votos e incline os seus ouvidos ás suas preces; resolveu o mesmo Santissimo Padre Pio IX excitar a religião e a piedade de todos os fieis Christãos, para que á tão justo fim una ás d'elle as suas preces; e annuncia com este designio ao orbe catholico uma indulgencia em forma de Jubileo, que durará até á conclusão do mesmo Concilio, como vereis nas Letras Apostolicas, que abaixo fazemos publicar, para vossa instrução e aproveitamento espirital, fazendo-as preceder, para maior clareza, do seguinte:

Para que os Revds. Parochos e Fieis desta diocese possam bem dirigir-se nos actos que devem praticar para lucrar o presente Jubileo, ordenamos:

## MANDAMENTO.

1.º Que nesta cidade e freguezias da ilha e cidade de Alcantara, começará o santo tempo do Jubileo no dia 20 de Outubro proximo; e nas outras cidades, villas e parochias desta provincia e da de Piahy, o dia do começo será designado pelos Revds. Parochos, logo que recebam esta Nossa Carta Pastoral, ou por qualquer modo tenham della conhecimento, dando-lhe logo inteira execução.

2.º Que designamos nesta cidade para serem visitadas, a Igreja Cathedral, a de N. Senhora d'Annunciação e Remedios e N. Senhora das Mercês; São João Baptista, Santo Antonio e N. Senhora dos Remedios; N. Senhora da Conceição, São Pantaleão e Santiago; podendo os Fieis escolher tres para as ditas visitas na forma prescripta pelas referidas lettras apostolicas.

3.º As recolhidas de N. Senhora da Annunciação e Remedios, as expostas e educandas do Asylo de Santa Thereza cumprirão este dever nas respectivas

Igrejas e Capella, que visitarão em tres dias successivos ou intercalados.

4.º Nas parochias do interior desta provincia e da do Piahy os Revds. Parochos designarão as Igrejas que devem os Fieis visitar, quando houver mais de duas; e se não houver mais do que duas ou uma, será visitada uma d'aquellas duas vezes, e esta unica tres vezes; podendo os Revds. Parochos, para maior commodidade dos Fieis, designar alguma capella filial ou Oratório approved mais proximos da habitação destes, quando a respectiva Matriz lhes fique muito afastada.

5.º Para com aquelles que existirem detidos nos carceres ou nos hospitaes ou no leito da enfermidade, concede e permite o Supremo Pastor que o confessor actualmente approved pelos Ordinarios dos logares possam commutar em outras obras de piedade ou prorogar para outro tempo proximo as obras e mais obrigações impostas para lucrar o Jubileo; com faculdade tambem de dispensar sobre a communhão com os meninos, que ainda não tiverem sido admittidos á primeira communhão.

6.º A todos os Revds. Sacerdotes que estiverem no exercicio de suas ordens, concedemos faculdade para confessarem, somente durante o tempo deste Jubileo com os poderes conferidos nas citadas lettras apostolicas e isto ainda quando não estejam provisionados Confessores.

7.º Que os Revds. Sacerdotes de um e outro Clero, desde o dia 20 do mez de Outubro proximo até o em que tiver fim o Concilio Eumenico, recitem todos os dias na Missa a oração do Espirito Santo; e que em cada uma quinta-feira, em que não se celebre festa com o Rito duplex de 1.ª e 2.ª classe, na Nossa Santa Igreja Cathedral e nas dos Conventos Religiosos desta cidade e da de Alcantara, se celebre *more votivo*, alem da costumada Missa Conventual a Missa do Espirito Santo, em conformidade com o disposto nas referidas lettras apostolicas.

E para que chegue ao conhecimento de todos, Mandamos aos Revds. Parochos que recitem ao povo a estação da Missa Parochial esta Nossa Carta Pastoral com as referidas Letras Apostolicas do SS. Padre Pio IX, o que repetirão no primeiro dia de preceito depois d'esse; registrando-a no livro competente, como é de estilo.

Dada nesta cidade de São Luiz do Maranhão sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas aos 21 de Setembro de 1869.

✠ LUIZ Bispo do Maranhão.

Logar do sello.

## LETRAS APOSTOLICAS

do

NOSSO SANTISSIMO PADRE O PAPA PIO NONO  
pelas quaes se concede Indulgencia Plenaria em forma de Jubileo, por occasião do Concilio Eumenico.

A todos os fieis Christãos, que virem as presentes lettras.

O PAPA PIO NONO

sauda e benção apostolica.

Ninguém certamente ignora, que foi convocado por Nós um Concilio Eumenico em a Nossa Basilica Vaticana para ter principio no dia 8 do futuro mez de dezembro na festa da Immaculada Conceição da Santissima Virgem Maria Mãe de Deus. E desde este tempo principalmente jamais temos cessado de orar na humidade do nosso coração com fervorosas preces, e rogar instantemente ao clementissimo Pai das luzes, e das misericordias, do qual desce toda a dadiva optima, e todo o dom perfeito, para

que mande dos ceos a sabedoria, que assiste ao pé do seu throno, que esteja Commosco, e Commosco trabalhe, e saibamos o que seja agradável á seus olhos. E para que mais facilmente Deus annua aos Nossos votos, e incline os seus ouvidos ás Nossas preces resolvemos excitar a religião, e a piedade de todos os Fieis christãos, para que unindo Commosco as suas preces imploremos o auxilio da dextra do Omnipotente e a luz celeste, á fim de que neste Concilio possamos estatuir todas aquellas cousas, que principalmente pertencem á salvação commum, e utilidade de todo o povo christão, e á maior glória, e felicidade, e especialmente á paz da Igreja Catholica. E, pois, que é sabido, que mais agradaveis são á Deus as preces dos homens, se chegam ao mesmo com o coração puro, isto é, com os animos purificados de toda a maldade, por isso nesta occasião determinamos abrir com liberalidade Apostolica aos Fieis Christãos os celestes thesouros das Indulgencias commettidas á Nossa dispensação, para que d'ahi inclitados á verdadeira penitencia, e purificados das manchas dos peccados pelo Sacramento da Penitencia, cheguem com mais confiança ao trono de Deus, e consigam a sua misericordia, e a graça no auxilio opportuno.

Com este designio Nós annunciamos ao Orbe Catholico uma Indulgencia em forma de Jubileo.

Pela qual razão confiados na misericordia de Deus Omnipotente, e na autoridade dos Bemaventurados Pedro e Paulo seus Apostolos, pelo poder de ligar e desligar, que o Senhor Nos conferio, posto que indignos, á todos e á cada um Fieis christãos de um e outro sexo habitantes nesta Nossa Santa Cidade, ou que á ella chegarem, que do dia primeiro de Junho até o dia, em que o Concilio Eumenico por Nós convocado fór concluido, visitarem as Basilicas de São João de Latrão, do Principe dos Apostolos, e de Santa Maria Maior, ou alguma dellas duas vezes, e ahí por algum espaço de tempo devotamente orarem pela conversão de todos que miseravelmente tem errado, pela propagação da Santissima Fé, e pela paz, tranquillidade, e triumpho da Igreja Catholica, e afóra as costumadas quatro temporas do anno, jejuarem em tres dias, ainda não continuos, á saber quarta e sexta-feira, e sabbado, e dentro do mencionado espaço de tempo tendo confessado os seus peccados reverentemente receberem o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e derem aos pobres alguma esmola, como á cada um suggerir a sua devoção, os outros porem habitantes fora da predicta Cidade de Roma em qualquer lugar que visitarem as Igrejas, que foram designadas pelos Ordinarios dos logares, ou pelos seus Vigarios, ou Officiaes, ou de mandado delles, e faltando os mesmos, por aquelles, que ahí exercerem a cura das almas, depois que á sua noticia chegarem estas Nossas Letras, ou visitarem alguma dellas duas vezes no espaço do tempo marcado, e devotamente satisfizerem as outras obras mencionadas, pelo teor das presentes Letras misericordiosamente concedemos e damos em o Senhor plenissima remissão de todos os seus peccados e Indulgencia, assim como se tem costumado conceder aos que no anno do Jubileo visitam certas Igrejas dentro, e fora da referida Cidade de Roma, a qual Indulgencia se poderá applicar tambem por modo de suffragio ás almas, que unidas

á Deus em Caridade tiverem emigrado desta vida.

Concedemos tambem que os navegantes, e Caminhantes, logo que chegarem aos seus domicilios, cumpridas as supra-mencionadas obras, e visitada duas vezes a Igreja Cathedral, ou a Maior, ou a propria parochial do lugar do domicilio dos mesmos, possam conseguir a mesma Indulgencia. As pessoas Regulares, porem de um e outro sexo ainda habitando nos claustros perpetuamente, juntamente á outras quaesquer tanto leigas, como seculares, ou regulares, e da mesma maneira ás existentes em carcere, ou captivo, ou detidas por alguma enfermidade do corpo, ou por qualquer outro impedimento, que não puderem executar as mencionadas obras, ou algumas dellas, igualmente concedemos, e permitimos, que o Confessor actualmente approved pelos Ordinarios dos logares possa commutar-as em outras obras de piedade, ou prorogar para outro tempo proximo, e impor-lhes outras que os mesmos penitentes possam satisfazer, com faculdade tambem de dispensar sobre a Communhão com os meninos, que ainda não tiverem sido admittidos á primeira communhão.

Além disto concedemos licença e faculdade a todos e cada um dos Fieis Seculares e Regulares de qualquer Ordem e Instituto, ainda que tenham de ser especialmente nomeados, para que possam para este effeito eleger Confessor qualquer Presbytero tanto Secular como Regular actualmente approved pelos Ordinarios dos logares, (da qual faculdade poderam tambem gozar as Freiras, Novicas e outras Mulheres, que habitarem dentro dos claustros, com tanto que o Confessor seja approved para ouvir a confissão das Freiras) o qual os poderá absolver, e livrar no fóro da consciencia, e por esta vez somente, da excommunhão, suspensão, e outras sentenças ecclesiasticas, e censura *a jure vel ab homine* por qualquer causa proferidas ou infligidas, á excepção das abaixo exceptuadas, e bem assim de todos os peccados, excessos, crimes e delictos, posto que graves e enormes, ainda que reservados por especial forma aos Ordinarios dos logares, ou á Nós, e á Sé Apostolica, e cuja absolvição posto que aliás ampla se não entendesse concedida; e tambem dispensar commutando os votos quaesquer ainda jurados, e reservados á Sé Apostolica, em outras obras pias e saudaveis, impondo-lhes porém e á cada um delles em todos os supradictos uma penitencia saudavel, e outras cousas mais que se deverem ajuntar á arbitrio do Confessor, (sempre exceptuados os votos, de castidade, de religião, e de obrigação, que tenha sido acceto por terceiro, ou nos quaes se trate de prejuizo de terceiro, enquanto que estes votos sejam perfeitos e absolutos, tambem os penaes, que se chamam preservativos de peccados, senão indicar-se uma futura commutação tal, que não menos contenha de commetter o peccado, do que a primeira materia do voto.)

Concedemos além disto a faculdade de dispensar sobre a irregularidade contrahida por violação de censuras, comtanto que não seja deduzida ao fóro externo, ou possa ser facilmente deduzida. Não temos intenção porem de dispensar pelas presentes sobre outra qualquer irregularidade ou de delicto ou de defeito, ou publica ou occulta, ou mancha, ou outra incapacidade, ou inhabilidade de qualquer modo contrahida, ou dar alguma faculdade de dispensar sobre as mencionadas, ou de habilitar, e de restituir ao antigo estado, ainda no fóro da cons-

ciencia, nem também derogar a Constituição, com as declarações appostas publicada pelo Nosso Predecessor de feliz recordação Benedicto 14.<sup>o</sup>—*Sacramentum Poenitentiae*—quanto á inhabilidade de absolver o complice, e quanto á obrigação de denunciar, nem que as mesmas presentes letras possam ou devam de nenhum modo aproveitar á aquelles, que por Nós, e pela Sé Apostolica, ou algum Prelado, ou Juiz Ecclesiastico se achem nomeadamente excommungados, suspensos, interdictos, ou tenham sido declarados, ou publicamente denunciados de ter incorrido em outras sentenças, e censuras, senão satisfizerem dentro do tempo marcado, ou concordarem com as partes.

Mas se dentro do termo determinado á juizo Confessor não puderem satisfazer, concedemos, que possam ser absolvidos no fóro da consciencia para o effeito somente de lucrar as Indulgencias do Jubileo, imposta a obrigação de satisfazer logo que puderem.

Portanto, em virtude da santa obediencia pelo teor das presentes severamente ordenamos, e mandamos á todos e cada um dos Ordinarios dos logares em qualquer parte existentes, e aos Vigarios e Officiaes, ou faltando os mesmos, á aquelles que exercem a cura das almas, que, recebendo os transumptos das presentes letras, ou exemplares ainda que impressos, os publiquem, ou façam publicar logo que segundo as circunstancias dos tempos e dos logares melhor julgarem em o Senhor pelas suas Egrejas e Dioceses, Provincias, Cidades, Villas, terras, e logares, e dos povos também devidamente preparados pela pregação da Palavra de Deus, quanto puder fazer-se, designem a Egreja, ou Egrejas, que devem ser visitadas pelo presente Jubileo.

Não obstante as Constituições, e Ordenações Apostolicas, principalmente em que a faculdade de absolver em certos casos nellas expressos de tal modo se reserva ao Romano Pontifice ao tempo existente, que nem ainda semelhantes, ou dessemelhantes concessões de Indulgencias, e faculdades desta ordem, se não se fizer dellas expressa menção, ou especial derogação, possam favorecer

a alguém, mas também a regra de não-se concederem Indulgencias á semelhança, e os estatutos, e costumes, e também os privilegios, e indultos de quaesquer Ordens e Congregações, ou Institutos, ainda roborados com juramento, confirmação Apostolica ou qualquer outra firmeza, de qualquer modo concedidos, approvados, e innovados por letras Apostolicas ás mesmas Ordens, Congregações, e Institutos, e ás suas pessoas, dos quaes todos e de cada um, posto que delles, e de todos os seus teores se deva ter especial, especifica, expressa, e individua menção, não porem por clausulas geraes importando o mesmo, ou qualquer outra expressão, ou alguma outra forma particularmente escolhida haja de ser observada, dando pelas presentes os seus teores por sufficiente-mente expressos, e a forma nelles dada por observada, por esta vez especial, nomeada, e expressamente para o effeito do supramencionado, derogamos, assim como quaesquer outras cousas em contrario.

Ordehamos porem, que do mencionado dia primeiro de Junho até o dia em que o Concilio Ecumenico tiver fim, se accrescente na Missa todos os dias a oração do Espirito Santo por todos os Sacerdotes de um e outro Clero do universo Orbe Catholico, e que alem da costumada Missa Conventual se celebre o divino Sacrificio do mesmo Santo-Espirito em todas as Patriarchaes desta Cidade, e outras Basilicas, e Igrejas Collegiaes, igualmente em todas as igrejas Cathedraes, Collegiadas de todo o Orbe pelos seus Conegos, e também em cada uma das Igrejas dos Regulares de qualquer Familia Religiosa, que são obrigados á celebrar a Missa Conventual, em cada uma quinta-feira, em que não se celebre festa com o rito duplex de primeira e segunda classe, sem que contudo esta missa do Espirito-Santo tenha obrigação de applicação.

Para que porém estas Nossas presentes Letras, que não podem ser levadas á todos os logares, mais facilmente cheguem á noticia de todos, queremos, que aos transumptos das mesmas, ou ainda exemplares impressos subscriptos pela mão de algum Notario publico, e muni-

das com o sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, em toda a parte inteiramente se lhes preste a mesma fé que se prestaria á estas mesmas presentes, se fossem exhibidas e mostradas.

Dado em Roma junto a São Pedro sob o Anel do Pescador em o dia 11 de abril do anno de 1869.

No Vigésimo terceiro anno do nosso Pontificado.

N. CARD. PARACCIANI CLARELLI.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 29 de Setembro de 1869.

### CANCRO SOCIAL.

#### VII.

Hoje vamos continuar a serie de artigos que emprehendemos sob esta epigraphie.

Temos percorrido os elementos constituintes das sociedades; temos investigado com relação ao Brazil, faltando-nos o elemento scientifico.

Apreciar o movimento das sciencias no Brazil julgamos tarefa superior á nossa penna.

A tanto não nos ergue a fatuidade. Entretanto ha uma bitola por onde o homem, mesmo mediano, pôde apreciar ou avaliar do movimento litterario e scientifico de um povo; e este vem a ser a aurea, a vida, ou a morte que experimentam as produções intellectuaes.

Um homem sempre festejado por todos pela grandeza do seu talento disse, n'um momento inspirado: a critica não mata o que deve viver, nem dá vida ao que deve morrer.

Criterio tão peregrino, para apreciar-mos as produções scientificas e litterarias, foi recebido com os mais estrepitosos applausos.

Igual a este nos creou outro J. J. Rousseau dizendo: quando lerdas um livro, se vos sentirdes melhorado, é bom livro.

Ora, de todas as publicações que temos, quaes são as que se erguem em glória, quaes as que nada obstante a critica e a indifference tem sobrevivido; ou segundo o criterio de Rousseau, quaes

são as obras cuja leitura nos melhora?

Cremos que se attendermos ás obras de folego não nos apontarão uma! Ha por ali uma ou outra brochura de mais ou menos nomeada, mas nunca cousa que produza revolução de idéas.

Sinão, percorramos ligeiramente os diferentes ramos.

Em legislação ha algumas compilações, algumas collecções mais ou menos methodicamente executadas, que merecem pelo trabalho da organização.

Em historia, alem de algumas produções do Sr. Pereira da Silva, ha a Historia do Brazil pelo Sr. Warnhagem, obra de valor como material para empresas futuras, e que muito honra ao seo incansavel auctor, mas é sem fundo philosophico, tem o assento de uma chronica arida, que perderia o merito, a não ser a total carencia em que estamos de trabalhos dessé genero.

Longe de nós a idéa de, ao menos de leve, marear o merito desse homem infatigavel para revolver tantos archivos empoeirados, porém longe também o dizer que elle é historiador.

Em mathematicas falla-se de alguma cousa de G. de Sousa, homem de talento superior, mas nada ha no dominio do publico capaz de admiração.

Em philosophia estamos pobrissimos, a não se contar alguns escriptos eivados de cortesianismo, tão inthronado em nossas escholas, que é um crime fallar-se na philosophia de S. Thomaz.

Entretanto que esses pigmeos inimigos da philosophia thomista, nunca leram uma só pagina desse grande homem que um só artigo vale mais que todas as theorias nebulosas da Allemanha, o sensualismo inglez e o pantheismo francez.

Porém graças sejam dadas á Providencia, que já no Brazil vão se multiplicando os leitores de S. Thomaz. O Sr. Dr. J. Soriano em 1867 publicou um compendio segundo o methodo e doutrina do Dr. Angelico, que, segundo a natureza das raizes projectadas pelo cortesianismo no Brazil, está longe de satisfazer as necessidades, porém é a nosso ver uma das obras mais meritorias que têm saído dos prelos brasileiros, pela luva que atira, afim de bater-se com a esphinge do racionalismo.

### FOLHETIM ORIGINAL.

#### AMISADE E HEROISMO.

(NARRATIVA.)

*Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos do viço das suas flores. A terra se toucára de floridas giestas; as pereiras, e os damasqueiros dobravam-se carregados de fructo; a pastora abeberrava o rebanho nas correntes que se deslizavam por entre prados matizados de alvas florinhas, ora rolando de umas em outras pedras, ora formando ramansos tão puros e claros como o crystal; enrugava de leve a superficie do mar a brisa da manhã, ondeando as frentes somnolentas dos carvalhos. Era tudo harmonia.*

Desejando restaurar-se das fadigas do corpo e dos trabalhos do espirito, pediu um peregrino hospitaleiro agasalho á pitoresca aldeia \* \* \*, situada a breve distancia da cidade de Nantes, nas ribas fragosas do oceano.

Embora tantas bellezas o cercassem, embora procurassem abrir-lhe o sorriso da alegria sobre os labios, escovavam-se os seus dias tristes e sombrios. Estava longe da Patria, não tinha um coração amigo, onde pudesse reclinar a cabeça. Deparou-lh'o, porem, o céu na pessoa de um mancebo, cujo espirito se remonta até as regiões em que vicejam as eternas flores do genio, cujo coração se dobra gostoso aos apuros do sacrificio.

Amau-o e foi amado. Agora mediam com vagarosos passos as cordas dos montes, aproximando-se da estancia augusta do Arbitro Supremo do Universo, para onde, abraçados, quizeram voar sobre as nuvens, que os altos picos de mandavam; agora assentados no penedo

que ao mar sobejava com cabeça, saudavam o sol, que entre nuvens de purpura e outro, d'elles se ia com saudade: umas vezes, em quanto girava no céu a lua e o camponez ensojava em modorra os lassos membros, passavam horas perdidas á ver affigurar-se pela amplidão das águas a misteriosa imagem do infinito; outras muitas os surpreendia a noite no fundo de uma gruta, que enamariam com o cantor do Tejo e do Mondego—a estancia do silencio,—a guarida saudosa do amor.—Ali davam-se á licção de bons escritores, entregavam-se ás cogitações do espirito, e se as ondas, encarapellando-se furtivamente, lhes fechavam a porta da lapa, sob as azas de Deos e os olhos das estrellas prolongavam seus certames, posto que de ordinario andassem conformes, e ambos em um coração.

Pletejava com elles a ventura, e affim venceu tendo Elmano de separar-se de Philinto, o perigrino ai! tão mesquinho.

Inconsolavel da sua ausencia, ia este, ao cair da tarde, sentar-se triste e solitario ao pé da penedia, e lá acompanhava os meandros do mar com aquelles versos de Antonio Ferreira, que os quaes melhores não vi.—

—Como será meo coração tão duro que te não ama, que te não suspire, pois sem ti acho todo este ar escuro? Que cousa pode vir que mude, ou tire a leibrança de ti, meo doce amigo, que couza, a que já ludo os olhos vires? Chorarei eu, e chorarão conmigo musas, graças brandura e cortezia, e tudo o mais que se nos foi contigo.

Fugia o sol do horisonte, Philinto d'aquelles sitios: e, se pelo arrebol da manhã seguinte, dirigisse por ali os passos o pescador a fim de querenar o batel des-troçado, e de jogar-o ás vagas, veria

dous nomes á entrelaçar-se sobre a mimosa arêa.

Um dia sentio Philinto pular-lhe o coração em ancias taes de impacencias, apertou-lhe a vontade, comeram-lhe os desejos por tal modo, que tomando de aluguel um carrinho, poz-se em caminho para \* \* \*, a horas em que o esplendor nascente da aurora abatia a frouxa luz da lua.

Não eram treze leguas bem vingadas, quando parou Philinto n'um descampado em face de um bivio. Para onde tomar? . . . Parou. . . poz o ouvido á escuta, nada. . . alargou a vista pela planicie. . . ninguém. Amparou então a cabeça com ambas as mãos a afiar a memoria, afim de recordar-se de um tal qual itinerario, que lhe tinham traçado. Ouvio entretanto cantar o vigilante gallo; endireitou para onde lhe viera o som, e meia hora depois lá ia Philinto cidade dentro.

Era o desejado termo da sua romaria. Batteu á porta de Elmano: rolou ella nos gonzos veleiros.

O que disseram, não sabemos. Foram vozes humanas, foram reminiscencias da lingua dos anjos, ignoramos. . .

Á boca da noite, foram dar um gyro por esses lugares onde menino, vinha Elmano brincar, que tantas vezes beijou nas quedas da infancia: dobraram os joelhos em face dos altares, ante os quaes outr'ora, com vestes alvas e vermelho cinto, esparzia Elmano recendentes flores, e onde um dia renovará o sacrificio do Calvario.

A isso convidando-os a fresca viração da tarde, começaram a caminhar desviando-se, como de commum acordo, dos bairros mais frequentados da cidade.

No topo de uma rampa orlada de dous renques de copados olmeiros alvejam os muros do cemiterio. Para imitação dos Arabes, o tinham collocado no lugar mais saudoso d'essas paragens,—onde o sol, ao pôr-se, estira de soslaio os seus ultimos raios pelas lageas ligas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças agoutadas do vento.—Quando por ali passaram Elmano e Philinto, o astro da noite, ao vate tão propicio, atalaiando o mundo, derramava seu mais vivo albor: só o gemer da folhagem suspirosa quebrava o silencio dos mortos.

Que enxame de idéas, que tristes lembranças assaltaram o espirito, confrangiram o coração de Philinto! . . . Alem mar jazem na terra os ossos veneraveis de amante e extremo da vida: aqui, depois do insano vaguear da vida virá deitar-se o seu doce Elmano! . . .

Embebidos n'estes pensamentos sentaram-se junto ao pedestal musgoso de um cruzeiro, cuja sombra se estampava na grama do valle. Apareceu-lhes então a vida, ora sob a figura do batel, que levado pelo zephyro, sulca brandamente as ondas, ora sob a do ancião arimado ao tronco de dessecado teixo; a subtil aragem ondeia-lhe as cans na fronte enrugada pelo sulco dos annos; descambam as sombras em negrumes confusos, e no seu manto o envolvem.

Era a noite acceita ás suas almas, mas, como estivesse adiantada, e cahissem os olhos com somno, recolheram-se aos seus aposentos.

Passaram-se alguns dias. . . Fuzilavam mais e mais as nuvens, que apinharam o espirito do mal em torno á cidade eterna: a barca do pescador parecia sosso-

Em litteratura temos algumas produções que gosam de aurea, e sobretudo varias composições poeticas.

Porém á respeito deste genero de progresso muito diríamos, a não ser a brevidade do artigo. As composições poeticas em certo centido não provam adiantamento, senão imaginação. No centro das selvas brota a poesia fecunda, como na antiguidade rustica e pagan, quando os reis ainda se assentavam á relva, comendo o seo carneiro, em torno dos muros de Troya, como o attesta o inimitavel poema de Homero.

A poesia é antes uma explosão do coração abrasado pelo génio, do que um effeito de civilisação.

E quem for versado na história pôde apreciar a veracidade destas affirmações, consultando a luta sustentada pelo christianismo, no tempo das invasões barbarescas. Ou lendo o que escreveu o sabio Balmes na obra: *Protestantismo comparado com o Catholicismo*. A poesia provará intelligencia, porém não civilisação. Comtudo ha certo ponto de vista segundo o qual as produções poeticas attestam a civilisação de um povo. Porém discutindo-se em these, a poesia prova o estado de infancia das nações. Eis pelo, que no Brazil quando nos falta tudo, abundam poetas. Cremos pois que sem ser necessario fazer cursos de litteratura, pôde-se de um simples lance de vista dominar os horisontes onde se estendem os arraiaes litterarios, e em vão procuraremos um chefe distincto.

A nossa litteratura prima pelo doidejar vertiginoso do romance; e este máo, por ser em sua quasi totalidade inspirada nas produções do ebrio Byron, do calumniador E. Sue, do mentiroso Dumas, dos protestantes Goeth, Schiller, Klopstok, do utopista (*tete fou*, como o denominam os proprios francezes) Victor Hugo.

Quasi tudo entre nós se mede pelo romance, como entre os mathematicos tudo vae por abstrações.

Creemos que essa litteratura polluida pelas paixões ruinosas, que romancistas inexperientes, ou corruptos, ou avidos de podre fama e algumas moedas, vão derramando á mãos cheias em cada pagina de seus escriptos, cremos que essa

brar ao impulso dos ventos, que luctavam com mais força. Ao timoneiro augusto toldara-se o dia, e o mesmo céu se sumira: mas firme no posto, exaltou a placida fronte, onde a historia se lê de setulos de gloria, e voltando olhos attentos de uma a outra extremidade do universo, abalou-o com este brado—*eu sou Pedro*.

Não é vazia a palavra do Vigario de Christo.

A flor da mocidade catholica respondeu ao reclamo do Pontifice, não só com o obolo lançado no gazophilario da Igreja, mas tambem com sangue, que lhe crepita nas veias.

Cada pequeno Seminario era um viro de heróes, querendo *marchar para defender um santo*: mas foi na Breitana Françoza que esse patriotismo sagrado subio de ponto. Depois que affaram as suas espadas nas pedras do tumulo de LA MORICIÈRE, legiões voaram ao *campo de honra do catholicismo*, apostadas a qual mais ou melhor pelejaria. E quantas vezes não senti elevar-se em mim um fogo todo divino ao estreitar sobre o peito esses valentes guerreiros da moderna cruzada?!

Pesava ao coração de Philinto o não poder acompanhá-los, sentia não ter um irmão, que o seguisse com o viatico da benção maternal. Que digo? Tinha um irmão, sim. Pequenos, é verdade, não dormiram nas mesmas faixas infantis, nem ao embalar do mesmo berço; não jogaram a cabra cega no adro do templo da mesma aldeia, mas, Deos, formando-lhes o coração, fê-los unisonos no pensar, unisonos no amor.

Todo ternura em cousas de amizade, tinha Elmano na voz um trovão, no braço um corisco, e eil-o ardendo por dormir ao sereno sobre a tarimba, no

litteratura vem a produzir um mal extraordinario no futuro. Não somos nós que assim o dizemos; é a historia da renascença. Antigamente diziam: a litteratura é o pulso do povo, porém a historia sangrenta da renascença diz que a litteratura contribue para a civilisação das nações. Si aquella é má estas serão desgraçadas.

Sabemos que os homens serios despresam esses romances pessimos, mas nem por isto elles deixam de ir espalhando-se, como peste que zomba de tudo. Ora em vista de tão desgraçados materiaes qual será a natureza do edificio que se erguerá?

Proseguiremos.

#### INSTRUÇÃO PUBLICA.

O illustre deputado, Sr. Dias da Rocha, em um notavel discurso proferido na camara temporaria, entre outros assumptos de que tratou, assim fallou á cerca da instrucção publica:

«O SR. DIAS DA ROCHA:—Fazendo votos para que cada vez mais se promova a effectividade das garantias prometidas na constituição, vou indicar outra reforma indispensavel.

Os escriptores de quem referi alguns pensamentos fazem da eleição indirecta depender os abuzos, os crimes electoraes que a historia tem registado.

Eu vou mais longe.

Com a reforma eleitoral, ou antes della, a reforma dos costumes é uma imperiosa necessidade a que convem attender de prompto.

A educação moral é descurada, e a intellectual é dada a um numero muito insignificante.

É preciso estender pelo regaço da geração que desponta a toalha da communhão, e ministrar-lhe, que farte, a eucharistia da intelligencia.

A maioria dos males que nos affligem vem de baixo, da base da pyramide social.

Nada é isolado nos acontecimentos da vida. O fim está logicamente subordinado á origem por correlação profunda, necessaria, eterna.

Que valerá termos boas leis se o po-

punho a bayoneta, no peito o broquel. N'esses assomos de heroismo a bem da verdade endereçou a Philinto, a seu caro Philinto, o seguinte bilhete:

«Talvez que dentro d'estes oito dias já me não aches aqui. Dás sem duvida com os meus projectos. Pois bem, passarei por Paris affin de ver-te, abraçar te quicá pela ultima vez, e depois te escreverei de ... de ... de Roma. Votei á Igreja minha palavra, meu braço e meu sangue. Por agora ella faz bom barato da minha palavra, mas o meu braço lhe pode ser util. Circula-me nas veas um sangue generoso, o sangue Bretão; pois bem, se é mister sangue para defender os Estados do Papa, com prazer derramarei até a ultima gota do meu. Diz-me imcontinentemente o que pensas da resolução que tomei. ...»

Dous sentimentos contrarios lidaram no coração de Philinto. Apenas sentia-se com forças para acabar a leitura d'essas regras. Diziam uns que os inimigos da Igreja se haviam retrahido, outros affirmaram que marcharam a passos cheios para a cidade Eterna; quaes que lhe escalavam os muros, quaes emfim que já no castello de San'Angelo trovejava o canhão Francez. Invocou Philinto o que nos dá o espirito de força e coragem, e respondeu ao amigo com mão firme e resoluta—*parte*. Se morreres, Guérin sairá ao teu encontro; se escapares á sanha d'esses infelizes mais infernaes que o proprio Satanaz, a imagem da Igreja, por ti defendida ou vingada, te illuminará com seus raios.

«Vem ao Seminario ao meio dia em ponto. Oh que despedida! meu coração se parte em dous, mas coragem! nós nos veremos um dia, e no entanto orarás por mim, não é assim? Pelo que me toca, caro amigo, nunca me esquecerei de ti

vo, tacteando na escuridão da ignorancia, não se acha preparado para aquilatar-lhes o valor, para comprehender os beneficios que dellas emanam?

Ainda que reformemos algumas leis, a ignorancia, a astucia, a má fé, os ardis copinuarão no afan de sophismar tudo, sendo negativo o resultado.

Consequentemente, *pari passu*, com a adopção de leis attinentes a prevenir abusos, que se cure de irradiar até as ultimas camadas do povo a luz que expande o espirito e fortifica o coração.

Para isso que haja liberdade de ensino e que o ensino seja obrigatorio; isto é, ensine quem quizer, tendo a quem, mas seja a maioria sujeita a aprender.

É verdade com fóros de axioma, que sem educação não pôde o cidadão gozar bem e plenamente da liberdade, nem respeitar as instituições que regem a communhão a que pertence, porque não sabe regular a sua vida politica e civil.

Sobretudo a mulher exige muito maior somma de cuidados. Em geral, é nulla ou viciada a educação que se lhe dá: ou sobrecarregam-na com trabalhos pesados desde os mais tenros annos, desprezando a cultura do espirito e do coração, ou apenas preparam-na para as frivolidades dos salões.

Segue-se disto que, tornando-se esposa, ignora o sublime mister de mãe de familia, e torna-se inhabil para ministrar aos filhos as lições e conselhos que serão a sua salvação, quando, homens feitos, nas tempestades do mundo, vacillarem na proximidade dos abysmos, atirados pela sua fascinação.

Não ha contestar a verdade de que o homem, fatigado pelos trabalhos, com a fronte sulcada de rugas, debruçado nas grades do sepulchro conserva, mais ou menos augmentados, os vicios e as virtudes que adquirio no berço, no seio da familia.

Precisamos, pois, educar a mulher para o exercicio da missão sublime, incomparavel, grandiosissima que tem de desempenhar na sociedade, a qual, sujeita á sua influencia poderosa, será boa ou má, conforme a direcção que lhe ella imprimir.

Le Play, ácerca deste ponto de reforma, em poucas palavras expõe bem o

em presença de Deus, e, quando me fôr dado subir os degráos do altar, para offerecer ao Pontifice por excellencia a victimia santa e sem macula, derramarei seu precioso sangue sobre a tua alma, e ella voará aos céos, rica dos meritos do Salvador.

«Quero ainda confiar da tua amizade uma pequena cruz, que suspendeu-me ao pescoco a minha extremosa mãe, no dia, em que dando um adeos á Patria, comecei á demandar esta terra tão nobre e tão generosa. Se fores vencido, ella me contará tuas façanhas, e ser-me-ha duplamente cara, se succumbires primeiro que vejas o triumpho da Igreja, vê se a entregas ao que pelejar ao teu lado, que a tinja de teu sangue, e que tenha a bondade de m'a remetter. ...»

Medrava a coragem no peito de Elmano á medida que se augmentavam os riscos que corriam esses intrepidos mancebos, cujos nomes já engrandecidos ecoam pelo mundo.

Attentando no heroico exemplo dos seus patricios, já se afigurara sulcando ceruleas ondas do Mediterraneo, penetrando na grande patria dos catholicos, e limpando-a d'essas quadrilhas de malvados, com os quaes, sob capas de revolucionarios, pelejavam os mais traquejados soldados do Piemonte, vergonhosamente vencidos por um troço de mancebos, cujo é hoje a gloria.

Mas Deus, que o destina á outros combates, indelliriu lhe o pedido.

«A noticia que vou dar-te, escrevia a Philinto em 11 de Novembro, será luctuosa para o teu coração. É bello o morrer defendendo a Religião. Tú o comprehendeste, sacrificaste as doçuras da amizade, e disseste—espera-o a palma do martyrio, saia, pois, a colhela.

«Mas: era até hoje teu amigo, fizes-

que eu em muitas mal descrevo. (*Não apoiados*.) Diz elle: «A direcção affectuosa dada pela mãe aos habitos, á intelligencia e aos sentimentos da primeira infancia exerce geralmente soberana influencia no futuro da raça: constitue uma alta função social em toda a civilisação, tendo por fim o desenvolvimento moral.»

Mais adiante. «A esposa instruida e honesta é a providencia do lar domestico; é ella quem crea os costumes, e constitue-se por este motivo o principal agente do progresso social.»

As paixões, a ignorancia e a concupiscencia são, na phrase do grande Lacordaire, as tres chaves que abrem á creatura as portas da perdição. Pois bem; substituamos por outras essas tres chaves: a educação moral e religiosa; a educação intellectual e a educação physica. Com ellas penetraremos as portas do céu; vale a pena—luz por trevas; bem por mal; felicidade por desgraça. (*Muito bem!*)

Destarte diminuirão os perigos que por toda a parte cercam a mulher, ameaçada, pela sua natural fraqueza, a descer muito baixo na escala social, se a não instruem em tempo.

Para exemplos do nosso atraso neste ramo, o principal da administração, basta lembrar que na provincia do Paraná, uma das mais avantajadas na disseminação da instrucção primaria, segundo a autorisada opinião do Sr. senador Pom-Pêo, apenas um nono dos meninos em idade de frequentar as escolas a ellas concorreu no anno lectivo de 1866; e o de que se servio o nobre senador por Goyaz, em relação ao municipio neutro.

Para este assumpto, como para o da reforma eleitoral, chamo a attenção do nobre ministro do imperio. S. Exc. que, pelo seu alto criterio, talentos e erudicção, foi competentemente chamado o principe da mocidade, pôde ainda ganhar muitas victorias e colher muitos louros para mais perlustrar o seu nome, que tambem é a tradição gloriosa do de um profundo estadista, cuja perda a gratidão nacional relembra sempre com veneração. (*Muitos apoiados*.)

te-me teu irmão. Ao deixares a casa paterna, tua santa e carinhosa Mãe, deute com seu ultimo osculo um penhor de sua ternura, á imitação d'esses dous amigos, que no ponto de se separarem, dividiam uma moeda, e cada um guardava a metade. Era esse de amor bem exiguo signal. Como christan, que é, deu te tua mãe o altar e o throno do amor, uma cruz—, e quem sabe se não a houve das mãos da sua mãe moribunda! Só membro da familia devia tocar n'esse objecto sagrado, e me associaste aos teus, para assim dizer. Queria tomar o caminho do céu o mais curto: de passagem queria encarregar-me de depor essa oração aos pés do que Deus, cioso da tua felicidade, a si chamou.

«É porque não ser-me-ha dado fazer-o?

«Lendo esse trecho da tua, meus olhos arrazaram-se de lagrimas, e esse sangue da minha alma banhou tua carta e regou teu nome.

«Prevês, prezado amigo, qual a decisão dos que teem a seu cargo educar-me. Disse-me o Sr. ... que primeiro o faziam em postas que deixar-me partir. É debil sem duvida o meu braço, mas a coragem dá forças. E's fraco, dizem-me. Os que assim fallam esquecem-se que houve Deboras, que David matou Golias.

«Mas de que servem essas recordações, se a lei está lavrada? Deus falla pela boca dos meus Superiores. a mim toca obedecer. Já que me não foi dado lograr o martyrio de sangue, obtive o do desejo.—Teu amigo Elmano.»

Paris, 8 de Dezembro de 1867.

ROMUALDO DE SEIXAS BARROSO.

## DA LIBERDADE PELA INSTRUÇÃO.

É do Exm.<sup>o</sup> Sr. conselheiro Mendes Leal o seguinte artigo:

«Quanto mais alta é a significação das palavras, maior é o abuso que d'ellas se faz. Nenhuma de tanto prestigio nos tempos modernos como a de liberdade; nenhuma também que mais tenha sido em vão e abusivamente explorada.

Em nome da liberdade convoca o ambicioso as turbas de que faz instrumento; em nome da liberdade se promove e amplia a licença que a destrue; em nome da liberdade se torna impotente a virtude e immune o crime; em nome da liberdade enfim se trama e se prosegue o aniquilamento da mesma liberdade!

Succede isto nos paizes onde a instrução geral não está em proporção com as franquias das constituições.

A liberdade não é só um fim, é também um meio. A liberdade serve para acrescentar e melhorar a civilização.

O direito de cada um é limitado pelo direito de todos. As faculdades comuns são naturalmente circumscripções pelos communs deveres. A comprehensão cabal daquelle direito e destes deveres é pois essencial para que a mesma liberdade se não transvie ou desaproveite, e ainda mais para que se não sirvam della contra ella.

Ha de a liberdade ser argencia proficua do trabalho; não patrono escandaloso de facções; ha de saber o que quer e para onde vae, não tumultuar ao acaso; ha de amanho o terreno cultivavel, não semeal-o de ruínas; ha de conciliar as divergencias, não excitar as discordias; ha de conduzir a egualdade perante a lei, não ao desprezo da legislação e da autoridade; ha de fecundar pela iniciativa, não subordinar-se a especulação; ha de em summa constituir uma grande instituição de mutuo auxilio e mutuo aperfeiçoamento, não um chaos sem forma e sem luz.

Liberdade é emancipação. A emancipação é o desejo e a aspiração natural da razão educada e desenvolvida. Achar-se-hão pois aptos para a liberdade os homens a quem faltar essa educação e esse desenvolvimento? Não estaram estes continuamente sujeitos á frequência do erro e á tutela perigosa do ardid? Haverá verdadeira emancipação onde não estiver generalizada pelo menos a instrução elementar, que deve comprehender o cathecismo do cidadão?

Repetidos exemplos nos offerece a historia para advertencia dos incautos. Um povo sem a necessaria instrução não tem as habilitações indispensaveis para discernir a verdade da fraude, e corre sempre o risco de ser victima das suas cegueiras.

Para se avaliar como a instrução é essencial á liberdade, basta recordar o empenho com que o despotismo mantém a ignorancia. Só com effeito o atrazo do maior numero conserva o predomínio absoluto e o senhorio irresponsavel de poucos. Aquelle atrazo é até certo ponto a justificação e a legitimação do poder indefinido e illimitado. O povo sem instrução é um povo na infancia, e a infancia nunca se considerou *sui juris*. A tutoria é para elle conservação: é a situação moral inherente á sua situação intellectual.

Emancipar um povo sem o instruir é collocal-o de olhos vendados a beira de um precipicio. Dizei-lhe em tal estado que procure por si o caminho e grangeie a vida!

A ignorancia leva directamente á anarchia á tyrannia. Nos periodos de inesperienza primitiva a forma absoluta dos governos é um producto do instincto; nos periodos de emancipação prematura a mesma forma reaparece como consequencia da necessidade. Chame-se o estado republica ou imperio, chame-se o poder dictadura ou monarchia, differem unicamente os nomes, não differem as condições.

A verdadeira democracia só portanto é possível e duravel com a verdadeira instrução. Quem sinceramente quizer cimentar e assegurar a liberdade ha de

lhe dar por base a escola. E não basta dilatar esta, é ainda essencial fiscalisar de perto o ensino, não no sentido de invadir o fóro das consciências, mas no proposito de impedir a falsificação e o dolo.

A apparencia da instrução não é instrução, como a apparencia da saúde não é saúde. Essa apparencia pode tornar-se ainda mais nociva do que a propria insciencia. Sob a superficie de um lago que reflecte o sol occulta-se muitas vezes o fogo venenoso que infecta os ares. Na gerencia da escola ha de haver tamanha dedicação e tão severo escrupulo como no serviço de um templo. A improbidade ali brevemente se faz calamitosa. Esse é o manancial. Será pouca toda a vigilancia para o acautelar da corrupção.

A liberdade tem as raizes na democracia, mas só a instrução lhe prepara e lhe amadurece os fructos. Deixae-a infamar de esteril, e não tereis nem democracia, nem liberdade: tereis uma turba confusa e um fragil sophisma.

A democracia ignora ou pervertida faz-se demagogia. A demagogia é a legião que abre o passo aos despotas ou apaga o nome á patria!

Tanto maior a somma das liberdades, tanto maior a somma das responsabilidades. Como poderá ser livre quem não souber responder por si?

Consequencia necessaria: ampliae a instrução, consolidareis a liberdade.»

## RELIGIÃO.

## A PASTORAL DO SR. BISPO E O JUBILEO.

Aproxima-se o sempre grandioso dia 8 de dezembro por ter sido nelle que teve lugar a publicação do dogma da Immaculada Conceição de N. S.

Em attenção e veneração a tão respeitavel dia o SS. P. Pio IX resolveu principiar nelle os trabalhos do Concilio Ecumenico.

Quem tem acompanhado o movimento da intelligencia, as escholas philosophicas, esse amalgama de erros revestidos com todas as peles, desde a audacia mais insolente até a epocrisia mais subtil, trazendo os espiritos em um torvelinho de agitações horribes, quem tem acompanhado todo este movimento ancioso e suspira pelas decisões da Igreja.

Ella é quem tem sempre com a sua palavra imponente derribado as muralhas do erro. E ella quem tem abatido as probellas do inferno desde Simão Mago, até Luthero.

Falle pois a Igreja; ressoe a sua palavra potente e fecundada pelas promessas infalliveis de Jesus e as trevas se desappareçam.

De bálde esbravejarão os espiritos rebeldes, em vão tentarão n'um arranco desesperado; hão de aniquilar-se.

Tem sido esta a sorte de todos os erros.

No tempo do Arianismo diz S. Jeronymo parecia a terra tremer, e que todo mundo erra ariano: os Papas foram despojados, arrancados da cadeira de Pedro, porem no meio da procella a Igreja fallou, e em vão se ergueo tumido o monstro do erro... desapareceu oprimido pela maldição da Esposa do Christo.

Agora a Igreja conhecendo as palpitantes necessidades dos tempos, o incremento que vão tomando os erros ergue-se com magestade, com a vida communicada pelo sangue de Jesus, ergue-se como um vulto supremo, e vai fallar...

Todos os fieis devem curvar os joelhos e dirigir supplicas a Jesus para que se digne assistir-nos nas decisões da Igreja. E para que as nossas orações sejam ardentes o SS. Padre, usando de uma pratica sempre seguida por nossa mãe a Igreja abriu um Jubileo.

A creença da Igreja catholica desde os Apostolos é que pelas promessas, de Jesus ella pode abrir os cofres de graças e mediante o arrependimento e pequenas penitencias nos alliviar muitos annos, de soffrimentos na outra vida.

Mas para que assim aconteça é neces-

sario que a Igreja o determine por este acto denominado—Jubileo—. Corramos pois aos templos e não percamos esta bella occasião de diminuirmos tantos annos de padecimentos, que merecemos por tantos pecados. Nós somos catholicos; deixemos essas perversas theorias, que depois de perderem-se, trabalham, á submergir a outros.

Somos catholicos; por consequencia pratiquemos com fé o que nos ensina o Filho do Golgoth que não erra.

Hoje damos publicidade as Lettras Apostolicas, e a Carta Pastoral do nosso venerando Deocesano, onde os fieis apprenderão o modo de regular o Jubileo para ganhar as indulgencias prometidas pela Igreja.

## PARLAMENTO.

## DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA Sessão DE 15 DE JULHO DE 1869.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA:—(continuando):—Pois bem, até a França de Napoleão III, que está em seus balanços, já permite reuniões, já faz esta concessão ao espirito liberal. Na propria França de Napoleão III já ha direito de reunião, com certas restricções, que não sabe como não se tem imposto ás reuniões liberaes feitas na Phenix. Em França não se quer que o povo apanhe chuva; a reunião ha de ser debaixo de cobertura, não póde fazer-se na praça publica. Entre nós também ellas tem sido feitas em baixo de cobertura; o que não tem havido (e este é o progresso que escandalisa o nobre senador pelo Rio de Janeiro), é a restricção da lei franceza; ali não é licito fallar de Napoleão, dos ministros, dos prefeitos, e não sabe de que ha mais. Parece que o nobre senador queria que entre nós não se permittisse fallar no imperador, nos ministros, nos senadores, nos deputados, etc.

Exagerando a liberdade que ha no Brazil, disse o nobre senador: «Até ha as scenas da Phenix, onde sem responsabilidade alguma proclamam-se as idéas ultra-liberaes radicaes. Isto foi, como já disse, uma dedicatória ao orador; eis porque está-se demorando um pouco, é para corresponder á fineza do nobre senador.

Mas as reuniões que se fazem na Phenix não são, como pretende o nobre senador, sem responsabilidade. Todos os oradores que alli fazem conferencias, expondo suas opiniões na presença de um auditorio sempre muito escolhido, não estão isentos de responsabilidade. O orador, que já lá teve a honra de fallar uma vez, cre que não o fez sem responsabilidade; sujeitou-se a ella.

Já declarou que prezava muito a honra de dirigir-se a uma reunião publica de cidadãos interessados nos nossos negocios, e que sujeitava-se para isso á responsabilidade commun a todos que fallam diante de mais de 15 pessoas. Onde está, pois a demasia de liberdade que o nobre senador enxergou? Onde está essa irresponsabilidade que tanto o escandalizou?

Ainda occorre que o nobre senador foi summamente injusto na apreciação que fez das opiniões enunciadadas nessas reuniões. Se o nobre senador tivesse lido um pequeno discurso que o orador ali proferio, não o qualificaria como o qualificou; não ha nesse discurso opinião alguma que, sem injustiça, deve ser qualificada nos termos de que S. Exc. se servio.

Se o nobre senador antes de exercer toda sua severidade tivesse lido a cantata de vér e examinar o que alli se tem dito, não teria feito tão injusta apreciação, nem concluiria contra o exercicio de direito de reunião no paiz. Aquellas reuniões tem sido feitas na verdade sem caracter algum que possa incriminar nem ás mais exageradas susceptibilidades da autoridade mais suspeitosa. Não deveria, portanto, o nobre senador ter-se lembrado deste vulto:

Entretanto, até certo ponto estimou muito que o nobre senador assim tivesse praticado, porque proporcionou-lhe esta occasião de protestar contra a má interpretação que tem dado ás palavras do orador e de muitos outros que tem tomado parte nessas reuniões.

É um recurso dos homens que estão no poder o sustentar que os que tem aspirações radicaes são perigosos, tem idéas exageradas, procurão tirar as ultimas consequencias em relação aos problemas sociaes que agitam; foi possuido destas idéas que o nobre senador pela Bahia, mostrando-lhe algum interesse e amizade, convidou-o a que se retirasse para a solidão, não continuasse a ir á Phenix. S. Ex. sempre foi menos injusto do que o nobre senador pelo Rio de Janeiro: apenas tornou-se o reflexo da opinião dominante contra a opinião liberal. Como appareceu o radicalismo, quer se fazer que passe como synonymo de republicanism, ainda mais, até como de socialismo. Este é o sentido da imputação que fez o nobre senador: exaggeração nos principios e proposito de levar-os ás suas ultimas consequencias.

É, pois, preciso dizer ainda duas palavras a este respeito, antes de passar a outro assumpto. O radicalismo nasceu entre nós do espectáculo do abuso constante das praticas parlamentares. O que lhes suscitou a idea de provocar o restabelecimento das praticas do systema representativo e a repressão dos abusos foi a perspectiva geral do abandono de todas as condições do regimen constitucional.

Quando vê camaras sem iniciativas, abdicando suas attribuições legislativas, o governo invadindo tudo, o poder judiciario sem independencia, o poder moderador exercendo funções sem o correctivo de camaras que representem o paiz; quando acha-se em luta permanente com todos os governos, porque negam ao parlamento suas prerogativas, não lhe querem nem dar as informações que pede, erigindo o segredo em systema de governo, prevalecendo-se de qualquer pretexto para recusar esclarecimentos de que as camaras precisam; quando vê que assim aniquila-se a representação nacional em beneficio do governo, que quer elevar o poder executivo acima do parlamento, entretanto que a sociedade brasileira é que tem o direito de governar-se a si mesma por meio de seus representantes; quando vê a confiança e tranquillidade com que os homens que governam accommodam-se a este modo de viver contrario á indole do nosso systema, e a todas as condições de futuro do paiz, não pode o orador deixar de protestar: é preciso fazer com que o governo mude de vida; não se pode viver assim.

Pensam que por terem hoje uma camara unanime e maioria no senado podem postergar todas as condições do governo representativo, tomar o papel de ministros de rei absoluto? Enganarase: a sociedade não consentirá e hade faltar-lhes na hora de sua maior confiança. (Apoiados). Esta perspectiva da sociedade é que fez nascer no orador as aspirações de radicalismo.

Podia responder aos nobres senadores com os estatutos dos radicaes: elles contém um artigo em que está inscripta esta pergunta: «Ha no Brazil governo parlamentar, governo representativo com todas as condições da constituição?» Esta é a principal base do radicalismo, e todos os que responderem negativamente á pergunta podem ser membros do club dos radicaes. (Apoiados). Podia, portanto, o orador recrutar tudo quanto aqui está (hilaridade), com excepção unicamente do nobre senador pelo Rio de Janeiro. (Talvez que nem elle, diz uma voz.)

(Continúa.)

## A NAÇÃO.

Maranhão, 6 de Outubro de 1869.

## CANCRO SOCIAL.

## VIII.

Hoje tentaremos ás ultimas conclusões das idéas que temos pífunctoriamente appresentado sobre o estado da sociedade brasileira.

Temos percorrido os diversos ramos por onde necessariamente tem de manifestar-se o progresso social; e somente o esqueleto hediondo da morte surge aterrador.

Com os fracos recursos intellectuaes e scientificos de que dispomos, não podemos descortinar progresso na sociedade brasileira. Bem pôde ser, contudo, que intelligencias superiores o consigam; mas a voz do povo, mesmo de muitos politicos de ambas as côres é que o nosso futuro faz tremer.

E quem no meio deste movimento de leterio *affecta* pensar que recostamo-nos em leito de rosas ao doce marchar do carro triumphal de um progresso pronunciado, ou é muito perverso ou tem a innocencia de uma creança.

Por mais que torturassem a Gallileo para negar o movimento da terra, elle sempre repetia baixinho: *ella por si se move*. Assim, por mais que se esforcem em negar os grandes males sociaes, que devoram-nos as entranhas, iremos sempre repetindo:—*vamos mal, vamos pesadamente*.

E não ha negal-o: deixemos o terreno das abstracções, interroguemos a logica, leiamos a historia, comparemo-nos com as nações civilisadas, percorramos os elementos constituintes das sociedades e depois digam se vamos ou não muito mal.

Não ha progresso no elemento industrial e artistico, e por ali anda até um relatorio do ministro agarrando-se com a emigração chinesa, por considerar morta a agricultura.

Não ha progresso em politica, e ali estão os escandalos das urnas, esse mercado infame de listas, para onde a massa ignorante corre a satisfazer paixões e commetter atrocidades, injuriando, espancando e assassinando!...

Não ha progresso litterario; não ha melhoramento religioso—logo onde estão as esperanças do Brazil? Ah! e fosse somente este o mal! Vede e examinaí o reverso da medalha, e pasmai diante da antithese.

Os vícios de um macaqueamento torpe, que nos levam a querer plaptar entre nós o que as outras nações teem de mão, a titulo de progresso, prostram-nos em terra.

A agiotagem politica, as defesas e accusações apaixonadas nos aniquillam.

A insuficiencia, a impericia de estadistas na flor dos annos, e alem disto empavoneados com falsas theorias que esvoaçam, se arrogando o glorioso titulo de progresso, de conquistas da razão no seculo das luzes, tudo isto nos devora as entranhas, e hade abater, e dar por terra com o immenso gigante.

Onde pois está a salvação? No governo não; porque saindo elle do povo, e estando este eivado de erros, erros serão a sua partilha, e erroneos serão todos os passos.

Onde está o remedio, a salvação? Na mocidade que se educa? Mas a educação entre nós é por demais deficiente: não ha apostolado, ninguém quer entregar-se a tão arduo trabalho; porque a educação é sacerdocio e não agiotagem. O educador entre nós tem posição falsa, porque a sociedade nega-lhe esse grande

caracter que lhe dá vida: A AUTORIDADE, O RESPEITO.

Não ha pois germen promettedor de salvação: nem no governo, nem no povo, nem na mocidade.—Só o ha na Providencia Divina.

Com tudo não será isto motivo para esmorecermos. Cada brasileiro deve ser um Briareo na obra da regeneração, do verdadeiro progresso.

Ponhamo-nos de lança em riste contra essas reformas de cabeças enfermas, que baldas de idéas grandiosas pairam na trivialidade dos erros já ha muito mortos em outros lugares; armemo-nos contra os desmandos e trabalhemos pacificamente para o nosso engrandecimento.

Gritemos pela instrução boa e abundantissima para o povo; clamemos contra os abusos eleitoraes, contra essa falsa liberdade que temos degenerada em licença; clamemos pelos premios, e animações que estimulem as artes e industria; usemos dos nossos recursos naturaes, e deixemos de pedir ao estrangeiro, o que temos em abundancia; sejamos patriotas, e não escada para um ou outro especulador avido de posições; procedamos neste sentido e seremos grandes. A fatuidade, o pedantismo tem sido um dos grandes e pronunciados principios de nossas quedas, ergam-nos, pois, como um só vulto contra os vícios publicos; sejamos sinceros, observe-se restrictamente as leis e seremos grandes. E o contrario serão os escolhos ensanguentados da revolução. Leiamos os escriptos do grande De Maistre, onde elle presagiava a revolução francesa, e veremos que o caminho que conduz a esses horroresos cathaclismas sociaes não é outro.

## LITTERATURA.

## EDUCAÇÃO DAS CLASSES OPERARIAS.

Discurso pronunciado no congresso de Malinas, pelo Padre Jacintho, carmelita descalço.

Eminencia, Monsenhores, Senhores.—Não procurarei occultar-vos a viva emoção que me penetra.

Oh! e aterroriso-me desta assemblea que me vai presentemente inspirar.

Fallo ante um principe da Igreja, principe tambem da sabedoria e da virtude, ante um circulo illustre de Bispos, meos pais na fé; ante homens de Estado eminentes, mestres da sciencia e da eloquencia, e encontro esta tribuna ainda tepida e palpitante das mãos que a tocavam e dos accents que a faziam tremer. Fallo ante a grande assemblea vinda dos quatro ventos do céo para debater, sobre este canto de terra livre que se chama Belgica, os interesses religiosos dos catholicos dos dous mundos. Senhores, eu me aterrorisava, mas não me aterroriso mais. Não sou aqui um desconhecido, mas encontro irmãos, e vossas acclamações eu as aceito, e porque ellas não se dirigem á pessoa, que nada é, porém á causa que é grande, ia dizer que é tudo. Esta cauza, em duas palavras defino-a:—a Igreja catholica, e a Igreja catholica no seculo dezenove.

Ah! no dia, que nenhum sacerdote esquece, no dia em que deitado sobre o pavimento do templo, eu tomava por minha unica e virginal esposa a santa Igreja de Jesus-Christo; com os labios no pó, os olhos em lagrimas, o coração em extase e soluços, jurei em silencio amal-a muito, e, se podesse, bem servil-a, não somente em seu grande passado, que já não existe, em seu grande futuro, que não existe ainda, mas no seu presente tão doloroso e grande tambem, no seu

1 O nome do Rvd. Padre Jacintho tinha sido acollido com prolongadas acclamações.

presente tal qual os seculos, e por consequencia Deos, o tem feito.

Ora, no serviço da Igreja do seculo dezenove, uma questão se apresenta profunda e ameaçadora entre todas:—a questão operaria.

Esta questão é immensa, mas eu restringil-a-hei a um ponto de vista especial, a educação das classes operarias.

A esperança da ceifa está na semente, e Leibnitz dizia: «Dai-me por um seculo o ensino da mocidade, e em mudarei a face do mundo.» Esta transformação não se pôde perfazer senão quando a educação do operario praticar-se nas condições exigidas pela propria natureza do homem e harmonia geral do plano divino.

Ha tres graus n'essa educação: a educação primaria pela familia, a educação religiosa pelo domingo.

I  
EDUCAÇÃO DA FAMILIA.

Colloco a familia em primeiro lugar. Ella occupa-o na ordem do tempo, devia occupar-o na ordem das influencias. Entre tantos homens distinctos que se preocupam da sorte das classes operarias, admiro-me que apenas um tão pequeno numero comprehenda suas verdadeiras necessidades. O remedio aos males que ellas soffrem, o instrumento do progresso que ellas querem realizar, procurar-se-ha em vão em invenções e combinações novas, em theorias especiosas, ou mesmo em instituições particulares e accidentaes.

Elles existem na familia, essa instituição tão antiga e geral como o mundo, que possui suas raizes nos mais intimos, mais ternos, mais fortes reconditos do ente humano; essa instituição vinda das mãos do proprio Deos, atravez das brisas originaes do Eden, que o Christo empurpureou com seu sangue e elevou a dignidade do sacramento para fazer uma das sete columnas que sustentarão para sempre a humanidade regenerada. (Applausos.)

E pois a familia que se trata de sustentar ou restaurar em todas as classes da sociedade, porém principalmente na classe operaria de nossas cidades. É principalmente na familia que é necessario dar ao menino a educação primaria.

Na educação primaria ha sobretudo duas couzas a considerar: o lugar e o agente. O lugar—é o lar domestico; o agente é a mãe.

O lar domestico! É ali que deve repousar o berço do menino; aqui é que se devem passar seus primeiros annos. Não tem a Providencia posto este instincto no coração de todos os entes, ainda mesmo nas especies inferiores á nossa?

Não edifica o passaro seu ninho na fresca relva sob o abrigo da sebe, ou entre os ramos da arvore? Não ha em todas as ordens da natureza um lugar sagrado onde devem repousar as primeiras esperanças: as primeiras alegrias e os primeiros soffrimentos da vida?

Pois bem, a especie humana tem direito a um berço sagrado entre todos os berços, tem direito a um lar domestico que não seja nem humicida, que não mate o corpo nem a alma da creança. É este lar que fará a educação primaria d'essa imaginação e sentimentos nascentes. Estes muros não são muros, este tecto não é uma aglomeração de madeira e pedras, moveis não são objectos vulgares, eu digo que tudo isto falla uma lingua profunda e exerce uma acção poderosa na ordem moral. Não temos nós outros catholicos, em nossa divina religião, signaes sensiveis que se chamam sacramentos, agoa, vinho, pão, oleo, materia enfim, porem mate-

ria que revela e communica em graus diversos as couzas inviziveis? Na ordem da natureza, e n'isso que chamarei a religião do lar, ha tambem uma influencia mysteriosa dos logares e dos objectos, uma secreta comunicação de habitos, virtudes, espirito de familia até para as cousas materiaes. O infante verá o que tem visto seus paes, elle misturará sua vida com os objectos cheios de sua lembrança e para assim dizer penetrados de sua alma; receberá não sei que impressão e caracter indelevel que o acompanhará pelos desvarios da mocidade, e até sob os brancos cabellos do velho.

Se ha ali poesia, Senr.<sup>a</sup> e a poesia positiva; ella germina nos factos, e tem suas raizes na natureza das copzas. Ella far-nos-ha sentir aliás, de que importância é para o menino ser educado junto a seus paes e não sob um tecto estranho.

Eu disse que a mãe é o agente principal da educação do lar. Não é que desconhecesse o papel do pae, e se fosse possível exprimir todo meu pensamento, exprobaria a certos auctores catholicos não haver feito d'elle um apreço sufficiente. Nos somos espostos a esquecer o pae em presença d'esse typo tão puro, tão gracioso, tão christão, da mãe. Mas não fazendo aqui um tratado completo de educação pela familia, insisto sobretudo na importancia d'essa educação primaria, cujos cuidados foram quasi exclusivamente desenvolvidos na mulher. N'essa epocha da vida, trata-se de formar o corpo e o coração do infante: a razão terá sua vez mais tarde, mas ella não se desenvolverá senão sobre esse duplo solo physico e moral, um corpo e um coração dignamente preparados. Ora as mãos da mulher são as unicas capazes d'esta agricultura de Deos, *agricultura Dei*: só ellas são bastante puras e ternas para tocar esse corpo virginal e paciente, que um contacto impuro poderia machucar e abater; só ellas são assaz poderosas para acordar n'elle esse orgão do coração que é, segundo a sciencia, o primeiro a nascer, o ultimo a morrer, *primum saliens et ultimum moriens*, e onde entretanto a potência de amar permanece tantas vezes apagada e corrompida em seu germen. Ah! sim, como as mãos do sacerdote são consagradas para tocar o corpo do Christo sobre o altar, corpo glorioso, mas cahido nas enfermidades do sacramento; da mesma maneira as mãos da mulher christã, nas benções do casamento e nas graças da maternidade, são santificadas dignamente para tocar o corpo do menino, corpo inférmo, e glorioso, pois que contem uma alma, ia dizer, que contem um Deos.

Pelo baptismo elle foi membro vivo de Jesus Christo. (Applausos.)

O lar é a mãe!.. Onde estão hoje para o povo de nossas grandes cidades? Ah! eu toco em duas pragas immensas, deformes de nossas sociedades contemporaneas: a má condição das habitações operarias, e a ausencia da mãe no lar domestico. Eis aqui um dos principios os mais desconhecidos e mais activos do mal que soffremos: é ali, n'essa desorganisação da familia, n'essa desmoralisação do povo, que se formam esses pontos negros que se elevam em seguida para a atmosphera para ali tornar-se uma grande nuvem e finalmente brilhar n'uma immensa tempestade.

E' pois um lar ou um antro, essa caverna humida, obscura, infecta, d'onde se está ausente todo o dia, e onde a tarde se entra n'uma confusão odiosa? É inorada de vivos ou tumulto de mortos, essa agoa-furtada estreita, abafada, on-

de para estender-se sobre seu leito de Procusta (cito um fato recentemente por mim sabido em Paris), o obreiro fatigado é obrigado a abrir a trapeira, á noite, e pôr os pés sobre o tecto? Eu o pergunto, são estas habitações toleráveis para cidadãos livres da França ou Belgica, para homens resgatados pelo sangue de Jesus Christo? (*Applausos.*)

Se ao menos a mãe estivesse ahí, seu olhar e seu sorriso esclareceriam esses horrores, e fariam uma festa alegre no seio d'essas tristezas. Mas a industria, a barbara industria, lhe tem dessecado as mamas, lhe tem arrastado enferma e vacillante para a grande officina cheia do ruido do trabalho e gritos de blasphemias, d'onde não ouvirá ella os vagidos de seu filho levado, mui longe de si, para a casa do estrangeiro indifferente ou cúvido que trar-lhe-ha a morte ou fanal-o-ha.

Eu não exagero, Snrs., são factos muito communs, e que tendem tornar-se a lei das grandes aglomerações industriais. Por conseguinte, é um dever, um imperioso dever dos catholicos ligarem-se entre si e com os christãos de todas as Egrejas, com os homens de coração de todas as opiniões, para tentar um supremo esforço em favor das classes operarias. Trabalhem para dar-lhes a familia que se lhe ha tirado! Trabalhem para-lhes fazer um lar modesto e pobre sem duvida, mas honesto e risinho, onde a mãe habite com seus filhos, e lhe prodigalize esses desvellos do coração e do corpo para o preenchimento dos quaes ninguem pode substitui-la! (*Applausos.*)

(Continua.)

## PARLAMENTO.

### DISCUSSÃO DO VOTO DE GRAÇAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE  
15 DE JULHO DE 1869.

(Conclusão.)

O SR. SILVEIRA DA MOTTA (*Continuando*):—Já se vê que as cousas estão em pouco. Muitas vezes não seguimos uma idéa porqueno a conhecemos. É por isto que o nobre senador pela Bahia acredita que radicalismo no Brazil é synonymo de republicanismo, e até de socialismo!

Recorda-se de ter lido que quando o general Prim, exilado da Hespanha, percorria a Europa, um dos clubs democratas da Hespanha, que já então preparavam a ultima revolução dirigio-se a elle, convidando-o para entrar no momento contra a rainha.

O general respondeu, como talvez o orador pudesse responder ao nobre senador: «Sim, contem commigo contra o governo da rainha, mas não para fazer republica: não comprehendo que possa haver republica n'um paiz onde não ha republicanos.» Não poderia o orador dizer o mesmo do Brazil, porque os ha; mas observa que um paiz condemnado a ter uma instrução publica como esta de que dá noticia o relatório do Sr. ministro do imperio, havendo apenas 4,700 alumnos nas escolas primarias de uma cidade de 400 a 500,000 almas, não é possível contar com a intervenção de gente actua dedicada a governar directamente a nação.

Vê que em paizes dotados de instituições livres, como a Belgica, onde as cidades são, como em toda a parte, centros de maior instrução, os representantes das cidades são tidos em maior consideração na apreciação parlamentar do que aquelles que representam as localidades rurais, onde não ha tanta instrução publica. Entretanto nestes mesmos paizes, ministros apoiados na maioria dos representantes das cidades, falando como deviam, diziam ao rei: «Temos maioria nas camaras; mas não sabemos se a temos na nação.»

Ora, em um paiz como o nosso, onde os votantes, na sua maioria, desgraçadamente nem sabem escrever o nome da pessoa em que votam; onde a instrução publica está tão atrasada, não poderá

o orador ter algum radicalismo sem que isso importe aspirações de substituição de nossa forma de governo? Não vai tão longe o radicalismo do orador, mas chega a este ponto: que, comquanto não seja republicano, reconhece que ha no paiz republicano; o defeito que lhes acha é não terem a franqueza de dizer francamente que o são. Se o partido republicano que ha no Brazil dissesse claramente que o é, já era maior.

O SR. OTTONI:—Apoiado.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA estranha que os nossos republicanos não sejam francos; dizem apenas algumas cousas que nada significão, ou que significão de mais. Era melhor que tivessem a sobrançeria de o declarar sem recuo: «Nós seguimos tal escola, e ceitamos todas as suas consequências.» Isto não seria crime.

Mas não está ahí o mal; o mal está em uma cousa que o radicalismo reconhece, comquanto não seja republicano, e é que o que faz apparecer republicanism no Brazil são as degenerações do systema representativo, são os exageradores da monarchia (*apoiados*), são estes que tem feito os republicanos que ha. (*Apoiados.*)

E', portanto, preciso que os Srs. ministros não continuem na sua obra; esta vida não pôde durar. o que temos não é governo constitucional, é peor do que governo absoluto; esto tem suas vantagens; comprehende-se que possa haver um Luiz XIV, que consiga o engrandecimento do territorio da nação e a centralisação administrativa, mas n'um paiz onde podemos ter Luiz XIV, o arremedo do governo absoluto com as formulas constitucionaes é a cousa mais detestavel que pôde haver no mundo.

Se querem ser ministros, sejam, mas ministros nas condições de um governo constitucional. Para arrogarem-se o direito de serem considerados taes não basta terem conseguido eliminar da falla do throno a menção da questão do elemento servir: isto nada prova. As mesmas apprehensões do governo pessoal que o anno passado teve, ainda as tem hoje, e neste pensamento crê que não está isolado. E' preciso que taes apprehensões sejam desvanecidas de uma maneira estrondosa, porque a sociedade brasileira não pôde accommodar-se com esta forma de governo.

Tinha agora de entrar no exame das questões externas, principalmente do Rio da Prata, apesar de que estes assumptos devem ter uma discussão muito especial e em larga escala, e mui proveitosa, depois que voltar do Paraguay o nobre ministro dos negocios estrangeiros, que é o pai e o avô da nossa politica no Rio da Prata; devia tambem tratar da questão da guerra, em cumprimento de uma promessa solemne, que fez e não esquece; mas tudo isto xige muito tempo, ao passo que a honra está dada e o orador acha-se muito fatigado. Como neste debate ainda lhe deve caber a palavra uma vez, para então se guarda, pedindo ao senado que por hoje o desculpe.

Para aqui. (*Muito bem! Muito bem!*)

A discussão fica adiada pela hora.

Levanta-se a sessão.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### GRAJAHÚ, GRAJAÚ OU GUAJAHÚ

Outr'ora assim se chamava uma aldeia d'indios, situada á margem esquerda do rio Grajahú.

Rio. Nasce em distancia de 15 a 20 legoas ao N. do Riachão, ao O do rio Mearim, e corre de sudoeste a nordeste por entre ar serras do Negro e Cinta de cujas fraldas brotam regatos que o engrossam.

Estas altas vertentes, que estão a 7.º de lat. merid., mal povoadas, formam com as do Alto-Mearim e do Canella as ribeiras do Grajahú.

Entra no rio Mearim pelo lado esquerdo d'este na lat. merid. de 3.º

24' e na long. occid. de 46.º 42', seis a sete legoas acima da villa da Victoria.

Foi pela primeira vez navegado pelo alferes de milicias Antonio Francisco dos Reis, que com muitas pessoas de sua familia desceo por elle no dia 11 de maio de 1811 em pequenos e mal organizados barcos, que fabricou na villa do Senhor do Bomfim da Chapada: em todo o espaço que navegou até á Victoria, mau grado ás ciladas que lhe armaram os indios *Piôcopyés*, contou 1:289 voltas ou estirões.

Sendo este lugar (Victoria) saqueado e incendiado em 1814 por estes mesmos indios, ficou interrompida a navegação até que em 1816 novos povoadores vieram para o mesmo lugar, que denominaram S. Paulo do Norte.

Em outubro de 1817 o capitão general, que então governava este Estado, mandou fundar no lugar *Estirão-grande*, a colonia *Leopoldina* por Francisco José Pinto de Magalhães levando em seu coccorro 40 soldados de linha, a qual não vingou, já por falta de protecção do governo, e já pela deserção da tropa, e do proprio Magalhães, que em 1821 a 22 appareceu no Pará com um projecto de estrada communicando essa provincia com o districto de Pastos-bons.

Em 17 de setembro de 1818 Pinto de Magalhães sahio da *Leopoldina* com 20 soldados, e em direcção á nascente do rio examinou os campos de um e outro lado afim de abrir uma estrada que partisse da povoação e fosse embrenhar-se nos sertões.

No dia 26 pouco abaixo do riacho *Santa Anna* encontrou uma aldeia de indios *Piôcopyés*, que reduzio á paz, pedindo-lhe o chefe para não conceitir que ahí fossem os christãos mata-los, asseverando a existencia de mais seis aldeias desejosas de entrarem no caminho da civilisação.

Os francezes no tempo do seu dominio exploraram este rio até suas cabeceiras, onde descobriram minas de lapis-lazuli, salitre, sal-gemma etc. etc. Chamavam-lhe *Guaajahug*.

No inverno é navegado com facilidade, o que não acontece no verão por ter muitas cachoeiras.

Diz Lago, que elle tem 87 legoas de curso a contar-se da Serra do negro.

A sua embocadura dista da Lagem-Grande (cachoeira) 15 legoas, de S. Luiz Gonzaga 26 e meia, da Barra do Corda 83, e da origem do Mearim 146 e meia.

Em 23 de maio de 1845 o presidente do Maranhão remetteo ao governo geral amostras de cobre, descoberto nas margens do Guajahu, onde tambem se encontram, seis legoas abaixo da Chapada, pedras d'alva e linda côr, que appresentam todos os caracteres do gesso.

Uma amostra d'ellas d'aqui remetida ao ministerio do imperio, foi analysada pelo director do museu nacional, que declarou pertencer esta substancia á variedade, que, pela sua textura, tem o nome de gesso fibroso, a qual mais comumente se encontra em terreno secundario superior.

Desde os terrenos mais antigos até o fim da epocha terceira se encontra sempre o gesso, e se ouve deposito consideravel n'este ponto das masgens do Grajahú, é mui provavel que ahí se achem as variedades crystalinas da mesma substancia, taes como gesso lenticular, cylindroide, laminar etc. etc., que são empregados pelos modeladores, porque dão gesso mais fino e mais puro.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## EXTERIOR.

### O MINISTERIO FRANCEZ.

Publicou emfim o *Jornal Official* a composição do novo ministerio, que todos estavam aguardando com tão grande impaciencia. Dos dez membros de que o gabinete se compõe, sómente cinco são os que entrão de novo. Duvergier, para a justiça; príncipe de la Tour d'Auvergne, para os negocios estrangeiros; Bourbeau, para a instrução publica; marquez de Chasseloup-Loubat, para a presidencia do conselho de estado; Alfredo Le Roux, para a agricultura e commercio, que até aqui fazia parte do ministerio das obras publicas.

A excepção de um só, todos estes cinco ministros são homens novos, sem antecedencias politicas sufficientes para poderem ser devidamente apreciados; sómente o marquez de Chasseloup-Loubat, hoje senador, é assaz conhecido, não só pelos numerosos empregos em que a sua capacidade foi posta á prova em diffrentes épocas, e que servio sempre com distincção, mas como *bonapartista da vespera*, e como um dos mais sinceros admiradores do systema do governo pessoal.

Politicamente nascido, por assim dizer, no conselho de estado, onde passou a melhor parte da sua vida com diferentes graduações, ninguem conhece melhor do que elle todas as entradas e sahidas desta especie de labyrintho judicial, nem possui de uma maneira mais completa o terreno em que agora é chamado a manobrar.

Do novo ministro da justiça, João Baptista Duvergier, ninguem sabe dizer outra senão que é um jurisconsulto de merecimento e que tem os seus 77 annos bem puxados, porque nasceu em 1792. Aquelles que o conhecem de mais perto qualificam-o de *doublure de Baroche*, e se tal é não é possível que delle se possa esperar cousa boa.

Em melhores circumstancias se acha o deputado Bourbeau, novo ministro da instrução publica, porque, tendo a immensa fortuna de succeder a um homem tão geralmente detestado como Duruy, poucos esforços lhe são precisos para poder fazer boa figura. Tem alem disto a seu favor o facto de ter sido um dos que assignaram a interpellação dos 116; quando, porem, a gente se lembra de que foi elle que o governo escolheu para combater na circumscripção eleitoral de Poitiers, como candidato official, a candidatura de Thiers, é impossível que uma tal circumstancia não excite desconfianças.

O príncipe de la Tour d'Auvergne, novo ministro dos negocios estrangeiros, não é nem peixe nem carne. Como tem passado toda a sua vida em embaixadas de 1.ª e 2.ª ordem, necessariamente deve ser um diplomata consummado; porem homem politico nunca o foi nem mostra grandes disposições para o ser.

Emfim, do novo ministerio da agricultura e commercio, que é o vice-presidente do corpo legislativo, Alfredo Le Roux, o mais que se pode dizer é que gosa de certa reputação financeira, por ter sido durante dez annos consecutivos membro da commissão do orçamento, que em todas as occasiões importantes votou sempre contra direito e justiça, e que é, sobretudo, um dos homens ligios

de Rouher, o que lhe não faz muita honra.

Apezar de se ter affirmado e reafirmado que o ministerio da casa imperial e bellas-artes seria suprimido com o ministerio de estado, um decreto publicado pelo jornal official do dia 19 mantém expressamente estas funções, que continuam, como dantes, a ser confiadas ao marechal Vaillant. É uma excellente sinecura, mas perfeitamente ociosa, e unicamente util para enriquecer um favorito e agravar um orçamento.

Nenhum dos astrologos que até aqui tem tirado o horoscopo do gabinete recém-nascido lhe agoura bem longa vida, e todos o considerão como um gabinete de transição. Assim será como dissem; porem, como a prorrogação foi confirmada e o corpo legislativo, de quem hoje depende a sorte dos ministerios, só lá para outubro é que se poderá reunir, a transição será longa.

O decreto de nomeação de Rouher como presidente do senado appareceu no *Jornal Official* de 21; a irritação de todas as diferentes fracções da camara, á excepção da extrema direita, redobrou de intensidade com este novo acto do poder pessoal, porque todos pensão que a elevação de tal homem a tal emprego, e em circumstancias taes como as presentes, só pôde servir para sophismar as concessões do acto addicional de 12 do corrente, como já aconteceu com as da carta imperial de 19 de Janeiro. Immediatamente o *tiers parti* se reuniu, e, depois de longa deliberação, unanimemente adoptou a resolução seguinte:

«Os signatarios (da interpeção dos 116), persistindo nas idéas e nos principios que a sua interpeção formulava, adiã-se até a proxima convocação do corpo legislativo.» É o mesmo que dizer que a interpeção, nomenclaneamente suspensa, reaparecerá com novo rigor, quando fôr tempo. A esquerda, presidida por Thiers o *implacável*, também preparava um manifesto á nação, e não sei quantas interpeções sobre a politica anterior, sobre os disturbios de Junho, e outros objectos mais. Em consequencia de tudo isto a dissolução da camara parece inevitável, e eis ahí começada uma nova crise, cujas eventualidades promettem muito mais graves resultados que os da primeira.

A promoção do principe de la Tour d'Auvergne, irmão do archbispo de Bourges, ao ministerio dos negocios estrangeiros foi summamente bem acolhida em Roma, onde todos o suppoem favorável á causa da Santa Sé; e esta supposição acaba de ser confirmada pelo facto de elle ter chamado para chefe de seu gabinete o conde Armand, 1.º secretario da legação franceza de Roma, sobre cujos principios catholicos não existe a menor duvida.

O marquez Chasseloup-Laubat renuncia ao seu ordenado de senador, emquanto occupar o novo posto que o imperador lhe confiou. O exemplo é excellenté, porém duvidó que tenha imitadores.

P. S. O *Jornal Official* de 22 publica a promoção dos dous ex-ministros Vuitry e Duruy á dignidade de senadores, e a do monsenhor de Lavallette como embaixador em Londres.

O autocrata da Russia não permite que os bispos catholicos dos seus Estados possam tomar parte no concilio.

O conciliabulo radical, presidido por Thiers, dissolveu-se em razão das diferentes fracções que o compunham não terem podido concordar sobre os termos do manifesto que se propunhão dirigir á nação.

O novo ministro da guerra, escolhido por causa da morte do marechal Niel, é o general de divisão Lebœuf. É um militar valente e instruido. Distinguiu-se na Argelia, na guerra do Oriente e na Italia em 1859. Pertence á arma de artilheria. Um dos seus primeiros actos, bem aceito pela opinião, foi a supressão dos grandes commandos militares dos departamentos. Esta medida de descentralisação é economica, porque eli-

mina bastantes despezas. Os marechaes não terão d'aqui em diante senão os seus soldados e subsidio de senadores. Já não ficam mal.

## VARIEDADE.

### O TRABALHO.

O trabalho é attributo proprio do homem; pelo trabalho desempenha seu papel na sociedade e na familia, e ha n'isto admiravel conformidade. Porque o homem entrando na familia, não deixa por isso de ser membro da sociedade; deve participar da sua vida, suas funções, e progresso: consegue-o por meio do trabalho. Em compensação garante-lhe esse mesmo trabalho a existencia da familia. O homem é obreiro a quem a sociedade paga o salario, e esse vai elle depositá-lo no thesouro da familia: alimenta a mulher e os filhos com o fructo de suas fadigas, e a estas deve a sociedade seu movimento, progresso e civilisação. Não é o trabalho attributo proprio da mulher: isto é o trabalho interno e domestico que é verdadeira e nobilissima applicação das faculdades femininas.

Admiro, do fundo d'alma, essas bellas instituições de nossos dias, creches, asylos, casas de trabalho, escolas maternas, aonde a beneficencia engenhosa e sympathica vem auxiliar a mãe e lhe dá que possa prover ás necessidades da familia, dispensando-a do cuidado com os filhos: mas eu não posso deixar de ver n'isso mesmo a sociedade a querer substituir a familia, sentindo que estas bellas instituições sejam apenas remedio ou incentivo para um mal maior—o abandono da familia e a indifferença materna, mal, cujas consequencias podem ser mais tristes do que se pensa.

O trabalho é pois o primeiro dever do homem, como chefe da familia. Isto succede em todas as classes da sociedade, tanto nas que vivem de seus rendimentos, como nas que se sustentam com o fructo de seu trabalho: porque uns têm de mostrar-se dignos da fortuna que receberam, procurando nobres occupações, ou cuidando em conservá-la e ampliá-la com habil administração: têm os outros, não digo de adquirir fortuna, fim poucas vezes attingido, mas têm diante de si objecto bem mais importante: cuidar da vida de todos que estão confiados á sua tutela.

É magestoso o quadro que apresenta a sala desgarnecida e modesta do homem do trabalho, repartindo com a familia o pão amassado com o suor do rosto; é bello ver como elle fuge das tentações do prazer, que devoram tantas familias, dando assim ao rico sublime lição de paz e ventura. Mas se esta felicidade tão amargamente conseguida e apenas sufficientemente para amparo da familia na penuria; se o pão da familia, avidamente esperado, o homem o devora na licença e devassidão; se elle, ó que é mais horrivel ainda, consome o fructo das vigílias de sua mulher, vigílias que deveriam ter applicações mui diversas; descendo a fazer o papel de parasita-espoliador, não chama sobre sua cabeça o castigo e a perda total de todos os seus direitos?

P. JANET.

## NOTÍCIAS.

### CHRONICA EXTERNA.

—Como era natural, a immersão do cabo transatlantico francez despertou a alacridade dos que de ha muito promovem igual empreza em Portugal para seguir até ao Brazil.

O Sr. Mello e Faro apresentou ás côrtes um projecto de lei para se fazer concessão definitiva das linhas telegraphicas submarinas da Inglaterra á Lisboa, e daqui aos Estados-Unidos, tocando nas ilhas do Fayal, Terceira e S. Miguel; e de Lisboa para Gibraltar, a Madeira e a S. Vicente de Cabo Verde.

Em 1858 os Ingleses Wylde e Richards pediram concessão de privilegio para um cabo submarino de Inglaterra ao nosso continente, e dahi pelos Açores aos Estados Unidos. Pediam o exclusivo por 20 annos.

Em 1864 o Italiano Balestrini fez uma convenção com o governo para um cabo transatlantico destinado a ligar o Brazil, Portugal e Estados-Unidos. A linha devia partir de Lisboa por Cadix, Madeira, Canarias, Cabo-Verde, Goréa, chegar ao cabo de S. Roque no Brazil, donde bifurcaria de um lado para o Rio de Janeiro, do outro para a Guyana e Antilhas francezas e inglezas, terminando em Nova-Orleans.

Pedia a subvenção de dous milhões de francos, cerca de 360\$000, privilegio por 90 annos, sondagem á custa do Estado, e apezar das desbragadas objecções na casa electiva, o Sr. Fontes conseguiu fazer approvar o contracto.

Caducou porque Balestrini faltou ás condições que havia aceito, o que o privou de embolsar o subsidio estipulado.

Em 1867 os Srs. Rob Cooper e Clarke, em 1868 os Srs. Medlicott e Rumball fizeram propostas no mesmo sentido que foram rejeitadas pela casa electiva.

A experiencia do cabo submarino de Bresh, realizada com pleno successo pelo *Great Eastern*, sem o menor incidente desagradavel, á excepção da ruptura momentanea do cabo, em consequencia do muito mar, ruptura no dia seguinte reparada, demonstra que as condições para a immersão do telegrapho attingiram tal perfeição, que não é mais licito duvidar do bom exito.

Os Ingleses, que não descorçoaram com duas tentativas infructíferas, da immersão do cabo transatlantico, completam agora a collocação de uma terceira linha da Europa á America Septentrional. É obvio que não tardam em dirigir as suas vistas para a communicação com a America Meridional; e que seguro o concurso pecuniario do Brazil, de Portugal e de Hespanha, procederão a estabelecer a linha submarina talvez em melhores condições do que as dos Estados-Unidos.

Não dista, pois, o momento em que de Lisboa se fallará quasi instantaneamente com o Rio de Janeiro, e em que os correspondentes politicos terão de expedir telegrammas quotidianos, dando conta das occurrencias da Europa.

—A companhia franceza do cabo transatlantico propõe estabelecer uma linha entre Inglaterra, Gibraltar e Lisboa, para o que já fez proposta ao governo. Requer o privilegio por 20 annos.

### CHRONICA INTERNA.

Dos jornaes que recebemos da corte colhemos as seguintes noticias do theatro da guerra.

Lê-se no *Diario Official* de 16 do passado:

«Chegou hontem o transporte brasileiro *Marcilio Dias*, que sahio de Montevideo no dia 9 do corrente.

As noticias que o governo imperial recebeu do theatro da guerra são resumidas na seguinte nota:

«Segundo estava determinado, o 1.º corpo do exercito moveu-se de Pirayú na noite do 1.º de agosto, e o 2.º corpo na madrugada de 3.

No dia 5 foi tomada a trincheira que guarnecia a picada de Sapucahy com duas peças de artilharia.

No dia 6 foi rechassado o inimigo da picada de Valenzuela, chave da Cordillheira.

No dia 7 nosso exercito occupou sem resistencia esta villa, junto á qual achavam-se a mina de que Lopez tirava enxofre e a fazenda da mãe de Lopez, onde estavam accumuladas as riquezas de todas as egrejas do Paraguay.

No dia 10 acampou o exercito em vista de Peribebuy, capital provisoria da republica.

A 12 foi esta praça assaltada e tomada após breves minutos de uma luta renhida, em que as nossas infantarias mostraram o maior heroismo. A praça achava-se defendida por 2,000 homens, que todos, sem excepção de um só, cahiram em nossas mãos, mortos ou vivos.

Nessa villa foram encontrados grandes depositos de generos e objectos alimenticios, inclusive vinhos dos mais finos da Europa, algum numerario, muito papel-moeda do Brasil, e todo o archivo do governo de Lopez. Entre os papeis contidos no grande numero de caixotes que encerravam o mesmo archivo contam-se os originaes dos tratados celebrados pelo Paraguay e documentos curiosos acerca da celebre conspiração que teve lugar em 1868 contra o dictador Lopez.

A tomada de Peribebuy parece ter sido o que resolveu o dictador a abandonar Ascurra, pois dahi sahio no dia 13 com todo o seu exercito e foi pernoitar um pouco além de Caacupé, como se soube quando na manhã de 15 o nosso exercito chegou a Caacupé.

Immediatamente resolveu-se perseguir-o, marchando os dous corpos de exercito por dous caminhos mais ou menos parallellos. A marcha foi tão rápida que no dia 16 achou-se o grosso do exercito inimigo entre os dous corpos de nosso exercito, e obrigado a aceitar batalha no lugar denominado Campo-Grande ou Nhuguassú. A luta foi das mais renhidas do lado do 1.º corpo de exercito, commandado pelo brigadeiro José Luiz Menná Barreto, por ter o sr. visconde do Herval, pelo máo estado de sua saude, sido obrigado a retirar-se naquella mesma manhã.

Por fim, ás 3 horas da tarde, foi o inimigo completamente vencido, deixando em nosso poder 32 bocas de fogo.

O dia 17 foi de descanso forçoso, pois a tropa não tinha comido durante esses dous dias.

Na batalha de 16 o brigadeiro Pedra foi ligeiramente ferido por um lançaço. Avaliam-se em 2,000 os inimigos mortos nesse dia.

No dia 18 o 2.º corpo do exercito ainda aniquilou 1,000 inimigos que com 10 bocas de fogo guardavam a picada que conduz á Caraguatay.

Immediatamente depois da chegada a este ultimo ponto, continuou-se na perseguição do inimigo pelo exercito argentino e pelas forças brasileiras, ao mando do general José Auto, que não tendo feito a marcha de flanco, achavam-se para isso melhor dispostos.

O inimigo perseguido até o arroio Honda, e ainda deixou alli, alem de muitos desertores, 300 mortos e uma inmensa bagagem em que se achavam muitos objectos preciosos de uso pessoal de Lopez e de Mme. Lynch; mas, 11 leguas de constantes banhados e atoleiros tinham inteiramente estragado nossa cavallhada, alem de que os comboios de viveres não tinham podido acompanhar a marcha.

Forçoso foi faser alto e reservar o resto da tarefa para ultteriores operações.

As perdas soffridas pelo inimigo não são inferiores a 8,000 homens, entre mortos e prisioneiros, sendo 2,000 na tomada de Peribebuy, 4,000 na batalha de Campo Grande, 1,000 no combate do dia 18 e outros 1,000 na perseguição final.

No dia 18 foram incendiados pelo inimigo na sua retirada os seis vapores de Lopez que achavam-se encalhados junto a Caraguatay no arroio Jaguay.

Nas operações do mez de Agosto foram tomadas 61 bocas de fogo, sem contar as mais pesadas, que sem duvida acham-se enterradas em Ascurra, porem ainda não foram encontradas, e mais 22 que, ainda não concluídas, acharam-se no arsenal de Caacupé.

Ahi tambem existiam todos os apparelhos proprios para construir-se toda a casta de armamento e munições, objectos que todos cahiram em nosso poder.

A fabrica de enxofre tambem foi destruida, e hem assim duas de salitre. A de polvora consta achar-se em S. José, e já foi mandada uma expedição para tomar conta deste ponto.

Alem destes prejnizos materiaes, as operações de Agosto deram liberdade a mais de 270 brasileiros, que achavam-se retidos em poder do dictador, 70 europeus quasi todos empregados por elle nas suas fabricas de material bellico, e por fim uma população paraguaya que não baixa de 100 mil almas e que, saudando com jubilo nossa aproximação, encaminharam-se na sua maior parte para Assumpção.

O chefe politico do povo de S. José, mandou logo um officio, pondo-se com a população de seu districto e do de Ajos á disposição da alliança e annunciando que convidára para tomar igual deliberação ás autoridades de Villa Rica, Caacupé e outros pontos.

Todos os dias vão apresentando-se extraviados do exercito de Lopez. É voz geral entre elles que Lopez não tem outro fim que escapar-se ganhando territorio boliviano; alguns acrescentão que já fizera uma proclamação, despedindo seu exercito. Dá a isso alguns visos de verdade o facto de que d'esta vez não obrigou as familias a acompanhá-lo. Com tudo outros referem que ainda leva consigo na sua fuga uma força respeitavel, reduzida por uns a 1,000 homens, elevada por outros a 5,000 e bocas de fogo cujo numero tambem varia, segundo as narrações, de 4 a 25.

Por parte do nosso exercito preparavam-se novas expedições que atravessando o norte e o sul da republica em breve descobririam o actual paradeiro de Lopez. Deviam por-se em movimento logo que as cavalladas tivessem tido algum descanso.»

No *Marcilio Dias* vieram 226:824:8000 em moeda papel do Imperio, tomados ao inimigo em Pirebebuy.

Vieram tambem 139 prisioneiros paraguayos, sendo 3 majores, 4 capitães, 2 tenentes, 2 alferes, 128 soldados, inclusive 1 alferes e 16 soldados invalidos.

Vieram tambem tres brasileiros que haviam cahido prisioneiros do inimigo e foram ultimamente libertados: são elles o official de fazenda João Coelho de Almeida, o piloto João Cláudio Pereira Arouca e o paisano Ataliba Ferreira Pimentel Belleza.

Falleceu no dia 4 em Buenos-Ayres o senador D. Valentim Alsina, pai do actual vice-presidente da republica.

—O mesmo *Diário Official* de 17 do passado ainda acrescenta:

Entrou do Rio da Prata o vapor inglez *La Place*; foi portador de folhas de Montevideo até 10 do corrente.

O capitão do porto do Rosario enviou ao ministro da guerra e marinha em Buenos-Ayres, o seguinte telegramma datado de 7.

«Por carta do coronel Agüero de 4 do corrente, sabemos que o general Vedía escreveu em data de 2 do corrente: —Chegaram hoje quatro passados de Lopez, e dizem que elle está em Santo Estanislão, daqui cerca de 20 leguas, com 2:000 homens e 20 peças de artilharia. Creia que em breve estaremos com elle. Se nos espera, está perdido; se foge, o mesmo lhe acontecerá.

«As autoridades da Villa Rica puzeram-se ás ordens da alliança e pedem forças. Dous batalhões incorporaram-se ás forças do general Portinho, que irão para Villa Rica.

«S. José está occupado. Lopez mandou buscar viveres a Ajos e remetteiram-lhe 3.000 cabecas, guiadas por mulheres a pé.»

Da secretaria de policia da provincia do Rio de Janeiro recebemos hontem a seguinte comunicação:

«Na noite de 14 bateu sobre o costão do littoral da freguezia de Itaipú um vapor de guerra encouraçado, pertencente á republica do Perú, sendo esse acontecimento devido á cerração que havia, conforme communicou o respectivo subdelegado.

O Dr. chefe de policia, logo que teve conhecimento do facto, telegraphou não só ao Dr. chefe de policia da corte, para que desse conhecimento de semelhante occurrencia ao consul do Perú, mas ainda ao capitão do porto para os auxilios necessarios, pedindo a este que fizesse disso communicação ao Sr. ministro da marinha; e finalmente fez para alli seguir sem demora, o delegado do termo, acompanhado de uma força de cavallaria do corpo policial, com ordem de prestar os necessarios soccorros, procedendo o delegado de accordo e sob as instrucções do respectivo commandante do vapor.»

A noite, soube-se pela capitania do porto, que com os soccorros daqui enviados salvou-se o encouraçado, sem ter soffrido avaria.»

—Diz o *Diário de Pernambuco* de 27 de Julho sobre o Concilio o seguinte:

Aproximando-se a época da reunião do Concilio Ecumenico, julgamos opportuno indicar o numero de representantes da igreja catholica que formarão aquella grande assembléa.

As cadeiras episcopaes e abbaciaes que podem estar representadas no concilio são em numero de 850. O direito dos bispos *in partibus infidelium* ainda não está estabelecido definitivamente. Acrescente-se áquelle numero como membros da assembléa 57 cardeaes, faltando ainda por nomear 15.

Estes 992 membros provaveis do Concilio dividem-se em 40 cardeaes italianos, 294 bispos da mesma nação, 66 hespanhoes, 22 portuguezes e 90 francezes; total 512 dignatarios da raça latina.

Seguem-se depois 77 bispos, brasileiros, mexicanos ou da America do Sul, o que faz subir a 600 o numero de bispos da raça latina.

Perto de 68 dessas cadeiras episcopaes estão vagas na Italia e provavelmente deixarão de ir á Roma os titulares de outras 160. Por conseguinte só assistirão ao Concilio uns 400 bispos latinos.

Por outro lado espera-se que concorram ao Concilio 58 bispos de Inglaterra e Irlanda, 52 dos Estados-Unidos, 20 da Grecia e Turquia, 12 da Prussia, 8 da Baviera, 45 da Austria, 6 da Belgica, 15 da Hollanda e 16 do Canadá.

Os bispos da Polonia, Russia e Oceania não assistirão provavelmente. Os armenios, os gregos unidos que ha na Austria, na Russia e na Bulgaria, os syrios, chaldeos e os moronitas concorrerão em pequeno numero.

—Lê-se no *Apostolo*:

Temos em mão o *Echo de Roma*, revista mensal, que se publica em Lisboa, e cujo fim exclusivo é occupar-se do Concilio Ecumenico do Vaticano. Os tres primeiros numeros, com cuja leitura nos occupamos, contém bem elaborados artigos. Opportunamente transcreveremos um ou outro desses artigos e então nossos leitores conhecerão por si a conveniencia de possuirem esta interessante revista, que até pela modicidade de preço (1\$600 por anno para Portugal) fica ao alcance de todos. Quem colleccionar os numeros da revista fica possuindo a historia completa do Concilio Ecumenico do Vaticano. O nosso clero não pode deixar de possuir o *Echo de Roma*.

—Lê-se no *Jornal do Commercio* do Rio:

«Incansavel lidador, o Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida metteu hombros a uma empresa, cujo commettimento exi-

gia coragem, e a realisação muito labor e perseverança. Empreheendeu uma edição completa das *Ordenações do Reino*, commentadas com notas philologicas, historicas e exegeticas, com indicação das fontes das mesmas ordenações, adicionando a cada um dos seus livros a legislação posterior vigente, que tem immediata conexão com as materias dos respectivos titulos.

Não cabendo neste plano todas as variadas materias, cujo conhecimento pôde ser util, mesmo indispensavel não só ao estudante, mas mesmo ao jurisculto já feito, que pelo menos terá a vantagem de encontrar n'um só livro um valioso auxiliar da memoria, o Sr. Dr. Mendes de Almeida addicionou áquelle obra outra não menos valiosa, e que por ser de alguma forma independente, acaba de vir á luz ainda antes de concluída a impressão da outra. Tem esta por titulo *Auxiliar juridico, servindo de appendice á decima quarta edição do código Philippino ou ordenações do reino de Portugal*. É um grosso volume de mais de 840 paginas em quarto, impressas em duas columnas, que comprehendem diversas materias, cuja indicação é sufficiente para dar idéa do quanto é grandiosa a obra. Encontram-se pois, nella os regimentos dos antigos tribunaes da 2.ª instancia e superiores em Portugal e no Brazil; os estylos das casas da supplicação e do Porto; os assentos e os arestos das mesmas casas; a theoria da interpretação das leis por Domat; o commentario critico á lei da boa razão, por J. M. Corrêa Telles; os aphorismos do direito, por Francisco Bacon; os molegomenos de direito, por Dupin Ainé; as regras para observar na citação dos arestos, pelo mesmo; os axiomas e brocardos de direito extrahidos da legislação brasileira antiga e moderna; uma guia para facilitar a consulta das obras dos antigos juriscultos denominados *reïncolas*; uma relação dos juriscultos portuguezes que floreceram desde quando se começou a codificar a legislação patria até a epocha da independencia do Brazil; os *regedores* da casa da supplicação de 1425 até 1828; os presidentes do desembargo do paço de 1477 até 1828; um epitome dos trabalhos juridico literarios dos juriscultos Paschoal José de Mello Freire dos Reis, Manoel de Almeida e Souza; e Joaquim José Caetano Pereira e Souza: as ordenações e leis extravagantes entendidas e declaradas pelos assentos de casas da supplicação e do civil (Porto); um appendice aos assentos das mesmas casas e finalmente um indice de todas as materias.

—De Portugal acabamos de receber um opusculo do Sr. Augusto de Carvalho com o titulo «O Brazil e o Paraguay, refutação á carta que com o mesmo titulo fôra dirigida ao Sr. D. Pedro II»; e outro escripto em francez com o titulo «Nécessité des fusés de guerre inventés et perfectionnés» por Francisco Antonio Tavares.»

—No dia 29 do passado, na Sé cathedra de São Paulo pelas 8 horas da manhã, deu-se a primeira communhão á setenta e quatro meninas, e desesseis meninos das aulas publicas de primeiras letras de ambos os sexos e dos collegios particulares desta capital.

Assistiram á este acto solemne, o exm. sr. dr. presidente da provincia, o clero, muitas pessoas gradadas da capital e numeroso concurso de povo; todas as tribunas da cathedra estavam occupadas por grande numero de familias.

A missa foi celebrada pelo rvdm. Arcebispo e vigário capitular do bispado dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, dirigindo o ceremonial o rvdm. padre Carlos Maria Terrier. Ao principiar o santo sacrificio, as meninas entoaram canticos analogos acompanhados á harmonico.

Orou o digno reitor do Seminario Episcopal padre mestre frei Eugenio de Rumilly, antes e depois da communhão, a qual foi administrada pelo celebrante. Finda a missa, os commungandos recti-

ficaram os votos do baptismo, depois do que cantaram os meninos.

Entre os commungandos notaram-se muitos filhos de pessoas importantes desta capital.

A boa ordem do ceremonial e o simples trajar dos commungandos, muito concorreu para realçar esta festividade. Tivemos occasião de observar muitos pais derramarem lagrimas de contentamento, por verem concluída a instrucção religiosa de seus charos filhos, devida ao incansavel zelo do illustrado sr. padre Carlos, que, por tão assignalado serviço, vae cada vez mais acareando a geral estima.

A porta da Cathedral achava-se postada uma guarda de honra do corpo policial permanente.

Seria para desejar que esta solemniidade se repetisse, ao menos de anno em anno, e que os rvdms. Parochos desta Diocese, preparassem a mocidade para aproximar-se da sagrada meza, onde se dá como alimento o pão dos anjos.

—Lê-se no *Correio Pernambucano*:

«Hontem ás 4 horas da tarde, manifestou-se no lindo e magestoso edificio do theatro de Santa Isabel um grande e violento incendio, que em menos de uma hora o consumio totalmentel

Todos os esforços empregados para a extincção do incendio foram inuteis; a tudo desobedeceu as devoradoras chamas, que da maneira instantanea pela qual progrediam, só pareciam impellidas por materias inflammaveis.

A noite apresentava o incendio um espectáculo admiravel ao mesmo tempo triste e doloroso, pois apenas restavam de tão bello edificio as paredes lateraes, estando tudo o mais reduzido a um montão de brazas, que ardeu até pela manhã.

A concorrência de povo que affluio de todos os lados da cidade para apreciar semelhante espectáculo, foi extraordinaria.

Diversas autoridades e muitas pessoas do povo prestaram relevantes serviços, conseguindo somente salvar-se parte das mobílias dos camarotes, do salão e do escriptorio.

Felizmente nenhuma victima temos a lamentar, ficando apenas o Sr. Jovepiano José de Albuquerque com uma perna fracturada, por ter cahido sobre elle um piano que salvavam.

É bem triste e lamentavel ver assim o fogo consumir em menos de uma hora um dos edificios mais primorosos que possuia esta provincial

É bem triste e lamentavel ver assim desaparecer de um momento para outro, o unico ponto de divertimento que tínhamos nesta cidadel

E ainda é mais triste e lamentavel ver assim extinguir-se em um só instante o estudo e trabalhos de longos annos, e a quantia de 500:000\$000 dos nossos cofres provinciaes!

O theatro de Santa Isabel começou a funcionar em Agosto de 1850, e portanto apenas contava dezenove annos de existencia.

A policia trata de averiguar se o incendio foi casual, ou se filho de algum crime, como geralmente se diz.

Dos interrogatorios procedidos na repartição da policia ao administrador, empregario, e diversos empregados do theatro, deprehende-se que o fogo começou nos camarins dos artistas, sendo a causa originaria delle diversas materias inflammaveis necessarias para a opera *Fausto*, as quaes se achavam em cima de uma pequena meza no camarim do empregario, onde penetrava raios do sol, que as esquentando podiam, como suppõe-se, originar o incendio.»

#### CHRONICA URBANA.

Começamos hoje a publicação de notavel discurso do eminente orador francez, Padre Jacintho, carmelita descalço, proferido no congresso catholico de Malinas.

Esse discurso foi reproduzido em toda a imprensa européa, e nos havemos dado ao trabalho de traduzil-o, para que no nosso paiz tambem o avaliem.

São Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Manoel Caetano de Lemos.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 14 de Outubro de 1869.

## O DISCURSO DO SNR. CANDIDO MENDES.

É hoje geralmente conhecido e avaliado o importante discurso de exm. sr. dr. Candido Mendes de Almeida.

Logo que delle tivemos conhecimento intentamos estampal-o neste jornal.

A essa idéa oppoz-se uma impossibilidade—a grandeza do assumpto e consequentemente a extensão do discurso.

Publicando-o no periodico, seria sempre interrompido durante uma semana, o que traria ao leitor bastante desagrado, por ser o objecto do discurso assaz importante.

Para obviar essas difficuldades comprehendemos a sobredita publicação em folheto, que levamos a effeito.

Precedemos o discurso publicado com o seguinte prologo:

## AO LEITOR.

«Existe no universo, ha seis mil annos, uma idéa eterna, professada sempre por milhões de homens.

Essa idéa é a base do sentimento religioso, sem o qual não ha existencia social possivel em qualquer epocha.

A Igreja, pensamento divino, co-existente com Deus, em revelações successivas, na epocha determinada nos eternos conselhos, achou e seu complemento com a manifestação do Christo.

Apoz uma infancia edificante, passada no silencio e na obscuridade do lar domestico, onde a supplica e a meditação preparavam uma alma forte, prosegue-se a vida publica de Jesus.

Ahi o Homem-Deus exhibe credenciaes authenticas de sua missão sublimada, que assêla com um sem numero de prodigios inauditos.

Restabelecem-se os enfermos, ouvem os surdos, andam os paralyticos, veem os cegos, e resuscitam os mortos, já em uma camara acerados da familia consternada, já depositados na arca funeraria, seguidos do mortuario cortejo, já, enfim, repousados na solidão do sepulchro, reputados presa dos vermes.

Não eram só as enfermidades e a morte que obedeciam á sua voz poderosa: os elementos, ao simples aceno do seu braço, emmudeciam e acalmavam-se: ondas revoltas pelo soprar do furacão, empolladas em bulhões temerosos, aninavam-se ao seu mando.

A mentira ou o embuste, a argucia ou a pretendida sabedoria, a hypocrisia ou a falsa virtude, tiveram á luz publica condemnação peremptoria.

A verdadeira doutrina, a sciencia sã, os dogmas da felicidade eterna, e as máximas salútaes da vida presente, foram proclamadas e ensinadas pela primeira vez por um oraculo infallivel.

O Christo, que no Jordão e no Thabor fôra reconhecido um Deus, o Filho unico do Eterno, o Messias prometido ás nações, operou todas essas maravilhas, doutrinou como mestre, e confirmou sua missão com o testamento de sangue immolado no sacrosancto altar do Calvario.

Jesus Christo é o verdadeiro mestre. No inicio da sua pregação, revelou no sermão da montanha uma somma de sabedoria e de verdade, superiores ás opiniões da philosophia e da moral contemporaneas.

Essa doutrina sancta devia mudar a face moral do universo, e resgatar o genero humano da servidão dos erros, que o opprimiam.

O Divino Mestre, sufficiente por si para operar essa revolução estupenda, quiz no entretanto chamar operarios para o labor da vinha que elle reconheceu grande.

Dessa multidão compacta, que o acompanhava sempre, ávida do pão da vida, elegeu, dos mais pobres, modestos, humildes, douze aos quaes constituiu apostolos.

Assim fundou a Igreja.

A Igreja, instituida ha desenove seculos, tem vivido da seiva communicada por seu divino fundador, que a assiste sempre, todos os dias, e com ella estará até a consuminação dos seculos.

Nascida nas agonias do Golghota, das chagas e do sangue do Christo, o seu peregrinar por sobre a terra tem sido uma historia de soffrimentos.

Toda a sorte de inimigos se ha rebelado contra ella. Desde Nero até Alexandre II, a Igreja tem encontrado sceptros e corôas no grande cathalogo dos seus adversarios. Desde Simão Mago até Renan, heresiarchas que contestam seus dogmas. Desde Marcão até Strauss, impios que se arreemessam contra seus codigos.

Sem embargo, porem, dessa tremenda resistencia, levantada pelo erro contra a verdade, a Igreja ha triumphado e os seculos por vir testemunharão suas victorias ainda mais esplandidas; porque as promessas de Christo são infalliveis.

A arena dos amphiteatros ficou humedecida com o sangue innocente dos martyres; o cutello dos algozes dobrou o afiado gume; a pyra ardente e atêda apagou-se; a intelligencia dos perseguidores esgotou a serie de inventos que eram destinados a suffocar no berço a nascente Igreja.

O christianismo, no seu quarto seculo de existencia, era victorioso nas quatro partes do mundo: estava em plena e robusta virilidade.

O paganismo enlanguencia: era um enfermo, cujas forças abatidas presagiavam morte lenta porém certa.

Foi nessa epocha, memoranda nos fastos humanos, que dous grandes exercitos decidiram dos destinos do universo, abrindo uma phase nova e resplendente para a Igreja.

Cousa singular! A Cruz, que deve ser o emblema sancto desenhado sobre a mortalha do crente, veiu estampar-se no immenso pavilhão do céu para testemunhar a derrota do paganismo.

Já não havia remedio para salvar o enfermo: estava nas vascas da morte: fôra mister acêrcar o seu leito de moribundo os symbolos sacrosanctos do christianismo.

O emblema sagrado da Cruz, penhor seguro das crengas catholicas, sedula do resgate da humanidade, apparece de improviso sobre as fileiras compactas das phalanges de Constantino, toda illuminada com os reverberos dessa luz celeste, que é por ventura a verdadeira fonte de claridade, com esse distico mysterioso, vaticinado por Izaías de que venceria o mundo.

A Cruz venceu nas colinas de Roma, como venceu em Tolpiac, como venceu em Jerusalem.

A Cruz venceu então, vence agora, e vencerá sempre.

Na senda florida de suas victorias a Igreja tem levado de vencida á todo o genero de inimigos.

Elles resurgem em Luthero, em Pombal, em Cavour, em José Estevam: os adversarios, porém deixam a arena ou prostrados pela fadiga, ou vencidos pela morte.

E a Igreja passa, conduzindo os tropeus de suas victorias, sepultando com hymnos triumphaes os antagonistas da vespera.

Em nosso paiz suas victorias estão assignaladas em letras de ouro nos fastos nacionaes.

O martyrio de Sardinha, a prisão dos apostolos, a expulsão dos jesuitas, o confisco das ordens religiosas, tudo se ha operado em nome da liberdade, á excepção do primeiro facto, que foi obra dos selvagens.

A liberdade, filha predilecta do céu, nascida com o Evangelho, cimentada na base da Cruz, tem operado entre nós muito desvario, muito abuso, muito absurdo.

O governo do paiz, cívado de todos os erros modernos, por habito de antagonismo, ou por herança da seiva de jansenismo que contaminou o governo portuguez, o nosso governo, infelizmente, é sempre hostil á Igreja.

O estado da religião no paiz é deploravel e entretanto se não cura dos seus interesses. E si alguma vez lembra-se o governo da malfadada igreja brasileira é para estiral-a no leito de Procusto.

De ha muito que as ordens religiosas do imperio vivem sob a mais acabrunhadora pressão governamental, e este anno soffreram o mais tremendo golpe, qual o da offensa á sua propriedade.

O nobre snr. ministro, do imperio desfechou-lhe o derradeiro golpe, querendo que no orçamento passasse um additivo inconstitucional, como de facto passou na camara temporaria, que aniquilou a propriedade sagrada dos institutos monasticos.

Louvores aos nobres e generosos deputados catholicos que sustentaram dignamente os interesses da Igreja. Louvores á essa minoria brilhante, energica, e illustrada, que os interesses da causa catholica soube singar, ainda que partisse a idéa d'um ministro da corôa, que devêra ser o primeiro á respeitar as leis da Igreja do Estado.

Aqui levantamos um brado em honra do distincto e sabio maranhense, conhecido hoje nos paizes mais cultos do mundo por suas luzes, por seu patriotismo, e por sua fé robusta.

O muito honrado snr. doutor Candido Mendes de Almeida recelha do Maranhão, sua patria, os mais adhesivos votos de admiracão, de respeito e de gratidão, que sómente se tributam ao genio.

O discurso, que os leitores vão applaudir, é um monumento de erudicção, de logica e de sã doutrina, capaz por si só de constituir um padrão de gloria e de fama ao seu auctor.

Publicando esse discurso, cumpre um dever, satisfaz uma divida sagrada, e tributa homenagem merecida ao parlamentar distincto que o proferiu,

A REDACÇÃO DA NAÇÃO.

San Luiz—1869.

## AGRICULTURA.

## A PRODUÇÃO DO ALGODÃO.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o excellente artigo, que reproduzimos do acreditado jornal inglez *Morning Herald*:

«Na actualidade, quando o interesse pelo algodão neste paiz está fazendo um novo movimento em relação ao supprimento da India, merece especial attenção um documento parlamentar, que acaba de ser publicado sobre o assumpto. Alludimos ao relatório feito por Mr.

Rivett Carnac, commissario do algodão das provincias centraes e Berars, sobre as operações da sua repartição em 1866—1867. Os factos communicados podem ser considerados como explicativos em alto grão do progresso, geral da cultivacão na India, e pois é consideravel a importancia da materia sujeita, cumprindo-me dizer, em justiça para com Mr. Rivett Carnac, que elle reves-tio-a de interesse não só para os curiosos a respeito do algodão, como para os leitores em geral.

É facil de orçar-se a contribuição das provincias na questão de supprimento geral. O termo médio do consumo semanal do artigo em toda Europa é de 73,000 balas ou 3,000,000 de balas por anno. Já subio a 78,000 balas por semana ou 4,036,000 balas por anno. Para satisfazer esta grande procura vemos que, empregando-se cifras approximadas, a India manda 1,700,000 balas; America 1,500,000; o Brazil 500,000; o Egypto 250,000; e outros paizes 350,000. O adiantamento da parte da India é immenso comparado com a sua posição em 1861, quando ella supprio unicamente 985,000 balas contra 1,841,000 fornecidas pela America. Da quantidade hoje fornecida pela India ás provincias centraes e Beraes, fornecem um quinto, ou sufficiente para o consumo de quatro semanas, na Europa. Segundo parece, a area cultivada é a mesma que era, não obstante a exportação ter descabido algum tanto. Não é nos resultados estatísticos que se encerra o interesse deste documento, e sim nas medidas adoptadas para melhorar a cultivacão do artigo e no augmento de experiencia gahha, que deve ser de applicação mais ou menos geral. Mr. Rivett Carnac procurou realisar o seu fim: 1.º pelo melhoramento da planta indigena, 2.º por experiencias com sementes estrangeiras. Naquelle medida elle obteve a maior animação, e o actual commissario em chefe das provincias centraes, a quem elle entregou o seu relatório, concorda com elle em que quando prometterem em seus effeitos, devem ellas ter a preferencia, sob um systema vigoroso de escolha de sementes. Parece não haver razão, diz elle, para que o systema de «origem», applicado á planta de Hingunghat não produza grande melhoramento em artigos que já obtêm alto preço nos mercados da Europa, ao passo que, por outra parte não é de esperar que variedades exóticas, que obtiveram proeminencia em condições climatericas inteiramente differentes, possam resistir successivamente ás variações violentas do clima da India. Tanto o algodão da India como o exótico, tem lutado contra os máos effeitos de chuvas intempestivas e os seus merecimentos respectivos só podem ser determinados finalmente por experiencias feitas em condições mais favoraveis.

A parte mais significativa do relatório é aquella em que o escriptor se refere ás causas importantes, que operam durante estes ultimos annos em favor do algodão da India, causas, que elle considera terem sido mais efficazes em promover a sua cultivacão, preparo para o mercado, e em geral do commercio, do que terião sido por qualquer operação do governo. Não ha ainda muito tempo, lembra elle aos seus leitores, que o algodão da India estava tão baixo no mercado de Liverpool, que empregavã-se o nome de «Surata», como um termo de applicação geral para exprimir inferioridade a ponto tal que um fabricante de cerveja em Lancashire propoz uma acção contra um freguez, por applicar este epitheto á sua cerveja. É

hoje reconhecido em toda a parte o imenso melhoramento da qualidade do artigo indiano. Acredita Mr. Rivett Carnac, que o antigo estado de cousas deve ser attribuido ao modo por que se fazia o commercio, e a dous grandes obstáculos que por annos successivos obstou a qualquer mudança ou melhoramento nos negocios do interior do paiz. O primeiro e maior destes obstáculos era a posição do cultivador, e o segundo a inacessibilidade dos terrenos que elle cultivava.

Até ha bem poucos annos o cultivador era uma creatura miseravel e abatida. O seu titulo de posse não era muito seguro; ou pelo menos elle não tinha confiança da sua estabilidade. Elle estava muito individo, e como para tirar-lhe toda a esperança de libertar-se das dividas, as prestações do rendimento das terras eram arranjadas de maneira que, vencendo-se os alugueis quando elle não tinha productos disponiveis para satisfazer o pedido, o recurso ao usurario tornava-se necessario. Para obter adiantamentos era elle obrigado a produzir uma certa quantidade de algodão por certo tempo, e por um preço tão baixo, que o seu interesse na colheita cessava antes que a planta estivesse em flor. O algodão era propriedade do banqueiro, e cultivador nenhum interesse tinha em colhe-lo no tempo conveniente, preferindo dedicar seus esforços para obter as colheitas que pertenciam, deixando assim perder-se o algodão do contracto que colhido de envolta com cisco e folhas tornava-se verdadeiro «Sarat». Os traficantes do interior também adulteravam as boas qualidades do algodão com as inferiores, e augmentavam assim o descredito do artigo nacional no mercado. A inacessibilidade dos districtos algodoeiros era naturalmente causada, em primeiro logar, por falta de communicações; mas haviaõ outras causas, que convidavam os especuladores europeus a ausentarem-se. O clima de Berars era olhado com intenso terror, não obstante reconhecer-se depois que não era muito peor do que o da maior parte da India. Além disto a incerteza e difficuldade de transportar os productos erão mui grandes: o systema de enganar e de defraudar era tão completo e intrincado que o europeu, que não tivesse o mais intimo conhecimento da lingua e do povo, não podia combatel-o com successo. O commercio estava entregue inteiramente aos traficantes locais, e era de seu interesse apartar os de fóra; mas para isto não era necessario combinação alguma: os pesos, que diferem em cada mercado erão por si sós sufficientes para derrotar um estrangeiro, e a resistencia passava, encontrada a cada passo, era bastante para gastar a paciência do mais energico inglez.

A remoção de uma destas duas fontes de mal teria sido inutil sem o desaparecimento da outra; mas subitamente e como por encanto, conforme diz o escriptor, foram removidos estes dous obstáculos. Ao passo que a estrada de ferro se encaminhava para o coração do paiz algodoeiro, a posição do cultivador passava por grande e decidida mudança. As operações do estabelecimento de renda das terras alliviaram-no de todo o cuidado a respeito de seu titulo de posse; o novo arranjo das prestações do aluguel, hoje fixado de maneira a dar-lhe tempo de dispôr das suas colheitas antes da época do pagamento, tem-no ajudado a alliviar a sua carga com o banqueiro, e finalmente a guerra da America, elevando o preço do algodão e pondo nas mãos dos cultivadores a riqueza, que lhes parecia impossivel obter, habilitou a todos que não eram inteiramente negligentes e extravagantes, a libertarem-se das redes dos usurarios. O estado actual do commercio offerece todo o incentivo ao cultivador para plantar bom algodão, e ao mesmo tempo a posição do agente dos mercadores de Bombay, e que substitue o traficante local, é tal, que elle se interessa em comprar para seus constituintes o melhor algo-

dão possivel, e toma todas as precauções para impedir que o artigo seja misturado ou falsificado.

Destarte o interesse do cultivador, do agente no interior do paiz, e do mercador de Bombay, é identico ao do consumidor na sua patria em que se possa obter a producção do melhor algodão, e o resultado natural é o melhoramento do artigo no mercado de Liverpool. É verdade que o algodão da India soffrerá muito grande melhoramento e é satisfactorio ver-se que grandes e activos esforços se fazem para este fim. Entretanto, pelo menos se tem feito este progresso «o producto natural do paiz, justiça lhe seja feita, está sendo enviado para Liverpool intacto e sem adulteração.» Entre outros melhoramentos, o progresso, que se ha feito no modo de imprimir o algodão, não deve ficar sem particular menção. Mr. Rivett Carnac nota com satisfação o estabelecimento de varias companhias nas provincias centrais, que auxiliam neste assumpto importante. Jubulpore e Hingughat tiveram por algum tempo a vantagem de negociantes europeus no lugar. O numero de meias prensas e de prensas completas tem augmentado consideravelmente naquelles lugares durante o anno, de que nos occupamos, e ha propostas para o estabelecimento de uma officina de descarocar em Hingughat. No Berars funcionou por algum tempo uma companhia de descarocar e imprimir, e estão hoje trabalhando outras officinas em Khangoan e Budnair, que soffreram com a ultima crise commercial. Em algumas estações das provincias ha firmas europeas para compra do algodão, e o commissario acrescenta que aos cavalheiros alli estabelecidos, que são muito queridos dos cultivadores, é em grande parte devido o grande melhoramento que tem havido no algodão e no seu commercio.

Tudo isto é muito satisfactorio, mas Manchester precisa de mais. Na reunião, que teve lugar, ha dias, em *Westminster Palace Hotel* não appareceram queixas de se estarem tomando medidas que não sejam as convenientes, mas gritou-se muito para o augmento de apurações e se disse que 10 milhões annuaes não eram uma somma bastante grande para occorrer ás exigencias necessarias para o desenvolvimento agricola do paiz. Receio que os cavalheiros, que tomaram parte nos debates, não obtenham immediatamente tudo quanto pedem, mas é de esperar que se dê toda a animação á cultura e commercio do algodão na India, porque o supprimento deste artigo na America ameaça diminuir este anno, e é impossivel dizer o que succederá nos annos futuros.»

## POLITICA.

### PORMENORES DA VIDA DE LOPEZ.

Em um dos precedentes numeros fallamos do livro do Sr. Thompson sobre o Paraguay.

Do mesmo extrahimos alguns pormenores sobre a vida do tyranno, que rege esse infeliz povo. Ell-os, como os lêmos em uma correspondencia de New-York: «George Thompson, engenheiro civil inglez, foi um dos braços direitos que Lopez tem tido durante a presente guerra contra o Brazil: voltou ultimamente a Londres e acaba de publicar um livro em que ministra-nos curiosos pormenores sobre as cousas no Rio da Prata.

De Lopez diz-nos elle que é um bruto, cobarde, cruel: tem quarenta e cinco annos; é baixo, amigo de frivolidades, especialmente de vestir-se bem e montar a cavallo.

Lopez não tem amigo algum vivo: os que tinha, os seus companheiros de mocidade foram todos fuzilados por sua ordem.

Como muito, fuma a cada minuto e é apreciador do Bordeaux, de que usa boa qualidade, servindo á Linch e aos hospedes de outra marca inferior. Falla francez, mas a lingua corrente é o guarany. Gosta muito de jogar o xadrez; dá mais

importancia ao taboleiro deste jogo do que á vida de seus semelhantes. Tem torturado a mais de mil pessoas; é insolente para com todos os que lhe são sujeitos. Entretanto é um vil cobarde no perigo: em algumas batalhas, por medo do inimigo, tem-se despojado do seu favorito ponche escarlata, revestindo-se de roupa grosseira, virada pelo avesso.

É astucioso como um rato: tem grande labia nas suas palavras; gosta de segredinhos, de intrigas. Tem estabelecido geralmente um systema de espionagem como todos os tyrannos; desconfia de tudo e de todos e anda sempre sobresaltado. Mas dos estrangeiros é que principalmente se arreceia mais.

Em agosto de 1866 um americano chamado Manlove conseguiu transpor as linhas e foi-lhe offerecer tres navios para aprezarem os de commercio brasileiro: Lopez deteve-o por muito tempo; a final suspeitou que era traidor, mandou que o fuzilassem e assim se fez.

Em julho de 1867 um distincto official prussiano, o major Von Versen chegou ao Paraguay em commissão do seu governo para observar a guerra do lado do dictador: Lopez examinára e estava ainda de posse de todos os papeis do major; entretanto foi elle tratado como espia e só escapou depois de muito soffrer e a muito custo.

Lopez nem tem poupado suas proprias irmandades: é um monstro, que só conhece a si mesmo no mundo, e mais ninguém.

Quanto ao povo sobre que exerce sua tyrannia, o auctor crê que a obediencia e obediencia a mais abjecta, parece ser sua qualidade por excellencia. Elles chamam a Lopez *carai guasse* o homem-zarrão, e, ás vezes, *taita guasse*, o pai grande. Para esta gente tudo quanto é ordenado por Lopez é o direito e logo deve-se executar. A rede de espias que o dictador tem informa-lhe quaes são seus admiradores mais ardentes e quaes os menos zelosos; os ultimos são logo punidos com a morte.

Os soldados comem carne: um boi é dividido por 80 homens. O sal é escassissimo. O uniforme é mais simples. A chibata é a arma predilecta com que irmãos, irmãos, amigos e soldados de Lopez são punidos. Nunca um soldado paraguay, fustigado por ordem do tyranno ousou clamar senão estas palavras: «Se meu pai não me castigar, quem me castigará?»

Qualquer pessoa fardada é, no Paraguay superior a um paisano; os proprios juizes tem de tirar o chapéo a um militar.

A Irlandeza Linch é uma mulher de espirito que muito tem ajudado o dictador nos seus planos; ella é o guia do que no Paraguay parece-se um pouco com a opinião publica. Assim, inventou meios pelos quaes Lopez pôde roubar ás senhoras paraguayas, primeiramente dinheiro de seus maridos, e depois suas joias; esses meios foram *contribuições patrioticas*, ás quaes ninguém ousava não contribuir. Foi ella que originou a idéa de empregarem-se mulheres no exercito: muitas foram então obrigadas a servir nas ambulancias e uma ou outra chegou a tomar armas.

Thompson suggere que, depois da ultima grande batalha seria facil aos generaes brasileiros o aprisionarem Lopez, o qual não tinha comsigo mais de cem homens; mas o auctor pensa que o governo brasileiro deseja exterminar os paraguayos como nação, porque sabe que elles nunca lhe offerecerão resistencia formidavel, e deseja de cada vez matar o maior numero possivel dellas.

Esta asserção é verdadeiramente monstruosa e é uma amostra do orgulho e da estupidez bretan; quando se casam em homens como o tal Sr. Thompson. Ainda hoje os periodicos publicam ás noticias do Paraguay que o *South America* trouxe, a saber, que Lopez estava muito bem fortificado, que Sua Alteza o Sr. conde d'Eu mandara pedir mais forças; entretanto a este engenheiro é que parece que o Brazil tem o proposito de matar até o ultimo Paraguay. Mas

os factos estão ali para pôrem por terra tão estranha opinião do Sr. Thompson sobre nossa magnanimidade: não ha muito os mesmos correspondentes inglezes louvavam a grandeza d'alma do vencedor aliado diante de Humaytá e da occupação de Assumpção; e Uruguayna ainda fallia muito alto.»

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### IGUARÁ.

Rio que nasce ao S da comarca do Itapicuru perto da Matta da Lagôa, e depois de 20 legoas pouco mais ou menos de curso de S a N entra no rio Munim acima da villa da Manga.

As mattas, que existem d'um e outro lado, são excellentes, e as terras, que formam as suas margens, são optimas para a cultura dos generos do paiz, e os seus campos são os melhores da Provincia para a criação do gado vacum.

Disem os antigos, que este nome lhe foi dado, porque os primeiros exploradores ali encontraram um animal feroz assim chamado, o qual hoje só apparece nas margens dos rios *Farinha e Tocantins*.

Em 24 de Novembro de 1803 foram approvadas as contas apresentadas pelo Capitão Eugenio Fernandes dos Santos, «na qualidade de Administrador das aberturas da Cachoeira, e rios Iguaçu e Munim.»

Em 1806, no tempo do governo de D. Diogo de Sousa, pretendeo-se arrasar algumas caxeiras d'elle, o que não se conseguiu pela impericia do official encarregado d'este trabalho.

São as terras d'estes lugares abundantes de salitre, sendo o coronel Antonio Correia Furtado de Mondonga o primeiro cidadão, que se empregou na mineração d'este genero, pelo que foi elogiado por aviso de 10 de Agosto de 1797.

Dois annos depois o padre Joaquim José Pereira descobriu sal de Gualber na *vargem do salitre*, junto a este rio: escreveu e deo á publicidade uma *memoria* a tal respeito.

### ILHA DO LIVRAMENTO.

Promontorio que se divisa em frente á *bahia de S. Marcos*, perto de Alcantara.

Ahi existe uma ermida dedicada a N. S. do Livramento, cuja existencia soubemos pela Provisão de licença do Bispo D. frey Manuel da Cruz, de 17 de Agosto de 1744, expedida em virtude da petição in scriptis de Antonio Marques, administrador do dinheiro da dita Sr.<sup>a</sup>, mandando reedificar a dita ermida na propria ilha, e logar em que fóra edificada a primeira.

A obra da reedificação foi arrematada (diz a provisão,) por 4:100\$ rs. por Paulo Monteiro; para sustentação e augmento da ermida nomeava elle suplicante 2:500 cruzados de patrimonio em dinheiro da terra, que se achavam á juros por escripturas publicas.

O Bispo attendendo á sufficiencia do patrimonio que lhe assegurava o administrador do dinheiro da mesma Sr.<sup>a</sup>, mandou então expedir essa provisão.

### ILHA DO MEDO.

Está na lat. merid. de 2.º 23' e na long. ocid. de 46º 36'.

Existem nesta ilha muitas matas, algumas lagoas, e um poço quadrado entupido, e outro muito estreito chamado *canta-galo*, por que, disem os antigos moradores, lá dentro cantava um gallo alta noite.

(Vide convento do Carmo.)

A camara Municipal da Capital officinando ao Presidente Candido José d'Araujo Vianna em 10 de outubro de 1832 propoz para quarentena de navios suspeitos o ancoradouro á sotavento da *Ilha do Medo*, o mais que fosse possivel para o Norte.

Em 26 de outubro de 1832 officiou ao Presidente Dr. Joaquim Vieira disendo, que como lhe competia á vista do Reg. de 17 de Janeiro de 1829 e Aviso

de 9 de Setembro de 1831 a inspecção sobre a saúde pública, pedia a S. Exc.<sup>a</sup> que determinasse ao Provedor de saúde para fazer sahir do lugar, em que se achavam ao pé da Fortaleza da Barra, para sotavento d'esta Ilha a Galera Ingleza Dryope e o Brigue Clyde, vindos de Liverpool, onde reinava a cholera.

Pelo relatório do Dr. João Nunes de Campos ao Presidente Cruz Machado em 7 de Abril de 1856 se conhece que na Ilha havia um poço, outr'ora abundante, pois quando o Tenente-Coronel Altino Lelles de Moraes Rego ali fez por conta do governo uma casa para lazareto, que desapareceu em pouco tempo, dava em Julho do anno antecedente muita agoa, e em Novembro de 1856, no dia de maior abundancia, 72 canecos d'agua, e regularmente 34.

Com as chuvas formam-se na ilha «muitas e profundas lagoas» e costumam a apparecer algumas fontes d'agua doce.

Em Março de 1855 por conta da fazenda publica principiou-se os alicerces da obra do hospital de cholicos, e em 11 de julho participou este engenheiro, que a tinha acabado.

Constava de 3 enfermarias, cada uma com 30 palmos de largura e 55 de comprimento, todas tres com frente para o poente, e entrada pela varanda.

As enfermarias dos extremos tinham 9 meias janelas, e a do meio 5 ditas, collocadas a 8 palmos acima do solo.

A varanda tinha 100 palmos de comprimento e 20 de largura, separando as enfermarias do resto da casa e facilitando-lhes a ventilação.

Havia mais 10 quartos distribuidos simetricamente nas duas alas do edificio communicando-se por duas varadinhas de 10 palmos de largura, e cem de longor cada uma, rematando em duas cosinhas, uma para os saos e outra para os enfermos.

A casa era de madeira sobre alicerces de pedra e cal, toda caiada, ladrilhada, cuberta de telha e de zinco nos rincões.

A despeza foi de 14:410\$844 rs. como se lê no officio de 18 de julho de 1856 ao referido presidente Cruz Machado.

Depois de feita, foi tal o deleixo de quem devia cuidar nos bens da fazenda publica, que a casa, abandonada a si, foiroubada inteiramente; desapareceram as telhas, as portas, e as vigas, não havendo hoje ali senão o lugar!

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COLLABORAÇÃO.

### O BENEPLACITO IMPERIAL NO BRAZIL.

Suscitaram-nos a idéa do presente artigo os estrepitosos discursos sobre o recurso á corôa levantados no parlamento nacional; dissemos os discursos sobre o recurso á corôa, porque, com effeito, o beneplacito imperial não está muito áquem dessa materia na medida dos prejuizos, que um e outro direito tem trazido á igreja.

Cada um, seguindo um caminho diverso, tende, ao encontro, desmoronar a alta soberania ecclesiastica, usurpando os seus legitimos poderes, restringindo a sanção de suas leis, dada na cadeira de S. Pedro, á vontade do imperante. Ambos pretendem com ediosidade apagar os caracteres os mais expressivos de uma sociedade perfeita, soberana e portanto independente da autoridade civil, nas materias de sua competencia.

O beneplacito imperial acha-se estampado nas luminosas paginas da constituição, art. 101, § 14 como um preceito revestido do caracter de constitucionalidade, e com uma tal força de obrigar, que sem elle a existencia do estado se acharia ameaçada, como uma forte muralha levantada diante do grande edificio da nação—a politica—para obstar a publicação das bullas, breves, rescriptos e constituições conciliares, para commemorar o despotismo dos governos d'outr'ora, para ludibriar a igreja e oppor

um dique inexgotavel de discordia entre um e outro estado.

O beneplacito imperial é uma pratica de nossos avós legada por Pombal, que não pode entrar no plano de uma nação collocada no centro da igreja, de uma nação que professa os dogmas catholicos, de uma nação ligada á Cruz do Christianismo, de uma nação, cuja constituição se diz ter sido escripta ás luses da Trindade Santissima.

Começando no seculo 14 por occasião do scisma do Occidente, não tardou muito que o Placet entrou em Portugal, no reinado de D. João 1.<sup>o</sup> e sob o pontificado de Innocencio 4.<sup>o</sup> revestido do despotismo, que trouxe do lugar de seu nascimento.

Mas, é forçoso confessar, fôra então mister que o rei commemorasse em suas côrtes os factos passados em Avinhão; nessa época de desconfiança, nessa época, uma das mais aterradoras para a igreja, nessa época, em que vacillava a cadeira do Pescador, nas mãos de trez antipapas, fôra mister pretextar as bullas, breves e rescriptos pontificios para não se illudir a nação com letras falsas, oppostas e talvez odiosas as leis do Estado.

Mas passado esse tempo de anarchia, restituída a paz da igreja, harmonisados os dous poderes, que motivos justificarão a pretensão odiosa dos successores de D. João na prohibição da publicação das leis emanadas de uma autoridade soberana e universal?

«Os amores, diz o autor do Direito Ecclesiastico brasileiro, os amores de uma percursora de Anna Boleyn deram pela primeira vez a existencia do Placet na Christandade. Dahi, D. Pedro, continua o citado autor, rei sem escrúpulos, e á quem o perjurio não enrubeceu, e que não recuou perante dous enormes escandalos e uma profanação sem exemplo entre christãos, creou o Placet para vingar-se de Roma, e elevou a dignidade de rainha e de esposa legitima o cadaver de sua concubina, fazendo-lhe prestar honras reaes, na presenca e ás faces de uma nação, que o espectáculo de suas inauditas crueldades trasia atônita e petrificada.»

Eis a origem escandalosa do Placet em Portugal, depois de D. João 1.<sup>o</sup> Conservados estes principios, cuja idéa devia ser para sempre esquecida da historia da humanidade, por muitos ministros vis e servis, foi o Placet introduzido nas côrtes brasileiras por Pombal, sectario fanatico, que não teve em vista senão fazer do Brasil, uma seita de Jansenistas e Galicanos, obstando as bullas que diziam respeito ao dogma e á disciplina da igreja; felizmente hoje as attribuições dos poderes politicos não avançam á tanto. Pela constituição do imperio, sem o consentaneo Placet não podem ter força de obrigar os decretos dos concilios e letras apostolicas e quaesquer outras constituições ecclesiasticas, que se oppozerem á constituição nacional.

É tambem prohibida pelo código criminal a impetração de graças espirituas e dignidades ecclesiasticas á autoridade estrangeira sem o referido Placet.

Pelo caracter da lei constitucional vê-se que o fim do beneplacito imperial, é impedir que entrem nos estados brasileiros leis emanadas do poder pontificio, que sejam oppostas ás leis do paiz.

Eis uma prevenção odiosa do poder temporal. Qualquer que seja o seu fim, quaesquer que sejam as suas extensões e limites, o Placet é sempre incompativel com os direitos sagrados da igreja.

Uma lei que não se compadece dos direitos de uma soberania, é uma lei injusta, ou antes não é lei, como se exprime S. Agostinho. Mihi non est lex, que justa non fuerit. Neste caso acha-se o beneplacito imperial. «Uma disposição como a do § 14 art. 101, diz o citado escriptor, é um leito de Procusto para a religião, e não pode dar senão agros fructos. Um máu governo acastellando-se nelle por abrir uma era de maos dias para a nação. Alli existe uma fonte de

males futuros.» Com effeito ali estão os factos registrados nos annaes da politica, alli estão as manchas negras das discordias havidas entre os dous poderes presagiando um futuro maldito e vergonhoso aos olhos da historia, e não será outra a consequencia de uma tam estolida pretensão do poder temporal sobre o Espiritual, porque ella é irmã gêmea da reforma protestante, revestindo a magestade real de poderes espirituas, poderes inherentes ao caracter ecclesiastico e que portanto só podem competir a igreja, ou antes ao pontifice romano com todos os bispos de sua communhão. «O poder ecclesiastico somente foi o que recebeu de Deus a autoridade de decidir as questões sobre a fé ou a regra dos costumes e de estabelecer canones ou regras de disciplina para a conducta dos ministros da igreja, e dos fieis na ordem da religião.»—E como justificar-se a lei do Placet, que tem em vista usurpar os direitos sagrados da igreja conferidos por Deus, recusando-se da obediencia á autoridade espiritual cujo caracter governamental e representativo acha-se reconhecido pelo Estado, que professa a religião da igreja catholica, que se acha dentro da mesma igreja e portanto sujeito as suas leis, qualquer que seja a sua materia ou o seu fim? Os decretos dos bispos, diz Bossuet, validos por si mesmos, e pela autoridade, que J. Christo uniu ao seu caracter, não esperam do poder real senão uma inteira submissão e uma protecção externa. Por tanto em vez do governo oppor um obice ás publicações das leis emanadas da autoridade ecclesiastica, deve antes e com empenho apoiar com gratidão estas leis e contribuir para a sua observancia.

Se o placet fosse fundado em direito, necessariamente este direito estaria na natureza da soberania temporal, diz o arcebispo de Colonia, necessariamente, o autor dessa soberania teria obrigado em consciencia ao episcopado a recorrer a approvação preliminar do governo para tudo o que fosse de sua jurisdicção. Neste caso todos os imperadores pagãos teriam sido investidos desse direito, como inherente ao poder soberano; os apostolos e seus successores teriam sido submettidos á obediencia passiva, porque um direito legitimo produz sempre uma obrigação correspondente. Mas estes principios e estas consequencias uma vez admittidas, nós perguntaremos, como poderia o Christianismo estabelecer-se legitimamente, como propagar-se ainda nos nossos dias? Com effeito, J. Christo, mandando pregar o Evangelho, ordenando os apostolos para governar a sua igreja, não lhes deu outro poder senão aquelle que elle recebeu do seu Eterno Pai.

Omnis potestas data est mihi in coelo et in terra Sicut misit me Pater, ego mitto vos. Foi com este poder que Pedro, Thiago, Mathias e todos os seus companheiros na fé e na ordem fecundaram a terra pela pregação da palavra divina e pelo código de novas leis dadas ao mundo.

É ainda com este mesmo poder que o actual chefe supremo da monarchia ecclesiastica e todos os bispos catholicos dirigem todos os fieis como um só corpo, participando de uma só communhão. E o Brasil, catholico como é, não pode ser extranho á uma autoridade legitimamente constituída, autoridade soberana e dominante em todos os paises em que se acha plantada a arvore do Evangelho, cujas leis são por isso mesmo geraes em todos os sentidos e em todos esses estados. Este direito reconheceu proprio a igreja, porquanto ali estão as suas decisões contra o Placet, qualquer que seja a sua forma ou limites, e comtudo ainda ha por ali quem sustente com toda a força de talento e eloquencia, que o placet limitado é uma necessidade para conservar-se a amizade dos dous poderes.

Nós, de nossa parte, protestamos contra qualquer hypothese que se queira fazer a respeito do beneplacito imperial no Brazil.

Sentimos e sabemos que temos muitos adversarios em opinião. Porém, que nos importam elles, quando contamos com a maioria de razões, com escriptores orthodoxos, e mais que tudo com as decisões da Santa Sé?

As leis civis devem ser uma copia das ecclesiasticas, leis santas, que só procuram a santificação de seus sujeitos, oppostos sobremodo ás paixões da politica, que é principio governamental entre nós.

O professor de Vienna, declara-se com toda a força de sua logica contra o Placet, assim como contra o recurso a corôa.

A sua razão, é que, estas duas materias, tão intimas como são, são incompativeis com o direito divino.

Eis as suas palavras: «O placet da autoridade civil muitas vezes tem servido para perturbar profundamente a legislação da igreja, e por uma consequencia fatal a comprometter a liberdade religiosa; sendo da maior evidencia que o estado investido de semelhante prerogativa seria o verdadeiro soberano da igreja. Seja qual for o sentido que se dê ao placet, sempre offenderá a independencia, a autoridade e a honra da igreja, pelo que com razão o reprovaram os papas em diferentes bullas.»

Terminaremos estas linhas, com a autoridade do Dr. Candido Mendes de Almeida, que falla: «Com o placet e com o recurso a corôa a igreja está presa á duas pesadas correntes.» Acrescente-se a isto o padreado imposto á força, o miseravel estipendio dos empregados da igreja, a limitação da ordem religiosa, e a luz de um exame imparcial pode ser livre uma igreja em taes condições?

O que é pois conveniente e indispensavel para todo o catholico é a emancipação da igreja do Brasil, e para obter-se esse desideratum devem ecclesiasticos e seculares sob a direcção do episcopado, empregar todos os esforços legitimos, pois o interesse é commum.

M. J. de Oliveira Mira-Sol.

## LITTERATURA.

### EDUCAÇÃO DAS CLASSES OPERARIAS.

Discurso pronunciado no congresso de Malinas, pelo Padre Jacintho, carmelita descalço.

#### I

### EDUCAÇÃO DA FAMILIA. I

(Continuação.)

Eu não quero ser utopista, e nem tenho a innocencia de crer que essas cousas se possam fazer n'um dia. Qualquer que seja essa coalicção de todos os poderes, de todas as intelligencias, de todas as bondades, que denomino meos votos, serão precisos annos e muitos annos, para que a familia tão profundamente extincta no povo das nossas cidades, volte a seu vigor e belleza. Esperando, senhores, que faremos? A caridade tem invenções maravilhosas. Para aquelles que não tem lar, abriu ella asylos; para os que não tem mãe preparou corações devotados de educadores e educadoras qualquer que seja o habito ou nome que tragam.

Preparou ella sobretudo, ha já trez seculos, pelo coração de Vicente de Paula, essa mulher extraordinaria cuja missão estava reservada ao seculo dezanove, e para a grande crize das classes laboriosas, esse auxilio do operario, como do soldado, no campo de batalha, do trabalho e soffrimento, a irmã de charidade!

Se alguma cousa podesse substituir a mãe, nos berços do povo, seria a irmã de charidade (*aplausos*), seria essa religiosa sem clausura e sem véo, que vive no mundo não sendo d'elle, e que une n'uma junção sem o coração da virgem e as entranhas da mãe. (*Aplausos prolongados*).

Deixemos o menino á irmã de chari-

(1) No fim do exordio deste discurso, que sabiu no n. passado, onde indica a divisão do mesmo—deve ler-se assim:

Ha tres graus nessa educação: a educação primaria pela familia; a educação profissional pela officina; a educação religiosa pelo Domingo.

dade! deixemol-o ao instituidor e a instituidora que lhe fação as vezes de paes, na sala do asylo e na escola que lhe serve de lar! Não consintamos que alguma mão, e sem pretexto plausível, arranque-o d'essa educação do berço e de-nos esse horrivel espectáculo—do operario de oito annos. Tenho necessidade de dizer toda a verdade d'esta grande industria, que se tem lisongeadó até a braxeira e desconhecido até a injuria. Eu não sou da raça dos cortesãos, nem dos insultantes, e conjecturo que a mais bella homenagem que se pode render a uma potencia d'este mundo, é crel-a bastante para entender a verdade. Eu direi pois a industria que ella não tem jamais o direito de levantar a mão sobre um menino, antes da idade marcada pela natureza e pela religião.

Obrar assim, é commetter um crime mais odioso, do que aquelle que por tanto tempo maculou a America, e que depois foi obrigada a lavar-o em ondas de sangue. Entre esses homens que possuíam homens, havia justos e bons, e alguns eram antes bemfeitores que senhores de seos escravos; porem tambem havia muitos que não tinham consciencia, nem entrinhas. Elles não viam no negro senão um instrumento, e lhe mandavam trabalhar sem medida e sem repouso. Era a oppressão do corpo. Porem, como todas as liberdades, todas as oppressões se ligam, da do corpo passava-se a da alma. Se a verdade os tocasse livral-os-hia. Nada de communicação com os que possuem a sciencia, com os homens que fallam alto ou com os livros que fallam baixo. E enfim, a oppressão intellectual, esses tyrannos avidos e cruéis juntaram a oppressão moral; mil vezes tinham razão, porque de todos os cúmplices da liberdade, o mais perigoso não é a sciencia, é a virtude. Nada de virtude para o escravo! Nós lhe temos retirado o Evangelho, retiremos-lhe a natureza! E porque na ausencia do Evangelho, nas ruínas mesmo da natureza humana, quando essa natureza não tem-se ainda extinguido totalmente, permanecem ainda dous nobres sentimentos, duas poderosas raízes onde tudo pode rejuvenecer, o amor conjugal e paterno, tinha-se tornado a familia impossivel, e não havia, n'essas casas malditas, homens que podessem abraçar na fortuna como na ternura a companheira de suas dores e o fructo de suas entrinhas.

Tremeis, srs., e tendes razão! Nada está perdido, todavia, por maior que seja o mal, elle tem ainda remedio. Esse negro é um adulto, é um homem feito, e se, n'uma infancia mais que sua maturidade, foi aquecido sobre o peito de uma mulher negra, mas christã, *nigra, sed formosa*, se elle tem sucado o leite robusto e casto do casamento, se tem conhecido o Evangelho e amado Jesus Christo, guarda em seu coração mananciaes occultos; elle sentirá os repentinos e poderosos despertamentos da consciencia honesta e honra christã, e contra a triplice tyrannia do corpo, da intelligencia e do coração terá revoltas victoriosas.

Srs., o ente efficaçmente oppresso, a victimá irremediavelmente sacrificada, não é o homem, é o menino. É o pequeno escravo branco da Europa, que não conheceo seu berço, nem sua mãe, e que despertou para a vida n'essa sombria officina, especie de inferno terrestre onde se pode gravar:

Vós que entraes, deixae toda esperanza.

Seu peito avido aspira nos pulmões cheias golfadas de ar que são simplesmente golfadas de veneno; seos delgados membros, vergados sob o trabalho, antes de serem formados, estão desde a infancia votados a decrepitude.

Tambem sua intelligencia detida, em seu primeiro desenvolvimento affoga-se nas trevas. É em vão que mais tarde, com estereis remorsos, exforçar-se-hão para ensinar-lhe algumas verdades; o negro lembra-se após annos de embrutecimento, o menino não aprende mais depois d'alguns annos d'esse odioso regimen. Já elle não terá entre suas mãos

essas trez vulgares e sublimes chaves, que abrem tantas cousas na vida e na alma: ler, escrever e contar. Já elle não possuirá esses rudimentos da sciencia que deveria ser a partilha de todos: alguma cousa da forma e vida d'esse globo que elle habita, e muito da gloria e dos destinos d'essa patria que elle deve amar e servir! Jamais sobretudo terá elle a clara e firme revelação de sua alma e Deus! Sua alma e Deus! não é somente a ignorancia que os arrebatá, é o vicio que lh'os occulta.

O que se ha com elle passado na sombria officina, no inferno precóce e portanto sem esperanza? Eu não o direi mas escutarei da boca d'um poeta de nossa epocha (1), interprete eloquente da embriaguez e angustias do mal no fundo do coração humano:

Qual um vaso assaz profundo  
É do infante o coração;  
Se a lymphe que lhe enche o vão  
A vez primeira é polluta,  
Por cima o mar passará  
E a pollução fica estavel,  
Pois sendo o abysmo insondavel  
É no fundo que ella avulta.

Ó mãos que tendes maltratado o menino, sereis maldictas, apesar de vossa sciencia e riqueza!

Mãos d'uma industria sem entrinhas, permaneceris aridas e secas como a mão do tyranno de Israel sob a maldição do propheta de Judá: «a mão de Jeroboão se tinha resequido, e elle não podia mais levantar-a, porque o Senhor tinha amaldiçoado-a.» Vós tendes commettido o mais fraco, o mais revoltante e o mais irreparavel dos delictos. (*Applausos prolongados.*)

(Continua.)

#### O COLLEGIO.

Antes de chegados ao momento em que se dá geralmente uma separação decisiva entre a familia e o filho, digamos algumas palavras sobre a primeira separação, amarga para as mães, cruel para os filhos, mas que apesar de sua impopularidade, é justa, salutar e o mais das vezes necessaria. Eu não quero illudir as ternuras de mãe, gabando-lhe as vantagens do collegio, suas alegrias, seus jogos e prazeres expansivos. Não direi mesmo, que o collegio é a mais bella quadra da vida. Não; a vida do collegio é laboriosa, desagradavel, e n'isso vai sua bondade principal. Conheço as tristezas do collegio, conheço essas horas eternas, em que fixa a vista em livro que se não lê, divaga a imaginação e foge a refugiar-se em um cantinho do lar domestico ao pé da mãe e das irmãs. Mas, pelas suas dores, o collegio, é prova de caracteres e virtudes fortes. Tendes a certeza de que vosso filho não encontrará obstaculos na vida; confiaes que esta lhe correrá sempre bonançosa e feliz, acreditae que apenas terá a sentir a differença entre o carinhoso regaço da mãe e os braços meigos da esposa? então guardai-o bem ao pé de vós: deixai-o gosar o praser de uma infancia quieta: não lhes deis o trabalho pesado, o constrangimento importuno e o dever monotono: evitai-lhe a presença de rostos estranhos, grandes rivalidades, jogos, violencias e tantissimos outros terrores das mães; mas, se por nada disto podeis responder, e se não podeis dispor da vida futura como da presente, não receieis então a prova da educação fóra da familia. O collegio ensina ás creanças muitas cousas uteis; o dever, porque na familia o mais rigoroso dever é ainda assim condescendente e desigual; o trabalho, porque este é sempre na familia muito menor e interrompido; a justiça, porque na familia a justiça mais severa vem sempre intremediada do favor; a emulação, porque no collegio tudo é emulação, e o que não é o primeiro no thema, quer sê-o ao menos na pella ou na carreira; a sinceridade e lealdade, porque não ha nada que mais horror cause ás creanças do que a hypocrisia e a denuncia; a paciencia, porque as creanças são más e atormentam-se umas ás outras: a coragem,

porque no collegio cumpre que cada um se defenda, e um ponto de honra pequenina prohibe que se appelle para alheio socorro; a amizade, porque é no collegio que nascem e se enraíam as mais fortes amizades; finalmente ensina-lhe a vida, porque ahí só se consegue o lugar que se conquista, ninguém é nosso auxilio, e a creança, como o homem, mais tarde está sujeita a uma regra inflexivel, sem protecção que não seja o merito, a vontade propria e a pureza de intenções.

Eis ahí o collegio em toda a sua verdade.

Mas accrescente-se que elle está longe de ser tão feio como o pinto, e que lá mesmo ha distracções, condescendencia e liberdade necessarias: note-se que nem sempre o mesmo é terrivel, que a disciplina embrandece muitas vezes, que jogo e recreio andam d'envolta com o trabalho, e que finalmente tem o castigo suas remissões. O collegio é a vida, mas a vida proporcional á idade da creança, é o mundo, mas o mundo melhor que o propriamente dito, porque é justo e benévolo.

Mas por advogar a causa do collegio, não se deprehenda que eu abandono a da familia. O collegio sem a familia é systema barbaro e brutal ao qual prefiro muito a familia sem collegio. Doe-me o coração ao ver as creanças, vindas d'alem-mar, confiadas annos inteiros á fria disciplina do collegio, sem lenitivo que não seja a rara e monotona visita de amigos indifferentes. A sciencia é bella por certo, mas o que fosse mais ainda, eu não sei se a quereria por tal preço. Sem a familia o collegio não é-so systema barbaro, é systema impotente. A familia é a razão de ser do collegio, sem ella, portanto, falta-lhe a sancção.

Na verdade, o receio tem seus limites, e como o emprego da força material é justamente prohibido, que podereis faser temer a creança que nada tem a esperar? A propria vergonha tem limites tambem, porque a creança pode deixar de corar diante dos mestres e condiscipulos, mas ter-lhe ha estalado primeiro a ultima corda do sentimento se o não fiser diante dos paes. Assim, se não tendes castigo para a creança sem familia, tambem não tereis recompensa sem ella. A melhor recompensa por que aspira a creança do collegio, é sair de lá! Se não podeis dar-lhe tal esperanza nada conseguireis d'ella: a sabida para casas de estranhos é meio inefficaz. O que é bom e salutar, o que é recreio da alma e do corpo, é a sabida para a familia; são esses os mais bellos dias da infancia, que as maiores venturas da mocidade e da vida não logram apagar da imaginação. N'esses dias a alma da creança dilata-se e expande-se; desenvolve-se-lhe o natural pendor para o bem; durante um dia ella é boa, amavel, sincera, condescendente e reconhecida. Quando o collegio não tivera outra vantagem além da de fazer apreciar a creança o valor da familia, tanto bastaria a faser-lhe estimar e querer. A creança educada no seio da familia gosa de seus beneficos sem o sentir; considera os cuidados que lhe dispensam como divida: não os agradece porque se persuade que não lh'os podem tirar. O constrangimento a que a obrigam é-lhe mais penoso, do que agradavel o privilegio que frue. A familia é lhe preceito e coacção: é o pai e a mãe que tem a seus olhos a impopularidade que anda sempre acorrentada ao poder. Mas a creança no collegio avalia pelo contraste o preço dos carinhos da familia, sua doçura e acção benefica: conhece que nem tudo se lhe deve, e acha-se em face de estranhos benévolo, mas apparentemente frios e condescendentes: vê-se ao lado de companheiros zelosos e curiosos, nos quaes não ha tendencias para se animarem uns aos outros. D'aqui vem a saudade e o desejo da familia; esta já não é preceito e coacção antes se converte em liberdade, alegria, esperanza e consolação.

A creança que ainda não sahiu da familia deixa-se embalar por obsequio: a que sentiu a ausencia, acouta-se a elle com todo o anheló de quem sabe aspirar

as delicias. Mas passam-se as ferias, volta a creança ao collegio, com o coração opprimido e os olhos fartos de lagrimas: chora a mãe tambem e quizerá antes tão a deixar ir: mas podereis esperar que a natureza dispensasse de suas leis vosso filho, evitando-lho, condescendente e facil como vós, os obstaculos e vicissitudes da vida?

Afigura-se-vos que só se lhe alcatifará de flores o caminho, para que elle ahí não encontre espinhos, barreiras e precipicios?

Persuadis-vos que lhe podereis sempre guiar os passos, amparando-o na queda? Se nada d'isto acreditae, deixae então que a creança vá para o collegio, para que lá aprenda a sentir e soffrer.

P. JANET.

#### NOTICIAS.

##### CHRONICA INTERNA.

O vapor *Tocantins* em sua volta do Pará foi portador das seguintes noticias:

—Em Portugal continuava a merecer a adhesão publica o novo ministerio, apesar da vehemente opposição de parte da imprensa. Figura como primeiro entre os mais energicos opposicionistas o Sr. Latino Coelho, cujos ataques são dirigidos especialmente ao Sr. Rebello da Silva, que o substituiu na pasta da marinha. Esta opposição tem de singular ser o novo ministro accusado por actos que são consequencia de outros do seu antecessor, que é o acusador.

O *New-York Herald* diz que a Inglaterra está disposta a auxiliar a Hespanha no negocio de Cuba.

—Estava prestes a assignar-se um tratado de commercio entre a França e a Hespanha.

—As côrtes de Hespanha iam definitivamente tratar da escolha de um rei. Apresenta-se, ou falla-se como candidato, o principe Napoleão, mas o governo hespanhol e outros gabinetes europeus desejam uma candidatura iberica e persistem em offerecer a corôa ao rei de Portugal.

—Acaba de chegar o paquete do sul, trazendo dactas da côrte até 1.º do corrente.

Do *Diario Official*, copiamos as seguintes noticias, ultimas recebidas até então.

«Entrou hontem do Paraguay o transporte brasileiro *Bonifacio*: do theatro da guerra trouxe noticias officiaes até 17 de setembro.

Sua Alteza o sr. Conde d'Eu ficava em Assumpção, e embarcaria no dia 18 para Arecatagná afim de ir collocar-se á frente da columna que a 22 devia seguir do Rosario em direcção a Santo Estanisláu, de combinação com outras duas que já estavam em marcha, para operarem contra Curuguataty, actual capital de Lopez.

Apenas se empenhavam nesta ultima phase da campanha parte das forças aliadas, por serem suficientes para desalojar o inimigo do ultimo ponto strategico que lhe resta.

Todas as ordens que Lopez expedira ás suas autoridades em Villa Rica e outros pontos do sul do Paraguay foram por ellas remittidas aos chefes alliados, por já não reconhecerem o governo do dictador.

—A assembléa geral foi ainda prorogada até 11 do corrente.

A causa destas prorogações, estava na difficuldade de conseguir-se da opposição do senado a votação do orçamento, a cessação da protelação. Para isto os Srs. Cotegipe e Zacharias tiveram uma conferencia, de que, feitas muitas concessões, seria o orçamento votado.

Este accordo, porém, não foi approvado por outros chefes conservadores e na camara dos deputados apresentou-se e approvou-se uma resolução mandando vigorar no corrente exercicio o actual orçamento, e assim estão conjunctamente em discussão no senado o orçamento e a resolução, o que complica ainda mais a situação.

San Luiz—Typographia *Perscrvança*, impresso por Manoel Caetano de Lemos.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—M. C. DE LEMOS.

## GOVERNO DO BISPADO.

### INSTRUÇÕES SOBRE O JUBILEU.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇÃO SARAIVA, POR MERCE DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTOLICA BISPO DO MARANHÃO, DO CONSELHO DE S. M. O IMPERADOR, ETC. ETC.

A todos os Nossos Diocesanos Saude, Paz e Bênção em Jesus-Christo, Nosso Redemptor, e Consolação do Espirito-Santo.

Tendo as sagradas congregações da Penitenciaria e dos Ritos por decretos de 1 de junho e 3 de julho ultimos, que abaixo fazemos transcrever, solvido algumas duvidas que foram submettidas á sua resolução, com relação ao Jubileo concedido pelo SS. Padre Papa Pio 9.º que vos annunciamos, amados filhos e cooperadores, pela Nossa Carta Pastoral de 21 de setembro proximo findo, apresentamos a dar-vos conhecimento dessas resoluções que foram approvadas pelo soberano Pontifice em data de oito de julho ultimo, para vossa instrução, e mandamos que sejam observadas como fazendo parte integrante do Mandamento com que terminamos á nossa referida Pastoral:

DECRETO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DA PENITENCIARIA DE 1 DE JUNHO DE 1869.

1.º Pergunta-se:—*Se entre as faculdades concedidas no Jubileo estará contida a d'absolver os penitentes da heresia?*

Resposta:—sim, sendo antes abjurados e retractados os erros, como de direito.

2.º Pergunta-se:—*Se durante o Jubileo quem em virtude delle foi absolvido das censuras e casos reservados vier a cair outra vez em casos e censuras reservadas, poderá segunda vez ser absolvido desses reservados, cumprindo as obras prescriptas?*

Resposta:—Não pôde.

3.º Quem já lucrou uma vez a Indulgencia do Jubileo, poderá outra vez lucral-a se repetir as obras prescriptas?

Resposta:—Sim, pôde.

4.º Poderão os confessores usar das faculdades extraordinarias deste Jubileo em favor d'aquelle que pode ser absolvido e dispensado, mas que não tem vontade de cumprir as obras prescriptas nem de lucrar o Jubileo?

Resposta:—Não podem.

DECRETO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS DE 3 DE JULHO DE 1869.

1.º Pergunta-se:—*Se a Missa votiva do Espirito-Santo deve ser cantada ou rezada?*

Resposta.—Em todas as Cathedraes e nas Collegiadas, onde todos os dias se canta Missa Conventual, deve tambem ser cantada a Missa do Espirito-Santo: nas outras egrejas designadas no Breve Apostolico, essa Missa deve ser rezada ou cantada conforme se reza ou canta a Missa Conventual.

2.º Pergunta-se:—*Se nesta Missa se deve dar Gloria e Credo?*

Resposta:—Neste caso, do Jubileo, na Missa quer cantada quer rezada dê-se Gloria e Credo.

3.º Pergunta-se:—*Se esta Missa se deverá omitir nas oitavas privilegiadas da Paschoa, Epiphania, Natal e Corpo de Deus, principalmente se for rezada?*

Resposta:—Deve-se estar pelo que o Breve prescreve e por isso em cada uma quinta-feira, em que não cair duplex de 1.ª nem de 2.ª classe, deve-se celebrar essa Missa, ainda no caso de ser rezada.

4.º Pergunta-se:—*A que horas se deverá celebrar essa Missa?*

Resposta:—Depois de Nôa, e tambem

depois de todas as Missas que as rubricas prescrevem nesse mesmo dia.

5.º Pergunta-se:—*Se nessa Missa dever-se-ha dizer uma só oração ou muitas como tem logar na Missa votiva?*

Resposta:—No caso, deste Jubileo, deve-se dizer uma só oração, quer a Missa seja cantada quer rezada.

6.º Pergunta-se:—*Se essa Missa é onus imposto aos conegos ou antes á Egreja?*

Resposta:—É onus da Egreja e deve ser considerado como parte do serviço do côro.

7.º Pergunta-se:—*Nas Egrejas, principalmente das Freiras, em que attenias as circunstancias dos tempos apenas se pode celebrar uma Missa, o que se deve fazer? Qual se deverá omitir?*

Resposta:—As Freiras não estão comprehendidas (no Breve).

8.º Pergunta-se:—*A collecta do Espirito Santo deverá ser omitida nos dias de 1.ª e 2.ª classe?*

Resposta:—Não, e assim nas festas de 1.ª classe deve ser dita debaixo de uma unica conclusão; nas festas porém de 2.ª classe com sua propria conclusão.

Portanto, mandamos, aos Rvds. parochos que publiquem á estação da Missa parochial esta Nossa Carta Pastoral, e respostas das sagradas Congregações da Penitenciaria e dos Ritos nellas contidos, ás quaes seja dada a devida execução, e archivada com a nossa Pastoral de 21 de setembro proximo passado. Dada nesta cidade de S. Luiz do Maranhão sob nosso signal e sello das nossas armas aos 18 de outubro de 1869.

Logar do sello.

LUIZ, Bispo do Maranhão.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 20 de Outubro de 1869.

### O LIVRO DO SR. DR. CANDIDO MENDES.

Ainda não foi annunciada á venda a importante obra que ha pouco estampou o illustrado snr. dr. Candido Mendes de Almeida.

O *Diario Official*, do Rio, dá noticia desse novo trabalho nos seguintes termos:

«O snr. dr. Candido Mendes de Almeida, advogado do fóro desta corte e deputado á assemblea geral legislativa pela provincia do Maranhão, publicou ha pouco, sob o titulo de *Auxiliar Juridico*, um volume que reúne materias indispensaveis aos juizes, advogados e estudantes de direito, e que até aqui só se encontravam em obras de elevado preço, ou edições que tornaram-se raras e de difficil acquisição.

Desejando dar uma idéa do valor de tão interessante e útil publicação, pareceu-nos que melhor não poderíamos alcançar este fim do que trasladando a introdução escripta pelo proprio snr. dr. Candido Mendes de Almeida, nestes termos:

«Emprehendemos a publicação de uma edição do código philippino, ou das ordenações do reino de Portugal, codificadas e promulgadas no reinado do rei D. Philippe I, e no de seu filho D. Philippe II em 1603.

Este código, que ainda na môr parte dos seus livros é lei no Brasil, não contava entre nós edição alguma: além de que nenhum juriconsulto brasileiro havia-o annotado e commentado (1).

Provavelmente nenhum se dispoz a fazel-o temendo os gastos da empresa, e a

(1) Não exceptuamos o auctor do *Digesto Brasileiro*, porque o seu trabalho limitou-se a tres livros das ordenações, cujo texto reproduziu em resumo. Ainda nesses incosmos livros os titulos, cujas disposições estão revogadas, foram excluidos.

reforma total da legislação alli consignada; tanto mais quanto na parte da organização judiciaria do paiz, e no direito penal já essa reforma fôra levada a effeito.

Esses temores não nos fizeram mudar de proposito, sabendo como sabemos, quanta é a difficuldade em reformar a legislação em vigor, que ainda conservam as ordenações.

Por outro lado sendo esse código um grande monumento de nossa legislação merecia ser bem estudado pelos que se dedicão ao cultivo da jurisprudencia, e desejam conhecer as fontes do direito patrio, e a sua historia, ainda naquellas disposições condemnadas ao olvido pelo legislador moderno.

O nosso proposito foi publicar uma edição desse código, não maculada de erros, e tão castigada como a melhor de Portugal; e julgamos haver-o conseguido com o nosso trabalho. Mas até esse ponto não se limitou o nosso desideratum.

No empenho de ser útil á mocidade que estuda nas faculdades de direito, fizemos o que permittiam nossas forças. Não escrevemos um commentario scientifico aos diferentes titulos e paragraphos das ordenações. Lançamos algumas notas philologicas, historicas e exegeticas com indicação das fontes das mesmas ordenações; limitando-nos a aproveitar para commentario não o labor de estudo proprio, mas o alheio extrahido das obras dos diferentes juriconsultos que sobre a materia escreveram; resumindo a doutrina, ou integralmente reproduzindo-a, conforme nos pareceu útil, e mais adaptado á intelligencia dos alumnos de jurisprudencia, para quem nos propuzemos trabalhar.

A cada livro das ordenações addicionamos toda a legislação posterior, ora em voga, no seu texto integral, que tinha immediata conexão com as materias dos respectivos titulos, de modo a poupar ao alumno o trabalho da procura em collecções difficeis não só de possuir, como de encontrar. Infelizmente é esse o estado da nossa legislação.

Não nos foi, e nem era possivel contemplar tudo, e por essa causa entendemos fazer uma compilação de varias materias uteis, e até indispensaveis áquelle estudo em livro apartado. Eis o que explica a publicação do presente, sob a denominação de *Auxiliar Juridico*; que consideramos um *Appendice* á nossa edição das ordenações, trabalho já mui adiantado, e que em breve será posto á disposição do publico.

Neste livro comprehendemos diferentes materias, que mais ou menos se prendem ás de que tratam as ordenações.

No interesse do estudo da historia e da organização de antigos tribunales de segunda instancia colligimos a respectiva legislação; onde se pode encontrar, ainda hoje, luses e precedentes para a solução de qualquer questão que a respeito do proceder dos modernos tribunales stija.

Para intelligencia da respectiva historia, organizamos em ordem chronologica uma relação dos chefes dos dous superiores. Não poucas vezes o conhecimento dos personagens que os presidiram applicam a causa da solução de problemas judicarios, sem essas chaves indecifráveis para o historiador, e para o juriconsulto.

O melhor interprete das leis é o uso de julgar; e por essa causa compilamos todos os *Estylos* das duas celebres relações lusitanas, denominadas *Casa da Supplicação* e *Casa do Civil*, ou commu-

mente do *Porto*, sendo, como eram as mais autorizadas.

Os da primeira se denominavam *da Corte*; e, sendo bons e legitimamente estabelecidos, constituíam leis, e, como taes, eram e deviam ser observados. Os da *Casa do Porto*, ainda que menos autorizados, mandaram-se guardar na Supplicação enquanto applicaveis; de modo que, sendo alli acceptos, tinham a mesma força que os *Estylos da Corte*.

Reunimos tudo quanto entre os juristas se havia nesta materia compilado. Assim poupamos ao estudante a fadiga e o tedio da pesquisa.

Os *Assentos* da casa da Supplicação, como os *Estylos*, tinham por fim fixar a verdadeira intelligencia da lei; e tomados na mesa grande daquella casa ou relação tinham, é ainda tem, força de lei. Assim se acha consignada na ord. do liv. 1, tit. 5, § 5, e na lei de 18 de agosto de 1769, § 4.

Seguindo as melhores e ultimas edições portuguezas compilamos tolos os *Assentos* desde 1603 até a época de nossa independencia; e, ainda por utilidade da consulta, os que se publicaram em Portugal até 30 de agosto de 1832, e no Brasil até a época da extincção do tribunal.

Addicionamos mais os que João Martins da Costa compilou na sua obra *Stylis*, anteriores a 1603, e que aliás não são destituídos de interesse juridico.

Assim é a nossa compilação a mais completa que até o presente se-lla publicado. A primeira edição tem a data de 1791. Foi editor o principal Castro, reformador reitor da universidade de Coimbra.

Para facilitar a procura dos mesmos assentos, em referencia ás ordenações e leis que interpretam, addicionaes no fim uma *Taboa*, que aliás tambem se encontra nas ultimas edições portuguezas, em que com extrema facilidade se pode mostrar a indicação certa do assento onde vem explicada e interpretada a ordenação ou lei que se deseja, e que porventura tenha sido sujeita a uma decisão do tribunal da Supplicação.

Essa *Taboa* é de inextimável auxilio: poupa muitas fadigas.

No mesmo proposito de facilitar o conhecimento e intelligencia das mesmas ordenações compilamos diferentes *Arestos* da casa da Supplicação, dentre os que publicaram Mendes de Castro, Cabedo, Phêbo e França, em nossa época aproveitaveis.

Pareceu-nos que seria sem inconveniente, e ao contrario de summa utilidade, colligir *Arestos* indicando a intelligencia das ordenações nos tempos mais proximos á sua promulgação.

Não fizemos somente uma escolha, mas aos *Arestos* que segregamos, lançamos as respectivas ementas; para auxiliar a prompta consulta, fastidiosa nas obras onde estão compilados.

O distincto juriconsulto José Homem Corrêa Telles, publicou entre outras obras dous opusculos interessantes para a intelligencia da legislação de que nos occupamos: a *Theoria da interpretação das leis* e o *Commentario critico á lei da boa razão*, a lei de 18 de agosto de 1769.

O primeiro era uma traducção do não menos avantajado juriconsulto francez *Domat*, mas, como no *Commentario critico*, soube o juriconsulto portuguez encartar exemplos de nossa legislação, que são de muito proveito ao novel jurista.

Á estas circunstancias pareceu-nos justificavel a compilação que aqui fizem desses dous opusculos.

Motivo quasi identico obrigou-nos a tambem admittir aqui os importantes *Aphorismos de direito*, do famoso jurisconsulto Francisco Bacon, assim como os *prolegomenos de direito* do não menos celebre jurisconsulto Dupin Ainé, ha poucos annos fallecido, addicionando as suas regras a observar na citação dos *arestos*.

Para quem conhece esses trabalhos, escusado era nossa justificação. Elles têm tambem por mira a perfeita intelligencia das leis. Isto basta em nossa defesa.

Assim como o jurisconsulto romano Paulos fez uma compilação de principios, axiomas, e regras de direito civil romano, que Justiniano contemplou no ultimo titulo do *Digesto*, da mesma sorte entendemos que podiamos fazer outro tanto compulsando o nosso direito, por nos parecer de utilidade este trabalho aos que comecção o estudo do direito; porque é quando mais facilmente se gravam na memoria aquellas sentenças tão uteis de conservar e de fazer a applicação.

A utilidade que offerece o conhecimento das maximas geraes do direito, diz Victor Fons, nunca foi desconhecida. Resumindo de alguma sorte a theoria de uma materia, os axiomas da sciencia proporcionão o maior auxilio ao juiz como á memoria é ao mesmo tempo servem de norma para a decisão de grande numero de casos particulares.

Os *Axiomas e Brocardos* de direito dispostos em ordem alphabetica, nos parece, serão de valioso prestimo no estudo da nossa jurisprudencia, e desvendão muitas falsas doutrinas que correm acerca do antigo direito.

Para facilitar e harmonisar o estudo das nossas ordenações não pouco se esforçaram os antigos *Reinícolas*, isto é, os jurisconsultos portuguezes que escreveram desde o meião do seculo decimo sexto, até o do seculo decimo oitavo.

Todos desde Gama, com rarissimas excepções, escreveram em latim, a lingua da egreja e da jurisprudencia, e outr'ora a lingua universal da sciencia e da diplomacia.

Estas obras que sempre se consultão com fructo, nem todos podem possuir, e algumas são entre nós mui raras, e por esta causa são pouco manuzeadas.

Julgando que prestavamos um serviço aos que se dedicação ao cultivo da jurisprudencia patria, reunimos em um só volume o transumpto das materias de que tratam essas obras: desta arte nos persuadimos que se provocaria o estudo e consulta desses trabalhos, que alguns desanimão de tentar temendo a procura baldada; não obstante virem quasi todas essas obras flanqueadas de preciosos indices alphabeticos, que tanto encurtão o labor.

Consultando o nosso trabalho já se tem certeza do que se vai procurar, ainda mesmo em relação aos que não possuem as obras, e possam ir demandalas em qualquer bibliotheca publica ou privada.

Dividimos os trabalhos desses jurisconsultos em *Tratadistas* e *Decisionistas*, segundo a maneira por que as questões juridicas foram tratadas.

Sobre cada jurisconsulto esboçamos uma pequena noticia biographica, que deve sem duvida interessar ao jurista, ainda novel.

Além disto apresentamos uma relação de todos os que floreceram em Portugal desde que a legislação patria comecçou a codificar-se, distribuindo-os pelos diferentes reinados até a época da independencia.

São noticias interessantes para a historia da jurisprudencia patria, e explicão muitas vezes a razão porque a mesma jurisprudencia teve determinada direcção, e o espirito que nella transparece.

Depois do meião do seculo passado, e reforma da universidade de Coimbra em 1772, a jurisprudencia patria seguiu novos trilhos. Havia mudança radical em politica e mesmo em religião.

As leis seguiram outra direcção, e tinham differente colorido. A sua inter-

pretação estava de conformidade com o pensamento da administração.

Dessa época até á Independencia foi, entre os escriptores de direito, abandonada a lingua latina pela portugueza excepção feita da obra de Paschoal José de Mello Freire dos Reis, que foi depois admittida como compendio naquella universidade, e ainda é entre nós.

Quanto á sciencia e pratica do direito, tres grandes vultos se destarão nessa época. São elles mui conhecidos por seus trabalhos que andão nas mãos de todos os que cultivão a jurisprudencia patria. Paschoal José de Mello Freire dos Reis, Manoel de Almeida e Souza e Joaquim José Caetano Pereira e Souza.

Um doutor em direito civil, foi lente da universidade de Coimbra, e deembargador da casa da Supplicação; os outros dous, bachareis em direito canonico e civil, erão advogados. Sendo singular que o jurista que por toda a sua vida patrocinou causas no fóro de uma insignificante aldéa que celebrizou, *Lobão*, se avantajasse em trabalhos de jurisprudencia, sobretudo pratica, ao que exercia a mesma profissão no primeiro fóro da monarchia. Lisboa, pertencendo aos advogados de numero da casa da Supplicação.

Relatando os trabalhos juridicos que escreverão, traçamos tambem, pôsto que resumidamente, as respectivas biographias que aliás erão pouco conhecidas de muitos dos nossos juristas.

Discriminado como se acha o nosso proposito, tem os leitores a explicação deste trabalho, e sua justificação.

Pareceu-nos de muita vantagem para aquelles a quem é destinado, e mesmo não julgamos destituído de interesse para os mais provectos, como auxiliar da memoria. Já dizia o poeta latino: *Ut ita ignari discant, ament meminisse periti*.

Adiantamos a sua publicação porque, absolutamente não dependia do primeiro, e sempre se colhia utilidade em sair logo á luz.

Podemos estar em erro, mas nossa intenção fica resalvada, ainda quando os competentes na materia nos neguem sua approvação e acolhimento.

Tudo quanto fizemos foi no interesse do bem, para melhoramento do estudo da jurisprudencia no paiz. Se não atingirmos o fim, contenta-nos a segurança que temos, de que fizemos todo o empenho por conseguil-o.

Essa modesta recompensa paga nossos esforços; maxime se forem reconhecidos por aquelles que souberem devidamente aquilatar as agruras que curtem os que emprehem taes committimentos.

Quizemos tambem dar á patria commum uma demonstração pequena, mas inequivoca, de nossa gratidão pela instrução que com mão generosa nos proporcionou em suas escolas.

Oxalá pudessemos acertar.

Tendo assim reproduzido as palavras com que o Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida explicou suas vistas e mostrou como as desempenhou, por demais será recordar que a este incansavel lidador já o paiz deve obras tão consideraveis e importantes como o *Atlas Geographico do Imperio do Brazil* e o *Direito civil ecclesiastico brasileiro antigo e moderno e suas relações com o direito canonico*.

## COMMERCIO.

### VIAS FERREAS E TELEGRAPHOS.

(Estados-Unidos.)

De uma correspondencia de New-York, extractamos o seguinte:

«Espera-se que haja uma actividade extraordinaria do commercio no outono, que vai comecar; as grandes companhias de transportes preparam-se para a concorrência, fazem planos, combinações, etc., com o fim de mais participarem dos lucros que estão-lhe tão imminentes. As maiores companhias da estrada de ferro entre a costa do Atlantico e o oeste já resolveram abaixar os preços do frete. Isto será muito bom se essas

companhias conservarem os preços actuaes até a estação mais activa e não fizerem o que costumam fazer: atrahir a concorrência publica no fim do verão e de repente alçarem os preços dos fretes, de commum accordo. É isto que o commercio muito justamente receia.

A razão da depressão nos fretes, que ora existe, é a rivalidade local que em relação ao commercio do oeste existe actualmente entre as principaes cidades do leste. New-York vai perdendo muito, ao passo que Boston e Philadelphia vão ganhando. Além desta razão, ha a da competição com as vias fluviaes e canaes, que attrahem muito o commercio, pelo baixo preço porque podem transportar as mercadorias, comparado com o que pedem as estradas de ferro. Quasi todos os cereaes de Chicago e dos estados centraes achavam seu caminho para o Atlantico pelo canal Erie, por via de Buffalo, no estado de New-York. Agora com sete ou oito dollars de frete de primeira classe se pode transportar uma tonelada de generos de Chicago a Boston, e com 11 a 12 dollars, de S. Luiz a Boston. O immenso augmento do transporte de que essas estradas de ferro já vão gosando prova quão verdadeiro é que o tempo é dinheiro; a economia do primeiro é um elemento de grande importancia nas operações commerciaes modernas, e sempre que a differença de frete não for muito grande entre as vias fluviaes e as de ferro, estas seram preferidas.

O progresso das estradas de ferro deste paiz segundo vejo de um livro ultimamente publicado por Mr. Poor, opera-se actualmente n'uma rasão maior do que nunca o fora antes.

No fim do anno passado, os Estados-Unidos possuíam 42,250 milhas de estrada de ferro. A Pennsylvania é o estado que mais milhas possui, a saber 4,400. O Illinois tem 3,450; o Ohio, 3,400; New-York, 3,400; a Indiana, 2,600; o Massachusetts, 1,450; o Missouri, 1,480; a Virginia, 1,480, etc. Em alguns annos, quando estiverem concluidas as linhas ora em construção neste estado, New-York vencerá a Pennsylvania.

A immensa importancia do interesse manifestado nas estradas de ferro, se vê da somma investida nellas e nos bancos. Era ella no principio deste anno 493 milhões de dollars nos bancos, e um bilhão oitocentos e 70 milhões nas 43,000 milhas de estrada de ferro ora em uso publico.

O termo médio do lucro liquido dos bancos é de 4 1/2 % do seu capital, ou de 50 a 60 milhões. O lucro só das estradas de ferro deste estado de New-York foi, no anno passado, de 50 milhões, e em todos os Estados-Unidos de 400 milhões, a saber: 286 milhões de fretes e 120 milhões de passageiros.

Esta somma excede a receita bruta do governo geral. O valor dos generos transportados nas estradas de ferro e canaes deste estado só foi no anno ultimo de 1,800 milhões ou perto de 4 bilhões de contos de reis!

A Grã-Bretanha tem 14,500 milhas, cujo custo, segundo dados officiaes, foi de libras 502,262,000 ou 2,510 milhões de dollars; entretanto as 43,000 milhas americanas só bão custado 1,870 milhões.

Em toda a Europa ha 57 milhas ou só 14,000 milhas que neste paiz.

O augmento da construção nos Estados-Unidos foi na rasão de 200 % no decennio de 1840-50; de 1850-60 o augmento foi pouco superior a 200 %; de 1860-70 elle será na rasão de 50 %—differença enorme, considerando o que já estava feito.

E não é só na construção de estradas de ferro que tem havido esse progresso extraordinario, pasmoso. As linhas telegraphicas se ramificam pelas partes mais obscuras e lhes vão levar communicações quasi instantaneas de todas as sensações da grande superficie. A *Western Union Telegraph Company* acaba de publicar o seu relatorio annual e lá vejo algarismos verdadeiramente formidaveis. Esta corporação tem

cerca de 3,000 estações em todos os estados e territorios da União, excepto dous: o seu capital fluctuante é de 46 milhões de dollars!

Ao passo que certas linhas internas se reduplicam, o novo cabo transatlantico e os que se projectão apertão mais as relações dos Estados-Unidos com a Europa. O cabo francez já fez o inglez reduzir a tabella dos seus preços; de ora em diante uma mensagem de dez palavras, fóra o endereço, só custa seto dollars e meio, aquelle mesmo numero que a principio custava mais de cem dollars.

Na correspondencia do mez passado dei noticia da abertura da communicação com a Europa pelo novo cabo: mas a escassez do tempo de que dispunha fez-me dar ao leitor uma noticia muito minguada desta obra. Vou agora dar-lhe ultteriores pormenores.

As duas extremidades do cabo inglez, é preciso lembrar, estão presas em territorio inglez; se as relações amigaveis entre os Estados-Unidos e a Inglaterra se rompessem, este ultimo disporia a seu praser do cabo. Foi esta a rasão que mais açulou aos capitalistas francezes a cogitarem de um novo cabo entre aquelles dous paises.

A 6 de julho de 1868, o barão Emilio de Erlangen, de Paris, e mr. Julius Reuter, de Londres, obtiveram uma concessão do governo francez para estabelecerem e gozarem de uma linha pelo prazo de 20 annos, contados do 1.º de setembro seguinte; a concessão estipulando que o cabo só tocaria no territorio francez e deste governo, e que o preço da transmissão de um despacho de vinte palavras nunca seria superior a 20 dollars em ouro. O capital social da companhia é de libras 1,200,000, dividido em 60,000 acções de libras 20 cada uma tudo em ouro. A junta directora da companhia tem suas sedes em Londres e em Paris, e agencias nas principaes cidades europeas. Em uma semana, todas as acções estavam tomadas e pagavam já bom premio; e no dia em que se encerrou o prazo da subscripção, a companhia com que se contratara a construção do cabo, recebia a primeira prestação de libras 200,000.

Essa companhia é a mesma que construiu o outro cabo. Mas o novo cabo é 1,210 milhas maior do que o primeiro, quasi um terço do seu comprimento; é um terço mais grosso do que elle, mais fortemente coberto de ferro e misturado com estopa que faz diminuir o peso especifico da agua. A isolação é muito mais perfeita: os fios são embebidos em um novo composto e cobertos de quatro camadas de gomma elastica, ao redor do qual passam grossos fios de aço em espiraes, cada fio havendo sido bem comprimido por fios mais finos, bem apertados por meio de outro composto. Apesar desta rigidez do novo cabo é grande a sua flexibilidade, e isto o habilita a conformar-se com a obra das vagas e das correntes do oceano.

Ha diversas secções do cabo; as duas secções terminam, a do mar fundo entre Brest e St. Pierre, as duas extremidades, este e oeste desta ilha, e a secção de St. Pierre á da terminal da praia americana.

Antes de se comecar a construção do cabo, os concessionarios do privilegio nomearam uma commissão scientifica para proceder aos estudos necessarios: esta commissão concluiu suas investigações, prometendo-lhes muitos e importantes melhoramentos sobre o cabo inglez; por exemplo, que douze palavras poderiam ser transmittidas por minuto, e ainda mais, que o processo da submersão seria muito mais simples e facil, o que o apparelho principal do telegrapho seria tão barato como simples.

O ponto de partida do cabo, na Europa, é a cidade de Brest, a 370 milhas O. S. O. de Paris, no departamento de Finisterra, a principal estação da marinha franceza e um dos principaes portos navaes de toda a Europa. A enseada tem tres milhas de ambito, todo cercado de muralhas. O porto propriamente

66 é excedido pelo nosso do Rio de Janeiro e pelo de Constantinopla, em segurança e extensão. Elle se comunica com o mar por uma passagem comprida e estreita dividida no centro por alguns rochedos, onde estão assentadas baterias. Brest tem 65,000 habitantes.

St. Pierre que é o primeiro ponto onde o cabo toca, desde que sahe da França, é uma das do grupo das tres ilhas francesas, St. Pierre, grande e pequena Miquelon, que ficam ao sul da costa da Terra Nova e defronte do golpho de S. Lourenço. Ella tem uma superficie de 106 milhas quadradas e uma população de 2,000 almas. A ilha pouco mais é do que uma rocha marinha, onde rara vegetação cresce; mas é um ponto importante para os baleeiros francezes que lá se reúnem aos milhares. A extremidade occidental do cabo está presa na aldea de Duxbury, no Estado de Massachusetts, cerca de 33 milhas a S. E. de Boston e de milha e meia do rochedo de Plymouth, onde desembarcaram os Paes Peregrinos. É uma aldea de que nunca se fallára antes da compleção do cabo.

A distancia entre Brest e St. Pierre é de 2,323 milhas nauticas e de St. Pierre a Duxbury é de 722 milhas, fazendo, com as outras secções, um total de 3,017 milhas. A porção do cabo entre a Europa e St. Pierre, foi submersa pelo vapor *Great Eastern*; de St. Pierre aos Estados-Unidos pelos vapores *Scandarea* e *Chiltern*.

No dia 18 de junho começou o *Great Eastern* a submergir o cabo.

A 22 desse mez, 174 milhas nauticas haviam já sido confiadas ao mar; a 24, 377 milhas; a 26, 574; a 27, 697, e na manhã de 30, quando já estavam submersas 920 milhas, uma mensagem foi despachada de bordo a *Great Eastern*, dizendo que iam cortar o cabo. Até 2 de julho não se restabeleceu a comunicação, mas nesse dia descobriu-se e remediou-se a falta, e o trabalho recommçou. Em summa, a 13 de julho, o gigante vapor chegava a St. Pierre, e a 14 se podia já comunicar entre esta ilha e a Europa. Dias depois, Boston, New-York, toda a america ingleza fallavam com a Europa pelo novo grande nervo. Como outr'ora a rainha Victoria e o velho Buchanan, agora Napoleão e Grant trocavam-se os cumprimentos que tão brilhante acontecimento lhes arrancava de seus corações progressistas.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### ILHA DE S. JOÃO.

Adiante da *bahia de Cabello de Vello*, na costa do mar, encontra-se esta ilha, muito procurada pelos que navegam para o Pará.

Em 29 de novembro de 1799 D. Diogo de Sousa, como governador desta Capitania, participou para a metropole, que resolveu visitar esta ilha, acompanhado por pessoas inteligentes, por ouvir dizer ser util e conveniente povoar e fortificar-a, e fazer nella algum estabelecimento para refazer Navios e outros iguaes objectos.

Consta pelo theor do officio, obscuro por se referir a objectos já tratados em outros officios, que não encontramos, ter sido enviado para Portugal um mappa da ilha, algumas indagações comprehendidas entre as pontas da *Cassaqueira* e *Caianuquena*, e o processo das observações de lat. e long. feitas na própria ilha, deferindo bastante das de Pinetel e Malta.

Em 9 de abril de 1864 para ali partio o vapor de guerra *Beberibe* conduzindo o chefe da estação naval João Maria Wandencock, o engenheiro militar dr. Francisco Cezar da Silva Amaral, os 1.º tenentes d'armada

nacional Villela e Nogueira, e o senr. Joaquim Duarte de Sousa Aguiar, distincto practico do nosso littoral.

Foi incumbida esta comissão de escolher n'esta ilha um lugar apropriado para a collocação d'um pharol.

Do *Paiz* (periodico) transcrevemos a seguinte noticia redigida pelo senr. dr. Amaral, que com seus companheiros regressou a capital no dia 10 do mesmo mez.

«O lugar escolhido pela comissão foi a ponta mais saliente ao nordeste da ilha, 400 pés da linha da preiamar medio, tendo de lat. 1.º—17'—45", e de long. a O do meridianno de Greenwich 44.º—52'—43".

«Este lugar é, sem duvida alguma, o mais apropriado, porque correndo a costa ao rumo de—S E—N O—, abrangêrã o pharol no horisonte um angulo de 18°. O seu nível eleva-se acima da linha da preiamar media apenas 7 pés, e isto é devido a que, sendo o terreno da ilha arenoso, os ventos reinantes do quadrante de N E conduzem as areias para o lado de S O, formando ali uma linha de altos comoros, que corre parallelamente á costa.

«Tem a vantagem de ser abundante de excellente agua potavel, e posto que seja pouco elevada, não consta, por informações de pessoas ha muito residentes no lugar, que o mar tenha feito avanços para a terra; concludo não se poderá contar com esta certeza, e neste presupposto é a comissão de parecer que o pharol, que tiver de ser collocado seja de ferro afim de que, para o futuro, não venha a acontecer o mesmo que ao antigo da ilha de Sant'Anna, cujas ruínas estão hoje completamente submergidas pelas ondas, que ameaçam ainda minar as bases do novo pharol que, como o antigo, foi construido á muitas braças distantes do mar, que de anno para anno vae conquistando o terreno da ilha. Com um pharol de ferro, dada esta eventualidade, se poderá transportar-o para outro local apropriado, sem maiores despesas. A collocação de um pharol na ilha de S. João é de incontestavel utilidade, e trará grandes vantagens á navegação costeira entre o Pará e Maranhão, indicando aos viajantes os parais que se estendem a 7 milhas de distancia da ilha, os quaes tem occasionado não poucos naufragios, e só praticos muito peritos da costa os sabem desviar.»

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## PARLAMENTO.

### SENADO.

#### DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO DO IMPERIO.

O SR. POMPEO:—Pede o relatorio do imperio. (É satisfeito.)

Diz o nobre ministro em seu relatorio, com relação á administração provincial, que sem uma melhor divisão de provincias, sem fixar e definir alguns pontos ainda incertos e vacillantes de nosso direito administrativo, sem adoptar-se um systema completo de organização, que se vá com o tempo firmando e desenvolvendo, nada fazer-se-ha de duradouro e proveitoso.

Primeiramente pergunta ao nobre ministro, depois dessa confissão frrmal em descredito da administração, o que até hoje apresentou para substituir o que

existe? Em verdade parece serio embaraço á administração a divisão das provincias da maneira pouco racional que existe; umas são immensas em territorio e ricas de população; outras pequenas e pouco povoadas; dahi resulta certa dominação das provincias grandes sobre as pequenas, cujas vozes, mesmo no parlamento, nunca são ouvidas; porque fazem-se menos caso de vozes, do que votos. É até admiravel como neste paiz, cujo systema centralizador tem sido tão exagerado, se tenha esquecido um principio capital, de que dão exemplo as nações da Europa. Sabe-se que o systema centralizador mais apurado na Europa é o da França, onde reduziram as grandes provincias a pequenos departamentos, quasi todos iguaes; este exemplo foi seguido pela Italia, Portugal e Hespanha; admira, pois, que á vista de taes exemplos os nossos estatistas, com essas ideias centralizadoras, de que dão testemunho nossas leis, não tenham procurado reduzir as nossas extensas provincias a circumscrições mais iguaes e modestas, e por conseguinte mais governaveis.

Porém será, pergunta o orador, de grande necessidade reduzir as provincias? Certo seria conveniente á boa administração; mas essa desigualdade das grandes provincias, que prejudica as pequenas, deixaria de notar-se com o correctivo que adoptou a constituição da confederação americana, onde, como sabe o senado, os diversos Estados, não são iguaes, sendo uns muito maiores em territorio e população, e outros muito menores; mas, para obviar esse inconveniente, a sabia constituição americana estabeleceu um principio que dá igualdade a todos perante a representação federal: no senado todos os Estados, grandes ou pequenos, tem somente dous representantes. Por conseguinte a desigualdade resultante dos diversos Estados encontra seu correctivo na igualdade da representação da segunda camara do parlamento geral. Se entre nós as provincias grandes ou pequenas tivessem tambem igual numero de representantes no senado, desapareceria o inconveniente do predomínio, que as grandes exercem sobre as pequenas pelos seus votos preponderantes em ambas as camaras.

O nobre ministro lembra a criação de um conselho administrativo, com que concorda o orador, porque entende que deve haver nas provincias um depositario das tradições administrativas, a quem os presidentes consultem e que sob sua responsabilidade aconselhem e informem, para que não se veja o presidente á mercê de amigos officiosos, que vão influenciar em seu espirito e sem responsabilidade. Posto que esta medida pareça util á boa administração, não seria menos vantajoso o desenvolvimento de um principio confido no acto adicional, a criação de uma segunda camara com inals duração, como correctivo da assembleia provincial, e garante da harmonia que deve reinar entre o presidente e a assembleia.

Mas sobretudo o que as provincias pedem ao governo actual, ou a outro qualquer, não é tanto a reforma administrativa, como a boa escolha do pessoal administrador. Se o governo lançasse mão para presidentes de provincias de homens experimentados, e não instrumentos de eleições, apesar de todos os defeitos que existem em nossa legislação, os presidentes fariam bom governo. Mas é tal o abuso a que se tem chegado a este respeito, que quando chega á provincia um presidente o que primeiro perguntão é a quem vai fazer deputado ou senador; porque em verdade os nossos presidentes, com raras excepções, são simplesmente commissarios de eleições e de recrutamento, missão que por certo não os honra muito e nem agrada ás provincias.

Tinha outros assumptos a tratar, como da instrução publica, negocios ecclesiasticos, estatistica, etc.; mas falta o tempo; entretanto vai sempre dizer alguma coisa a respeito da administração.

O nobre ministro do imperio faz uma triste e dolorosa exposição do estado da instrução primaria; proferio uma verdade, e qua todos sentem, quando disse: «Onde escassêa a instrução pôde haver a forma do governo liberal, mas não a realidade.» É certamente o que acontece entre nós. Ignora o motivo por que S. Exc. entende que não deve autorisar o ensino livre quando dizem relatorio que, tendo em muito a iniciativa individual, seguiria a doutrina da liberdade do ensino, se a observação não tivesse demonstrado que só com o tempo, aturada applicação, preparo especial e sobretudo gosto, se podem alcançar bons professores.

Mas, pergunta o orador, o ensino official apresenta melhores professores que o ensino particular?

Ao menos os pais de familia, juizes mais competentes na materia, não pensão assim, e o demonstra a estatistica que o nobre ministro apresenta em seu relatorio quanto á população escolar das escolas publicas comparada com a das escolas privadas.

Que horror parece que inspira a palavra liberdade, que nem ao menos a de ensinar a ler, escrever e o catechismo christão se quer permittir!

Não entende que o ensino livre dispenhe a fiscalisação do governo quanto á moralidade dos mestres, doutrina e escola; porque a educação do povo, que tem de preparar futuros cidadãos, não deve escapar de todo á policia e vigilancia do Estado; e assim como não é permittido manipular veneno e outros maleficios para o povo, tambem o governo, a quem incumbe a protecção da sociedade, não deve consentir que se prepare a geração futura com educação subversiva e corrompida, que faça futuros réos de policia, candidatos á força e ás galés.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—O que V. Exc. entende por ensino livre? Precisamos entender-nos sobre esta expressão.

O SR. POMPEO:—A liberdade de quem quizer abrir escola, ensinar independentemente dessas condições e provas exigidas pelo regulamento de 1834, desses exames de capacidade, de attestados, folha corrida, de titulos, papeletas, etc., que amofinão os pretendentes e difficulção a obtenção de um direito, que se devia facilitar no interesse da sociedade.

O SR. MINISTRO DO IMPERIO:—Quer dispensa das provas de capacidade?

O SR. POMPEO:—Certamente, de todo esse cortejo de attestados e papeletas, incommodos e dispendiosos. Já que o ensino official é rachitico ou esteril, que cada vez retrograda mais; já que faltão habéis professores, ou ha tão poucos, que são visivelmente insufficientes; já que enfim o governo se co' essa impotentia para dar instrução ao povo, deixe á iniciativa particular ajudar-o, deixe á industria ou dedicacão particular offerecer ao povo esse baptismo intellectual, sem o qual não é possível a felicidade de um povo; porque a ignorancia é meio caminho para o crime.

Nem pôr isso entende que o governo deverá abdicar a suprema inspecção, que lhe incumbe, sobre a instrução publica, como guarda e protector da sociedade; mas deixa ensinar, já que não pôde fazê-lo. Pensa que é preferivel ensinar alguma coisa de ler e escrever de que nada. Nota que o mesmo nobre ministro em seu relatorio, depois de desconfiar das habilitações dos mestres particulares, faz n'outra parte a merecida apologia de lyceos d'artes, instituição particular, cuja concorrencia cresce de anno a anno, sendo que já este anno excede a 800 alumnos. Ora, se S. Exc. reconhece as vantagens dessa instituição e a habilitação de seus professores, como negal-a para o ensino primario, ou em geral quando falla do ensino particular? O nobre ministro, como prova de sua asserção de grande decadencia da instrução primaria nesta capital, traz em um relatorio o algarismo de 4,300 alumnos que frequentaram no anno findo as escolas publicas em uma cidade de...

400,000 habitantes, o que dá 1 alumno por 93 habitantes.

Isso com effeito nem nas colonias portuguezas da Costa d'Africa acontece! É um facto que talvez não tenha igual em paiz civilisado. É certo, porém, que o ensino-particular apresenta um algarismo de 3,000 alumnos, o que demonstra a vantagem deste, ou pelo menos a preferencia que lhe dão os pais de familia sobre o ensino official. Este accrescimento elevando a população escolar a 9,000 alumnos, estabelece a relação dos alumnos para com a população absoluta como de 1 para 43, o que confirma as observações feitas sobre a necessidade de facilitar-se o ensino particular; porque se, apesar das difficuldades com que hoje luta, apresenta assim mesmo um algarismo tão superior ao ensino official, muito mais se deve esperar quando mais facil e desembaraçado se achar.

Ora, se é exacto, como affirma o nobre ministro, que a população livre do municipio da corte attinge a 400,000 habitantes, é presumivel, segundo as regras de estatística, que a população escolar, isto é, capaz de escola suba, a 5,700 individuos de idade de 6 a 13 annos; mas neste caso, tirando-se os 9,000 que nas aulas publicas e particulares recebem instrução, restão uns 48,000 analfabetos, isto é, apenas um sexto dos meninos de ambos os sexos capazes de escola nesta capital do Imperio aprende a ler e a escrever! Isto é mais que deploravel, é vergonhoso!

E o que vai pelas provincias? É certo que a instrução primaria corre por conta das provincias; mas o governo geral não fica desobrigado de vigia-la, de promovê-la, quanto for possivel, assim como lhe incumbe a policia geral.

Ora, o nobre ministro nada nos disse a tal respeito; entretanto que o regulamento de 17 de Fevereiro de 1854 determina que o inspector da instrução da corte remetterá ao ministro do imperio um relatório, não só do movimento da instrução do municipio, como de todas as provincias. Mas este anno não só se não dá noticia alguma do movimento ou estado da instrução das provincias, como nem o relatório do inspector sobre o municipio se publicou.

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO:—Se o inspector não mandou.

O Sr. POMPEO:—O nobre ministro accusa-se quando, fallando do inspector da instrução da corte, diz: «O inspector geral, por quem devem passar todos os negocios, é em geral um homem politico sobrecarregado de deveres de maior importancia, sem tempo, e na idade em que a actividade já não é determinada da por impulsos da natureza, mas por esforço de vontade.» Ora, esta confissão do nobre ministro importa a propria condemnação. Porque, se o inspector é velho, sobrecarregado de outros trabalhos, sem actividade, insufficiente para dar conta de tão importante missão, como o conserva? Porque não escolho um homem moço, com as condições de bem desempenhar essas importantes funções?

Não tendo dados mais completos para estudar e comparar o movimento da instrução primaria das provincias, do que aquelle vem no opusculo semi-official publicado pelo governo em 1867 por occasião da exposição publica, a elles soccorre-se o orador para um mappa comparativo, que apresenta ao senado. Deste trabalho resulta que em 1867 frequentavam as escolas publicas e particulares em todo o Imperio 107,403 alumnos de ambos os sexos. Sem garantir a exactidão dos algarismos, que correm por conta do auctor do opusculo, serve-se todavia delles para comparal-os com a população presumivel das provincias e cortes afim de estabelecer a relação em que se acha a instrução. A população não é a que vem no referido opusculo, que parece exagerado, mas um pouco inferior, segundo dados que autorisam o orador aceitar como mais presumivel. Por esses dados a população absoluta do Imperio (livre e escrava)

deve orçar por 10,200,000 habitantes, sendo a livre 8,510,000 aproximadamente. (Lê o mappa.)

Admittindo como exactos esses algarismos, resulta um alumno por 94 habitantes da população absoluta, ou um por 79 da população livre. Então quer saber o senador, pergunta o orador, quantos meninos de idade escolar ficaram fora do ensino primario? 1,103,000 pouco mais ou menos; porque, segundo a regra estatística, um setimo da população normal representa os individuos de 6 a 13 annos; ora, o setimo da população livre do Brazil sendo 1,211,000 individuos tirados 107,483, ficão... 103,000, que não consto receberem instrução alguma!

Ainda resta, portanto o preceito constitucional, que garante a instrução publica em nosso paiz; e o nobre ministro, que em seu relatório manifesta bons desejos a respeito, não se lembrou ainda de apresentar na camara, de que é membro, algum projecto, alguma medida tendente a augmentar as escolas publicas, a preparar professores, emfim a diffundir a instrução primaria.

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO:—Já apresentei: V. Exc. não attendeu...

O Sr. POMPEO, passando a outro assumpto, vai tratar de outro topico do relatório, em que o nobre ministro agita a importante questão do casamento civil, propondo a legitimação dos casamentos mixtos por acto civil, independente de acto religioso, da dispensa ecclesiastica. O orador não pretende entrar agora nesta questão, que lhe levaria muito tempo, quando já tem passado da hora; mas pretende, de passagem, assignalar o seguinte: que o nobre ministro, ao passo que procura legitimar por acto civil a familia de individuos de religiões differentes, com uma necessidade social, n'outra parte de seu relatório exagera as vantagens da unidade religiosa, fazendo della depender a força e tranquillidade de um povo; ora, se S. Exc. acha a unidade religiosa de um povo tão importante, que fez della condição para a prosperidade de um paiz, o que na realidade não é exacto (apoiados), porque muitos paizes em que ha diversidade de religião prosperam muito bem (apoiados), como propõe uma medida que tende a romper essa unidade, essa condição indispensavel de força e prosperidade um povo, segundo S. Exc. explicará.

Ainda pergunta ao nobre ministro se essa idéa de legitimar por acto civil os casamentos mixtos é de accordo com a Santa Sé, ou se S. Exc. está resolvido a cortar por si mesmo o nó gordio, e romper com o chefe da igreja, caso a Santa Sé se oponha a essa alteração da disciplina ecclesiastica. Não faz reflexão alguma a respeito, não lhe resta mais tempo, reserva-se para quando se tratar do objecto; lembra todavia que antes de decidir-se a praticar o acto procure um accordo com a Santa Sé, como obteve ha tempo o governo da Prussia.

Ainda pergunta ao governo se está satisfeito com a circumscripção ou divisão ecclesiastica do Imperio, ou se pretende pedir a criação, ao menos, de uma provincia ecclesiastica. Nota que um paiz tão extenso, com a população esparsa de mais de dez milhões de habitantes, não pôde ser bem administrado espiritalmente só por doze dioceses, e ainda menos por uma só provincia ecclesiastica. Deveres muito importantes que affectam a consciencia, processos de casamentos e outras cousas de ordem espirital não podem ser conhecidos por uma só relação metropolitana. Por isso entende que é urgente a criação de mais uma provincia ecclesiastica, assim como uma divisão melhor dos bispados.

O orador apresenta uma tabella dos doze bispados com suas freguezias e respectivas populações, e della resulta que em 1866 havia 1,360 freguezias no Imperio; que cabia a cada bispado, termo médio, 850,000 habitantes, e a cada freguezia 7,500; que por conseguinte não ha paiz catholico com divisão ecclesiastica

tão deficiente. Estranhou por isso que o nobre ministro condemnasse a subdivisão de freguezias, não pelo motivo allegado, isto é, por interesses estranhos ás necessidades religiosas, mas pelas proprias precisões do serviço espirital. Por certo que 1,360 parochias não podem bastar para uma população de mais de dez milhões de habitantes. Não consta que haja paiz algum catholico com tão limitado numero de parochias.

Não querendo abusar por mais tempo da attenção do senado, tem deixado de parte outros assumptos; mas ainda quer occupar-se por alguns momentos de um objecto que por mais de uma vez tem discutido e analysado no senado com relação a estatística. Refere-se ao decrescimento da população desta capital, facto que o impressiona, e que deve merecer a attenção do senado, se elle é exacto, como se deduz dos documentos officiaes.

Tinha outros objectos de que pretendia occupar-se mais detidamente, como da instrução, negocios ecclesiasticos, principalmente dos seminarios, providimentos e concurso de egrejas, tabellas de emolumentos parochiaes, do additivo n. 21 sobre o imposto progressivo e conversão forçada dos bens dos conventos, medida que parece inconstitucional, injusta e até espoliativa, pelo que desde já lhe denega o seu voto; mas já passa de trez horas, não quer mais abusar da paciencia do senado. Resta somente agradecer a S. Exc. o snr. presidente a bondade com que permittio-lhe occupar o tempo da segunda parte da ordem do dia e a benevolencia do senado. (Muito bem.)

## LITTERATURA.

### CONDICÇÕES DA PAZ SOCIAL NA FRANÇA.

As condições politicas que acabo de indicar são indispensaveis para se restabelecer a paz social na França, mas não são sufficientes.

Para uma semelhante obra, é muito pouco a boa organização dos poderes. É preciso da parte dos povos uma certa porção de prudencia e de virtude. Engana-se nui grosseiramente aquelle que acreditar no poder soberano da mecanica politica. A liberdade humana representa um grande papel nos negocios sociaes, e dos gomens é que em ultima analyse depende a boa sorte das instituições.

Falla-se muito do christianismo e do Evangelho, pronuncia-se a todo o momto o nome de Jesus Christo. Não permitta Deos, que eu demore muito o meu pensamento n'estas profanações, mistura hedionda do cynismo e de hypocrisia!

Farei só uma pergunta. Se a sociedade franceza fosse seria e effectivamente christan, que espectáculo offereceria hoje ao mundo no meio dos problemas cruéis que a atormentam?

Os ricos, os poderosos da terra applicar-se-hiam com devoção e perseverança a alliviar as misérias dos outros homens. As suas relações com as classes pobres seriam incessantemente activas, affectuosas, morál e materialmente beneficentes: as associações, as fundações, e as obras de caridade iriam por toda a parte lutar com os padecimentos e perigos da condição humana.

Pela sua parte os pobres, os pequenos da terra seriam submissos ás vontades de Deos, e ás leis da sociedade; procurariam no trabalho regular e assiduo a satisfação das suas necessidades; na conducta moral e previdente o melhoramento da sua sorte; no futuro prometido n'outro lugar ao homem, a consolação e a esperança.

Será a isto que se dirigem? Será isto o que se pretende reanimar no coração dos povos?

Duvido que a mentira, apesar da audacia com que pretende explorar estas palavras christãs, se atreva a dizer, sim. E se a tanto se atrever, estou certo que apesar da credulidade publica ha de encontrar uma denegação universal.

Se é mentira renunciem a ella; se é obcecção desenganem-se: o christianismo não pode tolerar o ver-se degradado por tal modo: nada ha mais contrario ao christianismo do que as idéas, a linguagem e a influencia dos actuaes reformadores da ordem social. Se o communismo e o socialismo prevalecessem, morreria a fé christã. Mas como a fé christã é mais poderosa, o communismo e o socialismo dentro em pouco não hão de ser mais do que delirios obscuros.

Desejo ser completamente justo; e ao passo que combato as idéas, que fazem a vergonha e o flagello da nossa época, quero reconhecer o que ellas em si contem de moralmente enganador, e quaes são os pretextos e os instinctos honestos, que podem illudir os que as sustentam, e lhe dão acolhimento.

Existe um sentimento nobre e bello em si, que tem representado, e representam ainda hoje um papel consideravel nas nossas sociedades, e nas perturbações de que ellas tem sido victimas. É o enthusiasmo pela humanidade, o enthusiasmo da confiança, da sympathia, da esperança.

Este sentimento entre nós dominante, e soberano em 1789: produziu o irresistivel impeto d'aquella época. Então não havia bem nenhum, que se não attribuisse á humanidade, nem triumpho que se não desejasse e esperasse por ella; a fé e a esperança no homem tinham substituído a fé e a esperança em Deos.

A prova não tardou. O idolo pouco tempo lhe resistiu. A confiança foi bem depressa convencida de presumpção. A sympathia acabou na guerra social e no cadafalso.

As esperanças que foram satisfeitas, não fizeram vulto ao lado das que se esvaeceram como chimeras. Nunca a experiencia contra o orgulho foi tão rapida e tão grande.

E todavia a este mesmo sentimento se dirigem hoje os novos reformadores da ordem social; invocam o mesmo enthusiasmo idolatra pela humanidade. Ao mesmo tempo que roubam ao homem as mais sublimes inclinações, e as suas mais bellas perspectivas; exaltam sem limite a sua natureza e poder, abatem-no vergonhosamente concedendo-lhe sómente os bens da terra, mas acreditam nelle cegamente e tudo esperam d'elle e por elle.

O que custa mais a dizer é, que esta idolatria insensata é a sua unica desculpa, a unica idéa, que tem uma origem mais elevada, e algum valor moral.

Se por ventura não tivessem esta fé, e cega confiança no homem, se não fossem os adoradores servís da humanidade, não seriam senão os propagadores do materialismo avido brutal e desenfreado.

«Se o homem se exalta (diz Paschal) eu o humilho, se elle se humilha eu o exalto.» Palavras sublimes, que é necessario repetir e praticar sem cessar. E na verdade o homem merece, que o respeitem e amem, que tenham confiança n'elle, e que façam alguma coisa em seu favor. Aos que desconhecem a grandeza da sua natureza, e do seu destino, ao proprio homem se a vier esquecer, eu direi com Paschal: «Se o homem se humilhar eu o exalto.» Mas aquelles que adulam o homem, que d'elle esperam todas as cousas, e lhe promettem tudo, que arrastados pelo orgulho arrastam o homem para o orgulho, esquecendo e fazendo esquecer as misérias da sua natureza, e as leis supremas a que está sujeito, e os soccorros de que não pode prescindir, a estes digo tambem com Paschal. «Se o homem se exalta eu o humilho.» E os factos, os factos recentes, estrondosos, irresistiveis, lho dizem muito mais alto do que eu.

(Continúa.)

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Manoel Caetano de Lemos.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—A. A. DE ASEVEDO.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 27 de Outubro de 1869.

## Hospital Portuguez.

Já annunciaram os jornaes a proxima installação do novo hospital portuguez, pertencente á Real Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro.

Aguardavamos a conclusão dos grandes trabalhos emprehendedos por essa charidosa instituição no prédio de que fez aquisição para consagrarmos algumas palavras sobre esse assumpto.

Agora que elles chegam ao termo desejado, que as benções do Pontífice da Igreja maranhense irão em breve adaptal-o aos misteres da charidade, é tempo de desobrigar-nos desse empenho de consciencia.

Vimos e admiramos como o trabalho, a perseverança, e a união souberam ainda uma vez aliar-se e produzir o mais bello fructo; como os estímulos de uma nação generosa e os impulsos de corações ennobrecidos manifestaram-se em uma idéa grandiosa.

Os fins á que se destina a sociedade, baseados nos mais candidos preceitos do christianismo, solidificados nas máximas salutaras do grande principio do evangelho, são a distribuição de soccorros temporaes aos necessitados.

O amor do proximo, desenvolvendo-se e operando por causa do amor de Deus, é o alvo dessa associação dos nossos co-irmãos, que separados pela distincção da patria, á nós se ligam por mais de um laço sagrado.

A Sociedade Humanitaria, já reputada entre nós por uma das associações de maior vantagem, conhecida por muitas obras de beneficencia, ampliou o programma de sua pasmosa idéa com a instituição de um hospital onde fossem os consocios buscar a cura em suas enfermidades.

Diante de um quadro tam nobre e elevado, em cujo apice ressumbra a charidade, dominada pelo espirito christão, não ha louvores bastantes á generosa nação portugueza.

Distinguida por inumeros actos de beneficencia, essa nação briosa funda por toda parte sociedades de charidade, hospitales, egrejas, e nobilita-se por seu acrisolado patriotismo em eguaes obras.

O Maranhão, sempre que invoca a generosidade de seus filhos naturaes, conta como certo com o auxilio dos portuguezes. E jámais de balde appellou para sua generosidade.

Associados comnosco, os portuguezes prestam-nos seguros e valiosos serviços, como auxiliam-nos nas maiores crises.

Ainda ha pouco, quando o governo do paiz se dirigia ao povo, concitando o seu patriotismo, os portuguezes, sempre fieis á um passado brilhante, tomaram como sua a causa commum.

A todos os tributos lançados sobre os nacionaes, em todos as subscrições, á todos os onus, se reuniram á nós de modo decidido, o que contribuiu grandemente para suavisar-nos.

Os portuguezes, pois, são credores de toda nossa estima e sympathia pelas inequivocas provas de sua aliança e reciproca amizade.

E não só pelos meritos que os ornamentam como pela confraternidade que entre si alimentam applaudimos tam dignos hospedes.

E a brilhante e esplendida festividade que o publico maranhense testemunhará no proximo domingo é uma prova da nossa asserção, quando todos admirados terão de ver o grande fructo produzido pela charidade portugueza, installando o seu hospital.

Ahi verá o bello prédio todo reconstruido e em parte augmentado, pela sociedade, com abundantes commodos e repartimentos necessarios á estabelecimentos desse genero.

Colocado em sitio aprasivel, encravado em vasta quinta, e segregado de outras habitações, o hospital é uma verdadeira casa de saude, onde encontram-se a elegancia e a hygiene.

Todo acha-se na melhor ordem e distribuição, attentos os cuidados e esforços de homens dedicados e zelosos que se têm dado ao empenho de realisarem a idéa grandiosa.

Todo o estabelecimento é illuminado a gaz.

Dividido em trez bellos raios, o edificio offerece um aspecto magnifico e bem traçado: todo elle de sobrado e cingido de varandas, apresenta-se airoso e em condições de salubridade invejáveis.

O raio do poente, que é o da frente, é occupado nas varandas á direita pela capella, simples e modesta porem graciosa e elegante, offerecendo por sua collocação excellente facil vista de todos os angulos do estabelecimento; e á esquerda pela secretaria do hospital devidamente organizada.

Estas duas repartições são fechadas por duas bem acabadas portadas de cedro polido, que podem ser abertas em par, de modo que fique toda a varanda espaçosamente franca.

No mesmo raio acham-se dispostas 3 grandes enfermarias, bem altas, ventiladas, e vastas, tendo capacidade de receber muitos doentes. Nos lados adjacentes do avarandado á direita poderão funcionar varias dependencias, como rouparia, botica, etc.

O raio do sul é disposto em cinco elegantes quartos, destinados aos pensionistas particulares.

Tem por limites proximos, o jardim, onde vê-se em gracioso desenho, formado por canteiros, o distico "*Hospital Portuguez*" que serve de base á uma bem acabada corôa da patriotica nação lusitana.

Em seguida ao jardim, na parte inferior do terreno, está sita a quinta, farta de verduras, e arvores fructíferas.

É de grande dimensão esse terreno opulento, e acha-se cuidadosamente cultivado.

O raio do nascente já principiado, e com paredes aptas á ser continuado o edificio, consta de dous quartos mais para pensionistas particulares, e alguns outros para diversos misteres do estabelecimento.

A norte do estabelecimento continua ainda a bella quinta onde abundam muitas arvores fructíferas.

É este em resumo o local e edificio, propriedade do Hospital Portuguez, cuja solemniissima inauguração terá lugar no dia 31 do corrente, anniversario do faustoso natalicio do joven e esperançoso monarcha que rege os destinos de Portugal.

Cubram os céus de abundantes benções tam grandiosa obra, documento authentico da vehemente charidade dos portuguezes residentes entre nós.

## PARLAMENTO.

## Senado.

## DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO.

O Sr. SARAIVA:—por mais de uma vez tem a opposição insistido acerca da falta de energia com que tem-se havido o Sr. presidente do conselho na direcção dos negocios do estado.

Em relação aos presidentes, chefes de

polícia, delegados e subdelegados, S. Ex. tem se mostrado sempre fraco e condescendente. Seus agentes têm feito tudo quanto têm querido; S. Ex. não tem podido ou não tem tido a força precisa nem ao menos para censura-los.

Era impossivel que a opposição do senado, composta de caracteres reconhecidamente distinctos, de cidadãos tão benemeritos como o nobre visconde, de homens independentes e que não desejão o poder por amor do poder, não tivesse produzido alguma censura justa, não tivesse manifestado uma queixa que dovesse ser benevolamente considerada. Pois bem! O Sr. presidente do conselho ainda não teve uma palavra de esperança, de animação para a opposição; pôde-se dizer, portanto, que o partido liberal não deve contar com a justiça, nem com a protecção do governo imperial. (Apoiados.)

Este ponto está liquidado; a discussão a tal respeito é superflua, e pois lamenta profundamente que um caracter que os liberaes estavam habituados a respeitar, que suppunhão tão energico quanto honesto, fosse aquelle que mais illudisse suas esperanças; que, quando tinha por seus serviços e sua autoridade entre seus amigos direito á dirigir a politica do Imperio, quebrasse o remo; em lugar de dirigir é dirigido na politica interna.

E na politica exterior, o que se vê? Ainda o nobre presidente do conselho em torturas para defender o seu diplomata no Rio da Prata. É difficil defender uma má causa. É difficil justificar faltas e erros dos outros. Dahi todo o embaraço com que S. Ex. luta para justificar os desacertos de nossa politica externa; dahi as torturas porque tem passado para encontrar argumentos que não pequem ao menos contra a logica; entretanto a verdade é que S. Ex. na camara dos deputados produziu argumentos que não seriam invocados por um principiante no parlamento.

O senado vai ver o que disse o nobre presidente do conselho respondendo a um membro daquella camara que fazia censuras á politica exterior do ministerio. Dizia S. Ex. «Quem entende que a guerra deve continuar até que Lopez seja expulso do Paraguay, que obra-mos de accordo com os principios de direito das gentes e com os nossos interesses fazendo-lhe a guerra, não o reconhecendo como governo daquelle paiz, reconhece-o como governo legitimo; mas quer que lhe façamos guerra até expellir-lo; embora com isso soffra muito a nação paraguayana. Se, pois, o nobre deputado entende que é este o procedimento que nos cumpre, que não devemos consentir na continuação do governo de Lopez, como sustenta que a criação de outro governo que concorra comnosco para mais depressa expellir Lopez do Paraguay é contrario aos nossos interesses e deshonroso para o Brazil?»

Por estes trachos vê-se que o nobre presidente do conselho entende que o orador, o nobre ministro da marinha e todos aquelles que são de opinião que a paz com Lopez não é paz, mas uma tregua, pensão assim porque concordão em que Lopez não é governo legitimo do Paraguay e nem tem que ver acerca da maneira porque Lopez foi eleito presidente dessa republica; é questão essa que não os interessa. Legitimo ou não, Lopez era e é presidente do Paraguay. Temos tratado com Lopez, sempre o temos reconhecido como presidente, e, portanto, o Brazil não é competente para declarar que Lopez não é o chefe da nação paraguayana.

O que dizem, o que dizem, o que affirmão é que o Brazil tem o direito incontestavel de expellir Lopez do Paraguay, de não celebrar a paz com um homem que, segundo declarou o nobre presidente do conselho, é tal e tão ambicioso que com elle não é possível paz duradoura. É assim que a Europa quando fez a guerra a Napoleão, sem desconhecer que elle era o imperador dos Francezes, declarou que não trataria com o general Bonaparte, porque, como chefe da nação franceza, era uma ameaça permanente contra a paz da Europa.

Temos o direito de não tratar com Lopez, enquanto estivermos persuadidos de que a paz com o dictador do Paraguay nunca passará de uma tregua; que essa paz será uma paz armada; e a presença de Lopez na presidencia da republica uma ameaça permanente contra a provincia de Matto-Grosso. Esta é a verdadeira razão por que não devemos fazer a paz com Lopez. Deixar Lopez no Paraguay é adiar a guerra; é collocar-se o Imperio na necessidade de continuar a ter um exercito numeroso, uma marinha respeitavel, e isso é ainda um mal maior do que a continuação da guerra até a expulsão de Lopez.

Se o nobre presidente do conselho demonstrasse que Lopez cumpria os compromissos que tomasse pelo tratado de paz; que as condições acéttas por elle constituíam uma satisfação equivalente ás offensas que recebemos, a paz com Lopez não poderia ser razoavelmente combatida por nós e nossos alliados.

Prove o nobre presidente do conselho, que Lopez não é animado de intenções ambiciosas; que pôde ser um bom vizinho; que nos dá completa satisfação pelas offensas que recebemos; e nada teremos que ver com a legitimidade do presidente do Paraguay. Os que não querem a paz com Lopez entendem que não é possível a paz estando á frente da republica do Paraguay um homem tão ambicioso como Lopez.

Já se vê que o nobre presidente do conselho claudicou quando entendeu que, dizendo que não queria a paz com Lopez, seria a opposição arrastada a confessar que o governo de Lopez é illegitimo.

Acompanhará o nobre presidente do conselho na apreciação de sua politica no Paraguay. O senado e o paiz estão inteirados do que alli tem occorrido pelas correspondencias inspiradas ou feitas, segundo é fama, por pessoas adherentes á politica ministerial. Consta que uma dessas correspondencias é redigida no palacio da missão especial. Vê-se dellas que nosso ministro, em missão especial naquella republica, mostra-se descontente com a eleição a que se procedeu para a organização do governo provisório no Paraguay. Assentou-se que o povo de Assumpção fosse convocado para eleger uma comissão de vinte e um membros, e que esta escolhesse para o governo tres ou cinco cidadãos. Pois bem, reunirão-se os votantes, serão presididos pelos ministros argentino e brasileiro, fez-se a eleição, e o povo votou com liberdade.

O Sr. OTTONI:—Ha mais liberdade no Paraguay do que entre nós.

O Sr. SARAIVA:—Mas o senado vai ver qual o respeito que mereceu essa eleição. O povo elegeu a comissão de 21 membros, e esta escolheu a junta de 5; o que fez o nosso ministro? Annullou a eleição! O honrado ministro dos negocios estrangeiros acostumou-se a ver o ministerio de 16 de Julho annullar dezenas e dezenas de eleições da camara e juizes de paz, nas quaes havia vencido o partido liberal, e levou para

o estrangeiro esses máos hábitos, que não são perigosos entre nós, porque a nosso povo é docil, ordeiro e soffredor, e porque o governo tem nas camaras majorias com cuja benevolencia conta para não ser nem accusado e muito menos condemnado: mas não é a mesma cousa annullar eleições no interior do paiz e nullificar o governo eleito pelo povo paraguay.

O nobre ministro em missão declarou que a junta nomeada não era de seu agrado, porque tinha tres rapazes que não eram conhecidos no exterior.

(O orador lê uma correspondencia de Assumpção dirigida em 28 de Julho ultimo ao Siglo, de Montevideo, referindo o que se passou a este respeito.)

A chave do enigma é esta: o nosso ministro entende que deve fazer a eleição do Paraguay como fez a do Brazil, designando previamente os deputados que o povo devia eleger. Dahi a origem de todas as difficuldades que se têm encontrado para a eleição do governo provisório do Paraguay.

Não é seu fim discutir hoje a conveniencia ou inconveniencia desse governo. Quer somente assignalar que os máos hábitos de nossa politica interior inspiram nossa politica exterior; o que é muito deploravel, porque os erros commettidos na politica interna não tem consequencias tão graves como os commettidos na politica exterior.

O Sr. Paranhos levou de Buenos-Ayres o Sr. Egusquiza, para fazel-o eleger membro do governo provisório no Paraguay. Foi um erro grave. Ainda quando a pessoa escolhida fosse de confiança dos paraguayos residentes na Assumpção, o expediente era pessimo, era deploravel, porque nenhum governo estrangeiro tinha que vêr na eleição do governo que se hia formar no Paraguay; mas o erro sobe de ponto se considerar-se que Egusquiza não tem, nem podia ter, a sympathia dos paraguayos inimigos de Lopez.

Egusquiza foi creatura de Lopez em Buenos-Ayres, seu correspondente, ou agente commercial; foi quem comprou ou pagou em Buenos-Ayres o armamento para as forças de Lopez; era quem recebia os fundos de Lopez e os passava para a Europa, afim que de lá viessem todos os petrechos bellicos que têm servido tanto para a obstinada resistencia do dictador. Egusquiza, pois, não podia ser, em época alguma, considerado pelos ministros brasileiros como homem capaz de fazer parte de um governo provisório com quem fivessemos de tratar.

Dir-se-ha que Egusquiza declarou-se contra Lopez; mas lembrará o antigo rifão o «ama-se a traição, aborrece-se o traidor.» Mesmo o facto de Egusquiza declarar-se contra Lopez era razão para que nunca nos lembrássemos de confiar nelle.

Já se vê que é natural a ogerisa dos Paraguayos a Egusquiza. Como, pois, o nobre ministro dos negocios estrangeiros não reflectio e comprometteu-se com Egusquiza a fazel-o membro do governo provisório no Paraguay? Dahi todas as nossas difficuldades. O Sr. Paranhos, homem habil, deve ter seguramente sentido seu erro; não é possível que não tenha já conhecido todos os inconvenientes do procedimento que teve, levando consigo Egusquiza e declarando-se seu protector para o governo provisório; mas cre que fica mal se Egusquiza não for eleito. E o nobre presidente do conselho, que está longe dos acontecimentos, que pôde examinal-os com mais criterio e sem prevenção, não vê já que esse capricho de nosso plenipotenciario pôde produzir desgostos profundos nos apologistas do governo provisório?

O nobre presidente do conselho deu como razão do governo provisório a necessidade de mostrar o Brazil a todas as nações que não quer subjugar o Paraguay. Pois bem! O nobre ministro deseja mostrar que não quer subjugar o Paraguay; mas como pôde apoiar o diplomata que quer influir directa e vio-

lentamente na eleição do governo provisório?

O Sr. PRESIDENTE DO CONSELHO:—Não quero apoiar, nem creio que o Sr. Paranhos o tenha feito.

O Sr. SARAIVA sabe que o nobre presidente do conselho deve angustiar-se com estas censuras, porque pela sua posição toma a responsabilidade de actos censurados e para os quaes talvez não tenha concorrido absolutamente; mas resigna-se o illustre presidente do conselho a aceitar a responsabilidade que resulta de sua posição. S. Exc. podia evitar os males; não evitou, logo é responsavel por elles.

São bem cabidas as observações que o orador tem dirigido ao senado, porque é facto incontestavel que o Sr. Paranhos quiz e quer fazer membro do governo provisório a Egusquiza.

O nobre ministro não pôde contestar este facto. Se é verdade, se é um facto incontestavel aquelle que allega, está o orador no seu direito dizendo que nosso diplomata tem procurado influir directamente na organização do governo do Paraguay; e acrescentará: «o que é uma inconveniencia, e inconveniencia muito grande.»

(Continúa.)

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Instrução publica.

Foi estabelecido o subsidio litterario por Lei de D. José de 10 de Novembro de 1772 e applicado para pagamento dos ordenados dos Professores Regios.

Em 27 de Junho de 1786 o Governador e capitão General José Telles da Silva, «á vista da negligencia dos Ministros, que havião servido nesta capitania, e que a tinham deixado sem observancia d'esse imposto, de que resultou prejuizo grave aos mesinos Professores e a Fazenda Real, ordenou ás camaras para cobrar o dito subsidio»

Por Alvará de 7 de Julho de 1787 a Junta de Fazenda teve o direito de arrecadar a collecta d'esse subsidio, pelo que em 26 de Novembro de 1789 ao Senado da Camara officiou a Junta dizendo, que desse dia em diante ficava a seu cargo a arrecadação e despesa d'ella.

A Junta se compunha então do Governador e Capitão General, Fernando Pereira Leite de Foyos, Manoel Antonio Leitão Bandeira, Francisco Machado de Souza, Henrique Pedro da Costa, e Manoel Pinho de Almeida.

Não encontramos noticia de aula regia, que se creasse em seguida á percepção deste imposto, porem ellas existião, pois pela Provisão Regia de 11 de Setembro de 1793 mandou a Rainha que o Dr. Ouvidor e corregedor da comarca do Maranhão, examinasse em sua presença Manoel do Nascimento da Camara de lêr, escrever, contar e cathecismo, nomeando para examinadores duas pessoas, sendo uma ecclesiastica, preferindo Mestres Regios, e se fosse habil para exercer o magisterio lhe passasse provisão por um anno afim de substituir uma 3.ª escola nesta cidade, vencendo de ordenado 100\$000 reis annualmente pagos a quarteis adiantados.

Em 23 de Julho de 1794 foi esta ordem cumprida e principiou a ter escola aberta, vencendo ordenado pelo cofre do subsidio litterario.

O ouvidor Henrique de Mello Coutinho de Vilhena em 29 de Janeiro

de 1799 officiou a camara Municipal dizendo: «que em virtude dos Avisos de 21 e 27 de Outubro de 1798 S. Magestade ordenara a Camara, que enviasse ao Reino pessoas habéis para depois d'aprenderem voltar para esta capitania (do Maranhão) afim de exercerem os empregos de Topographos, hydraulicos, Medicos, contadores e cirurgiões, os quaes a camara devia estabelecer pensões alimentares em quanto elles estudassem na Universidade de Coimbra, ou na Academia de Marinha de Lisboa.»

O referido Aviso de 21 de Outubro de 1798 dizia, «que esta medida era para se terminarem os immensos litigios e processos sobre territorios dados ou usurpados por falta de engenheiros habéis, que levantassem Mappas Geraes ou que em Mappas particulares fixassem a extensão das sesmarias.»

Estabeleceo a ida «pelo menos d'individuos, que podessem ser dois Engenheiros topographicos, dois hydraulicos, um contador, um Medico e um cirurgião, e que se preparassem outros para substituir a estes.»

O Aviso de 27 de Outubro dava poderes a camara para lançar as fintas mais convenientes e menos onerosas á satisfação do objecto supra, indo os estudantes a um collegio onde podessem ser mantidos com commodidade e debaixo da inspecção d'uma policia activa.

Respondeo a camara dizendo, que abraçava esta real providencia sem os socorros dos actuaes rendimentos d'este senado, que nas circumstancias, em que se achavam, não podia sustentar tal pezo. Reflexionou, que cada alumno não se podia manter com menos de 250\$000 reis annuaes, os quaes podiam ser supridos se Sua Magestade ordenasse a applicação annual de 8 ou 10 0/10 do rendimento do novo imposto sobre o algodão, que sahia d'aqui para Lisboa, tirado do povo para abertura do canal do Arapapahy, o qual não tendo effeito, continuava com tudo o imposto e debaixo de nova inspecção por ordem regia.

Entendeo a camara, que aquelle imposto, que não rendia por anno menos de trinta contos, foi feito para beneficio do povo; ora não percebendo-se tal vantagem agora, podia S. Magestade uzar do meio lembrado em utilidade dos seus filhos.

O ouvidor em officio á camara de 13 de outubro de 1800 disse, que por carta Regia de 1 de maio do corrente anno se conformara o governo com a lembrança da camara e pedia a nomeação de quatro alumnos, dois para Mathematica, um cirurgia e outro para medecina.

Em officio de 28 de fevereiro de 1801 informou a camara, que dos oito estudantes recorrentes escolhia a Raymundo Pedro da Silva, Antonio Juliano Corrêa de Faria, Fernando José Pereira de Castro e Joaquim José Pereira de Burgos, apesar de ser d'uma familia distincta e bem estabelecida.

Disse tambem, que o requerente Antonio Xavier de Lima queria applicar-se a cirurgia de que já tinha principios, porque praticava em uma botica.

Requereo tambem Manoel Rodrigues de Castro, sargento-mór d'um regimento de milicias, de pedestres, estabelecido com officio de sapateiro, e maior de 40 annos!

Em quanto ao pretendente Alexandre José dos Santos disseram, que era mestre de capella da cathedral.

Em um requerimento de D. Anna Lourença Vellez informou a camara em 2 de maio, que o filho da supplicante Francisco Diogo Vellez podia ser contemplado em lugar de Antonio Juliano Corrêa de Faria.

Em 6 de maio do mesmo anno o governador D. Diogo de Souza officiou a camara, dizendo que na conformidade das informações, que lhe deram em 28 de fevereiro e 2 de maio aprovou a escolha, que fizeram de Raymundo Pedro da Silva e Cunha, Antonio Xavier de Lima, José Alves de Carvalho e Francisco Diogo Vellez para frequentarem os estudos de sciencias natuaes e exactas, como prescrevia a Carta Regia de 1 de maio de 1800 e avisou que sahiriam esses estudantes no primeiro comboio de 12 do corrente.

(Continúa.)

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## EXTERIOR.

### Egreja de Irlanda.

No dia 1.º de Janeiro de 1874, a egreja protestante da Irlanda cessará de existir como egreja do Estado.

Eis os factos e os Algarismos que podem preparar os nossos leitores para conhecer esta grande reforma.

Segundo o ultimo recenseamento, o de 1861, a população da Irlanda sobe a 5.795.835 individuos, e divide-se do modo seguinte entre os varios cultos:

Catholicos romanos.....	4,505,263
Membros da egreja estabelecida...	633,357
Presbyterianos.....	523,291
Methodistas.....	43,399
Independentes.....	4,532
Baptistas.....	4,237
Quakers.....	3,695
Judeos.....	395
Cultos diversos.....	15,666

De todas estas egrejas, a egreja estabelecida, isto é, a egreja protestante episcopal, é a unica que goza, segundo a expressão do Dr. Ball, «de uma propriedade separada proveniente de rendas publicas.»

A egreja presbyteriana recebe da camara dos communs um subsidio annual que é conhecido pelo nome de *Regium donum*, e deve a sua origem a Guilherme III.

Quanto á egreja catholica romana, a que conta 4.505.263 adherentes n'uma população de 5.795.835 almas, os seus ministros vivem com o pouco que lhes dão, no meio de um povo de esmoleados, os casamentos, os baptismos, as missas, etc.

Todavia, o catholicismo irlandez não deixa de receber alguma coisa do Estado. Anteriormente a 1793, oppunha-se a lei a que se dotasse todo collegio ou seminario consagrado, na Irlanda, á educação dos catholicos. Resultava que os padres desta religião eram educados no continente, e principalmente em França. No auge da revolução franceza, Pitt, Castlereagh e os estadistas da sua escola receberam, «bondade delles!»—que o clero catholico irlandez se deixasse innocuar pelo virus do espirito revolucionario, e esse receio lhes suggerio a idea de fundar o seminario catholico de Maynooth, cuja dotação, em 1845, no ministerio de sir Robert Peel, foi levada, de menos de 9.000 lib. por anno a 26.360 lib. a despeito do quanto os protestantes zelosos quizeram dizer acerca do escandalo de subvencionar o ensino da superstição e do erro.

Algumas palavras agora sobre a riqueza

za da igreja protestante episcopal na Irlanda, a que só conta 693.357 fieis, em uma população de 5.795.835.

Nos termos do relatório parlamentar em 1863, a renda total das 12 dioceses governadas pelos dous arcebispos de Armagh e de Dublin sobre a nada menos de 580.410 lib. (14.510.450 francos), renda correspondente a um capital que os calculos do Sr. Gladstone fixão em 46.000.000 lib.

São pois 400.000.000 de francos que valem; e os 667.270 acres do terreno que a igreja protestante episcopal possui na Irlanda, e as rendas perpetuas que recebe e o dinheiro empregado por sua conta, e os dizimos que lhe pagam os *landlords* protestantes.

A 28 de Março de 1865, o Sr. Dillwyn, na camera dos communs, fazia notar que no espaço de 64 annos, o arcebispo de Armagh recebera 887.000 lib.

Ao menos os serviços estão em relação com o salário? Mas como seria possível isso havendo tantos pastores e uns mesquinhos rebanhos? Lê-se em um folheto do arceidiacono Stopford, que ha na Irlanda tal reunião de paróchias, cujo director espiritual recebe 330 lib. para tratar da salvação de 24 protestantes. Ha outro redil que apenas encerra 17 ovelhas. Não é o caso de lembrar a phrase de lord Plunkett: «Os que realmente roubam a igreja são os que comem o pão sem fazer cousa nenhuma.»

Admirem-se agora que a igreja catholica se exaspere com essa opulencia do clero dominante, que contrasta tão sensivelmente com a pobreza do clero nacional! Admirem-se de que só a vista de uma igreja vasta pertencente, apesar de vazia, a um culto privilegiado, desperte na alma magoada do pobre lavrador irlandez, a lembrança de muitos seculos de servidão; e de uma época de espoliação!

No dizer de lord Cairns, os 121.151 acres de terra que a igreja possui no Ulster, em virtude do acto de 1662, conhecido pelo nome de *Acto of settlement*, foram tirados por esse acto aos particulares e não á igreja catholica. Seja; mas não eram irlandezes, catholicos. esses particulares cujos despojos servem para dar pingue existencia aos ministros de um culto exótico e violentamente importado? De mais, o Ulster não é a Irlanda toda. A extensão do terreno dado na Irlanda á igreja episcopal não é só de 111.151 acres, mas de 669.274. É o que se vê de um relatório apresentado ao parlamento em 1834. E esses vastos dominios a quem foram tirados? Por que causa? Em que circunstancias? Por que meios? Quando ha 300 annos Izabel, querendo consolidar o seu poder, resolveu protestantizar a Irlanda, custasse o que custasse, em que mãos se achava a propriedade de que a igreja episcopal da Irlanda gozou de então para cá? Todos sabem como, por effeito, indirecto se querem, mas não menos certo por isso, dos actos de supremacia e de uniformidade, as rendas pertencentes á igreja nacional da Irlanda passaram á igreja que a conquista levava em suas bagagens. A opulencia e o ascendente desta estão unidos por um vinculo fatal, na memoria do povo irlandez, a uma serie horrivel de assassinatos, revoltas, confiscos; essa opulencia e esse ascendente fazem parte dos soffrimentos que a Irlanda teve de soffrir até á retirada das leis penaes; essa opulencia e esse ascendente fallão da época em que, no desgraçado paiz, a cabeça de um padre catholico era posta a premio, como a de um lobo, e tambem da horrivel solidiedade que, do outro lado do canal S. Jorge, existio durante dous seculos, entre a perseguição religiosa e a oppressão politica; solidiedade tão bem definida por esta phrase do Sr. Bright: «A igreja estabelecida deu em resultado na Irlanda, fazer do catholicismo, já uma simples questão de fé, mas uma questão de patriotismo.» e por esta phrase de Napoleão I: «A igreja episcopal da Irlanda, vale para mim, em tempo de guerra, uma força de 40.000 homens.»

Valia bem a pena que Izabel vendesse

as joias da sua corôa para fornecer a Montjoie o nervo da guerra Santa, e que Cromwell requintasse as crueldades de Izabel.

(Continúa.)

## LITTERATURA.

### CONDICÇÕES DA PAZ SOCIAL NA FRANÇA.

(Conclusão.)

A França não volverá a 1789. Não será outra vez levada áquelle enthusiasmo de confiança, e de presumptuosa esperança que então a possuía. Enthusiasmo geral e verdadeiro, espontaneo como a mocidade, desculpavel como a inexperiencia, mas que hoje não seria senão uma excitação facticia e falsa, um véo sem consistencia lançado sobre as paixões más, e sobre os sonhos insensatos, que nem mesmo poderia incubir.

Porque incuravel arrogancia havemos nós desprezar as lições, que ha sessenta annos Deos nos está pondo diante dos olhos? Deos não nos manda nem desprezar de nós mesmos e da humanidade, nem renunciar o seu progresso e futuro, a grande e terna sympathia por ella, por suas dores e pela sua gloria.

Mas prohibi-nos de fazer d'ella um idolo.

Manda que a vejamos tal qual ella é, sem adulação nem indifferença, que a amemos, e lhe prestemos serviços da forma que elle mesmo estabeleceu. Não tenho o menor desejo de esfriar o calor moral que na nossa época se conserva, nem de lançar ainda mais duvidas e incertezas nos corações já tão tibios e duvidosos. Mas não nos enganemos: não é retrocedendo para a revolução que a França pode caminhar firme e animada: na revolução estão seccas todas as fontes, e por isso alli a nossa fatigada sociedade nem pôde refrigerar-se, nem matar a sede que a devora. Queixai-vos da sua languidez: desejaveis vêr renascer no seu seio essa fé, essa energia moral, que faz a grandeza das nações. Não procureis estas cousas no espirito revolucionario, este é capaz de as produzir, é mais estrondoso do que progressista. Pôde ainda consumir, mas nem illumina nem aquece. Em vez de reanimar as crencas espalha a duvida e a perplexidade. Na verdade a França tem necessidade de ser moralmente restabelecida, ella tem precisão de espalhar a fé, e a devoção pelos principios fixos e reconhecidos geralmente. Mas para um tal fim o espirito revolucionario nada pôde: porque o seu modo de apparecer, de proclamar, de predizer, e até as suas recordações e a lingua gem entorpecem, e retardam este fim em vez de o preencherem. Esta honra está reservada a outros poderes moraes a outros espiritos.

O espirito de familia, o imperio dos sentimentos e dos costumes domesticos dade neste objecto representar o papel principal.

A familia é hoje mais do que nunca, o primeiro elemento, o ultimo baluarte da sociedade. Em quanto na sociedade geral as cousas se tornam cada vez mais moveis, pessoas e transitorias; conserva-se indestructivel na familia a necessidade da duração, e o instincto dos sacrificios presentes para alcançar o futuro. É no seio da familia, que se entrancheiram e defendem, como n'um asylo tutelar as idéas e virtudes, que podem e equilibrar o movimento excessivo, desordenado, e inevitavelmente suscitado nos grandes focos da civilização dos grandes Estados.

As nossas grandes cidades, a confusão dos negocios e dos prazeres, as tentações e perturbacões que incessantemente espalham, lançariam e de relaxação deploravel se porventura a vida domestica espalhada no territorio por toda a parte, a sua pacifica actividade, os seus interesses permanentes, e as suas immutaveis ligações não oppoessem solidas barreiras contra este perigo.

É no seio da vida domestica, e sob a sua influencia que se sustenta com mais segurança a moralidade particular, base da moralidade publica.

É ali tambem, e actualmente só ali,

que se desenvolve a parto affectuosa da nossa natureza, a amizade, a gratidão, a dedicação, laços estes que ligam os corações, e nivellam os destinos. Houveram tempos, existiram sociedades onde estes sentimentos individuaes tinham lugar tambem na vida publica, e onde as affeições mais intimas se combinavam com as relações politicas. Já lá vai esse tempo, e não pode tornar apparecer. Em as nossas sociedades tão vastas, tão complicadas, no meio do movimento que as arrasta, os interesses geraes, as idéas genericas, os sentimentos das massas, e as combinações dos partidos são os unicos que presidem á vida publica.

As affeições pessoas são laços muito fracos para influir com força na lucta de motores tão violentos. Todavia nunca deixa de causar um grave prejuizo o reprimir-se um dos elementos vitaes da natureza humana em qualquer lugar que a actividade humana tenha a desenvolver-se; esta ausencia quase completa dos sentimentos ternos e dedicados, este dominio quase exclusivo das idéas abstratas e dos interesses geraes ou pessoas é uma grande belleza, e uma grande força que fica de menos nas relações da vida politica.

É infinitamente importante para a sociedade, que estas disposições, e até direi, que estas paixões affectuosas do coração do homem tenham uma esfera segura, em que se desenvolvam livremente, e que de lá desçam algumas vezes por meio d'alguns bellos exemplos a apresentar-se, e a mostrara o seu poder nessa esfera politica onde tão raras vezes apparecem. É no centro da vida domestica, e pelas affeições de familia que este fim social se pôde obter. Ao mesmo tempo que é um principio de moralidade e de estabilidade, a familia é igualmente um foco de affeição e dedicação, em que os nobres principios da nossa natureza acham satisfações, que em nenhum outro lugar podem encontrar, e donde podem em certos dias e em certas circunstancias derramar-se para fóra em honra e proveito da sociedade.

Além do espirito de familia, é do espirito politico que a França hoje tem mais serviços a esperar, e cujo progresso deve cultivar com mais desvelo. O espirito politico consiste essencialmente no querer, e no saber tomar parte e representar regularmente sem violencia nos negocios da sociedade. Quanto mais se desenvolve o espirito politico, mais elle ensina aos homens a necessidade e o habito de ver as cousas como ellas são na sua realidade. Ver o que se deseja, e não o que é, o ultimo nos com complacencia a respeito da natureza dos factos, como se os factos tvessem a mesma complacencia em transformar-se conforme o nosso desejo, é a fraqueza radical dos homens e dos povos ainda novicos na vida politica; e a origem dos erros mais funestos. Vêr as cousas como ellas realmente são, constitue o primeiro e o excellent caracter não menos excellent que ao mesmo tempo que nos ensina a não ver o que realmente existe, nos ensina igualmente a não desejar senão aquillo que se pôde obter. A exacta apreciação dos factos encaminha a medirmos as intenções e as pretensões. Verdadeiro consigo mesmo o espirito politico torna-se prudente e moderado. Nada dispõe tanto para a moderação como o pleno conhecimento da verdade das cousas, por que é raro que ella colloque todo o seu peso n'uma das conchas da balança. O espirito politico eleva-se assim naturalmente por prudencia quando não é pela moralidade, ao que constitue a sua lei fundamental e o seu merecimento essencial, ao respeito do direito não ha senão a força que é por essencia variavel e precaria. E o respeito do direito suppõe ou ensina o respeito á lei, fonte habitual do direito. E o respeito á lei affiança o respeito aos poderes que fazem ou applicam a lei. O que é real, o que é possível, o direito, á lei, os poderes legais, eis quaes são as constantes preoccupações do espirito politico, eis o que por habito elle procura e respeita sempre. Sustenta e restabelece por este modo um principio

moral de permanencia nas relações dos homens, e um principio moral de autoridade no governo dos estados.

Quanto mais o espirito de familia, e o espirito politico se engrandecerem á custa do egoismo passageiro, e do espirito revolucionario, tanto mais a sociedade franceza se hade sentir purificada e consolidada em os seus fundamentos.

Todavia não bastam nem o espirito de familia, nem o espirito politico para levar ao cabo esta obra. Falta-lhe o auxilio d'um espirito mais elevado, e que influe muito mais intimamente nos animos: o auxilio do espirito religioso. É proprio da religião, e só da religião poder fallar a todos os homens e fazer-se entender por todos, assim pelos grandes como pelos pequenos, assim pelos felizes como pelos desgraçados, ella sobe ou desce sem custo a todas as classes, a todas as regiões da sociedade. É um dos rasgos admiraveis da organização christã obter os seus ministros derramados e presentes em toda a sociedade, e viverem ao lado das choupanas e dos palacios, em contacto intimo e habitual com as mais humildes, e com as mais elevadas condições; conselheiros e consoladora de todas as misérias e de todas as grandezas. Potencia tutelar que apesar dos abusos e faltas em que a sua mesma força e extensão a tem conduzido; tem ha tantos seculos vigiado e trabalhado mais do que ninguém para a dignidade moral, e para os mais puros interesses da humanidade. Movido só pela causa da propria religião, ninguém deseja menos do que eu o ver renascer os abusos que a tem alleado ou comprometido, mas confesso que não tenho hoje um tal receio. Os principios do governo secular e a liberdade do pensamento humano tem definitivamente triumphado na sociedade moderna. Ainda tem, e mesmo não de ter sempre inimigos a combater, luctas a sustentar, mas a sua victoria está segura.

Tem a seu favor as instituições, os costumes, as paixões dominantes, e este concurso geral e soberano das idéas e dos factos que atravez de todas as diversidades, de todos os obstaculos e de todos os perigos, marcha e se encaminha por toda a parte no mesmo sentido em Roma, em Madrid, em Turim, em Berlim, em Viena, em Londres e em Pariz. Não tophamos da religião as sociedades modernas, nem lhe disputem com azedume a sua natural influencia; seria um terror pueril e um funesto erro. Estais em frente de uma multidão immensa, ardente. Lamentaes a falta de meios para operar sobre ella, para a esclarecer, dirigir, sustar e suspender, lamentaes tambem o não poder entabolar negociações com ella senão por meio dos recebedores e dos soldados, lamentaes que ella esteja entregue sem defesa ás mentiras e ás excitações dos charlatões e dos demagogos á cegueira e ao arrebatamento das proprias paixões. E por toda a parte no meio dessa multidão existem homens que tem a especial missão de a dirigir nas suas crencas, de a consolar nas suas misérias, de lhe inculcar os deveres, de lhe abrir a esperança exercendo ao mesmo tempo sobre essa multidão a acção moral, que não se pôde achar n'outra qualquer parte. E não aceitareis de bom grado a influencia destes homens?

Não vos appressareis a auxilia-los na sua obra a elles, que tão poderosamente vos auxiliam na vossa, e justamente no lugar onde vos penetraes tão pouco, e aonde os vossos inimigos, os inimigos da ordem social entram e minam sem cessar?

Convenho em que uma condição é indispensavel juntar a boa vontade e efficacia politica do espirito religioso: e é o respeito, o verdadeiro respeito pela liberdade. Reconheço até que o espirito religioso nos seus desejos e receios é algumas vezes obscuro, susceptivel e exigente, e que outras vezes se deixa tambem possuir da torrente das idéas falsas, que tem a missão de combater. Concederei, o mais largamente que se desejar, a parte de injustiças que ha a soffrer, e de precauções que ha a tomar, mas direi depois como

d'antes: Não disputeis acerbamente com a religião, não temais as influencias religiosas, as liberdades religiosas, deixai exercel-as e desenvolve-as com grandeza e poder, ellas vos darão em resultado em lugar da guerra a paz, em vez de embargos soccorros.

Quando chegar o dia, em que a necessidade de obrar esteja proxima, esta luz indispensavel a todo aquelle, que desejar fazer mais do que assentar os principios da acção, convirá então procurar porque meios praticos o espirito de familia, o espirito politico e o espirito religioso podem ser proficuamente sustentados e desenvolvidos na nossa patria. Hoje não digo senão uma palavra. Não se trata com grandes potencias moraes do mesmo modo que com os alliados assoldados e suspeitos; aquellas potencias ex stem por si mesmas com os seus merecimentos e seus defeitos naturais; com os seus beneficos e perigos. E' necessario aceitar-as taes quaes ellas estão, sem nos escravarmos a ellas, mas tambem sem as pretender escravisar, sem lhes entregar todas as cousas, mas tambem sem lhes regar ar contnuamente o seu quinhão. O espirito religioso, o espirito de familia e o espirito politico são mais do que nunca, em a nossa sociedade os espiritos necessarios e toleraveis.

Nem a paz social nem a estabilidade, nem a liberdade podem dispensar o seu concurso. Procuraí este concurso com sinceridade, recebei-o de bom grado, e resignai-vos a pagar o seu preço.

As sociedades não tem a vantagem sobre os individuos, de estarem dispensadas de fazer esforços e sacrificios para conseguir os bens que lhes é dado gosar.

GUIZOT.

#### FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Homenagem ao genio desventurado.)

##### I.

A lousa do tumulto cobre a esta hora um grande talento e um nobre coração, que a mais saudosa amizade unio sempre ao nome obscuro que firma estas linhas. O protesto tacito de nunca mais escrever para o publico quebra-se ante a magestade da morte, rasão de força maior, que annulla todas as considerações humanas.

Longo foi o estadio de dores que percorreu na terra o amno autor de tantas poesias satyricas, cujos sorrisos vinham orvalhados de lagrimas. Naquelle fronte vasta, coroada de brancas prematuras, lia-se o fulgor da imaginação e o tritural do soffrimento, que a cada golpe lhe imprimia uma ruga profunda, uma contracção dolorosa.

Nascera para amar e o amor só lhe offereceu, como as margens do Mar Morto, os fructos da decepção, cuja epiderme é de rosas e cuja polpa é de cinsas. Nascera para subir ao fastigio da gloria, rodeado dos applausos de duas nobres nações, para cingir no capitolio da litteratura a coroa do ingenho maximo, e nunca teve occasião de manifestar toda a sublimidade de sua inspiração, toda a grandeza da concepções que lhe povoavam o pensamento.

A infancia foi madrasta para a educação de seu nobre espirito. Gladiador da sciencia pela tenacidade de seu amor ao estudo, venceu com a força da applicação as difficuldades que se lhe antepunham. Nos penultimos annos da vida, quando fugitivo socêgo lhe amenisava o espirito, colhia de sua pratica a prova do abundante cabedal de leitura que enobrecera a memoria.

##### II.

Nesta terra de poesia e de encantos, em que a natureza recamou de prodigios todas as hordas do firmamento, houve uma parada na successão de infortunios que lhe sobressaltaram a existencia. Ha longos annos que isso foi; não distantes pela extensão do tempo, mas sim pela dissemelhança daquella época com a actual.

Era em 1860; o Imperio gozava de profunda paz; as letras floresciam na doce estação da primavera, em que todos os talentos têm o sorriso inspirado da espontaneidade, em que todos os corações entusiastas se inflamam á audição de inesperados productos da arte. Gonçalves Dias, o poeta tão sublime pelo ingenho como a natureza de seu bergo, lançava em paginas de bronze gravuras homericas, que hão de sobreviver á linguagem e á nacionalidade; Machado de Assis modulava os primeiros accents atticos de sua musa ingenua, e voluptuosa; Casemiro de Abreu dera a conhecer á lingua portugueza que a alma de Lamartine podia vibrar e surgir do seio das ondas negras e alcantiladas de Cabo Frio. De entre as turbas de emigração portugueza, o influxo da época, a nobre emulação do exemplo despertavam muitas imaginações brilhantes e Ernesto Cibrão, Fernando Castiço, Manoel de Mello e outros provavam que o tyrocínio do exilio tambem desenvolve o espirito e desperta o amor pelas suaves vigílias do estudo.

Em S. Domingos, em uma pequena casa, acariciada pelas brizas do mar obumbrada por arvôres annosas, vivia então Novaes, relacionado com tudo quanto havia de notavel nas letras e nas bellas artes, conselheiro de todas as aspirações legitimas, dedicado a todos os talentos nascentes, coração vasto para colher todas as glorias estranhas, espirito sagaz para corrigir todas as imperfeições. Até se lhe despertou a musa lyrica, harpa de magestosas vibrações, que no futuro ha de entoar o seu canto de immortalidade.

##### III.

Vai longe, dissemos, esse tempo. Tão longe que suas imagens douradas pelo sol da mocidade nos parecem as figuras fantasticas dos cantos de Ossian, que se perdião nas neblinas do occidente aos raios de luz intensa das horas médias do dia. Vieram depois as grandes crises de um Imperio nascente, os abalos da organização economica, o tyrocínio doloroso das primeiras lutas nacionais como o estrangeiro ousado, e aquelle alvorecer da litteratura esvaio-se por entre o fumo das batallas e o ruido intenso da gestação do trabalho livre.

Dos nomes que hão de sobreviver a essa pagina historica da litteratura no Brazil, é sem duvida Novaes um dos mais notaveis. Se a profundidade do saber não lhe gravou em sulcos vigorosos creações lançadas em laminas de bronze, vieram á luz publica em graciosas estatuas de marmores as imagens ingenuas que a fantasia lhe inspirou. De suas poesias satyricas ha muitas de agudo pensamento, de expressão concisa e feliz, de graça incontestavel.

Quem as discriminar dos seus trabalhos de menor espontaneidade lhes realçará sem duvida o valor. Em sua prosa faceta, ha produções de verdadeira originalidade, quadros cheios de vida e de acertada critica de costumes. A estas qualidades de seu talento, vence e se altea a inspiração sublime de seus cantos elegiacos de amor, as strophes inspiradas em que o infortunio se desafoga em lagrimas, em que a correcção das imagens rivalisa com a abundancia e riqueza da metrificacão.

Felizes aquelles que depois de tão nobres momentos de inspiração, se a decepção os fulmina, podem esconder o coração espedaçado sob as lages de um tumulto! Ao menos não vêm alli os amargores da vida pratica, das humilhações merecidas afogar o espirito nesse lago immenso de morte, que se chama o esquecimento do proprio ingenho!

##### IV.

Faustino Xavier de Novaes é para a imigração portugueza no Brazil mais do que um compatriota illustre, é pelo seu talento, pela generosidade de seu coração, pela sublimidade de seus sen-

timentos, um dos mais nobres representantes da patria, que tem pisado neste paiz. Honrando a sua memoria, a imigração corôa a sua propria estatua.

Não é nobre, não é elevado, ver sahir de entre os filhos do povo, de entre os soldados do trabalho, um espirito vigoroso, que obteve os applausos de seus hospedes, e soube elevar o nome da patria em todas as reuniões brillantes, a que o seu talento o chamou? Não é honroso para os filhos do povo prenderem em bronze magestoso e elevado a sua homenagem a quem tão dignamente os representou, e que não foi buscar aos pergaminhos das academias ou a titulos herdados o apoio de sua elevação, a consagração convencional de sua gloria?

A justiça requer que confessemos o acolhimento affectuoso que o nobre poeta aqui recebeu de seus compatriotas. Nos mais amargos dias de seu infortunio, foi tambem um Portuguez, o Sr. conde de S. Mamede, quem mostrou que a generosidade com o ingenho infeliz é tambem um titulo de nobreza. Damos este testemunho, porque é insuspeito, e ninguém, que nos conhece, o julgará dictado senão pela mais restricta justiça.

Não lhe foi tambem ingrata a terra de sua hospedagem. Muitos Brasileiros illustres protegeram o desventurado poeta, o acolheram com animo benevolente, lhe procuraram abraçar as contrariedades da fortuna. Estes actos honram as pessoas que os praticaram, porque mostram que ha espiritos bastante elevados para reconhecer que o talento não tem patria, e o seu culto pertence á religião da arte.

Se este nosso obolo mesquinho puder acarretar algumas pedras para o monumento projectado, será essa a nossa maior gloria, pois foi o coração quem o dictou, sem que o patriótico auctor da idéa nos solicitasse o humilde apoio.

REINALDO CARLOS MONTORO.

#### NOTICIAS.

##### Chronica externa.

—Sobre negocios da corte de Roma lê-se o seguinte n'uma correspondencia:

—A falta de thema para observações, os politicos discutem a possibilidade ou impossibilidade da reunião do concilio no dia 8 de Dezembro. Uns sustentão que a corte de Roma descorçoada com as objecções e os desenganos pensa em adiar para o anno seguinte a inauguração da assembléa clerical; outros insistem em que se cumprirá de todo o ponto o programma traçado.

Estes têm por si as apparencias. Os trabalhos na basilica de S. Pedro progredim por modo que deixão antever a sua conclusão em fins de Novembro. As commissões proseguem nos trabalhos a seu cargo.

—O curso de tachygraphia foi suspenso, porque os alumnos mostravão bastante progresso para se aperfeiçoarem sem dependencia do professor.

—Continúa a designação de conventos e hospícios para os bispos pobres, que Sua Santidade alojará e sustentará á sua custa. Conta-se com mais cem prelados nestas circumstancias.

—Os padres prégadores receberam instruções para fazer os sermões em latim no fim do anno, e não em italiano, por isso que hão de ter por auditores os bispos de todas as partes do mundo.

—Como se isto não bastasse, Sua Santidade occupa-se em inspecionar traçados de um monumento commemorativo do concilio, que será levantado no cume do Janiculo em frente do templo de S. Pedro, in montorio. Já se cavou o espaço para os alicerces e espera-se que o acabamento dos trabalhos coincida com o encerramento do concilio, podendo os prelados assistir á inauguração antes de se retirarem.

—Sua Santidade approvou o programma de uma commissão que pretende estabelecer no magnifico claustro do

convento dos Cartuchos um bazar de objectos religiosos, como santos, cruzes, lampadas, paramentos, missaes, ornamentos de altar, reliquias, agnus dei, rosarios, etc. O bazar abrir-se-ha em Fevereiro em 1870, o mais tardar. Não so alli se exporão os productos da industria indigena, que em verdade são abundantes como se convidão os fabricantes de outras nações a enviar os seus melhores specimens.

—A marinha de guerra da Confederação do Norte da Allemanha compunha-se em Maio do corrente anno de 17 vapores e 6 navios de vela, fóra as canhoneiras. Entre os vapores ha 5 encouraçados, a saber: 3 fragatas e 2 de menor categoria. As 3 fragatas encouraçadas são de 6,000, 3,612 e 3,404 toneladas (de 1,080 kilogrammos) e têm machinas de 1,150, 930 e 800 cavallos, com 27 e 16 peças de artilharia.

Os navios menores são de 1,503 e 1,230 toneladas, e têm machinas de 300 cavallos e 4 peças. Seguem-se ás fragatas encouraçadas 5 corvetas com baterias cobertas: estas são até de 1,257 até 1,300 toneladas (de 2,000 kilogrammos), e têm machinas de 386 até 800 cavallos e 28 peças.

A estas seguem 4 corvetas com baterias descobertas, de 533 até 676 toneladas; machinas de 200 a 400 cavallos e 14 até 17 peças. Alem destes vapores existem 2 avisos de 953 e 166 toneladas; machinas de 300 e 120 cavallos e 4 e 2 peças.

O ultimo dos vapores é o hiate *Real Grille* de 277 toneladas e 160 cavallos, sem peças. Os navios de vela são: 3 fragatas e 3 brigues. Ha 8 canhoneiras de 1.ª classe e 14 de 2.ª dita. As primeiras são de 137 toneladas, e têm machinas de 80 cavallos e 3 peças, as de 2.ª classe são de 104 toneladas, machinas de 6 cavallos e 2 peças.

—Um decreto de 3 de Julho do corrente anno annullou na Confederação do Norte da Allemanha todas as restricções dos direitos civis e politicos que ainda existiam provenientes da differença de religião. Principalmente a aptidão para vereador e deputado em nada depende da profissão de fé.

—O successor do marechal Niel no ministerio da guerra é o general Leboeuf, que passa por um dos melhores officiaes de artilharia do exercito. Os juizes mais competentes censurão fortemente esta escolha de homens de armas especiaes para um tal posto, e accusão hoje o marechal Niel de ter completamente desorganizado a arma de infantaria, que é a que constitue a força principal do exercito francez.

—Acaba de chegar á Pariz o general hespanhol Prim, de caminho para aguas de Vichy, segundo elle diz, com direcção ao Havre, onde Izabel e Christina se acham em conferencia, segundo outros affirmão; seja, porém, o que na realidade for a semelhante respeito, o simples facto de tal personagem em França é para mim um terrivel indicio de que a causa carlista está por terra. Com effeito, se a insurreição inspirasse ainda algum cuidado, é evidente que um dos principaes chefes da revolução de Setembro não abandonaria assim o seu posto em circumstancias tão criticas.

—Uma nota publicada na folha official declara que a amnistia de 14 de Agosto não é applicavel a Ledru Rollin, condemnado á pena de deportação por crime de conspiração contra a vida do imperador. Segundo o jornal do governo, um tal crime nada tem de politico, e entra na categoria dos crimes communs, a que o indulto não pôde aproveitar. Assim será pela regra de que—lá vão leis onde vós quereis—; porém o facto incontestavel é que o governo considerou sempre como politico o dito crime, porque de outro modo teria reclamado immediatamente a extradicação do criminoso.

Sau Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 3 de Novembro de 1869.

## Da Liberdade no Brazil.

A força de clamarem todos os dias que somos livres, de exagerarem nossas garantias constitucionaes, já nos habituamos com esse ruído suave, que acalenta-nos docemente.

Observe-se, porém, a vida íntima dos brasileiros, examine-se acurada e imparcialmente as scenas representadas no gremio nacional, e se encherá o espectro do despotismo erguer-se hediondo no interior do scenario.

Não é só pela sublimidade da charla constitucional, nem pela indigesta legislação patria que nos devemos embriagar nos saborosos licôres da liberdade: si tal doutrina provasse, na Russia haveria liberdade de mais.

Não faltam leis na Russia, diz um judicioso escriptor, o Svod: ou o Código russo por si só encheria uma bibliotheca. . . . Que é, portanto, esse código se não a mais volumosa das pilherias de mau gosto?

Nacionalizando o caso, é o que nos acontece. As diurnas successões políticas entre nós geram somente abundantes searas de leis. O dominio de um partido, por mais limitado que seja, assignala-se por sua profusão de reformas, consignadas na legislação.

Longe de radicarem o espirito de liberdade, de o fomentarem, de o desenvolverem, cream tropeços á que elle se propague, se estabeleça no paiz. É um reinado de sophismas constantes, de ilusão permanente.

No Brazil só existe uma liberdade, só uma liberdade reina em todo seu vigor — a de imprensa. Mercê de Deus, é ampla, ostensiva, si bem que não solidamente garantida, e nem sabiamente regada.

Todas mais liberdades que formam o apanagio das nações livres são péadas, ou pelo menos o que existe entre nós com o falsificado epitheto de liberdade é quimera.

Sirva o suffragio universal de prova, essa tam gabada liberdade do voto. Que há por ali de mais bello e grandioso que a manifestação solenne da vontade nacional por meio do voto livre? Que vale, porém, o voto livre onde o rei é tudo, onde o imperialismo tudo domina e avassala, onde a centralisação administrativa move, impelle, e gere todos os negócios?

Em tal paiz reinará o despotismo que não a liberdade; por que existe o imperio absoluto de um poder sem limites. Houve já quem com sabedoria dissesse: Um poder sem limites e sem responsabilidade, entregue quer á um homem, quer á uma assembléa, é inquestionavelmente uma forma de despotismo.

A' homens, que têm seriamente estudado as cousas patrias, pertencentes aos partidos que se degladiam na arena politica, esforçados apostolos do bem publico, á esses homens um grito de dôr assaltou nas horas calmas da meditação, encontrando-nos reclinados no leito procustiano.

Temos, diz um d'elles, a forma e o ruído do governo representativo, mas não a substancia e o effeito.

Despotismo, continúa o notavel publicista, é o nome que cabe á essa enorme concentração de poder que entre nós vemos nas mãos do chefe do estado, proveniente da irregularidade do processo eleitoral.

Despotismo, embora esclarecido e bem-

fazejo, é a essencia do systema que de facto nos rege; systema diametralmente opposto á todas as disposições e idéas constitucionaes, testemunho degradante do nosso atrazo pblitico, demonstração vergonhosa do aviltamento nacional.

Ou resida a supremacia do poder em um só ou em muitos, de um modo absoluto, é certo que sempre é odioso o soberano, que é synonymo de despotismo. Despotismo, diz um abalisado parlamentar inglez, lord Brougham, significa o poder absoluto e sem contraste de um soberano.

É esta a feição characteristic do nosso governo. Bradem, embora, os panegyristas de Baale Ashtaroth que vão trilhando sendas bordadas de rozas e alcatifadas de flôres, que não alcançarão convencer disso á quem de animo tranquillo estudar nossa desagradavel situação.

Que importa possuirmos leis sabias, liberdades, ou antes franquezas constitucionaes, quando estradamos caminhos transviados? E quem senão o governo, a administração publica, é o grande culpado, introduzindo a corrupção maxime no systema eleitoral?

Quando a administração não desempenha os altos fins de sua missão, diz acertadamente o Sr. P. Bueno, as melhores condições políticas, e em geral as melhores leis, tornam-se meras promessas, puramente *voces et nihil prætere*; não têm vida; e os grandes interesses sociaes perdem sua animação e garantias.

Eis o que se dá connosco: a nossa liberdade é mera promessa, ou para melhor dizer, nos serviremos de um bello pensamento de Ed. Laboulaye, que nos assenta mui bem: Temos as garantias da liberdade, não a propria liberdade. Solidas são as fortalezas, mas nada há que defender; nem que amar por traz d'ellas.

## Hospital Portuguez.

Installou-se, como estava annunciado, em o domingo passado, 31 do mez preterito, o novo hospital portuguez, pertencente á Real Sociedade Humanitaria 1.ª de Dezembro.

Já em o numero anterior deste periodico fallamos abundantemente desta charidosa instituição, e dos generosos esforços dos portuguezes residentes entre nós para levarem á effeito obra tam digna de uma nação que é reputada dos melhores sentimentos de religião e patriotismo.

Brilhante esteve essa solemnidade pelo numeroso e esplendido concurso de pessoas gradas, pelo conjunto de tantas outras circumstancias, que a fizeram notavel.

Reinou a melhor e mais invejavel ordem: houve religiosa observancia do programma annunciado.

Depois de offerecido o sancto sacrificio da missa, apóz a benção do edificio, proferiu um notavel discurso o rev. sr. padre Raymundo Alves da Fonseca.

O silencio com que foi ouvida sua palavra eloquente, o bem acabado da obra, como ainda o verdadeiro entusiasmo que despertou em o numeroso auditorio, moveram-nos o desejo de publical-o.

E aqui o estampamos com a venia do modesto orador, á quem felicitamos por mais esse triumpho oratorio.

Sabemos que a reputação bem firmada do orador não necessita de recommendações que apadrinhem os productos de sua vigorosa intelligência e illustração consummada, porem, ainda uma

vz chamamos a attenção dos nossos leitores para esse discurso:

Mandatum novum do vobis.

S. Math.

EXM.º E REVM. SNR.

SENHORES. — Convidasteis a palavra evangelica para abrir a vossa solemnidade. É justo que no domicilio da caridade restruja primeiramente a palavra da caridade. Eis aqui um lugar do qual se podia dizer com alguma propriedade como outrora o Patriarcha exilado: Terribilis est locus iste (Genesis).

É aqui o recinto venerando dos infernos, o lugar onde se retrata a humanidade pela face mais seria, onde o pensador vem estudar a verdadeira philosophia.

Alli no exterior, diante do lindo frontão do edificio, parão as theorias enfeitadas e poeticas: aqui só penetra o vulto venerando da realidade de nossa existencia.

Ah! Senhores, parece-me vêr neste momento as scenas variadas que se hão de reproduzir neste lugar; parece-me ouvir essa orchestra ainda não denominada: as lagrimas, os gemidos, as dôres, a inquietação em uas, a paz a resignação, os agradecimentos pelo restabelecimento da saúde em outros. Um procurando o medico, outro o medico é o padre; um os medicamentos, outro os sacramentos e as indulgencias; um treme, outro espera; um vacila, outro firma-se; um pede consolos humanos, outro ora e pede orações. (Padre Ventura, Hom. M. do Evan.) Ah! Senhores, e no meio d'essas scenas tão variadas qual será o anjo de Deos que com azas embalsamadas virá adejar neste azilo sagrado e derramar os aromas do Céu, a paz, o conforto, a conversão nos corações dos infernos? Vós o sabeis: esse anjo será a caridade: a caridade filha de Jesus e regada com o seo sangue.

Prestai-me pois benevola attenção, em quanto vos fallo de tão sublimada virtude.

## PRIMEIRA PARTE.

Se quizerdes, Senhores, transportar-vos connigo em pensamento aos tempos preteritos, remontando as plagas d'alem, encontrareis um vasto sepulchro que se estende das plagas asiaticas ás colinas romanas.

Curvai-vos sobre esse abysmo, estendei as mãos, palpai. . . ah! a frialdade glacial aterra. . . Eis ali o tumulo e o cadaver da humanidade pagã. É sobre este vasto tumulo, Senhores, que, nas azas dos ventos, que sopram, restruge um grito impio, dizendo: passai, passai gerações, e abysmai-vos na voragem de aniquilamento.

Esse grito é o echo do peccado, das paixões ruinosas, do ciúme, em fim é o grito do mundo, antigo agonisante, e morrendo sem caridade. E que é da caridade? Silencio: ou affasta-se, ou não existe.

Senhores, o mundo pagão atirando-se nos braços da idolatria, esqueceu os bellos preceitos do Eden, olvidou o grande principio da caridade, não pôde evitar a corrupção do tumulo, e morreu frenetico, é impenitente como o Antiocho do Velho Testamento.

Quereis comprehender estas verdades? Examinai o vasto sepulchro da humanidade. Três proeminencias tem elle! Indias orientaes, comprehendendo o Celeste Imperio, Grecia, e Roma.

Examinai esses tres lugares, e tereis examinado o que era a caridade no mundo antigo.

Na India e China sem ser necessario revolvermos as longas paginas de Confucio, Lao Tiseu, e Vedas, basta attendermos que a philosophia metempsychosista ensinava a construir hospicios para os cães enfermos, ao passo que deixava os homens moribundos ao relento; sem um braço caridoso, onde reclinar a fronte amortecida pelas longas enfermidades.

As classes votavão-se odio mortal e separavão-se por um muro de bronze.

Ah! Senhores, ahí a caridade esse laço fraternal e sublimado, que une os homens em a unidade d'alma e coração como diz S. Lucas: cor unum et anima una (Act. Ap. c. 4 v. 32) para alivio das misérias desta vida tão cansada, a caridade ahí não pairava.

E na Grecia? Basta attendermos o vulto de Platão. Platão admiravel synthesis do mundo e ideas antigas, grande como tradicionalista e minimo como philosopho racionalista, é sempre autoridade bem recebida.

Pois bem, Senhores, Platão contemplando a humanidade esvair-se na aridez do egoismo, sem caridade, compara-a a um viajor que depois de longo caminho, assenta-se na solidão das encru-silhadas, e erguendo os olhos alem, chora sem ter um guia caridoso; para lhe endereçar os passos, nem um braço caritativo onde recostar a fronte palida e cansada.

É nesse transe supremo que Platão soltando gritos de dôr, clama pelo auxilio divino, e appella para o futuro Reparador que havia fundar o seo reino na paz, justiça e caridade.

E esses templos de Esculapio, que teem querido fazer passar como o preludio dos nossos hospitaes, erão apenas lugares de praticas mysticas, e supsticiosas.

E que vos direi de Roma? Um dia, Senhores, se bem me recordo, no anno 680 de Roma, sob o consulado de Caius Cassius Varo, tresentos homens se reunião no monte Vesuvio, e além se estendia o mar de Napoles.

Todos estavam abatidos e taciturnos; semelhantes a esses espectros da fabula que lassos de vaguear durante as trevas, parão ao dar de meia noite.

Um delles ergue-se e falla: companheiros de infortunio, a nossa vida é sem qualificação! A humanidade nos tem, em execução: menos valem os rellha do arado. Ah! sem patria, Deos; nem liberdade, o ferro, o fogo e os tanques de moreias dão conta de nossa existencia! Escalou-se, calou-se em convulsão e mysterioso silencio: ergueu um braço para o Céu e estendeo o outro para o mar. Os companheiros comprehenderão o gesto.

Quem assim fallava era Spartachus, e seus companheiros escravos revolucionarios.

Ergueu-se a onda tumultuosa da revolução, como a vaga entumecida pela procella.

Tres vezes os muros e o senado romano cambalearam. Correram ondas de sangue: mais de quarenta mil homens foram crucificados no altar da liberdade e da caridade.

Mas por ultimo triumphou Pompêo, e escreve ao senado, depois de tão estúpido morticínio, dizendo, com frieza que aterra, ter feito apenas alguns miseros escravos entrarem no pó do seo nada!

Eis a prova mais cabal do nada da caridade no mundo antigo. E esse hospitium dos Romanos, tinha applicação bem differente, significando ora hospede-

daria e ora a caza de um amigo. (Bast. Med. rel.)

Foi n'essa conjunctura da humanidade, que encarnou o Homem-Deos; foi então que abrindo-se o Céu e as nuvens deixaram passar o Justo, no dizer de Isaías, e os Anjos repercutiram na immensidade o hymno: *Cantate Domino canticum novum* (Psal.).

E Jesus depois de completos os decretos eternos, principia a sua missão evangelica.

#### SEGUNDA PARTE.

Agora, Senhores, se abre diante de nós um periodo grandioso; echoam doutrinas nunca ouvidas, uma serie continuada de milagres, como espacosa curva, estende-se de um a outro extremo.

A simples força de uma palavra a humanidade Lazaro da corrupção do tumulto, surge sacudindo os braços cheia de vida Lazaro da resurreição.

E vede-o com relação a caridade.

No tempo de Jesus havia uma grande questão na Judéa, a fim de saber-se qual era o maior dos mandamentos. Um dia veio um Doutor da Lei ter com Jesus e lhe pergunta:

—Mestre qual é o maior dos mandamentos?

—O que lestes na lei, lhe pergunta Jesus?

—Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração e ao teu proximo.

—Eis o maior dos preceitos, lhe diz Jesus, eis onde roda todo o ensino dos Prophetas.

—Porem, Mestre, qual é o meo proximo?

—Escutae, continua Christo: um dia passando um Judeo de Jerusalem para Jericó, saíram-lhe os ladrões no caminho, roubaram, tiraram-lhe os vestidos, e o deixaram coberto de feridas. Passa um Summo Sacerdote e nem um olhar de compaixão sobre o ferido; passa um Levita, nem um movimento de caridade. Emfim, passa um Samaritano; apieda-se, desce do animal, pensa as feridas do enfermo, leva-o á uma estalagem, recomendando cuidado com o enfermo para cujo tratamento entregou boa somma. Qual é o proximo desse enfermo? O Samaritano certamente respondeu o Doutor.

—Bem vai e faze o mesmo.

Lembra-vos Srs. que o enfermo era judeo e o homem caridoso Samaritano. Sabeis tambem que esses dois povos se odiavam de morte.

Em vistas destas circumstancias, vedes que esta parabola é fecunda na doutrina que resume. Sim, por ella Jesus mostra a vasta extensão da caridade, ramificandose não só aos amigos como mesmo aos mais incarnicados inimigos.

Na antiguidade sabia-se da obrigação da caridade para com os amigos; mas para com os inimigos, amar aos que nos aborrecem, beneficiar aos que nos damnificam! Meo Deus esta doutrina é realmente um preceito novo, *mandatum novum*.

Só Jesus atravez de tantos séculos soube derramar esta semente tão peregrina; só elle soube allegar o exemplo do Pai Celeste que sobre todos derrama os raios solares, e faz cair as chuvas sobre as searas dos bons e máos.

Senhores, é diante deste ensino e exemplos sublimes, que se justifica e irradiia aquella palavra do Divino Mestre que diz: «sede perfeitos como o vosso Pai Celestial».

Com effeito, é por ser a caridade virtude tão culminante que sempre foi o ensino mais extremoso, que decorreu dos divinos labios de Jesus.

Em a noite seia eucharistica, quando Jerusalem se resolvia contra o Ungido do Senhor, como um bulcão que reúne materias gazozas para arrebentar n'um momento; nessa noite da agonia e suor de sangue, vespera do tremendo sacrificio da Cruz, nessa noite, Senhores, as ultimas perolas que tombando dos labios de Jesus correm pelo seio da humanidade, é o ensino fecundo sobre-

caridade. E assim diz elle; *Mandatum novum enim do vobis... ut diligatis vos invicem sicut dilexi vobis* (In Joan.).

Vede Senhores, e admirai a grandesa da caridade. Na Lei antiga havia preceitos n'este sentido: *Deliges proximum tuum*. Entretanto taes são as bases em que Jesus Christo firma a caridade evangelica, que diz ser um preceito novo: *mandatum novum*!

Sim, novo por muitas razões, diz S. Thomaz e C. a Lapide (In Joan XIII ect. XIV) novo por ser um preceito do Novo Testamento; novo por ser solidificado no rochedo innabalavel do Golgoth; novo por estar simentado no sangue de Jesus; novo porque tem modello ao Divino Jesus para sempre encarnado, e adicto a Igreja.

Sim, diz Jesus varias vezes, já não vos digo que sou Senhor, e sim que sou vosso irmão e amigo: amai-vos pois uns aos outros assim como eu ameie a todos.

Eis, Senhores, o bello e infallivel termometro da Charidade Christam.

E qual foi o amor de Jesus para com a humanidade?

Ah! Senhores, agora não responde a minha fraca lingua. Fallem tantos infermos, pcessos, cegos, por elle restabelecidos, fallem os tumulos, fallem as suas lagrimas.

Meo Deus quando a turba insana tripudjava e cospia na divina fronte de Jesus, e que a natureza se abumbrava convulsa para amaldiçoar aquelle acto execrando, Jesus, abre os labios: é um encanto, falla e torrentes de caridade jorram-lhe do coração, como outr'ora do Obreb as christalinas agoas. *Meo Pai, diz elle; perdoai-lhes que não sabem o que fazem*.

Oh! abysmo! oh! rasgo de caridade!

É desta, altura, Senhores, que o espirito deslumbrado curva-se aos pés de Jesus chamando: Senhor, Senhor infinitamente misericordioso, sois realmente o Filho de Deus vivo: *Vere Filius Dei erat iste* (S. Math. 27. 54.).

É desta altura que os horisontes da caridade se delatam como a immensidade.

Não ha mais Judeos nem Samaritanos: todos somos irmãos em Jesus. Elle é Pai de todos, mesmo nosso irmão pela carne que tomou, nosso amigo intimo pelo sangue que derramou.

Ora diz S. Thomaz se um amigo estima tudo o que pertence a outro amigo pelo amor que lhe tem, com maior razão devemos ter extremo amor, elevada caridade para com todos os amigos do nosso amigo—Deus—(S. Thomaz, 2. 2. q. 23.)

Eis pelo que sempre me parece sublime aquella divisa de S. Agostinho que diz: guerra, guerra de morte ao erro caridade para com os que erram.

Sim, eu odeio ao protestantismo, ao racionalismo, mas compadeço-me do protestante do racionalista.

Senhores, levantai os olhos para a Cruz e contemplai a Jesus crucificado: é o *consummatum est* da caridade.

Quem tem diante de si este divino modelo, sente o coração expandir-se pelas regiões da beneficencia, remontando até Deus nas azas da mais acrysolada caridade.

É este o motivo, pelo qual somente na Igreja Catholica ha a verdadeira caridade; pois só ali está o divino modelo: Jesus. É por isto que a caridade evangelica é inteiramente superior a philantrophia protestante, que é o amor do homem pelo homem; superior ao humanitarismo dos philosophos, que é o amor da humanidade pela humanidade.

A caridade é o amor do homem por amor de Deus, o amor da humanidade por amor de Deus; sempre Deus o primeiro elo. A caridade é a imitação da grande obra da Cruz.

Eis pelo que, Srs., esses prodigios de São Vicente de Paula, João de Deus só têm sido atacados pelos corações pequeninos. Srs. a instituição de S. Vicente é tão sublime que seita alguma religiosa tem podido realisar-a; nada obs-

tante os grandes exforços de Constantino a Londres, e S. Petersburg.

Não ha muito que uma senhora proquerendo formar uma reunião de irmã de caridade para tratar do exercito inglez no Oriente, que se aniquilava pela epidemia, responderam-lhe com estrepitosa gargalhada; e o mais que pôde fazer foi valer-se dos conventos catholicos. (P. Vent. M. Cath.)

Ou'ora quando o cholera morbus devastava a Criméa, o general francez Mayran ao retirar-se, offereceu os seus medicos e irmãos de Caridade. Regeitaram os medicos, e receberam com profundo respeito as Irmãs de Caridade!

Senhores, em respeito a profissão medica. Direi mais: sou entusiasmado por esse bello sacerdocio: mas a recusa da autoridade russa é prova cabal que o seisma poderá ter bons medicos, porem jámais realisará essas sublimes instituições do Catholicismo.

Percorrei a historia dos hospitais, e vereis como esta idea é inteiramente nova: é filha do Christianismo.

Só a religião do Golgoth pode derramar no coração do homem este sentimento tão elevado, a ponto de abnegando-se, subir aos gelos eternos dos Alpes, e ali fundar hospícios, descer a noite perpetua das minas da Inglaterra e da America, e ali fundar casas de caridade, para tantos infelizes nossos irmãos que lá derramão copioso suor, para ganhar amargo pão.

Ah! Senhores, a razão pela qual estes prodigios somente se realisão na Igreja Catholica, vós o sabeis, é que sómente ali está o infinito modelo da caridade—Jesus.

A caridade é planta excepcional: tem as suas raizes no ceo, e as flores, sombra e fructos é que se espalham sobre a terra. Porem, para que esses fructos sejam perfeitos é necessario serem borrifados pelo sangue de Jesus.

Ora, esse precioso sangue só existe nos thesouros da Igreja.—Fora da Igreja não é possível haver caridade perfeita.

Sim, diz o illustre Balmes, uma administração boa poderá dar pontualidade, exactidão, tudo emfim que se pode exigir de homens que recebem paga por serviços. Mas n'õ meio de tudo isto falta uma couza, que cabedal algum jamais pagará: é o amor, a caridade que se despenda nos soccorros que prestamos a nossos irmãos. (Balm. Prot. comp. ao cath.)

Para fazerdes uma justa ideia da grandesa da caridade, dizia S. Paulo, basta affirmar-vos que se eu soubesse todas as couzas, tivesse um dom perfeito de profecia, fallasse todas as linguas dos homens, e a dos Anjos, porem não tivesse caridade seria como um bronze, cujo som se perde alem. Si eu tivesse fô capaz de transportar montanhas e rios, desse todos os meus bens aos pobres, e entregasse o meo corpo ao martyrio e não tivesse caridade, ah! tudo isto de nada serviria, (S. Paul. Cap. 13.)

Eis pelo que bato palmas applaudindo esta grandiosa instituição que hoje solemnizamos. Não, Senhores, obras como esta não são para louvores humanos, sinão para as benções do Ceo.

Não implorô, pois, para essas almas generosas que realizam tão sublime obra, não imploro para ellas os applausos mundanos, a aurea popular: não, imploro uma fervorosa oração a Deos, afim que tão util empresa seja duradoura, e que Deos inspire em seus corações ideas grandiosas, para de dia em dia irem melhorando tão sublime empresa, e venha a realisar-se sobre ella a profecia evangelica: *dar cento por um*. Assim seja.

#### PARLAMENTO.

##### Senado.

##### DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO.

(Continuação.)

O SR. CONSELHEIRO SARAIVA:—(continuando.) Está provado que o nobre presidente do conselho, que deve dirigir a politica

externa, não a tem dirigido a abandono, como abandonou a politica interna; e se o orador se pudesse collocar sob o ponto de vista ministerial, se pertencesse áquelles bancos, faria outra censura a S. Exc. Dir-lhe-hia: como privais o senado e o ministerio de um de seus membros mais habéis e mais traqueados nos negocios externos? Como privais o ministerio do homem que, com seus talentos, podia vir combater a opposição no senado e defender a politica exterior? Como privais o ministerio desse auxiliar e o mandais fazer no Paraguay uma politica deploravel, cheia de erros, e que só pôde produzir desgraças? Não comprehendestes ainda que esses erros podem trazer a necessidade da demissão do diplomata, e que essa demissão é a demissão do ministerio?

Se o Sr. Paranhos estivesse no ministerio, mandasse um diplomata, e esse commettesse os erros deploraveis que o orador está assignalando ao senado, o diplomata podia ser demittido e o governo podia separar sua responsabilidade da do diplomata; um ministro de estado, o companheiro do nobre presidente do conselho, o homem que vai executar o pensamento do ministerio, não pôde ser demittido sem que o ministerio se demittia tambem.

E porventura seria um facto pouco grave a demissão do ministerio nas actuaes circumstancias? Quem o substituirá? A opposição? Não. A opposição não pôde substituir o ministerio na permanencia da guerra e nas circumstancias graves em que collocou o paiz a dictadura de 16 de Julho. A opposição não pôde convenientemente subir ao poder sem que um, ou mais ministerios conservadores acalmem os odios, as paixões levantadas em toda a parte pelo actual ministerio. Os presidentes de provincias commetterão as maiores violencias, as paixões partidarias chegarão ao ultimo grão; e é difficil que um ministerio possa, na actualidade e no dominio da legislação que temos, dominar as paixões partidarias, os odios extremos que uma politica imprevidente levantou em todos os pontos do Imperio.

Não ha homem, por mais prestigioso que seja, que possa evitar todas as vinganças, todos os successos já premeditados em todas as localidades pelos odios ardentes creados pela violenta politica de dictadura. Se assim é, a queda do ministerio é um facto mais grave do que se presume.

Essa gravidade sobe de ponto pelo que se tem observado nesta casa. Quem no partido conservador seria o successor do nobre presidente do conselho? Não ha um homem no seu partido que tenha o seu prestigio, isto é, não ha um homem que possa inspirar mais confiança no partido que S. Ex. Se pois o sobre presidente do conselho, com todo esse prestigio, não tem podido dirigir seu partido, se seu partido tornou-se faccioso, não obstante o prestigio do nobre presidente do conselho, o que se pôde esperar dos homens de segunda ordem que existem nas fileiras ministeriaes?

Portanto, por este lado o ministerio futuro será muito mais mal constituido do que o actual, e o espirito vertiginoso do partido e da facção maiores males causará ainda ao paiz. É certo que observa nas fileiras ministeriaes alguns homens eminentes que, com quanto não tenham em seu partido o prestigio do nobre presidente do conselho, poderiam ter desejos, e mesmo o proposito firme de moderar e acalmar as paixões levantadas pelo 16 de Julho. Pelos seus discursos e pelos seus actos os Srs. S. Vicente e outros mostrão-se mais moderados do que seus correligionarios, e até mais reformistas, mas por isso mesmo que esses senhores são moderados e mais reformistas, não poderão encontrar apoio na camera dos deputados.

Por isso conclue o orador dizendo que a retirada do fatal gabinete de 16 de Julho pôde ser um mal, visto como, não podendo ceder o lugar aos liberaes,

ha de cedê-lo aos homens de seu partido menos prestigiosos e por isso mesmo mais arrastados pelas paixões de partido e menos energicos para arcarem contra as exigencias criminosas dos dominadores e dos vencedores.

E pois contenta-se e faz votos pela vida dos nobres ministros, porque receia e muito fundadamente, que será muito peor do que o actual qualquer ministerio que lhe succeda e for tirado dos diversos grupos conservadores.

Mas terá somente o honrado presidente do conselho abandonado a politica exterior e interior? Terá elle cuidado de sua pasta? Terá sustentado com energia, com decisão, os interesses do thesouro? É o que passa a examinar.

O Brazil inteiro sabe que o illustre visconde era no partido conservador o que no partido liberal é o Sr. Senador Souza Franco, isto é, a primeira autoridade em finanças. Nestes ultimos tempos os conservadores fallarão muito de tres grandes homens. O Sr. visconde era o que podia salvar as finanças, o Sr. Paranhos o unico que sabia fazer diplomacia, e o Sr. duque de Caxias o unico homem de guerra. O paiz tem já seu juizo acerca da guerra e da diplomacia conservadora; começa a fazer o exame de nossas finanças. Parece que o partido conservador já perdeu a fé que tinha no illustre visconde. Essa fé em outros tempos era grande. Recorda-se de que o Sr. Euzebio de Queiroz dizia sempre: «Em finanças voto e penso sempre como o visconde de Itaborahy.» Pois bem! O honrado visconde já não é ouvido pelo seu partido. A camara dos deputados desprezou seus conselhos, e que conselhos! Os mais prudentes, os mais sensatos, aquelles que daria Gladstone ou Robert Peel, se fossem ministros no Brazil.

O orçamento que se discute é a prova do que o orador diz. E porque deixou-se vencer assim o honrado presidente do conselho? O que obteve o nobre visconde na camara dos deputados em relação ás finanças? O nobre senador pela Bahia já demonstrou que a camara dos deputados deu um voto de desconfiança ao nobre presidente do conselho; o nobre senador pelo Pará acaba de mostrar que as opiniões do nobre presidente do conselho foram completamente desprezadas pela mesma camara.

E o nobre senador pela Bahia accrescentou que o Sr. visconde de Itaborahy declarára que contra muitos artigos daria um voto no senado; de maneira que na opinião do nobre senador pela Bahia, o Sr. visconde de Itaborahy tem tão pouca energia, que mesmo nas materias em que é profissional deixa-se vencer por seus amigos, sem um protesto sequer e sem uma queixa. Limitou-se a appellar para S. Ex., não appellará em vão. Está disposto a apoiar a S. Ex. no pensamento que deve ter, de organisar uma boa lei de orçamento. O interesse da opposição é ajudar mesmo seus adversarios na confecção de um bom orçamento.

Na questão do orçamento S. Ex. tinha razão; defendia a opinião verdadeira, a melhor em relação a uma boa organização do orçamento: S. Ex. demonstrou na camara dos deputados, como acaba de provar o nobre senador pelo Pará, que havia desequilíbrio grande no orçamento da receita e despesa para 1869 a 1870; S. Ex. demonstrou que o deficit não seria menor de 7 a 8 mil contos, e disse uma verdade quando fez ver á camara que quem deve muito, quem tem uma guerra cuja despesa não pode calcular, quem tem um orçamento cujo deficit cresce todos os dias, pelo serviço da dívida que todos os mezes se contrahе para fazer a guerra, quem está em taes circumstancias não pôde augmentar despesa; que um ministro da fazenda que organisou o orçamento para circumstancias tão enormes não pôde aceitar o menor augmento de despesa.

O nobre presidente do conselho mostrou-se neste ponto um perfeito ministro do thesouro e comprehendeu bem

o que devia ao paiz. Era Gladstone ou Robert Peel prégando os verdadeiros principios de uma boa organização de orçamento.

Esses principios são elementares e muito conhecidos; cifrão-se no seguinte: não se augmente despesa senão quando ha sobras de receita. Não se augmente um real de despesa enquanto se não consegue destruir o deficit, que todos os dias se augmenta com as despesas da guerra. Pois bem! O nobre presidente do conselho foi vencido; a camara votou todos os augmentos de despesas propostos pelos deputados: e só no ministerio da justiça o augmento foi de 700.000\$ anualmente!

Mas esse augmento de 700.000\$ no ministerio da justiça não foi somente acto menos regular em relação aos principios de uma boa organização de orçamento; o augmento de vencimentos da magistratura não pôde ser votado sem um orçamento, pois que é uma medida que precisa ser estudada e não pôde e nem deve passar em um simples artigo additivo. O melhoramento da sorte da magistratura prende-se com o melhoramento de sua posição, de sua independencia em relação ao governo (apoio); deve figurar em uma lei que diminua o arbitrio que actualmente exerce o governo na escolha e promoção dos magistrados, e que estabeleça as incompatibilidades em maior escala. Sabiamos toda a dependência em que estava a magistratura do governo, sabiamos que, apesar do grande numero de caracteres distinctos que nossa magistratura possui, não tinha a precisa independencia para oppôr-se com efficacia aos desgramentos do governo e de seus agentes. Mas o 16 de Julho veio demonstrar a toda a luz até onde chega a influencia do poder executivo sobre o poder judiciario.

Nossos juizes do interior não têm podido defender os vencidos, o *habeas-corpus* foi completamente nullificado pelo celebre aviso que tirou aos magistrados o direito de examinar a legalidade das prisões effectuadas sob pretexto de recrutamento. É certo que os juizes de 2.ª instancia têm por mais de uma vez opposto uma barreira ao despotismo do governo; mas os juizes de direito do centro do Imperio têm-se visto na dolorosa necessidade ou de mostrarem-se indifferentes aos attentados da policia, ou de lutarem contra o governo e serem por este acoimados de partidarios, de liberaes e até de sediciosos.

Tudo isso mostra a necessidade de tornar mais independente do poder executivo o poder judiciario, e de dar a este a precisa independencia. O augmento de vencimento é uma medida justa, mas devia ser votado com outras providencias em um projecto especial. Entrou nestas considerações para mostrar toda a irregularidade do modo por que se tratou deste assumpto, mas a questão que discute não é essa; o que procura verificar é se nosso estado financeiro permite o augmento de despesas, se em um orçamento que tem um deficit enorme é possível augmentar despesa.

Perguntará, pois, ao nobre ministro da fazenda se sustenta o augmento de vencimentos proposto no orçamento, se está disposto a recomendar ao senado a adopção dos outros artigos additivos que augmentão a despesa, ou se quer separa-los para que tenham uma discussão mais ampla e detalhada? Verificando que S. Ex. defendeu na camara dos deputados os melhores principios acerca desta materia, seu dever é dar seu voto a S. Ex.

Se o nobre ministro entende que não temos recursos para melhorar actualmente os diversos serviços, dá-lhe seu voto; se S. Ex. continúa a entender, como entendeu na camara dos deputados, que o pobre que está pedindo dinheiro emprestado e arrisca-se a não achar quem lh'o empreste, não deve augmentar suas despesas, encontrará no orador um fraco auxiliar.

Accresce ainda que o augmento dos vencimentos das classes mais necessitadas não pode ser feito já sem uma revisão geral nos vencimentos dos diversos funcionarios. A magistratura está mal paga; mas ha empregados de secretaria e de outras classes que estão muito bem aquinhoados, e que podião sofrer uma redução; ha um numero excessivo de empregados em diversas repartições.

E pois a questão do augmento de vencimentos da magistratura deve ser resolvida depois de um estudo serio acerca de todas as reduções de despesas que forem possíveis.

O nobre presidente do conselho ouviu na camara dos deputados alguns ministerialistas discorrerem acerca do augmento de vencimentos da tabella relativa á estrada de ferro, entretanto vem approvada em um dos artigos additivos. Não deve estabelecer já uma discussão detalhada acerca dessa tabella, porque não acompanhou o additivo nem foi distribuida na casa; a discussão a este respeito não pôde deixar de ser deficiente. E isto é tanto mais digno de nota quanto se afirma que a tabella está em execução. Na camara dos deputados demonstrou-se que os engenheiros e mais empregados da estrada de ferro tinham até pouco tempo metade dos vencimentos da nova tabella: pergunta qual foi o motivo de conveniencia publica que levou o ministerio a augmentar no duplo os vencimentos de empregados que já eram bem pagos?

## EXTERIOR.

### Egreja de Irlanda.

(Conclusão.)

Em materia do proselytismo, seria difficil imaginar nada mais curioso que o insuccesso dessa igreja que devia a todo o custo converter a Irlanda. Mas se ella não converteu ninguém ao protestantismo, em compensação creou muitos inimigos á Inglaterra. Este ultimo genero de propaganda é o unico em que ella alguma coisa fez. Francamente, o Sr. Gladstone merece muita desculpa por ter visto isso. Vejamos agora qual é o estado das cousas que, com o *Irish Church Act*, vai substituir o que acabei de descrever.

Primeiramente, a igreja episcopal da Irlanda perde o seu privilegio de igreja estabelecida pelo Estado; fica *disestablished*. De 1.º de Janeiro de 1871, em diante, será destacada do Estado, e os arcebispos bem como os bispos que estão á sua frente deixarão de ter assento na camara dos lords. Neste ponto a reforma é completa. Obriga mesmo, como disse o Dr. Ball, na sessão de 19 de Março, a pôr a coroa em situação anormal. Por quanto, não se revogarão os actos de Henrique VIII e de Isabel: o principio da supremacia real continúa a existir; e entretanto, é certo que a rainha abdica o seu poder sobre a igreja de Irlanda, pelo facto do *disestablishment*. A respeito dessa igreja, a rainha já não conserva mais que uma autoridade puramente theorica, puramente nominal. Se convier á igreja irlandeza viver uma vida collectiva, constituir-se em communhão, formar corpo, o direito de reconhecê-la como tal, o direito de a incorporar, pertence á rainha, mas não é tudo.

Além disso, a igreja episcopal da Irlanda deixa de ser dotada, ao menos por maneira official e permanente, pelo Estado; fica *disendowed*, excepto o pingue quinhão dos interesses adquiridos. Os seus ministros, reitores ou curas, ficam no gozo vitalicio da renda que recebiam; isto é, dá-se-lhes uma annuidade igual áquella renda; mas não a recebem do Estado; ser-lhes-ha pago por commissarios especialmente nomeados para pôr termo á obra do *disestablishment* com os cuidados que a situação pede e a equidade ordena. Os membros do clero episcopal irlandez gozarão de an-

nuidades tiradas de um fundo episcopal; mas não terão terras que sublocar, nem direito ao pagamento dos juros, que representão a antiga taxa ecclesiastica dos dizimos.

Se quizerem formar corpo, reorganizar-se como igreja compacta, inda que livre daqui em diante, podem, segundo os termos do *bill* Gladstone, trocar as suas rendas vitalicias (*life-interest*) ou annuidades, pelo valor capitalisado dessas mesmas rendas; de modo que, se concordarem em constituir uma caixa commum, a igreja *disestablished* tem á sua disposição um capital por meio do qual pôde, pelo modo que lhe parecer melhor, reunir os trechos esparsos, distribuir a tarefa, fixar os salarios, em uma palavra governar-se a si propria.

Não é pequena vantagem esta, e terão idea da cousa, quando eu lhes disser que o valor, capitalisado, das annuidades que o *bill* assegura aos bispos, etc. que compõem o clero irlandez, é calculado em 4,900,000 libras sterlingas.

Ahi temos pois 4,900,000 libras sterlingas que se lhes dá do capital de 16,000,000 libras sterlingas em que é calculada a riqueza de que ella gosou até hoje.

Dá-se-lhe, além disso, como premio das dotações por ella recebidas, ou tidas por taes, de simples particulares desde 1660, a respeitavel somma de 500,000 libras sterlingas.

Ficão-lhe as egrejas.

O mesmo acontece com os presbyteros e suas dependencias, e os mesmos que os occupão continuarão a occupalos, mediante o pagamento de 232,335 libras sterlingas, somma que exprime, se os calculos do Dr. Ball são exactos, as despesas de reparos, conservação e reconstrucção.

Finalmente 800,000 libras sterlingas são destinadas aos curas.

Mas ia-me esquecendo uma concessão que tem sua importancia. Segundo o compromisso, que houve depois de negociações entre lord Cairns e lord Granville, assentou-se que quando, em uma diocese, as tres-quartas partes dos membros do clero desejarem trocar as suas annuidades pelo valor capitalisado dessas annuidades, o capital que se lhes pagar será calculado sobre a base de uma addição de 12 por cento ao resultado do calculo ordinario: 7 por cento, em consideração de que (facio ou hypothese?) a vida de um clergyman tem mais valor que a dos outros modos, e 5 por cento como meio de facilitar a operação da troca.

De tudo isto, concluirão sem duvida, que a igreja episcopal da Irlanda foi tratada pelo Sr. Gladstone com grande ternura, elle a quem os devotos mandão ao inferno.

Impossivel mostrar mais respeito por interesses adquiridos. No fundo, o *disendowment* não é senão um futuro remoto. Essa igreja, por cuja sorte certas almas ultra-pias choroinhão estrepitosamente, não será amanhã o que era hontem, a respeito de fazenda. Mas além de que os seus membros não soffrem individualmente com a reforma operada, a qual só pesa sobre a instituição collectivamente considerada, não haverá entre a sua situação financeira de hontem e a sua situação financeira de hoje, senão a diferença que vai de uma posse temporaria a uma posse perpetua.

Essa differença explica o saldo que a operação deixará nas mãos do governo, saldo que não passará de seis milhões de libras, quando dos deses seis milhões que, pelo *Irish Church Act*, voltão ao Estado, tiver deduzido, além das sommas acima mencionadas, a somma das compensações: 1.º aos empregados seculares de igreja *disestablished*, taes como organistas, bedéis, etc.; 2.º aos beneficeiros que deixão de ser proprietades particulares; 3.º aos presbyterianos, pelo *regium domum*, que se lhes tira; 4.º aos catholicos, pela dotação do seminário de Maynooth, que se lhes toma.

No dia 1.º de Janeiro de 1871 os commissarios do governo entrarão em nova

do Estado, na posse das propriedades da igreja episcopal da Irlanda, cujo valor é, como disse acima, calculado em cerca de 16,000,000 lib. estr. Dos tres elementos de que se compõe essa riqueza: dizimos, terras e rendas perpetuas, o mais consideravel é o primeiro, designado pelo nome de *tith rent charge*. Sendo esta uma taxa ecclesiastica, cujo caracter ficaria sem razão de ser, no caso em que deixando de ser paga á igreja, fosse indefinidamente paga ao Estado, era natural que o governo pensasse em extingui-la sem todavia abandonar o producto, tornado propriedade sua. Dahi o poder dado aos commissarios para vender, de 1.º de Janeiro de 1871 em diante, o *tith rent charge* aos *landlords*, por uma somma igual a 22 vezes o total; calcula-se essa somma em 9,000,000 st, e os *landlords* podem pagar a prazos, na base de 4 1/2 por 100 ao anno. Deste modo, a taxa, ao fim de certo tempo, fica extincta.

O quadro seguinte, que, o *Spectator* publicou a 6 de Março, com o titulo de orçamento da operação, mostrar-lhe-ha de um lance o plano do Sr. Gladstone, tal como se apresentou antes de passar pelo crivo da camara dos lords.

ACTIVO.		Lib. st.
<i>Tith rent charge</i> (valor capitalizado).....	9,000,000	
Terras e rendas perpetuas.....	6,200,000	
Dinheiro.....	750,000	
Total.....	15,950,000	
Conta redonda.....	16,000,000	
PASSIVO		Lib. st.
Annuidades aos bispos, etc.....	4,900,000	
Para os curas.....	800,000	
Compensações aos seculares.....	900,000	
Indemnidade para as dotações de character privado.....	500,000	
Despesas de reparo ou de reconstrução dos edificios religiosos.....	250,000	
Compensações para a retirada do <i>regium domum</i> e da dotação do seminario de Maymoth.....	1,400,000	
Despesas relativas á criação de uma comissão e outras despesas.....	235,000	
Total.....	8,685,000	
Conta redonda.....	8,650,000	
Saldo.....	7,500,000	
Emprego proposto do juro collocado reproductivamente.....		
Para estabelecimentos de alienados na Inglaterra.....	185,000	
Para surdos mudos, ibid.....	20,000	
Para os idiotas, ibid.....	20,000	
Para os pobres.....	15,000	
Para estabelecimentos de correção e escolas industriais, ibid.....	10,000	
Para enfermarias, ibid.....	51,000	
Total.....	311,000	

O Sr. Gladstone contava pois, pagas as despesas e compensações, com um saldo de 7,500,000 lib. st.; e o juro dessa somma, collocado reproductivamente, propunha elle que se applicasse ao allivio de varias misérias que tem a Irlanda por patria.

Prevaleceu esse plano? Sim, em parte, mas só em parte. Porquanto, de um lado, os lords espirituaes, que se mostravam famintos na divisão da carne, e os lords seculares, seus fleis auxiliares, lograram alcançar do governo, em favor da igreja episcopal da Irlanda, um bom milhão de mais; e por outro lado, manobrarão tão bem, que a applicação do saldo a actos de beneficencia foi lançada para a categoria das questões reservadas.

LOUIS BLANC.

## LITTERATURA.

### Bellezas da infancia.

Deixemos a creança no berço, historia tantas vezes contada por mui habéis observadores, que não é necessario insistir n'ella. Eis-nos pois em frente da creança que deixou as mantilhas, já livre dos braços e do regaço da mãe. Quizera descrever-vos uma creatura viva, leviana, apaixonada, rica e valente, mas que foge tanto á analyse do philosopho, como a sua physionomia inquieta ao lapis do desenhador.

Para educar a infancia, é mister comprehendê-la e amá-la.

Mas para lhe querer muito, cumpro saber o que ha n'ella verdadeiramente bello e verdadeiramente amavel.

Todas as idades da vida têm sua belleza especial. A belleza da velhice é a magestade, a indulgencia para a mocidade, a confiança na virtude, ainda que intermiado tudo com assomos de ironia doce e laivos de scepticismo passageiro. São da idade madura, a força, a ousadia, o respeito de si mesmo e dos outros, a dedicação ardente e a experiencia severa. São titulos da mocidade, a honra, a generosidade, o amor fervente pelo que é grande, o desprezo solemne pelo que é cobarde e vicioso. A innocencia é a belleza da infancia.

Cumpra não confundir a galhardia da infancia com sua verdadeira belleza. Por um lado pequenez da figura, delicadeza de paixões, ligeirezas de movimentos, graças de formas e frescura de voz: por outro, o primeiro vagido, as tentativas do pensamento, os ditos inesperados, as fascas d'uma imaginação que desperta; tudo isto tem encantos que atraem. Mas sob o ponto de vista moral, não é ahí que está o principal interesse que offerece a creança. Creanças ha cujas formas são pesadas e grosseiras, nas quaes a intelligencia com dificuldade se desenvolve, e que todavia não são menos interessantes do que as mais; magôa vê outras, que, por muito vivas, deixaram prematuramente os brinquedos infantis.

Pode definir-se a creança: — ppssoa que se não conhece. A creança ama sem saber o que é amar; aborrece sem saber o que é ter aversão; pensa tantas vezes em si, como nos outros, mas sem reflectir se é em si se nos outros que pensa. A infancia passa a vida desceidada e com segurança admissivel; toda se entrega ao prazer do momento, e na bella phrase de Bossuet, estende as azas de todos os lados ao vento que a dilata e conduz.

Porque são tão agradaveis e interessantes os jogos da infancia? É porque nos revelam uma alma innocente, deliciando-se com o goso da felicidade, sem opinião antecipada. Vêde o homem entregue ao prazer: nunca se lhe dá completamente; commovem-se-lhe agradavelmente os sentidos, mas sofre a imaginação: ou antes encanta-se-lhe a imaginação, mas inquieta-se-lhe o pensamento. São geralmente os seus prazeres intercalados de reflexão: conhece o prazer que experimenta, saborea-o porque lhe prevê o fim: finalmente a mesma incerteza obriga-o muitas vezes a ultrapassar os limites de suas necessidades, esmerilhando o prazer fóra do que é conveniente e natural; d'ahi procede as paixões: ora, as paixões trazem sempre ao homem alguma cousa de coação. Examinemos agora a infancia. Como são naturaes os seus jogos! que sinceridade nos movimentos! como é completa e franca aquella alegria! como se revela a alma toda n'aquellas acções, n'aquelles gritos e n'aquelle significativo olhar! Que formosa imagem de serenidade e ventura, não d'essa ventura suprema e profunda, que terá a consciencia de si, e que os mais felizes apenas antegustam, mas d'aquella ventura candida, que n'ella deseja, nada teme e não cura de investigar se já principiou ou deve ter um termo!

O'rir da creança tem especial encanto; não nasce, como do homem, da vista do ridiculo, ou da estranha e inesperada ligação de idéas, mas simples-

mente se deriva da alegria intima. Um nada basta para fazer toar esse riso tão franco, tão cheio de frescura e tão interessante, que revela profunda alegria. O homem experimenta as vezes esse riso de creança, que não tem razão de ser, e que procede da mais futil causa: é o riso melhor e mais puro, dilata convenientemente as fibras d'alma, e dá-nos uma idéa de felicidade da infancia, felicidade que esquecemos, porque consiste exactamente no abandono e esquecimento proprio, esquecimento que não deixa vestígios apoz si.

Até nas lagrimas da infancia ha attractivo. Não fallo das lagrimas que nascem da dôr ou da cólera, mas das que veem da saudade. A dôr, nas creanças, é desesperada, porque é incomprehensivel; a desproporção das forças e do mal commove, porque a belleza d'essa idade feliz parece estar em contradicção com os soffrimentos que a cercam. Ha na cólera da creança, ainda que enconico explicação na fraqueza e ignorancia, alguma cousa de aborrecido e importuno. Mas a magoa da creança é uma das cousas que mais pode impressionar: tão pouco basta para morti-car essa creatura, que com tão pouco se consola! Demonstros esta facilidade de afflicção, como ella descophece as grandes misérias da vida humana; experimentamos ao mesmo tempo compaixão e prazer, contemplando dôr tão viva e mal tão insignificante. Geralmente tanto se dá a infancia á dôr como á alegria: tem d'algum modo a plenitude na dôr, cousa tão rara ao homem, a quem distrahe sempre um pensamento involuntario. Em compensação, a dôr d'elle cava mais fundo, não apparece exteriormente, mas quebra e corrompe o interior. Na creança, a dôr é como um relampago, occupa-lhe a alma toda um instante só, mas não deixa de si vestigio algum; é na creança signal de v-la, o é por isso que nos encanta commovendo-nos.

Considerem se finalmente todas as acções da creança ver-se ha que agradam, porque são filhas d'uma natureza livre, feliz, facil e innocente. Nada sabe da vida, soffre e chora sem ser infeliz; pratica o mal sem ser má. Não trago para aqui excepções, que as ha em toda natureza: vemos creanças tão oprimidas pela dôr physica ou moral, que se lhe vem o sentimento da miséria humana primeiro que a idade; e outras, tão desgraçadamente educadas ou dotadas com alma tão vil que conhece o vicio primeiro que a paixão. Mas a infancia é geralmente feliz e boa, feliz sem o saber, boa sem o querer: o que não é, cumpra d'zel o, nem felicidade verdadeira, nem verdadeira bondade.

P. JANET.

## NOTÍCIAS.

### Chronica interna.

Chegou dos portos do sul o paquete nacional *Cruzeiro do Sul*, no dia 30 do passado.

Algumas horas antes delle largar do Rio de Janeiro chegou alli vindo do Rio da Prata o vapor inglez *Flemstead* trazendo a seguinte noticia:

«Buenos-Ayres, 10 á uma hora da tarde.

«A *Nação Argentina* recebeu do Rosario, de Santa Fé, o seguinte telegramma:

«Dizem de Assumpção que um chefe notavel do exercito de Lopez se sublevoou acompanhado de numerosos soldados, não tendo effeito a revolta.

Foram fuzilados todos elles, fugindo depois Lopez para a Bolivia acompanhado de Resquim, outros generaes e 200 soldados.»

Se é exacto o que diz este telegramma a guerra está concluida.

O seguinte paquete nos ha de trazer a sua confirmação ou não.

—No dia 15 encerraram-se os trabalhos do parlamento, que haviam sido prorogados até aquella data.

Ao meio dia, reunidos os Srs. De-

putados e senadores no paço do senado, são nomeadas as deputações para receber SS. MM.

Á uma hora da tarde annunciando-se a chegada de Suas Magestades e Alteza Imperial, o Sr. Presidente convida as deputações para esperal-os á porta do edificio, e entrando S. M. o Imperador no salão, é ahí recebido pelos Srs. presidente e secretarios, os quaes, reunindo-se aos membros da respectiva deputação, acompanham o mesmo augusto senhor até o throno.

S. M. o Imperador, tomando assento, manda sentar-se os Srs. Deputados e Senadores, e lê a seguinte falla:

«Augustos e dignissimos senhores representantes da nação.—Tenho a satisfação de assegurar-vos que durante o periodo da presente sessão legislativa a tranquillidade publica não foi alterada em ponto algum do Imperio, e as relações com as potencias estrangeiras continuaram no mesmo estado de boa intelligencia e amizade.

Foi assignado em 2 de Julho ultimo na cidade de Buenos-Ayres pelos plenipotenciarios dos governos alliados o accordo para organização de um governo provisorio na republica do Paraguay.

A bravura e constante dedicação de nossos briosos concidadãos, que, sob o commando de meu muito amado e prezado genro, o marechal de exercito conde d'Eu, sustentam no territorio inimigo a honra nacional, á leal e valiosa cooperação de nossos alliados, devemos assignaladas victorias que expelliram em Agosto as forças de Lopez das importantes posições que occupavam.

Ao passo que o inimigo foge para as extremas do territorio paraguay, a população livre do jugo que a oprimia, vai revelando por demonstrações irrecusaveis sua adhesão ao governo provisorio instalado na capital da republica.

Cheio de jubilo entro a mais bem fundada esperanza de ver brevemente concluida a guerra por modo digno do nome brasileiro, e chegado o ensejo de volvermos nossa attenção especialmente para os negocios internos, achando na recordação de tantas glorias novos estímulos a empenhar-nos ainda mais pelo engrandecimento do Brazil.

Agradeço os meios com que habilitasse o governo para prover ás necessidades do serviço publico.

A importancia das medidas este anno iniciadas dá testemunho de vossa illustrada solicitude e o patriotismo, que sempre inspirou os brasileiros, affiança que na proxima sessão legislativa serão decretadas as reformas que urgentemente reclamam a nossa legislação.

Augustos e dignissimos Snrs. representantes da nação.—Confio que, restituídos a vossas provincias, sereis os melhores conselheiros de nossos concidadãos em tudo que interessar o bem publico.

Está encerrada a sessão.

Terminado este acto, retiram-se SS. MM. e A. Imperiaes com o mesmo ceremonial com que foram recebidos, e immediatamente o Sr. presidente levantou a sessão.

Sah Laiz — Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 10 de Novembro de 1869.

## Galeria philosophica.

O CATHOLICISMO.—O PROTESTANTISMO  
E A INTELLIGENCIA HUMANA.

A sciencia philosophica filha da reforma lutherana (protestantismo) tumida de orgulho pelo precario terreno que tem ganho contra a verdadeira sciencia, leva o seu delirio, a ponto de apreguar que o protestantismo é mais favoravel ao desenvolvimento da intelligencia que o catholicismo.

O catholicismo peia pelo jugo da authoridade, dizem os falsos apostolos. O protestantismo amplexa os horisontes da razão, pela completa liberdade de pensar.

E' falso: a authoridade do catholicismo liberal, como é, previne os abusos pelo balsamo dasensura. A ampla liberdade do protestantismo degenera na mais grosseira, revoltante e estúpida licença.

O catholicismo sempre tem formado vultos admiraveis em sciencia e virtudes: o protestantismo só tem formado monstros de impiedade, e sensualidade bestial.

Deixando o terreno das afirmações e passando ao dos factos, á historia, ahí brillam como luz inextinguivel estas asserções.

Os fanaticos contendores do partido que sustenta ser o protestantismo mais favoravel ao desenvolvimento da intelligencia, que a Igreja catholica, fazem preceder a sua these de um *Kyrie*, remontando ao seculo 9º, lá revolvem os cemiterios e arrancam as cinzas de Roscelim, Amaury, e outros muitos, e dizem apontando para o céu e mar: «eis aqui os primeiros apostolos da independencia intellectual; eis aqui os primeiros esforços da intelligencia para dar a razão das couzas abafados e condemnados pela Igreja catholica. Ora este movimento generoso da intelligencia sempre repellido, pela Igreja só encontrou protecção no protestantismo—logo a Igreja é menos favoravel ao desenvolvimento da intelligencia.»

Um dos maiores granadeiros destas afirmações é o eminente Guizot.

Quando um homem como Guizot assim falla, em assumptos historicos, sente-se necessidade de recomençar as observações: tal é a sua authority.

Entretanto não ha a menor duvida que Guizot, e o partido racionalista engana-se perfeitamente, ou antes, quiz e quer enganar. É que o erro sempre anda de má fé. E Guizot contando com a sua ascendencia em assumptos historicos, contando ainda mais, que muitos fallam nestas materias, mas bem poucos as leem: retrocede, e vai prender o primeiro anel de suas falsas accusações ao seculo 9º.

Torna-se emphatico sobre as cinzas de Roscelim, Abeilard, e João d'Erigenis, e depois entoa uma ladainha a esses seus *martyres da liberdade*, ou dos *direitos da razão*.

E isto passa sem objecção, por que foi o Sr. Guizot quem disse, e é bastante para todos tirarem o chapéo e bater nos peitos em signal de profunda reverencia ao Patriarcha do protestantismo no seculo 19º.

Vejamos, porem o que nos diz a historia.

A historia responde por myriadas de bocças, que a Igreja catholica nunca foi adversa a ao desenvolvimento da intelligencia: e pelo contrario: sempre foi o seu legitimo fanal.

Quanto a Roscelim, J. Erigenis, Amaury, Abeilard e outros, responde que fo-

rão elles uns homens perigosissimos, que não possuíam solida sciencia e sim inchado pedantismo, e um praser secreto em damnificar a sociedade.

A razão é clara: em aquelles tempos de infancia, e acanhamento intellectual encontravão-se a ignorancia, a philosophia grega e as idéas resplendentes do catholicismo: dava-se por consequencia uma phase inteiramente excepcional na sociedade europea.

Era no meio desse torvelinho de doutrinas vigorosas, em a infancia, ou antes barbaria das sociedades que esses homens, com pretensões philosophicas querião decidir de tudo.

Era perigosissima semelhante pretensão. Os materiaes para auxiliar a decidir as questões, como muito bem diz o sabio Balmes, faltavão. (Protest. comp. com o Cathol. t. 3.) Era necessario estudar-se as linguas, os escriptos dos SS. PP., revolver os archivios, desinserir os monumentos, recolher o enorme thesouro dos materiaes; em summa: um rico fundo de erudição, aclarado pelo facho da critica, para se decidir as grandes difficuldades.

Estes erão os conselhos dos contendores catholicos como S. Anselmo e S. Bernardo.

Entretanto que os pretencos apostolos da razão dizião: nada de demoras, raciocinemos, subtilisemos, que nossa razão somente seja o nosso guia e regra; sem isto é impossivel saber.

Dali vinha que Abeilard se propunha, de modo o mais impudente, a explicar o Proto Ezequiel, mesmo de improvisio; outros decidião de *omni re scibile*. De maneira que quando não podião explicar as difficuldades, torção, sophismavão, e davão assim expansão a toda sorte de desvarios.

Enternarão-se nas sublis questões do Nominalismo; Amaury tanto parafusou a *maria prima* de Aristotiles, que proclamou *ex cathedra* o mais torpe pantheismo. Roscelim vomitou blasfemias contra a SS. Trindade; Abeilard destruiu a liberdade, e assim todos os outros turbulentos personagens desses tempos, como o poderíamos demonstrar a não ser a estreiteza do artigo.

Eis os apostolos da razão! *risum tenentis*!

Então diante d'esses homens turbulentos e perversos a Igreja deveria ficar de braços crusados? Não por certo, dirá o bom senso.

Vejamos agora o que se dá no partido catholico, onde se acha S. Anselmo, S. Bernardo Hidelbrando, Lanfranc, e tantos outros. Cotejem as suas doutrinas; que grandesa de pensamento, que elevação de idéas! Quem não pasmará lendo o *Prosologo* e os *Monologos* de S. Anselmo? Que provas sobre a existencia de Deos, tirados da razão! Como são bellos, firmes, e arrojados esses voos da intelligencia amparada pelo catholicismo. Nas escholas os catholicos não se limitavam a ensinar as lições, e a mandar decoral-as; descotião, e provavão pela razão.

A esses voos da intelligencia nunca se opoz a Igreja. Agora ella sempre foi inflexivel para com os abusos, isto é real.

Os defensores do protestantismo, nem poderião pronunciar uma só palavra se lessem a historia; porque então verião que o seu mimoso e *intelligente* Abeilard sendo convidado para uma batalha campal no concilio de Sens, ahí S. Bernardo provocou-o publicamente para que se defendesse, mas elle diante de adversario tão terrivel pela logica, não teve animo de proferir uma só palavra, reti-

rando-se corrido de vergonha (se a tivesse.)

É assim que a Igreja desmascara aos seus adversarios. Entretanto estes factos que não estão no dominio de todos, calão-se quando se trata destas materias, por serem cabal refutação das banaes declamações. Leião S. Bernardo e vejão esse homem que sempre andou com a Igreja se teve a sua intelligencia peada. Que páginas peregrinas! Ah! infelizmente os ataques que hoje se fazem as doutrinas catholicas, é profunda ignorancia das obras dos SS. Padres. Desejariamos que o mais imperrado racionalista lêsse os escriptos desses grandes homens, e desafiasmos a que se não convertessem, ou a que respondessem a tão solidos argumentos.

Muito se nos offerece nesta occasião para dizer, relativamente a superioridade dos homens que teem militado nas bandeiras do catholicismo, e da inferioridade de todos os que se teem apartado.

Porem o nosso fim é instruir o povo em ligeiros artigos.

Aos litteratos indicamos as obras de Bossuet, A. Nicolao, e sobre tudo o sabio Balmes (Protestant. comp. com o Cathol.) uma das paginas pais peregrinos de tudo o que ha produz do o seculo 19º.

Entretanto tratando-se de parallelo de forças e desenvolvimento intellectual, entre o Protestantismo e Catholicismo é impossivel esquecer o argumento breve de Cobbet.

É um argumento decisivo, é de tres e dois são cinco.

Os leitores o poderão ver no artigo que hoje publica este jornal sob a epigraphe—Variedade.

## O revd. padre Jacintho.

Muito se tem occupado a imprensa europea com os ultimos acontecimentos relativos á esse insigne orador, filho e ornamento do claustro francez, o revd. padre Jacintho.

Esses brados repercutem em o nosso jornalismo, despidos de commentarios, ou si com elles falseados e aberrados dos verdadeiros principios catholicos.

Bate-se palmas entre nós á qualquer novidade que nos venha do estrangeiro, abandona-se o thermometro da analyse e critica dos factos, unico seguro nas questões difficeis.

A principio espalhou-se que o revd. padre Jacintho escrevera uma carta contra o proximo concilio. E os antagonistas á assemblea ecumenica, sem ainda ter lido a carta, addicionavam mais essa *prova* á favor da impossibilidade da reunião do synodo.

Depois, foi conhecida a famosa epistola do revd. carmelita, na qual per accidens falla do concilio.

Não é por sem duvida um simples fiel, um pastor isolado, muitos prelados do orbe catholico, quem reputa e julga necessaria a reunião de um concilio ecumenico.

Somente o papa, em rasão da supremacia do direito divino, é o competente para reunir um concilio, e por consequencia—julgar de sua conveniencia.

Vêm, portanto, os leitores a sem razão que preside aos echos descompassados que se ouvem contra a corte de Roma.

Por outro lado os vinculos que estreitam o religioso ao claustro, seus votos solennes, seus compromissos para com a ordem, o inibem dos apparatus certos certamens do jornalismo, dessas

recriminações vehementes, que são claras na epistola do eloquente carmelita.

A carta que reproduzimos os jornaes dos dous mundos é fecunda, de estilo viril, e não duvidamos de sua authenticity: nella transparece o espirito fervido do illustre religioso; são bem característicos os arrosos de phrase com que sabe exprimir-se o distincto conferenciador francez.

Lamentamos que um insigne defensor da fé se transvie, não seguindo a bella senda indicada pelo luminar da egreja de Alexandria: «*Nisi quisque integram, inviolatamque servaverit, absque dubio in aeternum peribit.*»

## PARLAMENTO.

## Senado.

## DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO.

(Conclusão.)

O Sr. SARAIVA (*Continuando*):—Qual foi o motivo de conveniencia que levou o ministro a dotar o presidente da direcção da estrada com vencimentos estabelecidos em base incerta e que nunca foi adoptada? Consta que o director da estrada de ferro recebe 12.5% de toda a renda liquida da mesma estrada, ou couza que se parece com isto, de maneira que, augmentando, como vai augmentando sempre, o rendimento da estrada, os vencimentos desse empregado subirão em uma proporção extraordinaria. Não pôde dar-se a um empregado, por mais talento que elle tenha, vencimentos que não sejam bem definidos, que não tenham uma base certa. Parece que esse defeito da tabella era por si capaz de motivar sua rejeição, se o augmento excessivo dos vencimentos do pessoal da estrada de ferro não aconselhasse ao senado que puzesse tambem de parte esse additivo para ser considerado em uma discussão especial.

Applauda sempre todos os homens que mostrão-se capazes de grandes melhoramentos publicos; applauda ás disposições que tem o director da estrada de ferro para dirigir os grandes trabalhos de viação; mas poderia notar que não foi elle muito feliz na direcção da União e Industria; porque, tendo-se despendido nessa empresa sommas enormes achou-se, ella ainda ultimamente fallida pela concurrencia da estrada de ferro. Mas deixará esse ponto, e apenas dirá que sente profundamente que nesta corte tenha-se tanta benevolencia; despenda-se tanta protecção com certos directores de companhias, que teem inutilizado tantos capitales do Estado, e que o menos desmazelado dos directores de empresas provinciales seja com extraordinaria facilidade tido e havido por um grande patoteiro; se elle se sair mal de qualquer empresa, por pequena, em que se metter.

O actual director da estrada de ferro foi director da companhia União e Industria. Essa empresa falliu, não obstante todos os auxilios do governo geral e dos governos provinciales do Rio de Janeiro e Minas. Depois de fallida, teve essa empresa, ainda a fortuna de ver indemnizados seus prejuizos, seus desmandos, seus desperdicios pelo Estado. Mal concebida e mal dirigida, podia fallir, mas seus accionistas tinham a segurança de não soffrer prejuizos. Ultimamente achou-se a empresa em crise. A concurrencia da estrada de ferro começava seu aniquilamento. Veio o ministerio da agricultura ainda em auxilio e salvou-a, associando-a á estrada de ferro por um contracto leonino.

Não entra agora no exame da conve-

niencia desse facto: o que quer assignar neste momento é que o Sr. deputado Mariano Procopio, que nunca pôde conseguir fazer prosperar a União e Indústria, foi o escolhido para fiscalisar a sociedade operada entre as duas empresas. E elle hoje o director da nossa primeira via ferrea, com vencimentos enormes. Elle, que não pôde salvar uma empresa protegida por todos os partidos, por todos os governos, foi o que achou-se mais apto para dirigir a estrada de ferro na occasião em que é indispensavel uma grande imparcialidade para separar os interesses das duas empresas rivaes, de uma das quaes era director.

Observa com tristeza esse e outros factos que se dão no paiz, e lamenta muitas vezes a situação do nobre presidente do conselho. Observa isso com tristeza, porque é sempre doloroso ver que o estado do nosso paiz é tal ainda, que certos individuos podem sempre mais que o governo, por mais respeitáveis que sejam os homens collocados á testa da administração. É natural que o Sr. ministro da agricultura saiba explicar essas couzas; mas o facto é que a opinião de todos com quem tem o orador conversado, é aquella que tem emitido nesta casa. Cidadãos que podiam melhor dirigir a estrada de ferro, profissionaes distinctos que tanto serviço já fizeram a essa grande empresa, foram postos á margem, para intregar-se a direcção de nosso primeiro caminho de ferro ao director de uma empresa fallida pela terceira vez.

Não se diga que falla assim porque é opposicionista: um habil engenheiro, deputado pelo Piahy, já demonstrou na camara dos deputados a impossibilidade de ser fiscalizada a renda da estrada de ferro da União e Indústria. O illustrado Sr. Pereira da Silva provou perfeitamente que as tabellas não podiam ser approvadas. Se se occupa desse assumpto, que não é politico, é porque deve interessar-se para que seus proprios adversarios governem bem. O Sr. presidente do conselho já não convive com o povo; não sabe o que o povo diz a este respeito.

O povo faz justiça ao caracter de S. Exc.; mas, não podendo comprehender bem os motivos pelos quaes são por essa forma desprezados os interesses do thesouro, os motivos pelos quaes se prendem os destinos magnificos de uma grande via ferrea aos compromissos e vexames de uma empresa fallida, o povo murmura e murmura muito. (*Muitos apoiados.*)

Cumpra um dever vindo denunciar ao proprio nobre visconde de Itaborahy a necessidade que elle tem de pôr-se á testa do governo, quando se trata de interesses da ordem daquelle que acaba de discutir.

Pede licença ao senado para occupar-se agora de um assumpto que lhe é pessoal. O senado sabe que o orador tem o habito de desprezar calumnias e injurias quando ellas não podem ser acreditadas. Mas seus adversarios têm muitas vezes a habilidade de apreciar e expôr com inexactidão certas opiniões pelo orador emitidas, para que o publico duvide da inteireza de seu caracter politico.

Foi conservador, e conservador convencido: foi conservador quando tinha medo (*hilaridade*), era então moço, tinha visto duas ou tres revoluções no paiz, tinha medo das desordens, apesar de moço.

Em 1850 o despacharam presidente, sem que pedisse: governou de maneira a merecer os applausos da opposição; á sua moderação, aos principios liberaes que professou na administração, deve em grande parte sua elevação. Nunca foi conservador ardente, e apesar disso foi apreciado pelos homens do governo nas épocas mais dominadas pelo espirito de partido, e mesmo pelos homens da escola do Sr. visconde de Itaborahy; muita gente então já entendia que o presidente que mais servia a seu partido

era aquelle que mais justiça fazia a seus adversarios. Foi esta a escola que seguiu e foi isso o que fez a sua carreira politica. Seu liberalismo crescia na razão da diminuição dos seus receios de desordens.

O governo de algumas provincias o fez conhecer bem o que é nosso povo. Ordeiro por caracter, obediente ao governo por educação, nosso povo nunca fará uma revolução, se o governo do Estado fôr justo e respeitar as liberdades que elle possui. No dia que teve a esse respeito crenças assentadas, alistou-se nas fileiras que queriam tornar uma realidade todas as promessas constitucionaes. É hoje liberal, porque foi e é homem de ordem. Está persuadido de que os conservadores que mais desejarem firmar a ordem do paiz, e firmal-a com segurança, hão de chegar ao ponto a que o orador chegou, e reconhecer que se não pode firmar neste paiz a paz e a tranquillidade publica senão pelo desenvolvimento da liberdade. (*Apoiados.*)

Ainda hontem dizia o *Diario do Rio*, que o partido conservador quer chegar á ordem pela liberdade. Pois bem; foi isso que aconteceu ao orador. É isso que ainda o inspira. Quer reformas, quer liberdade de eleição, quer o governo do paiz pelo paiz, para que o povo não tenha razão de murmurar contra nossas instituições fundamentaes. Nunca proclamou reformas que ataquem os principios cardeaes de nossa constituição, e ainda hoje não proclama. Quando combateu o Sr. Sayão Lobato, affirmando ao senado que tinhamos o direito de reformar mesmo nossas instituições fundamentaes, disse que os liberaes tinham o direito de fazer a reforma, mas que não achavam conveniente essa reforma.

Mas, desde que não sente a necessidade de manter as leis de compressão; desde que confia em nosso povo até o ponto de proclamar, como tem proclamado, a necessidade do governo do paiz pelo paiz, não pôde dizer-se conservador. Seria conservador ainda hoje se houvesse algum partido que quisesse transformar os principios cardeaes da constituição, e o orador tivesse necessidade de defendel-os. Não se dando essa necessidade, e querendo a reforma de tudo quanto se tem feito para embaraçar o governo do paiz pelo paiz, não é, não deve ser qualificado senão de liberal.

Isso explicaria bem seu pensamento enunciado em 1838 quando disse—conservador de hontem, de hoje e de amanhã—se seu pensamento não estivesse claro e desenvolvido no proprio discurso que pronunciou e no qual empregou as palavras denunciadas ao paiz por seus desaffectos, como prova de sua incoherencia politica, e que vai entregar ao mesmo publico, taes quaes disse e desenvolveu, para que avalie bem a boa fé com que o orador é accusado quasi sempre.

Quer de uma vez responder a todos que tem procurado interpretar mal as palavras que empregou em um discurso de 1838, quando já combatia pela liberdade ao lado dos snrs. Souza Franco e Jeronymo Coelho. Tinha deixado de levantar tão desasada accusação emquanto ella foi feita por escriptores assalariados de que se servio o ministerio para injuriar o orador no *Diario do Rio* a proposito de sua carta de 29 de dezembro.

Hoje muda de proposito, porque seus desaffectos especulam com seu silencio.

O liberalismo do orador parará nas reformas que tem lembrado ou a que tem dado seu assentimento? Crê (que não. Na marcha que se propõe fazer crê que explorará todo o campo do liberalismo compativel com os principios cardeaes de nosso systema, que deseja conservar. O mundo caminha; e quem traça hoje o caminho aos liberaes é o partido conservador.

O nobre senador pelo Pará já disse que o partido liberal sempre colloca sua bandeira adiante do terreno disputado, porém, afinal cedido, pelos conservado-

res. Actualmente o esforço dos liberaes é convencer aos conservadores de que todos precisam da liberdade eleitoral. Crê que não terá grande trabalho para convencer a todos de que o paiz precisa de liberdade de eleição. Se os conservadores tivessem a certeza de que disporiam sempre da confiança da corôa, seguramente não quereriam liberdade de voto; mas não têm essa confiança, e é natural que se preparem para os tempos em que forem vencidos. Ao menos o orador tem essa esperança, e crê que se prepararão.

Passa a lêr o que disse na sessão de 1.º de junho de 1838, quando era membro do gabinete de 4 de maio. Combatia já os conservadores; defendia-se e ao ministerio da accusação que se lhe fazia de não zelar bem o principio da ordem. Dizia então que em relação a esse principio e ás grandes instituições do paiz era o orador conservador de hontem, de hoje e de amanhã. Ainda hoje, liberal como é, liberal como pretende ser, poderia repetir em um discurso, e sem corar, o que disse em 1838. isto é, que, em relação aos principios cardeaes da nossa constituição, é conservador de hontem, de hoje e de amanhã, apesar do novo nome com que christmou-se ha 10 annos.

Ninguém neste paiz tem mostrado no parlamento e em sua vida politica mais coherencia de idéas do que o orador. O senado vai ter a prova disso nos trechos de seu discurso, denunciados ao publico como o corpo de delicto de sua incoherencia politica. (*O orador lê o discurso que pronunciou na camara dos deputados no dia 1.º de junho de 1838, no qual acha-se o seguinte:*)

O nobre deputado, dando a razão de sua posição nesta casa, disse: «Sou eminentemente conservador.» Nunca me pareceu esse motivo capaz de arrastar algum a hostilisar o ministerio. *Eu tambem posso dizer que fui, que sou, e que serei conservador, porque por caracter inclino-me sempre para a conservação de todas as grandes instituições que fazem e farão a felicidade do paiz.* (*Muitos apoiados.*) Não é, portanto, esse o ponto que deve separar o nobre deputado do ministerio. O paiz está convencido de que hoje nenhum partido pretende atacar as nossas instituições, de que ninguém ha que não deseje manter a ordem e tranquillidade publica.

Não era já do partido conservador que hoje existe, não promettia ser desse partido: o que dizia era que em relação aos principios cardeaes do nosso systema, tinha sido, era e seria conservador. Ainda hoje pôde repetir essas palavras, porque ainda hoje quer conservar nossas instituições fundamentaes, porque é com ellas e por meio dellas que havemos de fazer no Brazil a liberdade que admira na Inglaterra.

Repete: ainda hoje poderia dizer o que disse em 1838.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO:—Como nós.

O SR. SARAIVA crê bem que o nobre presidente do conselho se possa dizer liberal, porque seus collegas o dizem todos os dias, e até o illustrado Sr. ministro da justiça já declarou na camara que era apostolo da democracia.

O SR. FIRMINO:—Nós queremos reforma estando no governo, e VV. Excs. as querem quando estão na opposição.

O SR. SARAIVA:—Isso não é exacto. Os liberaes sempre proclamam no governo a necessidade das reformas. Se não puderão realisar-as foi isso por circunstancias que não é tempo de assignalar agora.

E já se disse que foi erro do partido liberal não ter apresentado á camara todas as suas reformas, ainda que no senado não passassem. Se tivesse feito isso, o senado teria tomado a responsabilidade da rejeição dos projectos de reforma liberal, como tomou a da rejeição de um modesto projecto de descentralisação administrativa.

O SR. FIRMINO:—Foi regeitado por sua insufficiencia.

O SR. SARAIVA:—Ah! insufficiencia! Fique, porem, seguro o nobre senador de que os liberaes não repetirão esse erro, para que não se diga mais uma vez que o partido liberal não quiz as reformas; quiz e quer: o partido conservador é que não tem as disposições de querê-las e nem de fazê-las.

São estas as considerações que entende dever apresentar hoje á apreciação do senado. (*Muito bem! muito bem!*)

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Instrucção publica.

Continuação.

O Capitão General Bernardo da Silveira Pinto, attendendo ao que lhe representou Thiago Carlos da Roca, fundador e Director d'um collegio para educação da mocidade, onde não havia outro, sendo este o primeiro que aqui se estabelecia, nomeou o Snr. Francisco Sotero dos Reis para Professor de grammatica latina d'aquelle collegio, de conformidade com a Carta Regia de 19 de Agosto de 1799 em 20 de Julho de 1824; no dia 24 prestou juramento perante o Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca Francisco de Paula Pereira Duarte, e entrou em exercicio do seu magisterio.

Em 28 de Setembro de 1800 ao Ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho escrevia o governador D. Diogo de Souza participando, que desde Dezembro do anno proximo passado se tinha visto sumamente embaraçado para coodenar o plano, que por Carta Regia de 19 de Agosto de 1799 e Aviso de 3 de Setembro do dito anno lhe fôra determinado fazer sobre as escolas regias d'esta capitania, já estabelecidas ou que de novo se devião estabelecer.

Lamentando o Governador as difficuldades, com que tinha luctado, disse que o primeiro obstaculo, que se lhe antolhou, foi o ter de calcular com o rendimento do *subsídio litterario*, pois encontrou-se logo com o deficit medio de 504\$468 reis por anno para pagamento dos ordenados dos mestres actuaes, pelo que baixou até uma Provisão Regia ordenando, que a Junta d'Administração da Fazenda Real fizesse passar por emprestimo do *cofre das rendas reais* para o do *subsídio* as sommas necessarias afim de ser o pagamento feito nos seus devidos tempos.

Disse «ter tentado por meio de arrematações em massa, ou em ramos augmentar o rendimento em questão, porem nada conseguiu.»

Sabendo porem que o Bispo desta Diocese representara a necessidade da creação d'um Collegio para educação da mocidade lembrou-se esperar, que viesse decisão de Sua Alteza Real a esse respeito, na expectativa de arranjar um systema combinado de Collegio e Aulas publicas, de sorte que ficassem preenchidas as condições relativas á ambos os objectos com a economia possivel, porem não tendo vindo resposta, resolveo participar o estado d'esta deligencia, informando ao mesmo tempo que talvez seria util, agora que se procuravão meios de a executar, expedirem-se ordens á este governo para crear uma cadeira de

*Historia Natural e Chimica*, quando a força do rendimento assim haja de o permittir, pois lhe parece d'ella resultaria grande interesse.»

É bom o saber-se, que os capitães Generaes eram os Directores dos Estudos em suas Capitánias pela Lei de 17 de Dezembro de 1794.

Não havia um *nucleo* como um *Lyceo* onde as aulas funcionassem juntas e com regularidade.

Cada aula era exercida ou em casa do Professor com todos os inconvenientes, ligados a esse methodo, ou então em casa paga pelos cofres publicos.

A estes males juntava-se ainda a inhabilidade de alguns, como se verá pelo seguinte.

O Governador Bernardo da Silveira Pinto em officio de 12 de Fevereiro de 1812 disse «que em consequencia da P. R. de 7 de Outubro de 1811, expedida pela Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação do Reino do Brazil e domínios ultramarinos, nomeou ao Desembargador desta Relação André Gonçalves de Souza para em termos legais examinar e informar sobre o procedimento e inhabilidade do Lente da aula de Commercio d'esta cidade Francisco Justiniano da Cunha, dando-lhe para artigos de exame os mesmos contidos na representação do Desembargador Ouvidor desta comarca, Francisco de Paula Pereira Duarte, que fazem o objecto da referida Provisão Regia.»

Proxada a sua incapacidade foi suspenso o professor do exercicio de uma aula tão necessaria e proficua n'uma cidade onde o commercio marítimo entre si e as mais Nações. é o seo trafico principal, e onde por isso se precisava de instrucção sufficiente das leis e estylos mercantis como tambem o conhecimento da respectiva escripturação, devendo ser preenchida por um Lente habil e de toda a moralidade.»

Pela Carta Regia de 20 de Janeiro de 1803 fôra nomeado Professor de Philosophia Dionisio Rodrigues Franco, que já era substituto desde 1788, e exercia o cargo com louvavel procedimento.

Este Professor era chamado por alcunha o *Philosophia*, e comprometteo-se muito nas luctas que aqui tiveram lugar no tempo de D. Francisco de Mello Manoel da Camara, e D. José Thomaz de Menezes.

Infelizmente não foi elle só, pois para a Metropole officiou o Governador Paulo José da Silva Gama dizendo em 10 de Dezembro de 1813, que fizera entrar no exercicio de suas cadeiras e vencimentos de ordenados os dous Professores suspensos pelo seo antecessor D. José Thomaz de Menezes, os quaes eram Dionisio Rodrigues Franco, Professor de Philosophia e advogado por Provisão Vitalicia do Conselho ultramarino, e Vicente Jorge Dias Cabral, Professor de Rhetorica e advogado em virtude das suas cartas de bacharel.»

A Junta Provisoria em 28 de junho de 1822 officiou ao Ministro Felipe Ferreira de Oliveira e Castro accusando a recepção da Portaria, que S. Exc. lhe dirigira em 3 de Abril

do corrente anno mostrando-lhe a necessidade da creação de escolas, que nesta Provincia fossem necessarias á educação da mocidade e autorisando-a para a creação d'ellas em consequencia da determinação do Soberano Congresso de 26 de Março do mesmo anno.

Marcava-se porem a cada Professor o ordenado de 150\$000 reis annuaes, pelo que officiou ainda a Junta Provisoria em 2 de Agosto dizendo ser-lhe impossivel com tão diminuto ordenado achar individuos aptos e dignos para a educação da mocidade n'um paiz, onde as urgencias da vida e a carestia dos objectos indispensaveis á mais simples subsistencia exigião muito maiores interesses, pelo que propunha o ordenado de 300\$000 reis para os Professores da Capital e 200\$000 reis para os das villas.

Respondendo ao Aviso Regio de 11 de Julho de 1823 penderon a Junta Provisoria, que em 30 de Novembro desse mesmo anno existião em toda a Provincia as seguintes escolas.

*Capital*.—Cadeira de Philosophia, regida pelo Padre Frei Manoel Justino com o ordenado de 400\$000 reis, provido por El-Rei D. João VI. em 1820.

Cadeira de Rhetorica.—Vaga.

Cadeira de Grammatica Latina.—Regida pelo nosso illustrado e venerando comprouvenciano o Sr. Francisco Sotero dos Reis, com o ordenado de 400\$000 reis annuaes, provido pela preterita Junta do Governo, como já dissemos, e somente aposentado em 14 de Junho de 1866.

Apoz tão longos annos de aturado serviço, depois de 40 annos de magisterio, percebe apenas o modico ordenado annual de 1:450\$000!

Este cidadão, no inverno da vida, pois que nasceu em 22 de Abril de 1800, no tempo do governador D. Diogo de Sousa, descança actualmente de suas lidas passadas dando á imprensa obras uteis de sua composição, como sejam as Postillas da Grammatica portugueza, o seo Curso de litteratura, a traducção dos Commentarios de Julio Cesar etc, e assim vae elle aproveitando os dias de sua existencia, tão util á sua patria, e tão gloriosa á sua memoria.

Cadeira de Primeiras Letras.—Regida pelo Padre Domingos Cadavilla Velloso, com ordenado de 150\$000 reis, provido pelo ex Governador Bernardo da Silveira Pinto. Dava aula no corredor da Igreja do Rosario.

Cadeira para meninas.—Regida por D. Justiniana Joaquina Amada, com o ordenado de 150\$000 reis, provida pela mesma Junta.

*Alcantara*.—Cadeira de Primeiras Letras.—Professor Felipe de Barros, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta Governativa.

*São Bento dos Peris*.—Cadeira de Primeiras Letras.—Professor João de Deos Soares de Mello, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Guimarães*.—Cadeira de Primeiras Letras.—Professor Manoel Gualberto Leão, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Viana*.—Cadeira de Primeiras Letras.—Professor João Mathias de Ribamar, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Munim*.—Cadeira de Primeiras Letras.—Professor Ignacio Ferreira de Carvalho, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Itapecurú-mirim*.—Dita de ditas Professor Amaro Antonio Serra, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Rosario*.—Dita de ditas. Professor Manoel de Jesus Lima, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

*Mearim*.—Dita de ditas. Professor Bernardo Gonçalves Barbosa, com o ordenado de 150\$000 reis, provido pela Junta.

(Continúa.)  
Maranhão—1869.  
Dr. Cesar Augusto Marques.

## EXTERIOR.

### França.

#### O REVD. PADRE JACINTHO.

«*Meu reverendissimo padre*.—Ha cinco annos que dura o meu ministerio em Nossa Senhora de Paris, e apesar dos ataques francos e das delações occultas de que tenho sido alvo, nunca me faltou por um instante a vossa estima e a vossa confiança. Conservo numerosos testemunhos escriptos pelo vosso proprio punho, os quaes se dirigem tanto ás minhas predicas, como a minha pessoa. Succeda o que succeder, ser-vos-hei sempre reconhecido.

«Hoje, porém, por uma repentina mudança, cuja causa não procuro no vosso coração, mas nos manejos de um partido muito poderoso em Roma, accusaes o que tinheis approvado, e exigis que eu falle uma linguagem, ou que conserve um silencio, que não seria a completa e leal expressão da minha consciencia.

«Não hesito um instante. Com a palavra falseada pela voz do superior, ou mutilada por meio de reticencias, não poderia eu subir de novo ao pulpito de Nossa Senhora. Exprimo os meus sentimentos ao intelligente e animoso bispo que me patenteou esse pulpito, e que me conservou n'elle contra a má vontade dos homens de que acabo de fallar. Manifesto por isso os meus sentimentos ao imponente auditorio que me cercava, prestando-me a sua attenção, a sua amizade. Não seria digno nem do auditorio, nem do bispo, nem da minha consciencia, nem de Deus, se podesse consentir em representar perante elles um semelhante papel!

«Affasto-me ao mesmo tempo do convento em que habito, e que, nas novas circumstancias que me crearam, muda-se para mim em uma prisão da alma. Procedendo d'este modo, não sou infiel aos meus votos; prometti obediencia monastica, mas nos limites da honestidade da minha consciencia, da dignidade da minha pessoa e do meu ministerio. Prometti-a, mas sem quebra d'essa lei superior de justiça e da liberdade real, que é, segundo o apostolo Santiago, a propria lei do christão. Foi a mais perfeita pratica d'essa santa liberdade que eu vim procurar ao claustro, ha mais de dez annos, no meio de um entusiasmo, puro de todo o calculo humano; não ousou acrescentar,—desembaraçado de toda a illusão da mocidade. Se em troca dos meus sacrificios, me offerecem hoje grilhões, tenho não só o direito mas o dever de os rejeitar.

«Esta hora é solemne. A igreja atravessa uma das crises mais violentas, sombrias e decisivas da sua existencia na terra. Pela primeira vez desde trezentos annos está não só convocado mas declarado necessario um concilio ecu-

menico; são as expressões do santo padre. Não é n'um semelhante momento que um pregador do evangelho, ainda mesmo que fosse o ultimo de todos, poderá consentir em calar-se como esses cães mudos de Israel, guardas infieis que o propheta censura de *não quere-m ladrar; canis muti, non volentes latrare*. Os santos nunca se calam. Não sou nenhum delles; todavia sinto-me pertencer a sua raça—*fili sanctorum sumus*,—e tenho sempre ambicionado seguir com os meus passos, com as minhas lagrimas, e até, se for necessario, com o meu sangue as suas pisadas.

Elevo, pois, perante o santo padre, e perante o concilio, o meu protesto de christão e de padre contra essas doutrinas e essas praticas, que se chamam romanas, mas que não são christãs e que, nas suas invasões, cada vez mais audaciosas e mais funestas, tendem a mudar a constituição da igreja, tanto na essencia como na forma do seu ensino, e até o espirito da sua piedade. Protesto contra o divorcio impio, ao mesmo tempo que insensato, que se esforcam por consumir entre a igreja, que é a nossa mãe segundo a eternidade, e a sociedade do seculo dezenove, de que somos filhos segundo o tempo, e para com a qual temos tambem deveres e afeições.

«Protesto contra essa opposição ainda mais radical e mais espantosa para com a natureza humana, ferida e revoltada por esses falsos doutores, nas suas mais indestructiveis e mais santas aspirações. Protesto sobre tudo contra a perversão sacrilega do evangelho do Filho de Deos cujo espirito e lettra são egualmente calcados aos pés pelo phariseismo da lei nova. A minha mais profunda convicção é que, se a França em particular, e as raças latinas em geral, estão entregues á anarchia social, moral e religiosa, a causa principal não está, sem duvida, no catholicismo em si, mas na maneira porque o catholicismo tem de ha muito sido comprehendido e praticado.

«Appello para o concilio que se vae reunir, afim de procurar remedios aos excessos de nossos males, e para os applicar com tanta força como doçura. Mas se receioso que eu não quero particularizar, vierem a realizar-se; se a augusta assembléa não tiver liberdade nas suas deliberações, como já não tem na sua preparação; se, n'uma palavra, for privada dos caracteres essenciaes a um concilio ecumenico, clamarei por Deus e pelos homens, para reclamar outro, verdadeiramente reunido sob os auspícios do Espirito Santo, não no espirito de partido; que represente realmente a igreja universal, não o silencio de uns e a oppressão de outros. «Soffro cruelmente em consequencia dos soffrimentos da filha do meu povo, solto gritos de dor, e o espanto apossa-se de mim: Já não está o balsamo em Gald? já não ha medico? Porque não fecha pois a ferida da filha de meu povo?»—Jeremias VIII.)

«E, finalmente, appello para o vosso tribunal, oh! Senhor Deus! *Ad tuum, Domine Jesu, tribunal appello*. É na vossa presença que eu escrevo estas linhas: é a vossos pés, depois de ter orado muito, reflectido muito, soffrido muito, e esperado muito, é a vossos pés que as assigno. Tenho a consciencia de que se os homens as condemnem na terra, vós as approvareis no céu. É isto sufficiente para que eu possa viver e morrer.—ff. Jacintho, superior dos carmelitas descalços de Paris, segundo definidor da ordem na provincia de Avinhão.

—Paris—Passy, 20 de setembro de 1869.»

«Eis aqui o quinto anno que o padre Jacintho, prega o advento sob as abobadas da antiga igreja de Nossa Senhora de Pariz, o que equivale a dizer que a cinco annos a sua palavra eloquente levava ao templo uma multidão escolhida, em que tem os seus representantes a sciencia e as letras, as artes e a industria.

Uma vez podia ser a surpresa e a cu-

riosidade, ainda que esta surpresa e esta curiosidade hajam tido magníficas occasiões de se satisfazerem com os oradores sagrados que hão precedido ao padre Jacintho no pulpito de Nossa Senhora, porém quando a mesma multidão recorre ao mesmo caminho, com intervallos tão longos, é que ha um objecto mais elevado e nobre.

Com effeito, este objecto é por uma parte a inspiração e a emoção por outra.

Entremos na antiga igreja no domingo ao meio dia. Já uma porção de pessoas estão sentadas no recinto privilegiado ou se espalham em as navas lateraes. Logo depois chegam outras em numero crescido, que buscam assentos, até que todo o espaço apresenta o aspecto de um formigueiro de cabeças. Cada qual trata de aproximar-se o mais possível do pulpito que vai ser occupado pelo homem de habito branco, e as apinhadas filas dos ouvintes conchegam-se no meio do silencio.

A uma hora da tarde emfim o padre Jacintho apparece e põe o pé no primeiro degrão. Nenhum murmúrio se ouve então, a não ser o ruido ligeiro de alguns passos cautelosos que se apressam e echôam sob as abobadas. Depois cala-se tudo e immediatamente resôa a voz do orador.

É sabido que o padre Jacintho dirige-se mais especialmente aos homens. São conferencias mais do que sermões, e estas conferencias tratam de materias que, sem sahirem do dogma, robusto fundamento de sua argumentação, tocam á philosophia, á historia á sciencia social, e penetram rapidamente no mais intimo das questões mais intrincadas que se agitam entre nós. Combate em favor da igreja como um vigoroso e convencido athleta, empregando as armas não só da eloquencia, senão da sciencia, pois que *in continenti* se vê que não desconhece problema algum dos que se agitam nas escolas e nos livros.

Neste ponto o padre Jacintho parece-se com o padre Lacordaire; tem os seus mesmos arrojos oratorios, e produz iguaes effeitos.

Se eu devesse caracterisar com uma palavra seu tão grande talento, que manteve desperta durante cinco annos, e sem um instante de cansaço, a attenção dos parizienses, diria que elle possui a vida.

Assim é que domina o seu auditorio, commove-o, exalta-o e leva-o até aos cumes onde a sua ardente palavra busca a verdade.

Em suas duas ultimas conferencias, o orador sagrado fez a historia do judaismo, mostrando nelle o antepassado do christianismo; mostrou o templo sahindo da sinagoga, e nos apostolos os filhos dos patriarchas e successores dos prophetas. Do Sinai, d'onde baixou Moysés, até o Golgotha, aonde subio Jesus Christo, a linha não se interrompe, e passa por Ezequiel e David, para chegar a S. João e a S. Pedro. A mesma idéa, atravez das idades, estende-se e ampliasse como um rio.

Escutando o padre Jacintho no magnifico elogio que fazia da lei e da sociedade judia, sob as abobadas da cathedra de Pariz, ninguém podia deixar de retroceder ao passado, aos tempos em que ao pé das muralhas que elle com a voz animada, maldiziam, feriam e condemnavam a todos os ultrages a raça judia, quando não a entregavam ao verdugo.

Porque o padre Jacintho se dirigia aos homens não deve crer-se que as senhoras se acham excluidas de suas conferencias. Ao contrario; ha muitas que não perdem uma só, e o que as surprende nesta occasião é que não sejam ellas as que tem melhores lugares. A galanteria fica á porta da igreja. As conferencias são masculinas; o padre Jacintho falla á cidadãos, aos escriptores, aos advogados, aos sabios, aos artistas, aos magistrados, a todos aquellos que vivem da intelligencia. Não ha duvida que as mulheres, mães e irmãs destes cidadãos, podem tomar parte no seu ensino, mas não são convidadas.

O retrato que *Illustration* offerece hoje do celebre religioso, dá uma justa idéa de sua phisionomia, cujo caracter principal é a firmeza: tem uma cabeça bem modelada, com um perfil accentuado. A bocca é expressiva, o olhar profundo e sereno, a linha do nariz fina e como traçada por um buril vigoroso. Quando sorri, uma suavidade repentina pinta-se naquella austero semblante.

No pulpito, o padre Jacintho tem o ademan sobrio, a voz é forte e igual; porem se de repente tem que expressar uma dessas idéas inflamadas que lhe são familiares, uma dessas imagens que se gravam na memoria, uma dessas inspirações que tanto levantam a palavra, anima-se-lhe o ademan, estala-lhe a voz, e tanto pela autoridade de sua attitudé como pela penetrante vehemencia do accento, recorda repentinamente aquelles padres da igreja cuja magestosa nomeada abriu passo atravez dos seculos.

Fôra das horas que consagra ao pulpito, o padre Jacintho vive em um retiro absoluto, em uma casa de modesta apparencia, em Passy, que se distingue por uma humilde cruz de madeira preta, pregada em cima da pequena porta da entrada. Quatro cadeiras de palhinha e uma mesa guarnecem-lhe a salinha quadrada, onde uma vez por semana recebe as pessoas que lhe desejam fallar das cousas relativas ao seu ministerio; o resto do seu tempo pertence ao estudo e á meditacão. Não ha uma hora de predica que não represente dias e noites de trabalho.

Tem-se dito, e talvez seja esta a occasião de repetil-o: Não ha em Pariz reputação enganosa. Costuma haver sem duvida surpresas á moda, passam como o fumo. Quando as reputações persistem é que são merecidas. Cada anno que passa augmenta em brilho e solidez a do padre Jacintho. O tempo consagrou-a.

Algumas palavras concluirão este rapido esboço de uma das personalidades mais eminentes de nossa epocha, tão fertil em contrastes, palavras que terão o valor intrinseco de uma noticia biographica. O que, porém, dizer, em verdade? A vida do padre Jacintho é toda de trabalho. Não sae do seu retiro senão para subir ao pulpito. Os unicos acontecimentos de sua vida são as suas conferencias. Uma vez ouvida a sua palavra, torna ao silencio e á obscuridade de sua cella.

2 de janeiro de 1869.

AMÉDÉE ACHARD.

## VARIEDADE.

### O Catholicismo e o protestantismo.

São do protestante Cobet estas considerações:

«... Porem agora limitar-me-hei á accusação contra a Religião Catholica, de que ella é desfavoravel ao *Genio*, e ao *Talento*, e em uma palavra aos *poderes do espirito*. Ninguém pode ouvir uma asserção tão estranha, o á primeira vista tão estúpida, que não suspeite, que o fim de tal asserção, é quererem conservar os roubos que fizeram.

Aquelles, que com tão pouca vergonha, avançam uma tal proposição, não nos provão que a Religião Catholica tem uma tal tendencia. Contentam-se com uma asserção esteril, suppondo, que não precisam de provas, como se precisam para as outras questões. Elles asseveram, e tornam a asseverar, e em uma questão, que elles julgam depender só de *gritórias*, julgam que seu triumpho é certo. Porem esta questão admite provas e muito boas provas. A *Reforma* em Inglaterra, quasi que ficou completa no anno de 1600: depois disso acabou toda ignorância e superstição fradesca.

Os mosteiros foram quasi todos demolidos, o povo do moço S. Eduardo tinha roubado todos os Altares, e a Virgem Rainha tinha concluido a expoliação, do

modo que em 1600 tudo estava completamente *Protestante*.

Muito bem. O reino de França ficou entregue á ignorancia, e á superstição fradesca até ao anno de 1787: que é o mesmo que 187 annos depois que a *feliz* Inglaterra brilhou com a luz do *Protestantismo*. Ora pois se nós examinarmos com cuidado, e contarmos os homens famosos em todas as Artes e Sciencias, que produziu a França n'estes 187 annos, e os que produziram durante o mesmo periodo, a Inglaterra, Escóssia e Irlanda, teremos um bom fundamento para julgar do poder que tem as duas Religões na sua influencia sobre os conhecimentos, Genio, e o que geralmente se chama Sabedoria.

Oh não! Dizem os aticadores. França é muito maior, e contem mais gente do que estas tres ilhas, e portanto a comparação não é igual. Não vos atemorizeis, aticadores: estas ilhas contem 21 milhões, e os Francezes dizem, que elles tem 30 milhões. Quando nós tivermos as quantidades, diminuiremos uma terça parte, que ficará a nosso favor. Se por exemplo os Francezes não tiverem 3 homens famosos por cada dois dos nossos; então eu confessarei, que a Igreja estabelecida por lei com toda a sua familia de Muggletonians, Camevoniens, Inpers, Unitarians, Shalher, Qualhers, e o resto da descendencia Protestante, são mais favoraveis ao genio, conhecimentos e sciencias do que a Igreja Catholica.

Mas como podemos nós ter os numeros? Eu as acharei em uma obra, que adorna todas as livrarias da Inglaterra: quero dizer, o DICCIONARIO UNIVERSAL-HISTORICO-CRITICO-BIOGRAPHICO. Esta obra é reconhecida em todas as partes como *autoridade*. No que diz respeito aos *factos*; contem listas de pessoas de todas as nações, *celebres pelas obras* que publicaram. Então para ter lugar n'estas listas, a pessoa deve ter-se *distinguido realmente*; sua, ou suas obras, devem ter sido reconhecidas por dignas de noticia universal.

D'estas listas eu tracei os numeros, como já disse; não será preciso procurarmos todas as Artes, e Sciencias; 8, ou 9 será sufficiente. Será bem, que tambem entrem os ITALIANOS de volta com os FRANCEZES: porque nós todos sabemos, que elles vivem em a mais *abjecta ignorancia*, e *superstição fradesca* e que elles pobres, *almas desgraçadas*, tem vivido até hoje sem terem sido roubados.

Vamos a conta: e vós tendes só a observar que as cifras representam o numero das pessoas que foram famosas nas artes ou sciencias, que estão defronte dos nomes, onde as cifras estão postas. O periodico é desde o anno de 1600 até 1787, durante o qual a França esteve debaixo daquelle jugo, ao qual (o manco Jorge Hoze) chama, *escuro, ou negro despotismo* da Igreja Catholica, e ao qual *Blackstone* chama *superstição, e ignorancia fradesca*, e neste mesmo tempo estas tres ilhas estiveram afogadas em *labareda de lume ou luzes* que lhes mandavam *Luthero*, e os seus sectarios. Aqui pois está o calculo.

Inglaterra, Escocia e Irlanda França Italia.

Autores em leis.....	6	51	9
Mathematicos.....	17	52	15
Medicos e cirurgiões.....	13	72	21
Historia natural.....	6	33	11
Historiadores.....	21	139	22
Dramaticos.....	19	66	6
Grammaticos.....	7	42	2
Poetas.....	38	157	31
Pintores.....	3	61	44
Total.....	132	676	164

Aqui tem Vossas Mercês a verdadeira ESCALA. A este respeito. Ha pouco, um modesto escripter escocoz divulgou o seguinte: Em toda a Europa a escala do *entendimento* é muito maior nos países protestantes, do que nos Catholicos, porém os Catholicos, que são vizinhos dos protestantes tem mais *entendimento* do que os que estão longe d'elles. Eis-aqui uma bella amostra da pouca vergonha destes imprudentes Protestantes. A escala supra é a resposta mais terminante. Tiremos uma terça parte aos France-

zes, em razão da sua maior população, e ainda lhe ficam 451, para os nossos 132; de modo que elles tem como *trez vezes e meia* mais entendimento do que nós, ainda que elles estivessem sepultados em todo este tempo na ignorancia e superstição dos Frades, e não tivessem visinhos *Protestantes*, dos quaes podessem tirar o entendimento. Mesmo os Italianos nos excedem n'esta rivalidade de *entendimento*, pois que não sendo a sua população igual á nossa, o seu numero de homens grandes excede muito o nosso. Porém eu não troco as coisas.

Só se o Escocoz entende que o *entendimento* significa capacidade para fazer, não Livros, e Finturas, mas *Cheeks bills-bonds, Exchequer, Bills, inimitable notes*, e outras cousas semelhantes. Talvez elle quizesse dizer Anctores de *Loan-jobbing*, e *Stock jobbing, insurance broking, annuities* a 10 por cento, (*Kife-flying*) e todos estes resultados dos procedimentos do *ente dimento* de Chango-Allei: não esquecendo as Obras semilhantes ás de ASBTT, e FAUNTE—ROY.

Ah! nestas, eu confesso que tem razão. E nestas escala os Protestantes ficam muito superiores aos Catholicos. Eu julgo quasi impossivel que um Catholico, viva na vizinhança dos Protestantes, sem que adquira mais entendimento, quero dizer, da velhacaria judaica, do que se vivesse longe d'elles.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

—Parece hoje fóra de duvida que o governo francez se fará representar junto do concilio ecumenico por um prelado francez. Este prelado será o arcebispo de Bourges, irmão do ministro dos negocios estrangeiros.

—A imperatriz é esperada em St Cloud depois de amanhã, ou no dia seguinte. A intenção do imperador é de partir immediatamente com ella e seu filho para o acampamento de Chalom, onde conta ficar até ao dia 13 de Setembro, que o dito acampamento deve ser levantado.

—A projectada viagem da mesma senhora a Constantinopla e ao Egypto por occasião da abertura do istmo de Suez é hoje sumamente duvidosa em razão de desavenças graves, que subitamente surgiram entre o sultão e o vice-rei. O primeiro exige que o segundo, como garantia da sua fidelidade, lhe entregue os navios encouraçados e armamento de que ultimamente fez acquisição. O kléide resistirá, e eis-aqui a guerra declarada.

—O general Lebeuf, que acaba de ser nomeado ministro da guerra em França, nasceu em 3 de novembro de 1809.

Foi discipulo da escola polytechnica, na qual entrou em 6 de novembro de 1828, e da escola de artilharia de Metz, como alferes, em 6 de agosto de 1829.

Em 1833 recebeu as dragonas de tenente, e em 1837 as de capitão; em 13 de setembro de 1846 foi nomeado chefe de esquadrão; sendo dous annos depois encarregado com o segundo commandante da escala polytechnica, cargo em que se conservou desde 1848 até 1850.

Nomeado coronel em 10 de maio de 1852 fez a campanha da Criméa, e foi promovido a general de brigada em 1854, e a general de divisão em 21 de dezembro de 1857.

O imperador conferio-lhe o commando da artilharia, durante a campanha da Italia em 1859.

Mais tarde foi nomeado ajudante de campo do imperador e membro da commissão de artilharia.

O general Lebeuf recebeu cruz de official da legião de honra em 1840; o grão de commendador em 11 de outubro de 1850, e a placa de grande official em 25 de agosto de 1859.

Foi ultimamente nomeado ministro da guerra pela confiança que nelle depositou o imperador Napoleão,

San'Luiz —Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Aguiar.

# A NAÇÃO.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—A. A. DE ASEVEDO.

## A NAÇÃO.

Maranhão, 17 de Novembro de 1869.

### Galeria Philosophica.

#### A LOGICA DAS REVOLUÇÕES E A LOGICA DA PAZ.

Quasi que podemos considerar hoje no Imperio formados dois partidos que apresentam idéas diametralmente oppostas, mesmo independente dos interesses partidarios.

Uns clamam pela reforma radical, ou então pela revolução; outros optam pela estabilidade das medidas tomadas, apoiam e defendem vigorosamente o terreno possuído.

Tem-se duvidado da sinceridade dos primeiros, afirmando que o echo pouco agradável senão terrífico de: ou a revolução ou a reforma, é motivado por despeitos, e azedamentos mal entendidos, em razão de um desapeamento forçado.

Duvida-se também da justeza e sinceridade da defesa dos segundos, sustentando-se ser puro optimismo, motivado pela posse do poder.

No meio desse chaos, revoltissimo—ergue-se pó, fumo e voseria que não é facil formar um ecclétismo.

Haja paz—Haja guerra—Venham as reformas e que sejam radicaes—Conservemos o estado das cousas, tudo vai muito bem—Eis a voseria que estruge pelo ar, rebôa pelas encostas dos Andes e abala a folhagem das mattas virgens.

Entretanto no meio de tudo isto o povo, que sempre tem bom tino, vai caminhando algum tanto meditativo e pronunciando: *nem tanto ao mar, nem tanto á terra*.....

Más os contendores não querem ecclétismos, e gritam: *quem não é por mim, é contra mim*.

Porém o povo não está por estas formulas absolutas, pronunciadas pela boeca divina é verdade, mas com applicação differente.

De ambos os lados ha exagero. A ex-terilidade que se tem manifestado nas differentes epochas, que as nossas facções partidarias tem occupado o poder, é signal palpavel que tanto movimento estrepitoso revolve-se em o vacuo do nada.

É em razão dessas decepções que o povo hoje não está pela maxima d'outrora que diz: *a cabeça dos sabios prepara as revoluções e o braço do povo as executa*.

Porém como nos haveremos diante destas scenas? A qual porção pertenceremos? Se cruzamos os braços, pactuamos com esse embotamento malho-metano, que estraga e mata o Imperio; se acompanharmos o lado hostil, vízamos a revolução....

Não; procuraremos o lado que apresenta melhor somma de bens, e ahí parando nos exforçaremos por afastar as más idéas.

As doutrinas que havemos expor serão solidificadas—O leitor ficará satisfeito; esperamos. Temos por varias vezes agredido ao movimento actual e passado do Imperio; mostrando a necessidade das reformas: o programma ainda é o mesmo.

Muito temos a fazer, muitas reformas palpitam urgencia.

É necessário resistir ao estado actual de cousas, e fazer energica opposição.

Mas como se fará essa obra, cuja necessidade é por todos reconhecida?

Eis a difficuldade maxima.

É para lamentar que qualquer voz que se erga em prol das melhoras, das reformas seja abafada sob o pesado epitheto de revolucionaria.

É andar muito atrasado o considerar o poder cousa tão sagrada que não pôde ser atacado.

Porém este esforço por mais tenaz que seja, esmaga-se e se esvai como pó diante das scenas da humanidade, e da consciencia do homem livre, e conscio dos seus direitos e deveres.

O poder é sagrado inviolavel, e o poder pôde ser atacado, mesmo a viva força, a braço armado, e derribado como padre idolo—Não se escandalisem porém os aduladores do poder, com estas idéas, que havemos de provar estas proposições com os Publicistas mais catholicos, e os theologos mais afamados e orthodoxos, extremando-nos das theorias impias de Montesquieu, da soberania popular.

Proseguiremos.

#### Da educação liberal.

O profundo philosopho que disse «A opinião publica é o grande poder do século desenove» proferiu uma grave e solemne verdade; porque reconheceu a soberania sagrada do pensamento, a inviolavel expansão da vontade do rei da criação.

Quando o auctor do universo debruçou-se sobre a figura inerte, talhada por suas mãos, no vergel do Eden, e animou-a com o sopro divino, communicou-lhe uma inspiração sublime, a liberdade.

A dadia conferida tam expontaneamente por Deus, que a quiz vêr em exercício para terem as operações humanas o merito ou demerito, só o tumulto arrebatava; por que limita o peregrinar da vida.

Pois bem, ao homem cumpre cultivar o dote, aperfeiçoal-o. A lei do progresso, as necessidades que o cercam, a sociedade que o recebe no ferço, e o conduz á sepultura, lhe dictam, por seu turno, outro preceito aliás obrigatorio—te educa, te instrue.

Não pode, porem, a creatura eximir-se do cumprimento sagrado desse dever soberano. Tyrannisa sua consciencia, torce as leis do seu destino, falia ao dever de homem, o que procede em diametro opposto.

É, segundo o modo pelo qual adoptam os povos a gerencia de seu bem sêr, regulando seus negocios, escolhendo seu governo, por esse também deve modelar sua educação.

Os paizes em cujo gremio habitam milhões de individuos, que elegeram um soberano para não só os governar mas ainda para pensar por elles, dispensam a educação.

Ahi, ella se constitue o apanagio das classes elevadas, senão o monopolio da dynastia, que a circumscreve no ambito dos regios palacios, ou a clausura nas camaras e aposentos do rei.

Essa massa informe de entes, essa aglomeração de individuos, verdadeiro rebanho docil, instrumento passivo do seu pastor, não vive, vegeta; por que não é livre: é não é livre por que não pensa: e não pensa porque não se educa.

Onde, porem, quer o povo saber como se o governa, ou, para bem dizer-mos, onde o povo constitue seu governo, escolhe seus mandatarios; onde, em uma palavra, o povo é eleitor, necessita de educação.

Não é uma nação propriedade de um homem, de uma familia privilegiada, nem herança, que se legue em testamento como um objecto, um móvel, não: seria degradar a espécie humana subjeital-a á verba testamentaria de um membro da familia universal.

Têm o direito todos de governar-se á si: o soberano é um depositario apenas: ahí ultíra-se sua missão, e por isso é mister não descurar o povo da superintendencia dos seus interesses, da vigilancia dos seus negocios, que olham de perto seus destinos.

Somente pela educação, que nos dá a luz, radica-se e gera-se a nobre ambição de intervir na gerencia do que mais interessa ao homem social. E essa educação pela natureza da sociedade em que se vive deve sêr a sua expressão.

No systema representativo, baseado no suffragio universal, a educação, acompanhando a extensão do suffragio, restringe-se ou amplia-se conforme é elle mais ou menos lato, mais ou menos amplo, segundo a missão dos electores.

O regimen do Brazil, prescripto na charta constitucional, é de sua essencia democratico: esse regimen para sua cabal execução e desempenho exige uma educação amplissima, vasada nos moldes mais perfectos da liberdade.

Foi por isso que a constituição prometteu-a gratuita e universal. Tal pensamento, verdadeiramente harmonico ás instituições patrias, deve de sêr a consequencia da illustrada vontade dos patriarchas do imperio.

A instrução, pelo menos a primaria bem organizada e dirigida, é um dever dos brasileiros possuil-a, como do governo, generalizando-a, concedê-la. O cidadão que não se educa, o governo que não dá a instrução, ambos faltam á seu dever.

Os publicistas, que têm estudado a questão da instrução publica debaixo do ponto de vista da liberdade são accordes a respeito.

Um escriptor, mui festejado entre nós, do qual algumas opiniões adoptamos, o eloquente Sr. Ed. Laboulaye, diz:

«Esclarecer o povo é a questão mais importante do futuro. O que é, pois, o suffragio universal? É uma força omnipotente, por conseguinte, uma força, que consoante a direcção que leva ou que recebe pode fazer com igual energia o mal ou o bem.

«Pode o voto popular sustentar ou derribar um governo, pode salvar ou perder a nação. Já que introduziram na constituição uma força desta natureza cumpre instruí-la, porque é intelligente; moralisá-la, porque é soberana.

«Em uma nação de suffragio restricto põe-se a garantia no censo, na propriedade, no pequeno número dos electores; em uma nação de suffragio universal não há destas precauções exteriores, destes limites mais ou menos efficazes; na alma do elector é que reside a garantia, é por tanto á esta alma, que há mister esclarecer e moralisar.

«Em tal caso, conclue o illustre escriptor, a educação popular não é mais simples questão de moral e de humanidade, é a PRIMEIRA DE TODAS AS QUESTÕES POLITICAS.

Os paizes adiantados em liberdade o são também em materia de instrução. Ahí estão os Estados-Unidos e a Alemanha, que comprovam ex abundancia o nosso acerto.

Um escriptor allemão, fallando do progresso scientifico do seu paiz, diz: Para todos os paizes, e principalmente para aquellos que se glorificam de sêr livres é o adiantamento da instrução publica um interesse de primeira ordem.

Um sabio francez, o Sr. Laveylee, apreciando a vida americana, diz: Na america a leitura é um habito quotidiano, a fonte da prosperidade geral, e a condi-

ção essencial da conservação das instituições republicanas.

Ora, esses dois paizes, modelos de liberdade e de instrução, provam que uma é essencial á outra, que ambas se auxiliam e mantem-se reciprocamente.

Entre nós marchamos em rumos diversos, mantemos a liberdade na charta, e o governo por seu lado alimenta a ignorancia no povo.

Proseguiremos.

### PARLAMENTO.

#### Senado.

##### DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO.

O Sr. POMPEO sente que a discussão do orçamento se tenha prolongado facto, que o governo se mostre impaciente, receoso de que falte tempo as leis annuaes; e sendo proposito da opposição votar o orçamento, deixaria mesmo agora de tomar a palavra, se disto dependesse o encerramento do debate; porém, como assim não succede, visto que ha mais alguns oradores inscriptos, pede licença ao senado para preencher o resto da sessão de hoje.

Não estava presente em outro dia quando o nobre ministro do imperio começou o seu discurso, em que fez-lhe a honra de tomar em consideração algumas de suas observações; mas constalhe que S. Exc. sentindo não dispôr de muito tempo para tratar de todos os objectos que foram trazidos á discussão, se limitára ao que era mais essencial e concernente á sua repartição, e que por isto em resposta aos factos por vezes trazidos á tribuna do senado, deponentes contra a situação conservadora, S. Exc. se servira da imagem do realejo com bonecos dansantes. Surpreendeu-lhe que S. Exc. trouxesse este argumento ao senado, tanto mais quanto, tendo sido geralmente tão bem tratado, era do esperar que os oradores que haviam discutido com o nobre ministro recebessem a mesma prova de benevolencia.

O orador passa ao orçamento, e bem que não caiba precisamente nesta discussão uma ligeira apreciação que vai fazer, pede licença para apresental-a, visto como tem muita connexão com o assumpto.

Uma das capitais promessas do programma de 16 de Julho é a economia; mas em vez de um orçamento normal em que se equilibrasse a despesa com a receita, o governo apresenta um orçamento para dous exercicios, com deficit crescente em ambos. E esse deficit avulta ainda mais com os projectos votados pela camara dos Srs. deputados, e já remettidos ao senado, engrossando algumas verbas de despesa do orçamento e creando novas.

Adoptados esses projectos, a despesa se elevará muito acima da orgada o deficit de 4,000,000\$ já demonstrado pelo orador crescerá na razão dos seguintes algarismos: (O orador menciona os projectos votados na camara dos Srs. deputados e com a numeracão respectiva do senado, cujo total é de 9,573,600\$ reis.)

Como é que um governo se proclama economico, consente que se decrete no orçamento o fôra della uma despesa excedente á receita em treze mil e tantos contos de reis? Como é que um governo que se proclama economico, não tem podido obter dos amigos de sua camara unanime, que não insistam na decretação desses servicos, a usar de recursos extraordinarios para satisfazê-los? Também não pôde deixar de tomar em

consideração o art. 21 additivo do orçamento que estabelece um imposto progressivo sobre os bens dos conventos. Já os precedentes oradores discutiram esta materia com toda a lucidez, da sciencia; apenas como um protesto unirá sua voz a de seus collegas, e dirá muito pouco.

No seu entender esta medida é inconstitucional, injusta e prejudicial.

É inconstitucional, porque, garantindo a constituição em toda a sua plenitude a propriedade, não se póde arrancar por essa maneira a propriedade de quem quer que seja. A constituição ordena que cada um contribua para as despesas do Estado, conforme suas rendas; não permite que a contribuição suba ao ponto de expoliar ou arrancar toda a propriedade. Ora, o imposto progressivo, tal como se acha no additivo, absorve não só a renda, como em meia duzia de annos extinguirá a propriedade dos conventos, e portanto é inconstitucional.

É tambem injusta, não só por esse motivo, como tambem porque, como sabe o senado, o patrimonio dos conventos é composto de doações particulares destinadas a objectos pios e espirituaes, como suffragios ou outros beneficios de piedade para desencargo da consciencia; desde que o Estado lança mão dessa propriedade, esses fins pios e espirituaes deixam de ter execução, e por consequencia uma tal medida é clamorosamente injusta. É finalmente prejudicial, ao menos com relação á ordem de S. Bento que, como sabe o senado, faz serviços notaveis ao Estado; presta educação gratuita a moços pobres, distribue grande parte do seu patrimonio em esmolas, admite em suas terras familias menos abastadas que as cultivam.

Essas familias ficariam de repente desamparadas, sem habitação ou recursos, se essas terras fossem arrematadas.

O nobre ministro do imperio em seu relatorio, orga o patrimonio da ordem de S. Bento em 3,000:000\$, produzindo a renda annual de 210:000\$, é uma renda avultada de que essa piedosa ordem faz uso pio e proveitoso ao Estado. A conversão forçada desse patrimonio em apolices dará occasião a especulações vergonhosas, e não produzirá renda igual; portanto ainda por este lado será prejudicial á ordem e ao Estado.

E qual o fim que se propõe o governo com esta medida? É certamente chamar a si o patrimonio das ordens; mas para que o governo se apressa com essa iniquidade? Essas ordens não podem durar mais que alguns annos; compõem-se de meia duzia de cenobitas avançados em idade que já não podem ter longa vida.

Ha muito que o governo impedia o ingresso nas ordens religiosas, facto de que em outra occasião o orador occupou-se na tribuna do senado, mostrando que pelas nossas leis, especialmente pela constituição, não podia ser vedado a cidadão nenhum fazer votos monasticos, desde que com isso não offende direitos de ninguem; mas, enfim, o facto é que todas as ordens religiosas estão limitadas a poucos monges que não podem viver muito tempo; com a morte delles, os bens das ordens devolvem-se ao Estado; por consequencia, que necessidade ha de anticipar a posse desses bens, quando elles estão sendo mais bem administrados do que se fossem do Estado?

O orador não quer fazer a apologia das ordens religiosas; ellas tiveram seu tempo: prestaram relevantes serviços á religião, ás letras e a humanidade, e especialmente no Brazil como já foi notado pelo nobre senador pela Bahia, e se em alguns paizes tem feito males, aqui só fiseram bem; mas hoje entende o nosso governo, como tem entendido os governos de outros paizes, que ellas não tem mais razão de ser:—são cousas de época; porem ao menos não seja-se ingrato para com ellas: pedem a justiça, a gratidão e a caridade que respeitem-se esses restos venerandos em memoria de

antigos e grandiosos serviços; deixem que esses velhos monges acabem seus dias, que já não podem ser longos, nas suas cellas, em seus conventos; depois de sua morte tome conta o Estado de seus bens.

Ainda hoje, e o nobre ministro o reconheceu, ha religiosos que prestam valiosos serviços ao paiz pelo seu santo ministerio; apontou S. Exc. frei Caetano, e com acerto, porque esse venerando religioso é um dos nossos missionarios que mais se têm distinguido em obras meritorias e uteis á religião: ha um frei Serafim, apostolo da caridade, muito conhecido nos bispados de Pernambuco e Ceará, pelo seu zelo evangelico, que acaba de prestar relevantissimo serviço no Ceará: lá está no Paraguay frei Fideles, abençoado por todo o exercito. E já que falla nesses venerandos apostolos da caridade, não esquecerá o seu veneravel patricio, padre Dr. Ibiapina, digno emulo na carreira apostolica desses benemeritos missionarios.

Citou o nobre ministro a autoridade de ministros e de bispos, parecer do conselho de estado, aconselhando a conversão dos bens dos religiosos em apolices. O orador declara ao senado que, ainda quando todos tivessem concordado nisto, nem por isso achava justa a medida; e expõe ao nobre ministro que suas citações não têm applicação á especie vertente, isto é, á conversão forçada de todos os bens das ordens; esses pareceres referiam-se a bens abandonados ou incultos, e tratavam de harmonisar os interesses do Estado com os direitos das mesmas ordens, sem violentalas. Da maneira que hoje se propõe não cre que os prelados, nem o conselho de Estado houvessem aconselhado, por que importa uma espoliação.

Fallou o nobre ministro das assembleas provinciais; é com effeito para lamentar a decadencia desta instituição; dir-se-hia que ha o proposito firme da parte do governo desacreditar as assembleas provinciais para acabar com ellas. Só assim explica-se a facilidade com que os presidentes de provincia ou fazem com que as assembleas não se reúnam e não votem as leis annuas, como acaba de acontecer no Maranhão, onde a assembléa retirou-se um mez antes de votar o orçamento, ou suspendem as leis provinciais sem se importarem com as consequencias.

Pede permissão para ponderar que, permitindo o acto addicional a criação de uma segunda camara á requisição das assembleas provinciais, não ha inconveniente algum em que uma lei ordinaria regule ou estabeleça as condições da existencia dessa segunda camara.

Perguntará ainda ao nobre ministro, com relação aos negocios ecclesiasticos, se elle teve participação ou communicação da bulla *Eterni Patris* de 28 de Julho de 1868, convocando o concilio ecumenico; se S. Exc. communicou alguma cousa a este respeito aos prelados do Brazil, se os autorizou ou concedeu-lhes licença para irem á Roma; se finalmente está disposto a conceder ajuda de custo para a viagem destes prelados.

Tambem desejava que o nobre ministro lhe informasse porque razão tem deixado de haver concurso nos diversos bispados, se acha-se derogado o alvará das faculdades de 1781 e o concilio de Trento nesta parte, porque nota o senado que bispados ha como o do Ceará, onde ha 12 ou mais annos não se abre concurso, em que dous terços das freguezias estão providas com vigarios interinos.

Pareceu aos padres de Trento tão importante e urgente o provimento perpetuo dos beneficios, que ordenaram que apenas vagasse uma freguezia ou beneficio curado, se mandasse pôr em concurso para ser provido: ora este preceito confirmado por diversas leis do Estado, e notadamente pelo alvará chamado *das faculdades*, acha-se hoje quasi em desusos entre nós, ao menos no bispado

do Ceará, e se não se engana, ha dous annos passados, tambem havia oitenta e tantas freguezias no bispado de S. Paulo providas intirrinamente.

Lembra-se de ter lido no relatorio do nobre ministro um aviso recommendando ao vigario capitular de S. Paulo que mandasse pôr em concurso uma determinada freguezia. Como é que o nobre ministro tão solícito pelo provimento dessa freguezia, esqueceu-se de que ha centenas dellas vagas nos diversos bispados do Imperio?

Concorda com o nobre ministro nos sentimentos que manifesta ácerca da extincção do que se chama emolumentos e direitos parochiaes: mais de uma vez tem clamado da tribuna do senado para que se acabe com esta pratica; não ha nada que comprometta mais a religião aos olhos do povo, que nem sempre faz distincções entre os abuzos e osãos preceitos, do que essa perniciosa pratica dos pastores exigirem de seus freguezes uma esportula, um donativo pecuniario pelo serviço religioso que admistristra.

Entretanto houve necessidade, até certo ponto justificavel, e foi admittida a pratica dos parochos e alguns beneficiados perceberem ou auferirem certos direitos a titulo de soccorros corporaes; mas semelhança pratica degenerou em abuso, e hoje em todos os bispados, os parochos de diversas freguezias usam de direitos diferentes, uns cobram mais, outros cobram menos, e alguns exercem verdadeira extorsão, que não é compativel com os sentimentos da caridade ordenada pelo Evangelho. (*Apoiados.*) *Gratis date, quod gratis accepistis*, disse Jesus Christo.

Pede, portanto, ao nobre ministro que faça cessar esse abuso, essa inconveniencia, ou pedindo lançamento de um imposto parochial para occorrer ás despesas da egreja, ou augmentando os recursos dos vigarios, se porventura o thesouro puder comportar esse augmento, comtanto que acabe inteiramente com essas vexatorias exigencias que fazem alguns parochos a seus freguezes, em prejuizo de seu ministerio, da egreja e da religião.

Reconhece que ha excepções muito honrosas; quer mesmo suppôr que a maioria não abuse; mas infelizmente ha máos exemplos.

Quizera tambem perguntar ao nobre ministro porque razão não deu noticias do estado dos seminarios do Brazil. Concebe perfeitamente a independencia dos prelados, em relação ao ensino religioso nos seus seminarios; mas uma vez que o Estado mantem esses estabelecimentos, é mister que o governo saiba do modo porque ali se procede, saiba o que é que se ensina nesses seminarios e quantos aprendem nelles. (*Apoiados.*) Não ha um relatorio que traga um mappa, ou pelo menos uma noticia dos alumnos que frequentam os diversos seminarios do Imperio; nem mesmo sabe-se o que ali se ensina.

O Sr. FURTADO:—No seminario do Pará ensina-se geographia, negando-se a existencia do reino da Italia.

O Sr. POMPEO:—Quizera que o nobre ministro lembrasse aos bispos a conveniencia de lhe darem noticia do movimento de seus seminarios, o que é que nelles se ensina, quantos alumnos têm, e o que é que ali se tem obtido? (*Apoiados.*) Sabe que se têm demittido lentes do seminario (não vai entrar nesta questão, o bispo estava no seu direito); mas não sabe se elle abusou, e quizera saber. Porque razão os professores dos seminarios são os unicos funcionarios no Brazil que não têm direito, em sua velhice, depois de muitos annos de serviço, a uma remuneração quando cahem em invalidez? Alguns professores dos seminarios têm casinado durante trinta e quarenta annos, tornão-se invalidos pela velhice e não têm direito á jubilação como qualquer outro professor! O nobre ministro ha de confessar que isto é iniquo; é a unica classe de funcionarios a que não se concede aposentado-

ria ou jubilação. No Rio de Janeiro ha diversos nestas circumstancias, e lembra-se de um respeitavel sacerdote, que foi seu mestre em Olinda, o padre mestre Dr. Manoel Thomaz de Oliveira, o qual, depois de mais de 30 annos de serviço no seminario de Olinda, onde foi successor do bispo Monte, na cadeira de theologia moral, foi demittido e está invalido sem nenhuma jubilação.

Tambem nota no relatorio do nobre ministro falta absoluta de noticias do que se chama instituto agricola nesta corte.

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO:—Pertence actualmente ao ministerio da agricultura.

O Sr. POMPEO:—Nos relatorios anteriores do ministerio do imperio vinha sempre noticia desse estabelecimento. E o que tem de commum um estabelecimento litterario ou scientifico com as obras publicas?

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO dá um aparte.

(Continúa.)

## RELIGIÃO.

### O proximo Concilio Ecumenico e seus adversarios.

Ainda não começaram as sessões do Concilio Vaticano e já os seus adversarios estão phantasiando motivos para acoiarmem de nullas as suas decisões infalliveis.

A impiedade moderna, de mãos dadas com o protestantismo, que em materia de religião não é outra cousa mais que a negação systematica das verdades da Fé Catholica, dessa fé uma e indivisivel, segundo a phrase do Apostolo, brada por toda parte contra a ecumenicidade do proximo Concilio, porque prevê a condemnação de seus erros nas decisões desse grande Tribunal da Catholicidade, que vem abrir uma nova era nos fastos da Egreja e tornar para sempre memoravel a epocha em que vivem.

Ninguém ignora a união que existe entre o chefe visivel da Egreja e os membros do Episcopado catholico, nestes tempos de perseguições, de luctas e de dolorosas provações para essa mesma Egreja, contra a qual se levantam (felizmente em vão,) todas as potencias do inferno; ninguém ignora tambem que a idea de um Concilio universal proposta pelo actual Pontifice foi acolhida geralmente e com extrema anciedade pelos fieis de todo o orbe catholico, e que os membros do episcopado, ou presentes em Roma por occasião da festa do Centenario de S. Pedro, ou ausentes, por terem ficado nas suas respectivas Dioceses, corresponderam, como era natural, a esse appello do Supremo Chefe da Egreja. «Foi com estremecimento de ineffavel jubilo, diz um illustre Prelado brasileiro, que o Episcopado catholico, reunido a dous annos junto ao throno pontifical por occasião do solemne Centenario dos Bemaventurados Apostolos S. Pedro e S. Paulo, ouviu da propria bocca de Pio IX. o faustoso annuncio do futuro Concilio. Toda a catholicidade comprehendéo logo o alcance immenso desse acto que ia pôr o cumulo ao glorioso Pontificado de Pio IX.» Pois bem, apesar de todas estas manifestações tão claras e tão decisivas, não falta quem pretenda descobrir da parte dos bispos indifference, senão repugnancia, em corresponder ao appello do Pontifice; e isto com o fim malicioso de contestar ao proximo Concilio o caracter augusto de sua ecumenicidade.

Vão esforço! Baldada diligencia!

Os argumentos produzidos em favor de tão estranha idea, não passam de sophismas, que por si mesmos se destroem.

Com effeito; a *Imprensa Evangelica*, jornal protestante da corte transcreve do *Jornal do Commercio* a seguinte noticia sobre Roma:

«Consta que mais de 300 bispos tem enviado certidões de molestia, allega-

ções de propecta idade e de outros motivos para não concorrerem ao Concilio. Segue-se que a assembléa se comporá de 550 ou 600 padres da Igreja, se todos os que se não desculparam, comparecerem, o que alias não é seguro. Nestes termos (1) é muito possível que o Concilio não reúna metade da cifra da hierarchia catholica, e que as suas decisões possam ser interpretadas como nulas, por isso que lhes falta o voto da maioria do episcopado.»

Eis aqui pois uma nova doutrina em materia dogmatica reduzindo a legitimidade do Concilio a uma simples questão de cifras, e consequentemente fazendo depender a validade das decisões, do facto material do comparecimento da maioria do episcopado.

A prevalecer semelhante doutrina seria difficilissima, senão impossivel, a reunião dos Concilios Geraes, pois, como se sabe, os membros do episcopado dispersos pelas diversas partes do orbe catholico nem sempre poderião, em sua maioria, concorrer as sessões dos Concilios, já por motivos de molestias, já em rasão de idade propecta, ou qualquer outro legitimo impedimento.

Attendendo a essas considerações o Santo Padre Pio IX, na bulla da convocação dispensa de assistirem as sessões os Bispos que por algum motivo legitimo não poderem concorrer a ellas.

E depois, poder-se-ha interpretar como voto negativo, ou contrario as decisões do Concilio o não comparecimento de alguns dos membros do episcopado?

Esses bispos que em sua totalidade acolherão com demonstrações de jubilo o annuncio do Concilio, deixaram por ventura de aceitar suas decisões? Elles, que só deixarão de comparecer por impossibilidade manifesta, elles que professão, e ensinao como um dogma de fé a infallibilidade dos Concilios Ecumenicos, legitimamente congregados, como o de que se trata com assistencia do Espirito-Santo, e sob a presidencia do chefe visivel da Igreja?

Não, certamente.

Além disto, conferindo Jesus Christo a sua Igreja a prerogativa augusta de se reunir em Concilio, quando o exigir o bem da religião, não fez depender a ecumenicidade do mesmo Concilio, de um caso fortuito e contingente, como seria o do comparecimento da maioria do episcopado; mas sim da reunião de 2, 3, ou mais, que comparecessem em seu nome, sendo convocados pela Igreja.

«Onde estão dois ou trez, diz o Divino Mestre aos Apostolos e seus successores, onde estão dois ou trez, congregados em meu nome, ali estou no meio delles!»

Foi isso o que se deo no 1.º Concilio celebrado em Jerusalem pelo Principe dos Apostolos, e o que se tem dado sempre em todos os Concilios Geraes desde aquelle até o ultimo celebrado em Trento, Concilios cuja legitimidade ninguém em boa fé ousará contestar.

Mas para que perder tempo?

Para espiritos prevenidos e apaixonados; para quem pensa em materia de religião, como o *Jornal do Commercio* e a *Imprensa Evangelica*, nunca faltarão motivos para interpretar como nulas as decisões do Concilio.

Compareção ao Concilio todos os bispos catholicos, sem excepção de um só, concorrão tambem por sua vez todos os bispos seismaticos e protestantes, que ainda assim hão de apparecer duvidas sobre a legitimidade de suas decisões; felizmente porem essas duvidas não hão de offuscar o esplendor da Assembléa augusta, que dentro em breve tem de reunir-se, para dar ao mundo, segundo a promessa do Salvador, suas decisões infalliveis.

Tal é a fé da Igreja universal; taes são os votos mais sinceros do episcopado em união com os fieis de todo o orbe catholico.

P. L.

1 Está bella a conclusão...

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Instrução publica.

*Villa do Paço.*—Ditas de ditas Professor Francisco Pedro Nolasco, com o ordenado de 150\$, provido pela Junta, foi depois Professor de latim e portuguez nesta capital.

*Vinhaes.*—Dita de ditas Professor Padre João Felipe de Azevedo, com o ordenado de 150\$ reis, provido pela Junta. Em 1820 em toda a capitania havia um só Professor Regio de Grammatica Latina Luiz Manoel de Araujo.

Pelo seu caracter e genio violento não tinha um só discipulo, «preferindo os Paes de Familia, com muito maior custo e despeza, Mestres particulares e aventureiros, sendo alguns d'elles tão ignorantes como os proprios discipulos.»

Combinou o Governador Silveira com o Bispo dimittir este Professor, nomear para snstitui-lo o cidadão Manoel Joaquim Brandão de Castro, e em 1.º de Dezembro d'este mesmo anno pedia o Governador para a Corte, «que se aposentasse o antigo Professor por ter perto de trinta annos de serviço, necessitar d'um soccorro para a sua subsistencia, e não estar em estado de a poder grangear por outro modo.»

A comissão particular de administração e interesse publico em 13 de Julho de 1822 disse o seguinte á Junta administrativa.

«O edificio que actualmente serve de hospital militar é um d'aquelles confiscados aos ex-Jesuitas, e se acha destinado á muitos annos por El-Rey para um Collegio, em que se eduque a mocidade da Provincia.

«Se até o presente não tem tido aquelle destino, tem sido isto nascido do desleixo em que tem estado até agora a Instrução Publica no Brazil.

«Tem esta Provincia muito sufficientes rendas para acudir ás suas despesas, e conta no numero d'aquellas de primeira e mais urgente necessidade o estabelecimento e creação d'um Collegio d'educação.

«A Instrução Publica, primeira columna da prosperidade nacional, é uma d'aquellas vantagens, que nos foi assignada pelo artigo 37 das bases da Constituição. Esta Comissão em seu nome particular e no de toda a Provincia põe na respeitavel presença da Exm.ª Junta Provisoria as suas mais ardentes recommendações sobre este tão interessante objecto.»

N'esse anno existia na Capital da Provincia uma Cadeira de Primeiras Letras, duas de Latim, uma de Logica, e um Collegio particular chamado *Silveira*, o qual bem pouco tempo durou, porque pela Lei Provincial n. 47 de 4 Agosto de 1837 se promoveo o estabelecimento de outro com o soccorro do Thesouro Provincial.

Em 1828 era a aula de latim na Santa Casa da Misericordia, pela manhã e a tarde, frequentada por 46 estudantes.

A aula de rhetorica, de que era Professor o Padre José Pinto Teixeira, tinha tres estudantes.

A de Geometria regida pelo cida-

dão Manoel Pereira da Cunha, tinha dez alumnos.

A de Philosophia lecionada pelo cidadão Frederico Magno de Abranches tinha só tres alumnos.

Em 23 de Maio de 1829, participou a Camara ao Presidente que nesse tempo frequentavão as Escolas Publicas e Particulares 124 meninas, 429 meninos (primeiras letras) e 49 de Aulas Superiores.

Em 19 de Junho de 1829 a Camara pedia ao Presidente, que representasse á Assembléa Legislativa a necessidade da creação d'uma cadeira para o ensino da Lingoa Patria, e outra da Lingoa Ingleza attenta a grande estensão de nosso Commercio com aquella Nação, e disse que se não pedia uma da Lingoa Franceza é por que já tinha sido indicada ao Conselho de Provincia pelo Conselheiro Franco de Sá.

Pela Lei Provincial n. 77 de 24 de Julho de 1838 foi creado na Capital um *Lycéo*, sendo executada em 1839 quando era Presidente da Provincia o Commendador Vicente Thomaz Pires de Figueredo Camargo.

Foi seo primeiro Director o Sr. Francisco Sotero dos Reis. Completaremos este artigo no nosso *Dicionario Historico e Geographico*.

Continúa.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

### VARIEDADE.

O bispo Tanner (protestante) na sua *Historia de Inglaterra*, a pag. 19 a 21 do prefacio faz a seguinte descripção geral do caracter e fim das instituições monasticas, e dos effeitos d'estes estabelecimentos.

Em cada uma das grandes Abbadias havia uma casa espaçosa, que era o escriptorio, onde diversos amanuenses se occupavam exclusivamente em copiar livros para a bibliotheca. Muitas vezes, é verdade, elles se occupavam em escrever livros, só para uso da comunidade, como Missaes e outros, de que se serviam na recitação do officio Divino, mas em geral dedicavam-se a copiar outras obras como as dos Santos Padres, classicos, historias, etc.

João de Wheathamsted, Abade de S. Albano, durante os oito dias do seu governo, mandou copiar (então não havia imprensa) para cima de oitenta livros. Cincoenta e oito devem-se ao cuidado do Abade de Glastoubury; e tão esmerados eram os monges em geral, que muitas vezes tinham terras e egrejas cujos rendimentos eram applicados para levar a effeito estes trabalhos.

Em todas as grandes Abbadias havia tambem pessoas assignadas para tomar nota das principaes occorrencias do reino, e no fim de cada anno, d'estes apontamentos formavam chronicas. N'estas entravam com muita particularidade as memorias de seus fundadores e bemfeitores, o dia e anno de seus nascimentos e mortes, casamentos, filhos que tiveram e os successores. De modo que, muitas vezes, era mister o recorrer a estas chronicas para se provar a idade e genealogias; ainda que seja para receber, que a prova d'estas linhagens tinha por fundamento tão sómente a tradição, e que em muitas d'estas narrações, elles eram favoraveis aos seus annos, e severos para com os seus inimigos.

As constituições dos bispados, feitas pelos Synodos nacionaes e provinciaes (depois da conquista), mesmo as actas do parlamento, eram remetidas para o archivo das Abbadias, para aqui serem

registradas; é isto o que me leva a mencionar a utilidade e vantagens d'estas casas religiosas. Por quanto: primeiro as memorias mais preciosas, e os thesouros em todo o reino eram conservados n'estes Mosteiros. Um exemplar da patente, em que se continham as liberdades, garantidas por Henrique I (Magna Carta) foi remettido a alguns Abbaes em cada condado, afim de o conservarem.

Alvarás e inquirições relativas ao condado de Coneval foram depositadas no archivo do priorado de Bodmin. Muitos papeis importantes foram depositados nos cartorios da abbadia de Leicester, do priorado Kintilworth, até que d'ali foram tirados por Henrique III.

Duarte I querendo mostrar o seu direito ao reino da Escocia, mandou examinar os documentos e chronicas das casas religiosas, como sendo os mais authenticos para provar o mesmo direito áquella corôa. Quando a Escocia o reconheceu por Soberano, mandou cartas patentes ao Abade de Werchow, ao Prior de Nawigh e provavelmente aos superiores de outros Mosteiros, para que as lançassem nas suas chronicas.

E quando decidiu a questão relativamente a corôa da Escocia entre Roberto Brus e João Bapiol, escreveu ao Deão e ao cabido de São Paulo em Londres, exigindo-lhes, que registrassem nas chronicas um exemplar que juntamente lhe remetia, do qual constava aquella decisão. O sabio Selden, para provar que o dominio do Estreito pertencia ao Rei da Grã-Bretanha, recorreu ás Memorias que havia nos archivos dos Mosteiros, d'onde tirou as provas mais evidentes.

Os titulos e dinheiro dos particulares muitas vezes eram confiados a estas casas, para serem guardados. Os sellos dos nobres eram tambem aqui depositados quando elles morriam; os reis muitas vezes aqui mandavam depositar o seu dinheiro.

Segundo, n'estes conventos havia escholas para instrução e educação da mocidade: uma ou mais pessoas era designada para este encargo, e todos os viúhos d'estes Mosteiros desejando que seus filhos aprendessem grammatica e cantochão, mandavam-nos á estas escholas no que não fazião despeza alguma. Nos conventos de freiras tambem havia escholas de meninas, onde lhes eram ensinadas algumas prendas e tambem a lêr, e algumas vezes o latim, de modo que os chefes de familia da infima classe do povo, destituídos d'emejos assim como os nobres e os ricos tinham n'estes conventos escholas para suas filhas.

Terceiro, todos os Mosteiros eram effectivamente grandes hospedarias, e a maior parte d'elles eram obrigados a sustentar diariamente muitos pobres.

Semilhamemente havia casas, que davam hospedagem quasi a todos os viajantes. Os mesmos nobres e pessoas abastadas, quando iam de jornada, pernoitavam em um convento, jantavam n'outro, e nunca ou raras vezes se aproveitavam das estalagens.

Mais breve, a hospitalidade era tal que, só no priorado de Nerwich se consumiam por anno (para cerveja) uns duzentos moios de cevada, uns cem moios de trigo, e outras cousas á proporção.

Quarto, os nobres e os ricos proviam n'estas casas certos logares, que ali tinham não só nas pessoas de seus criados velhos, mas de seus filhos mais novos, e tambem n'outras pessoas de suas relações, reduzidas a pobreza, assim homens, como mulheres, que entrando nos respectivos conventos, depois chegavam a ser priores ou priorezas, abbaes ou abbadeças.

Quinto, a existencia d'estas casas era consideravelmente vantajosa para corôa: 1.º pelo proveito que recebia por occasião da morte de um abade ou prior, e pela eleição, ou antes confirmação de outro: 2.º pelos grandes direitos, que pagavam para a confirmação de seus privilegios; 3.º por muitas pensões que davam aos criados velhos do rei, e aos

clerigos e capellães da casa real, até que elles alcançassem algum beneficio mais rendoso.

Sexto, estas casas eram tambem de vantagens consideraveis para aquelles sitios onde tinham as suas casas e quintas: 1.º porque faziam com que por ali se estabelecesse muita gente, e por consequirem haver mercados e feiras francas: 2.º por libertarem os povos das leis das contadas: 3.º por arrendarem suas terras por pregos modicos.

Finalmente. Estes conventos eram do grande embelesamento para o paiz; muitos havia, que na realidade eram edificios magnificos, e ainda que ao presente não pareçam nem tão grandes, nem tão elegantes, contudo talvez que naquella tempo fôsem objectos de admiração, tanto, quanto são hoje os hospitaes de Chelsea, e de Greenwich. Muitos templos das abbas e eguaes, se não superiores ás cathedraes de hoje, e não podiam deixar de ser, quando muito, um ornamento das provincias; além de que muitos operarios eram empregados na construcção e reparos dos mesmos, como presentemente fazem os nobres, e os ricos nos seus edificios.

(Continua.)

## NOTÍCIAS.

### Chronica externa.

O paquete ultimamente chegado dos portos do sul foi portador das seguintes noticias:

Lê-se no *Diario do Rio de Janeiro*.

O vapor inglez *Cety-of Limerick*, entrou hontem 25 do Rio da Prata, trouxe datas de Buenos-Ayres até 17 e de Montevideo até 19 do corrente.

Nenhum vapor havia chegado do Paraguay. A *Nación Argentina* publica as seguintes noticias:

«Um paraguayo ultimamente passado annunciou que Lopez havia mandado lancar cerca de 70 pessoas entre homens e mulheres, suspeitando uma conspiração.

«Isto prova o estado da desorganização e nenhuma força moral do tyranno em seus ultimos dias.

«Depois haviam passado tambem para o exercito brasileiro um capitão, um alferes e um soldado, cujos nomes ignoramos.

«Lopez se tinha internado mais nas serras ate chegar perto de Ygatiimi, em Caraguaty que é na Fronteira do Brazil.

«Calcula-se ter 2,500 a 3,000 homens no estado de pobreza e miseria em que podem estar homens que não tem de comer nem de vestir, e que, não obstante, tem de marchar a pé por caminhos intransitaveis.

«Os que diariamente chegam a esta cidade são o fiel retrato dos que leva Lopez.

«Um passado vindo de S. Estanislão, atravessou o terreno que ha pouco dominava Lopez, o que prova que este já não pode fazer mais do que enidar de si, e que a sua autoridade se reduz ao exercito.

«Os exercitos brasileiro e argentino acham-se repartidos por varios pontos.

«O general Victorino, com uma força respeitavel, está em S. Joaquim, donde mandou um regimento a Yhú em busca de numerosas familias ali asyladas pelo tyranno.

«Desgraçadamente não foram encontradas; tinham-nas feito retirar antes de ali chegarem as nossas forças.

«Outra parte se acha em Caraguaty, antes capital provisoria de Lopez, forças em Villa-Rica, em Pirabebuy e um corpo de exercito na Embusca-da, Aarecutacua.

«O principe conde d'Eu se acha na villa do Rozario, com um corpo do exercito, prompto a marchar para S. Estanislão.

«Assim Lopez ficará sem sahida, e teremos o gosto de ver cahir em nosso poder esse monstro digno de ser admirado nesta cidade, theatro de suas carnificinas.

«O estado sanitario do nosso exercito é excellente.

«A condução de viveres e petrechos bellicos para o exercito é difficilima, especialmente hoje que se acha em uma distancia respeitavel, e para onde os meios de transporte são escassos.»

As noticias das duas republicas das margens do Prata são destituídas de interesse.

—Procedente do Rio da Prata entrou hontem 28 em nosso porto o vapor francez *Bourgogne*, trazendo datas de Buenos-Ayres até 19 e de Montevideo até 21 do corrente.

Nesta cidade havia data do Paraguay até 15. As noticias resumem-se na seguinte carta que publicou a *Verdad*:

«Ha tres dias que sahiram do Rozario todas as forças que alli estavam, ficando somente cerca de 1,000 homens para guarnecer aquelle ponto que vai ser o de operações, por ser o mais apropriado a isso, e haver o conde d'Eu reunido alli o seu archivo e os necessarios elementos de guerra.

«Hontem e hoje sahiram cerca de 3,000 homens com destino a Concepcion, para marcharem de combinação com as outras forças e proseguir nas operações.»

«Lopez abandonou as posições de S. Estanislão e internou-se em um pequeno povoado distante cincoenta legoas, no interior das serras, levando todas as familias que alli estavam e que se diz ter mandado lancar ou degolar.»

—Entrou hontem 29 o transporte nacional *Isabel* procedente de Assumpção.

As datas desta cidade, de que foi portador, são anteriores ás que temos recebido por vapores chegados a Buenos-Ayres.

Como sempre, as ultimas noticias trazem alguma cousa de duvidoso, e que parecem simples *canard* para efeito de bolsas.

O *Nacional* publica uma correspondencia, na qual seu autor diz em *post scriptum*:

«Dizem que Lopez trocou com o chefe de uma tribu indigena 300 mulheres por 300 indios.»

E ainda como noticia a ultima hora:

«Um official argentino vindo do exercito, neste momento, diz-me ser impossivel levar a guerra a Lopez em sua guarida, e que os generaes alliados concordaram em abandonar a empreza.»

Esta noticia não pode ter fundamento e só a publicamos para conhecimento dos nossos leitores.

Procedente do Rio da Prata entrou hontem em nosso porto o vapor in-

glez *Magellan* trazendo datas de Buenos-Ayres até 23 do corrente e de Montevideo até 26.

Não constava que tivesse chegado vapor algum do Paraguay; não obstante no dia 25 foi transmittido de Buenos-Ayres a Montevideo um telegramma em que se annuncia que a perseguição a Lopez ia ser emprehendida com actividade.

ROMA.—Continuam os preparativos para o concilio, porém este não poderá começar antes de dois ou tres mezes, apesar do que alguns bispos já veem chegando. O numero dos que assistirão ao concilio será menor do que ao principio se julgava. Parece que os bispos allemaes não virão.

HESPAHIA.—Está vencida a insurreição republicana de Valença. Funcionam os conselhos de guerra. Crise ministerial em consequencia do orçamento do clero.

ROMA E ITALIA.—Crise ministerial em Florença, demissão do ministro da fazenda Ferrais. O parlamento italiano abre-se a 16 de novembro.

VARIAS NOTÍCIAS.—As folhas religiosas da Europa vem cheias de protestos de adhesão e amor ao Santo Padre, e Sua Santidade recebe quasi todos os dias mensagens nesse sentido que lhe são enviadas de todas as partes do mundo. A dôr e a raiva que esta demonstração universal em favor do Pio IX.<sup>a</sup> Grande causa a certas folhas revolucionarias, lhes arranca brados de verdade.

Eis o que escreve a *Gazeta de Milano*, que entra nesse numero:

«Dir-se-ha: isto é a reacção que se desencadeia no brilho dessas apparencias em odio contra o principio liberal: pois seja; mas não se pode desconhecer que os retrogrados, sob o véo da religião, estão por toda a parte mais unidos e compactos do que os liberaes; e á voz de seus chefes acodem unanimes e submissos como soldados de uma phalange sagrada. Eu quisera que os liberaes imitassem estes exemplos! e os destinos da Italia não seriam entregues á desgraça.»

*Credunt et contremiscunt*, faz justamente observar uma folha religiosa.

—A sociedade dos Padres das Missões estrangeiras acaba de comprar em Roma uma linda casa onde installaram uma procuradoria junto a Santa Sé. O R. P. Libois prepara nessa casa aposentos para a recepção dos Bispos Missionarios que vierem assistir ao Concilio.

Tendo fallecido o bispo de Livourne, os Judéos residentes nessa cidade quizeram assistir aos seus funeraes, dando o exemplo do reconhecimento e do respeito para com o illustre defunto. Esses Judéos são os mesmos que ha algum tempo mandaram de presente ao Papa fazenda branca para as suas batinas. A proposito destes factos assim se exprime um jornal da Italia:

«Chegamos a um estado tal, que a synagoga vai dar lições de christianismo aos Italianos.»

—As religiosas de Aix-Chapelle offereceram ao Papa uma riquissima casula por occasião do quinquagesimo anniversario de sua promoção ao sacerdocio. O Santo Padre fez presente desta casula ao capitulo da basilica de S. João de Latrão. Assim é que Pio IX honra as doadoras; entrega ao thesouro da Igreja uma obra da arte; que dará testemunho de sua piedade aos seculos futuros, ao mesmo tempo que narrará sua generosidade. Conserva-se e mostra-se ainda em S. Pedro a rica dalmatica que trouxe e deu Carlos Magno.

### Chronica interna.

Novo PERIODICO.—Mais um novo campeão, e bem denodado parece, acaba de sahir a campo em defesa do catholicismo.

É um novo periodico consagrado aos interesses da Religião, e religi-

do pela habil e já bem conhecida penna do Exm.<sup>o</sup> Sr. Conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque. Intitula-se *O Catholico*, e publica-se duas vezes por mez, em Pernambuco, sob os auspicios do Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Sr. Bispo D. Francisco Cardoso Ayres.

Agradecemos á illustre Redacção a benevola remessa que nos fez dos primeiros numeros do *Catholico*, e retribuimos a fineza remetendo-lhe a nossa folha.

Seja bem vindo o novo athleta, e como defensor da mesma causa sagrada, o *Apostolo* se congratula com o seu apparecimento, e lhe deseja o mais prospero e brilhante futuro.

Eis o programma do *Catholico*:

«A necessidade urgente de defender, na quadra actual, a religião christã e a Igreja, despertou em alguns catholicos, fieis á doutrina da Igreja, órgão infallivel da verdade, a idéa de publicarem uma folha, que se occupe exclusivamente, e sem referencia a pessoas, em defender o interesse religioso, tão abandonado geralmente pelo pouco fervor daquelles mesmos, que aliás crêem a Igreja. Para estes a discussão servirá de esclarecê-los, avivar-lhes a fé, e convertê-los em milicia activa em defesa da religião de nossos pais.

«O *Catholico*, que é o titulo desta folha, apresentará uma variedade de materias interessantes ao leitor. Occupar-se-ha primeiro da parte religiosa, ora discutindo alguns pontos mais controversos, ora esclarecendo questões menos conhecidas; em segundo lugar, da parte apologetica, com o fim de refutar o que sahir na imprensa contra a religião e o Papa; em terceiro lugar, da parte noticiosa, publicando as noticias, que a imprensa não der á luz; e interessarem á religião; em quarto lugar, de algumas variedades\* que possam contribuir para a instrucção e recreio das familias. Este primeiro numero serve de modelo aos outros.

«O *Catholico* não defenderá os interesses de nenhum partido politico; o seu unico fim é pugnar pela religião e pela Igreja, e por isso atacará o erro, venha donde vier.

«O *Catholico* está especialmente sob a divina Providencia.—Por ora sabirá á luz duas vezes por mez (no 1.º e 3.º domingo); para o que basta-lhe a offerta de algumas almas fiéis, que se prestam a fazer a despesa da impressão. Se ouiver, porém, assignaturas, sabirá um numero cada domingo; e nelle haverá distribuição gratuita de cem numeros em cada Matriz desta capital depois da Missa conventual.

«Os que quizerem ser assignantes do *Catholico*, para dar-lhe maior incremento agora, e estabilidade para o futuro, devem contribuir com cinco mil reis annuaes, pagos adiantados, a contar deste mez. Recebem-se as assignaturas em casa do Revm. Vigario Geral o Sr. Dr. Joaquim Graciano de Araujo, e do Conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque, rua da Ponte Velha, e rua do Ferreiro.»

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 24 DE NOVEMBRO DE 1869.

### Egreja do Desterro.

Procedem-se no domingo proximo passado, 21 do corrente, o solemne benzimento da Egreja de S. José do Desterro, ultimamente restaurada, e toda reconstruida.

Para quem, há dous annos, anteriores á presente epocha, tendo á memoria a tradição d'esse templo historico, passar e penetrar nesse sagrado recinto, admirando o que foi e o que é, sem duvida terá muitas impressões agradaveis, e mais de uma benção proferirá sobre os auctores de tam magnifica obra.

Por terra, apenas conservando vestigios de que outr'ora fôra uma casa de oração, alguns paredões carcomidos, pedras espalhadas, montes de entulho, erão os destroços da aniquiladora acção do tempo, que tudo subjeita á seu imperio.

Todos sabiam que a egreja de S. José tinha sido uma das mais notaveis da capital, por suas tradições annexas á historia patria, e por ser a unica talvez consagrada pela unção pontifical: todos se confrangiam ao aspecto de ruínas e abandono em que jazia.

Não haviam, porem, recursos bastantes, efficazes, para elevar do abatimento esses fragmentos tão venerandos no passado, como no presente vergonhoso quadro da indifferença pelas cousas religiosas.

Projectos assaz impensados já tinham apparecido sobre os destinos que se daria ás preciosas reliquias do templo, e mesmo sobre o seu local. Mercê de Deus, todos elles não vingaram, e o que vingou foi o em que menos pensava-se—a reedificação do templo.

O venerando Prelado Diocesano, que actualmente rege com tanto zelo, sabedoria, e tino os destinos da Egreja Maranhense, tomou a iniciativa nessa colossal empreza, superior ás forças de um Bispo nas circumstancias que actuavam nessa epocha.

De um lado a falta de apoio, que era duvidoso da parte da população; de outro a carencia de um centro que advogasse a idéa; de outro, a animadversão que, força é confessar, sempre apparece para o sustentaculo de qualquer idéa que surja em beneficio da religião.

Supperando essas difficuldades, e confiando, além disso, no zelo religioso da massa popular, o virtuoso Diocesano abalçou-se á empreza de um modo assaz generoso e illustrado, nomeando uma extensa commissão, composta de membros de todas as hierarchias sociaes, com o fim de promoverem os meios de reedificar-se o templo.

Sabemos o que são commissões entre nós: porem, quando se trata da causa publica, convem empregar todos os recursos honestos e possiveis.

Essa commissão, á principio vasta e compacta, celebrou algumas sessões, e encetou até os trabalhos: ao depois, so breveiu á uns o desanimo, e á outros o tedio.

Uns após outros desapareceram, e somente trez membros permaneceram, levando ao brilhante termo a reconstrução do abatido templo.

Os muito distinctos realisadores da idéa, os denodados obreiros dessa missão de trabalho e de perseverança, os esforçados luctadores de todos os obstaculos, pede a justiça que consignemos aqui seus nomes, foram os snrs: revm. cura, presidente da commissão, conego

Mauricio Fernando Alves; thesoureiro, Manoel de Freitas Bica; e Manoel José Antunes Pimenta.

Eis á quem deve o religioso povo da capital a restauração da egreja de São José. Esses trez nomes, assignalados todos pelos seus trabalhos, brilhantes pelos triumphos que vêm de conseguir, fulgirão nos dypticos do santuario com muita distincção.

Dentre elles, porem, se destaca um, que mais se distingue pelo esforço soberano, pelo generoso desinteresse com que empregou-se exclusivamente á essa obra, abandonando seus commodos particulares, seus interesses, e somente dedicando-se á obra do templo, é o do Sr. Pimenta.

Não há louvores bastantes á prodigalizar-se á tam dedicado cavalheiro. As fadigas empregadas, a discreta sollicitude, a actividade infatigavel, o esmerado gosto empregados pelo Sr. Pimenta para a realisação do bello pensamento e acabamento da obra estão superiores ás palavras.

Somente há uma recompensa possivel—a gratidão publica. E essa um monumento imperecivel, e todos a julgam obrigatoria ao Sr. Pimenta para satisfazer tamanha vida.

O nosso venerando e sollicito Bispo Diocesano deve por sem duvida estar mui satisfeito com tal empreza, prova evidente da sabedoria com que dirige os negocios publicos da sua diocese.

E mais um triumpho conseguido na administração do incansavel Prelado: é mais um louro que tecerá a fulgurante corôa que adorna a respeitavel fronte de um dos mais eminentes Bispos do Brazil.

Temos em outras occasiões fallado á cerca da administração diocesana e admirado com razão o genio emprehendedor do apostolico Bispo do Maranhão, que dos actuaes prelados da Egreja Brasileira é o unico que não tem recebido do Estado um só favor, uma só subvenção em beneficio dos estabelecimentos diocesanos, nem para as cousas da egreja no Bispado.

E sem embargo d'isso ali estão:—o seminario de Santo Antonio, que ao principio do corrente anno passou por importantes reparos; o seminario das Merces, bello e florecente estabelecimento, o primeiro do imperio; o recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios, actualmente em obras, promettendo os melhores resultados; a camara episcopal organizada como verdadeira repartição publica; todo o serviço diocesano, enfim, montado no desejado ponto de moralidade e administração.

O sabio e virtuoso Prelado têm estendido suas vistas sobre todos os ramos do serviço publico: seminarios, parochias, conventos, cathedral, tudo tem preocupado sua intelligencia vasta e esclarecida, devendo em breve tempo sêr a diocese maranhense uma das mais auspiciosas do imperio.

Concluindo o presente artigo, devemos tambem fazer menção especial do nome do Sr. Manoel de Freitas Bica, que sem o menor lucro adiantou do seu bolso as quantias necessarias para as ditas obras.

A homens desinteressados e generosos todo o louvor não é superfluo.

### PARLAMENTO.

#### Senado.

#### DISCUSSÃO DO ORCAMENTO.

(Conclusão)

O Sr. POMPEO pergunta ao nobre ministro por que razão não tem pre-

enchido a vaga de inspector geral da instrucção publica no Rio de Janeiro. Desde que S. Exc. reconheceu como uma das cousas mais importantes do ensino a fiscalisação, por que razão não escolhe um homem moço para preencher essa vaga, visto que S. Exc. declarou os velhos incapazes desse serviço?

Pois ha tanta mingua de habilitações em nosso paiz, que seja mister ao governo levar mezes e annos em procura de um homem para esse logar?

Outrosim, tambem nota que o nobre ministro, e não só o nobre ministro como os seus antecessores, tem observado que a instrucção publica principalmente a primaria, no Rio de Janeiro, declina por falta de pessoal habilitado; e por que razão não tem S. Exc. promovido a creação de uma escola normal para preparar professores, ou pelo menos não tem tentado estabelecer algumas dessas escolas de 2.º grão, onde poder-se-hião habilitar alguns moços para professores?

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO dá um aparte.

O Sr. POMPEO ouviu o nobre ministro dizer que não tem fundos. Pois ha fundos para dar 80:000\$ por um relatorio, e não ha para crear uma escola normal, ou escolas do 2.º grão?

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO:—Qual o relatorio que custou 80:000\$? O meu, não.

O Sr. POMPEO declara ter lido em uma tolha publica que se derão 80:000\$ pelo relatorio da agricultura.

O Sr. MINISTRO DO IMPERIO dá um aparte.

O Sr. POMPEO observa que o orçamento do imperio traz englobada a despesa com a instrucção publica da corte, a saber: com a primaria e secundaria, e mais com a parte da direcção, orçado tudo em 350:000\$; não pôde distinguir o que pertence propriamente á instrucção primaria; por isso toma todo esse algarismo, e pergunta como é que nesta cidade, a mais importante do Brazil, com uma população tão illustrada, gasta-se somente 350:000\$ com a instrucção primaria e secundaria, quando em outros paizes isto seria uma ninharia?

Emquanto o governo não tomar seriamente a iniciativa de promover a instrucção publica, e sobretudo de levantar a instrucção primaria do abatimento em que se acha, nada se poderá fazer no Brazil; porque a iniciativa particular, embora muito proficua, é insufficiente.

O nobre ministro e o senado sabem o estado de decadencia em que se achava no fim do seculo passado a Escossia: na phrase de Macaulay os Escossezes passavão por esquimãos da Europa: entretanto de 1811 para cá uma associação particular Kildore, subvencionada pelo governo, tomou a sua conta promover a instrucção primaria, e em 1825, 14 annos depois, contava a Escossia 1,490 escolas com 100.000 alumnos. Em 1833 contava 1,789 escolas com 107.000 discipulos; em 1843, 2,912 escolas e 355.000 discipulos; em 1863, 6,010 escolas com 811,973 discipulos, o que, para uma população de 3,220,000 habitantes, dá uma escola por 1,034 e um alumno por 4 habitantes.

No Canadá era tanta a ignorancia, que um viajante, Mr. Talbot, que andou por aquelle paiz cinco annos, só viu duas pessoas com livro na mão; entretanto o parlamento do Alto-Canadá, de 1850 para cá tomou a si o cuidado da instrucção publica: em 1856 votou 194,420 libras para uma população de 953,225 habitantes, na razão de 5 francos por cabeça, e em 1850 tinha já votado 50,000

libras para o estabelecimento de uma escola normal em Toronto, que o governador lord Elgin abriu solennemente a 24 de Novembro de 1852, segundo refere Emilio Lavaley.

Fez um apanhado da estatística dos diversos paizes, não dos mais adiantados na instrucção publica, não da Prussia, Hollanda, Belgica e Suissa, mas dos paizes que não tem primado pelo desenvolvimento da instrucção primaria, para mostrar a relação com os alumnos e as despesas que elles fazem, e comparar com a do nosso paiz.

A Escossia em 1863 com uma população de 3,220,000 habitantes contava 6,010 escolas, 1 por 1,034 habitantes; 811,993 discipulos, 1 por 4 habitantes.

Alto Canadá, em 1856, com uma população de 953,225 habitantes tinha 3,689 mestres, 1 por 366 habitantes, e 251,146 discipulos, 1 por 7 habitantes; despendia 4,860,500 francos, 5 por cada habitante.

Baixo Canadá, em 1864, com uma população de 1,156,000 habitantes, contava 3,604 escolas, 1 por 320 habitantes, e 192,660 discipulos, 1 por 6 habitantes; despendia 3,508,000 francos, 3 francos por cabeça.

Na Inglaterra e paiz de Galles o ultimo inquerito de 1861 verificou 58,975 estabelecimentos de instrucção, 1 por 345 habitantes, com 2,536,462 alumnos, 1 por 8 habitantes; custando cada alumno 1 shilling.

A França, em 1864, com uma população de 37,000.000 de habitantes, contava 4,836,368 alumnos, 1 por 8 habitantes; despendia 58,000,000 de francos.

Em Nova-York (Estados-Unidos) regulava 1 alumno por 3 habitantes. Este é certamente um dos paizes mais adiantados na instrucção primaria, como em tudo mais que depende da intelligencia e actividade humana.

Agora compare-se a relação da instrucção desses paizes com a da capital do Brazil. Tomou aqui 46 escolas publicas, 1 por 9 a 10,000 habitantes, frequentadas por 4,300 alumnos, 1 por 93 habitantes, despendendo 350,000\$000 com todo o ensino, isto é, pouco mais de 800 reis por cabeça.

Nestas condições não é possivel que a instrucção publica levante-se do estado decadente em que se acha.

O principio do ensino obrigatorio acha-se estabelecido no regulamento de 17 de fevereiro de 1854. Infelizmente nunca foi tentada entre nós sua execução, mas é de necessidade absoluta fazel-o. Desde que o Estado compromette-se a dar instrucção primaria gratuita ao povo está na obrigação de tornala effectiva; além disto, por mais circumscripta que seja a missão do Estado, sempre ha de conceder-se que ella deverá pelo menos proteger as vidas e propriedades.

Sabe o senado que a ignorancia, principalmente nas classes inferiores, é o perigo que mais ameaça a sociedade, pois quasi sempre é a origem da desordem, do crime e da miseria; que o meio mais efficaz de evitar taes desordens é a diffusão das luzes, é espantar as trevas da ignorancia; por consequencia se se fechão as escolas, só ficará ao Estado um meio de manter a ordem, a repressão, isto é, a prisão e o cadafalso. Já houve tempo que só se conhecia o primeiro, e até fez a base da theoria de um celebre publicista do principio deste seculo, M. de Maistre: não tardará muito, diz o snr. Emilio Lavaley, que talvez não venha empregar-se senão o segundo.

Se a sociedade tem direito de punir quem viola as leis, não pode deixar de

tel-o para as ensinar e fazer comprehender-as. Poderia ella pagar funcionarios para condemnar e perseguir aquelles que attentão contra suas instituições, e ser-lhe-hia prohibido pagar a outros que expliquem quaes ellas sejam? Não; seria demasiado absurdo, como disse Macaulay, em uma sentença que resume todo este debate, sentença já citada pelo nobre ministro:—Quem tem o direito de enforçar, tem o direito de ensinar.

Ha duas escolas, ou, na phrase de certo escriptor, dous grupos de homens que contestão ao Estado o direito do ensino: um delles é o dos economistas ou socialistas, que entendem que deve-se deixar toda a liberdade individual; considerando a sociedade como emancipada e o individuo como maior, repellem tudo quanto pode contrariar a acção, segundo elles, da soberana concorrência, e por conseguinte que o poder publico nada tem que ver com a educação do povo.

O outro grupo é o daquelles que entendem que o Estado não tem doutrinas, não tem certeza, não tem verdade para ensinar, que tudo isto só se encontra na igreja. O orador crê que o senso commum está longe de adoptar estas duas opiniões extremas: o Estado tem doutrina, sobre a qual fundam-se suas leis, tem verdades a ensinar e tem sobretudo o direito de proteger as vidas e a propriedade; e esta obrigação não se pode tornar effectiva senão pela repressão, ou pela prevenção dos crimes; a prevenção, porem, faz-se mediante a diffusão das luzes; a educação intellectual e moral, que prepara os bons cidadãos: pois a ignorancia é meio caminho para o crime.

Portanto, ainda voltando ao mesmo assumpto, dirá que o Estado tem não só o direito como o dever de obrigar os paes de familia a darem educação a seus filhos, principalmente entre nós, onde ha o preceito constitucional do ensino gratuito.

Com razão Julio Simon, um dos mais distinctos escriptores da França, que, como muitos outros, acha-se na dianteira das idéas liberaes, e que insiste pela adopção do ensino obrigatorio naquella paiz, disse o seguinte:

«A lei que impõe ao pae a obrigação de criar seus filhos seria illogica se deixasse de impor-lhes pela mesma razão a obrigação de instrui-lo. A lei ataca a propriedade pelo imposto; a liberdade do trabalho e a liberdade individual pela conscrição; a liberdade religiosa pelo juramento; a liberdade do pai de familia pelo artigo do código, que prescreve ao pai de educar, manter e criar seu filho; pelo artigo que permite ao filho exercer reivindicações contra seu pai; e por outros que autorizam o filho a casar-se, a despeito da opposição paterna; que permite ao filho menor enganar-se no exercicio; que encarregam o conselho de familia em certos casos de fixar o dote e as convenções matrimoniaes do filho; que exclue o pai da tutela por má conduta, incapacidade ou infidelidade.

E quando a lei toma, sem reclamação de ninguém, todas essas licenças com certa autoridade, deverá ficar desarmada para proteger no menino um direito quasi tão sagrado como o da vida?

Não só a instrução é um grande direito para o menino, mas um grande interesse social. Para negal-o seria mister sustentar que não importa á gloria, á prosperidade, á segurança de um paiz ter cidadãos instruidos, operarios esclarecidos. Quem o diria? E se nós pretendemos que não é só um grande interesse, porem o primeiro e o mais sagrado, quem poderia contestal-o? Fôra preciso manter a instrução obrigatoria, ainda quando se abolissem todas as outras prescrições restrictivas da autoridade paterna. No dia que a lei obrigar todos a saberem ler, nesse dia ter-se-ha approximado mais que nunca da liberdade.»

«A relação de causa com effeito, diz M. Lavaleye, que prende a ignorancia

á criminalidade, é presentemente um facto demonstrado pelos algarismos exactos da estatística. A medida que o ensino tem feito progressos em um paiz, tem diminuido o numero dos delictos: logo todo o dinheiro gasto em fundar escolas será economisado em fundar prisões.»

O interessante relatório de M. Duruy sobre a instrução primaria em França manifesta a este respeito algarismos concludentes. Assim o numero total dos accusados por crimes, menos de 21 annos, que havia tido a diminuição tão somente de 223 desde o periodo decennial de 1828—1837 até ao periodo decennial de 1838—1847, tem decrescido em 4,152, isto é, quasi 18 vezes mais, desde o periodo de 1838 até 1847 até ao periodo de 1853—1862.

Em 1847 contavão-se 115 mancebos menores de 16 annos levados aos tribunaes criminaes; em 1862 não houve senão 44. Na Alemanha, na Prussia, á proporção que se vai melhorando e deramando o ensino, diminue o numero dos crimes. Nas prisões de Vand, de Neufchatel, de Zurich ha um ou dous presos, muitas vezes estão ellas vazias. No paiz de Bade, onde nos ultimos trinta annos muito se tem feito a favor da instrução do povo, desceu o numero dos presos de 1,426 a 691 desde 1854 até 1861: por esta forma vão supprimir-se as prisões. A Baviera, tristemente famosa pelo numero dos nascimentos illegitimos, vê finalmente diminuir o algarismo da humilhação:

«É mister que o paiz se compenetre bem desta verdade, que o dinheiro despendido em escolas será poupado em prisões. Dous factos notaveis observão-se no seio de nossa sociedade, o augmento progressivo da população escolar, que tem crescido de 1847 para cá de mais de um milhão de meninos, e o decrescimento da criminalidade, que de 1847 a 1860 baixou a quasi metade: o que determina agora a suppressão de uma prisão central. No departamento dos Altos Alpes a população está tão habituada a educar seus filhos, que as escolas estão cheias; mas a prisão de Briançon tem estado vazia este anno.»

Portanto conclue: toda a despeza que o governo fizer com este ramo do serviço publico será de sobra compensação, pelos grandes beneficios da civilização e pela economia em prisões e outros meios de repressão do crime. *(Muito bem! Muito bem!)*

## RELIGIÃO.

### União Catholica.

Inaugurou-se na corte do imperio uma sociedade religiosa, intitulada «União Catholica» que tem por fim discutir e desenvolver as doutrinas catholicas, para diffundil-as com proveito.

Para conseguir esses fins, segundo os Estatutos que temos á vista, a sociedade discutirá theses, versando sobre sciencias ecclesiasticas, á escolha dos socios; emprehenderá uma publicação periodica na proporção de suas forças; distribuirá pequenos livros instructivos, moraes, e religiosos pelo povo, e o ensino doutrinal da religião, pelo modo que a mesma sociedade entender mais adaptado á occasião.

No acto da installação o seu digno presidente, nosso illustrado comprouviciano, o revm. sr. doutor o conego José Raymundo da Cunha, vigario da Candelaria, proferiu o seguinte discurso:

Permetti, veneraveis irmãos, que em nome dos fundadores desta sociedade vos dirija duas palavras.

Diante de vós, que pela vez primeira tomaes lugar neste recinto; respondendo desta arte com tanta presteza ao nosso convite, não podem ser outras nossas expressões, não devem ter outro sentido, senão agradecer-vos do mais intimo do coração tão subida honra.

Nos vos fallamos a linguagem da esperança e vós aperfeiçoastes logo esses

sons, repercutistes phrases de confiança, e mais que tudo viesdes dar-nos esta prova publica de tanto apreço; de direito vos pertencem pois todos os elogios, e nós vo-los damos com sinceridade. Peza-nos, porém, que a nobresa do pensamento, que aqui vos reúne, e a oportunidade de sua pratica, não tivessem attrahido vistas ainda mais auxiliaadoras, numero de socios muito mais crescido, mas não ha ainda motivo para preoccupar-nos, creio, que não se farão esperar demasiado.

Entretanto vamos nós, animados de uma só intenção, movidos por um só desejo, ligados por um só vinculo, usar de nossas forças, quanto ellas permittirem, no intuito de realizarmos os fins, que nesta sociedade temos em vista. Para isso basta, veneraveis irmãos, que das vossas faculdades a vontade não seja a ultima a se pôr em movimento.

Estamos certos, que não escapará a nenhum de vós o estado de abatimento e prostração completa, em que pára tudo quanto diz respeito á classe sacerdotal: desde a sua origem até sua simples tolerancia; tudo é posto em duvida, amesquinhado e até ridicularisado, e esse desprezo crudescce todos os dias e esse ridiculo se amontoa, e nós mesmos, digamos toda verdade, nem pensamos em repelli-lo fortemente, nem em dissipa-lo completamente.

Mas donde provirá essa indifferença ou falta de coragem? Donde? Quereis saber?

Esses insultos, desde ignorancia até completa perversão, são dirigidos á classe dos sacerdotes, mas como essa classe não se reúne, não se faz sentir, nenhum de seus membros reage, se julga obrigado a defendê-la, todos fogem á culpa, julgam-se incluídos nas honrosas excepções. Entretanto a onda cresce, cresce sempre... Deos permitta, que ella não se assoberbe extraordinariamente.

Nesse estado, que partido devemos tomar? Deixar-nos arrebatar pelo mar, ou tentar a Deos pedindo-lhe um prodigio?

O remedio cremos estar em nossas mãos: senão ouvi por um pouco:

Não ha negar que uma tendencia irresistivel se manifesta hoje no seio da humanidade para a approximação e a unidade, tendencia tão forte e tão poderosa no seu choque como as lavas do Vesuvio, que se precipitam sobre as habitações mais proximas á sua cratera, ella arrasta após si todos os destroços do erro e sobre elles faz levantar o templo da verdade. O sonho da união dos povos produziu o vapor, esse desejo ainda fez apparecer a electricidade, aperfeiçoou a imprensa, supprimio os limites dos Estados, generalisou as linguas e introduziu os costumes entre nações differentes. A realisação desse desejo tem produzido essas obras gigantes, que este seculo tem visto, obras irrealizaveis ao individuo, mas levadas ao fim pela união.

Emfim, esse desejo tem se comunicado a todas as classes da sociedade, tem lhes imprimido esse movimento, que vai sempre crescendo progressivamente.

Todas ellas, apreciando as vantagens de se fazerem notar como corporação, se têm reunido, se têm auxiliado, e tem merecido o respeito de todos, e nós temos acompanhado com a vista esse movimento, temo-lo applaudido, abençoado e até invejado; entretanto muitos de nossos irmãos, ainda dizem com ares de convicção, que na nossa classe é isso impossivel de se levar á effeito! E' na verdade singular! Vêr os effeitos aqui; alli, em mil lugares, e não crer que essa mesma causa em suas mãos produza o mesmo effeito! Vêr o fructo ainda a pen-der da haste, mas crêr que se locarem na planta, ou a transplantarem para seus terrenos, ella virá a degenerar completamente!!

Veneraveis irmãos, cerremos de uma vez os ouvidos a esses agoureiros, não

prestemos attenção a essas carpideiras de lagrimas frias. Elles se assemelham a esses viajantes, que diante de umas ruínas magestosas exaltam o proveito, que se poderia tirar dellas, mais ao mesmo tempo, para fugir ao trabalho, accrescentam, que ellas não se poderão reconstruir.

Se outras tentativas neste genero têm sido feitas, e se têm infelizmente malogrado, lastimemos isso, e façamos por desmentir o passado.

Inumeras viagens aos polos se têm frustado, até com perda de capitães e de vidas, todavia ellas se organisam todos os dias, não só pelo reclamo da sciencia, como pelo fogo da ambição.

Pelo menos vos alente nesta idéa o pensamento da cordialidade e affeição que se pode fomentar entre irmãos, vos horrorise o seu abandono, á vista do quadro triste da desunião em que vivemos!

E sabeis o que é a desunião na nossa classe? A desunião é a estagnação da intelligencia, a atrophia da vontade e a paralyisia da sensibilidade.

A desunião é a peste, que dizima, o fogo que destróe, a guerra que tala os campos, o terremoto que amedronta e a morte que tudo deita por terra.

Onde ha desunião falta a coragem, sem coragem não ha resistencia, sem resistencia não ha combate, sem combate não ha victoria, e a victoria é a nossa palma, é o unico premio, que Jesus Christo quer que nós, como seus ministros, ganhemos sobre a terra.

A desunião entre irmãos, e irmãos como nós somos, traz a indifferença ou a desconfiança, desta surge a inveja ou o desprezo, de um e de outro levanta-se terrível a inimizade, e vós sabeis quanto a inimizade é cega e apaixonada!

É dessa desunião que tem procedido todos os nossos males, todos os soffrimentos e vilipendios com que somos tratados na sociedade, porque só separados é que o mundo nos poderá insultar.

Dizia o sabio Padre Graty no seu discurso de recepção na academia franceza: quando o raio fere um carvalho, quem é o culpado? É a nuvem ou a terra? Qual dos dous polos electricos deu o golpe? Ambos; o mal está na divisão. Reunidos elles são a luz, divididos tornão-se raios.

Reunamo-nos, pois, veneraveis irmãos; desta arte nossas palavras terão mais autoridade, nossos gestos mais expressão, e nós mesmos nos faremos credores de mais respeito; porque desaparecerá esse desanimo, que ameaça apossar-se de todos, haverá mais vida e por consequente haverá mais gloria para nós, mais honra para Deos.

Unidos, o mundo, ainda mesmo cahindo sobre nós com todo o seu peso, não nos esmagará; separados, elle irá, já aguçando a calumnia, já incitando o odio, e principalmente já provocando o ridiculo, matando-nos um a um, até com applauso geral, do mesmo modo que o podador vai cortando um a um os galhos da arvore, com satisfação do dono.

Unidos, o seculo nos accusará sempre com razão ou sem ella, porque essa é a sua missão, mais nós teremos nossos irmãos, que nos defenderão por toda parte, e vós não ignorais, que não ha accusação, que resista á defesa de um irmão!

Os fundadores desta sociedade não têm a presumpção de suppor, que esta idéa tão grandiosa e tão bella, tenha sido bem comprehendida e desenvolvida nos Estatutos, que vos distribuiram: a experiencia nos ensinará melhor a todos, e a nossa prudencia e sabedoria realisarão, o que fór mais conveniente. Pela minha parte, collocado neste lugar, não pelo direito que dá o merito, nem pela justiça, que reclama o saber, mas pela confiança de meus companheiros, eu envi-darei todas as minhas forças para bem cumprir com os meus deveres.

O que não poderei fazer é prescindir de vosso auxilio; vossas luzes, vossa piedade e vossa dedicação eu as reclamo,

para lustre de nossa classe, para gloria de cada um de nós.

Ninguém se julgue somenos para co-adjugar-nos nesta santa cruzada; o mais pequeno auxilio torna-se valioso, e é com os pequenos concursos que se conseguem grandes obras. Mata-se o gigante não com a clava nem com a cota de malhas, mas com o seixinho do regato que serpêa, tudo depende do golpe: se tiverdes boa vontade, como eu creio, esperança salda, e perseverança extrema. Deus ha de abençoar tão bons desejos, e permittir que elles se traduzam em muitas obras, que dêem mais brilho ao seu nome.

Seja na verdade esta sociedade o campo da União, onde as intelligencias se communiquem, e as vontades se fortifiquem pelo contacto. Vejo neste dia mais um dia de gloria e de satisfação para o clero fluminense. Grave-se na nossa bandeira a palavra união, e união catholica, isto é, que se estende a todo vosso interior e exterior; possa esta sociedade realisar o que dizia Jesus Christo no Evangelho de S. João. Ut sint unum—para que sejamos todos um só pensamento e uma só vontade—Ut sint unum—Eis os nossos votos.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Kylrué ou Kelrué ou Kelru.

Na margem esquerda do rio Itapecurú, pouco abaixo da villa deste nome, o viajante descobria outr'ora collocada em planice elevada uma linda Igreja.

Foi fundada pelo Mestre de Campo Lourenço Belfort, natural da Irlanda, porem portuguez adoptivo, cavalheiro professo na Ordem de Christo, depois de obter permissão do ordinario para ter capellão, que podesse celebrar missa e administrar os sacramentos á sua familia e vizinhos, podendo mandar tambem benzer uma porção de terra para cimiterio.

Em 7 de Setembro de 1769 o seu fundador requereu ao Vigario Capitular do Bispado, Dr. Barbosa Canaes, licença para se benzer a capella, cuja obra estava já acabada, a qual tinha oitenta palmos de comprimento e trinta e cinco de largura, com côro, pulpito, tribunas e sacristia, tudo forrado e coberto de telha (vide na Camara Ecclesiastica a petição autoada e despachada á 11 de Setembro de 1769.)

Assignou uma escriptura á 7 de Setembro desse anno, pela qual se obrigou á dar á dita capella 6\$000 reis annuaes para patrimonio, os quaes se tirariam dos rendimentos da dita fazenda, então chamada *Kylrué*, e na falta dos bens hypothecou para isso a sua terça; foram testemunhas o doutor mestre em artes José dos Santos Freire e Francisco da Serra Freire.

No dia 12 desse mesmo mez o Reverendo Conego Promotor Matabosque requisitou «que fosse a capella visitada, e observada a sua capacidade e ornatos, afim de ser então concedida a licença para se benzer, e nella se celebrar os officios divinos.»

Foi satisfeita esta requisição sendo nomeado o vigario da villa do Rosario para tal commissão em 19 do dito mez pelo Dr. Pedro Barbosa Canaes, Protonotario Apostolico de sua santidade, vigario Capitular, e então governador do Bispado do Maranhão.

Por isto o Rêvd.º Padre José Antonio Martins procedeo á visita e ben-

ção da capella á 12 de Dezembro de 1769, sendo testemunhas o escrivão Diogo de Faria, Vicente Ferreira da Costa, Francisco Xavier de Araujo, Lucas Raposo, Ignacio José Gomes de Sousa, e José Antonio Gomes de Souza.

Por despacho do Cabido de 23 de fevereiro de 1770 se concedeo licença para se celebrar o santo sacrificio da Missa e mais officios divinos—As custis destes autos montaram a 1\$003 reis.

Com o correr dos annos cahio este templo, já com o nome de *capella de São Patricio*, na fazenda de Kelrué—o alferes João Belfort, morador no Itapecurú, requereu licença para edificar-a (vide o requerimento despachado á 17 de maio de 1782.)

O peticionario assignou á 15 de maio de 1782 nesta capital «escriptura publica pela qual fez doação para patrimonio á capella de 25 vacas certas e estaveis na sua dita fazenda» foram testemunhas Felipe Marques da Silva, e Ricardo Belfort.

Parece-nos, que não poudo levar a effeito os seus desejos, por que novas tentativas encontramos para esta reedificação no despacho do Bispo Diocesano dom Luiz de Brito Homem de 24 de outubro de 1807, proferido na petição do mesmo coronel João Belfort mandando o vigario da freguezia do Rosario Padre Antonio Rodrigues de Oliveira Teso benzer e lançar a 1.ª pedra da fundação da capella de San Patricio no sitio do Kelrué, fazenda do dito coronel no dia 1.º de novembro de 1807; havendo permissão no dito despacho para exposição do SS. Sacramento no referido dia 1.º no oratorio privado da mesma fazenda, e indulgencia de 40 dias ás pessoas que assistissem ao acto da benção e outros quarenta ás que ali visitassem devotamente o SS. Sacramento no dito Oratorio.

(Vide a petição e certidão archivadas na Camara Episcopal em 1807.)

Hoje ainda existem unicamente as paredes principaes, e pertence a uma das fazendas do Exm.º Sr. Barão de Anajátuba.

Maranhão, Novembro—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## EXTERIOR.

### Inglaterra.

#### A ADMINISTRAÇÃO DAS VIAS FERREAS PELO ESTADO.

O relatório suplementar, ou segundo relatório, dos commissarios nomeados para examinare a questão das vias ferreas Irlandezas, é interessante e instructivo: habilita-nos para formar opinião favoravel sobre a questão da administração das vias ferreas pelo Estado, ou por um systema de centralisação.

Os commissarios tinham de examinar o serviço das vias ferreas da Belgica, porque ha já annos que uma consideravel porção daquellas linhas estão sob a super-intendencia do governo. Versarão os seus exames, primeiramente sobre a perda provavel que podesse immediatamente occorrer, em diminuir os fretes das linhas Irlandesas, igualando-as á tarifa belga; em segundo lugar quando e como o augmento do trafego, que se espera da redução dos fretes, cobrirá e recuperará a perda originaria; e em terceiro lugar sobre a verificação do que se poderia poupar com a concentração dos estabelecimentos, e collocação de todo

o capital despendido sob a garantia do governo.

Como os exames dos commissarios se referem inteiramente ás vias ferreas da Belgica, é conveniente dar uma idéa clara do trabalho dessas linhas.

As primeiras vias ferreas da Belgica forão construidas pelo Estado depois da revolução de 1830, de maneira que as principaes linhas do paiz tem sido administradas pelo governo, durante 30 annos.

Depois de 1846, companhias particulares e independentes construíram vias ferreas na Belgica, algumas das quaes, mas não todas, forão concedidas ao Estado.

Assim, existem alli vias ferreas construidas e funcionando pelo Estado, vias ferreas não construidas, mas dirigidas por elle, que funcionão á sua custa e vias ferreas inteiramente independentes do governo.

Destas ultimas, muitas têm sido concentradas e funcionão em grupos, systema que produziu optimos resultados.

Talvez que o melhor commentario dos resultados praticos do systema belga seja, que em 1864 a 65 «houve negociações para a aquisição pelo Estado de algumas das companhias independentes.»

Além disso, uma proposta recente de uma companhia independente para arrendar todas as linhas ao governo foi rejeitada, e pelo contrario, até se pediu que o Estado assumisse a responsabilidade e superintendencia de todo o systema de vias ferreas.

Não é isto de admirar á vista da consideravel extensão das actuaes linhas do governo.

Em primeiro lugar deve-se observar que o estado fixa sempre os fretes das cargas por um preço baixo; mas, comquanto deste plano tenha resultado sempre uma perda temporaria, em caso nenhum o extraordinario augmento do trafego das linhas deixa de cobrir essa despesa e produzir excellentes lucros.

Deste modo, quanto a mercadorias em 1856, tempo em que o preço médio por tonelada era de 3 s. e 8 d. forão transportados dous milhões e meio de toneladas, e 8 annos depois, em 1864, cinco milhões e um quarto, quando o preço médio do preço era 2 s. e 8 d.

Por isso requisitarão-se trilhos, desvios e outros objectos para satisfazer os pedidos do trafego extraordinario.

Depois de destinar 5 % para estas despesas, os commissarios verificarão que o publico durante os 8 annos economizou lb. 80,000 no preço dos trens, e que o thesouro publico tambem realisoou um lucro de lb. 231,240, livre de despesas.

Até 1866 não se fez na Belgica a redução dos preços, das passagens, principalmente nas maiores distancias, e pelo principio de que nas viagens maiores é que se devião fazer as reduções, de facto os preços oscillarão entre 66, 5 %.

Permittio-se que os passageiros de 3.ª classe viajassem nos trens expressos.

O resultado principal dessas alterações foi que em dous annos houve um augmento de passageiros de milhão e meio, ou á razão de 7 % por anno. A perda pecuniaria, devida á redução dos preços, foi no primeiro anno de 12 %.

No segundo anno não só não houve perda, mas antes mesmo de se terminarem os dous annos, em que houve a redução, realisoou-se o lucro de lb. 10,000.

Deve-se observar que no primeiro anno, por causas locais, o trafego foi máo, quando o segundo anno foi excepcionalmente bom por causa da exposição de Paris.

Os commissarios observarão tambem que estes resultados não se alcançarão só nas linhas administradas pelo Estado, mas no trafego das vias ferreas independentes, porque muitas destas ultimas adoptarão a tarifa do governo.

Os commissarios procederão a exames sobre os systemas de vias ferreas da Prussia e da Alemanha, onde prevalece, na extensão de quasi um terço do total, a administração pelo Estado. Na

Prussia, em 1866, o preço por milha era pouco mais de meio penny.

Attendendo, pois, ao resultado do systema de vias ferreas da Belgica, Prussia e Alemanha, não ha duvida que elle anima a adopção da administração pelo Estado e a redução dos preços na Irlanda.

Os commissarios porém, ponderão que não se deve levar muito longe a analogia, porque ha muitos pontos divergentes entre condições relativas ao systema belga e as que se referem ao problema da Irlanda.

A Belgica transmitta annualmente á Alemanha 34 milhões esterlinos em mercadorias, ao passo que o trafego da Irlanda não admite comparação.

A Belgica possui carvão e ferro, e a Irlanda não tem uma nem outra coisa.

A Belgica desenvolve muito maiores interesses fabris que a Irlanda.

A Belgica tem 442 pessoas em cada milha quadrada, a Irlanda 171.

A área da Irlanda é quasi o triplo da Belgica, mas a differença da sua população é de meio milhão.

O trafego das mercadorias na Irlanda foi em um anno de 2 milhões e um quarto de toneladas, quando na Belgica chegou a quasi 16 milhões.

A extensão das vias ferreas na Irlanda abrange 1,892 milhas, e na Belgica 1,455.

Os unicos pontos em que a Irlanda se avanta á Belgica são que seu trafego de navegação é muito maior, e o correio transporta quasi o dobro do numero de cartas.

É portanto evidente que, á vista das desvantagens comparativas, a Irlanda tirará resultados muito menos vantajosos do que a Belgica. Apesar disso, os commissarios, depois de pesarem devidamente todas as considerações relativas ao caso, são de opinião que uma modificação no systema belga será vantajosamente applicada á Irlanda.

Mas elles calculão que muitos annos hão de correr antes de saldar-se a perda immediata, e entendem que evidentemente uma pequena redução de preços não bastará para produzir o estimulo necessario, especialmente nas viagens pequenas. «É necessario, dizem elles, fazer uma grande redução, e depois de certos gastos fixos no minimo, fazer a escala pedagica para as diferentes escalas de trafego applicaveis a todas as distancias.»

Propõem elles uma redução de preços: para as 1.ªs classes de 31 %, para as 2.ªs de 45, e para as 3.ªs de 42 %; nas mercadorias de 42 a 78 %, e para animais domesticos de 32 %.

Procedendo depois á avaliação da perda immediata que devem resultar dessas mudanças no trafego existente, chegarão á somma de lb. 645,701 por anno, ou concedendo lb. 88,000 para pagar os premios devidos, e lb. 32,000 para a concentração da administração, verificarão um deficit liquido de quasi meio milhão esterlino.

Calcularão depois que em 11 annos o augmento do trafego bastaria para pagar todas as despesas de qualquer especie, deixando um pequeno saldo a favor do thesouro. As suppostas vantagens para a Irlanda erão «que o publico servindo-se das vias ferreas da Irlanda pagaria pelo augmento do trafego durante 12 annos 12,000 lb., menos do que pagaria por esse trafego pelos preços existentes», e que um lucro liquido de 50,000 lb. se realisaria no 12.º anno.

No arranjo proposto para as vias ferreas irlandezas é evidente que experimentaremos o systema em circumstancias assaz desvantajosas, com quanto se avanta a perspectiva de um provavel resultado financeiro.

Ninguém pôde duvidar dos immediatos effeitos beneficos para a Irlanda: mas devemos assustar-nos por ter de pagar meio milhão esterlino por anno, ou quasi, termo médio, um quarto de milhão por anno, durante 11 annos.

A somma, contudo, seria bem dis-

pendida se os descontentes diminuíssem também.

Mas, quanto á introdução do systema na Inglaterra, devemos esperar até que as vantagens das vias ferreas da Irlanda se torne facto consumado?

Se assim fôr temos de esperar muitos annos; e entretanto temos a Belgica para exemplo.

Como ella, nós temos carvão, ferro e fabricas, e um povo diligente e activo: e temos mais um grande e crescido trafego com todas as partes do mundo, de modo que, se a grande despesa de nossas vias ferreas prevalecesse contra a obtenção de iguaes resultados satisfactorios, ha uma grande margem para conseguil-os e vencel-os. Em todo o caso, já tivemos as primeiras investigações, e talvez que nenhuma possa ser mais conveniente do que a que foi feita pela commissão que relatou sobre as vias ferreas da Irlanda.

MORNING-POST.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

FRANÇA.—Os deputados opposicionistas disistiram da manifestação de 26 de outubro; entretanto o governo tomou providencias. Até o meio dia não se tinha verificado manifestação alguma. O governo francez trata de alargar o programma liberal. Correm boatos de modificação ministerial. O corpo legislativo será convocado para os principios de novembro, as eleições supplementares a 15 de dezembro.

ALLEMANHA.—Insurreição na Dalmacia. O governo austriaco enviou tropas contra os insurgentes. Foram derrotados os insurgentes de Catáro.

Reunio-se em Pestti o parlamento húngaro a 17 de outubro. A Bohemia manifesta-se pelos meios legais contra a constituição austriaca. O parlamento prussiano regeitou a proposta do conde de Lippe. O ministro da fazenda da Prussia pediu a sua demissão.

INGLATERRA.—Falleceu lord Derby no dia 23.

SUISSA.—Esta confederação trata de reformar sua constituição.

ROUMANIA.—O principe Carlos de Roumania celebrou esponsaes com a princeisa Isabel de Wied.

AMERICA.—A marinha dos Estados Unidos aprisionou o corsario *Howel* pertencente aos cubanos. Era esperado em Washington o padre Jacintho.

PORTUGAL.—Reformas de secretarias de estado. Proxima chegada do duque de Saldanha. Ida de Stephanía á Suez. Noticias de Moçambique.

ITALIA.—Os principios proclamados pelos nossos homens de Estado a respeito dos bens da Igreja vão produzindo os seus resultados.

Ultimamente, n'uma aldêa da Italia, prendeu-se um ladrão que estava occupado em despojar de suas joias uma estatua de Nossa Senhora.

—Que tendes que dizer em vossa defesa?—lhe perguntou o chefe de policia. Foi a miseria que vos impellio a commetter este rotbo? Não senhor, respondeu o sujeito, foram as minhas convicções politicas. Eu entendo que os bens ecclesiasticos devem ser confiscados em proveito dos leigos.

—A *Libertà Catholica* publica as retratações assignadas por quatorze padres que tinham abraçado o partido do rebelde padre Passaglia, hoje cahido em esquecimento.

—A darmos credito ao *Conservatorio*, o governo piemontez mandou vender em leilão, no antigo convento de Badia, em Florença, uma grande quantidade de ambulas, calices, patenas, pluvias, estolas, alvas, vestimentas e utensilios sagrados de toda a sorte. Estes objectos foram comprados por alguns Judéos que vão negociar com elles em França.

—Innumeras conversões se operam cada dia na Inglaterra. Entre outras per-

sonagens illustres que acabam de abjurar o protestantismo e entrar no gremio da Igreja Catholica, notam-se o Rvd. W. Goldstone, graduado na Universidade de Oxford, Vigario de S. Miguel, em Wakefield, e lady Murray, filha primogenita do duque de Monrose.

—Refere o *Universo* que tendo Sua Santidade no dia de S. Pedro renovado, como faz todos os annos, os seus protestos contra as usurpações das terras e dos bens da Santa Sé, dirigindo-se aos fieis, exhortou-se a Deos pelos usurpadores, afim de que elle se digne convertê-los, e terminou com estas palavras: Se não quizerem porém voltar á senda da justiça, di-rei então com a Igreja: *Confundantur qui nos persequuntur; pereant illi qui nos perdere festinant.*

—O *Osservatore Catholico* de Milão, tendo tido a infelicidade de reproduzir estas palavras, foi processado pelo governo piemontez, que tão apatetado anda, que mal se lembra que estas mesmas palavras se acham no Missal e terminam a primeira das *Orationes pro opportunitate sacerdotis ante celebrationem et communionem dicenda.*

Esta oração é geralmente attribuida a Santo Ambrosio, que, coitado! foi processado pelo liberalismo italiano na pessoa do redactor do *Osservatore Catholico*.

ASYLO DE D. LUIZ I.—Lê-se no *Jornal do Commercio* de Lisboa:

« Domingo foi aberto o asylo de D. Luiz I, situado em Santo Amaro, depois de largos e dispendiosos melhoramentos, julgados indispensaveis para alli acolher maior numero de crianças desamparadas.

Como se sabe, este estabelecimento de caridade foi instituido com o valor legado de 400 contos de reis em inscrições, que lhe foi destinado por Manoel Pinto da Fonseca.

Este importante fundo, accrescido dos juros produzidos antes de elle receber a divida applicação, e de outros augmentos provenientes de uma discreta e economica gerencia, está hoje elevado a perto de 140 contos.

A direcção actual, nomeada em Julho de 1863 compõe-se do Srs. Francisco Izidoro Vianna e Pedro Lamas. O zelo intelligente e perseverante desta illustrada direcção conseguiu, nos poucos annos da sua gerencia, comprar por 12 contos de reis, a casa em que o asylo se fundara. Executou nesse edificio grandes melhoramentos, que absorveram 5 contos de reis, e lhe deram capacidade para recolher mais 40 asylados, elevando-lhes o numero a 80; e enfim dispendeu para cima de 2 contos de reis em moblia, canalisação de agua e gaz, e roupas abundantes para todas as suas crianças.

Para occorrer a tantos encargos, a direcção tem realizado, além de 3:100\$ de subscripção annual, mais 8:907\$ de donativos, 5:000\$ de emprestimo gratuito, e 4:000\$ de emprestimo do Banco de Portugal.

Apezar de tantas despesas ordinarias, a severa economia da direcção e a sua judiciosa gerencia conseguiram, sem fallar em nada aos principaes encargos, ter apenas um insignificante deficit, que ha de ficar pago este anno, como já o foram os 9 contos, que levantára por emprestimo, e isto sem sacrificio, antes accrescentando o seu avultado fundo permanente.

As obras que a direcção emprehen-dera não só deram á casa a capacidade necessaria para duplicar sem incommodo o numero dos asylados; mas dotaram aquelle estabelecimento com todas as indispensaveis condições hygienicas que primitivamente lhe faltavam. O asylo de D. Luiz I, que antes e com mais justiça devemos denominar de Manoel Pinto da Fonseca, é hoje incontestavelmente um dos melhores da capital. Domingo foi, como dissemos, a sua inauguração, depois das transformações profundas e acertadissimas, porque passou. Mais 40 crianças foram nesse dia recebidas. O Sr. ministro do reino, o gover-

nador civil, e um limitadissimo numero de estranhos concorreram a este acto.

Não podemos negar-nos aqui a expressar os nossos louvores a esta direcção, a cuja severa administração e esforços incessantes e desinteressados, deve esta casa tamanhos melhoramentos, e a memoria do fundador o Sr. Manoel Pinto da Fonseca será abençoada por 80 infelizes crianças, que alli recebem amparo e educação. »

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ ANNOTADO.—  
Da *Correspondencia de Portugal*:

« Apressamo-nos a transmittir uma noticia que muito ha de interessar aos nossos leitores de Portugal e do Brazil, sobretudo áquelles que se dedicão á sciencia do direito.

O Sr. conselheiro José Dias Ferreira, ministro de estado honorario e lente cathedratico da faculdade de direito da universidade de Coimbra, tem quasi concluido um trabalho sobre o codigo civil portuguez, que, attendendo á reconhecida autoridade do autor, ás circumstancias em que a obra é escripta e á disposição do assumpto, deverá ser um tratado completo de direito civil.

Faz-se a analyse do codigo artigo por artigo, e com referencias nos artigos sobre materia analogá, ou que carecem de conciliação, dando-se a razão da disposição do artigo e explicando-se o alcance do texto e o modo de o entender e applicar. A repetição de referencias ás leis estrangeiras e de citações de muitos autores, que costumam occupar um grande espaço em obras deste genero, é substituido no livro do Sr. Dias Ferreira pela confrontação dos proprios artigos do mesmo codigo entre si, e com a nossa legislação vigente.

O trabalho tem sido feito á vista das legislações estrangeiras e da antiga legislação portugueza, onde se encontra a fonte das differentes disposições do codigo, em presença das actas da commissão revisora e das sessões parlamentares, onde se acham os motivos de muitas das suas disposições.

Acompanhará os tres volumes em que a obra tem de ser dividida um appendice, contendo todas as leis, decretos e portarias, que modificam, regulam, ou interpretam artigos do codigo, sendo todos estes documentos tambem illustrados com observações do autor sobre os seus preceitos mais obscuros, e com a noticia da transcripção das decisões dos tribunaes superiores, que tem já fixado a intelligencia de alguns pontos duvidosos do codigo.

A obra recommenda-se pela natureza do assumpto e pela competencia do autor. »

## VARIEDADES.

### Biographia do amor.

—Do *Ypiranga*:

Um jornal estrangeiro falla assim do amor nas diversas epochas da vida: « Na idade de 3 annos gosta-se da mãe; na de 9 gosta-se do pai; na de 10 gosta-se de rir e brincar; na de 16 gosta-se de modas; na de 20 gosta-se de namorar; na de 25 gosta-se da mulher; na de 40 gosta-se dos filhos e na de 60 não gosta a gente senão de si. »

## Estações telegraphicas no mar.

—Do *Diario Official*:

« A companhia das estações telegraphicas fluctuantes vai organizar estações oceanicas. Alguns dos navios destinados á essas funcções já estão construidos, e outros estão sendo construidos em Dubaton. Um delles fará ponto em estação ao largo do Trith-de-Forth, passagem da linha do mar do norte.

Outro fará ponto a algumas milhas de Falmotuh, de modo a ficar na passagem dos navios vindos da India, do Mediterraneo, e do Atlantico; todos os pontões estações serão amarrados por meio de ancoras poderosas cuja acção será ajudada pelo peso do proprio cabo.

Essas estações serão destinadas a prestar aos navios no mar os mesmos serviços que nas estações terrestres. Receberão e transmittirão as mensagens, estarão á disposição dos passageiros e pouparão despesas e tempo aos navios que estão obrigados actualmente a entrar nos portos para receber despachos, e por consequencia pagar direitos, etc.

A companhia espera abrir a primeira estação no fim de Outubro proximo. »

## Erro typographico.

—Do mesmo jornal:

« Erriçam-se os cabellos a quem pensa na responsabilidade que pesa sobre os typographos.

O Sr. Harrison, criador de cavallos, intentou agora a um jornal um processo de diffamação por causa de um artigo que começa assim:

« *Mr. W. H. Harrison, the, well-known house breaker.* »

Quer dizer:

« O Sr. W. H. Harrison, o bem conhecido arrombador de portas para roubar »

Esta! era duro de roer! por menos qualquer se zangaria! Sabendo que o Sr. Harrison tinha apresentado queixa aos tribunaes, o editor do jornal incriminado protestou pela sua innocencia.

Depois de competente exame, provou-se que o original mandado aos typographos não dizia *house breaker*, arrombador de portas, mas *horse-breaker*, criador de cavallos, o que é differente. »

## Laudo insuspeito.

—Acaba de fugir ao tecto marital, diz a *Perseveranza*, folha italiana, a Sr.<sup>a</sup> Adelaide Sala-Villa, com 22 annos, casada de pouco, deixando tres cartas na sua mezaquinha de trabalho, uma ao marido, outra ao pai e outra a uma amiga. O theor desta ultima carta é o seguinte:

« Dizem que o matrimonio é o tumulto do amor. Eu digo que é o tumulto da felicidade, da quietação e de todos os affectos. Não posso permanecer no estado conjugal, e prefiro morrer. Não me procurem: será inutil. Não ouvireis mais fallar de mim, nem como viva, nem como morta. »

E que tal?

San Luiz — Typographia *Perseveranza*, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 1.º DE DEZEMBRO DE 1869.

## Galeria philosophica.

A LÓGICA DA REVOLUÇÃO E A LÓGICA  
DA PAZ.

Em o tranzação artigo nos comprometemos a provar pela razão e autoridades a legitimidade do direito que tem a sociedade de resistir ao Poder que se transvia.

Cremos não ser necessario grande esforço de logica para demonstrar-se principio tão commesinho nas escolas, e tão palpitante em a consciencia de todos.

Basta dizer-se que o Poder não vem immediatamente de Deos, e sim mediamente (entenda-se, que em toda esta discussão não fallamos do Poder ecclesiastico; porque então a questão mudaria de face.)

O Poder vindo immediatamente da sociedade é ella que uzando de um santo principio que lhe foi dado por Deos, confere a um ou mais de seus membros a supremacia do mando.

Entre a sociedade e o Poder por ella constituido se estabelece um contracto: elle obrigando-se a promover e velar pela conservação e incremento da communa; e ella compromettendo-se a obedecer ao Poder, como representante de Deos, pois de Deos vem toda ordem e justiça, e aquelles que cumprem a ordem e a justiça, executam uma função divina.

Em abono da affirmação que entre a a communa e o Poder dá-se um contracto, basta citar-se as bem conhecidas formulas do juramento das côrtes da Espanha: *«Juramos obediencia ao rei sob taes e taes condições: sinão, não etc.»*

E si muitas vezes este contracto não se faz tão expressa e claramente, nem por isto é menos real.

Esta doutrina que está apoiada em S. Thomaz, Suarez, e outros vultos, em coiza alguma se parece com a do *Contracto social* de Rousseau; nem com a *soberania popular* de Montesquieu.

Rousseau firma o seu *Contracto social* no principio da força; ao passo que nós sustentando a origem do Poder como mediamente de Deos, constituímos a sua força em principio muito mais sublime: Deos e a consciencia.

A nossa doutrina affasta-se tão bem da *soberania popular* de Montesquieu; porque este faz residir todo o direito mesmo no individuo; e d'ahi as ideas tremendas e subversivas que qualquer pessoa pode matar o Tyranno.

De sorte que fazendo nós residir o poder somente no corpo social, temos cortado as azas da *soberania popular*, e do *contracto social*, não concedendo em caso algum, que o individuo possa desfazer-se do Tyranno. Por outro lado, fazendo residir o poder na sociedade temos esmagado o absolutismo, o despotismo, proveniente da falsa presumpção do imperante, que o seu poder em nada depende da sociedade.

Concedendo que o Poder vem mediamente de Deos, temos estabelecido o principio, que constituido elle uma vez, a sociedade não o pode retirar a capricho.

Isto porém é em these; porque em hypothese o direito natural e direito publico estabelecem quatro condições, dadas as quaes, a sociedade tem o direito e mesmo o dever, segundo o prova o sublime S. Thomaz, de derribar o Poder.

Eis os casos: 1.º quando o soberano calca dos pés a constituição do estado;

2.º quando o poder se transforma em tyranno.

3.º quando se constitue inimigo do paiz que lhe é sujeito.

4.º quando o poder reduz a sociedade a um e tido desesperado.

Dadas estas circunstancias, concordão as autoridades mais sublimadas, que a resistencia mesmo a braço armado é licita e necessaria.

Em abono desta affirmação poderiamos citar centenas de auctores, como S. Thomaz, Suarez, o cardinal Bellarmino, Marianna, Cornelio A. Lapide, Balmes, J. Almain Durand, Bianchi, S. Agostinho, S. João Chrisostomo e tantos outros.

Porem como a estreiteza de um artigo não comporta estes largos desenvolvimentos, basta citar S. Thomaz, e Suarez; por que quem se acha com estes dois luzeiros do mundo scientifico, pode estar certo que raramente errará. O grande Suarez seguindo a S. Thomaz, depois de fazer uma bella distincção entre tyranno que usurpa o poder pela força, e o que se torna tal pelo abuso que faz do poder que lhe fora confiado pela sociedade, assim se expressa: *Toda republica tem o direito de depor o Soberano, a titulo de uma defesa necessaria á sua conservação: por consequencia se o rei legitimo governa como tyranno, e si não ha para o reino outro meio de defesa contra os desmandos do Poder alem do de o depor, a republica sem offender a direito algum o pode faser* (Suaz. De fens. fid. lib. 6º c. 4º.)

*«Si uma multidão, diz o doctor eximius S. Thomaz, tem o direito de crear um Poder, pode sem injusticia o destruir no caso que o soberano abuse do seu poder»* (S. Thom. Opus. 20 de reg. princip.)

J. Almain, autoridade insuspeita disse em termos bem claros que a communa não pode renunciar ao direito de resistir ao Principe, e que o pode depor, se elle governa mal; *non potest renunciare communitas potestati quam habet super suum principem... quæ scilicet potestate eum potest deponere.*

Citaremos por ultimo a J. Major que por seu imperramento em favor do absolutismo está alem de qualquer suspeita, pois elle disse: O rei que despreza os seus deveres, *rex utilitatem reipublicæ dissipans*, deve ser deposto pela communidade (Desput.)

De quasi iguaes termos uza Grocio e o seu commentador Cœcejo.

Ora uma logica que assim falla, não pode ser a da revolução; uma logica que assim esclarece aos principes, fal-os entrar no justo comprimento de seus deveres, fal-os conter o quanto valem, e esta logica é a da paz, por consequencia.

Ao passo que a logica que dá tudo aos Principes, fazendo-os senhores absolutos, ou que dá tudo ao povo, constituindo-o revolucionario, é exactamente a logica das revoluções sanguinolentas; pois para nós é liquido que a tyrannia do Poder é a revolta da Authoridade contra a sociedade, e a revolução popular é a tyrannia do individuo contra o Poder.

Eis pelo que nos parece viciada essa logica que grita: *ou a reforma ou a revolução.*

Não; devemos gritar sempre: *a reforma, a reforma*, regenerai os vossos desmandos, vede que mentis ao fim para que fosteis collado no Poder, vede que a sociedade foi quem vos deo o mando, e d'um momento para outro pode vol-o arrancar, e vede ainda que o grito de: *abaixo o poder!* é tremendo...

E assim que os vultos mais orthodoxos resolvem a delicadissima questão da resistencia ao Poder.

Entretanto gravissimas difficuldades surgem em sentido contrario, porem todas estão resolvidas pelos bons publicistas. Mas este terreno é tão sagrado, que apesar de sermos entusiastas partidarios da resistencia do Poder, jámais diremos a alguém: é tempo da revolução, derribemos o Poder.

Deos nos seus altos decretos é que regula as revoluções dos Imperios, como sublimemente o demonstrou Bossuet.

As revoluções debaixo deste ponto de vista providencial arrastão os homens, como o disse de Maistre; e as que elles preparão e executão, são infructiferas, e sempre horivelmente injustas.

Vamos pois apontando os males, e clamando pelas reformas; e se Deos quizer a regeneração pela procella da revolução, ella arrebitarano momento em que menos esperamos.

Cessem pois esses gritos irrefletidos de: *ou a reforma ou a revolução*; porque esta não é a logica da paz, e a paz é o que todos nós queremos.

Paz e progresso, pois seja a nossa diviza.

## O Rev. Padre Jacintho.

Offerecemos á consideração dos nossos leitores o seguinte artigo da *União Catholica*, a respeito da carta que Fr. Jacintho dirigio ao Geral dos Carmelitas, em Roma, já por nós publicada.

Como sempre, o illustre campeão do catholicismo, na Italia, sobresahe pela logica e energia de sua linguagem.

Eis o que diz a *União*:

«Ficamos profundamente afflictos, mas não sorprendidos, com a noticia de que o Padre Jacintho, Carmelita descalço, tinha escripto, em data de 20 de Setembro, uma carta ao Padre Geral em Roma, e a qual dera á luz da publicidade no dia seguinte, e, portanto, antes que pudesse chegar ás mãos do seu superior, a quem era dirigida. Nesta carta declara Fr. Jacintho: 1º. que abandona o pulpito de *Notre Dame de Paris* porque não quer empregar uma linguagem falseada por uma palavra de ordem e mutilada por reticencias; 2º. que quer deixar o seu convento, que para elle se tornou uma prisão da alma; 3º. protesta contra maximas e praticas que se dizem romanas, mas não são christãs; 4º. protesta contra a perversão sacrilega do Evangelho, calcado aos pés pelo pharisaismo de uma lei nova; 5º. appella para o Concilio, como um remedio; 6º. finalmente, se o Concilio não decidir no sentido dos escriptos e das palavras de Fr. Jacintho, appella para outro Concilio que represente a Igreja universal.

«Esta carta, dizemos, não nos surpreendeu. Quando lêmos as conferencias demasiadamente livres, muitas vezes licenciosas do carmelita,—quando soubemos que elle não hesitava em nome da tolerancia, a pôr em contacto o habito de Santa Theresa com as vestes do protestante e do racionalista judeu—; quando, no congresso da paz, reunido em Paris no mez de Junho, dizia que *ao sol do mundo civilisado só havia lugar para tres religiões: a judaica, a catholica e a protestante* o que era crucificar de novo a Jesus-Christo entre dous ladrões—; quando proferia um discurso tão liberal que fazia dizer ao pastor protestante Martinho Paschoud: *«Eu não sei se sou catholico, mas não sei também se não sou protestante»*—; quando elle recebia elogios e felicitações de Miguel Chevalier, são-simoniato; de M. Molinari, admirador de Quinet; do *Journal des Débats*, do *Temps* e da *Opinion Nationale*—; quando nos escreveram que, indo a Roma, elle

quizerá, antes de beijar os pés ao Papa, honrar com sua presença a Camara dos Deputados de Florença, então forçosamente concebemos grandes receios.

«Calámo-nos esperando e tremendo.

«Calámo-nos, ainda que provocados a fallar por um artigo do *Correspondant* de 23 de Junho, que lembrava como nos classificava Fr. Jacintho na imprensa, que se diz catholica, e se esquece de ser christã, e nos chamava *escrevinhadores, phariseos e outras cousas peiores*. Oh! porque não continuou Fr. Jacintho a escrever e a fallar contra nós! Mas é que não nos achou dignos da sua colera, aspirou mais alto, e isto mesmo esperavamos! Havia tanta vaidade, tanto emphase nas palavras do pobre religioso, que nos parecia que elle estava a prégar-se a si mesmo. Os seus discursos e sua influencia poderiam fazer algum mal. Agora que elle já mostrou o que era, desapareceu todo o perigo. Os dous jornaes italianos que o consideravam e citavam como uma autoridade na Igreja, d'ora em diante não ousarão mais fazê-lo. E se, como julgamos, forem animados de bom espirito, talvez cheguem a reflectir a que ponto vai insensivelmente levando o catholicismo liberal!

«Fr. Jacintho abandona a um tempo o pulpito, o seu convento e Roma. Abandona o pulpito porque não quer fallar *uma linguagem falseada por uma palavra de ordem ou mutilada por reticencias*. Mas elle, que é mestre em Israel, não saberá que para prégár é preciso ter missão? que Fr. Jacintho não é o depositario da fé, nem da moral catholica? que não é a elle que compete decidir o que deve publicar ou calar no pulpito? Não sabe elle que o grande livro dos pregadores é Jesus crucificado, isto é, Jesus, humilde e obediente até á morte da cruz? Elle que tantas autoridades cita, ignorará o *Quomodo predicabunt nisi mittantur?* e este mittantur não será a palavra de ordem contra a qual elle se revolta?

«Fr. Jacintho, com o seu pulpito, abandona ao mesmo tempo o seu convento, *prisão da alma*. Desta sorte justifica elle os que lhe deram as ordens que o levam a abandonar o pulpito. Sim, o convento é uma prisão da alma, mas é uma prisão voluntaria, onde vos encerrastes muito da vossa vontade; e depois de muitas promessas feitas diante de Deos! Saliudo do convento esperaís obter a liberdade da alma? Oh! pobre padre! a vossa prisão começa precisamente no dia 20 de Setembro. Debalde buscais a liberdade na apostasia, pois não é apostatar o deixar o convento? Fôra da vossa cella não achareis senão remorsos, angustias, humilhações.

«Finalmente, Fr. Jacintho, depois do pulpito e do convento, abandona Roma, gritando contra as doutrinas que se dizem romanas e não são christãs. Não é assim que falla Luther? Não é isto sahir da Igreja Catholica, Apostolica, Romana?

«Em summa, toda a carta de Fr. Jacintho revela um orgulho sem limites. Não escuta nada, nem a voz de seu superior geral, nem as regras de sua ordem, nem as decisões do Pontifice, nem mesmo os decretos do Concilio Ecumenico, se forem contrarios ao seu modo de pensar. Lá tem já prompta a desculpa, e, na hypothese que o Concilio não seja livre, elle appella para outro que represente a Igreja universal. E porque não será livre o Concilio? Quem o le encadela? Será Pio IX, velho, pobre e desarmado? Pio IX que pou o tem que dar aos Bispos, e que, pelo

contrario, delles espera o *dinheiro de S. Pedro*? O Papa que não pôde prender um simples religioso encadeará a um millhar de Bispos e obrigá-los-ha a pensar e a fallar com elle! É crível isto? Vós vos insurgis contra as decisões da Igreja, e quereis fazer-nos aceitar semelhantes absurdos!

«Mas qual será o Concilio livre que represente a Igreja universal! Todo Concilio que não se exprimir com Fr. Jacintho nunca será livre nem representará a Igreja. São velhos artificios de que usam todos os orgulhosos e hereges que não querem submeter-se á Igreja. É melhor dizer simplesmente: *Eu não creio mais*. Todavia, apraz-nos esperar que Fr. Jacintho não irá avante. A misericórdia de Deus o illumine, e Santa Theresa, de quem é filho, o retenha á borda do abysmo!

«Em todo o caso, affligir-nos-hiamos por causa delle, que tudo perde, e não pela Igreja, que nada perde. Quantos outros desventurados precederam a Fr. Jacintho no caminho em que elle se acaba de metter! O que é o que d'ahi resultou para Roma ou o Papado? Que mal produziram as apostasias de Lamennais, de Gioberti e dos que os imitaram em França e na Italia?»

A este respeito diz o acreditado jornal catholico da corte, o *Apostolo*:

Um dos factos que mais sensação tem produzido nestes ultimos dias é sem duvida a apostasia de Fr. Jacintho, o illustre pregador do Advento em *Notre Dame* de Pariz.

De ha muito enfatuado pelos pomposos elogios que recebia de todas as partes, aquelle celebre carmelita descalço deixou-se seduzir e arrastar pela doutrina subtilmente perigosa de certos catholicos liberaes que, a pretexto de tolerancia, querem a todo o transe que a religião transija com a revolução, que o catholicismo fraternise com os monstruosos erros grassantes na actualidade, que a Igreja reconheça e abraçe os erros que vão impellindo a nossa sociedade para o abysmo, que ameça devorá-la inevitavelmente.

E pois Fr. Jacintho, esquecido das considerações que elle a si mesmo se devia por seu character de religioso, e calcando aos pés a santa e austera regra de sua ordem, que elle voluntariamente abraçara com sollemnes votos, sem respeito nenhum pelo burel humilde do instituto do Carmelo, dera havia algum tempo em frequentar salões, reuniões e clubs litterarios, onde por mais de uma vez, com o fim de captar sympathias, em discursos que ahi pronunciava tivera a indiscutivel fraqueza de fazer certas concessões perigosas á doutrina dominante do seculo, e de cujas idéas se achavam mais ou menos embuidas as pessoas que o rodeavam e applaudiam. Era tal a sua propensão para concessões, que de modo nenhum pôde um catholico fazer, que um dia, no calor do improviso, chegou a equiparar o catholicismo, unica religião verdadeira, ao protestantismo e ao judaismo!

Semelhante proceder era de natureza e gravidade taes, que devia forçosamente attrahir a attenção do Geral dos Carmelitas, cuja residencia fica em Roma. Interveio este, dirigindo a Fr. Jacintho uma tocante carta em que lhe fazia ver com amor de pai o errado caminho que elle ia trilhando e a falsa posição em que elle mesmo se collocava por sua imprudencia, lamentando ao mesmo tempo o escandalo que Fr. Jacintho dera á Europa catholica com o discurso por elle pronunciado, na *Liga da Paz*. Finalmente, usando de sua autoridade, intimára a Fr. Jacintho que se submettesse á sua regra e deixasse de andar a fazer discursos em salões, onde não parecia bem o habito carmelitano; deixando-lhe porém plena liberdade para continuar a pregar nas igrejas.

Como era de prever, esta carta encheu de ira o orgulhoso carmelita, que para logo abandonando o seu convento, foi-se

secularisando por sua propria autoridade, a despeito dos votos sollemnes que o ligavam, e das graves penas canonicas impostas aos religiosos que assim procedem.

Não parou ahi o seu desatino. Teve ainda a audacia de sahir-se pela imprensa com uma carta, dirigida ao Geral de sua Ordem, em que pretendendo cohestrar o seu culpado procedimento, declarava-se ao mesmo tempo em aberta rebelião contra os seus superiores e a Santa Sé; e finalmente arrogando-se a si mesmo a infallibilidade que nega ao Papa e ao Concilio, protesta, qual novo Luther, para outro Concilio, se as decisões do do Vaticano não forem do seu agrado; e em ultima instancia appella, como o jansenista Paschal, para o tribunal de Jesus-Christo.

Como se vê, este tem sido o procedimento de todos os heresierchas; mas embora levantem elles o estandarte da revolta contra a Igreja, nem por isso deixa a Igreja de continuar a permanecer immovel e inabalavel sobre a rocha em que Nosso Senhor Jesus-Christo a edificou; e assistida sempre pelo Espirito Divino que lhe ensina toda a verdade, ella continúa a repousar firme e tranquilla sobre Pedro, unico a quem o divino Mestre prometteu a infallibilidade, e não sobre um Luther, um Calvino, um Lamennais, um Passaglia, um Gioberti ou um Jacintho.

Em outro lugar publicamos uma notavel apreciação da *União Catholica* a respeito da celebre carta de Fr. Jacintho, hoje abbade Loyson, nome que o ex-frade tomou depois de sua lamentavel apostasia.

É ocioso fallarmos na algazarra que em côro tem levantado por toda a parte a imprensa judaico-protestante-maçonico-racionalista, por occasião do escandaloso procedimento do ex-carmelita.

Até a *Vida Fluminense*, coitada! com a noticia, teve por um momento algumas melhoras em suas contracções nervosas, que a obrigam a fazer mil caretas e momices; e neste intervallo lucido deu á luz um lindo retrato de Fr. Jacintho, por quem ella se perde de amores. E não seria de admirar, se n'um dos seus arroubos de piedade, se prostrasse diante delle para dar-lhe culto como a um dos santos mais sympathicos e milagrosos que os seculos christãos tem visto!

Outras cousas mais impossiveis não se têm dado?

Lê-se ainda em uma correspondencia de Pariz para o *Jornal do Commercio*, do Rio:

Nada tenho dito até agora, e pouco me atreverei a dizer do facto immenso que tão grande brado tem dado por esse mundo, da semi-apostasia de frei Jacintho, superior dos Carmelitas descalços de Pariz, e um dos mais eloquentes oradores sagrados da nossa época, formulada em uma especie de manifesto publicado pelo jornal anti-catholico *Le Temps* do dia 20 do corrente, e immediatamente reproduzido por todos os outros jornaes francezes e estrangeiros. São materias sumamente delicadas, em que a minha incompetencia é completa, e em que a minha profunda ignorancia não pode emittir juizo nem bom nem máo, frei Jacintho abjura subitamente os votos monasticos que pronunciou, e de seu moto proprio *jette le froc aux orties*, secularisando-se sem autorisação de ninguém, unicamente por effeito de sua vontade ou antes do seu capricho. E tudo isto porque? Porque o geral da sua ordem, dominado, ao que elle diz, pela influencia jesuitica, omnipotente em Roma, lhe impoz doutrinas que *sendo romanas não são christãs*, e lhe mandou respeitar principios a que repugnava ao mesmo tempo a sua convicção e sua consciencia!

Como é isto? pergunta o *Avenir National*, que não é folha suspeita. Pois quando frei Jacintho pronunciou tão livremente e até com tanto entusiasmo os

votos a que se ligou, não sabia já que a obediencia era a primeira condição da vida monastica? Não sabia que revestindo o habito de carmelita, renunciava aos seus sentimentos e á sua existencia moral para não ter outros sentimentos senão os da igreja manifestados pela voz dos seus superiores? Onde está, pois, a razão sufficiente do passo que agora deu? Assim começou Luther, e João Huss antes delle. Deos queira que o desfecho do drama não seja o mesmo. Porém o mais curioso de tudo é que, declarando-se frei Jacintho no seu manifesto contra Roma, pretende com tudo conservar-se catholico, posto que comece por negar precisamente aquillo mesmo que constitue a base e a sciencia do catholicismo: a obediencia e a hierarchia. O concilio ecumenico, que se vai reunir, é-lhe suspeito; e se elle nas suas decisões se não conformar com as idéas do ex carmelita, reclamará este a convocação de outro que melhor as saiba comprehender. Por outras palavras: o privilegio da infallibilidade que o Papa se attribue e que Jesus Christo só concedeu á igreja universal, ao Revd. padre frei Jacintho é que pertence e a ninguém mais.

Seja o que for, se esta defeccão do eloquente carmelita, que coincide com as manifestações muito mais moderadas, posto que não menos significativas, dos bispos allemães, ha pouco reunidos em Fulda, e que traz á memoria as defeccões mais antigas do padre Passaglia e do cardeal Andréa, não abrir os olhos aos padres do concilio, para que proveja de remedio tantos abusos com que Roma está tornando absurda, ridicula e odiosa a religião de Jesus Christo, é preciso desesperar do catholicismo, porque é impossivel que continue a existir como actualmente existe sem se perder. Somente aqui em França todas estas appareições da Virgem, que anda fazendo fosquetas, ora em Lurdes, ora na Salette, em lugar de correr em soccorro de tantas centennas de victimas que pereceram no incendio da cathedral de Santhiago do Chile, por occasião de uma festa em honra da Mãe de Deus, fazem mais mal á causa catholica do que todos os escriptos de Renan, todos os discursos de Sainte Beuve, e todas as impiedades e escandalos dos solidarios. Restamos a esperanza de que entre os padres do concilio appareça algum frei Bartholomeu dos Martyres que reclame as reformas de que a igreja precisa, porque sobre a boa vontade de Pio IX não pôde haver a menor duvida.

## AGRICULTURA.

### Cultura do algodão.

De uma correspondencia de New York copiamos o seguinte:

Mr. B. F. Nourse, commissario dos Estados-Unidos, na ultima exposição universal de Pariz, acaba de apresentar ao seu governo um relatório sobre o algodão, d'onde vou extrair algumas passagens, cuja noticia parece-me importar muito aos seus leitores.

Durante os annos de 1851 a 1850 as colleitas do sul, não consumidas no paiz, deixarão uma margem de um milhão e duzentos mil dollars em favor delle, o que vem a ser cento e vinte milhões por anno.

Dando de barato que a metade dessa somma fosse consumida com a aquisição de conchegos de vida, ficarão livres annualmente sessenta milhões. Essa somma, diz Mr. Nourse, foi toda applicada á importação de escravos dos outros Estados. É verdade que se construirão muitas estradas de ferro; mas ellas estarão barato, rendião bem, e em muitos casos pagarão o seu custo. Todos os saldos, pois, serão applicados á compra de escravos, isto é, serão mal applicados.

Não ha duvida que população é riqueza, que a importação de escravos nestes Estados ia de alguma forma augmentar a riqueza delles. Mas se elles pudessem

importar trabalhadores de igual poder productivo, sem gastar nem real com elles, o capital que gastavão no primeiro caso teria sido salvo e applicado na aquisição de alguma outra forma de força productora, taes como instrumentos agrarios, etc., o que iria augmentar o valor do trabalho manual. Tal é a differença que ha entre receber um trabalhador livre e comprar um escravo: tudo quanto os Estados do Sul despendirão em escravos acima da ninharia por que obteria trabalho livre, tudo ficou duas vezes perdido para a comunidade.

Computando em tres milhões o numero de escravos, antes de 1861, ao valor nominal de 500 dollars cada um, ou por outra, um milhão de trabalhadores escravos a 1.500 dollars por cabeça, temos que um bilhão e quinhentos milhões erão o capital investido na escravatura, e para supprir as faltas que se ião dando tiravão-se de outros usos, para que erão muito necessarias, sommas realmente enormes.

Se em 1860 o povo, unanime, tivesse declarado a emancipação dos escravos, com ou sem compensação alguma, a comunidade nada perderia nem ganharia, excepto no ponto que a mudança augmentaria ou diminuiria a effiçencia do trabalho ou o custo de elle. Não haveria *annihilação* de propriedade, toda a força productora ficando como antes, e sómente mudando de donos.

O decreto de emancipação expedido por Lincoln tem o mesmo effeito: a differença é que, tendo elle sido reclamado como um acto de guerra, os trabalhadores de ambas as raças ficarão desmoralizados pelos incidentes da mesma guerra. A mesma força de braços ainda existe no sul: só o que é preciso agora é que ella se torne effectiva, o que não tem sido pela subita e violenta mudança nas relações entre o capital e o trabalho.

Ao passo que é indisputavel que trabalho livre é sempre mais barato do que o escravo, quando ambos se achão collocados em posição favoravel, a demonstração desta verdade no sul precisa esperar por uma quadra mais prospera do que forão os annos 1865 a 1868. Toda a gente que deve lançar mão dos ex-escravos estava cheia de prejuizos contra elles: escassez de generos alimenticios seguiu a uma longa guerra; se a fome dos muito pobres de ambas as raças foi morta pela caridade da administração e dos particulares, os fazendeiros tiveram de supprir-se elles mesmos a suas necessidades, e então os cereaes, os machinismos agrarios, os animaes estavam a um preço exorbitante. Os mesmos libertos, a principio, não estavam dispostos a trabalhar por aluguel, ou quando o fazião ra por alto preço e prestando máo serviço. Acolheita do algodão fallou em toda a parte do sul.

Mas de 1868 a esta parte as cousas têm mudado e a experiencia tem provado bem. A colheita, tendo então sido abundante, os generos alimenticios ficaram baratos e um saldo ficou depositado para o futuro.

Em que será empregado esse capital disponivel, que até agora achava seu caminho na aquisição de escravos? Na aquisição de novas terras não será, com o trabalho livre ha a tendencia de pequenos estabelecimentos, a subdivisão das grandes plantações. Na aquisição de instrumentos e outros reproductores do trabalho, só uma somma comparativamente insignificante poderá ser gasta. A resposta é clara: em fabricas, fundições, estradas de ferro, bancos, &c.

Ha, portanto, para o sul, um bello prospecto de fabricas de teccer o mesmo algodão que produz á mão. O trabalho que não pôde ser usado no campo, e que procura um destino nas cidades pôde ser usado barato para isso.

A grande necessidade que ha, o unico remedio para os não poucos males que fez a guerra é a emigração. O sul não apresenta muitos attrativos ao emigrante europeu e nem apresentará nestes dous ou tres annos, mas ahi es-

lão os Chins, em grande numero. frugaes, quietos, industriosos: Mr. Nourse recommenda muito lançar-se mão delles quanto antes.

Em seguida é preciso melhorar o systema de cultura, animar a importação do guano, o uso dos phosphatos da Carolina do Sul, e dos outros estrumes que venhão reparar as forças exaustas do solo. E, portanto, conclue o relatório que é de anticipar-se grande riqueza no sul, com a mudança da propriedade do trabalho. A verdade das conclusões do relatório saltão os olhos de todos: mas ha um ponto que elle não desenvolveu muito e que merece igualmente a attenção do leitor brasileiro.

Com o trabalho barato, com outros muitos recursos de que o Brazil dispõe, não poucos terão, sem duvida, inquirido se algum dia breve não poderá o Brazil ao menos fiar na porta o algodão que produz. Em uma convenção havida este anno no Estado da Carolina do Sul, o coronel J. B. Palmer, tido como autoridade nestes assumptos, leu um trabalho importante, que de certo trará muita luz sobre essas inquirições,—a condição actual do sul, sendo, mais ou menos, aquella em que o Brazil se ha de achar em breve.

Tratava-se de saber naquella convenção que vantagens tinha o sul sobre o norte na fabricação do algodão, e o coronel disse, em summa, que o sul possuía estas:

1.<sup>a</sup> Uma grande abundancia do motor agua, em cada Estado.

2.<sup>a</sup> Um clima temperado, em que só se demanda fogo para aquecer, de um a tres mezes no anno. Para isto acha-se a mão pinho resinoso, por preços baixos. Cada pilha dessa lenha custa, entregue á porta, pouco mais de um dollar em papel, e a despesa geral annual com este artigo anda por um decimo de um cent. por libra. No norte o combustível custa cerca de um cent. por libra, e é preciso ter-se fogo, pelo menos, cinco mezes do anno.

3.<sup>a</sup> Os salarios são e continuarão a ser baixos. A brandura do clima, a barateza de terras proporciona aos proprietarios o privilegio de fornecerem aos operarios casas commodas e até com chacinha.

O sul, sendo agricola, o povo desta sorte ficará habilitado para produzir os alimenticios, ao passo que o norte sempre dependerá do oeste ou do mesmo sul.

4.<sup>a</sup> Os operarios no sul são notavelmente frugaes, industriosos, socegados e muito docéis.

5.<sup>a</sup> Os fretes do algodão em rama são mais caros do que em algodão fiado. Um fardo de 450 libras do valor, seja de 90 dollars, paga de Charleston a Philadelphia ou a Nova-York um frete de 2 1/2 dollars ou 2,77 *ad valorem*, ao passo que um fardo de 400 libras de algodão fiado (n. 20), que vale, mais ou menos, 136 dollars, paga somente 60 cents. ou 44/100 por cento de frete, uma differença de 2 1/3 o/0 ou mais, o fabricante do sul salva o frete nas cordas etc, com que empacota, e o *perdido* é aproveitado para o fabrico do papel, que é muito mais barato no sul do que no norte. Não haverá tantas reclamações sobre peso falso, ect., e salvar-se-hão despesas de corretagem, armazenagem e outras.

O coronel Palmer, sendo elle mesmo um fabricante, teve a bondade de apresentar um orçamento comparativo dos preços no sul, do norte e em Manchester, na Inglaterra. Na sua fabrica elle tem 4,000 fusos: está visto que com maior numero as seguintes despesas ainda serão muito mais reduzidas.

Custo do fiar o algodão n. 20, por libra:

Trabalho .....	2,44 cents.
Reparos .....	22 »
Enfardar .....	58 »
Despesas geraes .....	2,00 »
Desperdícios no fabrico (450 lb. de rama só dão 400 de fiado) .....	2,50 »
Dez por cento pelo gas-	

to do machinismo..... 4,26 cents.

Total do fabrico de 1 lb	9,80 »
Frete para o norte e seguro.....	80 »
Materia prima.....	20,00 »

Custo do fabrico entregue em Nova-York..... 29,80 »

No norte o mesmo genero custa, no mais baixo orçamento possível, 36,81 cents., mostrando uma differença de 7,01 cents. em favor do sul; mas deduzidas commissões e outras despesas, que o norte não tem, o fabricante tem um saldo de 5 cents. ou 100 reis por libra.

Em Manchester, na Inglaterra, a mesma obra custa: Trabalho, inferior, despesas geraes, etc.

em ouro.....	5,24 cents.
Differença entre o ouro e o papel.....	1,75 »

E teremos em circulação..... 6,99 »

Estimando o algodão em Liverpool a 24 cents. e acrescentando o desperdicio, teremos.... 3,00 »

Gasto do machinismo..... 1,26 »

Materia prima..... 24,00 »

Total de 1 lb. fabricada em Manchester..... 35,25 »

Entretanto 29,00 cents. é o custo acima dado da mesma obra no sul, e ajuntando a essa somma a do frete e seguro, o custo do fio americano entregue na Inglaterra será de 30,50 cents., ou 4,75 cents. menos que o do fabrico de Manchester.

E se considerarem as despesas de corretagem em Liverpool e o frete que as fazendas pagão desta cidade para o continente europeu (o que se salvará se o genero for daqui), o coronel cuida que indubitavelmente o saldo a favor do sul sobe a 5 cents.

Elle mostra ulteriormente que se todo o algodão produzido pelo sul fosse fiado nelle, esta secção do paiz retiraria disso um saldo liquido de 150 milhões de dollars por anno. Para este fim era necessario que houvesse 11,493,000 fusos, os quaes darião trabalho a 250,000 pessoas de ambos os sexos, de 10 annos e para cima, as quaes vencerião um salario annual de trinta e seis milhões, o termo medio para cada pessoa sendo 442 1/2 dollars por anno.

Mr. Palmer não acha difficuldade alguma pratica que impeça os plantadores de estabelecerem elles mesmos as suas fabricas, no systema de sociedades collectivas. Cada um pôde bem fiar o seu mesmo algodão. A despesa com o montar uma fabrica de 4,080 fusos, com todas as suas pertencas de primeira classe, é de 50,000 dollars. Tal fabrica dará trabalho a 87 empregados e consumirá 887 fardos de algodão, de 450 libras. Os lucros liquidos, o genero vendido ao preço actual, serão de 18,000 dollars.

O leitor brasileiro, certamente, não deixará passar despercebidas estas tão salutares informações. Fiar algodão é facil e nas villas e cidades do Brazil não faltará raparigas e rapazes a quem se inocule o gosto pelo trabalho manual, a unica fonte da verdadeira riqueza das nações.

O fabrico dos tecidos de algodão neste paiz está tomando cada vez maiores proporções. A *Shipping and Commercial List*, desta cidade, e que é autoridade em materia de estatística de algodão, acaba de publicar o retrospecto annual da produção e do consumo interno do algodão, no ultimo anno, findo a 31 de Agosto proximo passado.

Este anno produziu 2.260,557 fardos contra 2.430,893 no anno anterior, mostrando uma diminuição de 170,336 fardos. Desses numero forão exportados no anno passado 1,447,643 fardos, contra 1,655,816 no anterior. O consumo interno da ultima colheita foi de 993,127 contra 998,165 da anterior. Assim, ao passo que a exportação do

algodão desceu 208,173 fardos, o consumo interno augmentou por 26,962.

Estes algarismos mostram bem com que actividade se prosegue aqui no fabrico do tecido.

O grande decrescimo na produção do genero está equilibrado com o mais elevado preço que elle vale hoje, comparado com os do anno transacto: entretanto tem havido aqui dissatisfação por não ter o sul podido produzir, pelo menos, tanto quanto naquella anno.

Do algodão Sea Island o producto foi apenas de 18,054 fardos, a menor colheita que tem havido por muitos annos.

A razão da diminuição está na falta de braços para a colheita; os pretos excitados pelas paixões politicas, esperão ainda que o governo lhes dê terras, como os caudillos eleitoraes lhes prometêrão, ou então, proferem ir para as cidades e povoados, onde passam uma vida miseravel. As pretas, que até 1863 colhião tambem no campo, deixarão completamente este trabalho. Não é sem razão que ouvimos do sul o constante brado de—emigração.

Cada Estado tem formado a sua sociedade promotora da emigração: agentes especiaes dessas sociedades têm sido despachados para Europa, S. Francisco de California e para a China, para estabelecerem uma corrente de emigração directa para o sul. A companhia do Mississippi que se formou ultimamente em Memphis, e de que tive occasião de fallar ha dous ou tres mezes, já está em operação com todo o seu capital formado.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

Julgamos á proposito descrever esta Provincia desde tempos mui remotos, guardando d'esta sorte aqui tudo quanto encontramos espalhado em varios lugares, e que servirá ao nos so fim.

*Etimologia do nome.*—Diz o Comendador João Francisco Lisboa nos seus *Apontamentos para a historia do Maranhão*, Livro 1.<sup>o</sup> que «os antigos chronistas e historiadores armaram grandes disputas a cerca da origem e etimologia do nome de *Maranhão*, sendo mui provavel ter sido semelhante nome derivado do de algum transitorio descobridor, pois o appellido de *Maragnon*, aporuguezado depois, já de muitos seculos atraz era conhecido na Hespanha;

No *Panorama*, interessante Jornal portuguez, 3.<sup>o</sup> vol. 1839—sahio a luz um escripto sob o titulo *Maranhão*, e assignatura de J. H. da C. R. onde disse o seu auctor ter visto «uns fragmentos manuscritos, pertencentes a mais extensa obra, que devera ter por titulo *Maranhão conquistado a Jesus Christo e a corôa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus*,» obra, que reputamos perdida.

D'esses fragmentos sahio impresso na pag 234 o seguinte.

«São varios os jnisos dos auctores sobre a etimologia deste nome *Maranhão*.

O Padre Manoel Rodrigues no seu livro *Maranhão y Amazonas* diz, que a deducção do nome *Maranhão* vem das *Maranhas* e trações de Lopo de Aguirre contra o capitão Pedro de Ursúa. Esta deducção é menos averiguada, porque antes de Lopo de Aguirre intentar as ditas maranhas contra Pedro de Ursúa, que foi no anno de 1560, já o rio das Amazonas tinha o nome de *Maranhão*, e com elle o nomeia Antonio Galvão no livro *Des-*

*cobrimentos do Mundo em 1499.* Outra deducção do mesmo nome traz o dito Padre Manoel Rodrigues, tirada da *Harmonias das Vozes*, dizendo que os primeiros descobridores da boca do rio *Maranhão*, admirados de verem aguas doces no mar largo, por onde se diz que o dito rio as conserva doces por distancia de trinta legoas, perguntavão uns aos outros se aquellas aguas erão do mar, e que respondião outros que não erão do mar por serem doces; e que alguns faziam as ditas perguntas em latim *mari*? e lhes responderião outros na mesma lingua *non*, de que pode ser rezultasse depois o unir-se *mari* com o *non*, e ficar com leve corrupção do vocabulo *Maranhon* na lingua castelhama, e na portugueza *Maranhão*. Finalmente outros dizem que o nome *Maranhão* posto ao rio das Amazonas e depois trasladado a todo o *Estado*, procede de que o primeiro descobridor deste monarcha dos rios pelas suas cabeceiras e origem tinha o appellido de fulano *Maranhão*, e que o daria ao rio para nelle celebrar o seu nome. Esta ultima deducção é a que parece mais verdadeira e por tal a têm Simão Estacio da Silveira na sua *Relação do Maranhão* e Frei Christovão de Lisboa na sua *Historia Natural do Maranhão*, que deixou manuscrita—aos quaes nós podemos acrescentar o Padre Moraes no mesmo lugar já citado.

Para servir de contrapeso ás ineptias de algumas destas pretendidas etymologias, acrescentaremos outra opinião, que se não for a verdadeira terá ao menos o merito de ser fundada em ineditas indagações sobre a lingua brasilica. O Padre João Tavares, não escreve na sua carta *Maranhão*, mas sim *Maranhay*, do que dá o seguinte satisfação—«Terá V. R. reparado na orthographia, com que escrevo a palavra *Maranhay* contra o commum.

«Foi de industria, por dar gosto a V. R. que como tão perito na lingua brasilica, folgará lhe diga o que por mim tenho alcançado a cerca da etymologia desta palavra *Maranhão*, ponto em que tenho ouvido altercar por boca e por escriptos antigos, sobre nunca assentarem em nada de quanto disserão, nada tem fundamento no meu fraco entender. Vejam-se os antigos manuscritos da missão.

«O Padre Bartholomeu Leão, da provincia do Brasil, reformador do Catholicismo da lingua brasilica, me recommendou muito quando vim para o *Maranhay*, que se me avistasse com o Padre Azevedo Gago, o mais perito que por então reconheciamos, neste idioma brasilico, soubesse delle o que sentia neste ponto. Ambos morrerão ignorantes do que aqui quero dizer, e nunca o dissera sem ter visto com os meus olhos as *pôpôrocas do Maranhay*. Pelo que digo que a palavra *Maranhay* se compõe de dois verbos e de um substantivo. Os verbos são *Maramonhãmjá*, que significa *brigar* e o *anham*, que significa *correr* (até aqui atinava o dito Padre Bartholomeu Leão); e o substantivo é a palavra ou letra que significa *agua*, e anda tirada de *Maranhão* por corrupção da palavra; assim como estão

infinitos nomes da lingua brasileira corrupta pela pronuncia dos portuguezes. Nesta palavra não podia alinar o Padre Leão sem vêr ou lhe dizerem o que passa pelo *Maranhay*. Derão as naturaes este principal nome a esta terra do que nella mais principalmente avultava, que são as *pôrórócas*, cujo aspecto é *uma briga das aguas correndo*. Tudo isto diz a palavra *Maranhay*—*agua que corre brigando*. Perguntar-me-hão pois porque se não se a chama o *Maranhay*—*Pôróróca*: respondo que *pôróróca* é palavra que explica o que se ouve; parece-me que se compõe da palavra *opõe*, que significa *rebutar de estouro*, como o ovo quando rebenta e da palavra *córórân*, que significa *roncar continuamente*, como o mar; ou é palavra simples, feita pela frequentativa, tirada sempre do verbo *opõe*. De qualquer sorte que tomem a palavra *pôróróca*, sempre significa *estourar ou estalar*, donde do que se ouve se chama aquella infernal furia das aguas—*pôróróca*; e do que se vê se chama todo este Estado—*Maranhão*.

O célebre e erudito Jesuita Padre Antonio Vieira, sempre em lucta no Maranhão, pregando na quinta dominga de 1654 na Igreja do seo collegio, tomando do Evangelho um texto apropriado ao seo intento recitou sobre a verdade e a mentira um longo discurso, ou antes satira mordaz e pungente contra nossos antepassados, seos ardentes antagonistas.

Para aqui trasladamos o que elle disse sobre o titulo do presente artigo por vir de alguma sorte confirmar o derivar-se este nome de *maranhã* ou *mentiras*, como explicou o seu companheiro Manoel Rodrigues na obra já citada.

Disse o Padre Antonio Vieira, que se as letras do abecedario se houvessem de repartir pelas varias provincias de Portugal, não havia duvida, que o M pertencia de direito á nossa provincia, porque M *Maranhão*, M *murmurar*, M *motejar*, M *maldizer*, M *malsinar*, M *mexiricar*, e sobre tudo M *mentir*, mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos. Que no Maranhão até o sól era mentiroso, porque amanhecendo muito claro, é promettendo um formoso dia, de repente e dentro em uma hora se toldava o ceu de nuvens, e começava a chover como no mais entranhado inverno, e que d'ahi já não era para admirar que mentissem os habitantes como o ceu que sobre elles influa.

Já é tempo de acabar com esta discussão senão pueril, ao menos pouco proveitosa, embora curiosa.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## NOTÍCIAS.

### Chronica interna.

Temos datas de Assumpção até 31 do mez ultimo.

No dia 19 houve um recontro com tropas de Lopez. A este respeito, bem como sobre o mais que occorria, expedio o Sr. conselheiro Paranhos o seguinte telegramma ao Sr. A. P. de Carvalho Borges, nosso ministro residente em Buenos-Ayres.

«Assumpção 30 de Outubro de 1869. —) general Camara, commandante das

forças brasileiras em operações ao norte do Jejuy, obteve um importante triumpho.

«Tendo noticias, logo que desembarcou na Concepcion, que havia forças inimigas em Belem-Cuê, poz-se em marcha para aquelle ponto na madrugada do dia seguinte ao de seu desembarque, isto é, no dia 17. As forças inimigas avisadas por algumas vedetas que se puderam escapar das guardas avançadas procuraram fugir para o interior. Perseguidas tenazmente, foram alcançadas na distancia de cerca de 20 leguas.

«O encontro deu-se no dia 19 nos arroios Naranjay e Itapitanguá, caminho de Sanguino-Cuê. Os inimigos eram em numero de 700 homens pouco mais ou menos, commandados pelo coronel Canhete. Tinham consigo duas peças de calibre quatro, infantaria e alguma cavallaria, e tomaram posição vantajosa nas barrancas dos dous rios. Em ambos os passos foram batidos e completamente destróçados, sendo os fugitivos perseguidos pelo coronel Silva Tavares até Sanguino-Cuê.

«O inimigo deixou 60 mortos no campo do combate, e quasi todo o seu armamento. Durante o combate tomaram-se tres bandeiras e as duas peças. Fizemos 193 prisioneiros, subindo este numero com o dos apresentados a 300.

«Cahiram em nosso poder correspondencias que dão uteis esclarecimentos. Resgatámos grande numero de familias paraguayas que se apresentaram no mais lamentavel estado, e 38 familias brasileiras que por alli soffriam toda a especie de vexames e privações. Entre as brasileiras libertadas achava-se Anna Silveira, que conduzia amarrada; e entre as paraguayas Donata Rodrigues, que havia cinco mezes estava presa, depois de ter assistido á execução de todas as suas irmãs que foram lanceadas na sua presença.

«Este triumpho custou-nos a perda de tres soldados mortos, 16 feridos e 12 contusos.

«Ao acampamento do Sr. conde d'Eu, no Potrero de Capivary, chegaram varias expedições de gado, e a 27 adiantou-se um pouco a vanguarda da direcção de Curuguaty.

«Como os fornecedores empregam efficaes esforços para que estas expedições não cessem, brevemente teremos noticias da marcha de todo o 1.º corpo de exercito.

«O general Victorino vai chegando ao Rosario com o grosso do 2.º corpo de exercito.»

O correspondente do *Jornal do Commercio* escreveu o seguinte:

«Na minha ultima noticiai a marcha do exercito, e que Sua Alteza já se achava em Itacurubý, em marcha sobre S. Estanslão. No dia 13 chegou o principe a este ponto, e a 16 seguiu para o Potreiro Capivary, seis leguas mais distante. Abi deu-se nova crise de viveres, pela difficuldade de transportar os a tão grande distancia do litoral (22 leguas), e durante os dias 18 e 19 soffreu o nosso exercito privações que puzeram mais uma vez á prova o seu patriotismo e abnegação.

«Esta nova crise alimenticia não foi devida á falta de viveres no litoral, pois, como já disse anteriormente, as providencias energicas que foram tomadas abasteceram os depositos, mas á insufficiencia dos meios de condução dos fornecedores, quando se trata de vencer grandes distancias, como essas em que se acham internadas nossas forças por territorios onde quasi nem pasto se encontra para os animaes.

«Sua Alteza resolveu-se então a acampar no Potreiro Capivary, ponto de grande importancia strategica e que offerece boas proporções para acampamento, e para ali esperar que se formem no Rosario e em S. Estanslão grandes depositos de gado e viveres de todos os generos e se organise um serviço regular de tropas, de mulas e carretas, para proseguir com vigor em suas operações.

«Lopez, segundo as ultimas noticias,

achava-se em Curuguaty (12 leguas de Capivary), mas é natural que ao aproximarem-se as nossas forças fuja para Iguatemy, que é, como já tenho dito, o seu ultimo refugio no Paraguay.

«Os Srs. general Polydoro e conselheiro Paranhos têm empregado os maiores esforços para a prompta criação dos dous grandes depositos de que acima fallei. Apesar da grande difficuldade de navegação, produzida pela baixa sempre progressiva dos rios Paraná e Paraguay, já vieram do Paço da Patria para o Rosario 1.500 cabeças de gado, e dentro de poucos dias devem estar naquella villa mais outras tantas. Tomou-se tambem a providencia de mandar vir gado por terra do Passo da Patria, e deste modo já chegaram anteriormente á Angustura 1.000 cabeças. Viveres de outras especies têm ido em grande quantidade para o norte e bem assim mulas e carretas. Para auxiliar os fornecedores mandaram o nosso ministro e o general Polydoro vir 240 mulas do estado que estavam no Passo da Patria, tiradas da internada de Aguapehy, e puzeram á disposição dos mesmos fornecedores alguns vapores para a condução de gado.

«Dentro de poucos dias deve chegar o transporte *Galgo* com grande quantidade dos viveres emcommendados aos Srs. Mauá e Amorim.

«Assim, pois, dentro em 8 ou dez dias, estará o fornecimento de viveres organizado por forma tal, que evitará a reprodução de novas demoras na marcha do nosso exercito, o qual poderá, sob a intelligente e energica direcção do nosso augusto commandante em chefe, dar promptamente cabo da fera, cujo fim parece ser hoje exterminar todos os paraguayos que ainda tem em suas garras!

«No dia 27 já a vanguarda de Sua Alteza avançou de Capivary em direcção a Curuguaty.

«A matança da gente da escolta de Lopez é facto sobre o qual hoje não resta a menor duvida; o nosso exercito ao entrar em S. Estanslão presenciou o horrivel espectáculo de algumas pilhas de cadaveres lanceados, que pelo fardamento se conhecia serem de homens que pertenciam á *guarda de corpo* do tyrannete guarany.

«No dia 19 embarcou aqui com destino á Conceição a primeira parte da expedição paraguaya que vai cooperar com as nossas forças pelo norte. A força que partiu foi sob o commando do tenente-coronel Antonio Recalve, e brevemente deve seguir o Sr. Rivarola com o resto dessa expedição.

«Com prazer annuncio que já se notam certos movimentos que indicam preparativos de retirada de forças para o Brazil. Com effeito, confinado como está o inimigo e dispondo de escassissimos recursos, parece evidente que é superabundante a força que temos no Paraguay, e não convinha internar-se toda ella a grandes distancias do litoral.

«Creio que, attendendo a isto, Sua Alteza ordenou ao general Victorino que de Caragutahy se retirasse para o Rosario, onde elle deve ter chegado hoje. As forças que estavam em Pirahyji e alguns destacamentos da cordillera receberam ordem de vir para os campos proximos á Assumpção. O general Portinho deixou Villa Rica e seguiu com a cavallaria para Itapua, vindo para esta cidade a infantaria que estava sob suas ordens. Tudo isto parece indicar, como acima disse, que se trata de reunir no litoral as forças que não forem necessarias para as operações actuaes, predispondo a sua retirada.

«O general Polydoro tem tratado de acabar, quanto delle depende, com muita coisa inutil que só serve para onerar os cofres publicos. Pena é que não se acabe de uma vez com certas verbas de despeza que nenhuma vantagem trazem ao serviço militar, antes servem para prejudica-lo.

«Effectuou-se a entrega ao governo provisório das quantias que estavam em deposito na nossa pagadoria do exercito

e eram provenientes de alugueis de casas desta cidade cobrados pela commissão mixta que aqui funcionou antes da installação do governo paraguayo. Essas quantias andam por uns 22,000 patações.

«Está-se procedendo a inventario e exame dos objectos de prata e ouro pertencentes ás igrejas, que foram encontrados nas igrejas de Caacupé e Piribebui e na casa da mãe de Lopez. Depois de inventariados e avaliados serão esses objectos entregues ao governo paraguayo.

«Consta-me que por este paquete são remittidos ao governo imperial os relatorios das duas commissões de inquerito que foram creadas por iniciativa do Sr. Conselheiro Paranhos, para interrogar os nossos infelizes compatriotas prisioneiros e os estrangeiros e paraguayos, que foram ultimamente libertados do jugo de Lopez.

«Dos nossos compatriotas resgatados já falleceram dous de molestias contrahidas durante o seu longo captiveiro. Um, ao chegar a Matto-Grosso, o Sr. Salvador José Corrêa, e o outro, nesta cidade, o Sr. João José Monteiro.»

### Chronica urbana.

—Por cartas recebidas pelo ultimo paquete soubemos noticias do talentoso pensionista della provincia, João Tolentino Guedelha Mourão, presbytero, que conclue seus estudos theologicos em Roma. Escrevem-nos:

«No dia 20 de Julho do corrente anno o nosso joven e distincto patricio Padre Mourão sustentou sua these para receber o grão de licenciado em Theologia no *Collegio Romano*. Dando exuberante prova do seu talento foi recebido *Licenciado* na mesma faculdade. No anno proximo receberá o grão de *Doutor*.

«Com grande successo havia já o nosso distincto Mourão sustentado no mez de Junho uma argumentação publica, na qual foi completo o seu triumpho, e sinceramente applaudido.

«Parabens á provincia do Maranhão.»

—Terminaram-se os exames definitivos e de classe dos alumnos do Pequeno Seminario de N. S. das Mercês, do curso secundario.

No dia 9 do corrente começarão os do curso primario.

Aguardamos o resultado d'estes para darmos publicidade á lista integral.

### Chronica externa.

—Lê-se no *Diario Official*:

Pelo paquete inglez *Pascal*, tivemos hontem folhas de Paris até 19 e de Liverpool até 20 de Outubro: as noticias que ellas contêm pouco adiantão ás que tivemos por via de Lisboa, donde sahio a 20 o *Cordillera*, e que demos a 4 do corrente.

A agitação que causára em Paris a convocação das camaras para 29 de Novembro, quasi que estava completamente acalmada; não se recava mais pela tranquillidade publica; até o *Rappel* já recommendava ao povo a abstenção de qualquer movimento que pudesse justificar por parte do governo o emprego de medidas de repressão e de reacção. Apenas a *Reforme*, mais por calculo, do que por convicção, provocava ainda a reunião dos representantes no dia 26 de Outubro, apoiados em demonstrações populares. Toda a imprensa, porém, combatia taes idéas.

Os jornaes ministeriaes não cessavam de desmentir os boatos da volta do Sr. Rouher ao poder; mas nem por isso deixavam elles de circular com menos insistencia.

A imperatriz dos francezes ainda estava em Constantinopla. As festas succediam-se continuamente. A 16 houve uma brilhante revista de 30 mil homens de tropas, em Beicos.

San Luiz—Typographia *Perseverança*, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 8 DE DEZEMBRO DE 1869.

### A escola e a liberdade.

De um livro recente, publicado em Pariz por Augusto Marais, com o titulo acima, transcrevemos a seguinte introdução de Eugene Pelletan.

Neste livro discute-se sinceramente a importante questão da liberdade do ensino. A verdade resalta de suas paginas. Os sophismas dos falsos reformadores são esmagados á luz vivificante dos principios e das aspirações da democracia. Só a liberdade pôde transformar as sociedades e ser guia auxiliadora do progresso.

Estas poucas linhas escriptas por Eugene Pelletan, o eloquente autor do *Mundo Marcha*, unem a lição ao exemplo, a theoria ao facto, e dão em brilhante estylo clara idéa do valor do livro a que servem de prefacio.

Eil-o:

Sabes lêr?—Não!—Frequenta a escola; de outro modo não és homem, não passas de uma creança, ao menos pelo espirito.

O que faz o homem é o espirito; o que forma o espirito é a instrucção, e o que forma a instrucção é a leitura.

A instrucção de um povo, como dizia Turgot em seu tempo, não consiste sómente uma parte da politica, constitue-a toda.

E, de feito, a liberdade do ensino, a liberdade da imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de associação, não são na essencia mais que a escola mutua de um paiz.

Em todos os tempos e idades, o homem, qualquer que seja, por sua vez estudante ou mestre, não faz outra coisa senão aprender e ensinar, receber e irradiar a luz.

Mas, que aprenderá? Que ensinará, se não lê o alphabeto? É o mesmo que approximar uma vella accessa ás palpebras de um cego.

Fallou-se no direito ao trabalho. Porque se não fallará também no direito á instrucção, que é a alma do trabalho?

Quanto mais um povo lê, mais sabe, quanto mais sabe, mais trabalha, e, por consequencia, mas produz.

Quanto mais um povo produz, melhor comprehende o valor da producção, e melhor a defende quando preciso é contra o parasitismo do imposto.

Quanto mais um povo lê, finalmente, melhor opinião forma de si proprio, e vangloria-se em dirigir por si o seu destino.

Leia o povo, e não encontrará por toda a parte os ignorantes que querem lançar fogo á Europa.

Leia o povo, e não se confirá mais no mundo premio á preguiça, sobrepujando o trabalho, para bordar de ouro ou prata as listas de uma calça.

Leia o povo, e pessoa alguma em roda de nós poderá ser surpreendida na cama, sob pretexto que, quando um homem dorme, deve conspirar.

Leia o povo, e cada qual de nós virá como entender, crerá o que quizer, dirá o que pensar, sem receio de outro tribunal senão o da opinião.

Leia o povo, e votará de si, por si, sem receber a senha de qualquer diminutivo de perfeito.

Leia o povo sobre tudo o livro do Sr. Marais. Tomo a liberdade de o recomendar altamente á juventude, porque o autor calçou o dedo na ferida do tempo presente.

Com o laço d'olhos do professor

que conhece a fundo a questão do ensino, não lhe escapou que no ministerio da rua Gréville, procura-se mais subjuguar que desenvolver a instrucção.

Seu livro, tão solido no pensamento, como insizivo na forma, nos ministra a chave, a fina chave dessa longa mystificação, a que se chama desde 1849, liberdade de ensino.

Attendei, Sr. ministro, vós que procuraes conciliar a sacristia com a universidade, luitaes debalde contra o impossivel, e, na realidade, não conseguis senão sacrificar a universidade á sacristia.

Voltae a cabeça para o outro lado; olhae para a America, e se vos parece demasiado longe, para a Suissa, e depois, pedi a vossa demissão se tendes a peito a liberdade do ensino.

A liberdade do ensino é honra que só está reservada á democracia; e se o duvidais, depois de tantas provas, tendes consciencia muito illusoria.

O philosopho João Reynaud viajava na cordilheira do Jura; encontrou um dia, na aba de uma colina, um vaqueiro de 16 annos, que vigiava o rebanho, com um livro nas mãos.

—Que estaes lendo? lhe perguntou o philosopho.

—A *Republica de Platão*.

—Quem te emprestou esse livro?

—A bibliotheca popular da aldeia.

—Entende-lo?

—Nem sempre, mas o que não percebo procuro advinhar, e sobre tudo, gosto de ver aqui, como naquelle tempo a republica era toda como a melhor forma de governo.

—A melhor, dizes? como podes apreciar-o?

O pastor reflectiu um momento, depois erguendo a cabeça com altivez:

—Porque sou do cantão de Genebra, respondeu.

Desde este dia, accrescenta João Reynaud, comprehendi superioridade do homem que sabe lêr sobre o analphabeto: vaqueiro do Jura confessava sua patria, e a media, em seu orgulho, não pela bitola do territorio, mas pela area de sua liberdade.

### O revd. padre Jacintho.

Conhece-se já a carta que este famoso orador dirigiu ao padre geral da ordem carmelita em Roma.

O *Jornal do Recife* publica as duas do geral, que aqui estampamos, precedendo d'algumas palavras:

O interesse geral, que tem despertado a attitudo assumida pelo padre Jacintho, faz com que se leia avidamente o que a seu respeito se vai publicando, e por isso apressamo-nos em dar a conhecer aos nossos leitores as cartas abaixo, que encontramos publicadas nas folhas recebidas pelo ultimo vapor.

A primeira das ditas cartas é a resposta do geral dos carmelitas á que o padre Jacintho escreveu em 20 de setembro ultimo. Esta resposta chegou a Pariz no dia 1.º do corrente e foi entregue no mesmo dia ao illustre pregador da igreja de Nossa Senhora de Pariz, por dous religiosos da sua ordem ou por duas pessoas de confiança.

O segundo documento é a carta de 22 de julho ultimo, de que falla o geral dos carmelitas, e que provocou em resposta, da parte do padre Jacintho, a carta de que os leitores já tiveram conhecimento.

Começaremos pela carta de data mais recente, na qual o padre Jacintho é ameaçado de ex-communhão maior no caso

de que não se apresse a fazer a sua submissão:

Ao reverendo padre Jacintho, definidor.

Roma, 26 de setembro de 1869.

Meu reverendo padre:—Só hontem 25 de setembro, é que recebi a vossa carta datada de 20 deste mez. Podeis facilmente fazer idéa do quanto ella me affligio e quanta foi a amargura de que encheo a minha alma. Estava muito longe de esperar que desseis tão grande queda. Assim, o meu coração sangra de dor e é possuido de uma immensa piedade por vós que elevo as minhas humildes supplicas ao Deus de toda a misericordia para que vos allumie, perdoe e faça sahir o mais depressa possível da deploravel e fatal vereda que seguis.

É verdade, meu reverendo padre, que durante estes ultimos cinco annos vos tenho testemunhado sempre os meus sentimentos de estima e de amizade, e animado nas vossas predicas, apesar das minhas opiniões, geralmente contrarias ás vossas sobre muitas questões religiosas, como por mais de uma vez vol-o exprimi; apesar dos repetidos conselhos que vos dei relativamente ás predicas, e e os quaes, se exceptuar unicamente a quaresma que passastes em Roma, tivestes aliás em tão pouca conta. É também verdade que vos testemunhei a minha estima e amizade em quanto não sahistes abertamente dos limites impostos pela prudencia christã a um sacerdote e sobretudo a um religioso. Mas se isto é verdade, também é certo que logo que transpozestes estes limites comecei pela minha parte a exprimir-vos os meus receios e a testemunhar-vos o meu descontentamento.

Deveis recordar-vos, meu reverendo padre, que vos admoestei, principalmente no mez de outubro do anno passado, quando passei por Franca em consequencia da carta que dirigistes a um club de Pariz. Dei-vos bem a conhecer quanto esta carta me tinha desagradado.

As vossas cartas publicadas em Italia não me agradaram igualmente, e também me levaram a dirigir-vos censuras e observações por occasião da vossa ultima viagem a Roma.

Finalmente a vossa Presença e sobretudo o vosso discurso na *Liga da paz* fizeram subir de ponto as minhas apprehensões e a minha dor, e forçaram-me a escrever-vos a carta de 22 de julho ultimo, pela qual vos ordenei formalmente que não fizesseis imprimir no futuro nenhuma carta nem discurso, que não usasseis da palavra fóra das igrejas, que vos abstivesséis de comparecer nas camaras, que não tomasseis parte na *Liga da paz* ou em qualquer outra reunião que não tivesse exclusivamente um fim catholico e religioso.

Como vistes, a minha prohibição estava muito longe das vossas predicas na cadeira sagrada. Era, pelo contrario, a essa cadeira da verdade que desejava ver consagrado inteira e unicamente o vosso talento e eloquencia.

Assim foi com uma penosa surpresa que li na vossa carta que: *com uma palavra falscada por uma ordem superior ou mutilada por meio de reticencias não podereis subir novamente ao pulpito de Nossa Senhora*.

Deveis saber perfeitamente, meu reverendo padre, que nunca vos prohibi de pregar; que nunca vos dei ordens ou impuz restricções relativamente ás vossas predicas. Tomei a liberdade unicamente de dar-vos conselhos, e dirigir-vos algumas observações principalmente a respeito das vossas ultimas conferencias, como era do meu dever e da mi-

nha competencia na minha qualidade de superior. Ficareis pois tão livre para continuar nas vossas predicas, em Pariz ou outra parte, como o estivestes nos annos precedentes, antes da minha carta de 22 de junho passado; e se renunciastes ao pulpito de Nossa Senhora de Pariz, foi voluntariamente, e não em virtude de medidas que eu tomasse a vosso respeito.

A vossa carta de 20 do corrente annuncia-me que vós afastais do nosso convento de Pariz. Sei pelos diarios e algumas cartas particulares que effectivamente deixastes o vosso convento e despistes o habito religioso sem nenhuma autorisação ecclesiastica. Se o facto é infelizmente verdadeiro, não posso deixar de advertir-vos, meu reverendo padre, que não deveis ignorar que o religioso que abandona o seu convento e despe o habito da sua ordem sem licença regular da autoridade competente é considerado como apostata, e incorre, por consequencia nas penas canonicas mencionadas *in cap. Periculoso*.

Como sabeis, estas penas são excommunhão maior *Latae sententiae*, e, segundo as nossas constituições, confirmadas pela Santa Sé, Part. 3, cap. 35, n. 12, aquelles que sahem da congregação, sem licença, incorrem na excommunhão maior *ipso facto* e em nota de infamia. *Qui a congregatione recedunt propter apostasiam ipso facto excommunicationem et infamiae notam incur-runt*.

Na minha qualidade de vosso superior e a fim de obedecer ás prescripções dos decretos apostolicos que me obrigam até a empregar as censuras, a fim de vos fazer regressar ao seio da ordem que tão deploravelmente abandonastes, vejo-me na necessidade de ordenar-vos que entreis no convento de Pariz de que sahistes, no prazo de *dez dias*, a contar da recepção da presente carta, advertindo-vos, porem, que se não obedecerdes a esta prescripção no tempo fixado, sereis privado canonicamente de todos os cargos que exerceis na Ordem dos carmelitas descalços e continuareis viver sob o peso das censuras estabelecidas pelo direito commum e pelas nossas constituições.

Oxalá, meu reverendo padre, que escuteis a nossa voz e o grito de vossa consciencia! Oxalá que vos assenhoreis prompta e seriamente de vós mesmo, que vejaes a profundidade da queda que destes, e que, por uma heroica resolução, repareis o grande escandalo que causaste, e, por esse meio consoleis a igreja vossa mãe, que tanto acabaes de affligir! São estes os votos mais ardentés e verdadeiros do meu coração; é isto também que os vossos irmãos contristados e eu, vosso pai, pedimos com todo o fervor das nossas almas ao Deus todo Poderoso, a Deus tão fecundo em misericordia e bõdade.

Frei Domingos de S. José.

Geral dos carmelitas geraes.

Vejamos agora a carta que determinou o padre Jacintho a escrever aquella a que a anterior responde:

Meu reverendo padre Jacintho definidor.

Roma, 22 de julho.

Recebi a vossa carta de 9 de julho corrente e, pouco depois o discurso que pronunciastes na *Liga da Paz*. Não encontrei felizmente neste discurso a phrase heterodoxa que vós attribuiam. Cumpre, porém, confessar que contém proposições vagas que se prestam por si mesmas a más interpretações e que tal discurso não é proprio de um religioso.

Certamente não está muito em harmonia com o habito do Carmo.

Meu reverendo padre e caro amigo. Sabeis muito bem o interesse que sempre me inspirastes. Desde que começastes as vossas conferencias de Nossa Senhora exhortei-vos vivamente para que não tocassem em questões agitadas entre os catholicos e sobre que não estão de accordo, porque desde o momento em que seguisses ostensivamente a opinião de uns, tornava-se o vosso ministerio infructifero para os outros.

Ora, está provado que não seguistes os conselhos do vosso pai e do vosso superior, porque escrevistes no anno passado uma carta a um club de Pariz, na qual deixaveis ver francamente a vossa opinião a favor de um partido não muito atilado e opposto aos sentimentos da Santa Sé, do episcopado e do clero em geral. Fiquei assustado, e commigo o clero francez.

Escrevi-vos immediatamente para fazer-vos ver o errado caminho em que acabaveis de entrar, afim de não passardes adiante. Mas foi em vão, por que mezes depois authorisaveis uma revista periodica de Genova a publicar outra carta que vos causou, assim como a mim, tantos desgostos!

Finalmente durante a vossa ultima estada em Roma, fiz-vos serias observações, dirigi-vos até censuras um pouco asperas, sobre a falsa posição em que vos collocastes pela vossa imprudencia, e mal chegastes a Pariz fizestes publicar uma carta que desagradou a todos, até aos vossos amigos.

Ultimamente a vossa presença e o vosso discurso na Liga da paz fizeram nascer um grande escandalo em toda a Europa catholica, como aconteceo ha seis annos, por occasião dos vossos discursos n'uma reunião de Pariz. Deveis sem duvida ter dado algum pretexto a semelhantes recriminações por algumas phrases vulgares, atrevidas e de nenhum modo prudentes.

Tenho feito até agora tudo o que tenho podido para salvar-vos. Hoje preciso tambem de cuidar dos interesses e da honra da nossa santa ordem, que comprometteis sem querer.

Em 19 de novembro de 1868 escreveste-me: «Evito o misturar n'estas cousas o convento de Pariz e a ordem do Carmo.» Deixai-me dizer-vos, meu padre, que isso é uma illusão. Sois religioso e estais ligado por votos solemnes aos vossos superiores. Temos de responder por vós perante Deus e perante os homens, e por consequente de tomar medidas a vosso respeito como a respeito dos outros religiosos, quando o vosso proceder prejudique a vossa alma e a nossa santa ordem.

Tanto na França, como na Belgica, como aqui mesmo, os bispos, o clero e os fieis tem censurado os superiores da nossa ordem por não terem tomado certas medidas a vosso respeito, e concluem d'ahi que na nossa congregação não ha autoridade, ou que a autoridade compartilha a vossas opiniões e o vosso modo de ver as cousas.

Não me arrependo certamente do procedimento que até agora tenho observado convosco; mas as cousas chegaram a tal ponto que comprometteria a minha consciencia e toda a ordem se não tomasse medidas mais efficazes que as até agora adoptadas.

Considerai pois, caro e reverendo padre, que sois religioso, que fizestes votos solemnes, e que pelo da obediencia estais ligado aos vossos superiores regulares por um laço mais forte que o que liga o simples sacerdote ao seu bispo. Não posso pois tolerar mais que continuéis a comprometter toda a ordem com os vossos discursos ou escriptos, como não posso tolerar mais que o nosso santo habito compareça em reuniões que não estariam em harmonia com a nossa profissão de carmelitas descalços.

No interesse pois da vossa alma e da nossa santa ordem ordeno-vos formalmente pela presente que não torneis a

fazer imprimir nem cartas nem discursos e que não torneis a tomar a palavra fóra das igrejas, apresentar-vos nas camaras, e a intervir na *Liga da paz*, ou em qualquer outra reunião que não tenha um fim exclusivamente catholico e religioso. Espero que obedecereis com docilidade até com amor.

Agora deixai-me fallar-vos do intimo do coração, como um pai a seu filho. Vejo-vos entranhando n'uma vereda extremamente perigosa, que apesar das vossas actuaes intenções poderia conduzir-vos a um ponto onde hoje sentireis ter chegado.

Parai pois, meu caro filho, escutai a voz do vosso pai e do vosso amigo que vos falla com o coração traspassado de dôr. Para isso fareis bem em retirar-vos a um dos conventos da provincia de Avignon, afim de descansar e terdes o *retiro espirital* de que vos dispensei no anno passado, por causa das vossas occupações. Meditai na solidão sob as grandes verdades da religião, não para as pregar, mas para proveito da vossa alma. Pede luzes ao céu com um coração contrito e humilde. Dirigi-vos á Santissima Virgem, ao nosso pai S. José e á nossa seraphica mãe Santa Thereza.

Um pai pode dirigir livremente estas palavras a seu filho, embora grande orador.

É uma questão muito séria para vós e para nós todos.

Rogo ao Senhor que se digne conceder-vos as suas luzes e as suas graças; entrego-vos ás vossas orações; dou-vos a minha benção, e sou, de vossa reverencia, muito humilde servo.

Frei Domingos de S. José.

## POLITICA.

### A proposito da descentralisação.

Espera tudo de ti mesmo, diz o americano do norte, espera tudo do governo, diz o portuguez do sul.

Não é para equilibrar na forma, é para equilibrar na essencia os membros da antillense, para medir inteira a distancia entre os polos da actividade e da preguiça, que muito de industria pozemos o americano do norte em frente do portuguez do sul. A verdade sempre, que a verdade é sciencia e consciencia. Entre o norte e o sul de Portugal ha uma differença de actividade, que dá de rosto no mais recolhido espirito pelo concerto das impressões que vem da cultura da terra, do movimento e densidade da população, e da physionomia até dos habitantes onde a natureza com o seu inimitavel talento esthetico pintou em animada tela a energia e a determinação. Sem embargo, porém, d'esta differença, que é real e saliente pelo contraste de actividades, quanto accommetimentos de interesse colectivo são irmãos germanos os do norte dos do meio dia.

Este vicio de compleição moral encontra-o o observador com raras excepções em todas as sociedades concentricas em que o homem vive desde a familia até a humanidade. Omittindo agora pela incompetencia do tribunal em que pleiteamos as considerações que nos suggere a constituição moral e juridica da primeira sociedade que a natureza inventou, logo ao sahir da familia a esphera social em que o homem se vê, o municipio que é a primeira dilatação da familia, o municipio que se não vem da natureza vem da historia, o municipio que achamos com a realza nas ruinas do imperio romano, o municipio que é o fio tradicional que ata duas civilizações, o municipio tambem o vemos como o homem pallido abatido anemico, porque lhe falta o calor proprio, porque vive do calor alheio, porque não tem a consciencia da individualidade, porque se considera apenas como órgão de uma constituição que o contém e que o absorve.

Lutamos sempre que fallamos ou es-

crevemos contra uma tendencia generalisadora que vem do typo da nossa educação litteraria e de outras causas.

Paremos aqui, fixemos residencia no municipio, resistamos á tentação de demonstrar que até a cogitação está para vergonha de muitos povos centralisada além, e muito além das nossas fronteiras. Agora sejamos homem do conselho.

Duas grandes intelligencias, dois illuminados e profundos historiographos que o mesmo desmaio politico attrahiu ás solidões campestres, um de val de Lobos, outro de val Richer, apreciam de modo contrario um facto historico de alta significação politica, e de estreita consanguinidade com o nosso assumpto—a victoria da realza na forma da monarchia pura por tempo dos seculos XIV e XV. N'este facto em que o antôr da Historia da Civilisação da Europa vê a intervenção da Providencia pela unificação dos elementos que então se disputavam a exclusiva dominação da Europa, o antôr da Historia de Portugal vê um phenomeno fatal, que impediu o desenvolvimento logico das instituições municipaes da meia idade, instituições barbaras e incompletas ainda mais que continham, a seu juizo, a virtualidade do equilibrio entre a desigualdade e a liberdade.

Não tendo estatura para nos interpor entre dois gigantes parece-nos todavia que bem procedera quem n'esta conjectura volasse contra o ministro de Luiz Philippe.

Naquella fermentosa elaboração da sociedade moderna em que os elementos predestinados á sua futura composição, procurando a unidade pessoal, ora se attrahiam, ora mal afeioados se repulsavam, só era ambição justa a ambição do municipio. Governar-se a si proprio era o seu modesto pedido, os outros não, igreja, realza, feudalismo, aspirava cada qual á exclusiva e absoluta dominação da Europa.

Era muito para elles e muito pouco para a sociedade que se acceitava da realza a unidade nacional, não podia recusar dos municipios as unidades elementares, e se acceitava do feudalismo a força e a rude nobreza do barbaro, não podia recusar da igreja o aperfeiçoamento moral, o adocamento religioso d'aquellas rijas e asperas compleições do norte. A sociedade queria tudo, e tinha direito a tudo, queria uma harmonia de todos aquelles elementos, mas não lhe sabia o nome; queria o que só no seculo XVIII chegou a dizer que queria primeiro mansamente na estrepitosa denotação de 89. A sociedade queria a liberdade. Aqui está a harmonia que ella procurava.

Não sabemos se a natureza procede assim nas formações physicas do globo, os elementos dispersos se acercam de um centro que nasce como virtualidade das tensões d'esses elementos para comporem novas individualidades naturaes, na ordem moral e com respeito ao especial assumpto d'este artigo contrastamos esta forma de processo.

A composição da liberdade era pois a força que solicitava a junção d'aquelles elementos sociaes, e foi com as pranchas descosidas do gabão romano que o barbaro começou a construir por o traço ideal ao christianismo o que se chama sociedade moderna.

A sociedade queria a liberdade e achou-a. Achou-a não, achou o nome. Não nos illudamos; entre as lutas da meia idade e as porfias do nosso tempo ha só uma differença, a dissimulação tomou o lugar da fraqueza. Nem a realza, nem a igreja, nem o feudalismo, o feudalismo ao seculo XIX, que é a classe em relevo por qualquer titulo, nenhuma d'estas potencias abdicou ainda, nem abdicará tão cedo de suas pretensões. Só a sombra do municipio da meia idade como a sombra gemebunda do escravo que Pelletan nos pinta errando em torno dos frisos dourados do pantheon a pedir á posteridade o quinhão do genio na feitura das maravilhas, só a sombra do municipio continúa errando em tor-

no do palacio legislativo a pedir a sua quota de actividade no lavôr da civilisação.

São as mesmas potencias com as mesmas aspirações, é a mesma questão só com a differença do tempo e portanto com a differença da forma.

E a questão não se resolve em quanto persistir a lesão organica, que affecta a economia da sociedade—a centralisação.

O que mais difficil é de observar é sem duvida o que tão estreitamente se acerca de nós que adherindo a nossa individualidade mal se deixa contemplar como objecto estranho.

Phenomenos politicos, economicos, financeiros e moraes que todos os dias lamentamos, imputando-os, sem verdade e sem justiça a incuria dos governos e a indolencia dos povos d'onde vem senão da centralisação que tal arte se confundiu com o nosso proprio ser que até os seus peccados deitamos a conta da nossa mal temperada compleição.

(Continúa.)

## RELIGIÃO.

### O revd. padre Ventura.

Os notaveis trabalhos litterarios do illustre theatino, suas inimitaveis conferencias, onde o saber e a eloquencia abraçam-se, são mui conhecidos no orbe scientifico.

Há no entretanto um rumor surdo que tenta solapar a gloria do padre Ventura: seus inimigos, rivales do seu talento, e outros á quem não é indifferente maldizerem dos maiores homens da Igreja, sustentam que suas obras são condemnadas.

É isto falso. Encontra-se em um dos seus bellos trabalhos philosophicos, *Origem das idéas*, a seguinte

«APPROVAÇÃO: Por commissão de S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Illustrissima, Monsenhor Jozeph de Contí Vespignani, Arcebispo desta cidade procedemos á leitura e ao exame das CONFERENCIAS do Revd. P. D. Gioe. (Joaquim) Ventura, ex-Geral dos PP.<sup>es</sup> Teatinos, traduzidas do francez para nossa lingua.

Tenho summo prazer em attestar a IMMUNIDADE não só de TODO e QUALQUER ERRO como tambem a bella ordem e oportunidade, em que as MAXIMAS E AS CREENÇAS CATHOLICAS estão d'accordo com a intelligencia menós versada no estudo da religião, e ainda mais mal prevenida contra a conformidade da razão, que ellas contém.

O auctor escolhendo um genero d'eloquencia, cujo PRINCIPAL ARTIFICIO DA VERDADE É A MESMA VERDADE, tomando por mestres os Padres, entre outros S. Agostinho e S. Thomaz, poz em bello relevo os dogmas da Igreja catholica, conforme o Bello accordo, que reina entre a Religião e a Fé.

Portanto, as presentes CONFERENCIAS não poderão deixar de ser opportunas ás actuaes necessidades religiosas da França, e não menos o serão, segundo penso, para a Italia, onde a malicia faz esforços para supplantar as verdades mais demonstradas e as maximas mais consoladoras, que apresenta a auctoridade infallivel da Igreja de Jesus Christo.

Dada no Convento de S. Domingos aos 15 d'abril de 1852. P. Fr. Vicente Mearreddu, dos *préguiores*, professor d'Escriptura Sagrada no Seminario d'Orvieto ».

Pois bem, de tam illustre orador damos a peroração da notavel homelia sobre a Chanaan:

### DA EFFICACIA DA ORAÇÃO.

É somente pela oração que se pode viver bem, alcançar a perseverança final, e achar-se salvação.

Si o homem da oração não pode ser homem do erro e do peccado, em rasão opposta, o homem que não ora não pode ser o homem da verdade e da virtude. Aprendi em vossos jornaes que os Arabes da Algeria, no começo da conquista que fez a França, vendo os Francezes,

com raras excepções, quasi afastados de toda a pratica religiosa, diziam: «São ímpios, porque são homens que não oram.»

Na verdade, estas palavras são profundas, contêm um perfeito tratado de moral e de theologia! O homem que não ora é o homem abandonado, sem o socorro sobrenatural da graça, entregue ás suas illusões, á sua miséria, á sua corrupção; é o homem alvo de todos os erros, presa natural de todas as paixões; e desde então não se pode confiar nem em sua religião, nem em suas virtudes.

É possível que o homem que ora caia algumas vezes em perturbação; mas não é possível que o homem que não ora seja sincero e solidamente virtuoso. Assim como não há virtude sem religião assim também não há religião sem oração.

Por consequencia, o homem que não ora não é, nem pode ser, um homem sinceramente religioso, nem um homem de bem; e, segundo a sabedoria oriental, elle não passa de um ímpio em relação á creença, e ainda mais, um scelerado em relação aos costumes. «Palavra de cavalleiro, me dizia um dia um dos meus amigos, homem do mundo, eu vos declaro que se tivesse uma filha para casar, um thesouro para collocar em segurança, eu não daria minha filha em casamento, não faria guarda do meu thesouro á um homem que não orasse. Porque o homem que não ora é o homem obrigado á ajustar só a sua má consciencia, sua filha unica, que está a mercê do demonio sob a tyrannia do demonio: *Filia mea male a demonio vexatur*; e nada me demoveria á confiar na moralidade de um homem escravo do demonio e das paixões.»

Em uma palavra, dai-me o homem mais vicioso: se elle ora, corrige-se e salva-se.

Dai-me ao contrario o homem mais santo se elle deixa de orar, enfraquece-se, cae, e perde-se. O que ora mui frequentemente, ou nunca é tentado, ou jamais succumbirá. O dia da desgraça, dizia S. Bernardo, é o dia em que deixou-se de fortificar-se pela oração (1). A perseverança final ella mesma, o ultimo dom de Deus coroadando, pondo sello á todos seus outros dons; a perseverança final, esta graça suprema que nos abre as portas do céu e aperfeiçoa nossa salvação, Deus não a dá a merito qualquer por maior que seja: entretanto que, diz Santo Agostinho, elle não pode e nem a recusa ao merito da oração. (2) E porque Deus a tendo em sua misericordia, solemnemente promettida, reservada, assegurada á oração, estabeleceu entre a perseverança final e a oração, uma analogia necessaria; de sorte que a oração humilde, constante, não pode faltar á perseverança, nem a perseverança ser negada á oração.

Almas christãs a quem a incertesa de nossa salvação tanto preoccupa, eis como acalmar vossas ideias e vossos temores. É abandonando a pratica da oração que deveis tremer. Mas enquanto seguides, esta grande pratica, nada deveis recear em relação á salvação. Orando sempre a Deus, para que elle vos salve, sereis salvos. A oração, afastando-vos do mal, excitando-vos a pratica do bem, tornará vossa vocação certa, vossa santificação indubitavel.

Se os escolhidos de Deus, se os predestinados de Deus são os homens da oração, assim o homem reprobado, o homem condemnado é o homem que não ora, porque o homem que não ora é o homem vasio, sem poder obrar o bem que precisa para se salvar.

O homem pois, que pecca, que se entrega ao erro e a dissolução, e que ali perece, é o homem que, não orando, renuncia voluntariamente o unico meio poderoso e efficaz de ser forte contra as fraquezas da natureza, contra as forças das tentações, contra a inclinação do peccado; é, por consequencia, o homem voluntariamente fraco, voluntariamente peccador; é o homem peccando e per-

dendo-se porque quer peccar, e perdendo-se despresando a oração, o meio soberano ao qual está afferrado a fortaleza da alma, a pratica do bem e a acquisição da bemaventurança; e o homem como Deus advertio-lhe, que será fabricado pelas suas proprias mãos sua condemnação e sua perdição: *Perditio tua, Israel; tantummodo in me auxilium tuum* (Oséas, XIII, 9.)

Portanto, é necessaria a oração para ser homem de bem, para ser bom e verdadeiro christão, para praticar o bem e nelle perseverar, para aspirar a salvação e alcançar.

Alentemos pois, em nós, durante este tempo da Quaresma, o espirito da oração; ponhamos a juro, para nossas almas este grande capital, este rico thesouro que nosso divino salvador comprou-nos por seu sangue, e por sua bondade legou-nos, esta primeira graça, a graça da oração, que não é recusada á ninguém, e que é a chave, o penhor de todas as outras. Oremos com fé, com humildade, com confiança, com perseverança, com fervor; oremos muito, oremos sempre, e não deixemos já mais de orar; e acharemos na oração, e pela oração, a luz do espirito, a fortaleza da alma, o remedio contra todas nossas enfermidades espirituales, o balsamo de todas nossas chagas, o antidoto de todos nossos vicios, o escudo contra todos os assaltos do demonio, do mundo, da carne e das paixões, a resignação para todas nossas dores, o apoio de todas as virtudes, a fonte de todas as graças, a regra da vida, a consolação na morte, e o penhor da santa eternidade; porque está escripto que, aquelle que invocar o nome do senhor será salvo; *Quicumque invocaverit nomen Domini, salvus erit* (Act., II, 21.)

Assim seja.

Trad. por H. G.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

(Vide o n.º antecedente.)

*A que rio, ou territorio compete propriamente o nome do Maranhão?*

Ao principio este nome de *Maranhão*, continúa o manuscrito já citado, foi dado ao grande rio das *Amazonas*, mas em breve os portuguezes, em rasão do encontro, que Francisco de Orelbana teve quando navegando por elle foi accommettido das margens por um pequeno esquadrão de mulheres, que com arcas e frechas lhe picarão a marcha, trocarão aquelle primeiro nome por este das *Amazonas*, alludindo assim ao que se conta das antigas *Amazonas* da Asia. Também lhe derão o nome de *Grão-Pará*, ainda hoje usado, o qual na linguagem indigena tanto vale como *mar grande*. Todavia os castelhanos, e os demais geographos e viajantes estrangeiros ficarão sempre chamando, e ainda hoje chamão ao rio das *Amazonas* rio *Maranhão*: no que deve haver muita advertencia ao lêr as obras desses auctores.

Entre os portuguezes porem foi o nome de *Maranhão* transferido do *Amazonas* para designar a grande enseada, por onde desemboca no mar as aguas dos rios *Pindaré*, *Meary*, *Itapicuri*, *Moni*, & e igualmente a ilha, situada no meio desta grande enseada, e na qual está fundada a cidade de *São Luiz*.

Comtudo alguns auctores portuguezes parece quererem applicar o nome de *Maranhão* ao rio *Meary*, o mais caudal e possante de quantos pagão o tributo de suas aguas aquella enseada.

Entre estes auctores distinguem-se principalmente Teixeira e Casal (citados pelo Sr. F. A. de Varnhagem nas suas eruditas Reflexões Criticas á obra de *Gabriel Soares*) e o Padre Simão de Vasconcellos na *chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil*, a pag.—28.—

Ha porem outros escriptores, que se não conformão com uma tal transferencia de nome. O allegado Padre Tavares, para quem o paiz era tão familiar, escreve na carta sobre dita o seguinte—«Dizerem os chronistas que ha aqui um rio, que se chama *Maranhão*, do qual tomou a denominação todo o *Estado*, é para mim consideração pia, que elles fizerão. E senão digão-me onde está esse rio?»

Haja pois toda a cautella ao ler os chronistas e viajantes portuguezes, quando nelles se encontrar o nome de *Maranhão*, para se saber bem qual é a applicação que delle fazem.

Mas como e quando é que os portuguezes fizerão a trasladação do nome de *Maranhão* para designar a cidade, ilha e enseada, que hoje o conservão, e das quaes se estendeo a toda a provincia e Estado?

Responderemos reproduzindo as conjecturas, que achamos nos auctores que temos por mais competentes juizes.

Nos citados fragmentos do *Maranhão conquistado*, escriptos pelos annos de 1750 e tantos, refere-se o autor á antiga tradição, que ensinava fóra isto na occasião, que alli se perdeu e naufragou Ayres da Cunha, um dos dōze primeiros donatarios de toda a costa do Brasil.—«Procurava este fidalgo, conta o autor, com os seus adherentes o rio *Maranhão*, nome porque então se conhecia melhor o rio *Amazonas*, e naufragou na ilha do *Maranhão*, para onde entrou pela boca de um rio largo de cinco legoas desde a ponta do *Pará* até a de *Itaculumim*, d'isto succedeo darem áquelle logar o nome de *Maranhão*, ou enganados e persnadidos que aquelle era o rio *Maranhão*, ou querendo ennobrecer a sua infelicidade espalhando o seu naufragio como acontecido na boca do rio *Amazonas*, conhecido então pelo rio *Maranhão*.

«D'este accidente ficou até hoje o nome *Maranhão* affixo a cidade, e ilha do *Maranhão*.» O Padre José de Moraes, jesuita, que depois da extincção da Companhia se chamou José Xavier de Moraes da Fonseca Pinto, na sua Historia da *companhia de Jesus do Maranhão e Pará*, composta em 1759, parece-lhe que esta transferencia de nome foi em rasão da semelhança que aos navegantes lhes parecia haver entre esta enseada do *Maranhão* e a do *Grão-Pará* ou rio das *Amazonas*, por desembocarem por ella outros quatro grandes rios como na enseada do *Grão Pará*. Mas para-se tirar este commum equivoco (concluiremos nós também com o mesmo Padre Moraes) fique a cidade do *Grão-Pará* com o seu rio das *Amazonas*, e a cidade de *São Luiz*, com o seu antigo *Maranhão*.

Graças ao illustrado e incansavel Maranhense Dr. Candido Mendes de Almeida esta obra do Padre José de

Moraes foi publicada no Rio de Janeiro em 1860 com muito proveito para a historia patria.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

—O governo revolucionario da Hespanha está provando á luz meridiana que as suas pomposas theorias sobre liberdade de cultos e de consciencia não passam de retumbantes palavrões com que tem embaído o pobre povo, e que na realidade a franc-maçonaria, a que pertencem indubitavelmente os seus membros, empregando todos os seus esforços para appossar-se do governo das nações, e se encarniça cruelmente contra o Catholicismo, unica religião que aquella tão perigosa seila odeia é profundamente, porque também é a unica que se atreve, com aquella força que só a verdade sabe inspirar, a lançar-lhe em rosto e a profligar as suas impias e nefandas machinações!

Não se contentando com haver exigido dos Bispos da Hespanha que por meio de Pastores fossem suspendendo do exercicio de suas ordens a todos os sacerdotes, que, ainda só por suspeitas parecessem sympathisar com o movimento carlista, ultimamente manifestado naquella paiz, o governo de Sua Alteza o Sr. Serrano ainda se arroga o direito de julgar as respostas que os Bispos, no exercicio do seu alto ministerio pastoral, entenderam dever dirigir-lhe repellindo a insolita e estulta pretensão de um governo temporal, que quer fazer dos Bispos seus agentes de policia.

Quasi todos os Bispos mandaram incontinente suas respostas ao ministro da justiça. O Episcopado hespanhol soubo sustentar com honra e dignidade e independencia e soberania da Igreja. O governo de Sua Alteza Serenissima, porém, vendo menosprezadas suas ordens, encheu-se de furor, e considerando particularmente como graves as respostas de quatro Bispos, mandou submettê-las ao tribunal de graça e justiça. Outras nove respostas, considerou-as duvidosas e foram por isso submettidas ao Conselho d'Estado.

A resposta que mais irritou o governo de Serrano foi a do Revm. Bispo de Osma, que rejeitou *in limine* a ridicula e repugnante ingerencia do governo nas attribuições meramente episcopaes.

Não podemos resistir ao desejo de a transcrevermos aqui, tal como a achamos no *Bem-Publico* de Lisboa:

«Senhor de todo o meu respeito.—Depois de ter lido com o mais profundo desgosto o decreto de 5 do corrente, relativo a assumptos ecclesiasticos, que me foi transmittido ha poucos dias pelo ministerio da graça e justiça, pensei que faltaria a uma das minhas mais strictas obrigações se não recorresse ao regente do reino em defesa da liberdade e independencia da Igreja, e do meu sagrado cargo episcopal, reclamando para isso contra o que se ordena no dito documento, e expondo ao mesmo tempo em breve resumo a doutrina catholica acerca dos pontos que aquelle abrange, e o dever de um Bispo em vista dos mesmos.

«Prescindindo da exposição ou do preambulo que o precede, e que, entrego ao criterio das pessoas justas e sensatas de dentro e de fóra da Hespanha, por mais cansadas que devam estar já de semelhantes ataques, assim como lhe tenho entregado mais de uma vez outras exposições e outros preambulos, dictados em igual ou parecido estylo, e abundantes de iguaes conceitos. Se essas pessoas estão já enfastiadas de ler desde ha não poucos annos escriptos officiaes e officiosos da mesma especie que o parto de engenho que me occupa, e ao qual falta em geral a primeira qualidade de uma produção bella, na sua mão está o rejeitarem o presente que lhes faço, como na minha está offerecer l'ho.

(1) «Horrendum est diem sine oratione transire»  
(2) «Hoc domini Dei suppliciter emereri potest.»

Deixemos em todo o caso que surta no publico o offeito que no salão das côrtes produzia em 1833 um famoso deputado, só com dar mostras de que ia falar.

«Se o maior poder secular da terra me viesse com exigencias taes a mim, que respeito todos os poderes legitimos, lhe diria, por isso mesmo que os respeito, o que ao imperador Constancio escrevia o grande Osio, Bispo de Cordova: «Lembra-te de que és mortal: teme o dia do juizo, e procura conservar-te innocente para aquelle dia. Não te infromellas em assumptos ecclesiasticos, nem nos mandes nada a respeito delles, antes aprende de nós quanto aos mesmos se refere. Deos deu-te a ti o reino, e a nós confiou-nos as cousas da Igreja. E assim como o que te tira o imperio contradiz a ordenação de Deos, assim teme tornar-te réo de algum grande crime por attribuires a ti os negocios que pertencem à Igreja: está escripto: *Dai ao Cesar o que é do Cesar, e a Deos o que é de Deos.*»

«Não: o Bispo não pôde mover o seu baculo á vontade dos poderes do secular. As cousas divinas, respondia Santo Ambrosio a Valentiniano II, não estão sujeitas ao poder do Imperador. . . . O Imperador está dentro da Igreja, não sobre a Igreja.» O Bispo não pôde mover o seu baculo pastoral senão a impulsos do seu proprio dever, marcado na lei de Deos e nos sagrados canones. Nós os Bispos, como nos ensina a Sagrada Escripura, estamos postos pelo Espito-Santo para regermos a Igreja de Deos. Em tudo o concernente ao nosso ministerio não temos na terra outro superior senão o Romano Pontifice, sob cuja direcção o exercemos. É dogma de fé que o Romano Pontifice é o Pai e Doutor de todos os christãos, que tem o supremo poder, o primado de honra e jurisdicção em toda a Igreja; primado que nenhum poder pôde menoscebar, pois então deixaria de ser primado.

«O Bispo deve estar longe das luctas de tantos partidos que estão subindo e descendo, e tornando a subir e tornando a descer. Assim, quaesquer que sejam as opiniões politicas dos meus diocesanos, a mim é-me indifferente para o objecto do meu ministerio, o qual não é outro que o de dirigi-los pelo caminho da religião, rogando pela felicidade de todos sem nenhuma excepção.

«Não posso ser, pois, uma especie de agente de policia, espião, accusador ou delator; este não é o meu officio. O meu officio é o fazer a todos, seculares e ecclesiasticos, o bem que possa, e mal a nenhum, porque a todos quero e devo querer do mesmo modo.

Burgo d'Osma, 21 de Agosto de 1869.

«PEDRO MARIA, Bispo d'Osma.»

## VARIEDADES.

### Os conventos, julgados pelos protestantes.

(Continuado do n. 27.)

Mallet, *Historia de Suissa* vol. 1º pag. 103. Os Monges com as suas doutrinas amaciavam os costumes bárbaros do povo, e com o seu credito fizeram opposição a tyrannia dos nobres, quenão sabiam occupar-se senão da guerra e por consequente da cruel oppressão de seus vizinhos. Por esta razão os povos preferiam o governo dos monges ao dos nobres, procurando tel-os como seus juizes. Chegou até a converter-se em maxima: que era melhor ser governado pelo baculo dos bispos, do que pelo sceptro dos monarchas.

Drake, *Obras Litterarias*, vol. 2º pag. 433. Os monges do Cassino, diz Wharton, distinguiram-se não só pelos seus conhecimentos scientificos, mas tambem pela sua applicação a politica, e uso dos classicos. O sabio abbafe Desiderio fez uma bella collecção dos auctores gregos e romanos. Esta comunidade não só compoz tratados scientificos sobre musica, logica, astronomia, e architectura

de Vitruvio, mas empregou tambem uma parte do tempo em copiar Tacito, etc. Este exemplo tão louvavel foi, nos seculos XI e XII, imitado com grande habilidade e emulação pelos religiosos de muitos mosteiros em Inglaterra.

Turner, *Historia de Inglaterra* vol. 2º pag. 332 e 367. Nunca se estabeleceu tyrannia alguma, que mais decididamente fosse um puro effeito da vontade do povo, e que este conservasse e apoiasse por muito tempo. Em cousa nenhuma o interesse particular, e a prosperidade publica se deram tão cordialmente as mãos, como no zelo da fundação dos mosteiros.

Bales *Philosophia Rural* pag. 322. É para lamentar que, enquanto os catholicos se occupam activamente em erigir casas para freiras, para outras sociedades religiosas nos reinos; os bons protestantes não se movam a seguir este exemplo, creando estabelecimento para educar e proteger as meninas, em que se notem disposições graves, ou que, por outro lado, se acham desamparadas, nos quaes podiam, pelo menos, encontrar um refugio temporario, serem instruidas nos principios de Religião, e em todas as prendas convenientes, e usos domesticos; e d'onde tambem aquelles que se conhecessem inclinados a voltar para o mundo, sabissem com habilitações para desempenhar tão religiosa, como louvavelmente os deveres da vida commun. Por este modo se promoveriam as commodidades e felicidade de muitas pessoas com grande beneficio da sociedade em geral: ao empenho dos catholicos melhorando os seus mesmos principios, podia oppôr-se um obstaculo serio.

Revista Trimestral de Edimburgo, dezembro 1814. A nenhuma corporação o mundo deveu nunca tanto, como á illastre dos monges Benedictinos. Os historiadores muitas vezes deixam em silencio os bens que elles fizeram; em quanto que não se esquecem de publicar os males de que foram occasião. Leitores ainda os mais vulgares tem noticia do infame contractador de milagres de S. Dunston, em quanto que os nossos mais sabios cidadãos, raras vezes recordam os nomes desses homens admiraveis, que sabindo de Inglaterra foram evangelisar os povos do norte.

As ilhas de Teneian e de João Fernandes, no oceano, são sitios menos deliciosos que os de Malmsbury, Lindferme, e Jarrow no tempo da nossa heptarchia. Uma comunidade de homens virtuosos, dedicados a litteratura, ás bellas artes, e a religião, eram encardos por aquelles tempos como um *oasis no meio do deserto*. Semelhantes as estrellas em uma noite escura, elles lançaram sobre nós um resplendor suave. Se em tempo algum houve homem, a quem como fundamento se devesse dar o nome de veneravel, foi Reda, que passou toda a vida em instruir os povos do seu tempo, e em preparar memorias para os vindouros; e por isto nunca se pronuncia este nome, sem lhe acrescentar aquelle título.

Por aquelles tempos a igreja offerencia asylo a tantos infelizes, que ficavam arruinados pelas guerras continuas, a que cada região estava exposta, a Igreja gozava de paz, e era considerada como uma potencia por homens, que odiando-se uns aos outros acreditavam todos em Deos, e o temiam. Affrontada como era pelos mundanos e ambiciosos, e desfavorecida por causa das astucias dos velhacos, e longuras dos fanaticos, dava amparo aquelles, que na sua mocidade eram melhores, que os do mundo, ou que na sua maior idade se aborreciam d'elle. Os sabios, os ricos, os temeratos, e os nobres corriam para esta Gozen de Deus, em que se gozava da claridade e tranquillidade propria entre as trevas e as tempestades.

E que resposta poderá ainda dar-se a este argumento? Mervin Archedal, no prefacio da sua *Historia acerca dos Mosteiros irlandezes*, diz: «Quando nos contemplamos a universalidade d'aquelle

zelo religioso, que retira milhares do fausto, e das commodidades para viverem n'uma solidão remota, e dando-se austeras penitencias; quando consideramos o procedimento dos grandes e dos sabios do mundo, dos credulos, victimas de uma illusão fatal, e ainda o avaro destruindo a sua fortuna para participar da felicidade dos ascetas penitentes: além d'isto quando nós encontramos, que a enchente do enthusiasmo desceu, e que a razão sobria se restabeleceu do seu delirio, e excessos, como foi o demolir todos os vestigios de seu primeiro phrenesi: temos então um esboço conciso da historia do Monachismo, e um exemplo não commum de pusillaniedade, e volubilidade, que revela o caracter de fragilidade na especie humana. Nós investigamos estes phenomenos no mundo moral, com um orgulho, que tem a sua origem na superioridade presumida das faculdades intellectuaes, ou no grão mais desenvolvido da civilisação.

A nossa ostentação e actividade são conservadas energicamente em vista d'esta comparação, o que tanto decide a favor dos tempos modernos.» Pois não, Achard! E temos nós onde procurar provas, ou vestigios d'esta pretendida superioridade, d'esta comparação tão decisiva a favor dos tempos modernos?

Temos nós de descobri-las nas ruinas d'esses nobres edificios, que foram roubados e demolidos, do que tu nos dás a historia?

Temos nós de descobri-las no total abandono, ainda de um intento, para ornar o teu paiz com um quer que seja, que os eguale em grandeza e em gosto? Temos nós de procurar esta superioridade nas numerosas escaramuças, por causa dos dizimos, pistola em punho, a maneira de Skibbereen?

Está provado que os tempos modernos são decididamente superiores aos tempos antigos pela lei que prende os irlandezes em suas casas desde o anoitecer até o amanhecer? São o sustento do povo, egual ao que se dá aos porcos, a sua nudez, fome, as mortes aos centos por mingoa de alimento, quando os portos estão cheios de navios que vão transportando mantimentos de suas praias, e quando no paiz se sustenta um exercito, cujo fim é manter em socego o povo esfaumado?

São, repellemos, estes os factos, a respeito dos quaes tu encontras a *comparação tão decisiva em favor dos tempos modernos*? Que? por occasião do baile, dado na casa da opera em beneficio dos irlandezes famintos, tu viste com orgulho a sala do baile, ornada de um quadro transparente, que representava em grandeza natural um irlandez no momento em que EXPIRAVA DE FOME?

E tu dás aos mais prudentes, e aos mais sabios dos homens, o nome de *credulos*, tu lhe chamas *credulos de uma fatal illusão*, quando elles fundavam instituições que realisavam beneficios, que a lembrança da empresa do theatro nunca poderá realisar?

Olha para o estado presente e desgraçado do paiz, lança outra vez a vista sobre a tua lista de ruinas (porque segundo me parece és ministro da Igreja), tu dirás, e bem persuadido estou d'isto, que, se as primeiras procederam das precedentes foi a *sobria razão*, e não a sede de pilhagem, que levou a effeito essas ruinas, *que foi phrenesi e fraqueza mental* da parte dos mais distinctos, e mais sabios dos homens, que fundaram esses mosteiros, cujas ruinas, são hoje monumentos, que tanto melancolisam?

COBBET.

### As chuvas da India.

—Do *Diario Official*:

«Não por igual se divide na India o thesouro das chuvas; nem talvez haja onde a divisão da agua do céu seja tão injusta e caprichosa. A India fica secca ou pouca chuva recebe durante todo o anno; outros sitios,

porem, estão constantemente inundados; de districto á districto as differenças são enormes. Em Kurrachia e outras cidades da India e de Beluchistan passam-se annos sem que caia uma gota, ao passo que certos cantões de Bengala recebem massas de aguas fluviaes cuja altura, repartida em igual nivel por todo o paiz, medem-se antes por pés que por pollegadas; ha tal semana que dá alli duas vezes mais chuva que o termo médio annual de Bombaim.

Um habitante de Guzarats, provincia onde a altura pluvial do anno raramente vai além de treze pollegadas, não acreditaria se lhe dissessem que ha uma cidade de Bengala oriental, Sylhet, onde essa quantidade d'agua cahe em vinte e quatro horas, e as vezes cinco dias seguidos. Comtudo não é licito duvidar: observações exactas e cuidadas o provam.

Sylhet é sem duvida a cidade em que mais chove em todo o mundo. Parece ter o monopolio das nuvens espessas que se levantam do golpho: situado em uma latitude de cerca de 2,000 pés inglezes interrompe o caminho ás nuvens e as forças a descarregar a chuva antes de ir mais longe. O districto que a cerca está em diluvio perpetuo. A altura annual das chuvas vai alem de 500 pollegadas. Felizmente para os habitantes o paiz é montanhoso; os declives são fortes, e as chuvas correm com grande rapidez, formando enormes correntes: duas horas depois de cahir uma tromba, o solo fica secco como se não houvesse chovido. Decididamente a natureza tem tudo em ordem. Não longe de Silhet, ao norte da cordilheira de Cherraponji, a queda annual é apenas de 60 pollegadas.»

### Aguas mineraes.

—Do *Jornal do Commercio*:

O Sr. Dr. João Carlos da Luz escreve-nos das aguas virtuosas da campanha:

«Peço-lhe que chame ainda uma vez a attenção do governo para estas aguas, cuja existencia de mais de 50 annos ainda não mereceu os cuidados de uma analyse, para conhecimento de todos os seus principios nas proposições relativas afim de que as suas prescripções possam ser certas e infalliveis nos diversos periodos e complicações dos soffrimentos chronicos de visceras abdominaes e pobreza de sangue. Pelos effeitos salutaes já obtidos em muitos destes soffrimentos, sabe-se que, se não superiores são ao menos iguaes ás de Baden e Vichy.

«As aguas acham-se ao sul da provincia de Minas, 37 leguas da barra do Piraby. A sua viagem é facil, por boas estradas, e não faltam aqui as necessarias comodidades da vida. O clima é um dos melhores do paiz, e o governo da provincia pelo seu engenheiro fez construir uma espaçosa casa banharia com repartimentos grandes e outros menores para os pozos além de aterros que exigia o terreno.»

San Luiz — Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 13 DE DEZEMBRO DE 1869.

## Seminario das Mercéz.

Na secção competente publicamos hoje a lista geral dos alumnos examinados em o precedente e neste mez de dezembro no Pequeno Seminario de Nossa Senhora das Mercéz.

Chamamos a attenção dos leitores para o crescido numero de examinados, prova do adiantamento dos alumnos, e dos proveitosos fructos que colhe a mocidade no cultivo das letras—nesse acreditado collegio.

Fundação nova, devida aos esforços, zelo, intelligencia, e tino do actual Bispo Diocesano, o Pequeno Seminario é credor da estima publica e da animação dos Srs. Pais de Familias, que desejam dar uma boa educação e instrução á seus filhos.

O Pequeno Seminario tem todos os elementos da grandeza e prosperidade: excellente casa, bons professores, disvellados directores, emfim, o que se exige para um verdadeiro collegio.

De um impresso que temos á vista copiamos o seguinte:

## PROGRAMMA DE ADMISSÃO.

Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria continua admitir alumnos internos e externos sob as condições seguintes:

1.<sup>a</sup> A pessoa que desejar matricular seu filho, tutelado ou correspondido deve endereçar uma petição ao Exm.<sup>o</sup> e Rvm.<sup>o</sup> Sr. Bispo Diocesano, solicitando ingresso no Pequeno Seminario.

2.<sup>a</sup> O admittendo poderá ser interno ou externo: interno o que residir no estabelecimento; externo o que á elle comparecer sómente ás horas das lições. Para esta classe unicamente admittem-se alumnos de instrução primaria.

3.<sup>a</sup> Os internos satisfazem a pensão mensal de 25\$000 reis, pagos adiantados, no principio de cada mez.

4.<sup>a</sup> Estes têm a faculdade de frequentar as aulas de ambos os cursos, primario e secundario; e recebem ainda o ensino e instrução religiosa.

5.<sup>a</sup> Recebem alimentos em tres refeições diarias.

6.<sup>a</sup> Os primeiros cuidados medicos no caso de molestia, avisando o Reitor ao correspondente, ou pessoa interessada, para que tome suas providencias no caso de prolongar-se a enfermidade.

7.<sup>a</sup> O estabelecimento não se obriga pela lavagem e gonima da roupa dos alumnos, excepto se for elle do interior da provincia e não tiver na capital quem se encarregue deste serviço; e nesse caso cobrará a pensão annual de 50\$000 reis, ficando tambem á seu cargo o corte de cabellos. Esta pensão paga-se adiantada, em dous quartéis, em Janeiro e Julho.

8.<sup>a</sup> Cada alumno ao entrar para o estabelecimento deve trazer: 12 camisas, sendo 6 de côr e 6 brancas, 6 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 6 fronhas lisas, 6 calças de brim pardo, 6 palitots de dito, 6 cobertas de chita encarnada, 2 gravatas, sendo 1 de côr e 1 preta, 1 par de botinas, 12 pares de meias brancas, 1 dito de sapatos para casa; 1 fato preto completo, sendo calça, sobrecasaca, colete preto e chapéo alto para os maiores de 14 annos, ou calça, colete, jaqueta e bonet para os menores, e 2 sacos de brim branco, para roupa suja.

Este enxoval poderá ser modificado para menos si o alumpo for da capital; porque nesse caso as constantes relações

com sua familia o farão supprir-se do necessario com mais facilidade.

9.<sup>a</sup> Para uso de casa e accio deve trazer: 1 cama de ferro, 2 travessieiros, sendo um maior e outro menor, 1 cadeira, 1 banca, 1 tinteiro, 1 escova de fato, 1 dita de cabelo, 1 dita de dentes, 1 espelho, 1 pente fino, 1 dito de alisar, 1 thesouira para unhas, 1 jarro e bacia de louça branca, 2 copos finos para agua, 2 talheres, 1 bacia de folha para banhar os pés, 1 ourinol.

O estabelecimento medianta a quantia de 60\$000 reis fornecerá todos os objectos de que tracta o § 9.<sup>o</sup>

Toda a roupa dos alumnos e os objectos de seu uso devem vir marcados com o numero, que lhe for indicado pelo reitor.

## O rev. padre Jacintho.

Quando este celebre orador começou á dar os primeiros passos para sua perda, o exm. sr. Bispo de Orleans, Mgr. Dupanloup, antigo collega do sulpiciano Loysie, dirigio-lhe a seguinte carta.

«Orleans, 25 de setembro.

«Meu caro confrade.

«Logo que de Pariz me fizeram saber o que estaveis para praticar, tentei, como sabeis, poupar-vos, por todos os modos, ao que devia ser para vós uma grande falta, e uma tão grande infelicidade, ao mesmo tempo que uma profunda tristeza para a igreja; fiz partir nesse mesmo momento, e de noite, um vossó antigo condiscipulo e amigo, para vos suspender no vosso proposito, se possivel fosse.

«Mas era já tarde, o escandalo estava consummado, e podeis calcular, com sentimento de todos os amigos da igreja, e satisfação de todos os seus inimigos, qual é o mal que tendes feito.

«Agora não posso deixar de pedir a Deus, e convidar-vos mesmo para esse fim, que vos suspendaes no plano inclinado em que ides e que conduz a abysmos, que os olhares perturbados da vossa alma não podem ter visto.

«Sei que tendes soffrido; mas deixai-me dizer-vos: o padre Lacordaire e o padre de Ravignani sei que tambem soffreram mais do que vós, mas elevaram-se mais alto na paciencia e na força por amor da igreja e de Jesus Christo.

«Como é que não tendes sentido essas injurias feitas á igreja, vossa mãe, pelas vossas imprevidentes accusações? E que injuria não foi a Jesus Christo, collocando-vos, como haveis feito, só em face delle com desprezo da sua igreja?

«Mas quero esperar e espero; será certamente um desgarrado passageiro.

«Voltae para entre nós; depois de haverdes dado ao mundo catholico essa dor, dae-lhe uma grande consolação e um grande exemplo. Ide lançar-vos aos pés do santo padre. Os seus braços se vos abrirão, e apertando-vos ao seu coração paternal, vos restituirá, a paz da vossa consciencia e a honra da vossa vida.

«Recebe do que foi vosso bispo e que jamais deixará de vos amar, este testemunho e estes conselhos de uma verdadeira e religiosa affeição.

—Felic, bispo de Orleans.»

—A esta carta respondeu o padre Jacintho nos seguintes termos:

«Monsenhor.—Estou muito possuido do sentimento que vos ditou a carta que me haveis feito a honra de me escrever, e fico muito reconhecido pelas orações que vos dignaes resar por mim; mas não posso aceitar nem as censuras, nem os conselhos que me dirigis.

«Ao que chamaes uma grande falta commettida, chamo eu um grande dever cumprido.

«Dignai-vos acceitar, monsenhor, a homenagem dos sentimentos com que sou, em Jesus Christo, e na sua igreja, «Vosso humilde e obediente servidor. —Irmão Jacintho.

«Pariz, 26 de setembro de 1869»

Mui differente é a linguagem do falso apostolo da liberdade, o Sr. marquez de Villamarina (Italia) que tambem saiu-se á elogiar a apostasia de Fr. Jacintho nesta bombastica epistola:

«Turin, 29 de setembro de 1869.

«Intrepido apostolo do progresso e da liberdade: felicito-vos pela vossa carta e pelos vossos nobres e corajosos sentimentos. Já é tempo que poderosas vozes se elevem para confundir os que desautorizam a religião de Christo, e que fazem commercio della. Já é tempo que a luz se faça, e que a sublime e santa verdade do christianismo e do evangelho triumphem das mentiras e das trevas.

«Como homem de coração, e como christão, dirijo-vos as minhas saudações, pela vossa coragem independente e desinteressada.

«Conta-me no numero dos vossos admiradores e dos vossos amigos. —Marquez de Villamarina.»

—O padre Jacintho respondeu a esta carta nos seguintes termos:

«Pariz, 30 de setembro de 1869.

«Sr. marquez.

«Os testemunhos de sympathia, como aquellos que me haveis feito a honra de me dirigir, são bons para me animar no caminho difficil em que resolvi marchar.

«A Italia pôde fazer immenso peso na obra da transformação da igreja, *Tempus est ut judicium incipiat a domino Dei.*

«No que me diz respeito pessoalmente, não sei se o protesto que levantei e se o sacrificio que fiz serão fecundos, mas ao menos terei até ao fim obedecido á minha consciencia.

«Agradeço-vos por me haverdes comprehendido e approved o meu procedimento. —Frei Jacintho.»

—Os jornaes politicos e religiosos do nosso paiz tem feito a apreciação devida ao acto do revd. padre Jacintho. Eis o que á semelhante respeito escreverem a *Opinião Conservadora*, excellente periodico de S. Paulo:

O REV. PADRE JACINTHO:—O *Jornal do Commercio*, na corte, e o *Correio Paulistano* e o *Ypiranga*, aqui, acabão de publicar uma carta deste celebre pregador ao reverendo padre geral dos Carmelitas em Roma, em que declara retirar-se do convento em Pariz, de que era Superior, por discordar das admoestações do mesmo geral relativamente ás algumas de suas predicas.

O padre Jacintho é reconhecido como famoso pregador; mas algumas vezes deixou-se desviar por sua razão, e isso forçou o geral da Ordem á chantal-o á seus deveres para não comprometter em nome da Igreja a verdadeira doutrina catholica. Em vez de um acto de orgulho, appellando para um concilio de sua imaginação se o actualmente convocado não lhe der razão contra seu superior legitimo, deveria mostrar-se humilde, como o Evangelho aconselha.

O *Monde*, de 22 de Setembro, publicando essa famosa carta, diz o seguinte:

«O padre Jacintho justifica hoje todos os receios que desde muito tempo

havia-se concebido a seu respeito.... Essa carta, datada de hontem 20 de Setembro, foi immediatamente communicada ao *Tempo*, que a publicou na tarde desse mesmo dia; e nós a encontramos na manhã de hoje no *Jornal dos Debates*, que a recommenda vivamente á attenção dos seus leitores como um importante e notavel documento.»

## POLITICA.

## A proposito da descentralização.

(Continuado do numero antecedente.)

A centralização administrativa produz o que já em diversa tribuna appellidamos—centralização dinamica—o monopolio central de todas as forças productivas da sociedade. A solidão dos campos, ao espasmo do trabalho, ao definhamento da vida local contrapõe-se o excesso de vida, o alto relevo, o desmedido esplendor das capitães, que desgarnecendo o paiz da parte mais presante da população agricola, attrahe com a fascinação dos prazeres o proprietario que vem ruinar-se aqui enquanto a propriedade se está ruinando lá fóra. Isto que succede entre nós que em gigantes proporções se observa na França onde a vertigem do luxo e a sede de exquisitas sensações multiplica pelo mesmo factor as delicias e os crimes, como tudo isto contrasta com a animada e fecunda tranquillidade da vida rural na Inglaterra!...

Não ha, diz Guizot na biographia de sir Robert Peel, um só membro da camara dos lords que tenha domicilio na capital. Proprietarios o seu posto de honra é no centro de suas propriedades, no meio da sua laboriosa população, na honrada presidencia á esclarecida collaboração do homem com a natureza.

● Clausulas que a moderna critica taxou de exóticas impunham algum dia aos administradores de vinculos a obrigação de residir na fazenda do morgado. Era a mescla de erro e de verdade que offerece o tecido historico do labor humano. Exótica era a critica que deixando incolume o anachronico instituto cevava a ira da impotencia em clausula tão saudavel.

O que em forma de preceito impunham instituições de vinculos impõem-n'o em forma liberal de mais potente estímulo ás instituições administrativas no reino da Grã-Bretanha.

Alli, no condado que encerra a plenitude das faculdades municipaes vive o homem a vida desafiada da mais franca independencia, alli vincula os interesses da familia, alli se praz de desinvolver toda a sua actividade, alli meueia o seu commercio, alli dá da fazenda e do coração quanto permuta com a fazenda e coração de seus vizinhos. D'aqui a formação do verdadeiro representante no parlamento, d'aqui a ligação moral, a solida constituição da unidade nacional, d'aqui a prodigiosa desinvolução da agricultura, d'aqui o grande incremento da riqueza publica, d'aqui o desinvolvimento da materia collectavel, d'aqui o tirocinio que habilita para funções de superior categoria, d'aqui a vida, d'aqui o trabalho, d'aqui o acesso á dignidade humana, d'aqui a moral, a nobreza, a longanimidade, a pasmosa elevação do nível moral do individuo e da sociedade! O segredo ha muito tempo que o revelou a natureza, na infinita divisão do trabalho está com tal engenho fixada a orbita das actividades que não é permitido ficar á quem nem ir além

dos limites naturaes sem grave perturbação na terra ou no ceo!

De sobejo são já as palavras que escrevemos para demonstrar o que hoje tem as honras do dogma, e dogma definido pelo concilio dos mais altos prelados da sciencia.

As difficuldades não estão aqui, não ha constrangimento em acceitar a descentralisação como principio theorico, os embarços e graves e difficeis de vencer ao mais atilado engenho premunido com o perfeito conhecimento das circumstancias do paiz jazem todos na applicação.

A primeira difficuldade está em vencer habitos por longos annos racinados na vida dos povos sob o regimen da centralisação. Habitos de preguiça, impostos ou procurados, são habitos de preguiça de que sempre custa a triumphar maiormente onde a natureza com a doçura do clima e a uberdade do solo fez uma cama tão fofa para dormir, como esta em que só a visão do deficit nos agita, visão que se apagaria no momento em que acordassemos.

O deficit vem do somno, não vem dos caminhos de ferro que apenas teem a culpa de o ter transportado do orçamento do paiz para o orçamento do estado. O deficit é deficit de actividade; e por isso queremos a descentralisação para dar caça de montaria a este lobo financeiro.

Efeito da situação a que alludimos o outro embarço tão grave que em muitos animos tem gerado o desalento n'esta instancia de reforma administrativa é a falta de aptidões para uma gerencia mais complexa e por tanto mais difficil dos negocios da localidade. E se accrescentarmos a relutancia dos concelhos contra o esbulho do que elles chamam com tão indomito orgulho que nem ás ordens philologicas obedece—a sua autonomia—prejuizo ingenuo mas deploravel pelas difficuldades que suscita ao indisciplinavel proposito de modificar levemente que seja a circumscripção administrativa, o espirito de rixa tradicional entre povos de concelhos limitrophes, e a insufficiencia dos actuaes meios de viação para aproximar e reunir em unidade municipal povos de diferentes comquanto vizinhas regiões, temos indicado as principais difficuldades que derivam das circumstancias do paiz, difficuldades invenciveis de prompto, e com as quaes será forçoso transigir no momento propiciando um futuro mais generoso com a oblata d'esta modesta iniciação. As difficuldades que vem da arte accrescem difficuldades que vem da sciencia.

É preciso não confundir centralisação politica com centralisação administrativa. A imputação de federalismo vibrada por homens aliás illustrados contra o pensamento descentralizador provém de não distinguirem noções dialecticamente diversissimas.

Nem o radicalismo descentralizador de Tocquville e de Bechard ousou já mais combater a centralisação politica. O municipio porque é individualidade administrativa é bem que administrativamente se governe, e porque não é individualidade politica também é justo que politicamente se não governe.

É certo que a demarcação das fronteiras entre os imperios da politica e da administração offerece na pratica repetidas e graves difficuldades; quando se trata de accentuar e representar em fórmulas a independencia combinada com as relações entre as duas espheras a distincção é muitas vezes difficil de manter e assignalar. Esta difficuldade porém que pôde philosophicamente suggerir a idéa de identidade como a suscita também a contemplação de affinidades entre sciencias que se movem em estranhos territorios, abaixo das regiões abstractas da philosophia, n'este planeta de rija crusta em que vivemos não prova a identidade, prova a differença organica e radical entre osapparelhos da politica e da administração.

Vêde a Inglaterra. Em politica a um aceno do poder central levanta-se o paiz

inteiro; em administração as muralhas do condado não deixam olhar para fóra.

Resseren pois o animo atribulado dos que vêem alvejar na descentralisação administrativa a republica ou a federação. A descentralisação não tem nada que vê com a forma de governo. O throno mais seguro da Europa está erguido no paiz de mais franca descentralisação, e a republica franceza de 1790 bem mostrou as suas tendencias descentralisadoras começando por matar a unidade provincial a que a velha monarchia tão fundo respeito catára sempre, e acabando por extorquir ao povo até a faculdade de eleger os membros do conselho municipal. Se nos Estados Unidos se vê em intimo convívio a republica com a descentralisação, nem a descentralisação vem da republica nem a republica da descentralisação, vem ambas da data da fundação d'aquelle estado. Maravilha fóra que por fins do seculo xviii se levantasse no mundo novo uma nação velha que sem habitos a que attender, sem tradições que respeitar cobrisse a sua nudez historica com os farrapos da Europa! Para a frente de Washington havia o diadema de gloria no throno da posteridade! Convinde pois, obstinados nominalistas, que liberdade e descentralisação viajam sem passaporte da monarchia para a republica e da republica para a monarchia.

Outra difficuldade da mesma categoria é riscar mesmo dentro da esphera administrativa a esphera concentrica do poder unificador.

Se o mais saudavel effeito da descentralisação é integrar as individualidades locais restituindo-lhes a plena fruição da sua natural actividade, phenomeno que simultaneamente exonera o poder central de impertinentes attribuições e remette ás forças locais o movimento que lhes é congenico e próprio, é indispensavel todavia que n'esta partilha de actividades não esqueça o quinhão do poder central.

As relações entre a administração geral e as administrações locais são as relações de unidade com a multiplicitade, relações que é preciso fixar com tal engenho, que nem os fios que vem para a mão do poder central embarcemos os movimentos da localidade, nem a independencia local signifique a inteira desvinculação do poder central. Aqui na mais ou menos generosa irradiação do poder é que vai a medida de alcance do cometimento. Aqui a prudencia tem o dedo levantado! Quando um estado se planta de novo á luz da sciencia contemporanea, é facil organisal-o segundo as indicações da mais esclarecida theoria; nos Estados Unidos, diz Tocquville na *Democracia* na America, não foi o poder central que se despojou em beneficio das localidades, foram estas que da sua plenitude soberana alienaram para o poder central em politica e administração o que sobejava á sua natural e competente actividade; quando porém se trata não de organizar mas de reorganizar um estado que vem de muito longe, a volumosa bagagem que traz de costumes, de tradições, de preconceitos até não se pode atirar de vez com ella para a valla da historia. Quem o fizer cedo verá no castigo as proporções do erro que commetteu.

Não é só o intento de ligar e unificar a administração que caracteriza a actividade do poder central; outro intento caracteriza outra faculdade; o direito de suprema tutela em cujo exercicio a autoridade central observa qual desvelado chefe de familia os movimentos da sociedade a que preside.

Embora a localidade exercite o direito de fundar a sua escola, de alimentar a sua igreja, de construir e policiar a sua prisão, e até, se quizerem, de administrar em certo grau a justiça, é certo que em tão relevantes assumptos não é concebivel a indifferença do poder central que na instrução, na educação religiosa, na rehabilitação moral, e na constatação dos direitos individuaes necessariamente reconhece os órgãos essenciaes da economia moral da sociedade.

Muitas e graves são portanto as difficuldades, e terminaremos indicando a que, a nosso juizo, mais embarça o trabalho da reforma, a complexidade do assumpto, a multiplicitade e variedade de relações cuja forma é forçoso affieçar ao novo estylo de architectura administrativa. Economia, finanças, instrucção, policia, obras publicas, as categorias emfim de mais importantes serviços todas enfeixa o pensamento do novo regimen de administração.

Não cabe nos limites de um artigo mostrar como o apparelho da gerencia local endenta com as rodas principaes da machina social. Apontaremos todavia, e basta como exemplo, a necessidade de modificar, de revolucionar, melhor dizemos, o systema tributario.

Sem nos demorar na critica das predilecções pela forma directa ou indirecta do imposto, dizendo todavia de passagem que o profligado imposto indirecto, mal visto embora pela sciencia, vive com a arte em tão boa paz nos orçamentos d'esses mesmos estados que o fulminam em theoria, que continua a constituir alli a mais grossa columna da receita publica, afirmamos que sem uniformidade na incidencia e limite na percentagem não ha nem para o concelho nem para o estado situação financeira possivel. Com o infinito elastico que tem hoje em materia de incidencia e alcance de percentagem a faculdade tributaria das camaras municipaes é impossivel a concepção de um systema financeiro racional.

Não se diga que sectario da descentralisação nos contradizemos procurando cercar aqui as faculdades locais. Sectario somos, porém não temos o fanatismo que seca, que arrasta que extermina, que tem exterminado tantas, tão altas e tão esplendidas aspirações. Porque deve ser ampla a esphera de acção local não é razão que tenha por theatro o infinito. O que é para estranhar é que no meio de um systema rigorosamente centralizador se soltasse por inexplicavel contraste de todos os vinculos uma faculdade cujo exercicio affecta os mais valiosos interesses da economia e das finanças publicas. Anomalia. Se a bolsa do contribuinte se abrisse tam sómente para os cofres do concelho vivesse embora a faculdade municipal na amplidão do infinito; como porém os grandes teidos do estado não se nutrem de outro sangue, é preciso sob pena de graves lesões repartir discretamente o alimento do imposto. Bem livre e desafogada é a administração local entre os inglezes e todavia as taxas de parochia e de condado teem pelas condições organicas do systema certeza de incidencia e limite de percentagem. A licença legal que n'este ponto se observa entre nós, licença que produz tantos e tão variados systemas tributarios quantos são os concelhos do paiz, isto é que é immanutível, porque além de entregar a fortuna do cidadão aos quatro ventos do capricho municipal, é um instrumento de constante perturbação que subtrahindo os mercados ao saudavel influxo das leis economicas tolhe aos poderes publicos a reflectida eleição da forma do alcance e da incidencia do imposto.

É portanto a multiplicitade de relações uma das mais graves difficuldades que o assumpto encerra, difficuldade que só poderá debellar a convergencia de iniciativas de todos os departamentos da governação.

Terminaremos, fazendo votos porque os illustrados cavalheiros a cuja proverbial competencia o governo acaba de commetter a difficil tarefa da reforma administrativa vejam no resultado de seus trabalhos a corôa de suas meditações.

VISCONDE DE ALGÉS.

### Contemporaneos celebres.

WILLIAMS GLADSTONE.

Em 1830 M. Gladstone, viajando nas duas Sicilias publicou contra o despo-

tismo do rei de Napoles uma brochura, que traduzida em todas as linguas, causou profunda sensação no mundo. Jamais escripto tão eloquente appareceu tão á proposito e obteve maior successo. Nem o poderoso Macanlay, nem o brilhante Disraeli havidos como mestres em materia de broxura, mereceram jamais fortuna de uma popularidade semelhante.

É a Lord Aberdeen, chefe do gabinete britannico, que a brochura de M. Gladstone era dirigida.

Negue-se depois disso o poder da imprensa! Dez annos mais tarde esta brochura devia suscitar a expedição de Garibaldi e a queda do rei de Napoles.

M. Gladstone, nascido em Liverpool em 1809, é o filho de um rico negociante muito considerado. É elle uma das mais brillantes glorias da famosa universidade de Oxford. Seus notaveis successos lhe grangearam a protecção do Duque de New-Castle, chefe do partido tory, que lhe abriu a porta da camara dos communs em 1832. Esta protecção o sustentou até 1846, epocha em que achando-a muito pezada, o membro emancipado da camara dos communs, que se havia tornado o braço direito de Sir Robert Peel, preferio dar sua demissão á dever seu assento no parlamento ao favor do Duque de New-Castle.

A universidade de Oxford se apresou em acolher este candidato emancipado, adoptando-o como seu representante. Ella devia mais tarde, como o Duque de New-Castle, separar-se de seu protegido, que não queria mais depender senão de si mesmo.

O unico Senhor, a quem M. Gladstone servio, cuja autoridade jamais desconheceu, foi Sir Robert Peel, que o havia acolhido bem desde o começo de sua carreira, chegando até a confiar-lhe em 1834 o cargo de sub-secretario dos negocios coloniaes, como lord do thesouro. M. Gladstone tinha 25 annos.

Em 1835 M. Gladstone acompanhou a Sir Robert Peel em sua retirada, como o devia acompanhar em 1846, depois da famosa reforma da lei dos cereaes, para a qual tanto havia cooperado.

É aqui o caso de fallar um pouco dos costumes politicos em Inglaterra.

Ter-se-ha notado que o partido tory, representado por seu chefe o duque de New-Castle, tinha aberto as portas do Parlamento a M. Gladstone em 1832. É raro em Inglaterra que os mancebos de futuro busquem para entrar na vida publica outra porta que não seja aquella, cujas chaves existem nas mãos dos grandes proprietarios; os quaes dispõem de tantos assentos no parlamento.

Isto não empidiu M. Gladstone de repartir com sir Robert Peel, um outro protegido do partido tory, a gloria de ser o maior reformador da Inglaterra.

É Gladstone que mudou de partido? Ou é o torismo que se transformou? Ha ali uma e outra cousa. Conservando sua mesma denominação, os partidos mudam de conduta e de doutrina pelo proprio effeito das mudanças de centro e sob a influencia de instituições livres. Não seria um paradoxo affirmar que o partido tory representa hoje idéas diametralmente oppostas ás que representava ha quarenta annos. É, repito, de seu seio que sahiram sir Robert Peel e M. Gladstone, os dois grandes reformadores da Inglaterra. E ja que os partidos mudam com o tempo, porque não mudariam com a idade?

A verdade é que M. Gladstone não cessou um só instante, quer no governo, quer na opposição; de ser o partidario decidido de todas as liberdades moraes e materiaes.

Sua carreira de homem de estado não começou em verdade, senão em 1841. Encarregado n'essa epocha, por sir Robert Peel, de dirigir a repartição do commercio; elle fez adoptar em 1842 a revisão das tarifas, d'aute mão preparada, e que era como uma pedra de toque para a reforma commercial mais

radical, que ia ser exigida tres annos depois.

É de notar a este proposito que os dois ministros das finanças, adoptados pelos dois partidos, que em Inglaterra disputam entre si o poder, M. Disraeli e M. Gladstone são ambos simpliciter homens de letras.

D'ali, em M. Gladstone, laureado pela universidade de Oxford, duas tendencias parallelas, cada qual mais accusada: a tendencia philosophica e a tendencia utilitaria.

Como chancellor, assentou resolutamente reformar os impostos. É elle que por applicações sabias e profundamente calculadas ousou exigir por meio de um abatimento de taxas o augmento das receitas, obtendo-o com uma felicidade, que lhe serve de justa recompensa de sua energica habilidade.

Como litterato, não fallamos aqui de suas obras, mas somente de sua acção politica; elle procurou recentemente fazer o principio da tolerancia pela separação da Igreja e do Estado.

M. Gladstone é denunciado como puseysta: o puseysmo é um meio termo entre o protestantismo e o catholicismo; mas elle é partidario da igreja franca (broad church).

Estas tendencias de M. Gladstone datam de 1841—42, quando elle publicou dois livros notaveis sobre a igreja de Inglaterra, os quaes lhe custaram os raios do presbyteriano Macaulay.

M. Gladstone teve occasião de confirmar seus principios religiosos em 1845, á proposito da dotação do collegio de Maynooth. Esta dotação puramente anglicana, tendo merecido o assentimento de seus collegas do poder, M. Gladstone não hesitou em dar sua demissão de secretario de Estado da repartição das colônias.

Entretanto os debates sobre a reforma commercial tendo começado, sir Robert Peel achou em seu collega devotado um apoio eloquente e apaixonado.

O voto da lei dos cereaes foi, para a administração de sir Robert Peel, a victoria de Machabeo. M. Gladstone acompanhou ainda uma vez a seu illustre chefe em sua retirada.

Temos dito qual tinha sido a conduta de M. Gladstone de 1846 a 1850.

Em 1852 o gabinete Derby quiz incorporar a si um tal homem: M. Gladstone contribuiu mais do que ninguem para derribar um ministerio que elle tinha recusado servir.

Vindo a ser chancellor do thesouro, por occasião da queda do gabinete Derby, M. Gladstone começou as reformas financeiras, que fazem sua gloria, pelo estabelecimento do imposto sobre a renda (*income tax*) e dos direitos sobre as successões.

Estas reformas opportunas, que elle continuou depois, permittiram a Inglaterra atravessar o periodo difficil da campanha da Crimea sem contrahir emprestimo, e mediante simpliciter emissões de annuidades reembolsaveis, cujos pagamentos deviam ser satisfeitos pela *income tax*.

Não ha em Inglaterra homem algum de, que ella tenha o direito de mostrar-se hoje mais orgulhosa, do que Gladstone. Este homem de cifras é ao mesmo tempo um litterato de primeira ordem.

Como orador, sua eloquencia é completamente britannica, uma mistura de familiaridade e de elevação, que faz de um discurso parlamentar uma especie de oração politica.

Elle possui unção, grande largura de vistas, e uma elegancia de elocução, que já tivemos occasião de admirar em Paris, ha dois annos, na sociedade de economia politica.

Diferente em tudo de M. Disraeli, que ama as digressões brillantes e os transportes animados, elle despreza a polemica e as allusões, marchando diante de si, em seguimento do curso de suas ideias, como um bello rio, que leva a fecundação á toda parte, por onde passa.

Na moção, que elle fez ultimamente

contra a igreja estabelecida d'Irlanda, não teria deixado de dar o ultimo golpe ao ministerio vacillante, e já mortificado, si tivesse obedecido as paixões de partido.

Lord John Russel lhe forneceu, ainda ha pouco, em um *meeting* uma occasião magnifica, de que M. Gladstone não se aproveitou. Pôde-se estar seguro de que, si elle não aproveitou d'ella, é porque preferiu concentrar-se. A reforma da igreja anglicana se fará por elle, como a reforma dos impostos.

Desde a morte de Sir Robert Peel, M. Gladstone, é o primeiro homem de Estado da Inglaterra.

F. DUCING.

## EXTERIOR.

### Inglaterra.

#### AS VIAS FERREAS DA IRLANDA.

O procedimento de muitas das companhias de estradas de ferro da Inglaterra elevando a sua tabella de preços, deu maior interesse ás investigações da commissão nomeada para examinar as obras das vias ferreas da Irlanda.

Acaaba de ser publicado o segundo relatório daquella commissão, e mostra o que se deve fazer em relação ás vias ferreas da Irlanda, caso ellas tenham de ser administradas pelo Estado.

Se o governo adquirir as estradas de ferro da Irlanda, e ellas funcionarem com vantagem e redução nos preços, o actual systema das estradas de ferro da Inglaterra não pôde ser conservado por mais tempo, quer os directores pretendão imitar o methodo irlandez, quer o publico solicite a exoneração pelo Estado desses directores.

A larga extensão do direito de voto, effectuada pelo ultimo gabinete, diminuiu as objecções politicas a este augmento de protecção que as estradas de ferro do Estado envolvem, comquanto se acredite que as objecções até certo ponto ainda existem.

Mas, se os directores das estradas de ferro não nos derem preços baixos e fretes moderados, e se persistirem em contrariar os interesses de 20 milhões de pessoas em virtude de principios que se não casão com o bem publico, é dever do Estado intervir no negocio, por este ou por aquelle modo.

É peculiarmente funesto o systema adoptado pelas companhias de estradas de ferro da Irlanda, e é de lastimar que a recente tendencia dos directores inglezes seja para imitar o systema restrictivo daquellas companhias.

Melhor exemplo chama a nossa attenção para a Belgica, onde se encontram companhias independentes amalgamadas, e o Estado estendendo a compra de linhas independentes.

O governo belga ainda não adquirio todas as vias ferreas do paiz, tanto que duas terças partes da pedagia estão em outras mãos.

Mas o Estado possui muitas das principaes communições e as companhias adoptarão a tarifa do governo na parte em que as linhas do Estado competem com as das companhias; ou permutão o trafego com ellas.

A opinião publica na Belgica é evidentemente favoravel á aquisição de vias ferreas administradas pelo Estado. O anno passado a companhia geral das vias ferreas propoz arrendar todas as linhas do Estado. Mas o publico, longe de approvar esta mudança, instou com o governo para que comprasse todas as companhias restantes, de modo a encarregar-se o Estado de todas as linhas, cabendo-lhe a absoluta superintendencia sobre o trafego, fretes e cargas.

O estado começou com 90 milhas de estradas de ferro em 1835, e actualmente possui 535 milhas. Já se acha resgatada quasi uma quinta parte do custo das linhas ferreas do Estado, que orçou por mais de 10 milhões esterlinos.

De 1833 a 1851, com excepção de 1836, houve um excesso de despeza so-

bre a receita; mas de 1852 a fins de 1867 houve um excesso na receita sobre a despeza. Cumpre observar que na despeza estão incluídos os pagamentos a companhias e os juros de dinheiro emprestado.

Os benefícios que os adeptos das vias ferreas pelo estado proclamão como resultado da superintendencia e administração do governo, não consistem meramente na vantagem de certos arranjos economicos, mas tambem no desenvolvimento do commercio e industria do paiz, porque enriquece todas as classes, e indirectamente favorece os recursos da nação.

Ao passo que o trafego e o commercio florescerem, o producto da taxa augmentará, e importantes melhoramentos fiscaes apparecerão.

Quando os lucros das vias ferreas belgas augmentão, o governo diminue os preços, em primeiro lugar das mercadorias e depois das passagens.

A prosperidade financeira das estradas de ferro do Estado de 1856 a 1864 foi attribuida á redução nos preços das mercadorias, que começou no primeiro anno. Os lucros líquidos em 1856 foram somente de 67,000 libras. Em 1864 elles attingirão a 347,000 libras. Então pôde-se a redução dos preços das passagens, e em 1866 mandou-se vigorar uma tabella de redução. Esse anno não foi favoravel ás estradas de ferro da Belgica, e os lucros líquidos baixarão a 209,959 libras.

O anno de 1867 apresentou tambem uma redução, sendo o lucro liquido somente de 183,622 libras. Mas este anno foi melhor que o de 1856, em que os lucros foram de 67,000 libras; e se o Estado apresentar uma tabella de redução é claro que a diminuição será um beneficio para aquelles que se utilisão das vias ferreas.

Em Inglaterra acontece muitas vezes serem os dividendos dos accionistas absorvidos de um modo que não dá o menor beneficio ao publico.

Tomando a experiencia belga por norma, a pergunta que se segue é esta: como poderemos applicar a a Irlanda?

Os dous paizes differem em muitas cousas importantes, e assemelham-se em outras. O caracter do trafego das estradas de ferro dos paizes é muito differente, e a população da Belgica é de 442 por milha quadrada, quando a da Irlanda é de 171.

Mas a extensão das estradas de ferro em proporção á população é quasi identica nos dous paizes. Em extensão absoluta as linhas da Irlanda excedem as da Belgica, tendo aquellas 1,892 milhas e estas 1,445.

Na tarifa das cargas a differença é grande, sendo a tabella da Belgica muito menor. No custo das passagens a tabella belga é de 69% menor do que a da Irlanda.

A Belgica tem mais passageiros da 1.ª e 2.ª classe do que a Irlanda, mas nesta o numero de passageiros de 3.ª classe é maior. O numero total das passagens na Belgica é de 19,487,211, e na Irlanda de 13,074,017.

Em mercadorias e mineraes a Belgica transporta 15,857,936 toneladas, e a Irlanda somente 2,286,824 toneladas.

Na receita a Belgica excede a Irlanda (menos no transporte de animaes vivos) porque a receita da Irlanda é de 1,678,723 libras, e a da Belgica de 2,277,864 libras.

## NOTÍCIAS.

### Chronica interna.

Os jornaes recebidos pelo paquete entrado ante hontem foram portadores das seguintes noticias:

As forças em operações alcançaram mais duas victorias sobre os restos do exercito de Lopez.

Uma carta de 4 de novembro dá a seguinte exposição, mais ou menos exacta, do estado das cousas:

«O conde d'Eu, como já lhe referi,

seguio adiante com o seu exercito, perseverando com vigor na empreza commettida, e que até hoje vai fazendo progressos, não obstante as difficuldades e soffrimentos com que tem lutado e luta.

«Actualmente acha-se o conde a seis leguas adiante de Santo Estanislão, caminho de Curuguaty, tendo destacado uma vanguarda para explorar o terreno.

«Naquelle ponto agglomera elle provisões de bocca para seguir sem interrupção em busca de Lopez, a quem já dão em Iguatimi, que será a quinta capital paraguaya nesta guerra. Iguatimi fica distante 30 leguas do ponto onde se acha o conde.

«Os soffrimentos passados e presentes abalaram o moral das tropas, como já disse outra vez, dando-lhe pormenores. O primeiro corpo do exercito brasileiro ás ordens immediatas do conde, passou tres dias unicamente a palmito, palavras textuaes de Sua Alteza. Por este motivo houve algumas deserções na força, assegurando-me mesmo que faltaram uma duzia de officiaes. Outro tanto succedeu no 2.º corpo do exercito commandado pelo general Victorino, e com especialidade na divisão do general Rassin expedida para Santo Joaquim. O general Victorino com uma parte da sua força está já no Rosario. O coronel Lemi ficou com uma brigada em Santo Joaquim, onde experimenta muitas privações.

«Segundo os ultimos transfugas e prisioneiros, Lopez continúa no seu insensato empenho sem que o sangue o afogue, e não parará enquanto não comploar o exterminio a que se propoz fazer dos Paraguayos que o acompanham, para satisfazer deste modo a sua ferocidade e vaidade.

«Antes de deixar Santo Estanislão acabou elle com o seu famoso regimento escolta o *Acavard*, começando pelo seu chefe o coronel Vicente Margellos, e agora são contestes os declarantes que elle matou o seu irmão Venancio, o general Roa e outros varios chefes, e o que é mais barbaro e espantoso é que mandou matar a todas as familias que tinha consigo.

«Entre os prisioneiros da força do commandante Canete cahio um joven chamado Pedro Calceña Echegarria, que servia de secretario a Canete, no commando desta força de 700 homens, bati-da pelo general Camará, vinte leguas ao norte de Concepcion. Os detalhes que dá são interessantes. Segundo diz sahio do campo de Lopez com Canete em fins de Setembro, afim de renderem Galiano. Julgava elle que naquella data podia Lopez contar já com uma força de dez mil homens, armados na sua maior parte de lanças e espadas, e umas 50 peças de artilharia de calibres 2, 4 e 6 servidas por dous regimentos. Que como do costume não tem elle toda esta força reunida em um ponto, o que prova que não pensa fazer resistencia seria em nenhum. Que no Paradero, margem do Aguaray, estão os coroneis Soza y del Valle, segundo se dizia com 3,000 homens. Que á margem do Arroyo ou rio Verde estão uns 500 homens, sob o commando da Aponte, e do outro lado do Aquidaban 240 homens divididos em partidas de dez cada uma que se occupam a arrebanhar gado, o que é remettido para Palmares, onde parece, fazer o seu deposito geral.

«De Iguatimi a Faredo ha 20 leguas com um matto de permoio de 12 leguas de espessura, e com uma só picada, e dalli ao Rio Verde outras 12 leguas. Tudo isto na direcção do norte, caminho de Aquidaban. Os indios retiraram-se para confins das cordilheiras, 100 leguas mais para o interior, donde asseguram ha abundancia de plantações, ovelhas e porcos.»

Depois destes acontecimentos tinham chegado á corte noticias até 13 e o *Jornal do Commercio* as resumio da seguinte forma:

As correspondencias da Assumpção até a data de 13 nada de positivo mencionam relativamente á guerra, referindo apenas que alguns transfugas das forças

de Lopez asseveravam que entre os seus se suppunha ter este fugido, pois que ninguém sabia onde parava. Acrescentam que cinco famílias sahidas de Santo Rosa tinham vindo dar ás nossas linhas annunciando que o exercito e as familias paraguayas estavam indecisas e perplexas, porque havia tres semanas que ninguém sabia o que tinha sido feito de Lopez. Suppunham uns que elle morrera outros que se refugiára junto do Salto de Guayara; e muitos soldados e milhares de familias desceram das serras de Caaguayú demandando os nossos acampamentos. É pelo menos o que narram os correspondentes das folhas do Rio da Prata.

Entretanto na Tribuna de Buenos-Ay-

res de 20 encontramos a seguinte correspondencia:

«Uma pessoa authorizada de Assumpção, em 14 do corrente, nos escreve a seguinte carta, que além das noticias que dá sobre operações militares, traz um paragrapho que reputamos de importancia, razão porque damos a esta carta um lugar preferente. Copiamos o mais substancial.

«O principe reuniu alguns elementos de mobilidade, afim de dar um golpe decisivo sobre os restos do inimigo, de combinação com o general Camara.

«Uma parte daquelle, está em Iguatemy e parte um tanto ao Norte, talvez em direcção da Bolivia, segundo alguns passados e entre elles um cura.

«Do lado da Conceição, algumas forças da divisão de Camara, encontraram duas partidas inimigas; em uma Bella Vista perto do Apa. Só com a presença de nossos soldados, os inimigos fugiram, deixando em nosso poder seus cavallos ensilhados e doze prisioneiros.

«Outro tanto succedeu com uma partida encontrada em S. Salvador, 80 homens de cavallaria brasileira a dispersaram completamente.

«Isto como feito de armas á primeira vista não tem importancia positiva; porém tem e muito grande, se se considera que o inimigo já não faz um aparato de resistencia, o que me faz crer mais que nunca no fim proximo desta campanha.

«No meio do consolo que esta idéa me produz não deixa de affligir-me que uma parte da imprensa argentina, pelo motivo da viagem do ministro das relações exteriores se entregue a commentarios e reflexões que pretendem fazer crer que ha desintelligencia seria entre os alliados.

«A este respeito posso garantir que nunca foi mais intima e perfeita a cordialidade do plenipotenciario brasileiro, com o governo argentino. O Sr. Paranhos longe de oppor-se á sahida de uma parte das forças argentinas, consta que indicou a seu governo igual medida a respeito das forças nacionaes.»

## PEQUENO SEMINARIO DE NOSSA SENHORA DAS MERCEZ.

LISTA GERAL DOS ALUMNOS EXAMINADOS NO FIM DO ANNO LECTIVO DE

1869.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

#### RHETORICA.

##### Approvados plenamente:

Aurelio Floro de Castro Lavôr Paes.  
Manoel José Ferreira da Motta Junior.

#### PHILOSOPHIA.

##### Approvado plenamente com louvor:

Candido Marinho d'Oliveira.

##### Approvados plenamente:

José Ribeiro do Amaral.  
José de Almeida Bastos Fonseca.  
Anacleto Anapuru Guapindaya Alves de Carvalho.  
Maximo Martins Ferreira.

#### MATHEMATICAS.

##### Approvados plenamente com louvor:

Candido Marinho d'Oliveira.  
Torquato Jansen Ferreira.

#### HISTORIA UNIVERSAL.

##### Approvados plenamente com louvor:

José Ribeiro do Amaral.  
Maximo Martins Ferreira.  
Manoel José Ferreira da Motta Junior.  
Torquato Jansen Ferreira.

##### Approvados plenamente:

Aurelio Floro de Castro Lavôr Paes.  
José Augusto da Veiga.

#### GEOGRAPHIA.

##### Approvados plenamente com louvor:

Basilio Magno de Mesquita Texeira.  
Acyllino Baptista Portella Ferreira.  
José Augusto da Veiga.

##### Approvados plenamente:

Joaquim Leonilio Cantanhede.  
José Martiniano Pereira e Souza.  
José Manoel Roland.

##### Approvados simplesmente:

Sebastião Tarquinio Magi da Silva.  
Francisco Antonio Cardoso.

##### Reprovado:

Custodio José da Silva Santos.

#### LATINIDADE.

##### Approvados plenamente com louvor:

Torquato Jansen Ferreira.  
Joaquim Fernandes Serra Lima.

##### Approvados plenamente:

Joaquim José d'Oliveira.  
Raimundo Jansen Costa Lima.  
José Augusto da Veiga.

##### Approvados simplesmente:

Francisco d'Araujo Dias.  
Henrique Manoel Vianna.  
Joaquim Leonilio Cantanhede.

##### Reprovado:

Custodio José da Silva Santos.

#### INGLEZ.

##### Approvados plenamente com louvor:

Arthur Jansen Ferreira.  
Acyllino Baptista Portella Ferreira.

##### Approvados plenamente:

Joaquim José d'Oliveira.  
Basilio Magno de Mesquita Texeira.  
José Manoel Rolland.  
José Lopes de Lemos.  
Sebastião Tarquinio Magi da Silva.

##### Reprovado:

Constantino da Costa Pereira.

#### FRANCEZ.

##### Approvados plenamente com louvor:

Arthur Jansen Ferreira.  
José Izidoro Leal Vianna.  
João d'Oliveira.

##### Approvados plenamente:

Alvaro de Mello Coutinho de Vilhena.  
Antonio Ribeiro do Amaral.  
Augusto José Marques.  
Joaquim Fernandes Serra Lima.  
Raimundo Jansen Costa Lima.  
Henrique Manoel Vianna.  
Francisco d'Araujo Dias.  
Leovigildo Belmonte de Carvalho.  
Sesostri José Correa.  
Juvencio de Carvalho Castello Branco.  
José Faustino da Silva.  
José Roxo Pinto de Magalhães.  
Alfredo Ulysses de Souza.  
José Manoel Rolland.  
Luiz de França Carlos da Fonseca.  
Alexandre José dos Reis Raiol.

##### Approvados simplesmente:

Constantino da Costa Pereira.  
João Baptista Texeira.

#### EXAMES DE CLASSE.

##### LATIM RUDIMENTAL.

##### Approvados:

José Faustino da Silva.  
Arthur Jansen Ferreira.  
Leovigildo Belmonte de Carvalho.  
Candido Honório Ferreira Filho.  
João d'Oliveira.  
Alvaro de Mello Coutinho de Vilhena.  
Sesostri José Correa.  
Honório d'Oliveira.  
Elyseo Cesar Cavalcante.  
Joaquim Maria Pinheiro Costa.  
Augusto José Marques.

#### FRANCEZ.

##### Approvados:

Eduardo Olympio de Magalhães Braga.

Ovidio Manoel Vianna.

Candido Honório Ferreira Filho.

Bernardo Borges Leal.

Honório d'Oliveira.

Patriotino Gomes Rebello.

Corino Nonnato da Silva.

Martinho Correa dos Santos.

José Pereira Serra Cardoso.

Victorino Rodrigues d'Oliveira.

Francisco Xavier Moreira de Carvalho.

Joaquim Maria Pinheiro Costa.

Elyseo Cesar Cavalcante.

Diniz Alvaro de Mello Machado.

#### INGLEZ.

##### Approvados:

Raimundo Jansen Costa Lima.

Francisco de Araujo Dias.

Henrique Manoel Vianna.

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

#### EXAMES DEFINITIVOS.

##### 2.º anno.

##### Approvados plenamente com louvor:

Corino Nonnato da Silva.

Bernardo Borges Leal.

Patriotino Gomes Rebello.

##### Approvados plenamente:

Ovidio Manoel Vianna.

Gentil Augusto da Veiga.

João Paulo de Miranda Goes.

Augusto Benjamim de Miranda Góes.

João Rodrigues da Silveira Filho.

Miguel Ferreira de Góes Pimentel Belleza.

José Francisco de Salles.

Honório José Saraiva.

Octavio Borges de Vasconcellos Duarte.

Dionizio Anastacio Pereira.

Antonio Vicente de Campos.

#### EXAMES DE CLASSE.

##### 1.º anno.

##### Approvados com louvor:

Raimundo José de Lima Filho.

Antonio José de Sampaio Junior.

Luiz Gonçalves de Jesus.

Luiz José Gomes.

##### Approvados:

José da Silva Frazão.

João Pedro Jansen Vieira de Mello.

Raimundo Gil Bonifacio da Silva Brito.

Francisco José Baptista.

Hortencio Leopoldo Serpa da Cunha.

Theodoro José Belem.

Eduardo Olympio de Magalhães Braga.

Antonio Borges de Padua Rego.

Alarico Bastos da Silva Porto.

Theodorico Solano da Fonseca.

José da Silva Oliveira.

Wolfogango Carlos Marreiros de Sá.

João da Silva Oliveira.

Secretaria do Pequeno Seminario de Nossa Senhora das Mercês 9 de Dezembro de 1869.

O Secretario,

PADRE RAIMUNDO ALVES DA FONSECA.

San Luiz - Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 22 DE DEZEMBRO DE 1869.

## O interior da Provincia.

Consideremos que o interior da Provincia deve merecer da imprensa uma attenção especial por sua grande importancia.

Não é somente a capital, que absorve maior parte dos recursos financeiros da receita provincial, que tem o direito de receber os proventos dos labores do povo.

Ahi estão os grandes centros produtores, que abastecem o mercado, o fartam dos generos de consumo, animam as empresas commerciaes, industriaes, e agricolas; e esses centros tem o direito de chamar a si as vistas da administração publica e dos poderes legislativos.

A imprensa cumpre um dever, esclarecendo ao governo sobre as necessidades locais, desenvolvendo os resultados praticos e vantagens intuitivas que provirão da adopção de melhoramentos as vezes facéis de levar-se a effeito.

As cidades e villas do interior vivem n'um ostracismo condemnavel, com os poucos recursos do municipio, e esses mal curados; por que entre nós ainda não se acha bem desenvolvido, senão comprehendido, o alcance do poderoso elemento da communa.

A mingua dos mais vitaes recursos, os municipios desfinham, ou quando muito estacionam, sem meios de dar um passo além.

Faltam-lhes templos, escholas, estabelecimentos artisticos, ou de educação industrial, tam necessaria á um povo, que basêa sua felicidade e riqueza futura na uberdade do sólo que pisa.

Reclinam-se no estadio do descanso, estão fatigados, prostrados, sem haver experimentado as agruras do trabalho: resulta desse ocio prematuro a estagnação das forças productivas do bem ser publico.

Estão certos que tardios melhoramentos receberão do centro para dar-lhes vida, e entretanto não curam do engrandecimento que é necessario á sua propriedade.

Os municipios devem trabalhar afinadamente, promover seus melhoramentos, providenciar á bem dos interesses locais: o governo provincial animar os municipios, engrandecê-los. Desta reciprocidade e combinação de forças resultará a felicidade publica.

Em subsequentes considerações mostraremos os deveres, os interesses, e os trabalhos que é mister desenvolver.

Proseguiremos.

## O rev. padre Jacintho.

No proposito de dar-nos aos leitores tudo quando se ha de melhor escripto á respeito deste famoso orador, publicamos hoje o excellente artigo do Sr. Octave Lacroix, que dá nos uma resenha

historica dos mais celebres oradores do pulpito de Nossa Senhora de Pariz até o padre Jacintho.

«A eloquencia do pulpito floreceu sempre em França. Citam-se o entusiasmo fogoso e o arrastamento dos pregadores da liga da França apesar do estylo um tanto barbaço daquelles tempos. Existiam os contemporaneos de Agrippe d'Aubigné e os atravamentos de pensamento e de palavras estavam então na moda.

No tempo de Luiz XIV Bossuet designou a al ura de um genero, em que os oradores nada mais podem ser do que seus discipulos. Pouco posterior á estrepitos e brilhos taes, Bourdaloue frio e senhor de si serviu-se da logica, como mãos habéis servem-se do alfange, e ficou sem rival nessa especie de esgrima. Flechier e Massillon tem sido, cada um por seu modo, admiráveis e até poderosos rhetoricos. Pouco esclarecendo a consciencia, elles possuíam a arte de agradar ao gosto.

Depois, em mais de metade do seculo XVIII houve um verdadeiro eclipse da eloquencia religiosa. Voltaire reinava então.

A re tauração teve M. de Frayssinous e suas celebres conferencias, as quaes é pena que envelheçam. A linguagem dellas é boa, os pensamentos são justos certamente; mas comparado com os Demosthenes do seculo de Luiz XIV, M. de Frayssinous é apenas uma especie de Isocrates erudito e secundo.

O padre Lacordaire appareceu depois, e por força de sua grandiosa, viva e ardente palavra, cheia das paixões de nossos corações e dos tormentos de nossas almas, nossa geração se agitou e estremeceu. Certamente vão ali de envolta grandes emoções, que jamais esquecerão aquelles que as sentiram. Reuni á isso que Lacordaire não era somente uma das voses mais elevadas e eloquente deste seculo, elle foi liberal e democratico, como ninguém, e é este nobre monge, que fiel á essas generosas crenças, dizia nos ultimos mezes de sua vida:

«Conto viver e morrer christão penitente e liberal impenitente.»

Este vir (se homem) tal era a divisa de Lacordaire: elle foi um homem com effeito, na mais bella e larga accepção da palavra. A liberalidade se mantinha em seu espirito ao nivel, mesmo de sua fé religiosa, e jamais desesperou della. «M. de Chateaubriand, exclamava elle, dizia em uma occasião memorável: não, eu não creerei que escreva sobre as ruínas da monarchia!» e eu tambem posso dizer: «não, eu não creerei que escreva sobre as ruínas da liberdade!»

A phisionomia de Lacordaire, essa cabeça atilada e expressiva, onde representam-se ao mesmo tempo S. Bernardo, Savanarole e Verniaud, tribuno do povo, e homem d'Estado é organizada com aptidão para manejar a palheta e o creão, mas ha ainda nella, quanto á seu caracter, um não sei que de vivo e de maligno, de critico á franceza e á burguezia, que completa a originalidade deste homem illustre.

Um dia alguem, que atravessava a rua com o padre Lacordaire, a percebe na vidraça de um negociante d'estampas um retrato do padre Ravignan, representado, provavelmente sem que elle o soubesse, com os olhos volvidos para o céu, tendo sobre os labios o fervor e o sorriso da beatitude.

«Vede, meu padre disse o mundano, um tanto sceptico, o padre Ravignan aspirando á anjo....»

Lacordaire respondeu á meia voz:

«Meu caro filho, Pascal escreveu em

alguma parte:—«O homem não é nem anjo, nem besta; mas quer a des graça, que quem quer representar de anjo, representa de besta.»—Estejaís porém convencido de que o padre Ravignan nada sabe dessa imagem estulta, e que ella é um santo.»

O padre Felix, que tem brillhado com bom direito no pulpito de Notre Dame, imitou muitas vezes as conferencias do padre Lacordaire. Entre tanto me parece: que o jesuita é para o dominicano o que La Harpe foi para Voltaire, e que Ponsard foi para Corneille.

O padre Jacintho, ardente, nutrido com estudos fortes, e sobre tudo á par de todas as questões deste tempo, e podendo tratá-las sabiamente e elevadamente, recorda bem, como tenho dito ha pouco as qualidades soberanas do padre Lacordaire. Os arruados da corte e da cidade, e até o tumulto da rua, as formas diversas que toma a historia dos povos e das sociedades em seu desenvolvimento diario, não o acham jamais insensível, nem surdo. Elle se commove, vibra e tropeja, e posto que não tenha no mesmo grau que seu immortal predecessor, esses estridores de aguias e relampagos da trombeta evangelica, que faziam sobresaltar e estremecer todo um auditorio, elle possui o dom de abalar viva e apaixonadamente. O sermão que elle pronunciou em 1868 sobre a paz e a guerra, sobre os direitos dos grandes e dos pequenos povos; bem como sobre o futuro de uns e outros, é um bello testemunho desta asserção.

Lacordaire morreo, é na verdade uma bella fortuna possuir o padre Jacintho.

## POLITICA.

## Imprensa europeá.

## SITUAÇÃO FINANCEIRA DO BRAZIL.

O periodico *Brazil and River Plate Mail* publicou ultimamente um artigo sobre a situação financeira e commercial do Brazil, o qual provocou muita attenção da parte da *City* e da imprensa diaria de Londres. A *Money Market Review* de sabbado, referindo-se a este artigo, manifestou-se no mesmo sentido que aquelle periodico; calculou o augmento da divida publica fundada do Imperio, proveniente das despesas da guerra, em lb. 11,000,000, calculo este que não comprehende o emprestimo de 1863, que presumo, teria sido feito do mesmo modo, ainda que o Imperio se achasse em paz em Setembro de 1863, e declarou que o commercio de exportação no Brazil no anno financeiro de 1867 a 1868, comparado com o termo médio dos cinco annos precedentes, apresentava um augmento na razão de 28 1/2%. «Não é agora a occasião de discutir, diz o artigo mencionado, se o fim da guerra justifica as despesas com ella feitas; mas, á medida que se investigão as causas que a originarão, mais se robustece na Europa a opinião de que a guerra era inevitavel por parte do Brazil, excepto se quizesse o Imperio sujeitar-se a ficar privado da navegação de rios que, nascendo no seu proprio territorio, descem até o Rio da Prata, bem como da comunicação por meio dos rios com duas das suas maiores provincias, á perda de grande parte de uma destas provincias; e a conservar no Paraguay um despota, que não emcoberia a resolução de hostilizar o Imperio e seus outros vizinhos, as republicas Argentina e Oriental.» Quando, assaltado por elle, o Brazil tomou armas para defender suas provincias invadidas e manter seu direito á navegação dos rios,

não tinha o governo brasileiro, e era natural que assim fosse, meios de calcular o importe das despezas que a guerra lhe custaria; nem em periodo algum da luta poderia elle ter e retirado do campo de batalha sem prejuizo de seu territorio e de sua dignidade, sem sacrificar á provincia de Mato-Grosso, e finalmente sem abandonar seus direitos como potencia platina.

«Não restava, pois, ao Brazil outro recurso senão perseverar na guerra, excepto se se tivessem dado acontecimentos mais graves do que as despesas: porquanto as despesas da guerra, que parecem á Europa ser a questão mais importante, erão para o Brazil a de menor consideração. Graças ao dispendio de 30 milhões manteve-se a unidade do Imperio, a livre comunicação com algumas provincias e a segurança de outras; ao mesmo tempo poz-se termo a um perigo constante no Rio da Prata, e sustentáram-se o poder e as justas pretensões do Imperio. As consequências politicas da submissão ás exigencias de Lopez serão taes que não soffrerão comparação com os resultados financeiros da resistencia. Se o custo da guerra não era o primeiro assumpto que se devia ter em vista, não era tambem o unico.

«A resolução que tomou o Brazil de sustentar a todo o transe a luta, na qual tão sérios interesses seus se achavam empenhados, passou, é certo, sobre o thesouro; mas os recursos do paiz satisfizerão as urgencias da guerra. A abertura de uma nova e illimitada fonte de lucros, o cultivo do algodão, veio em auxilio do credito publico; a produção de assucar e café continuou no mesmo pé, não obstante as exigencias de braços para o algodão; o augmento da navegação a vapor permittio que o agricultor brasileiro realizasse mais promptamente seus productos; o preço baixo do cambio conservou no paiz grandes sommas pertencentes a estrangeiros, as quaes servirão para estimular a produção; e os desastres commerciaes de 1864, consequencia necessaria de um defeitoso systema bancario, fizeram do thesouro o mais seguro e quasi o unico banqueiro do paiz. Durante a guerra o thesouro foi o depositario de grande parte do capital fluctuante do Imperio, que de tempos a tempos, era habil e judiciosamente convertido em titulos de divida interna por modo tal que, na conclusão definitiva da guerra, os compromissos do thesouro serão proporcionalmente diminutos e facéis de satisfazer; assim evitou-se contrahir um emprestimo externo por preço baixo.

«A manutenção da produção no mesmo pé e do credito interno teve as consequencias necessarias na Inglaterra; durante a guerra, á medida que se verificava que os recursos financeiros do Brazil erão mais vastos do que se suppunha, e que o seu commercio continuava a augmentar, o emprestimo de 1863 foi melhorando de preço até acharem-se, como agora, seus titulos cotados com 10 1/2% acima do preço por que foram emitidos pelo Imperio.

«Se, pois, as despesas da guerra têm sido enormemente exageradas, se têm ellas sido pagas á proporção que se verificão, se a situação interna do paiz tem melhorado, se o seu principal emprestimo na Inglaterra vale mais 10 1/2% do que ha tres annos, podemos ficar certos de que está passado o peor periodo financeiro da guerra, o que, posto termo ás despesas que ella occasionou, o Imperio do Brazil atirar-se-ha com impulso novo pela senda do progresso.»

Tal parece ser a opinião geral na Inglaterra; se é bem ou mal fundada, o tempo o mostrará.

—Em relação ao commercio do Brazil, observarei que as nossas estatísticas commerciaes, que acabão de ser publicadas, mostram que as transações entre o Brazil e a Inglaterra, até 31 de Agosto e 30 de Setembro de 1869, sobre oito artigos unicamente, forão de valor superior a lb. 7,700,000, e isto não obstante a baixa que nos primeiros oito mezes deste anno teve aqui o algodo de procedencia brasileira.

—O balancete do banco de Inglaterra, relativo á semana finda em 11 de Outubro ultimo, mostra que a situação daquelle estabelecimento é cada vez melhor. A reserva de notas augmentou de lb. 327,147, e é agora superior a lb. 10,000,000. O supprimento de numerario é abundante, e a procura muito moderada. A ultima elevação das taxas de desconto nos mercados do continente continúa, e o banco de França, segundo o balancete agora publicado, augmentou consideravelmente o total das letras descontadas e do papel em circulação.

O mercado de fundos estrangeiros soffreu a influencia benefica do aspecto pacifico que os negocios politicos tomáram em Paris. Esta mudança é attribuida a maior liberdade concedida á imprensa, por meio da qual a França se desabafa, bem como á circumstancia de que o povo francez tem agora mais que perder se desafiar os rigores da autoridade.

O emprestimo brasileiro de 1865 fica cotado a 84, e, de certo, por occasião da conclusão da guerra, subirá consideravelmente.

O novo emprestimo turco de lb. 12,000,000 ainda não veio á luz; diz-se que as casas francezas incumbidas de apresentá-lo no mercado não têm os recursos para isto indispensaveis, e que a operação voltará de novo para a Inglaterra.

A noticia dada pelo *Standart*, de Buenos-Ayres, de que guerra do Paraguay já custava ao Brazil cerca de lb. 56,000,000 chamou aqui muito a attenção publica; e com ella se occuparão uma carta publicada no *Times* e um bem elaborado artigo que appareceu no *Brazil and River Plate Mail*, os quaes demonstrão claramente: 1.º que as despesas da guerra até agora não excedem de lb. 30,000,000; 2.º que a despesa, qualquer que seja a sua importancia, tem sido paga; 3.º que o desenvolvimento material do Imperio tem progredido durante o periodo da guerra; 4.º que a conclusão tirada das extraordinarias despesas—de que o Brazil se arruinará por um seculo—é absolutamente infundada.

Ha tambem no *Brazil and River Plate Mail* (publicação que vai se desenvolvendo cada vez mais entre nós) um artigo sobre o Paraguay, e outro sobre a direcção dos negocios estrangeiros do Imperio durante a interinidade do Sr. barão de Cotegipe, os quaes são dignos de attenção.

—Dizem-me que os actuaes preços dos principaes generos de producção brasileira são altamente remuneradores, posto que no estado presente do consumo aqui as vendas seião proporcionalmente pequenas e difficéis. Entretanto, o embarque de generos para o Brazil é agora consideravel, para o que em parte contribue a nova tarifa de direitos de importação, que deve começar a vigorar em Janeiro proximo futuro.

O preço da lã subio cerca de 25 o/o do ponto mais baixo, o que é importante para os interessados no commercio com o Rio da Prata; mas, em comparação com as vendas dos generos argentinos na Europa, a exportação para aquella república excede em muito os meios de pagamento deste lado.

—Consta que se trata de organizar uma companhia em Londres com o fim de estabelecer na cidade de S. Paulo a iluminação por gaz. O capital desta

companhia será de lb. 70,000 e dividido em 7,000 acções de lb. 10 cada uma.

Appareceu hontem o projecto de uma empresa com o capital de lb. 100,000 dividido em 10,000 acções, á qual tem por fim a aquisição e exploração de depósitos de turba e petroleo nas margens do rio Marahú na provincia da Bahia. Parece que se acha em mãos de pessoas respeitaveis.

—Já forão distribuidos o relatório e contas da companhia da estrada de ferro de Pernambuco relativas ao semestre findo em 30 de Junho de 1869. E estamos assim habilitados para calcular a importancia da garantia do juro á razão de cento por cento sobre todas as linhas ferreas anglo-brasileiras no referido semestre. Cumpre attender a que em relação á estrada de ferro da Bahia o calculo é feito sobre a somma total, e quanto ás outras duas companhias é liquido dos lucros. As sommas realizadas da legação forão:

Estrada de ferro da Bahia, lb. 63,000  
Dita de S. Paulo (liquido) « 35,034,15,4  
Dita de Pernambuco (dito) « 10,750,05

Total lb. 108,804,15,6

A taxa dos dividendos pagos e que se têm de pagar aos accionistas foi:

Estrada de ferro da Bahia... 6 1/2 o/a  
Dita de S. Paulo... 6 3/8 o/a  
Dita de Pernambuco... 3 o/a

O prejuizo na estrada de ferro da Bahia durante o semestre foi de lb. 5,099; o lucro da de S. Paulo de lb. 57,695,4,11; o lucro da de Pernambuco de lb. 28,000.

Sobre o trafego desta ultima companhia o relatório da directoria que acaba de ser publicado exprime-se de modo favoravel. Durante o anno forão transportados pela estrada 187,203 passageiros e 26,194 toneladas de assucar, sendo estes algarismos maiores do que quaesquer outros, desde que a linha está aberta, e produzindo um excesso de receita no anno findo em 30 de Junho ultimo, comparado com o anno precedente, na importancia de lb. 11,846, ou mais de 17 o/a, ao passo que as despesas do anno, excepção feita das differenças de cambio, apresentão apenas um excesso de lb. 17. A receita total do anno findo em 30 de Junho ultimo foi de lb. 80,075, e a do anno findo em 30 de Junho de 1868 foi de lb. 68,229. Nos ultimos seis mezes do anno a comparação é ainda mais favoravel: a receita foi de lb. 49,848 contra lb. 39,037 no correspondente periodo de 1868, o que mostra um excesso de lb. 10,811, ao passo que as despesas sendo de lb. 25,402 contra lb. 26,077 mostra menor despesa de lb. 672.

Estes calculos são feitos sobre a taxa fixa de 27 d. por 15. Em Maio ultimo houve duas grandes inundações, uma no dia 15 e outra no dia 21, sendo esta ultima, segundo declara o gerente, sem precedente desde 1854 naquelles lugares e durando por alguns dias. Os estragos mais importantes derão-se na 1.ª secção, mas forão de prompto reparados. Todas as grandes pontes resistirão á força da enchente e nada soffrêrão. Do balanço apresentado pela directoria consta que será applicavel aos dividendos a quantia de lb. 18,904, transportando-se um saldo de lb. 1,058.

Appenso ao relatório acha-se um telegramma do superintendente, datado do Rio de Janeiro em 23 de Setembro, no qual se diz que a assembléa geral foi prorogada até o dia 30, e que o orçamento do ministerio das obras publicas ainda não forá dado para ordem do dia. Entretanto em carta anteriormente recebida o superintendente dizia que tinha toda a confiança em que a medida tornando extensiva a garantia de juros passaria se fosse apresepada no parlamento. E para desejar que durante sete dias de prorogação se tenha resolvido esta questão, ha tanto tempo pendente.

—A imprensa ingleza em geral, excepção feita de alguns jornaes de Liverpool, manifesta a opinião de que a guerra do Paraguay está a terminar, e que, mesmo quando os esforços empregados

pelo conde d'Eu para aprisionar Lopez não dêem este resultado, os aliados poderão fim á guerra deixando uma força de 5,000 homens no Paraguay afim de apoiar o governo provisório, e uma divisão da esquadra brasileira nos rios afim de manter a liberdade da navegação. Espera-se tambem muito da actividade do governo provisório e da sua lealdade para com os aliados.

As publicações feitas nos jornaes de Liverpool são attribuidas, não sei com que fundamento, a pessoas relacionadas com o governo da republica Oriental. Em todo o caso, qualquer que seja a sua origem, pouca importancia têm taes publicações.

Tem havido singular demora na publicação por parte da nossa repartição dos negocios estrangeiros da correspondencia relativa á guerra no Rio da Prata, publicação que a camara dos communs ha tres mezes ordenou que se fizesse.

—O grande numero de rivaes com que a real companhia de Paquetes a Vapor tem agora de lutar, especialmente no seu serviço para o Brazil, havendo agora não menos de quatorze linhas de vapores mensaes da Europa para diferentes portos do Brazil, obrigou a mesma companhia a não distribuir dividendos no semestre findo em 30 de Junho ultimo, á excepção de lb. 4 por acção, sendo a importancia necessaria deduzida da conta de seguro.

—A directoria da companhia de Navegação a Vapor Bahiana resolveu não renovar o contrato com o Sr. Hugir Wilson como superintendente, quando expirar o mesmo contrato no fim do corrente anno. O Sr. Alexandre Wilson, da importante casa dos Srs. Hett Wilson & Co., será encarregado de administrar as finanças da companhia, e nomear-se-ha novo superintendente.

—Os fundos brasileiros de 5 o/a do emprestimo de 1865 ficão cotados a 83 1/2.

### Lord Derby.

Depois de uma longa agonia, que o paiz inteiro presenciou com dôr, o conde de Derby expirou a 23 de Outubro ultimo, na idade de 70 annos. Accordo com suas ultimas disposições, seus restos mortaes forão sepultados sem o menor apparato no jazigo de sua familia, na igreja parochial de Knowsley, acompanhados unicamente pelos seus mais proximos parentes.

O fallecido lord Derby era par, politico e orador de primeira ordem, perfeito cavalheiro e membro distincto da sociedade ingleza; suas maneiras dignas correspondião á alta posição que elle occupava, e sua presença fazia-se sentir onde quer que elle se achasse, fosse no parlamento, nas recepções da rainha, na sua casa de campo ou nas raías das corridas; não foi, entretanto, feliz no principal acontecimento de sua vida; não era um grande estadista. Seus amigos e seu partido amavão-o, admiravão-o e cedião aos seus menores desejos; seus adversarios quasi só a elle temião; a nação orgulhava-se de sua eloquencia, e seus discursos poderião servir para modelo pela belleza do estylo e pela pureza da lingua; a camara dos lords mostrava-se fria e desattenta quando elle lá não estava; quando elle fallava todos corrião a ouvi-lo, e na manhã seguinte todos querião lêr o que elle dissera. Deixa elle vacuo na sociedade politica ingleza que não pôde ser facilmente preenchido. A rainha estimava-o e reconhecia a cavalheiresca lealdade do conde e a affeição que elle votava á familia real. Era religioso e caridoso, era o maior dos fidalgos, o ultimo dos barões, o herdeiro de uma familia historica, tão antiga como a historia da propria Inglaterra, e rica a fartar os maiores desejos da avariza humana; mas na opinião geral lord Derby não era um grande estadista, principalmente porque era apaixonado e vehemente; e, excitado pela politica, esquecia as vistas e os

grandes interesses da nação, e preferia a gloria de chefe de um grande partido ao patriotismo que inspira os verdadeiros homens de Estado.

Na politica a sua grande paixão era a igreja com caracter official, e principalmente pelo lado menos facil de defender, isto é, em relação á Irlanda. O seu primeiro discurso feito na camara dos communs foi em favor da igreja official no anno de 1825; seu ultimo discurso foi ainda em favor da mesma igreja na camara dos lords em 1869. Por amor da igreja separou-se elle do partido whig, que seguia sua familia, retirou-se do gabinete do conde Grey em 1833 e filiou-se ao partido tory. Mas sua dedicação e sua eloquencia não puderão salvar a igreja. Entrando no partido tory elle tornou-se em breve o primeiro dos tories; abandonou sir Robert Peel quando este propoz a revogação da lei dos cereaes; tambem nesta occasião não foi feliz. Empenhou-se, bem como empenhou o seu partido, em resistir a qualquer reforma politica, a qualquer concessão; e ainda uma vez resistio em vão. Por tres vezes organisou gabinetes, mas nunca pôde obter para elles apoio effectivo na camara dos communs. Na dos lords disputava sempre de maioria, que se dobrava ao menor de seus acenos; na dos communs achava-se em permanente minoria; a camara popular desconfiava daquelle grande aristocrata, e elle só uma cousa temia, a camara popular.

Dominava-o ainda outra paixão politica—a firme resolução de fazer todo o mal possível, até á completa destruição do partido whig, que havia abandonado; e esta paixão espalhou algumas sombras sobre o caracter deste chefe politico, que para satisfaze-la não recuava diante da intriga nem de tricas pequeninas que tivessem por fim fazer mal a seus adversarios; e quando se achava no poder promovia e decretava medidas que o seu caracter e sua vida inteira desmentião. Conseguiu realizar em grande parte seus planos; vio o partido whig perder o proprio prestigio, a força propria, mas vio ao mesmo tempo procurar refugio no seio vasto do liberalismo e encontrar ali um chefe eminente, o Sr. Gladstone. Em resumo, a politica de lord Derby foi mais desastrosa para os tories do que para os whigs. E por isso não deixa elle vaga no mundo dos estadistas, e sua morte não foi acontecimento importante na politica ingleza.

Nas desintelligências que temos tido com o Brazil, lord Derby, esteve sempre do lado mais razoavel; no seu primeiro ministerio elle reprovou o *bill Aberdeen* e estava prompto a revoga-lo em troca de um tratado commercial que o vingasse de lord Palmerston; censurou do modo o mais vehemente as occurrencias que derão em resultado os rompimentos das relações entre os dois paizes; em seu ultimo gabinete resolveu elle revogar pura e simplesmente aquelle injusto *bill*; e em suas relações com os representantes do Brazil, quer no poder quer fóra d'elle, manifestava sempre suas sympathias pelo Imperio e a confiança que no seu futuro depositava.

«Fallamos, disse o *Times* em um ligeiro esboço de sua carreira politica, de lord Derby principalmente como estadista; mas antes deste ha o homem que soube conquistar a admiração dos seus contemporaneos. Era elle com effeito um modelo brilhante do gentleman, e quer estivesse empenhado em furioso debate contra os demagogos, ou conversasse em linguagem simples sobre objectos de religião com as crianças, ou se entretivesse com os corretores de cavallos; ou traduzisse Homero em versos inglezes, ou discursasse em latim como chanceler da sua universidade, ou folgazão, ameno e delicado, dirigisse finezas nas recepções da rainha ás damas cuja companhia tanto o delectava, ou tratasse de acudir aos proprios operarios de Lancashire havia nelle sempre uma força, um brilho, um encanto que a todos dominava, seduzia e arrastava. De

todos os seus actos publicos nenhum talvez lhe deu mais honra e produziu mais profunda impressão no espirito de seus compatriotas do que o procedimento que elle teve por occasião da crise do algodão no Lancashire.

«Ninguém neste reino sentio talvez mais sinceramente do que elle os desastres daquelles pobres operarios, e ninguém de certo fez mais do que elle em seu favor. Não se limitou a tirar de seus cofres e fazer generosos donativos, avultados presentes de principe, trabalhou sem descanso na commissão creada para socorrer os operarios, foi a alma e o braço da commissão, e por espaço de alguns mezes, sem attender ao tempo e á hora, percorria todo o districto, prégando com a palavra e o exemplo, e espalhando em torno de si beneficios; por isso milhares de vozes se erguem no Lancashire abençoando o seu nome. Elle ha de ser lembrado por muito tempo como um dos homens mais notaveis deste periodo que atravessamos: amavão-no na vida privada, admiravão-no na vida publica; foi o maior orador de seu tempo e o mais brilhante, senão o mais bem succedido chefe parlamentar deste meio seculo.»

Por sua morte o estadista que até aqui conheciamos sob o nome de lord Stanley passou a chamar-se conde de Derby, e está destinado a representar importante papel na politica ingleza, posto que agora tenha de afastar-se da scena principal, que a camara dos communs, passando para a dos lords. Em quasi todas as qualidades pessoais é elle o opposto do seu pai, é soflido e não brilhante; calmo e não impetuoso; politico isolado e não chefe de partido, conservando-se só em posição eminente, mas não attrahindo proselytos; tranquillo, reservado, reflectindo e hesitando; mais inclinado aos liberaes do que aos tories, sabendo se dominar e dirigir por si só.

Abrem-se em frente dous caminhos ao novo conde de Derby: ou fazer uma esplendida evolução politica para o lado liberal, ou continuar rodeado de difficuldades e perigos, que o farão reflectir. Não resta a menor duvida de que lord Stanley seria recebido, apesar de certo perfume de heresias, como chefe politico da opposição na camara dos lords, e que lord Cairns lhe cederia sem relutância a posição que occupa provisoriamente, e que não se coaduna com o seu caracter. Nem lord Salisbury, nem lord Carnarvon lhe disputariam a preeminencia principalmente porque nenhum d'elles vai de accordo com D'Israeli, e facilmente o novo chefe reuniria junto de si quasi todos os jovens pares conservadores. Mas lord Stanley não é conservador no verdadeiro sentido deste termo. Em politica externa, em religião, em questões sociaes tem elle opiniões tão contrarias ao credo conservador como um radical as teria.

O Sr. D'Israeli, é certo, soube crear um scepticismo cosmopolita e educou o seu partido de modo a acompanhá-lo, tendo por chefe nominal o conde de Derby, mas não o educou para acompanhar lord Stanley. Se este assumir a posição de chefe dos conservadores na camara dos lords presentemente, achar-se-ha collocado em posição falsa.

Não conseguirá levar os seus amigos politicos a adoptarem suas proprias convicções, e inevitavelmente tornar-se-ha órgão de convicções que não são as suas proprias.

Poderá, é certo, seguir o caminho opposto e tomar lugar nas fileiras liberaes. Será bem acolhido pelos pares deste lado; mas ainda assim, para conquistar a confiança do partido liberal, terá de prestar-lhe serviços reaes, terá de passar algum tempo no segundo plano, e boa parte de sua vida será uma reprovção e censura á memoria de seu pai.

Lord Stanley, como conde de Derby, provavelmente não seguirá nenhum dos dous caminhos, e preferirá conservar-se em um meio termo, esperando a occasião, tratando talvez de organizar um terceiro partido, que evite os extremos dos

dous agora existentes, ganhando a confiança do povo e reservando-se para recolher mais tarde os fructos. Esta posição pede exactamente as qualidades que o novo lord Derby tem uma rara combinação de paciencia com uma intelligente sympathia pela época em que vive e uma admirável sagacidade e previsão da que ha de vir. Resta saber se terá elle a energia precisa para organizar um novo partido.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

(Vide o n.º antecedente.)

*Estado do Maranhão.*—Dividiu-se antigamente a America Portuguesa em dois grandes Estados: o *Estado do Brazil* ao Sul, e o *Estado do Maranhão* ao Norte.

*Estado do Maranhão.* Comprehendia as capitánias do Piauí, Maranhão, Gram-Pará e Rio Negro, hoje Amazonas.

Confinava pelo rumo de *leste* primeiramente com o mar, e depois com o sertão de Pernambuco: pelo *Sul* primeiramente com o sertão da Bahia, depois com as minas de Goyazes, depois destas pelo mesmo rumo de *Sul* com Cuyabá, Matto-grosso e Missões dos Moxos, e outras povoações pertencentes ao Perú: pelo *oeste* com o reino de Quito: e pelo *norte* com o novo reino de Granada, rio Orenoco, chamado também Paraguá, provincia de Crácas ou Caracás dos Castelhanos, Suriname dos Hollandezes, e Cayenna dos Francezes.—Desta sorte comprehendia o *Estado do Maranhão* um territorio quasi igual ao restante do Brazil, e se estendia de *norte* a *sul* desde as minas de São Felix até ao rio Yapock, ou de Vicente Pinçon, ultima raia septentrional da America portugueza; e de *leste* a *oeste* desde a barra de Camocim na costa do mar até aos cumes dos rios Japurá e Orenoco.

Passados annos separou-se a *capitania do Ceará* do *Estado do Maranhão*, o qual era, bem como todas as outras provincias da America portugueza, dividido em *capitánias*, parte da corôa, e partes de donatarios particulares: mas estas comprou-as todas El-rei D. José, e ficou o *Estado* reduzido aos governos e comarcas seguintes:—1.º da parte de *leste* a *capitania* do Piauí, limitada com o Ceará, Parnahiba e Pernambuco: da parte do *sul* com o sertão da Bahia e governo dos Goyazes: pela parte de *oeste* com a *capitania* do Maranhão: e pelo *norte* com o mar.—2.º a *capitania* do *Maranhão* que tinha a *leste* e *sul* a *capitania* do Piauí, a *oeste* a do Pará, e ao *norte* o mar.—3.º a *capitania* do *Pará*, á qual fica da banda de *leste* a do Maranhão: do *sul* a *capitania* de Goyazes, Cuyabá e Matto-grosso: de *oeste* a nova *capitania* e governo de São José do Rio-negro, ou de Solimões: e de *norte* o mar, Cayenna, e Suriname.—4.º a *capitania* mais occidental, que era a de São José do Rio-negro ou de Solimões, que tem a *oeste* Quito, ao *sul* Perú: ao *norte* o novo reino de Granada, e a *leste* a *capitania* do Pará.

Havia neste *Estado* dois bispados: o do Maranhão, mais antigo, e o do Pará, creado em 1720 pouco mais ou menos: O bispado do Maranhão com-

prehendia as duas capitánias de Maranhão e Piauí, e o do Pará as duas capitánias do Pará e São José dos Solimões.—Nas divisões do mundo jesuitico formava este Estado uma vice-provincia, não menos célebre pelo incansavel trabalho dos padres na propagação da civilização por entre as tribus indias do sertão, do que pela tenacidade com que até a ultima contra os bispos e governadores defende-rão seu theocratico governo.

Se no Maranhão se não guerreava, como no Paraguay, batalhas cam-paes para desalojar os jesuitas, nem por isso foi necessario empregar da parte do governo da metropole me-nores forças, nem menos actividade. (Vide Jesuitas.)

*Antiga capitania do Maranhão.* Pela Resolução Regia de 25 de Fevereiro de 1652 foi o *Estado do Maranhão* dividido nas Capitánias do Maranhão e Gram-Pará.

Foi Balthazar de Souza Pereira, seu primeiro Capitão-Mór.

A capitania do Maranhão, continua o referido Jesuita, já citado, dividia-se da do Piauí pelo rio Parnahiba, e da do Pará pelo rio Gurupy. Comprehendia pela costa do mar desde o rio da Parnahiba até a cidade do Maranhão cousa de setenta legoas, e desta até a boca do rio Gurupy cousa de cincoenta legoas, que por todas vem a ser 120 legoas seguindo sempre a costa do mar. Pelo poente e sul era pouco conhecida a sua divisão da do Piauí e da do Pará. Os mais praticos dos sertões assentavão que o rio Gurupy tinha as suas cabeceiras nas Serras dos Geraes, proximas aos nascimentos dos rios Mearim e Pindaré; e verha a ser estas serras a divisão das tres capitánias do Piauí, Maranhão e Pará, de sorte que as vertentes das ditas serras para *leste* e *sul* dividião a capitania do Piauí; as vertentes das mesmas serras para o *norte* dividião a capitania do Maranhão; e as mesmas vertentes para *oeste* dividião a capitania do Pará, e chegadas as ditas vertentes a formar o rio Gurupy este fazia a divisão da capitania do Pará da do Maranhão; assim como o rio das Balsas e o de Parnahiba, que nascem também das mesmas serras ou geraes (como lhes chamavão) faziam a divisão da mesma capitania do Maranhão da do Piauí. Estas mesmas serras para o sul e poente dividião a capitania do Pará do governo dos Goyazes, e minas da Natividade e de São Felix.»

Pôsto que o bispado do Pará governasse no espirital as minas de São Felix, de que logo no seu principio mandou tomar posse, e ficou na jurisdição espirital d'ellas, no temporal comtudo pertencião as ditas minas de São Felix ao governo e comarca de Goyaz, ao qual pertencião no espirital e temporal todas as minas e descobertas que tinham.

El-rei D. João 5.º criou em Goyaz uma prelazia, e outra em Cuyabá; mas até ao anno de 1758 ainda se lhe não havia nomeado prelados, e estavam pertencendo ambas ao bispado de São Paulo, excepto o descoberto de São Felix, que pertencia ao bispado do Pará.

Tinha e tem a capitania do Maranhão entre outros os rios Parnahiba, Moni, Itapecurú, Mearim, Pindaré, Tury-assú e Gurupy. O primeiro desemboca no mar setenta legoas a leste da cidade do Maranhão; o ultimo cincoenta legoas a oeste da dita; o rio Tury-assú faz também barra no mar de oeste da cidade do Maranhão cousa de trinta legoas: os rios Monim, Itapecurú, Mearim e Pindaré, todos formão uma grande bahia, que desemboca no mar por uma boca de cinco a seis legoas de largo, entre a ponta do Pereá da parte do sul, e a ponta de Itacunimim da parte do norte: e a dita bahia está semeada de muitas ilhas, sendo a principal de todas a ilha do Maranhão, em que está situada a cidade de São Luiz.

Por outra Resolução Regia de 25 d'Agosto de 1654 forão estas duas capitánias do Maranhão e Gram-Pará reunidas e formarão novo Estado, de que foi governador André Vidal de Negreiros, que chegou a esta Provincia em 11 de Maio de 1655.

Durou esta segunda união 119 annos, tendo tido 27 governadores.

Pela Provisão do Conselho ultramarino de 11 de Janeiro de 1715 foi a jurisdição do Piauí desligada da da Bahia, e sujeita ao Maranhão.

Em consequência do Decreto de 20 d'Agosto de 1772, confirmado pelo de 3 de Maio e Provisão de 9 de Julho de 1774 dividio-se este Estado nas duas capitánias do Maranhão e Pará, constituindo governos independentes, ficando sujeita áquella o Piauí, sendo seu proprio Capitão General Joaquim de Mello e Povoas, e o ultimo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca.

Pela Carta Regia de 10 de Outubro de 1811 foi o Piauí separado do Maranhão.

No dia 28 de Julho de 1823 adherio a causa da independencia do Imperio. (Vide Independencia.)

Constituiu-se d'ahi em diante em Provincia.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## COMMUNICADO.

Recolhendo-me de minha visita parochial no dia 23 do mez proximo passado, tive de ler o jornal *Piauí* n. 102, onde encontrei um escripto assignado pelo tenente coronel Manoel Antonio contra mim dirigido, e como ostivesse de partida para esta capital, no dia 28 do mesmo mez, como se realisou, deixei para d'aqui responder ao tal escripto, como estou fazendo.

O escripto d'esse tenente-coronel é um mixto de injurias e falsidades contra mim assacadas, de um modo tão vil, que o homem sensato não pôde lê-lo sem indignação: fere-me até na vida privada, tal é o odio de que se acha possuido!

Não tendo S. Exc. Rvm.º prestado attenção ás representações, que contra mim tem elle dirigido áquelle Prelado, seguindo disse o mesmo tenente-coronel, cit-o furioso contra o venerando Diocesano, como se suas palavras podessem de modo algum causar o mais leve abalo no juizo, que o publico sensato forma do caracter justiceiro de S. Exc., a cuja perspicacia e illustração não escapam as artimanhas d'aquelles que, se d'um modo disfarçado, querem cravar o punhal da maledicencia e da calumnia no individuo, que está acima de todas estas pessimi-

dades; quanto mais d'aquelles que, sem reserva, se lançam sobre a victima, como S. S. sobre mim, pelo simples passatempo de cevar o seu odio.

Esse tenente-coronel, Srs. Redactores, queixou-se no seu escripto, de que estou tratando, que a minha resposta, ao *celeberrimo attestado, foi insultuosa, cheia de falsidades e diatribes*: o dizer desse tenente-coronel é maneira de declamar acreamente, com o fim de ao longe ganhar proselitos; felizmente os nossos escriptos estão impressos, o publico sensato que avalie, e decida a respeito d'elles. Ainda não provoqueei a esse Sr., apenas me tenho defendido das aggressões injustas, que me tem elle feito.

Não precisava, Srs. Redactores, esse tenente-coronel alardear que tem muitos amigos, e que é bem conhecido nos municipios de S. Gonçalo, Oeiras e Jaicoz; não ha quem ignore que elle não é bem conhecido nesses municipios, como tão-bem no de Valença e Theresina; n'aquelle, por exemplo do major Norberto, neste do Dr. Candido Gil, e herdeiros do finado capitão Jesuino Avelino &.

Fiquei sabendo, que os unicos amigos que tenho, no pensar do dono de S. Gonçalo, são os redactores da *Imprensa*, por serem da mesma laia que eu: estou satisfeito com isto, por que são esses Srs. dous cidadãos distinctos pelo vigor de suas intelligencias e illustração.

Disse esse tenente coronel no seu libello difamatorio, a que estou respondendo, que quatro foram os motivos que lhe fiseram votar-me *tedio, despreso, & cil-os*:

*Ter eu em 1863, arvorado-me em chefe do partido progressista em S. Gonçalo, e feito a elle e seus amigos cruéis perseguições, servindo-me para isto de Antonio Bento, hoje fallecido.*

*Ter eu deixado de visitar-o quando foi a Oeiras, no mesmo anno de 1863, como eleitor.*

*Ter comprado ao capitão João Vicente Pereira uma escrava, e depois alforriado-a com fim, e por fins illicitos.*

*Criar difficuldades aos meus parochianos, com o fim de receber d'elles mais do que aquillo, a que tenho direito; deixando de baptisar uma criança em artigo de morte, por não ter a mãe dessa criança dinheiro para satisfazer-me:*

Nunca tive pretensão de ser chefe de policia, não só por que não tenho as habilitações precisas para isso, como mesmo por que tenho muito em que me occupar, alem de que oppõe-se isto a vida de parochio, a qual me dediquei. Todos sabem, nesta provincia, que as influencias do partido liberal em S. Gonçalo são os Srs. coronel Raimundo Antonio Borges, Marcelino Barbosa Ribeiro e José Ribeiro Gonçalves &.

Como não ando em dia com a politica, ignoro quaes foram as perseguições, que soffrera S. S. e seus amigos, em S. Gonçalo, mesmo com relação a Antonio Bento, a quem se referio; sei apenas que Antonio Bento era uma autoridade policial que soube bem cumprir seus deveres: não dava guarida aos criminosos, e observava fielmente as ordens do então chefe de policia—Gervasio Pires Ferreira.

Não visitei a este tenente coronel em Oeiras, comprimentando-o apenas quando nos encontramos na Igreja por que ignorava essa nova ordem de etiqueta, estabelecida por S. S.; suppunha, como ainda penso, que quando se chega a um lugar, os que alli residem são os que tem o dever de visitar os hospedes, não tendo esse tenente-coronel tal delicadeza para commigo, creio que não estava na obrigação de ir receber suas ordens; entretanto, se o dono de S. Gonçalo me mandasse pedir para chegar á sua casa, não me recusaria a isto.

Comprei ao capitão João Vicente Pereira, é verdade, a escrava a que esse tenente-coronel se referia, não para o fim a que elle alludio, nem a libertei pelo motivo torpe declarado em seu escripto; comprei-a por que, estando o dito capitão comprometido com algumas dividas, e querendo dispor, não só d'essa

escrava, como d'outra, que possuia, para liquidar seus debitos; a escrava, conhecendo o modo porque trato aos meus escravos, e sabendo que o senhor hia vendel-a, pediu-me para compral-a, o que fiz.

Libertei a essa escrava, por que encaro a escravidão com horror, como um mal contagioso na sociedade, como a maior tyrannia que se pode fazer á liberdade; fiz ainda mais a essa escrava: casei-a, vivo ella em companhia de seu marido, que sendo filho do municipio de Jeromenha para lá se retiraram.

O fim que tive em vista, libertando a escrava mencionada, foi o mesmo que moveu-me a libertar mais tres, uma das quaes, doente, vive em minha companhia, por pedir-me que desejava acompanhar-me sempre: é preciso declarar a esse tenente-coronel que nunca recebi metal souante por essas alforrias. Nesta parte pensamos de modo inteiramente differente: eu liberto gratuitamente os meus escravos; e S. S. deseja possuir mais, comprando mesmo aquelles que se dizem libertos; como o infeliz José Garcia, que consta ter sido alforriado em 1855 por sua ex-senhora—Luiza Clara de Jesus.

Se eu quizesse analisar sua vida privada, Sr. tenente-coronel, como S. S. fez com a minha, talvez encontrasse n'ella cousas inteiramente contrarias, ao que S. S. quer ser. Recordo-se daquelle facto, que se deu em Oeiras no mez de Abril de 1834? Se lhe faltar a lembrança pergunte ao Sr. coronel Theotônio de Souza Mendes, que lh'o dirá.

Não é facto particular, e entretanto nem disso me tenho occupado.

Nunca criei difficuldades aos meus parochianos, para d'elles receber mais do que tenho direito, os que assim procedem, são aquelles que, recebendo dinheiros de viúvas para entregal-os a outrem, pretextão duvidas, e distructando-os por mais de um anno, quando o proprio dono os exige, mesmo assim não os quer entregar.

Os que criam difficuldades sam aquelles que quando chegam-lhes á porta os credores, elles marcam-lhes uma hora para realisação de seus debitos, afim de que os credores se ausentem, e antes que chegue a hora aprasada, umas vezes retiram-se elles occultamente, outras não deixam os credores chegarem-lhe á casa, marcam dia de irem ao encontro d'elles, e antes d'esse dia indicado, disfarçadamente furtam-se ás suas vistas.

Não sei qual foi essa mulher, aquem deixei de baptisar o filho em artigo de morte, por não ter ella dinheiro para pagar-me. Posso affiançar ao Sr. tenente-coronel que nunca se deu tal cousa, por que em casos taes não ha sacerdote algum que assim proceda; e com quanto no pensar de S. S. eu seja um sacerdote máo, nunca procedi deste modo, e tenho fé em Deus de jámais proceder.

O que se tem dado, e que ainda este anno se deo, é, depois de ter eu acabado os meus trabalhos parochiaes tarde, apparecer alguma criança para baptisar, e, achando-me inteiramente fatigado, pedir aos pais da criança que deixem o baptisado para a tarde e as vezes para o dia seguinte, examinando antes se a criança está em perigo de morte; porque, no caso affirmativo, faço logo o baptismo. Se invertem estes actos, dando-lhes cores differentes, eu não tenho culpa.

A historia do baptismo desta criança, Srs. redactores, está igual ao que esse tenente-coronel mandou escrever no jornal em 1863, dizendo ter eu negado a communhão, em desobriga, a uma mulher, por não ter dinheiro para pagar-me. Acontece, em desobriga, deixar alguma pessoa de communhar, umas vezes porque ha engano na contagem das particulas, outras porque não veem á meza da communhão, em tempo, todas as pessoas, que confessaram-se. Neste ultimo caso estava a mulher de que fello.

Admira-me, Srs. Redactores, como

se mostra agora esse tenente-coronel interessado pelos negocios religiosos, ou antes como se mostra elle religioso, quando é o primeiro a fallar da religião, que professamos: não ouve missa, nem desobriga a familia. Quando cheguei naquella Freguezia, elle prevenio-me logo de que não precisava eu ir á casa d'elle em desobriga, porque quando precisasse me chamaria.

Disse, perante o Dr. juiz de direito da comarca—U. M. d'O. Lima que não acreditava em confissão, e que só se tinha confessado uma vez, quando casou-se, isto mesmo por não ter querido o vigario dispensal-o mas que não mandava desobrigar a sua familia; ao que o juiz de direito respondeu-lhe, que elle não devera dizer semelhante cousa, tanto mais sendo um pai de familia, e ficaríamos muito mal, se as familias se persuadissem disso. O Sr. Dr. juiz de direito se recordará disto, e o não negará: passou-se esta conversa, em minha casa, no mez de dezembro do anno de 1861.

Que esse tenente-coronel, Srs. redactores, pensa a respeito da religião, —do modo que acima fica dito, provam os seus actos.

Em 1866 ou 1867, quando chegou ordenado o Revd. Antonio Marques dos Reis, dei-lhe um ramo de desobriga, e passando o digno Revd. em casa desse tenente-coronel elle não se desobriga: note-se que o Sr. padre não tinha, nem podia ter, indisposição alguma com o dono de S. Gonçalo, pois acabava de chegar de seus estudos. Não apresentando esse tenente-coronel desculpa alguma, para não desobrigar a familia, como não apresentou, nem vindo ao menos que o padre dissesse Missa em sua casa, é claro que o zelo de religião, de que hoje se quer inculcar, é todo farisaico.

Tendo dado uma satisfação ao publico sensato, e ao meu dignissimo prelado, destruindo o que contra mim disse o meu detractor, estou satisfeito.

Pego aos Srs. redactores da *Imprensa* a publicação destas linhas no seu conceituado jornal, pelas quaes me obrigo.

Theresina 10 de novembro de 1869.

PADRE JOSÉ MARQUES DA ROCHA.

## NOTÍCIAS.

### Chronica externa.

—Os catholicos da Allemanha têm-se reunido frequentes vezes para se concertarem nos meios de defender o catholicismo dos ataques que lhe são constantemente feitos pelo racionalismo, a impiedade, as sociedades secretas e o protestantismo, com um furor verdadeiramente diabolico.

Uma destas reuniões mais notáveis teve lugar nos dias 9, 10 e 11 de Agosto em Gmunden, diocese de Linz (Austria). Um immenso numero de catholicos, pertencentes a todas as classes da sociedade, compareceu áquella reunião. Pronunciaram-se alli importantes discursos, sobresahindo particularmente o do illustre Bispo de Linz, que tambem se achava presente e que, apesar da perseguição com que o tem atormentado o governo austriaco, nada perdeu da sua coragem e energia na defesa dos direitos da Igreja.

Referindo-se ao facto recente de Cracovia assim se exprimio o distincto orador:

«A tempestade que acaba de desabar por occasião do acontecimento de Cracovia, é para mim fora de duvida, não ser mais que o primeiro assalto contra os bens ecclesiasticos. Começam atacando algumas ordens religiosas: depois atirar-se-hão a outras, para chegarem por fim á confiscção dos bens ecclesiasticos em geral. É isto que querem as potencias colligadas do liberalismo, e não outra cousa.»

O Bispo de Linz estendeu-se em considerações sobre o estado a que se acha reduzida a Igreja da Austria, particu-

larmente depois da publicação das impiaes leis de 25 de Maio de 1868.

Segundo uma correspondencia de Viena para o *Univers*, de Pariz, o discurso do Bispo de Linz excitou indiziveis furores em toda a imprensa liberalista da Austria.

—As ultimas noticias do Japão referem ter rebentado naquella imperio uma nova e cruelissima perseguição contra os christãos. Apesar das prisões, dos máos-tratos, das torturas, elles confessam altamente a Jesus-Christo e derramando o seu sangue por elle mostram ao seculo XIX que a Igreja é sempre, como outr'ora, mãe fecunda de Martyres.

—Segundo refere a *Liberdade Catholica* de Napoles, uma familia ingleza, (uma mãe, e seus dous filhos) acaba de abjurar os erros do protestantismo nas mãos de S. Ex. o Cardeal Arcebispo, de Napoles.

—Lêmos no *Univers*:

«Falleceu ha pouco em Assiz, um religioso conventual, o P. Emilio Favi, guardião daquelle celebre sanctuario. Este religioso fora outr'ora proceptor do joven conde João Maria Isidoro Mastai, hoje Pio IX.»

—De Aix la-Chapelle escrevem ao mesmo jornal:

«Os artistas allemães acolhem com verdadeiro entusiasmo a noticia da Exposição Romana e se dispõem a mandarem para lá objectos de ourivesaria e bordados. Um convento de Aix la-Chapelle (o convento do Pobre Menino Jesus) em particular está preparando bordados de uma delicadeza e perfeição admiráveis. Suppõe-se que o Papa ordenou que em seguida aos objectos d'arte contemporanea, se fizesse uma exposição das antiguidades christãs, que se conservam nas basilicas e igrejas romanas.»

### Chronica urbana.

FESTIVIDADE DO MENINO DEOS.—Hoje começa o novenario do Menino Deos no convento de Santo Antonio. A festa deste anno é como da primeira vez. A procissão no dia 1º vai acompanhada por meninos vestidos de branco com cinto e gravata azues. O Rev. guardião pede que lhe mandem anjos para mais brilhantismo da festa. Deve ser attendido, pois com muito trabalho e despesa que não pode fazer esforço-se este digno sacerdote para sustentar em sua igreja no maior esplendor o culto divino.

FAÇO DO LUMIAR.—Para administrar os sacramentos aos parochianos desta freguezia foi nomeado o parochio collado da de Vinhaes, José Claudio Marques, em consequencia da decrepitude e molestias chronicas do respectivo parochio João Ribeiro Cyrillo, decano dos parochos da diocese.

BARRA DO CORDA.—Para esta freguezia foi removido á seu pedido o padre Manoel Gonçalves da Cruz, parochio encommendado da de N. S. das Dores da Chapadilha.

CHAPADILHA.—O padre Antonio Firmo da Cunha Sanches foi nomeado para o cargo de parochio encommendado desta freguezia.

MISSA DO NATAL.—Ha missas nestas igrejas: Cathedral, á meia noite; Conceição, S. João, Remedios, Sant'Anna, Mercêz, Carmo, Rosario, Recolhimento, Santo Antonio, S. José, S. Thiago, e S. Pantaleão.

Devendo por ordem do Exm. Sr. Bispo começar estas missas nas igrejas da cidade depois de Santos da da Cathedral, só ellas poderão ter lugar á 1 hora.

IGREJA DE S. JOSÉ DO D. STERRO.—Para administrar os negocios desta igreja foi nomeado uma commissão composta dos Srs: conego Mauricio, Bica e Pimentta, os mesmos que a reedificarão, ficando o Sr. Pimentta exclusivamente encarregado do templo.

San Luiz—Typographia Perseverancia, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## POLITICA.

## O Conde Derby.—antigo chefe do gabinete.

A carreira de lord Derby é bella e nobre. Este ao menos jámais se desmentiu. Começando a vida publica em 1820, elle, que nascera em 29 de março de 1799, até o dia em que abdicou, e foi isto ha apenas alguns mezes, conservou-se fiel a seu partido e a si mesmo.

Porque elle abdicou, e sobre tudo entre as mãos de um homem, Disraeli, cujo character elle não presava muito, porque, repita, abdicou na idade, em que lord Palmerston e lord Brougham tinham apenas attingido ao zenith de sua carreira?

Lord Derby pertence a um partido exigente e tyrânico, que gasta seus homens; quando os tem, e os procura, si não os tendo lhe é preciso recrutar-os incessantemente.

Posto que eloquente Lord Derby tem antes o prestigio e a autoridade do character, do que o talento, ou o espirito da luta.

Desde o grande abalo impresso na politica ingleza por sir Robert Peel em 1845, lord Derby tem sido muitas vezes impellido por seu partido a tomar uma desforra do commercio livre. Quatro ou cinco vezes tem baqueado n'esta empreza.

Sentindo depois de tantas provas estereis, que o partido estava si não perdido, ao menos em estado de não poder fazel-o triumphar, quiz ligar suas armas ao homem, que era mais capaz de servir-se d'ellas, si não por seu character, ao menos por seu talento.

E é assim que M. Disraeli tornou-se o chefe do partido dos proteccionistas, quando estava em via de aproximar-se do commercio livre, imitando n'isto Sir Robert Peel, seu predecessor.

A dizer a verdade, lord Derby, quando se retirou da luta, presentia que a questão da Irlanda voltava. E em favor da alta igreja da Irlanda, como verdadeiro tory protestante, que lord Derby tinha feito seu primeiro discurso em 1824. Ve-se por ali que a questão é velha, e que não faz hoje, si não renascer.

Admirar-se ha talvez que desde a idade de 25 annos lord Derby, então lord Stanley, tenha podido já considerar-se como chefe de partido. E que na Inglaterra se nasce já marcado para a vida publica. Ha homens que ali são para isso preparados desde a infancia: assim succede aos filhos de familias notavel. Ainda imberbe convem estar disposto a fallar nos *hustings*, e assim pratica-se muitas vezes. Tal pratica faz amadurecer depressa o character e o talento. O grande Pitt era ministro antes de sua maioridade.

Ser justo e leal não é raro em Inglaterra. Lord Derby tem sido perfeito modelo disto.

De 1830 a 1835 elle separou-se duas vezes de seu partido, que queria recuar muito, sem reunir-se ao partido adverso, o qual em sua opinião queria adiantar-se de mais.

Duas vezes encontrou em seu caminho Sir Robert Peel: uma vez em 1832, porque sir Robert Peel recusava a reforma eleitoral, a instituição do jury e a instrucção publica; uma segunda vez, em 1845, depois de um accordo de quatro annos, porque Sir Robert Peel desertava da causa da aristocracia, alargando muito o programma reformista de Lord Stanley em 1835.

Não esqueçamos que é aos esforços

eloquentes desse puro aristocrata que se deve a emancipação dos escravos: isto não impedia a Lord Stanley de resistir por esse mesmo tempo ao libertamento da Irlanda, nem de fazer votar a lei de educação nacional, verdadeiro golpe infligido á consciencia dos Irlandezes.

Desta vez Lord Stanley tinha ido muito longe, e operou-se em favor da Irlanda uma reacção que o obrigou a dar sua demissão de ministro das colonias: era isto em julho de 1834. Fora d'este caso o nobre lord foi sempre o homem do justo meio e do equilibrio, resistindo a todas as reacções, quer para diante, quer para traz.

Em 1841 voltou ao poder com Sir Robert Peel, de quem se havia aproximado até o momento em que a liga dos cereaes trouxe a perturbação ao gabinete.

Lord Stanley se havia pronunciado tão energeticamente contra todo abatimento das tarifas, que os electores de Lancashire o abandonaram nas eleições de 1844.

Um assento na camara alta pôde á penas consolal-o por aquella derrota.

O periodo mais brilhante de sua carreira data da guerra que elle fez a politica aventureira de lord Palmerston e as hesitações de lord J. Russel de 1848 a 1851.

E em 1851 que seu pai tendo morrido, lord Stanley tomou o nome de lord Derby, quarto conde d'este titulo.

N'essa data, em seguida á demissão de lord J. Russel, o conde Derby foi encarregado de constituir um gabinete; mas não achou quem quizesse com elle tentar a renovação da obra economica de Sir Robert Peel.

Elle foi mais feliz no anno seguinte; mas como o programma era o mesmo a agitação sectaria do commercio livre tornou-se tão forte que foi preciso dissolver o parlamento. O primeiro acto da camara dos commons foi a rejeição do orçamento apresentado por Disraeli, chanceler do thesouro.

Entretanto o gabinete Derby tinha tido a boa fortuna de estabelecer as bases da alliança da Inglaterra com a França, d'onde devia surgir cem annos depois a guerra da Crimeia.

Depois da nova demissão de lord J. Russel em 1855, lord Derby se achou, como em 1851, na impossibilidade de constituir um gabinete tory.

O attentado de 14 de janeiro de 1858 e as difficuldades que se seguiram entre a França e a Inglaterra tornaram o trabalho de lord Derby mais facil neste momento. Mas as difficuldades não foram se não deslocadas do exterior para o interior. Este ministerio de necessidade arrastou até 13 de junho de 1859 uma existencia precaria. O que se tinha feito nascer o fez morrer, isto é, novas difficuldades com a França, tanto a proposito dos armamentos, como á proposito da politica italiana.

De balde lord Derby appellou para os electores, dissolvendo um parlamento hostil, como tinha feito em 1852. O novo parlamento lhe negou apoio desde a discussão da falla do throno.

Entretanto o gabinete de 1859 tinha prestado um grande serviço á Inglaterra, pacificando e regulando os negocios da India.

Si lord Palmerston e lord J. Russel, voltados ao poder não renovaram mais suas pirraças á respeito do gabinete das Tulherias, ao qual tinham correspondido tão mal dois annos antes, foi sem duvida porque ouviram os bons conselhos de seu collega Gladstone. Além

disto a existencia deste gabinete extendeo a duração ordinaria de um gabinete inglez. E quando a successão dos acontecimentos conduziu lord Derby ao poder, M. Gladstone tinha arrasado tão perfectamente as fortificações do partido protector, que o nobre lord, de novo voltando ao ministerio comprehendendo que nada restava-lhe a reivindicar, nem por conseguinte nada mais á fazer.

E por isso sem duvida que elle não subiu ao poder, sinão para ter occasião de instituir M. Disraeli em seu lugar como chefe do partido aristocratico.

Com menos resistencia, ou com mais entusiasmo, lord Derby, espirito recto, orador eloquente, teria podido fazer grandes cousas, que elle deixou que outros fizessem.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

## O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

Setenta e cinco annos tem decorrido desde que, por decreto da convenção nacional da republica franceza, se fecharão as velhas escolas e os respectivos bens de mão-morta dos antigos collegios forão confiscados em prol do fisco do Estado. Desde aquella época, as questões de ensino publico não tem cessado de ser submettidas á discussão. Todavia, os debates, previndos de tal assumpto, tem versado mais sobre os programmas dos estudos, que acerca da propria organização da corporação de professores. A universidade de França, creada pelo imperador Napoleão I, gozando de um monopolio absoluto e tendo attributos sociaes como os de uma pessoa civil, foi a principio, uma corporação mais estavel e mais independente do governo soberano, do que era um ministerio de estado. Quando seu chefe, o grão-mestre da universidade, veio a ser, sob o regimen da mesma realza de outr'ora, communmente chamado o da restauração, um dos ministros da corôa, o publico nem por isso se abalou mais do que quando, dez annos mais tarde, viu que por um decreto régio se lhe tirarão tanto o orçamento especial como o apanagio fundado em renda de bens. A abrogação do monopolio do ensino, consummada pela lei de 15 de Março de 1850, foi o unico acto publico, que fora reclamado com insistencia e tinha sido energeticamente impugnado. Quanto ao mais, a universidade, sob influencia da voga actual no presente seculo, soffreu da rasatura reguladora do poder central, isso sem queixar-se nem menos dar que fallar de si; achando-se, portanto, reduzida no dia de hoje á simples condição de administração publica e sem conservar nenhum dos privilegios de uma corporação.

Enquanto se guardava silencio a respeito da organização interna da instrucção publica, os programmas do ensino, pelo contrario, se tornavão assumptos de renhidas controversias. Tendo os estudos sido, no antigo reinado da realza absoluta, quasi exclusivamente litterarios, e depois mais scientificos sob a influencia das idéas positivas da revolução republicana, tornarão-se classicos na quadra do primeiro imperio e assim ficarão durante a restauração bourbonica. As exigencias do tempo avultarão mais ou menos o competente quinhão das sciencias. Depois de ensaios mallogrados, conhecidos pelo nome de *bifurcação dos estudos*, a contenda entre as bellas letras e as sciencias estará terminada por meio da recente instituição de um ensino secundario especial? Mais se deve esperar por isso, do que affirmar-o já, pois que em semelhantes materias a experi-

encia não estatue senão depois de prova de longa duração.

Em summa, posto que os principios ás vezes tenham variado, o todo do systema de instrucção publica em França se mostra hoje em dia com forma simples. Qualquer sabe de que materias elle consta e com a menor applicação se fica bem inteirado de seus estatutos. O espirito, que preside á execução das leis que o regem, é em tudo semelhante á vontade, que anima esse grande corpo desde o modesto mestre-escola de aldeia somenos até os cathedraicos de doutrina sublime. Dar-se-ha o mesmo nas outras nações da Europa? É um ponto que merece ser bem examinado; pois que não haverá ninguém, tão infatuado de instituições francezas, que se possa persuadir de que os francezes tenham nesse ponto sido mais bem succedidos que os outros povos circumvizinhos. Tão mal assenaria ter-se uma confiança cega nesse methodo de ensinança, como a caprichar-se em desacreditá-lo. Em seguida de varias circumstancias, trabalhos mui notaveis acerca da materia se tem publicado em França e na Inglaterra. São relatorios que, comquanto sejam officiaes, não deixão de ter uma certa originalidade, que penhora o espirito. Dous professores francezes, Mr. Demogeot e Mr. Montucci forão pelo ministerio da instrucção publica incumbidos de examinar o estado do ensino secundario na Inglaterra e na Escóssia. O trabalho colectivo desses dous professores não é, como muitas outras obras do mesmo genero, uma compilação arida e prolixa dos factos, que elles observarão. Sem que do assumpto exorbitassem mais do que convém a um encarregado de relatório administrativo, elles, ao passo que expõem os factos, também os aprecião, e sob a forma narrativa, muito pittoresca e animada, tiveram a habilidade de abranger e dizer tudo. Em tal relatório só se obriga uma certa suspeição, a qual consiste em pertencerem ambos os commissariós, um ao professorado de bellas letras e o outro ao de sciencias.

Assim, pois, a luta entre as duas ensinanças achava-se como que personificada nos dous professores. Resta saber-se se o commissariós, que é litterato, convenceu o seu collega, ou se esse mesmo possui litteratura em grão maior da que ordinariamente se encontra em um professor de sciencias exactas e positivas. Não se pôde decidir isso; mas, a impressão, que fica depois da leitura de tal documento, significa uma tendência a conservar-se intacta a antiga instrucção classica a despeito das exigencias impetuosas das profissões industriaes, que reclamão um programma de estudos mais adaptado ás necessidades da actualidade social.

Por mais interessantes que sejam os resultados da missão de Mr. Demogeot e Mr. Montucci, esse facto não era justificado senão pelo desejo mui natural de saber-se como os habitantes da riba occidental do canal da Mancha, comprehendem a ensinança secundaria; mas não proveio de nenhum projecto de innovação proxima. Na Inglaterra, pelo contrario desde alguns annos se tem tratado da questão do regimen escolar dos estabelecimentos de instrucção publica e tem-se pretendido que as grandes escolas, cuja reputação estivera até agora livre de qualquer censura, sacrificassem as jovens intelligencias ao culto sedico dessa antiga litteratura classica, perpetuando-se assim abusos odiosos, que são vestigios barbaros da idade média. Senão quasi todas com propriedades de mão

morta, sustentava-se que os seus respectivos recursos tinham sido insensivelmente transviados da intenção caridosa dos fundadores.

Varias commissões de inquerito, que o governo britannico instituiu para verificar-se até que ponto erão exactas semelhantes allegações, revelarão effectivamente a urgente necessidade de uma reforma consideravel no systema de educação.

Para saber-se o com que se deve substituir o que está existindo, importava examinar o que a tal respeito se praticava nos outros paizes civilizados.

Com esse intento a commissão de inquerito encarregou a Mr. Matheos Arnold com a missão de percorrer os estados do continente da Europa, e de em França, Italia, Suissa e Allemanha examinar os methodos seguidos pelas instituições de ensino. O relatório de Mr. Arnold abrange ensaios mais opportunos de observações, que o Mr. Demogeot e Mr. Montucci, mas não lhe fica inferior em elegancia de estylo, agudeza de observações e amplitão de intuições, conclusivos exarados com originalidade de conceito. Delle os francezes hem pouco colherão concernente ao que se passa em seu paiz, porém, devem registrar com ufania os mui-tissimos elogios, que elle faz á universidade de França. A parte desse trabalho, que diz respeito á Allemanha, expande com uma perspicuidade, que alhures não se encontra, a complicação, um tanto confusa, das escolas prussianas, da qual se poderia auferir algum alvitre util para a reforma em questão. Em summa, foi um trabalho, cuja leitura é amena e proveitosa. Não é a unica obra interessante, que as commissões de inquerito britannicas occasionarão: um outro commissionado, Mr. Fearon, expôz habilmente a organização escolar da Escocssia, que era pouco conhecida na propria Inglaterra, não obstante a proximidade e o laço politico, que hoje liga ambos esses paizes.

Os britannicos Arnol e Fearon, bem como os francezes Demogeot e Montucci, cultivão todas as bellas letras, e portanto encerrão com ciúme para o quinhão, sempre avantajado, que a faculdade de sciencias auferir em detrimento da faculdade de litteratura.

Não era de esperar que essas taes pessoas resolvessem a questão, tão controversa, entre a ensinancia litteraria e a scientifica. Demais, a questão é tão grave que para concluir a presente introdução apenas se aventurarão algumas palavras mais.

A Gran-Bretanha admittre a mais absoluta liberdade de ensino. O Estado não possui estabelecimento algum de instrucção primaria nem mesmo exerce a menor superintendencia nos que forão creados sem a sua cooperação. Primeiramente, a educação nacional, bem como as outras instituições do paiz, foi fructo de iniciativa privada de individuos particulares. A instrucção primaria para a gente pobre, o que é de origem moderna, muitas vezes tem carecido de auxilio do governo, o qual, como em compensação disso, exerce por si um direito de inspecção nas escolas subvencionadas; porém a instrucção das classes abastadas dispensa adjutorios do erario, e portanto goza do direito, segundo os costumes inglezes, de não conceder nenhum favor ao Estado, de quem tambem nada recebe. A fundação dos collegios, onde se dá instrucção secundaria, ou de litteratura, deve-se, quer a legados pios de data ás vezes mui remota, quer a associações religiosas, quer mesmo a companhias financeiras, instituidas com intuito do bem do publico, ou finalmente, e o que offerece menos garantias ás familias, taes estabelecimentos podem ser empresas particulares, que talvez mais curem de grangear seus proventos financeiros, do que em prover as carencias moraes e intellectuaes de seus discipulos.

Em geral, esses institutos de ensinancia, que ainda são conhecidos pela sim-

ples denominação de *escolas de grammatica*, quanto mais antigas são, tanto mais fervorosamente se achão afferradas ao velho ensino classico. Os institutos modernos forão, pelo contrario, fundados com intuito de se satisfazerem as tendencias profissionais e industriaes.

Durante a idade media, o ensino das escolas não constava senão da litteratura grega e latina, e existindo apenas as sciencias, a lingua vernacula era muito menoscabada. Taes erão, ha quatro ou cinco seculos, as *escolas de grammatica*, e assim tem permanecido até o presente, salvo algumas alterações muito superficiaes. Na categoria de collegios, tanto em razão do numero de estudantes, como pela importancia dos recursos, que têm e da nomeada de que goza, prima o collegio de Eton, que em 1440 foi fundado pelo rei Eduardo VI. É perto do palacio acastellado de Windsor, a 36 kilometros de Londres, que se achão os sumptuosos edificios desta afamada instituição. Os inglezes adoptão, como principio de gestão administrativa, os seus estabelecimentos de instrucção publica não serem situados no centro de cidades. Eton em seu começo não foi mais do que um modesto externato, destinado a serem as crianças da vizinhança gratuitamente instruidas. Muito tempo depois, foi adquirindo boa nomeada e é por isso que figurão no livro mestre de suas matriculas os nomes mais aristocraticos da Inglaterra, como os de Roberto Walpole, Pitt, Fox, o marquês de Wellesly, lord Derby e o actual presidente do conselho de ministros, Mr. Gladstone. A testa do collegio achão-se um *provost* ou reitor, e sete *fellows* ou prebendados, os quaes, propriamente fallando, constituem o collegio. Não é que essas personagens tomem uns parte activa na ensinancia, pois são ecclesiasticos e antigos professores, condecorados com alta graduação universaria, e que administram os bens do estabelecimento, cobrando em prol delles proprios a melhor parte das rendas. Taes empregos servem de gratas aposentadorias e são pingues sinecuras. Esse receptaculo de anciãos não contribue pouco para se repellir dos estudos qualquer innovação, que for occorrendo. Como antigas creaturas da escola, que se substituem por meio da eleição, não comprehendem que possa haver nada mais perfeito do que a usança estacionaria, com que estão acostumados a se a juventude.

Sob a guarda respeitavel desse conselho, a direcção da escola pertence áquelle que, sendo chamado na Inglaterra *heat master*, alhures, ou em França se chamaria o principal ou reitor. Bem longe de ser de todo preocupado com a tarefa administrativa, o principal ou reitor do collegio não exerce apenas senão funções pedagogicas, sendo de costume ser elle mesmo um emerito professor de prima, o que não o embaraça de inspecionar os estudos das classes novicas. Os professores gozão, em suas cathedras lectivas, de uma independencia absoluta; pois que, não havendo grammas de estudos, tudo é regulado somente pelas tradições, de que não é licito disviar-se. O principal ou reitor, é quem nomeia os professores, e tambem pôde demittir-os; mas essas demissões são mui raras; porque taes escolhas são feitas com cordura e os inglezes, como ninguem ignora, respeitão muito os direitos adquiridos. Na falta de uma escola normal superior, ou de outra instituição que isso valha, se foi obrigado, para preencher as vagas, que occorrem nas cadeiras do professorado, a prevalecer-se de licenciados de Oxford e de Cambridge, os quaes, antes de entrarem para a corporação universitaria, devem ter cursado os estudos do collegio de Eton. Esses substitutos são ainda jovens e tem muita erudição classica, mas, sendo novicos na didactica, á custa da propria experiencia e exemplificando-se com seus collegas mais antigos, adquirem a habilidade profissional. Demais, o professorado na Inglaterra é uma

profissão tão bem remunerada, que não lhe faltão as capacidades de primor. Tanto em emolumentos regulares, como em beneficios accessorios, um professor de estudos classicos em Eton chega a conseguir uma renda annual de 40,000 francos: o principal ou reitor, recebe 120,000 francos, e mencionão-se salarios ainda mais avantajados em outras academias.

(Continua.)

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

(Vide o n.º antecedente.)

Constitue hoje uma Provincia.

*Posição astronomica.* Jazentre a latitud merid de 50' no *cabo do Gurupy* e 10° nas vertentes do rio Parnahiba ao N. da *serra das Mangabeiras*, e entre ao long occid de 44° 50' na fôz do Parnahiba, e 51° 49' na margem do Tocantins junto á fôz do Araguaia.

*Limites*—Ao N. confina com o Oceano Atlantico e ao Sul com a Provincia de Goyaz pelos rios Tocantins e Manoel Alves Grande e Serra das Mangabeiras: a L. com a do Piahy por todo o curso do rio Parnahiba desde a sua foz, pela barra principal, a das Canarias, até as suas nascentes na serra das Mangabeiras, ou melhor no contra forte, onde essa serra se liga com as do Piahy e Tabatinga: e a O. com a do Gram Pará pelo rio Gurupy.

Os limites d'esta Provincia, forão fixados pela primeira vez com o Pará no rio Gurupy.

Foi esta divisa alterada pelos Decretos de 20 de Agosto de 1772 e 3 de Maio de 1774 e Provisão de 9 de Julho do mesmo anno, passando a linha divisoria para o rio Turyassu.

Seguiu-se depois uma grande lucta, as vezes calorosa e quasi sempre de tactica moratoria, até que vencendo ainda uma vez a justiça e a razão, foi pelo Decreto n.º 639 de 12 de Junho de 1852 estabelecido o antigo limite, completando-se toda a linha occidental e meridional com a demarcação dos limites da Provincia de Goyaz pelos rios Tocantins Manoel Alves Grande e a serra das Mangabeiras, segundo consta do Decreto n.º 773 de 23 de Agosto de 1854.

Para este resultado muito trabalho teve o illustrado Senr. Dr. Candido Mendes d'Almeida, então Deputado Geral por esta Provincia, o qual muita luz derramou sobre esta questão no folheto que publicou—*«O Turyassu, ou a incorporação deste territorio á Provincia do Maranhão, Rio de Janeiro 1851.»*

A fronteira oriental da Provincia por onde confina com a do Piahy; tão natural e tão clara, parece que foi estabelecida pelos Decretos de 1772 e 1774 acima referidos, quando separados os governos das duas capitancias geraes do Maranhão e do Gram Pará, tendo esta por subordinada a de S. José do Rio Negro e aquella a de S. José do Piahy; por isso que da carta Regia de 29 de Julho de 1758, nomeando o primeiro governador da capitania subalter-

na João Pereira Caldas, na la constata, e ainda menos da de 10 de outubro de 1811, que totalmente izentou o Piahy da dependencia do Maranhão.

Lamenta o Dr. Candido Mendes de Almeida não ter obtido ainda a copia da Provisão do Conselho ultramarino de 1718, destacando da Bahia e Pernambuco e unindo ao Maranhão a parte do territorio do Piahy que ainda lhe não pertencia, cuja Provisão parece-lhe ser o Decreto, ou Alvará, a que allude em sua historia o Padre José de Moraes.

*Dimensões.*—A sua maior distancia de N. a S. é de 258 legoas desde a ilha Itacupy as nascentes do rio Parnahyba na Serra das Mangabeiras, e de L. á O 175 legoas da foz do rio Parnahyba (*barra das Canarias*) até ao local proximo á São Francisco em frente á confluencia do rio Tocantins e Araguaia.

A sua superficie tem pouco mais ou menos 16:000 legoas quadradas de 20 ao grão.

*Aspecto physico.*—Seo terreno é desigual e mui carregado de montanhas no interior da Provincia, porem são pouco elevadas.

Na beira-mar em geral o terreno é quasi plano.

É em grande parte cuberto de florestas, banhadas por diversos rios e igarapés navegaveis.

Pela simples vista do Mappa geographico d'esta Provincia, que se encontra no interessantissimo *Atlas* do Exm. Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida, e pelas observações das correntes dos immensos rios, que, como arterias, lhe cortão o corpo em diversos sentidos, nota-se evidentemente que o terreno da provincia tem dois declives geraes, sobre os quaes, semelhantes a planos inclinados, se deslisão essas correntes.

O primeiro declive, que occupa maior extensão, é o que tem sua origem nas cabeceiras dos rios *Parnahiba, Balsas, Itapecuru, Mearim, Grajahu* e outros, e que se derige para o Norte, onde se encontra com o Oceano atlantico.

O segundo tem seo principio nas nascentes dos rios *Manoel Alves Grande, Farinha, Sereno* e outros, caminhando do occidente, e em parte concorrendo para formar o valle oriental do Tocantins.

*Orographia.* As serras mais conhecidas são as do *Tautinga, do Itapecuru, do Parnahiba, do Valentim, da Desordem, da Negra, do Penitente, d'Alpercatas, Cinta, Canella, Corrados*, e outras, que se ligão á serra da mangabeira em Goyaz, ou cordilheira central.

*Hydrographia.* Os principaes rios são Tocantins e Parnahiba, Gurupy e Itapecuru, Mearim e Piadaré, Munim e Iguará, Tury-assu e Icatú, Manoel Alves Grande e Grajahu, Balsas, e Negro ou Preto, Pericumán, Curupú e outras.

(Vide estes nomes).

Continua.

Maranhão—1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## NOTÍCIAS.

## Chronica externa.

As datas de Assumpção alcançam a 30 do mez ultimo.

No dia 20 o Sr. Conselheiro Paranhos expedira ao Sr. Carvalho Borges o seguinte telegramma:

«Assumpção, 20 de Novembro de 1869.—S. A. o Sr. marechal do exercito Conde d'Eu, fica a ponto de fazer marchar de Curuguaty, uma das bases das nossas operações, a expedição que deve perseguir o inimigo. O general Camara tomou por base das suas operações a Conceição e conseguiu cortar os recursos de gado que Lopez tivera do norte, únicos que lhe restavam.

«O major Martins, com uma força de 40 homens, alcançou outra vez o coronel Canete, que tinha ordem de tornar ao mesmo ponto. Não se atreveu este a bater-se, abandonando armamento, munições, e, o que muito mais vale, toda a correspondencia de Lopez, escripta desde Caraguatay, á medida que ia fugindo.

«Della vê-se o plano de retirada e a desesperação em que está Lopez pela demoralisação da sua gente e falta de viveres. Ordenava elle que se espingardasse o chefe de partida que não arrebanhasse pelo menos 100 rezes.»

Estas noticias tiveram confirmação posteriormente, recebendo-se mais as seguintes:

«Assumpção 30.—O general Camara tinha partido da Conceição com mais 2,000 homens para destroçar uma força inimiga de 1,300 homens, ao mando do coronel Romero, que viera com o fim de surprender parte de nossas forças e arrebanhar gado na Pedernala.

«Sua Alteza era esperado no Rosario. «O tenente-coronel Guerreiro occupava Bella-Vista á margem do Apa.

«Dizem os ultimos passados que Lopez estava exausto de recursos, mantendo-se de farinha de côco e de caça, e que está a fies leguas de Iguatemy, entre os Indios, com 2,500 homens, em geral mal armados e municiados: a sua situação é tristissima.

«Por accordo do Sr. Conselheiro Paranhos com o ministro argentino Dr. Varella ia o general Polydoro reduzindo as nossas forças.

«O Dr. Varella tinha regressado a Buenos-Ayres.

«No porto de Assumpção tinha-se dado um conflicto á viva força entre o governo provisório e a canhoneira italiana *Ardita*, onde está homisiado o ex-consul Chapson, que tentou embarcar para Buenos-Ayres no vapor *Venezia*, levando pesados batus, os quaes foram apprehendidos para serem examinados, por se desconfiar que encerram dinheiro e preciosidades que o Sr. Chapson chamou a si, sendo simples depositario. A imprensa disso o accusou.

«O commandante do *Ardita* segundo dizem ameaçou bombardiar Assumpção, recusando entender-se com o governo paraguay, retendo a bordo um escalero dos agentes da capitania do porto.

«O general Osorio estava na Assumpção e seguia no *Alice* para Montevideo, onde reina socego.»

Foi o transporte *Galgo*, que trouxe para a corte estas noticias, sendo tambem portador da carta de um dos correspondentes do *Jornal do Commercio* em Assumpção, a qual damos em outro lugar, e nella encontrarão os leitores mais desenvolvidos todos estes acontecimentos. Verão tambem mais claramente exposto o conflicto que se deu entre o governo paraguay e a canhoneira italiana *Ardita*.

Sobre a missão do ministro argentino sabe-se agora que havia este chegado com o Sr. conselheiro Paranhos a um accordo para immediata retirada de uma parte proporcional dos exercitos alliados, isto é 12,000 brasileiros e 3,000 argentinos.

Este ajuste foi assignado n'um protocolo que publicaram as folhas do Rio da Prata, pelas quaes tambem sabemos

que ultimamente fôra assignado na corte um tratado de extradição com a republica Argentina. O protocollo foi publicado precedido destes documentos:

Buenos-Ayres, 1 de Dezembro de 1869.

«Sr. ministro.—Tenho a honra de comunicar a V. Exc. para que se sirva leva-lo ao conhecimento do Sr. presidente, que terminei a missão de que S. Exc. se dignou encarregar-me; junto o protocollo que foi celebrado e assignado na Assumpção a 24 do passado, com o Exm. Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario de S. M. o Imperador do Brazil, para redução das forças do exercito aliado em campanha contra o dictador do Paraguay. Remetto igualmente a V. Exc. cópia das instrucções que dei ao Sr. brigadeiro general D. Emilio Mitre, encarregando-o de dar cumprimento ao protocollo na parte relativa á redução do exercito argentino. Verbalmente recommendei ao dito general a maior actividade no desempenho desta operação imperiosamente exigida pelas necessidades do nosso paiz e reclamada pela situação do inimigo.

A redução do exercito brasileiro já começou. As forças do general Portinho marcharão sobre Itapua para serem licenciadas. O numero de navios da esquadra foi consideravelmente diminuido e actualmente não existem nas aguas do Paraná e Paraguay senão os indispensaveis para o serviço do exercito e occupação de Matto-Grosso.

Espero que S. Exc. o Sr. presidente approvará o meu procedimento em tudo conforme as instrucções que recebi ao partir de Buenos-Ayres.

Aproveito a occasião, etc.—*Mariano Varela.*»

«A S. Exc. o Sr. ministro da fazenda da republica Argentina Dr. D. José B. Gorostiaga, encarregado do ministerio dos negocios estrangeiros.

Buenos-Ayres, 1 de Dezembro de 1869.

Approva-se o procedimento do Sr. ministro dos negocios estrangeiros Dr. D. Mariano Varela, de que dá conta no seu officio precedente; agradeça-se-lhe em nome do governo pela intelligencia e zelo na importante missão que lhe fôra confiada e publique-se.—*Sarmiento.*—*José Benjamim Gorostiaga.*»

O governo argentino logo fez sahir alguns vapores para o Paraguay, afim de reconduzirem dalli as tropas que se retiram.

Accrescentam as noticias transmittidas pelo tel-grapho para Montevideo que os alliados deixam na Assumpção algumas tropas com as suas respectivas bandeiras, e que uma divisão do exercito brasileiro fica no Rosario para observar os movimentos do inimigo. Quanto a este, diz-se achar-se atrás das serras de Caaguazu no territorio dos indios, enquanto toda a população que lhe pôde escapar allue para a Assumpção.

RIO DA PRATA.—Segundo um telegramma de Buenos-Ayres eram alli esperados a 15 do corrente, de volta do Paraguay, S. A. o Sr. conde d'Eu e o conselheiro Paranhos. O telegramma refere-se a cartas chegadas de Assumpção, mas cujo valor ignoramos. O governo argentino creou uma medalha de ouro e prata para os officiaes e soldados da guarda nacional que fizeram a campanha do Paraguay.

Na provincia argentina de Santiago houve uma tentativa de assassinato contra os celebres Taboadas. Ia proceder a inquiritos judicial sobre o facto. No Rosario de Santa Fé rebentou um revolução que foi suffocada pelo governo provincial.

No Estado Oriental fizeram-se a 28 as eleições sem perturbação da ordem publica, triumphando por consideravel maioria os candidatos do governo.

O governo foi autorizado pelo corpo legislativo a chamar propostas para construcção de pharões no Cabo de Santa Maria e no Banco Inglez, cobrando-se para seu custeio um imposto de quatro centesimos por tonelada que os navios pagariam para cada pharol.

## Chronica urbana.

NOVO COLLEGIO.—Na secção competente do jornal, publica-se o programma de um novo collegio, que começará a funcionar á 7 de Janeiro proximo, na quinta Olinda, no caminho grande, sob o titulo de *Collegio da Immaculada Conceição*, dirigido por trez ecclesiasticos.

## VARIEDADES.

## Os conventos julgados pelos protestantes.

Continuado do n. 30.

## Os monges como proprietarios.

Todos os fructos nascem da terra. Alguem a deve possuir. A esses que a possuem pertence a distribuição dos productos d'ella. Se estes productos, resultado do trabalho do povo, são por este repartido de tal modo, que concorram para a manutença boa e barata, a sociedade de-verá ser feliz. Se os productos são alienados em grande parte, se são transportados para logares mais distantes, e consumidos entre aquelles, que não concorreram para agricultal-os: então a maior parte do povo não pode deixar de ser miseravel.

Ora uma das maiores vantagens dos Mosteiros era que elles destinavão, por necessidade, arrancadas da maior parte das suas terras, para serem consumidas n'aquelles mesmos logares da provincia em que foram agricultados. As Religiões hospitaleiras, e outros estabelecimentos faziam o mesmo. E ao todo, termo medio, havia em cada condado, entre grandes e pequenos, não menos de cincoenta d'estes estabelecimentos: assim os fructos da terra eram logo distribuidos pelo povo em geral. Nós todos conhecemos bem que o estado de uma parochia muda de repente para peor, quando algum nobre ou proprietario se ausenta, e deixa as casas fechadas.

Não ha minguem que não conheça quando esta ausencia influe no augmento do tributo para os pobres. É notorio que a não residencia do clero, dos nobres, e dos proprietarios, distinctos se lamenta geralmente como sendo a causa da pobreza, que se observa nas provincias. Um dos maiores argumentos a favor da severa lei das contadas é, que a caga excita os nobres e os ricos á residencia local. Quaes não seriam pois as vantagens de vinte Mosteiros ricos em cada condado, repartindo sempre com abundancia parte de suas vendas nos mesmos sitios?

A grande causa da misericórdia na Irlanda, presentemente, é a ausencia dos proprietarios, que transportam para longe as suas rendas, e as vão gastar em outros paizes.

Se a Irlanda tivesse ainda os seus setecentos, ou oitocentos conventos, entre grandes e pequenos, ella se acharia, como antigamente, prospera e feliz. Não soffreria fomes regulares, nem typos fataes; nenhuma necessidade de leis para d'esde o anoitecer até o amanhecer, nem Capitação Rokl, nem projectos para obstar ao maior numero de nascimentos, nenhum plano para se desembaraçarem do excesso da população; nada dessa pobreza e aviltamento, que ameaça fazer d'este paiz um deserto, ou *empregar os meios para a destruição na grandeza de Inglaterra.*

Alguem ha de possuir as terras; a questão porém consiste em averiguar se é preferivel, que ellas sejam possuidas por aquelles que já sempre, já muitas vezes, como lhe apraz vivem a grande distancia das suas terras, e tiram d'alli as rendas para as gastarem onde habitam. Os monges eram, por muitos, chamados zangãos. Taner mostron, que esta accusação era inteiramente falsa; mas ainda que fosse verdadeira, não é tão bom um zangão com capello, com um zangão com chapéo, ou com botas de canhões? São reputados por zangãos aquelles, que não trabalham, e acaso os grandes proprietarios de terra trabalham? Os proprietarios leigos, e as suas familias gastam mais de suas rendas em objectos, que

não são proveitosos ao povo, do que os monges poderiam consumir.

Mas além d'isto, e além da hospitalidade, e da charidade dos monges, mais ainda, além da pretensão legal que a maior parte do povo tinha directa, ou indirectamente em muitos casos á parte das rendas dos mosteiros, nós devemos considerar os Monges e Monjas no verdadeiro ponto de vista de sua capacidade, como proprietarios. Todos os historiadores de qualquer modo protestantes ou malignantes, concordam em que os Monges eram proprietarios accessiveis, que arrendavam as suas terras por preços muito commodos, e por muitos annos; de modo que, até *Hume* diz: os rendeiros se consideravam como uma especie de proprietarios, tendo sempre o cuidado de renovar os seus arrendamentos, antes de acabar o tempo; e não havia algum bem n'uma tal classe de proprietarios? Não faziam elles com que natural e necessariamente, posto que a passos lentos, houvesse proprietarios? Não faziam elles com que existisse uma verdadeira classe de lavradores abastados, independentes da aristocracia? E não foi esta classe destruida pela *Reforma*, que logo lhes vantou as rendas a um preço exorbitante, a tornou absolutamente dependente, como vimos em nossos dias? E foi esta mudança favoravel á liberdade politica?

Os Monges nada podiam possuir em particular, não podiam guardar o dinheiro, não podiam testar, gozavam, em quanto existiam, das commodidades proprias do seu estado e nada mais: Elles viviam, recebiam, e gastavam em commun. Não era necessario, que os historiadores nos viessem dizer, que os monges eram babéis, senhores; assim o deviam ser, a não queremos dizer, que a natureza tenha retrogradado expressamente a respeito das suas commodidades. E não era feliz a nação, que possuía uma tal classe de proprietarios? A que excessos da alegria não se entregavam hoje os fazendeiros em Inglaterra, se amanhã apparecesse uma similhante classe, que os livresse das mãos do fidalgo estragado e pobre, e das exigencias do avaliador de suas terras?

Além disto, consideramos os conventos em alguns dos mais importantes negocios, como sustentaculos d'aquella estabilidade, que tanto se conforma com a rectidão moral, e que não, concorre menos poderosamente para a prosperidade publica e particular. Os Mosteiros eram proprietarios permanentes, os rendeiros tinham a tratar sempre com o mesmo senhorio; as suas terras, e casas nunca mudavam de possuidores, e era poristo que os rendeiros não estavam expostos a nenhuma d'essas vicissitudes, a que sujeitos os de outros proprietarios.

Os seus Carvalhos nunca tremiam aos golpes do machado do herdeiro pobre; não havia o mais leve receio de que as quintas mudassem de senhores; os habitantes das suas aldeias, todos tinham nascido e sido educados debaixo de suas vistas e cuidados; o caracter das congregações era cousa de grande ponderação, e como tal deveria ser naturalmente objecto de grande attenção.

Qualquer mosteiro, composto de uma corporação de homens ou mulheres, sem cuidados sobre o que era seu, e com prudencia para dirigir o incanto, e meios para socorrer os miseraveis, era nos sitios o centro de uma população, convergindo naturalmente para elle todos os que necessitavam de allivio, conselho, e protecção.

E foi uma boa cousa roubar e assolar estes estabelecimentos, foi *Reforma* prodigalisar propriedades; de que se fazia um tal uso, passando-as para as mãos de leigos, que nem queriam, nem podiam, nem ainda que podessem, fariam a minima parte d'esses actos de benevolencia; tambem de publica utilidade, que naturalmente provam das Instituições Monasticas?

**Conversão.**

—Um dos homens eminentes da Allemanha, Mr. Reinhold Baumstark, conselheiro do tribunal de Constância, acaba de se converter á religião catholica, fazendo a sua abjuração do protestantismo no dia 30 de Junho. Causa notavel diz o *Monde* foi o estudo da historia, da litteratura e da arte hespanhola que operou esta conversão. O convertido é o autor da celebre brochura: *Pensamentos de um protestante por ocasião do concilio*, que fez época na litteratura allemã, e que já teve mais de dez edições.

Em presença das desgraças de sua patria, conclue mui opportunamente o jornal religioso de Paris esta noticia: os hespanhoes devem encontrar um motivo de consolação e de esperança d'esta conversão inspirada pelo genio de sua nação.

**Crucificado.**

—Lê-se na folha franceza *L'Echo de l'Aisne*:

«Um cigarreiro de Chateau-Tierry, atacado de uma monomania religiosa, tentou crucificar-se ha dias.

Este homem, casado e pai de familia, foi encontrado na sua loja, pregado na cruz que tinha feito de cabros velhos.

A' imitação de Jesus Christo, o pobre monomaniaco tinha pregado os pés e uma das mãos; se a outra mão não estava pregada não era porque não tivesse feito as diligencias para isso, porque antes de se collocar na cruz tinha tido o cuidado de furar as duas mãos.

Os pregos de que este desgraçado se servio assemelham-se aos que a tradição designa que serviram ao crucifícamento do Christo.

A victima deste acto de demencia está no hospital, onde se espera cural-o para ir cuidar do seu trabalho, do qual tanto carece a sua familia.

**Casamento entre mulheres.**

—Os tribunaes da republica do Chile acabam de julgar um processo curioso.

O jornal *El Mercurio* diz sobre elle o seguinte:

«Santiago, Junho de 1869.—Teve o seu desenlace o pleito do famoso matrimonio, celebrado ha 14 annos, entre duas mulheres, fingindo-se uma de homem nesse longo espaço de tempo, durante o qual trouxe enganada a sogra e todas as pessoas da familia.

«Chamadas aos tribunaes, persis-

tiram em declarar-se marido e mulher.

«O juiz mandou por facultativos reconhecer-as, e a vista das suas declarações foi declarado nullo o casamento.

**O jornalismo em França.**

Publica-se em França actualmente 581 jornaes: 30 são politicos, 77 catholicos, 22 protestantes, 7 juridicos, 29 relativos á instrucção publica, 99 dedicados á jurisprudencia, 16 consagrados á administração, 46 medicos, 16 militares, 60 especiaes da agricultura e horticultura, 67 das bellas artes e theatros, 22 de caminhos de ferro e minas, 29 das finanças, 4 da maçonaria, e 9 do espiritismo, etc., etc.

**COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO.**

(QUINTA—OLINDA, NO CAMINHO GRANDE)

**Internato para alumnos de menor idade.**

Á 7 de Janeiro de 1870, abrir-se-ha um novo collegio, sob o titulo de COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, destinado á educação e instrucção de alumnos de menor idade, confiados a direcção de ecclesiasticos seculares.

O programma deste novo collegio tem as seguintes bases:

1.<sup>a</sup> Dar á infancia a educação litteraria sufficiente á adaptal-a a seguir os cursos superiores de instrucção.

2.<sup>a</sup> Desenvolver-a segundo os preceitos modernos da pedagogia, modelando-a pelos methodos mais avançados e seguidos.

3.<sup>a</sup> Disseminar a instrucção por pregos reduzidos, proporcionando assim aos Pais de Familias, ainda de escassa fortuna, meios de educarem seus filhos com mais commodidade.

4.<sup>a</sup> Promptificar os alumnos em breve espaço de tempo, de modo que, ultimando seus estudos preparatorios ainda com pouca idade, possam tambem concluir sua instrucção superior em poucos annos.

5.<sup>a</sup> Limitar á uma só a classe dos alumnos—internos, afim de que sobre elles se exerçam os cuidados e disvellos da direcção.

Para consecução desses fins adoptam-se as seguintes:

**CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:**

1.<sup>a</sup> Que o alumno tenha no maximo 14 annos incompletos. (Não deve ser menor de 7 nem maior de 14 annos).

2.<sup>a</sup> Que não soffra molestias contagiosas.

3.<sup>a</sup> Que seus Pais, tutores, protectores, ou correspondentes se obriquem: 1.<sup>o</sup> Pela mensalidade de 25\$000, paga adiantada, no começo de cada mez; 2.<sup>o</sup> fornecer-lhes os objectos constantes da tabella annexa; 3.<sup>o</sup> obrigar-se pelo seu curativo no caso de prolongamento de enfermidade por mais de 4 dias.

4.<sup>a</sup> O collegio, mediante essas condições, dá ao alumno:

1.<sup>o</sup> Instrucção primaria, secundaria, e religiosa, segundo o plano dos estudos.

2.<sup>o</sup> Alimentos sãos, solidos, e abundantes em trez refeições diarias.

3.<sup>o</sup> Medico, botica, e curativos por quatro dias.

4.<sup>o</sup> Roupa lavada e engomada, constante do enxoval exigido.

5.<sup>o</sup> Corte de cabellos, banhos doces ou salgados conforme exigir o accio ou salubridade.

6.<sup>o</sup> Mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa, e utensilios da meza.

*Tabella dos objectos que cada alumno deve trazer no acto da admissão:*

ROUPA BRANCA. 4 camisas, 4 toalhas, 6 coroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 2 sacos para roupa suja.

ROUPA DE CÔR. 8 camisas, 6 palitots, e 6 calças de brim pardo, 4 cobertas de chita escura.

ROUPA PRETA. 1 Fato preto completo, e 2 gravatas.

CALÇADOS. 1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.

PARA ACERÓ. 1 cama de ferro, 2 travesseiros (um maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente de alisar, 1 dito fino, e 1 thesoura.

**PLANO DE ESTUDOS.****Instrucção primaria.**

1.<sup>o</sup> grão: Ler, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.

2.<sup>o</sup> grão: Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical; elementos de geographia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia: desenho linear; arithmetica; doutrina christã.

**Instrucção secundaria.**

Grammatica geral.

Latim inferior.

« superior.

Francéz.

Inglez.

Geographia.

Historia Universal.

« do Brazil.

Mathematicas elementares.

Philosophia.

Rhetorica.

**Instrucção religiosa.**

Para os alumnos de instrucção primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrucção secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gaume.

As disciplinas do curso primario e secundario, e a instrucção religiosa são leccionadas pelos directores, que chamarão professores idoneos quando as necessidades do ensino exigirem.

**BELLAS ARTES.**

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc) mediante ajustes particulares com os srs. encarregados dos alumnos.

**LOCAL DO COLLEGIO.**

O COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO achase fundado na quinta —Olinda—no caminho grande, fóra do circuito da cidade de San Luiz do Maranhão.

O local offerece todas as garantias para hygiene e salubridade dos alumnos.

Dispõe o collegio de vasta e excellente quinta, agua corrente, tanque para banhos, arvores fructiferas, jardim, bosques, e lugares de recreação. É todo murado de pedrã e cal.

Distante menos de quarto de legua da cidade, o collegio proporciona assim mais momentos de estudo ao espirito arredado do tumulto urbano.

Sob a direcção de ecclesiasticos affeitos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos seus encargos, e fundaram este collegio proprio, com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empresa, collocada sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera toda a coadjuvação dos Srs. Pais de Familias.

Pode ser visitado o collegio á qualquer hora do dia á vontade dos concorrentes.

Recebem-se alumnos desde já, porém as matriculas abrir-se-hão á 3 de Janeiro proximo, começando as aulas á 7 do mesmo.

Maranhão 27 de Dezembro de 1869.

Os Directores,

PADRE—THEODORO ANTONIO PEREIRA DE CASTRO.

« —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.

« —RAYMUNDO DA PURIFICAÇÃO DOS SANTOS LEMOS.

San Luiz—Typ. PERSEVERANÇA, impresso por Antonio A. de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 6 DE JANEIRO DE 1870.

### A carta do padre Jacintho.

Quando appareceu na imprensa europeia a celebre carta do padre Jacintho, todos os jornaes de mais voga e circulação a publicaram com mais ou menos commentarios.

O guarda avançada do protestantismo britannico, Goliath da imprensa universal, o *Times* estampou-a, precedendo do seguinte artigo:

A carta do padre Jacintho ao geral dos carmelitas descalços em Roma deve ter produzido grave effeito no espirito do papa, no momento de sua satisfação pela triumphal repulsa que Sua Santidade se considera competente para infligir ao mundo protestante, em sua missiva apostolica ao dr. Cumming, da Escocia, pelo orgão do arcebispo catholico de Westminster.

O bom pontifice como que exultava ao discorrer sobre a indissolvel unidade e indestructivel vitalidade de egreja, de que é chefe visivel, comparando-a ás incessantes mudanças e instabilidade das *reuniões de individuos*, que, temerosos de sua vigorosa autoridade, correm desviados pelo caminho do erro, privados de segurança e guia moral e religiosa.

Os estramalhados do redil são convidados a ver, em toda a evidencia, a completa harmonia e concordia da *única egreja* exhibida no concurso de todos os crentes ao concilio ecumenico que se vai reunir, e exprime a esperança de que o espectáculo da edificante assembleia fará voltar os filhos prodigos á casa do pai com elles sempre presente.

A carta do padre Jacintho de nenhum modo é para perturbar a serenidade daquelle *paraíso de todos*, seja dito sem irreverencia, no qual o espirito do papa é enleado por falsas partes de seus conselheiros jesuitas. O padre Jacintho, como sem duvida deve saber o leitor, é o mais inspirado orador sagrado que na França se tem ouvido, desde os dias gloriosos de Massilon e Bordaoue. De profunda convicção, e temperamento capaz de enthusiasmo, tem sabido sondar as profundezas do espirito aparentemente futil e leviano do mundo parisiense, e abalado o auditorio reunido sob as douradas abobadas de Santa Magdalena, ou as soberbas naves de Notre-Dame, produzindo-lhe emoções de que já não parecia susceptivel esta geração folgazã e zombeteira.

A doutrina do padre Jacintho era christã, sustentada com a maior energia e accentuação, e todavia incorreu em suspeita de não ser a do papa, sendo que toda a influencia do geral de sua ordem e do arcebispo Derboy, para quem debalde ha Napoleão solicitado o barrete de cardeal, não alcançou impedir os effeitos das maleficas suggestões dos jesuitas, que denunciavam e accusam o *Carmelita descalço* como criminoso do que chamam heresia politica, ou, para usar das proprias palavras do padre de — «voto de pôr-se fim ao divorcio tão impio quanto insensato que Roma procura manter entre a egreja, nossa mãe na eternidade, e a sociedade do seculo XIX, cujos filhos somos no sentido temporal, e para quem temos também deveres e sympathia.»

Por fim, desamparado daquelles preclaros superiores, devido isto, como suppõe, «às intrigas de um poderoso partido em Roma», o padre Jacintho

desce de seu pulpito em Notre-Dame, e deixa seu convento em busca daquelle *santa liberdade* que debalde procurou no claustro.

O padre Jacintho sahe pelo mundo catholico, mas em guerra aberta com «as doutrinas e praticas chamadas romanas; com o falso catholicismo, que ha sido a principal causa da anarchia moral, social e religiosa em que vivem em geral as raças latinas, e a França em particular.»

Ahi temos revivido Bossuet e o velho gallicanismo. Temos em França um puro elemento religioso mirando emancipar-se da tyrannia romana, ao mesmo tempo que Pio IX espera pelo voto do concilio ecumenico para apertar os grilhões em que traz preso o mundo catholico.

A seisão deste carmelita, aliás temente a Deus, não parece ser facto isolado. Um audaz e franco espirito de resistencia ao que se chama pretensões latinas, como temos visto, desenvolve-se na Alemanha, onde, n'uma conferencia de bispos em Fulda, ficou resolvido que nada se devia deixar de tentar para prevenir que a questão da infallibilidade papal seja submettida ao concilio, e a imprensa catholica altamente nega toda identidade entre o catholicismo e o papado, e proclama que a egreja não se deve oppôr á liberdade moral, intellectual e politica: ao revez disto, acorrala e abençoa-a.

Os allemães não são levados pelo seu caracter ardente a desdenhar da possibilidade de serem vencidos em numero pelos latinos membros do concilio.

Mas não é a primeira vez que os clérigos allemães se acharão em minoria; não obstante foi a seu autor á verdade e firmeza de proposito que metade do mundo deveu sua emancipação moral e intellectual; e não é impossivel que o scisma do sul da Alemanha complete a obra iniciada ha tres seculos, que se chamou a heresia norte-allemã.

Desde o começo advertimos a possibilidade de uma seisão na egreja, entre os elementos latinos e não latinos. Os padres italianos e hespanhoes, e parte dos francezes, de boa vontade identificam sua causa com a do absolutismo papal, e, sem duvida, estão seguros de que nas deliberações do synodo seus votos regularão na razão de tres para um; mas, como muitas vezes se tem observado, *votos não se contam, pesam-se*, e o papa não pode cegar-se a ponto de não ver que ao passo que seus adversarios teutonicos são sustentados pela veneração de um povo, para quem a crença é de alguma sorte uma necessidade, a phalange de seus bispos latinos nada tem além de si mesmos; pois que toda a fé na França, na Hespanha, e especialmente na Italia, minadas por seculos de cynico paganismo e zombeteiro scepticismo, ultimamente tem sido conculcada n'uma furiosa luta contra a politica de oppressão, que encontrou seu principal esteio na tyrannia ecclesiastica.

Em França, Hespanha e Italia o papa pode não ver nada além de uma amarga opposição nas classes pensantes, e lethargica apathia e passividade nas classes inferiores. Mas a audaz attitudo desse altivo carmelita descalço revela nova phase na vida franceza, para á qual o mundo apenas se achava preparado.

E na vespera da reunião do concilio surge a possibilidade de um outro antagonico concilio, «verdadeiramente unido pelo Espirito Santo, e não pelo espirito de partido; realmente representando a egreja universal, e não o silencio de alguns e a oppressão de outros.»

Julgando da impressão produzida no

povo francez com a publicação da carta do padre Jacintho, poderíamos dizer que não é impossivel ver-se reunido esse concilio rival, para lançar as bases do novo catholicismo, que ha de acabar com o romanismo. Dissidentes das doutrinas do papa e inimigos de sua autoridade, antes de agora, tem estado na egreja romana, em Roma mesmo.

Mas na apostasia de homens como o padre Passaglia ou cardeal Andréa o mundo não viu senão pequenas explosões de mundano despeito e ambição mallograda.

Se ha crente na Italia é só o papa: Passaglia e Andréa não miravam com sua seisão a convicções, nem plano, nem concepção. O padre Jacintho, no entanto, dirige-se a um assumpto definido: parte de principios fixos: impõe-se a uma tarefa praticavel. «Este concilio, diz elle, não é obra de Deus. Pela primeira vez depois de 300 annos um concilio ecumenico é julgado necessario. Necessario para que? Qual seu alto proposito occulto e conhecido objecto? É para separar Deus do homem — dar força á uma autoridade divina repugnante á natureza humana.»

O padre Jacintho protesta contra Roma, «radical e assustadora opposição á natureza humana, offendida e indignada por falsos doutores em suas indestructiveis e santas aspirações. Protesta «contra a perversão do Evangelho do Filho de Deus, cujo espirito e letra são calcados aos pés pelo pharisaismo da nova lei.» N'outras palavras protesta contra as encyclicas e syllabarios papaes. Aspira edificar a religião na liberdade, que, segundo o apostolo S. Iago, é a propria lei do christão.

É só ao papa a quem damos graças por tudo isto. Somente a elle ou a seus conselheiros jesuitas devemos o padre Jacintho. Sem sua feliz ideia de um concilio ecumenico teria este continuado no desempenho de seu sagrado ministerio, ocasionalmente fazendo estremer seu *escolhido e elegante* auditorio ao fulminar os raios da verdade, que transluzia nelle, todavia supportando o jugo a que os annos o haviam acostumado, e conseguindo ser considerado «um luminar da egreja, pela qual agora será considerada *bota fogo*.»

«Sois como uma preciosa e conspiciua pedra da cornija de nosso edificio», dizia o papa a Passaglia, quando exhibiu os primeiros symptomas de defecção: «mas andae cego de ambição; sereis agora arrancado de vossa elevada posição, e arrojado ao pó e lixo da terra.» S. Santidade difficilmente cuidaria de dirigir igual reprimenda ao padre Jacintho. Sua carta não é producção de um inquieto espirito mundano; é a effusão de uma calma ardente, a primeira enunciação de uma palavra que pode achar eco — de uma palavra que pôde abrir caminho, crescer e fructificar.

### INSTRUÇÃO PUBLICA.

#### O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

(Continuado do numero antecedente.)

Passando-se agora a examinar o que são os estudantes desse magnifico estabelecimento, primeiramente ha os porcionistas, ou estudantes régios (*kings scholars*). Isto é, pensionarios que cobrão do bolsinho do rei. Era em proldesses que outr'ora o collegio fôra creado, mas desde muito tempo elles estão n'uma condição mais secundaria; pois que morão n'um edificio separado, trajão vestimenta especial e vivem tão segregados das outras classes de estu-

dantes que não brincão, nem mesmo nas horas de recreio geral, senão com os companheiros da sua grei: também se diz que elles estudão com particular applicação. Os outros estudantes exactamente fallando, são externos, bem que em condições mui differentes das dos lyceos francezes. Uma escola universitaria ingleza se parece com uma aldeia; no centro está o edificio para as diversas aulas, e em torno desse se aggrupão a capella, a bibliotheca que de dia sempre está aberta, a casa do reitor, o alojamento dos porcionistas, e as moradas dos professores. Esses, quasi todos, estão autorizados a manter seus pensionatos particulares, em que recebem, uns seis alumnos e outros de 40 até 50, os quaes alumnos, sendo considerados como pupillos, ficão hospedados nas moradas desses taes seus tutores de educação, que os alimentão, zelão e instruem, durante todo o tempo do curso de estudos. O menino assim admittido na casa de um professor, que desde logo fica sendo seu tutor e explicador, ahi respira a vida de familia e goza de agasalho tão carinhoso, como em casa de seus pais. Senta-se á mesa de commun com a esposa e filhos de seu mestre. Cada um de taes pensionistas occupa um cubiculo, em que de noite dorme e trabalha de dia, e onde pôde receber seus camaradas, tendo toda a liberdade de sair e entrar, pois que nunca se fecha a porta. Fôra das horas pontuaes de refeição, de aula e de explicação, os estudantes a seu talento brincão quando querem e estudão nas occasiões mais commodas. Um dos feitos dessa organização escolaristica consiste em custar tão caro a educação, que o collegio de Eton não é accessivel senão aos filhos das familias opulentas. Tudo comprehendido, a despeza annual do estudante excede de 5,000 francos. Os proprios porcionistas têm por diversas causas de pagar, por anno 1,200 francos pelo menos.

Dessa maneira, os discipulos de Eton só sahem da classe superior da sociedade britannica. Pergunta-se se taes jovens para alli vão com intenção de se applicarem e de se consummarem no que costuma-se chamar estudo profundos? Isso tanto mais que ás vezes os pais dão bem pouca importancia á instrucção. Mândão seus filhos para Eton com o proposito dos meninos la receberem a educação de um *gentleman*, ou cavalheiro da alta sociedade, contrahirem relações que lhe virão a ser uteis no curso da vida, formarem o caracter e, por assim dizer, se encarnarem com as tradições da grei aristocratica. São só os porcionistas, que nas universidades e nos concursos sustentão a honrosa nomeada do collegio. Na falta de uma cultura intellectual, que fosse esmerada, essa mocidade, que já está iniciada na existencia, algum tanto frivola, da alta sociedade, dedica-se com fervor aos exercicios athleticos. Os divertimentos sedentarios dos salões, e com especialidade os jogos de cartas, são severamente prohibidos; mas outros divertimentos, que se exercem fôra de casa, como os jogos da pella e principalmente do *cricket*, o que vem a ser o arremessarem-se a certos pontos bolas de pão por meio de especie de grandes palmatorias, manuseadas pelos jogadores, e mais o saltarem-se balões areostaticos e o competir-se em regatas, todos são acorçoados pelos professores mesmos e gastão muitas horas do dia. Não é que taes divertimentos estejam facultados pelo estatuto collegial; mas uma usança inveterada impõem a todo o estudante o de-

ver de a isso se prestar com assiduidade. Duas ou tres vezes por semana, ao meio dia cessão os estudos e se emprega o resto do dia em exercicios corporaes. Uma vez por anno, as principaes escolas academicas da Inglaterra se emprazão para as ribas do Tamisa, onde, como em circo de torneio, rivalizão umas contra as outras, quer na liga relvada do jogo *crickete*, quer pelas regatas no rio, e os jovens, que sahem vencedores dessas lutas solemnes, tornão-se em heróes daquelle actualidade e ficão sendo tanto ou talvez mais invejados do que os laureados nas palestras philologicas.

Pareceria urgente haver nesta sociedade infantil, uma disciplina tanto mais severa quanto é maior a liberdade do que gozão os educandos. Importa em primeiro lugar observar que se enganará quem, pela indole dos meninos das mais nações, pretender ajuizar dos costumes das escolas inglezas. Os calouros de Eton já chegão á escola compenetrados de um respeito innato da entidade de regulamento, o que é um dos traços característicos da nação; e por isso se pôde dizer que não se dá abalo de transição no facto do menino passar de sua casa paterna para a do tutor pedagogico, o qual continúa com as usanças de familia, procedendo sómente com certa firmeza, quando fôr necessario ás vezes. Entretanto, sempre é mister que de certo modo haja alguma superintendencia. São os mesmos estudantes, que se vigião uns aos outros, tendo os mais velhos autoridade sobre os novatos. Os monitores ou decurhões, são alumnos de classe mais adiantada e discipulos immediatos do reitor, o qual geralmente já lhes tem infundido o seu espirito de reger. Essa ephemera autoridade, conferida a alguns pensionistas, não é penosa, nem contraria o melindre dos seus camaradas; pois que, os que ora são inferiores, dahi a um ou dous annos virão a ser chefes. O que não deixa de parecer um pouco estranhavel, é que o systema nonitorial seja efficaz, ou que, se na realidade o é, não degenera n'uma tyrannia, que seria moi vexatoria, pois que se exerceia a puro arbitrio e sem repressão.

Um outro abuso, o *fagging* cuja deploravel existencia ficou bem evidenciada no inquerito da ultima commissão, não é senão uma consequencia toda natural desse regimen de liberdade. Todo o estudante de aulas noveis torna-se criado famulo de um outro condiscipulo mais provecto, e portanto desempenha os recados de seu amo, carrega-lhe os livros para a aula, escova-lhe a roupa, e, o que muito peor, durante as horas de recreio assiste, como humilde pagem, aos exercicios athleticos. Pela mais leve infracção desse código de cortezania escolastica, sancionada pelos avoengos, o coitado do *fag* é espancado sem poupança. É isso mais um abuso de direitos de antiguidade, que não mero triumpho da força bruta, nem por isso deixará de ser uma snjeição abominavel. Porém os mestres, em parte, não serão causa dos máos tratamentos, que os provectos praticão para com seus condiscipulos mais novatos? Em França, os castigos corporaes são reprovados, porque considerão-os aviltadores; mas na Inglaterra semelhante pratica é conservada com uma espécie de veneração. Ainda não ha muito tempo que os pedagogos, mais bem conceituados, sustentavão que a surra de azorrague é o castigo mais equitativo, que se deva infligir. Por prudencia, se acabou de resolver que o monopolio dessa correcção brutal ficasse reservado só para o reitor. Parece bem certo que, graças ao progresso dos costumes publicos, um tal uso irá decabindo cada dia mais até em breve se acabar de todo.

Tendo-se acabado de ver o que, como regimen interno, é a escola mais celebre da Gran-Bretanha; convem passar-se a dizer quaes os resultados obtidos por um tal modo de educação. Primeiramente, seja lembrado que os estudos

alli conservão, com cega fidelidade, as feições sedicãs da idade média.

O ensino tem por ponto de partida os seguintes principios: em primeiro lugar, que a educação deve ser geral e não profissional. Em segundo lugar, que a litteratura e não as sciencias, é que deve ser della a base; e em terceiro lugar, finalmente, que o melhor instrumento de uma educação litteraria é a litteratura grega e a litteratura latina. Sendo, pois, o latim e o grego o fundo do ensino, é a unica parte dos estudos, que professores e discipulos tratão com honroso acatamento; mas ainda assim essas linguas são ensinadas por methodos imperfeitos. As linguas vivas, e a propria lingua nacional, são abandonadas a estudos livres, a que por acaso os estudantes se applicarem voluntariamente. O escolar de Eton traduz de improviso quasi todas as grandes obras da antiguidade, mas nenhum professor lhe falla de Shakspeare nem de Byron. Portanto, não é de admirar que só date de 1834 o terem as sciencias mathematicas sido admittidas no regular e obrigatorio—curriculo de estudos. Também ainda ha bem pouco tempo que os professores de sciencias alcançãõ ser equiparados aos seus collegas de bellas letras, os quaes lhes negavão o jus de trajar beca magistral. Talvez que o mencionar disso pareça uma minuciosidade de bagatela, mas num paiz, onde as formalidades valem de tanto, essa tal bagatela é muito significativa. Quanto ás mais, a ensinança scientifica tal e qual a entendem nesse venerando instituto, não tem nada de espavorir ás tradições classicas. A arithmetica limita-se a monotonos exercicios de contas, e a geometria respettosamente se encerra no velho texto de Euclides, que o discipulo aprende de cór, resultando disso á sua memoria mais honra do que proveito á sua intelligencia. O mudar-se uma palavra da traducção do geometra grego, que está admittida, ou o modificar-se a fórma da figura, a que a demonstração se refere, aos olhos do professor seria uma falta. As sciencias physicas ainda são tratadas peor; pois que, á guiza de recreação, dellas se exhibem experimentos em cada quinta-feira. Um professor, costuma vir de Londres de proposito para dar aos discipulos, que querem pagar, uma prelecção, ora sobre a optica ora sobre a electricidade. Os experimentos constituem a maior importancia disso, que se pôde chamar scenarios de physica divertida; mas se se busca qual seja o proveito, que o escolares de Eton possão auferir de uma ensinança scientifica de semelhante genero, então se deve confessar que os segredos da natureza continuarão a lhes ficar reconditos. Vale isso tanto, como se lhes tivesse entregado livros scientificos, illustrados com estampas coloridas.

Se ao que fica dito se acrescenta que as universidades continuão, em escala um pouco mais elevada, com a emperada usança estacionaria das escolas secundarias, pasará saber-se que os homens, mais recommendaveis da Gran-Bretanha, se contentão com essa ensinança. Entretanto, os jovens que de taes estabelecimentos sahem na idade pouco mais ou menos de dezoito annos, ainda não se achão cabalmente preparados para cursar os estudos universitarios: o primeiro anno de entrada em Oxford ou Cambridge passa-se emprehender as lacunas, provenientes da prévia ensinança preparatoria de instrucção secundaria. O alumno de Eton, quando sahe do collegio, apenas sabe latim, um pouco de grego, aprendeu de cór o seu compendio de arithmetica e alguns theoremas de Euclides, e nada mais, é portanto não está em estado de poder se matricular nas grandes escolas do governo, como Woolrich e Sandhurst, nem sabir-se bem d'um exame de sufficiencia, que lhe proporcionaria acesso a certos cargos do serviço publico.

Em contraposição de taes carencias, elle recebeu a melhor educação que se

possa conceber, tendo bem arreigados em seu animo os sentimentos de obediencia á lei, da lealdade, e da estima de si mesmo. Póde-se dizer que ainda é um menino, de quem o constante exercicio de jogos athleticos e o habito de gozar de liberdade n'uma associação restringida tornarão um homem. Se a escola não foi para elle uma temporada de estudo, ao menos servio-lhe de aprendizagem para gozar da vida.

Harrow é, como Eton, uma escola aristocratica, que no numero de seus antigos alumnos conta personagens, como Shridan, Byron, Roberto Peel, lord Palmerston. Situada a 13 kilometros de Londres, nas condições as mais favoraveis de salubridade e mais commodidades, foi fundada por um modesto proprietario da aldeia, que empregou boa parte de seus teres na creação de uma escola gratuita para a rapaziada da parochia e para o custeio de estradas, tendentes a Londres. Seis mordomos fidei-commissarios administram esta doação por legado, a qual também se acha affecta a dous usos, que o doador lhe determinou. Deu-se sómente que a escola gratuita veio a se tornar num estabelecimento de instrucção secundaria, que tem sido frequentado pelos descendentes das melhores familias. Como os fidei-commissarios seão pessoas da sociedade distincta, que pouco entendem de questões escolasticas, o principal, ou reitor, fica assim sendo o regedor quasi absoluto da escola. Sendo ahi a tradição universitaria seguida com todo o rigor, Harrow, a todos os sentidos é com podquissima alteração a imagem de Eton: a mesma distribuição de alumnos nos internatos dos professores, a mesma franqueza de excursões, a mesma paixão pelos exercicios corporaes, e também a mesma repugnancia dogmatica contra innovações no estatuto de estudos. Contudo, a ensinança das doutrinas mathematicas lá não é tão menosprezada, como soe ser aliures.

A escola de Rugby, que se remonta á era da rainha Izabel, em 1367 do doguista Lourenço Sherif, teve a doação de um terreno de oito geiras, situado nas vizinhanças de Londres, e cujo producto não passava então de oito libras esterlinas. Hoje em dia a escola cobra desse mesmo terreno, e de outras propriedades de menos valor, uma renda de 140,000 francos, cuja vintena é na conformidade dos estatutos, empregada na manutenção de 12 decrepitos indigentes. Na Inglaterra se encontrão a cada passo semelhantes exemplos de onus de obra pia, impostos em legados de varios generos. De mediocre escola rural, como começou o collegio de Rugby, tornou-se um instituto opulento, a que concorrem, principalmente os filhos de familias abastadas da classe média da sociedade. Contão-se alli 500 educandos, numero esse, que com pequena diminuição é o de Harrow, ao passo que Eton conta o dobro. A despeza annual do educando, posto que não tão cara como em Eton, nunca é inferior de 3,000 francos. Em veneração pela vontade do fundador, os meninos da cidade estão isentos de pagar despezas de estudos, como os que não são urbanitas; e em virtude disso, quantidade de familias, menos favorecidas de bens da fortuna, vem-se estabelecer em Rugby, para assegurarem a seus filhos uma educação que custará barato.

Esse collegio teve a boa sorte de ser regido desde 1813 até 1842 por um reitor o Dr. Thomaz Arnold, o qual effectuou uma verdadeira reforma no regimen interno das principaes escolas inglezas. Parece que até então os estudantes passavão das marcas em abusar da franqueza de excursões, da qual gozavão, e que como turbulentos que erão e indisciplinados que estavão, os mais fortes tyrannisavão aos mais fracos: provindo sem duvida, de tal estado de indocilidade, muito detrimento aos estudos. De preferencia a submeter os seus escolares ao regimen austero de um lyceu francez, o reitor Arnold em-

prehendeu reformal-os, uns por intermedio de outros. Como professor da categoria superior, e outro sim capellão do estabelecimento, elle fel-os entrar em seus deveres por meio da persuasão e da firmeza de seu caracter, e conseguiu moralisar a essa turba juvenil, que era mui travessa, sem ter tido necessidade de outros instrumentos, senão o prestimo dos mais alentados de seus mesmos pupillos.

Assim é que hoje em dia Rugby, não é tão somente uma das escolas, que a disciplina seja mais bem regulada, mas sim também onde o curriculo de estudos progride discretamente. A litteratura classica tem sua antiga primazia, porém as ensinanças de mathematica, de physica, de linguas vivas e de desenho, bem que ainda mui restringidas, se vão ampliando cada dia mais.

Já existem, um laboratorio e cursos de sciencias naturaes, que são obrigatórios, o que é uma grave infracção dos programmas das outras escolas.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

(Vide o n.º antecedente.)

**Structura do terreno.**—Os estrangeiros Sellow, Eschwege, Spix, Pissis, Martins, Wan Ledé & e os brasileiros Visconde de São Leopoldo, marechal Cunha Mattos, José Bonifacio, Alexandre de Gusmão &, occuparão-se com o estudo dos terrenos de Minas Geraes, Santa Catharina, Rio de Janeiro e de outras provincias do Sul, e do Norte apenas nos diz Dr. o Sigaud o seguinte.

«A geologia das provincias do Norte tem sido menos estudada, que a das provincias do Sul e centro do imperio.

«As indagações e observações de Humboldt sobre a Goyana parece-me, que devem ser applicadas á parte do continente americano, comprehendido no hemispherio austral entre o rio de São Francisco e o Amazonas.»

Por esta falta d'estudos especiaes apenas podemos dizer, que o terreno é composto de areia, pedras, argila, diferentes sulphatos de cal, de alumen, de ferro, e restos de vegetaes em putrefacção, o que faz mudar muito as suas propriedades e apparencia.

**Lagos e Lagóas.**—Existem muitas lagoas de alluviação nas comarcas de Vianna, Alcantara e Guimarães.

Os lagos principaes são os seguintes: o que dá origem ao rio *Pericumán*, á *Lagoa da Matta*, d'onde nasce o rio Codó, e os lagos de Vianna, de que fallaremos em outros lugares, em São Bento a *Lagoa, Capim*, *Jussara*, *Redondo* e *lago da morte* no Arary, junto d'este o *Assutinga*, no Alto Mearim o *Assu* e o *Verde* &.

**Ilhas.**—As principaes ilhas são a de São Luiz, onde está a capital, as do Priá, das quaes a principal é a de *Sant'Anna* a do *Licramento*, a do *Medo*, a de *São João* e a dos *Ovos*.

Não fallamos das que estão dentro ou contiguas aos portos.

**Portos.**—O principal é o da capital: contão-se o do *Meio*, do *Cajú*, e das *Canarias*, o da *Bahia de São José* de difficil entrada, o da *bahia de Cumán*, de *Cabello de Velha*, do *Turyassu*, do *Gurupy*, e do *Iguarassu*, pouco procurado.

**Marcas.**—Além dos portos existem

varios pontos na costa, que por sua elevação servem de marcas.

Os mais visiveis são a L da capital as pontas dos mangues seccos e verdes, morro do Alegre, morro de Santo Ignacio, lenções grandes e pequenos &c.

Ao N O o Itaculumin., ponta de Atins, Caôca, ilhas de São João &c. &c.

**Humidade atmospherica.**—O estudioso que consultar o hygrometro verá, que elle oscilla sempre em diversos graus, o que é dividido á humidade, que sempre é maior nas ilhas, quando se fazem essas experiencias na Capital, ao escoamento das agoas pelas serras e montes, aos lagos e lagoas feitas pelas grandes pancadas de chuva, ás matas, que impedem a subida dos vapores aquosos, a humidade da terra proveniente d'estas causas, as florestas, a evaporação de vapores aquosos da superficie do Oceano Atlantico, e a acção do Sól, que exerce sua tão poderosa influencia sobre tudo.

**Chuvas.**—O inverno principia ordinariamente em Janeiro e acaba em Julho, porem no sertão e nas cabeceiras dos grandes rios começa em Outubro quando a estação é regular.

Em 1792 e 1825 houverão duas grandes seccas.

É sabido que no Norte do Brazil chove mais do que no Rio de Janeiro e n'outras provincias do Sul do Imperio, e na pag. 262 da obra—*Physics of the earth*, escripta por Henri Buff, professor de Physica na Universidade de Giessen, e tradusida para o inglez por A. W. Hoffman, Professor de Chimica no Real Collegio de Londres, se lê, «que é em Mahabuleshwar, a parte do Globo; depois é em Guadalupe, uma das Antilhas, em terceiro lugar em Maranhão, onde, diz elle, a quantidade d'agoa é avaliada em 259, 8 polegadas de Paris», dependendo isto, cremos nós, alem das causas geraes—da concavidade da costa, e por estar a capital da Provincia situada no meio d'este arco.

N'estes ultimos annos tem havido bastante irregularidade na estação invernos, concorrendo muito para isto a destruição das matas por meio do fogo, maneira barbara com que muitos lavradores preparão seos terrenos, e infelizmente não temos entre nós um Zoroastro, dogmatizador do Oriente, que impunha a todo o homem a obrigação de plantar uma arvore, que é o maior mimo, na frase de Plinio, que se recebe da natureza, e que sempre foi respeitado, como diz o Sr. Visconde d'Abrantes, desde a mais alta antiguidade, e em todas as epochas pelos homens illustrados e pelos povos mais cultivados.

Infelizmente o Maranhão tem tão bem experimentado os horrores das seccas.

Em 19 de Abril de 1711 os officiaes da camara representão ao Governador Christovão da Costa Freire «mostrando o miseravel estado, em que se achava todo o povo d'esta cidade, e suas capitancias por a grande fome, que havia n'este anno por falta de chuvas.»

Em 19 de Janeiro de 1803 a camara pedio ao Governador do Bispa-

do para mandar faser precês afim de evitar-se a fome, que estava ameaçando a falta de chuva.

Em 29 de Janeiro de 1833 a Camara pedio ao Revd. Bispo D. Marcos Antonio de Souza para mandar fazer precês por causa da secca, que ameaçava os habitantes d'este municipio.

Em 1825 foi o anno da fome, assim chamado pelos maranhenses, e apesar de tudo ainda para cá vierão muitos cearenses perseguidos por igual flagello.

No seguinte anno appareceu a abundancia, dando-se a singularidade de chover todas as noites sem faltar uma só gota d'agoa.

Em 1846 foi a ultima secca, não cheia felismente de horrores, e sim apenas de privações.

**Electricidade e trovoadas.**—Na Provincia não é raro vêr-se a terra como que sepultada em profunda tristeza, o Sól esconder-se no horizonte, os passarinhos assustados voarem de galho em galho, o vento soprar com violencia, as arvores sacudirem-se, abalarem-se, e perderem n'um pensamento suas folhas, flores e fructos, agoa cair a cantaros, de repente muitos relampagos, uns a poz outros, fusilarem de varios pontos, alumiar esta scena lugubre, a terra tremer com o horivel estamido de muitos trovões, e derramar-se assim o lucto e o terror por toda a parte... até mesmo n'aquellas pessoas que inbuidas nas sciencias olhão para esses phenomenos com mais tranquillidade do que o vulgo baldo de conhecimentos de sciencias naturaes.

Em 11 de Maio de 1850 cahio na Sé um raio e fez muitos estragos.

Em 22 d'Abril de 1852, pelas 4 horas da tarde cahio outro raio na torre da mesma Igreja, quase junto ao telhado da Salla do Cabildo, destruindo-lhe todo o cumal, foi a Igreja, e arruinou bastante todo o segundo andar do lado direito.

No dia 24 de Setembro de 1852 o *Globo*, jornal, noticiou que já estava prompto e collocado na torre da Cathedral um para-raio, todo construido no Maranhão.

Recordamo-nos d'um outro raio, que cahio no Quartel, e matou um soldado, se não nos falla a memoria.

Ainda em 30 de Maio de 1854 uma horivel trovoadá correo perpendicularmente sobre a capital, cahio um raio no centro da rua da Paz sobre a casa do Dezbargador José Marianno Correia d'Azevedo Coitinho, matou um cavallo, e produziu grande commoção n'uma escrava.

Continúa.

Maranhão—1870.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## LITTERATURA.

### O presente e o passado.

Realisam-se os sonhos dourados da nossa ambição litteraria, e a mocidade que se levanta vai calcando aos pés estes obstaculos ridiculos que a escravidão da intelligencia escureceu com suas trevas, fazendo despojar a aurora da regeneração, com um sol brilhante onde se aquecem as mais bellas concepções do espirito humano.

É d'essa regeneração que nasce a idéa de abolição da escravidão, e o Brasil repelle o pezo que o esmaga, fazendo com que se ache gravado na indole de todos o sentimento generoso que só depois de trez séculos e meio illuminou os nossos corações, com a mesma scentelha electrica que fez na Europa proclamar o brado da liberdade.

Em quanto Aristoteles e os philosophos de sua seita proclamavam o homem como um resumo do mundo inteiro e a reunião de todos os seres do Universo, Peracelse e os medicos astrologicos diziam que como a terra elles tinham dois eixos, um era a cabeça, séde da alma, o céu onde residiam as divindades, outro eram os pés, talvez, para calcando as obras de Deus, preserutar-lhes os mais infimos arcanos e ver ali a luz da verdade embora latente, mas brilhante.

E d'hi que veio o progresso, o homem começou a conhecer-se a repeller as idéas erroneas, a chimica descobriu o antidoto contra os venenos, e então não se reputou retrospecto o descobrir-se mais venenos para matar repentinamente, nem o inventar-se a pólvora que destroe a humanidade nas guerras sanguinolentas; mas sim desenvolveram-se as descobertas decantando-se o progresso, e antes que o wagon encurtasse o caminho terrestre, Fulton descobriu o vapor, e eis o mundo velho visitando o novo, eis a sciencia se generalizando e os sentimentos de humanidade se concentrando nos corações das nações civilisadas para pouco a pouco, proclamar a idéa da igualdade, abolindo a escravidão.

Em quanto o espirito do XVI e XV seculo vivem em lutas terriveis e abraçado na febre que o excitava teve tantos desvaneos arrojados que lhe davão gosos cujas consequencias eram desconhecidas; e encetou planos grandes e gigantescos, a idéa de grandeza foi commum á todos os homens, e o progresso continuou a animal os, fazendo com que um portuguez audaz passasse o cabo das tormentas, um hespanhol corajoso subisse ao throno dos incas, fazendo a eloquencia de Cicero renascer na de um Pit e Mirabeau como aos velhos caracteres substituirem-se os bons typos da filha de Gouttenberg.

Foi assim aos tempos idos substituiram-se os modernos, e depois que os rios de sangue lavaram o seculo XVI vieram as glorias com os grandes genios para o seculo de Luiz XIV, que não fez senão recebê-las e guardal-as em silencio no meio da opulencia em que vivem.

Nós que vivemos nos tempos modernos somos os que mais lucramos; os defeitos e erros dos antigos servem para nos mostrar o caminho escabroso e erroneo, como as suas virtudes e boas obras o caminho glorioso que nos aponta á certeza: aquillo que constituia o apogeu de seus trabalhos é para nós o começo de nossa obra; é trilhando este caminho que se colhem louros; e é por elle que vai marchando a mocidade brasileira, herdeira de tradições gloriosas, que não desmente o sangue de seus avós.

A mocidade brasileira cre na esperança de um futuro brilhante por que de todos os lados se levantam braços fortes que defendem as causas justas engradecendo a litteratura com suas obras, animando o trabalho com seus escriptos.

Não tenhamos inveja de Camões, porque, não é só na patria de nossos antepassados que se canta em versos d'ouro, também temos os Alencares, Magalhães e Dias que sabem elevar a altura das nações cultas, a terra que os viu nascer.

Cremos no progresso porque todos os dias a mocidade desponta, e com ella vem o fructo de suas lides litterarias, manifestado nas suas obras e generalizando-se as boas idéas vai-se vulgarizando o beneficio, proclamando-se a igualdade dos homens, libertando-se a intelligencia que jazia escravizada.

O Ceará que tão brillantemente tem sobresahido ás outras provincias conta em si tantas glorias, que só a lembrança d'ellas nos enche de orgulho.

Filhos de Camarão, nunca nos esqueçemos de nosso passado, nas armas somos fortes, e nem invejamos as outras provincias, acreditamos que a historia renderá sempre homenagem a Sampaio e Tiburcio, e quicá a todos os soldados cearenses já proclamados como valentes pelo insupeito duque de Caxias, e si na arena litteraria alguém já excedeu a J. de Alencar ignoramos quem fosse, porque na opinião dos eruditos elle occupa o primeiro lugar, diga o contrario quem quizer, porque para desmentil-o fallam mui alto seus escriptos; e Juvenal Galeno o verdadeiro poeta popular occupará sempre em seu estylo singello um lugar distincto na litteratura nacional, como já o proclamaram apreciadores imparciaes.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

Do *Diario Official* copiamos as seguintes noticias:

De Inglaterra não ha noticia importante.

As eleições de quatro deputados por Pariz erão o principal objecto das preocupações politicas em França. Sabiamos que os irreconciliaveis pretendião eleger deputados que não preenchessem a condição do juramento previo, o que annullava virtualmente a eleição. O fim desta tactica era pôr em embaraços a camara e o governo. Pelas noticias chegadas agora sabe-se que toda a imprensa democratica se oppõe a esse plano, de que são promotores e defensores os jornaes *Le Rappel* e *Le Reveil*, e bem assim que o redactor da *Lanterna*, Henrique Rochefort, chegará á França e prestará o juramento previo para ser candidato ás proximas eleições, não obstante a opposição de Viretor Hugo.

Os deputados da esquerda tinham feito uma reunião para combinarem no procedimento que hão de ter no corpo legislativo. Não chegarão, porém, a accordo nenhum. Segundo os telegrammas era cada vez maior a dissidencia entre os republicanos da camara e a fracção dos irreconcilia-

veis. Um daquelles, o deputado Picard, publicou em uma folha um artigo de opposição constitucional.

No dia 2 houve grande affluencia de povo no cemiterio de Montmartre, para fazer uma manifestação pacifica junto aos tumulos do general Cavaignac e de Baudin. Ambos esses tumulos ficarão cobertos de grinaldas de perpetuas.

Foi preso em Compiègne um louco, que intentara matar o imperador.

Da Allemanha não ha noticia de vulto. Os jornaes trazem a descripção da viagem do imperador Francisco José, até Constantinopla, onde já sabiamos que fôra recebido com grandes festejos.

Continuava a insurrecção na Dalmacia e tomava sérias proporções. Tendo obtido o governo austriaco do governo do sultão autorização para que as tropas destinadas a suffocar

aquella insurrecção passassem por territorio ottomano. Dizem que a Russia mandára a esse respeito uma nota de protesto aos dous governos.

O vice-rei do Egypto preparava grandes festas para receber o sultão que alli vai assistir á abertura do istmo de Suez.

Na Hespanha o principal assumpto, continuava a ser a questão da escolha do rei. Os varios grupos da maioria repelião as suas reuniões, e os seus votos recahião ora sobre o duque de Genova, ora sobre o duque de Montpensier. Com quanto os telegrammas variem ácerca do numero desses votos, é certo que o duque de Genova obtinha a maioria, mas não tal que satisfaça as condições de S. M. Victor-Manoel, tio do candidato, que pede dous terços da maioria, e a ratificação pelo suffragio universal.

Em consequencia desta questão

que já havia produzido uma crise ministerial, o almirante Topete pediu demissão do cargo de ministro da marinha.

O regente e os ministros insistirão ha muitos dias em não deixar sahir o almirante, mas os telegrammas da ultima data dizem ter sido aceita a demissão, e que o almirante declarara apoiar o governo.

Topete pertence á união liberal, contraria á candidatura do duque de Genova. Dizia-se que, caso esta mallograsse, sahiria do ministerio o general Prim.

O padre Hyacinthe, celebre pregador de *Notre-Dame*, chegou a cidade de New-York a 18 do corrente e pretende passar nos Estados-Unidos pelo menos dez semanas. Tem havido muita especulação sobre a vinda do nove Lamennais na presente conjunctura e os jornaes americanos,

sempre avidos de um thema com que possam exercer sua habilidade em desfiar tramas, enxergão neste facto um grande movimento religioso do seculo. Tudo isto é mero engano: o padre Hyacinthe declarou que ainda é catholico, que só protesta contra aberrações da igreja de Roma para as quaes espera que o concilio ecumenico ha de decretar a cura. Suspenso como está dos seus direitos religiosos na sua ordem, elle vem ver agora este paiz que sempre admirou tanto.

Os ministros das varias seitas religiosas têm se reunido em congregações e ao passo que a maior parte lhe vota moções de respeito e estima, alguns ainda esperão pelo resultado da contestação que o celebre pregador sustenta com a sua igreja. Os puritanos de Boston, porém, já estão tratando de chamal-o ao seu regaço.

## COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO.

(QUINTA—OLINDA, NO CAMINHO GRANDE)

**Internato para alumnos de menor idade.**

Á 7 de Janeiro de 1870, abrir-se-ha um novo collegio, sob o titulo de COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, destinado á educação e instrucção de alumnos de menor idade, confiados a direcção de ecclesiasticos seculares.

O programma deste novo collegio tem as seguintes bases:

- 1.<sup>a</sup> Dar á infancia a educação litteraria sufficiente á adaptal-a a seguir os cursos superiores de instrucção.
- 2.<sup>a</sup> Desenvolver-a segundo os preceitos modernos da pedagogia, modelando-a pelos methodos mais avançados e seguidos.
- 3.<sup>a</sup> Disseminar a instrucção por preços reduzidos, proporcionando assim aos Pais de Famílias, ainda de escassa fortuna, meios de educarem seus filhos com mais commodidade.
- 4.<sup>a</sup> Promptificar os alumnos em breve espaço de tempo, de modo que, ultimando seus estudos preparatorios ainda com pouca idade, possam tambem concluir sua instrucção superior em poucos annos.
- 5.<sup>a</sup> Limitar á uma só a classe dos alumnos—internos, alim de que sobre elles se exerçam os cuidados e disvellos da direcção.

Para consecução desses fins adoptam-se as seguintes:

### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- 1.<sup>a</sup> Que o alumno tenha no maximo 14 annos incompletos. (Não deve ser menor de 7 nem maior de 14 annos).
- 2.<sup>a</sup> Que não soffra molestias contagiosas.
- 3.<sup>a</sup> Que seus Pais, tutores, protectores, ou correspondentes se obriquem: 1.<sup>o</sup> Pela mensalidade de 25\$000, paga adiantada, no começo de cada mez; 2.<sup>o</sup> fornecer-lhes os objectos constantes da tabella annexa; 3.<sup>o</sup> obrigar-se pelo seu curativo no caso de prolongamento de enfermidade por mais de 4 dias.
- 4.<sup>a</sup> O collegio, mediante essas condições, dá ao alumno:

- 1.<sup>o</sup> Instrucção primaria, secundaria, e religiosa, segundo o plano dos estudos.
- 2.<sup>o</sup> Alimentos sãos, solidos, e abundantes em trez refeições diarias.
- 3.<sup>o</sup> Medico, botica, e curativos por quatro dias.
- 4.<sup>o</sup> Roupa lavada e engomada, constante do enxoval exigido.
- 5.<sup>o</sup> Corte de cabellos, banhos dôces ou salgados conforme exigir o accio ou salubridade.
- 6.<sup>o</sup> Mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa, e utensilios da meza.

*Tabella dos objectos que cada alumno deve trazer no acto da admissão:*

ROUPA BRANCA. 4 camisas, 4 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 2 sacos para roupa suja.  
ROUPA DE CÔR. 8 camisas, 6 palitots, e 6 calças de brim pardo, 4 cobertas de chita escura.  
ROUPA PRETA. 1 Fato preto completo, e 2 gravatas.  
CALÇADOS. 1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.  
PARA ACEIO. 1 cama de ferro, 2 travesseiros (um maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente de alisar, 1 dito fino, e 1 thesoura.

### PLANO DE ESTUDOS.

#### *Instrucção primaria.*

- 1.<sup>o</sup> grão: Lér, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.
- 2.<sup>o</sup> grão: Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical: elementos de geographia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia: desenho linear; arithmetica; doutrina christã.

#### *Instrucção secundaria.*

Grammatica geral.  
Latim inferior.  
« superior.  
Francez.  
Inglez.  
Geographia.  
Historia Universal.  
« do Brazil.  
Mathematicas elementares.  
Philosophia.  
Rhetorica.

#### *Instrucção religiosa.*

Para os alumnos de instrucção primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrucção secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gamme.

As disciplinas do curso primario e secundario, e a instrucção religiosa são leccionadas pelos directores, que chamarão professores idoneos quando as necessidades do ensino exigirem.

#### BELLAS ARTES.

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc) mediante ajustes particulares com os srs. encarregados dos alumnos.

#### LOCAL DO COLLEGIO.

O COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO acha-se fundado na quinta —*Olinda*—no caminho grande, fóra do circuito da cidade de San Luiz do Maranhão.

O local offerece todas as garantias para hygiene e salubridade dos alumnos.

Dispõe o collegio de vasta e excellente quinta, agua corrente, tanque para banhos, arvores fructiferas, jardim, bosques, e lugares de recreação. É todo murado de pedra e cal.

Distante menos de quarto de legua da cidade, o collegio proporciona assim mais momentos de estudo ao espirito arredado do tumulto urbano.

Sob a direcção de ecclesiasticos affeitos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos setts encargos, e fundaram este collegio proprio, com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empreza, collocada sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera toda a coadjuvação dos Srs. Pais de Famílias.

Pode ser visitado o collegio á qualquer hora do dia á vontade dos concorrentes.

Recebem-se alumnos desde já, porém as matriculas abrir-se-hão á 3 de Janeiro proximo, começando as aulas á 7 do mesmo.

Maranhão 27 de Dezembro de 1869.

Os Directores,

PADRE—THEODORO ANTONIO PEREIRA DE CASTRO.

« —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.

« —RAYMUNDO DA PURIFICAÇÃO DOS SANTOS LEMOS.

San Luiz—Typ. PERSEVERANÇA, Imp. por Antonio Aniceto de Azevedo.

JORNAL SEMANAL. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDITOR—A. A. DE ASEVEDO.

## POLITICA.

## Os congressos.

Estão em grande moda os congressos na Europa. Ha congresso para tudo, e de todos. Mas, os que vão dando mais que fallar de suas excentricidades são os de Bâle e de Lausanna, aquelle sob a denominação de *Associação internacional dos operarios*, e este sob a de *Reunião dos amigos da paz e da liberdade*.

O congresso de Bâle, desde as suas primeiras sessões, condemnou-se á impotencia pelo caracter radical das reformas propostas. O direito de propriedade, o mais fundamental talvez e o mais essencial, foi o primeiro designado no relatório da comissão ás aggressões do socialismo militante. A abolição da herança foi proposta no segundo artigo. Venceu-se a abolição da propriedade individual por 54 votos contra 18, e foi decretado que se lhe substituiria a propriedade *collectiva*, á requerimento de um russo, o sr. Bakounine, condemnado á morte, e evadido.

O sr. Bakounine quer a liquidação social, isto é, a desapropriação de direito e de facto de todos os proprietarios. É uma abolição theorica, e por isso mesmo foi facilmente votada.

O sr. Bakounine não quer a denominação de *communistas* para si e para seus amigos; uma expressão nova os distingue daquelles,—são *collectivistas*. A distincção não é clara, mas parece essencial; porque os *collectivistas* não admittem os phalanstérios.

A abolição da herança cahiu por 35 votos contra 321. Segundo uma justa observação do jornal *A França*, o congresso votou a propriedade *collectiva*, porque não sabe o que é isso; votou porém contra a abolição da herança, porque sabe bem o que isso seria.

O congresso dos amigos da paz e da liberdade, verdadeira Babel politica, foi iniciado por um pindarico discurso de Victor Hugo. São Bohemios da democracia, que andão de povoado em povoado fazendo algazarra. «A primeira condição da paz, disse esse judeu errante da politica, é a libertação: para isso, será certamente necessaria uma *revolução*, que será suprema, uma *guerra*, que será a ultima.» A paz, pois, e a guerra pela *revolução*. A este respeito diz a *Correspondência de Portugal*.

«Tudo isto é uma certidão do recente ingresso do poeta no periodo da segunda puerícia.

Aquella imaginação enferma, que povoava de caracteres phantasticos as almas formosas composições do autor da *Notre Dame*, adeja agora no espaço da politica, propondo-se dotar a Europa de phantasticas instituições. Não quer exercitos, nem reis, nem fronteiras, nem magistraturas, nem differenças de idiomas; quer a Europa constituida em republica federal, medindo por um só metro, usando de uma só moeda, fallando um só idioma. Para isto é preciso que haja ainda uma guerra que ha de ser a ultima, apoz a qual virá com a liberdade a paz eterna, a concordia; o trabalho, a riqueza, a prosperidade universal.

O programma é encantador. Federação sem fronteiras entre os estados federados, paz que principia por uma guerra e que o autor garante que não acaba por outra, concordia jurada sobre o tumulo dos reis e dos exercitos, um só idioma que estabelecerá a igualdade perante a escola de instrucção primaria, abolição das magistraturas, deducção logica da faculdade de pagar na mesma moeda, que é afinal em que havia de

dar a eterna concordia deste sub-delirio politico.

E o congresso reuniu-se e funcionou e encerrou as suas inflammadas sessões proclamando como forma de governo os Estados-Unidos da Europa!

Todos nós brincamos em creança com simulações de cousas muito serias. O primeiro movimento do congresso é a continuação do ultimo brinquedo, como o seu presidente honorario disse alguns que o primeiro filio era para a mulher a continuação da ultima boneca.

Por muito respeitaveis que sejam, e que effectivamente são, os membros do congresso e o seu illustre presidente, a propaganda da paz e da concordia não é com a sua embora muito autorizada palavra que ha de levar os homens á terra de Canaan.

Ungida da divindade saiu ha dezenove seculos a mesma palavra dos boieiros de Jesus Christo. Escreverão-n'a os evangelistas, levarão-n'a os apóstolos aos ouvidos de todas as gentes, e dezenove seculos decorrerão sem que o sopro ingente do Divino Verbo pudesse apagar o brandão da guerra no meio da humanidade!

Não é derrubando thronos e fronteiras, apagando tradições saudaveis, destruindo pittorescos relevos geologicos, que se planta a paz no imperio das paixões. E atacando as paixões, essas é que são as fronteiras entre individuos e sociedades, contra essas é que o congresso devera assestar, não a boca dos canhões, mas a boca do professor e do sacerdote.

Congresso de paz que principia por envergar a cota de malha e o guante de ferro, é traducção politica da synthese homoeopathica — similia-similibus curantur.

Parece que por ultimo o laureado poeta, que já na republica das letras condemnára a realza na imagem de Francisco I, se declarou abertamente socialista. Antes isto. É uma heresia conhecida, julgada e anathematizada por muitos concilios.

Ha em politica duas inhabilidades igualmente provadas, a dos sabios e a dos analfabetos.

Nos polos do saber e da ignorancia não é possivel acunar a idéa pratica. No primeiro não vivem os factos, no segundo não vivem as idéas, e a idéa pratica é idéa e facto ao mesmo tempo. Quem pensa que uma sociedade, uma esquadra de sociedades, como a Europa, se transporta de repente para a um porto que apenas se avista, se é que se avista, do alto da sciencia com o telescopio do genio, não conta com o tempo nem com o espaço, e portanto não é cá deste mundo, que o Creador subordinou ás duas impretraveis condições. Será Newton, será Hegel, não é Peel, nem Cavour.

Nesse congresso, a terceira sessão foi, segundo o *Rappel*, talvez a mais notavel. É natural que assim não seja: cada sessão vale as outras pelos absurdos proferidos. Até uma americana, que esteve presente, discursou áfim de pedir para ás mulheres,—o que? A virilidade.

A ultima questão da ordem do dia foi a da organização federal entre os povos da Europa. O sr. Gatinéau poz fogo á discussão, e declarou «que os partidistas da descentralisação são lobos que querem devorar a democracia, e que seria util desconfiar das idéas de federação.» Seu discurso provocou applausos; mas o sr. Ferry, reerguendo a palavra *centralisação*, que em seu parecer é synónima de *dictadura*, declarou que

havia prestado contra a centralisação *monarchica* o juramento de Annibal, por ser ella inconciliavel com o systema parlamentar. «Emquanto os poderes administrativo e executivo, disse elle, não estiverem separados, o corpo social permanecerá entre a *putrefacção*, como sob Luiz-Filippe, e a *embuscada*, como sob Napoleão III.» As expressões *putrefacção* e *embuscada* forão cobertas de ruidosos applausos como manifestações de liberalismo. Depois, tratando da federação europeia, exclamou: «É necessario supprimir em toda a parte o elemento autoritario e despotico, que tem sido mantido pelo exercito, pelo clero, pela magistratura, e pelos prefeitos: são quatro cúmplices do despotismo!»

O sr. Laurier, tomando afinal a palavra, combateu os srs. Gatinéau e Ferry; em seu discurso distinguio a centralisação administrativa, que é um perigo, da centralisação politica, que é um beneficio, por ser a *unidade* de um povo; e concluiu por declarar *utopia* a idéa de federação europeia.

O sr. Mie reclamou a eleição dos magistrados pelo suffragio universal.

As declarações ou resoluções do congresso forão as seguintes:

1.<sup>a</sup> Que o unico meio de fundar a paz na Europa é a formação de uma federação de povos sob o nome de *Estados Unidos da Europa*;

2.<sup>a</sup> Que o governo desta união deve ser republicano e federativo, isto é repousar sobre o principio da soberania do povo e respeitar a autonomia e independencia de cada um dos membros da federação;

3.<sup>a</sup> Que a constituição deste governo deve ser perfectivel;

4.<sup>a</sup> Que a federação europeia deve garantir á cada um dos povos que a compuzerem:

A soberania e a autonomia;  
A liberdade individual;  
A liberdade do suffragio;  
A liberdade de imprensa;  
A liberdade de reunião e de associação;

A liberdade de consciencia;  
A liberdade de trabalho sem exploração;

A responsabilidade effectiva e individual de todos os funcionarios de ordem executiva;

5.<sup>a</sup> Que povo algum poderá entrar para a confederação europeia sem ter já o pleno exercicio:

Do suffragio universal;  
Do direito de consentir e de recusar o imposto;

Do direito da paz e da guerra;  
Do direito de concluir ou de ratificar as alianças politicas e os tratados de commercio;

Do direito de aperfeiçoar por si mesmo sua constituição.

Encerrado o congresso, houve um banquete no hotel dos Alpes. Assegura-se que Victor Hugo tomou ali duas vezes a palavra. Forão convivas os membros do congresso; esse rebanho de carneiros de Panurgio, segundo o *Monde*. A animação seria então *mais viva*.

Eis o que o *Correio Paulistano*, ha poucos dias, applaudi. São ebulições generosas da democracia!

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

## O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

(Continuado do numero antecedente.)

Afora os tres grandes estabelecimentos de Eton, Harrow e Rugby, de que se acabou de tratar, ainda existem muitas

instituições do mesmo genero, as quaes, não tendo até agora merecido as sympathias das familias notaveis, são consideradas de segunda ordem não só em razão do diminuto numero de alumnos como pela pouquidade de estudos. A collegida canonical de Westminster, cuja renda territorial montou a 60,000 libras esterlinhas, é obrigada por seus estatutos a manter 40 pensionistas e 2 professores: é isso o nucleo de uma escola, que como que encobre á sombra da velha cathedral. Ou seja que a residencia em Londres não agrade ás familias, ou que Westminster persista teozamente na ensinancia sedica da idade média, ou seja finalmente muito rispida a disciplina interna da escola, o numero de seus discipulos vai diminuindo cada dia mais. Em Londres, os externalos convêm melhor aos costumes da população, e por isso as principaes escolas só recebem discipulos externos, como acontece na escola da cathedral de S. Paulo. O Dr. Collet, que era deão dessa Sé e foi amigo de Erasmo, no seculo XVI fundou perto da igreja uma escola livre, cujos alumnos devião ser 153, em memoria da pescaria miraculosa dos apóstolos, e confiou a gerencia della á classe incorporada de mercieiros, ou mercatores de tecidos. Os honrados membros dessa corporação tiveram muito cuidado em não alterar nada absolutamente das prescripções do fundador. Até hoje aliada ha 153 alumnos, e nem mais um sequer; somente, como o patrimonio fundado consiste de terras, e que o rendimento dessas tenha-se augmentado muito, pois excede actualmente de 200,000 francos, os mercieiros mantem a pretensão de se apropriarem do excedente. S. Paulo assemelha-se a um instituto particular mais do que á uma escola publica. A admissão á ella é muito solicitada; porque, além dos estudos serem gratuitos, os alumnos estão quasi seguros de ao acabar tal tirocinio escolar, alcançar uma matrícula de pensionista na universidade; demais, os professores, todos sendo licenciados de Oxford e Cambridge, são excellentes; contudo os estudos estão longe de ser brilhantes; porque em vez dos meninos serem admittidos mediante concurso, como se pratica em outras escolas, são-o por simples nomeação dos administradores da corporação, os quaes usão dessa faculdade para, cada um delles por seu turno, irem accomodando os seus protegidos. Deve-se aqui mencionar uma feição característica da organização escolastica da Gran-Bretanha: ha muitas do que communmente lá se chama bolsas, ou pensões alimenticias pagas a estudantes, instituidas tanto nas escolas como nas universidades, mas não se imagine quaes dotações concedidas, como nos outros paizes aos filhos de familias necessitadas. Ou são dadas por empenho, ou são postas a concurso, e em qualquer de ambos esses casos tanto podem obtel-as os ricos como os pobres. Assim o menino logo desde a tenra idade aprende a ganhar dinheiro pelo seu trabalho. As escolas de grammatica, de cujo espirito e methodo se aprecia, pelo que a tal respeito já ficou ponderado, são numerosas na Inglaterra: muitas possuem ricas dotações e são mantidas pela pujantissima influencia da tradição. Entretanto, diz-se geralmente que vão declinando. O grande vicio dellas consiste em os programmas do estudo não corresponderem ás necessidades da epocha. Deve-se mesmo presumir que a ensinancia classica, que tão obstinadamente exercem, não teria permanecido até agora se já ha mais tempo tivesse estado no

caso de passar por uma syndicança pública. Naquella parte da grande ilha da Mancha a instrução secundaria não goza de foros de sanção official: quer o alumno tenha frequentado o curso interno dos estudos, ou tenha sabido da escola antes do tempo, quer elle tenha com muita applicação estudado a litteratura grega ou dedicado todo o seu fervor ao aristocratico fogo do cricket, não ha nenhum livro de assentamento, que tal certifique: sendo estudante, que foi de Eton, de Harrow ou de Rugby, só isso lhe basta para seu unico titulo academico. Lá não é necessaria, como na França; a acquisição prévia do grão de bacharel em letras. É verdade que as universidades conferem um tal grão: mas ellas só dão aos seus estudantes matriculados, e nunca laureão estudantes externos.

Os inglezes têm até o presente opinado que o infundirem-se na mente do menino pensamentos e dictames uteis, tem menos importancia do que inspirar-lhe uma tempera viril e vigorosa, e que o estudo das linguas mortas é o melhor meio para se lhe desenvolver a intelligencia. No parecer de seus doutores, a educação e a instrução aprimoradas erão fructos dos estudos gregos e latinos. A vida em commun nas escolas, o culto pela antiguidade classica e o gosto pelos exercicios athleticos, taes erão as tres condições necessarias e sufficientes para se formar um perfeito cavalheiro, um bom cidadão, e um homem util. Mas, n'um momento critico, no mais accesso da guerra da Criméa, os inglezes virão-se obrigados a reconhecer que os seus officiaes, posto que mui valentes no campo da batalha, peccavão muito pela falta de instrução technica. O exercito inglez possuê tres escolas militares, a academiareal de Woolwich, que prepara para a artilharia e engenharia, o collegio de Sandhurst para cavallaria e infantaria, e uma escola para o estado-maior tambem em Sandhurst. Antes de 1855, era-se admittido em Woolwich por empenho, e o exame, que era bem insignificante, não occorria se não de se ter sido admittido; mas, desde alguns annos a esta parte não se é mais aceito nas tres escolas senão por meio de concurso. Os alumnos que ao entrar forem classificados na ordem correspondente ao merito de cada um, com o mesmo predicamento são recebidos no serviço activo do exercito, os que estão na cabeça da lista alcançã gratuitamente uma patente de alferes, e os mais que estão mencionados em clausula mais secundaria, só têm direito de por meio de compra obterem o posto de official subalterno. Acontece que os jovens officiaes, que á custa de dinheiro adquirirão a graduação, ficão desde o principio menos conceituados que os seus camaradas; o que parece ser um optimo meio de se desacreditar um costume antigo e deploravel, que se não ousa supprimir de uma vez. Demais disso, o exame que se exige de todos os que aspirão a obter um posto de alferes, não tem nada de atemorizar, pois o programma delle é bastantemente elastico, para não repellir qualquer joven de intelligencia soffrivel. Os elementos de mathematica são obrigatorios para todos os pretendentes, e como complemento accessorio de proficiencia, uns pedem ser interrogados nas linguas antigas, e outros nas linguas vivas, nas sciencias naturaes, e até mesmo no sanscrito e nos idiomas da India. O candidato deve provar mais que possue um espirito culto, do que conhecimentos especiaes.

O governo tem prescripto para entrar-se nas carreiras civis, de que elle dispõe, como alfândegas, correios, secretarias e ministerios, e o serviço civil no governo da India, um concurso, ou pelo menos um exame de sufficiencia, sendo as provas de admissão a esses estabelecimentos reguladas pouco mais ou menos como as de Woolwich e Sandhurst. Não parecendo nada mais natural que taes regulamentos, deve dizer-se que esse preenchimento de cargos é uma

inovação de data recente. As mesmas universidades, não obstante sua inveterada adhesão aos estudos classicos, decidirão-se a acorçoar os estudos mixtos, que propicião aos empregos publicos; e nesse intuito instituirão o que se chama exames locais, que versão sobre outras materias obrigatorias, como a grammatica, a arithmetica, a geographia, a mathematica, as sciencias physicas e o desenho. Esses exames e seus competentes certificados tornão-se para os filhos de familias de classe média o de que para os das familias abastadas servem os grãos universitarios.

Uma semelhante instrução variada, que o governo exige dos seus serventurios civis, e que as universidades certificão por via de exames locais, poderia pelos filhos da gente indigente ser adquirida nas escolas de grammatica, as quaes muito menosprezão as doutrinas mathematicas, e donde as sciencias physicas quasi que estão ausentes? As escolas antigas nada cuidão de preparar candidatos para esse genero de exames de sufficiencia e só tem o numero de alumnos que lhes basta, continuando a voga geral a acompanhá-las no limitado circulo de erudição classica, e os prebostes, substitutos e reitores a se considerarem como responsaveis da manutenção das antigas tradições escolasticas, das quaes tanto por convicção pessoal, como em veneração dessas usanças seculares, recusão separar-se. Achan-do-se as cousas nesse pé, foi urgente que se creassem escolas novas, mais bem apropriadas á instrução profissional, que o Estado reclama tanto, como os negociantes, e os emprezarios industriaes.

Entre os estabelecimentos, que vierão supprir a dita lacuna, a escola de Marlborough merece ser mencionada com especialidade, não só porque os estudos alli estão bem organizados, como por ser a instituição obra de uma sociedade mui singular. Ecclesiasticos anglicanos do gremio protestante, os quaes, como é bem sabido, quasi todos são casados, vendo com pezar seus filhos ficarem privados das boas escolas de grammatica, primeiramente por aquella educação custar muito caro, e em segundo lugar, por ella não ser capaz de preparar directamente o educando a fim delle poder vir a entrar logo em exercicio de qualquer profissão; ha vinte annos, combinário-se entre si para fundar uma escola preparatoria de funções civis e officiaes, a qual, tendo sido administrada nas melhores condições economicas, não dispensa nenhuma das vantagens pedagogicas, que se encontrão nas antigas instituições. A sede desse moderno instituto, que foi fixada em Marlborough, pequena cidade de 2,000 almas, distante de Londres 30 leguas, acha-se numa região, onde o valor do terreno não é excessivo, e os generos alimenticios custão barato. Tendo essa instituição um caracteristico francamente ecclesiastico, o bispo diocesano, o arcebispo de Canterbury e o bispo de Londres forão seus principaes dignitários. Todo o bispo do reino-unido, que contribuir por uma so vez com 100 libras esterlinas, adquire o direito de apresentação de um alumno, e de, quando esse sair, poder apresentar mais um outro. Além disso, cada pessoa, que fizer um donativo de 20 libras, obtém o titulo de doador com o privilegio de por uma vez somente fazer admittir um educando. Fora dessas apresentações por um desses taes associados, nenhuma criança pôde ser recebido.

Ha actualmente perto de 500 educandos, pagando por anno os filhos de laicaes 1,700 francos, e os de ecclesiasticos um quarto menos. Os professores, que são em grande numero, são muito instruidos, mas não gozando dos avultados salarios de Eton ou Rugby, não podem ter estabilidade e de boa vontade deixão a escola logo que se lhes depara emprego mais lucrativo. O ensino, que é classico para os que se destinão ao curso universitario, é de materias mo-

dernas para os mais estudantes: tambem ali se cursão, e com bom exito, estudos preparatorios para a academia militar de Woolwich. No mais, os meninos desfructão uma plena franqueza, como a de seus collegas das escolas antigas. Pôde dizer-se que não é nem organização antiquada de Eton, nem mesmo o systema rispido dos lyceus francezes.

O collegio de Cetenham tambem é uma escola de accionistas (proprietary school), umas das clausulas da associação, que o administra, consiste em serem as acções transmissiveis, como qualquer outro valor, mas com a reserva de não poder ser isso senão a membros da igreja anglicana. Cada acção confere o direito de apresentar um educando. No collegio se ensina a mais de 600 estudantes, morando 400 quasi dos quaes, como pensionistas, nas casas dos professores, que ficão em torno do edificio collegial, e os restantes nas casas de seus pais na cidade. Na classe de menor monta, chamada *juvenile department*, onde não se pôde permanecer senão até a idade de 13 annos, ha somente um unico genero de ensinança. Em seguida, os estudos se repartem em duas divisões, uma classica e outra moderna. Eis como em Marlhoroug já existe uma *bifurcação*, estabelecida para meninos da idade; pouco mais ou menos, para a qual se pretendeu creal-a em França, ha alguns annos passados. Isso não tem provado mal; mas devê-se considerar que com os lyceus francezes nada se assemelha menos de que uma escola ingleza desse genero, na qual nenhum menino pôde ser admittido sem ser apatrocinado por um dos accionistas.

Em condições mui inferiores, se arranjo multissimas instituições particulares, que são somente obra de especulações individuaes. Cada villa e cada aldeia tem sua mediocre escola, cujo mestre, ás vezes ajudado por um contra mestre, reúne de uma duzia á vinte pensionistas para lhes ministrar uma instrução, cujas varias materias estão tão bem tarifadas, que, por exemplo, se paga certo prego para se aprender grammatica, outro para arithmetica, e aquelle outro pelo latim ou francez. Muitas vezes ali se achão promiscuamente reunidos discipulos de um e outro sexo.

Quando o mestre é clérigo, ou tem algum grão de formatura em universidade, cuida muito do ostentar essa circumstancia, que serve de grande recommendação para com o geral do publico.

Motivado pela liberdade absoluta de ensinar, que prevalece na Inglaterra, as honradas funções do mestre de escola nem sempre têm sido exercidas por pessoas sufficientemente dignas, pois que, não sendo necessario, para lá se abrir uma escola, apresentar certificado de capacidade magistral, nem licença da autoridade administrativa, acontece ás vezes que essa profissão tão honesta torrie-se refugio de algum desvalido, que tentou debalde qualquer outro meio de vida. Dickens, o romancista da voga popular, já na sua novella *Nicolas Nickleby*, deu a descripção do que era outr'ora o regimem escolastico nas pequenas cidades das provincias.

Começando desde a faustosa Eton, para onde a fidalguia manda as creaturas da sua progenia, e descendo até a humilde escola de aldeia, que aceita, como pensionistas, os filhos de mediores proprietarios, acha-se uma graduação completa, onde se encontrão escolas accommodadas a todos os gostos. Principiando pelo reitor de Eton, que rorgita em seu estipendio annual de 150,000 francos, e acabando no pobre pedagogo de districto rural, que passa fomes junto com seus aprendizes, tambem se tem professeres por todos os pregos.

Em toda a parte das que se acaba de alludir, ensinando-se mais ou menos bem latin, a historia, a mathematica, e em summa, todas as doutrinas, que se com-

prehendem na expressão generica de ensino secundario, pôde um pai escolher o que convier melhor ao estado de suas finanças. Absolutamente ha inteira liberdade. Mas qual será disso o resultado? Os francezes, imbuidos em suas proprias idéas de regra, organização e disciplina, não serão capazes de apreciar as partes boas ou mas desse tal regimem. Portanto, consultando-se o que ácerca disso dizem os imglezes, que estão muito no caso de conhecer o que lhes falta, dos respectivos relatorios se deprehende que os regios commissarios *ad hoc* se exprimem da maneira seguinte: «Se um mancebo, que, tendo na idade de 10 annos entrado para a escola e della sabido na de 19 annos, não for capaz de, sem socorrer-se de dictionario, traduzir um trecho facil de latim ou grego e de escrever gramaticalmente em latim; que não sabendo quasi nada da geographia e historia de seu paiz, e ignorando qualquer lingua moderna excepto a sua vernacula, apenas estiver em estado de escrever inglez correctamente, de fazer uma operação singela de arithmetica e de demonstrar uma proposição facil de Euclides; e que, com olhos e mãos que não se applicarão a desenhar e ouvidos inertes á musica, se achar absolutamente ignorante das leis que actuão o mundo physico e só possuindo um espirito pouco cultivado e sem gosto pela leitura nem pela observação: uma semelhante educação deveria ser encarada como cousa falseada, ainda mesmo que nada houver de exprobar-se a um tal estudante, nem em razão de seus principios, de seu character, ou de sua moralidade. Longe de nós o pretender que a dita descripção represente o resultado ordinario da instrução dada nas escolas publicas; mas, a julgarmos pelos depoimentos que recebemos, e pelas observações, que cada dia toda a gente faz, podemos dizer que a turma de jovens estudantes, a quem quadra essa descripção, é mais numerosa do que devia ser.»

Os inglezes tambem notão discretamente que taes casos de educação frustrada occorrem principalmente em jovens ricos ou de boas familias, dos quaes estão cheias as principaes escolas publicas, ao passo que os filhos-familias da classe média recebem nas escolas especiaes uma educação mais bem apropriada aos tempos modernos, de sorte que a nota da população é a unica que fica estranhada aos progressos da sciencia e da industria. Da abstinencia de estudos uteis, de que provem a riqueza publica, abstinencia que tanto guardão o clero e a nobreza, é de recear que o respeito das classes médias para com as superiores vá diminuindo cada vez mais. O que mais se censura das escolas publicas, bem entendido as que se achão aprovionadas de apangios e dotações, é o acanhado dos programas classicos e as antigualhas dos methodos de ensino. Se não fossem favorecidas de bens proprios, não se poderia acomal-as por motivo algum, pois que, em tal condição, seria licito que tivessem toda o alvedrio, mais provindo de legados pios e amplo rendimento, de que ellas dispõem, isso obsta a que instituições mais á moderna se estabeleçam em pé estavel de prosperidade.

## HISTORIA DO MARANHÃO.

### Provincia.

(Vide o n.º antecedente.)

**Ventos.**—Os ventos dominantes na Ilha de São Luiz, onde se acha a capital da Provincia, (segundo as observações do capitão-tenente da Armada Francisco Parahibuna dos-Reys) nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, espaço a que vulgarmente chamão tempo de ventanias, são de Essueste, Este, Esnordeste, e algumas vezes chegam ao Nor-

deste, e em todo o referido tempo os terraes são raros, de curta duração, e escassissimos, pois rondando-o muito até ao Sueste nas proximidades da meia-noite, ao nascer do sol voltam para os rumos mencionados: durante esta variação abonação sensivelmente.

No mez de Dezembro rondão para o Nordeste, e tornão-se bonancosos, mormente de noite em que declinando para Este são substituídos pelos terraes, os quaes n'este mez começam a ser frequentes, regulares, mais largos pois chegam a rondar até o Sul, e mais duradouros.

Nos mezes de Janeiro e Fevereiro reinão no quadrante de N E, e chegam mesmo ao Norte, porem são bonancosos, e bastante variaveis, assim como são sempre seguidos de terraes regulares, espaçosos e largos, pois avançam o Sussudoeste: nos de Março, Abril, Maio e Junho varião por todos os quadrantes, demorando-se comtudo alguma cousa nos do Nordeste e Sueste, e então são seguidos de longos terraes, os quaes cahindo muito antes da meia noite alongão-se até o meio dia, e muitas vezes até duas horas da tarde do dia seguinte, quando não acalmão com os aguaceiros e trovoadas, o que é muito proprio n'estes mezes: finalmente no de Julho, no principio do qual ainda apresentão muitas variações, vão declinando para Este a seguirem o curso descripto, com respeito ás alterações das Estações.

Os ventos do mar são Este, Esnordeste, Nordeste, Nornordeste, Norte e Nornoroeste &; e os de terra Sueste, Sussueste, Sul, Sussudoeste, Sudoeste, Oessudoeste, Oeste, Oesnordeste, Noroeste &.

O *Globo*, jornal, n. 148, disse que no mez de Junho de 1853 dominou vento Norte, sendo excessido o calor desde 15 de Junho a 1.º de Julho.

*Pressão atmospherica.* — Pelas observações do Coronel Lago se conhece, que a maior elevação é de 30° e a menor de 29° cent.

*Temperatura.* — O Coronel Lago diz, que na capital o maximo de calor chega a 92° F, e o minimo á 76°: no sertão no mez de Outubro até Novembro, o maximo sobe a 94° F. de dia e á 80 de noite.

Á este respeito em nossa these inaugural, tributo academico para o nosso doutoramento, intitulada *Breve Memoria sobre o clima e molestias mais frequentes da Provincia do Maranhão*, que sustentamos perante a douta Faculdade de Medecina da Bahia no dia 29 de Novembro de 1854, escrevemos o seguinte, que para aqui trasladamos sem a menor alteração.

Pelos trabalhos thermometricos, feitos pelos portugueses, que antigamente viajaram pelo Brasil, e que estabeleceram as latitudes e temperaturas das principaes Cidades desde o Pará até Montevideo, pelos Barão d'Eschwege, Drs. Spix e Martius, General Cunha Mattos, Dr. Freire Allemão e muitos outros brasileiros, se conhece por comparação que nas Provincias do Norte do Brazil o thermometro marca em grande parte do anno maior grau do calor que nas do

Sul, porem na capital da Provincia do Maranhão. diz o muito intelligente Sr. Dr. Sigaud, que a temperatura é muitas vezes de 27° 40' no *thermometro de Reaumur* que correspondem a 31° 25' no *Centigrado*.

Ninguém pense que esta temperatura é geral em todas as localidades, porque a acção calorifica do Sol não é a mesma em todas as partes de que se compõe qualquer divisão do globo: a posição dos terrenos, e a elevação d'estes influem muito n'este phenomeno, e já em 1743 o Sr. de la Condamine reconheceo debaixo da linha do Equador, que a maior ou menor elevação de terreno decidia do grau de calor, que era bastante subbir-se duas mil toesas para se transportar d'um valle queimado pelo Sol á uma montanha coberta de neve, e alem d'isto sabe-se que o astro do dia derramando seus raios calorificos sobre qualquer terreno, uma parte d'elles converge para a atmosphera, e a outra penetra o solo, cuja composição sendo mui differente em diversos pontos, d'ella resultam as variações, que se notam.

A temperatura ordinaria nas costas é de 19° a 20° *Reaumur* ou de 23,75° a 25,00° no *Centigrado* nos mezes de Março á Setembro, e de 20 a 24° *R*, ou 25,00° a 30,00° *C*. de Setembro á Março: em certas localidades a temperatura é maior ou menor, e no interior da Provincia acontece o mesmo, o que depende de diversas causas, como facilmente se pode conhecer pelo que já deixamos escripto.

Sendo a Provincia do Maranhão situada na zona torrida como já dissemos, com tudo ella é banhada pelo Oceano Atlantico, por varios rios e igarapés, o seu terreno é cuberto de viçosa vegetação, tem algumas serras e montanhas, e por isto se conhece que no seu clima, cujo elemento essencial é o calor, não póde este ser elevado a grau tão subido que incommode extremamente os naturaes, e mal possa ser soffrido pelos estrangeiros.

Alem d'isto o calor nas regiões septentrionaes é mui diminuido pela posição destas na beira-mar, onde, como se sabe, o calor solar obrando sobre as superficies das massas liquidas é modificado pelas evaporações que ali tem lugar, e os ventos que sopram por cima d'estas superficies participam d'este estado, ora os ventos orientaes, quando chegam a varrer o Maranhão, tendo atravessado toda a largura do Oceano Atlantico, imprime n'este paiz, depois de terem diminuido de temperatura pelas evaporações do mar, um grau de calor menor do que aquelle que devia ter pela sua posição geographica.

Estas mesmas diminuições de calor se notam no interior da Provincia em razão da elevação de terreno, dos muitos rios que a regam, das matas que n'ella s'encontram &.

Alem de tudo quanto deixamos escripto, é sabido que a temperatura d'um ponto depende principalmente da temperatura do ar que o circunda: quanto mais elevado estiver este ponto tanto mais rarefeito é o ar circumvisinho: mas o ar mais raro re-

quer maior calor para aquece-lo, logo quanto mais alto é o ponto, tanto mais baixa é a temperatura. De mais nos lugares baixos, o ar além d'aquecido pela acção directa dos raios solares, é tambem pelo calor reflectido que a superficie terrestre emite; mas esse calor intenso na superficie ou junto a ella vae diminuindo á medida que augmenta a altura do lugar, pois se affasta mais da origem, e alem d'isto nos lugares baixos a columna d'ar aquecido não póde em razão d'obstaculos naturaes ou artificiaes ser tão depressa substituida como nos lugares elevados por uma outra columna d'ar mais frio.

*Clima.* — De tudo quanto até aqui temos escripto, conclue-se muito naturalmente, que o clima é quente e humido.

Maranhão—1870.

Dr. Cesar Augusto Marques.

## INDUSTRIA.

### Oscillação dos trens das estradas de ferro.

Senhor.—A oscillação dos trens das estradas de ferro, principalmente quando correm velozmente, produzindo grande abalo, occasiona estragos nas estradas permanentes e nos trens rodantes, do que resultão grandes despezas, além do incommodo que causa aos passageiros.

Essa oscillação, na minha opinião, provem, em grande escala, do uso das rodas, cujas chapas são conicas em lugar de serem cylindricas.

Os engenheiros sabem que as chapas das rodas dos trens de ferro são geralmente conicas, e com uma inclinação de 1 a 20.

Julga-se que ellas forão no principio introduzidas pelo Sr. Jorge Stephenson na expectativa de facilitar a passagem dos vehiculos pelas curvas, adoptando-as nos seus diferentes diâmetros aos diversos comprimentos dos dous trilhos em que elles rodão.

Na pratica, porém, não acontece assim, como terá verificado todo aquelle que tiver estudado cuidadosamente a materia, por que o vehiculo que passa por uma curva, o resbordo (flange) da roda dianteira do lado de fóra fica unido ao trilho exterior, enquanto que o resbordo da roda immediata corre unido ao trilho interior, de modo que nenhum beneficio resulta do uso de rodas conicas, mesmo para vencer as curvas.

A questão de passar com firmeza sobre linhas estreitas parece ter sido tambem attendida na introdução de rodas conicas, porque é obvio que, com um palmo de espaço que é o que costuma haver entre as chapas e os trilhos, sendo metade desse espaço constantemente preservado de cada lado da estrada, duas rodas correrão sobre diferentes diâmetros, e, por consequencia apparecerá um esforço que não poderá deixar de produzir a oscillação, principalmente na occasião em que um dos resbordos tocar em um dos trilhos, e a roda alargando-se mais do que a opposta tomar outra direcção, somente para fazer com que a opposta execute no seu gyro a mesma operação, do que resulta maior oscillação.

Como já expuz, nenhuma vantagem se tira do uso de rodas conicas para vencer as curvas, e como muitos males resultão dellas nas linhas estreitas, construi mais de 250 milhas de vias férreas em outros lugares, e nos trens rodantes aastei-me da forma usual das rodas, usando somente das cylindricas.

Como esperava, recebi informações satisfactorias sobre a firmeza dos trens que dellas se servirão.

E porque actualmente muitas companhias fazem seus trens expressos correr

com muita velocidade sobre as linhas, essa oscillação tornou-se um objecto sério, não só como questão de segurança como por ser muito agradável aos passageiros, deixando de parte a enorme despeza que resulta de sua acção destruidora.

Animo-me, pois, a recomendar a todos aquelles que desejarem verificar a exactidão dos principios aqui estabelecidos, que escolhão um carro que seja mais sujeito á oscillação e colloquem debaixo delle quatro rodas cylindricas em lugar das conicas, e deixem esse carro correr em um trem especial, tendo o cuidado de evitar a oscillação dos dous carros presos a elle e que tenham rodas conicas; o que se póde conseguir introduzindo duas argolas juntas com 10 pés de comprimento, em lugar das pequenas de que geralmente se usa; e se verá a vantagem do uso de rodas cylindricas.

Possuo um modelo de chapas que me parece corresponderão perfeitamente a este fim, e folgarei em remetter uma secção dellas a quem requisitar.

Sou, senhor, vosso obediente criado.  
—Carlos Fox.—Spring-gardens, 8 de Setembro de 1869.

## VARIEDADES.

### Imprensa Européa.

#### PETA SOBRE O BRAZIL.

—A imprensa americana inventou as petas conhecidas no mundo jornalístico com a denominação de *canards*. Parece, porém, que as folhas francezas tem aperfeiçoado esse genero de noticias, a ponto de sahirem melhores discipulos do que os mestres.

O periodico francez *Les Annales de la médecine et de la chirurgie étrangère*, título que devia incluí-lo no numero das publicações sérias, não hesitou em dar a seguinte noticia sob o título *Troca de cabeça*.

«A 18 de Abril de 1868 houve na cadeia de Villa Rica (provincia de Minas geras) no Brasil, uma dupla execução capital; a dos chamados Aveiro e Carines. No Brasil as execuções são feitas a portas fechadas, no interior da prisão.

«O dr. Lourenço do Carmo, do Rio de Janeiro, muito conhecido dos sabios por seus notaveis trabalhos sobre a electricidade applicada á physiologia, sua habilitade como cirurgião e seus triumphos nas operações de autoplastia, lembrou-se e teve autorisação para prevalecer-se daquella circumstancia afim de verificar experimentalmente o poder da electricidade e demonstrar sua analogia com alguns dos phenomenos da vida.

«Até então, as numerosas experiencias sob estas vistas havião sido feitas na cabeça e no tronco isoladamente; o dr. Lourenço do Carmo imaginou renovar a experiencia reunindo-os.

«As cabeças dos dous condemnados cahirão com curto intervallo no mesmo cesto: a de Carines primeiro, depois a de Aveiro. Immediatamente, em seguida á segunda execução, um dos alumnos que ajudavão o dr. Lourenço comprimio as arterias carotidas de Aveiros para estancar a hemorrhagia, sendo então depositado o corpo em um leito preparado com antecedencia. Tendo um dos ajudantes apanhado com vigor uma das cabeças, applicou-a o dr. Lourenço com a maior exactidão possivel na secção, e fez com que fosse conservada nessa posição.

«Os alveophoros de uma pilha electrica poderosa forão applicados á base do pescoço e no peito; sob esta influencia, vio-se immediatamente, como nas precedentes experiencias, exercitarem-se os movimentos respiratorios. Como o sangue, que penetrava em abundancia pela superficie da secção na trachea e nos bronchios, corria risco de embarçar a entrada do ar, praticou o dr. Lourenço a tracheotomia: a respiração manifestou-se então regularmente. A cabeça foi ligada ao tronco mediante nume-

rosos pontos de sutura e um aparelho especial.

«O physiologista queria ver durante quanto tempo um simulacro de vida poderia ser assim entretido artificialmente. Grande foi sua admiração quando viu que no fim de duas horas, não só a respiração ainda durava sob a influencia da corrente electrica, como tambem que a circulação retomára certa regularidade; o pulso batia fracamente, mas de maneira sensível. Continuou-se a experiencia sem descanço.

«Depois de 72 horas, reconheceu-se com espanto o manifesto trabalho de circulação, que começava a operar-se nas beiradas da secção. Um pouco mais tarde, signaes da vida manifestar-se espontaneamente na cabeça e nos membros, até então privados de movimento. Foi nessa occasião que o director da prisão, entrando pela primeira vez na sala da experiencia, viu que, por erro singular devido á precipitação occasionada pelas exigencias da propria operação, a cabeça de Carines fôra tomada pela de

Aveiro e collocada no corpo deste. Todavia continuou-se.

«Tres dias depois, os movimentos respiratorios restabelecerão-se por si mesmos, e pôde-se suspender o emprego da electricidade.

«O dr. Lourenço do Carmo e seus ajudantes estavam espantados, e assustados com tão inesperado resultado e com a força daquelle agente que em suas mãos restabelece a vida n'um corpo ao qual a lei tirara o direito de existir.

«O sabio cirurgião, que não tivera em vistas senão uma simples experiencia de physiologia, empregou toda sua habilitação para continuar aquella obra que a sciencia, contra toda expectativa, auxiliada pela natureza, havia singularmente começado. Auxiliou o trabalho da cicatrização, que completou-se nas mais favoráveis condições; por meio de uma sonda soplágica forão introduzidos alimentos liquidos no estomago.

«No fim de cerca de tres mezes, a cicatrização era completa; os movimentos, posto que ainda difficéis, tornarão-se cada vez mais amplos. Finalmente, pas-

sados sete mezes e meio, Aveiro-Carines pôde levantar-se a andar, experimentando apenas alguma dureza no pescoço e fraqueza nos membros.»

#### As officinas de gaz.

—É esta a tarefa, diz o *Escholiaste Medic. de Lisboa*, a que se dão actualmente algumas companhias de gaz em Londres, a de transferir suas officinas para fora do povoado. A *Imperial Company* escolheu uns campos perto de West-Ham; a *Chartered* outra localidade despovoada, perto do rio Tamisa; e a *City company* procura localisacão com as mesmas condições que as outras. A saude publica acaba por ter razão onde os seus interesses são bem sustentados. Londres, que dera exemplo de não permitir que fosse distribuido ao publico senão o gaz avaliado officialmente emquanto á sua pureza relativa, dá-o hoje para uma providencia cuja importancia salta aos olhos dos menos competentes na questão.

#### Fornecimento d'agua em Jerusalem.

—Escrevem de Jerusalem que uma senhora ingleza, miss Burdett Contins, apresentára propostas ao governo turco, para abastecer de aguas a cidade Santa, por meio de aqueductos construidos á sua custa. Este projecto foi remetido pelo governo ottomano ao conselho de estado em Constantinopla para consultar.

#### Episodio da viagem do principe de Galles.

Em Constantinopla deixou o principe 40,000 francos para os pobres.

O sultão fez um riquissimo presente á princeza de Galles, um enfeite de diamantes de immenso valor.

A importancia do presente levou a princeza a mostrar desejos de declinar a offerta; mas tendo o sultão insistido cortezmente, a princeza respondeu lhe: «A Porta é sempre sublime.»

## COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO.

(QUINTA—OLINDA, NO CAMINHO GRANDE)

### Internato para alumnos de menor idade.

Á 7 de Janeiro de 1870, abrir-se-ha um novo collegio, sob o titulo de COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, destinado á educação e instrução de alumnos de menor idade, confiados a direcção de ecclesiasticos seculares.

O programma deste novo collegio tem as seguintes bases:

- 1.ª Dar á infancia a educação litteraria sufficiente á adaptal-a a seguir os cursos superiores de instrução.
- 2.ª Desenvolver a segundo os preceitos modernos da pedagogia, modelando-a pelos methodos mais avançados e seguidos.
- 3.ª Disseminar a instrução por preços reduzidos, proporcionando assim aos Pais de Familias, ainda de escassa fortuna, meios de educarem seus filhos com mais commodidade.
- 4.ª Promptificar os alumnos em breve espaço de tempo, de modo que, ultimando seus estudos preparatorios ainda com pouca idade, possam tambem concluir sua instrução superior em poucos annos.
- 5.ª Limitar á uma só a classe dos alumnos—internos, afim de que sobre elles se exerçam os cuidados e disvellos da direcção.

Para consecução desses fins adoptam-se as seguintes:

#### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- 1.ª Que o alumno tenha no maximo 14 annos incompletos. (Não deve ser menor de 7 nem maior de 14 annos).
- 2.ª Que não soffra molestias contagiosas.
- 3.ª Que seus Pais, tutores, protectores, ou correspondentes se obriquem: 1.º Pela mensalidade de 25\$000, paga adiantada, no começo de cada mez; 2.º fornecer-lhes os objectos constantes da tabella annexa; 3.º obrigar-se pelo seu curativo no caso de prolongamento de enfermidade por mais de 4 dias.
- 4.ª O collegio, mediante essas condições, dá ao alumno:
  - 1.º Instrução primaria, secundaria, e religiosa, segundo o plano dos estudos.
  - 2.º Alimentos sãos, solidos, e abundantes em trez refeições diarias.
  - 3.º Medico, botica, e curativos por quatro dias.
  - 4.º Roupa lavada e engomada, constante do enxoval exigido.
  - 5.º Corte de cabellos, banhos doces ou salgados conforme exigir o accio ou salubridade.
  - 6.º Mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa, e utensilios da meza.

Tabella dos objectos que cada alumno deve trazer no acto da admissão:

- ROUPA BRANCA. 4 camisas, 4 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 2 sacos para roupa suja.
- ROUPA DE CÔR. 8 camisas, 6 palitots, e 6 calças de brim pardo, 4 cobertas de chita escura.
- ROUPA PRETA. 1 Fato preto completo, e 2 gravatas.
- CALÇADOS. 1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.
- PARA ACEIO. 1 cama de ferro, 2 travesseiros (um maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente de alisar, 1 dito fino, e 1 thesoura.

#### PLANO DE ESTUDOS.

##### Instrução primaria.

- 1.º grão: Lér, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.
- 2.º grão: Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical; elementos de geographia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia: desenho linear; arithmetica; doutrina christã.

##### Instrução secundaria.

Grammatica geral.  
 Latim inferior.  
 « superior.  
 Francez.  
 Inglez.  
 Geographia.  
 Historia Universal.  
 « do Brazil.  
 Mathematicas elementares.  
 Philosophia.  
 Rhetorica.

##### Instrução religiosa.

Para os alumnos de instrução primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrução secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gaume.

As disciplinas do curso primario e secundario, e a instrução religiosa são leccionadas pelos directores, que chamarão professores idoneos quando as necessidades do ensino exigirem.

#### BELLAS ARTES.

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc) mediante ajustes particulares com os srs. encarregados dos alumnos.

#### LOCAL DO COLLEGIO.

O COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO acha-se fundado na quinta —Olinda—no caminho grande, fóra do circuito da cidade de San Luiz do Maranhão.

O local offerece todas as garantias para hygiene e salubridade dos alumnos.

Dispõe o collegio de vasta e excellente quinta, agua corrente, tanque para banhos, arvores fructiferas, jardim, bosques, e lugares de recreação. É todo murado de pedra e cal.

Distante menos de quarto de legua da cidade, o collegio proporciona assim mais momentos de estudo ao espirito arredado do tumulto urbano.

Sob a direcção de ecclesiasticos afeitos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos seus encargos, e fundaram este collegio proprio, com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empreza, collocada sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera todá a coadjuvação dos Srs. Pais de Familias.

Pode ser visitado o collegio á qualquer hora do dia á vontade dos concorrentes.

Recebem-se alumnos desde já, porém as matriculas abrir-se-hão á 3 de Janeiro proximo, começando as aulas á 7 de mesmo.

Maranhão 27 de Dezembro de 1869.

Os Directores,

PADRE—THEODORO ANTONIO PEREIRA DE CASTRO.  
 « —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.  
 « —RAYMUNDO DA PURIFICAÇÃO DOS SANTOS LEMOS.

San Luiz—Typ. PERSEVERANÇA, Imp. por Antonio Amiceto de Azevedo.

## POLITICA.

## O successor de Lord Derby

Londres, 23 de Outubro de 1869.

Já se não preenchem com a facilidade de outrora os vacuos abertos pela morte nas fileiras dos estadistas britannicos. Não faltão substitutos e aspirantes ao poder, mas a continuidade dos principios e das tradições está a perder-se cada vez mais. Na primeira parte deste seculo, o mecanismo do governo pelos dous grandes partidos whig e tory funcionava admiravelmente, e como erão ambos essencialmente aristocraticos, apesar de algumas divergencias secundarias, resultava uma estabilidade social que os admiradores da constituição britannica no exterior não deixavão de attribuir ao proprio systema parlamentar. Dês que expirava um whig ou um tory, o successor occupava naturalmente o seu lugar no ministerio ou na camara sem que nada fosse mudado na posição respectiva dos partidos em relação aos principios constitucionaes. Hoje não acontece o mesmo. Cada *leader* dos antigos partidos que desaparece da scena leva consigo um retalho do programma da sua escola; e a morte de lord Derby será para o partido conservador o signal de uma transformação mais radical do que a transformação que a morte de lord Palmerston produziu no antigo partido whig.

A muitos respeitois lord Derby, aliás converso do liberalismo, era de todos os estadistas conservadores o que mais intimamente adheria ás verdadeiras tradições do torysmo. Verdade é que a nova evolução do partido tory a que estamos assistindo começou sob a direcção de lord Derby, mas esta reviravolta era, propriamente fallando, obra exclusiva do Sr. Disraeli, cujo espirito flexivel e audaz desdenhava a velha rotina tory, e o papel de lord Derby consistia na realidade em empregar a sua influencia pessoal nos grandes proprietarios territoriaes para os persuadir a que seguissem o Sr. Disraeli na estrada nova que elle pretendia traçar ao partido conservador. O temperamento de lord Derby nada tinha de commum com o torysmo de fantasia que o Sr. Disraeli queria substituir á resistencia honesta e teimosa dos velhos tories nas questões que mais ou menos directamente affectavão a situação da aristocracia e da igreja nacional, mas elle aceitava sem excessiva repugnancia os resultados da tactica do Sr. Disraeli desde que ella levava de novo ao poder o partido tory cuja existencia politica estava tão compromettida na occasião em que o Sr. Disraeli empenhou o bastão do partido na camara dos commons. As tretas e as habilitades parlamentares do Sr. Disraeli derão resultados contrarios ao partido conservador: a força de querer bater os whigs com as proprias armas delles, propondo, como elles, reformas que nem uns nem outros tencionavão realisar, soffrerão os tories as consequências da agitação por elles mesmos alimentada.

A morte de lord Palmerston foi o golpe de misericórdia para o antigo partido whig; não estando presente a personalidade tão popular daquelle estadista para sustentar as aspirações do liberalismo adiantado, forão os seus successores obrigados a dar razão das promessas com que os whigs viverão tantos annos. Conhecem-se os resultados disso: os whigs reunidos em volta do Sr. Gladstone; ganhão decisiva victoria sobre os tories, mas como partido derão-se a morte por suas mãos. A nova maioria

liberal é baseada sobre principios que lord Palmerston e até lord Russell, na época em que era *leader* parlamentar, jámais admittirão, e o caracter adiantado das doutrinas que servem de pedestal ao Sr. Gladstone excluem toda a possibilidade de que o Sr. Disraeli venha a obter, com a sua concurrencia liberal, as mesmas victorias anteriores.

Nestas circumstancias, qual será a attitudão do partido conservador em frente dos problemas que a proxima sessão parlamentar não deixará de levantar? Reduzir-se ha provavelmente a uma especie de opposição moderada, defendendo palmo a palmo o terreno dos privilegios politicos e ecclesiasticos, e tentando de vez em quando uma diversão que leve guerra ao paiz inimigo, quando o puder fazer sem perigo. Cumpre não esquecer que o partido conservador apresenta a sua massa mais imponente na camara dos lords, e que dahi é que devem sahir em ultimo lugar o santo e a senha.

A confiança que lord Derby depositava no Sr. Disraeli fazia com que este fosse o director effectivo do partido, mas não é certo que as disposições de lord Stanley em relação ao illustre representante de Buckinghamshire sejam as mesmas de seu pai. Dos outros membros notaveis do partido conservador na camara alta, lord Salisbury e lord Carnarvon estão ostensivamente separados do Sr. Disraeli, e lord Cairns mostrou, com a sua iniciativa de compromisso na questão da igreja da Irlanda, quão longe está de acompanhar as convicções absolutas de lord Derby. Ha pois na principal secção do partido conservador dissensões tão nimamente profundas, que não se pode admittir no futuro uma nova manifestação energeticamente conservadora no genero daquelle que os lords tentavão fazer por occasião do *bill* sobre a igreja da Irlanda.

Suppondo que lord Stanley aceite a herança politica de seu pai na camara alta, e que o Sr. Disraeli continue a desempenhar o seu papel na camara dos commons, está direcção será a prova cabal da immensa mudança operada no programma do partido conservador de alguns annos para cá. Ocioso é lembrar a facilidade com que os principios conservadores do Sr. Disraeli se prestão ás exigencias de cada situação nova. Quanto a lord Stanley, pode-se-lhe bem applicar, mas ao avesso, o dito de seu pai a respeito de lord Palmerston. Se lord Palmerston era o *melhor dos conservadores*, posto estivesse no campo liberal, lord Stanley é o *melhor dos liberais*, posto seja o chefe nominal do partido conservador.

Effectivamente, lord Stanley é um discipulo da escola de Manchester com uma coroa de conde. A doutrina da livre-permuta não tem adepto mais fervente, nem o systema economico adoptado pelo Sr. Gladstone mais sincero admirador. Interessa-se pelas questões sociaes, discute as vantagens e os inconvenientes das *Trades Unions* e das sociedades cooperativas, e faz discursos na inauguração dos clubs de operarios. Jámais a camara alta escutará de seus labios um appello pathetico ás recordações historicas como o fim de arrastar a uma cruzada em prol das velhas instituições. Bem diversa é da dos tories de outrora a adhesão de lord Stanley ao throno e ao altar. O successor de lord Stanley é primeiro que tudo um aristocrata utilitario. Compreende seriamente os deveres da sua posição e a sua responsabilidade para com a nação, mas, a despeito dos esforços sinceros que faz para

ser útil ao povo e curar das necessidades delle, jámais gozará a popularidade pessoal de seu pai, aliás aristocrata até a medulla dos ossos. É que lord Stanley não tem aquella sympathia instintiva e aquella afinidade natural com o caracter, o temperamento, e até os preconceitos do povo, que tem sido até hoje um dos maiores elementos de successo e de dominação para a aristocracia ingleza, e que especialmente lord Palmerston possua no mais elevado grão.

Com semelhante chefe na camara alta, dentro em pouco será absolutamente impossivel distinguir os principios conservadores dos seus adversarios. Em certas questões haverá apenas uma differença de grão na applicação desses principios. Os conservadores representam mais particularmente os interesses da propriedade territorial, o partido ministerial os interesses financeiros e industriaes. Está de ora avante realisada a fusão dos antigos whigs com a rica burguezia, e os partidarios dos Srs. Gladstone e Bright entrarão na categoria dos salisheitos, achão-se entretanto, os dous partidos de accordo para exemplar as formulas do liberalismo, mas a tactica dos chefes consistirá primeiramente em dar ao movimento democratico uma direcção conforme os interesses da classe a que elles se prendem. Assim que, o partido ministerial, que se intitula liberal por excellencia, evita levantar problemas perigosos para a preponderancia do capital e foge de pôr a mão nas relações economicas que, no conceito desse partido, são o unico elo racional entre os estrangeiros, mas em compensação dará plena e inteira satisfação ás aspirações da aristocracia territorial e da igreja estabelecida. Os Srs. Bright e Gladstone e seus amigos tomão a si a causa dos rendeiros irlandezes, á espera que chegue a occasião de applicar á propria Inglaterra e o seu systema de *free trade in land*: lastimão a sorte dos operarios agricolas e estão dispostos a admittir o principio da separação entre a igreja e o Estado na Inglaterra como na Irlanda. Todas essas reformas não alterão a posição da burguezia, e aos olhos da escola de Manchester, só se podem chamar subversivas as doutrinas que atacão o capital e a livre-permuta.

Por outro lado, os conservadores, querendo também dar provas de liberalismo, tomão as dores pelos operarios da cidade e pretendem provar-lhes que a aristocracia territorial seria para elles o melhor ponto de apoio na sua luta contra o capital. Dahi vem a organização das *associações de operarios conservadores*, que desempenharão papel um tanto importante nas próximas eleições. Do mesmo modo os tories, cuos menos os que não têm as convicções economicas de lord Stanley, não deixão de animar a agitação de que já lhe fallei ha tempos contra o systema da livre-permuta, e aproveitão a occasião para se arvorarem em protectores da industria nacional.

Nas questões de politica externa, os conservadores procurarão demonstrar que os seus estadistas conseguirão melhor que o ministerio Gladstone conservar o prestigio da Gran-Bretanha e influir nos negocios continentaes, sem todavia arriscar a segurança e a paz, que ambos os partidos proclamão como o fim unico da politica nacional. Em summa, fazer liberalismo á custa de seus adversarios, les o fim da tactica parlamentar tal como a vimos desenvolver-se sob a direcção do Sr. Gladstone e do Sr. Disraeli, e a entrada de lord Stanley na camara alta não poderá dar outro resulta-

do que não seja impellir os conservadores a irem mais longe nesse mesmo caminho.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

## O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

(Continuado do numero antecedente.)

## II.

Bem que, já desde dous seculos o meio, reunida á Inglaterra por um laço politico, a Escocia ainda conserva em seus costumes e instituições certo caracter de nacionalismo, eminentemente abalisado, sendo estranhavel que, não obstante o seu afastamento, ficasse mais greco-latina, que teutonica. O escossez é intelligente, frugal, economico e amador do trabalho. Para qualquer paiz que elle emigre, isso fará de caso pensado e com animo feito, e qualquer que seja a profissão, que emprehenda, sem custo sahir-se-ha bem della. Assim é que essa antiga religião mantém-se em graduação honorifica na ordem das nações civilizadas, posto que o clima seja aspero, e pouco fertil, o solo montanhoso. A população escosseza mal conhece a mania social de especulações temerarias e súbitas opulencias, pois os costumes da sociedade ainda parecem patriarchaes. Empregando a bem achada expressão de Fearon, retira-se que a riqueza não se amplia mais depressa qu a civilização. Esceptuando-se talvez em Glasgow e n'outras cidades de muito trafego, não se encontrão esses parvos medrados, tão frequentes em Inglaterra, os quaes, sabidos da infima classe, por um lance da fortuna se improvisão á emparelhar com familias de alta classe. Na Inglaterra, o homem que possui uma renda de 100.000 francos, esquivase de frequentar o que só tem a de 10.000, e este mesmo tambem menospreza daquelle outro que não tem nenhuma. O negociante se envergonharia de ver seus filhos educando-se na mesma escola á par dos filhos de seus caixeiros. Para com os escossezes, porém, que não são desdenhosos, nem se prezão de pundo-nores fantasticos; suas escolas são frequentadas por meninos de todas as condições, sendo que assim a instrução esteja muito disseminada, e que a educação escolastica seja devidamente avaliada em razão do resultado de exames, o que, a mór das vezes, é effeito do acaso, quando não do favor!

Todavia, convem fazer-se uma restricção: dando-se nas escolas escossezas uma mistura fraternal entre os fillos de artesãos e os da gente media, acontece que os grandes proprietarios de terras e os principaes manufactureiros preferem mandar seus fillos educarem-se na Inglaterra, onde esses, depois de recebida a instrução secundaria em Eton, Rugby, ou Harrow, passão á Oxford ou Cambridge a se reformarem em sciencias superiores. Não é que semelhantes estabelecimentos em seu paiz natal sejam menos dignos de educar uma mocidade rica e intelligente, pois muitas vezes tem tido, principalmente nas cadeiras de philosophia e sciencias exactas, professores, cuja nomeada se tornou de notoriedade europeia; mas sim parece que a posição dos estudos tenha baixado em consequencia de varias circumstancias, uma das quaes, a facilidade de communicacões, talvez tenha contribuido muito. Demais, tendo a gente escosseza uma pronunciação, que não é grata aos ouvidos das pessoas cultas do resto do reino unido, e que, junta com certo estylo peculiar de fraseado, é acolmada

de ser marca de provincialismos; os pais de família, que muito anhelam por livrar seus filhos de se arraiarem na locução viciosa, valem-se do expediente de mandal-os, logo desde a puerícia, residir por muito tempo na Inglaterra, a fim de perderem esse tal defeito, que os exporia a um tanto de ridículo no curso ulterior de vida publica. Dessa systematica ausencia de filhos das famílias gradas têm resultado que os meninos, que em pequeno numero ainda frequentam as escolas patrias, tenham lazer de prolongar sua estada até a idade de 24 ou 25 annos, termo costumario dos estudos universitarios. Presentemente já está em costume que a instrução secundaria se termine na idade de 15 ou 18 annos, e que a instrução superior, propriamente dita, que só a idade pelas universidades, continue a idade de 19 annos ao mais.

A Escossia tem jus de se ufanar da antiguidade das suas escolas, pois que citão-se varias, que já existião antes de 1200, e parece certo que no seculo XVI havia grande numero de escolas de grammatica nesse paiz tão apartado do centro intellectual da Europa de então. Cita-se mesmo um documento daquella época, no qual se impunha o ensino obrigatorio aos filhos dos proprietarios fundiarios, ordenança essa que foi bem antecipada, mas que sem duvida naquellas eras remotas ficou olvidada como carta de letra morta, porquanto, no dia de hoje tem-se muita difficuldade em fazel-a adoptar por esses mesmos, cujos ascendentes a promulgarão. A creação de um systema geral de ensinaça popular foi obra da reforma religiosa, que na Escossia teve um caracter especial de regidez. Por uma lei, que data de mais de dous seculos, cada parochia foi obrigada de manter escola sua; depois, pouco a pouco, forão-se formando escolas mais importantes, que se chamarão collegios ou academias, e mais as universidades, que, sendo ainda cinco, parecem excessivas para um territorio tão pequeno.

Não se deve contar com achar-se nas escolas parochiaes desse paiz o simile do que são as escolas primarias n'outros paizes, nomeadamente em França. As administrações parochiaes acalmão com liberalidade as carencias da instrução publica, sendo que o director, cõbra, adicionando-se gratificações e outros proventos menores, uma paga annual, superior de 2,000 francos, o que, em um paiz, onde as virtualhas custão barato e a frugalidade é habitual, se estima como pouco official bem commoda. Legados consideraveis, que têm sido deixados á escolas de muitos lugares, melhorão a posição dos mestres escolas. Assim é que o legado Milne assegura um supplemento de 500 francos por anno ao salario dos mestres das escolas do condado de Aberdeen, com a clausula de que cada um dos professores ensinará gratuitamente a 25 discipulos. O delegado Dick, cujo capital monta a perto de 3 milhões de francos, se reparte entre as escolas dos tres condados, (comarcas ou districtos administrativos) de Moray, Banff e Aberdeen. O doador, que foi um Mr. Jayme Dick, fallecido em 1828, consagrou sua fortuna quasi toda ao melhoramento da instrução, a fim de ir-se gradualmente realçando a antiga condição a positura litteraria do professores e discipulos. As pessoas que administram esse importante capital, incumbem a um inspector de, ao menos uma ou em cada biennio, inspecionar as escolas parochiaes dos ditos tres condados. Na Inglaterra existem escolas dotadas caprichosamente cuja renda por bens de raiz se acha hoje em dia muito multiplicada em virtude da diuturnidade das fundações.

Semelhantes dotações, que existem na Escossia, são mais regulares. Em ambos esses paizes acontece que seja a individualidade civica que espontaneamente coopera com a acção do Estado. Em França, e mais alhures, nada se encontra de semelhante a isso. Nenhum bemfeitor pensaria em dotar ricamente

uma escola submettida á regra uniforme de um poder unico e centralizado. A benéfica influencia dos adjectorios de salario supplementar, de que se acaba de tratar, não tardou muito em provar-se. Os administradores do legado Dick, tendo sujeitado os instruidores a sérias provanças de habilitação, antes de se lhes concederem as competentes quotas das opulentas dotações, conseguirão que quasi todos os mestres, ora empregados, sejam pessoas de um mérito reconhecido, isto é, licenciados pelas universidades. Esses mestres de instrução primaria, instruidos e bem remunerados, vivendo comedidamente em villas e aldeas, não se contentão com a árdua tarefa de ensinar a lê e escrever aos meninos camponios; mas averiguão as vocações e cultivão as aptidões de seus discipulos, e até mesmo dão instrução mais relevante aos que se mostram merecel-a; acontecendo por isso que até mesmo nas aldêas se ensina latim, grego e mathematica, e que a escola parochial sirva de preparatorio immediato para o curso de estudos da universidade. Ha meninos, tão pobres, que andão descalços, que sabem traduzir Virgilio e Homero e resolver equações algebricas até o segundo grão. No caso de lhes tocar alguma subvenção de pensionista, modica que seja, esses pobres estudantes encaminhão-se logo para alguma das universidades escossezas, onde se vive barato e não se conhecem as dispendiosas distrações de Oxford e Cambridge, e onde, partindo desde o intimo do estadio, percorrem todo o curriculum litterario e scientifico. Haverá um mal em semelhante pratica, como disse nos querião persuadir Mr. Demogeot e Mr. Montucci? Ambos esses sabios professores muito receião que o joven, arrancado da existencia monotona da sua aldêa para esses estudos delicados, não seja mais do que um ente deslocado da sua competente condição social, que se põe da sua origem obscura e se desgosta da sociedade, que apenas lhe entreabrio a porta sem curar do seu futuro, e que, finalmente, esse joven camponio, vindo a considerar-se superior á gente entre quem nasceu não quererá mais pegar no arado, pois, como vulgarmente se diz, não é lendo-se as *Georgicas* de Virgilio que se lava a terra. Mas taes receios só serão attendiveis, quando muito, em França, onde o camponez gosta emigrar da sua aldêa para a cidade mais vizinha. Nas ilhas britannicas, o individuo que ali não se acha bem, vai para o Canadá, para a India, ou para a Australia. Depois, se elle for realmente instruido e intelligente, de ter ganho em qualquer desses paizes bastante riqueza, nos fins de sua idade regressa para a sua terra natal, onde veio servir de exemplo e estímulo á nova geração de seus patricios.

Está demonstrado que na Escossia não ha uma linha de demarcação, bem traçada entre a instrução primaria e o ensino secundario. Todavia, as principaes cidades possuem estabelecimentos escolares, que, com a denominação de escolas urbanas (*burgh schools*) ou academias, dão ás linguas antigas um desenvolvimento maior que as escolas parochiaes. Infelizmente, muitas vezes essas escolas urbanas têm decaído por falta das administrações das municipalidades. Ha trinta annos, antes de haver uma lei, que veio remediar semelhantes abusos, na Escossia a gerencia dos districtos municipaes (*communas*) era tão defeituosa, que varias municipalidades se declararão em estado de fallencia. Não era que as escolas de instrução secundaria estivessem menos bem provisionadas por generosos bemfeitores que as escolas ruraes. Um ecclesiastico, o Dr. André Bell, que em Madrastra acumulou uma grande fortuna, deixou em 1830 tres milhões de francos para a creação mui singular de escolas secundarias baseadas sobre o principio de ensinaça mutua. O capitão Mackintosh, da navegação mercantil da India, legou um capital de 10,000 libras esterlinas

á academia real de Inverness para educação gratuita dos filhos de todas as familias, que tenham o sobre-nome generico de Mackintosh. Essa generosidade fôra mal calculada. Nunca se apresenta senão um pequeno numero de pessoas, que provão possuir um tal direito, de sorte que os executores fidei-commisarios de legado vêm-se reduzidos a em cada anno accumularem uma parte do rendimento ao capital.

Não é nas escolas fundadas sobre um principio exclusivo, como as do Dr. Bell, que convem examinar-se o quô é na Escossia a ensinaça secundaria; não é tambem nos pequenos estabelecimentos que municipalidades empenhadas de dividas sustentão difficilmente; nem me nos nas innumeras escolas particulares, ás vezes excellentes, mas quasi sempre pouco honorificas, que pullulão em ambas as margens do rio limitrophe Tweed. Mais vale para um tal assumpto pesquisar-se as grandes escolas de cidades taes, como Edinbourg, Glasgow ou Aberdeen. É verdade que os estabelecimentos escolares dessas cidades, tambem são instituições puramente municipaes, mas pertencentes a cidades opulentas. Demais disso, por uma recente reorganisação forão realçados a par do progresso do seculo actual. Em geral, as escolas, cujos methodos de ensinaça se modificarão ha pouco tempo, estão decoradas com a denominação de academias; contudo, nellas não se enxerga mais, que nas outras, uma linha de demarcação entre a instrução primaria e a secundaria. Escolas parochiaes, academias ou universidades, todas rivalisão umas com as outras.

Essa emoluação em parte se origina da mesma organização dos estudos.

Não havendo na Escossia um programma commum para todos os discipulos, ensinão-se as linguas mortas e vivas, as sciencias mathematicas e naturaes e o desenho; e estando marcado o preço pela ensinaça de cada uma das materias, podem os pais fazer que seus filhos aprendão o que melhor lhes convier: assim tal pai se contentará com a latim somente, mas outro exigirá tambem que o filho aprenda mathematica.

A propria instrução religiosa, que não é obrigatoria, a maior parte das vezes é conforme os principios da igreja presbiteriana. Os meninos de diversa crença religiosa, que se abstem de assistir á mencionada doutrina, praticão uma franqueza facultada a todos os estudantes. A principal vantagem desse systema de educação consiste na possibilidade de cada pai de familia reduzir a retribuição escolar a quanto lhe fizer melhor conta. Demais disso, como todas as escolas são de externato somente, e que os estudantes, cujas residencias paternas estiverem mui remotas, podem morar na cidade em aposentos acomodados ás suas circumstancias pecuniarias, acontece que as familias, cuja renda é modica, proporcionão a seus fillos uma instrução tão substancial e prolongada como a das familias abastadas. Não é estranhavel que dissipulos de ambos os sexos aprendão promiscuamente, o que é mais um caracteristico peculiar da instrução publica, na Escossia.

De quanto fica dito, deprehende-se bem que o mais notavel no regimen escolar desse paiz consiste na carencia absoluta de organização. Goza-se de uma liberdade absoluta em materia de ensinar, não havendo, como em França, leis, decretos ou resoluções ministeriaes para prohibir a confusão dos sexos, regular a ordem dos estudos, tudo isso redigido de maneira que o mais respeitavel director de collegio e o professor mais autorizado nunca estão bem seguros de saber á quantas andão em suas obrigações.

Não existindo na Escossia nada disso, assim mesmo lá se dão muito bem com a usança costumaria; pois que, além da firmeza e solidez da educação privada da juventude, existe fóra das escolas uma influencia singular, que corrige os

vicios do systema todo: essa força de influencia consiste no interesse extraordinario que os paes tomão pela educação de seus fillos.

O pai de familia, que sabe apreciar a dóze de instrução, que convem a seu filho, não só paga sem hesitar o curso, ás vezes bem caro, da ensinaça, mas tambem; o que muito vale, tem cuidado todos os dias de indagar do adiantamento do menino, tomar-lhe contas do como procede fóra da aula, elogial-o ou reprehendel-o conforme merecer. Talvez que não falem amadores de uma liberdade absoluta que enviem por transplantar para outros paizes semelhantes systema de ensinar, mas o que deveria invejar seria aquelle tal espirito nacional, que faz com que tal systema perdure sem inconveniente.

A liberdade de ensinaça de que desfructão os habitantes das ilhas britannicas, naturalmente se encontra na gente da lingua ingleza nos Estados-Unidos, salvo modificações devidas aos habitos sociaes dos americanos. A instrução secundaria estando alli negligenciada, a primaria, pelo contrario acha-se mui generalizada, e já se tem querido tornal-a obrigatoria. Nas escolas onde as crianças, rapazes e raparigas, de familias ricas ou pobres, aprendem juntas, o estado não exerce superintendencia, pois ellas só dependem das administrações municipaes. Os professores não são muito instruidos, mas são firmes sem severidade, pacientes sem frouxidão, e mantêm perfeitamente a disciplina, pois que são energicos, o que é qualidade favorita dos americanos.

Um dos commissarios do inquerito respectivo na Inglaterra relata com admiração que ha tanta vivacidade nas bancadas dos estudantes, que alli nenhum toscaneja.

Este genero de educação não dará sábios, mas é uma preparação directa para a vida publica, que cada cidadão passará naquella união de estados.

Continúa.

## EXTERIOR.

### Austria.

#### O FUTURO CONCILIO.

O presidente do conselho de ministros do reino da Baviera, principe de Hohenlohe, entendeu dever expedir á todos os gabinetes europeos uma nota-circular, a proposito das deliberações do futuro concilio.

Nessa nota, o principe allegava que o Concilio ecumenico, ao qual o mundo catholico da alta importancia, não occupar-se-ha somente de questões de fé, mas tambem e ao mesmo tempo de questões concernentes ás relações entre a Igreja e o Estado; e, aproveitando a occasião para assignalar o perigo das proposições conteudas no *Syllabus*, inquiria—se não seria util que os governos avisassem os bispos de suas respectivas jurisdições, ou mesmo o Concilio, sobre as temiveis consequencias do abalo e enfraquecimento daquellas relações ainda existentes. Depois, propunha; 1.º, protestar contra todas as decisões do Concilio, em materia civil-ecclesiastica, que fossem tomadas sem previa notificação ao poder civil ou sem sua co-participação; 2.º, redigir nesse sentido uma nota colectiva; 3.º, reunir uma conferencia de todos os governos interessados, antes da reunião do Concilio, para acordarem em uma conducia commum. O principe concluia por declarar que o tempo urgia, e que o seu procedimento era dictado por *optima intenção*.

O governo francez respondeu que «queria reservar toda a sua liberdade de acção sobre assumptos tão melindrosos, e pois não podia adherir ao accordo proposto». Outros governos responderão no mesmo sentido, mais ou menos. O da Austria, porém, foi mais extenso nos motivos de sua recusa; e sua nota respectiva fez grande impressão em toda a Europa, desalentando

completamente as tentativas do ministro bavaro. É essa nota a que vai abaixo transcripta:

«Vienna, 15 de Maio de 1879.

«Pelo conde de Bray, plenipotenciário de S. M. o Rei da Baviera, tive conhecimento de um despacho que o seu governo lhe havia dirigido, a fim de perguntar qual seria a posição dos governos europeus em relação ao futuro Concílio. O conde de Bray deixou esse despacho nas nossas mãos, e, para dar conhecimento delle a v. exc., envio uma cópia.

«Apoiando-se nas informações que lhe chegarão relativamente aos preparativos para o proximo Concílio, e nas intenções attribuidas á curia romana, o governo bavaro se dirigia a nós (como ter-se-ha sem duvida dirigido aos outros governos) para sondar—se não seria útil tratar de medidas preventivas, taes como representações enviadas aos bispos dos diferentes Estados, ou protestos directamente remetidos á Roma, a fim de proteger os principios do direito moderno sobre que estão baseados os governos; e se não seria opportuno tratar de um accordo relativamente ás medidas deste genero, tomadas, se não juntamente, ao menos em um sentido identico, por meio de resoluções geraes ou de conferencias, reunindo-se todos os representantes dos governos interessados.

«Estudei com toda a madureza o assumpto desta importante comunicação, e, antes de remetter ao principe de Hohentlohe a minha resposta ás questões de tão grande alcance, sobre as quaes elle julgou dever chamar a attenção dos governos, conferenciei reservadamente com o ministerio imperial e real austriaco, e assim tambem com o ministerio hungaro.

«Achando-me em plena e inteira conformidade de opinião com os dois ministerios, e autorizado por S. M. imperial e real, tenho a honra de dirigir ao gabinete de Munich, por intermedio de v. exc., a resposta ás suas observações.

«Segundo nossa opinião, os governos que, como o austro-hungaro, admittirão em principio a liberdade das diferentes religiões, não serão consequentes com este principio se quizessem oppor providencias tendentes a restringir ou prevenir o principio estabelecido na constituição da igreja catholica quanto á convocação de um Concílio geral. Será talvez permittido, para sustentar o principio perante o qual encaramos a questão, notar que até ao presente não sabemos que nenhuma das potencias, que reconhecerão completamente o principio da independência da igreja, e no dominio das quaes este principio tomou raizes mais profundas na opinião publica, tenha manifestado apprehensões á respeito das decisões eventuaes do futuro Concílio; e que nenhuma se tenha ainda occupado em tomar providencias defensivas ou preventivas.

«Se porém se admittir o principio—que deve ser dado ás corporações religiosas reconhecidas a mais ampla liberdade no exercicio das suas funções, contando que estas funções não produzão conflictos com os direitos do Estado e com os principios donde dimanam esses direitos, é claro que o governo imperial e real, na situação actual, não vê nenhuma razão, quer de direito, quer de oportunidade, para o resolver a adhear, desde já, ás propostas do governo bavaro, apesar da attenção que no entanto merecem as propostas.

Por agora apenas se podem fazer conjecturas mais ou menos verosimeis acerca do futuro Concílio. Nem temos dados officiaes sobre o programma das deliberações e das questões que serão nelle tratadas, a não serem as indicações vagas dadas pela bulla de convocação. De mais, ninguém quereá negar ao Concílio ecumenico a sua omnipotência relativamente ás questões de puro dogma. Quanto ás questões que interessam igualmente ao Estado e á Igreja, e aos negocios que interessão, não só ás religiões,

mas tambem aos direitos do Estado, não é possível fazer-se desde já um juizo exacto a tal respeito, nem saber-se se ha perigo de que, em virtude das deliberações e decisões do Concílio, se possam exagerar mais extremos, que posteriormente se hão manifestado, vindo a ameaçar o socego dos Estados mais do que até agora. Quanto a nós, não podemos, nem negar a existencia de semelhante perigo, nem admittir-a. Entretanto pôde-se esperar que os bispos catholicos, os quaes pela maior parte vivem e exercem suas funções em paizes que gozão de uma legislação secularizada, levarão consigo á Roma conhecimentos mui exactos das necessidades praticas de nossa época. Além disto, se é permittido esperar que a causa da conservação da paz entre o Estado e a Igreja não ha de deixar de ter advogados zelosos no meio dos prelaços reunidos no Concílio, não será talvez do interesse dos governos que essas vozes appareçam protegidas pelo Estado, o que não serviria senão para enfraquecer a autoridade com que elles fallariam. Acrescentamos a todas estas considerações, que, até este momento, não é possível saber que posição a curia romana (a qual não pôde mais, na situação politica actual, seguir os precedentes dos seculos passados relativamente á chamada de principes seculares para os Concilios) quereá assumir perante os governos, com relação aos negocios submettidos ás decisões do Concílio, as quaes não poderão ser executadas sem a sanção preliminar dos Estados.

«Segundo a nossa maneira de ver, os governos estão nas circunstancias de esperar com serenidade, posto que com a divida attenção, as disposições que a autoridade ecclesiastica tomar a semelhante respeito.

«Se o futuro Concílio intenta lezar o dominio legal do Estado, ou se tivermos provas authenticas de taes manifestações, o governo imperial e real é certamente de opinião que, não sómente meios preventivos tomados pelos Estados em particular, mas tambem conferencias geraes entre os governos para proteger de accordo commum a autoridade secular, serão necessarios. Por outro lado, não podemos admittir que seja opportuno tratar de uma conferencia diplomatica por causa de mera suspeita de attentados contra os direitos do Estado. Sem contar as grandes difficuldades que haveria para se obter um accordo firme sobre uma base tão pouco determinada, arriscar-se-ia por esse meio a dispartar a suspeita de querer-se exercer uma inspecção nas liberdades da igreja catholica, e de tratar-se de restringi-las. O resultado seria uma maior dissidencia dos espiritos, sem obter-se vantagem alguma real.

«Este modo de ver não impedia o governo imperial e real de apreciar em todo o seu valor a importancia da iniciativa tomada pelo governo bavaro para alcançar a manifestação das opiniões acerca desta questão de tão vasto alcance. Confessamos-nos mui sinceramente obrigados ao principe de Hohentlohe pela comunicação que nos fez, e pela occasião que nos deu de manifestar claramente a nossa opinião. Rogo a v. exc. de apresentar estas expressões á sua alteza. Ficais autorizado a pôr uma cópia deste despacho á disposição do sr. ministro presidente da Baviera, no caso que elle manifeste esse desejo.

«Aceitai, etc.

BARÃO DE BEUST.»

#### Allemanha.

O ESTADO POR GRAÇA DE DEUS E POR GRACIA DOS HOMENS.

#### I

«Por graça de Deus!» Ora eis aqui uma locução bem desconsiderada de amigos e inimigos. Quantas pessoas ha, que nunca se derão ao

trabalho de reflectir nella e escarecer-lhe o sentido! E não obstante continuão todos, grandes e pequenos, disputando com calor e azedume, uns por defendê-la, outros por condemná-la, como se a primeira condição de bem entendê-la não fosse buscar-lhe o verdadeiro sentido, em lugar de crear hypotheses arbitrarías acerca do valor que lhe attribue a parte adversa.

Pela minha parte declaro que a realza por graça de Deus, como depois da reforma a entendem certos Principes catholicos e acatholicos, bem como muitos de seus subditos, se me apresenta como uma abominavel idolatria.

Tomada em sua verdadeira accepção, ao contrario, honro-a como uma verdade fecunda, de fundas raizes na razão e christianismo, e unica que dá á autoridade temporal seu verdadeiro fundamento. A imprensa catholica nunca deveria perder de vista sua verdadeira significação, e faria bem em combater, quer os adversarios da verdadeira realza por graça de Deus, quer a interpretação erronea que lhe dão seus falsos sequazes.

«Por graça de Deus» não significa que Deus confira immediatamente o poder á certa e determinada pessoa. Ainda que muitos Principes cheguem ao poder por violencia e injustiça, não se poderá negar que seus successores tem direito a se apellidarem soberanos por graça de Deus. Assim como a propriedade vem de Deus, ainda que o modo de adquiri-la nem sempre seja conforme á sua vontade, assim tambem o poder que existe no Estado vem de Deus, supposto que adquirido pelo Principe por meios illegitimos.

«Por graça de Deus» não quer dizer que todos os actos do poder emanem de qualquer maneira de Deus, nem que devão ser reputados taes. Os Apostolos, exhortando os fieis a obedecerem aos Imperadores romanos em attenção a Deus, não receiavam resistir-lhes quando exorbitavam de sua legitima autoridade. A autoridade é de Deus, porém não o seu exercicio. Este, como todas as faculdades que o homem recebeu de Deus, está no dominio de sua liberdade. Neste sentido é que a autoridade paterna dimana de Deus, não obstante abasarem os pais.

Finalmente «por graça de Deus» não exprime que o poder é illimitado e omnipotente de sua natureza. Desta falsa interpretação nasceu o absolutismo de muitos reis.

Pelo contrario, a mencionada phrase significa—um poder tão limitado quanto é possível sê-lo. Aquelle que deriva seu poder de Deus, implicitamente confessa que só pôde exercitá-lo ficando sujeito a Deus, respeitando os limites que a vontade divina lhe traçou em seus mandamentos, na lei moral, na ordem geral do mando, e nos direitos que lhe conferirão os outros homens.

«Por graça de Deus» entende-se não ser a ordem politica obra exclusiva dos homens, e sim principalmente de Deus. O poder não é invenção humana, mas instituição divina completamente independente da von-

tade dos homens. Assim como Deus restabeleceu as grandes leis da ordem geral do universo sem o concurso da vontade humana, assim tambem por acto de seu poder soberano ordenou que, onde quer que os homens vivão reunidos normal e regularmente, exista no meio delles uma autoridade suprema, sujeita á Divina Providencia, que vela no andar da historia dos seculos. Não tem os homens outra alternativa mais que esta: ou reconhecer a autoridade, ou destrui-la com o fito de rejeitar a civilização e progresso da humanidade para cahir nos horrores da barbaria.

Tal é a verdadeira explicação da formula «por graça de Deus». Confirmação-a o bom senso e a revelação.

Neste mesmo sentido escrevia S. Paulo aos romanos; «Todo homem esteja sujeito ás potestades superiores, porque não ha poder que não venha de Deus, e os que existem foram por Deus ordenados. Aquelle, pois, que resiste ao poder, resiste á ordenação de Deus: e os que lhe resistem a si mesmos trazem a condemnación. Porque os Principes não são para temer, quando se faz o que é bom, mas quando se faz o que é má. Queres, pois, não temer o poder? Obra bem, e terás louvor delle mesmo. Porque o Principe é ministro de Deus para bem teu. Mas, se obras mal, teme, pois não e de balde que elle traz a espada: é ministro de Deus vingador contra o que obra mal. Logo é necessario que lhe estejas sujeito, não só por temor do castigo, mas tambem por dever de consciencia. Pela mesma razão paga tributos, pois são ministros de Deus, servindo-o nisto mesmo. Paga por tanto a todos o que é devido: a quem tributo, tributo; a quem honra, honra. A ninguém devas cousa alguma, senão o amor com que vos amais uns-aos outros; porque aquelle que ama ao proximo, tem cumprido a lei.»

Notai a sublimidade com que o Apostolo exprime a verdade, de ser o poder de instituição divina, e os mesmos Principes ministros de Deus. Dahi a consequencia que devemos obedecer e respeitá-los por dever de consciencia.

O Apostolo S. Pedro ensinava a mesma doutrina quando escrevia: «Submettei-vos á toda creatura humana, por amor de Deus, quer seja ao Rei, como Soberano, quer aos governadores, como enviados por elle para tomar vingança dos malfetores e para louvor dos bons; porque assim é a vontade de Deus, que obrando bem fazeis emmudecer a ignorancia dos homens imprudentes, como livres, e não tendo liberdade como vós para encobrir a malicia, mas como servos de Deus. Honrai a todos; amai a irmandade; temei a Deus e honrai ao Rei. Quanto a vós, servos, sede obedientes aos vossos senhores com todo o temor, não sómente aos bons e moderados, mas tambem aos de dura condição. Porque isto é uma graça, se alguém pelo conhecimento do que deve a Deus sofre molestias padecendo injustamente.»

Por onde tambem se vê, que um christão é obrigado a crer que a autoridade é estabelecida por Deus, lhe

deve ser sujeito e honra-la por causa de Deus, por dever de consciencia e porque Deus assim o quer. Deve precaver-se contra aquelles que o querem transviar desse dever pretextando a liberdade evangelica, e ter presente que essa obediencia não lhe tira a liberdade que possui na qualidade de christão. Porquanto se obedece aos homens, não é por causa dos homens, mas por ser servo de Deus.

Assim entendida a formula «por graça de Deus», convém não só aos Reis e aos Príncipes, senão também á todas as leis, pelas quaes Deus sustenta a bella machina e sabia harmonia do universo. Todo poder legitimo, todo direito real, existe igualmente «por graça de Deus» como o dos Soberanos e Monarchas.

## II

Ao lado da ordem temporal e politica fundada na vontade de Deus, e que procura sempre seu culto e gloria, outra ergue-se que só reconhece por seu fundamento a vontade humana, por culto o culto dos homens, e que só trabalha para a glorificação do humanismo. Ao Estado «por graça de Deus» oppõe o Estado «por graça dos homens». Este é o verdadeiro signal e caracter distinctivo do que chamão—Estado á moderna. Este não quer ser senão obra dos homens.

Consagremos alguns momentos ao estudo deste systema.

E verdade, graças a Deus, que este systema não se acha ainda muito dilatado, mas já domina em muitas partes, e está impendente a propagar-se cada vez mais pelo ensino da imprensa diaria. Semelhante maneira de apreciar o governo e o poder civil é consequencia necessaria da impiedade, atheismo e negação da ordem sobrenatural. Á palavra do Evangelho esse partido oppõe outra contraria, e diz:—«Nenhum poder vem de Deus, aquelle que existe é de instituição popular, e resistir-lhe é resistir á ordem do povo e atrahir seu desfavor.»

Cumpramos declarar as consequencias inevitaveis e terribes deste systema, e apresentá-las á luz sob todas as possiveis formas.

Todos os homens são essencialmente iguaes por natureza. Se um se avanta a outro por suas faculdades naturaes, isto não constitue uma differença radical, é um facto passageiro e accidental, porque cada qual pôde desenvolver suas faculdades e accrescentar seus conhecimentos. O homem, considerado como tal, é portanto plenamente independente de seu semelhante: é na realidade soberano. Pôde este sentimento ser enervado e abafado no intimo d'alma por diversas causas exteriores, mas reaparece desde que as circunstancias lhe forem favoraveis, como uma verdade profundamente gravada na consciencia individual.

Quando o homem crê em um Deus de quem, elle e seus semelhantes, receberão a existencia, quando o reconhece como verdade eterna e soberano de todas as cousas, encontra nesta crença o fundamento da autoridade, e reputa um dever submeter-se á ella em todas as suas relações com Deus, consigo mesmo, e com o pro-

ximo. Comprehende o preceito que lhe manda amar ao seu senhor com todas as veras de seu coração. Sob o imperio desta lei soberana, vê a ordem e subordinação perfeita desenvolverem-se na mais bella harmonia.

Mas, se pelo contrario, crê que nada existe além da natureza, nem admite que ha uma vontade e intelligencia superior á sua, a segueira o levará por declive inevitavel a reputar sua vontade e razão superiores a tudo e capazes de decidir de todas as cousas. Pôr-se-ha na altura do passado, do presente e de toda a humanidade, e até se julgará delles independente.

Em tudo que tiverem os homens pensado, só verá pensamentos humanos; tudo quanto estiver estabelecido no Estado, na sociedade civil, e nas associações religiosas, só lhe parecerá obra humana, destituida de autoridade. Eis aqui o subjectivismo levado ás suas ultimas consequencias. Os outros homens não terão direito de o instruir, julgar, mandar, e punir. A razão e vontade delles estarão no mesmo plano que a sua: acima de si nada existirá.

No systema de que fallamos, o contracto é o unico laço da sociedade humana, e ainda este não basta para obrigar a pessoa a sujeitar-se á uma ordem. Tudo anda e progride para um fim desconhecido. As cousas que de sua natureza são verdadeiras, boas e justas, tornão-se duvidosas; porquanto é possivel que com o progresso o homem se veja obrigado hoje ao que amanhã deixará de lhe parecer bom, justo e verdadeiro. E como se julgará obrigado? Tudo deve ficar em estado duvidoso, de sorte que a força vem a ser o unico meio de obrigar as pessoas. A revolta contra todas essas individualidades soberanas é a consequencia necessaria do systema; e a ultima pergunta que se fará não será: *Que devo fazer?* mas: *Que posso fazer?*

Tal é o espirito que leveda e ferve no seio da sociedade actual; que se traduz por certos factos particulares, hoje aqui, amanhã ali, como chamma devorante; que mina occultamente as bases da sociedade, como o insecto roe a raiz da forte e gigante arvore. Não se brinca impunemente com a mentira; quem se serve della acaba sendo sua victima. Da impiedade e blasphemia se tem feito goso, do qual ainda não vimos o fim.

Virão-se Reis, que se intitulavão «por graça de Deus», tornaram-se celebres insultadores da religião e da piedade, e propagadores deste funesto habito. Hoje perdoa-se facilmente a irrelição. Ha completa insensibilidade diante das offensas da divindade, e já o direito de blasphemia é considerado como postulado da sciencia. Os que negão a existencia de Deus, são escolhidos para mestres da juventude, e diante desse attentado os espiritos ficão indifferentes.

Tolera-se até, no interesse da blasphemia, a manifesta alteração do sentido moral das palavras, e ninguém recebe as seitas religiosas que chamão a blasphemia um obsequio á divindade.

Deus não ha de soffrer sempre que

assim zombem de seu santo nome. Depois derrocados os fundamentos de uma casa, não será possivel tê-la suspensa no ar e habitá-la commodamente.

Assim também é impossivel deitar por terra as bases da ordem social, sem que os cidadãos fiquem sepultos em suas ruinas.

Se a ordem sobrenatural é uma chimera, a verdade, o direito, a justiça, a moralidade, e a virtude, são enigmas; enigma será também o homem perante si mesmo trabalhando na plenitude de sua independencia para resolver outro enigma.

KETTELLER.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

As daetas mais recentes da Europa alcançam á 8 do passado.

A imperatriz dos francezes chegára a Toulon e era esperada em Pariz.

Telegrammas de Pariz em data de 4 dizem ficar em crise o ministerio. Outros affirmão ter sido demittido o principe de La Tour d'Auvergne.

Na Italia a organização do ministerio fôra agora confiada ao general Cialdini, não tendo podido o Sr. Lanza realizal-a.

Até o dia 3 havia chegado a Roma 402 prelados.

Fallava-se em Berlim da substituição do conde de Bismarck como chefe do gabinete prussiano, pelo conde de Eulemburgo.

Na Russia ficava doente o principe de Gortschakoff.

Na Hespanha não estava adiantada a questão do monarcha.

O marechal Prim leu a 3, nas cortes, um projecto de lei levantando o estado de sitio.

Proseguia a discussão sobre a alienação dos bens da corôa.

Forão executados dous individuos complicados na ultima rebellião.

O bispo de Havana fôra posto em liberdade.

Houve em Lisboa um acontecimento que deu lugar a medidas preventivas do governo. Foi uma manifestação a favor do duque de Saldanha, realisada primeiramente no theatro de D. Maria II, e depois por meio de uma commissão de generaes e amigos do duque que o foi felicitar em casa.

Ahi soube o marechal que haviam sido deportados alguns militares por causa dessa manifestação. O duque de Saldanha foi ao paço fallar a el-rei a esse respeito e a respeito da situação politica. El-rei respondeu que era constitucional e confiava nos ministros.

O duque de Saldanha escreveu uma carta ao *Jornal do Commercio* explicando os acontecimentos. Sahio esta carta a 7. Nesse mesmo dia recebeu o marechal ordem para voltar á sua embaixada de Pariz. Respondeu elle com uma carta ao Sr. Mendes Leal (ministro de estrangeiros), declarando que não obedecia, e que o governo podia dispôr da embaixada. O Sr. Mendes Leal respondeu com outra carta.

O *Jornal do Commercio* de 8 diz

correr o boato de ter o general Maldonado pedido a demissão de ministro da guerra, e que o Sr. Lobo d'Avila ficára encarregado dessa pasta interinamente.

O governo mandára recolher á torre de S. Julião da Barra o general barão do Rio Zezere, por não querer marchar para Valença, lugar marcado anteriormente pelo governo, a proposito dos acontecimentos que acabamos de relatar.

Ficava em Lisboa o Sr. Corvo, ministro em Madrid.

—Pelo vapor inglez *Cordillera* entrado a 31 do passado do Rio da Prata, chegaram ao Rio as seguintes noticias dadas pelo *Diario Official*:

Não havia noticia recente do theatro da guerra.

Continuavão em Buenos-Ayres os preparos para o recebimento da tropa argentina que ficava a chegar do Paraguay. Além das demonstrações de iniciativa particular, o governo ordenou que a chegada das forças fosse annunciadas por 21 tiros das baterias de terra, que o general Mitre presidiisse ao desembarque, etc.

Os Srs. José Mármol e Rufino Elizalde discutião na imprensa a questão da alliança e a revolução do general Flores.

No Estado Oriental receiava se uma revolução, encabegada por Caraballo e Suarez. O governo havia mandado tropa para Tacuarembó.

## VARIEDADES.

### Navegação para Suez.

Publicou-se um decreto na Italia concedendo a subvenção annual de 432,000 libras á sociedade Adriatico-Oriental para prolongar até Veneza o seu serviço postal de Brindisi á Alexandria (Egypto). Ao mesmo tempo a companhia Rubattino, de Genova, recebe um emprestimo de 8 milhões, dos quaes 2 pagos logo, para estabelecer uma carreira de vapores de Genova para Leorne, Napoles e Porto Said. A medida funda-se na abertura do canal de que a Italia espera auferir grandes lucros, e por isso as censuras da imprensa não recaem sobre a concessão mencionada.

Affirma-se que a sociedade Adriatico Oriental em que entrão os francezes Palmer e Delahante acaba por fundir-se com a de Rubattino em um Lloyd italiano, destinado a rivalisar com a poderosa associação austriaca de Trieste, muito rica, muito prospera, muito bem dirigida, para ter de receiar a competencia italiana. Entretanto é louvavel a emulação de disputar preferencia aos armadores estrangeiros, e de pronunciar aos habitantes dos portos da peninsula communicações frequentes e regulares com o Egypto e o Oriente.

### © Etna.

O Etna ameaça novamente erupção. Em Taormina, Rauduzzi, Jaci e Catana têm-se sentido tremores de terra, prenuncio ordinario do phenomeno. Pelo emquanto os abalos: ninguém assustão, durão poucos segundos, e não causão estrago.

São Luiz—Typographia *Perserverança*, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## POLITICA.

## Imprensa Européa.

## NEGOCIOS DO BRAZIL

—O ultimo numero no *Brazil and River Plate Mail* continúa-se a estudar a questão do progresso material desse Imperio, analysa-se a sessão das camara brasileiras em 1869, discute-se em que podem interessar ao Brazil a polemica sobre liberdade do commercio, travada ultimamente com pouca vantagem da França e da Inglaterra, fazem-se algumas observações sobre a questão do throno da Hespanha na parte em que diz respeito a Portugal, e trata-se da companhia da estrada do Paraguassú.

«As lutas dos partidos no Brazil, diz o periodico citado, são de pequena importancia para a apreciação da situação actual e futura do Imperio, quando comparadas com o seu desenvolvimento material e commercial. A politica do Rio de Janeiro é, em verdade, um mero episodio na historia do Imperio. As provas do seu progresso encontram-se, não nas discussões da assembléa geral, mas sim nos louváveis esforços dos lavradores para augmento da produção agricola, na actividade do commercio, nos projectos que se estudão com o fim de reduzir as despesas de transporte e na animação dada pelos governos geral e provinciaes ao espirito de empreza e á industria.

«Um só destes esforços vale por uma sessão inteira embora recheada de eloquencia. É por esta face que o Brazil deve ser considerado na Europa. Quando, pois, vemos que augmenta a importação entre nós de assucar e de café; que as contas da companhia da estrada de ferro de S. Paulo, relativas ao semestre findo, mostram um augmento no tráfego de 36 0/0; que esse augmento é na estrada de ferro de Pernambuco de 27 0/0 que, depois das alterações ultimamente feitas, o tráfego da linha ferrea de D. Pedro II vai sempre crescendo; que nos ultimos dezoito mezes a navegação a vapor da Europa para o Brazil tem tomado desenvolvimento extraordinario; quando vemos tudo isso, não podemos deixar de confessar que o Imperio faz progressos importantes, a despeito da guerra e a vehemencia das discussões politicas no Rio de Janeiro.»

«O erro que commettera a opposição, continúa mesmo o periodico, deixando de tomar parte nas eleições geraes e desta fórma reduzindo sua representação na camara dos deputados, levou-a a outro erro no senado. O governo parlamentar é o governo das maiorias, ou, quando a opposição é muito forte, dos compromissos. Mas, posto que uma maioria de um para dous estivesse disposta a votar o senado as principaes medidas requeridas pelo governo, uma minoria de onze impedio quase todas as votações e pôde nullificar a maioria, bem como oppoz-se a qualquer alteração do regulamento que lhe dava tal poder. Nesta situação tentou-se um compromisso e, deve-se se confessar em honra do barão de Cotegipe, que, nas negociações para chegar-se a qualquer accordo, o seu procedimento mereceu applausos dos mais recalcitrantes senadores. Posto que a parte mais joven do gabinete se mostrasse menos disposta á conciliação, as negociações tentadas tiveram como resultado abrandar no fim da sessão a vehemencia das discussões politicas e adoptar-se um orçamento provisório. Estes factos levão-nos a crer que a proxima sessão do parlamento brasileiro será mais proficua, por isso que quando

homens como o barão de Cotegipe e o conselheiro Zacarias dão passo um para o outro deve-se esperar que dali resulte mais posição para a reconciliação e menos violenta opposição. Se assim acontecer, o parlamento no Brazil estará mais de accordo com o imperio, porque lá, como aqui, como em toda a parte, a grande maioria da nação é menos politica e mais moderada em sua politica do que qualquer dos grandes partidos que disputão o poder.»

Passando a outro assumpto, o *Brazil and River Plate Mail*, diz: «Se as fabricas da França conseguirem impôr maiores direitos sobre as fazendas inglezas de algodão, de lã ou mistas, os fabricantes francezes de assucar de beterrava, bem como as colonias francezas, conseguirão proteger os seus productos e pôr assim em posição desfavoravel o café e assucar do Brazil. Os fabricantes da Allemanha seguirão o exemplo dos francezes, se estes forem bem succedidos. O Brazil tem, pois, grande interesse na polemica que infelizmente prosegue em França. Nenhum paiz tem ganho mais do que o Brazil com a liberdade do commercio na Europa. Ha cerca de 24 annos os seus principaes productos erão excluidos do consumo tanto, em França como na Inglaterra. Depois que forão elles admitidos nestes mercados, o Imperio tem feito immensos progressos materiaes, financeiros, sociaes e moraes, e tudo isto como resultado dessa admissão. A causa do commercio livre na Europa é, portanto, causa do Brazil.»

—A nossa imprensa deu noticia da autorisação conferida pelo corpo legislativo ao governo para realizar o que ali se denomina operações de credito e a que nós aqui mais simplesmente chamamos emprestimo. Assegurão-nos que mais tarde ou mais cedo usará desta autorisação para algum emprestimo interno de seis ou sete milhões esterlinos, do qual metade será tomado pelos capitalistas do Rio e metade pelas provincias do Imperio; o que não sabemos ainda é se este novo emprestimo será feito em ouro ou em papel.

Posto que a somma acima referida seja importante, acreditase aqui que mediante condições razoaveis poderá ser levantado no Brazil, especialmente se a sabia politica do actual gabinete em relação á propriedade ecclesiastica for adoptada, e, posta esta á venda, for o seu producto convertido em titulos da divida publica interna do Imperio.

Da adopção deste plano de superar as actuaes difficuldades financeiras do Imperio resultarão vantagens que são obvias: crescerá o numero de pessoas residentes no paiz, que, tendo ali grandes interesses pecuniarios directos, trabalharão pela sua prosperidade; evitar-se-ha o augmento da divida do Imperio nesta praça; melhorará o credito do Brazil aqui pela manifestação dos seus recursos internos; diminuirá a somma das obrigações que têm de ser aqui satisfeitas, e poupar-se-hão as discussões desagradaveis que têm lugar sempre por occasião de empréstimos externos sobre se forão ou não alcançados o maior preço e as melhores condições na emissão.

Ao mesmo tempo, é certo, apparecerão algumas das vantagens que também são obvias; limitar-se-ha ainda mais a somma do capital fluctuante e disponível, que agora auxilia temporariamente a agricultura e o commercio do Imperio; transformar-se-ha o Estado no maior devedor da nação, e com isto tudo provavelmente soffrerá a produção, de

que tanto depende a prosperidade do Brazil.

A questão, pois, se o emprestimo de ser interno ou externo não deixa de apresentar difficuldades; cumpre pesar maduramente os prós e os contras, e escolheu certo de que assim procederá o visconde de Haborahy, antes de tomar qualquer decisão. A taxa elevada do dinheiro nas diversas praças brasileiras para prós commerciaes indica que o capital disponível no Brazil não é actualmente abundante. Julgo inútil dizer que na Inglaterra veremos com satisfação escapar o Brazil á necessidade de augmentar aqui a sua divida, que é por enquanto moderada, está bem collocada, e vai sendo annualmente reduzida.

## Os Judeus na America do Norte.

Os Judeus acabão de tentar reconciliar o ritual do judaismo com as circumstancias do seculo em que vivemos. Uma convenção de muitos rabbis effectuou-se em Philadelphia, na primeira parte deste mez adoptou certas medidas dando uma interpretação lata a certos pontos do ritual hebreo sobre a constituição da familia, etc. Não é certo que estas mudanças hão de encontrar apoio nos mais strictos Israelitas que governão as synagogas pelo paiz: mas no seio do israelitismo ha um grande partido que pretende dar de mão ás espectativas que têm alimentado o zelo e fervor do antigo Judeo, e casar-se com a sociedade tal qual a achão, e melhora-la. Em outras palavras, uma grande parte dos Judeos, graças ás instituições deste paiz, vão-se christianisando sem o sentimento. No anno que vem, em outra convenção que já está convocada, vão discutir varias propostas, entre outras, a da revogação da circuncisão, a mudança nas prescrições dos alimentos e do Sabbath.

Olho com muito interesse todos os movimentos dos Judeos: elles são a mais irrefragavel prova da vinda de Jesus de Nazareth a este mundo, de que elle é o verdadeiro Mestre e Redemptor da humanidade; e ao passo que muitos vão explorar os confins do dominio do saber humano para acharem a prova da verdade, o crente mais simples sente escaldar-se-lhe o coração, vendo a realidade de que acabo de fallar, vendo os Judeos, que não crêm que Jesus fora o seu salvador, servirem de testemunho vivo de que o fora, e, cansados do jogo da duvida, atira-lo de uma banda, e casarem com a sociedade em que vivem, e que se compõe delles e de gentios, de Gregos e de Barbaros.

Em geral não se sabe que rapidos progressos tem feito a população judaica nos ultimos vinte annos. O negocio de roupa feita nesta cidade está quasi todo em mãos dos Israelitas, e em outras muitas cidades acontece o mesmo. O mais das vezes elles se associão com algum christão, porque elles não podem fazer negocio no sabbado e o christão não o pode no domingo; assim, pois, trocã-se e têm as lojas abertas todos os dias.

O sul está cheio de Judeos, e diz-se que, ao passo que toda a gente perdeu lá no tempo da guerra, elles forão os unicos que se enriquecerão. Elles não punhão duvida alguma em receberem moedas confederadas, mas tratavão de applica-la logo em terra ou outra propriedade que tal, de modo que escaparão á bancarota geral que seguiu-se á guerra.

Em geral falla-se muita calumpnia dos

Judeos, mas vicios e virtudes se achão igualmente em toda a parte. O certo é que elles têm produzido genios e modelos de virtude. Os Mendelssohns, o philosopho e o musico, forão ambos Judeos; os Disraelis o são; Henrique Heine, talvez o segundo nome na poesia allemã, o foi; a incomparavel Rachel, a actriz, era uma Judia, e muitos outros nomes celebres. O systema de caridade entre os Judeos de Londres é tão efficaç que entre os milhares que constituem a sua população na Inglaterra não ha miseraveis. A melhor instituição de surdos-mudos no Reino-Unido é uma em Burton-Crescent, é judaica.

Os brasileiros, portanto, não devem fazer idéa dos Judeos segundo as poucas amostras que vão ao seu paiz servirem de officiaes de justiça. Outro movimento importantissimo que tem havido no mundo religioso é a reunião dos dous grandes corpos em que se achava dividida a igreja presbyteriana: tal é o que se acaba de fazer formalmente em Pittsburgo (Pennis), onde se derão as nupcias das escolas velhas e nova. Ha mais de 30 annos houve uma grande convulsão no seio desta igreja, não por pontos de doutrina, mas pelo modo liberal por que uma grande parte dos irmãos interpretavão e applicavão certos pontos. O desacordo foi tão decidido, que culminou em uma separação, em 1838.

Nunca se acreditou possível uma nova união entre fieis que tão peremptoriamente se atinhão á sua crença. Nos ultimos annos tentou-se a reunião, mas de balde. Mais recentemente cada ramo nomeou uma comissão para conferirem sobre as bases em que se podia effectuar a reunião. Estas bases forão, em resumo, que as escripturas do Velho e do Novo Testamento continuarião a ser reconhecidas como a palavra inspirada de Deos, e a unica regra infallível da fé; que a confissão de fé continuaria a ser adoptada por conter o systema de doutrina ensinado nas santas escripturas; e que, afim de se evitarem allusões desagradaveis ás causas da separação, cada ramo se empenharia no proposito de conformar as praticas actuaes com as que a igreja seguia antes da separação.

Desta exposição vê-se que cada escola, a velha e a nova, cedia alguma coisa para ganharem o fim commun. Estas bases forão sujeitas á approvação dos presbyterios, e elles as approvãõ quasi unanimemente. A 10 do corrente as assembléas geraes se reunirão em Pittsburgo para computarem esses votos, e, feito isto, as duas igrejas de 143 presbyterios, 27 synodos, 2381 ministros e 238,903 membros da velha escola, e de 113 presbyterios, 24 synodos, 1848 ministros e 172,256 membros, reunirão-se em um só corpo da igreja presbyteriana reunida, que agora fica sendo composta de 431,163 membros.

Talvez que muitos leitores ignorem que um desses presbyterios é o do Rio de Janeiro, onde a igreja mantem sete ou oito missionarios, que pertencem ao synodo de Baltimore.

Esta reunião da igreja presbyteriana é uma lição religiosa e politica. Religiosa para a multiplicidade de seitas protestantes que, muitas vezes, não differem entre si senão em uma outra pratica de muito pouco alcance politico para os partidos em geral, que bem podião, muitas vezes, abdicar da guerra muiua, que fazem-se, em favor dos grandes pontos da politica nacional, sobre os quaes não deve de haver senão a unidade de vistas. Não ha quem seja mais radical do que um protestante, e entretanto ali

venho congratular-me com os ramos importantes, cada um cedendo do seu terreno, mostrando um espirito mais humano e cheio de afeição para com o outro. O apóstolo disse que não ha boa obra onde ha o espirito da dissensão; e isto parece ser mais verdadeiro ainda, quando applicado aos paizes novos, cujas necessidades são tão simples e imperiosas que não podem abrir campo a muitos modos de pensar.

### Lord Derby.

Tempo houve em que o Sr. Gladstone era membro do *Carlton-Club*, que representava a velha escola dos tories, como o *Brook's-Club* representava a velha escola dos whigs. Na Inglaterra não ha só clubs litterarios, clubs universitarios, clubs militares, clubs scientificos, clubs diplomaticos, clubs artisticos... ha tambem clubs politicos, liberaes ou conservadores, ultra-conservadores ou semi-liberaes. Ora, um club não é uma arca de Noé, onde se vão aninhar animaes de toda especie: cada um delles reúne e approxima homens attrahidos uns para os outros por conveniências de posição, de sympathias, de habitos sociaes, e—especialmente nos clubs politicos,—de opiniões. Na época em que o Sr. Gladstone entrou para o *Carlton*, ninguém era mais digno de figurar nelle, cousa realmente de estranhar! Pouco tardou que os symptomas dessa grande transformação cujos effeitos estamos vendo agora, puzessem em duvida se elle merecia a honra de pertencer a um club conservador. Jovens e ardentes tories tinham os olhos postos nelle, e dahi a pouco já o Sr. Gladstone lhes parecia uma ovelha sarnenta que converia separar do rebanho. A difficuldade estava em achar um meio decente de lhe exprimir esse caritativo desejo. Imaginarão isto. Uma noite em que elle foi ao club, cercarão-n'o e perguntarão-lhe: «Quando entra para o *Brook's*?» — «Quando lord Derby deixar de ser membro delle,» respondeu vivamente o Sr. Gladstone.

Hoje, o Sr. Gladstone governa a Inglaterra como chefe do partido liberal, e lord Derby morreu chefe honorario do partido conservador!

Lord Derby, cuja vida politica começou em 1821, quando os eleitores de Stockbridge o mandaram á camara dos communs, e que entrou na carreira official como sub secretario de estado na repartição das colonias, com o gabinete Canning em 1826, o impetuoso tory lord Derby começou effectivamente occupando lugar entre os whigs, e pelejando calorosamente em prol dessa reforma parlamentar, que so viria a ser completada mais tarde sob os seus auspícios depois de a haver definido e condemnado nestes termos: *A leap in the dark (Um salto nas trevas)*! Era whig, quando, secretario da repartição da Irlanda no ministerio de lord Grey, defendia contra Sir Robert Peel o *bill* de reforma eleitoral; whig, quando trabalhava na abolição dos dízimos cobrados aos catholicos; whig, quando em 1833 sustentava o *Irish Church Temporalities Act*, suprimindo na Irlanda dez bispados; whig, quando fazia passar o projecto de lei acerca da educação nacional na Irlanda; whig enfim, quando combatia e domava a resistencia opposta pela camara dos lords ao *bill* de emancipação dos escravos.

E não obstante tudo isto, era facil ver, já naquelle tempo, que alguns escolhos havia onde o seu liberalismo iria irreparavelmente naufragar. Em 1824, por occasião da moção do Sr. Hume pedindo que se fizesse do estado da Irlanda objecto de uma devassa, que mais ardentemente que lord Derby (o Sr. Stanley então) combateu toda a idéa de applicar a usos profanos as rendas ecclesiasticas? Foi realmente nesta questão que elle se separou dos whigs em 1834; e Sir Roberto Peel, subindo a primeiro ministro em 1841, só o teve por collega até o momento em que a questão da revogação da lei dos cereaes

veio revelar a todos e a elle, as verdadeiras tendencias do homem em quem o partido dos tories decididos reconheceu dahi em diante o seu chefe natural.

Chefe natural, digo eu. E porque?

Era lord Derby estadista capaz de dirigir um grande partido? Não; faltava-lhe prudencia, tento, originalidade nos planos, continuidade nas idéas, e previdencia. Estadista é lord Stanley, seu filho, que nunca ha de ser popular, por que o seu coração não pulsa com força por nenhuma causa nem principio, mas que possui todas as qualidades que, n'um mundo convencional, a vida official exige: reserva, prudencia, calma, habitos de trabalho, arte de amoldar-se ás circumstancias, disposição para tomar as cousas como ellas são e actuar no sentido dellas. A todos estes respeito, quão diverso era lord Derby de seu filho! Tem o filho os meritos de um velho; tinha o pae os meritos de um rapaz.

Se considerarmos um partido no ponto exclusivo da luta, como um exercito, jámais exercito teve peor general que lord Derby. Suas qualidades erão as de um acutilador. Compararão-n'o, em Inglaterra, com o príncipe Roberto; em França, comparal-o-hiamos com o príncipe Murat. Impetuoso, aggressivo, irascível, acerbo, desdenhoso, habil em manejar o sarcasmo, prompto em responder, tinha elle o temperamento da luta, a eloquencia da batalha, nada mais: era desses capitães que fazem pagar caro a victoria ao inimigo, mas não a ganhão para si.

Por que razão pois, repito, a aristocracia conservadora tinha nelle o seu chefe natural? A razão é que a aristocracia conservadora de hoje vive de preconceitos e não de raciocínio, de sentimentos e não de idéas. O seu papel já não é dirigir, mas resistir; já não é governar; é combater. Lord Derby, affirmando, quando se tratou da questão de viajar em ferro-carril, que era uma utopia ridicula; lord Derby, recusando até a ultima comprehender o que parecia tão claro á intelligencia de Robert Peel: a necessidade de acabar com a lei dos cereaes; lord Derby, não vendo no ultimo *bill* de reforma, julgado indispensavel pelo seu tenente Disraeli, mas que *um salto nas trevas*; lord Derby, indignando-se com o celebre compromisso de lord Cairns com lord Granville, e sabendo da camara dos communs, como Jupiter irritado; lord Derby, decimo quarto conde desse nome, rico e generoso, *sportsman* consummado, patrono do *turf*, traductor elegante de Horacio e de Homero, orador brilhante, typo do moderno *gentleman* inglez, que melhor chefe podião ter os homens bem educados, teimosos, amáveis, superficiaes, frivolos, opulentos e titulares de que se compõe o partido tory, que não é mudo, de certo, mas que é cego e surdo?

LUIZ BLANC.

### INDUSTRIA.

#### O canal de Suez e suas consequencias.

Emquanto a imperatriz dos francezes, o imperador da Austria e toda a sua comitiva de personagens importantes estão celebrando hoje a abertura do canal de Suez, navegando-o em magnificos vasos, a imprensa europeia e a daqui estão discutindo sobre as vantagens da grande empreza de Mr. de Lesseps. O canal só tem 33 leguas de comprido. Na superficie da agua, a largura delle varia de 190 a 492 pés, e a profundidade orça de 26 a 33 pés. A largura do fundo do canal varia de 72 a 311 pés. Tem-se calculado que o canal será navegavel para navios de 3,000 toneladas, mas nunca calando mais de 24 pés. Não ha porta ou

adufa alguma. A obra foi encetada a 25 de Abril de 1859, e tem custado cerca de 150,000:000\$. Por 99 annos será propriedade dos emprezarios, e depois deste prazo passará ao Egypto.

Mas agora qual é o valor commercial desta gigantesca empreza? Sobre este ponto ha muitas duvidas, e principalmente se procurarmos que vantagens auferirão os Estados-Unidos.

Que a nova rota abrevia consideravelmente as distancias, não ha duvida alguma. Do Canal da Mancha a Calcutá, pelo Cabo da Boa-Esperança, o velho caminho, a distancia é de 13,000 millas, pelo novo caminho só é de 8,000 millas. Póde-se calcular que em suas viagens ás varias partes da India a Inglaterra poupará cerca de 5,000 millas, indo pelo canal. Mas fica ainda por demonstrar-se se será mais barato para navios grandes, que sahem dos Estados-Unidos, irem por Suez e pagarem uma tarifa que não se crê inferior a 4:000\$ por cada um, ou irem pelo antigo caminho, se bem que 3,000 leguas mais comprido.

Os leitores talvez creião que a estrada de ferro do Pacifico veio embaraçar muito o commercio do Canal. Isto é um engano; e quando ha alguns mezes dei noticias da abertura do novo caminho, mostrei que nada ou bem pouco iria elle aproveitar ao commercio asiatico. Trazer carga de Hong Kong ou de Cantão, desembarca-la em S. Francisco, embarca-la de novo no caminho de ferro para descarregal-a mais uma vez em Nova-York, é um processo difficilissimo e muito dispendioso.

A não se preferir a longuissima viagem por mar, e a não se querer pagar imposto ao canal de Suez, o unico remedio que ha é abrir-se o projectado canal de Nicaragua ou através do isthmo de Dariano ou de Panamá. O canal de Nicaragua é o preferivel, o lago de Nicaragua offerece agua abundante para supprir a projectada via, e as obras não custarão mais de duzentos mil contos. A republica de Nicaragua já fez concessões favoraveis á construcção desta obra; e agora o povo dos Estados-Unidos da Columbia estão arrependidos da loucura do seu governo em negarem patrocínio aos capitalistas americanos que ha um anno quizerão tomar sobre si a obra identica de um canal através de Dariano.

Um cabo transatlantico trouxe outros melhores: assim seja com os canaes. Não é improvavel que em 1880 assista ás nupcias do Atlantico e do Pacifico, como hoje o mundo assiste ás do Mediterraneo e Mar-Vermelho.

Não passarei a outro topico sem acrescentar duas palavras sobre o emprezario do canal de Suez Mr. Ferdinand de Lesseps é o exemplo do quanto póde a fé de um homem, que está resolvido a levar a cabo a empreza, ainda a mais audaciôsa. A idéa do canal não é sua, é velha, tão velha como a historia authentica. Quatorze seculos antes de Jesus Christo começou-se até um canal do braço direito do Nilo ao Mar-Vermelho. Mas Mr. de Lesseps foi o que reduzio a pratica todas as theorias.

Desde 1831 o illustre Francez fal-

la neste canal. Em 1854, por occasião de voltar ao Egypto, onde passára a sua meninice com seu pai, que lá servia de consul francez, esta idéa tomou consideravel posse de seu espirito. Elle informou-se com os representantes estrangeiros sobre a possibilidade da empreza; todos, excepto os consules americano e dinamarquez, o tratárão como visionario e louco. Mas Mr. de Lesseps não se abalou: foi á França e começou a trabalhar. Por annos a imprensa ingleza ridicularizou a obra e o autor della: lord Palmerston e outros estadistas ingleses fizerão o mesmo; o mesmo Roberto Stephenson, o inventor da locomotiva a vapor, eria a obra impraticavel.

O invencivel de Lesseps, a despeito de todos esses e de outros muitos embaraços, passou a organizar a companhia e a obter um emprestimo para completar a obra. Agora começam as difficuldades reaes da empreza: o clima de Suez, o mais impropicio possivel para labores arduos, falta de trabalhadores peritos, desintelligencias com as autoridades locais, opposição da mesma imprensa franceza contra a administração das obras, numerosos e difficilissimos obstáculos que a engenharia encontrou, a abertura de um canal lateral ao Nilo para trazer agua fresca, em summa a suspensão da obra por dous annos, em razão das intrigas da Turquia e da sempre intrigante Inglaterra. Essas difficuldades erão muitas, mas a tenacidade de proposito, a vontade de ferro de Mr. de Lesseps levou-as todas de vencida.

Através de todas ellas elle foi abrindo o seu caminho para aquella gloria que hoje o mundo inteiro, Francezes, Turcos, Inglezes, Americanos e o seu correspondente, todos lhe tributão.

Não ha muito tempo, perguntei a um dos cresos americanos, que começou a vida sem vintem e que antes de meio seculo de vida é senhor de muitos milhões de dollars, qual era a causa a que elle attribuia o ter sido tão bem succedido. Elle respondeu-me: «Só emprehendo o que posso fazer, e faço tudo quanto emprehendo.» Esta regra sublime parece ter sido a de Mr. de Lesseps, e, em verdade, devêra ser a de todos, individuos ou nações.

### RELIGIÃO.

#### Protestantismo em relação ao Brasil.

(Por um magistrado.)

Tendo de publicarmos a traducção do capitulo XIII do 3.º volume dos *Estudos Philosophicos sobre o Christianismo* por Augusto Nicolão, que trata do Protestantismo, vamos dizer a respeito duas palavras antes de darmos principio á essa publicação.

O Sr. Augusto Nicolão era advogado no fóro de Bordéas e deixou esse emprego para ser magistrado, a fim de melhor entregar-se a trabalhos litterarios religiosos, como consta de sua carta dirigida a esses seus collegas, por meio da qual dedica-lhes a referida obra.

O autor no correr da discussão quer na obra já referida, quer na do *Protestantismo e todas as mais heresias*, tratando de refutar as más doutrinas, conserva sempre para com os Protestan-

tes e os máos Catholicos a caridade propria de um defensor do Catholicismo, e guarda a necessaria moderação em sua argumentação; realizando por essa maneira o principio evangelico resumido por Santo Agostinho nestas quatro palavras—*Diligite homines, interfecite errores*.—Essa caridade collige-se de declarações de pessoas habilitadas, e dentre essas até alguns Protestantes importantes.

O autor basea sua argumentação na razão esclarecida e desapaixoadada, e prova o seu allegado até com opiniões de impios e Protestantes notaveis; segundo vê-se dos trechos que publicaremos no fim deste artigo assim como a carta e declarações citadas; além de muitos outros, que contém-se em ambas as obras.

Do exposto vê-se-ha claramente que o autor tem a necessaria instrução para profundamente tratar das diversas materias contida nessas obras; do que ainda melhor convencer-se-ha quem ler, alem de outros muitos, os capitulos 2º do livro 2º tomo 1º e 14 do tomo 3º dos *Estudos Philosophicos sobre o Christianismo*, e capitulos 5º e 6º da introdução do *Protestantismo e todas as mais heresias*, e do tomo 1º 2º, 3º 4º e 5º do livro 3º do tomo 2º da mesma obra, mostrando elle nesses diversos capitulos:—Que os factos constantes do livro do Genesis que eram convertidos pelos antigos naturalistas tem sido ultimamente confirmados pelos modernos;—Que fóra da Igreja não ha salvação;—Que o principio da autoridade na religião não pôde receber diminuição alguma do principio da liberdade;—Que é falsa em seu principio e chimerica em seu objecto a alliança, que o Sr. Guizot propõe entre os discipulos da autoridade e os partidarios do livre exame;—Que só ha verdadeira liberdade onde existe autoridade, como no Catholicismo, e não no Protestantismo;—Que no Protestantismo não ha verdadeira tolerancia e sim intolerancia;—Que a apprehensão dos bens das Ordens Religiosas, a extincção das mesmas, e os grandes males, que desses actos resultaram; sendo um delles o grandissimo numero de pobres existentes em Inglaterra; foram consequências do Protestantismo;—Que ha muita falsidade na accusação que se faz contra o Catholicismo por causa de Galiléo. (Se as nossas obrigações de magistrado permittirem, tambem publicaremos a traducção de todos esses capitulos).

Ora tendo nós provado a necessaria instrução do autor e sua imparcialidade, e pelo titulo das duas obras devendo concluir-se em favor do interesse que deve haver em lê-las, é evidente que a publicação, que vamos fazer, é importante não só por causa de sua doutrina, mas tambem do criterio do autor, e por consequencia merece ser lida e reflectida; esta importancia confirma-se ainda pelas quatorze edições, com que se tem repetido a primeira obra até 1860, data da que possuímos; e pelos escriptos catholicos e acatholicos, como consta das citações já feitas: havendo ainda em seu favor ser o autor de ambas secular e não ecclesiastico.

Agora duas palavras sobre o motivo que nos impellio a fazer a traducção, de que tratamos, e a publica-la.

Vendo que na nossa patria terrestre se quer introduzir o Protestantismo, essa religião, na qual seus chefes e ministros só podem mostrar o desejo que tem do verdadeiro bem delles e de seus correligionarios, sem nunca poderem obte-lo para si, nem para os outros: repetimos, vendo que se quer fazer esse incomparavel mal aos nossos caros patricios, os quaes, conforme vemos crer, não o praticarão por não ser possivel adoptar-se uma religião falsa de preferencia á unica verdadeira, a Catholica ou Universal, isto é: a Christã Apostolica Romana, a qual professamos; (tão convencidos estamos de que a Religião Catholica é a unica verdadeira que ainda quando nella não ti-

vessemos sido educados a preferirmos e professarmos mesmo com prejuizo de nossos interesses temporarios); e desejando sermos util á nossa Nação; dando por esta maneira honra e gloria á Deos; lembramo-nos escrever duas linhas provando a impossibilidade da admissão da seita protestante, como Religião, e muito menos como unica verdadeira; e entendendo que por nós não chegaríamos satisfactoriamente a este tão desejado fim, servimo-nos do nosso collega, o autor das obras de que temos tratado e o qual fazia maior honra possível á nossa classe; para com o seu auxilio realizarmos os nossos desejos.

Desejando generalisar a leitura das duas referidas obras, terminaremos o presente artigo, apresentando resumidamente as diversas materias professionalmente tratadas nellas.

Nos *Estudos Philosophicos sobre o Christianismo*; comprehendendo quatro volumes em oitavo e impressos em francez; trata das seguintes questões. No 1.º volume: da alma e sua immortalidade; de Deos; da religião natural; da necessidade da revelação primitiva e de uma segunda revelação; de Moysés e seus escriptos em suas diversas relações, principalmente com as sciencias naturaes; no 2.º volume: da natureza humana; da tradição; da vinda e reino de Jesus-Christo; da moral evangelica e sua divindade; do dogma; do céu; do purgatorio; do inferno; e das tradições Assyrias e Persas; no 3.º volume: da redempção, seu ensino e applicações; da Trindade; da Igreja; do Protestantismo; da impossibilidade de salvação fóra da Igreja; da graça; dos Sacramentos; da confissão; da Eucharistia; e do culto e ceremonias; no 4.º volume: de Jesus-Christo; dos Evangelhos; das prophcias; dos milagres; do estabelecimento do christianismo; seus fructos, e sua instabilidade na perpetuidade de sua constituição.

No *Protestantismo e todas as mais heresias*; comprehendendo dous volumes, tambem em oitavo e em francez: trata no 1.º volume: do exame do escripto do Sr. Guizot; da physiologia da Igreja; da desordem feita pelo Protestantismo na acção civilisadora da Igreja, sua relação originaria com o socialismo, e sua passagem ao philosophismo; deste e da revolução; desta e da condição estabelecida por ella á propriedade; do naturalismo e sua relação entre o Protestantismo e socialismo; do racionalismo e sua rápida marcha para o pantheismo; deste e do Christianismo; da exposição da doutrina de Lutero e Calvino; das heresias em suas relações com o pantheismo e socialismo, em tres períodos; no 2º volume: da passagem do Protestantismo ao pantheismo e relação daquelle com o socialismo; do individualismo e individualidade; do Protestantismo em relação á tolerancia; da historia esclarecida sobre a revogação do Edito de Nantes; do Protestantismo em relação ás sciencias e aos costumes; das nações protestantes comparadas ás nações catholicas; de uma carta de Agostinho Cochlin dirigida ao autor sobre o estado de pauperismo na Inglaterra.

Todos os escriptos, a que referem-se as citações feitas no presente artigo, são extrahidos dessas duas obras.

Com o presente artigo só tivemos em vista prevenir os leitores sobre a importancia da obra, cujo capitulo treze vamos traduzir e publicar, e dar o motivo que nos obrigou a essa publicação; portanto, se por ventura das nossas expressões deduzir-se qualquer offensa, ainda que indirecta, não deve considerar-se intencional; porquanto desde o principio até o fim deste escripto achamo-nos possuidos de caridade para com o nosso proximo.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

### O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

(Continuado do numero antecedente.)

#### III.

As escolas allemães foram regeneradas ha 300 annos, pelos reformadores religiosos, pois os sectarios de Lutero erão em geral pessoas letradas e instruidas. Na Prussia, pelo menos as escolas receberam no começo do presente seculo, uma nova animação devida ao grande e patriótico movimento, que modificou desde 1806 até 1812, a organização civil e militar do reino. Já existia, desde o reinado de Frederico Grande, um conselho supremo de educação. Sob a direcção suprema de ministros habéis, um dos quaes foi Guilherme de Stumboldt, que simultaneamente era um sabio illustre e uma personagem politica, a instrução publica acompanhou os progressos da temporada, e portanto não é de admirar que as escolas da Prussia se tivessem libertado das tradições da idade média. Mais admiravel é que ellas tenham escapado da influencia preponderante do governo central, pois até hoje ellas estão submettidas em justa proporção, a acção directr de conselhos provinciaes. Não é menos notavel que nos programas de estudos tenham sido bem aquinhoadas as sciencias modernas, conservando-se com fidelidade o culto pelas humanidades literarias.

O que n'outras partes se chama instrução secundaria, na Allemanha do norte da-se em estabelecimentos de diversas cathgorias, segundo a idade dos discipulos e a qualidade dos estudos a que se entregão. Os meninos, que começam pelas escolas preparatorias, (*Vorschulen*), onde ficão até os dez annos, se forem approvados no exame, que versa sobre as materias de ensinancia rudimentaes, são admittidos n'uma outra escola mais graduada, quer gymnasio, quer escolas por excellencia. Os gymnasios equivalem aos lyceus francezes, exceptuando-se apenas a carencia de classes inferiores. Os estudos são regulados por um plano uniforme para toda a monarchia em virtude de ordenações ministeriaes, mas não têm como em França, programmas aranhados. O professor está a seu gosto dentro dos limites, que o regulamento lhe tem traçado. Só não se consente que elle dê a sua ensinancia um característico pratico ou profissional. Com razão, se opina que os estudos na adolescencia devem ser dirigidos com o fito mais de desenvolver as naturaes faculdades do joven, do que de preparal-o para vir depois a exercer uma profissão.

A par, dos gymnasios que preparam para se entrar nas universidades, e por conseguinte para profissões, como as juridicas e medicas, que requerem uma instrução superior, as escolas por excellencia (*Realschulen*) aquelles, cuja educação deve terminar mais depressa. O nome só destas ultimas instituições, que são de recente criação, indica bastante o intuito a que se propõem. Sem renunciar-se a cultivar a intelligencia por meio de estudos de um alcance geral, quer-se que os discipulos adquirão noções uteis e que entrem no conhecimento da realidade das cousas. Ha perto de 300 annos que se pretendeu introduzir nas escolas da Allemanha boreal esse modo de ensinancia, que então não correspondia á uma exigencia bem determinada. O crescimento modernissimo do commercio e da industria é que tem feito apreciar-se melhor um tal beneficio. As escolas realistas, que existião em 1839, receberam nessa época uma organização uniforme, ao mesmo tempo que o estado tornava mais facil a criação dellas nas cidades, que ainda as não possuíam. O programma de estudos dessas novas instituições didaticas não é exclusivamente scientifico: o latim é continuado até o fim do curriculo, e as sciencias mathematicas, physicas e naturaes occupão a maior parte do curso, sendo que tambem a instrução religiosa não é negligenciada, e que as linguas estran-

geiras, principalmente, a franceza, são cultivadas com esmero.

A Prussia em 1863, com uma população de 13 milhões de habitantes, possuía 253 estabelecimentos publicos de instrução secundaria, frequentados por 60,000 alumnos. É quanto a França enumera em seus lyceus e collegios, ao passo que a Inglaterra apenas conta 16,000, tanto nas escolas publicas, como nas particulares de vária categoria. Dahi se conhece que a Prussia é desses tres Estados o que possui as escolas de instrução primaria mais florecentes. Merece pesquisar-se a que causa é devido esse bom exito, que occorre não obstante a ensinancia official não gozar de privilegio algum, e até mesmo ter a desvantagem de não ser ministrada senão á alumnos externos. Todos os jovens que frequentão as escolas do governo, ou habitão nas casas de suas familias, ou se hospedão em pousadas particulares. Pelo contrario, as escolas particulares, simultaneamente hospedão, alimentão e leccionão os seus alumnos. O porque estas ultimas escolas não têm prosperado sob esse tal regimen de emulação deve-se attribuir em primeiro lugar á excellencia dos estudos, e depois ao merito dos professores, e a acertada distribuição dos programmas dos institutos publicos. Tambem se pôde encontrar a razão desse facto na indifferença religiosa e politica do Estado a tal respeito, nas prerogativas reservadas á autoridade provincial, prerogativas essas que compensão os abusos de uma centralisação muito exigente; porém a causa principal, que mantém a ensinancia publica n'um auge elevado, descobre-se na natureza dos exames, a que é submettido o alumno, que, depois de ter terminado seus estudos de instrução secundaria, pretende ser matriculado nas universidades ou nas escolas especiaes. Passe-se a ver que nessas provaças de exames se encontra, bem que debaixo de forma mais severa, o equivalente do bacharelado em letras e sciencias da França.

Já ficou dito que o gymnasio prepara o aspirante para cursar a universidade, e a escola realista para as profissões industriaes. Durante muito tempo, o estudante, que queria ser matriculado não carecia senão de pro-forma apresentar-se perante o decano da faculdade, que elle queria seguir, sendo que o exame para essa matricula era tão superficial, como na Inglaterra. Acontecia então que os jovens ovinos desses cursos, para que elles não se achavão preparados, prolongavão sem proveito suas estadas na universidade. Isso era tanto mais prejudicial que os estudantes, entre outras prerogativas, gozavão da mitigação do serviço militar. Mais tarde determinou-se que as provas para matricula fossem mais rigorosas, mas ellas erão julgadas pelos professores, que tinham interesse em não reprovar ninguém, pois que os emolumentos de matriculas constituíam boa parte de suas retribuições. Finalmente, por uma resolução administrativa, que data de 1834, o resultado dos estudos preparatorios, deve ser verificado por certificado de uma commissão, em sua maior parte composta de professores do gymnasio. Na substancia de taes exames a unica differença que se dá no que a tal respeito se passa em outros paizes, consiste em se não avaliar a vastidão mais ou menos ampla dos conhecimentos do discipulo aspirante; pois que, dizem os allemães, o que se deve ter em vista não é abastecer a memoria com factos mal digeridos, mas sim desenvolver o espirito por meio de uma applicação solida e sufficientemente prolongada. Essas idéas não sendo novas, nem desconhecidas n'outros paizes semelhantes principios, diga-se que foi talvez na Prussia sómente que isso já está em pratica proveitosa; e por tanto, se o candidato vier de uma escola publica, deverá ter passado dotts annos nas classes provecas, e se apresentar-se como alumno de uma escola particular, deverá dar provas de ter bem empregado a sua applicação nos annos anteriores.

Em tudo o exame é feito de sorte que prove que durante alguns annos o discípulo recebeu uma educação de boa tempera.

Passando-se agora a examinar, como exemplar, as escolas prussianas, em Berlim, onde são em grande numero, encontram-se oito gymnasios, dous dos quaes possuem escolas realistas, e também existem mais quatro escolas realistas independentes, e uma escola especial superior da municipalidade.

Em 1863, só essas escolas, sem comprehenderem-se as *Vorschulen*, ou escolas preparatorias, leccionavão a 7.000 estudantes, e o publico ainda se queixava de nellas não haver bastante lugar para mais estudantes. «Diz Mr. Arnold que em toda a Prussia ouve-se a mesma queixa e que as escolas secundarias não bastão para a affluencia de estudantes, que cada dia é maior. O estado augmenta as dotações, as municipalidades fazem novos sacrificios, e contudo sempre mais aspirantes do que vagas, não obstante terem-se augmentado as retribuições.»

O estabelecimento de instrucção secundaria mais notavel, que ha em Berlim, é o gymnasio de Frederico Guilherme, no qual, além do gymnasio propriamente dito, existem uma escola realista, outra preparatoria, e mais uma para o sexo feminino, leccionando-se todas a 2.200 discipulos de ambos os sexos. Esta instituição, cuja renda é pequena e só recebe do Estado uma tenue subvenção, tem a particularidade de cobrir todas as suas despesas com o que se cobra das retribuições escolares. Tendo sido fundada, ha cem annos, por vigário protestante, em 1809 por occasião de grandes reformas sujeitou-se a superintendencia do governo, como todas as outras escolas secundarias de Berlim. Bem que protestante de origem também recebe catholicos e até mesmo judeos.

Como as outras escolas publicas só admittê discipulos externos. O preço da ensinancia nunca excede de 30 francos por anno, e assim mesmo a decima parte dos discipulos está isenta de pagar essa modica retribuição.

De quão bem cultivados são os estudos classicos, se póde ajuizar pelo facto do professor da aula superior fallar em latim a seus discipulos, que na mesma lingua lhe respondem.

A mais afamada das escolas de Allemanha do norte não está em Berlim, mas sim em Pforta, que fica na parte prussiana da Saxonia.

Foi antigamente uma abbadia da ordem de Cister, ou frades bernados, que annos depois da reforma protestante, foi transformada em escola lutherana.

O grande rendimento da antiga abbadia, que passa de 200.000 francos por anno, é hoje administrada pela autoridade municipal.

Esta instituição, que até 1815 gozava de velhos privilegios feudaes, a ponto tal que administrava justiça civil e criminal, ainda conserva certos vestigios de tradições da idade média: cada dia antes de jantar os estudantes entoão no refeitório um hymno latino. Contão-se 205 meninos, quasi todos pensionistas, que pela alimentação, alojamento e ensino pagão uma quantia muito modica. As vagas que se dão são distribuidas, uma parte para o governo prussiano, outra para as municipalidades de diferentes cidades, e a terceira parte para o governo de Saxonia. Os candidatos designados devem ter pelo menos 12 annos de idade, e nenhum é admittido sem ter passado por um exame rigoroso. Por isso os estudos classicos desse estabelecimento são afamados em toda Allemanha. É de costume haver na semana um certo dia, em que os estudantes nem dão lição nem vão á aula; mas, não é inteiramente um dia de repouso; pois que cada um tem então faculdade de estudar o que lhe aprouver. Semelhante animação, dada ao mister individual de cada um desses jovens escolares, depõe muito em favor da applica-

ção e caracter delles, pois é bem evidente que uma tal lenidade para com rapazes de outros paizes degeneraria em occasionar preguiça. Situada no meio de bosques e prados, a escola de Pforta também possui como as escolas da Inglaterra, certas campinas de recreio, com a unica differença de allí não haver os divertimentos favoritos da adolescencia ingleza. O cricket ou jogo da pella e as regatas de escaleres são substituidos por exercicios gymnasticos, os quaes, sendo mais um labor do que um simples recreio, convem melhor, do que jogos de fantasia a jovens estudiosos, cujas curtas recreações devem ser empregadas em distrações hygienicas.

Em summa, essa instituição, que veio originada de um intuito semelhante aos de Eton e Harrow, demonstra muito como os allemães procederão para desarraigir os defeitos que os inglezes deixarão-se perpetuar nas suas escolas publicas. Acrescente também que, a corporação de professores não absorve, como na Inglaterra, a melhor parte do rendimento escolastico.

Não ha em toda a Prussia um só professor, cujo salario chegue a 9.000 francos: o reitor de Pforta, cujo cargo é o mais invejado, recebe 7.500 francos por anno, e o gozo gratuito de uma casa.

Os professores allemães, não tendo os fastuosos salarios dos seus collegas britannicos, vivem felizes e satisfeitos, e nem por isso são menos capazes e menos dedicados ao seu mister, e na falta de avultada paga, quão de mais consideração do publico.

Diz Mr. Arnold que, em um paiz, que ainda não está corrompido, a estima do publico vale tanto como o dinheiro. Em resumo, os allemães do norte têm toda a razão de se ufanarem da organização da sua ensinancia.

Gymnasios, que dão uma instrucção scientifica desenvolvida sufficientemente, e escolas realistas, donde o culto classico não fica excluido, partilham entre si e sem rivalidade os favores do publico e os adjutorios do governo. Escolas de diversas categorias, e cujas bancadas sempre estão cheias de estudantes, e cujos mestres adquirem uma benemerita reputação, satisfazem os variados interesses de todas as classes da sociedade.

Tanta prosperidade se explica pelo que se ponderou acerca das escolas escocezas: os pais de familia, que são pessoas instruidas, sabem apreciar quanto vale uma educação distinguida, e também sabem julgar que qualidade de instrucção melhor convem a seus filhos.

Continúa.

## VARIEDADES.

### Mãe.

No meio das afflicções, dos pezares, dos soffrimentos, das contrariedades e dos cataclismas da vida, ergue-se sobranceiro um ente, que, enlucando suas lagrimas, reprimindo seus suspiros e vencendo por um esforço sobrenatural as contrações de seu espirito, vem com o riso nos labios, confortar nossos soffrimentos, moraes e suavisar nossas dores nos soffrimentos physicos.

É nossa mãe!

Creatura enviada por Deus, vem cumprir sob a terra a mais sagrada missão e representar o mais santo magisterio.

A sua coragem e a sua tenacidade, quando trata de minorar as dores e salvar a vida d'aquelle que é o fructo de seu ventre, a tornam digna da presença do Creator e dos premios que o céu, outorga a creatura, que no mundo soube cumprir fielmente os preceitos da Divindade.

O seu amor é eterno...

Na juventude ou na decrepitude encontramos sempre ella com os mesmos affagos e com os mesmos carinhos.

Na presença guia os nossos passos, vella pelos nossos dias; na ausencia possuida da mais santa fé, ajoelha-se, e levantando seus olhos aos céos em fervorosas preces, supplica á Santissima Virgem que ampare e proteja seu filho.

Na opulencia ou na miseria ella está sempre com seus braços abertos para nos receber e nos dar os conselhos que necessitarmos pela nossa inexperiencia.

Na adversidade ou na placidez da vida seus labios entreabem-se, deixando escapar o seu riso melifluo com que sempre nos recebe.

Quando, ainda no berço da juventude, só cuidamos nos divertimentos proprios da idade infantil, ella, tomando uma attitudé respeitosa, e possuindo-se de certa magestade, chama-nos para junto de si, e mostrando-nos o firmamento, faz-nos conhecer que ha um Deus a quem devemos amar, venerar e respeitar.

Á noite, chama-nos para seu leito, e, com a paciencia de Job, ensina-nos a doutrina e as orações que são necessarias para invocarmos a Santa imagem do Senhor.

Pela manhã lança-nos a sua benção e, dando um osculo em nossas faces, deixa-nos assim conhecer o grande amor que nos tem.

Se o dever de mãe, para reprimir algumas vezes o nosso mau instincto, a obriga a castigar-nos, ella o faz com o maior sacrificio: por muito esforço que faça não póde comprimir suas lagrimas, que escapando-se furtivas, vem muitas vezes orvalhar o nosso rosto.

Se é offendida por seu proprio filho, quando elle já se acha na idade madura, concentra em seu peito os suspiros de sua dor, e sem um vislumbre de colera, sem soltar uma unica impreciação, apresenta ainda seu semblante alegre e sereno.

Martyr...

O termo de sua gravidez é a duvida entre a morte e a vida, mas, n'essas condições encarándo a morte como linitivo; espera com impaciencia, supplica mesmo á Santa virgem que lhe dê a realisacão d'esse termo para, com frenesi, beijar e abraçar esse fructo de suas entranhas, esse thesouro inapreciavel, que vem ainda mais apertar os laços de seu matrimonio.

Quantas vezes, já moribunda, no leito da dor, reprime a custo os seus soffrimentos, e, erguendo-se com o semblante livido, vem mesmo assim trazer o balsamo para nossas feridas!

Quantas vezes, despojando-se de seu bocado, soffre a fome, a fome, consolando-se em ver alegre e satisfeito o filhinho que lhe pediu seu pão!

Oh! como é Santa essa creatura!

Como são doces as suas palavras!

Como é cheio de magia o seu nome!

A nota cadente do harpa sonora que, em noite muda e silenciosa, vem com seus effluvios, tirar-nos do nosso descanzo e despertar-nos da doce

embriaguez do somno, não sóa em nossos ouvidos como a palavra mãe...

A brisa matutina que, aromatizando os ares, deixa ouvir o seu doce murmurio na ramagem da floresta, não tem tanta poesia como a palavra mãe.

O canto melodioso do Sabiá, que, em manhã calma e serena saúda os primeiros arreboes, não é tão sublime como a palavra mãe.

O regato de crystalinas aguas que, desprendendo-se dos rochedos, precipita-se em catadupas de prata, deixando o viajor em terna contemplação, o seu delectante sussurro não é tão embriagante como a palavra mãe.

A intelligencia humana, essa centelha da Divindade transmittida a contingencia do nosso ser, está bem longe de poder defini-la. E ella é a primeira palavra que balbuciamos e a ultima que proferimos.

Nossa mãe...

E quem ha que se assemelhe a sua essencia? Ante o caracter que a devinisa Raphael depõe o pincel. Phidões o buril e Guttemberg os typos;

A propria natureza revolve-se e não póde esteriotypal-a.

Prototypo de perfeições.

A corôa do martyrio que cinge sua fronte a terra, é a gloria conquistada para o céu.

Quando a morte, de improviso, vem nos surpreender, corre ella com os cabellos desgrenhados, e vai com suas lagrimas orvalhar a pedra da nossa lousa, e quando chega também o termo de sua vida, chama-nos para seu leito e, abraçando-nos já agonizante, exhala o ultimo suspiro proferindo estas palavras:—Meus filhos!!

L...

### Instrucção publica.

—Durante o ultimo semestre do inverno, as 9 universidades prussianas e a academia de Munster contavão 790 professores, divididos em 403 titulares, 158 substitutos, e 224 *privat-docent*; 77 ensinavão theologia protestante, 26 theologia catholica, 93 direito, 199 medicina, 393 philosophia e litteratura.

Berlim tinha mais professores, 167; Gottingue, 103; Bonn, 100; Breslau, 86; Halle, 76; Königsberg, 66; Marbourg, 59; Kiel, 56; Greifswald, 52; e Munster, 26.

O estudantes matriculados erão em numero de 7,406, dos quaes 1,030 estrangeiros, 1,144 seguirão o curso de theologia protestante, 575 theologia catholica; 1,352 estudavão direito, 1,644, medicina, e 2,691 philosophia e bellas letras. Além destes alumnos, 1,450 tinham autorisação para frequentar os cursos.

A universidade de Berlim reunia maior numero de estudantes, 2,258: Breslau, 880; Bonn, 875; Halle, 838; Gottingue, 794; Königsberg, 440; Munster, 436; Greifswald, 391; Marbourg, 329; e Kiel, 165.

Ha em Berlim 10 lyceus, 10 escolas superiores do sexo masculino, *reales* ou *industriales*, 2 escolas superiores do sexo feminino dependentes da cidade; mais 8 para meninos e 32 para meninas, dirigidas por particulares.

As escolas publicas ordinarias são 215, 115 municipaes e 100 particulares. As primeiras têm 49,240 discipulos e as segundas 29,724; total 78,964 estdantes.

A cidade pagou em 1868 pelo ensino dos meninos pobres, nas escolas elementares, a somma de 1:505,000 fr.

São Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 9 DE FEVEREIRO DE 1870.

## A educação.

Geralmente sob este titulo engloba-se a grande obra da instrucção, aliás bem distincta da educação.

Educar, é uma palavra altamente expressiva, vem do termo latino *educare* levantar.

A historia desta palavra é interessante. No tempo em que Roma se ostentava no meio do fausto e da moleza, pela conquista de quasi todo o mundo, os costumes e a moral se haviam rebaixado a um nivel que horroriza.

A familia em guerra de morte, rotos os laços domesticos, esmagados os santos direitos, o filho e a esposa haviam baqueado na luta.

A paternidade triumphava com prepotencia indomita.

Desde então quando a misera esposa dava a luz ao precioso fructo de suas entranhas, levava-o ao pai que reclinado em purpuras e fofas almofadas mal se dignava volver as palpebras. A mãe curava-se em silencio; depositava aos pés do esposo o misero filhinho: se elle disia: *levanta*, o menino ia ser educado: era uma felicidade. Mas se permanecia em silencio brutal, lendo as maximas luxuriosas de Epicuro, o desgraçado infante devia ser lançado no Velabro, lugar horroroso, onde os meninos erão vendidos para fins os mais nefandos.

É esta a origem da palavra *educação*. *Educar* é pois *levantar*, *erguer*. Antigamente era levantar do pó, hoje é levantar das trevas da ignorancia, formar o espirito, desenvolver as faculdades, formar o coração, mais que tudo.

Instruir porem é ter conhecimentos scientificos. Tanto é assim que não é difficil encontrarem-se homens bem instruidos, porem mal educados, e outros bem educados e mal instruidos.

Mas é com razão que sob a idéa de educação a humanidade comprehende tão bem a instrucção; por que a grande obra da educação está em a intima união destes dois principios.

É por este motivo que a obra da educação é sublime e difficil; um dos mais elevados sacerdocios, sempre respeitado pela humanidade atravez dos seculos.

A obra da educação sempre foi tida em todos os lugares como um templo cheio de misteriosos silencios. O verdadeiro educador sempre foi respeitado como um ente peregrino.

E com razão, por que:

*O menino é um santuario.*

Ah! quem attentamente observa o menino, meigo, innocente, prompto em esquecer-se dos odios, sempre com o riso nos labios, ah! quem observa essa alma tão candida não poderá deixar de clamar: é necessario pisar com pés descalços nesta sarsa onde queima fogo sagrado; é necessario para se penetrar neste *santa sanctorum* estar inteiramente despojado das paixões mundanas, extreme dos interesses sordidos.

O menino é o homem do futuro; mas é necessario, descer-se a seo espirito, prescrutar os archanos de seo peito, ouvir-lhe as palpações do coração; arrancar os más principios que por ventura queirão germinar e tudo isto é a grande obra da educação que o faz, e toda esta tarefa é do educador.

É o menino tão tenro e ignorante que um dia deve occupar o lar domestico, estabelecer bases e formar centros de familias honradas e laboriosas.

É o menino que com o espirito ainda

tão envoltó em trevas tem de erguer-se um dia no foro, no magisterio, no parlamento, no Templo, no campo coberto dos ricos e bellos productos da agricultura.

Mas quem tem de o preparar para todos estes mistérios é o educador, é pois necessario que elle seja um homem quasi sobre-humano.

Eis pelo que sempre se votou o mais encarnicado odio ao monopólio de ensino.

Em França em 1830 quando a Carta proclamou a liberdade do ensino, e que depois por espaço de alguns annos os poderes constituídos, e a Universidade querião monopolisar o ensino, a educação, a França em peso despertou como um gigante que fremente de colera se ergue de subito.

Assim a França bradou no parlamento, na imprensa, na tribuna, nas ruas: em fim a França era uma bocca immensa e a liberdade na educação seo verbo incessante.

Esta sempre foi a linguagem da humanidade.

Sempre um odio de morte se manifestou contra aquelles que pretendem faser da educação uma agiotagem, um thesouro de egoismo.

Não; este pensamento é altamente criminoso. O templo da educação se bem qued difficil de ser penetrado dignamente, deve entretanto ter livre para todos a sua entrada. Sendo a obra da educação coiza tão sublime e difficil, o verdadeiro educador será apontado pelo tempo.

Quem mais e melhor trabalhar, quem melhor cultivar o jardim divino, o menino, este será o homem privilegiado, este será o homem de que precisa a patria, este será o homem digno das benções do povo e do respeito das familias: emfim o verdadeiro homem de que precisa a patria.

Educar é formar os povos.—Mas educar bem, educar mal é plantar a gangrena, é matar.

O pulso da grandesa e vida de um povo está na altura do ensino.

Os Estados-Unidos são grandes por que o ensino é gigante, a educação sempre radiante e sublime: assim nós, seremos grandes, occuparemos um lugar proeminente no vasto Pantheon da civilização, si os nossos centros de educação forem realidades.

## POLITICA.

## Irlanda.

A Irlanda attrahe todos os olhos, occupa todos os pensamentos. Hoje mais do que nunca é ella um espinho enterrado na carne do povo inglez. Qual foi o grande acontecimento da semana que acabou? Foi ainda e sempre a eleição de Odonovan Rossa, o feniano, o rebelde, o traidor, o condemnado, o encarcerado. Não irá tomar assento na camara dos communs. Boa duvida! Foi precisadamente porque elle não pôde tomar assento que os eleitores do condado de Tipperary o mandarão á camara. O que lhes agrada nesta eleição foi justamente o desafio resultante da sua mesma nullidade. Quizerão fazer uma demonstração, certos de que as demonstrações deste genero são levadas em conta na vida de um povo.

E a prova de que elles calcularão bem, é a emoção de que se apoderou a Inglaterra.

Muitos eleitores se abstiverão: não ha duvida. Porque? Os que tremem de encerrar o perigo consolão-se com a supposição de que o medo, só o medo arredou do *poll* os que não votarão.

E quando fosse assim? Se os fenianos podem exercer a tal ponto na Irlanda o despotismo da intimidacão, não prova esse facto a sua força, resolução e audacia?

Mas ha outra hypothese, tão admissivel pelo menos: é possível que os fenianos, certos da victoria, apenas empregassem uma parte das suas forças, deixando no corpo de reserva aquelles que não pudessem lutar sem offender mortalmente o sacerdote ou soffrer a colera do land-lord.

Mas para que fechar os olhos á gravidade de semelhante acontecimento? Baldado intento. Os factos são eloquentes. Pois a eleição de Odonovan Rossa não deu lugar, aqui a *meetings* entusiastas, alli a ruidosas festas, além a procissões com archotes? Não forão vistos os descontentes percorrendo as ruas como um exercito, bandeiras despregadas e musica á frente? Não se preparão os fenianos para eleger outros Odonovan Rossa? Pois não estão os magistrados da Irlanda actualmentemente paralisados, e—novidade formidavel.—ameaçados os sacerdotes como os land-lords? Pois as queixas do lavrador não vão já apparecendo ao pé das do rendeiro. A eleição de Odonovan Rossa é apenas um symptoma; mas que symptoma, comparado com tudo quanto elle revela o verdadeiro caracter! O barometro não fez a tempestade, mas já é muito que a annuncie.

Ahi tem pois o resultado dos esforços empregados para pacificar a Irlanda!

Gemia a Irlanda pelo injusto ascendente da igreja protestante: o ministro Gladstone deu-lhe a igualdade religiosa.

Gemia pela dominação que o land-lord exercia sobre o lavrador: o ministerio Gladstone trabalha, como sabem todos, para a solução equitativa deste difficil problema.

Mas porque o Sr. Gladstone recusou a liberdade dos presos fenianos pedida por fenianos com ameaças, é como se nada houvesse. Zanga-se a Irlanda; não quer ser pacificada; em uma palavra, taes cousas faz, que a imprensa ministerial e liberal é obrigada a invocar a necessidade de uma politica energicamente repressiva, a pedir a suspensão do *habeas-corpus*.

Em presença de semelhante estado de cousas, não sorprende que, de envolta com os gritos de dor, solte a imprensa conservadora gritos de triumpho.

Então, dizem os partidários do Sr. Disraeli aos seus adversarios, que ganhastes com este systema de conciliação de que vos gabaveis de possuir exclusivamente o maravilhoso segredo? Onde os frutos da vossa politica *cór de rosa*? Tinhamo-lo predito: o povo irlandez não vos agradecerá o que por elle fizestes. Nas vossas concessões não verá mais do que a confissão dos vossos temores; tentai, tentai governar a Irlanda conforme as idéas irlandezas, e não tardareis a saber onde ireis ter. Realizou-se ou não a prophécia? Censuraveis ao Sr. Disraeli e a seus collegas o não terem fê senão na efficacia da força brutal; a suspensão do *habeas-corpus* era da parte do vosso chefe o objecto dos mais eloquentes anathemas; e ahi estaes condemnados a pôr a suspensão do *habeas-corpus* na primeira fila dos remedios inevitaveis.

Impossivel é negar quão embaraçosas são estas cencuras para os liberaes que invocão hoje o emprego da força; como poderão elles recorrer a ella sem confessar por isso mesmo, que a sua poli-

tica de conciliação e pacificação fez *fi-asco*?

Debalde se quer explicar a agitação actual da Irlanda pelo modo que aos fenianos inspira a perspectiva da Irlanda pacificada e pelo redobrar dos esforços que esse modo lhes impõe; a explicação parece mais engenhosa que satisfactoria.

Verdade é que, sendo o fim dos fenianos a independencia absoluta da Irlanda, devem naturalmente considerar como um golpe dado a sua influencia toda a reforma que possa acalmar os resentimentos do povo irlandez e tirar-lhes deste modo auxiliares: Que é esse o sentimento que os domina, prova-o uma cousa: o furor com que procurarão impedir e depois dissolver o *meeting* de Louth, feito em favor do *Tenant Right*, esse direito tão caro ao lavrador irlandez. Uma multidão apaixonada, clamorosa, foi levada até a sala do *meeting*; encheu-lhe as immedições; arrombou as portas e invadiu o recinto, no meio de um tumulto mais facil de alvinhar que de descrever. «Pbaixo o *Tenant Right* antes da liberdade dos prisioneiros! Lembrai-vos de Tipperary! Deus salve a Irlanda!» Tal era o grito recommendado por cartazes pregados em todo o paiz, e tal foi o grito que abafou o *meeting*. Debalde o Rvd. Kearns pediu ao povo que se calasse: o povo não quiz ouvir-o. Debalde lord Belew permittio lembrar que havia intercedido pelos «martires» Allen, Larkin e O'Brien,—lord Belew não logrou ser ouvido: «Fallaremos da condição dos rendeiros, quando elles derem a cada um dos pobres trabalhadores que elles empregão uma geira de terra e uma casa.»

São caracteristicas estas scenas: provão que a senha dos fenianos é: «Tudo ou nada» Mas quando a imprensa liberal conclue dahi que, para os reduzir á impotencia, não resta mais que combinar a politica de concessão com a politica de repressão, de maneira a separar dos nacionalistas, castigando-os ao mesmo tempo, os descontentes não irreconciliaveis, a imprensa liberal illude-se a respeito do alcance do perigo, por nao querer confessar a natureza delle. O obstaculo está na diffusão do violento desejo que estas palavras exprimem: «A Irlanda aos irlandezes!»

LUIZ BLANC.

## RELIGIÃO.

## Tolerancia civil.

Em 11 de Dezembro, o Sr. Ministro do Imperio expedio ao presidente da provincia de S. Paulo um aviso, que vai abaixo transcripto, mas que não podemos deixar de sujeitar ao atrito dos principios, mesmo por merecer-nos completa confiança o distincto e illustrado ministro.

Esse aviso está concebido nos seguintes termos:

«Ilm. e Exm. Sr.—Chegou ao conhecimento do governo, por publicação da imprensa, que um ministro presbyteriano, estando em Jundiaby na *pratica legal* de actos do respectivo culto, fôra insultado, ameaçado e obrigado a interromper esses actos.

«Este facto, pouco commum entre nós, é contrario ao *libre* exercicio de direitos que a Constituição garante.

«Acresce que, depois da lei n. 1.144 de 11 de Setembro de 1861, e do regulamento n. 3.039 de 17 de Abril de 1863, os pastores das diversas religiões são chamados a intervir em actos da maior importancia por seus effeitos civis, qual é o casamento dos que não professam a religião do Estado. Se lhes faltar a

segurança que as nações cultas garantem, sem distincção, a todos os estrangeiros, terão de crescer as dificuldades que existem para a união regular dos acatholicos.

«As autoridades devem sempre demonstrar o respeito devido á religião do Estado, e pelos meios a seu alcance contribuir para o maior esplendor do culto catholico; mas cumpre-lhes tambem que tendo em vista o principio constitucional da liberdade de consciencia, torne effectiva a permissão do culto de outras religiões, nos termos do art 5.º da Constituição.

«Recommendo, portanto, a V. Exc. que, inquirindo acerca do facto a que me refiro, sobre elle preste as informações que colher providenciando no sentido de prevenir sua repetição.—Deos guarde a V. Exc.—Paulino José Soares de Souza.—Sr. Presidente da Provincia de S. Paulo.»

Os principios adduzidos no aviso supra-transcripto são sem duvida verdadeiros, comtanto que o exercicio dos cultos acatholicos restrinja-se aos limites assignados no art. 5.º da Constituição politica do Imperio.

Mas, o aviso parece suppor que o alludido ministro presbyteriano «estava em Jundiahy na pratica legal de actos do respectivo culto.» É isso o que contestamos, e sempre contestaremos, sem embargo de quaesquer opiniões em contrario.

Não ha duvida que entre nós lha inteira liberdade de consciencia; mas não autorisa a liberdade de cultos, porque ha radical differença entre uma e outra, e não se pode conciliar daquella para esta. A consciencia é um acto interno de ordem psychologica; mas o culto é essencialmente exterior e de ordem sensivel. O direito de pensar deste ou daquelle modo é um direito natural; entretanto que a manifestação do pensamento não póde deixar de ser limitada pela lei da justiça e das conveniencias sociaes. É por isso que a Constituição, embora proclame a liberdade de consciencia, não admittio senão a tolerancia dos cultos catholicos. A liberdade de seguir o erro não importa o direito de pratical-o; a differença é essencial, e ainda mais na questão de que tratamos.

Assim, pois, se o ministro presbyteriano limitava-se ao exercicio domestico ou particular do seu respectivo culto, concedemos que ninguem deveria perturbal-o, porque a Constituição lhe garantia esse exercicio. Dahi, porém, para a propaganda, afim de fazer proselytos entre os catholicos, ha um abysmo; e todos sabemos que nesta provincia os presbyterianos tem a missão de propagar seus erros religiosos e de angariar proselytos. Acaso a propaganda poderá ser encabeçada, de boa fé, como pratica legal do culto, segundo as prescripções e limitações constitucionaes?

A letra e o espirito da Constituição são notaveis por sua clareza; não podem prestar-se á duvidas. Porque, pois, se poderá permittir a predica e a propaganda de ministros acatholicos? Não é isso inverter o pensamento do legislador? Não é isso confundir maliciosamente disposições tão expressas e sentimentos tão differentes?

A constituição apenas garantio á cada um acatholico o exercicio do culto domestico ou particular; e isso é manifestamente contrario a idéa de pregar-se, ensinar-se, e propagar-se doutrinas não-catholicas, o que implica o exercicio de um direito, em opposição á mera tolerancia constitucional.

Se os ministros das religiões toleradas «são chamados a intervir em actos da maior importancia por seus effectos civis», não importa isso para elles o direito de pregar e de ensinar para fazer proselytos entre os catholicos que o são pelo baptismo. A logica não impõe e nem deduz taes consequências; seria puro sophisma a affirmacão destas.

E, cousa notavel! Nem os lutheranos,

nem os judeos, nem outros quaesquer sectarios, existentes no Imperio, lembraram-se ainda de exercitar a propaganda e o proselytismo; elles ali vivem livres em suas consciencias, e tolerados em seus cultos, sem que algum haja ainda tido o minimo motivo de queixa; são mesmo geralmente relacionados e estimados entre os catholicos:—qual a razão, pois, dos successos, que só se dão dado contra os ministros presbyterianos ou da seita evangelica? A razão é conhecida: elles entendem que devem missionar-nos, como se fôrmos um povo barbaro! Não offende-se os brios, as crenças e a civilização de um povo, de modo tão audaz, contando-se sempre com o desprezo popular e ao mesmo tempo com a indifferença censuravel do poder publico. O povo tolera tudo, menos as offensas á sua religião e á sua moral. O povo brasileiro, acreditando que a Religião Catholica Romana é a verdadeira, dispensa taes missionarios, cujos actos devem limitar-se a orar com os seus correligionarios e a cumprir a lei n. 1,244 de 11 de Setembro de 1861 e o regulamento n. 3,069, de 17 de Abril de 1863. Tudo o mais é abuso, e talvez mais do que isso.

Se, pois, o illustrado ministro, mal informado, suppoz que com effecto esse ministro presbyteriano estava na pratica legal de seu culto, nos termos da Constituição, tem razão; mas, se entende que a predica, a propaganda, e o ensino são praticas legais dos cultos apenas tolerados como domesticos ou particulares, contestamos e sempre contestaremos enquanto não houver reforma constitucional.

O facto, que occorreu em Jundiahy, é aliás muito vulgar em paizes mais adiantados em civilização, segundo as idéas modernas. Mesmo nos Estados-Unidos, sempre tão citados pelos democratas, as desavenças religiosas e os subsequentes tumultos da ordem publica são factos ordinarios. Os assassinatos dos Irlandezes e os incendios dos templos catholicos em Philadelphia e em Tenington, em 1844; a reproducção de identicas scenas em New-York, onde os catholicos apenas puderam evitar o furor dos protestantes chamados universaes; os insultos, as perseguições, e as tentativas de assassinato contra Monsenhor Bedini, Nuncio de Sua Santidade, em 1853: são factos que deixam bem longe uma simples assuada, provocada pelas blasphemias de um propagandista de erros e impiedades.

Não applaudimos o facto occorrido em Jundiahy; melhor fôra que a população desprezasse o pregador alludido. Mas, sem duvida, o caso merece desculpa, porque as crenças de um povo valém muito mais do que as suppostas vantagens materiaes de uma immigração sem costumes religiosos.

ALLOCUÇÃO PRONUNCIADA POR S. SANTIDADE PIO IX, NA ABERTURA DOS TRABALHOS DO CONCILIO.

Veneraveis irmãos.—Grande é a nossa alegria ao considerarmos o insigne e singular beneficio que Deus nos concede de podermos celebrar o concilio ecumenico por nós convocado, beneficio que pediamos a Deus com todo o fervor das nossas orações. Por isso se regosija o nosso coração no Senhor, e se enche de incrivel consolacão neste felicissimo dia consagrado a Immaculada Conceição da Virgem Maria, mãe de Deus, ao ver-vos a vós, que sois chamados a tomar parte nos nossos cuidados, cada vez maiores, reunidos nesta fortaleza da religião catholica, e nos congratulamos com a vossa presença.

Estais, agora, veneraveis irmãos, congregados em nome de Christo (Math., N. VIII, 20) para dardes com-

nosco testemunho do verbo de Deus, para ensinardes connosco a todos os homens o testemunho de Jesus Christo (Apoc. I. 2.) e o caminho de Deus na verdade (Math., XXII, 16) e para julgardes connosco, sob a inspiração do Espirito Santo, das opposições da falsa sciencia (1 Tim. VI, 20.—Act. Ap. XV, 19).

Porque mais especialmente que nunca n'este tempo, em que verdadeiramente chora e desmaia a terra infestada pelos seus habitantes (Isaias, XXIV, 4 e 5) o céu pela gloria divina e a saude da grei do Sr. exigem de nós que demos uma volta ao redor de Sião, e examinemos por todas as partes, e contemos as suas torres, o consideremos com o animo quão forte é (Ps. XLVII, 11, 12.)

Vede, com effecto, veneraveis irmãos, com quanto furor o antigo inimigo do genero humano tem acommettido a casa de Deus, a qual está unida a santidade: elle faz com que se propague amplamente essa funesta conspiração dos impios, que, forte pela união, poderosa pela riqueza, provida de estatutos, e servindo-se da liberdade para encobrir a sua malicia (Petr. II, 16) não cessa de promover contra a santa igreja de Christo uma cruelissima guerra cheia de toda a casta de maldades.

Vós não ignoreis que especie de guerra é essa, qual é a sua força, quaes as suas armas, os seus progressos e as suas divisas. Vós estaes vendo continuamente com vossos proprios olhos a perturbação e confusão das sãs doutrinas, do que se derivam os transtornos humanos cada um na sua ordem, o lamentavel menosprezo de todo o direito, as multiplices artes de mentir audazmente e de corromper, das quaes resulta a relaxação dos saudaveis vinculos da justiça, da honestidade e da autoridade, se accendem as mais infames concupiscencias, se arranca dos corações a fé christã, de tal maneira, que seria de temer nestes tempos a ruina da igreja de Deus, si esta pudesse desaparecer por alguma especie de machinações ou pelo esforço dos nomes.

Mas que cousa mais poderosa que a igreja? dizia S. João Chrysostomo. A igreja é mais forte que o proprio céu. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Que palavras? «Tu es Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella (Homil. Ante exilium. num. 4).

Mas ainda que a cidade do Senhor das virtudes, a cidade do nosso Deus, desejança sobre inexpugnaveis fundamentos, todavia, conhecendo e lamentando do intimo do coração tanto conjuncto de males e tanta ruina das almas, para evitar os quaes dariamos até a vida, nós, que fazemos na terra as vezes do eterno Pastor, e que necessitados mais que nenhum outro de abraçar-nos no zelo da casa de Deus julgamos que devemos seguir o caminho e empregar o modo que pareça mais util e opportuno para resarcir a igreja de tantos damnos.

E recordando com frequencia aquellas palavras de Isaias: *In concilium coe consilium*, e considerando que

este remedio foi adoptado com feliz exito pelos nossos predecessores nos tempos mais difficeis da igreja, depois de consultado o conselho de nossos veneraveis irmãos, os cardeaes da santa igreja romana, decidimos convocar-vos, oh! veneraveis irmãos! que sois o sal da terra, guardas e pastores da grei do Senhor; e hoje por favor da misericordia divina que tira tantos obstaculos, inauguramos com o antigo solemne rito esta santa reunião.

São, pois, tantos e tão abundantes os sentimentos de caridade de que nos achamos possuidos, veneraveis irmãos, que não podemos contel-os no peito. Parece-nos ver nas vossas pessoas toda a familia christã, os nossos queridissimos filhos presentes a nós. Pensamos em tantas provas de amor, em tantas obras de animo fervente com as quaes, a exemplo vosso, a vosso impulso e com a vossa guia, tem mostrado e mostram a sua devoção a nós e a esta sé apostolica; considerando isto, não podemos deixar de dar testemunho n'esta grande reunião com expressões publicas e solemnes do nosso grande reconhecimento para com todos aquelles, e ao mesmo tempo pedimos de coração ao Senhor que a prova da sua fé, muito mais preciosa que o ouro seja achada louvavel, gloriosa e honrosa na manifestação de Jesus Christo (1 Petr., 1, 7.)

Considerando além d'isto a misera condição de tantos homens que, enganados, fogem do seio da verdade e da justiça, e por tanto da felicidade verdadeira, e ardentemente desejamos poder ajudal-os a salvar-se, recordando o Divino Redemptor e nosso mestre Jesus, que veio salvar tudo o que estava a ponto de perecer ou tinha perecido. Fitamos logo os olhos n'este tropheo do principe dos apostolos, em que nos achamos, n'esta alma cidade que por graça de Deus não foi entregue a devastação das gentes, n'este povo romano carissimo a nós, de cujo constante amor, fidelidade e obsequio estamos rodeados, e nos sentimos movidos e exaltar a bondade de Deus, que quiz especialissimamente n'este tempo sustentar e confirmar em nós a esperança na divina protecção.

E em particular se fixa o nosso pensamento em vós, veneraveis irmãos, em cuja solicitude, concordia e zelo está agora collocada a força para fazer sobresahir a gloria de Deus; reconhecemos o fervoroso ardor que tendes mostrado por cumprir com o vosso dever, e especialmente a admiravel e estreitissima união de todos vós connosco e com esta sé apostolica, o que não pode ser mais caro para nós nem mais util para a igreja, como em outras occasiões de amargas angustias o foi: e tão grandemente nós alegamos no Senhor, vendo os vossos animos assim dispostos que não podemos deixar de conceber certa e firme esperança em que d'esta vossa união teremos os mais copiosos e desejados fructos. Assim como nunca se fez guerra mais astuta e encarnicada ao reino de Christo, assim tambem nunca foi mais precisa a união dos sacerdotes do Se-

nhor com o pastor supremo da sua grei, a qual união dá uma força admirável a igreja, união, que por singular dom da Divina Providencia, e pela vossa egregia virtude, subsiste constantemente e é maravilhoso espectáculo, que confiamos será sempre tal, e ainda mais, para o mundo, para os anjos e para os homens.

Assim, pois, veneráveis irmãos, confortai-vos no Senhor; e em nome da Santissima Trindade, santificados na verdade, vestidos com as armas da luz, ensinaí comnosco o caminho, a verdade e a vida ao genero humano, que geme abalado com tantas desgraças: ajudai-nos para que possa voltar a paz aos reinos, a lei aos bárbaros, o socego aos mosteiros, a ordem ás igrejas, a disciplina aos clérigos, a Deus o povo accetável. Deus está no seu lugar santo e presente aos nossos conselhos e actos; elle mesmo nos elevou a ministros e coadjutores, n'uma obra tão grande da sua misericórdia, e quer que trabalhemos n'este ministerio da maneira que em todo este tempo consagramos unicamente a Elle as intelligencias, os corações e as forças.

Porem, conhecedores da nossa fragueza, desconfiando das nossas forças a ti levantamos com fé os olhos e diremos as nossas supplicas, oh Divino Espirito! Tu oh, Fonte de luz verdadeira e de sciencia Divina, enche a nossa mente com a luz de tua Divina Graça, para que possamos ver que cousa são rectas, saudáveis e optimas! Rege, abrasa, governa os corações, para que os actos d'este concilio comecem rectamente, continuem com felicidade e terminem saudavelmente.

Tu, oh Mai do formoso amor, da intelligencia e da santa esperanza, rainha e defensora da igreja! recebe as nossas discussões e os nossos trabalhos na tua maternal protecção e tutela, e faz, com os teus rogos para com Deus que permaneçamos sempre unidos em espirito e coração.

E vós também coadjuvai os nossos votos, oh anjos e archanjos, e tu, oh principe dos apóstolos, beatissimo Pedro! e tu, seu coapóstolos, Paulo, doutor das gentes e pregador da verdade no universo mundo, e vós todos oh santos do céu! e aquelles cujas cinzas veneramos, fazei com as vossas poderosas orações com que todos nós, cumprindo fielmente o nosso ministerio no meio do templo de Deus, recebamos a misericórdia d'aquelle a quem seja dada a honra e gloria pelos seculos dos seculos.

### AGRICULTURA.

Falla-se muito entre nós do mau estado da agricultura no paiz; declama-se mais ou menos theoreticamente sobre as suas difficuldades actuaes e sobre as suas desgraças futuras; exige-se dos poderes publicos uma serie interminavel de providencias, que os cofres da nação não poderiam supportar sem o sacrificio de outras necessidades mais urgentes, ou sem o descalabro das finanças do Estado.

Entretanto, as melhores providencias são as que o proprio interesse do lavrador aconselha, porque o Estado não pôde tutelar uma industria tão directamente como alguns o presumem, já por falta de meios pecuniarios, já por desconhecer o mal em seus detalhes e em suas particularidades.

Em verdade, os poderes publicos não descurado o estabelecimento de instituições do ensino agricola entre nós; mas qual a nação que as tem organisadas de modo praticamente util? A França, a Belgica, a Hollanda, a Allemanha, possuem alguns institutos desse ensino; a Inglaterra subvenciona algumas escolas apenas rudimentares; a Suecia obriga o sacerdote a dar lições de geologia elemental aos seus parochianos: a realidade é que o ensino aproveita pouco na pratica, e os lavradores preferem a rotina. Se em alguns desses paizes, cujos terrenos estão muito explorados e cansados, ao ponto de ser necessario buscar ás ilhas Chinchas, no mar Pacifico, o guano necessario para estrumar-os, a agricultura como sciencia pouco ha feito, é duvidoso que no Brazil os lavradores quizessem desarraigar velhos preconceitos contra as innovações scientificas, tendo tantas facilidades para extrahir da terra os productos de sua cultura.

Com effeito, algumas assembléas provinciales, no norte do Imperio, não procurado vulgarisar os conhecimentos agricolas, quer formando institutos, quer mesmo subvencionando alguns individuos pobres para irem estudar na Europa e nos Estados-Unidos os processos novos: pouco entretanto não obtido, porque os lavradores receião o prejuizo, duvidão da transformação, e, mais ou menos onerados de dividas, entendem que não devem sacrificar-se aos azares de innovações, que, embora efficazes, não os alliviarão immediatamente dos elevados juros que pagão.

No anno proximo passado, assistimos na cidade de Juiz de Fora, provincia de Minas Geraes, á inauguração de um instituto agricola na colonia da sociedade *União e Industria*. Foi uma bonita festa, certamente; mas a instituição ficará restricta á localidade, ainda mesmo que os lavradores queirão abandonar os processos rotineiros.

Esse peccado do Estado deve portanto ser elevado; o ensino agricola, sem o aguilhão do interesse individual do lavrador, seria inefficaz, e não passaria de ensaio para applaudir-se apenas. As providencias praticas são as mais necessarias, e entre ellas as que tiverem mais relação com as circumstancias especiaes do paiz. Deve-se abandonar tudo o que for mero ensaio, pois que o prejuizo é sempre certo e previsto.

Ha muitos annos, propagou-se a idéa de colonisação por *parceria*, e grandes dispendios forão feitos para auxiliar essa aspiração de diversos emprehedores. O resultado foi o descredito da colonisação, não por causa do systema de *parceria*, mas por motivos diversos e estranhos á elle. Depois, cogitou-se de facilitar e favorecer a immigração *espontanea*, e também enormes sommas forão despendidas. O resultado foi o descredito dessa immigração, não porque a idéa não pudesse ser feliz em factos, mas pela ganancia de sordidos especuladores, que conduzirão para aqui a escoria das populações urbanas dos Estados-Unidos e de alguns paizes da Europa, individuos sem habitos alguns de laborar a terra e carregados de vícios torpissimos.

Entretanto, o problema da substituição do trabalho servil reclama uma solução. E o governo, attendendo á que da agricultura é que sahe a maxima parte das nossas receitas, geral e provinciales, não pôde e nem deve cruzar os braços ante aquelle problema. É necessario estudal-o, e caminhar.

Entendemos que no Brazil ainda não ha bases para obter-se a verdadeira immigração de agricultores. A lei das terras foi um ensaio, e assim tem permanecido. Os immigrados chegam, e não encontram senão inatos virgens, sem exploração alguma, e sem meios de comunicação, ou então estabelecimentos já feitos, mas por preços elevados. A infelicidade, pois, os espera, desilludindo-os de todas as suas esperanças. A noticia atravessa o Atlantico, e nenhum

mais arrisca-se á vir tragar infortunios em terra estranha e desconhecida. A chaga da immigração está só ali, e não em supostas reformas constitucionaes quanto á liberdade de cultos; se fôra esse o obstaculo, affluirão ao nosso paiz centenas e milhares de immigrantes catholicos, e estes entretanto também não tem vindo....

Cumpre, portanto, arcar com as difficuldades do problema para resolvê-lo convenientemente. O tempo insta por uma solução madura e reflectida, porque a emancipação servil, mais tarde ou mais cedo, será um facto; e é necessario que a transformação do trabalho agricola seja feita lentamente, sem abalo, e sem prejuizo.

Temos vastas regiões de terrenos ainda não explorados. Ao mesmo tempo ha no paiz uma grande massa de população, que vegeta em ociosidade viciosa, ou que apenas produz para viver. Seria, pois, facil organizar-se colonias nacionaes, sob um regimen apropriado para garantia do successo, distribuindo-se á esses individuos e ás suas familias terras, que aliás tem-se liberalizado improductivamente á estrangeiros. Essas colonias deverão também receber os escravos que o Estado ou os particulares forem libertando, a fim de que, moralizados pelo trabalho, sejam uma garantia de ordem e de seguridade.

Taes nucleos de população; bem dirigidos, poderão ser e serão verdadeiras associações de exploradores, que facilitarão aos immigrantes europeus a compra de terrenos cultivaveis. Em poucos annos, multiplicadas as vias de comunicação, o individuo, habituado á taes trabalhos, fará delles uma industria, como acontece nos Estados-Unidos a respeito dos *settlers*.

Será isso uma necessidade satisfeita, e de vantagem tripla. O Estado protegerá aos nacionaes, facilitando-lhes meios de estabelecimento permanente e pacifico; arredará das povoações e estradas uma classe de individuos desoccupados e portanto assaz perigosos; dará destino a escravos libertados, que, vendo-se sem meios de vida, poderão perturbar as relações sociaes.

O systema, adoptado até hoje, não pôde sem duvida produzir bons fructos no futuro. As grandes cidades estão repletas de individuos sem occupação, muitos dos quaes vivem embriagados ou entregues á mendicidade. A hygie-ne moral dos povoados é aliás uma necessidade publica. A policia não exerce as suas attribuições a respeito dessa classe; convem deslocal-a, fute-la-a, dar-lhe algum bem-estar, purifica-la dos vícios pelo trabalho. É, por outro lado, conveniente evitar que a classe desses individuos seja extraordinariamente augmentada com os escravos libertos: seria grave calamidade o abandono dessa gente á si mesma ou á instructores nocturnos.

Em nosso modo de entender as cousas do paiz, é pois necessario acautelal desastres futuros na sociedade, operando também a transformação moral dos individuos. Para isso é indispensavel um governo forte, que cerce ovidos á grita de turbulentos, execute com firmeza um plano em grande escala, e faça somente o que for mais util ao paiz. O Estado utilisará muitos braços nacionaes, que nada fazem hoje em seu beneficio; dará occupação e alguma fortuna a desordeiros; implantará nas camadas inferiores o espirito de associação para o trabalho em commun; evitará, quanto aos libertos, o difficil e perigoso processo de reconstrução social instantanea; e, em pouco tempo, além dessas vantagens moraes e materiaes, terá constituido em todas as provincias um vasto mercado de terrenos cultivaveis para serem vendidos aos immigrados.

Até agora os nacionaes não têm podido reclamar terrenos devolutos para estabelecerem-se, sem pagarem uma grande quantia a titulo de compra. A lei americana, *Homestead Bill*, concede entretanto aos nacionaes, denominados

Yankees, o direito de comprar, pelo preço insignificante de 25000 a 35000 o hectare, o terreno que elles *houverem* explorado durante cinco annos e sobre o qual *houverem* edificado uma casa.

Não impede-se o estabelecimento do individuo em terrenos devolutos do Estado, e nem isso é lá um crime; o facto do estabelecimento dá-lhe aliás o direito de apropriar-se do terreno mediante quantia fixada na lei supracitada. Os *settlers* são quasi todos nacionaes-americanos ou Yankees; fazem estabelecimentos em terrenos do Estado para os venderem aos immigrados por preço razoavel. As colonias de nacionaes, cuja instituição lembramos, será certamente a inauguração dessa industria productiva e moralisadora entre nós.

Não ha negar, o systema actual da lavoura no paiz há de sossobrar completamente logo que a emancipação seja um facto; a transformação, ainda que lenta, não será operada nos estabelecimentos ora existentes; a colonisação ao lado da escravidão é e será sempre uma utopia. É pois indispensavel preparar o paiz para a grande transformação, que deverá ser lenta, mas que deverá ao mesmo tempo ser dirigida intelligentemente e economicamente.

As providencias urgentes em favor da lavoura não podem ser outras. Cure-se da industria em geral; embora possa haver deslocação de fortunas e de individuos. Todo o segredo está em aproveitar já e já esses innumeros braços que por ali existem inativos, e outros que pela transição rapida da escravidão á liberdade possam acaso occasionar alguma perturbação economica.

Nada de desalento, nada de contemp-lações. Para os grandes males remedios energicos, comtanto que sejam efficazes. As illusões são prejudiciaes ao Estado e aos individuos.

### INSTRUÇÃO PUBLICA.

#### O ENSINO SECUNDARIO NA EUROPA.

(Continuado do numero antecedente.)

#### IV.

Da Allemanha septentrional passa-se a Suissa, que dentre todos os paizes é o que se acha mais bem dotado em materia escolarastica.

Tome-se por exemplo Zurich, que de todos os cantões da confederação helvetica é o que está mais adiantado, sem que exceda em muito aos outros cantões. Num territorio, e com uma população que tudo equivaleria á de um departamento francez, se achão uma universidade, uma escola polytechnica, uma escola vetrenaria, uma escola de agricultura, duas grandes escolas de litteratura classica, duas escolas realistas, uma escola normal, 57 estabelecimentos de instrução secundaria e 365 escolas primarias. Convem também notar-se que muitas de taes escolas são reputadas a par das melhores da Europa, e que todos esses estabelecimentos didacticos, desde o mais sôphoro até o mais graduado, estão concatenados pela mesma liga de uma organização commun, achando-se no extremo a escola primaria, que toda a criança deve frequentar; sendo que a instrução é effectivamente obrigatória desde a idade de 7 até a de 13 annos. O pai pôde dar a seus filhos uma educação particular, mas nesse caso deve justificar que tal educação é tão valiosa como a publica, e tem de pagar a mesma retribuição escolar. O programma dessa ensinancia primaria, que não é acanhado, comprehende os elementos de geometria physica, historia, geographia, canto e desenho.

As escolas publicas estão tão bem reputadas, que nellas se achão misturadas todas as classes da sociedade. Os alumnos que sahem dessas escolas, ainda são obrigados a assistir durante tres annos, a cursos semanais de musica e instrução secundaria. Outros estudantes passam esses tres annos n'uma escola elemental superior, que dá uma instrução secundaria, ou então entrão para uma es-

cola industrial, onde se preparam para certas profissões, ou também para um gymnasio que encaminha á universidade. Na escola industrial também se habilita para cursar o *polytechnicum*, donde todos os cantões tirão seus engenheiros e professores de sciencias applicadas. A cada graduação desta escola ascendente de instituições escolares, corresponde uma comissão ou conselho de educação, no qual estão representados os parentes, a autoridade local e a corporação de professores. Os mestres bem pagos, posto que sem superabundancia, gozão de consideravel influencia.

A escola industrial é modelada, exceptuando-se bem pouca cousa, segundo o plano das escolas realistas (*Realschulen*) da Prussia, salvo o latim e o grego, de que se não trata. Na Suissa allemã, de que ora se falla, as linguas ingleza e franceza fazem parte do curso normal dos estudos. A maior censura, que se pôde fazer a esse estabelecimento, é que os professores entregão-se muito a especialisação de seu modo de ensinar: formão machinistas, chimicos, e commerciantes, mas não formão homens para o gremio geral da sociedade. O mesmo se nota no gymnasio, onde o estudo do grego não é obrigatorio, e onde se não trata de versos nem de themas latinos, havendo apenas uma tradução por semana; o que tudo parece muito extranhavel. As bellas letras e as sciencias são cultivadas mais com o fim da utilidade pratica, que dellas o estudante possa vir a tirar para o futuro, do que para a actualidade de uma educação liberal. O espirito, que reina em Zurich, « diz Mr. Arnold, bem como nos cantões mais adiantados da Suissa allemã, é de um industrialismo intelligente mas que ainda não é capaz de separar de certa vulgaridade.

« Bem quem em Lausane e Genebra o uso da lingua franceza e as tradições de uma pratica intellectual mais cultivada tenham introduzido outros elementos, todavia, mesmo nessas cidades, o movimento que tem occorrido nesses ultimos 30 annos não tem produzido senão o desenvolvimento do industrialismo na Suissa allemã. » Em summa a educação dos jovens suíços faz lembrar da que recebem os jovens escoccezes, a qual mais serve para formar um povo sensato, do que espiritos de primor. Já na Suissa faltão professores de ensino superior, e por isso para tal convidão-se allemães. Ainda assim mesmo, por mais bem pagos que sejam na universidade e no *Polytechnicum*, taes professores não se demoram muito em Zurich, porque a residencia nessa cidade não é propicia para as especulações scientificas e estudos litterarios. Em uma palavra, a educação de instrução superior acha-se quasi deserta. Contudo, esse paiz, na limitada importancia que representa, está dando um grande exemplo: pois que a educação é livre, e a abertura de uma escola particular não é sujeita se não a medidas de ordens rigorosas, e não obstante, toda a gente concorre ás escolas publicas, sendo que as particulares só têm meninos de fóra da terra, trazidos por uma antiga nomeada, que taes escolas gozão, bem ou mal merecidamente. Semelhante preferencia, dada ás escolas publicas, a um paiz, onde cada um é instruido e sabe raciocinar, e por certo muito em favor da cadeia dos organisadores dos estudos.

Ainda que não fosse senão por deferencia ás antigas tradições, seria injusto não fazer-se menção da Italia nesta revista do ensino publico na Europa. Se Paris foi o centro universitario nos dous seculos XI e XII, se Paris sempre teve a proeminencia dos estudos theologicos, que então se consideravão com os mais nobres estudos, a Italia teve universidades antes que a França; pois que se pretende ter sido a universidade de Pavia fundada pelo imperador Carlos Magno. Bolonha, que foi tão celebre por suas faculdades de direito civil e canonico, já leccionava naquella época a 12.000 estudantes, e Salerno adquirio igual repu-

tação pela educação da medicina. Parece que no correr do tempo a influencia do clero contribuiu, assim como na Inglaterra o respeito das velhas usanças, para desviar da educação publica as reformas, que as idéas progressivas tornavão indispensaveis. Mr. Arnold, que é da mesma opinião, diz que nada, como uma escola romana, se assemelha tanto como Eton. Em materias de instrução o não se adiantar junto com o progresso geral importa o mesmo que retrogradar: a unica differença a tal respeito em favor da Italia é que a decadencia foi mais tardia. As universidades italianas, outrora tão florescentes, vierão a ser consideradas, não como centros de instrução, mas sim como corporações aptas para conferir diplomas, e, como consequencia necessaria, os exames não forão mais do que ceremonias de apparato. Tempo houve em que Orford e Cambridge conferião títulos e candidatos, que tinham bonita apparencia; porém em Napoles via-se cousa melhor: pois a nobre familia Avelino tinha o privilegio de conferir grãos em direito e medicina, e de cobrar em moeda os devidos ditos de taes doutoramentos. Tendo os seculos XVII e XVIII sido para a Italia uma época de entorpecimento das artes e litteratura, ainda assim é verdade que as sciencias continuavão a brilhar com vivo fulgor nas pessoas de Galiles, Torricelli, Spallanzani, Galvani e Volta. Mr. Arnold, como fervente cultor das letras antigas, não deixa de observar que isso é uma prova da simples cultivo scientifico não ser capaz de sustentar o general do adiantamento intellectual d'uma nação, pois que os proprios italianos confessão acharem-se ainda no acabamento intellectual de uma nação, pois que os proprios italianos confessão acharem-se ainda no acabamento desse periodo de indifferença litteraria sob uma atmosphera favoravel a estudos aprofundados.

Mais ajustado seria dizer-se que o grande merito da redução de 1789 consistio em libertar a Europa dos vestigios da idade média, e que a renascença escolar na Italia data da occupação franceza: Napoleão, levado de sua indole, e talvez também por calculo politico, regenerou as escolas italianas. Ao mesmo tempo, em que elle creava em Piza uma escola normal pelo modelo da de Paris e que reformava a faculdade medica de Napoles, seu irmão, o rei José, convertia os conventos em escolas, e fundava lyceus nas provincias semi-barbaras da Italia austral.

Essas reformas, posto que depois ficassem encravadas pela reacção, que seguiu-se a 1815, sempre occasionarão uma corrente de idéas progressivas, que debalde se tentou abafar.

A instrução secundaria acha-se florecente na Escoccia e principalmente na Prussia e na Suissa, onde a instrução primaria está mui generalizada, mas está muito menos desenvolvida na Inglaterra, que não tem ainda muito das escolas da primeira infancia. É sabido que a affluencia de estudantes aos lyceos e collegios de França foi-se augmentando na mesma proporção do progresso, que a instrução faria nas classes baixas da população. Não é, pois, de se admirar que na Italia, onde tres quartas partes dos adultos não sabem ler nem escrever, os estudos superiores estejam em abandono lamentavel. O antigo governo do extincto reino das Duas-Sicilias oppunha-se mesmo á creação de escolas primarias, de que em Napoles havia quatro apenas antes da annexação. Não se conhecia escolas de instrução secundaria. Os estabelecimentos, sustentados pelos frades, sómente ensinavão um pouco de latim, desprezavão o grego assim como as linguas estrangeiras, e historia e as sciencias exactas. Sendo que para bem se construir por inteiro um edificio se deve começar pelos alicerces, assim convem a Italia que primeiramente empregue seus esforços em prol da educação elemental. Por não sahir do assumpto da presente resenba, passa-se sómente a dizer o que a Italia está fa-

zendo a favor da instrução secundaria. A lei, chamada Casate, promulgada em 1859, é que não é mais senão quasi uma cópia das instituições escolares da França, prescreve programmas e provanças de exame, tanto para verificar-se o merito dos professores como o adiantamento dos discipulos; e também organisa uma especie de estado-maior administrativo, ajudado por conselhos consultivos, em que se acha representado o elemento local. Em fim, estabelecida, como se acha por essa lei; uma hierarchia entre os diversos estabelecimentos de instrução, ha gymnasios e lyceos, os primeiros frequentados por discipulos das classes elementares e da divisão de grammatica, e as segundas comparaveis aos lyceos francezes. A par dessas duas categorias de escolas, que dão cultura classica, as escolas technicas admitem os meninos, que buscão a educação mais modesta das sciencias de utilidade mais pratica. Bom é o plano de todo essa organização escolar; mas não tem sido realizado integralmente na pratica consecutiva. O numero de lyceos, gymnasios e escolas technicas têm passado das marcas, pois que em 1865 existião mais de 200 institutos para menos de 25.000 discipulos. A corporação de professores é mui numerosa, e por consequencia seus representantes são mal retribuidos e pouco instruidos. A positura dos estudos é tão mediocre que os examinadores vêm-se muitas vezes obrigados a serem indulgentes de mais, do que resulta que os diplomas conferidos sejam illusorios. A grande universidade de Napoles, que costuma ser frequentada por 5.000 estudantes não exige delles nenhum certificado de aptidão nos estudos preparatorios. Embora se queira attribuir isso á natural frouxidão do povo italiano, o que parece mais justo é que a culpa deve recahir sobre o lamentavel regimem dos estudos, que a lei Casate teve a pretensão de reformar.

Acabou-se de examinar os principios capitais que regulem a instrução secundaria entre os povos mais adiantados na civilisação. Acha-se que os inglezes são excessivamente sectarios do classico em suas grandes escolas publicas, muito pouco nos metthodos de educação, e muito independentes na organização escolar. Os exames que pendem para rebaixar a positura dos estudos, em compensação por isso estão dotados com um systema mui effizaz de educação primaria. Os americanos do norte preferem os conhecimentos uteis á uma elevada altura intellectual.

Os suíços se entregão de todo ás tendências industriaes, o que é tanto mais infausito, pois que é perfeita a organização das suas escolas da primeira graduação.

A Italia ainda não pôde mostrar senão louvaveis esforços para reformar.

A Allemânia do norte prima pela boa condição de suas escolas, onde se dá uma judiciosa partilha entre os estudos litterarios e scientificos. E finalmente a França marcha a par da Allemânia, não sendo muitas vezes a influencia do poder central supere a das autoridades e dos pais de familia; mas sendo sem duvida muito digno de elogiar-se que a França com sua indole menos estudiosa, se tenha mantido na mesma categoria de seus vizinhos da outra margem do Rheno.

Em definitiva, reconhecer-se ha que tanto em França, como nos outros paizes, abstrahindo-se de disputas politicas e religiosas, que nunca se deverião misturar com a educação publica, a questão mais discutida em toda a parte acerca da instrução secundaria versa sobre o estabelecer-se um accordo equitativo entre as letras e as sciencias. Por uma parte se afirma que as letras são necessarias para se manter a superioridade moral das altas classes da sociedade, e por outra parte se pretende que a supremacia commercial e industrial de uma nação depende incontestavelmente

da diffusão dos conhecimentos scientificos.

Tambem parece incontestavel que o culto exclusivo da litteratura não dê aos jovens a precisão de raciocinar, de que elles hão de ter necessidade no trato geral da vida. Em verdade, a causa do ensino scientifico já não necessita mais de ser defendida, pois que mesmo na Inglaterra as sciencias têm entrado na educação das escolas de todas as ordens, introduzidas pelo irrecusavel motivo de utilidade.

Se tivesse havido cuidado de estatuir a devida distincção entre educação e instrução, menos se discutiria agora a respeito de tal materia.

A instrução consta do que o menino aprende, e por isso não deve constar de cousas uteis. A educação tem uma importancia mais elevada, a qual é formar o varão social, modificar o caracter e agucar o espirito. A educação é o producto de dous factores, o saber e a intelligencia, os quaes não são inteiramente independentes um do outro, mas que nem sempre andão a par. A virtude especial das humanidades é a de manter a ambos esses factores em uma justa relação de um para outro, e isso não é de pouco prestimo; porque, se ás vezes é de lamentar que a instrução não se encontre ás vezes em pessoas intelligentes, em outro sentido é perigoso, ou pelo menos é superfluo que um homem tenha mais saber do que intelligencia, o que é o defeito mais frequente de uma educação mal dirigida.

H. BLERZY.

## VARIEDADE.

### Monumento ao concilio.

Ha dias, o cardeal Berardi, ministro das obras publicas collocou a pedra fundamental do monumento que será erigido no Janicula, em frente da linda igreja de San Pietro in Montorio, para perpetuar a recordação do concilio. Consistirá esse monumento em uma columna collocada em um pedestal quadrado. O lado do pedestal que olha para Roma será ornado com um baixo-relevo esculpido representando a cerimonia da abertura do concilio: o lado opposto terá as armas do Santo Padre; as faces lateraes terão inscripções. Estatuas figurando as cinco partes do mundo rodearão o pedestal, no gosto das da columna da Immaculada Conceição, praça de Hespanha. Depois levantar-se-ha a columna com um capitel dorico sobre a qual se levantará a estatua de bronze do principe dos apostolos. A altura do monumento será de 24 metros. O capitel e a base serão de mármore de Carrara; o resto de verde africano tirado dos preciosos seixos achados ás margens do Tibre, ha anno e meio, nas escavações do emporio.

A massa da columna é um monolitho de 10 metros de altura e um diametro de 1 metro e 50 cents.

A collocação da pedra fundamental fez-se segundo o rito habitual. Um auto, medalhas, moedas de ouro, de prata, de bronze cunhadas este anno com a effigie de Pio IX, forão postas dentro de uma caixinha, e mettido tudo nos alicerces em lugar preparado com esse fim; depois S. Eminencia e as personagens importantes presentes, lançarão argamassa dentro, enquanto tocava a muzica dos zuavos. O duque e a duqueza de Parma, o conde e a condessa de Caserta, o conde de Bari e a princeza de Napoles Maria Immaculada, estiverão ao pé do cardeal e assignarão o auto. Vinte bispos e muitos membros do corpo diplomatico assistirão igualmente á cerimonia. Quando o monumento estiver acabado, o papa acompanhado do episcopado, irá inaugural-o.

San'Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

## Importante associação.

A *Revista Commercial*, de Santos, communicou ha dias um facto, que muito agradou geralmente, o que será talvez incentivo para associações identicas em outras localidades.

A narração da *Revista Commercial* está redigida nos termos seguintes.

«A convite do sr. dr. Cochrane, reunirão-se no dia 31 do passado, em uma das salas do *Club Santista*, os pais de familia e mais pessoas interessadas pela fundação de um collegio nesta cidade.

«Depois de lidas e discutidas as bases para organização de uma sociedade, que leve a effeito tão importante melhoramento, resolveu-se: para occorrer ás despesas de estabelecimento, levantar um capital, por meio de acções, no valor de 25\$000 cada uma; e, para as despesas de mendeio, agenciar um numero de alumnos pensionistas, nunca menos de 30, contando-se cada dous meios-pensionistas como um interno.

«Pelas pessoas presentes forão tomadas 158 acções e inscriptos 20 alumnos.

«Em seguida, nomeou-se uma commissão para agenciar novos accionistas e maior numero de alumnos; ficou ella composta dos srs. drs. Cochrane, Cunha Moreira, e major João Hayden, aos quaes se podem dirigir todos aquelles que quizerem concorrer para a realisação deste grande melhoramento.

«O primeiro passo está dado, e, quanto a nós, sob tão bons auspícios, que nos abalancamos a felicitar desde já o povo santista por ver em breve realiado o seu *desideratum*.»

Por nossa parte felicitamos tambem a tão distinctos cavalheiros, pelo vigoroso impulso que intentão dar á instrucção e á educação na cidade de Santos, auxiliando-se apenas dos recursos individuaes dos paes de familia e dos bons cidadãos.

A commissão nomeada offerece as maiores garantias para a realisação dessa empreza, que, sendo moral, será sempre superior á quaisquer outras.

Nossa confiança é tanto maior quanto somos informados de que presidirá ao ensino e á educação o espirito religioso, base da verdadeira moral; desviando-se assim de erroneos preconceitos os illustres fundadores dessa benéfica instituição, apesar dos ares de heresia que somos forçados a respirar constantemente.

Ha em verdade no paiz grande sede de instrucção e de educação religiosa, á fim de espantar-se a ignorancia das massas, desenraizar-se habitos viciosos, e affirmar-se a virtude real, imprimindo-se por tal modo na sociedade o caracter essencial de moralidade que é e será sempre a garantia da ordem publica.

A iniciativa, tomada por paes de familia na cidade de Santos, é pois um grande passo para reagir contra essa *licença* do ensino, que consiste em propagar idéas anarchicas e em apagar o sentimento religioso do povo. É sem duvida a *self-education*, mas nos termos convenientes, pois que o homem não vive só para comer e gozar, e aliás a prosperidade das nações está mais na intelligencia do que dirige as acções do individuo do que no acto machinal que seus braços executão. Pela educação, os povos engrandecem-se; sem ella, crendo-se livres para praticarem o que lhes apraz, descem sempre ao abysmo da impotencia moral.

Os Estados-Unidos tem comprehendido esse segredo, não de accordo com as narrativas que os jornaes *radicaes*

aqui exaltão, mas subordinando essa magna necessidade á uma certa indispensavel fiscalisação.

Os Estados-Unidos repellem a *licença* do ensino, e é o que vamos demonstrar, soccorrendo-nos de alguns detalhes expostos por um viajante, já por nós citado, o sr. Jonveaux:

«Em cada cidade, a administração das *common schools* está confiada á uma commissão, cujos membros, eleitos por escrutinio secreto, renovão-se em um terço annualmente. Estes funcionarios são revestidos de grande autoridade: nomeão e demittem os professores, designão os livros adoptados, velão em que o numero dos alumnos esteja em relação com a cifra da população, e abrem novas escolas quando as entendem necessarias. As cidades importantes tem, além desses funcionarios, um *superintendente*, que partilha com a commissão a direcção do ensino publico e que tem sob suas ordens os inspectores subalternos. Ha alguns annos, a solicitude dos cidadãos accrescentou á essa fiscalisação, já tão activa, um novo modo de inspecção; cada quartelirão designa cinco curadores (*trustees*), responsaveis pela gestão das escolas, quaes não intervem senão á requisição dos inspectores ou do superintendente.

«As *common schools* não são frequentadas exclusivamente pelos pobres como na Europa, e não limitão seu programma á puros conhecimentos elementares.

«A administração central não deixa á iniciativa particular os estabelecimentos primarios, porque seu intento foi e é imprimir ao paiz, pela educação dada á infancia, um selo de unidade que as instituições democraticas tendem constantemente á destruir.»

Assim, pois, nos Estados-Unidos ha apenas a liberdade do ensino superior; e os cofres publicos subvencionão somente e fracamente os corpos universitarios de New-York e de Massachussets. É negocio completamente estranho ao poder publico.

«Emquanto (acrescenta aquelle viajante) um deploravel costume isola entre nós os altos estudos da religião, e habitua a mocidade a considerar a sciencia e a fé como duas irreconciliaveis inimigas, os americanos fortificão as crenças ao mesmo tempo que desenvolvem o espirito. . . . A mór parte das academias estão sob o patrocínio de uma igreja, e o ensino religioso representa ali grande papel. . . . Não é permittido a pessoa alguma ser indifferente ou incredulo: os protestantes devem ir ao templo uma vez todos os dias, e duas vezes aos domingos; e os que, sem desculpa valiosa, tem-se dispensado disso tres vezes durante quatro annos, são despedidos ou expulsos. Tal é na livre e tolerante America a força do sentimento religioso, que acreditar-se-hia haver trahido os interesses da nação, da sociedade, da familia, se não baseasse-se a educação sobre a fé. . . . A grandeza dos Estados-Unidos repousa sobre duas bases solidas, um profundo sentimento religioso, e uma instrucção largamente espalhada.»

Felicitando, portanto, aos paes de familia, que em Santos propoem-se á crear e á manter uma instituição privada de ensino, subordinando-o porém ao espirito religioso, vemos que são elles que estão comprehendendo a verdadeira *self-education* dos americanos. Na educação, a religião assenta o sentimento do dever. Não ha liberdade possivel sem a submissão ás regras severas da consciencia e da fé.

Sob o pretexto de liberdade, repete-se entretanto que nos Estados-Unidos a re-

ligião está banida do ensino! Não é verdade, como acabamos de demonstrar. O que ali está proscripto é o espirito de seita pela explicação *parcial* da Biblia, que é apenas lida nas *common schools*.

Naquelle paiz ha uma opinião tão forte sobre a necessidade do ensino religioso, que, em 1864, no relatorio da Pensylvania, lia-se o seguinte:

«A importancia, se não absoluta necessidade da educação religiosa, é de dia em dia mais sensivel. Se queremos manter nossas instituições, é essencial elevar o nivel dos caracteres, e reavivar entre nós o espirito christão. A geração, que vae proxivamente tomar o nosso lugar, não deve ter apenas a mão habil, o coração forte, o espirito esclarecido; é necessario que tambem aprenda á amar a Deus e aos homens, e a praticar o dever.»

Todos os observadores acreditão pois que os Estados-Unidos vão marchando para a orthodoxia religiosa; e Tocqueville vae até a asseverar que brevemente, ali, não haverá senão duas seitas, uma de anti-christãos, e outra de crentes entrando no seio da igreja romana. Não será esse exemplo mais do que sufficiente para mantermos nossa unidade religiosa, quer pela lei, quer pelo ensino, quer especialmente pela educação?

Por nossa parte, sempre sustentaremos a necessidade da fiscalisação da autoridade e a obrigação do ensino religioso, não só nas escolas publicas, como tambem nas escolas particulares, que aliás entre nós nunca forão prohibidas.

É louvavel que institutos particulares affirmem solemnemente a necessidade do ensino religioso.

Nossos parabens á associação santista.

## RELIGIÃO.

## O protestantismo julgado pelo sr. Alexandre Merculano.

Fa lemos serio: não contigo, philosopho esthetico, romantico, progressivo, que não vales a pena disso; mas com o povo portuguez, que falla portuguez chão e intelligivel. Fallemos serio, porque estas materias de crenças e de culto são cousas graves e santas. Saber resistir á violencia é forte, mas vulgar: saber resistir á calumnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. Envergonhem-nos do que houver máo e corrupto nos nossos costumes; envergonhem-nos de muitas vezes não seguirmos na vida pratica os dictames do christianismo: não nos envergonhemos, porem, do culto dos sete seculos da monarchia. A lingua e a religião são as duas cadéas de bronze que unem no correr dos tempos as gerações passadas ás presentes; e estes laços que se prolongam atravez das eras são a patria. A patria não é a terra; não é o bosque, o rio, o valle, a montanha, a arvore, a bonina: são-nos os affectos que estes objectos nos recordam na historia da vida: é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a lingua que pela primeira vez ella nos disse «meu filho!» A patria é o Crucifixo com que nosso pai se abraçou moribundo, e com que nós nos abraçaremos tambem antes de ir dormir o grande somno, ao pé do que nos gerou, no cemiterio da mesma aldeia em que elle e nós nascemos. A patria é o complexo de familias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas crenças, e até pelo sangue. Tomai, de feito, as duas dellas que vos parecerem mais estranhas, collocadas nas provincias mais oppostas de um paiz: exami-

nai as relações de parentesco de uma com outra familia, quaes as desta com uma terceira e assim por diante. Dessa primeira, que tão estranha vos pareceu á ultima, achareis um fio, enredado sim, talvez inextricavel, mas sem solução de continuidade. Uma nação não é só metaphoricamente uma grande familia: é-o tambem no rigor da palavra.

A oração que consolou nossos avós nos consola no dia da amargura: o gesto com que imploramos a Providencia é mais vehemente quando nos foi transmitido por aquelles que pedem por nós a Deos. É por esse meio que os homens apertam mais os laços invisiveis que unem aos seus maiores; porque o sentimento mysterioso da familia, e portanto da nacionalidade, se purifica e fortalece quando se prende no céu.

Vede na historia a prova de que a religião póde por si só crear uma nacionalidade mais rapidamente que todos os outros elementos que tendem a compor as nações. Considerai as cruzadas; essa multidão de homens nascidos em paizes diversos, entre os quaes não ha nenhuma comunidade de interesses, antes muitas vezes odios sangrentos e fúndos: lá na Asia, em frente do islamismo, formam um só povo; são irmãos, porque ajoelham todos ante o mesmo altar; combatem todos pela mesma idéa religiosa. Olhai para mulumanos: vêde o koran agglomerando, assimilando o judismo, e o egypcio, o alarve do Atlas e o negro de El-Sudan. Onde quer que um pensamento grande precisa de toda a energia de uma unidade social para se desenvolver e realizar, lá haveis de encontrar a religião produzindo essa energia.

Si isto é assim, qual culto, entre os de todas as parcialidades christãs, será mais efficaz em gerar essa unidade forte do amor patrio, que dá, não tanto a vida activa e exterior, como uma vida intima, escondida, tenaz, que resiste á morte, e á dissolução social? Serão essas mil variações do protestantismo, que diariamente se vão subdividindo e condemnando umas pelas outras; essas crenças incertas, em que o filho já despreza o culto que o pai seguiu, e o neto desprezará o de ambos? Quando e onde, não diremos na mesma cidade e na mesma rua, mas na mesma familia, emquanto o marido dorme ao som monotono do sermão anglicano, sublime de trivialidade e tedio, a mulher dá representações de Bedlam n'uma senzala de quakers ou de methodistas, póde-se acaso dizer que ali a religião é laço que impede a morte do corpo da republica, não nos dias de ventura e prosperidade exterior, em que é facil conservar pelo orgulho a unidade nacional, mas em épocas de calamidade e decadencia? Parece-nos pouco provavel. Ali as prisões moraes da familia são apenas habitos humanos, e não estão harmonisadas e santificadas por se prenderem no céu: o primeiro sopro das paixões ou de desventura as reduzirá a pó. A historia tambem no-lo diz, e a historia não é senão a prophécia do futuro.

O protestantismo accusa o catholicismo de se haver afastado da pureza christã antiga, e gaba-se de ter revocado o christianismo ás suas tradições primitivas. O discutir tal materia, em relação ás doutrinas, fóra insensato: os tempos dessa argumentação consummaram-se; tudo por este lado está dito de parte á parte. Quanto, porém ás formulas exteriores do nosso culto, são essas que ainda hoje atrahem os insuluosos motejos da imprensa protestante; é o culto catholico principalmente que dá origem áquellas graças inglezas, tão agu-

das como a intelligencia dos habitantes do Bethnal-Green de Londres ou do Wins de Glasgow, embrutecidos pela fome, pela embriaguez e pela immundície; tão brilhantes e leves como o fumo de carvão de pedra, que constitue a atmosphera britannica. Diariamente são acometidas as duas nações das Hespanhas nos seus habitos religiosos por homens que empregariam melhor o tempo em estudar os caneros asquerosos que devoram moral e materialmente a classe popular no seu proprio paiz, e em pedir a riqueza, só poderosa, só respeitada, só insolente, mais alguma caridade para com os miúdos milhões dos seus compatriotas, que lidam, cheios de fome e de frio, cobertos de farrapos e vermes, para accumularem aos pés de bem poucos homens as fortunas incalculáveis e quasi fabulosas que alimentam o luxo desenfreado de Londres, da Roma ou antes da Babylonia moderna.

Por certo que no culto catholico se tem introduzido abusos; e para isso contribue muitas vezes o proprio clero, menos instruido, menos bem educado, moralmente, que o clero anglicano. Mas em que é culpado o culto da pouca instrução dos seus ministros e de sua falta de educação moral, que diversas causas, alheias á religião, tem trazido e trazem ainda? É a Igreja que recomenda a ignorancia? São os abusos consequências logicas das doutrinas catholicas? Eis o que cumpria se provasse, como não é difficilissimo mostrar, que o protestantismo, querendo annullar as pompas e espectaculos, as formulas externas e brilhantes do catholicismo, matou tudo o que a creença do Calvario tinha de unção, de consolações, de affecto para o commum dos seus sectarios, e converteu a religião n'uma certa metaphysica movente, que foge á comprehensão das almas rudes e vulgares, quebrando todos os estícos, a que nesta vida de tristezas e dôres ellas se encostavam para confiarem no Céu, e consolarem-se na esperança; porque esses animos necessarios á sua fraqueza intellectual eram o unico meio de subirem até o throno de Deos, e descenderem de lá armados de resignação para continuarem a lutar com as tempestades da existencia. O protestantismo foi só feito para os ditos e abastados da terra.

Vêde aquella casinha, tão humilde e só no meio de um descampado. Lá, sobre camilla dura e rota, delira em accesso febril um filho, unico amparo da mãe idosa, que vela chorando ao pé delle. Na sua solidão e miseria nenhuns soccorros humanos pôde esperar a pobre velha, cujas mãos tremulas em vão tentam conchegar as roupas, que o febricitante arroja, murmurando afflicto com o ardor que o devora.

Uma alampada de ferro, que allumia frouxa o aposento, arde no canto opposto diante de uma grosseira e afumada imagem da Virgem. A triste mãe volve para lá os olhos embaciados da idade e das lagrimas e sente que não se acha inteiramente abandonada. Ali está outra mãe que também derramou pranto por um filho; pranto mil e mil vezes mais amargoroso que o seu. Ella ha de comprehender-lhe a afflicção e valer-lhe, porque é boa, e poderosa ante Deos.

Ei-la, a pobre velha, que tropega se arrasta e ajoelha aos pés da imagem, e cruza as mãos enrugadas e ora; ora com fé viva. Na procella de temores que a cercam começa a bruxolear uma luz de esperança: espera, porque cre na possibilidade da intercessão e dos milagres; e anima-se, e a tempestade da sua alma asserena-se e a dôr mitiga-se, porque, no meio das lagrimas e das rosas, ella pensa lá consigo que aquella imagem trouxe já muitas consolações a seus pais, á ella mesma, e a toda a familia, e que a Virgem Santissima ha de acudir-lhe ao seu filho, que desde pequenino gostava de ir apanhar as flores campestres para enfeitar a Senhora, e que tantas vezes á noite antes de se deitar ia pôr-se de joelhos ali onde ella estava, e resar uma salve rainha. E quantas vezes,

depois destas orações ardentes, volve Deos olhos compassivos para a morada da miseria e da amargura, e obra, não um milagre inutil, mas o beneficio que faria qualquer medico, se na habitação houvesse possibilidade de buscar os soccorros da sciencia humana.

Dirá o protestantismo que isto é idolatria? Que! Ignora, acaso, o mais grosseiro catholico que acima dessa imagem está o espirito puro que ella representa, e que acima desse espirito está Deos? O catholicismo no seu culto das imagens, nas suas festas, nas suas *visua-lidades*, como vós lhes chamais, commetteu o grave erro de suppor que a maioria do genero humano não era composta de philosophos, nem capaz de um espiritalismo absoluto; de abstrahir inteiramente das cousas sensiveis para remontar ao Céu. O catholicismo lembrou-se das doutrinas do Christo; accommodou-se á curta comprehensão dos pequenos e humildes. Vós tendes um evangelho mais fidalgo e altivo. O protestantismo convém por isso ao Reino Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo são tudo, e são nada quinze ou vinte milhões de servos da gleba e de mendigos.

É como deixaria elle de ser exclusivo, aristocratico, orgulhoso? Essa creença, ou antes essa impiedade de creenças, unidas só em guerrear a Igreja do dezoito seculos, e que no dia em que lhes faltasse o inimigo commum se despedaçariam mutuamente, não podem deixar de viver de um mysticismo profundo, de um culto intelligivel para o povo.

Desde que a reforma substituiu á autoridade e á tradição, a sciencia humana, o raciocinio e a discussão sahio do templo para a escola; transformou-se de fé em theoria. Então o christianismo deixou de ser uma cousa pratica e positiva para todos os homens: os espiritos grosseiros e ignorantes acceitaram-o como um costume que acharam no mundo, sem affecto nem má vontade, e as imaginações desregradas fizeram cada qual uma religião a seu modo. Deram uma biblia ao ganha-pão, ao porcareiro, ao belforinheiro, e por este facto constituiram o theologo, santo-padre, e até concilio. Crearam ter estendido ao genero humano a maravilha das linguas de fogo que desciam sobre os Apostolos, e ficaram muito contentes de si. As multidoes é que ficaram tristes e desconsoladas, porque tinham desaparecido de redor dellas todos os symbolos, todas as imagens, que lhes serviam como de marcos miliarios para buscarem a Deos.

Affigurai-vos, de feito, o exemplo da mãe idosa e miseravel, que vê em tran-ses mortaes o filho, seu unico abrigo: buscai este exemplo ou outro qualquer, porque entre os pequenos não são raras, nem pouco variadas as occasiões de asperos infortunios. Lançai-o no meio do protestantismo. Qual refugio lhe offerecerá a religião; refugio immediato, solido, esperançoso? A biblia! Também nós sabemos que thesouros encerra a biblia; também nós sabemos quantas vezes as paginas divinas tem feito dilatar em torrentes de lagrimas as negras aperturas do coração; também nós sabemos que dessa fonte inexaurivel mana a resignação e a paz: a Igreja catholica sabia-o millos seculos antes de vós existirdes. Mas quem vos assegura que a pobre velha achará a passagem analogá á sua situação; que encontrará nas lavras do livro sacrosanto o conforto de que carece, e a esperança do soccorro immediato e sobrehumano de que não menos precisa? Quem vos assegura, enfim, que ella saberá lêr? Ou é que no paiz dos quakers a inspiração também faz de mestre-escola, como exercita o mister de mestre de theologia?

E depois, nem sabeis que a dôr moral do homem do povo tem gemidos e queixumes; é estrepitosa, delirante, sin-cera! que não se reporta, não se esconde, e vem aos gestos, aos menciões, aos olhos; á voz, como a dôr physica! Julgai-a acaso semelhante ao *splen* do dan-

dy, ou ao devorar intimo e calado das almas, a quem a educação e a sciencia ensinou a dignidade das grandes agônias? Estes taes, exteriormente tranquilllos, podem encostar-se ao braço, fi-tar os olhos no livro aberto ante si, e aspirar naquellas paginas sublimes e profundas o hálito consolador que dellas es-pira. Mas para o homem do povo, quasi primitivo, quasi selvagem, cujos olhos nadam em pranto, e que se estorce e brada flagellado pela afflicção, a biblia é nesses instantes inutil, porque é im-possivel. Deixai-lhe a imagem do santo, o Crucifixo, o voto, o altar domestico, a alampada acesa ante o vulto do martyr ou da virgem: deixai-lhe o ajoelhar, o gemer, o rezar, o fazer promessas. Deixai os symbolos materiaes da confiança na Providencia á imbecillidade da natu-reza humana; aliás crendo aniquilar a su-perstição e a idolatria, não fareis mais do que matar a vida moral e religiosa do povo.

Continúa.

### O protestantismo em relação ao Brazil.

CARTA DIRIGIDA PELO AUTOR AOS ADVOCADOS DE BORDÉOS.

Senhores e antigos collegas. — A composição desta obra remonta a uma época em que eu podia honrar-me com o titulo de advogado no fóro de Bordéos. Sua concepção foi devida ao interesse que me inspirou uma amizade particular; mas seu desenvolvimento imprevis-to não tardou em reclamar um fim mais amplo, e o circulo de vossa amavel companhia, que foi o primeiro horizonte de seu destino que immediatamente offereceu-se-me. Desde então entendi necessário deixar de fazer parte de vossas fileiras, e ir collocar-me no meio de uma magistratura pacifica; no meio da qual foi-me possivel terminar o meu trabalho; mas, o pensamento que tinha presidido á sua laboriosa execução, sempre nella acompanhou-me, e, navegante chegado ao porto, venho hoje, dedicando-volo cumprir o voto feito na tormenta.

Meu assumpto, bem que desusado á penna de um legista, não offerece-vos ha menos interesse do que um tratado relativo á especialidade que occupa-vos. Não há um só de vós, ao qual este livro não se dirija, e que nelle não tenha sua parte, e não encontre seu argumen-to; para esses elle dirige-se á parte mais importante de sua alma e satisfaz á uma confraternidade mais indissolúvel do que a que os homens podem formar, á confraternidade da fé; quanto a outros toca nessa vasta e secreta chaga da duvida, que accusa nelles um estado de transição possivel; o que lhes fará encontrar alguma importancia em um trabalho, em que principalmente tive em vista seu alívio, e pelo qual sinto-me unido a elles por meio de uma confraternidade ainda mais viva, se é possivel, do que a da fé, e da caridade. Se por ventura esse meu trabalho encontrasse em algum de vós um adversario; então seria esse mesmo que eu tomaria por juiz da verdade; porque estaria na condição a mais propria de manifestar todo o poder della, e não duvido que pelo menos não lhe acontecesse como a esse governador da Judéa perante quem Paulo foi accusado de crime publico, o qual espantado por causa da doutrina que Paulo expuzera perante elle no Tribunal, adiou o julgamento para meditar sobre a doutrina exposta pelo accusado (1).

Além disso, o que talvez antigamente tivesse sido inadmissivel por causa do commum respeito aos principios e á justa distribuição dos deveres, actualmente torna-se opportuno e conveniente em face da confusão geral das idéas e do abatimento das instituições. Antiga-mente a fé estava occulta nos fundamentos do edificio donde ella distribuía o equi-librio e as forças á todas as partes, ac-

tualmente ella apresenta-se visivelmente por causa da destruição do que a occultava, e adquire este meio toda a importancia de um ultimo bem em relação ao passado e ao unico fundamento que nos resta para o presente e o futuro. Neste sentido pôde dizer-se que a questão religiosa absorve hoje todas as especialidades que ella está verdadeiramente na ordem do dia, que tratar della e defende-la, é tratar e defender implicitamente todas as outras, realisando-se a seu respeito o mesmo que quando uma cidade se acha sitiada, e é: que durante o sitio para o cidadão bom e valente as trincheiras tornam-se sua morada. (2)

Se esta obra não pôde achar-vos indifferente quanto á importancia de seu objecto, animo-me a dizer, que quanto á sua forma é genero de execução ainda tem direito a que vos interesseis por ella; porque realmente eu me tenho esforçado em empregar e fazer valer nella tudo o que me foi possivel aprender no meio de vós de tradições e exemplos na grande arte de discutir e convencer, e fiz quanto pude para applicar em favor das provas e da defeza da religião esse methodo, que de tanto proveito vos tem sido sempre na defeza dos interesses terrestres.

Eu teria chegado completamente a meu fim, senhores, se tivesse sido possivel tornar-me senhor de todos esses grandes modelos de justiça e eloquencia, que legaram-vos vossos antepassados, sem fallar dos que actualmente brilham entre vós; essa precisão de exposição que commove desde o preliminar do discurso, como um astro que illumina toda sua duração; essa distribuição e enca-deamento de provas, que não deixão ponto algum no qual o contrario não seja batido, nenhum lugar por onde elle possa fugir da questão; essa sciencia ao mesmo tempo abundante e moderada, que alimenta toda a argumentação e faz conhecer suas reservas, mesmo depois de ter sufficientemente dito quanto era preciso; emfim esse estylo ardente por cauza da razão e da educação; essa linguagem tão activa em suas formas e sublime em sua inspiração, que nas grandes questões torna-se de certo modo sagrado e parece imprimir nos interesses passageiros deste mundo alguma couza de eterno! Qualidades eminentes, que, exercidas muitas vezes em um lugar maior ou mais importante, tem sido consideradas ao nivel dos maiores interesses da patria e da sociedade, e fizeram o fóro da Gironde tão importante, que, para narrar-se hoje sua historia, é preciso entrar na historia da mesma França de cincoenta annos para cá; porque faz cincoenta annos consecutivos que esse fóro não tem cessado de fornecer á sciencia juriconsultos profundos e eloquentes; á magistratura oraculos celebres; á corôa ministros famosos, á tribuna, como ao parlamento athletas immortaes; e, o que ha de mais raro, senhores, a todas as nobres convicções generosas martyres!...

Permitti-me, senhores, abrigar-me á sombra desse tão celebre nome, e delle receber meus fóros de credito e de importancia neste momento solemne, em que vou entrar na arêna da publicidade, e sustentar minha estrêa com vossas animações! Que eu possa dirigir-me á mocidade de meu paiz por vosso inter-medio e lhe apresentar com segurança essas importantes verdades, que ferem para curar.

Dignai-vos accitar, senhores e antigos collegas, a homenagem de minha constante affeição. — *Augusto Nicolão*. — Bordéos, Março de 1842.

Por um Juiz de Direito.

(2) Com effeito, novo combate interessa a nossos affares, aos nossos templos, aos muros de Roma; esses muros justamente chamados sagrados pelos nossos Pontífices que defendem mais seguramente a cidade por meio da religião, do que ella o é por meio de suas trincheiras. Quanto a mim, em quanto eu respirar, é uma causa que creio não poder abandonar sem crime. — «Est enim mihi fecum proaris et foetis certamen et pro deorum templis atque delubris proque urbis muris, quos vos, pontifices, sanctos esse dicitis, diligentiussque urbem religione quam ipsis manibus cingitis. Quae deseri a me Deum quidem spirare poterit, nefas judico. (Cicero de Natur. Deor., in fine).»

(1) Disputante autem illo de justitia, et castitate, et de judicio futuro, tremefactus Felix respondit: Quod nunc attinet, vade: tempore autem opportuno accersam te. (Act. Apost., c. 24, v. 25.)

## LITTERATURA.

## Qualidade e condição da mulher.

Grande e sublime é a pintura, que nos fazem Milton e Buffon, dos sentimentos que agitarão o primeiro homem, quando ao sair do sono, que Deus lhe dê para repouso, viu a seu lado a mulher; mas por excelsa que seja esta pintura, fica mui áquiem da realidade, se considerarmos este acontecimento, collocando-nos na posição de nosso primeiro pai.

Adão solitário no Paraíso, e sem outro espectáculo mais que o da natureza, ao passo que se extasiaria à sua mente, e se recrearia à sua vista com tão magnífico quadro, devia sentir um vacuo em seu coração, e conhecer que o não podiam encher nem as flores, das relvas, nem o sussurro das fontes, nem o estampido das tempestades.

Nós, que nos costumamos a contemplar o sexo feminino desde que nascemos; que nos primeiros annos da vida assistimos a seus brincos e passatempos, não podemos comprehender profundamente a reunião de sensações que receberia o homem, quando abrindo apenas os olhos somnolentos diviso a sua companheira.

E, sem embargo dos numerosos precedentes que não nos deixam avaliar convenientemente essa criatura destinada para formar a nossa felicidade, quem é capaz de descrever o que sentimos, quando chegada a epocha das paixões, logramos possuir a companhia da que o céu nos deu por esposa?—As violentas pulsações do coração nessa aquisição; a deliciosa consciência e expansão da nossa existência, a vida e o calor que esta adquire; o fogo com que brillam nossos olhos, o novo mundo de felicidade e gloria que reluz então à nossa vista, são sentimentos inexplicáveis, indefiníveis, que não tem palavras nos idiomas, e que só podem ser comparados a uma ideal bemaventurança.

E com razão e justiça produz em nós tão maravilhoso effeito a mulher.

Formada à semelhança do varão, assim como este o foi a do seu Criador, sobrepuja-o em formosura pela maior elegancia de formas e mimosa da cutis, bem como se lhe avanta em ternura de vistas.

Robusto e musculoso o braço do homem annuncia por sua fortaleza que o céu o destinara para abraçar armas, despojar montes e selvas, cruzar mares, e arrancar os segredos da terra:—melindroso e torneado o braço da mulher mostra com sua brandura e belleza que foi feito para os amplexos dos filhinhos e do esposo; para apoio da mehinice, para se estender a esmiolar os desgraçados ou a encher-lhes as lagrimas.—Pouco saliente e de ordinário povoado de cabellos o peito do homem parece-se a um escudo collocado pela natureza para servir de guarda ao coração: ao passo que avultado e formosissimo o peito feminino ostenta-se com a fonte da vida, onde bebemos nosso primeiro alimento, como o deposito de carinhosos affectos.

E que diremos dos olhos?...

Nunca os da mulher aterroram com olhar colérico, como os dos homens;

jamaiz aquellas pupillas inquietas expressam perfeitamente uma paixão, a não ser das paixões maviosas e celestiaes, em que muito e muito nos excedem.

Offendei uma senhora no mais vivo de sua honra, vel-aheis chorar exasperada, e contestar vossos insultos com suspiros e queixas:—offendei em iguaes circumstancias um varão, e o fogo de seus olhos, a secura dos labios, o tremor dos membros, vos dirão com mudas vozes que está sedento do vosso sangue.

Não são estas as unicas vantagens em que a mulher vence o homem: existem outras muitas, que a collocam n'uma altura de que é difficilimo derribal-a.

Ella, por exemplo; cria a sociedade porque suavisa os costumes asperos do varão; tem mais apego a patria do que este; e não tem audacia e insensibilidade bastante para abandonar seus pais anciãos e enfermos, como muitas vezes o homem effectua instigado pela ambição e cobiça.

Sem embargo de tão excelsas prendas, apesar de ser a mulher uma especie de anjo que baixará do céu, a divindade a tem destinado para victima do homem, que a conduz frequentes vezes ao sacrificio sem condoer-se da belleza; que a converte em escrava; que de raro se aproxima della sem que a macule.

Com effeito, para conhecer-se até que ponto é destinado o sexo debil para victima do sexo forte, não ha mais do que fixar a consideração nas trez epochas em que póde dividir-se a vida da mulher: fixemol-a, e veremos n'um momento que emprega a primeira em adornar-se para nos agradar; a segunda em cangar-se e consumir-se para conservar-nos; a terceira em erguer as mãos ao céu para que nós faça venturosos.

Alinda-se para agradar-nos na sua juventude, porque só ambiciona o nosso amor; consome-se para conservar-nos em sua idade adulta, porque nos alimenta a seus peitos, destruindo sua formosura; e levanta as mãos ao céu na velhice, porque a mulher, naturalmente religiosa, dedica os ultimos annos de sua vida a orar por seus pais e por seus filhos, pelos orphãos e desvalidos.

Dada esta ideia geral da criatura, que foi destinada pelo criador para acompanhar o homem na sua carreira, vamos ao exame das suas paixões.

Profundamente raciocinou Mme. Staël, quando ao fallar do amor em uma das suas obras disse que esta paixão era um episodio da vida do homem e a vida inteira da mulher.

O sexo formoso foi doado ao mundo para personificar o amor; o orgulho, a vaidade e as mais paixões, que dominam em seu coração são subordinadas a esta, que é o seu todo. Cumprindo seu destino aprazível a mulher, quando menina, estima os seus bonitos brinquedos muito mais do que nós; ama quando jovem o seu amante com mais fervor do que nós; ama quando mãe a seus filhos mais extremosa e ardentemente do que os pais; e sempre, mas em particular na velhice, preza e venera os anjos o

santos de sua devoção com fé mais pura e maior vehemencia do que os homens.

Nem por isso se creia que a alma feminina é isenta das outras paixões; repetidas vezes a pungem o orgulho e a vaidade, porém sujeitas ao amor, como enunciamos, a primeira destas, segundo o celebre dito de uma escriptora franceza, é o remedio que Deus collocou em seu peito para soffrer as traições dos homens; a mulher (diz Mme. de Genlis) raras vezes seria esquecida se não fosse o orgulho que a domina, mas este sentimento é a causa principal de que não seja a cada passo menosprezada pelos homens.

Citamos esta autora, porque estando convencidos de que o coração feminino é uma arca mysteriosa que occulta muitos segredos que escapam à nossa vista, queremos recorrer a suas próprias confissões para revelal-os.

A respeito das demais paixões que agitam a mulher, quem desconhece que são filhas do amor?... Será uma leoa que despedaçará tudo o que fizer perigar o seu amor; e por outro lado será um paciente Jacob que tudo soffrerá com resignação se assim o exige o seu carinho. Conduzida aos mais atrozes supplicios, cuspirá a lingua á cara do algoz para não descobrir em meio das dores o seu amado, o seu filho, seu pai ou seu esposo.

Não fataram na multidão de sábios e philosophos, que se propuzeram a examinar a condição humana, alguns que, mal avindos com o sexo amavel ou escassos de comprehensão, attribuissem a esta preciosa metade da nossa existência o torpe vicio da voluptuosidade e do sensualismo.

Bem longe de opinarmos como Luthero, que defendia publicamente que as paixões sensuaes tinham sido estabelecidas por Deus com força maior que a que tinha dado a seus mandamentos, não deixaremos de viingar a mulher desta calumnia, comparando aquella supposta tendencia com igual propensão dos homens.

O sexo feminino tomou o typo de seus costumes daquelles que ostenta o sexo forte. A perversão da moral e desenfreamento das paixões tem sido em todos os tempos o resultado forçoso de uma multidão de circumstancias para que não concorrera a mulher: filha a corrupção da Grecia, por exemplo; da philosophia de Epicurio, nos gregos que a estudavam recolhida a sua causa e não em as vilipendiadas matronas daquela nação: a corrupção romana, remedo e contágio da de Athenas, pelos mancebos romanos que frequentavam aquella cidade havia sido apadrinhada e difundida. Alheia é por certo a culpa se o sexo feminino chega a perverter-se: quando o descendente de Calígula dietou a lei que condemnava á escravidão as matronas contra quem houvesse accusações justas e fundamentadas, já tinha Augustó, mas em vão, promulgado a famosa lei Papia Popena, que convidava os cidadãos ao matrimonio que aborreciam; quando a obscena Messalina commettia turpitudes, já Cesar tinha manchado o

thalamo imperial com o monarcha da Bythinia.

Além disto é tão falso e calumnioso que a mulher sobrepuje em sensualidade o sexo forte, quanto é certo que o sexo debil fica fóra do circulo e abandonado quando a corrupção chega ao seu extremo.

A mente humana, em seu orgulho, rival da divindade, empenha-se, quando se corrompe e extravia, em contrariar a natureza, em a constringer á gozes desusados. Principalmente nas epochas em que o homem chega a esquecer-se de Deus, e naquellas em que o atheismo triumpho da religião, costuma ser mui commum a demencia da nossa alma e quasi seguro o desprezo das leis naturaes.

Quando irritado o Senhór determinou abraçar com fogo do céu as duas cidades nefandas, que postergavam a natureza, segundo se lê no *Genesis*, tinham esses povos desconhecido o Omnipotente, e tambem a mulher; quando, abandonada na Grecia, a philosophia de Pithagoras e Platão foi substituída pelas d'vidas do pyrrhonismo; aquella Athenas que menosprezou o poder celeste tambem menosprezou a mulher; quando extinta a fé ardente da republica romana os cidadãos converteram os antigos templos em theatro de orgias e sacrilegios; aquelles que não fizeram caso da influencia de seus nomes tambem o não fizeram da mulher.

Se discorremos pelos tempos posteriores, acharemos o mesmo, mas por melindre o ommittimos.

Sublime e venturoso é, portanto o destino do amavel sexo:—viver a par de Deus no coração dos homens; e desaparecer quando elle, no momento em que os homens se desvairam corrompidos.

## NOTÍCIAS:

## Chronica externa.

A transformação politica do imperio francez em monarchia constitucional acaba de se operar radicalmente. O novo ministerio, tirado do centro direito e do centro esquerdo do corpo legislativo, não só representa a maioria d'esta assemblea, mas pela significação politica dos nomes que o compõem representa tambem moralmente o systema parlamentar e a liberdade moderada. A formação do gabinete effectou-se egualmente de um modo constitucional. O imperador não escolheu singularmente, como até aqui, cada um dos ministros; mas incumbio o homem que lhe pareceu representar melhor as ideias politicas de momento e a opinião publica de organizar todo o gabinete. Eis a carta que para este fim dirigiu ao sr. Emilio Olivier.

«Palacio das Tulherias, 27 de dezembro de 1869.—Sr. deputado. Tendo-me os ministros pedido a sua demissão, e contando com o vosso patriotismo rogo-vos que designeis as pessoas que podem formar convosco um gabinete homogeneo, que represente fielmente a maioria do corpo legislativo e esteja resolvido a applicar, tanto na letra como no escripto, o *senatus-consulto* de 8 de setembro.

«Conto com a dedicação do corpo legislativo para os grandes interesses do paiz, e egualmente com a vossa para me auxiliar na tarefa que emprehendo de fazer funcionar regularmente o regimen constitucional.

«Crêde, senhor, nos meus sentimentos.—Napoleão.»

Não foi repentina nem facil a escolha

dos homens, que depois de tão longo eclipse eram chamados a formar um gabinete plenamente constitucional. Depois de alguns dias de conferências, de dificuldades e de combinações surgiu o novo ministerio formado da seguinte maneira: Emilio Ollivier, guarda dos sellos e ministro da justiça e dos cultos; Chevandier de Valdrôme, interior; Buffet, finanças; conde Daro, negocios estrangeiros; Talhonet, commercio e agricultura; Louvet, obras publicas; Segrís, instrução publica; Maurice Richard, bellas artes; Le Beuf, guerra; Rigault de Genouilly, marinha. Os dois ultimos eram membros do ultimo gabinete, que foi, como não podia deixar de ser, um ministerio de transição.

A opinião publica e a maioria da imprensa acolheu favoravelmente esta combinação. Todos os ministros são caracteres honestissimos e liberaes por convicção. A bolça tambem acolheu favoravelmente o novo ministerio, porque os fundos francezes subiram immediatamente. Isto prova que o capital não é, como alguém pensa, inimigo da liberdade; do que elle é inimigo é da anarchia e dos excessos. Os capitães e o commercio mostraram-se favoraveis ao governo dictatorial em 1852, porque elle então representava a ordem e a segurança contra os receios da anarchia. Porem passado o panico, o governo dictatorial é garantia fraca dos direitos de todos. Quando a paz ou a guerra dependem do capricho ou da vontade de um homem, os grandes interesses sociaes não se podem reputar seguros. Agora a paz é a guerra dependem da opinião publica e da vontade geral representada na imprensa e no parlamento, o que dá sufficiente garantia a todos os interesses.

Apezar da boa recepção que teve na opinião publica, o actual gabinete tem uma gravissima tarefa a desempenhar para operar a transição do systema governativo, e fazer, para assim dizermos, a liquidação do governo dictatorial. O novo ministerio tem além d'isso a contar com a opposição de dois elementos fortes, os que querem o imperio sem a liberdade, e os que mesmo com a liberdade não querem o imperio, não falando nas opposições dynasticas, nos republicanos e nos socialistas. O governo não tem ainda tempo de apresentar a camara os seus projectos. Porem nos seus actos ministeriaes já tem mostrado que o anima o espirito liberal. Um d'estes actos foi a premissão da entrada em França de todos os jornaes estrangeiros. Diz-se que um dos primeiros projectos apresentados a camara será uma redução na força effectiva do exercito.

O partido liberal e monarchico é o que naturalmente forma o grosso do partido ministerial. Porem até aqui este partido era por sua natureza o partido orleanista, porque era a dynastia de Orleans que representava a monarchia liberal. O que farão agora muitos d'estes a quem é difficil separar os principios das pessoas que os representam? Os jornaes annunciam para o corrente mez de janeiro uma reunião dos principes de Orleans e do conde de Chambord na residência da duqueza de Saxe-Coburgo. Não sabemos porem se esta noticia é completamente exacta.

Não correm tão favoravelmente as coisas na Italia. O novo ministerio encontra bastantes difficuldades. Este paiz adoece da doença que ataca de preferencia os paizes meridionaes, que é a formação dos corrilhos e facções pessoas fora das questões de principios. As principaes folhas de Turim mostram-se pouco favoraveis ao novo gabinete. Uma das questões mais espinhosas do governo italiano é a questão financeira. O actual gabinete para conciliar a opinião promette grandes economias. Veremos como as realisa, ou como as pode realisar, o que é sempre difficil, lá como cá, como em toda a parte, apezar do que dizem uns certos politicos pelo systema repentino, para quem todos os estadistas são insignificantes porque não sabem applicar a tempo esta panacea. Por em-

quanto o novo gabinete italiano parece que não pensa em outras medidas financeiras senão nas que propunham os seus antecessores com algumas alterações na forma.

Parece que está imminente a visita do imperador da Austria ao rei de Italia, que se verificará em Ancona, annunciando-se desde já que sua magestade italiana irá pagar esta visita a Vienna dentro de pouco tempo. Hoje não ha razão nenhuma para que não sejam amigos estes dois monarchas, e a sua alliança com as potencias occidentaes poderia tornar-se uma necessidade se fossem verdadeiros os boatos que ultimamente tem circulado da alliança da Russia com a Prussia, a qual nos parece todavia que é mais apparente do que real, e mais superficial do que profunda e duradoura.

O governo inglez continua a ver-se a braços com a agitação feniana da Irlanda. Todavia o ministerio persiste em levar ao parlamento na proxima sessão a questão da reforma agraria, que é o ultimo aggravamento serio que podem conservar os irlandezes contra o governo britânico. Se esta questão tiver uma solução satisfatoria, é possível que a parte sensata da população irlandeza tenha força para abafar a agitação dos irreconciliaveis. O genio pratico dos inglezes tem sabido resolver os mais arduos problemas politicos. Se resolvem este, dão ao mundo mais um exemplo notavel e o sr. Gladstone adquire uma gloria, que o põe a par dos maiores estadistas que tem possuído a Inglaterra.

Na Russia descobriu-se uma nova conspiração por meio de um estudante que denunciou trinta dos seus camaradas, que foram logo presos, assim como outros estudantes. O denunciante foi poucos dias depois encontrado morto. A conspiração tinha um fim demagogico. Ainda gorou d'esta vez. Porem a sociedade russa não deixará de passar por onde passaram as outras nações. O povo russo está pouco moralisado e menos instruido, mas começa a sentir o sopro das idéas modernas de emancipação e liberdade de involta com as illusões demagogicas e socialistas. Falta uma classe media esclarecida e preponderante. D'aqui pode resultar em futuro mais ou menos remoto um grande conflicto politico e social. Se o não virmos nós, vel-o-hão os nossos filhos.

P. S. Em seguimento transcrevemos os telegrammas aqui recebidos ultimamente que se referem ao caso do homicidio commettido pelo principe Pedro Bonaparte na pessoa de um padrinho ou agente de Rochefort, que lhe dera uma bofetada. É um facto deploravel; mas não o são menos a attitudde do deputado Rochefort na camara, e as excitações com que o partido dos irreconciliaveis está prejudicando o restabelecimento do systema liberal em França. Alguns dos telegrammas de Madrid tambem adiantam um pouco sobre as noticias do correio emquanto a marcha do novo ministerio hespanhol. Eis os telegrammas:

«Paris, 10.

«No corpo legislativo fez um discurso o sr. Ollivier, na occasião de apresentar o ministerio á camara: foi muito applaudido.

«As interpellações á correa do tratado de commercio estão fixadas para segunda feira.

«Amanhã terá lugar a eleição dos vice-presidentes.

«O Constitucional refere que Pedro Bonaparte, n'uma carta ao sr. Rochefort, lhe censura tel-o insultado pessoalmente pela penna, e pelos seus maneios.

«Hontem Victor Noir e Urick Fouvillle foram a casa do principe como mandatarios de Pascal Grusset, autor do artigo da *Marseillaise*. Sendo introduzidos no salão, Bonaparte perguntou-lhes se eram os mariolas mandados pelo sr. Rochefort; então Victor Noir deu uma violenta bofetada no principe, e Fouvillle prevendo sem duvida uma resposta, tirou um revólver do seu paletot.

«Em presença de uma aggressão tão

violenta, o principe arrancando rapidamente uma pistola da sua panoplia, fez fogo contra Noir, o qual ferido, ganhou a escada do palacio, caindo morto no fundo da escada.

«O ministro da justiça ordenou que prendessem immediatamente Pedro Bonaparte.

«O imperador approvou aquella medida. A instrução do processo já começou.»

«Paris, 12.

«Diz a *Gazeta dos Tribunaes*, que hontem pelas 5 1/2 horas da tarde, appareceu o sr. Rochefort em uma carroagem nos boulevards, aonde passou uma multidão muito consideravel cantando a *Marseillaise* e gritando viva Rochefort.

«Quando chegou ao boulevard de Montmartre, Rochefort apeiou-se da carroagem, e trocou algumas palavras com os seus companheiros.

«Muitos individuos percorreram os grupos, dizendo «amanhã.»

«Esta manifestação não teve outras consequencias. Os boulevards retomaram durante a tarde a sua physionomia ordinaria.

«A folha official publica um decreto convocando as camaras para formular a accusação sobre a queixa de Comtê contra o principe Murat.

«Expediu-se uma circular do ministro do interior, expondo a politica liberal do governo, e a resolução em que está de manter a ordem.

«Paris, 12.

«No corpo legislativo sr. Rochefort perguntou se o ministro da justiça tem tenção de oppor excepção de incompetencia ao assassinato de um filho do povo por um principe, e comparou a familia Bonaparte a de Borgia.

«Isto provocou vivas reclamações da parte do presidente, o qual chamou o sr. Rochefort á ordem.

«O ministro da justiça annunciou que se havia de fazer justiça, e mostrou o direito que tinha o governo, que elle ultrajava, de pedir o que o escutasse, por isso que o preso nunca deve ser ultrajado. O principe Pedro pediu o jury ordinario, mas em presença do texto formal da lei, era necessario convocar o tribunal superior de justiça.

«Trataremos mais tarde de saber, disse elle, se é preciso derrogar a jurisdicção excepcional, mas o tribunal de justiça dá garantias de imparcialidade e o crime que foi commettido por um alto personagem ha de dar occasião para provar que ninguém escapa a justiça.

«O paiz sente as excitações populares e as imagens sanguinolentas, mas contempla tudo isto sem receio; somos o direito e a justiça e se nos constrangerdes seremos a força. (Vivos applausos de toda a camara, á excepção da esquerda.)

«Depois de algumas palavras de Raspail sobre este incidente o presidente communicou o pedido de autorisação para ser processado o sr. Rochefort, em consequencia do numero da *Marseillaise* de hoje. As secções examinarão este negocio amanhã.»

## VARIEDADE.

### Sim e Não.

(Extraído)

Sim, é uma palavra divina.

Sim, é o som harmonioso que sahe dos labios da mulher que se ama; é a expressão mimosa da criança quando lhe pedimos um beijo; é um monossyllado encantador.

Sim, é o fiat para aquelle que pede e supplica; é a voz do anjo, que concede uma graça, que enxuga uma lagrima, que livra um condemnado.

Sim, é a palavra ouvida com enthusiasmo pelo homem que ama, pelo desgraçado que chora e pelo infeliz que geme.

Sim, é o monossyllado dos anjos; é a expressão querida de Deus.

Sim, é uma palavra do coração; é um hymno de graças; é uma oração resumida; é a luz do condemnado; é a esperança do pobre.

Sim, é a palavra dos noivos junto do altar; é um monossyllabo do céo; é a expressão escripta por Deus.

Não, foi a primeira expressão inventada por Belzebut.

Não, é a palavra do egoista; é a resposta do máo; é a linguagem do avarento.

Não, é a condemnação daquelle que pede; é o castigo do desgraçado; é a sentença do infeliz; é a maldição do amor.

Não, é a estatua de Saís, que desmaia os que a incaram; é o vento Soão dos desertos da Africa, que soffoca e queima; é o gelo dos pólos que petrifica e mata.

Não, é um synonymo de maldição.

Não, é o monossyllabo que mata o amante; que desespera o infeliz; é a algema do condemnado.

O padre Vieira diz:—«Por mais que confeiteis, um não, sempre amarga: por mais que o enfeiteis sempre é feio, por mais que o doreis sempre é ferro.»

Não, é uma expressão que os anjos ignoram; é o sopro do inferno, que apaga a luz da esperança; é o despacho do algoz: é a palavra favorita dos Neros e Caligulas.

Não, é a opposição da supplica; é a resposta daquelle que não sabe enxugar uma lagrima, que amaldiçoa a desgraça, que não attende aos gemidos.

Não, é a palavra do descrente; foi a resposta que Colombo recebeu de muitos soberanos, quando lhes foi pedir navios para descobrir um mundo novo.

Sim, é a imagem do perdão, da felicidade; é o arco-iris da bonança; é a consolação da supplica; é o pharol da bondade; é a lampada de Aladino.

Não, é o reverso da medallha: é a noite do condemnado; é a nuvem da desgraça e é a morte da petição.

## ANNUNCIO.

### —ESCRAVO FUGIDO.—

Ao tenente coronel José Antonio de Oliveira fugio; no dia 31 de janeiro p.p., de seu estabelecimento de cauna denominado «Nova Australia,» o escravo Jeronimo, dos signaes seguintes:

Idade, 40 e tantos annos.

Côr, preta avermelhada.

Estatura, baixa e muito corpulento.

Barba, pouca.

Rosto e testa, enrugados.

Pés, achatados.

Falla desembaraçado e tem uma ferida n'um hombro ha mais de dez annos, que não sara.

Desconfia-se que sahio n'um cavallo pequeno melado-baio, ou n'um russo-queimado de crias pretas, em direcção da Vargem Grande e Chapadinha, para reunir-se a um parente forro que alli tem e seguirem para o Brejo, Parahyba ou Pianhy, onde tem parentella forra.

Quem o capturar e entregar á seu senhor, em qualquer de seus estabelecimentos de lavoura, ou na capital em sua ausencia ao sr. Manoel Joaquim Fernandes, receberá boa gratificação.

Maranhão, 14 de fevereiro de 1870.

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 28 DE FEVEREIRO DE 1870.

## Da educação liberal.

Prosigamos no desenvolvimento das idéas, cujo enunciado começamos em um dos precedentes números.

A liberdade pela instrução, isto é, a propaganda das idéas por meio desta, é o grandioso dogma que deverá proclamar e defender a imprensa, essa palavra publica sempre inexgotável.

Livro do povo, o jornal cumpre sua missão, instruindo as massas, que o alimentam, dictando-lhe a verdadeira doutrina, pregando o que mais convém á seus interesses.

As escolas, á seu turno, convertam-se em templos, onde os mestres sejam os sacerdotes: a religião desses santuários de amor e de trabalho seja a religião da liberdade, cultivada pelos mestres, ensinada á infancia.

Não são as escolas do Brazil, como se acham e estão, as que cumprirão essa elevada missão de regeneração social: não são os nossos mestres, na generalidade, com excepções raras, sem dedicação e amor ao ensino, que desempenharão esse desideratum.

Muita fé no futuro do paiz, exame serio das necessidades do presente, providencia conscienciosa empregada em sanar os males que péam o engrandecimento publico, eis o cuidado e sollicitude dos mestres.

A escola nacional deve sêr a imagem da sociedade patria: o sentimento do mestre, a origem das inspirações do alumno, por ventura o typo de suas idéas, a norma do seu proceder.

O mestre tenha consciencia do seu ministerio: eduque o povo no seu elemento, nas suas inclinações, de harmonia com suas instituições, que são perduráveis, que têm de radicar-se no futuro.

Preparar uma geração é formar um povo, disse um escriptor. É quando esta geração está á caminho, é bella a missão do conductor guia-a ao termo de sua romaria por sendas margeadas de sombras amenas, que lhe facilite a peregrinação.

Depois do grito do Ypiranga fomos livres, e de então para cá o edificio da liberdade tem se engrandecido, dilatado, e robustecido.

A familia brasileira congrassa-se, pesurosa transpõe os umbraes do templo da liberdade, e afadiga-se em, instruindo-se no mesmo código, ganhar maior somma de liberdade, e afervorar as mesmas crenças, emanadas do mesmo espirito.

Livres pelo direito, livres pelo facto, livres pelas gloriosas tradições dos nossos maiores, o que nos resta? Conservar o deposito sagrado dessa preciosa herança, enriquecê-lo, augmental-o para transmitil-o mais nobre e opulento ás gerações por vir.

Não convertamol-o nós em archivo empoeado, estacionario, thesouro occulto e immovel. É ignorancia de avaro enferrolhar o capital. Façamos girar o ouro, legado de suor e sangue dos nossos avós, si quizermos augmento e prosperidade.

As gerações de hoje responsabilisam-se pelos avanços das de amanhã: trabalhem por não serem execradas no futuro. E esse trabalho para o aperfeiçoamento da liberdade, para o seu complemento, depende e promove-se pela instrução.

A um povo que se quer fazer chegar á verdade, ao conhecimento dos seus

deveres, á altura de rei e soberano, só pelo instrução operar-se-há esse prodigio.

Ella é o viatico da alma, na solemne palavra de Victor Hugo. Sem o alimento do espirito, por certo, predominam as trevas no entendimento, como se aposa do santuario a escuridão quando extingue-se a alampada que ardia no meio do templo.

Atê-se o lume sagrado que o Creador imprimiu na face do homem, dando-lhe mais intensidade com instrução solida: habilitando-o á representação digna do importante papel, chamado á apresentar no palco do universo.

Grandiosa é a missão que tem de desempenhar: nascido livre, tem de bairar ao sepulchro livre, legando um testamento livre á sua posteridade.

A liberdade com que pensou, com que obrou, com que dirigiu-se se não confundiram com os sudários do tumulo: eram penhores do coração, conquista da vontade, tradições da humanidade, que á elle sobrevivem, se perpetuam, não se acabam.

Pois bem, imperecível como é, a liberdade cultiva-se, esclarece-se com a doutrina da escola e com a pratica da sociedade.

Comecem os mestres desde os verdes annos á fazel-a amar á infancia, que no futuro não será um phantasma, uma illusão, um sonho.

O pensamento, amadurecido pela reflexão, alluminado pelo estudo, será na idade viril desempeado á seguir os impulsos de um coração recto que sabe amar o bem e pratical-o.

Gera-se, dest'arte, a felicidade publica, porque o povo é soberano, sabe governar-se, sabe pensar, sabe dirigir-se. Tem uma emancipação precoce, porque sempre foi livre.

Feliz tempo será esse em que a verdadeira democracia, autonoma do homem, fór plenamente reconhecida e praticada por toda a creatura, realisando-se assim ás nobres aspirações do evangelho, á confraternidade e a liberdade universal.

## Polémica philosophica.

Sob a rubrica «Parte scientifica» começamos hoje a publicação de uma serie de importantes artigos philosophicos elaborados pelo muito illustrado Sr. padre Raymundó Alves da Fonseca.

É geralmente sabido que este intelligente sacerdote foi o unico oppositor á vaga de substituto da cadeira de Philozophia do Lyceu maranhense, cujo concurso houve lugar á 5 do corrente no palacio da Presidencia.

Sabe-se tambem que o reverendissimo padre Fonseca fez um brillantissimo exame, deixando verdadeiramente satisfeitos o numeroso, illustrado, e selecto auditorio que assistio ao acto, os illustrados Srs. Presidente da Provincia e Dr. Inspector da Instrução Publica, e um dos dignos examinadores que deu-lhe voto favoravel.

Durante o concurso o reverendissimo padre Fonseca sustentou idéas orthodoxas e sãs que não foram acceitas, e nem contestadas tam pouco por um dos examinadores; respondeu á outro algumas perguntas; e satisfz as arguições do terceiro.

Divergentes os dous primeiros quanto ás theorias do oppositor, (que são as mesmas da escola catholica, doutrinas sustentadas em todo universo onde se aprende e se ensina a sã philosophia por eclesiasticos e leigos de nomeada, (os Srs. Drs. Jauffret, e Brandão, reco-

nhecendo no concorrente bastante aptidão, contudo não eram de opinião que professasse aquellas idéas em uma cadeira publica sustentada pelo governo.)

Com o voto unico do Sr. Dr. Encarnação, que foi-lhe favoravel, e apesar dos bons desejos e impressão, causada pelo brillante exame, no animo dos Srs. Presidente da Provincia e Dr. Inspector da Instrução Publica, o candidato ficou prejudicado!

Acha-se de novo a concurso a sobre-dita substituição e segunda vez oppositor o reverendissimo Sr. padre Fonseca.

Applaudimos o procedimento de S. S. levando á tela da imprensa suas idéas, expondo-as, defendendo-as como o fez perante seus examinadores, e o modo como elles as refutaram.

Julgue perante provas o publico sensato de qual dos lados pende o fio da justiça.

O reverendissimo Sr. padre Fonseca é um sacerdote de muita illustração, intelligencia, e virtudes, digno por certo de occupar o lugar á que se propoz, como se evidencia do triumpho moral, que obteve no concurso.

Deixando ha pouco uma cadeira de Philosophia, que regia no Seminario Diocesano, S. S. ali den cabaes provas dos seus elevados e solidos conhecimentos, que alias não são contestados pelos examinadores dissidentes.

Chamamos, portanto, a attenção dos nossos leitores para essa luminosa polemica philosophica, assas interessante pelos motivos e pelo assumpto.

E no proximo concurso veremos o que triumphará se a verdadeira ou a falsa philosophia.

## Novos jornaes.

Fomos obsequiados com os primeiros numeros de alguns novos jornaes, bem importantes, que acabam de vir á luz em Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro.

De Pernambuco recebemos a collecção do *Catholico*, revista quinzenal muito bem escripta, devida á pena illustrada e fluente do exm. sem. conselheiro Dr. Autran, incangavel propagador na imprensa do imperio dos interesses catholicos do Brazil.

Agradecendo as obsequiosas expressões que dispensa á *Nação*, asseguramos ao distincto contemporaneo que seremos sollicito em acompanhá-lo na defesa dos sãos principios proclamados por esse poder augusto emanado do céu e representado tam dignamente na terra pela autoridade docente da igreja.

Da Bahia recebemos tambem a collecção da *Chronica Religiosa*, consagrada á sustentação dos mesmos principios religiosos e interesses catholicos, que nos tempos de hoje muito necessitam de defesa solida e robusta.

Redigida como é por tam distinctas e bem cultivadas intelligencias, a *Chronica Religiosa* veio preencher uma lacuna na imprensa religiosa do imperio, porque resentia-se da falta de um órgão catholico na metropole do paiz.

Do Rio de Janeiro fomos obsequiados com os primeiros exemplares do *Quinze de Julho*, órgão do partido conservador, redigido pelo illustrado e talentoso sacerdote rio-grandense, revm. João Manoel de Carvalho, conhecido entre nós por seus eloquentes discursos na tribuna sagrada, e brillantes estudos feitos no seminario de Sancto Antonio, onde educou-se.

Bem escripto, em linguagem honesta e grave, si bem que energica, o *Quinze*

de Julho é um jornal reaccionario á parte dissidente do partido conservador na corte.

Aos dignos collegas do jornalismo do paiz agradecemos á offerta, que retribuiremos com a remessa da *Nação*, e proximo estamparemos alguns dos seus luminosos e importantes artigos.

De Caxias, importante cidade commercial da provincia, onde tambem é pronunciado o gosto pelas letras, recebemos os primeiros numeros de um novo lidador na imprensa periodica, o *Jornal de Caxias*, consagrado á defeza dos melhoramentos locais.

Temos tambem sido obsequiados com os numeros publicados do *Vinte Oito de Julho*, jornal de tentamens litterarios, escripto por jovens estudiosos, alguns dos quaes frequentam o Lyceu Maranhense, e outros compõem a sociedade *Gabinete de Leitura Maranhense Vinte Oito de Julho*.

É um periodico quinzenal assaz modesto, porem bem escripto, correcto, e judicioso, destinado principalmente á sustentar as idéas do *Gabinete de Leitura*, de que é órgão, promovendo-lhe todo o incremento.

Esses esforços da mocidade maranhense devem sêr animados pelas pessoas amantes das letras e do progresso, pois á juventude sempre é generosa nos seus tentamens.

Publicam-se actualmente mais dous jornaes litterarios, *A Saudade e A Sempre-Viva*, redigidos por jovens talentosos.

A todos esses lidadores da imprensa desejamos prospero futuro.

## Acto do justiça.

Sempre que a justiça appresenta-se com toda a esplendida pompa de suas galas merecem aquelles que a distribuem applausos sinceros.

E, pois, com o mais vivo enthusiasmo que applaudimos o nobre proceder do egregio tribunal da Relação do Districto, conhecido no imperio por sua inteireza inexcédível, neste momento, quando por mais um acto de suprema justiça acaba de proferir um julgamento recto.

A absolvição dada ao benemerito cidadão piabyense, Dr. Deolindo Mendes da Silva Moura, no processo que esse templo da justiça julgou improcedente á cujo definitivo julgamento procedeu-se á 19 do corrente, motiva nossa adhesão á tam respeitavel como consciencioso tribunal.

Honra, portanto, á essa corporação de magistrados integros para quem a distribuição da justiça é um culto sincero á religião do dever.

Triumphou o honrado e prohiboso Sr. Dr. Deolindo nessa luta sangrenta, quando o seu partido se acha arredado do poder, e seus inimigos da situação actual erguiam-se, como tumida vaga, pretendendo envolvê-lo no seu rôlo alçado.

É que a justiça não conhece fações: o seu código é inflexivel, é inexoravel, é recto para todos, e não pode punir á innocentes.

Conhecido por suas virtudes civicas, alma nobre, coração generoso, o Sr. Dr. Deolindo tem feito heroicos sacrificios pela causa politica que abraçou, e de balde tentará magoal-o, por que além da calumnia e protervia de apaixonados adversarios está a opinião sensata para julgá-lo.

Ainda bem que os anciãos da magistratura firmaram com seus respeitaveis nomes mais um triumpho esplendido da virtude opprimida.

Folgamos portanto em registrar este acto eminentemente recto dos illustres e conspícuos srs. Dezembargadores da Relação do Districto, para com o empregado honrado, desapiedadamente opprimido; varão incansavel em favor da causa publica; apostolo da verdadeira e sã liberdade; amigo dedicado e leal; patriota generoso e de vistas largas.

Prova-o cabalmente o haver aberto na Provincia do Piahy aulas noturnas, para derramar o doçoroso pão da instrução, tão ansiosamente cobigado por todos, mais tão cruelmente escasso, senão vedado pelo governo.

Ei-lo ali incansavel, sempre prompto, deixando seus interesses e numerosos afazeres, para depositar nas callosas mãos do cansado e pauperrimo operario os rudimentos da instrução primaria.

Cremos que estes são serviços reaes, e homens que assim dedicão-se, verdadeiros amigos da Patria e de seus infelizes conterraneos, são os que mais sofrem, como primeiros alvos das vinganças pungentes, dos odios antigos!

E de esperar que o Sr. Dr. Deolindo alcançará o mesmo triumpho no segundo processo que acaba de chegar do Piahy; por que em todo este tecido nada mais ha do que jogo partidario, gosto malevolo de prejudicar um honrado pai de numerosa familia, uma vigorosa intelligencia, que trabalha em prol da causa commun, e do verdadeiro progresso.

## PARTE SCIENTIFICA.

### Verdadeira e falsa philosophia.

AS DOUTRINAS PHILOSOPHICAS DO SR. DR. J. R. JAUFFRET.

#### I.

Motivos bem graves forço-me a sair de minha obscuridade, para vir apresentar á luz da publicidade as doutrinas philosophicas de um homem á quem respeito por todos os titulos: fallo do Sr. Dr. Jauffret.

Acostumado a contemplar nas paginas da historia essas lutas encarnicadas e gigantescas das escolas, atravez dos tempos, me tenho afeito a tolerancia; e por isto nada teria com as doutrinas perigosas do Sr. Dr., se elle munido de um voto draconiano de examinador, não viesse ferir-me desapiedadamente em as doutrinas que professo.

É geralmente sabido que oppondo-me a substituição da cadeira de philosophia do Lycéo desta capital, apresentei-me no dia 5 do corrente em o Palacio presidencial para o exame competente.

Os examinadores forão os Srs. Drs. Jauffret, Encarnação e Silva e Brandão.

Quem primeiro arguiu-me foi o Sr. Dr. Jauffret, que mandou-me expor a minha opinião sobre a origem e formação das idéas.

Houve perguntas e respostas, replicas e treplicas, e de subto o Sr. Dr. retirou-se da argumentação mal satisfeito, dizendo não esperar-a em aquelle terreno e por isto dava-se por satisfeito.

Maravilhou-me esta manifestação; por que sempre cri que um lente de philosophia habil como é S. S. devesse esperar, e estar sempre preparado para discutir sobre materias philosophicas em qualquer terreno justo em que se collocassem as questões.

Arguiu-me em segundo lugar o Sr. Dr. Encarnação e Silva, e em terceiro o Sr. Dr. Brandão. Todos tres disserão professar doutrinas oppostas as minhas em materias philosophicas.

Não maravilhou-me esta declaração de meos dignos examinadores.

Bem sei que a discordia, a Babel, foi o primeiro verbo da philosophia racionalista, e que assim tem marchado nessa senda de Ashaverus.

Concluido o exame procederão a votação, e já não é mysterio que somente o imparcial Sr. Dr. Encarnação e Silva deo-me o seu voto de approvação.

Mas os Srs. Drs. Jauffret e Brandão escandalizados e assombrados por minhas ideas *altamente retrogradadas*, forão de parecer que por nenhum modo devião ser derramadas do alto de uma cadeira publica como a do Lycéo Maranhense! *Risum teneatis!*

É assombroso o purismo de S. S.! A Constituição do Imperio nega os empregos publicos somente ás pessoas que não professão os dogmas catholicos; podem os meos dois examinadores levão o zelo até as discordancias philosophicas!

Diante desta pretensão odiosa, *inquisitorial e infallivel*, onde o erro se arvora em juiz, e pretende decidir ex cathedra, não está em mim abafar um grito de indignação, e mostrar em linguagem respeitosa porem franca e desasombrada de temores, que as doutrinas *subversivas, perigosas, erroneas, e que para bem da mocidade devião ser reduzidas a silencio, são outras que não as minhas.*

Antes porem de cumprir esta missão, quero defender-me, e depois formularei capitulos de accusação contra os meus juizes.

Previno tambem que nesta polemica litteraria não me dirijo ao Sr. Dr. Brandão; porque em consciencia S. S. não devia votar contra as minhas doutrinas; pois que no meo humilde e sempre respeitoso entender, estou convicto que o Sr. Dr. não tem idéas bem firmes sobre materias philosophicas.

Bem longe de mim a menor idéa de offender ao Sr. Dr. Brandão; neste juizo, e para não ser tido como injusto, passo a expor as razões pelas quaes assim penso.

O Sr. Dr. arguindo-me, mandou que expozesse a formação das idéas segundo os systemas modernos, que são, conforme disse elle: metaphisico, theologico e positivo.

Atinei, ou antes adivinhei o que pretendia dizer o Sr. Dr. Brandão; porem com desejos de ver um *fiat*, perguntei o que S. S. entendia por systema metaphisico?

Respondeu-me que a philosophia moderna, ou da renascença.

Logo, disse commigo, ficão verdadeira superfetação os taes systemas *theologico e positivo*; porque basta ter-se passado o nosso pobre Geruzez, para saber-se que a philosophia da renascença comprehende o racionalismo, sensismo, pantheismo, eclectismo, etc. etc.; porque *renascença* é o principio mais generico e donde procedem todas estas divisões. Depois de novas *fuzões, cristalizações*, e de um salto de Niagara disse o Sr. Dr. entender por systema theologico o sensismo!

Ainda hoje ignoro o que entende S. S. por systema positivo. Esse *tour de passe passe* bem metaphisico do Sr. Dr. se é que existe por ali em algum compendio, foi sacrificado dolorosamente.

Eis simples e despidido de comentarios um de meus examinadores cuja mão não tremeo no momento de votar contra minhas doutrinas.

Dirijo-me, por consequencia, somente aos respeitavel Sr. Dr. Jauffret, cujas doutrinas tem algum verniz de veracidade.

#### II.

Ha muito que conheço o Sr. Dr. Jauffret em suas doutrinas philosophicas, pois frequentei sua aula, e ouvi suas eruditas lições, por espaço de um anno.

No meo d'aquellas quatro paredes que repercutião as eloquentes palavras de S. S. muitas vezes estremeci e enfi, ouvindo certas doutrinas, expostas pelo Sr. Dr. Mas, a obediencia, o respeito que sempre tributei aos meos mestres impunhão-me silencio, resolvendo pensar como bom catholico.

Por este motivo quando determinei apresentar-me a exame, estava bem certo que as minhas doutrinas erão diametralmente oppostas as do Sr. Dr.

Entretanto longas vigílias passadas ap-

plicando-me especialmente no estudo de materias philosophicas, o magisterio que tenho exercido, o sagrado ministerio que me dá direito de doutor em Israel; todas estas cousas entendia que me davião o direito de emancipar o meo pensamento da tutela do meo ex-mestre, e pensar por mim.

Estando convicto destas verdades fundamentaes, sempre persuadi-me que o Sr. Dr. illustrado como é, e sectario de uma escola que prega a tolerancia e absoluta liberdade de pensar (si bem que obre em sentido contrario) esperava, digo, que o Sr. Dr. não levaria sua intolerancia philosophica a tal ponto de querer que pense como S. S.; siga os mesmos systemas, curve os joelhos ethurifere os mesmos idolos que adora o Sr. Dr.

Longe estava eu de pensar que no momento em que me apartasse desse *rito philosophico*, seria refutado com um riso mofador, e minhas doutrinas tachadas de *retrogradadas*, echo roquenho de uma escola *decrepta, philosophia theologica*, já ha muito refutada, e de estar como dizia S. S. *em plena idade media!*

Ah! bem longe estava de crer que o illustre ex-mestre, de quem outr'ora ouvi tão eloquentes frases sobre tolerancia, absoluta liberdade de, pensar até a licença, bem longe estava, digo, de crer que S. S. poucos annos depois viesse refutar completamente essas theorias! Por que o sr. Dr. Jauffret bem sabe que eu sei esse pobre Geruzez que por infelicidade ainda corre em nossas escolas.

S. S. sabe disto porque durante o tempo que frequentei a aula de S. S. não faltei as minhas obrigações um só dia; e diz-me a consciencia ter frequentado a disciplina com alguma distincção; pelo menos S. S. nunca manifestou signal de desagrado, e até lembro-me haver-me honrado o Sr. Dr., muitas vezes com prolongadas polemicas sobre diversas questões e muitas vezes até mesmo sobre materias theologicas, por saber que eu ás cursava no Seminario.

Entretanto o engano pelo qual passei, foi bem merecido, pois devia lembrar-me das sabias admoestações de Bahnes e Ventura quando dizem: ninguem mais intolerante que os philosophos que gritão por ella; ninguem mais inimigo da razão que os racionalistas; ninguem mais inimigo do progresso e liberdade que esses pretensos sabios que gritão em cada canto: *liberdade! liberdade!*

Deixemos porem este fio de idéas, para occuparmo-nos de cousa mais positiva.

#### III.

O Sr Dr. Jouffret, escandalisa-se de minhas doutrinas; admira que eu as professe em pleno seculo desenove e as reprova *in limine*.

Eu admiro-me das admirações de S. S. por quanto as doutrinas que expuz lacinicamente, são todas de S. Thomaz; doutrinas que teem atravessado os tempos mais borrascosos, sempre invulneraveis, como gigantesco rochedo que calvo ao relento resistiu immovel a furia dos elementos.

Entretanto o Sr. Dr. sem o menor exame das doutrinas sublimadas desse grande homem; sem leitura sufficiente de suas obras grandiosas, o mais portentoso monumento litterario que até hoje tem produzido o engenho humano, mofa e ri-se das doutrinas do grande Dr. Angelico, pretendendo que todas, ou quizi todas estão convencidas de deficientes, sinão de erroneas!

Mas ah! quem tem comparado essa immensa revolução da renascença, com as theorias pagans e escholasticas; quem tem confrontado séria e attentamente esses homens preconizados como vultos da philosophia moderna, com os gigantes da idade media e principalmente S. Thomaz; quem tem feito tudo isto apaixonadamente admira-se das admirações do Sr. Dr., pasma e fica extatico diante da facilidade com que o Sr. Dr. arranca S. Thomaz do seu throno do verdadeiro philosopho para nelle collo-

car Luthero, Descartes ou V. Cousin! É assombrosa a simplicidade infantil com que o erudito Professor de philosophia do Lyceu maranhense, verdadeiro catholico, segundo julgo, arranca as corôas do Dr. Angelico, respeitadas por mais de quinhentos annos, para ornar a frente de Luthero, Bacon, Descartes ou Royer-Collard.

Assim fallo por que ainda hoje recordo-me de uma preleção do Sr. Dr. que assim dizia: «*enhores (para os alumnos) com o apparecimento de Bacon e Descartes, o impulso vigoroso e desconhecido que estes homens derão as sciencias philosophicas, desaparecerão os Doctores Angelicus, Srafcicus etc. etc.*»

Entretanto no meu humilde pensar o Sr. Dr. Jauffret não merece bravias sensuras em suas doutrinas; por que todas ellas são prejuizos, ou echos de além-mar; por quanto as doutrinas que tanto o Sr. Dr. como eu expendemos, são de escolas que seguimos.

O Sr. Dr. professa as ideas da renascença, e segue o impulso lutherano no sentido preconizado por Cousin; abraça o movimento philosophico de Descartes a quem reconhece como chefe.

Eu sigo a escola thomistica, a qual somente reconheço como verdadeira, catholica, proveitosa á humanidade e ao homem, e que conduz ao verdadeiro progresso.

Despreso a escola cartesiana, ou da renascença, ou racionalista, porque a tenho como impia, inimiga do progresso, do catholicismo, da razão e da liberdade.

Em summa condemno esse movimento denominado—*renascença das letras* como verdadeiro e vasto renascimento do paganismo, e a philosophia que se denomina *cartesiana, ou racionalista, ou independente*, verdadeira e torpe philosophia pagan. E isto em tudo: em seus termos, idéas, systemas e até mesmo nas palavras pelas quaes se expressa.

Todas estas affirmações, se o leitor quizer acompanhar-nos nos artigos que formos publicando, encontrará demonstradas com provas solidas e cabaes.

Mas para todos estes desenvolvimentos é necessario marcharmos sem affogadilho, e dar alguns esclarecimentos previos sobre pontos tão difficeis e obscuros.

#### IV.

Disse que as ideas philosophicas que eu e o Sr. Dr. professamos são echos de escolas á que seguimos. Estas escolas são formadas sob a influencia de certos homens.

A escola racionalista segue á Bacon, Luthero, Leibnitz e Descartes, porem em assumptos, meramente philosophicos estes homens encarnão-se em Descartes.

A escola thomistica segue a S. Agostinho, S. Paulo, S. Athanasio, e outros, porem em assumptos meramente philosophicos estes homens encarnão-se em S. Thomaz.

Ora antes de entrarmos na apreciação especial das ideas destes systemas, é util lançarmos algumas considerações gerres sobre estes dois chefes.

Antes de discutir as ideas apresentadas pelo Sr. Dr. em o meo exame, e antes de mostrar a completa deficiencia de trez argumentos pigmeos, ou antes lilipulianos, que me apresentou o Sr. Dr. os quaes tem como invensiveis machinas de guerra philosophica, é muito necessario conhecermos, nas pessoas e doutrinas de S. Thomaz e Descartes os antecedentes desses argumentos.

Apreciemos pois S. Thomaz e Descartes.

#### V.

Uma pequena phase da idade media—missão e apparecimento providencial de S. Thomaz—suas grandezas.

A datar do seculo X ao XII a sociedade europeia apresentava uma face inteiramente nova. Movimentos contrarios principios oppostos, revolvão a sociedade convertendo-a em verdadeiro chaos.

Vemos de um lado o derramamento dos povos barbaros pelo centro da Europa apresentando a sociedade europea em completa infancia.

Sabemos que depois de um grande cataclisma, que revolveo a natureza humana no mais intimo de sua organisação, as sociedades elevão-se lentamente (quando são tocadas pelas verdades do catholicismo) do estado selvagem ao de civilisação.

Mas esta passagem é vagarosa e laboriosa.

Primeiramente cultivão a imaginação: os hymnos entusiastas restringem magéstosos como a grandesa imponente das ventanias e elevação das selvas. Neste estado o cultivo da dialectica, da metaphisica é impossivel. Isto é o que nos mostra por uma face a historia da idade media por occasião das invasões barbaras.

Mas por outro lado neste mesmo tempo e estado de infancia, imaginação, paixões e poesia, assoutava e torvelinhava a philosophia grega que vinha umida de orgulho, pelas ardentes disputas do Arcopago, Lyceo, Academia Portico e Museu.

Alem disto temos de outra parte ainda, os commentarios, e sophismas da philosophia dos arabes; e no centro deste quadro, inteiramente excepcional, irradiavão as doutrinas e verdades do catholicismo.

Era pois uma phase bem difficil. De um lado infancia, e por consequencia cultivo da imaginação, palpitão de paixões fogosas, erupção de hymnos abrasados.

D'outro lado este povo infante, pensando como na senectude, estudando a metaphisica, a dialectica, cultivando a intelligencia, baixando a aridez dos sophismas.

E por ultimo tudo se encarnava em unidade mysteriosa. Povo ou sociedade infante que se transporta nas inflamações azas das paixões; sociedade viril que já cultiva profundamente os archanos da razão; povo, ou sociedade decrepita que se esvae nas lutas inglorias dos sophismas; povo, ou sociedade que apon-ta e caminha para o progresso, pelas verdades e idéas catholicas que lhe surgirão para alem.

Eis sucintamente o espaço da idade media que vai do seculo XI ao XII.

Eis pelo que vemos nesses tempos um nobre, um cavalheiro que se entusiasma pela profissão cavalheiresca com garbosa cruz nas espaldas, coberto de resplendentes vestes, e apoz elle um dialecto subtil que disputa sobre o Nominalismo, levando seus argumentos ao inintelligivel.

Estes dois personagens tão diametralmente oppostos existião ao mesmo tempo em uma mesma sociedade.

Era ella então uma completa massa de contrariedades.

E é do meio desta confusão, que restringem echos desconcertados de todos os erros.

Scot d'Erigenes se abysma em completo pantheismo.

Rosselin proclama o nominalismo; Abeilard o nominalismo conceptualista; Guilherme Champeau professa o realismo; Gibert de la Poirée influenciado pelas doutrinas de Champeau chega a sustentar que Deos não tem idea do mundo.

É do meio desta confusão de erros, que se batem, choccão, volteão, coachão como insectos sobre os corpos putridos, é d'ahi que saem os *Evangelhos eternos*, *Irmãos do espirito livre*, as blasphemias dos *Tres impostores*, os *Catares*, os *Beguinos*, *Lollards*, *Bezzoques*, *Fratricidas*, *Pobres de Lião*, etc., etc.

Esquecida por estes espiritos turbulentos e mentirosos, a litteratura, a historia; olvidados os monumentos submersos nas ruínas do passado, a mira apoiada na fatuidade era resolver todas as questões, explicar todas as difficuldades. É bem conhecida a ousadia de Abeilard quando se apresentava para, de improviso, explicar o Propheta Ezequiel!

A divisa desses homens perversos era: «*subtilisimos, ratiocinemos, e quando não pudermos torceremos*, comtanto que sendo a nossa razão o nosso unico guia infallivel tudo havemos de resolver.»

Os erros então formigavão de modo descommunal e assombroso.

Os abysmos evocavão abysmos e os abysmos respondião.

Os erros do campo scientifico, dos bancos escolares passavão a religião, negando-se os dogmas, como Amaury que confundia Deos com a *materia prima* de Aristoteles.

Na scena politica tão bem formigavão promovendo as discórdias.

Para onde iria a sociedade, e onde se acharia ella depois de tão procellosos acontecimentos?

Difficil é a resposta, e o futuro apresentava-se horroroso.

Mas no meio de tão vertiginosa tormenta a Providencia suggere um homem que vem sustar este marchar deleterio.

Quem tem lido a historia da idade media sabe que fallo de S. Thomaz d'Aquino.

Com effeito, apenas surge S. Thomaz no proscenio scientifico, na tenra idade de 22 annos, os partidos aggrupão-se em torno d'elle, sobranceiro.

Todas as discórdias emmudecem; os partidos se anniquilão; os erros apagam-se no pó do nada desfeitos pela tremenda logica deste homem extraordinario.

É necessario ter-se espirito muito endurecido para negar-se a missão providencial do Doutor Angelico.

Em tenra idade de vinte e poucos annos este homem estupendo sabia de cor a Biblia, as volumosas obras de S. Agostinho, de S. Diniz Arcopagita, Damasceno, e outros muitos; sabia ainda de cor as obras dos mais famosos philosophos, como Platão e Aristoteles. Meo Deos, S. Thomaz é um assombro, uma maravilha, uma bibliotheca ambulante, como o denominarão!

Quando elle ditava seus trabalhos, citava a cada momento trechos de outros escriptores, e nunca houve quem o visse abrir um livro, para averiguar uma citação; entretanto sendo depois confrontadas pelos copistas, as encontrarão fieis, palavra por palavra.

Sempre andava elle acompanhado de quatro notarios para tomarem as palavras, ou antes diamantes preciosos que tombavão de seus labios.

A idade de tres Mathusalens não seria bastante para adquirir-se tão vastos conhecimentos.

Maxime sabendo-se que S. Thomaz estudava poucas horas, entregando-se a maior parte do tempo à sublimadas orações, onde bebia tão divinas doutrinas.

S. Thomaz discutio magistralmente sobre todas as materias então conhecidas: theologia, philosophia, sciencias naturaes, etc. etc. em tudo este homem é uma maravilha.

Em tudo elle subio tão alto, que como o Prometheo da Fabula, escalou o céu e roubou os segredos de Deos.

Mas subio pela oração.

É por isto que as obras deste grande homem tem uma unção indissivel, uma sublimidade que arrebatã as regiões mais transcendentaes, sem fatigar o espirito.

Ahi sangra-me a alma o ver as obras de S. Thomaz tão desconhecidas entre nós!

Eu mesmo, humilde auctor destas pobres linhas, influenciado pelo ensino de meo honrado mestre o Sr. Dr. Jauffret, fui fogoso entusiasta de Descartes, Bacon, e V. Cousin; por que S. S. não cessava de tecer em suas eloquentes preleções soberbos panegyricos aos philosophos da renascença, não ficando mesmo em esquecimento o afamado Luthero.

Porem, vindo-me ás mãos, felizmente, as obras de S. Thomaz, as li a principio com desdem, depois com curiosidade, mais logo com interesse, depois com precipitação, e por ultimo com ardor, respeito e veneração curvando-me ante a memoria veneranda deste grande homem.

Foi uma revolução em minhas ideas. Lamento hoje as horas perdidas que passei lendo tantas vezes esses sermões de V. Cousin e Malebranche.

Creio que se o Sr. Dr. Jauffret, intelligente como é, lê-se attentamente as obras de S. Thomaz não deixaria de renegar essa philosophia da renascença, philosophia mentirosa, e inteiramente incapaz de resolver os problemas da sciencia; vendo entretanto com pasmo e assombro que nos escriptos de S. Thomaz, já se achão resolvidas todas as grandes questões que a sciencia moderna quer apresentar como novidade.

E até mesmo esses tão gabados trabalhos de Clarke, Grocio, Puffendorff e outros, são impudentes plagiados de S. Thomaz.

Porem o que no meio de todas estas glorias é mais interessante, vem a ser que em todas as questões que S. Thomaz deo como resolvidas, uma só não tem sido convencida de erronea.

Homero no chistoso dizer de Horacio dormitou algumas veses, porem S. Thomaz ficou exempto dessa lei.

Ora em vista desta exposição succinta parece-me que é evidente o ser S. Thomaz um personagem altamente providencial.

E sou de opinião que esses tempos reformados pelo Dr. Angelico, devião ser chamados seculos de S. Thomaz.

Foi arrebatada por tantas glorias que não ha muito, quando se reuniu o Concilio Tridentino, a mais numerosa e sabia assembléa que o mundo tem visto, as obras de S. Thomaz forão collocadas a par da Biblia, no meio de brandões acozados, como sendo o commentario mais completo da Biblia, e o mais solido trabalho humano.

É mister ter-se um coração bem impedernido para cerrar os ouvidos a este preito de tantas centenas dos maiores sabios; é necessario sêr-se muito orgulhoso, para ter-se em pouca conta o testemunho sumptuoso dos sabios do concilio, e pretender encher mais que elles.

É por estas e outras considerações que parece-me ser uma falta grave o ficar em um silencio depois do acto de 3 do corrente.

Quando nada faça, cabendo-me o praser de ser o primeiro, ou um dos primeiros nesta Provincia em dar o grito de alarma em favor das doutrinas do Doutor Angelico, tão sublimas quam desconhecidas.

Fica ao meo ex-mestre o poder gloriar-se que o seu voto de reprobção as minhas doutrinas ferirão a S. Thomaz pois todos os principios que acanhadamente expuz, são do Doutor Angelico. Se fosse possivel, como diz o Poeta, comparar as cousas grandes com as pequenas, diria que V. Cousin condemnou S. Thomaz. *arrancou-o de seu throno resplendente de tantas glorias para escarranchar-se nelle!*

Pasmem os catholicos que conhecem a philosophia de S. Thomaz!

## VI.

No intuito de elucidar as questões não quero disfarçar uma difficuldade a que dá lugar esta minha apologia S. Thomaz, e vem a ser a seguinte: Se S. Thomaz é este homem tão grande, se elle nunca dormitou, se em suas obras já estão resolvidas muitas das questões momentosas, e por cuja solução se empenha a sciencia moderna, porque estão estas obras tão desconhecidas, e mesmo ignoradas nas escolas e no mundo scientifico?

O desenvolvimento desta grave questão fará objecto do proximo artigo.

Fevereiro, de 1870.

PADRE R. ALVES DA FONSECA.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

### Educação da mulher.

É axioma na ordem moral e na ordem politica que são as mulheres que

exercem maior influencia sobre os costumes e sobre os destinos de um povo. Entretanto, ainda no nosso paiz descura-se muito a educação real e proveitosa da mulher, olvidando-se que será esse um dos motivos do atraso mais e mais formidavel da maxima parte da nossa população.

E, com effeito, em que consiste a educação que entre nós se dá ás nossas futuras mães de familia? Todos o sabem: em muitas, é uma educação brilhante, dispendiosa, porem facieia; em outras, é uma educação acanhada e de pouco alcance, por motivos especiaes as pessoas; em poucas, a educação é o que o zelo e o bom senso de alguns paes sabem iniciar e manter, lutando muitas vezes contra impurezas da atmospheria social que os rodêa.

Pode-se dizer que a prosperidade real e grandeza moral de um povo dependem talvez sómente da educação das mulheres. Roma attingio ao maior apogeo de glorias quando suas matronas, por sua educação séria, inspiravão á seus filhos o amor das virtudes fortes. Mesmo no nosso tempo, não pode-se attribuir o progresso dos Estados-Unidos senão principalmente á influencia salutar da mulher educada convenientemente, ou á *superioridade* de suas mulheres, segundo a expressão de Tcequeville.

Todos os dias, os jornaes liberaes pretendem edificar-nos com instituições dos Estados-Unidos, consideradas isoladamente e sem os mysterios que ali vivificão. É uma illusão; o segredo desse progresso americano deve ser procurado principalmente na influencia benefica que a mulher exerce sobre aquella nação, tão solta aliás por causa da variedade das raças co-existentes em sua população.

Entretanto, julgamos conveniente transcrever para aqui considerações utilissimas, feitas por um viajante instruido, o sr. Jonveaux, já por nós citado mais de uma vez a proposito dos Estados-Unidos. Nosso fim será conseguido com a transcrição do que esse viajante viu e observou naquella paiz a tal respeito:

«Os americanos, entendendo, não sem alguma razão, que uma mãe de familia christã, para adaptar o espirito de seus filhos aos bons costumes, exercer sobre elles um ascendente salutar, e conservar a autoridade e o prestigio de que Deus a quiz revestir, não deve limitar sua sciencia ao manejo do dedal, do fio, e da agulha instituirão para as mulheres estabelecimentos de ensino identicos aos dos homens.

«... As mulheres, menos sollicitadas pelas exigencias de uma carreira activa, empregão o tempo em formar seu espirito. Adquirem assim segurança de juizo, essa elevação de caracter, que, por toda a parte nos Estados-Unidos, attrahem-lhes uma tão grande consideração.

«Os americanos não vêem nas mulheres uma especie de creaturas inferiores, ante as quaes é de bom gosto inclinar-se por causa de sua fraqueza e de seus encantos, mas que no fundo não estima-se. Elles tem aprendido a apreciar sua razão, a honrar suas virtudes, e o homem mais depravado

conserva sempre o respeito da mulher tão profundamente gravado em seu coração, que nos Estados-Unidos uma moça pôde emprender, sosinha, sem perigo, longas viagens. Em toda parte, nos caminhos de ferro, nos paquetes, nas salas de reunião, o melhor lugar lhes compete. «Essa cortezia é mesmo levada tão longe, diz Ampère, que aproveitam-se della os homens que acompanham alguma senhora. As mulheres precedem a todos, e seus cavalleiros com ellas. Vi diversas vezes um viajante astucioso procurar e trazer pelo braço uma velha paisana, á fim de proceder aos outros viajantes, porque tinha uma *lady in charge*.»

«A confiança, que a instrução séria das americanas inspira, motivou a deliberação de entregar-se-lhes a mais larga parte da educação publica. É á ellas que pertence a importante missão de educar as crianças até certa idade. Observámos que ellas mostrão-se dignas da missão, que lhes é confiada: em parte alguma o espirito publico é mais livre, mais activo, mais ousado, porém ao mesmo tempo mais religioso e mais submisso as leis, do que nessa republica, onde o ensino é em grande parte commettido ás mulheres.

«... Os americanos, querendo crear uma nação livre e forte, comprehendão que era indispensavel imprimir uma tempera energica á alma da esposa e da mãe. As meninas aprendem cedo á reflectir e a julgar as causas por si mesmas: não se lhes deixa essa feliz ignorancia, que na Europa dá tanta graça simples á sua belleza; ensina-se-lhes aliás o horror do mal, e habituão-se assim, a procurar e a seguir a verdade e o bem. Depois de estarem assim armadas, não receia-se atirar-as sem guia no meio do mundo.

«A severidade dos costumes reflecte-se na litteratura. Para adquirir-se reputação, é muitas vezes sufficiente na Europa escrever-se um livro pernicioso, o escandalo supprindo ao talento. Tais obras não terião leitores nos Estados-Unidos. O espirito publico, habituado á viver em uma atmosfera alta e pura, faria prompta justiça á esses vergonhosos desvarios da imaginação.

«O modo de contrahirem-se os casamentos, e a fidelidade conjugal que resulta delle, provão outrossim quão sabio é desenvolver o juizo das mulheres e entregar á ellas mesmas o cuidado de protegerem sua virtude. A joven americana escolhe livremente o esposo por ella preferido. Em vez de a lançarem ainda menina nos braços de um marido, ordinariamente pouco capaz de concluir a obra da sua educação moral os paes esperão que sua razão amadureça, e que sua vontade fortaleça-se, para então entregar-as á seu proprio destino. Ella sabe a extensão das obrigações, que o casamento impõe; ella já é mulher instruida e séria quando accêita os laços matrimoniaes. A estima e a sympathia profunda entre os esposos são tanto mais necessarias quanto a americana sabe que, casando-se, achar-se-ha em frente de deveres austeros e sérios. Ella não deixa uma existencia dependente por uma vida de festas e de prazeres; a cerimonia nupcial

não é para ella uma especie de libertação, diz ao contrario adeos á liberdade de sua mocidade para encerrar-se no circulo do lar domestico, circulo muito e muito estreito pela rigidez puritana.

«Os americanos tem pois felizmente resolvido um dos problemas sociaes mais graves. Tem formada mulhières sérias e fortes, instruidas dos seus deveres e firmes em preenchê-los.

«Nós não saberíamos dizê-lo bastante, é da mais extrema importancia, no ponto de vista social como no ponto de vista religioso, dar as meninas uma educação solida. A igreja catholica, que seus inimigos accusão de obscurantismo, foi a primeira a proclama-lo; em todos os tempos, ella ha contado, entre suas santas, almas tão notaveis pelo saber como pela virtude. Ha dusentos annos, em uma epocha em que a sciencia feminina era pouco applaudida, um dos prelados catholicos mais respeitados, Fenelon, não receiava falar dos conhecimentos que era necessario dar as meninas, afim de tornal-as proprias para o governo domestico que exige tanto discernimento e elevação de espirito.»

O sr. Jonveaux faz ainda algumas considerações, não deixando de notar que, com quanto nos Estados-Unidos o ensino das mulheres haja produzido muitos bons fructos sob o ponto de vista moral e social, todavia a vaidade do muito saber ha produzido excessos que vão prejudicando os fins da instituição, cuja missão era apenas esclarecer o juizo e guiar a vontade das jovens americanas para bem saberem cumprir mais tarde os seus deveres domesticos. A instituição é boa; convém imital-a, rejeitando porém os seus excessos. A educação das futuras mães de familia, no nosso paiz, educação dirigida sobre plano e convenientemente, será o alicerce dessa grandeza moral que ambicionamos e que augmentará nossa prosperidade material.

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

As ultimas noticias da campanha de que foi portador o paquete entrado á 27 alcançam até 6 do passado:

No dia 6 chegou a Montivideo o transporte *Rosario*, conduzindo os cascos dos 4º e 5º corpos de caçadores a cavallo; essa força constava de quarenta e tantos officiaes e noventa e tantas praças de pret; e seguia para o Rio Grande do Sul no vapor *Presidente*.

Nos primeiros dias do presente mez devia embarcar no Paraguay uma brigada commandada pelo coronel Faria Rocha, e composta dos battalhões n. 53 de Pernambuco, n. 40 da Bahia e n. 17 de Minas Geraes. Os dous primeiros estavam no Rosario e o ultimo em Humaitá, e seguião nos vapores *Galgo*, *S. José* e *Cuyabá*, com ordem de Sua Alteza para o desembarque na capital da provincia de Santa Catharina, e de lá pedir-se pelo telegrapho ordens ao governo imperial a respeito da vinda para a corte.

### Chronica urbana.

**Nomeação.**— Á 11 do corrente foi determinado pelo nosso venerando Bispo Diocesano ao revm. sr. conego Arias Theorigo Alves Serra, lente de historia Sagrada e Ecclesiastica do seminario episcopal, que em beneficio do ensino e utilidade do mesmo seminario, aquelle distincto sacerdote leccionasse a cadeira de latim, creada n'aquelle estabelecimento, para ser cursada pelos capellães da cathedral recolhidos no dito seminario.

É mais um serviço valioso e importante que está prestando á administração diocesana o muito activo e laborioso sr. conego Alves Serra, serviço tanto mais relevante quando se considerar que é gratuito, sem onus algum ao seminario.

Applaudimos o zelo, boa vontade, e dedicação desse illustre sacerdote, em secundar os louvaveis esforços do muito sabio e illustrado Diocesano Maranhense que deseja dotar o seu clero com instrução solida, dada por bons mestros.

A escolha do muito virtuoso sr. Bispo Diocesano não podia ser mais acertada, porque o eleito é um distincto e perfeito latinista.

**Acto de justiça.**— Com este titulo, lê-se em o noticiário do *Liberal* de 23 do corrente:

«Pelo tribunal da relação foi em sessão de 19 do corrente absolvido o dr. Deolindo Moura, e julgado, portanto, improcedente um dos processos que soffreu na provincia do Piahy.

Acto de completa justiça, elevou-se com esta decisão o tribunal da relação á altura que lhe é propria: mostrando, por mais uma vez, que perante juizes tão rectos e illustrados não encontram as paixões partidarias o pretendido acolhimento.

Honra pois aos desembargadores que concorreram com o seu voto para semelhante decisão, digna por certo de nomes tão illustres.

Ao nosso distincto amigo e collega dr. Deolindo Moura enviamos os nossos parabens, e dirigimos um apeto de mão; fazendo votos para que no seu 2.º processo, como é de esperar, triumpho novamente dos seus gratuitos inimigos.»

Acompanhamos o illustre collega em seus justos applausos, e chamamos a attenção dos leitores para o artigo que em outra parte publicamos.

**Fallecimento.**—O mesmo jornal assim noticia o funesto passamento de uma preciosa existencia:

No dia 21 do corrente mez baixou ao tumulo o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento.

Magistrado honesto, cheio de virtudes superiores, a sua vida foi uma serie de actos que sobremodo recommendão sua memoria, e enchem de justo orgulho sua numerosa familia.

Laureado em 1835 com o titulo de Bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda, escolheu o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento a carreira de magistrado, e, nella tendo iniciado sua vida publica, foi até o momento em que exhalou seu ultimo suspiro um typo completo de honestidade, de honradez.

A magistratura, pois, perdeu um dos seus dignos ornamentos, e o Tribunal da Relação do Maranhão um dos seus mais distinctos membros.

Á illustre familia do finado, a sua carinhosa esposa e dedicados filhos, cuja dor é inconsolavel, porque além de terem perdido o esposo modelo, o pai extremoso, virão desaparecer o unico arrimo que tinham na pobreza em que já viviam, enviamos os nossos sinceros pesames.

**Outro.**—Acaba a provincia, talvez o Brazil, de experimentar uma grande perda.

Na manhã de 27 do mez findo rendeu alma ao Creador um dos mais benemeritos artistas maranhenses.

O incançavel typographo, Bellarmino de Mattos, já não existe.

Victima de um cruel padecimento, que só torturou-o por cinco dias, morreu!

E com elle sumiu-se na valla do sepulchro um apostolo da arte, um obreiro infatigavel, um artista intelligente, um dos mais antigos e solidos proprietarios de typographia.

A sua consternada Familia nossos sentidos pesames.

## VARIEDADE.

### Um jornal livre e o Papa.

D'onde menos se esperava, diz a *Correspondencia* de Roma, dali é que partem as homenagens da mais respeitosa e sympathica admiração para com Pio IX. O *Figaro* dizia ultimamente:

«Ha muitos papas por esse mundo: o Grão-Turco, o Czar, o rei da Prussia, a rainha de Inglaterra.»

Em seguida faz o mesmo jornal uma apreciação do character, dos costumes, e do papel de cálla um destes soberanos, como chefes da religião de seu paiz.

É notavel, a respeito do Czar, esta confissão tão sincera e verdadeira: «O papa moscovita manda fuzilar um povo ajoelhado que pede o seu Deus, os seus altares, a sua nacionalidade, a sua lingua, as suas leis, os seus lares. Aos patriotas enforcão-os, ás mulheres agontão-as. De vez em quando os *adversarios de Roma* fallão e perorão em favor da Polonia. A nação enlutada só tem um protector, e este reside no Vaticano.»

Chegando a Pio IX. exclama o autor com emoção: «O inimigo, o unico inimigo desses escribas, é o Papa de Roma; é o Papa, rei de uma população inferior a um milhão de homens; é o ancião augusto que, apesar dos seus 80 annos, passa a vida mais rigorosa que se tenha infligido a um padre. É aquelle santo que só assiste ás festas daquelle de quem é neste mundo infallivel vigário, que se levanta ás 6 horas da manhã, assiste ao conselho de seus ministros, trabalha dez horas por dia, descansa comparecendo a todas as ceremonias religiosas, e termina seus trabalhos quotidianos dando audiencia e abençoando á todos aquelles que, dos quatro pontos do universo, acodem pressurosos para vê-lo: catholicos, protestantes, judeos, mahometanos. O inimigo, é aquelle maravilhoso ancião que se chama Pio IX; que a igreja não necessitará canonisar, porque a si mesmo se canonisa por virtudes sublimes, que não são deste mundo. E vós todos que o vistes, que o ouvistes, por ventura não vos sentistes tocados, como os discipulos de Emmaus, por um não sei que de suave, persuasivo, divino, que o cerca como uma auréola?»

«O tempo respeita a fronte augusta de Pio IX: é uma antecipação da immortalidade.»

## ANNUNCIO.

Nesta typographia se diz quem precisa alugar uma boa cosinheira.

Maranhão, 1.º de Março de 1870.

San Luiz—Typographia *Persegerança*, impresso por Antonio Amiceto de Azavedo.



nos em que braceja o homem em suas lutas e progressos.

O campo politico estremece.

Os camponeses allemães fazem correr ondas de sangue; e de então para cá, mais de uma vez, o braço tremendo das revoluções sempre erguido, tem de cepado mais de um jugular de soberano.

Mas em tudo é sempre a questão da autoridade.

Em sciencias, é principalmente philosophicas, as pujanças satanicas de Luthero não foram menos funestas.

Desde Descartes até Cousin tem crepitado uma fogueira inquisitorial e imensa para a queima da autoridade.

Ora como a idade media fora o reinado della, e a escolastica o seo mais valente defensor, vem a ser exactamente este o motivo pelo qual os philosophos da renascença, capitaneados por Descartes, tanto gritão e blasfemão contra a escolastica. E ainda mais:

No meio dos grandes homens que se ostentão como valentes columnas na escolastica, ha um verdadeiro astro luminoso: é S. Thomaz.

Ora querendo-se derribar a escolastica, era impossivel a sua queda em quanto S. Thomaz estivesse em pé.

Eis pelo que se tem votado tanto odio para aos escriptos de S. Thomaz.

E em tudo isto ainda anda o contacto lutherano; porque Luthero reconhecendo a importancia deste ponto de defesa dos catholicos, não cessava de gritar fremente de colera: *Tote Thomam et ecclesiam dissipabo*, tirai-me, tirai-me a S. Thomaz e eu desfarei em pó a igreja.

Todos nós catholicos sabemos que não é em S. Thomaz, sinão nas promessas infalliveis de Jesus, que se apoia e perdura a igreja catholica; mas tal era o odio lutherano contra a autoridade, que sendo S. Thomaz alto luzeiro em favor deste santo principio, *inde ira* de Luthero, d'ahi vinhão as iras luthernas.

Os herdeiros forçados desses odios do burelado Agostiniano contra S. Thomaz foram os philosophos cartesianos, ou *rationalistas independentes até a licença*.

É claro, por consequencia, que de tanto odio e injurias lançadas contra o Doutor Angelico, devia necessariamente nascer a indiferença, sinão o desprezo para com as suas obras.

É isto exactamente o que nos attesta a historia.

O proprio V. Cousin que não é muito facil em confissões que lhe são contrarias, deixou sair de sua bocca, no curso que fazia publicamente sobre a historia da philosophia, que os grandes homens da philosophia moderna, como o famoso Kant, são ignorantes do passado.

A razão deste facto, em homens alias tão avidos do saber, só poder ser encontrada no pouco prego em que tinham tudo que pertencia a escolastica, e este pouco apreço motivado pelas falsas apreciações de espiritos perversos, que avidos de plantar seus erros empenhavam-se em desacreditar a escolastica.

Foi este lençol mortuario que envolveu a philosophia thomista, e hoje não é difficil o encontrarem-se litteratos que fallão, criticação, redemicalisção as obras de S. Thomaz, sem ter lido um só artigo dellas, e talvez sem ao menos ter visto os volumes!

A estes motivos acressem outros, e vem a ser o haver o Doutor Angelico escripto em latim, e serem os seus pensamentos e theorias tão sublimadas, que se faz necessario mais de uma leitura dessas obras volumosas, para se alcançar a altura dos pensamentos da Aguiã Angelica.

Mas quem vai impressionado de preconceitos contra estes escriptos, desanima e esmorece na primeira questão senão no primeiro artigo.

Eis pelo que as obras de S. Thomaz estão em pouco apreço.

Entretanto para honra deste grande homem, e triumphos gloriosos da ver-

dade, releva dizer que morrendo as obras do Doutor Angelico nas escholas racionalistas, ha muitas congregações respeitaveis por todos os titulos, onde o ensino da philosophia thomista se tem mantido; e hoje a reacção catholica se pronuncia de modo vantajoso.

É da ordem dos acontecimentos: depois das tormentas que impolão os mares, devastão as searas, vem a bonança, e a natureza corre calma e tranquilla.

Exaradas assim estas considerações sobre as grandezas e supposta morte, ou decrepitude do grande chefe e luzeiro da philosophia catholica, passemos a apreciar o chefe da philosophia racionalista, da philosophia que segundo o entender do meo honrado ex-mestre, é a philosophia verdadeira, corrente em todas as escholas, e que está na altura das luzes contemporaneas. Em summa apreciemos a Descartes.

#### VIII.

Descartes nasceu em Haya, em 1596, fez sua educação no collegio de Fleche e entregou-se a profissão militar. Foi do meio do barulho das armas, do movimento das guarnições que saiu esse decantado philosopho, luminoso guia da philosophia moderna.

Muitas vezes seduzido pela aurea que circundava este homem, tenho corrido avido a leitura de suas obras, para contemplar as maravilhas dessa aguiã tão preconizada nas escholas; porem só tenho encontrado o orgulho, a fatuidade, pretensões ridiculas, repetições fastidiosas de ideas repisadas nas escholas pagãs, theorias contraditorias, adversas a religião catholica e ao bom senso.

Eis o que hei encontrado em algumas peregrinações, que tenho feito por essas paginas bem fastientas de Descartes.

Mas para não se dizer que condenino ao *messias* da philosophia moderna sem o citar, eis algumas considerações.

Suppondo o bom Descartes que o genero humano até o seu apparecimento, fora *mutus et turpe pecus*, mudo e bruto rebanho, sem pensar, elle persuade-se estar missionado para dar ao mundo uma philosophia, luz fulgurante, que espantaria as trevas em que nadava a humanidade até ali. Eis as suas palavras: *Hoc mihi agendum restaret ut integrum philosophiae corpus humano generi darem.* (Princ. philos.)

É o supra-summo da fatuidade! Mas elle não para ali. Depois de tanto impavonear-se principia a dizer absurdos. Está demonstrado, diz elle, que os que professão a philosophia, são muitas vezes os que sabem menos, e não fazem melhor uzo da razão, do que os olhecos a tal materia. (Ibidem.)

Logo, segundo o pensamento do bom Descartes, os que se applicão ao cultivo da sciencia, fazem peor uso da razão que os ignorantes. Esta confissão, ou antes descoberta da philosophia *independente*, em frente de outras passagens de Descartes, quer dizer que todos os homens são bem estupidos, e que todos os philosophos o são ainda mais.

Isto tem intima filiação com o pensamento de seo irmão Rousseau quando disse: *O homem que raciocina é um animal depravado.*

Foi por fazer tão má idea da humanidade, e da capacidade intellectual, que o valente defensor dos direitos da razão não cessava de dizer: «Si bem que todas as verdades que formão meos principios, sempre fossem conhecidas, e por todo o mundo, entretanto até o presente não houve uma só pessoa, que eu saiba, que comprehendesse poder-se deduzir destas verdades o conhecimento de todas as outras couzas existentes no mundo.» (Idem.)

Foi incontestavelmente embelezado por estas e outras pretensões tranescas e gongorianas que V. Cousin, em seus poeticos sermões, depois de haver cantado o dia e hora do nascimento de Socrates, como o Messias da philosophia antiga, canta abrasado como Milton e Tasso, o nascimento de Descartes, como

sendo o Messias da philosophia moderna!

Ah! pobre humanidade que tantas quedas deo antes que nascesse o *Messias* Descartes! Quantos erros, quantas contendas, e quantas perdas não repararia o *messias* da philosophia se tivesse nascido mais cedo!

Oh! Descartes, para que não apparecesse alguns seculos antes, para que esta pobre humanidade não soffresse tanto?!?

Jesus completando a sua grande obra da redempção da alma e da intelligencia, a d'aquella pelos sacramentos e a desta pelo ensino infallivel da verdade, disse a seus mensageiros: *Ide... e o Espirito Santo vos ensinará todas as verdades, docebit vos omnia.*

Mas Descartes legando sua philosophia a humanidade em ar de grande Profeta, mostrou ou pretendeu mostrar que a promessa de Jesus fallou, e que a missão da philosophia não é demonstrar e sim descobrir estas *altas e importantes* verdades que somente elle soube desenrolar de altos principios.

Mas isto é uma pretensão ridicula; por que todos nós catholicos contemplando a immensa obra do christianismo, a luz que derramou em todas as questões, os problemas que resolveu em todos os terrenos, as reformas que completou em todos os campos, não podemos crer que o christianismo fosse impotente para formar uma philosophia.

Cremos que diante da historia do catholicismo, o Descartes christão ficou altamente mutilado pelo Descartes philosopho. (1)

Seria para estimar que nos dissessem em que theoria consiste a gloria de Descartes.

Muitas vezes a tenho procurado, mas debalde.

Será nos turbilhões? Creio que não. É o mesmo Cousin, seo amigo até o fanatismo, confessa que a gloria de Descartes não está nos turbilhões; theoria que foi enterrada no ridiculo do Vaudeville.

Realmente, um christão que escreve e sustenta, que com a materia e o movimento ia formar brincando todo esse immenso universo, é bem indigno da confiança publica no campo scientifico, sinão até no social!

Alem desta *brilhatura* sustentou ainda o bom Descartes na questão da origem e formação das ideas a theoria das *ideas innatas*, que depois de explicações e retoques é pouco mais ou menos a impia theoria platonica.

Na questão da união da alma com o corpo, preconizou e defendeo o torpe systema das causas occasionaes, proclamando a dualidade platonica e o fatalismo mahometano.

Em philosophia ha sobre tudo dois pontos culminantes, que importão quasi toda a philosophia, e vem a ser a questão da origem e formação das ideas e a união da alma com o corpo.

Errar sobre estes dois pontos importa errar sobre tudo.

Ora Descartes sobre estas duas questões não proclamou somente erros, sinão erros tremendoes, que conduseram a abyssos insolidados.

Onde, pois, está a gloria de Descartes? Cousin, a bocca moderna e universal dos philosophos racionalistas, diz, que a gloria do grande homem está no methodo.

Porem ainda ali é mais uma passada que precipita em tremenda queda; porque quem tem lido a historia dos systemas da philosophia da renascença, sabe que todos os falsos systemas nascerão do methodo cartesiano.

E para não marchar em duvida leião a historia da philosophia do proprio Cousin que não pode ser suspeito, e ver-se-ha como elle confessa que o cartisianismo continha em germen todos esses sys-

(1) Para evitar duvidas declaro que não accuso a Descartes como catholico e sim como philosopho. Creio que foi bom christão.

temas que o tempo se encarregou de deduzir.

Alem desta confissão que deve ser de alto valor para o Sr. Dr. por pertencer a um dos homens distinctos do seo credo, podem ser consultadas as obras de Gioberti; Goudin Rosetis; Ventura, Huet, e sobre tudo o incançavel De Bonald e tantos outros que escarnarão, derribarão, esmagarão e matarão o methodo cartesiano.

Ora eis ali resúmidamente o grande homem com quem se abraça, colla, une e se encarna o honrado Sr. Dr. Jauffret e aspira sob suas azas passar a procella das escholas, pretendendo que desse naufragio immenso dos partidos philosophicos, só o cartisianismo ergue-se cuberto de suor e pó, como os lutadores, porem ergue-se ovante do grande pugilato.

Seja assim como o quer o honrado Sr. Dr. pois nunca passou-me pelo pensamento encommodar a pessoa alguma por ideias que professe.

Mas os direitos da tolerancia devem ser reciprocos; e por isto não posso suportar a sanção fria que o illustre Professor de Philosophia do Lyceo maranhense, julgando-se invulneravel até os talões, por estar cuberto com o seo bronzeo escudo cartesiano, supponha, e ponha em obra pelo seu voto de examinador, que tudo, fora da sua philosophia, é puerilidade; é pura *theologia*, *falsa declamação*; *ideas e theorias da idade media*, tempos de *despotismo* e de *escravidamento do pensamento*, como muitas vezes o disse em suas preleções eruditas e até mesmo no dia do meo exame.

Sei que este modo de gritar-se contra a idade media, como do fumo das fogueiras da inquisição, é moda; (não sei se por acharem bonito) porem o Sr. Dr. devia lembrar-se que mil vezes se tem respondido ás accusações contra o pretendido despotismo da idade media. Ou S. S. não tem conhecimento destes escriptos? Pois para não citar obras de difficil acquirição basta ler as tão populares obras de Balme, Ventura, Rhorbachier, Bergier, onde a verdade é vingada com força irrespondivel.

Porem tratando-se mesmo no acanhado terreno em que nos achamos para que o honrado Sr. Dr. Jauffret persuada-se que a philosophia escolastica, personalisada em S. Thomaz, não é caduca, como o supõe, quero refutar os seus argumentos, apresentados em o meo exame, somente com as doutrinas thomistas. E então o Sr. Dr. e o publico verá o nada dessa philosophia que tão ataviada corre infelizmente em nossas escholas, derramando o erro e o veneno sem o sentirmos.

Será isto objecto dos proximos artigos.

Maranhão, 1870.

PADRE R. ALVES DA FONSECA.

Em o nosso ultimo artigo alem d'outros erros typographicos de facil correção encontrão-se os seguintes que merecem reparo: P. 3.<sup>a</sup> col. 3.<sup>a</sup> l. 48 diz: é necessario *ser-se*, leia-se é necessario *ser*. L. 53: em um silencio, leia-se: em silencio. Linhas 57 cabendo-me, leia-se: cabe-me

#### RELIGIÃO.

##### O protestantismo julgado pelo sr. Alexandre Herculano.

Se nos dias, desgracadamente muito communs, das magoas externas, só o catholicismo tem conforto para o homem rude, nos de contentamento só o catholicismo tem festas que convertam para a gratidão e para Deos o seu gosto interior, que tende a trahbordar em risos e folgares. O simples repouso do domingo, para o que, condemnado a labor indefeso durante a semana inteira, compra a custa do suor e cansaço um pe-

co de pão duro e grosseiro, é uma alegria semelhante á do preso, que, adormecendo nos ferros, despertasse livre. Aquelle coração precisa de dilatar-se, aquelles sentidos de recrearem-se, aquelle espirito murchinho e triste, de tornar viçoso, de desabrochar de novo ao sol da vida, ao menos n'alguns desses dias reservados ao descanso. E então que o catholicismo lhe offerece as pompas das suas solemnidades: o templo illuminado, os cantos dos sacerdotes, as harmonias do órgão, o espectáculo brilhante das vestes sacerdotaes e dos adornos do altar, os ramilhetes povoando os degraus do sanctuario, ou juncando o pavimento, o incenso embaalsamando a atmosfera. E como tudo isto é para as multidões, o culto trasborda do estreito recinto e derrama-se pelas ruas, pelas praças, pelos campos em procissões, em cirios, em romarias, o povo fluctua, folga, resa, tripudia, esquece-se dos seus destinos de miséria e trabalho, ama a religião que o consola, e voltando ás suas habituaes fadigas, leva para o meio della a saudade do dia—santo e as recordações affectuosas da igreja.

E o protestantismo? o protestantismo despedaçou os vultos dos santos, prohibio os oragos, as procissões, e as romagens: apagou as luzes; varreu as flores; assoprou o incenso! Fêchou-se na celebração do domingo; fez bem, bem ao povo, a quem para tedio e tristeza, nos paizes protestantes, sobeja o domingo. E por que fez elle isto? Foi por que essas cousas eram superstições papistas: as imagens idolátricas, a agua benta, agua lustral, as vestes sacerdotaes indecencias ridiculas, as cerimoniaes visagens, a missa mentira. Trêchos da biblia, e compridos sermões ficaram bastando ao culto externo, e se alguma cousa deixaram ainda a este, poetica, e attraetiva, foi o canto dos psalmos, e as harmonias do órgão; por que, como todos sabem, nas agapas dos christãos primitivos cantavam-se os psalmos do som do órgão!! Os protestantes são incontestavelmente antiquarios eruditos, mas sobre tudo, logicos.

Qual foi o resultado desta reforma insensata de instituições antigas e venerandas? Foi que o culto se tornou n'um habito machinal, n'uma acção que se pratica na impossibilidade de se praticar outra. A policia vigia sobre isso. Deixe ella ao domingo abrir as lojas, os passeios, os estabelecimentos publicos, os espectaculos, as fabricas, as officinas: deixe correr nas ruas do corpo social os carros e os cavallos, e os templos dos christãos e a natureza mais fervorosos no protestantismo ficaram tão ermos como os campos da Irlanda, onde o reitor proclama no domingo sermão que ha de enlutar, e não allear o mundo, em meio de um recalcitrante rebanho, e para de presbyterio solitario ouve apregoar a sua missa que em altar portado diz o pobre clérigo catholico, verdadeiro e legitimo pastor, a quem incumbem o consola-los, bem como ao parochio protestante pertence... o que? Fazer prelicas ás paredes, e comer os dizimos, Sacramento, que, de certo, o puritanismo protestante achou n'algum alfarrabio velho ter sido instituido por Christo!

Temos ouvido lamentar as pessoas de boa fé destas que estudam as nações nas apparencias, e não na vida intima, que o catholicismo não tome entre nós a severidade e decencia exterior do culto anglicano; que o dia consagrado ao Senhor não seja guardado pontualmente; que as nossas igrejas não offereçam na celebração dos officios divinos a gravidade, o silencio, a ordem, o asseio de um templo protestante, nas horas destinadas á oração. No estado actual das sociedades, em que o fervor dos primeiros tempos christãos tem esfriado, em que, tanto entre catholicos como entre protestantes, a religião deixou de ser o primeiro, ou ao menos, o exclusivo negocio dos homens, o que elles desejam para a felicidade, e se absolutamente um

bem, relativamente um grande mal; por que as causas que facilitam esse estado de cousas na Inglaterra são á prova mais clara da morte, senão de uma certa religião vaga, em que os espiritos mais cultivados se alevantam até ao pé do throno de Deos, ao menos da religião positiva, pratica, definida, morta e enterrada ha muito na mina de carvão de pedra chamada Grã-Bretanha.

Já dissemos que não é tanto o sentimento religioso que guarda em Inglaterra a decencia do culto, como a admiravel policia ingleza. Quem não o sabe? Quem ignora que naquella paiz a religião tem a natureza de outra qualquer formula material da sociedade; que é uma cousa como o regimento, a não da guerra, o work house? Ao christão um vigário, uma biblia e a cadeia se pertubar o officio divino; ao soldado um coronel, uma espingarda, e uns agóites se inchegar a cabeça na fôrma; ao marinheiro um commodoro, um posto junto da aninrada, e um mergulho por baixo da quilha se offender á disciplina; ao miseravel que vai cahir no work house um director implacavel, uma atafona, e razão curta para aprender a deixar-se estalar á mingua sem pedir esmola. A cada instituição suas condicções, sua sancção penal, seus destinos: o regimento serve para provar aos charlistas que a melhor organização politica possível é a que faz morrer annualmente milhares de obreiros de fadiga, de fome e de febres putridas sobre uma pouca de palha fetida e humida, no fundo de subterraneos; a não serve para civilisar a India pelas contribuições, e moralisar a China pelo opio; o work house serve para curar radicalmente os que não tem nem pão nem camisa, do vicio infame da mendicidade; enfim a igreja dominante (established church) serve para sustentar de dizimos muitas familias honradas com as modestas e reformadas prebendas anglicanas, entre as quaes nenhuma excede a vinte mil libras esterlinas per annum, ou, em moeda portugueza, obra de uns mesquinhos duzentos mil cruzados.

Continúa.

### O Sr. Bispo de Orleans e o concilio

O illustre Bispo de Orleans, cujos serviços ao catholicismo são tão conhecidos, pouco antes de partir para o Concilio surpreendeu a todos os seus admiradores, dirigindo uma manifestação intima sua ao clero de sua diocese, em a qual declara inopportuna a definição do dogma da infallibilidade pontifical pelo actual Concilio.

O movimento causado pelas suas observações foi extraordinario, mas não produziu o effeito que o illustre Bispo de Orleans desejava.

O mundo catholico abalou-se pela novidade, mas não estremeceu nem de leve em sua crença, pelo contrario, parece ter-se mais uma vez cumprido o designio da Providencia, pois as observações de Monsenhor Dupanloup foram causa de firmar-se ainda mais a crença universal na infallibilidade pontifical.

Acostumados desde muito tempo a respeitar e admirar o genio, serviços e dedicacão do illustre Bispo de Orleans, sentimos profunda dor ao lermos suas observações, onde superabunda tudo, excepto aquella boa fé com que caracterisava seus escriptos e aquella unção, com que edificava a tão crescido numero de leitores.

Desconhecemos a pena habil de Monsenhor Dupanloup, e por vezes chegamos a duvidar, que o defensor sublime do poder temporal dos soberanos Pontifices, fosse o autor de um livro, cujo fim era enfraquecer a autoridade espiritual dos Vigários de Jesus-Christo.

Força porém foi accitar o facto, o mais uma vez reconhecer as contradicções deste mundo, ainda no que ha de mais elevado e grande.

O que mais admira é a argumentação empregada pelo illustre Bispo de Or-

leans para sustentar o que chama sua convicção intima, e para chamar após de si grande numero de sectarios.

Servio-se antes dos meios humanos e fracos, do que dos sobrenaturaes; attendeu mais ás considerações humanas, do que aos interesses da verdade, proclamou-se defensor dos seismaticos, dos protestantes, dos catholicos liberaes, e esqueceu a conveniencia de firmar para sempre a crença de que o Soberano Pontifice é o poder que ensina e decide sem os perigos do erro.

Para isto lá foi o illustre Bispo de Orleans desencavar factos da vida de Papas destruidos hoje pela critica moderna, e nos quaes nunca acreditou, para melhor sustentar sua opinião intima.

Admira que a pena do illustre Bispo de Orleans se prestasse a sustentar que na questão da rebaptisacão fôra S. Cypriano condemnado; quando todos sabem, catholico ou não, que a decisão do Papa Santo Estevão permaneceu e ainda permanece, e que S. Cypriano depois de longa e desagradavel discussão, não rejeitou a definição de Santo Estevão. Entretanto sinceramente o illustre Bispo de Orleans não pode ignorar este ponto de historia, nem qual foi o procedimento de S. Cypriano para com o proprio Papa Santo Estevão sobre Marcião, Bispo de Arles, quando se separou da communhão catholica para seguir o anti-papa Novaciano; nem tão pouco em relação a Basilides, Bispo de Leão, e Marcial, Bispo de Astorga, libellaticos.

Conhecendo o illustre Monsenhor Dupanloup a alta consideração que S. Cypriano tributava á Santa Sé, porque razão ella uma questão que esteve bem longe de terminar conto affirmou, senão para enfraquecer a crença na infallibilidade pessoal do Soberano Pontifice?

Nem pode prevalecer, nem é accetavel que o pensamento de Monsenhor Dupanloup fosse o seja combater a opportunidade da definição, porque Monsenhor Dupanloup sabe bem que é ao Espirito Santo que compete decidir dessa opportunidade.

E por isso que dissemos ha pouco que Monsenhor Dupanloup deu mais importância aos argumentos humanos do que aos sobrenaturaes.

Ainda mais, Monsenhor Dupanloup tendo subscripto á mensagem que quinhentos Bispos dirigiram ao Santo Padre á 29 de julho de 1867, d'onde vamos extrahir algumas significativas palavras, não podia pronunciar-se positivamente contra a infallibilidade do Pontifice; e por isso soccorreu-se da tangente opportunidade. Eis as palavras á que nos referimos. «Este dia (29 de julho de 1867) offerece á contemplação de nossos espiritos a firmeza da inabalavel Pedra sobre a qual Nosso Senhor e Redemptor assentou o vasto e immortal edificio de sua Igreja; porque temos debaixo dos olhos este admiravel effeito do poder divino; ha dezoito séculos, por entre tantos abalos e adversidades, e no meio de continuos ataques de tantos inimigos, a cadeia de S. Pedro, órgão da verdade sobre a terra, fundamento e baluarte da liberdade da Igreja, é sustentada, sempre firme e inteira: do sorte que, enquanto os rios e os imperios se levantam e abatem de continuo uns contra os outros, subsiste esta immortal cadeia sempre de pé, como um pharol de salvacão sobre o tempestoso mar da vida humana, dirigindo os mortaes e mostrando-lhes, por sua luz, o porto tranquillo de salvacão...»

«Acreditando nós que Pedro fallou pela boca de Pio, tudo o que disseses, confirmastes, manifestastes, nós tambem dizemos, confirmamos, annunciamos: e com uma perfeita unanimidade de sentimento e de linguagem, rejeitamos tudo quanto vós julgastes dever rejeitar e re-provar como contrario á fé divina, á salvacão das almas e ao bem da sociedade humana, porque temos firmemente e conservamos gravado em nosso espirito o que os Padres do concilio de Florença unanimemente definiram no decre-

to de união, a saber: «O Pontifice Romano é o Vigario de Christo, o chefe da Igreja Universal, o pai e o doutor de todos Christãos, e que á elle, na pessoa do bemaventurado Pedro, foi dado por Nosso Senhor Jesus-Christo o pleno poder de pregar, reger e governar a Igreja Universal.»

Se esta era em 1867 a crença de 500 pastores, como atacar em 1869 a crença do rebanho?

Escrevendo estas palavras não tivemos em vista offender o illustre Bispo d'Orleans, mas prevenir aos catholicos do Brazil contra a torrente de correspondentes da Europa, que elevando o acto de Monsenhor Dupanloup, procuram enfraquecer-lhes a crença e arrastam-lhes atrás de seu carro apparentemente triumphante.

Não foi, repelimos, a opportunidade da definição do dogma da infallibilidade, que Monsenhor Dupanloup combateu, mas sim a propria infallibilidade.

Sobre isto basta ler o illustrado autor da *Chronica do Concilio da Revista do Mundo Catholico*; eis o que nos diz elle: «O Espirito-Santo conhece melhor do que nós as opportunidades, e quem não sabe que as opportunidades divinas não são as opportunidades humanas.

«Si fosse preciso esperar pela accetacão unanime de uma verdade para ser defendida, quando se-lo-lia? Que utilidade haveria então em defini-la?

«O que parece porém certo, a quem lê as observações de Monsenhor Dupanloup, é que o eloquente Prelado fez completa abstracção do lado sobrenatural, para recorrer á habilidades humanas, para fazer prevalecer verdades humanas, e para ver diante de si somente os incredulos, os governos, os seismaticos, os protestantes, olvidando a existencia dos catholicos, que tem necessidade da serem esclarecidos, que tem necessidade de achar, na posse clara e certa da verdade, esta união dos corações, esta unidade das intelligencias, que constitue a invencivel força da Igreja.

Si os Bispos de Chalons e de Marseille adheriram a Monsenhores Maret e Dupanloup, tem os catholicos a consolação de ver sua crença escudada pela crença dos Prelados da França, a cuja frente se encontra Monsenhor Plantier, Bispo de Nîmes, dos Bispos da Belgica dirigidos por Monsenhor Deschamps, Bispo de Malines, pelos Bispos de Inglaterra, Escocia e Irlanda, doutrinaes por Monsenhor Manning, Arcebispo de Westminster, enfim por todo o episcopado catholico, por essas repetidas e numerosas manifestações do clero das dioceses da Europa publicadas pelo *Univers*.

Ler o *Univers* é reconhecer o triumpho das crenças sobre a infallibilidade.

### EXTERIOR.

#### O tratado de commercio entre a França e a Inglaterra.

—A agitação protecçionista contra o tratado tem feito apparecer manifestações em favor do mesmo tratado, que são importantissimas pelas cidades que as fizeram e pelos grandes interesses representados. Em Bordéas organiza-se uma associação de negociantes e armadores para defeza do tratado. Pariz dirige uma representação ao ministerio do commercio, em que declara «a sua firme adhesão ao principio da liberdade de commercio e protesta contra qualquer tentativa com o fim de afastar-se desse principio. Si Bordéas falla em nome dos commerciantes de vinho, isto é, dos interesses agricolas da maior parte da França, Pariz falla em nome dos refinadores de assucar, dos construo-

ores de machinas e de outras industrias que consomem grandes quantidades de carvão, bem como em nome das industrias especiaes que tem tornado celebre no mundo inteiro a capital da França e a que o tratado abriu vasto campo. Serve para demonstrar quaes os sentimentos de Paris sobre este assumpto a circumstancia de que o Sr. Pouver Quertier, que, depois de alguma hesitação, decidio se a se apresentar candidato a um dos lugares vagos de deputado, não ouso proclamar-se proteccionista. Seus amigos apresentaram-o como homem pratico, de ideias liberaes adversario do imperio e disposto a substituir o governo do paiz pelo paiz ao governo pessoal, e elle proprio diz que o seu programma e «Liberdade, ordem e trabalho.»

Uma demonstração mais importante do que as de Bordéas e Paris foi a que fez Lyon, segunda cidade da França e sede de sua maior industria. A poucos dias passados, cerca de duzentos dos principaes fabricantes de seda da cidade reuniram-se na praça do commercio e, depois de pequena discussão, adoptaram a seguinte resolução; e convencidos, de que o commercio livre contribuiria efficaçamente para estabelecer e apertar entre as nações laços de mutua dependência, que asseguram a prosperidade; convencidos a além d'isto, de que a concorrência, longe de ser prejudicial ás industrias do paiz, pelo contrario a estimula e lhes vigora as forças; os fabricantes de Lyon pedem ao governo que prosiga resolutamente em que seja mantido o tratado de commercio com a Inglaterra celebrado em 1860, si não poderem fazer ao mesmo tratado alterações mais liberaes.»

## LITTERATURA.

### O trabalho.

Da necessidade do trabalho nasceu a necessidade da ordem e da economia.

A ordem e economia guião naturalmente á posse da propriedade, que é a base de toda a sociedade bem estabelecida.

Portanto, sem trabalho e propriedade não podem existir os homens, nem os estados: tal é a origem dos progressos de ambos, e posto que evidente seja este ponto, achamos com tudo utilidade em o desenvolver.

O homem honrado e laborioso é digno de ser estimado em qualquer situação em que se ache. Quasi sempre pesa sobre elle o fardo dos trabalhos indispensaveis á sociedade, sem que goze dos prazeres que esta offerece; mas, como em recompensa, vive por isso isento de alguns vícios e enfermidades inherentes á ociosidade.

Uma excellente constituição phisica, junta á precisão do trabalho; o afastão de crises febriças e dolorosas, hoje, tão communs á toda a casta de pessoas.

O que afflige vivamente o amigo da humanidade é o ver reduzidos a miséria, por doenças imprevistas, ou grande peso de familia, homens honrados e laboriosos. Sente-se então a mesma dor que nos desperta a vista

de um veterão que, tendo encanecido na defeza da patria, luta com a miséria e fome.

O trabalho contribue mais do que tudo para moralisar as classes inferiores da sociedade, sobre este ponto reclamamos a attenção do legislador.

O principal dever de um bom governo consiste em dar ao paiz cidadãos religiosos e honrados. Os homens virtuosos e sem mancha servem de modelo aos contemporaneos. Individuos taes são uteis á sociedade, não só enquanto vivem, mas ainda depois de mortos, pelo exemplo que suas boas acções legão á posteridade. Póde comparar-se a morte do homem justo ao feneceer de um bello dia, que se nos deixa agradaveis impressões do passado, nos mostra um futuro li-songeiro.

Os gsvornos são obrigados a fazer quanto estiver ao seu alcance para socorrerem o homem laborioso, que se vê reduzido á miséria; e como por muito boa vontade que tenham sempre os seus recursos são limitados, deve para isso valer-se do concurso de todos os cidadãos. Os progressos da industria, que algumas vezes originão momentaneas perturbações entre os operarios, mostram a necessidade e conveniencia do que levamos dito.

Parece-nos que o modo mais facil de conseguir este fim seria estabelecer em cada municipalidade um asylo de beneficencia que socorresse, conforme as circumstancias, os operarios e individuos de classes inferiores reduzidos á miséria por doenças, ou quasquer outras causas independentes da sua vontade. Os meios de que se deveria lançar mão para manter tão util instituição, poderião muito bem consistir n'um pequeno imposto addicional, entregue á gerencia do sobredito asylo.

Concluamos, pois, dizendo que nada ha que offereça mais vantagens ao povo, e que mais possa concorrer para lhe mitigar os soffrimentos, do que as caixas economicas, e os socorros geraes, bem repartidos: como hoje se pratica em varios paizes da Europa.

## NOTÍCIAS.

### Chronica urbana.

**Badia importante.**—Um dis-cipulo cavalheiro, residente no interior, á quem chegou o conhecimento da instalação do novo collegio da Immaculada Conceição, fez aos seus directores, um importante donativo.

Consta este de todos os paramentos e ornamentos necessarios para uma capella, e precisos para a celebração do Sancto Sacrificio da Missa.

Dotado como é de tam generosa alma quanto de sentimentos elevados, o prestantissimo cidadão, revelando seus religiosos sentimentos, deseja que seu nome seja esquecido, apenas lembrado pelo sacerdote quando offerecer o incruento sacrificio.

Applaudindo esse proceder magnanimo, de tam boa e espontanea vontade praticado, aqui o registramos como digno de todo o elogio.

Amigos sinceros das emprezas litterarias toda a sorte de animação prestada á ellas não nos pode ser indifferente.

**Monitor.**—Com este titulo achase publicando nos prelos da typographia

*Liberal* um novo periodico, revista dos interesses publicos, que sae duas vezes por semana, como diz em seu frontespicio.

Recebemos os primeiros numeros e agradecemos a obsequidade do contemporaneo.

Tenha o *Monitor* longa vida, e preste á provincia os beneficios que se deve esperar de suas promessas.

Eis o que desejamos ao novo lidador que saudamos.

**Hospital Portuguez.**—Acaba o honrado e intelligente Sr. Frias de publicar um bello trabalho de que é ao mesmo tempo autor e editor sobre os festejos celebrados pela inauguração do Hospital Portuguez.

A composição e impressão nitidas do pamphleto são mais uma prova do adiantamento da officina typographica deste laborioso artista, cuja dedicacão e apostolado pelo adiantamento da arte são notorios.

## VARIEDADES.

Mercê de Deos, acaba a Igreja de receber uma grande consolacão de pois de ter sido tão affligida com a apostasia de Fr. Jacintho.

Monsenhor de Segur, bem conhecido no mundo catholico pela immensidade de utilissimos opusculos que tem publicado em defeza do Catholicismo, acaba de dar perante a Igreja Catholica um sublime exemplo de humildade, que ha de tornar para sempre celebre o seu nome.

A Santa Sé, procedendo sempre com a mais severa imparcialidade no exame das doutrinas contidas nos livros que se vão publicando, notou alguns erros dogmaticos n'um dos opusculos de Monsenhor de Segur, e condemnou-lhe a obra.

O illustre prelado, qual outro Fénelon, profundamente submisso á Igreja, que acabára materia que censurar em um opusculo que até muito elogiado fóra em França, apressou-se em retirar da circulaçao o seu opusculo, cuja edição tinha sido de 17,000 exemplares.

Em seguida dirigio S. Ex. Revma. uma linda carta ao Redactor do *Univers*, manifestando-lhe os seus sentimentos de respeito e obdiencia para com a Santa Sé, unico tribunal infalivel sobre a terra, e supplicando a todos os seus leitores que condemnassem o seu opusculo e o tivessem por prohibido, assim como elle mesmo o condemnava.

Vejam os nossos leitores como é sollicita a Santa Sé em condemnar o erro, para donde partir, e como neste rigoroso exame não faz excepção de pessoas, e por isso, injustos são aquelles que a accusam de parcialidade!

### Duração da vida dos animaes.

O ultimo numero de um jornal, publicado em Vienna por uma associação protectora dos animaes, contém os dados seguintes sobre a idade d'elles.

O urso vive raramente mais de 20 annos; o cão e o lobo igualmente 20 annos; a raposa 14; os leões vivem largo tempo; um leão do jardim zoologico de Paris attingio a idade de 70 annos; as lebres vivem 8; e os coelhos 7.

Quando Alexandre Magno venceu o rei indio Porus, consagrou ao sol um elephante que combatera corajosamente por este rei e o denominou Ajax; de-

pois de o ter assignalado com uma inscripção, deu-lhe liberdade. Este animal foi encontrado passados 350 annos. Os porcos chegam a viver 20 annos; o rinoceronte não passa dos 25. Houve cavallo que viveu 52; a idade média da vida do cavallo é de 25 a 30. As vaccas vivem cerca de 25 annos.

Couvier suppõe que as balças vivem mil annos.

Os golfinhos e espadartes chegam a idade de 30 annos.

Uma aguiá morreu em Vienna aos 103 annos de idade. Um sr. Malleton possui o esqueleto de uma cysne que viveu 397 annos. Os pelicanos vivem 62. As tartarugas chegam aos 100 annos.

## ANNUNCIOS.

A typographia *Perseverança*, onde imprime-se este jornal, mudou-se para a rua das Viollas, casa numero 59.

Acham-se a venda nesta typographia e em todas as livrarias da capital as seguintes obras:—

### Discurso

proferido pelo illustrado maranhense, o Exm. Senr. Doutor Candido Mendes de Almeida, na Camara dos Senrs. Deputados, á 20 de Julho de 1869, em defeza das ordens religiosas, precedido de uma introdução.

### Manual de Orações,

Contendo varios assumptos:

I ORAÇÕES, para todas as circumstancias da vida do christão;

II. VISITAS ao SS. Sacramento e á SS. Virgem Maria, por Santo Aphonso de Ligorio;

III. SAUDAÇÕES ao SS. Sacramento, na adoravel Eucharistia;

IV. LADAINHA de Nossa Senhora;

V. VESPERAS e COMPLETOS para os Domingos.

13000 reis cada exemplar.

Nesta typographia vendem-se colleções do jornal *A Nação*, com abatimento razoavel.

## ATTENÇÃO.

Na rua das Hortas casa n. 36 todas as manhãs ha lindas e odorosas flores para venderem-se. Tem tambem pés de lindas rosas das qualidades mais raras e exquisitas, como sejam: Monte-Christo (rosa veludo), Rainha Margarida, Rainha Rosa, Rosa Cravo, Rosa amarella, Guacabara, Conde de Artagão, Anna d'Austria, Luiz XV, Luiz XVI, Luiz XIV, Sidonia, Washington, Pedro II, Napoleão, Cambraia, Cassa da India, Flor de Maria, Principe Alberto, Rosa Inglesa, Orvalho Celeste, Francisco I., etc., etc.

Nesta typographia se diz quem precisa alugar um bom cosinheiro.

Maranhão, 1.º de Março de 1870.

San Luiz—Typographia *Perseverança*, impresso por Antonio Azevedo de Azevedo

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 23 DE MARÇO DE 1870.

## Dos direitos do povo.

Duas escolas de publicistas ha: uma que lisongea o poder, deprimindo o povo, outra que exalta o povo, abatendo o poder.

Não ha razão para manter essa divergencia entre os elementos constitutivos da sociedade, nem para, favorecendo ora um ora outro, humilhar este ou aquelle.

Pode ser distribuida a justiça sem offensa de direitos, e é somente nessa hypothese que ha justiça real.

O poder por ser em sua essencia grande não merece a lisonja; o povo por ser a origem onde reside o poder a elle se não deve occultar a verdade.

Evitando escolhos taes, onde de ordinario naufragam ainda os melhormentes intencionados; vejamos si do povo podemos defender os direitos, guardando, entretanto, justas reservas e serios respeito ao poder.

Em um paiz, como o nosso, regido pelo systema representativo, e de governo constitucional, a elucidação dos direitos dos cidadãos deve ser tal que exclua toda a duvida, devem elles ser discutidos de modo que persuadam ás massas que ellas são omnipotentes perante a sociedade que formam; como perante sua consciencia, espelho luminoso, onde se reflecte o sello divino.

Para que um governo mereça o nome de constitucional, diz um douto publicista, não basta que elle seja instituido pelo consentimento nacional; é de mister além disso que a natureza e extensão dos poderes politicos, e suas attribuições sejam expressamente fixadas, e limitadas, por disposições que estabeleçam o fundamento, a norma invariavel, a regra fixa e suprema, assim do governo, como dos direitos e obrigações dos cidadãos.

Os governos têm o nome de representativos quando os cidadãos activos participão do exercicio do poder publico para que este funcione no sentido dos verdadeiros interesses sociaes.

É esta, portanto, a magnifica forma de governo que outorgou-nos o liberrimo pacto fundamental do imperio.

Ao cidadão brasileiro, pois, o é dado intervir na gestão dos negocios publicos, exercitando esse munus pelo mais autonomico direito que conferiu-lhe a carta—o direito eleitoral.

O direito eleitoral, diz um eminente juriconsulto, ou o voto activo é um direito politico de summa importancia; é a principal garantia das nações livres para manter a sua liberdade; é a participação do cidadão no poder politico, na alta administração do estado; na confecção das leis, no imposto; no recrutamento.

É ainda este direito, porventura, o meio que tem o cidadão de fiscalisar a observancia da constituição, de emitir suas idéas, fazer valer suas opiniões, desejos e interesses; e enfim de influir sobre sua sociedade politica.

E não poderá deixar de ser assim quando ainda os mais aferrados e accerrimos defensores do realismo concordam em ser «o governo uma derivação da soberania nacional, que é a fonte de todos os poderes, o principio fundamental da autoridade, a expressão dos direitos e vontade de todos que compõem a nação.»

O direito eleitoral, por consequencia, é a manifestação solemne do eu politico do cidadão, se assim podemos dizer.

Este direito quanto mais amplo, os

tensivo, diffuso nas massas, é o verdadeiro thermometro por onde gradua-se a liberdade publica.

Centralisar o voto é a politica habil do despotismo, proceda da oligarchia enthronizada, ou da demagogia rasteira.

Democratizar o voto, ao contrario, é chamar os cidadãos ao lauto banquete da communhão universal, é promulgar o evangelho da liberdade, é afforriar o pensamento; é libertar a vontade, é elevar o homem á penha de gloria onde seitou-a o autor da creação.

Eis o systema da associação brasileira, desta nação livre, porem ainda péada com os obices que herdou de uma metropole gasta na liberdade; como na civilização.

Ha o voto livre, universal, democratico; ha essa realisação dos systemas politicos á que se chama eleição; ha esse instrumento da liberdade; de grandeza individual, do orgulho e de vida nacional.

É um producto dessa resplendente aurora que illuminou a sociedade patria no venturoso dia em que ecoou o grito do Ypiranga.

Mas esse producto com ser bello não é completo: encapa-o o mysticismo dos grãos nas eleições, essa eterna falsidade de reconsideração, de amadurecimento do pensamento, e de quejandas razões, que encurtam e alienam a vontade do cidadão, a expressão do seu pensamento tal como o concebe, a manifestação de sua vontade como a comprehende e deseja realisado.

A eleição indirecta aristocrática a vontade, como a directa democratiza-a.

É um erro que o tempo dissipará, isto é, quando tomando no devido peso os grandes interesses sociaes os homens do estado quizerem realisar entre nós os optimos modelos dos paizes livres.

Ahi estão os Estados-Unidos, a França, a Inglaterra e ahlures, onde a eleição gradual suicidaria o povo como em nossa patria.

Os deveres do povo se não podem limitar em concorrer aos mercados eleitoraes, onde o governo é o corrector de eleições; são mais nobres as nossas aspirações: governar-se por si, é o dogma fundamental da liberdade politica.

Eis pelo que propugnamos pela educação, pela instrução das massas. O suffragio universal, diz Lamartine, precisa de ser illustrado. A instrução elemental é o censo espirital do cidadão. Saber ler e escrever é saber comprehender. A luz faz parte da moralidade. A intelligencia é a caução do eleitor soberano.

Ao povo, cumpre esclarecer-se; é um dever perante a consciencia; é um direito que cumpre reivindicar.

Preseguiremos.

## O rev. padre Jacintho.

Um jornal americano, *Messenger Franco-Americano*, dá os seguintes pormenores da chegada e recepção do illustre conferenciador de Nossa Senhora de Paris.

«Se o padre Jacintho julgava encontrar nos Estados-Unidos o repouso e a quietação, havia de convencer-se de estar muito enganado, mal desembarcou.

Para evitar os importunos, não tinha posto o nome no registro da hospedaria da *Cinquième Avenue*, onde entrara.

Mas os reporters dos periodicos americanos logo deram cabo do estratagemma. Consideravam o celebre pregador como sua preza; julgavam-se plenamente no direito de o fatigar, de o perseguir de o

espiar, em fim de poderem apresentar no dia seguinte aos seus leitores um ou dois factosinhos nadando em três columnas de palavrório.

A porta do quarto do padre Jacintho estava pois assaltada, meia hora depois de chegar o *Pereire*, por uma duzia de personagens que Mollière de certo liavaria posto entre os Facheaux.

Como resultado da sua campanha achanos hontej de manhã no *Herald*, no *Sun*, no *Tribune*, no *Times* e no *World*, artigos interminaveis. O curioso é que cada um dos reporters d'esses periodicos pretende ser o unico que esteve com o padre Jacintho.

Mal chegou á hospedaria, o pregador prohibira a entrada no seu quarto; mas o reporter do *Sun* diz que não fez caso da ordem.

Aproveitou-se da occasião para fazer ao padre o seguinte interrogatorio:

Pergunta.—Muito-me agradaria saber em que differem as suas idéas das idéas da igreja catholica?

Resposta.—As minhas idéas estão resumidas na carta que escrevi ao superior do meu convento e que foi publicada. A igreja catholica está dividida em dous partidos: os ultramontanos cu partidarios da immobildade, e o partido do progresso religioso e politico. A este pertence agora o sr. Montalembert, que foi outr'ora ultramontano. As suas idéas eram tambem as de Lacordaire. Quanto a mim, tinha o costume de sair todos os domingos do convento dos Carmelitas, onde eu era frade, para ir pregar na igreja de Nossa Senhora de Paris. Inclina-me nos meus sermões para a liberdade da consciencia e atacava o espirito que, no passado, deu origem a inquisição. Considerava os protestantes como christãos baptizados como taes, e cujas doutrinas fossem christãs. O geral de minha ordem não admittia a liberdade d'estas fallas. Via-me constantemente agarrado pela garganta e amordaçado. Mas a ira do geral aggravou-se ainda mais por eu assistir ao congresso da paz em Paris, onde fiz um discurso. Fallar a favor da paz não podia ser cousa má. Cançado afinal por causa d'estas representações, larguei a sotaina e sahi do convento. O geral mandou-me voltar para lá dentro de dez dias, sob pena de excomunhão maior. Respondi-lhe partindo para a America.

P.—Continuára a pregar na volta?

R.—Isso ha de depender do espirito que se manifeste no concilio ecumenico. Se os seus membros se pozerem ao nivel das tendencias da epocha, continuarei os meus sermões; mas se elles se envolverem nas estreitas idéas do passado não estarei disposto a pregar essas doutrinas.

P.—Duvida da infabilidade do papa?

R.—Duvido; mas ha de saber de certo que a infabilidade do papa não é dogma da igreja catholica, e simplesmente uma opinião. Sou catholico e approvo todos os dogmas da igreja.

P.—Qual é a sua opinião relativamente ás honras prestadas á Virgem?

R.—Honro á Virgem como a mãe de Deus, á maneira de todos os bons catholicos; desapprovo, porem, a attenção excessiva que lhe prestam, até com exclusão do Christo, que é Deus elle proprio. Desapprovo tambem o grande respeito que se tem pelo papa e que chega á adoração.

O padre Jacintho respondeu em francez ao interlocutor. Não falla inglez.

A *Tribuna* dá tambem algumas palavras do pregador, que condizem com as que lhe attribue o *Sun*.

—Lê-se ainda no *Jornal dos Debates*

a seguinte nota, que resume provavelmente um communicado do illustre pregador.

«Sabemos que o padre Jacintho partiu para os Estados-Unidos, onde pouco se demorará, porque tenciona estar em Paris no fim do anno, quando verdadeiramente principiar a reunir-se o concilio. Partiu no mesmo dia que o geral dos carmelitas lhe tinha fixado para voltar ao convento. É evidente que depois da decisão que tomara, ao escrever a sua carta de 20 de setembro, não podia abtemperar a semelhante ordem que já previra completamente. As proprias cartas do seu superior demonstram que nem só se queria entrar-lhe o passo, mas até prohibir-lhe as predicas, porque o geral dos carmelitas na sua missiva de 22 de julho lhe pode positivamente «que não se metta em questões agitadas entre os catholicos.» Noutros termos, intimava-o para não favorecer na cadeira de Nossa Senhora a tendencia liberal a que o pregador pertencia completamente.

Submetter-se em taes condições, era renunciar ás suas mais queridas convicções: d'ahi só havia para o padre Jacintho um meio de «soltar um grande grito na igreja,» segundo a expressão de Pascal, nas vespas do concilio e de fazer ouvir a sua voz n'essa assembleia: era sair do convento. Ficando alli, ou mesmo pedindo dispensa dos seus votos pela via regular, fechava a bocca a si proprio, quando o concilio offercia uma occasião unica para fazer chegar uma suprema advertencia ao partido que perde a igreja: tal é pelo menos a opinião do padre Jacintho, e de muitos outros catholicos. A excomunhão só alcançaria culpas verdadeiras. Ora, não ha culpa nenhuma em levar diante da alta assembleia as reclamações d'uma consciencia sincera e d'um coração profundamente ligado á igreja de Jesus Christo; seguindo a unica via que torna possível essa reclamação em circumstancias tão excepcionaes como a convocação, passados 3 seculos, d'um concilio ecumenico.»

## PARTE SCIENTIFICA.

## Verdadeira e falsa philosophia.

AS DOCTRINAS PHILOSOPHICAS DO SR. DR. J. R. JAUFFRET.

## IX.

Tenho succintamente mostrado o parallelismo que vai entre S. Thomaz e Descartes:

Aquelle o homem da paz, que no meio das ruínas scientificas, dos bulcoes sociaes, das trevas e ignorancia pretenciosa, derrama a concordia, mata as richas, aproveita o que ha de bom e reconstrue o bello edificio da sciencia.

Este o soldado turbulento que encontrando a ordem com pequenas dissensões, ergue-se como fabuloso Hercules a bater phantasmas, e cria uma theoria e methodo que elle proprio não se que.

Si o espaço o permittisse, eu mostraria como o *cogito ergo sum* de Descartes, é circulo vicioso; principio inepto, para formular bases; mostraria como elle aconselhando o methodo da duvida, exordia pela fé, desmentindo assim solememente suas theorias.

Mas quem deseja palpar estes defectos e incoherencias, basta ler as populares obras de Bonald, que lá as encontrará bem discriminadas.

Em todo caso não posso resistir a malignidade de apresentar ao Sr. Dr. Jauffret as numerosas condemnações que teem morto ao seo precioso mestre, Descartes.

Em 1662 a celebre universidade de Louvain fulminou a philosophia de Descartes como temeraria, presumptuosa, insensata, falsa, perigosa, intoleravel, insultuosa para a antiguidade, preconizando novidades profanas, contrarias aos SS. PP. a Egreja, e aos concilios; afastando-se da Escripura santa e dos principios christãos; opposta a verdade e á fé catholica (V. Colletio judiciorum de novis erroribus, & de C. Duplessis d'Argentré.)

Luiz XIV em 1674, sabendo que nada obstante a condemnação de Roma, Descartes ainda era ensinado em Paris, mandou que fosse banido das escolas e do seo cathedratico.

A faculdade, de bom grão, recebeu a condemnação e banio o cartesianismo sem o menor sacrificio.

Em 1693 a Sorbona executou igual aresto.

A universidade de Caena, em 1677, tão affamada pelas suas luzes e orthodoxia, condemnou a philosophia cartesiana n'estes termos:

«Nós abaixo assignados... declaramos que a doutrina de Descartes nos parece contraria a mais sam doutrina dos theologos, e prohibimos aos professores ensinal-a, sob pena &c. &c.

Calo aqui, por amor a brevidade, as numerosissimas condemnações que fiserão muitas congregações e ordens religiosas, que se recommendão pelas luzes mais invejáveis.

Calo as condemnações dos homens illustres, como Bossuet que clamava com o ardor do genio, que o fazia Vidente santo:

*Vejo um grande combate se preparar contra a Egreja, sob o nome de philosophia cartesiana.*

Não quero matar as pretensas glorias de Descartes que até prestou bons serviços em mathematicas e phisica; e seria ridiculo, cá deste pequeno canto do mundo, aspirar á taes cousas: este bello trabalho grandes homens o fiserão a luz da civilização europea, na propria França.

Quero apenas mostrar ao Sr. Dr. Jauffret que as doutrinas professadas por S. S. não são tão triumphantes, e que por isto foi precipitado, apaixonado o injusto no seo julgamento.

E para o comprovar vejamos o ponto que discutimos, ligeiramente, em o meo exame.

## X.

Propoz-se a importantissima questão da origem e formação das ideas.

O Sr. Dr. mandou-me definir idea; e eu respondi ser o conhecimento do particular de um modo universal.

Inde irae... o Sr. Dr. franzio o sobrolho, sismou e mandou-me expor a theoria, para que se aclarasse a minha definição.

Principiei então a desenvolver a bellissima e sublime doutrina de S. Thomaz, acanhadamente, sim, porem tenho convicção haver exposto o pensamento do Doutor Angelico.

Eil-o:

S. Thomaz, tendo sempre em vista a nossa condição, isto é, de sermos espirito ligado substancialmente a um corpo, trata de erguer o seo bello edificio philosophico sempre em harmonia com este modo de ser, sempre fazendo entrar o jogo das duas substancias na aquisição dos conhecimentos.

E assim diz elle que no estado presente nada podemos perceber sem o auxilio dos phantasmas (a imagem do objecto.)

*Intellectus humanus in statu presentis vite nihil videt sine phantasmate.*

Sirva-nos de exemplo para melhor intelligencia a aquisição das ideas do mundo material:

Impressão dos sentidos pela presença de um objecto, põem-se em jogo

os órgãos, os quaes recebem-o, quanto á sua propriedade intencional, isto é, recebem a semelhança, ou imagem do objecto sem a materia do mesmo. Esta imagem, ou semelhança da cousa, é o que o Doutor Angelico denomina *phantasma*.

Mas este phantasma, imagem, ou semelhança do objecto, já tão desmaterializado, é ainda limitado e presente, ou como diz S. Thomaz: *hic et nunc*; é este objecto, e com esta forma: porem immediatamente o intellecto agente, *intellectus agens*, obra sobre o phantasma, executa o grande processo da abstracção, e despoja a imagem do objecto de toda condição de limite, tempo, e cria a idea.

Exemplifiquemos:

Impressão da vista por uma árvore, immediatamente na phantasia se apresenta a imagem da arvore: feixemos os olhos, e teremos dentro de nós como uma sombra, ou a imagem, isto é, a semelhança do objecto: porem no momento em que os sentidos vão executando este bello processo, o intellecto agente aposando-se do tipo desta arvore, desta laranjeira que temos na imaginação, abstrae, ou tira a condição dos limites e tempo, elevando-se a uma altura que quasi toca a peripheria divina, descança e pronuncia: *arvore*.

Então está formada a idea.

Com esta palavra eu comprehendo e conheço todas as arvores.

Acabem-se todas as imagens que eu tenho desta ou d'aquella arvore, esqueça-me da imagem d'aquelle cedro que vi em tal occasião e em tal lugar, nada importa, porque em qualquer parte que eu encontrar objectos como aquelle, não me é mais necessario voltar a contemplar a primeira arvore que vi; immediatamente direi: isto é uma arvore.

A idea, pois, é o conhecimento geral que formo por occasião de ter o objecto particular.

A idea de um objecto é o universal que abrange a todos os individuos da mesma natureza.

Eu digo: *arvore*, e neste sentido abranço a todos os seres da mesma natureza, entretanto qualquer individuo desta natureza que se me apresentar, applicando-lhe a idea universal que tenho, vejo que ella lhe convem perfeitamente.

Eis o mais conciso resumo desta sublime theoria, cuja explicação desenvolvida daria materia para mais de um volume.

Sêi que esta philosophia exposta assim resumidamente, não é de muito facil intelligencia: porque estas são as mais culminantes alturas a que um esforço supremo da intelligencia humana tem attingido.

Mas nem por isto ella fica menos sublime e capaz de ser comprehendida.

A grandeza, lucidez, sublimidade e harmonia desta philosophia, com todo o universo, dá materia para um volume, e eu me comprometteria a fazel-o, se houvesse quem com razões solidas e philosophicas as contestasse.

## XI.

A philosophia moderna tumida de orgulho e fremente de colera brutal para com tudo que vinha da escolastica, principiou a gritar a todos que passavam, ser o defensor da razão, sustentando que a escolastica a matava escravizando-a sob o jugo da autoridade.

Mas se o leitor meditar nesta succinta exposição que hei feito, conhecerá a falsidade desses brados injuriosos.

E vejamos:

Disse que por occasião dos sentidos nos attestarem a presença do objecto, extraindo a imagem, ou phantasma, a intelligencia actuando sobre elle cria a idea que não existe no objecto.

Esta philosophia é muito mais nobre que as *ideas innatas*, ou natuæ de Descartes, que as *visões* de Malebranche, ou as theorias de *causalidade* de Cousin.

Esta philosophia, sim, é nobre, porque

eleva a razão, innobrece ao homem, fazendo-o semelhante a Deos.

A Biblia, esse livro sublime, que contém a solução de todos os problemas, disse que o homem fôra creado a imagem e semelhança de Deos.

Já nos tínhamos explicado na mais remota antiguidade, que esta imagem e semelhança estava, em parte, no ser ella uma substancia immaterial, como Deos.

Mas depois veio a philosophia catholica e em suas profundas meditações, disse: *luz e mais luz*; a palavra biblica encerra a mais bella philosophia, e fica altamente comprovada pela razão; porque realmente o homem é semelhante a Deos, não só no ser como tão bem no obrar, *non solum in esse sed etiam in agere*, diz S. Thomaz:

O homem tem realmente uma alma incorporea, como é Deos, e alem disto assim como Deos manifesta o seo alto poder na obra da criação, assim também o homem, quasi como um deos, cria as ideas por uma força propria.

Deos cria do nada, mas o homem que não é Deos, faz uma verdadeira criação, sendo porem necessario, que os sentidos lhe apresentem os objectos singulares.

Os objectos singulares e limitados não são a idea, mas a materia para a sua formação, assim como um pedaço de mármore é a materia para o artista formar uma estatua.

Sem o mármore, madeira, ou outra materia o estatuario, ainda que com sciencia e capacidade de formar estatuas, não as faz.

Assim a alma, se bem que dotada de poder activo e creador, precisa comtudo que os sentidos lhe forneçam os materias para a criação da idea.

Mas em nada esta se iguala ao objecto, se bem que seja ella que pela operação reflexa dê espirito o dê a conhecer.

O objecto é o presente e limitado, *hic et nunc*; a idea d'elle é o contrario: é o universal, e perpetuo, *semper et ubique*.

Uma idea imagem é um absurdo, uma contradicção, e vice-versa.

Foi esta doutrina que tanto escandalizou ao Sr. Dr. Jauffret.

Pasmei realmente vendo o meo ex-Mestre, aquelle homem pacifico, reflectido, erudito, como todos nós o sabemos, de um momento para outro transformar-se, em partidario intolerante, com o ardor de um jovem, que no fogo de ideas pouco amadurecidas, espanca convulsos, esbaforido e intolerante tudo que lhe é contrario, como se fosse infallivel.

O respeitavel examinador tinha deixado a sua tranquillidade habitual e assombrava-se de minhas doutrinas.

Não sei se com os modernos boatos de Allam-Karde, e o espiritismo o Sr. Dr. tomou-me naquelle momento como alguma apparição da *idade media*, como algum espirito turbulento das lutas do thomismo e schotismo.

Em todo caso não tinha razão, pois S. S. que não crê em diabos, alias attestados pelo Evangelho, menos crerá na impustura do espiritismo.

Mas depois das admirações, o Sr. Dr. rio-se, ergueo a sua massa cartesiana, dizendo estar eu em plena idade media, envolto na questão dos universaes.

Que duvida, respondi; sei que estou na idade media, mas piso este terreno com convicção que é solido, legitimo, e que ali se content a mais bella e solida philosophia.

O Sr. Dr. satisfazia-se em desprender um pequeno riso, que morria logo nas extremidades dos labios, e como que doia e compadecia-se em desfeixar o golpe tremendo de mestre e esmagar-me.

Mas vendo que eu perseverava, e ou-sava appresentar as theorias scholasticas á luz da philosophia moderna, em lugar de a remetter ás trevas como esses phantasmões da fabula, que vagão ao dar de meia noite, descarrega o golpe e diz-me:

Este modo de explicar as ideas já ha muito que está refutado; por que este

phantasma ou imagem do objecto por meio da qual se formão as idêas, ou é material ou immaterial.

Si é material não pode entrar na alma, que é espirital—e si é immaterial não pode partir dos objectos que são materiaes.

Ahi o Sr. Dr. descansou cotio se concluisse a obra dos seis dias, e olhava-me com piedade, estribuchando abatido pelo golpe mortal de sua massa cartesiana.

Mas foi um engano completo de entusiasmo do Sr. Dr.; por que respondi como entendia, e passo a demonstrar o vacuo do argumento *herculeo*.

O dilema cartesiano prova demais, se chegasse a provar alguma cousa.

Fere somente ao proprio auctor, pois voltado pode ser formulado do seguinte modo.

O mundo externo ou é material ou immaterial: si é material não pode ter contacto com a alma que é immaterial, e si é immaterial não pode entrar nos sentidos que são materiaes—logo não pode haver conhecimento!

Mas isto é um absurdo que qualquer pessoa, por mais ignorante que seja, refuta, pois todos sabemos que conhecemos os objectos.

Eis a que precipicios chego os argumentos de Descartes.

Este dilema tão preconizado como panacea philosophica, é um verdadeiro modelo de scepticismo; e por consequencia muita razão tivera a antiguidade e a illustre corporação cathedratica de Copenhague, quando proposerão uma memoria sobre os pontos de contacto entre Descartes e Spinoza; porque as doutrinas de Descartes teem uma tendencia admiravel para o scepticismo.

Esta pobre e ridicula theoria que o espirito não pode ter acção ou contacto com o material, se valesse alguma cousa, provaria que Deos, puro espirito não poderia crear e reger o mundo material.

O Sr. Dr. entendendo que me esmagava, perguntou, com ar victorioso, se a imagem era material, para depois formular o seo dilema pesado.

Respondendo eu que não era material no sentido em que entendemos esta palavra, nem também immaterial; que é um *quid*, uma imagem ou semelhança do objecto, elle disse-me ser impossivel; por que todos os objectos que existem ou são materiaes ou immateriaes; e o que não é materia ou espirito, não existe.

Porem esta argumentação alem do que venho de dizer, sobre a natureza das imagens, pecca pela demasiada pretensão.

1.º Nós não conhecemos todos os seres do universo, nem tão pouco temos termos proprios e rigorosos para expressar todas as cousas.

2.º O phantasma, ou imagem é uma transição do material para o immaterial.

Quando vemos um animal, uma pedra, diz S. Thomaz, esta pedra está em nós, não quanto a sua materia, mas quanto a sua propriedade intencional, ou espirital.

O certo é que qualquer pessoa depois de ter visto um objecto, pode retirar-se e feizendo os olhos, tem uma imagem do objecto visto.

O que é isto? é materia ou espirito.

Não me interessa saber-o, por hora..

Porem é incontestavel que temos a semelhança do objecto; um *quid*.

Agora vejamos o reverso da medalha:

O Sr. Dr. pretende que esta imagem, ou semelhança do objecto é exactamente a idêa.

Logo que S. S. collocou-se neste terreno foi impossivel defender-se.

Com effeito se idêa é o conhecimento, ou esta imagem e representação do objecto, é logico que os irracionais teem idêa; por que o conhecimento do objecto singular todos os animaes o teem.

É em razão deste conhecimento que a andorinha africana, na estação competente, todos os annos atravessa o mediterraneo e vem habitar os mesmos ninhos na Europa; é pelo conhecimento do objecto ou pelo phantasma que tem d'elle que

a ovelha fuge do lobo e aproxima-se das pastagens.

Diante desta difficuldade o honrado Sr. Dr. foi de opinião, que antes quebrar que torcer, e não trepidou um só momento em affirmar que realmente os animaes tem idéas!!

Nesta opinião S. S. apartou-se do illustre chefe Descartes que sustentava serem máquinas os animaes;

Além desta difficuldade a theoria do Sr. Dr. dá lugar a mais de uma objecção insolúvel.

E tanto esta affirmacão é legitima que em todos os modernos philosophos da escola cartesiana, nota-se uma ambulancia, um vago na questão da origem e formação das idéas, que nunca satisfazem.

Cousin, que passa como ecclético de algum peso em materias psychologicas, gasta innumeradas paginas, em descripção de uma enfadonha ordem logica e chronologica, sem contudo satisfazer as exigencias da questão.

Diz que as idéas de causa, substancia, identidade, são formadas pela razão, sem entretanto dizer o como.

Esta explicação de Cousin, parecendo muito simples e boa, tem um abismo diante e atrás de si; por que a questão da ordem logica e chronologica assigna-lha um facto, mas não explica as cousas, não dá as razões desses grandes e profundos movimentos animicos.

A theoria de S. Thomaz é muito mais sublime (e nem o podia deixar de ser, pois é a verdadeira).

Ella dá ao espirito o poder de crear as idéas; mas sob a condicção do auxilio dos sentidos.

Além disto, esta theoria tem mais outros lados sublimes e que altamente comprovão a sua veracidade e o nada da philosophia cartesiana.

Esta demonstração para o objecto de proximos artigos.

Maranhão, 1870.

PADRE R. ALVES DA FONSECA.

## POLITICA.

Maceió, 8 de Março de 1870.

No novo pacto que firma a união da grande familia liberal ha uma ideia, cuja realisacão constituirá o maior padrão de gloria de nosso tempo; queremos fallar da emancipação da consciencia.

Na epocha em que a liberdade se irradiava, não é justo que a imposição perdure e muito menos se estenda no dominio sagrado da crença.

Já era tempo de serem reconhecidos os direitos inherentes ao foro intimo, para que o altar de Deus não se maculasse recebendo a offrenda da obrigação forçada.

Crer não é inclinar a frente ao simples aceno do pedagogo austero, nem balbuciar ligeiro e descuidoso a prece decorada; crer é sentir no entendimento a luz da verdade e no coração a effusão do amor.

Quem diz fê diz convicção; affirmo a existencia de um poder indestructivel, fundado na madureza do juizo e na firmeza da sinceridade.

Apostolo das grandes verdades, que constituem o dogma da dignidade humana, o partido liberal escreve a libertação da consciencia no frontal de seu programma.

Vai com isso arrostar as iras dos fortes e poderosos, mas concederá aos desherdados a accção das nobres faculdades d'alma, espoliadas em proveito da ostentação de uma seita já caduca.

São grandes as difficuldades a vencer, porem muito maiores—os resultados do empenho.

Se de um lado protesta a igreja official, tendo por si a tradição da raça latina, do outro assoma o espirito do futuro, impacienciado de esperar por tanto tempo a solução de suas generosas aspirações,

Longos e estereis tem sido os sacrificios feitos aos interesses dos governos e a soberania da igreja, mas as concórdias não poderão fazer da religião esteio ao thornó, antes constituiram a igreja dependente do estado. Contra a tropidade desses contractos que vão ferir a Divindade e solapar a consciencia do cidadão, lança o partido liberal sua condemnacão, esforçando-se para que sem demora desapareçam profanação e tutela.

Ninguém se temia que da reforma proceda o scepticismo, nem jure também pela altitude da reverencia a um culto regrado e sustentado pela fragilidade das leis.

Só a liberdade é fecunda; porque fortifica as dedicacões dando-lhes o culto da estabilidade.

As instituições que se fundam neste principio ou cahem esphaceladas pelo vicio que as corrompe ou se encostam languens ao apoio da dependencia.

O sentimento religioso, disse Lamartine, absorve o homem; mas para que seja verdadeiro e omnipotente exige independencia.

É preciso que se deixe a igreja sem dogmas e stias practicas, mas convém que ella tenha a attivez dos bispos irlandezes, regeitando os salarios do estado.

A religião não pôde continuar a servir de *instrumentum regni*. Quem tem a seu lado Deus, não precisa de Cesar: o verbo exclute a espada.

Se o poder espiritual tem por fundamento verdades inconfitroversas e intuitaveis, como os preceitos de moral, não será o apoio do temporal, incongruente como a paixão, oscillante como o interesse, que lhe sobreleve a ascendencia. Deixe a igreja o laço sacrilego do estado, perderá as pompas do culto externo, mas ganhará os enleivos das consciências puras.

Sigamos o exemplo da União-americana, para que Deus ouça nossas preces, despidas de constrangimentos e resentimento.

Fique a igreja em si e o estado em si, e creiam os timidos que as auras da liberdade não podem servir de mephitismo ao sentimento religioso.

O que amollenta a fé, o que compromette sem contestação a pureza das crenças é o conflicto inevitavel da sociedade civil com a religiosa.

O espirito aventureiro de uma fulmina as practicas cautelosas de outra; se uma é o progresso, a outra representa a tradição.

Ainda agora acaba a Europa de oferecer um exemplo disto, protestando os gabinetes da França, Italia, Inglaterra, Rússia e Hespanha contra as pretensões do papado relativas á sua infallibilidade.

Medita a igreja e considere o estado: ambos verão que os compromissos são mentiras escriptas, escudos perfidos, laços do servidão.

Quebrem-se as fingidas relações, para que em vez da fria polidez vigore a singeleza da harmonia.

Não deve o estado recusar o reino da terra, nem pôde a igreja desamparar a cidade de Deus.

Uma vez estabelecida a liberdade, desaparecerá o dominio das absorpções.

(Do *Liberál*, de Alagoas.)

## NOTICIAS.

### Chronica externa.

—Lê-se no *Diario Official* de 23 do passado:

Entrou hontem de Liverpool o vapor inglez *Tycho Brahe*, com folhas inglezas até 29 do passado.

De Inglaterra não ha noticia importante.

No corpo legislativo de França continuava a tratar-se da questão dos tratados de commercio. A sessão de

28 pôz termo a uma parte do debate. O chefe de gabinete, depois de responder á opposição, pediu que a camara, adoptasse a ordem do dia pura e simples, o que foi concedido, por 241 votos contra 32. Resolveu-se depois que na sessão do dia seguinte, a camara trataria do methodo que se devia empregar na nomeação da commissão de inquerito.

Na resposta ao Sr. Julio Brème, colheu Emilia Olivier prolongados applausos, quando disse: Queremos preservar e augmentar a união existente; destruir o espirito de exclusivismo e chamar para nosso lado, com dignidade e modestia os representantes de todos os partidos. Solicitamos e aceitamos a cooperação de todos, mas não solicitamos, nem aceitamos, a protecção de ninguém.

Correra o boato de que alguns ministros tinham pedido a demissão; mas o *Constitucional* de 28 declara que todos os membros do gabinete estavam de harmonia em todas as questões sujeitas ao governo.

Fallecera o duque de Broglie, ministro que foi no tempo do rei Luiz Philippe, e membro da academia franceza.

De Roma escrevem dizendo terem ficado enfermos o bispo de Nimes, e o conde de Lavradio, ministro portuquez.

Nas eleições do norte de Hespanha, os monarchistas tiveram 519,000 votos, os republicanos 149,000 e os carlistas 89,000.

Noticias dos Estados-Unidos relatam as festas celebradas em honra de S. A. real o principe Arthur que ficava em Washington.

—No mesmo jornal de 1.º do corrente:

Pelo vapor *City of Rio de Janeiro*, entrado ante hontem da Europa, tivemos folhas inglezas até 4 do passado.

A rainha Victoria foi acommettida ultimamente de dores nevralgicas. Alludindo a esta circumstancia dizem os jornaes que S. M. não abriria em pessoa a proxima sessão do parlamento.

Do parlamento francez as noticias mais importantes são relativas as interpellacões feitas por varios membros, ás quaes o governo ia dando resposta. Grovy, deputado republicano, apresentou um projecto de lei que produziu alguma discussão. Queria elle que o corpo legislativo pudesse chamar o exercito em sua defesa. Respondendo em nome do governo, disse Segris que,—a liberdade só se podia fundar na base da mutua confiança entre todos os poderes e que o projecto era inconstitucional. Concluiu dizendo: «Queremos estabelecer a liberdade com o imperio, não contra elle.» O projecto cahiu por 217 votos contra 43.

O rei dos belgas recebeu uma mensagem assignada pelo *lord mayor* de Londres e mais 300 *mayors*, agradecendo a Sua Magestade a visita que ultimamente fez á Inglaterra.

Foi eleito presidente da confederação suissa o antigo vice-presidente Duhs.

De Vienna dizem ter sido publicadas as seguintes nomeações ministe-

riais: Dr. Von Hasner, presidente do conselho; feld-marechal Vagner, ministro da guerra; Banhans, agricultura; Strohmayer, instrucção e obras publicas.

De Hespanha e de Portugal nada ha importante.

Os telegrammas dos Estados-Unidos alcançam a 2.

Da divida publica foram amortizados em Janeiro 3,933,664 dallards.

### Chronica interna.

O *Diario Official*, de 24 do passado, dá as seguintes noticias sobre o recebimento dos bravos da patria:

Teve hontem effectivamente lugar o desembarque do contingente de voluntarios da patria que regressou do Paraguay nos transportes *Vassimon*, *S. José* e *Galgo*.

O arsenal de marinha achava-se brilhantemente preparado para recebê-los.

Em frente do portão erguia-se um elegante arco triumphal, de estylo adequado ao acto, tendo-se nos medallhões que tinha nas faces anterior e posterior o seguinte distico:

A patria agradeceida

As phalanges vitoriosas.

Em frente lia-se no alto.

Viva Sua Magestade o Imperador do Brazil!

Este arco triumphal era precedido desde o portão por dez columnas, seguindo-se outras dez até o ponto de desembarque, coroadas todas por uma esphera armillar em que se lia o nome de cada uma das provincias.

Nas quatro faces da base dessa columna via-se inscripta uma data memoravel e um nome historico de um feito brilhante de nossos bravos nesta luta heroica que soberão vencer.

Em roda de todo o jardim, e no arco se ostentava uma illuminacão a gaz, que produzia o mais interessante effeito.

Fóra do arsenal estavam postados os invalidos da patria, e dentro as duas companhias de aprendizes e o batalhão naval, que formavam a guarda de honra.

Sua Magestade o Imperador, todo o ministerio, officialidade da armada e do exercito e um numero concuro de cidadãos de todas as classes da sociedade esperavam com indisivel interesse os primeiros vingadores da honra nacional que pisão de volta o sólo da patria, depois de cumprirem sua gloriosa missão. Algumas bandas de musica animavam esta festa enthuziastica.

A casa do inspector do arsenal, e todos os edificios da repartição de marinha que abrangião o lugar da scena, estavam cheios de senhoras, que das janellas atiravam grande quantidade de flores quando desfilavam os voluntarios.

Os navios de guerra conservarão-se todo o dia embandeirados em arco. Tendo encalhado os vapores que vinham de S. Christovão com os batalhões da Bahia e de Minas, por estar vasando a maré, o desembarque só

póde ter lugar as 6 horas e 40 minutos da tarde.

Sua Magestade o Imperador dirigio ao digno commandante da brigada, o Sr. coronel Faria Rocha, e a seus bravos commandados palavras que nunca se esquecem, e que electrísão sempre o soldado patriota. O Sr. Faria Rocha, profundamente commovido, mas com aquella altivez que sempre anima ao militar brioso, respondeu a Sua Magestade agradecendo, em nome dos voluntarios da patria, a solicitude com que o monarcha os recebia.

Preenchido este acto dsfilarão, os tres batalhões, perfeitamente fardados, e com suas gloriosas bandeiras furadas pelas balas inimigas, por entre alas de cidadãos que entusiasticamente os victoriavão. Depois que sahirão percorrerão todas as ruas designadas no programma, sempre debaixo das mais vivas aclamações.

A cidade toda illuminoy-se. A praça do commercio, e os bancos inglezes apresentarão uma singela, mas bonita illuminação a gaz.

Os artistas do arsenal de guerra precedidos por uma banda de musica, e pelas bandeiras aliadas seguirão os batalhões dos voluntarios em todo o seu trajecto.

O povo manifestava sinceramente seu grande prazer pela prova mais palpitante que podia receber da terminação honrosa da guerra.

—O mesmo jornal, em relação ao theatro da guerra diz:

O Sr. Carvalho Borges, ministro residente do Brazil em Buenos-Ayres, remetteu ao Sr. ministro da guerra o seguinte telegramma que recebera do Sr. conselheiro Paranhos:

«Assumpção, 9 de Fevereiro de 1870.

«Circula noticia da fuga de Lopez com destino á Bolivia.

«Não tenho communicação de Sua Alteza a esse respeito. O que consta de positivo é o seguinte:

«O general Camara adquirio convicção de que o ex-dictador vai em fuga com direcção ao nosso districto de Miranda.

«Consequentemente o general Camara, anticipando o seu novo plano de operações, por-se-ha em marcha amanhã, 10 do corrente, dirigindo-se a nossa colonia dos Dourados, com o fim de cortar a retirada do inimigo.

«Uma outra parte de suas forças, sob o commando do coronel Paranhos, por-se-ha em marcha no dia 15, com direcção aos campos Chiriguano, com o fim de prevenir o caso de que o inimigo contramarche ao ver-se perseguido pe o general Camara.

«Parece que o marechal Victorino tambem emprehenderia alguma operação, de accordo com aquelle plano do general Camara.

«A nossa gente da Conceição estava muito animada e com a esperanza de alcançar o fugitivo ou fazel-o deixar estas regiões»

—Pelo vapor inglez *City of Limerick* tivemos hontem folhas de Montevideo até 18 do corrente.

As noticias do Paraguay constão

do telegramma que acima publicamos.

O governo oriental, como medida preventiva, em consequencia de recio de uma revolução, mandou recolher á prisão 11 redactores de diversos jornaes inclusive todos os do *Siglo*.

—Com datas anterior, de 17 de Fevereiro, lê-se ainda no mesmo jornal:

Precedente do Rio da Prata, entrou hontem o paquete inglez *Ptolemy*: trouxe folhas de Buenos-Ayres até 9 e de Montevideo até 10 do corrente.

No dia 9 chegou do Paraguay a Montevideo, no transporte brasileiro *Cuyabá*, um batalhão de voluntarios da patria da Bahia, com 550 praças; e a todo o momento são esperados os transportes *Galgo* e *S. José*, cada um com outro batalhão de 500 praças.

Acreditava-se que a tropa conduzida pelo *Cuyabá* seria passada para o *Wornech*, que chegara daqui a Montevideo no mesmo dia.

Logo que tomassem carvão, seguirão os tres vapores para Santa Catharina.

A *Republica*, jornal de Buenos-Ayres, mais que suspeito quanto a tudo que é relativo ao Brazil, deu noticia de haver um vaso de guerra brasileiro atirado com bala, no porto de Assumpção, contra o vapor de guerra argentino *Itapirú*, que vinha com tropa, da colonia estabelecida no Chaco.

O *Nacional* observando que nenhuma outra folha da manha dera semelhante noticia, pensa talvez que fosse tudo pela (*canard*) ou grande exaggeração.

—A ultima e mais recente noticia recebida na corte, á 1.º de Março, é a seguinte referida pelo diario dessa data:

Entrou ante-hontem do Paraguay e Rio da Prata o transporte nacional *Marcello Dias*. As folhas platinas alcanção a 21 do passado.

O general Camara partiu da Conceição, acompanhado de 1.500 homens, a fim de cortar a retirada de Lopez, que atravessara o Apa e procurava fugir para a Bolivia, segundo as noticias ultimamente aqui recebidas.

**Fallecimento.**—O paiz acaba de experimentar uma grande perda, com o passamento de um grande vulto politico, o visconde de Jequitinhonha.

Assim narram os jornaes esse infausto acontecimento:

«Falleceu no dia 15 de fevereiro ultimo após longa enfermidade de que fora debalde procurar cura na Europa, o visconde de Jequitinhonha, cujo cadaver deve ser dado hoje a sepultura.

Francisco Gê Acayaba de Montezuma nasceu na Bahia em 23 de março de 1794, e indo em 1816 para a universidade de Coimbra onde se formou em direito, voltou em 1821 á patria, e desde então tomou parte activa nos mais memoraveis acontecimentos politicos. Logo em 1822 foi membro do governo provisório que na Bahia se poz á testa da revolução, e enviado em commissão ao Rio de Janeiro, após penosa e arriscada viagem, parte por terra até aos Ilheos, parte n'uma lancha, veio achar aqui proclamada a independencia; e por occasião da coroação do Sr. D. Pedro I foi

nomeado dignatario da ordem do Cruzeiro.

Lidou muito na imprensa, redigindo diversos periodicos, e na tribuna, onde foi chainado cedo, sendo eleito deputado á assembléa constituinte em 21 de Julho de 1823. Logo a 12 de novembro seguinte era prezo com outros deputados; mettido na fortaleza da Lage e deportado para a Europa, donde, só voltou em 1831, tomando depois assento na camara dos deputados, de que fez parte em diversas legislaturas. Em 1837 foi ministro da justiça por espaço de quatro meses, e em 1840 a 1841 representante do Brazil em Londres.

Fundou o instituto dos advogados ao qual presidio desde 1843 até 1850, anno em que foi nomeado conselheiro de estado extraordinario, abandonando então tambem a advocacia em que havia grangeado nomeada. No 1.º de maio de 1851 foi escolhido senador pela Bahia, elevado a visconde de Jequitinhonha com grandeza a 2 de dezembro de 1854, e nomeado conselheiro de estado ordinario por decreto de 20 de agosto de 1859.»

**O Sr. arcebispo da Bahia.**—Refere o *Jornal da Bahia*, que o exm. e revm. sr. arcebispo, conde de S. Salvador, embarcara para a Europa no dia 25 do passado.

Consta que sua exp. revm. fôra gravemente doente.

#### Chronica urbana.

**Fallecimento.**—Acaba de descer á sepultura mais um varão distincto e por muitos titulos respeitavel, cavalheiro de trato ameno, character circumspecto, e por isso altamente estimado pelos que tiveram a ventura de conhecê-lo, o sr. Abel Francisco Corrêa Leal.

Damos á sua exm. fam. a nossos sentidos pezames, por tam violenta como infausta morte.

O Paiz do dia 17 do corrente assim noticia esse passamento que foi geralmente sentido.

«Victima de uma parálisis violentissima, succumbio na noite de 14 do corrente Abel Francisco Corrêa Leal, cavalheiro muito illustre e prezadissimo da sociedade maranhense.

Desde a sua mocidade, desde a academia militar onde estudou com distincção e foi alferes alimno, até ultimamente no cargo de inspector do thesouro provincial, os seus companheiros ou subordinados votavão-lhe a maior dedicação e estima.

Exonerado do cargo de inspector do thesouro, foi geral o sentimento dos empregados d'aquelle repartição, que nelle tiveram um chefe, modelo de urbanidade e colleguismo.

Era o finado ainda muito moço, não tinha 40 annos, e deixou viuva e filhos.»

**Monumento a Gonçalves Dias.**—A letra do dinheiro colhido para o monumento de Gonçalves Dias e pelo Sr. Dr. Antonio Henriques no Banco do Maranhão foi reformada, neste valor:

Capital..... 7:574\$313

Juros..... 227\$000

7:802\$057

**Politica.**—Sob esta rubrica lê-se no presente número deste jornal um interessante artigo, que publicamos á pedido.

É da b'm aparada penna do illustrado redactor do *Lib ral* de Alagoas.

Chamamos para seu objecto a attenção dos leitores.

#### VARIEDADES.

—Lemos na *correspondencia de Roma*:

«Os monges Benedictinos do monte Cassino vão publicar, segundo consta, uma historia paleographica e artistica dos antigos codigos de seus archivos, os quaes comprehendendo uma dezena de seculos, formam todos juntos uns 800 volumes enriquecidos de

preciosas miniaturas. Póde-se nelles verificar o desenvolvimento próprio da arte, desde as apalpadellas de sua laboriosa infancia até ao desabrochar de sua perfeição sublime. Este trabalho tem sido o objecto dos estudos do R. P. Andréa da Caravita, prefeito dos archivos emquanto dous collegas seus, os RR. PP. Piscicelli e Krug se occuparam durante dous annos da reprodução das miniaturas, dos ornatos e das decorações *in fac-simile* com as cores e dimensões dos originaes. Estas obras, que fazem honra aos seus autores, serão de certo acolhidas com satisfação pelos sabios de todos os paizes, para quem os monges benedictinos continuam a ser hoje, como outr'ora, o objecto de uma sincera e profunda consideração.»

Lindo exemplo de *Recurso á corôa!* Um sacerdote, chamado Bevacqua, foi, por justos motivos, suspetto á *divinis* pelo Exm. Arcebispo de Palermo. Bevacqua appellou para o governo civil, que immediatamente rehabilitou o padre por sua propria autoridade. Mas não querendo os parochos de Palermo permittir-lhe em suas egrejas a celebração da missa, mandou a autoridade civil um piquete de soldados para acompanhá-lo á sacristia e tomarem á força o calix e os paramentos sagrados.

Desta sorte Bevacqua, protegido pela força armada, disse missa dous dias seguidos nas egrejas de S. José e S. Francisco.

Parece que o *cidadão* Raspail, aborrecido sem duvida do seu insano labutar com a camphora, delicias suas, quer agora fazer uma diversão á sua vida, ligando tambem seu nome ás questões religiosas da actualidade.

Segundo a *Liberté* de Paris, vai elle publicar um virulento opusculo contra os Jesuitas; isto porem não é de admirar de um homem inimigo de toda a autoridade; imbuído nos preconceitos estúpidos da escola democrático-socialista.

Quanto aos Jesuitas, por mais que se esgane contra elles o cidadão Raspail, nada nos poderá dizer de novo; os da seita já esvasiaram o sacco enorme das calumnias, e esgotaram o immenso vocabulario das injurias. Potanto quer nos parecer que o nosso pobre homem faria melhor em continuar as suas *manipulações camphoradas*.

#### ANNUNCIOS.

**Regamos aos srs. assignantes da capital e interior, que se acham atrasados no pagamento de suas assignaturas, o obsequio de as mandar satisfazer, visto estar o jornal á findar o seu primeiro anno.**

Vende-se um terreno na rua da Alegria, canto para rua do coqueiro, com 2 e meia braças de frente, e 8 de fundo. A tratar com José Jacintho Ribeiro, na rua de Sant' Rita casa n. 47. Maranhão 24 de Março de 1870.

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 31 DE MARÇO DE 1870.

## Direitos do povo.

Prosiçamos no desenvolvimento dos direitos do povo.

Em o precedente artigo fallamos do direito eleitoral. Vimos como d'elle origina-se a grandeza e a soberania da nacionalidade patria.

Corollario logico do elemento representativo, o direito eleitoral é o magno direito da nação brasileira.

Cumpra moralisat-o, esclarecel-o, illustre-o: é a grande missão do governo, é o grande dever do povo, para exercer por seu turno esse grande direito.

Tem sido o bradar constante de quem traça estas linhas: será o santelmo nosso em quantô não vermos realisada a aspiração dos modernos philantropos, aspiração generosa que a politica-creou inspirada no evangelho.

DUM LUCEM HABEATIS, ANEULA! Prosegue, marcha, adianta-te, caminha, sob o influxo dessa luz, reflectida apoz o ensino do Calvario.

É uma idéa luminosa, superior quicá ao seculo embora portentoso que atravessamos, a de uma instrução universal, illuminando todos os povos do globo, fazendo-o conhecedor de seus direitos como de seus deveres, de modo que realice seu papel á face uns de outros.

«Será um bello ideal, digamos com um insigne philosopho allemão, o profundo Kant, que se não prejudicaria ainda quando o não vissemos realisado. Não convem julgar uma idéa como chimerica, dá-la como um bello sonho, porque obstáculos tolhem sua realisação. Um ideal não é outra coisa mais do que a concepção de um aperfeiçoamento que não foi ainda encontrado na experiencia.»

Pugnar, portanto, pela educação do povo é uma nobre missão, por ventura o mais generoso certame que pode defender a imprensa. Combater por este direito é gloriarse em busca da luz da verdade, que tem de encaminhar-o, de guiar-o, de fornecer-lhe o pharol, que ha de conduzi-lo no exercicio do direito do suffragio universal.

«CONHECE-TE Á TI MESMO; eis a primeira necessidade de uma nação, diz o eloquente A. de Lamartine. Querer, conhecer, deliberar, julgar, apreciar, escolher, eleger, depois obedecer voluntaria e religiosamente á lei, convertida em vontade geral, eis hoje o cidadão.»

«Ve-te tal qual és; olha as cousas; olha os homens; olha a viagent; olha os acontecimentos; olha os progressos realisados; olha os perigos que te ameaçam; olha os males com que as facções te affligem; olha os bens com que a Providencia te abençoa; e então, obra, prevê, provê, delibera, governa-te, eis as cautelas, eis a missão do homem remido ha desenove séculos!»

Como, porem, assim praticar, sem as luzes que dianam da instrução, da educação das massas? Como realisar esse ideal, esse desideratum, quando opacas trevas caem densamente por sobre uma sociedade inteira, onde o saber é excepção, é partilha das elevadas classes, e a ignorancia um legado perpetuo, inhumano, mortificada, das camadas inferiores?

Lançai os olhos no orçamento do estado. Vede a magreza da verba despendida com a instrução publica... Esta, centralisada na corte, ou confiada á provincia, é mesquinha, é um assumpto de secundario interesse, é um capitulo de

discussão, de arranjos, de monopolio do partido que subiu, de martyrio, de dôr, de perseguição do que caiu...

«Em um paiz livre, diz o sr. Ed. Laboulaye, é o orçamento das escholâs o mais copioso de todos, porque é o orçamento da riqueza e da civilisação. Emquanto nos não compenetrar desta verdade, nada comprehendemos do novo espirito que impelle as sociedades christãs para um melhor futuro; havemos de arrastar-nos pelo trilho da idade media, e por mais que aperfeiçoemos a arte de matarmo-nos mutuamente, não seremos, com vergonha o digo, senão bárbaros engenhosos.»

D'essarte, isto é, polindo o povo, dando-lhe o amanho intellectual, teremos em parte realisado um dos mais fecundos elementos do progresso: assim, no dizer de um moderno escriptor, teremos o povo, e não a sua sombra, a sua espuma, a sua sphyngo.

Receemos assaz do dominio das trevas no coração dos povos. Nenhuma cousa é mais pavorosa do que uma rodoma espessa envolvendo uma alma opaca de luz. Fazei-a chegar até o intimo da humana consciencia, e o ideal será resolvido.

Em a communhão geral que se chama sociedade; em a sociedade religiosa que se chama igreja; em a vida intima que se chama familia, busque o homem a instrução, isto é, a luz da alma.

Esses trez modos de sêr, presididos por Deus, por elle fundados, por elle sustentados em o plano da Providencia, nos aconselham e induzem á instrução nos reciprocamente, porque a instrução porventura é o maior socorro que se presta ao espirito imbelles, por ausencia do alimento que lhe é proprio.

«Não é a educação, diz um eloquente escriptor moderno, mais do que uma preparação para a vida; fortalece o espirito, porem não é tudo. Não basta pois instruir a criança, convem que ao sair ella da eschola se lhe dê cada dia uma nova lição; convem ao homem, ao christão, ao operario, ao cidadão um ensino perpetuo.

«Eis o immenso serviço que á sociedade rendem gratuitamente a igreja, os jornaes, as bibliothecas populares, os cursos publicos, as reuniões e esses milhares de associações que, nos paizes livres, trazem sempre alvorotadas a religião, a sciencia, e a opinião.

«Por esse motivo é que a associação é uma liberdade não menos politica do que social; liberdade tanto mais precisa, porque combate sem remissão a ignorancia e as más paixões. Leva a luz até esses miseraveis ántros onde fermentam a inveja e odio, suffocando assim as revoluções no seu lar domestico.»

Não é, portanto, uma utopia, um sonho, um delirio, a aspiração da humanidade d'uma instrução universal. Negal-a o governo, evita-a o povo, escasseal-a a sociedade, é crearem para si proprios o supplicio do Tantalos.

Defendemos, por consequencia, esse direito, congenito ao do suffragio universal, com fé no futuro brilhante que aguardamos á nação brasileira, de um dia pairar sobre sua cabeça ondas de luz, que a guiarão nos seus magnos destinos.

E o governo, porventura, lembre-se desta grande verdade proferida por um sábio: Não pertence ao povo vir buscar o seu direito; é do direito ir buscar o povo.

## O rev. padre Jacintho.

A *Liberté* de Pariz publica duas cartas dirigidas pelo padre Jacintho, a pri-

meira ao sr. Girardin, director d'aquelle diario, e a segunda ao reverendo Leonardo W. Bacon, pastor da Igreja presbyteriana de Nova-York, e traductor dos *Sermões e Discursos* do celebre carmelita.

Diz assim a primeira d'estas cartas: «Ao Sr. Emilio Girardin.—Nova-York, 6 de Novembro de 1869.

Amigo e Sr.—Acaba de fazer-se em Nova-York uma traducção dos meus *Sermões e Discursos* por um pastor da igreja presbyteriana. Precedel-a-ha uma carta minha dirigida ao traductor. Esta carta foi lida publicamente pelo seu destinatário na reunião da *Liga Evangelica* e reproduzida immediatamente pelos diarios americanos.

Dadas as circunstancias em que me acho, tenho um particular interesse em que essa carta seja conhecida na Europa. Pego-lhe, pois, que se digne reproduzi-la integralmente no seu estimavel diario.

Faço fervorosos votos para que a causa da liberdade triumphe e prospere na Europa como n'este nobre paiz.

É isso com o triumpho e a fecundidade do christianismo, a unica salvaguarda do presente, e a unica esperança do futuro. Felicito-o, senhor, pelo talento que põe ao serviço da primeira d'estas causas e pelo respeito que, á falta da fé, concede á segunda.—Frei Jacintho.»

A segunda carta reza assim:

«Ao reverendo Leonardo W. Bacon. Reverendo senhor.—Estou tão satisfeito com o surprehendido pela honra que me quer fazer, dando á estampa alguns discursos que publiquei na Europa; uns verdadeiramente obra da minha penna, mas em muito pequeno numero, e relativos a circunstancias de tempo e de lugar; que serião, receio eu, sem interesse para leitores americanos; os outros, mais importantes pelo assumpto, porque fazem parte das conferencias instituidas pelos archebispos de Pariz, não passam de pedaços truncados, colhidos e precipitadamente pela stenographia e reunidos sem methodo.

Confesso que desejaria trazer para a America alguma cousa menos indigna das sympathias que me acolhem aqui, e ficaram sendo uma das maiores honras e uma das maiores alegrias da minha vida.

Taes como são, todavia, entregues esses esboços á indulgencia dos vossos leitores, francezes e catholicos; apresento-os pela sua mediação a esta grande republica americana, de que é cidadão, a estas numerosas e florescentes igrejas protestantes, de que é ministro.

Estou orgulhoso da minha França, mas creio que uma de suas mais solidas glorias é ter contribuido para a independencia d'este nobre paiz, que não deixou de amar e que saberá imitar algum dia. Povo para quem a liberdade é cousa differente de uma theoria esteril ou pratica sangrenta; para quem a causa do trabalho não se confunde com a da revolução e não se separa da causa da religião, e que, levantando sob todas as fórmas e sob todas as denominações casas de oração entre as suas casas de commercio e as suas casas bancarias corôa a barulhenta e fecunda semana pela docura e magestade do seu domingo! «E acabou ao setimo dia a sua obra, que tinha feito, e descansou ao setimo dia de toda a sua obra, que tinha levado ao cabo.» (1)

Pernanço fiel á minha igreja, e se reclamei contra os excessos que a des-honram e que queriam perdê-la, pode medir-se pelo grito do meu coração a

intensidade do meu amor. Quando o nosso mestre, o nosso modelo de todo se armou do chicote contra os profanadores do templo, os seus discipulos lembraram-se que estava escripto: «O zelo da tua casa devorou-me.» Continuo fiel á minha igreja, mas não sou menos sensível ao interesse que se dignam de tomar, no seio de differentes igrejas, pelo que eu posso dizer ou fazer nos limites do catholicismo.

D'ahi nunca imaginei que as communhões christãs separadas de Roma fossem desherdadas do Espirito Santo e sem uma parte na obra immensa da preparação do reino de Deus. Nas minhas reclamações com alguns dos mais piedosos e dos mais sabios de seus membros, tenho experimentado, nas profundezas da alma, onde a illusão não é possível, o beneficio ineffavel da communhão dos Santos: tudo o que divide por fóra, no espaço e no tempo, abysmando-se como um sonho perante o que une por dentro, a graça de um mesmo Deus, o sangue de um mesmo Christo, as esperanças da mesma eternidade.

Sejam quaes forem os nossos preconceitos, as nossas friezas ou as nossas coleras, debaixo das vistas de Deus, que vê o que nos está occulto, sob a sua mão, que nos conduz para onde não queremos ir, trabalhamos todos em commun para a edificação d'essa igreja do futuro, que será a igreja do passado na sua pureza e na sua belleza das suas analyses, a largueza das suas syntheses, a experiencia dos seus trabalhos das suas luctas e das suas dores na duração dos seculos.

Nos tristes dias do schisma e do captivo, a palavra do Senhor fez-se ouvir ao propheta Ezequiel. «Filho do homem,—disse-lhe elle—pega n'uma taboa e escreve-lhe em cima: Para Judas e para os filhos de Israel, seus companheiros. Pega n'outra taboa e escreve-lhe em cima: Para Joseph, a madeira de Ephraim, e para toda a casa de Israel, seus companheiros. Depois juntalas-ha uma á outra para formarem uma só taboa e ficarão unidas na tua mão (2)». Pois bem! A mim, o menor dos christãos n'essas visões da alma que não são recusadas aos homens de boa vontade, também fallou o eterno.

Entregou-me essas duas taboas divididas e carcomidas, Roma e os filhos de Israel que seguem as igrejas da Reforma e os povos que estão com ellas. Apertei-as sobre o meu coração, e debaixo da effusão das minhas lagrimas e das minhas orações aproximei-as de maneira que ficassem n'uma só. Mas os homens riram do meu esforço, na apparencia insensato, e perguntaram-me como ao antigo vidente. «Não nos dirá onde quer chegar? (3)» E eu sobre a arvore que parece ainda esteril e mutilada, contemplo já a brilhante flor e o fructo saboroso!

Um Deus, uma fé, um baptismo! Não haverá senão um só rebanho e um só pastor!

Highland-Falls, dia de finados, 2 de novembro de 1869.—Frei Jacintho.

(1) Genesis, II, 2.  
(2) Ezechiel, XXXVII, 16 e 17.  
(3) Ezechiel, XXXVII, 18.

## POLITICA.

## Lopez, julgado.

O excellente jornal, a *Constituição* que se publica no Ceará dá a estampa o seguinte artigo, traduzido do periodico francez *Le Public*, por um intelligente e distincto joven cearense:

Sob o título PARAGUAY, LOPES, DEPOIMENTOS DE WASHBURN, a *New-York Daily Tribune* de 17 de novembro publica uma extensa carta deste diplomata, da qual extrahimos as passagens seguintes: Não é sem interesse dizer que M. Washburn, antigo ministro dos Estados-Unidos no Paraguay, é irmão do M. Washburn, o honrado e muito distinto ministro dos Estados-Unidos em França.

M. Washburn, começa por julgar severamente a conducta parcial que tiveram no Paraguay certos officiaes de sua nação. Casualmente sabemos que foi a M. Webb, ministro americano no Rio de Janeiro, que M. Washburn deve o ter podido escapar a Lopez; pois foi por ordem sua que a canhoneira *Wasp* chegou ao Paraguay a tempo de livrar Washburn.

Passando a outra ordem de idéas, M. Washburn diz: «é aqui que procurarei desfazer a illusão, que muitas pessoas ainda conservão de ser a causa de Lopez a do Republicanismo contra a monarchia. O governo do Paraguay desde 1811 até hoje tem sido mais absoluto e despotico do que o de nenhum rei ou imperador do mundo, e a intenção de Lopez, principiando a guerra, era fazer-se declarar imperador do Paraguay, si ella tivesse um exito favoravel a seus planos e elle podesse annexar a seus dominios territorio bastante para dar ao paiz uma apparencia e dimensões respeitaveis sobre a carta geographica.

Elle me disse uma vez que o Brasil o animára a declarar-se imperador—o que elle julgava ser de muito facil execução—. Elle chegou a instituir uma «Ordem do merito», conforme o modelo da Legião de honra de França, para cujas mais altas dignidades só poderãe ser nomeados os soberanos e principes herdeiros, e está verificado que ultimamente fôra encontrado o modelo de uma corôa imperial entre muitos objectos de uma magnificência real, encomendados por Lopez em Pariz e provavelmente destinados a servirem na sua coroação.

Sua esperança era que, uma vez reconhecido por S. M. D. Pedro como «seu illustre e bom amigo e irmão», o imperador viria a ser seu sogro dando-lhe sua segunda filha para partilhar, do throno. Propostas foram feitas n'este sentido e durante esse tempo suas esperanças a respeito erãe bem fundadas; (*most-exalted*.) O fim d'elle fazendo a guerra era senhorear-se da Republica Argentina e fazer suas aquisições territoriaes a custa d'aquelle paiz. O imperador, porém, que já conhecia de suas ferozes disposições, terja antes confiado sua filha ao Crocodilo dos rios do que as caricias de Lopez. Com grande contrariedade e surpresa elle soube ao correr do verão de 1864, que as filhas do imperador devião desposar netos de Luiz Philippe.

Desde então foi impellido em seus projectos monarchicos por Mm. Lynch. Esta mulher, casada com um francez, foi levada de Pariz por Lopez, ha dezesete annos.

Ella tem-lhe dado muitos filhos e comprasia-se com a esperança de poder seu filho ser o segundo imperador, e ella com Lopez, os fundadores de uma dynastia. Foram estas as intenções com que esse campeão do Republicanismo começou a guerra sem mais preliminares e de modo tão selvagem e provocador das leis internacionaes, que o Brazil não poderia jamais convencionar com elle sem desafiar e merecer o desprezo do mundo inteiro.

M. Washburn continua dizendo: «E agora desejo dar o testemunho de alguns estrangeiros que virão ou experimentarão as atrocidades de Lopez.

E não se diga que é o testemunho de Brasileiros—são depoimentos de honrados e respeitaveis inglezes, allemães e outros que dizem o que viram e soffreram e se alguém quizesse contrariar estes testemunhos eu os sustentaria a despeito de qualquer asseveração.

M. Washburn refere ainda o testemu-

nho de R. Fischer von Freunfeldt, o constructor dos telegraphos no Paraguay «um homem excellente e muito fiel», que faz uma exposição muito interessante do modo como se exercia a justiça no Paraguay. O juiz que interrogou-o depois de sua prisão, declarou-o culpado pelo simples facto de comparecer perante elle; pois só se prendia os culpados.

Esta testemunha conta da maneira seguinte um dos terriveis episodios a que assistiu: «Na manhã de 21 de dezembro uma tropa de officiaes e padres veio á nossa prisão e o commandante Marco leu uma lista, que comprehendia, pouco mais ou menos, os nomes de um terço dos prisioneiros, que foram obrigados a apresentar-se, e era evidente que chegara o momento solemne do que os paraguayos ousão chamar «uma execução de justiça». Os prisioneiros chamados formaram um circulo, o commandante Marco leu uma breve sentença, os padres os confessaram, uma companhia de soldados conduziu-os a alguns passos para a mata—um momento de silencio—e uma descarga de fuzilaria acabou tudo.

Eu creio que vos interessareis em saber, ainda que com grande tristeza, os nomes de algumas victimas da execução d'este dia.

«Entre ellas achavam-se: Benigno Lopes, o irmão do presidente; Barrios, seu cunhado, o ministro Berges; o Bispo; o consul portuguez Leite Pereira; o coronel Allen; o capitão Fidanza; a velha mãe e a mulher do coronel Martinez; o padre Borgado. Como companheiros de prisão nós tínhamos as irmãs do presidente e seu outro irmão, o coronel Venancio Lopes. Estes foram tomados e encerrados cada um n'uma carruagem e levados não sei para onde. . . Quando Lopez fugiu para Cerro Leon, deu a um ajudante de campo uma lista de todos os antigos e novos prisioneiros, com ordem de matá-los em qualquer parte em que elles se achassem.»

M. Washburn acrescenta a isto:

O invariavel costume de Lopez, cada vez que elle se retirava do campo tendo perdido um combate era dar ordem para que matassem sem distincção todos os prisioneiros, que não podessem ser levados para serem torturados ainda.

Um dia, em que uma tropa de quarenta inglezes, composta pela maior parte de mulheres e crianças, tinha conseguido escapar-se, elle deu ordem para que fossem todos perseguidos e mortos. Felizmente para elles o official que havia sido encarregado d'esta desagradavel commissão, encontrou algumas florestas abandonadas e embriagou-se antes de ter executado suas ordens. Isto deu tempo a que os brasileiros chegassem e salvassem-os.

M. Washburn cita depois o testemunho do coronel Thompson, que era o principal engenheiro de Lopez e o verdadeiro heroe de toda a guerra; elle foi feito prisioneiro pelos brasileiros depois da queda d'Angostura, e publicou um livro fazendo a historia militar da guerra. Neste livro elle accusa Lopez como um «monstro sem igual», e tão covarde quanto cruel.

Fallando da carnificina que fica acima descrita por Freunfeldt, elle diz: Estas execuções tiveram lugar a vista das irmãs de Lopez que haviam sido horriavelmente espancadas; não se sabendo porque, e enviadas para o interior do paiz em carroças.

O coronel Thompson diz da coragem de Lopez:

«Lopez não havia ainda assistido ao fogo antes dos ultimos dias da guerra, e assim elle mal poderá dizer o que se passou porque estava sempre fora de alcance ou protegido pelas espessas paredes de sua casa. Nos ultimos dias de dezembro elle affirmou muitas vezes a seus soldados que ficaria com elles e que com elles venceria ou morreria. E por isto que, quando elle retirou-se sem haver sentido o cheiro da pólvora, seus soldados, aliás tão bem dispostos, que

julgavão perfeito tudo quanto elle fazia, o desprezão e eu ouvi muitos prisioneiros zombarem de sua cobardia.»

Depois do testemunho do coronel Thompson vem o de M. Alonzo Taylor, Inglez, que descreve o—cepo uruguayano,—tortura atroz á qual elle foi submettido; meio empregado de preferencia por Lopez para arrancar confissões e o do Dr. W. Stewart, Escosse, que acaba sua declaração pelas palavras seguintes:

«Nós devemos entrar minuciosamente nas menores particularidades desta horivel tragedia. As sombras dos que morrerão obrigão,—á nós, que escapamos á sua sorte, a fazermos uma exposição completa de todo o negocio, pois que Lopez sabia perfeitamente que todas as accusações de conspiração erão sem fundamento.»

M. Washburn nota estas palavras e diz: eu tentarei tomar parte n'esta justatarefa. Muitas das victimas assassinadas por Lopez erão meus amigos intimos e queridos. Seu sangue pede que eu os vingue de Lopez, e de seus miseraveis amigos, apologistas e defensores, que tem ainda a premissão de desacreditar a marinha d'este paiz, e obstruir as ruas com dragonas que, ha muito tempo, devião ter sido arrancadas de seus hombros.

Que admiração tambem ao lêr-se em alguns jornaes que os Inglezes no Paraguay vivião satisfeitos e erão tão bem tratados que quasi nenhum d'elles queria partir; que Lopez estava mais forte que nunca, e que sua posição era inexpugnável!!

Depois d'isto Lopez foi rechaçado de sua posição inexpugnável perdendo grande parte do seu exercito, e a maior parte dos Inglezes satisfeitos de sua sorte, tem fugido! Elles tem publicão nos jornaes de Buenos-Ayres as mais minuciosas informações sobre os soffrimentos e crueldades que supportarão nas mãos de Lopez, e o tem unanimemente accusado como um monstro infame. Replicão então mostrando o exemplo de quatro ou cinco Inglezes, que não tem podido fugir; e que, dizem elles, seguem o tyranno por sua máis livre vontade. Mais depois d'isto um d'esses que voluntariamente o acompanhão, M. C. H. Thompson, evadiu-se por sua vez, e, sob, informação sua, nosso ministro em Buenos-Ayres, confirma tudo que fica dito das crueldades de Lopez; M. C. H. Thompson acredita mesmo que o peor do negocio ficou em segredo. Está entendido que estes Inglezes declarão todos que não creem ter havido nunca conspiração.

A vista de tantas testemunhas das quaes nenhuma tem sido contradicta, eu creio que o publico deve estar convencido de que Lopez é o mais abominavel monstro que jamais tem affligido o continente americano, senão o mundo. Elle tem feito o que tyranno algum fez; pois ha causado a ruína completa de sua nação e de seu povo.

Das 800,000 pessoas que vivião quando elle subiu ao poder, divido que existião ainda 100,000, enão ha mais 2,000 homens válidos nas fileiras de seu exercito.

Assignado: Carlos A. Washburn.

New-York 13 de novembro.

A. Olivier.

## A Bolivia em relação ao Brazil.

«Trecho da parte da mensagem do presidente da Bolivia em que trata da politica externa:

Acha-se promulgado o tratado de amizade, limites, navegação, commercio e extradição, que temos concluido com sua magestade o imperador do Brazil.

Deveremos á prompta e feliz terminação de tão importante assumpto, não só as elevadas vistas do governo imperial, coincidentes com as minhas, como tambem ao decidido interesse empregado pelo exm. sr. conselheiro Dr. Felipe

Lopes Netto, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, em missão especial do Brazil na Bolivia, e ao meu secretario geral de estado e ministro das relações exteriores dr. D. Mariano Donito Monoz.

A maior gloria para a Bolivia e para mim consiste, senhores, em que tivemos a fortuna de terminar, no tocante á nossa patria, a secular questão de limites, que tanto se havia debatido entre as corôas de Portugal e Hespanha, sem chegar-se nunca a um accordo.

Brevemente ficarão demarcados os limites territoriaes entre ambos os estados, por intermedio dos respectivos commissarios sendo por nossa parte o sr. D. Eniterios Villa, cedor de tal confiança por sua illustração, patriotismo e rectidão.

Além da livre navegação pelo Amazonas contamos com portos no alto Paraguay para communicar com o Atlantico.

Com as novas arterias para a nossa vida commercial; poderemos estar seguros; de que os grandes destinos de nossa patria se hão de cumprir em um tempo não mui remoto, desenvolvendo-se os vigorosos germens do progresso industrial, que a providencia ha depositado em nossas comarcas orientaes.

Lá está o porvir da republica; e é para alli, que devemos estender as vistas em apoio do trabalho, que forma a riqueza, e da industria, que constitue a independencia do homem livre.

Para isto contamos além dos nossos proprios recursos com a liberdade politica, que o augusto imperador D. Pedro II ha empregado em favor dos interesses bolivianos, que hão começado já a ligar-se com os do Brazil; secundada por seu habil diplomata o exm. sr. Lopes Netto, que tão lealmente tem sabido estreitar as amigaveis relações de ambos os povos e governos.»

## AGRICULTURA.

### O suprimento do algodão.

Chamamos a attenção dos leitores para o seguinte facto dado em Liverpool, como o refere um correspondente dessa grande cidade manufactureira:

«O Sr. Cheethan, presidente da associação promotora do supprimento de algodão, em um relatorio dirigido á mesma associação, tratou do estado actual e da perspectiva que apresenta o supprimento desta materia prima das nossas principaes fabricas.

Segundo o Sr. Cheethan a depressão que se observa actualmente neste ramo de industria não é motivada pelas tarifas estrangeiras e nada tem com os direitos de alfandega; nasce unicamente da escassez de supprimentos de materia prima.

Os Estados-Unidos, depois de quatro annos de paz, não apresentam na producção do algodão o augmento que se esperava; nem deposita o sr. Cheethan grande confiança em maiores supprimentos da America do Norte. Ha paizes, pensa elle, muito mais adequados á producção do algodão de que os Estados-Unidos, mas em todos elles a questão primordial é a falta de braços. No Egypto a producção foi interrompida pela molestia do gálo; e o nãis que se espera dessa procedencia é um milhão de fardos por anno; da Turquia não virá mais de meio milhão.

Ha ainda, diz o sr. Cheethan, o Imperio do Brazil; ali, porem, surge tambem a questão da falta de braços.

A população deste paiz é diminuta, e, posto que seu clima seja superior ao dos Estados-Unidos, posto que seus rios sejam iguaes em grandeza e facilidade de navegação aos dos mesmos Estados, a falta de braços e de estradas e vias ferrêas são obstáculos serios ao cultivo do algodão. Tudo, porém, concorre para indicar que muito se poderia fazer no Brazil se dispuzesse elle dos meios indispensaveis. Ha quatro ou cinco annos a associação recebeu uma carta de um cavalheiro estabelecido em uma das provincias meridionaes do Brazil, a provincia de S. Paulo, na qual dizia que aquella região parecia-lhe offerecer todas as condições para o cultivo do algodão e pedia que lhe enviassem sementes e instrumentos, que effectivamente lhe foram remittidos. O resultado disto foi que no anno passado recebeu-se daquella unica provincia quasi tão'o algodão quanto antes da guerra americana se recebia do Brazil. Quando se concluiu a guerra alguns lavradores americanos, descontentes com o estado de cousas, deliberaram emigrar e dirigiram-se para aquella provincia; sua opinião é que offerece ella para a plantação e cultura do algodão melhores condições do que os Estados-Unidos. O *Times* publicou um extracto dos jornaes brasileiros, segundo o qual os algodoeiros acham-se extraordinariamente cobertos de flores e as plantações na provincia tem augmentado muito.

«A associação trata de entrar em relações com algum cavalheiro inglez ou allemão que faça nas provincias do norte o mesmo que se fez na de S. Paulo. No começo da guerra a importação de algodão do Brazil era de 100\$000 fardos.

No fim do anno passado a produção subiu a 650,000 fardos e ha esperanças de que va além. A associação trata de entrar em negociações com o governo do Brazil para a supressão dos direitos de exportação, que por tanto tempo tem pesado sobre o algodão, e para incluí-lo a tontar o maior interesse em uma questão que tanto importa para a prosperidade do Imperio.»

Do Perú o sr. Cheethan espera alguma cousa, mas das Indias occidentaes nada absolutamente.

Na Africa occidental algum pequeno progresso se nota: na Italia não se pode confiar; a Argelia não conseguiu fornecer cousa alguma; da Australia chegam apenas diminutos supprimentos; e só preços altos, muito altos, poderiam attrahir algumas remessas da China e do Japão.

E, pois, para a India que o Sr. Cheethan se volta, como a unica região capaz de satisfazer as nossas necessidades. Em sete annos a quantidade d'ali obtida subiu de 515.000 fardos a 1.354.000 ditos; mas a cultura é deficiente e a qualidade inferior, se o governo da India não modificar sua legislação sobre terras, estender linhas ferreas, abrir estradas lateraes, prover a irrigação dos terrenos, instruir o povo nos melhordes de cultura e tomar o que o Sr. Cheethan chama a «iniciativa» na produção do algodão, não se deve esperar grande nem rapido augmento nos

supprimentos da India. Se o governo fizer tudo quanto elle indica como necessario, pensa o Sr. Cheethan que os supprimentos augmentarão muito e que dentro de dous annos poderá sua totalidade subir a cinco milhões de fardos. Para esse fim, diz elle, cumpre que se crie um ministerio de commercio e de agricultura na India.

Não ha duvida de que o governo da India pode fazer muito em favor da produção do algodão, mas o Sr. Cheethan exagera tanto os seus deveres como as suas faculdades; aquelle governo não pode assim rapidamente augmentar a produção na proporção indicada.

Por isto digo aos plantadores do Brasil: «Não vos assuste a India; os supprimentos que d'ali podem vir não farão tão cedo baixar os preços; e o Brasil então poderá enriquecer com a produção de algodão que já tem sido de muita utilidade para o Imperio. Se poder obter trabalhadores e capitães, nem mesmo todas as agências do sr. Cheethan na India conseguirão competir com o Brasil no fornecimento do algodão em rama ás fabricas inglezas: nesta cultura ha para o imperio um verdadeiro Eldorado.

Os direitos de exportação, que o sr. Cheethan deseja ver abolidos, e que recahem sobre o productor no Brasil e não influem nos preços aqui, constituem a taxa com que a agricultura no Imperio concorre para a renda publica. Se forem abolidos, deverão substituir os direitos maiores sobre a importação, o que será immediatamente sentido pelas nossas fabricas de Lancashire.

Sé o sr. Cheethan e seus amigos auxiliarem com seus capitães o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo, emprestarem fundos ás provincias produtoras de algodão afim de abrirem estradas e promoverem do mesmo modo a navegação a vapor nos rios do Brasil, tratarão effectivamente tanto dos seus interesses como dos do Imperio, estimulando a cultura do algodão no Brasil.

## INTERIOR.

### Bahia.

No dia 11 do corrente março partiu para a Europa S. Ex. Rm. o Sr. Arcebispo Conde de S. Salvador. Fazendo o trajeto do paço archiepiscopal ao arsenal em uma cadeira, visto o seu estado de molestia não permitiu dar um passo, nem ao menos ter-se de pé, á não ser firmado em duas pessoas que o sustentão. S. Ex. Rm. foi ainda assim acompanhado de um concurso immenso dos seus diocesanos, quer ecclesiasticos, quer seculares. As pessoas mais gradas da provincia tomarão parte no sequito, que partiu ás 11 horas do dia do paço archiepiscopal.

Fazia parte tambem do sequito uma commissão enviada por parte da Associação Commercial da Bahia.

Ao passar pela Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, os seus dignos irmãos, acompanhado do Rvd. conego vigário, receberam S. Ex. Rm. á porta de baixo do Pallio, recebendo nessa occasião o Exm. Metropolitano mais uma subida prova de estima, quando, dizendo á illustre immandade que não poderia entrar por não poder pôr-se de pé, os mesmos irmãos, recebendo-o em uma cadeira, carregaram-no sob o Pallio até o altar

do SS. Sacramento, depois ao altar de Nossa Senhora, onde optou o clero o *Tota Pulchra*, dando em seguida o Rvd. conego vigário a oração competente, fida á qual, ainda entre os braços dos dignos irmãos, esob o Pallio, voltou S. Ex. á porta, onde deu-lhes a benção archiepiscopal, assás penhorado por tanta defecadeza.

No Arsenal fez-lhe as honras devidas a guarda de honra que ali se achava posta. Ali recebeu-o S. Ex. o Sr. conselheiro presidente da provincia. No momento de descer ao embarque o Rm. Conego Vigário da Parha Antonio Borges de Lemos, interpretando os sentimentos do Clero Bahiano, e em geral de todos os dignos Diocesanos do Arcebisado dirigiu a S. Ex. Rm. breves palavras, porém bastantes para transmitir-lhe os sentimentos que naquella hora solemne a todos dominava.

Todos os que fizeram parte do acompanhamento até o Arsenal, seguirão o illustre Pastor até á bordo em um vapor offerecido para este fim por dous dos prestimosos amigos de S. Ex. o Sr. commendador José Lopes da Silva Lima, e seu illustre irmão o Sr. Arnaldo Lopes da Silva Lima.

Quasi á hora da partida do paquete que voltarão os amigos de S. Ex. e por mais de uma vez foi notorio a viva impressão que lhe causava tão penosa separação.

Além destas e das demais lisongeiras demonstrações de estima e apreço que á S. Ex. Rm. foram liberalizadas, não só pelo clero, que generosamente offereceu-lhe para auxilio de seus poucos recursos a somma de 21.000\$000, como pelos mesmos seculares seus diocesanos, avultando entre elles a Immandade da Santa Casa da Misericordia, que nas vespervas de sua viagem presenteara-lhe com um saque de perto de 10.000 francos, a Provincia da Bahia, que por intermedio de seu nobre e generoso administrador, pozera á sua disposição a quantia de 2.000\$000; além de tão subidas provas que tanto captivaram á S. Ex. Rm., o clero, foi ainda um pouco além, fazendo-se representar junto á S. Ex. Rm., até Pernambuco, por dous dos seus mais distinctos membros, os Rvds. vigários conego Dr. Candido de Souza Requiao e padre Tito Livio dos Santos; sendo além disto acompanhado o Exm. Metropolitano até Lisboa pelo Rvd. conego secretario da camara archiepiscopal Joaquim Tito Tabará Galtão; e pelo seu capellão o Rvd. conego Carlos d'Amour até Roma, onde espera á S. Ex. Rm. o seu secretario o Rvd. conego João de Oliveira Dias, que desde setembro partira para aquella cidade afim de levar perante o Concilio os motivos da demora de sua viagem.

S. Ex. vac directamente á Bordeaux; si a viagem até essa cidade lhe der alguma melhora seguirá logo para Roma, pois deseja summamente receber das mãos do Summo Pontífice a santa communhão no dia de Quinta-feira maior; si porém com a viagem não obtiver resultado algum favoravel, S. Ex. seguirá de Bordeaux para Paris, onde se demonstrará até que possa fazer a viagem á Roma sem grave perigo para sua preciosa vida.

Que todos os seus diocesanos não cessem de orar a Deus, para que levando-o á salvo á tão difficil e critica peregrinação; nos dê a grande consolação de receber o breve em nossos braços coberto de gloria, por ter purgado na santa assembléa de Roma pela causa do restabelecimento da verdade do mundo, e cheio de vida para, ainda por prolongados annos, nos fazer participantes das virtudes que com tanta abundancia ornão o seu coração.

—Por S. Ex. Rm. o Sr. Conde de S. Salvador foram feitas as seguintes nomeações:

De governadores do arcebisado, durante sua ausencia, os Rvms. Srs. conego provisor Pedro Antonio de Campos, conego Joaquim Cajueiro de Campos, co-

nego deão Joaquim Emygdio Ribeiro e vigário Dr. Antonio da Rocha Vianna.

De lente de exegetica do seminario de sciencias ecclesiasticas, o Rvd. conego João de Oliveira Dias.

De lente substituto das cadeiras do mesmo seminario, o Rm. José Alves Martins do Loreto.

De lente de geographia e historia do seminario de estudos preparatorios o Rvd. conego reitor do mesmo seminario, Ludgero dos Humildes Pacheco.

De substituto das aulas do mesmo seminario o Rvd. vice-reitor Pedro dos Santos Pereira.

—Logo depois da partida de S. Ex. Rm. começaram em quasi todas as egrejas da capital as procès em favor de sua viagem, que foram ordenadas pelo Exm. Sr. conego governador do arcebisado.

—Partiu para o Maranhão, afim de receber a sagrada ordem de presbytero, o Rvd. diácono desta diocese Antonio Teixeira Cozimbrat visto o estado de saúde de S. Ex. Rm. o Sr. Conde de S. Salvador não lhe permitiu conferir as ditas ordens.

—Com summo prazer annunciamos que tem sido immensa a concorrência dos fiéis ás missões que fazem actualmente os Rvds. capuchinhos nas egrejas da Cathedral e Piedade; sendo de esperar que os fructos sejam correspondentes á concorrência.

—Achão-se abertos os cursos dos dous seminários archiepiscopaes: sendo 13 o numero dos alumnos matriculados no seminario do curso theologico, e 144 no de estudos preparatorios, sendo destes 112 internos e 32 externos.

No proximo numero daremos á relação das cadeiras leccionadas em ambos os seminários e juntamente os respectivos lentes.

—Falleceu nesta capital, no dia 9 do corrente, o diacono Antão Vianna, que neste anno terminava o curso do seminario de sciencias theologicas.

—Tambem falleceu no dia 4 de Janeiro, na freguezia das Ouricangas, o Rvd. Joaquim Alves Maciel, com 88 annos de idade.

(Da *Chronica Religiosa*.)

## NOTÍCIAS.

### Chronica externa.

Lê-se no *Diario Official* de 15 do corrente:

Entrou ante-hontem da Europa o vapor inglez *Hipparchus* com folhas de Paris até 12 e de Londres até 19 do passado.

Occupava-se o parlamento inglez com as discussões de varios projectos, sendo os mais importantes o da reforma agraria para a Irlanda, apresentada a 13 pelo Sr. Gladstone, e o da instrução publica apresentado pelo mesmo ministro na sessão de 17.

O projecto da reforma agraria tem uma serie de disposições combinadas para melhorar a sorte dos arrendatarios de terras, sem prejuizo dos proprietarios. Gladstone concluiu o discurso com que apresentou aquella lei; dizendo que ella não era uma victoria de partido, mas uma grande obra de boa vontade para o bem da patria commun.

O parlamento francez continuava calmo em seus trabalhos, á espera do dia 21, em que o deputado Julio Favre devia interpellar o governo acerca da politica interna, assumpto que daria lugar a um solemne debate. Nessa occasião, o centro esquerdo apresentaria uma moção de completa confiança ao ministerio.

Mais uma mensagem de adhesão fora apresentada a Emilio Ollivier,

que respondeu agradecendo e pedindo o apoio da opinião para fundar a liberdade. «Se formos bem succedidos, disse o ministro concluindo, realizaremos aquillo que nem Mirabeau nem Benjamin Constant lograram realizar.»

Segundo o *Moniteur* o contingente do exercito para 1870 teria uma diminuição de 15,000 homens.

Diz um jornal de Antuerpia, a *Union*, que o conde Darco, (ministro de estrangeiros de França) mandára nenhuma nota ao representante francez em Roma a respeito do concilio, mas que escrevera uma carta particular ao monsenhor de Merode commendando prudencia á curia romana.

A *Opinione* de Florença dá noticia de que o ministro Sella celebrara uma convenção com o banco nacional, elevando de 378 a 500 milhões de libras o emprestimo que o mesmo banco fez ao governo.

Um telegramma de Stockolmo annuncia que a dieta unanimemente approvara uma resolução para que a discussão do acto da União da Suecia com a Noruega seja adiado até a reunião da futura dieta.

### Chronica interna.

Em referencia á guerra, lê-se no *Jornal do Commercio* de 12 do corrente:

Pelo vapor inglez *Pascal*, entrado hontem do Rio da Prata, recebemos folhas de Buenos-Ayres e Montevideo até 4 e 5 do corrente.

O governo argentino mandou retirar do Paraguay a sua artilharia e cavallaria, deixando apenas dous batalhões de infantaria, um no Chaco, guarnecendo a villa Occidental, outro na Assumpção. A *Nación*, dando esta noticia, accrescenta que entre os alliados se tratava de dar por terminada a guerra.

Relativamente a esta nenhuma facto se refere que não seja já conhecido. Narra uma correspondencia da Assumpção que um capitão paraguayo por nome Leon Caceres, e que fôra ajudante de Lopez, vindo apresentar-se na Lagoa Canton, declarára não conhecer ao certo o actual paradeiro do mesmo Lopez, acreditando, porém, que este com pequeno resto de forças na maior desorganisação se dirigia ao Cerro Corá, para dalli entrar em negociações com os alliados, pois que assim lho affirmára o tenente-coronel Manoel Maciel.

Accrescenta a carta que era continua a apresentação de Paraguayos, entre os quaes alguns graduados, tendo vindo só n'uma occasião 50 soldados e 7 officiaes, e que á ultima hora se tinham passado para os alliados varios chefes que estavam no departamento de S. Pedro; entre elles o major Carmona.

O *Standart* de Buenos-Ayres quer saber de uma derrota soffrida pelo general Camara além do Apa, já em territorio de Matto Grosso, dizendo que aquelle general, em um recontro com gente de Lopez, perdêra toda a cavallada, tendo tido por isso de retirar para a Conceição. A noticia, vinda unicamente para aquella folha,

mereceu tanto credito que nem o telegrapho a transmittio para Montevideo onde aliás não deixaria de encontrar quem a festejasse. O facto, porém, é que nem as folhas de 5 nem algumas cartas que recebemos do mesmo dia dizem couza alguma a tal respeito.

Da Republica Argentina nada encontramos que noticiár. Em Montevideo as camaras occupavão-se com os projectos financeiros que em grande numero lhes havião sido apresentados. Segundo o *Telegrapho Marítimo* o que maior apoio encontrava no corpo do commercio era um formulado pela junta de credito publico, que se limitava a substituir as notas dos bancos em circulação por outras emitidas pela mesma junta para serem gradualmente amortisadas, autorizando ao mesmo tempo o governo a contrahir um emprestimo de 800,000 ou um milhão de pesos, e podendo os bancos continuar a emitir notas pagaveis ao portador. Ajunta esta mesma folha que ainda se esperava a chegada do Sr. barão de Mauá para assentar definitivamente as idéas que devião adoptar-se.

A cidade e a republica estavam tranquilas depois da deportação dos Ramires e actos de energia do governo.

### Chronica urbana.

**Fallecimento.**—Falleceu á 29 do corrente, pelas 4 horas da tarde, o doutor Braz Florentino Henriques de Souza, presidente da provincia.

Acontetido de uma violenta congestão cerebral pela mádrugada do mesmo dia, o illustre enfermo teve apenas momentos de existência.

Apezar dos sabios cuidados medicos que lhe prodigalisaram todos os mais distinctos facultativos da capital, apezar dos mais ternos e sollicitos disvellos de sua consternada familia que assercavalle o leito, ceifou a morte impiedosa mais essa peregrina existência.

Abriu-se mais um tumulo para encerrar as preciosas reliquias de um varão conspícto pelos seus conhecimentos e civicas virtudes.

Fragil vida humana que por qualquer accidente se extingue como a alampada ao tenue soprar da viração!

Seja leve o pó da sepultura ao cair sobre os despojos do illustre finado.

### VARIEDADES.

O *Golos*, de S. Petersburgo, publicou o seguinte trecho de um ukase imperial dirigido ao senado: «Recomendamos ser útil supprimir a diocese catholica romana de Linsk, dispensamos *graciosamente* a Monsenhor Woitkiewicz das funcções de Bispo da dita diocese, e ordenamos que as egrejas pertencentes á diocese de Linsk sejam reunidas á de Wina.»

Que diria o Czar, pergunta um jornal catholico, se alguma, mais poderoso do que elle, reconhecendo ser útil supprimir o imperio da Russia, o dispensasse *graciosamente* das funcções de Czar?

Os jornaes dos Estados Unidos referem a noticia da distribuição dos premios no collegio dirigido pelos Jesuitas, em Georgetown, perto de Washington. O presidente Grant, o

ex-presidente Jonhson, assistiram a esta cerimonia, com a flor da sociedade de Washington e das cidades visinhas.

Foi o proprio presidente dos Estados-Unidos que distribuiu os premios e conferio os diplomas e os grãos, depois de haver feito o maior elogio ao ensino dado pelos padres da companhia de Jesus.

A proposito deste facto, uma folha catholica faz a seguinte observação: Eis o que se passa nos Estados-Unidos, ao passo que a Italia e a Hespanha prohibem aos Jesuitas o ensino, e o liberalismo austriaco clama pela sua expulsão.

### O bruto e o homem.

Pergunta-se muitas vezes nas escholhas de philosophia o que distingue o homem dos brutos. A linguagem, a intelligencia, a alma; é o que se responde.

Assim parece que não é porém: os abimtaes entendem-se, pensam, e movem-se.

Victor Hugo diz sobre esta qües. tão algumas palavras que vamos transcrever:

«O que distingue o homem do bruto é a acção do bem e do mal.

«É esse o abysmo.

«O animal é um ser completo. O que faz a grandeza do homem é ser incompleto; é sentir-se por uma multidão de pontos fora do finito, é perceber alguma coisa além de si, alguma coisa áquem. Essa alguma coisa que está além e áquem do homem é o mysterio; é para empregar essas fracas expressões humanas que são sempre successivas e nunca exprimem senão um lado das cousas—o mundo moral. Esse mundo moral certã o homem tanto, mais ainda que o mundo material. Vive o homem no que sente mais do que no que vê. Por mais que o rodeie a criação que o assalte a necessidade, que o tente o gozo, que o atormente a besta que vive em nós, uma especie de aspiração perpetua para uma região differente arroja-o irresistivelmente fora da criação, fora da necessidade, fora do gozo, fora da besta. Entreve sempre o homem por toda parte, a todos os instantes, a todos os minutos, o mundo superior, e enche sua alma com aquella visão e por ella regula as suas acções.

Não se sente rematado n'esta vida da terra. Traz consigo, por assim dizer, um exemplar do mundo anterior e posterior, do mundo perfeito, ao qual compara continuamente e com mau grado seu, o mundo imperfecto, e á si mesmo; e suas enfermidades, seus appetites, suas paixões e suas acções. Alegria-se quando reconhece que se aproxima d'aquelle modello ideal; entristece-se quando reconhece que se distancia. Compreende profundamente que não ha nada util e perdido n'este mundo, que tudo vem de alguma coisa e conduz para alguma coisa.

O justo, o injusto, o bem, o mal, as boas obras, as acções más, cahem no pégo, mas não se perdem, vão pelo infinito em credito ou debito dos que a praticam. Depois da morte, en-

contram-se e faz-se a somma. Perder-se, sumir-se, extinguir-se, deixar de existir é tão impossivel ao atomo moral como ao atomo material:

É d'ahi que sobresaé no homem esse grande e duplice sentimento de sua liberdade e de sua responsabilidade. E-lhe dado ser bom ou ser máo. Será uma conta que ajustará. Pode ser culpado e cousa impressionadora; e sobre que insisto, é essa a sua grandeza.

Nada d'isto no bruto. Para elle só há instincto; beber quando tem sede, comer quando tem fome, procrear na estação propria, accordar quando se levanta o sol, dormir quando se põe; fazer o contrario se é um animal nocturno. O animal só tem uma especie de ser obscuro sem nenhuma luz moral. Toda sua lei, repito, é o instincto:—o instincto especie de carril por onde a natureza fatal arrasta o bruto. Falta-lhe a liberdade; portanto a responsabilidade; portanto a vida posterior.

O bruto não faz nem bem nem mal; ignora:

O tigre é innocente.»

### ANNUNCIOS.

Achant-se a vendita nesta typographia e em todas as livrarias da capital as seguintes obras:—

#### Discurso

Proferido pelo illustrado maranhense, o Exm. Senr. Doutor Candido Mendes de Almeida, na Camara dos Senrs. Deputados; á 20 de Julho de 1869, em defeza das ordens religiosas, precedido de uma introdução.

#### Manual de Orações;

Contendo varios assumptos:

I. ORAÇÕES, para todas as circumstancias da vida do christão;

II. VISITAS ao SS. Sacramento e á SS. Virgem Maria; por Santo Aphonso de Ligório;

III. SAUDAÇÕES ao SS. Sacramento, na adoravel Eucharistia;

IV. LADAINHA de Nossa Senhora;

V. VESPERAS e COMPLETOS para os Domingos.

1\$000 reis cada exemplar.

## ATENÇÃO.

Na rua das Hortas casa n. 36 todas as manhãs ha lindas e odorosas flores para vendêrem-se. Tem tambem pês de lindas rosas das qualidades mais raras e exquisitas, como sejam: Monte-Christo (rosa veludo), Rainha Margarida, Rainunelo, Rosa-Gravo, Rosa amarella, Guayabara, Conde de Aragão, Anna d'Austria, Luiz XV, Luiz XVI, Luiz XIV, Sidorina, Washington, Pedro II, Napoleão, Cambraia, Cassa da India, Flor de Maria, Principe Alberto, Rosa Inglesa, Orvalho Celeste, Francisco I., etc., etc.

Sau Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NAÇÃO.

MARANHÃO, 9 DE ABRIL DE 1870.

### Dos interesses sociaes.

Lançado no vasto procenio do universo, vive na terra o homem como em o lugar d'exílio, onde, apóz o breve desempenho de sua missão, deixa o involuero material para subir em espirito ao seio do Eterno.

Na romaria terrestre visa uma estrella, que está de continuo á fulgir-lhe, o futuro. Empenha-se nas luctas homericas do trabalho, e deseja possuir, como o Briareu do paganismo, cem braços, para conseguil-o cêdo.

Eis pelo que, olhando para traz de si, o observador admira o conato de uma serie de gerações, successivas, como ôlos de compacta e unida cadêia, trabalhando offegantes em busca de um marco engravado além.

E o philosopho, pasmando ao contemplar na arena gladiadores ensopados de suor, com os rostos nodoados do pó, erguido pelos certames, bate palmas, e tece corôas aos triumphadores, que se apinhão e se chocam.

Assim applaude e sauda ao homem empenhado nisso que chama—«a apothéose dos interesses materiaes, cujo brado victorioso se eleva com o fumo do carvão fossil, que, exalado de mil forjas, paira e negreja sobre todas as capitaes, e voa em longas faxas de cidade em cidade, annunciando por onde passa que uma população inteira vence o espaço e a distancia com a rapidez do vento.»

Uma das glorias da litteratura patria, com a seductora magia do apurado estylo que lhe é proprio, descreve com suprema verosimilhança o agitado movimento da especie humana nesse labutar continuo dos interesses materiaes:

«As vastas officinas, as numerosas fabricas, todos êsses arsenaes da industria moderna, que alimentam o commercio dos mais longinquos povos, e satisfazem os mais extravagantes caprichos do luxo, não satisfazem contudo todas as necessidade do nosso espirito, como não resolvem o problema da existencia e da sociedade humana.

«É sem duvida um espectáculo digno de admiração o que apresenta o genero humano, luctando sem cessar, braço á braço, com uma natureza tam rica e caprichosa, que ostenta á seus olhos uma profusão inútil para o homem, e lhe nega ao mesmo tempo o necessario, ou só lho concede como recompensa do trabalho, e em troca do suor do seu rosto, e de grandes sacrificios.

Uma natureza inconstante, que em suas phases periodicas se revolta demil modos contra o homem; desprende as cataractas do céu, arroja os rios contra as suas cidades, inunda os seus campos, afoga as suas alimarias; solta os ventos e as tempestades, que varrem os mares, empolnam as ondas, submergem os seus navios, e transportam os miasmas de um á outro continente; outorga a vida á myriadas de entes invisiveis, que empestam os ares, inficionam as aguas, ou veem disputar ao homem o fructo do seu trabalho, a vida da sua vida!

«Admiraveis são na verdade todos esses esforços da industria, todas essas invenções das artes, todos esses triumphos apparatusos da humana intelligencia applicada sem repouso á vencer a resistencia da inerte materia.

«Mas não creio, conclue o philosopho, que nesse trabalho assiduo de Cyclopes se revele a dignidade do homem, nem

que deva o rei da criação exhaustir essa intelligencia, que peza os astros na sua veloz carreira, no exclusivo estudo e afan de prover as suas necessidades phisicas, como se elle fosse um misero escravo do corpo, a victima da natureza, e não o seu interprete.»

Si com effeito a missão do homem se limitasse á tam mesquinho papel, si ella só tivesse de desenvolver-se em tam apertado circulo, mui aváro fora Deus na dadiva de suas munificencias para com áquelle á quem constituia intermedio á divina e angelica natureza.

Ao contrario, porem, vemos o facil mas augusto processo pelo qual o auctor omnipotente do universo talha, anima, e dispõe á esse que chama apóz seu glorioso fabrico, o rei da criação; vemos a dignidade humana revelada nos sentimentos moraes, cujos germens se radicaram pela influencia dessas palavras sublimes, narradas pelo propheta: O Senhor gravou em irós o lume do seu rosto.

É que alem da parte material do homem, o corpo, outra existe de maior consideração, a alma; que sobre os interesses materiaes, que á aquelle convm, há interesses moraes, preparados pela alma, e para a alma.

Da junção e harmonia desses dous interesses, materiaes e moraes, sae um ideal sonoro, bello, surprehendente, que faz a ventura de todos os homens, de todos os povos, de todo o universo. Este ideal é a ordem.

Quando, formada uma nação, se propugna pelos interesses materiaes, com sacrificio dos moraes, olvidando-se, menosprezando-se estes, crea-se uma entidade ameaçadora, possante, mas, que em si mesma tem os elementos de sua destruição.

Quando se cuida dos interesses moraes, prejudicando-se os materiaes, fallha-se, falsêa-se, cava-se um abysmo, que hade sepultar cêdo ou tarde os seus proprios operarios.

Não será então o reinado da ordem; porque a ordem se funda no equilibrio discreto da sabia gerencia e direcção desses dous interesses.

Eis o que vamos discutir hoje pela imprensa; si cuidamos antes dos interesses materiaes, ou si preferimos á estes os interesses moraes, ou si ora favoneando á uns, ora á outros nos esquecemos de ambos ao mesmo tempo.

Applaudimos os interesses materiaes, por muitas vezes os haventos defendendo, e terão sempre em nós propugnador sincero, entusiasta fervente.

Porem n'esses interesses, com precedencia o digamos, se não firma a felicidade dos povos. «Os interesses materiaes, diz um notavel escriptor, sempre, afóra de toda a duvida, serão considerados uma coisa boa, excellente, porem não são os supremos interesses da sociedade humana.»

Profundamente examinaremos este grave assumpto, e aguardem-nos os leitores para o seguinte numero.

Proseguiremos.

### Rev. padre Jacintho.

De uma correspondencia escripta de Paris e publicada no Times de 19 do mez passado, consta o seguinte:

«O padre Jacintho embarcou-se para os Estados-Unidos no dia designado pelo general da ordem carmelita para sua volta ao convento.

Retirou-se por dous mezes para procurar um retiro ao menos comparativamente, e regressará no fim do anno quando o concilio começar seus trabalhos. No entretanto pode ser conveniente

dar alguns pormenores sobre um homiem que, certamente tem nas suas mãos consideravel futuro, e cuja posição e modo porque foi tratado é documento altamente caracteristico do estado da igreja catholica romana.

Pertence o padre Jacintho a uma familia de nome Loison, mais ou menos distincta nos ericulos academicos e litterarios. Seu pai foi reitor de um collegio do sul de França; seu irmão é professor de theologia na Sorbana; seu tio, o mais conhecido da familia, foi poeta e politico; morreu moço e sobre seu tumulo Victor Cousin pronunciou uma oração funebre. «Adieu, cher Loison, tu ne me attendras pas long temps.» Foi observação constante entre os amigos de Cousin sempre que este cahia doente, que Loison o estava esperando, e por gracejo o incerpavam, pelo menos, de quebra de promessa, pois que por mais de 40 annos deixou de ir reunir-se ao amigo.

Dizem que o padre Jacintho, assim chamado depois de sua entrada para a ordem dos carmelitas descalços, adoptou sua profissão religiosa como uma especie de ideal da vida christã. Foi logo escolhido superior d'um pequeno convento em Passy, em cuja posição gozou de consideravel liberdade, o mais livremente do que é usual, com os professos das ordens monasticas, misturouse com o mundo.

Sua fama de pregador attrahiu a attenção do liberal archbispo de Paris, e em diversos annos foi indicado para pregar o advento em Notre Dame, sendo imparcialmente a Quaresma reservada para o padre Felix representante da escola opposita.

Seus sermões eram inteiramente improvisados, e, quasi sempre versavam sobre—a sociedade, a familia, a igreja. Este o assumpto das ultimas series; seus ouvintes abalaram-se e commoveram-se pela intrepidez com que denunciou os phariseus de seu tempo, e considerou as communhões que vivem fora do gremio da igreja catholica como partes do christianismo.

As autoridades ecclesiasticas começaram a exercer maior pressão sobre elle á medida que seu espirito se tornava mais activo na indagação. Um discurso no congresso de paz, no qual appreciou benignamente os protestantes e judeus, troxe-lhe a recente admoestação de seu superior, que levou-o á declarar ao archbispo de Paris a impossibilidade de continuar a pregar no Norte Dame; e logo apóz seguiu-se sua famosa carta renunciando a obediencia monastica.

Foi muito censurado pelo modo violento de sua declaração, mais elle sentiu—e os que conhecem a pressão, embaraços e sollicitações das autoridades ecclesiasticas appreciaram a força do motivo—que se não desse o passo, apenas tomou a resolução, perderia todo o seu effeito.

Tambem foi censurado por fazer do jornal protestante—o Temps, o órgão de sua resolução perante o mundo. Ha nisto um engano: elle enviou sua carta para ser lida a um tempo na maior parte dos jornaes protestantes catholicos. Os jornaes catholicos, em vez de imprimil-a, telegrapharam ao bispo de Orleans no intuito de evitar o escandalo.

Os protestantes, porem, não estando sob a mesma pressão, publicaram-na logo d'ahi seu apparecimento no Temps antes que nos outros jornaes.

É muito questionado, o que fará elle? Ninguém pode prever com segurança qual será o resultado de tão extrema ruptura com a autoridade constituida, não

obstante muito graciosa e cuidadosamente preparada como, neste caso, o foi. Pode-se, no entanto, afirmar que de presente, não é sua intenção reunir-se a qualquer das corporações protestantes existentes: mas sim permanecer, tanto quanto lhe é permitido, nas raías da igreja catholica pregando as mesmas doutrinas geraes de liberdade que produziram a presente crise, o protestar contra o espirito estreitamente dogmatico dominante em Roma. Sua retirada para a America é, certamente, o meio digno de fugir aos vexames de alternados applausos e invectivas, a que está exposto com sua estada em Paris, ou mesmo na Europa.

A parte mais curiosa e instructiva de sua historia é talvez, seu tratamento pelos catholicos liberaes. O partido ultramontano naturalmente denuncia-o como apostata, e toma sua queda como necessaria consequencia do mais moderno e elevado ponto de vista de que fallou. Mas os catholicos liberaes,—o partido de Montalembert e Broglie—e o Correspondant, é força confessar, acham-se em penosa posição. Mr. Fraud descreveu bem a extrema irritação dos catholicos moderados antes da Reforma, achando-se de repente excedidos por homens como Tyndal, Trith e Datimer. Do mesmo modo o movimento do padre Jacintho; com quem não se achavam em relações frateraes, nem ao menos amigaveis, foi para elles motivo de marga afflicção. Consideram-no como uma barricada tomando o lugar da opposição parlamentar. Dizem que serveria melhor a sua causa permanecendo em seu convento pregando do pulpito de Norte Dame todo que tivesse a dizer; e levando as autoridades a dispor delle, como lhes aprouvesse. É impossivel não apreciar a força destas objecções partindo de homens na elevada e respeitavel posição dos catholicos liberaes; e é muito de cref que o archbispo de Paris que tratou o padre Jacintho com notavel benevolencia, mesmo depois de sua carta, manifestou-lhe desejos de continuar nas relações de amizade; e declinou de preencher seu lugar em Notre Dame. É porem evidente, que na posição constrangida adoptada pelo partido moderado nestes ultimos annos, não podem, de boa fé, se queixar de seu seio alguns mais adiantados, tomem um modo de exprimir que precisamente não seja conforme a sua formula. A fraqueza de todas as igrejas nestes ultimos tempos, especialmente, porem, da catholica romana, tem sido que os que, realmente concebem desiguos rasoaveis e eleva-os atemorizados, são constrangidos pelos mais violentos a occultarem-se no silencio.

Como na Inglaterra Manning falla e Newman cala-se, em França Vuillot grita e o partido liberal e gallicano ou absolutamente não falla, ou, como o bispo de Orleans, diz agora o que não dirá logo, como Montalembert dá um testemunho momentaneo, ou semelhante ao Correspondant falla á meia voz de modo a ser ouvido de poucos, sem sel-o ou entendido de muitos.

Em tal estado de cousas uma abertura; protesto deliberado, como o do padre Jacintho, é necessario. Pode não ter sido o melhor relativamente a complexa constituição e capacidade moral da igreja romana. Os philosophos e a alta sociedade de Paris, aliás em particular sympathizando com os sentimentos que o levaram a dar o passo, de publico o condemnar por não ter sido bem dado (*bien protee*); por contrario ao codigo das boas maneiras, não querendo, como é usual, tocar nos limites ecclesiasticos

que recusam absolutamente collocar no mundo. Mas se o padre Jacintho tiver firmeza para deixar as planícies americanas e vir mostrar-se aos francezes; se em si tem convicção adequada à magnitude do appello que fez, a partida está em suas mãos; e se a igreja romana não achar-se com sufficiência para tal espirito, outro exemplo se adduzirá do seu gradual abandono de discernimento, que resalta do que disse Macaulay.

«Collocai John Welsey em Roma, e elle se tornará não o cabeça de uma formidável scissão porem o mais dedicado filho da igreja. Collocai em Roma Izabel I, e ella não será o membro de uma seita excentrica, mas a fundadora das—Irmãs reclusas.»

Aproveitem as outras igrejas e acattem-se.

## MARANHÃO.

### Relatorio

APRESENTADO PELOS DIRECTORES DO COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, SITO NESTA CAPITAL, AO ILLM. E REVM. SR. CONEGO DELEGADO LITTERARIO.

Collegio da Immaculada Conceição 1.º de Abril de 1870.

ILLM. E REVM. SR.

Ordenando o Regulamento da Instrução Publica desta provincia no seu artigo 43 § 10 que «os directores dos estabelecimentos litterarios de instrução remetam aos Delegados dos circulos respectivos um relatorio trimestral dos seus trabalhos, contendo o numero e o movimento dos alumnos, e a declaração dos compendios adoptados, com as notas que julgarem convenientes», nós vimos cumprir esse dever, depositando nas mãos de V. S. Rvm. o presente trabalho, em ordem á preencher-o.

### FUNDAÇÃO.

Annunciando a abertura do «Collegio da Immaculada Conceição», sob nossa direcção, para o dia 7 de Janeiro do corrente anno, endereçamos nossa petição á Presidência da Provincia á 31 de Dezembro de 1869, sendo definitivamente despachada á 21 de Março proximo findo.

D'aquella epocha começaram á ter ingresso neste estabelecimento, em virtude dos nossos annuncios, 17 alumnos, cuja entrada consta do mappa numero 1, que addicionamos.

### ALUMNOS.

Dos 17 alumnos existentes neste collegio, cursam a aula primaria 16, e secundarias 1, achando-se simultaneamente inscriptos 3 dos ditos alumnos primarios n'aula de francez, e dam principios de grammatica e versão.

Em o mappa numero 2 indicamos o grau do seu adiantamento, designando a epocha de sua entrada.

Para que sejam conhecidas de V. S. Rvm. a naturalidade, filiação, idade, comportamento, progresso, estado sanitario, de cada alumno, enviamos essas informações em o annexo numero 3.

Formulamos tambem o mappa numero 4, que remettemos, contendo as aulas e os compendios que serão lidos em as mesmas.

### REGULAMENTO DO COLLEGIO.

Acha-se em vigor o Regulamento apresentado e approved pela Presidencia da Provincia em data de 21 do mez de março preterito.

Enviaremos á V. S. Rvm. uma cópia do citado regulamento, que brevemente o faremos publicar.

É o que nos cumpre levarmos ao conhecimento de V. S. Rvm. como Delegado do circulo litterario onde inauguramos o nosso estabelecimento.

Do exemplar do programma juncto, annexo n. 5, que existe impresso, e te-

mos a honra de remetter á V. S. Rvm., conhecerá as condições do collegio que fundamos.

Anhelando levarmos uma diminuta pedra para o edificio sumptuoso da instrução publica no imperio, e contribuirmos nesta provincia com o nosso fraco esforço para mais diffundil-a, estabelecemos este internato, cujas aspirações modestas limitam-se á bem servir aos Srs. Pais de Familias, que nos honrarem com a educação de seus filhos.

Obra, ao que parece, tam facil, é sobretudo missão difficil, cuja responsabilidade atemorisa-nos, mormente hoje, que as emprezas mais santas não deixam de excitar do publico severo exame.

Será talvez pela expectativa de maior exhibição de provas de idoneidade á nós exigidas, ou pelas difficuldades com que luctamos para alcançar uma licença do Governo da Provincia, cousa aliás á outros tam facilmente concedida, que a marcha do nosso collegio tem sido lenta no trimestre que vimos de findar.

Nossas crenças, porem, são tam firmes na justiça da causa que nos havemos proposto defender, nossas convicções tam rectas, que não vacillamos apresentar perante o publico illustrado e justo, crendencias, que por ventura julgar-se com direito pedir-nos.

As condições commodas, que offerecemos aos Srs. chefes de Familias e os onus á que nos compromettemos tam graves, afim de facilitar-lhes a educação e instrução de seus filhos, põem á claro que somente tivemos em vista estabelecer um collegio economico, vantajoso, accessivel á todos, e assim procedemos consciões de que prestavamos ao paiz um beneficio.

Apezar de muito confiarmos na illustração de V. S. Rvm. permitta que aqui consignemos as bases e fins do nosso collegio, como ao publico os havemos exposto.

### FINS DO COLLEGIO.

1.º Dar á infancia a educação litteraria sufficiente á adaptal-a a seguir os cursos superiores de instrução.

2.º Desenvolver a segundo os preceitos modernos de pedagogia, modelando-a pelos methodos mais avancados e seguidos.

3.º Disseminar a instrução por preços reduzidos, proporcionando assim aos Srs. Pais de Familias, ainda de escassa fortuna, meios de educarem seus filhos com mais commodidade.

4.º Promptificar os alumnos em breve espaço de tempo, de modo que, ultimando seus estudos preparatorios ainda com pouca idade, possam tambem concluir sua instrução superior em poucos annos.

5.º Limitar á uma só a classe dos alumnos—internos, afim de que sobre elles se exerçam os cuidados e disvellos da direcção.

Para consecução desses fins adoptamos as seguintes

### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO.

1.ª Que o alumno tenha no maximo 14 annos incompletos. (Não deve ser menor de 7 nem maior de 14 annos). Si, porem, o excedente desta idade for diminuto devem os interessados entender-se com a direcção para convenienciam sobre a admissão.

2.ª Que não soffra molestias contagiosas.

3.ª Que seus Pais, tutores, protectores, ou correspondentes se obriguem:

1.º Pela mensalidade de 25\$000, paga adiantada, no começo de cada mez; 2.º fornecer-lhes os objectos constantes da tabella annexa; 3.º obrigar-se pelo seu curativo no caso de prolongamento de enfermidade por mais de 4 dias, indemnizando ao collegio a despesa, que fizer-se, além deste prazo, com medico, botica, curativos, e dieta, na hypothese do pai, tutor, protector, ou correspondente concordar em continuar á ser o alumno tratado no collegio, ou em casa da familia de um dos directores, se as-

sim for conveniente ao seu restabelecimento á conselho do medico.

4.ª O collegio, mediante essas condições, dá ao alumno:

1.º Instrução primaria, secundaria, e religiosa, segundo o plano dos estudos.

2.º Alimentos sãos, solidos, e abundantes em trez refeições diarias.

3.º Medico, botica, curativos e dietas por quatro dias.

4.º Roupas lavada e engomada, constante do enxoval exigido.

5.º Corte de cabellos, banhos d'ouros ou salgados conforme exigir o accio ou salubridade.

6.º Mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa, e utensilios da meza.

Para a admissão dos alumnos exigimos que tragam para seu uso os objectos constantes da seguinte

### TABELLA.

ROUPA BRANCA. 4 camisas, 4 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 1 cobertor delã, 2 sacos para roupa suja.

ROUPA DE CÔR. 8 camisas, 6 palitots, e 6 calças de brim pardo, 4 cobertas de chita escura.

ROUPA PRETA. 1 Fato preto completo, e 2 gravatas.

CALÇADOS. 1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.

PARA ACEIO E USO. 1 cama de ferro, 2 travesseiros (um maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente, de alisar, 1 dito fino, e 1 thesoura.

Neste collegio cursam-se as materias contidas no seguinte

### PLANO DE ESTUDOS.

#### Instrução primaria.

1.º grão: Lêr, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.

2.º grão: Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical; elementos de geographia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia; desenho linear; arithmetica; doutrina christã.

#### Instrução secundaria.

Grammatica geral.

Latim inferior.

« superior.

Francez.

Inglez.

Geographia.

Historia Universal.

« do Brazil.

Mathematicas elementares.

Philosophia.

Rhetorica.

#### Instrução religiosa.

Para os alumnos de instrução primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrução secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gaume.

As disciplinas do curso primario e secundario, e a instrução religiosa são leccionadas pelos directores.

Quando, porém, as necessidades do ensino exigirem, e existam alumnos que desejem frequentar aulas de sciencias ou linguas não comprehendidas no plano dos estudos a direcção chamará Professores idoneos, reconhecidamente habilitados para leccionar.

Para auxiliar os directores no ensino das disciplinas, que se propozerem ensinar, serão chamados os professores do magisterio publico e particular desta capital, mais conhecidos por seus talentos, proficiencia, e virtudes, geralmente conceituados e reputados como taes.

### BELLAS ARTES.

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnas-

tica, etc) mediante ajustes particulares com os srs. encarregados dos alumnos.

### LOCAL DO COLLEGIO.

Este collegio por seu bem escolhido local offerece todas as garantias de hygieine e salubridade para os alumnos.

O edificio é vasto, composto de amplas varandas e quartos espaçosos, claros, arejados, e saudaveis.

Além destes commodos, está soto-posto ao caixão do edificio, um vasto mirante decentemente preparado, com um pequeno aposento ao lado. A este mirante destinamos para a capella.

Ha ainda trez pequenos edificios separados da casa principal onde funciona o collegio, aos quaes empregamos em diferentes usos domesticos.

Para que V. S. Rvm. possa melhormente conhecer as vantajosas condições do local deste collegio, offerecemos á V. S. Rvm. a leitura do seguinte documento, constante de uma carta á nós respondida pelo ultimo proprietario desta quinta, fazendo-a preceder de outra que lhe dirigimos:

«Illm. Sr. Antonio Ferreira Ramos Sobrinho.

Olinda, 18 de Fevereiro de 1870.

Havendo eu e mais dous sacerdotes instituido um collegio para educação de meninos na quinta Olinda, que foi propriedade de V. S. precisamos que V. S. nos dê informações exactas das condições de salubridade deste lugar, servindo-se responder abaixo desta os quesitos propostos, visto haver V. S. residido por annos nesta quinta.

Desculpando-nos esta exigência, queira ter a bondade permittir-nos fazer de sua resposta o uso que nos convier, por quanto temos em mira revelar ao publico o testemunho de pessoas auctorizadas e competentes para demonstrar a verdade em face dos boatos que propalam acerca das condições hygienicas da sobredita quinta. Eis os quesitos:

1.º Quantos annos V. S. occupou esta quinta; si tinha á seu serviço e sua companhia escravos de ambos os sexos, adultos, meninos, e até crianças verdes.

2.º Si tanto V. S., como seus escravos, trabalhadores, adultos, meninos, ou crianças, soffriam de sezões.

3.º Que genero de molestia atacava as pessoas, que com V. S. aqui residiam.

4.º Si havia molestia predominante, isto é, enfermidade endemica.

5.º Si antes ou depois de V. S. comprar a quinta constou-lhe que fosse sezonalica.

6.º Si durante a residencia de V. S. neste lugar corria o boato de ser aqui sezonalico.

7.º Si V. S. vendeu-a por esse motivo.

8.º Qual o juizo formado por V. S. a respeito das condições de salubridade deste lugar.

9.º Qual o juizo das pessoas conhecidas de V. S. sobre as mesmas condições de salubridade.

10.º Qual era o facultativo que medicava á V. S. e aos seus; si tratou-os de sezões, e em que epochas do anno; qual a opinião do medico sobre a salubridade do edificio e da quinta.

Muito grande obsequio, emfim, nos fará V. S., informando-nos francamente de tudo quanto souber e puder acerca da materia sobre que versam os quesitos, dando-lhes a amplitude e desenvolvimento que julgar acertados para bem orientarmos o publico do que há á respeito.

Digne-se dar abaixo desta, com a possível brevidade, sua resposta.

Apresento á V. S. meus protestos de estima, consideração, e respeito, por ser

De V. S.

reverente servo, att. vnr. obgm.

Conego R. P. dos Santos Lemos.

Pelos Directores.

Eis a resposta:

Illm. e Rvm. Snr.

Tenho a subida honra de responder á presente carta, a qual me veio as mãos hontem.

1.º quesito: Morei nessa quinta, hoje de propriedade de V. S. Rvm. seis annos e dois mezes, e tinha escravos e livres, adultos, meninos e crianças verdes.

2.º dito: Só tive febre durante o tempo que ali morei uma só vez, em outubro do anno proximo findo, quando se trabalhava nos reparos da casa, adquirida por um banho que tomei, talvez, com o corpo pouco disposto para isso; meus escravos nunca tiveram, nem tam pouco alagados, e só as crianças, nas duas mudanças de estações, soffrião de febres chattraes, algumas vezes. Isto, porem, acontece todos os annos nesta ilha e na cidade, como está succedendo, atacaõ com mais força, do que nos arrabaldes, como é sabido.

3.º dito: A não sêr as febres chattraes, de que venho de mencionar, só dois escravos meus forão accommettidos de diarrhéa, de que succumbirão, talvez pela avançada idade delles. Como é sabido, este mal tem feito grande numero de victimas, e actualmente está grassando intensamente, e na cidade é o mal muito mais fatal, do que tem sido nos arrabaldes.

4.º dito: Fica respondido com o que levo dito no precedente.

5.º dito: Nem antes, nem depois de haver eu comprado essa quinta, me constou que ella fosse sezonalica, e só agora sei que isto se propala com fins a que não posso attingir.

6.º dito: Reporto-me ao que disse nos quesitos 3.º 4.º

7.º dito: Vendi essa quinta por dois motivos: primeiro, pôr não ter braços para rotear-a, visto como tenho trez escravos fugidos, acoitados nas immedições do Tamancão, sem que haja tropa para os ir capturar e a muitos outros que ali estão; o segundo, por querer retirar-me desta provincia, o que ainda não fiz pôr ter negocios pendentes, que requerem minha presença aqui, por pouco tempo. Não havia, pois, outro motivo para vende-la. Se em vez de ser essa quinta situada nesta provincia, o fosse por exemplo, em Pernambuco, aonde nasci, e tenho numerosa familia, por sem duvida a não venderia por dinheiro nenhum; por quanto, ali a podia rotear, com grande vantagem, com braços livres, sem precisar empregar capital em escravos. Uma quinta dessas, ali, em Pernambuco, não compraria V. Rvm. pelo preço que a comprou, e sim por preço que só por si constituiria uma boa fortuna. É que os sitios em Maranhão, pode-se dizer sem hyperbole são thesouros na Barbaria.

8.º dito: O facto de haver eu residido ali seis annos e dois mezes, constantemente, prova exuberantemente o juizo que formo da salubridade dessa propriedade, uma das melhores e de mais valor desta provincia.

9.º dito: Ou por deferencia á mim, ou por que assim o pensassem, todos a elogiavão muito, e alguns a admiravão, como se fora uma propriedade nova, não vista ainda. Entre os visitantes, quando estava annunciada á venda, os que mais entusiastas ou admiradores se mostravão, forão trez dos mais distinctos medicos desta capital, os Illms. Srs. Drs. Oliveira, Cezar Marques e Santos Jacintho, os quaes reconhecerão nella uma habitação salubre, classificando-a os dois primeiros Srs. de «verdadeiro paraizo.» Digne-se V. Rvm. si nisso vêr que auferir algum interesse, consultar a opinião d'aquelles trez Srs. a respeito, que são os competentes para destruirem esse falso boato com seus valiosos pareceres.

10.º dito: O meu assistente era o Snr. Dr. Henriques Leal, actualmente em Lisboa, o qual não foi por mim nunca chamado durante minha moradia ali por não haver causa para isso.

Tenho dest'arte dado resposta, da qual pode fazer o uso que convier, aos 10 quesitos formulados nesta por V. Rvm. Permitta-me fazer aqui uma pequena observação, que destruirá esses boatos falsos, que propalão sobre a salubridade dessa quinta.

É crível que Cavaco, que possuía os melhores predios, e em melhores ruas da cidade fizesse sua residencia constante em um lugar doentio, e ali conservasse sua numerosa escravatura, que constituia a maior parte de seus haveres, e empregasse grande parte de seu capital em tantas obras que ali fez? Ninguém em boa fé o dirá.

Se essa quinta fosse doentia, residiria eu ali seis annos e dois mezes?

Agradecendo a V. Rvm. as attentivas expressões que se digna dispensar-me, subscrevo-me com estima, consideração e respeito.

De V. Rvm.

M.º. Att. Vnr. e Obrgm.º.

Antonio Ferreira Ramos Sobrinho.

E tam veridicas são as allegações do ex-proprietario desta quinta, que, mercê de Deus, desde o dia 28 de Dezembro do anno anterior que nella habitamos se não ha dado um só caso de molestia por menor ou mais ligeira que fosse.

O estado sanitario dos nossos alumnos é o mais lisongeiro possível, como é notorio, e poder-se-ha verificar com a presença diaria dos mesmos nos exercicios escolares, e seus notaveis progressos, como o attestam as informações mensaes por nós dirigidas aos snrs. Pais e correspondentes dos mesmos.

Somente depois de longa experiencia e á vista de documentos valiosos, como o apresentado á V. S. Rvm., estando nós solidamente consciões de que o local do nosso collegio é o melhor possível asseveramos ao publico á que nos dirigimos:

«Em mão dos directores existem documentos que comprovam sêr a quinta onde funciona o collegio exempta de qualquer molestia endemica, como sezões.

«A circumstancia de achar-se plantado o edificio em terreno arenoso, enchuto, e elevado; agoutado por frequentes brisas, purificadas e refrescadas pelos arvoredos por que passam, o recommenda como, por sua natureza, mui sadio e confortavel.

«Sendo, além disso, todo o vasto terreno em parte arborizado, e no restante cultivado e esmeradamente limpo, sem pantanos, sem alagadiços, sem acúdes, ápezar de mui fértil em agua potavel e corrente, não há presumpção fundada de sêr doentio e insalubre, porem muito saudavel e salubre, como attestam a experiencia e os factos.»

Dispõe, enfim, o collegio de vasta e excellente quinta, agua corrente, tanque para banhos, arvoredos frutíferos, jardim, bosques, e lugares de recreação. É todo murado de pedra e cal.

Distante menos de quarto de legua da cidade, o collegio proporciona assim mais momentos de estudo ao espirito arredado do tumulto urbano.

Em o programma que damos ao publico concluímos com as seguintes

#### CONSIDERAÇÕES GERAES.

Sob a direcção de ecclesiasticos affeitos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos seus encargos, e fundaram este collegio proprio, com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empreza, collocada sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera toda a coadjuvação dos Srs. Pais de Familias.

Pode sêr visitado o estabelecimento á qualquer hora do dia a vontade dos concurrentes.

No dia ultimo de cada mez será enviado ao pai, tutor, protector, ou correspondente do alumno um minucioso mappa pelo qual é informado de todas as occurrencias havidas, durante o mez que

findou-se, em relação ao alumno seu interessado sobre sua conducta moral, civil, e religiosa; sua applicação, progresso, e distincção nas aulas que frequentou, com discriminação das materias de cada curso de instrução; o numero e qualidade dos premios semanaes e mensaes que conseguiu, o lugar de graduação que occupou na classe; seu estado sanitario, adicionando-se os mais esclarecimentos que forem mister comunicar ácerca do alumno.

Os cuidados empregados pelos directores em relação aos vestuarios, calçados, livros, utensilios, e o mais que pertencer aos alumnos, e as reclamações e providencias que farão chegar ao conhecimento das pessoas interessadas pelos mesmos, lhes dispensarão o incommodo de ir em com frequencia ao collegio, ficando entretanto os directores melhorados pelas visitas que se dignarem fazer-lhes, ás quaes receberão com agrado, dando prompto ingresso no estabelecimento á quem desejar fallar aos alumnos á hora que lhe for mais commoda.

Outrosim, a sollicitude da direcção em dar aos alumnos alimentação sadia e farta ás horas mais adaptadas e convenientes para a sustentação das forças e economia das funções digestivas da infancia dispensa ás Familias o cuidado de enviar todos os dias á seus filhos pequenos regalos, não sendo porem vedada a recepção d'aquelles com que o amor e zelo materno os quizerem obsequiar.

Quando prolongar-se a enfermidade de qualquer alumno por mais de trez dias, irá pessoalmente um dos directores entender-se com a pessoa d'elle encarregada afim de combinar-se sobre o tratamento do alumno, o qual tratamento pode sêr feito durante todo o curso da enfermidade ou no collegio, ou na casa da familia d'um dos directores, ou no lugar onde conveniente for á saúde do enfermo, segundo acordarem mutuamente a direcção e a pessoa interessada, ouvido sempre o parecer do medico.

Em qualquer dos casos, os Srs. Pais de Familias podem tranquilisar-se, porque encontram nos directores os melhores desejos e bons officios para terem seus filhos um restabelecimento breve sem causar-lhes incommodos e á seus correspondentes.

Para ájustes com os directores podem dirigir-se as pessoas interessadas ao Sr. José Marques Pinheiro, no Largo do Carmo, que acha-se encarregado de dar os esclarecimentos precisos.

Toda a correspondencia enviada aos directores e alumnos, e quaesquer commendas, podem sêr entregues ao mesmo Sr. Pinheiro, que as fará chegar com presteza ao collegio; porque, além de duas viagens diarias feitas á cidade para supprimento das necessidades e negocios do collegio, se farão viagens extraordinarias em casos urgentes.

É o quanto, Illm. e Rvm. Snr., se nos offerece relatar respectivamente ao nosso collegio. Concluindo, pedimos venia das faltas involuntarias que sem duvida V. S. Rvm. encontrará nesta exposição.

Deus Guarde a V. S. Rvm.

Illm. e Rvm. Snr. Conego Raymundo Alves dos Santos, D. D. Delegado Literario da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

PADRE—THEODORO A. P. DE CASTRO.  
« —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.  
« —R. P. DOS SANTOS LEMOS.

#### PARTE SCIENTIFICA.

##### Verdadeira e falsa philosophia.

AS DOCTRINAS PHILOSOPHICAS DO SR. DR. J. R. JAUFFRET.

#### XII.

Tenho tocado na magna questão da philosophia: a origem e formação das ideas, questão tão capital que, no dizer

de S. Agostinho, ninguém poderá ser philosopho ou sabio ignorando-a, *si quidem tanta ind ideis vis constituitur ut nisi hic intellectus sapiens esse nemo potest.* (Lib. 839. 46.)

Toda pausa em assumpto de tanta magnitude, pois, não é superflua, sinão, necessaria. E mesmo convicto que o leitor agradecerá o ter occasião de conhecer o profundo systema ideologico de S. Thomaz, continuarei com mais alguns desenvolvimentos.

O Sr. Dr. Jauffret disse e ensina que idea é o conhecimento de um objecto qualquer, e eu defini ser o *conhecimento particular de um modo universal.*

Desenvolvi succintamente a theoria dos phantasmas, ou imagens intencionaes dos objectos, como condição necessaria para formação da idea; e apreciei o dilema apresentado contra esta theoria, dizendo que, se o phantasma é material não pode entrar no espirito, e se é immaterial, não, pode partir dos objectos.

Creio ter demonstrado o nada deste argumento; porem já que me empenhei nesta discussão, quero apresentar mais algumas explicações, que mostrão a solidéz da philosophia thomista.

#### XIII.

A difficuldade da philosophia moderna em receber a luminosa theoria de S. Thomaz, está na confusão que derrama em todas as questões, na falta de analyse das theorias que apresenta, e desdenhado, sinão ignorancia dos termos que emprega.

Tudo para ella se agita no vago, e debalde procuraremos definições exactas; quando as definições são a morte das questões. Definamos pois o que é conhecimento, e clara ficará a difficil questão das ideas.

Segundo deprehendo da doutrina do Sr. Dr. Jauffret, conhecer é ter idea, e ter idea de uma couza é conhecê-la.

Porém é engano completo: é ali que o camelo passa pelo fundo de uma agulha.

É exacto que a idea importa o conhecimento, mas o conhecimento não é idea.

Eis como o Doutor Angelico expõe esta questão:

Conhecer, diz elle, é possuir o objecto. E por uma bella comparação entre o amor e conhecimento, diz que assim como o objecto amado está no amante, assim o objecto conhecido está no que conhece, *sicut omne amatum est in amante sicut omne cognitum est in cognoscente.*

Porem o objecto conhecido está no que conhece, não quanto á sua propriedade material, e sim quanto á intencional, ou imagem desmaterialisada; pois é claro que podemos ter um objecto de dois modos; ou quanto á sua propriedade intencional, ou quanto á sua forma material.

Temol-o do segundo modo quando parte da materia se communica a nós: como quando tocando um objecto quente, ou comendo um doce, a parte do corpo que tocou o quente, fica quente e o paladar doce.

Este modo de receber um objecto é proprio da materia, e não importa o conhecimento.

O outro modo de receber um objecto, é quando impressionados os sentidos do animal, immediatamente, por uma operação do espirito, (por que os irracionais tem alma); esta doutrina é recebida não só pelos bons philosophos como mesmo pela Igreja, se formão os phantasmas.

Porem esta operação ainda não importa a idea, e sim o conhecimento.

Assim como o primeiro modo de ter um objecto é proprio de toda materia, o segundo é natural a todo animal.

Mas o homem que é superior á materia, superior ao bruto, pode ter um objecto quanto á sua forma material, quanto á intencional, como os irracionais, e pela idea, ponto culminante que o distingue destes.

Entre a posse de um objecto pela sua propriedade material, e pela intencional

vai um abysmo: assim como entre a posse pela imagem e pela idea vai outro ainda maior.

Que os animaes possuem os objectos pela sua propriedade intencional, ou phantasma, creio ser verdade de simples intuição; mas querer-se sustentar em pleno seculo XIX que esta imagem ou conhecimento do objecto singular é idea, é para mim a pretensão mais ou sada e insensata que se pode ter em assumptos scientificos.

Os animaes conhecem os objectos singulares pela imagem; e assim, diz um illustre philosopho contemporaneo, que o cão conhece o seu dono, e se lhe fosse dado fallar, apontando-se para o seu senhor lhe perguntassem: que homem é este? Elle diria: é o meu senhor; mas selhe perguntassem: o que é o homem?

Diria: não sei.

Por que o conhecimento do genero e da especie só se pode ter pela idea, e o do individuo até pela imagem.

Quem tem idea tem conhecimento do genero, da especie e do individuo; mas quem tem o phantasma somente, tem conhecimento DESTE objecto, porém nunca DO objecto.

A idea importa mais do que conhecimento, importa a comprehensão, a intelligência.

O animal conhece, mas não comprehende, não INTENDE, (*non intus legit*), não lê no objecto como o homem, por que elle não tem intellecto, *quibus non est intellectus*, e não tem intellecto, por não poder ler no objecto; (*intus legere*), e não pode ler neste, por que não tem idea.

Eis, creio eu, bem marcada a linha divisoria, que passa entre o homem e o animal, entre a idea e o conhecimento.

E com que fundamento então, e dogmatismo nos vem o Sr. Dr. Jouffret dizer, que os animaes tem certas ideas?

Não o sei; á elle somente, como homem de altos conhecimentos, cumpria mostra-nos esse oitavo côo dos arroubos da philosophia luminosa de seus chefes.

#### XIV.

No ultimo artigo, que publiquei neste jornal, já mostrei o como se forma a idea; porem hoje com a succinta exposição que hei feito, mostrando até onde chega o esforço do irracional, será mais facil ao leitor apossar-se da theoria de S. Thomaz. Mas continuemos:

O Doutor Angelico, como sempre, luminoso, tratando da questão ideologica faz uma divisão capital dos viventes creados.

Assim conforme o seu pensamento, no alto da escala estão as substancias angelicas, que veem a ser, diz elle, a forma SEM a materia; no centro o homem que é a forma NA materia, e no infimo o irracional, que é a forma COM a materia.

Conforme esta gradação de perfeições, será tão bem a ordem da aquisição do conhecimento.

«Todo objecto exterior pode ser conhecido de dois modos, ou de uma maneira particular em sua individualidade, ou de um modo universal, em sua especie, em sua quiddidade, em sua forma intencional, em sua idea. Esta ultima maneira de conhecer os objectos exteriores é propria das substancias intelligentes; porque o proprio do intellecto é ler na coisa (*intus legere*) conceber a coisa por suas constituições essenciaes, sobre o que ella é (*Quod quiddest*) sempre e por toda parte, e o ser UNIVERSAL é o objecto immediato e proprio do intellecto.

«Quanto a primeira maneira de conhecer os objectos exteriores, é propria dos sentidos; por que estes só conhecem os seres exteriores em sua individualidade, tal como é AGORA e AQUI (*Hic et nunc*).

«Os animaes conhecem as coisas do segundo modo sem ter necessidade de as conhecer do primeiro; o bruto as conhece do primeiro modo, e é inteiramente extranho ao conhecimento do segundo.

Só o homem é que conhece das duas maneiras, ao mesmo tempo, os objectos

exteriores;» por que nelle está a junção dos dous mundos.

O conhecimento do bruto que é a posse do objecto singular por meio de sua imagem desnaturalizada pelos sentidos, é o que se chama propriamente: conhecimento, mas a posse do objecto singular pela idea é o que se denomina comprehensão, intelligência; acto que só é proprio das substancias intelligentes.

Mas o homem, para formar a idea, disse eu bebendo em S. Thomaz, necessita do trabalho das forças sensiveis, (*o phantasma ou imagem da coisa*) para que a intelligência actuando crie a idea.

Contra esta luminosa philosophia nada pôde o dilema do «material ou immaterial», por que além do que hei dito, rola elle sobre um grande esquecimento da natureza dos sentidos, e de sua alta missão no plano da Providencia.

Quando nos perguntão seriamente e com desejos de conhecer a verdade, se o phantasma de um objecto externo é material ou immaterial, respondemos ser espirital, ou uma transição do material para o immaterial.

A difficuldade em admittirem o phantasma, como material para a formação da idea, está em não attenderem á qualidade da materia animada.

A materia dos nossos sentidos é muito differente da materia inanimada, ou inorganica.

E em razão dessa sua vitalidade, que os sentidos tem a força de, quando dá-se a presença de um objecto, apalha-lo quanto a sua propriedade intencional.

Este phantasma, ou imagem do objecto é coisa muito differente e superior a imagem ou sombra da photographia; porque esta é morta, ao passo que a imagem formada pelos sentidos, é viva, permanece no sensorio, mesmo independente da presença do objecto; e é por meio della que se dão os sonhos, e as aparições mentirosas que tem os loucos, monomaniachos allucinados, etc.

#### XV.

Creio que a luz penetra na questão, e é de summa difficuldade o explicar-se como o conhecimento do objecto singular e limitado vem a ser idea; por que além de todas as difficuldades que hei apresentado, seguir-se-hia que o objecto material aperfeiçoa o immaterial, o que é um absurdo.

Note o leitor que ter idea, é ter conhecimento da quiddidade, é por consequencia aperfeiçoar-se.

Ora se o conhecimento do objecto singular e limitado é idea, segue-se necessariamente que o mundo material aperfeiçoa o espirito.

Esta affirmação cartesiana, ou antes da philosophia moderna, já lá na remota antiguidade S. Thomaz a refutou, na doutrina dos sensualistas e materialistas de então; por que, diz elle, se os objectos exteriores pondo em movimento os sentidos, vão advertir a alma, para attender-os, e ter assim o conhecimento ou idea, seguir-se-hia que a união da alma com o corpo não é uma coisa substancial e natural, por que nesta condição a alma como que estaria em sono, tendo necessidade de ser despertada.

Mas isto é absurdo; por que o homem alma-corpo é uma creatura de Deos, formando a união do mundo material ao espirital.

Seria longo, si quisesse formular todas as objeções que se podem apresentar a philosophia professada pelo Sr. Dr. Jouffret.

Porem antes de deixar este ponto da origem e formação das ideas, vejamos ligeiramente como a philosophia, fóra do catholicismo, tem querido firmar tão momentosa theze.

#### XVI.

Descartes sustenta que as ideas são innatas, no sentido de serem naturaes ao espirito, necessitando somente da occasião para se manifestarem.

Malebranche diz que ellas existem em

Deos, e que elle abrindo o seu seio, o homem ali as contempla.

Locke sustenta que as ideas veem por intermedio dos sentidos.

Platão, faz existirem dois principios eternos, a materia informe e a idea; do sorte que Deos só fez guiar-se por esta existente fora e independente delle e por ella formar o mundo.

Ora, assim como a idea ligando-se a materia formá o mundo, assim tão bem ligando-se a intelligencia da-se o conhecer.

Aristoteles diz que o mundo é eterno; e depois de muitas contradicções, diz Simplicius que a sua forma, corresponde a idea de Platão.

Ora em todas estas theorias ha sempre o immenso defeito de não afinarem com a força creadora do espirito.

Uns fazem a idea vir dos sentidos, outros de Deos, e outros as tem como innatas.

Ao passo que S. Thomaz diz: o espirito, quando nasce o homem, é taboa rasa, onde nada está escripto; mas a proporção que se vão desenvolvendo os sentidos, e se vão apresentando os phantasmas, a intelligencia apossando-se destes materiaes, vai por uma força propria creando as ideas, vai do particular e limitado tirando o universal.

Agora detenha-se o leitor, lance os olhos para este campo que ligeiramente havemos percorrido, e diga si ha ali alguma coisa de ridiculo, como o pretende o Sr. Dr. Jouffret; diga si esta theoria não é luminosa e nobre.

Medita o leitor e veja como somente ella é que simplifica a multiplicidade de objectos: porque Deos creando o mundo, fez-o pela idea eterna que delle sempre teve.

Este mundo tão vario e multiplo é relacionado por caminhos mysteriosos, e vai unindo-se até prender-se a Deos em uma só idea, o grande typo do Universo.

Além do typo universal do mundo ha outros na mente eterna segundo os quaes existem os generos e as especies. Ora a criação da idea pelo espirito nada mais é do que o encontro da intelligencia finita com esses typos existentes na mente eterna.

É por isto que o universal, (como o indica a palavra *Unitus versus alia*) é a unidade voltada para o multiplo, e o multiplo para a unidade.

A idea tal como a temos desenvolvido, é um contacto com a mente divina; não como o queria Malebranche, mas como o ensina S. Thomaz: por meio de uma força propria do espirito;

Elle cria a idea, e ella é semelhante a Deos.

Eis pelo que é altamente philosophica a palavra de Boecio, quando diz que este mundo tão bello está na mente divina ainda mais bello.

#### XVII.

Por hoje deixo este ponto como discutido, porem quero exarar uma ultima prova contra a theoria ideologica do Sr. Dr. Jouffret e seus mestres, a qual muito de proposito deixei para este lugar.

Ainda mesmo que as razões por mim apresentadas até aqui nenhum valor tivessem, a que passo a expôr, seria bastante para, a meu ver, matar a questão. Eis-a:

O Sr. Dr. concorda que a idea é um acto da intelligencia; concorda que a intelligencia é espirito; ora o espirito não é limitado, por consequencia o seu objecto immediato é o universal; mas sendo que o conhecimento intellectual nos vem por meio da idea, ou antes é a idea, segue-se necessariamente que esta deve ser universal.

De sorte que si conhecemos os singulares, é por que estão incluídos na idea, e tanto é assim, que primeiramente temos a idea, para depois conhecer o objecto em si.

Esta theoria que eu deixo aqui tão consizamente exarada em duas linhas, foi profunda e profusamente desenvolvida por S. Thomaz, sob a denominação

de primeiro comprehendido e segundo comprehendido.

Creio pois que a posse somente do objecto singular é material por meio de sua presença nos sentidos, ou de sua imagem na phantasia, não é idea, e sim um conhecimento que é commun a todos os animaes, e continuarei a sustentar que idea é o conhecimento do particular de um modo universal.

No artigo precedente deu-se o seguinte erro: p. 2.º col. 4.º l. 38. diz: entre Descartes e Spinoza, leia-se: Descartes, Spinoza e todos os scepticos etc.

Maranhão, 1870.

PADRE R. ALVES DA FONSECA.

### NOTICIAS.

#### Chronica urbana.

RELATORIO.—No presente numero, sob rubrica Maranhão, damos publicidade ao Relatorio apresentado ao Revm. Conego Delegado Litterario pelos Directores do collegio da Immaculada Conceição.

Recommendamos aos nossos leitores sua attenção para esse trabalho, que versa sobre um dos nossos estabelecimentos de instrução.

### ANNUNCIOS.

Aclam-se a venda nesta typographia e em todas as livrarias da capital as seguintes obras:—

#### Discurso

Proferido pelo illustrado maranhense, o Exm. Senr. Doutor Candido Mendes de Almeida, na Camara dos Senrs. Deputados, á 20 de Julho de 1869, em defeza das ordens religiosas, precedido de uma introdução.

#### Manual de Orações,

Contendo varios assumptos:

I. ORAÇÕES, para todas as circumstancias da vida do christão;

II. VISITAS ao SS. Sacramento e á SS. Virgem Maria, por Santo Aphonso de Ligerio;

III. SAUDAÇÕES ao SS. Sacramento, na adoravel Eucharistia;

IV. LADAINHA de Nossa Senhora;

V. VESPERAS e COMPLETOS para os Domingos.

1\$000 reis cada exemplar.

## ATTENÇÃO.

Na rua das Hortas casa n. 36 todas as manhãs ha lindas e odorosas flores para venderem-se. Tem tambem pés de lindas rosas das qualidades mais raras e exquisitas, como sejam: Monte-Christo (rosa veludo), Rainha Margarida, Rainuncio, Rosa Cravo, Rosa amarella, Guanabara, Conde de Artagão, Anna d'Austria, Luiz XV, Luiz XVI, Luiz XIV, Sidonia, Washington, Pedro II, Napoleão, Cambraia, Cassa da India, Flôr de Maria, Principe Alberto, Rosa Inglesa, Orvalho Celeste, Francisco I., etc., etc.

San Luiz—Typographia Perseverança, impresso por Antonio Aniceto de Azevedo.

## A NACAO.

MARANHÃO 28 DE ABRIL DE 1870.

## Dos interesses sociaes.

Antecedentemente demonstramos que existem interesses aos quaes toda sociedade solidamente constituida liga-se. Os dividimos em materiaes e moraes, conforme á uma ou outra maneira de ser social pertenciam.

Preferimos estes como bases de toda garantia de ordem e progresso nas associações politicas, ou ainda melhor, dissemos que na harmonia e accordo desses dous modos de desenvolverem-se as forças vitaes e progressivas da sociedade é que equilibra-se a estabilidade dos imperios.

Da harmonia desses interesses, isto é, da sabia gerência dessas duas ordens de interesses, nasce o bem ser geral, a prosperidade publica, isto é, a ordem. E a verdadeira ordem existe, diz um escriptor, quando os verdadeiros principios moraes, os verdadeiros principios sociaes, proclamados, defendidos, e sustentados.

Assemelha-se a sociedade ao individuo, e com o estado deste, quanto ás suas forças, idade, prosperidade, e decadencia podemos considerá-lo. Cuidar da educação physica do homem, abandonar o seu espirito ao impulso e progressão espontanea da natureza, eis um erro crasso combatido pela experiencia e pela charidade.

Assim, velar pela ordem material e esquecer a moral é igual erro, cujas consequências funestas se podem averiguar com o testemunho de muitos povos mais azafamados em equilibrar sua grandeza em os alicerces da prosperidade dos interesses materiaes.

Por outro lado, empregar ainda que toda a somma de possíveis esforços em pulir a sociedade, illustrá-la, levá-la ao apogeu do brilho intellectual e moral, deixando em menosprezo os interesses materiaes é elevar sumptuoso edificio em fracas bases. E' a estatua do celebre rei, composta de preciosos metaes, porem com pés de argila.

Convem uma liga sabia, uma hypostasis de interesses, que dêem saude, vida, robustez ao corpo social.

«A saude, diz um notavel publicista, não consiste somente na saude do corpo mas tambem na saude da alma: *mens sana in corpore sano*.

«Este equilibrio entre a ordem material e a ordem moral, entre os interesses materiaes e os interesses moraes, entre a saude do corpo e a saude da alma, é o que constitue a plenitude da saude tanto na sociedade como no homem.»

E' o que se tem visto e observado nas antigas e nas modernas sociedades.

O que era Athenas quando florescia as escolas philosophicas e os sabios se esgotavam em prolas e polemicas, ao passo que o povo grego lutava-se em tereis e improficuas luctas, em espelo morticida espirito dilacerado quando os sabios se alim com facções, controversias do Lyceu e do Lyam nas

Medravam as sciencias em seos dagações, e a terra absorvia de decada grande parte do sangue do povo heroico e illustrado, quando a vèra de ser humedecida pelas gotas suor, que lhe regára a fronte.

O que era Babilonia com suas muralhas, suas pontes, seus jardins, suas pyrammides, seus monumentos, seus

canaes, e todas essas magnificencias do progresso material?

Era um estado temido no exterior, um colosso fraco no entretanto, solapado até seus imos fundamentos, pelas nefandas origens de impudicos crimes e torpezas que levaram-na á maior degradação moral.

E assim a Roma dos cezares, a Gallia dos francos, e de todos os púcos que não souberam graduar as duas ordens d'interesses que formam o bem ser das sociedades.

Será difficil senão impossivel encontrar em qualquer estado historica um povo que saiba occupar com proporcional conveniencia esses dous aphellos, onde rodam os sociaes interesses.

A Inglaterra contemporanea é uma Babel do trabalho, seus filhos se nos afiguram essas creações indicas de Babel, representadas com mil braços applicados constantemente a labores jornalheiros.

Restrugem as Ilhas-Britannicas com as orchestras do trabalho, produzidas por toda a sua grande e povoada superficie. E como se não bastante fora o exterior do sólo para o th'atro do desenvolvimento das humanas forças, abrem as entranhas da terra, sepultam-se vivos em medonhos antros, reproduzem-se, multiplicam-se, desenvolvendo ao mesmo tempo os recursos da actividade humana.

No entanto é visivel a decadencia do espirito publico na Inglaterra, o que sem duvida é occasionado pelo abaixamento das crenças religiosas, amalgama miserando, cambiante matiz, mosaico colorido, pela tanta diversidade de seitas que constituem o anglicanismo.

E ao passo que não se pode deixar de gabar o espirito politico da Inglaterra, comtudo toda a severidade, toda a condemnacão é pouca pelo fraccionamento dos seus credos em materia de religião.

Assim acontece na America do Norte, na Suissa, na Allemannha, onde á par de tantas liberdades solidamente radicadas e professadas reina a confusão quando se trata de querer analysar o espirito predominante em religião.

A França, que é um paiz symphatico, não se pode deixar de applaudir o seu esforço pela unidade do pensamento religioso, como pelo progresso material, mas o espirito politico é vario, é incerto, é inconsequente. Pariz é o Aventino das revoluções. Já houve quem dissesse: E' mister uma revolução de quinze em quinze annos, para purificar-te, ó França!

Da impossibilidade, portanto, de achar um só paiz onde assimilados os interesses, subjeitemo-lo ao escalpelo da critica, analysemos as epochas, os reinados, e as consequências que emanam do differente modo de aquilatar-se os interesses sociaes.

Proseguiremos.

## A morte de Lopez.

De um á outro limite do imperio restrugem hymnos sonoros, levantados pela multidão ebria de enthusiasmo.

Do Prata ao Amazonas um echo vigoroso sustenta-se unisono, repercutindo de provincia em provincia, uma voz de alegria—Acabou-se a guerra!

As praias alvacentas da patria são pisadas por dezenas de bravos, que buscam o lár carregados de farta ceifa de louros—E a vol-

dos heróes!

universal contentamento nas

regiões indias

deus daquel-

Commando

glorioso para uma campanha sanguinolenta, lucta homérica da liberdade contra a servidão, do progresso contra a barbaria.

Triumphamos! E nosso triumpho foi completo, venceu todos os obstaculos, derribou todas as fortalezas, extinguiu todos os tyrannos! Não sobreviveu um só! Foi um sacrificio de sangue, do qual o ultimo effuso foi o do maior dos sicários—Francisco Solano Lopez!

Este nome é apenas de recordação sinistra na historia! Negra esphyngue levantar-se-há nos porvindouros seculos como amarga reminiscencia ápar dos dominadores do Prata!

Lopez, inimigo de sua patria como do genero humano, cujos sagrados principios violava, acabou essa prolongada pugna, sustentada com a pertinacia do desespero, morrendo quando procurava fugir á custo dos inimigos generosos que por muitas vezes lhe offereceram a vida em penhor da liberdade de um povo que opprimia.

Honra e gloria aos bravos que durante esse brilhante pleito souberam manter e vingar a dignidade nacional. Honra e gloria á esses heroes cujos nomes vão passar á posteridade cobertos de bençãos.

## PARTE SCIENTIFICA.

## PRELECCÕES DE HISTORIA UNIVERSAL.

## Egypto.

1. O Egyto, como todas as nações antigas, tem suas tradições allegoricas, fabulosas, falsas, ou epicas, pelo que mui difficil é uma exposição exacta sobre sua origem, como sobre tudo quanto verba de sua pretendida antiguidade.

2. Tendo, pois, de marchar em um terreno duvidoso, narraremos o que parece menos exposto á erros. E para maior facilidade e comprehensão dividiremos sua historia em tres epochas: 1ª dos tempos mais remotos á Sesostris, 2ª de Sesostris á Psammetico; 3ª de Psammetico á conquista dos Persas. (1)

3. Antes, porem, de penetrarmos nessa detalhada exposição, que dá motivos á vastos desenvolvimentos em cada epocha, aventuremos algumas considerações sobre a origem dos egypcios, e sobre os primeiros povos que habitaram essa região, assumptos esses aliás bem importantes, porem não desentidos em o compendio que serve de texto ás nossas lições. (2)

## Origem dos egypcios.

4. Apesar da alta antiguidade, que porfiam alguns criticos attri-

(1) Cezar Cantu, Hist. Univ. t. I. l. 2. c. 15.

(2) Victor Duruy, Comp. de Hist. U-

nego Fr. Bernardino de

Commando

buir aos egypcios, comtudo argumentos de muito valor fazem-nos persuadir que ella longe de ser vetustissima, como querem, é todavia recente em paralelo á de outras nações.

5. Povos que habitavam a Asia meridional, atravessando o Mar-vermelho, permaneceram na Ethiopia, e ao depois espalharam-se pelo sul do moderno Egypto, onde por tempos viveram, embrenhados na profundidade das cavernas, e mobilizados no cimo dos rochedos.

6. Saneando-se, porem, as terras, ainda humedecidas pelas correntes diluvianas, desceram para os valles adjacentes ao Nilo, mui ferteis pelas inundações periodicas desse caudaloso rio. (3)

7. Como os ethiopes se affilliam aos indians, dos quaes dizem proceder, assim os egypcios são oriundos dos ethiopes, como será facil provar com argumentos dos quaes soccorre-se a critica historia:

I. Fallando do synchronismo historico da Babilonia em relação á outros povos que nasciam ou progrediam nessa epocha (2233 antes de J. C.) Bossuet diz: «Quasi por este mesmo tempo foi edificada Ninive, e se fundaram *alguns reinos*. Eram pequenos no principio, e só no Egypto apparecem quatro dynastias ou principados (4) *Seus vizinhos* (dos ethiopes) os egypcios experimentavam muitas vezes suas forças (5).

II. O nome da Arabia era *antigamente* mui commum ás duas margens do Erythren (6).

III. Menés, primeiro instituidor e rei egypcio, assemelha-se nos attributos e no nome ao Menon indiano (7).

IV. A crença que tinham egypcios de que eram anteriores aos ethiopes, e estes tambem de que o eram aos indians

V. A ethnographia fornece varias provas, pois que Blunck, comparando os craneos os em parte indians e ethiopes (9).

VI. O sanscrito, lingua antiga do Indostão septentrional, que deu a chave para o estudo das religiões e dos idiomas indians, *fallada tambem pelos ethiopes* (10), *tem muitos pontos de contacto e verdadeira semelhança com as raizes do idioma egypcio* (11).

VII. A confrontação dos usos e costumes dos dous povos, que examinamos, levam-nos á con-

(3) Cez. Cant. Obr. cit. t. p. l. 2. c. 16.

(4) Discurso sobre a Hist. Univ. t. I. p. 92.

(5) Id. Obr. cit. t. II. § 3º.

(6) Cez. Cant. Obr. cit. ibd.

(7) Ibid.

(8) Ibid. met. Dic. de Hist. Univ. t. I. p. 92.

(9) Cez. Cant. Obr. cit. ibd.

(10) Ibid. met. Dic. de Hist. Univ. t. I. p. 92.

(11) Ibid. met. Dic. de Hist. Univ. t. I. p. 92.

## A Providencia.

Trad. de N. Tasso.

Dous homens eram visinhos, e tinha cada um mulher e filhos, á quem com seu trabalho assiduo sustentava.

E um delles inquietava-se, dizendo: Si eu morrer amanhã, ou adoecer, que será de minha mulher e de meus pobres filhos?

E este pensamento sinistro não o abandonara jamais: roia-lhe o coração, como o verme occulto no interior de um fructo o rôe sem ser visto.

Ora, ainda que o mesmo pensamento occorresse ao outro pae, elle se não affligia, porque pensava deste modo: Deus que conhece todas suas creaturas, que vêlla sobre ellas, vêllará também sobre mim, sobre minha mulher, e sobre meus filhos.

E este vivia tranquillo, ao passo que o outro não gozava um só instante de repouzo, nem de alegria íntima.

Um dia trabalhava no campo, triste e abattido por causa do pensamento sinistro, que o acompanhava sempre: vê dous passaros entrarem n'um espinheiro, saírem, e logo depois tornarem á entrar.

E approximando-se depara com dous ninhos lado á lado, e em cada um delles muitos passarinhos, que acabavam de sair do ovo, e estavam ainda sem penas, ou plumas.

E quando voltou para seu trabalho de vez em quando levantava a cabeça, e olhava para as aves, que iam e vinham trazendo nos bicos a comida para seus filhos.

Ora, eis que n'um desses momentos em que uma das mães trazia sua provisão, um abutre a agarra, e a conduz para cima, e a pobre mãe, forcejando de balde, presa nas garras do abutre, soltava gritos agudos e penetrantes, sem poder livrar-se.

A vista deste espectáculo de dôr para a mãe e para os filhos, o trabalhador sentiu sua alma mais perturbada do que nunca; por que pensava: «A morte da mãe será também a morte dos filhos. Assim succederá connigo e com os meus pobres filhos! Oh, o que será feito delles si eu porventura lhes faltar?»

E todo o dia ficou triste e compungido, e durante a noite não dormiu. No dia seguinte, voltando ao campo, disse: «Quero vêr os filhinhos d'aquella pobre mãe: muitos sem duvida já terão morrido.» E dirigiu-se para o espinheiro.

E olhando, e examinando bem, viu os passarinhos muito alegres e satisfeitos: nem um só havia morrido!

Admirado em extremo deste espantoso successo, escondeu-se para observar o que se passaria.

E depois de um breve espaço de tempo, ouviu um ligeiro trinado, e conheceu a segunda mãe dos outros passarinhos, que trazia mui contente e appressada o alimento que poudo achar. E chegando, o distribuiu á todas as avezinhas indistinctamente. Houve comida para todos, e os orphãos não ficaram abandonados á miseria.

E o pai, que tinha vacillado e pouco confiado na Providencia, contou á tarde ao outro pae o que havia observado.

E este lhe disse: «Para que inquietar-se. Deus jamais abandona os seus. O seu amor tem segredos que nós desconhecemos.

Tenhamos fé, esperanza, e amor, e prosigamos nosso caminho em paz.

«Si eu morrer antes de vós, vós sereis o pai de meus filhos; si, porém, vós morrerdes antes, eu serei o pai dos vossos.

«E si nós ambos morreremos antes que nossos filhos cheguem á idade de prover á si mesmos em suas necessidades, elles terão por pai—o Pae que está nos céus.

LA MENNAIS.

cluir da sua procedencia reciproca. Assim observa-se:

1º A tradição conservada entre os egypcios da viagem annual que faziam os deuses do Olympo á Ethiopia como á um paiz hospitaleiro e generoso em sacrificios, segundo refere o douto Homero em sua Illiada.

2º A estatua ao deus Ammon que todos os annos era levada á Lybia, e que traziam alguns dias depois, como também o nota o celebre historiador Diodoro Lacerio.

3º Ainda hoje na Ethiopia os Barabaras arreiamos camellos como os vemos representados nas pinturas egypcias; tecem as sandalias de cortiça semelhantes as que se encontram nos antigos tumulos; trazem nas cabeças uns barretes de madeira como os das muinias; fabricam grosseiramente ao modo egypcio, seus utensilios miudos.

4º Certos objectos, adoptados no culto egypcio são originarios da Nubia, como a mangerona consagrada á Isis; e o ibis, ave aquatica de muita veneração (12), que só desce dessas alturas por occasião das cheias do Nilo (13).

Todos esses testemunhos, portanto, convencem-nos serem os egypcios descendentes dos ethiopes, como ainda nos comprova o estudo que vamos fazer dos povos primitivos que habilitaram esse paiz.

## Primeiros povos.

8. Antes das innumeras dynastias egypcias, cujos nomes perderam-se na escuridão dos tempos, Manethon faz existirem duas de origem diversa, que foram as dominadoras do paiz—a dos divinos Aurites, e a dos herões Mestreatos.

Procede a primeira (a dos Aurites) dos Berebères d'Asia e dos Oristes, mencionados no Genésis, que dominavam nas altás montanhas do Schiair: procede a segunda (a dos Mestreatos) também referidos na Escripura Sancta, dos descendentes de Cham, que, repellidos pelos filhos de Chus, chegaram até ao istmo Suez.

9. Ao mesmo tempo os Chussitas costearam o Mar-vermelho, diz um historiador, e, atravessando-o, impelliram para o norte a raça egypcia ou cophta, que primeiro reinou na região de Me- (14).

10. Esta narração tam singella refere-nos a verdade em todo o seu brilho, como se deduz das judiciosas reflexões que vamos ler: «A natureza do sólo demonstra que no Egypto a cultura nasceu do sul. O paiz é regado pelo Nilo, o maior rio deste continente, depois do Niger.

«O unico facto que por ventura attesta sua alta antiguidade é a conquista do sólo roubado á esas massa formidavel d'agua.

«Parece, fóra de toda a duvida, que o alto Egypto foi habitado em primeiro lugar; depois, as cidades abaixo do Denderah, até que o Delta se fosse tornando salubre e fertilisado pela abertura de

L. Cant. verb. Ibis.

canaes, obra que os sacerdotes do paiz attribuiam ao tempo, ocasionando-a os transbordamentos do Nilo, que banhando as terras d'além, também lançava sobre ellas camados de sedimentos e estrumes que a fertilisavam.» (15)

11. Identica é a narração de dous notaveis historiadores: «O Egypto foi povoado successivamente. Os descendentes de Cham, que tinham emigrado da Arabia meridional para a Africa, d'ahi foram á Ethiopia, sempre avançando para o norte. Desceram ao depois ao longo do rio, que torrencial levava diante de si o limo fertil que lança no Mediterraneo (16).

12. E' portanto, muito certa a opinião dos que affirmam que fóra essa região habitada pelos ethiopes primitivamente, e que muito custaram abandonal-a sem embargo das contínuas guerras, movidas até em muito posteriores reinados, sendo Amenophis II um dos seus maiores perseguidores (17). A mesma posição topographica do paiz nol-o demonstra (18).

13. Porém, não serão sobejas as provas que ent semelhante demonstração possamos adduzir, pelo que assignalaremos ainda estes testemunhos:

I. Refere Plinio, o naturalista, que pela guerra de Troia habitaram no Egypto 250,000 guerreiros e 400,000 artistas, diffusos por vinte magnificas cidades á borda do Nilo (19). Foram povos ethiopes, conduzidos por Sabacon, Seneco, e Tíraco, grandes conquistadores, que submeteram a parte superior do Egypto (20).

II. O poder sacerdotal tam obediencia e honrado no Egypto; o governo concentrado nas mãos dos ministros da religião; o modo de exercitar o culto; as leis; as instituições sociaes; o mechanismo de sua industria; a maneira de edificar os templos; os habitos domesticos; o modo de formar nucleos de populações; o nome das divindades que adoravam—tudo era mais copia de usos e costumes ethiopicos do que—a constituição ou a formação de um povo á parte, de um povo novo (21).

III. Ainda civilisava-se o Egypto, diz um historiador, á que sempre nos soccorremos, e os ethiopes não o deixavam em paz porque *desciam* muitas vezes para o devastarem (22). Esta idéa fornece-nos dous pontos luminosos: um, de tolherem os ethiopes, povos rivaes, o engrandecimento dos egypcios, *seus visinhos* (23); outro, de sobrepujar, de dominar, de reconquistar, seus antigos colonos, seus primitivos subditos.

IV. Na enumeração dos reis egypcios, encontra-se (no amplo

(15) Ibid.

(16) Ed. Ausart et A. Rendu, cours compl. d'Hist. et de Geog. L'Egyp. ch. 5. § 2.

(17) Vict. Dur. Obr. cit. Hist. ant. III.

(18) Ausart et Rendu, obr. cit. § 4.

(19) Plin. Hist. Nat. VI 35.

(20) Cez. Cant. Obr. cit. ibd.

(21) Veja-se o num. 7. III, VI, VII, §§, narrados á cima.

(22) Cez. Cant. Obr. cit. ibd. e Bos-suet, citado em o num. 7.

Ibid. e Ausart et Rendu.

cathalogo dessas complicadas dynastias, que até Manethon contavam tresentos e tres monarchas), encontra-se diz Cesar Cantu, de-soito soberanos ethiopes! Estes reis, segundo o muito valioso testemunho do historiador Euzebio, foram os fundadores do primeiro governo egypcio (24).

14. Além dos ethiopes, originarios habitantes do Egypto, povoaram essa região outros povos, como nol-o comprovam os factos:

I. O paiz offerecia um ponto de paragem muito favoravel ás caravanas entre a Ethiopia, a Africa Septentrional, e a Arabia feliz. Os indigenas commerciavam com estes povos os productos que extraíam do sólo, mantendo entre si a permuta, isto é, commercio constante. E sabe-se quanto estas relações commerciaes estreitavam entre si as nações.

II. Conhecedores do terreno que transitavam, os arabes, povos dados á criação em grande escala, atraídos pelas pingues pastagens, e pelas riquezas diariamente crescentes na parte inferior do paiz, invadiram por seu turno o Egypto. O seu poder foi tam forte que sabemos serem os fundadores dos reinados dos hyksos (25).

III. Levados pela mesma cobiça, povos nómades da Lybia, em quanto estava o Egypto retalhado em pequenos estados (26) que fracionados e imbelles não podiam offerecer resistencia á qualquer dominação estrangeira, o devastaram com frequentes correrias (27).

IV. Os madianitas, como os arabes, entrelinham relações commerciaes com os egypcios e povos visinhos, por quanto de outro modo se não daria a compra e a venda da pessoa de José, cuja tocante historia nos referem as Sanctas Escripuras.

15. Logo, os egypcios tendo relações com muitos povos deveu necessariamente tirar delles suas primeiras populações, que ali ficavam ou como amigos, ou como aliados, ou como invasores, ou como conquistadores. Este raciocinio foi o que dictou ao abalizado historiador por nós tantas vezes citado estas palavras:

«Julgamos que a nação egypcia foi também formada por fracções de diversos povos, que assim se encontram naturalmente divididos em castas de sacerdotes, de guerreiros, de agricultores, e de negociantes (28).

16. Logo, além dessas populações que lhe vieram aliunde, houve uma originaria, isto é, que deu começo ás futuras gerações desse paiz: mas essa (pelos argumentos que appresentamos tanto neste como no precedente estudo feito sobre a origem dos egypcios) é a ethiopica—logo, elles procedem dos ethiopes primitivamente.

R. L.

## MARANHÃO.

(24) Cez. Cant. obr. cit. ibd.

(25) Vict. Dur. Obr. cit. ibd.

(26) Cez. Cant. e Ausart et Rendu.

(27) Ibid.

(28) Ibid. E. 2. § 18.

## NOTÍCIAS.

## Anulação da Guerra do Paraguay.

PARTE DO GENERAL CAMARA.

mando em chefe de todas as brasileiras em operações na ca do Paraguay. Quartel-general na villa do Rosario, 13 de Março de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.—A estas horas conhecido de V. Exc. o bridadecho que teve a luta que tivemos, graças á sorpresa feita no acampamento de Lopez pelo adal general Camara no dia 1º do mte.

Não esta data faltam participações instantiadas acerca deste importantissimo acontecimento.

Então aqui por copia os únicos documentos officiaes que á esse respeito chegaram a minhas mãos, e são: o relatório dirigido pelo general Camara ao marechal Victorino logo depois da batalha, a relação dos prisioneiros que foram conduzidos por nossas forças para a Conceição, e um officio do coronel Bento Martins de Menezes, datado de uma operação accessoria a que foi derrotada uma pequena força commandada pelo general Camaleiro.

Por communicações verbaes e outras sem caracter official, sujeitas, portanto, a serem erroneas, e mais os seguintes pormenores, que aqui consignarei para satisfazer a curiosidade, que, como é natural, ha de dominar nestes momentos os animos de todos.

Lopez achava-se acampado na margem esquerda do rio Aquidaban, no lugar denominado Cerro-Corá, com o resto de sua força, reduzida a uns quinhentos homens; tendo sido obrigado por falta de meios de conducção a deixar atrás de si, na picada de Chiriguello, grande numero de suas carretas.

No dia 28 de Fevereiro chegou ao arroio Guassú a vanguarda do general Camara, e fez este immediatamente uma ala do 9º batalhão de infantaria ao mando do Major Floriano Vieira Peixoto, para que, com clivineiros, ao mando do tenente-coronel Francisco Antonio Martins, fossem tomar de sorpresa duas bocas de fogo que guardavam o passo Taquarás, que dista do Aquidaban uma legua; o que foi cumprida sem que esta artilharia pudesse nem sequer dar um tiro para avisar Lopez da presença dos nossos.

Do passo Taquarás seguiu a nossa diminuta força sem perda de tempo a reconhecer a picada do passo Aquidaban e ali collocou-se uma emboscada.

Lopez, vendo que já tardava a parte diaria de Taquarás, mandou um seu ajudante de ordens saber das novidades: foi este preso por nossa gente.

Desconfiado da demora do seu officio, mandou então um piquete de 10 homens, dos quaes só pôde escapar-se um, que foi prevenido.

Neste interim já o general Camara tinha chegado junto a picada, e, tendo collido as mais exactas informa-

ções desse ajudante, ordenou ao coronel Joca que, com a referida força da vanguarda, fosse sem perda de tempo tomar o passo do Aquidaban, guardado por quatro bocas de fogo, e desfragar a força do tyranno, que estava a poucas quadras de distancia.

O batalhão 9º da barranca á direita da picada cruzou os fogos com os clivineiros de Martins, sobre a artilharia inimiga, e logo que se mostraram fracos os seus defensores, se arrojou sobre ella.

Foi isso questão de poucos minutos; o inimigo não pôde dar mais de dois tiros por cada canhão.

O proprio general Camara arrojou-se tambem ao soar o toque de carga.

Os nossos passaram a vao o rio, que dava agua pelos peitos dos cavallos.

Tomado assim o passo, seguiu o coronel Joca com os lanceiros em perseguição do inimigo, sem que a infantaria o pudesse acompanhar.

Nesta occasião é que o ex-dictador, não querendo attender á ordem de render-se, foi morto por um cabo de corpo 19º de cavallaria conhecido pelo nome de Chico Diabo.

Caminos tambem foi morto ao querer seguir-o na fuga, e bem assim dous filhos do tyranno, e o velho Sanches, antes de ser reconhecido.

Rôa foi tambem derrotado por uma força de cavallaria que subiu ao seu encontro, quando elle tentava com mais 8 bocas de fogo, mas já tarde, reunir-se a Lopez, que por prevenção o tinha mandado chamar no mesmo dia da derrota.

Tudo conseguimos sem outro prejuizo que o de cinco homens feridos, dous dos quaes levemente, e sem que extrassem em acção outras forças que o batalhão 9º de infantaria e alguma cavallaria.

A nossa artilharia chegou ao Aquidaban já de noite, e está tudo concluido.

Em nosso poder cahiram prisioneiros todos os chefes que estavam a Lopez, a excepção do referido Rôa, de Camaleiro, que tinha sahido para os lados de Dourados com quarenta e tantos homens, quasi todos officiaes, com fim de arrebanhar gado; de Delval e Sousa, que estavam encarregados do transporte da algumas carretas, de Aveiro, que logrou evadir-se, e acampamento no meio da derrota.

Tomamos ao inimigo 14 bocas de fogo.

Em nosso poder acham-se a mãe e as irmãs de Lopez, que ainda mostram sinais das sevicias que lhes eram infligidas por ordem daquelle tyranno, e em ser todas executadas no mesmo dia em que a morte do seu feroz parente veio libertar.

Linch vel prisioneira com seus filhos, e seguiu tambem ás nossas forças para a Conceição, as familias de Camaleiro, minos, Gil, Gomes e outras.

Não foi possivel salvar o archivo e outros objectos de propriedade de Lopez, pois ás suas carretas lançaram-se milhares de soldados daquel-

les momentos de confusão irremediavel.

Exultando de prazer, felicito-me com V. Exc., com S. M. o Imperador e com a nação por tão completo resultado de nossos longos esforços.

O general José Antonio Corrêa da Camara, alem de sua dedicação sem limites ao serviço, revelou nestas ultimas operações dotes excepcionaes que o devem collocar muito alto na estima da nação.

A morte de Lopez e o aprisionamento dos seus ultimos sequeizes constituem um triumpho sem par que é devido unicamente á providencia auxiliada e actividade daquelle general, e ao zelo com que os necessarios meios de mobilidade lhe foram incessantemente subministrados pelos esforços do Exm. Sr. marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro.

Parte das forças do commando do general Camara já se acham de volta na Conceição, a cujo ponto devia chegar por estes dias o comboi dos prisioneiros para dali seguirem para Assumpção.

O general Camara ficava ainda no passo Barreto, providenciando sobre meios de mobilidade para o regresso da força que sa achava observando as margens do Apá.

Em consequencia do triumpho definitivo de Cerro-Corá, dei ordem para se retirarem para o littoral do rio Paraguay as forças que guardavam não só Curuguaty e pontos intermedios, como tambem S. Pedro.

Mas os moradores deste ultimo ponto, scientes desta deliberação, me dirigiram uma supplica, expondo que se ficassem sem uma guarnição brasileira se veriam saqueados e assassinados pelos bandidos, que por ali vagam em numero de 50 ao mando de um tal Aquino, visto que o governo provisório ainda não tem os meios de garantir o bem-estar e a vida dos seus concidadãos. Attendendo a este pedido, resolvi deixar dor ora ali um meio batalhão.

Deus guarde a V. Exc.—Ilm. e Exm. Sr. conselheiro de estado barão de Muritiba, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—Gastão de Orleans, commandante em chefe.

Acampamento á esquerda do Aquidaban, 1 de Março de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.—Escrevo a V. Exc. do acampamento de Lopez no meio da serra. O tyranno foi derrotado; e não querendo entregar-se, foi morto á minha vista. Intimei-lhe ordem de render-se, quando já estava completamente derrotado e gravemente ferido; e não o querendo foi morto. Dou os parabens a V. Exc. pela terminação da guerra, pelo inteiro desforço que tomou o Brasil do tyranno do Paraguay. O general Resquin e outros chefes estão presos.

Deus guarde a V. Exc.—Ilm. e Exm. Sr. marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro, commandante das forças ao norte do Mandavirá.—O brigadeiro, José Antonio Corrêa da Camara.

Commando em chefe de todas as

forças brasileiras na republica do Paraguay. Quartel-general na villa do Rosario, 15 de Março de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.—Rogo a V. Exc. se sirva apresentar a Sua Magestade o Imperador a espada de que usava o tyranno Francisco Solano Lopez na occasião em que foi morto.

Esta espada será entregue a V. Exc. pelo major de commissão, capitão do estado-maior de 1ª classe, José Simão de Oliveira o qual na qualidade de membro da commissão de engenheiros, acompanhou constantemente o general Camara nas ultimas operações.

Deus guarde a V. Exc.—Ilm. e Exm. Sr. conselheiro de estado barão de Muritiba, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—Gastão de Orleans, commandante em chefe.

Commando em chefe de todas as forças brasileiras na republica do Paraguay. Quartel-general na villa do Rosario, 15 de Março de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.—Hontem á noite foi-me presente a inclusa parte do general José Antonio Corrêa da Camara sobre as operações que deram em resultado a morte do tyranno Francisco Solano Lopez e destruição dos ultimos restos de suas forças.

A essa parte acompanhavam outras dadas pelos officiaes que operavam debaixo das ordens do dito general.

Deus guarde a V. Exc.—Ilm. e Exm. Sr. conselheiro de estado barão de Muritiba, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—Gastão de Orleans, commandante em chefe.

Commando das forças expedicionarias. Quartel-general na villa da Conceição, 13 de Março de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.—Já tive a honra de participar a V. Exc. que em data de 9 do proximo preterito mez marciei desta villa, e em officio de 6 do mesmo mez foi-me licito expôr a V. Exc. o plano que tinha concebido para despedir um golpe certo sobre as forças do ex-dictador.

Não me achava ainda talvez em estado de emprender longas marchas, e a columna que confiava ao coronel Antonio da Silva Paranhos dependia para mover-se da remessa de 500 rezes que eu havia requisitado a V. Exc. As instruções, porém, e ordens de Sua Alteza o Sr. Principe marechal commandante em chefe, deixando a ulterior alvitre meu a direcção e mando nas operações do norte; forcaram-me, por tão honrosa confiança, a não perder tempo nem deferir a hora de pôr termo a este longo e doloroso estado de guerra.

No meu citado officio de 6 fiz conhecer a V. Exc. meu intento de prevenir as forças inimigas, marchando immediatamente para Bella-Vista; donde, reunido ao coronel Bento Martins de Menezes, que já alli estacionava com dous batalhões de infantaria e dous corpos de cavallaria, seguiria para Dourados, ponto que, pelos recursos que offerece, me parecia ser o que demandava o ex-dictador.

A columna a meu mando assim reforçada se comporia de seis bocas de fogo, cinco batalhões de infantaria, quatro corpos de cavallaria dous dos quaes eu destinava para diligencias de arrebanhar gado e garantir-me a linha de communicações com a Bella-Vista e passo Barreto.

O coronel Antonio da Silva Paranhos, partindo no dia 15 do mesmo mez deste lugar, marcharia directamente sobre a linha de retirada do inimigo, cuja retaguarda procuraria alcançar e hostilizar, sem contudo emprender ataque nem aceitar-o, arriscando-se a comprometter parte ou toda a sua força.

Se a picada de Chiriguello estivesse franca, por ella se internaria, de mandando o Capibary, e finalmente Dourados, pondo de reunião das duas columnas, e objectivo e mmum.

De qualquer noticia ou declaração que tivesse alcance em relação á direcção de minha marcha ou occupação de ponto strategico, me informaria por proprio de segurança, afim de tomar as providencias quo o caso exigisse.

## ANNUNCIO.

### COLLEGIO

DA

#### Immaculada Conceição.

Internato para alumnos de menor idade.

(Quinta—Olinda—Caminho grande.)

#### FUNDAÇÃO.

Annunciando a abertura do «Collegio da Immaculada Conceição», sob nossa direcção, para o dia 7 de Janeiro do corrente anno, endereçamos nossa petição á Presidencia da Provincia á 31 de Dezembro de 1869, sendo definitivamente despachada á 24 de Março proximo findo. D'aquella epocha começaram a ter ingresso n'este estabelecimento alumnos, em virtude dos nossos annuncios e funciona hoje o collegio com a precisa regularidade.

#### FINS DO COLLEGIO.

1.º Dar á infancia a educação litteraria sufficiente á adaptal-a a seguir os cursos superiores de instrução.

2.º Desenvolver-a segundo os preceitos modernos de pedagogia, modelando-a pelos methodos mais avançados e seguidos.

3.º Disseminar a instrução por preços reduzidos, proporcionando assim aos Srs. Pais de Familias, ainda de escassa fortuna, meios de educarem seus filhos com mais commodidade.

4.º Promptificar os alumnos em breve espaço de tempo, de modo que, ultimando seus estudos preparatorios ainda com pouca idade, possam tambem concluir sua instrução superior em poucos annos.

5.º Limitar á uma só a classe dos alumnos—internos, afim de, que sobre elles se exerçam os cuidados e disvellos da direcção.

Para consecução desses fins adoptamos as seguintes

#### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO.

1.ª Que o alumno tenha no maximo 14 annos incompletos. (Não deve ser menor de 7 nem maior de 14 annos). Si, porém, o excedente desta idade for diminuto devem os interessados entender-se com a direcção para conveniencarem sobre a admissão.

2.ª Que não soffra molestias contagiosas.

3.ª Que seus Pais, tutores, protectores, ou correspondentes se obriguem:

1.º Pela mensalidade de 25\$000, paga adiantada, no começo de cada mez; 2.º fornecer-lhes os objectos constantes da tabella annexa; 3.º obrigar-se pelo seu curativo no caso de prolongamento de enfermidade por mais de 4 dias, indemnisando ao collegio a despesa, que fizer-se, além deste prazo, com medico, botica, curativos, e dieta, na hypothese do pai, tutor, protector, ou correspondente concordar em continuar a ser o alumno tratado no collegio, ou em casa da familia de um dos directores, se assim for conveniente ao seu restabelecimento á conselho do medico.

4.ª O collegio, mediante essas condições, dá ao alumno:

1.º Instrução primaria, secundaria, e religiosa, segundo o plano dos estudos.

2.º Alimentos sãos, solidos, e abundantes em trez refeições diarias.

3.º Medico, botica, curativos e dietas por quatro dias.

4.º Roupa lavada e engomada, constante do enxoval exigido.

5.º Corte de cabellos, banhos doces ou salgados conforme exigir o acio ou salubridade.

6.º Mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa, e utensilios da meza.

Para a admissão dos alumnos exigimos que tragam para seu uso os objectos constantes da seguinte

#### TABELLA.

ROUPA BRANCA. 4 camisas, 4 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 1 cobertor de lã, 2 sacos para roupa suja.

ROUPA DE CÔR. 8 camisas, 6 palitots, e 6 calças de brim pardo, 4 coberturas de chita escura.

ROUPA PRETA. 1 Fato preto completo, e 2 gravatas.

CALÇADOS. 1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.

PARA ACEIO E USO. 1 cama de ferro, 2 travesseiros (um maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente de alisar, 1 dito fino, e 1 thesoura.

Neste collegio cursam-se as materias contidas no seguinte

#### PLANO DE ESTUDOS.

##### Instrução primaria.

1.º grão: Lôr, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.

2.º grão: Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical; elementos de geographia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia; desenho linear; arithmetica; doutrina christã.

##### Instrução secundaria.

Grammatica geral.

Latim inferior.

« superior.

Francez.

Inglez.

Geographia.

Historia Universal.

« do Brazil.

Mathematicas elementares.

Philosophia.

Rhetorica.

##### Instrução religiosa.

Para os alumnos de instrução primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrução secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gaume.

#### BELLAS ARTES.

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc) mediante ajustes particulares com os srs. encarregados dos alumnos.

#### PROFESSORES.

As disciplinas do curso primario e

secundario, e a instrução religiosa são leccionadas pelos directores.

Quando, porém, as necessidades do ensino exigirem, e existam alumnos que desejem frequentar aulas de sciencias ou linguas não comprehendidas no plano dos estudos a direcção chamará Professores idoneos, reconhecidamente habilitados para leccionar.

Para auxiliar os directores no ensino das disciplinas, que se propozerem leccionar, serão chamados os professores do magisterio publico e particular desta capital, mais conhecidos por seus talentos, proficiencia, e virtudes, geralmente conceituados e reputados como taes.

#### REGULAMENTO.

Acha-se em vigor o Regulamento apresentado e approvedo pela Presidencia da Provincia em data de 21 do mez de março preterito.

#### EDIFICIO.

O edificio é vasto, composto de amplas varandas e quartos espaçosos, claros, arejados, e saudaveis.

Além destes commodos, está sotoposto ao caixão do edificio, um vasto mirante decentemente preparado, com um pequeno aposento ao lado. A este mirante destinamos para a capella.

Ha ainda trez pequenos edificios separados da casa principal onde funciona o collegio, aos quaes empregamos em diferentes usos domesticos.

#### LOCAL DO COLLEGIO.

Este collegio por seu bem escolhido local offerece todas as garantias de hygiene e salubridade para os alumnos.

A circumstancia de achar-se plantado o edificio em terreno arenoso, enclive, e elevado; acoutado por frequentes brisas, purificadas e refrescadas pelos arvoredos por que passam, o recommenda como, por sua natureza, mui sadio e confortavel.

Sendo, além disso, todo o vasto terreno em parte arborizado, e no restante cultivado e esmeradamente limpo, sem pantanos, sem alagadiços, sem açudes, apesar de mui fertil em agua potavel e corrente, não há presumpção fundada de ser doentio e insalubre, porem mui saudavel e salubre, como attestam a experiencia e os factos.

Em mão dos directores existem documentos que comprovam ser a quinta onde funciona o collegio exempta de qualquer molesta epidemica, como se vê.

Prova-o exultante o estado sanitario dos nossos alumnos que tem sido o mais lisongeiro possivel, como é notorio, e poder-se ha verificar em a presença diaria dos mesmos, nos exercicios eschoiares, e seus notaveis progressos, como o attestam as informações mensaes por nós dirigidas aos Srs. Pais e correspondentes dos mesmos.

Somente depois de longa experiencia e á vista de documentos valiosos, como os que possuímos e estando os solidamente consciões de que o local do nosso collegio é o melhor possivel asseveramos ao publico á que nos dirigimos, pois, que, mercê de Deus, desde o dia 28 de Dezembro do anno terior que nella habitamos se não haado um só caso de molestia por mór ou mais ligeira que fosse.

Dispõe, emfim, o collo de vasta e excellente quinta, agua quente, tanque para banhos, arvoredos frutiferos, jardim, bosques, e lugares de recreação. E' todo murado de pedra el.

Distante menos de 100 de legua da cidade, o collegio fornece assim mais momentos de udo ao espirito arredado do tumulto lauo.

#### VISIT.

Pode ser visitado estabelecimento a qualquer hora d'ia a von concurrentes.

#### INFORMAÇÃO MENSAES.

No dia ultimo de cada mez será enviado ao pai, ao protector, ou correspondente do mór um minucioso

mappa pelo qual é informada todas as occurrencias havidas, dui o mór que findou-se, em relação alumnoseu interessado sobre sua conta moral, civil, e religiosa; sua alicação, progresso, e distincção nas as que frequentou, com discriminações materias de cada curso de instção; o numero e qualidade dos prem semanaes e mensaes que conseguiu lugar de graduação que occupou nelasse; seu estado sanitario, addiciondo-se os mais esclarecimentos forenmister communicar acerca do alumno.

#### ENFERMIDADE DOS ALUMNOS.

Quando prolongar-se a enfermidade de qualquer alumno por mais e trez dias, irá pessoalmente um dos directores entender-se com a pessoa de encarregada afim de combinar-se sobre o tratamento do alumno, o qual tratamento pode ser feito durante todo o curso da enfermidade ou no collegio, ou na casa da familia d'um dos directores, ou no lugar onde conveniente for á saude do enfermo, segundo acordarem mutuamente a a direcção e a pessoa interessada, ouvido sempre o parecer do medico.

Em qualquer dos casos, os Srs. Pais de Familias podem tranquilisar-se, porque encontram nos directores os melhores desejos e bons officios para terem seus filhos um restabelecimento breve sem causar-lhes encommodos e á seus correspondentes.

#### CONSIDERAÇÃO.

Os cuidados empregados pelos directores em relação áos vestuários, calçados, livros, utensilios, e o mais que pertence áos alumnos, e as reclamações e providencias que farão chegar ao conhecimento das pessoas interessadas pelos mesmos, lhes dispensarão o incommodo de irem com frequencia ao collegio, ficando entretanto os directores penhorados pelas visitas que se dignarem fazer-lhes, ás quaes receberão com agrado, dando prompto ingresso no estabelecimento á quem desejar fallar alumnos á hora que lhe for mais á moda.

Outrosim, a sollicitude da direcção em dar aos alumnos alimentação sadfarta ás horas mais adaptadas e convenientes para a sustentação das forceconomia das funções digestivas da fancia dispensa ás Familias o cuidado enviarem todos os dias á seus filhos pequenos regalos, não sendo porem dado a recepção d'aquelles com quem amor e zelo materno os quizerem obquiar.

Para ajustar com os directores pode dirigir-se as pessoas interessadas ao Sr. José Marques Pinheiro, no largo do Carmo, que acha-se encarregado de dar os esclarecimentos precisos.

Toda a correspondencia enviada aos directores e alumnos, e quaesquer encomendas, podem ser entregues ao mesmo Sr. Pinheiro, que as fará chegar com presteza ao collegio; porque, além de duas viagens diarias feitas á cidade para supprimento das necessidades e negocios do collegio, se farão viagens extraordinarias em casos urgentes.

Sob a direcção dos ecclesiasticos affectos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos seus encargos, e fundaram este collegio proprio, com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empresa, collocado sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera toda a coadjuvação dos Srs. Pais de Familias.

Maranhão, 2 de Abril de 1870.

Os Directores,

Padre—THEODORO A. P. DE CASTRO.

« —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.

« —R. P. DOS SANTOS LEOS.

Typ.—Conservadora—impresso por Emiliano Conrado de Souza.

aymundo da Purificação dos Santos e Raymundo Alves da Fonseca, todos afeitos a educação da mocidade, acabam de fundar um collegio sob a invocação da IMMACULADA CONCEIÇÃO, collocado em sítio excelente, para o fim de receberem e educarem meninos de menor idade.

O Sr. Padre Theodoro Castro já dirigiu o collegio de ensino do Dr. Pedro Leal, onde deu as mais sólidas provas de vocação e aptidão profissional para a educação das crianças; o Sr. padre Santos Lemos tem conhecimentos praticos dos melhores métodos de ensino, e de educação dos mais acreditados collegios; o Sr. padre Raymundo Fonseca, illustrado e intelligente como notoriamente é conhecido, tem dado as mais evidentes provas de extrema dedicação pelo ensino da mocidade; no pequeno seminário das Mercês, onde com os seus dignos companheiros tiveram sempre os mais importantes testemunhos de respeito e estima de todos quantos, n'esse tempo de egoismo, apreciação a dedicação desinteressada com que elles cuidavam da educação dos alumnos confiados aos seus cuidados.

A mocidade da paga demonstra bem que os directores do novo collegio procurarão facilitar a todos, os meios de educarem seus filhos.

Em guisa transcrevemos o programma do collegio da IMMACULADA CONCEIÇÃO com a leitura do qual ficarão todos convencidos das vantagens que pode resultar da educação dada ali infancia.

## MARANHÃO.

(Do Paiz, n. 15., em 1869.)

NOVO COLLEGIO. — Vão abrir um collegio com o titulo COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO na quinta Olinda (do laço) os Srs. conego Raimundo P. Santos Lemos, beneficiado Theodoro Antonio Pereira de Castro e padre Raimundo Alves da Fonseca, avisos hoje publicamos. São todos illustrados e têm pratica de ensino e de direcção de estabelecimentos de educação: é de esperar, portanto, que o novo collegio a bem vindo pelos pais de familia.

Do Vinte Oito de Julho, n. 1.)

É cheio verdadeiro jubilo que, no Vinte Oito de Julho, registra um grande acontecimento, que muito vai enriquecer essa mocidade estudiosa.

Alis um plo consagrado ás lettras sob a invocação da—Immaculada Conceição—, vai abrir suas portas, no 7 do corrente, convidando a moço para assentar-se n'esse magnifico, o das lettras onde salgar para todos.

Em pittoresco sítio, denominado Olinda, a meio de um quarto de legua distante da cidade, nemora esbelto e solitario, como que de propósito ali collocado—para convidar ao estudo e meditação.

Isse tempo rms. srs. padres—Pereira de Castro, e Castro, são sacerdotes.

Prunciados nomes, nada mais resta assentar, senão:

—Intraí, eças do futuro, serciseis vind

(De Actualia, 28.)

UM BOA NOVA abrir um collegio com a denominação «COLLE-

GIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO» na quinta «Olinda» os srs. conego Raimundo da Purificação dos Santos Lemos, beneficiado Theodoro Antonio Pereira de Castro e padre Raimundo Alves da Fonseca, como veremos os leitores do «anuncio» que publicamos em outro lugar desta folha.

São todos muito illustrados com pratica bastante de ensino e direcção de estabelecimentos de educação; no mes taes são verdadeiras garantias para a prosperidade do Collegio da Immaculada Conceição, situado em local muito proprio por ser ameno e sadio.

Felicitemos aos pais de familia pelo apparecimento de tão importante empreza.

(Do Liberal n. 40.)

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO. — Com este titulo se acaba de fundar n'esta cidade um internato na quinta—Olinda— no Caminho Grande.

É mais um estabelecimento creado para a educação da mocidade, e que, confiado como está á uma digna direcção, muito promete em beneficio della.

No numero vindouro publicaremos o competente programma.

(Do Publicador Maranhense n. 293, de 1869.)

No dia 7 de Janeiro, foi aberto na quinta Olinda um collegio com a denominação de COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO e sob a direcção dos Rvms. Srs. Theodoro Antonio Pereira de Castro, Raimundo Alves da Fonseca e Raimundo da Purificação dos Santos Lemos.

(Do Jornal de Caxias, n. 7.)

Em outro lugar transcrevemos parte do prospecto deste importante estabelecimento de educação. A intelligencia, saber e virtudes em elevado grau dos tres directores, Reverendos padres Raimundo da Purificação dos Santos Lemos, Theodoro Antonio Pereira de Castro, e Raimundo Alves da Fonseca, offerecem aos pais de familia garantia segura de uma educação primorada a mocidade que lhes for confiada.

O collegio ou internato acha-se isolado do tumulto urbano, por isso que dista da cidade cerca de quarto de legua; está collocado em uma vasta quinta, lugar salubre, pittoresco e ameno, á borda da estrada que communica a cidade com o interior. Só a posição é a da maior conveniencia para os collegiaes.

Por tanto chamamos a attenção dos nossos leitores para o prospecto de tão importante estabelecimento.

(Do Paiz n. 49.)

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO.

Chamamos a attenção dos nossos leitores e dos pais de familia para o relatório dos directores do Collegio da Immaculada Conceição, que n'outra secção publicamos. Nesse trabalho, além de outros esclarecimentos que recommendam o estabelecimento como uma boa casa de educação, lê-se uma carta do ultimo proprietario da quinta sobre a salubridade do lugar, que não pode ser mais favoravel, e servirá para desfructuar o beato que assolarão de es-

tar o collegio collocado em sítio por demais sezenatico.

(Do Vinte Oito de Julho, n. 10.)

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO. — Nada ha que possa marcar o brilho da verdade!

Não são emulações, mal entendidas que poderão jamais afeiar o melhorimento real, principalmente quando elle se assenta no invejavel pedestal de uma reputação bem estabelecida.

E' nos prova desta asserção, o COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO que, mau grado aos agoureiros prognosticos, vai produzindo os mais sazonados e saborosos fructos!

Contando para maior de 31 alumnos, o collegio, sob a immediata direcção de ecclesiasticos seculares, (alguns dos quaes tiveram a gloria de elevar o pequeno seminario de Nossa Senhora das Mercês á ordem de um dos mais acreditados estabelecimentos de instrução da mocidade), enminha cheio de fé, ao grandioso fim que faz o seu sublime objecto no gremio social.

Alli a instrução é uma realidade; á par das luzes que illustram a intelligencia, bebe-se a unção espiritual que purifica e aperfeiçoa a alma.

Os pais de familia devem visitar o collegio da IMMACULADA CONCEIÇÃO, onde, longe do bulício da cidade e da efervescencia das paixões, o menino tem, no estudo e nos seus principios da religião, um sacerdocio; e tanto quanto o proprio Voltairin, que—se um Deus é tam necessario inventar o inferno—, seria necessario inventar o paraíso.

O Vinte Oito de Julho, sempre que se occupa de um objecto de tanta transcendencia, como é a instrução da mocidade, não só falla com a mais espontanea convicção, como cumpre um sagrado dever, porque entende que—sem instrução religiosa, não pode existir sociedade perfeita.

(Do Jornal de Caxias n. 8.)

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO. — Resolvemos publicar por inteiro o prospecto de tão importante estabelecimento para assim ser melhormente apreciado pelo publico.

(Do Vinte Oito de Julho, n. 3.)

Já que me levaste a escrever alguma coisa sobre o nosso passeio a Olinda, força é que te falla do collegio que sob a invocação da IMMACULADA CONCEIÇÃO, foi ali installado, no dia 7 de Janeiro p. p.

No programma publicado pelos directores do collegio, tres ecclesiasticos seculares, se vê—que o fim a que se propõe essa instituição, é tratar da educação litteraria e instrução de alumnos de menor idade, de modo a promptifical-os á seguir os cursos de instrução superior.

Para isso promettem guiar-se pelos preceitos mais modernos e methodos mais aperfeiçoados.

Assim, por preço o mais modico possível, todo o pai de familia (mesmo o de mais escassa fortuna) pode dar á seus filhos—o meio de educarem-se, ultimando seus estudos em poucos annos, tendo-o apto para concluir, também em pouco tempo, sua instrução superior.

Não fallo das condições para a admissão, para não alongar-me; direi logo, porém, que alli o alumno terá: «instrução primaria, secundaria e religiosa, segundo o plano dos estudos adoptado; alimentos são, solidos e abundantes, em tres refeições diarias; medico, botica e curativos por quatro dias; roupa lavada e engomada (a constante do enxoval

exigido); corte de cabello, banhos doces e salgados, conforme exigir o ceio ou a salubridade; e mobilia para o estudo, aulas, guarda de livros e roupa; utensilios de meza.»

O plano de estudos divide-se: em instrução primaria, secundaria e religiosa: o estudo das bellas artes, isto é, desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica etc., trata-se em ajuste particular.

O local do collegio é o mais agradável possível.

A casa toda construida de pedra e cal, é grande, vasta e bem ventilada, offerecendo todas as garantias para a boa hygiene e para salubridade, segundo já declarou algures uma comissão medica alli enviada pelo governo da provincia: tem alojamentos espaçosos para dormida e grande varanda para estudos, aulas e refeitório.

As materias de instrução primaria e secundaria, são leccionadas pelos directores; mas, se as necessidades do ensino o exigirem, serão chamados outros professores.

N'estas condições e apresentando tãmareas vantagens para a educação da mocidade, pois fora do bulício da cidade, a quietude e o silencio, são incentivos poderosos para o estudo, o COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, dispondo de vasta e excellente quinta e de tudo quanto já fallei para recreio dos seus alumnos, offerece todas as garantias desejaveis em taes instituições.

Tem a casa um andar superior ou mirante, que foi reservado para Capella.

D'esse mirante descortina-se aolongo, vista magnifica.

Tem mais um jardim, em frente da sala de recepção, onde vicejam as mais bellas e mimosas flores, que embalsamam com seu suave perfume, aquelle ameno retiro.

Do Paiz, n. 120 no artigo: A Instrução Publica na provincia, o clero maranhense e seus adversarios.)

No entanto não nos repugnar á subvenção, desde que for dada a verdadei-ge, estabelecimentos de educação no ricalação. Aya, e não á casas de especulação. A questão não está ao articulista que pontaremos, o collegio da—Immaculada Conceição, estabelecido no Caminho Grande e dirigido por tres sacerdotes.

Não tem esse estabelecimento subvenção alguma: os seus directores, que são os proprietarios, fizeram sacrificios enormes para obterem o predio e montal-o convenientemente, mas, animados pela sublimidade da missão, caminham corajosos, não pedem subvenção, não atroam o ceo e terra, não insultam, não injuriam a ninguém.

(Do Publicador Maranhense, n. 13, de 1871.)

De novo começaram hoje á funcionar as aulas desta excellente casa de educação, cujos trabalhos haviam sido interrompidos pela sua transferencia para a capital.

Conta elle já quarenta alumnos internatos, e se continuar á ser procurado como vae sendo tornará em breve uma posição bem prospera e lisonjeira.

Bem o merecem os esclarecidos e pacientes esforços dos tres dignos sacerdotes.

A sua pratica no ensino e direcção do estabelecimentos desta natureza, a moralidade, e a illustração que os distinguem, e, unida á tudo isto, a tenacidade, a firmeza de vontade, com que se dedicam a santa e bella missão do ensino, garantem o futuro desse estabelecimento.

É uma questão de tempo. Trabalhem sem desanimo os dignos directores, creiam em si e na justiça da opinião publica e o futuro virá em breve coroar seus esforços.

Aos Srs. assignantes.

Por motivos superiores á nossa vontade tem deixado de sair este jornal, que com o seguinte numero completará o primeiro anno da assignatura.

# ANNUNCIO COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

(RUA DE S. PANTALEÃO, N.º 41.)

Fundado a 7 de Janeiro de 1870, este collegio até o presente tem grangeado as sympathias do publico, merecendo da imprensa a mais lisonjeira apreciação; e das pessoas competentes em materia de instrução e educação da mocidade todo o acolhimento.

Em fins de novembro attingio o numero de 47 alumnos internos, o que é para uma criação nova, que teve de vencer obstaculos naturaes e tantos outros que appareceram, bastante animador, tendo seus directores consciencia de haver correspondido ao mandato que assumiram.

Para melhor desempenharem sua missão, resolveram transferir a sede do seu estabelecimento para o centro da capital, onde á vista das familias, dos correspondentes, protectores dos alumnos, e do publico em geral, continuarão a educar a mocidade, e dar maior desenvolvimento ao ensino.

E occorre mais, que estando fóra da cidade, se acham impossibilitados de cumprir com os deveres da Religião, tanto da desobriga parcial, como da communhão collegial, e até de ouvir e celebrar o Santo Sacrificio da Missa, apesar dos esforços que empregarem, para ter um oratorio no estabelecimento.

E para que de harmonia com o programma do collegio generalisem a instrução, fazendo-a chegar á todos, descentralizando-a, de 15 de Janeiro do corrente anno por diante admittiram tres classes de alumnos—internos, externos, e simi-internos, na forma das seguintes.

## CONDICÇÕES DE ADMISSÃO:

### I

Aos alumnos *internos* o estabelecimento dá:

- 1.º Instrução primaria, secundaria, e religiosa;
- 2.º Alimentos sãos, solidos, e abundantes em tres refeições diarias;
- 3.º Medico, botica, curativos, e dietas por quatro dias;
- 4.º Banhos doces;
- 5.º Utencilios da meza;
- 6.º Roupa lavada e engomada;
- 7.º Corte de cabellos á escovinha;

Pelo que o estabelecimento percebe;

Dos alumnos menores de 14 annos a mensalidade de 30\$000;

Dos alumnos maiores de 14 annos a mensalidade de 40\$000;

Si os alumnos forem dous ou mais irmãos—será cobrada pelo

pelo valor do de idade menor. maior idade far-se-ha o abatimento de 6 por

Si, porem, forem tres irmãos—o abatimento será de 8 por cento.

cento: sendo tres

### II

Aos *simi-internos* o estabelecimento dá:

- 1.º Instrução primaria e secundaria;
- 2.º Almoço e jantar;
- 3.º Utencilios da meza;
- 4.º Faculdade de cursar tantas aulas (dos dous cursos) quantas razoavelmente poderem frequentar sem outro onus que o da mensalidade.

Pelo que o estabelecimento percebe a mensalidade de 18\$000.

### III

Aos *externos* o estabelecimento dá:

- 1.º Instrução primaria;
- 2.º " secundaria.

Pelo que o estabelecimento percebe mensalidades nos seguintes valores:

Instrução primaria.....	3\$000
" " e uma aula secundaria.....	7\$000
Uma aula secundaria.....	5\$000
Duas " ".....	9\$000
Tres " ".....	12\$000

## OBSERVAÇÕES DIVERSAS:

I. Todas as mensalidades são pagas adiantadas, e cobradas nas casas dos pais, tutores, protectores, ou correspondentes dos alumnos.

II. Somente serão admittidos *externos* alumnos cujos protectores se obri-guem o mandal-os decentemente vestidos.

III. Os alumnos *simi-internos* devem comparecer todos os dias uteis das 6 horas da manhã ás 6 da tarde.

IV. Os alumnos *externos* somente os horas das lições.

## TABELLA

dos objectos que cada alumno interno deve trazer:

ROUPA BRANCA.—4 camisas, 4 toalhas, 6 ceroulas, 4 guardanapos, 4 fronhas, 12 pares de meias, 12 lenços, 1 cobertor de lã, 2 saccos para roupa suja.

ROUPA DE CÔR.—8 camisas, 6 palitots, 6 calças de brim pardo, 4 cobertas de chita escura.

ROUPA PRETA.—1 Fato completo e 2 gravatas.

CALÇADOS.—1 Par de botinas, 2 pares de sapatos de couro para uso de casa.

PARA ACEIO E USO.—1 cama de ferro, 2 travesseiros, (1 maior e outro menor) 1 bacia de louça branca para banhar o rosto, 1 escova de dentes, 1 espelho, 1 pente de alisar, 1 dito fino, 1 thesoura, 1 hanquinha de cedro, e 1 caleira.

Toda a roupa do alumno deve vir marcada. Isto é indispensavel.

Neste collegio cursam-se as materias contidas no seguinte.

## PLANO DE ESTUDOS.

Instrução primaria.

1.º grão:—Ler, escrever, e contar: doutrina christã, e civilidade.

2.º " Grammatica e lingua portugueza; analyse grammatical; elementos

de geographia historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia; de senho linear; arithmetica; doutrina christã.

Instrução secundaria.

Grammatica geral.  
Latin inferior  
" superior.  
Francez.  
Inglez.  
Geographia.

Historia Universal.  
" do Brazil.  
Mathematicas elementares.  
Philosophia.  
Rhetorica.

Instrução religiosa.

Para os alumnos de instrução primaria as materias contidas no Catechismo da Diocese.

Para os alumnos de instrução secundaria as materias contidas no Catechismo de Perseverança do abbade Gaume.

Bellas artes.

O estudo das bellas artes (desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc.) mediante ajustes particulares com os Srs. encarregados dos alumnos.

Professores.

As disciplinas do curso primario e secundario, e a instrução religiosa são leccionadas pelos directores, sendo auxiliados no ensino por professores do nasterio publico e particular desta capital conhecidos por seus talentos e proficiencia, para o que acham-se desde já contractados para

Mathematicas elementares—Dr. Manoel Jansen Pereira.

Inglez—Henrique Eduardo Costa.

Latinidade—Pedro de Souza Guimarães.

Quando, porém, as necessidades do ensino exigirem, e existam alumnos que desejem frequentar aulas de sciencias ou linguas não comprehendidas no plano dos estudos a direcção chamará professores idoneos, reconhecidamente habilitados para leccionar.

## REGULAMENNO.

Acha-se em vigor o regulamento appresentado e aprovado pela-presidencia da provincia em data de 21 de março preterito.

## LOCAL DO COLLEGIO.

A sede do collegio é em um dos mais pacificos bairros desta capital, á rua de São Pantaleão, predio nobre n.º 41, onde já funcionaram dous collegios, na freguezia de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, proximo á igreja matriz.

## EDIFICIO.

É muito fresco e confortavel: dispõe de vastas accommodações para estabelecimentos deste genero, está preparado com aceio e elegancia, e acha-se convenientemente dividido em salões especiaes para dormitorios, estudos, aca, rouparia, refeitório, etc. É todo illuminado á gaz.

## VISITAS.

Pode ser visitado o estabelecimento á qualquer hora do dia vontade dos concurrentes.

## INFORMAÇÕES MENSAES.

No ultimo dia de cada mez será enviado ao pai, tutor, protector, ou correspondente do alumno um minucioso mappa pelo qual é informado de todas as occurrencias havidas, durante o mez que findou-se, em relação ao alumno seu interessado sobre sua conducta moral, civil, religiosa; sua applicação, progresso e distincção nas aulas que frequentou, com descriminação das materias de cada curso de intrução; o numero e quantidade dos premios semanaes e mensaes que conseguiu, o lugar da graduação que occupou na classe; seu estado sanitario, addicionando-se os mais esclarecimentos que forem mister commu-nicar ácerca do alumno.

## ENFERMIDADES DOS ALUMNOS.

Quando prolongar-se a enfermidade de qualquer alumno por mais de tres dias, irá pessoalmente um dos directores entender-se com a pessoa delle encarregada afim de combinar-se sobre o tratamento do alumno, o qual tratamento pode ser feito durante todo o curso da enfermidade ou no collegio, ou na casa da familia d'um dos directores, ou no lugar onde conveniente for a saudo do enfermo, segundo accordarem a direcção e a pessoa interessada, ouvido sempre o parecer do medico.

Em qualquer dos casos, os Pais de Familias podem tranquillisar-se, porque encontram nos directores os melhores desejos e bons officios para terem seus filhos um restabelecimento breve sem causar-lhes encommodos e a seus correspondentes.

## CONSIDERAÇÕES GERAES.

Os directores empregarão todo o cuidado para que não sofram os alumnos faltas em relação á vestuários, calçados, livros, e mais utencilios, fazendo chegar aos interessados notas do que lhes for mister, e rogam que nada lhe seja fornecido sem a sua rubrica.

Para esclarecimentos e informações podem dirigir-se os interessados aos directores que acham-se de continuo no estabelecimento.

Abrem-se as aulas á 7 de Janeiro de cada anno e fecham-se á 7 de Dezembro.

Os exames dos alumnos terão lugar, tanto definitivos como de classes, nos mezes de Junho e Dezembro, precedendo annuncio pela imprensa periodica.

Sob a direcção de ecclesiasticos affeitos á educação da mocidade, que desobrigaram-se dos seus encargos, e fundaram este collegio proprio com o fim de dedicarem-se exclusivamente ao ensino, esta nova empresa collocada sob a protecção da IMMACULADA CONCEIÇÃO, espera toda a coadjuvação dos Srs. Pais de Familias.

Maranhão, 30 de Janeiro de 1871.

Os Directores.

Padre—THEODORO ANTONIO PEREIRA DE CASTRO.

" —RAYMUNDO ALVES DA FONSECA.

" —RAYMUNDO DA P. DOS SANTOS LEMOS.

